EDGARD COUTINHO

EGO

Rua Capitão Gomes, 168
Brazópolis – MG – 37530-000

Publicação Independente
Edição Digital

2026

APRESENTAÇÃO

Desde meados da década de 1970 que me interesso por textos sobre Quadrinhos. Conheci os livros publicados sobre o assunto, escritos por Moacy Cirne e Álvaro de Moya, e as resenhas e artigos que começaram a sair em revistas como **Eureka** e **Crás!**. Além dos primeiros fanzines, estes, sim, a maior fonte de textos sobre Quadrinhos. As colunas sobre Quadrinhos nos jornais já existiam, mas só começaram a aparecer com regularidade em meados da década de 1980.

A primeira publicação que editei, o nº 1 de **PSIU**, em junho de 1982, já trazia uma boa coleção de textos de minha autoria. E a partir daí nunca deixei de escrever artigos, tanto para minhas edições, como para outros fanzines e edições independentes, e até mesmo para algumas revistas profissionais. Em agosto de 1996, reuni todos os meus textos publicados até então em um livro que intitulei **Desenquadro**, um volume em capa dura com 176 páginas, impresso e distribuído por mim. Estes textos e os que escrevi a partir daí para outras publicações estão sendo compilados em outro volume.

No início de 1993 comecei meus projetos de Impressão, Publicação, Edição, Distribuição e Divulgação de Edições Independentes, cujo ponto central foi a publicação do **Informativo de Quadrinhos Independentes** (chamado simplemente **QI** a partir do nº 41). Embora a publicação do informativo demandasse muito trabalho de redação, não eram propriamente textos sobre Quadrinhos. Até por volta do nº 50, publiquei ou republiquei alguns textos esporádicos. A partir daí passei a publicar com certa regularidade tanto artigos mais acabados, como pequenos comentários, textos de divulgação, reportagens e também algumas republicações. No nº 75, iniciei a publicação de uma primeira coluna, que durou pouco, mas inspirou várias outras. Com a reformulação do **QI** a partir do nº 100, passei a produzir mais textos exclusivos para a publicação. Com o nº 119, comecei a incluir sistematicamente encartes ao **QI**, coisa que já havia feito eventualmente desde o nº 42.

Agora, neste volume, estou compilando os meus textos publicados no **QI**, com várias exceções, como os encartes e os trabalhos que já foram compilados antes em outras edições. Entre os trabalhos incluídos aqui, estão alguns que não foram feitos exclusivamente para o **QI**, saíram anteriormente em outras publicações e foram, por algum motivo, republicados no **QI**. Haverá, portanto, alguma redundância – pouca – em relação ao volume com os demais textos que produzi.

Listarei a seguir, para o devido registro, os trabalhos que produzi para o **QI** e que não estão incluídos neste volume.

Primeiramente, a série *Entendendo a Linguagem das HQs*, composta de 60 capítulos de uma página, publicada entre os nºs 41 (nov/dez/1999) e 100 (out/dez/2009) do **QI**. Embora na forma de História em Quadrinhos, trata-se de um estudo sobre a Linguagem das HQs, e foi compilado em volume próprio publicado por mim em 2010, o primeiro volume do selo EGO, e depois reeditado em formato digital.

Em seguida, os trabalhos de maior fôlego, publicados como encartes do **QI**. O primeiro foi um estudo sobre Fanzines e saiu com o nº 42 (jan/fev/2000). Este trabalho também foi publicado como livro pela editora Marca de Fantasia e está disponível em versão digital. Depois de alguns encartes somente com HQs, a partir do nº 119 do **QI**, iniciei uma longa série de edições, muitas delas de outros autores. Listarei as que foram escritas por mim: **O Desenho Inferior das Histórias em Quadrinhos**, encarte do **QI** 119 (jan/fev/2013); **Quadrinhos Brasileiros de Ficção Científica e Fantasia**, encarte do **QI** 125 (jan/fev/2014); **Quadrinhos Europeus no Brasil**, encarte do **QI** 126 (mar/abr/2014); **Quadrinhos Brasileiros Poéticos**, encarte do **QI** 131 (jan/fev/2015); **Crianças nos Quadrinhos Brasileiros**, encarte do **QI** 133 (mai/jun/2015); **O Mundinho dos Quadrinhos**, encarte do **QI** 134 (jul/ago/2015); **Suplemento de Quadrinhos da Folha de S. Paulo**, encarte do **QI** 136 (nov/dez/2015); colaboração com Carlos Gonçalves em **Publicações Bonelli no Brasil**, encarte do **QI** 137 (jan/fev/2016); colaboração com Carlos Gonçalves em **Os Cow-Boys de Antigamente**, encarte do **QI** 139 (mai/jun/2016); **Alguns Heróis Brasileiros dos Quadrinhos**, encarte do **QI** 147 (set/out/2017); **Retrospectiva Edgard Guimarães**, encarte do **QI** 151 (mai/jun/2018); colaboração com Carlos Gonçalves no nº 2 de *Mestres das Histórias em Quadrinhos*, dedicado a Eduardo Teixeira Coelho, encarte do **QI** 154 (nov/dez/2018); **Shima no QI**, encarte do **QI** 163 (mai/jun/2020); colaboração com Carlos Gonçalves em **O Gibi Esquecido, Um Manancial de Arte sob o Olhar de Todos**, encarte do **QI** 165 (set/out/2020); coautoria com Carlos Gonçalves nos 4 volumes de **Brindes das Revistas da Ebal**, encartes digitais dos **QI**s 167 (jan/fev/2021), 169 (mai/jun/2021), 170 (jul/ago/2021) e 171 (set/out/2021); **O Mistério do Worney**, encarte do **QI** 175 (mai/jun/2022); *Mestres das Histórias em Quadrinhos* nº 5, dedicado a José Menezes, encarte do **QI** 178 (nov/dez/2022); *Papos Tais* nº 1, encarte do **QI** 179 (jan/fev/2023); colaboração com Daniel Saks no nº 1 de *Editoras Brasileiras de Quadrinhos*, dedicado à editora Vidente, encarte do **QI** 180 (mar/abr/2023); *Mestres das Histórias em Quadrinhos* nº 6, dedicado a José Ruy, encarte do **QI** 181 (mai/jun/2023); **Quadrinhos nas Mãos**, encarte do **QI** 182 (jul/ago/2023); *Editoras Brasileiras de Quadrinhos* nº 2, dedicado à editora Graúna, e *Papos Tais* nº 2, encartes do **QI** 184 (nov/dez/2023); **José Ruy, A Alma Lusitana em Quadrinhos**, encarte digital do **QI** 184 (nov/dez/2023); **Minúscula Enciclopédia dos Quadrinhos**, encarte do **QI** 185 (jan/fev/2024); **Estudos sobre Histórias em Quadrinhos**, encarte digital do **QI** 185 (jan/fev/2024); *Papos Tais* nº 3, encarte do **QI** 186 (mar/abr/2024); *Papos Tais* nº 4 e colaboração com José Azevedo e Menezes em **Selos com Personagens dos Quadrinhos**, encartes do **QI** 187 (mai/jun/2024); **Milênios e Outras Perdas de Tempo** e colaboração com Fábio Sales em **Livros que Viraram Quadrinhos (2)**, encartes do **QI** 188 (jul/ago/2024); *Papos Tais* nºs 5, 6 e 7, encartes do **QI** 189 (set/out/2024); *Papos Tais* nº 8, encarte do **QI** 190 (nov/dez/2024); **Histórias em Quadrinhos, Cópia ou Coincidência?**, encarte do **QI** 191 (jan/fev/2025); colaboração com Rod Tigre no nº 2 de *Liga dos Quadrinhistas Independentes*, dedicado a Darlei Nuñez, encarte do **QI** 192 (mar/abr/2025); *Papos Tais* nº 9, encarte do **QI** 193 (mai/jun/2025); *Papos Tais* nº 10, encarte do **QI** 194 (jul/ago/2025); *Papos Tais* nº 11, encarte do **QI** 195 (set/out/2025); **Caricaturas do Mundo Disney** e colaboração com Rod Tigre e Gabriel Rocha no nº 3 de *Liga dos Quadrinhistas Independentes*, dedicado a Sérgio Oliveira Jr., encartes do **QI** 196 (nov/dez/2025); *Papos Tais* nº 12 e colaboração com Rod Tigre no nº 4 de *Liga dos Quadrinhistas Independentes*, dedicado a Lincoln Nery, encartes do **QI** 198 (abr/jun/2026); *Papos Tais* nº 13, encarte do **QI** 199 (jul/set/2026); *Papos Tais* nº 14, encarte do **QI** 200 (out/dez/2026).

Há ainda um encarte que saiu regularmente entre os **QI**s 116 (jul/ago/2012) e 126 (mar/abr/2014). Composto de folhas soltas, cada uma de uma cor, trazendo na frente uma tira de minha autoria e no verso um texto sobre Quadrinhos, esta série, chamada *cotidiano alterado*, foi compilada em volume próprio. As tiras saíram no sítio Marca de Fantasia.

A partir do **QI** 80 (mai/jun/2006), no começo esporadicamente e depois regularmente, publiquei a coluna *Memória do Fanzine Brasileiro*, até o **QI** 122 (jul/ago/2013), com depoimentos colhidos junto a 23 editores de fanzines. Foram reunidos em volume próprio publicado por mim em 2013.

Entre os **QI**s 115 (mai/jun/2012) e 145 (mai/jun/2017), publiquei regularmente a coluna *Heróis Brasileiros*, dedicada a personagens da História em Quadrinho brasileira. Os primeiros 24 textos foram compilados no encarte que saiu junto com o **QI** 147. Mais dois heróis foram publicados no **QI** e não saíram no encarte. Estes estão incluídos neste volume.

No **QI**, também publiquei, a partir do nº 105 (set/out/2010), com os títulos *Considerações sobre o QI* e *Considerações sobre Fanzines*, várias entrevistas que concedi a alunos de faculdades para seus Trabalhos de Graduação. Estas serão compiladas em outro volume, dedicado às entrevistas.

Não estou incluindo neste volume as centenas de comentários que escrevi na coluna *Fórum*, respondendo às cartas dos leitores. Também não estou incluindo a maioria dos editoriais e as resenhas das edições independentes divulgadas, além da seção „Quadrinhos Institucionais‟ em que divulguei edições comerciais, enviadas pelos leitores, que usaram a HQ como forma de comunicação.

Há ainda um tipo de texto que fiquei em dúvida se devia incluir ou não. Ao publicar no **QI** trabalhos antigos meus, HQ, cartuns, ilustrações, normalmente fiz acompanhar pequenos textos. De modo geral, deixei de incluir neste volume estes comentários, por serem muito resumidos, mas uma ou outra vez algum escapou. Para registro, menciono a seguir os **QI**s em que estes textos saíram com o nome do trabalho a que se referem: *Era Uma Vez...* no **QI** 88 (set/out/2007); *O Guasca* no **QI** 92 (mai/jun/2008); *Avaliação* no **QI** 112 (nov/dez/2011); *Cuidado, Escola* no **QI** 113 (jan/fev/2012); *Normalista* no **QI** 114 (mar/abr/2012); *Lisossomos* no **QI** 115 (mar/jun/2012); *Anjos do Coral* no **QI** 118 (nov/dez/2012); *Efei* no **QI** 120 (mar/abr/2013); *Efei* no **QI** 121 (mai/jun/2013); *Caça à História* no **QI** 122 (jul/ago/2013); *Caça à História* no **QI** 123 (set/out/2013); *Canção do Expedicionário* no **QI** 126 (mar/abr/2014); *Selo Declaração* no **QI** 129 (set/out/2014); *Eros Jones* no **QI** 131 (jan/fev/2015); *Leão do IR* no **QI** 132 (mar/abr/2015); *Espinhos da Estupidez* no **QI** 133 (mai/jun/2015); *Papel de Carta* no **QI** 135 (set/out/2015); *Tarzan* no **QI** 137 (jan/fev/2016); *Estudo* no **QI** 138 (mar/abr/2016); *Nuas* no **QI** 142 (nov/dez/2016); *Nua* no **QI** 143 (jan/fev/2017); *Tarzan* no **QI** 144 (mar/abr/2017); *Kunvalo Fu* no **QI** 145 (mai/jun/2017); *Heróis* no **QI** 146 (jul/ago/2017); *Bi* e *Desafio* no **QI** 147 (set/out/2017); *Quadrinhos* no **QI** 155 (jan/fev/2019); *Blue Lion* no **QI** 160 (nov/dez/2019); *Morte do Herói* e *Os Anjos* no **QI** 161 (jan/fev/2020); *Buraco* e *Cowboy* no **QI** 162 (mar/abr/2020); *A Opção* no **QI** 182 (jul/ago/2023); *Bonequinhas* no **QI** 183 (set/out/2023); *Mendigo Elástico* no **QI** 186 (mar/abr/2024); *Burocracia* no **QI** 187 (mai/jun/2024); *Reeleição* no **QI** 188 (jul/ago/2024); *Teste Mimeógrafo* no **QI** 189 (set/out/2024); *Banda* no **QI** 191 (jan/fev/2025); *Camisinha* no **QI** 192 (mar/abr/2025); *Pica-pau* no **QI** 193 (mai/jun/2025); *Caipira* no **QI** 194 (jul/ago/2025); *Viola* no **QI** 195 (set/out/2025); *Little Boy* no **QI** 197 (jan/mar/2026); *Collor Pólen* no **QI** 199 (jul/set/2026); *Fubica* no **QI** 200 (out/dez/2026).

Já mencionei algumas colunas que escrevi e que não foram incluídas neste volume por terem sido compiladas em edições específicas. Mas acho bom frisar as colunas que não foram compiladas e que estão aqui. Somente uma delas teve um número razoável de textos e poderia figurar em uma edição exclusiva. No entanto, optei por colocar esta junto às demais neste volume. As colunas tiveram os títulos: *Minha Vida de Fracassos*, 3 textos entre os **QI**s 75 (jul/ago/2005) e 78 (jan/fev/2006); *Mistérios do Colecionismo*, 25 textos entre os **QI**s 107 (jan/fev/2011) e 142 (nov/dez/2016); *Quadrinhos Brasileiros Bissextos*, 13 textos entre os **QI**s 115 (mai/jun/2012) e 138 (mar/abr/2016); *Tirando o Chapéu*, 4 textos entre os **QI**s 116 (jul/ago/2012) e 138 (mar/abr/2016); *Uatisdis?*, 2 textos nos **QI**s 119 (jan/fev/2013) e 123 (set/out/2013); e *Desvendando Alma em Matéria Pouca*, 8 textos entre os **QI**s 124 (nov/dez/2013) e 142 (nov/dez/2016).

Incluí também alguns textos de apresentação feitos para edições que saíram encartadas no **QI** ou edições digitais.

Assim, este volume contém os textos que publiquei no **QI**, com as considerações feitas anteriormente.

Cabe observar que todas as edições aqui mencionadas estão disponíveis em versão digital para visualização ou download no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI.

ÍNDICE

Textos publicados nos seguintes números do **QI**:

1 (mar/abr/1993)	Caro Leitor – página **13**
	Catálogo Nacional de Fanzines e Revistas Alternativas – página **14**
	Projetos Independentes – página **15**
21 (jul/ago/1996)	IQI Abre suas Páginas – página **16**
26 (mai/jun/1997)	Guerra das Ideias – página **17**
28 (set/out/1997)	As Histórias em Quadrinhos no Brasil – Teoria e Prática – página **19**
29 (nov/dez/1997)	O Fim de Historieta? – página **20**
36 (jan/fev/1999)	I Prêmio Universo Comix – página **21**
40 (set/out/1999)	Caro Leitor – página **22**
44 (mai/jun/2000)	Pinçando 1 – página **23**
45 (jul/ago/2000)	Pinçando 2 – página **23**
46 (set/out/2000)	Pinçando 3 – página **23**
47 (nov/dez/2000)	Pinçando 4 – página **23**
49 (mar/abr/2001)	Pinçando 5 – página **23**
	Edgard Guimarães Projetos – página **24**
	Edgard Guimarães Edições – página **25**
50 (mai/jun/2001)	Pinçando 6 – página **23**
	Comentários Adicionais e Mais Mudanças – página **26**
51 (jul/ago/2001)	Histórias que Não Estavam no Gibi – página **27**
	Uma Defesa das Ideias Libertárias – página **28**
52 (set/out/2001)	O Que é Isso, Minha Gente? – página **29**
	Revistas em Quadrinhos – página **30**
53 (nov/dez/2001)	A Questão do Plágio – página **31**
	Complemento ao Artigo Revistas em Quadrinhos – página **32**
54 (jan/fev/2002)	Olha o Preconceito! – página **33**
56 (mai/jun/2002)	Um Comentário sobre Cronologia – página **34**
57 (jul/ago/2002)	HQ de AA! – página **35**
	Homenagem a Tr... a Duas Décadas! – página **36**
58 (set/out/2002)	Livro QI – página **37**
59 (nov/dez/2002)	Livro QI – página **37**
60 (jan/fev/2003)	Livro QI – página **38**
62 (mai/jun/2003)	A Guerra dos Golfinhos – página **39**
65 (nov/dez/2003)	20º Angelo Agostini – página **41**
	Coleção Quiosque – página **42**
66 (jan/fev/2004)	1º Grande Concurso de Histórias em Quadrinhos – página **43**
	Adendo – página **45**
67 (mar/abr/2004)	Marca de Fantasia – página **46**
	Comentários Adicionais – página **46**
69 (jul/ago/2004)	O Mundo de Gustave Verbeek – página **47**
70 (set/out/2004)	Livro QI – página **51**
	Mundo Feliz Encadernado – página **52**
	Há Fanzine Profissional? – página **53**
	Quadrinhos: Profissão e Arte – página **53**
71 (nov/dez/2004)	Resistência ao Ordinário – página **54**
	Pecado – página **54**
72 (jan/fev/2005)	21º Prêmio Angelo Agostini – página **55**
73 (mar/abr/2005)	21º Angelo Agostini – página **56**
	O Balanço do Pecado – página **57**
75 (jul/ago/2005)	Projeto Destino – página **58**
	Minha Vida de Fracassos (I) – página **59**
76 (set/out/2005)	Projeto Destino – página **60**
77 (nov/dez/2005)	Minha Vida de Fracassos (II) – página **61**
	O Que É História em Quadrinhos Brasileira – página **62**
	Projeto Destino – página **63**
78 (jan/fev/2006)	Minha Vida de Fracassos (III) – página **64**
88 (set/out/2007)	Revista Cacique – página **65**
	Figurinhas e Figurões – página **66**
	Vox Populi Vox... Wagen – página **67**

90 (jan/fev/2008)	Apresentação – encarte Musashi – página **68**
	Shimamoto – Leituras Indispensáveis – encarte Musashi – página **69**
91 (mar/abr/2008)	Análise do Projeto de Lei do Deputado Simplício Mário – página **70**
	24º Prêmio Angelo Agostini – página **73**
93 (jul/ago/2008)	Humor Feito por Nós – página **74**
94 (set/out/2008)	Quadrinho Nacional Perde Dois Mestres – página **75**
95 (nov/dez/2008)	Personagens Infantis – página **76**
96 (jan/fev/2009)	Dúvida – página **77**
	O Caso do Pinguepongue Postal – página **78**
97 (mar/abr/2009)	Jorge Alberto Cavalli – página **79**
	25º Prêmio Angelo Agostini – página **80**
98 (mai/jun/2009)	O Fim do QI (1) – página **81**
	Mais Personagens Infantis – página **82**
99 (jul/set/2009)	30 Anos do Fécum – página **83**
	O Fim do QI (2) – página **84**
100 (out/dez/2009)	Homenagem aos 50 Anos de Carreira de Maurício de Souza – página **85**
	O Fim do QI (3) – página **87**
	Divulgação e Distribuição de Edições Independentes – página **88**
	As Adaptações de Ruy Trindade – página **89**
	Almanaques de Tarzan – página **90**
	Capas do QI – página **91**
101 (jan/fev/2010)	O Início do QI – página **92**
	Revistas da La Selva – página **93**
	Almanaque de Tarzan 1974 – página **93**
	O Início de Ego – página **94**
102 (mar/abr/2010)	Uma Polêmica – Gibi é Cultura? – página **95**
	A Cueca por Cima da Calça – página **97**
	O Dia do Quadrinho Nacional – página **98**
	Almanaque de Tarzan e Revista Tarzan – página **99**
	Top! Top! 26 – página **100**
	Entendendo a Linguagem das HQs – página **100**
103 (mai/jun/2010)	A Linguagem de Tarzan – página **101**
	Enciclopédias sobre HQs – página **102**
	Em Breve! Novo Lançamento! – página **103**
	Almanaque Roy Rogers e Revista Tarzan – página **104**
	Visualidades – página **105**
	9ª Arte – História em Quadrinhos no Vale do Paraíba – página **106**
104 (jul/ago/2010)	10 Melhores Histórias em Quadrinhos – página **107**
	Três Centos de Cartuns – página **109**
	Almanaque Buck Jones e Revista Tarzan – página **110**
	Benjamin Peppe Fanzine Nº 3 – página **111**
105 (set/out/2010)	O Homem do Rifle e Tarzan – página **112**
	Três Centos de Cartuns – página **113**
	Tiras – Mais que um Formato – página **114**
	Quadrinhos do Nosso Amiguinho – página **115**
	Xaxado e sua Turma – página **115**
106 (nov/dez/2010)	Lançamentos Sérgio Luiz Franque – página **116**
	Lançamento em Breve! – página **117**
107 (jan/fev/2011)	Lançamentos Sérgio Luiz Franque – página **118**
	Adaptações de Histórias em Quadrinhos – página **119**
	O Caso do Detetive Medíocre – página **121**
	Mistérios do Colecionismo (1) – página **122**
	Breve Lançamento! – página **123**
108 (mar/abr/2011)	Piadas e Anedotas do Bocage – página **124**
	Mistérios do Colecionismo (2) – página **125**
	Shimamoto e Maurício – página **126**
	Lançamentos Sérgio Luiz Franque – página **127**
	Dia do Quadrinho Nacional – página **128**
	Confraria dos Dinossauros – página **129**
109 (mai/jun/2011)	Mistérios do Colecionismo (3) – página **130**
	Quadrinhista na Academia – página **131**
	Quadrinhos Mudos – página **132**
	Lançamentos Sérgio Luiz Franque – página **133**
	Geração Espontânea – página **134**
110 (jul/ago/2011)	Mistérios do Colecionismo (4) – página **135**

Lançamentos Sérgio Luiz Franque – página **136**
Livro Escritores de Brazópolis – página **137**
Metalinguagem? – página **138**
O Menudo de Colonnese – página **139**
Eu já fui um Livro sobre Tigres – página **140**
The Best of Punch Cartoons – página **141**
111 (set/out/2011) Heróis da Capa – página **142**
Mistérios do Colecionismo (5) – página **143**
Julierme – Zalla – Colonnese – página **144**
Lançamentos Sérgio Luiz Franque – página **146**
Idade Média nos Quadrinhos – página **147**
Tapejara – página **148**
112 (nov/dez/2011) Mistérios do Colecionismo (6) – página **149**
113 (jan/fev/2012) Mistérios do Colecionismo (7) – página **150**
Glauco o Pirata – página **151**
Quadrinhos? – página **154**
114 (mar/abr/2012) Mistérios do Colecionismo (8) – página **155**
Quadros em Sequência? – página **156**
Álbuns Alemães – página **156**
Quadros em Sequência? – página **157**
28º Angelo Agostini – página **158**
115 (mai/jun/2012) Mistérios do Colecionismo (9) – página **159**
O Fim dos Fanzines – página **160**
Quadrinhos Brasileiros Bissextos (1) – Hypnos – página **161**
Lançamentos Sérgio Luiz Franque – página **162**
Comentário – página **163**
116 (jul/ago/2012) Mistérios do Colecionismo (10) – página **164**
Quase Quadrinhos – página **165**
Quadrinhos Brasileiros Bissextos (2) – Bingo – página **167**
Tirando o Chapéu (1) – Sam e Silo – página **168**
O Fim dos Fanzines – O Retorno – página **169**
Lançamento – página **169**
117 (set/out/2012) Mistérios do Colecionismo (11) – página **170**
Quadrinhos Brasileiros Bissextos (3) – Agá – página **171**
Meu Primo Málus – página **172**
Quase Quadrinhos? – página **174**
Direitos e Esquerdos – página **175**
Tirando o Chapéu (2) – Pafúncio – página **176**
Publicações Alemãs – página **177**
118 (nov/dez/2012) Quadrinhos Brasileiros Bissextos (4) – A Noite Rompida – página **178**
Homenagem a Franco Caprioli – página **179**
Mistérios do Colecionismo (12) – página **180**
Metátese e outras Mumunhas – página **181**
Ainda Direitos – página **183**
Publicações Alemãs – página **184**
119 (jan/fev/2013) Mistérios do Colecionismo (13) – página **185**
Quadrinhos Brasileiros Bissextos (5) – Calendário Nacional – página **187**
Tirando o Chapéu (3) – Rip Kirby – página **189**
Lançamentos Sérgio Luiz Franque – página **190**
Publicações Alemãs – página **191**
Manual do Usuário – página **192**
Lançamento de Livro – página **193**
Uatisdis? (1) – página **194**
120 (mar/abr/2013) Quadrinhos Brasileiros Bissextos (6) – O Achamento do Brasil – página **195**
29º Angelo Agostini – página **196**
Mistérios do Colecionismo (14) – página **197**
Da Alemanha – página **198**
121 (mai/jun/2013) Quadrinhos Brasileiros Bissextos (7) – Smilingüido – página **199**
Mistérios do Colecionismo (15) – página **200**
III Ugra Zine Fest – página **202**
122 (jul/ago/2013) Mistérios do Colecionismo (16) – página **203**
Quadrinhos Alemães – página **205**
123 (set/out/2013) Mistérios do Colecionismo (17) – página **206**
Quadrinhos Brasileiros Bissextos (8) – Tonico e Petrolino – página **209**
Uatisdis? (2) – página **210**

	José Pires – encarte Buster nº 1 – página **211**
124 (nov/dez/2013)	Mistérios do Colecionismo (18) – página **212**
	Desvendando Alma em Matéria Pouca (1) – página **213**
	Biografias – página **214**
	Balazo – página **214**
125 (jan/fev/2014)	Mistérios do Colecionismo (19) – página **215**
	Desvendando Alma em Matéria Pouca (2) – página **219**
	Quadrinhos Brasileiros Bissextos (9) – Táxi – página **220**
	30º Troféu Angelo Agostini – página **221**
126 (mar/abr/2014)	Mistérios do Colecionismo (20) – página **222**
	Desvendando Alma em Matéria Pouca (3) – página **223**
	Gutemberg Monteiro na Warren – página **225**
	Revistas Chilenas – página **226**
	Eduardo Vetillo – página **227**
127 (mai/jun/2014)	Quadrinhos Brasileiros Bissextos (10) – Uai!! – página **228**
	Valdecy Ferreira – página **229**
	Monte de Coisinhas – página **230**
	Desvendando Alma em Matéria Pouca (4) – página **231**
	Quadrinhos no Mundo – página **233**
	Editorial Lord Cochrane – página **234**
	Teoria a Menos – página **235**
128 (jul/ago/2014)	Mistérios do Colecionismo (21) – página **236**
	Desvendando Alma em Matéria Pouca (5) – página **237**
	Enquanto Isso, em Abbey Road... – página **238**
	Terreno Pantanoso – página **239**
	Redondos & Quadrados – página **241**
	Procurados – página **242**
	Amadeu – página **243**
129 (set/out/2014)	Coisinha – página **244**
	Hermann – página **245**
	Nova Coleção de Tarzan – página **247**
	Desvendando Alma em Matéria Pouca (6) – página **248**
	Quadrinhos no Mundo – página **249**
	Lançamento – página **250**
	Álbuns de José Pires – encarte Buster nº 7 – página **251**
130 (nov/dez/2014)	Tarzan Clássicos – página **252**
	Coisinha – página **252**
	Coisas de Akim – página **253**
	Histórias sem Fim – página **254**
	Mistérios do Colecionismo (22) – página **255**
	Valdir de Amorim Dâmaso – página **256**
131 (jan/fev/2015)	Coisas que Acontecem – página **257**
	Apenas uma Coisinha – página **259**
	Lembrando Dâmaso – página **260**
	Pequeno Mistério do Colecionismo – página **261**
	Quadrinhos Brasileiros Bissextos (11) – Lula e Zé Moita – página **262**
133 (mai/jun/2015)	Mistérios do Colecionismo (23) – página **263**
	Gratis Comic Tag – página **269**
134 (jul/ago/2015)	Capitão – página **270**
	Itsa Faka? – página **273**
	Javê – página **274**
	Criança, Moleque e Pivete – página **275**
135 (set/out/2015)	João e Maria da Ebal – página **276**
	Vontade de Publicar – página **277**
	Publicações Alemãs – página **278**
137 (jan/fev/2016)	32º Angelo Agostini – página **279**
	Edições de Fora – página **281**
	Quadrinhos Brasileiros Bissextos (12) – A Fuga dos Quadrinhos – página **282**
	Quadrinhos Brasileiros Bissextos (12) – A História da Luz – página **283**
138 (mar/abr/2016)	Desvendando Alma em Matéria Pouca (7) – página **284**
	Quadrinhos Brasileiros Bissextos (13) – Física com Martins e Eu – página **285**
	Tirando o Chapéu (4) – página **286**
139 (mai/jun/2016)	Batman no Brasil – página **287**
	Edições de Fora – página **291**
140 (jul/ago/2016)	Rodolfo Zalla – página **292**

	Edições de Fora – página **293**
	Ainda o Tema da Capa do QI 139 – página **294**
141 (set/out/2016)	Quem é o Autor dessa Personagem? – página **296**
	Mistério do Colecionismo (24) – página **297**
	Comentários Soltos – página **298**
142 (nov/dez/2016)	Mistérios do Colecionismo (25) – página **299**
	Desvendando Alma em Matéria Pouca (8) – página **301**
143 (jan/fev/2017)	Misterinho do Colecionismo – página **302**
	Quadrinhos de Fora – página **303**
144 (mar/abr/2017)	Quadrinhos Institucionais de José Ruy – página **304**
145 (mai/jun/2017)	Mickey Muda de Olhos – página **305**
	Steve Canyon – página **306**
	Mistura de Estilos – página **307**
	História em Quadrinhos de Ionaldo Cavalcanti – página **309**
146 (jul/ago/2017)	O Anchieta de Colin – página **310**
	Os "Sobrinhos" de Mickey – página **311**
	Quadrinhos de Fora – página **312**
	Jerry Lewis em Brasópolis – página **313**
147 (set/out/2017)	Príncipe Valente Copiado – página **314**
	Stan Lee e Jayme Cortez – página **315**
	Ted Osborne Faz Graça – página **316**
	Quadrinhos de Fora – página **317**
148 (nov/dez/2017)	Quem é o Autor? – página **318**
	Artes de Fernando Bonini – página **319**
149 (jan/fev/2018)	Duas Coisas – página **320**
	Artes de Fernando Bonini – página **321**
	Homem de Preto – página **322**
	Notas Explicativas – encarte de Essas Incríveis Heroínas de Papel – página **324**
150 (mar/abr/2018)	Só Enchendo – página **325**
	Aquelas Incríveis Heroínas de Papel – página **326**
	Quadrinhos de Fora – página **327**
151 (mai/jun/2018)	Quadrinhos de Fora – página **328**
	Outro Maurício – página **329**
	Listagem de Trabalhos de Fernando Bonini (1) – página **330**
	O Gaúcho – página **332**
152 (jul/ago/2018)	Ziraldo na Mad – página **335**
	Só Coincidência – página **336**
	Quadrinhos de Fora – página **337**
	Listagem de Trabalhos de Fernando Bonini (2) – página **338**
153 (set/out/2108)	Tiradas do Sampaio – página **340**
	Novo Lançamento de Primaggio Mantovi – página **341**
	Listagem de Trabalhos de Fernando Bonini (3) – página **342**
155 (jan/fev/2019)	Transleixion – página **344**
	Quadrinhos de Fora – página **345**
156 (mar/abr/2019)	Quartetos Pioramentos – página **346**
157 (mai/jun/2019)	Quadrinhos de Fora – página **347**
	Renato Silva, J. Carlos e Oswaldo Storni – página **348**
158 (jul/ago/2019)	Levando Chapéu – página **350**
159 (set/out/2019)	Tiras em Tiras – página **351**
160 (nov/dez/2019)	HQ e Conto Ilustrado – página **352**
161 (jan/fev/2020)	Príncipe Valente – página **353**
	Desenhos de Meu Pai – página **354**
	Gato Félix – página **355**
162 (mar/abr/2020)	O Melhor Evento de Quadrinhos – página **356**
	Fuçando à Toa – página **357**
	Lembrando Cedraz – página **358**
163 (mai/jun/2020)	Shima no QI – página **359**
	Fuçando à Toa – página **360**
	Policromia – página **361**
	Pintando de Preto – página **363**
164 (jul/ago/2020)	Quadrinhos de Fora – página **364**
	Mais um Encarte Digital – página **364**
	Homem Caindo – página **365**
165 (set/out/2020)	Zoím – página **366**
	Treisdê – página **366**

	Analisando a Piada da Capa – página **367**
	Batman e Demolidor – página **368**
166 (nov/dez/2020)	O QI na Marca de Fantasia – página **369**
	Qualé a do Euzébio? – página **369**
	Quadrinhos de Fora – página **370**
	Fuçando à Toa – página **371**
	Padre Quinzinho – página **372**
167 (jan/fev/2021)	Encarte Digital deste QI – página **373**
	Quadrinhos de Fora – página **374**
	Fuçadinha – página **375**
	Fuçando à Toa – página **376**
	Olhaí as do Euzébio! – página **377**
	Horror ao Vácuo – página **378**
168 (mar/abr/2021)	Notinhas – página **379**
	Fóquibéri – página **380**
	Desmascarados – página **381**
	Os Pescadorers e o Bandido – página **381**
169 (mai/jun/2021)	Encartes Digitais deste QI – página **383**
	Quadrinhos de Fora – página **384**
	Caiu na Teia... – página **385**
	Fuçando à Toa – página **386**
	Pezinhos – página **387**
	Padre Quinzinho – página **388**
170 (jul/ago/2021)	Encartes Digitais deste QI – página **390**
	Quadrinhos de Fora – página **391**
	Fuçadinhas – página **392**
	Mais Fuçadinha – página **393**
	Fuçando à Toa – página **394**
	QI nas Bibliotecas – página **395**
	Pandemia Não Vai Acabar Tão Cedo! – página **397**
	Maraiah – página **398**
171 (set/out/2021)	Encarte Digital deste QI – página **399**
172 (nov/dez/2021)	Fuçando à Toa – página **400**
	Fotos do Franco – página **401**
173 (jan/fev/2022)	A Mulinha da Ebal – página **402**
	Fuçando à Toa – página **402**
174 (mar/abr/2022)	Fuçando à Toa – página **403**
	Quadrinhos de Fora – página **404**
	A Mulinha da Ebal – página **405**
	Fuçando à Toa – página **406**
175 (mai/jun/2022)	Foster... Sempre Ele! – página **407**
	Quem É (ou Poderia Ser) Rodolpho! – página **408**
	Balões & Legendas – página **410**
176 (jul/ago/2022)	Fuçando à Toa – página **411**
	Fuçando à Toa – página **412**
	A Mulinha da Ebal – página **413**
	Fuçando à Toa – página **414**
	PSIU 4! – página **415**
	Um Pouco Mais de Fantasma – página **416**
177 (set/out/2022)	Zalla e D-Arte – página **417**
	Fuçando à Toa – página **418**
	Quadrinhos de Fora – página **419**
	Nota de Falecimento – página **419**
178 (nov/dez/2022)	Fuçando à Toa – página **420**
	Livro sobre Mendez – página **421**
	Fuçando à Toa – página **422**
	PSIU 5 – página **424**
	Álbum de Fotografias – página **425**
179 (jan/fev/2023)	A Mulinha da Ebal – página **426**
	Pitaquinho – página **427**
	Biuar – página **427**
	PSIU 6 – página **428**
	Aconteceu Mesmo! – página **429**
	Fuçando à Toa – página **429**
	Álbum de Fotografias – página **430**

	Fuçando à Toa – página **430**
180 (mar/abr/2023)	O Desafio do Yudenitsch – página **431**
	Quadrinhos de Fora – página **431**
181 (mai/jun/2023)	Mais 3-D – página **432**
	Saiu PSIU 7! – página **433**
	Fuçando à Toa – página **434**
	Aventuras de Chiquinho – página **435**
	Fuçando à Toa – página **436**
	Fuçando à Toa – página **437**
182 (jul/ago/2023)	Maraiah – página **438**
	Fuçando à Toa – página **439**
	Judia, Photoshop – página **440**
	Fuçando à Toa – página **441**
	Fuçando à Toa – página **442**
183 (set/out/2023)	Saiu PSIU 8 – página **443**
	Um Só Quadro – página **444**
	E para a Velha Guarda – página **444**
	Quadrinhos de Fora – pagina **445**
	Fuçadinha – página **445**
	Capa e Encarte – página **446**
	Que Gordo? – página **447**
	Êta Sapatinho! – página **447**
	Apresentação – edição digital Quadrinhos de Um Só Quadro – página **448**
184 (nov/dez/2023)	Fuçando à Toa – página **449**
	José Ruy – A Alma Lusitana em Quadrinhos – página **450**
	Pitaquinho – página **451**
	Saiu PSIU 9 – página **452**
	Pitaquinho – página **453**
	2 Coisas – página **454**
	Dois Tentáculos – página **455**
	Ups! – página **456**
	Quem é Wally? – página **457**
185 (jan/fev/2024)	PSIU 10 – página **458**
	Quadrinhos de Fora – página **459**
	Fuçadinha – página **460**
	Novas Edições – página **461**
	Sê-los ou Não Sê-los – página **462**
186 (mar/abr/2024)	Fuçando à Toa – página **463**
	Fuçadinha – página **464**
	Saiu PSIU 11 – página **464**
	Sobrecapa do QI 186 – página **465**
187 (mai/jun/2024)	Falha Nossa – página **466**
	O Melhor do Quadrinho Independente – página **467**
	Pequena Reflexão sobre Aizen – página **468**
	Apresentação – O Melhor do Quadrinho Independente – página **469**
188 (jul/ago/2024)	PSIU 13 Anos! – página **470**
	PSIU 12! – página **471**
	E o Sapo? – página **471**
189 (set/out/2024)	Deus – página **472**
	Faianossa! – página **473**
	Lampadinha – página **473**
	PSIU 13! – página **474**
	Calvo e PSIU 4 – página **474**
	Loco ou Lucky? – página **475**
190 (nov/dez/2024)	Quadrinhos de Fora – página **476**
	PSIU 14! – página **477**
	Dois Tecos de Téquis – página **478**
191 (jan/fev/2025)	A Mulinha da Ebal – página **479**
	Na Ponta da Língua – página **479**
	PSIU 15! – página **480**
	Cartões Postais sobre Histórias em Quadrinhos – página **480**
	Tim-Tim em Angola – página **481**
	Quemcopiaoquêdaonde! – páginas **482**
	Winsor McCay – página **483**
	Frente – apresentação de Cartões Postais sobre Histórias em Quadrinhos – página **484**

	E Verso – conclusão de Cartões Postais sobre Histórias em Quadrinhos – página **485**
192 (mar/abr/2025)	Carrancas – página **486**
	PSIU 16! – página **486**
	Com Quantos Disneys se Faz um Mickey? – página **487**
	Capa do QI 192 – página **488**
193 (mai/jun/2025)	PSIU 17! – página **490**
	Carrancas – página **490**
	Liderato – página **491**
194 (jul/ago/2025)	PSIU 18! – página **492**
	Carrancas – página **492**
	Pitaquinhos – página **493**
195 (set/out/2025)	PSIU 19! – página **494**
	Carrancas – página **494**
	Álbum Maria – página **495**
	Maria Magazine – página **495**
	Vem Aí! – página **496**
	Ação a la Carte – página **496**
	Capa do QI 195 – página **497**
196 (nov/dez/2025)	Álbum 50 – página **498**
	Homenagem a Corto Maltese – página **499**
	Cartas ao Cosmos – página **501**
	PSIU 20! – página **502**
	Carrancas – página **503**
	Álbum Maria – página **503**
	Godiva – página **504**
	Saiba Menos – página **504**
	Capa do QI 196 – página **505**
197 (jan/mar/2026)	PSIU 21! – página **506**
	Álbum de Figurinhas Corto Maltese – página **507**
198 (abr/jun/2026)	Pitaquinho – página **508**
	PSIU 22! – página **509**
	Eco Lógico – página **510**
	Desenhos Postais – página **511**
	Desenho Animado dos Pobres – página **512**
	Irmãzinha – página **513**
	Spirit na Lua – página **514**
199 (jul/set/2026)	PSIU 23! – página **515**
	Pitaquinho – página **516**
	Sobrecapa do QI 199 – página **517**
200 (out/dez/2026)	Nova Fase do QI – página **518**
	PSIU 24! – pagina **519**
	Rubens Lucchetti & Nico Rosso – página **519**
	Sobrecapa do QI 200 – página **520**
	Textos Publicados no QI – página **521**

CARO LEITOR

As Histórias em Quadrinhos têm hoje um reconhecimento de seu valor como arte, literatura, meio de comunicação, produção cultural. Somente alguém muito mal informado ou portador de algum preconceito patológico poderia negar que algumas das obras primas das Artes e Letras desse século vinte foram produzidas sob a forma de Histórias em Quadrinhos. No Brasil, o leitor já teve e tem acesso a muitos dos quadrinhos de qualidade produzidos no mundo, principalmente os oriundos dos EUA, mas há um número extremamente grande de obras europeias, asiáticas, sul americanas ou mesmo norte americanas de excelente qualidade que permanece desconhecido. No entanto, não está ai o prejuízo maior que o leitor brasileiro está sofrendo. A grande lacuna para o leitor no Brasil está justamente no quadrinho brasileiro. É muito pequeno, em alguns casos insignificante, o número de edições produzidas no Brasil colocadas ao alcance do leitor. E não é por falta de capacidade do artista nacional. Pelo contrário, é incrível o grande número de quadrinhistas talentosíssimos existentes nesse país. Alguns desses o leitor conhece pois conseguem aparecer, ainda que esporadicamente, em edições em banca. Mas há um número ainda maior de quadrinhistas do mais alto nível que são conhecidos apenas de quem acompanha os fanzines e revistas de quadrinhos independentes. Há quase trinta anos que, no Brasil, se publicam edições independentes contendo quadrinhos dos mais diversos tipos, além de informações sobre HQs. São edições de circulação restrita que até o momento têm atingido apenas um pequeno número de aficcionados que se dispõem a contatar os editores dessas publicações através do correio. No entanto, a qualidade de muitos desses trabalhos é mais que suficiente para interessar aos leitores que até agora têm procurado quadrinhos apenas nas bancas e livrarias.

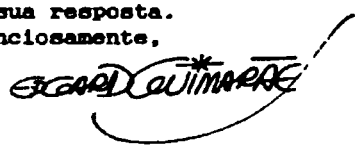
O objetivo desse Informativo é chegar às mãos de todas as pessoas que tenham algum interesse por quadrinhos, para que tomem conhecimento de uma enorme variedade de publicações sobre e de quadrinhos. Nesse Informativo estarão sendo divulgadas edições independentes de todos os tipos, com HQs nos mais diversos estilos e temáticas, desde humor, infantil, erótica, de super heróis, ficção científica, até trabalhos de vanguarda ou de nostalgia. Há quadrinhos e informações para todos os gostos nessas edições independentes publicadas nos mais diversos lugares do Brasil. Cada leitor certamente encontrará, no meio dessa variada gama de publicações, algo que lhe interesse.

Portanto, o leitor que estiver interessado por essas edições, e quer ser informado de seus lançamentos, envie, sem demora, seu nome e endereço para mim, no endereço impresso nesse Informativo, e receberá gratuitamente os próximos números. O envio do nome e endereço não implicará em nenhum tipo de compromisso. Não haverá, por parte do leitor, nenhuma obrigação de adquirir quaisquer das edições anunciadas. O Informativo continuará a ser enviado gratuitamente a todos cujos nomes e endereços eu tiver em mãos.

Tenho certeza de que o fã de quadrinhos ficará maravilhado com a quantidade e qualidade das edições que verá desfilarem nas páginas desse Informativo.

Aguardo sua resposta.

Atenciosamente,



QI 1 (mar/abr/1993)

CATÁLOGO NACIONAL DE FANZINES E REVISTAS ALTERNATIVAS

A Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC) começou a organizar em meados do ano passado o Catálogo Nacional de Fanzines e Revistas Alternativas, com o objetivo de divulgar todo tipo de publicação relacionada a quadrinhos no Brasil. Esse Catálogo sairia, provavelmente, na forma de encarte nos Boletins Informativos da AQC. Como o objetivo do Catálogo e o desse Informativo são os mesmos, resolvemos trabalhar em conjunto. Assim, a partir desse primeiro número, esse Informativo passa a trazer todas as informações que sairiam no Catálogo. Portanto, todos os editores de fanzines e revistas de quadrinhos que quiserem participar desse Catálogo podem enviar suas edições diretamente a mim, que estou encarregado da edição do Informativo. Todas as edições que já foram enviadas à AQC, para participar do Catálogo, já estão incluídas nesse primeiro número do Informativo. E todas as informações que a AQC tiver referentes a fanzines e revistas alternativas serão passadas a mim para publicação nesse Informativo. Outros tipos de informação do interesse da AQC e de seus associados continuarão a ser publicados no próprio Boletim da Associação.

No final dessa edição há dados mais completos sobre a AQC, seus objetivos, suas realizações, como fazer para se associar, etc.

Completando o que foi escrito acima, esse Informativo está aberto à divulgação de todos os fanzines e revistas alternativas relacionados a quadrinhos. Para facilitar, pedimos aos editores que desejarem ser divulgados aqui, que mandem as informações sobre suas publicações da seguinte forma:

. Nome da Publicação.
. Texto especificando os temas do fanzine (se contém HQs, cartuns, textos sobre HQs, textos de cultura geral, etc.) e detalhes do conteúdo do último número.
. número de páginas e formato.
. periodicidade, mês e ano do último número.
. tiragem e meio de reprodução.
. nome e endereço do editor.
. outras informações.
. preço.

Se possível, envie um exemplar do último número. Esse exemplar passará a fazer parte do acervo da AQC.

O presente Informativo é bimestral e trará informações das edições que forem enviadas até quinze dias antes da publicação do Informativo. Assim, para constar dos próximos números, as edições deverão estar comigo até os dias 15 de abril, 15 de junho, e assim por diante.

Não deixem de divulgar suas edições através desse Informativo, nosso objetivo é justamente colocar em contato leitores e editores de quadrinhos.

QI 1 (mar/abr/1993)

PROJETOS INDEPENDENTES

Paralelamente à publicação desse Informativo, outros projetos envolvendo impressão, publicação, co-edição e distribuição de edições independentes de quadrinhos estão sendo desenvolvidos. A seguir, darei alguns detalhes do que está sendo feito e o que está em planejamento.

O primeiro serviço que estou colocando à disposição dos editores é o de imprimir seus fanzines. Muitas vezes o editor paga caro e ainda obtém uma qualidade de cópia baixa. Assim, eu me coloco à disposição para imprimir seu fanzine a um preço relativamente baixo e com uma qualidade de cópia muito boa. Este serviço já está sendo utilizado por Itamar Pessoa em seu "Viagem sem Volta", por José Magnago em seus fanzines "Castelo de Recordações" e "Especial Jayme Cortez", e por Jair Cardoso em "Portão".

O segundo serviço está sendo implementado, em fase experimental, com as edições de Valdir Dâmaso. As diversas coleções feitas por Valdir - "Álbum Juvenil", coleções "Velha Guarda", "Bala de Prata", "Dama de Ouro", etc. - estão, a partir de agora, sendo impressas, anunciadas e distribuídas por mim. Também as edições anteriores, cerca de 60 álbuns, poderão ser adquiridas por meu intermédio. Logo, este serviço estará sendo estendido aos demais editores. O próximo número de "Zonna!", de Márcio Sennes, e de "Múltiplo" e "Fanzine Ilustrado", de André Carim, estão programados para saírem neste esquema.

Uma opção possível é a de eu fazer apenas a comercialização da edição. Assim, estarei fazendo a divulgação e venda do fanzine "Ercio Rocha", de Giorgio Cappelli, a partir do número três. A edição e impressão continuam a cargo do Giorgio, serão minha responsabilidade anunciar, receber o pagamento e fazer a edição chegar ao leitor.

Outro serviço será o de co-edição de revistas, livros, álbuns e mini séries de quadrinhos. O primeiro lançamento nesse esquema está sendo feito agora. Trata-se da HQ "A Guerra dos Golfinhos", de Flávio Calazans, que está saindo na forma de mini série em quatro edições. O primeiro número é referente a março e a série é mensal. Se o leitor quiser adquirir os quatro números de uma vez, encadernados num só volume, isso é possível. Essa HQ começou a ser publicada em partes na revista "Porrada! Special" e ficou inacabada devido ao cancelamento da revista. Agora, quem começou a seguir esta HQ e quem nunca ouviu falar dela têm ambos a oportunidade de conhecê-la completa, pois trata-se, sem dúvida, de um belo e criativo trabalho. O segundo lançamento também está sendo feito agora. É o volume único intitulado "O Batedor", de autoria de Cesar Ricardo Tonaz da Silva. Cesar, editor do fanzine "Hiperespaço", trabalha principalmente com ficção científica, e em quinze páginas conseguiu fazer uma HQ original. Outras HQs e séries estão em fase de produção. Márcio Sennes e Laudo, de São Paulo, Marat e Danton, do Pará, Luga, do Rio, Elenilton, da Bahia, Adrovando, do Rio Grande do Norte, são alguns dos que já estão preparando seus trabalhos para futura publicação.

Está em fase de organização a confecção de um cadastro de leitores de quadrinhos no Brasil. A intenção é fazer uma lista com o maior número possível de nomes e endereços de pessoas interessadas em quadrinhos. Este serviço será informatizado, de modo a tornar fáceis tarefas como emitir circulares, endereçar cartas ou encomendas, etc. Peço a ajuda de todos que conheçam nomes e endereços de pessoas que provavelmente irão se interessar por edições independentes de quadrinhos, que me enviem essas informações, principalmente os editores de fanzines, que já possuem uma lista de leitores. Não farei uso exclusivo desse cadastro, estará sempre à disposição de quem deseje utilizá-lo.

Diretamente relacionado com todos esses serviços acima mencionados está o lançamento desse Informativo. Como já explicado, esse Informativo tem a dupla função de conter o Catálogo Nacional de Fanzines e Revistas Alternativas, uma iniciativa da AQC, e ser veículo de divulgação dos projetos acima detalhados, também todos relacionados aos Quadrinhos Independentes.

Aqueles que quiserem maiores esclarecimentos, entrem em contato.

IQI ABRE SUAS PÁGINAS

O "Informativo de Quadrinhos Independentes" é uma publicação sem fins lucrativos destinada a divulgar todo tipo de edição independente com destaque para as relacionadas a HQs. Praticamente todo o custo de produção, impressão, distribuição, é bancado por mim e por Worney A. Souza. O "IQI" tem um preço simbólico (2 selos de 2° porte) cujos objetivos são ajudar nos gastos com a postagem e manter o leitor em contato de modo a sabermos quem continua interessado pelo Informativo. O "IQI" traz também um anúncio que ajuda a cobrir uma parte dos custos de impressão, mas, repito, Worney e eu arcamos com a maior parte dos gastos, mantendo uma das principais características dos fanzines, que é o idealismo, a despreocupação com retorno financeiro. É claro que isto tem um preço. Embora tenha sido possível até o momento manter este esquema, fica difícil trazer melhorias ao "IQI", como aumentar o número de páginas, pois isto implica em nos sobrecarregar financeiramente.

No entanto, o leitor que quiser participar do "IQI" e estiver disposto a arcar com o custo de impressão de sua colaboração, poderá fazê-lo a partir de agora. Worney e eu estamos viabilizando essa participação da seguinte forma: - basta o leitor enviar sua colaboração (HQ, cartum, artigo, ensaio, etc.), no tamanho meio ofício (espaço útil de 145x200 mm), já pronta (no caso de texto, a página já deve vir datilografada e montada) com o pagamento correspondente. O custo de impressão de cada página é R$ 15,00. Esse esquema assemelha-se à forma cooperativa muitas vezes usada por grupos de editores para publicarem seus fanzines, só que adotamos uma forma mais simplificada e eficiente. Cabe ao participante apenas produzir seu trabalho e pagar o custo de impressão dele. É como se o colaborador estivesse bancando um mini fanzine incluso no "IQI", a ser enviado automaticamente aos mais de 600 leitores do Informativo. Ainda mantendo o espírito dos fanzines, o colaborador terá total liberdade de expressão para produzir seu material, e será o responsável por sua produção. Assim, só serão publicadas colaborações assinadas pelo autor com a divulgação de seu endereço, para que o leitor interessado possa entrar diretamente em contato, facilitando o intercâmbio.

Sem mais, aguardamos para ver a receptividade desta iniciativa.

EDGARD GUIMARÃES

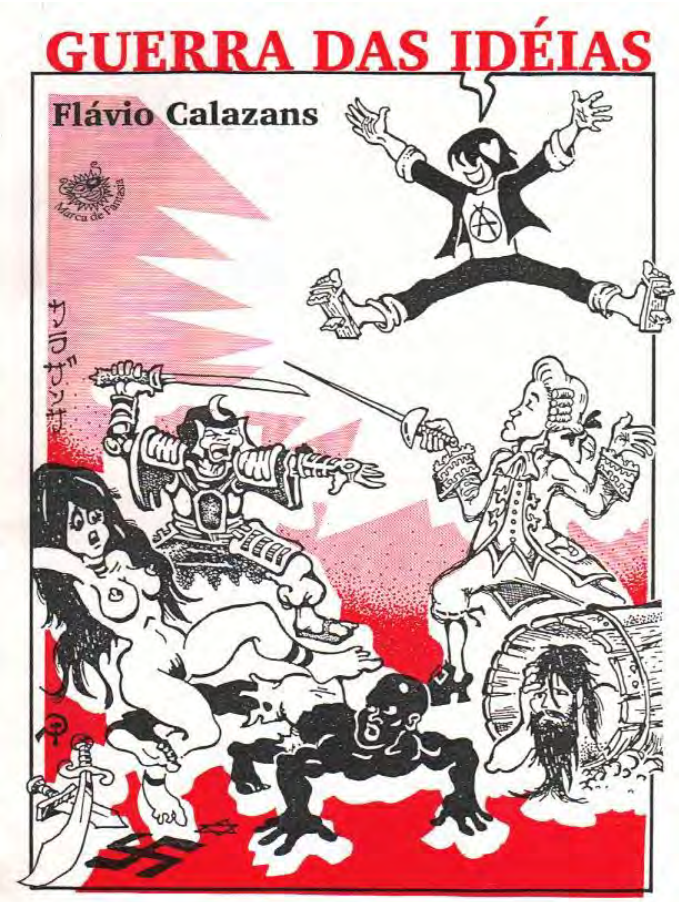
QI 21 (jul/ago/1996)

GUERRA DAS IDEIAS

GUERRA DAS IDEIAS

Henrique Magalhães acaba de lançar a 3ª edição de **Guerra das Idéias**, de Flávio Calazans. Este trabalho de Calazans é composto de diversas HQs de duas páginas, que foram publicadas em diversos fanzines e reunidas pela primeira vez em 1987 numa edição feita por Worney A. Souza no formato meio ofício. Depois o próprio Calazans produziu uma 2ª edição no formato 1/4 de ofício, em 1992. Por ocasião desta 2ª edição escrevi um texto sobre este trabalho de Calazans e que foi publicado no fanzine **Múltiplo**, de André Carim. Agora, com o lançamento da 3ª edição republico este texto de **Múltiplo**, devidamente atualizado, precedido de uma apresentação de Henrique Magalhães.

EDGARD GUIMARÃES



Guerra das Idéias é um verdadeiro tratado sobre a história da humanidade e suas lutas, seus choques, suas contradições, sua mesquinhez e tirania; um épico repleto de pequenos detalhes, minúcias de arquitetura, ambientação, vestuário, fauna e flora, com o rigor que a aproxima da realidade histórica, ainda que subvertida pela interpretação sarcástica do autor.

Flávio Calazans nos apresenta o melhor dos quadrinhos de autor realizado em nosso país. Uma visão extremamente pessoal mas ricamente fundamentada.

HENRIQUE MAGALHÃES

Quando ainda não conhecia Calazans e seu trabalho, eu já reparava em algumas HQs de duas páginas que eu via saindo em diversos fanzines. Eram HQs sempre criativas, originais, enfocando o confronto de ideias e pensamentos. Fui perceber que havia uma ligação mais forte entre elas quando foram reunidas em um volume intitulado **Guerra das Idéias**, publicado por Worney, o editor de **Quadrix**. Essa edição trouxe 27 HQs que tinham em comum o fato de terem duas páginas e trazerem o diálogo entre basicamente duas pessoas, uma representando o pensamento autoritário, a defesa da autoridade, e outra representando o pensamento libertário, a defesa da liberdade. Já na primeira HQ, Calazans mostra um homem pré-histórico impondo sua vontade aos outros, pela força, sendo esta atitude o embrião do Governo, a primeira manifestação de um ser querendo governar a vida de outros. Daí em diante, Calazans vai nos mostrando, em diferentes épocas, lugares e povos, numa sequência cronológica, a evolução de leis e regras que vão sendo criadas com objetivo de impor padrões de comportamento às pessoas, homogeneizar suas atitudes, prever suas ações, impedir o aparecimento da espontaneidade, do ato inesperado, do exercício da liberdade. Assim, Calazans põe frente a frente o poder de Roma e os ensinamentos de Cristo; a vida livre do índio brasileiro e a organização dos incas; a rigidez de regras do samurai e a ausência de patrões do ninja; o império britânico e a desobediência civil de Gandhi; chegando até a um possível futuro onde robôs teriam livre arbítrio. Todas essas 27 HQs são ótimas, independentemente, e formam um conjunto original e de grande qualidade artístico-literária.

Esta obra merece alguns comentários mais detalhados.

O primeiro diz respeito ao conteúdo. Um trabalho como este não poderia ser realizado por qualquer um pois exigiu do criador uma bagagem cultural não encontrável facilmente por aí. Calazans aproveitou bem os dois semestres de filosofia que fez na Faculdade de Comunicação, complementando-os por conta própria, o que explica a facilidade com que ele passeia pelas ideias de Nietzsche, Hegel, Lao Tsé, Proudhon e até mesmo Asimov ou Von Newmann. E, importante, ele trata o pensamento destes filósofos de maneira clara e compreensível, não é necessário conhecimento prévio de filosofia para entender e apreciar as HQs de Calazans. Ao contrário, a leitura de **Guerra das Idéias** pode levar o leitor a se interessar pelas obras dos filósofos mencionados.

Uma questão relevante. Não há consenso em Filosofia, ou seja, há diversas correntes filosóficas conflitantes entre si, todas buscando, na força de seus argumentos (e na capacidade de seus integrantes), a primazia na descoberta da "verdade" (até onde isso seja possível). Calazans, no entanto, em **Guerra da Idéias**, toma abertamente partido da ideias libertárias e suas 27 HQs são uma defesa apaixonada e, ao mesmo tempo, bem fundamentada dessas ideias.

Em relação à forma, **Guerra das Idéias** é um exemplo a ser seguido. Calazans conseguiu algo raro nos fanzines: produzir uma edição homogênea, uma HQ de grande número de páginas (54 ao todo), com uma coerência intrínseca, e, ao mesmo tempo, fazê-la modular, composta de 27 partes independentes. Os fanzines, de modo geral, são uma coleção de colaborações diversas sem relação entre si, sem uma linha definida, de HQs curtas e pouco desenvolvidas, o que dificulta cativar os leitores. O trabalho de Calazans, pela sua unidade, paradoxalmente, pois é uma apologia à liberdade, prende o leitor com a segurança de sua narrativa e de seus argumentos.

Uma curiosidade: sabe-se que os dois hemisférios do cérebro humanos têm funções distintas, o esquerdo é responsável pela racionalização do ser humano, pela sua capacidade de estruturar as coisas, pela tendência de regulamentação, enquanto o direito está associado à criatividade, à capacidade artística. Em suas HQs, Calazans usa dois tipos de balões, quadrados para os personagens autoritários, em que predomina o hemisfério esquerdo; e balões arredondados para os personagens libertários, os usuários do hemisfério direito.

Na 2ª edição, como foi toda bancada pelo autor, Calazans optou por publicá-la no formato 1/4 de ofício, para não ter um custo gráfico muito elevado. Isto não prejudicou sensivelmente o trabalho, mas Henrique Magalhães sempre achou que **Guerra das Idéias** merecia uma edição em formato maior, onde as HQs pudessem ser melhor apreciadas. E é o que Henrique faz, agora, nesta 3ª edição, publica-a na forma de álbum, um pouco maior do que o chamado formato americano.

Atente-se ainda para o fato de ser muito raro uma edição independente ter mais de uma edição. E **Guerra das Idéias** chega a sua 3ª edição. É, sem dúvida, uma obra indispensável ao leitor interessado em boas HQs.

EDGARD GUIMARÃES

GUERRA DAS IDÉIAS

Flávio Calazans
Março de 97, 64 páginas, formato 190x260mm
R$ 7,00 (porte incluído) em cheque nominal ou vale postal.
Pedidos a:
Henrique Magalhães
R. Silvio Alverga, 210/401-A
58037-330 - João Pessoa - PB.

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BRASIL TEORIA E PRÁTICA

Este livro, "As Histórias em Quadrinhos no Brasil - Teoria e Prática", organizado por Flávio Calazans, é um dos resultados concretos do esforço que Calazans tem feito nos últimos anos para valorizar os Quadrinhos Brasileiros.

Em 1995, Calazans conseguiu pela primeira vez que fosse aceita, dentro do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, a criação de um Grupo de Trabalhos dedicado ao estudo dos Quadrinhos. Calazans coordenou o Grupo onde diversos trabalhos de pesquisa foram apresentados por ocasião da 18ª edição do Congresso, sendo alvo de grande interesse por parcela significativa dos participantes. Em 1996, o Grupo de Trabalho Humor e Quadrinhos foi mantido na 19ª edição do Congresso, com a apresentação de novo conjunto de trabalhos de pesquisa. Em 1997, já com o Grupo de Trabalho agendado para participar da 20ª edição do Congresso, Calazans recebe da diretoria da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação - o órgão que promove o Congresso, o convite para participar da "Coleção GTs da Intercom" com um livro sobre quadrinhos.

Aceito o convite, Calazans organizou e bancou a edição do livro "As Histórias em Quadrinhos no Brasil - Teoria e Prática", que saiu a tempo de ser lançado no XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, ocorrido em Santos, de 3 a 7 de setembro de 1997.

Este livro reúne diversos artigos sobre quadrinhos e humor, especificamente sobre trabalhos brasileiros, produzidos e apresentados no Congresso.

A primeira parte, denominada "Memória", traz texto de Antonio Luiz Cagnin sobre as origens dos quadrinhos desmistificando o pioneirismo de Yellow Kid. Key Imaguire Júnior faz um balanço dos Quinze Anos da Gibiteca de Curitiba. Júlio Shimamoto e Flávio Colin prestam valiosos depoimentos sobre suas carreiras e suas visões do Quadrinho Brasileiro.

A segunda parte, denominada "Produção Alternativa, começa com um estudo de Edgar Franco sobre o Panorama dos Quadrinhos Subterrâneos no Brasil, fazendo uma classificação dos tipos de HQs produzidas pelos artistas independentes. Edgard Guimarães discute as questões de Produção, Divulgação e Distribuição de Edições Independentes, avaliando a participação do "IQI" neste processo. Gazy Andraus analisa "Tyli Tyli", a revista de quadrinhos filosóficos editada por Henrique Magalhães.

A terceira parte, denominada "Ciência e Tecnologia", traz primeiramente o texto de Ivan Carlo de Oliveira (Gian Danton) sobre a Ciência e a Razão nas HQs, analisando a primeira HQ de Flash Gordon feita por Dan Barry, e a maxissérie Watchman de Alan Moore e Dave Gibbons. Maria Cláudia Nogueira (Cráu) relata sua experiência em realizar uma cartilha quadrinizada para ensinar os pescadores da região de Ilha Bela a cultivar mexilhões. Márcia Okida analisa as semelhanças entre as obras do Expressionismo e as Charges e Caricaturas atuais. Flávio Calazans faz uma abordagem Midiológica das Histórias em Quadrinhos no Ciberespaço.

Como complemento, Calazans coloca no livro uma extensa relação de livros teóricos sobre Histórias em Quadrinhos com resenhas críticas.

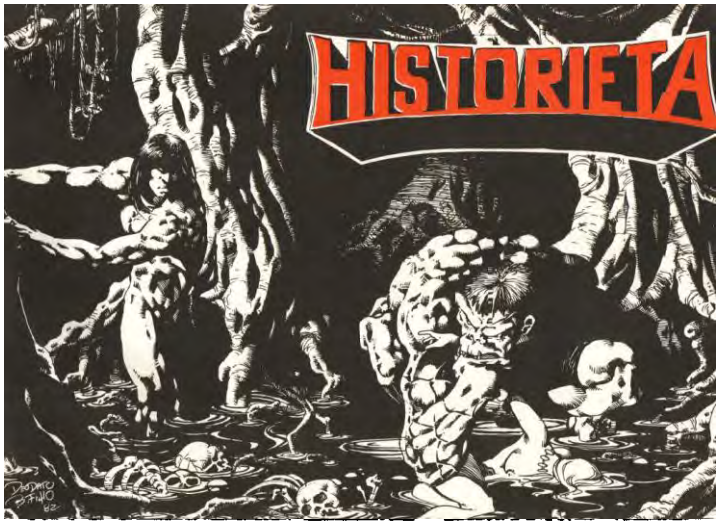
Num mercado onde dificilmente aparecem livros conceituais sobre Histórias em Quadrinhos, a iniciativa de Calazans é muito bem vinda e merece ser prestigiada.

Os interessados podem adquirir o livro pelo correio com o próprio Calazans.

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BRASIL - TEORIA E PRÁTICA
1997, 178 páginas, formato 140x210mm.
Flávio Mário de Alcântara Calazans (org.)
R. Clay Presgrave do Amaral, 13
Santos - SP - 11055-370
preço: R$ 15,00 (porte incluído).

QI 28 (set/out/1997)

O FIM DE HISTORIETA?

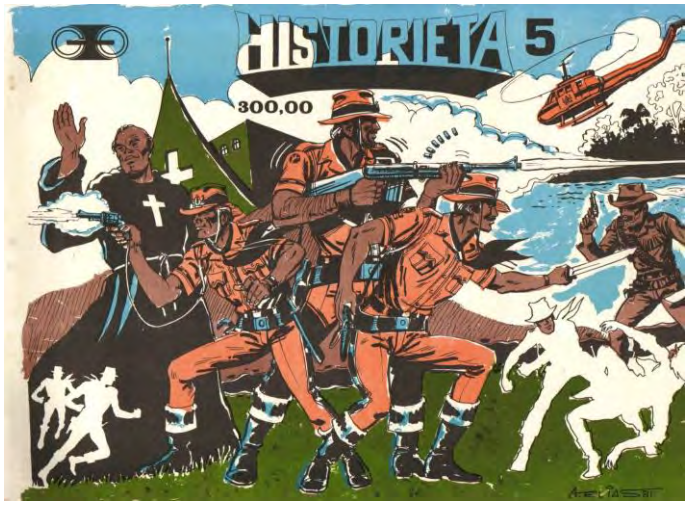


EDGARD GUIMARÃES

"Historieta" talvez seja o fanzine mais conceituado da história dos fanzines brasileiros. Teve uma primeira fase a partir da década de 70, quando tinha mesmo as características de fanzine. No início da década de 80, iniciou uma nova fase na qual Oscar Christiano Kern, seu editor, tentou fazer de "Historieta" uma revista comercial. Embora tivesse uma apresentação gráfica profissional e uma tiragem maior (cerca de 1500 exemplares), ainda mantinha muitas características de fanzine, como grande destaque para textos sobre quadrinhos, publicação de autores novos, seção de cartas e mercado, distribuição pelo correio, etc. Kern manteve esse padrão até o histórico nº 8. Devido a falta de infraestrutura para distribuição e divulgação, as vendas nessa fase atingiram um máximo de 500 exemplares, estabilizando em 300. Nessa fase, "Historieta" publicou HQs de diversos tipos de artistas. Mesmo não remunerando, contou com a colaboração de profissionais de nome na época como Canini, Watson Portela e Mozart Couto, e outros profissionais não tão conhecidos como Ailton Elias, Cocolete, Liesenfeld e Paulo Carvalho. Também publicou nomes conhecidos entre os autores independentes como Emir Ribeiro e Henrique Magalhães, e revelou novos talentos. Foi em "Historieta" que Deodato Filho publicou algumas de suas primeiras HQs com roteiro de seu pai Deodato Borges. Também nessa fase começou o resgate de nomes da HQB como Joselito e Tiago Barbosa.

Abrindo um parênteses, em meados da década de 80, a Editora Press, de São Paulo, lançou um número especial de "Historieta" com distribuição nacional para bancas. Embora com características diferentes das originais, foi uma boa edição que, infelizmente, não teve continuidade. Fechando o parênteses.

A partir do nº 9 começa nova fase. Nesse ponto o número de leitores já estava reduzido a uma centena, daí a impressão passou a ser em xerografia (antes era em off-set). Começa aí também a republicação de diversas HQs de Carlos Arthur Thiré, sendo que o nº 12 é todo dedicado a sua obra 'Três Legionários de Sorte'. Outros nomes como Wally Vianna, Paulo Yokota, Giorgio Cappelli vieram se juntar ao time de "Historieta". Também nessa fase "Historieta" passa a republicar clássicos da HQ norte-americana, como as primeiras aventuras de Brucutu e Red Barry.



Em todos os números de "Historieta" esteve presente a seção 'Páginas de Ouro das HQs' a cargo de Jorge Barwinkel com muita informação sobre quadrinhos e revistas antigas, entre muitos outros textos, notícias, entrevistas, etc.

A última edição até o momento, a de nº 15, é outra edição histórica, com 116 páginas repletas de quadrinhos e informações. Traz Thiré com 'Raffles', Ailton Elias, Cocolete, Paulo Yokota, Henrique Magalhães e Calazans, além do próprio Kern.

No entanto, as vendas deste número 15 foram de pouco mais de três dezenas de exemplares. Este número baixo de leitores coloca Kern num impasse, pois sem recuperar o capital investido fica difícil dar continuidade a "Historieta". Assim, o nº 16 corre o risco de não sair.

O propósito deste texto é alertar o leitor que não conhece "Historieta" e não sabe que está perdendo um dos melhores fanzines já publicados no Brasil. Felizmente para este leitor, Kern possui todos os números de "Historieta" desde o nº 1. A aquisição destes exemplares permitirá a Kern conseguir o capital necessário para a produção do nº 16, e evitar que "Historieta" conheça seu fim.

Não percam esta oportunidade.

Lista de preços de "Historieta":

nº 1 a 8	Promoção!	R$ 10,00 a coleção de 8 números!
nº 9	44 páginas	R$ 7,00.
nº 10	104 páginas	R$ 15,00.
nº 11	54 páginas	R$ 8,00.
nº 12	68 páginas	R$ 9,00.
nº 13	58 páginas	R$ 8,00.
nº 14	104 páginas	R$ 15,00.
nº 15	116 páginas	R$ 15,00.

Pedidos para: **Oscar Christiano Kern.**
R. Santiago, 180
91030-070 - Porto Alegre - RS.

QI 29 (nov/dez/1997)

I PRÊMIO UNIVERSO COMIX

A loja especializada em quadrinhos **Comix Book Shop**, através de sua revista **Comix Magazine**, está realizando uma votação nacional para escolher os Melhores de 1998 na área de Quadrinhos. São 29 categorias (Roteirista, Desenhista, Tira, Álbum, Minissérie, Revista Infantil, Cartunista, Personagem, etc.) que serão premiadas de acordo com a votação dos leitores.

O Regulamento e a Cédula de Votação saíram publicados na revista **Comix Magazine** nº 3 e em outras revistas de circulação nacional. Nesta cédula não foi incluída a Categoria 'Melhor Fanzine'. No entanto, o **I PRÊMIO UNIVERSO COMIX** irá premiar também o Melhor Fanzine, esta votação será feita através do **Informativo de Quadrinhos Independentes**.

O leitor do **IQI** poderá votar no Melhor Fanzine publicado durante o ano de 1998 através da Cédula abaixo. Na Cédula deverão ser marcados os dois melhores fanzines na opinião do leitor. Esta Cédula deverá ser enviada ao endereço do **IQI** até o dia 20 de janeiro de 1999 (data da postagem).

A entrega do Prêmio na Categoria 'Melhor Fanzine' será feita juntamente com as outras 29 categorias em local e data a serem divulgados pelos organizadores do **I PRÊMIO UNIVERSO COMIX** na revista **Comix Magazine** nº 5.

NOTA: O IQI não está concorrendo nesta Categoria.

NÃO DEIXEM DE PARTICIPAR!

I PRÊMIO UNIVERSO COMIX
CATEGORIA 'MELHOR FANZINE'

1º _____

2º _____

VOTE E ENVIE A CÉDULA ATÉ 20/01/99 PARA:
Edgard Guimarães - Rua Capitão Gomes, 168 - 37530-000 - Brasópolis - MG.

CARO LEITOR

A partir do próximo número o "Informativo de Quadrinhos Independentes" trará algumas modificações. A primeira é que o nome passará a ser só "Quadrinhos Independentes" continuando o destaque para as letras "QI".

Outra modificação é que passará a ter capa, para tornar a edição mais parecida com um fanzine normal. Muito provavelmente a capa terá uma cor a mais e será em papel mais grosso.

Também o número de páginas passará a ser maior, em média 24 páginas por edição. O espaço para HQs aumentará pois passarei a incluir algumas séries de histórias de 8 páginas escritas por mim. No próximo número sairá o primeiro episódio da série 'Calvo', ilustrada por Luigi Rocco.

O preço aumentará:

PARA RECEBER O PRÓXIMO NÚMERO, ACUSE O RECEBIMENTO DESTE, ENVIANDO 5 SELOS DE 1º PORTE NÃO COMERCIAL (R$ 0,22) OU UMA NOTA DE R$ 1,00 CAMUFLADA.

O formato continuará o mesmo, meio ofício, para não encarecer a edição. Uma rápida consulta em orçamentos para formatos maiores como o americano ou o magazine mostrou sua inviabilidade.

A divulgação maciça de fanzines e edições independentes continuará nos mesmos moldes. A divulgação básica em que cada página contém cerca de 8 edições divulgadas continuará gratuita. Mas será aberta a possibilidade para o editor que quiser uma divulgação um pouco maior, no tamanho correspondente a 1/4 da página meio ofício. Neste caso a divulgação custará **R$ 8,00**. Este espaço de 1/4 de página poderá conter qualquer outro tipo de anúncio. Também há a possibilidade de um anúncio (ou divulgação de fanzine) de 1/2 página meio ofício, este custará **R$ 15,00**. O anúncio de página inteira continua custando **R$ 30,00**. Em qualquer um dos três casos, o anúncio (ou a divulgação) deve ser enviado pronto. No caso da divulgação de fanzine no espaço de 1/4 da página (ou em meia página ou página inteira), o próprio editor escreve o texto de divulgação e coloca a redução da capa, enviando o anúncio pronto.

O "QI" continuará aberto à participação do leitor que estiver disposto a arcar com o custo de impressão de sua colaboração. Esta é uma maneira de permitir que outros autores possam se expressar em suas páginas. Para participar, basta enviar a colaboração (HQ, cartum, artigo, etc.) no tamanho da página meio ofício (espaço útil de 145x200mm), já pronta (no caso de texto, a página deve vir datilografada e montada). No caso da colaboração, o preço da página meio ofício é **R$ 15,00**.

A coluna do Worney, com textos sobre a HQ nacional continuará, e terá algumas novidades. Neste número do "IQI" já há uma proposta de debate que, dependendo da resposta dos leitores, começará a ser publicado já no próximo número.

Agora é esperar para ver se as modificações serão do agrado dos leitores.

QI 40 (set/out/1999).

PINÇANDO

PINÇANDO

Esta eu li no texto de apresentação ao livro "Tempo e Contratempo Revisita Vão Gôgo", de Millôr Fernandes, publicado por Beca Produções Culturais, em 1998. Referindo-se a Millôr, o autor da apresentação coloca a seguinte nota:

"Os artistas que dominam as imagens são chamados de artistas plásticos. Os que dominam as palavras são chamados escritores. Porém, os que dominam com igual competência tanto as imagens quanto as palavras são tão raros que não têm denominação."

E eu pergunto: e o *quadrinhista*, o que é?

PINÇANDO

O caderno de Empregos da "Folha de S. Paulo" de 23 de julho de 2000 trouxe uma matéria sobre a profissão de cartunista e desenhista de quadrinhos, com depoimentos de diversos profissionais da área, perspectivas do mercado, dicas para os iniciantes, faixas salariais, etc. No final da matéria trouxe um glossário com as seguintes pérolas:

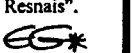
Fanzine
Revista amadora, geralmente com pouca qualidade gráfica e artística.

Fanzineiro
Desenhista de fanzine. Ver "quadrinheiro".

Quadrinheiro
Desenhista amador, com pouco conhecimento. Ver "fanzineiro".

PINÇANDO

Desta vez foi o suplemento 'Segundo Caderno' do jornal "O Globo" de 27 de agosto de 2000 que trouxe a pérola. Numa matéria de capa intitulada 'Prazeres Culpados' são revelados os prazeres ocultos de vários intelectuais brasileiros, ou seja, o que alguns representantes da chamada 'alta cultura' gostam de ver ou ler quando não estão produzindo 'alta cultura'. O subtítulo dessa matéria é 'Quando o lixo cultural ganha status de 'cult''. Assim, o cineasta e dramaturgo Domingos de Oliveira gosta de "Titanic" e "Independence Day", o maestro John Neschling gosta de luta-livre, o pianista clássico Arnaldo Cohen gosta de Taiguara, e, entre outros, a coreógrafa Dalal Achcar gosta do Chico Bento. E para completar, textualmente: "Embora muita gente ainda considere os quadrinhos uma arte menor (ou nem isso), o gênero (sic) teve defensores ferrenhos em dois respeitados cineastas: Fellini e Alain Resnais".



PINÇANDO

O "Estado de S. Paulo" de 21 de outubro de 2000 trouxe matéria com o título 'Quadrinhos ganham lugar de destaque', onde diz que a Feira de Frankfurt, a maior feira de livros do mundo, este ano reservou um lugar especial para os quadrinhos serem negociados. Pelo visto os editores de livros, pelo menos na Alemanha, estão vendo o potencial comercial dos quadrinhos nas livrarias, enquanto no Brasil as revistas de quadrinhos cada vez mais somem das bancas.

PINÇANDO

Essa é no mínimo inusitada. A seção de lançamentos de livros do caderno 'Cultura' de "O Estado de S. Paulo", normalmente reduto da alta intelectualidade, no dia 18 de março divulgou uma edição italiana de "Tex" com texto de Nollita e desenho de Ticci, chamada *Nell Inferno Verde*. Não sei se é passada na Amazônica. O preço sem dúvida é um inferno, R$ 100,80. E aqui no Brasil, o "Tex Gigante" custando R$ 7,90.

Essa saiu no jornal "Correio Popular" de Campinas, em 10 de fevereiro de 2001: "O Prêmio Ângelo Agostini contempla os melhores quadrinhistas brasileiros do ano anterior. (...) e o Troféu Jayme Cortez foi em homenagem a Edgar (sic) Guimarães, desenhista português falecido há dez anos e um dos fundadores da AQC."

PINÇANDO EM CAUSA PRÓPRIA

Comentário feito por Roberto de Sousa Causo sobre ilustração publicada em seu fanzine "Borduna e Feitiçaria" nº 10 (que também foi capa dos "QI"s 47 e 48): "Quero especialmente comentar a ilustração abaixo, de Edgard Guimarães. É raro ver um desenho, no âmbito do fandom brasileiro, com essa originalidade de conceito e execução, e que ao mesmo tempo sugira um contexto tão complexo e misterioso – uma ilustração narrativa que é simultaneamente clara e sombria, e que sugere uma ilusão de ótica, um disfarce de luz e de forma, de detalhes dispostos com precisão matemática. Certamente, o clima que ele transmite cabe muito bem neste fanzine, dedicado à literatura da magia."

QIs 44 (mai/jun/2000), 45 (jul/ago/2000), 46 (set/out/2000), 47 (nov/dez/2000), 49 (mar/abr/2001) e 50 (mai/jun/2001).

EDGARD GUIMARÃES PROJETOS

No final de 1992, decidi implementar diversos serviços relacionados a fanzines, em parte como conseqüência do intenso debate sobre as possibilidades dos fanzines ocorrido alguns anos antes através, principalmente, de "PolítiQua" de José Carlos Ribeiro, "Nhô Quim" de Henrique Magalhães, e "Opinião" de Paulo Ricardo Montenegro.

O primeiro serviço que implementei foi o de ***Impressão***. Já no final de 1992 adquiri uma máquina copiadora para fazer a impressão de fanzines para editores que não tivessem acesso fácil a este recurso. O ponto central de meus projetos foi justamente oferecer aos editores o recurso de impressão, com boa qualidade gráfica e a preços compatíveis com o mercado. Ou seja, este serviço de impressão precisava ser economicamente viável para poder se sustentar sozinho e viabilizar os demais serviços.

Logo em janeiro de 1993 saiu o nº 0 do "Informativo de Quadrinhos Independentes" dedicado a divulgar toda edição independente de quadrinhos. Este era o serviço de ***Divulgação***, e o Informativo tem sido publicado bimestralmente até o momento, agora com o nome de "QI", e trazendo outras seções.

Simultaneamente foi oferecido o serviço de ***Distribuição***, alguns editores poderiam deixar seus fanzines comigo para que eu distribuísse, ou seja, divulgava no Informativo com o meu endereço, recebia os pedidos dos interessados, fazia a cópia, e enviava aos leitores.

Um pouco semelhante a este serviço, foi oferecido também o serviço de ***Edição***. Neste caso, mais voltado a álbuns e minisséries, o autor me enviava a HQ e eu montava a edição.

Por último, mas também simultaneamente, ofereci o serviço de ***Cadastramento***, ou seja, oferecer aos editores interessados uma base de dados com endereços de leitores de fanzines e quadrinhos brasileiros. Este Cadastro era a própria mala direta do Informativo.

Agora, oito anos depois da implementação desses projetos, é hora de uma reavaliação, verificar o que funcionou e o que não funcionou, e definir como será daqui para frente.

O serviço de ***Edição*** durou pouco tempo. Logo ficou claro que os demais serviços não me deixavam tempo para montar os álbuns e minisséries, então o serviço só estaria disponível se o autor enviasse as edições já montadas, ou seja, ficou igual ao serviço de ***Impressão***. Mesmo assim, diversos álbuns e minisséries foram lançados, como "A Guerra dos Golfinhos" de Flávio Calazans, "O Batedor" de Cesar Ricardo, "O Duelo" de Laudo, "O Predador" de Carlos Fernando, "O Mosteiro" de Jean Nay e Fabrício da Silva, "Homo Eternus" de Gazy Andraus, "Velta" de Emir Ribeiro, "Contos" de Daniel HDR, "Sinfonias da Essência" de Edgar Franco, "O Cobrador" de José Carlos Neves, etc.

O serviço de ***Impressão***, na sua forma original, ou seja, o editor me enviar o fanzine pelo correio para eu fazer somente as cópias e devolver também pelo correio, foi pouco usado. De modo geral, os editores preferiram ou fazer as cópias em suas próprias cidades ou deixar todo o serviço de distribuição comigo. Mesmo assim, editores como Henry Jaepelt, Carlos Fernando, Manoel Dama, Itamar Pessoa, entre outros, usaram este serviço. Adilson Costa conseguiu um patrocínio e encomendou 300 exemplares de seu fanzine "A Última Cliente". José Magnago, editor de "O Castelo de Recordações", tem usado esse serviço até hoje, de uma forma um pouco diferente. Ele encomenda as cópias e envia os endereços de seus leitores para que eu mande as edições prontas diretamente a eles. Só do Magnago, foram mais de 50 edições até o momento.

O serviço de ***Distribuição*** alcançou relativo sucesso. Diversos editores acharam conveniente deixar seu fanzine para que eu fizesse todo o trabalho de divulgar, atender pedidos, imprimir e enviar ao leitor. Até o momento, há em catálogo quase 500 edições. Só do Valdir Dâmaso, são cerca de 170 álbuns de HQs nostálgicas, cada um com cerca de 100 a 150 páginas. Além disso, merecem destaque os 21 números de "Fã-Zine" de Eduardo Cimó, que incluem duas edições/dicionários de 250 páginas cada, sobre personagens brasileiros de quadrinhos; e os fanzines de ficção científica de Roberto Causo, principalmente a coleção "Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira". Da parte do leitor, no entanto, a procura por essas edições sempre foi muito pequena.

O serviço de ***Cadastramento*** não atingiu a meta esperada. O objetivo de criar um banco de dados cada vez maior com nomes e endereços de leitores interessados em fanzines não foi alcançado. Infelizmente o número de leitores estagnou em cerca de 600 desde o início. Se por um lado, novas pessoas procuram contato, por outro, um número equivalente deixa de dar notícias. Mesmo assim, o banco de dados que mantenho diversas vezes serviu a editores e organizadores de eventos relacionados a HQs e fanzines.

O serviço de ***Divulgação*** foi o que deu os melhores resultados. O "QI" tem saído bimestralmente desde janeiro de 1992, atualmente divulgando, a cada dois meses, cerca de 90 edições de quadrinhos e mais cerca de 50 edições de outros temas. A boa receptividade do "QI" pode ser verificada pelo fato de ter recebido o troféu Angelo Agostini na categoria 'Melhor Fanzine' por 5 vezes.

Levando em consideração tudo o que foi dito, e depois de refletir muito sobre o assunto, decidi manter os serviços de ***Impressão***, ***Edição***, ***Cadastramento*** e ***Distribuição*** somente até o final deste ano de 2001. A partir de janeiro de 2002 não estarão mais disponíveis. O serviço de ***Divulgação***, ou seja, a publicação do "QI", eu manterei enquanto for possível e houver boa resposta dos leitores.

Embora a receptividade aos serviços implementados, de modo geral, não tenha sido ruim, o fato principal é que a procura das edições oferecidas foi muito pequena, o que significa um volume de cópias muito baixo, insuficiente para tornar viável a manutenção de uma máquina copiadora. Essas máquinas, que sempre foram caras, atualmente estão mais caras. Os serviços de manutenção que nunca foram bons, agora estão piores. E as peças de reposição de qualidade cada vez pior. Assim, o objetivo de criar uma estrutura de impressão, edição e distribuição de fanzines que se sustentasse economicamente não foi alcançado. Desde o começo, mas principalmente desde o Plano Real, onde decidi manter o preço de cópia em R$ 0,10, e sem aumento até hoje, uma parte significativa desses serviços foi subsidiada por mim.

A partir de janeiro de 2002 continuarei apenas com o "QI", que também é quase totalmente subsidiado por mim, e que foi o aspecto de meus projetos que obteve melhores resultados. Aproveito para agradecer a todos que me apoiaram e incentivaram nesses quase 9 anos de atividades.

QI 49 (mar/abr/2001)

EDGARD GUIMARÃES EDIÇÕES

No final da década de 1970, algumas revistas da Editora Vecchi, como "Eureka" e "Spektro", começaram a divulgar fanzines, de modo que a partir de 1979 comecei a manter contato sistemático com diversos editores, e já a enviar algumas colaborações.

No meio do ano de 1982 lancei meu primeiro fanzine, o nº 1 de "PSIU", com 50 páginas em formato ofício, impresso em off-set com tiragem de 500 exemplares. Tinha uma fórmula semelhante a da revista "Eureka", que eu considerava o tipo ideal de revista, trazendo HQs de diversos gêneros e textos sobre quadrinhos. Este primeiro número trouxe somente trabalhos meus, tanto as HQs como as análises. Eu pretendia fazer "PSIU" semestral, mas o nº 2 só saiu três anos depois, no meio do ano de 1985. Tinha 60 páginas em formato ofício e também fiz uma tiragem de 500 exemplares. Trazia, além de trabalhos meus, colaborações de Reiners, Geraldo Lima, Félix, Emir Ribeiro e Mozart Couto. Novamente pretendi que fosse semestral. Mas em 1987 o nº 3 ainda não tinha saído.

Aí comentei com Flávio Calazans que eu tinha vontade de fazer uma edição especial somente com HQs sem palavras, o Flávio gostou da ideia e já enviou sua colaboração. Eu me vi, assim, impelido a organizar o especial, que saiu no meio do ano de 1988 com 72 páginas no formato ofício, capa com duas cores, e uma tiragem de 200 exemplares impressos em off-set. Trazia HQs de 26 colaboradores e não só os quadrinhos eram sem palavras, a edição toda não trazia uma única palavra, nem letra, nada que pudesse ser lido. E nem título. Esta edição ficou conhecida como "PSIU Mudo".

A boa receptividade do especial junto aos autores me levou a organizar nova edição. Assim, em 1989, era lançado o livro "Deus" com trabalhos de 57 colaboradores, todos tendo Deus como tema. O livro tinha 270 páginas no formato ofício, impresso em off-set com tiragem de 100 exemplares. Não tinha capa, era só o miolo do livro e mais duas folhas de guarda para que o leitor fizesse a encadernação com capa dura. Neste especial, para facilitar a aquisição, fiz a impressão e venda em fascículos de 50 páginas.

Tão logo "Deus" ficou pronto já comecei a organizar outro especial, dessa vez um projeto mais arrojado, tanto que levei dois anos imprimindo, todo mês mandava imprimir cerca de 3 folhas.

Mas enquanto recebia colaborações e imprimia este terceiro especial, o fato de "PSIU" ter empacado no nº 2 me incomodava, ainda mais que as capas duplas dos dois primeiros números formavam os dois primeiros quadros de uma HQ que terminaria na capa dupla do terceiro número. Decidi então encerrar o "PSIU" com a publicação do nº 3 com o material que eu tivesse. Assim, no meio do ano de 1990, cinco anos depois do nº 2, sai o "PSIU" nº 3 com 70 páginas no formato ofício, impresso em off-set, com tiragem de 100 exemplares, com trabalhos meus e de colaboradores.

Em 1991, sai o terceiro especial, chamado "Eco Lógico", um álbum no formato 440x330mm, com 49 HQs de tema ecológico, todas de 1 página, formato horizontal, impressas somente na frente em papel de maior gramatura, produzidas por 58 colaboradores. As 49 pranchas vinham acondicionadas numa pasta feita de papel cartão verde. Além disso, acompanhava um suplemento no formato meio ofício, com 32 páginas, com as biografias dos colaboradores. Teve impressão em off-set com tiragem de 100 exemplares.

Estes especiais tiveram boa acolhida entre os autores, o que se vê pelo número de colaboradores dos dois últimos, mas como tiveram um preço relativamente alto, apesar de vendidos pelo preço de custo, não interessaram a muitos leitores.

Em parte pela pouca procura pelos leitores – afinal não tem muito sentido fazer edições a que não tenham acesso – em 1992 parei de organizar os especiais. Durante o ano, além de amadurecer as idéias dos projetos que implementei já no final do ano e a partir de 1993, fiz cerca de 400 cartuns enviados a dezenas de fanzines. 100 desses cartuns foram reunidos no livro de bolso "Na Ponta da Língua", editado em 1992 no formato ¼ de ofício, com 112 páginas, impresso em off-set com tiragem de 200 exemplares.

Com a implementação dos serviços de ***Impressão***, ***Edição***, ***Cadastramento***, ***Distribuição*** e ***Divulgação***, a partir de 1993, a edição do "Informativo de Quadrinhos Independentes" passou a ser a prioridade. Mesmo assim, no início, co-editei diversos álbuns como "A Guerra dos Golfinhos" de Calazans e "O Duelo" de Laudo.

No final de 1993, mesmo com todo trabalho que meus projetos me davam, consegui lançar "O Escroteiro Entrevistado", no formato ¼ de ofício, com 108 páginas em xerografia, trazendo uma HQ roteirizada por mim e desenhada por Laudo.

No meio do ano de 1994, depois de três anos de contatos com o Rubens Lucchetti, em que ele me enviou praticamente todo o material, textos e HQs, lancei o livro "Rubens Lucchetti & Nico Rosso", 312 páginas no formato carta, impresso em xerografia, trazendo todas as HQs feitas por Lucchetti e Rosso para a Edrel, além de dezenas de textos, biografias, depoimentos, etc. Esta edição também foi oferecida na forma de 13 fascículos. Os primeiros 10 compradores receberam o livro encadernado com capa dura e uma sobrecapa em veludo preto.

Como ainda tinha comigo muita colaboração que eu havia recebido para o "PSIU", no meio do ano de 1995 resolvi lançar uma edição comemorativa, o "PSIU 13 Anos", com 130 páginas no formato ofício, em xerografia, com HQs de 18 colaboradores.

No meio do ano de 1996, reuni todos os textos sobre HQs e fanzines que eu havia escrito e publicado desde o começo da década de 1980 e lancei o livro "Desenquadro", com 180 páginas no formato carta, impresso em xerografia.

Finalmente, em janeiro de 2000 lancei "Fanzine", um estudo sobre publicações independentes, com 36 páginas no formato meio ofício, tiragem de 1000 exemplares, impresso em off-set.

Quase todas essas edições estão disponíveis, com exceção de "PSIU Mudo", que está esgotada. A primeira edição de "Deus" também está esgotada, mas em 1999 eu lancei nova edição impressa em xerografia.

Para quem tiver interesse, os preços são:

- "PSIU" nº 1 – R$ 5,00
- "PSIU" nº 2 – R$ 6,00
- "PSIU" nº 3 – R$ 7,00
- "Deus" – R$ 27,00
- "Eco Lógico" – R$ 50,00
- "Na Ponta da Língua" – R$ 5,00
- "O Escroteiro Entrevistado" – R$ 5,00
- "Rubens Lucchetti & Nico Rosso" – R$ 32,00 (só miolo)
- "PSIU 13 Anos" – R$ 13,00
- "Desenquadro" – R$ 18,00
- "Fanzine" – R$ 2,00.

QI 49 (mar/abr/2001)

COMENTÁRIOS ADICIONAIS E MAIS MUDANÇAS

Diversos leitores escreveram lamentando o cancelamento de meus serviços de Edição, Impressão, Distribuição e Cadastramento. Acho que cabem alguns comentários adicionais.

Quando implementei estes serviços no final de 1992 eu tinha consciência de que, em parte, iam contra o espírito dos fanzines, ou seja, o de publicações amadoras feitas e distribuídas pelos próprios autores/editores para um grupo relativamente pequeno de amigos. Mesmo assim, achei que trariam benefícios que compensariam suas desvantagens, principalmente para os editores que tivessem dificuldades em conseguir boas cópias ou que quisessem se livrar das partes menos criativas do processo (como montagem dos exemplares, grampeagem, postagem, etc). E, de fato, trouxeram. Na época, o Valdir Dâmaso estava pensando em parar de editar seus álbuns, por diversos motivos. A implementação de meus projetos permitiu que ele continuasse e produzisse mais de uma centena de novos álbuns. O José Magnago, que até então não havia se arriscado a editar, iniciou-se na atividade e hoje tem em seu currículo mais de 50 edições. Além disso, algumas belas obras dos quadrinhos nacionais que não encontravam editora interessada, como 'A Guerra dos Golfinhos' de Flávio Calazans, 'O Duelo' de Laudo, e a minissérie da Velta de Emir Ribeiro, puderam finalmente chegar aos leitores interessados. Não há dúvida de que esses serviços que mantive desde 1993 foram úteis a muitas pessoas, editores e leitores. Mas o cancelamento não é um fato a lamentar. Pelo contrário. A situação hoje é distinta da de 9 anos atrás. Hoje não é mais tão difícil encontrar casas copiadoras que têm boa qualidade de cópia e preços razoáveis. Mas o ponto principal é que os editores, em sua grande maioria, não precisam dos serviços que eu oferecia, ou seja, a grande maioria tem feito todo o trabalho de edição, impressão e distribuição por conta própria. Apenas alguns poucos editores estavam usando estes serviços. Na verdade, isso é muito bom, o meio alternativo se virou por si próprio e não ficou na dependência de uma única pessoa. E não está em declínio, como imaginaram alguns leitores na Seção de Cartas, mas continua em ebulição como mostra o número de fanzines divulgados neste "QI". É claro que me preocupei com os editores que ainda usavam os meus serviços de impressão e distribuição. Mas aí também a situação é animadora. O Valdir Dâmaso está a todo vapor produzindo em parceria com Oscar Kern, a bela coleção "Confraria dos Dinossauros". Roberto Causo continua por conta própria com sua Fábrica de Fanzines. O José Magnago tem um círculo de leitores bem estabelecido e certamente continuará editando por conta própria suas várias séries. Portanto, o cancelamento de meus serviços tem, talvez, um único ponto a ser lamentado. O de que não se conseguiu criar um mercado de edições independentes com um número significativo de leitores que permitisse a publicação de edições de maiores tiragens. E isso tem a ver com a própria tiragem do "QI" e com seus objetivos.

O serviço de Divulgação através do "QI" foi o único que decidi manter pois foi o que se mostrou mais útil. Pretendia mantê-lo no formato atual até o fim do ano, mas o atraso deste número me mostrou que mudanças devem ser feitas a partir do próximo número. A reformulação que fiz no "QI" a partir do nº 41, aumentando número de páginas, colocando capa, novas seções, melhorando a parte gráfica, e passando a cobrar o preço de R$ 1,00, foi uma tentativa de aumentar o número de leitores. Não funcionou. O número de leitores permanece entre 600 e 700, que é um número baixo quando se tenta a impressão em off-set, o que faz o custo unitário ser alto. Além disso, embora o preço do "QI" já seja subsidiado, o número de leitores que envia o R$ 1,00 não é grande. Assim, o "QI" tem dois grandes problemas. O custo de impressão e postagem e o tempo que levo para redigir todas as resenhas de divulgação com as capas reduzidas. O fato de eu não ter conseguido fazer este número no prazo, mais o recente aumento das tarifas postais me fizeram decidir fazer já nova mudança no "QI".

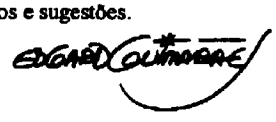
Manterei o espaço para divulgação de todos os fanzines que eu receber, pois este foi o objetivo primeiro do "IQI", quando lançado, mas não escreverei mais as resenhas com discriminação do conteúdo de cada edição, pois isso é extremamente trabalhoso e o responsável maior pelos atrasos, nem colocarei a redução das capas. Será uma divulgação bem simples, com título, nome do editor, endereço, data, assunto. Com isso, o número de páginas do "QI" diminuirá, o que resolve em parte o problema de seu alto custo. A seção 'Intercâmbio', que não decolou, ficará integrada à 'Seção de Cartas', onde também continuarão as discussões sobre os assuntos de interesse dos editores e leitores. A inclusão de colaboração paga sempre soou meio estranha a alguns ("Ainda por cima ter que pagar para publicar?"). Na verdade, trata-se do que chamo "sistema cooperativo informal". Em cooperativa, pessoas se juntam para realizar algo, cada uma entrando com uma parcela dos custos e do trabalho. No caso do "QI", o colaborador só entrava com o custo de sua página e todo o restante do trabalho era feito por mim. Esta iniciativa também não sensibilizou muita gente, e ultimamente este espaço estava sendo pouco utilizado, portanto, também está sendo extinto. Os anúncios continuarão sendo aceitos e os preços são:

1 página (140x184mm):	R$ 48,00
1/2 página (140x90mm):	R$ 24,00
1/2 página (68x184mm):	R$ 24,00
1/4 página (68x90mm):	R$ 12,00
1/8 página (68x43mm):	R$ 6,00

Este último tamanho de anúncio é um meio relativamente barato do editor publicar a capa e uma pequena resenha de sua edição num espaço equivalente ao usado no "QI" até esta edição.

Embora o número de páginas total do "QI" vá diminuir, o espaço para cartas/debates deve aumentar, como neste número.

Aguardo comentários e sugestões.



HISTÓRIAS QUE NÃO ESTAVAM NO GIBI

*O sítio de quadrinhos "UniversoHQ" publicou um depoimento de **Sonia Hirsch**, que foi editora da Rio Gráfica Editora, atual Editora Globo, na década de 1970. Republico o depoimento e faço alguns comentários a seguir.*

Nunca pensei em trabalhar com histórias em quadrinhos, até o dia em que Paulo Patarra, assumindo a direção geral da Rio Gráfica Editora (hoje Editora Globo), me chamou. Preciso de você, ele disse. Mas não entendo nada de quadrinhos, respondi. Pois vai começar a entender, atalhou ele. E foi assim que entrei numa grande aventura onde HQs eram os personagens principais. A sala transbordava de pranchetas, desenhistas, letristas, coloristas. Dali saíam Fantasma, Mandrake, Cavaleiro Negro, Recruta Zero, Riquinho, Bolota, Brotoeja e mais vinte e tantos títulos menos conhecidos. Algumas revistas eram inteiramente desenhadas pelo pessoal da casa - Cavaleiro Negro, por exemplo, que vendia pouco e acabou logo, depois de ter sido um grande sucesso (diziam). Outras, como Riquinho e similares, já vinham até com as provas de seleção de cores, era só traduzir e escrever nos balões. Mas a maioria era feita a partir de tirinhas diárias para publicação em jornal que ganhavam a chamada "completação", arte que, presumo eu, seja brasileira por excelência, já que seguia o princípio de "dar um jeito". Isto porque a história original era desenhada para durar 2 a 3 meses no jornal, portanto se desenrolava ao longo de, digamos, 70 tirinhas, 6 por semana, e a de segunda-feira resumia um pouco o que estava acontecendo. Essas repetições eram as primeiras a sumir. Aí o leiautista começava a recortar os desenhos para formar quadrinhos de acordo com o formato da revista. Na tirinha eles são menores, na revista tinham que crescer. Então, vamos supor que, no original, o Fantasma estivesse perto de uma janela; na revista, a tesoura o punha a um metro de distância, e tudo bem. Abria-se o quadrinho, completava-se com desenhos novos o cenário faltante, e pronto. Daí, às vezes, surgia um vaso, uma árvore, uma mesinha, um lustre, sempre tratando de acompanhar o estilo e o traço do autor. A arte-final em papel couché era um misto de colagens com desenhos em nanquim. No final entravam os balões. Fantasma, Mandrake, Recruta Zero seguiam esse esquema. O Recruta e as infantis também tinham histórias inteiramente escritas e desenhadas aqui, porque o material original era insuficiente para publicar 12 revistas por ano. Meu trabalho era distribuir tarefas, contratar traduções, comprar roteiros, aprovar capas e heliográficas. Gostava de conversar com Walmir, grande desenhista, ele próprio um herói de HQ com seus óculos escuros, cabelo grande, costeletas amplas e um fusquinha que não trocava por nada no mundo. Ah, e sandálias: não gostava de usar sapatos. Um dia me levou ao reino encantado da RGE: o arquivo. Ali me apresentou ao tesouro das histórias antigas, originais, publicadas pelo Gibi. Foi onde tivemos a idéia de fazer uma publicação semanal só com originais, o Gibi Semanal. Não me lembro de detalhes como tiragens. Sei que algumas revistas vendiam tão pouco que mal se pagavam, e o encalhe era grande, mas continuavam circulando assim mesmo. Mandrake estava nesse caso. Outras, como Recruta Zero e Riquinho, davam algum dinheiro. Por que o poderoso Roberto Marinho não acabava com as revistas em quadrinhos? Porque era grato a elas. Dizia que o tinham feito crescer, que com o lucro dos anos de ouro (creio que nas décadas de 40 e 50) ele comprou várias propriedades importantes. Quando trabalhei lá, meu patrão era Roberto Irineu - que, por sorte, adorava HQ. Mandava-me para congressos, gostava dos europeus, chegamos a publicar Lucky Luke e Iznogud e ele até sugeria nomes engraçados para a tradução.

O Gibi foi o momento máximo da minha aventura lá. Eu continuava não entendendo grande coisa de HQ, mas curtia muito e contava com a boa vontade de todo mundo. O professor Alvaro de Moya me ajudou sempre, empolgado e dedicado, acho que nunca agradeci o suficiente. Mas a distribuição e o marketing da RGE eram muito ruins. O Gibi Semanal não durou um ano. Lá pelo número 35 eu já estava tão frustrada que chorava pelos corredores, e foi aí que propus pararmos no 40. Faria tudo de novo. Era gostoso ler quadrinhos o dia inteiro e conviver com toda aquela diversidade de traços e estilos, aprendendo a reconhecer qualidade, a limpar a linguagem para a frase caber no balão. Aprendi italiano traduzindo histórias do Fantasma produzidas na Itália. Muitas pessoas interessantes passaram por lá, escrevendo roteiros e traduções. Bolar capas era um prazer a mais.

E a história não pára. Quando já tinha me esquecido de tudo, vem o Universo HQ pedindo pra lembrar. Quadrinhos são eternos mesmo.

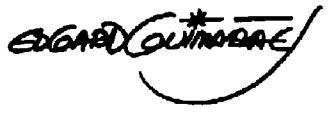
Este é um depoimento importante pelo que ele tem de positivo e de negativo.

Muito importantes as informações sobre o sentimento de Roberto Marinho em relação às HQs e o fato de seu filho ser fã dos quadrinhos e ter propiciado a entrada de material europeu em suas revistas. Também importantes as lembranças sobre a euforia da redação e a decisão de fazer o "Gibi Semanal" após a visita ao arquivo da RGE, com o tesouro na forma das revistas "Gibi" e "Globo Juvenil", da época áurea dos quadrinhos no Brasil. Embora de forma muito resumida, também importantes os comentários sobre a produção das revistas e quais as que eram lucrativas. É surpreendente a revelação de que uma editora do porte da RGE tivesse distribuição e marketing deficientes, o que pode ter sido a causa do fracasso de muitas edições de qualidade, entre elas o "Gibi Semanal".

Por outro lado, surpreende a ingenuidade com que Sonia Hirsch confessa as adulterações provocadas nas histórias originais para "adaptá-las" às revistas. A RGE nunca foi mesmo muito católica nesse ofício de editar quadrinhos, todo colecionador sabe bem disso, mas nunca pensei que fosse ler uma das responsáveis se referir naturalmente ao assunto, e ainda elevando o ofício da "completação" ao estado de Arte. E, pelo visto, a maioria das alterações era trabalhosa e desnecessária. O respeito ao original daria menos trabalho, além, é óbvio, de ser o procedimento honesto e não fraudulento. É claro que esta prática já havia na redação, e em outras editoras, antes da chegada de Sonia à RGE; recentemente descobri em minha coleção o famoso número de "O Fantasma" da década de 1960 que traz uma HQ do herói "desenhada" por John Prentice. Ou seja, a história é uma sequência de tiras da série Nick Holmes (Rip Kirby), desenhada por Prentice, onde a figura de Holmes foi substituída pela do Fantasma.

Outro ponto importante que demonstra o descaso das editoras em geral em relação aos quadrinhos é em relação à tradução. Sonia "aprendeu" italiano quando se viu obrigada a traduzir histórias vindas da Itália. Antes, no "O Globo Juvenil", da mesma editora, o iniciante Nelson Rodrigues foi posto para traduzir as HQs de origem norte-americana. Como não sabia inglês, inventava os textos.

Por outro lado, detalhes positivos do "Gibi Semanal" não foram lembrados por Sonia, como justamente a publicação de tiras de aventuras sem adulteração, o resgate de HQs antigas, o lançamento de um concurso para autores nacionais, o formato tablóide, os Almanaques do Gibi Nostalgia e Atualidade, etc.



UMA DEFESA DAS IDEIAS LIBERTÁRIAS

Texto analítico publicado na 4ª edição do álbum "Guerra das Idéias" de Flávio Calazans

Quando ainda não conhecia Calazans e seu trabalho, eu já reparava em algumas HQs de duas páginas que eu via saindo em diversos fanzines. Eram HQs sempre criativas, originais, enfocando o confronto de ideias e pensamentos. Fui perceber que havia uma ligação mais forte entre elas quando foram reunidas em um volume intitulado "Guerra das Idéias", publicado por Worney Almeida de Souza, o editor de "Quadrix". Essa edição trouxe 27 HQs que tinham em comum o fato de terem duas páginas e trazerem o diálogo entre basicamente duas pessoas, uma representando o pensamento autoritário, a defesa da autoridade, e outra representando o pensamento libertário, a defesa da liberdade. Já na primeira HQ, Calazans mostra um homem pré-histórico impondo sua vontade aos outros, pela força, sendo esta atitude o embrião do governo, a primeira manifestação de um ser querendo governar a vida de outros. Daí em diante, Calazans vai nos mostrando, em diferentes épocas, lugares e povos, numa sequência cronológica, a evolução de leis e regras que vão sendo criadas com objetivo de impor padrões de comportamento às pessoas, homogeneizar suas atitudes, prever suas ações, impedir o aparecimento da espontaneidade, do ato inesperado, do exercício da liberdade. Assim, Calazans põe frente a frente o poder de Roma e os ensinamentos de Cristo; a vida livre do índio brasileiro e a organização dos incas; a rigidez de regras do samurai e a ausência de patrões do ninja; o império britânico e a desobediência civil de Gandhi; chegando até a um possível futuro onde robôs teriam livre arbítrio. Todas essas 27 HQs são ótimas independentemente, e formam um conjunto original e de grande qualidade artístico-literária.

Esta obra merece alguns comentários mais detalhados.

O primeiro diz respeito ao conteúdo. Um trabalho como este não poderia ser realizado por qualquer um, pois exigiu do criador uma bagagem cultural não encontrável facilmente por aí. Calazans aproveitou bem os dois semestres de filosofia que fez na Faculdade de Comunicação, complementando-os por conta própria, o que explica a facilidade com que ele passeia pelas ideias de Nietzsche, Hegel, Lao Tsé, Proudhon e até mesmo Asimov e Von Neumann. E, importante, ele trata o pensamento destes filósofos de maneira clara e compreensível, não é necessário conhecimento prévio de filosofia para entender e apreciar as HQs de Calazans. Ao contrário, a leitura de "Guerra das Idéias" pode levar o leitor a se interessar pelas obras dos filósofos mencionados.

Uma questão relevante. Não há consenso em Filosofia, ou seja, há diversas correntes filosóficas conflitantes entre si, todas buscando, na força de seus argumentos (e na capacidade de seus integrantes), a primazia na descoberta da "verdade" (até onde isso seja possível). Calazans, no entanto, em "Guerra das Idéias", toma abertamente partido das idéias libertárias e suas 27 HQs são uma defesa apaixonada e, ao mesmo tempo, bem fundamentada dessas ideias.

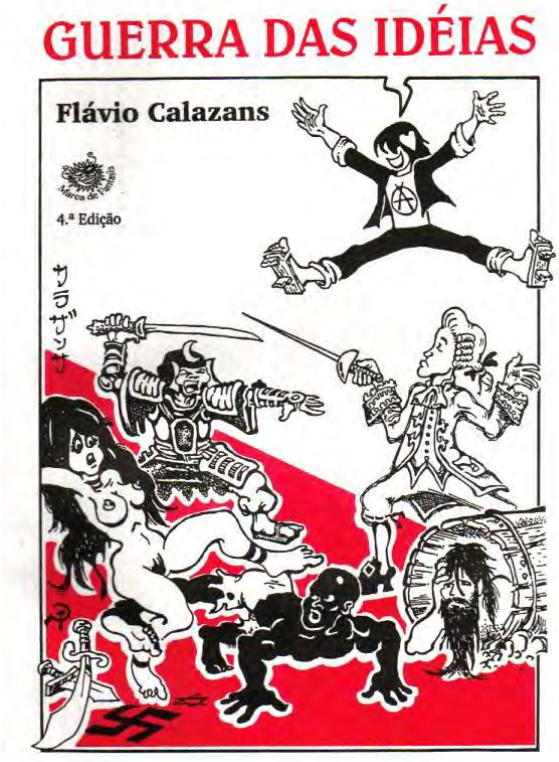
Em relação à forma, "Guerra das Idéias" é um exemplo a ser seguido. Calazans conseguiu algo raro nos fanzines: produzir uma edição homogênea, uma HQ de grande número de páginas (56 ao todo), com uma coerência intrínseca, e, ao mesmo tempo, fazê-la modular, composta de 27 partes independentes. Os fanzines, de modo geral, são uma coleção de colaborações diversas sem relação entre si, sem uma linha definida, de HQs curtas e pouco desenvolvidas, o que dificulta cativar os leitores. O trabalho de Calazans, pela sua unidade, paradoxalmente, pois é uma apologia à liberdade, prende o leitor com a segurança de sua narrativa e de seus argumentos.

Uma curiosidade: sabe-se que os dois hemisférios do cérebro humano têm funções distintas, o esquerdo é responsável pela racionalização do ser humano, pela sua capacidade de estruturar as coisas, pela tendência de regulamentação, enquanto o direito está associado à criatividade, à capacidade artística. Em suas HQs, Calazans usa dois tipos de balões, quadrados para os personagens autoritários, em que predomina o hemisfério esquerdo; e balões arredondados para os personagens libertários, os usuários do hemisfério direito.

Na 2ª edição, como foi bancada pelo autor, Calazans, optou por publicá-la no formato ¼ de ofício, para não ter um custo gráfico muito elevado. Isto não prejudicou sensivelmente o trabalho, mas Henrique Magalhães sempre achou que "Guerra das Idéias" merecia uma edição em formato maior, onde as HQs pudessem ser melhor apreciadas. E é o que Henrique faz, publicando-a na forma de álbum, um pouco maior do que o chamado formato americano.

Atente-se ainda para o fato de ser muito raro uma edição independente ter mais de uma edição. E "Guerra das Idéias" chega a sua 4ª edição. É, sem dúvida, uma obra indispensável ao leitor interessado em boas HQs.

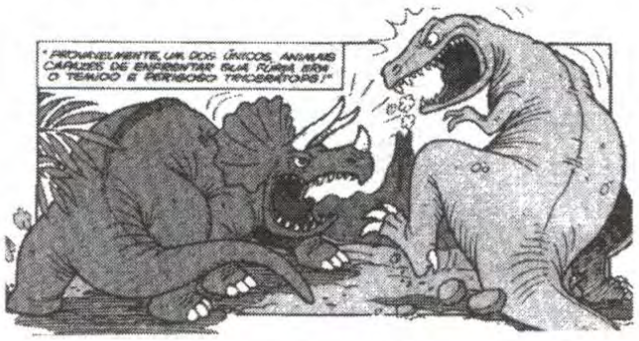
Edgard Guimarães



GUERRA DAS IDÉIAS - Flávio Calazans
Edição e Prefácio: **Henrique Magalhães**
Posfácio: **Edgard Guimarães**
Fevereiro de 2001 (4ªed.) * Formato 170x240mm * 68 pág.
Preço: R$ 7,00
Pedidos:Henrique Magalhães – R. Manoel de Sousa, 95/302
João Pessoa – PB – 58045-090

O QUE É ISSO, MINHA GENTE?

Vocês acabaram de ler uma história do Calvo, que acabou de ser desenhada pelo Luigi Rocco, mas que foi escrita por mim em 1998. Por isso, se algum dos leitores comprou a revista "Mônica" nº183, de outubro de 2001, numa história do personagem Do Contra, deparou com a seguinte cena:



e agora deve estar pensando: "Isto é uma coincidência ou um chupou do outro?" Nem um nem outro, tanto um como outro chupou, quer dizer, usou a mesma fonte de referência, que é a enciclopédia "Os Bichos", publicada pela Editora Abril na década de 1970, no volume "Os Bichos Evoluem", página 196.

Vejam aí a cena original:

Já dizia Lavoisier: "Na Natureza, nada se perde, nada se cria, tudo se cop..., tudo se transforma".

EDGARD GUIMARÃES

QI 52 (set/out/2001)

REVISTAS EM QUADRINHOS

Este texto foi feito para ser publicado na revista "Nemo", organizada por Worney, somente com séries de HQs nacionais, em 1998. A série 'Calvo' foi feita para esta revista que, infelizmente, não saiu.

Há diversos tipos de revistas de Histórias em Quadrinhos. O mais comum, sem dúvida, é o que traz um personagem principal com o seu nome como título da revista. A maioria das revistas da Editora Abril é deste tipo: "Homem Aranha", "Superman", "Batman", "Mickey", "Tio Patinhas", etc. Já houve diversas revistas deste tipo criadas a partir de personagens brasileiros: "Jerônimo", "Pererê", "Fradim", "Níquel Náusea", "Geraldão", etc. Pode ser considerada do mesmo tipo, a revista que traz um conjunto mais ou menos fixo de personagens a cada número, como "Almanaque Disney", "Grandes Heróis Marvel", "Chiclete com Banana", "Os Piratas do Tietê". Esta variação costuma fazer menos sucesso.

Há um tipo de revista que fez muito sucesso no Brasil na década de 1930. Era uma extensão do suplemento de quadrinhos dos jornais. O "Suplemento Juvenil" começou como um suplemento encartado no jornal "A Nação" em 1934. Mas logo passou a ser independente e vendido nas bancas separadamente. Este tipo de revista tinha um formato parecido com jornal, publicava capítulos de séries produzidas para os suplementos dominicais dos jornais, e também para as tiras diárias, e chegou a ter periodicidade trissemanal, ou seja, saíam três números por semana. Estes suplementos ainda na década de 1930 foram substituídos por edições primeiramente semanais e depois mensais, aí já trazendo aventuras completas.

Na Europa foi muito popular durante muito tempo o tipo de revista semanal trazendo capítulos (2 a 4 páginas) de séries que depois seriam reunidos em álbuns. "Tintin", "Spirou", "Pilote" são os títulos mais famosos onde surgiram personagens como Asterix, Lucky Luke, Strunfs. No Brasil, na década de 1970, foi lançada a versão nacional de "Tintin", mas este formato nunca pegou por aqui.

Um tipo de revista que também está praticamente desaparecido é o dedicado ao público infantil, trazendo, além de HQs, contos, passatempos, informações, etc. A pioneira deste tipo de revista foi "O Tico-Tico" lançada em 1905 e publicada até 1955. Uma variação deste tipo são as revistas de cunho educativo, vendidas exclusivamente nas escolas, por assinatura, com quadrinizações de episódios históricos, biografias de personalidades, etc. Também uma variação, que fez muito sucesso, foi a revista "Recreio", que trazia material educativo e "histórias em quadrões".

Conhece relativo sucesso no Brasil a revista de gênero, a que traz histórias avulsas, sem personagens fixos, mas dentro de um determinado gênero. No Brasil já houve diversas fases de sucesso nos gêneros terror e erótico. As revistas "Calafrio" e "Mestres do Terror" foram publicadas durante dez anos.

Para o fã de quadrinhos em geral, o melhor tipo de revista é o que traz todo tipo de HQs. Embora seja um tipo de revista dirigido a um público limitado, no Brasil sempre houve tentativas nesse sentido. Merecem menção "Gibi Semanal", "Crás!", "Animal", "Inter Quadrinhos", "Lúcifer", "Metal Pesado".

Um tipo que já teve um período de muito sucesso e que ainda é usado é o que traz minisséries e graphic novels. São histórias fechadas publicadas em uma única edição ou uma série de poucos números. Neste mesmo tipo estão os álbuns de quadrinhos produzidos para livrarias, que incluem material inédito, material publicado anteriormente em capítulos semanais e até adaptações de séries fechadas publicadas em revistas mensais.

Um último tipo tem semelhança com o primeiro analisado. Também traz um conjunto de séries com personagens fixos, no entanto, são séries totalmente independentes, produzidas por equipes criativas distintas, normalmente não se restringem a um único gênero, e são formadas por episódios curtos e fechados. Este tipo de série é bastante produzido na Europa e é publicado tanto em revistas específicas junto com outras séries como em revistas de HQs em geral. Séries como 'Torpedo 1936', 'Morgan', 'Burton e Cyb' são alguns exemplos. No Brasil, este tipo de revista não é comum, mas já houve algumas tentativas dignas de menção. A Ebal lançou "Ano 2000", versão da britânica "2000 D.C.", onde surgiu o Juiz Dredd; a Editora Vecchi lançou "Eureka Aventura" com séries de diversos países europeus, e "Skorpio", versão da homônima Argentina. A revista "Kripta" da RGE, embora publicasse predominantemente HQs avulsas de terror, trouxe também diversas séries, principalmente espanholas. Revistas deste tipo com produção brasileira são ainda mais raras. Já houve diversas séries brasileiras, mas geralmente publicadas em revistas de gênero. A revista "Spektro" publicou as séries 'Paralela' e 'Trio Diabólico, entre outras, com muito sucesso.

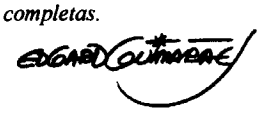
A seguir publico trechos de carta de Luiz Antônio Sampaio, que trazem informações complementares ao meu artigo.

Nos Estados Unidos, os suplementos dominicais jamais se tornaram independentes dos jornais. Sempre foram, e ainda são, publicados como encarte gratuito dos jornais. O que foi comum nos Estados Unidos nos anos 1930 e 1940 foi a republicação de tiras e Sundays em revistas. Traziam este material de jornal em histórias seriadas ou até mesmo completas. O mais parecido com o que aconteceu aqui com o "Suplemento Juvenil", nos Estados Unidos só ocorreu no final de 1971, com o lançamento de "The Menomonee Falls Gazette". Este era um tablóide só de tiras e Sundays, mas totalmente independente. Começou com 20 páginas e chegou a ter 48 páginas, trazendo, cada número, 6 tiras e 1 página dominical de cada série. Circulou até 1976, foram 232 números. Na época houve outras tentativas como "The Menomonee Falls Guardian", da mesma empresa, que teve 146 números, e "Vintage Funnies" que conseguiu chegar ao número 100.

Revistas do tipo "Tintin" foram típicas da produção franco-belga, nos Estados Unidos nunca houve isso. Quem mais se aproximou do sistema americano foi a Inglaterra, que teve uma forte e excelente produção de tiras e Sundays e também uma forte produção de comic books, embora num formato diferente dos EUA.

O suplemento dominical em formato de comic book, sem capa e distribuído através de alguns jornais americanos só foi usado mesmo pelo estúdio de Eisner. Tinha 16 páginas e trazia as séries 'The Spirit', 'Lady Luck' e 'Mr. Mystic'. Alguns jornais americanos publicavam este suplemento em formato maior do que o formato comic book. Outros jornais, demonstrando total desinteresse pelo suplemento, publicavam-no de forma que, após dobrado, não dava certo a sequência das páginas. Suplemento dominical em forma de comic book só houve mesmo este de Eisner, todos os demais eram com as tradicionais Sunday pages.

Ainda mais algumas informações. Na década de 1970, no Brasil, houve novas tentativas de publicar suplementos de HQs com material de páginas dominicais. Foram o "Suplemento Quadrinhos" e o "Jornal Super-Plá", que duraram poucos números. Além disso, o jornal "Folha de S. Paulo" transformou seu suplemento "Quadrinhos" numa revista de HQs variadas, mantendo algum material proveniente das páginas dominicais dos jornais americanos, incluindo séries européias como Asterix, Mortadelo e Salaminho, mas principalmente publicando muitas séries brasileiras, com histórias completas.



A QUESTÃO DO PLÁGIO!

Muitas vezes se lê em jornais e revistas - e também em fanzines - a palavra ***plágio*** sendo empregada sem muita cerimônia. A seguir serão feitas algumas considerações sobre este tema.

Primeiramente, não se deve interpretar com rigor o significado da palavra ***plágio*** na maioria dos textos que saem em jornais e revistas. Estes textos em geral são bem informais e a palavra ***plágio*** é usada como sinônimo de ***cópia***. Assim, quando um texto desses diz que, por exemplo, um personagem é ***plágio*** de outro, o que o autor quer dizer é que o personagem é ***cópia*** do outro.

No entanto, ***plágio*** e ***cópia***, a rigor, são bem distintos. O ***plágio*** é um crime previsto em lei, o equivalente a um roubo. Já a ***cópia*** é algo muito mais amplo, na maioria das vezes não é ilegal, nem anti-ético, muitas vezes é até aconselhável, e somente em pouquíssimos casos a ***cópia*** é crime e aí se confunde com o ***plágio***.

A rigor, um ***plágio*** não é uma ***cópia***. O ***plágio*** consiste em assumir a autoria de obra de outro, ou seja, nem é ***copiar*** a obra de outro, é roubar mesmo a obra do outro. O filme **Morto ao Chegar**, com Denis Quaid e Meg Ryan, mostra um exemplo perfeito de ***plágio***. Um aluno escreve um trabalho literário brilhante e só o professor medíocre sabe quem escreveu de fato a obra. Então mata o aluno e põe o próprio nome na obra. Isto é ***plágio***, a rigor: assumir a autoria de obra alheia. Matar o aluno já é outro crime.

É razoável que o conceito de ***plágio*** seja ampliado para englobar também o ato de realizar pequenas modificações na obra de outro e apresentá-la como sua. Neste sentido, uma ***cópia*** muito parecida com o original seria também classificada como ***plágio***. É claro que o limite onde uma ***cópia*** seja suficientemente parecida com o original a ponto de ser considerada ***plágio*** não é claro. Por isso, num processo de ***plágio***, o caso em questão deve ser muito bem estudado, visando a, por um lado, proteger o direito do autor do original, e por outro, não tolher a liberdade de usar referências a outras obras, ou sofrer influências de outros autores.

Um ponto importante do direito autoral é que a lei protege a obra realizada, ou seja, o objeto de arte, literário ou científico, propriamente dito. O autor é proprietário da obra que realizou, não das ideias que usou para realizar a obra. Ou seja, ninguém é proprietário de ideias. A lei não garante a ninguém o direito sobre uma ideia. Por isso os diversos filmes parecidos que Hollywood lança todo ano (**Armagedon** e **Impacto Profundo**, **Vida de Inseto** e **Formiguinhaz**, etc) não são ***plágios*** uns dos outros. O que ocorre é que se uma boa ideia de uma produtora chega ao conhecimento de outra, esta resolve usá-la também, obviamente com intenção de lucro. No entanto, isso não se constitui em roubo de ideia, por um motivo muito simples. Só pode ser roubado o que é propriedade de outro, e ideias não são propriedade de ninguém. Por isso, o autor que tiver uma ideia que considere boa, deve mantê-la em segredo até ter realizado a obra. Mas depois da obra tornada pública, nada impede que outro autor parta da mesma ideia - em outras palavras, ***copie*** a ideia - e realize outra obra, desde, é claro, que o resultado final seja distinto.

Por isso a ideia de um ser super-poderoso não poderia ser exclusividade do Superman. Assim, nenhum outro super-herói surgido no rastro do Superman é de fato ***plágio***. Isto, é claro, não impediu que a editora de Superman processasse a editora de Capitão Marvel justamente por ***plágio***. E o processo se arrastou por anos e terminou com a editora de Capitão Marvel, já falida, desistindo de seus direitos. Um caso simples como este ter resultado num processo tão demorado só se explica por uma questão de poder econômico da editora de Superman. O melhor exemplo do uso de uma ideia ***copiada*** resultar em uma obra de qualidade está em **Ken Parker**. Os autores Berardi e Milazzo ***copiaram*** o visual do personagem, a ambientação, os temas, vestuários, etc, do filme **Jeremiah Johnson** de Sidney Pollack. ***Copiaram*** até o rosto do ator principal, Robert Redford. No entanto, a partir dessas ***cópias***, realizaram um trabalho que é uma das melhores HQs de todos os tempos.

O fanzine **O Grupo Juvenil** mostrou em seu nº 50 que o personagem Spirit de Will Eisner foi provavelmente inspirado em The Clock de George Brenner. E assim, há milhares de exemplos de personagens baseados em outros. E isso é um processo normal, lícito, não é ***plágio***, salvo algum caso particular em que a ***cópia*** seja tão parecida que possa ser considerada ***plágio***.

Assim como as ideias, também os estilos de desenhos não são propriedade de seus autores. Por mais pessoal que seja um estilo, seu autor não é dono dele, portanto a imitação por parte de outros autores não é ***plágio***. Por isso uma frase como "Fulano é um plagiador do estilo de Sicrano" não tem significado. E a imprensa publica frases como esta com certa frequência. A revista **Set** publicou recentemente: "É praticamente impossível fazer um filme sobre tubarões sem plagiar o clássico de Steven Spielberg". Esta frase é totalmente equivocada, o que reforça o que foi dito no começo deste texto: não se deve interpretar com rigor as palavras nos textos sobre HQ e cinema publicados em jornais e revistas.

Um outro aspecto a ser considerado é: ***plágio*** não é um conceito "artístico". É um conceito "comercial". Ou seja, se alguém quiser ***copiar*** as páginas de Tarzan desenhadas por Burne Hogarth não há nenhuma contravenção nisso. O conceito de ***plágio*** não se aplica a isto. Como foi dito no início deste texto, a ***cópia*** na maioria das vezes não é um procedimento ilegal. Nos casos em que o objetivo da ***cópia*** é o aprendizado então é um processo necessário e insubstituível. Quando, no entanto, a obra ***copiada*** passa a ser comercializada causando prejuízo ao autor da obra original, aí se caracteriza a ilegalidade. A mesma coisa vale em relação aos direitos de cópia (copyright) e direitos de marca. Não é ilegal o adolescente pintar o Wolverine em sua camiseta ou o editor de fanzines republicar HQs antigas. O crime existe quando há a intenção de lucro, isto está bem claro na lei de direito autoral.

Existem ainda casos em que há ***cópia*** com intenção de lucro e ainda assim não há contravenção. O movimento da Pop Art insistiu no valor artístico da ***cópia***. São famosos os quadros de Roy Lichenstein em que ***copiava*** quadrinhos de HQs ou os painéis de Andy Warhol com fotos do rosto de Marilyn Monroe.

Há ainda duas figuras que são muito próximas ao ***plágio*** e que são perfeitamente legais. São a ***paródia*** e a ***paráfrase***. A antiga lei de direito autoral brasileira fazia referência explícita à ***paródia*** e à ***paráfrase*** como atividades lícitas. A atual lei de direito autoral nem se deu a este trabalho, pois não é função de lei dizer o que pode. A ***paródia*** é mais simples de detetar, pois é uma ***cópia*** de algo sério no tom cômico. A ***paródia*** de músicas é algo bem comum e até recentemente havia um programa de TV específico de ***paródias***. Uma das seções clássicas da revista **Mad** é a ***paródia*** de filmes e seriados. Já a ***paráfrase*** é mais difícil de identificar e pode com facilidade ser confundida com ***plágio***. A música 'Geni e o Zepelin', de Chico Buarque, é uma ***paráfrase*** do conto 'Bola de Sebo', de Maupassant, do qual, aliás, o filme **No Tempo das Diligências**, de John Ford, já era ***cópia***. A peça **Ópera do Malandro** é ***cópia*** da **Ópera dos Três Vinténs**, de Brecht (1928), que por sua vez era ***cópia*** da **Ópera do Mendigo**, de John Gay (1728). E, no entanto, apesar da ***cópia***, tratam-se de obras distintas, longe de serem ***plágios***.

É preciso cuidado ao afirmar que um trabalho é ***plágio*** de outro, cada caso deve ser analisado com muito cuidado. E é preciso desconfiar da facilidade com que a palavra ***plágio*** é usada nos jornais e revistas e nas conversas informais.

QI 53 (nov/dez/2001)

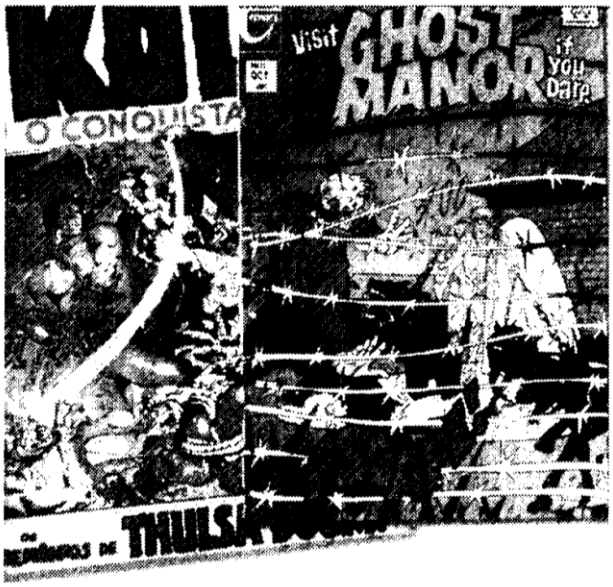
COMPLEMENTO AO ARTIGO REVISTAS EM QUADRINHOS

No nº 52 do "QI" publiquei um texto sobre os tipos de Revistas de Quadrinhos que existem no Brasil, complementado com informações de Luiz Antônio Sampaio. Um dos tipos mencionados foi o suplemento de jornal na forma de revista de bancas. Sampaio citou o suplemento produzido por Eisner a partir de 1940 como a única experiência deste tipo feita nos EUA. Mencionei, no Brasil, o suplemento semanal "Quadrinhos" publicado pelo jornal "Folha de S. Paulo". Agora, o nº 9 do fanzine "Devoradores de Gibis", de José Magnago, enfoca outra experiência. Em 1951, o jornal carioca "Última Hora" publicou um suplemento diário de quadrinhos. Tinha o formato magazine (18x26cm), 16 páginas e capa a cores. O suplemento das terças-feiras era dedicado ao faroeste. O material publicado era originário de histórias já publicadas nas revistas da Ebal. Em troca, o suplemento fazia publicidade da Ebal. Não tenho informação sobre quanto tempo durou, mas Magnago mostra uma capa do nº 211. Alguém imagina, hoje, um jornal distribuindo todo dia, de graça, uma revista de 16 páginas? Acho muito difícil. Mas uma revista semanal, como foi o suplemento "Quadrinhos", bancada por patrocinadores, com material diverso nacional e estrangeiro, coisas inéditas e republicações, acho que é viável.

QI 53 (nov/dez/2001)

OLHA O PRECONCEITO!

A ilustração abaixo saiu em um anúncio publicado na revista "Ciência Hoje" nº 176 de outubro de 2001, mas eu já tinha visto em números anteriores. O anúncio é da revista "Ciência Hoje das Crianças", dos mesmos editores. Estas revistas são de divulgação científica, publicadas por iniciativa da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O anúncio perguntava em letras grandes: "SINCERIDADE: VOCÊ SABE O QUE O SEU FILHO ANDA LENDO?" E logo em seguida respondia que, se você não sabe, está na hora de assinar a revista "Ciência Hoje das Crianças". Depois dava mais informações sobre a revista, como assinar, etc.



A primeira reação foi de surpresa. Ainda existe gente disposta a associar revistas de quadrinhos com leitura de baixa qualidade? A mensagem do anúncio é clara, e não vem ao caso quais as duas revistas mostradas, pois não se está dirigindo especificamente a elas, mas aos quadrinhos em geral. Não se leva em consideração o largo uso dos quadrinhos para fins educacionais, tanto formal quanto informalmente, com publicações dos mais diversos tipos usando esta linguagem como meio de registro e transmissão de informações de cunho educativo. Por outro lado, dirige-se especificamente aos quadrinhos e não a outras "leituras" de baixo nível como os filmes, seriados e programas de TV, jogos e sítios na Internet. Aliás, poderiam até ter colocado como exemplo de leitura de baixa qualidade, ao invés da revista de quadrinhos, o próprio livro didático brasileiro, que, segundo reportagem na própria revista, está repleto de erros dos mais variados tipos, desde falhas de revisão até erros conceituais grosseiros.

A segunda reação foi de hilariedade, uma das boas piadas que vi recentemente. Ao olhar para as duas revistas mostradas, a primeira é um exemplar de "Koll, o Conquistador", da Editora Roval, publicada, salvo engano, na década de 1970, com HQs de Kull, produzidas pela Marvel, e a segunda trata-se de "Ghost Manor", da qual nunca ouvi falar, sem dúvida uma revista norte-americana, de uma editora menor, e muito provavelmente também da década de 1970. Qual a piada? Ora, sinceramente, se seu filho anda lendo estas revistas, ele deve ter no mínimo uns 40 anos, já está na hora de largar do pé dele!

EDGARD COUTINHO

QI 54 (jan/fev/2002)

UM COMENTÁRIO SOBRE CRONOLOGIA

Um tempo atrás escrevi um texto sobre Cronologia para publicação no fanzine "Múltiplo" de André Carim. Citei muitos exemplos de publicação de HQs no Brasil que não respeitavam a ordem cronológica das histórias. Um caso até hilariante foi o álbum "Steve Canyon" da L&PM que publicou (na sequência certa, é verdade) somente as tiras diárias, omitindo todas as páginas dominicais, sendo que estas (publicadas aos domingos) davam continuidade às tiras dos sábados. Outro exemplo é 'The Spirit', que sempre foi publicado fora de ordem no Brasil ("Gibi Semanal" da RGE, os 5 álbuns da L&PM, as duas séries de revistas da NG e da Acme, etc.). Somente a revista da Abril publicou em ordem cronológica, embora a partir de um certo ponto. Mas o que eu queria mencionar é o recente lançamento do primeiro volume da coleção "Todo Pererê", da Editora Salamandra, que pretende publicar todas as HQs do Pererê do Ziraldo, que saíram originalmente pela Editora Cruzeiro. Sem dúvida um belo livro e um projeto importantíssimo de resgate de uma das melhores obras do quadrinho nacional. Qual a chance dessas HQs estarem em ordem cronológica? Acertou, nenhuma. E esta alteração da ordem chegou a irritar justamente pela publicação de uma HQ da onça Galileu que só tem sentido para o leitor que sabe que um dos temas recorrentes da série é a perseguição que os compadres lhe fazem em busca de sua pele. É preciso ter lido dezenas de HQs com as mais estapafúrdias estratégias dos compadres para esfolar o Galileu, para que esta HQ do primeiro volume alcance seu sentido pleno. Fica para a próxima.

EDGARD GUIMARÃES

QI 56 (mai/jun/2002)

HQ DE AA!

Há sempre muita polêmica sobre as origens das Histórias em Quadrinhos, qual sua definição, as diferenças entre quadrinhos, charge e cartum, qual a primeira HQ, e coisas desse tipo. Após ler a opinião de muitos autores e estudiosos a respeito, resolvi tentar fazer uma síntese da questão e escrevi o artigo 'Uma Caracterização Ampla para a História em Quadrinhos e seus Limites com Outras Formas de Expressão', que foi apresentado em 1999 no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, organizado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Parti do princípio que a História em Quadrinhos, como qualquer outra forma de expressão relevante como a Música, o Teatro, a Literatura, deve ter uma caracterização ampla que contemple as mais diversas manifestações na área. Com isso em mente refutei a ideia de que para ser História em Quadrinhos é preciso ter um conjunto de características restritivas e limitantes como, por exemplo, ter balões e textos inseridos dentro do quadro; ter personagens fixos; ter sido publicada em jornais de grande circulação, etc. Ao contrário, considerei que uma forma de expressão importante como a História em Quadrinhos deve ser caracterizada tendo como base o que é essencial em sua linguagem. E qual é a essência da linguagem da História em Quadrinhos? É a capacidade de narrar algo através de desenho (imagem pictórica). Qualquer manifestação artística que tenha esta característica de contar uma história através de imagens será essencialmente uma História em Quadrinhos. E uma história simples, como uma gag, uma piada, um chiste, pode ser contada através de uma única imagem sem balões ou legendas. Assim, de modo geral, os cartuns e as charges são tipos de Histórias em Quadrinhos pois têm em comum a essência de narrar através de imagens. É claro que uma História em Quadrinhos pode ter mais elementos em sua linguagem, além de simplesmente uma imagem contando uma piada. O principal destes elementos da História em Quadrinhos é justamente o encadeamento de imagens, o uso de uma sequência de imagens em série narrando uma história mais complexa. Outro elemento importante é a incorporação da linguagem escrita na forma de balões e legendas para representar o universo sonoro das falas dos personagens, ruídos e onomatopeias, e também as reflexões dissertativas do autor. Muitos desses conceitos que discuti no meu artigo, acima referido, eu já apresentei na minha série 'Entendendo a Linguagem das HQs', embora de forma mais resumida, e com algum toque de humor. Voltando à questão da origem das Histórias em Quadrinhos, de acordo com a caracterização que apresentei, todas as charges e cartuns feitos e publicados desde os anos 1700 já são Histórias em Quadrinhos. Mas antes disso, todos os desenhos e telas originais, não sujeitos à reprodução, mas que contavam uma história através da imagem, também já eram Histórias em Quadrinhos. Dessa forma, a primeira História em Quadrinhos produzida pelo homem se perde em tempos imemoriais, do mesmo modo que a primeira música, a primeira peça de teatro, o primeiro texto literário, ou seja, as primeiras obras das formas de expressão relevantes foram sendo forjadas aos poucos à medida que a humanidade foi desenvolvendo seu patrimônio cultural. Mas voltando ao final do século XIX onde começaram a aparecer os trabalhos que muitos estudiosos consideram as verdadeiras Histórias em Quadrinhos por terem a maioria das características dos quadrinhos atuais. Há gente que bate o martelo no Yellow Kid de 1895, mas neste ano era ainda um grande cartum, só em 1896 é que adotou a forma de vários quadrinhos, mas, se não me engano, a incorporação dos balões só apareceu em 1897 com os Sobrinhos do Capitão. Outros evocam trabalhos anteriores, sem balões mas com sequência de quadros. Um dos evocados é Angelo Agostini, o ítalo-brasileiro que publicou a "primeira" História em Quadrinhos do Brasil em 1869, as famosas Aventuras de Nhô Quim. O mesmo Agostini foi um dos responsáveis pelo jornal paulista "Cabrião", semanário de 8 páginas publicado entre 30 de setembro de 1866 e 29 de setembro de 1867. Este jornal tinha textos humorísticos e de crítica social e política e nas páginas 1, 4, 5 e 8 diversas charges. No nº 11, de 9 de dezembro de 1866 aparece nas duas páginas centrais o trabalho que reproduzo abaixo. E fica a pergunta: Isso aí o que é? Um livro contendo fac-símiles de todos os números de "Cabrião" foi publicado pela Imprensa Oficial de São Paulo em parceria com a Editora Unesp e pode ser encomendado em qualquer livraria ao custo de R$ 65,00.

QI 57 (jul/ago/2002)

HOMENAGEM A TR... A DUAS DÉCADAS!

Neste mês de julho de 2002 faz 20 anos que lancei meu primeiro fanzine, o nº 1 de "PSIU" em 1982. Este primeiro número teve 50 páginas em formato ofício impresso em off-set com tiragem de 500 exemplares. Trazia uma coletânea de HQs que eu havia produzido até aquela data, e vários artigos sobre quadrinhos em geral. Tinha a intenção de fazer o fanzine semestral, mas era uma edição muito trabalhosa e só consegui fazer o nº 2 três anos depois. Para encerrar "PSIU" numa trilogia ainda fiz o nº 3 em 1990. Embora um nº 1 de fanzine não precise de nenhum motivo especial para ser lançado, no caso de "PSIU" houve alguns antecedentes. Desde 1979 eu procurava manter contato com vários fanzines e enviando colaborações a muitos deles. Comecei também a manter contato com colecionadores e quadrinhistas amadores, cujos trabalhos não tinham espaço para publicação profissional. Minha idéia inicial não foi publicar um fanzine, mas sim querer conhecer as HQs produzidas por artistas brasileiros e que não eram publicadas pelas editoras. Comecei então a propor a vários quadrinhistas trocarmos cópias de nossos trabalhos. Fiz este intercâmbio de HQs com vários artistas durante algum tempo, tirando cópias de meus trabalhos e enviando a quem me enviasse cópias dos seus. Foi daí que surgiu a ideia de fazer uma edição com essas cópias de minhas HQs, que facilitasse o intercâmbio. Mas a ideia evoluiu para uma revista mais completa, que tivesse não somente minhas HQs, mas também textos sobre quadrinhos em geral, tomando como modelo a revista "Eureka" da Editora Vecchi. Antes do lançamento do nº 1, já pensava numa revista semestral trazendo, além de artigos, trabalhos de outros desenhistas amadores, que não tinham espaço no mercado. O "PSIU" 1 seguiu a ideia original de ser uma coletânea de minhas HQs e textos sobre quadrinhos. Aproveitei para publicar HQs em formatos que dificilmente seriam aceitos em revistas profissionais. Assim, no topo das páginas internas havia uma HQ em que cada quadro ocupava a largura da página e tinha 1cm de altura, e se estendia por toda a edição até culminar num grande quadro na 3ª capa. A capa dupla de "PSIU" 1 era o primeiro quadro de uma HQ que continuou na capa dupla do nº 2 e terminou na capa dupla do nº 3. No meio da edição havia outras HQs enfiadas nos espaços em branco, além de pequenas notas em todo canto. Dá para imaginar porque "PSIU" era trabalhoso de fazer. Nos nºs 2 e 3, a participação de outros quadrinhistas foi grande. E o contato com os autores foi maior ainda, tanto que recebi bem mais colaborações do que saíram nestes dois números de "PSIU". Este material não aproveitado, e de grande qualidade, acabei reunindo numa edição especial feita em 1995 chamada "PSIU 13 Anos", com 130 páginas de HQs.

Durante o tempo que "PSIU" hibernava, pensei em organizar edições mais simples do ponto de vista editorial. E acabei editando três especiais, o primeiro somente com HQs mudas, com mais de 20 colaboradores; o segundo, um livro de 270 páginas, somente com HQs com o tema 'Deus', com mais de 60 colaboradores; e o terceiro, um álbum em formato grande, com HQs de uma página com tema 'ecologia', com mais de 60 colaboradores. Estas edições me deram muita satisfação e até hoje alguém sempre me pergunta quando vou voltar a organizar algum especial desse tipo. O fato é que estas edições, pelo custo relativamente alto, não chegavam ao leitor. Por isso, passei a pensar em edições que fossem baratas e que pudessem atingir maior número de leitores. E que pudessem, de alguma forma, difundir os quadrinhos independentes para mais pessoas. Daí surgiram meus projetos de edição, divulgação e distribuição de fanzines, que encerrei no final de 2001, ficando somente com a publicação do "QI".

Alguns leitores já estão me lembrando há algum tempo do aniversário de 20 anos de "PSIU" e reclamando uma edição especial. Pensei (muito de leve) em fazer um especial do "QI" com este objetivo. Não deu para sair neste mês de julho, mas tenho algumas coisas sendo preparadas, se derem certo, poderão ser até consideradas como comemorativas de (mais de) 20 anos de fanzinagem.

EDGARD GUIMARÃES

LIVRO QI

Muitos leitores do "QI" sempre sugerem que eu faça edições especiais. Já deixei passar duas oportunidades, a de comemorar o nº 50 do "QI", e, no número passado, de comemorar os 20 anos de lançamento de meu primeiro fanzine, "PSIU". Há leitores também que me perguntam se eu não vou voltar a organizar as edições especiais que fazia no final da década de 1980, como "PSIU Mudo", "Deus" e "Eco Lógico". Não é por falta de vontade e sim de oportunidade. Minha prioridade, no momento, é manter o "QI" saindo periodicamente, pois é uma iniciativa que tem dado bons resultados. A organização de uma edição especial precisa ser bem pensada em todos os aspectos, desde o de apresentação gráfica até o de viabilidade econômica de modo que satisfaça ao leitor, cumpra seu objetivo de publicação e esteja dentro de minhas possibilidades.

A oportunidade de organizar edições especiais do "QI" surgiu agora com uma proposta de Mário Mastrotti, da Editora Virgo. Entre os muitos trabalhos que Mastrotti tem feito, através de sua editora, destacam-se três livros de humor (cartuns, charges e quadrinhos) feitos no sistema cooperado. No ano 2000 foi lançado o livro "Brasil – 500 Anos", em 2001 o livro "2001 – Uma Odisséia no Humor" e agora em 2002 o recém-lançado "Humor Pela Paz". Estes livros são feitos da seguinte forma: sob coordenação de Mastrotti, vários artistas participam cada um com 6 páginas (5 páginas com trabalhos e uma com biografia), paga uma cota correspondente a este espaço ocupado e, quando o livro estiver impresso, recebe uma certa quantidade de exemplares para vender. Toda a organização do livro, contato com os participantes, recolha do material, produção gráfica, impressão do livro, distribuição dos exemplares aos participantes, etc, é feita por Mastrotti e a Editora Virgo. Esta iniciativa tem dado certo e especialmente este último lançamento resultou em um livro de cerca de 200 páginas, muito bem produzido, com 29 participantes e com um preço acessível para o leitor, em torno de R$ 20,00. Lembrar que em livrarias o preço normal de livros de 100 a 150 páginas é da ordem de R$ 20,00. Apenas para se ter uma ideia, neste último livro, cada colaborador pagou cerca de R$ 200,00 pelas 6 páginas de participação e recebeu 30 exemplares para vender.

No lançamento do livro "Humor Pela Paz", em agosto em São Paulo, Mastrotti me propôs pensarmos em um "Livro do QI" nos mesmos moldes, onde eu faria os contatos com os colaboradores e a organização do conteúdo e o Mastrotti faria a produção e impressão do livro.

Portanto, estou lançando a ideia do "LIVRO QI" para que os leitores do "QI" se manifestem quanto a sua viabilidade e, se houver resposta favorável, iniciarei sua organização.

O "LIVRO QI" terá as seguintes características:

- livro de 100 páginas em preto e branco no formato 14x21cm, capa colorida.
- livro feito no sistema cooperado, cada participante paga uma cota correspondente ao número de páginas que ocupa no livro e recebe em troca uma quantidade de exemplares correspondente a este número de páginas.
- cada participante paga antecipadamente R$ 60,00 por página de colaboração.
- cada participante receberá 10 exemplares por página de colaboração.
- cada participante pode participar com quantas páginas quiser.
- o conteúdo da página pode ser qualquer desde que relacionado a Histórias em Quadrinhos – HQs, cartuns, ilustrações, textos informativos ou analíticos, etc. As colaborações em texto devem ser enviadas prontas, já impressas no formato da página do livro.

O leitor que não quiser participar do livro, mas quiser adquirir um exemplar, pode reservá-lo pagando antecipadamente seu preço (em torno de R$ 12,00) e tendo seu nome incluído no final do livro como um incentivador da edição. Após a publicação do livro, só haverá exemplares disponíveis com os participantes que receberão suas cotas.

Com base em todos estes dados acima, peço aos leitores que me escrevam dizendo o que acham da proposta. Aqueles que pretenderem participar, me escrevam dizendo de quantas páginas será a colaboração. Os que pretenderem adquirir um exemplar, me escrevam confirmando este desejo. Dependendo da resposta que eu obtiver, o livro começará a ser organizado e entrarei em contato pessoalmente com os participantes, informando datas de entrega das colaborações e valores exatos.

Aguardo as respostas,

EDGARD GUIMARÃES

QI 58 (set/out/2002)

LIVRO QI

Na edição passada, propus a edição de um livro cooperado de 100 páginas, cada colaborador arcando com R$ 60,00 por página. Até agora, 3 pessoas se interessaram em participar com 1 página e 7 pessoas se interessaram em comprar um exemplar. Vou esperar até o próximo "QI" para fazer um balanço. Mas é interessante observar que a participação pode ser vista como um investimento. O colaborador investe R$ 60,00 em uma página e recebe 10 exemplares para vender a R$ 12,00 cada.

QI 59 (nov/dez/2002)

LIVRO QI

No "QI" 58, propus aos leitores a edição de um Livro no sistema cooperado, cada colaborador participando com um trabalho relacionado com Histórias em Quadrinhos e arcando com os custos dessa participação. Algo semelhante ao que eu já fazia no próprio "QI" pouco tempo atrás, mas com algumas diferenças que detalharei mais à frente. Minha ideia inicial era colocar o projeto sob apreciação e se não houvesse interesse de um número significativo de pessoas, desistir logo. O número de pessoas que se interessou, de fato, não é suficiente para editar o livro, mas vou insistir mais um pouco. Ao invés de fazer um livro logo com o que eu recebesse, acho mais interessante planejar o livro com mais calma e com mais tempo para que os colaboradores possam produzir seus trabalhos e programar o custo da colaboração em seus orçamentos. Antes de continuar, é interessante relembrar quais as características que o Livro deverá ter.

O "Livro QI" será feito no sistema cooperado, cada participante pagando antecipadamente uma cota de livros, proporcional ao número de páginas que ocupar. Toda a produção gráfica do livro será feita por mim e por Mário Mastrotti, cuja editora Virgo tem experiência neste tipo de publicação. Já editou os livros "Brasil 500 Anos", "2001 – Uma Odisséia no Humor" e "Humor Pela Paz", entre outros. O Livro deverá ter um mínimo de 100 páginas para compensar a impressão profissional. E terá uma tiragem mínima de 1000 exemplares. A impressão do miolo será em preto e branco, no formato 14x21cm, e a capa será colorida. Para cada página incluída no livro, o participante paga antecipadamente R$ 60,00. Este valor corresponde à aquisição antecipada de 10 exemplares do Livro a preço de custo. Alguém que queria participar com 2 páginas, arca com um pagamento antecipado de R$ 120,00 e recebe 20 exemplares do Livro. E assim por diante. Não há limite máximo de páginas por participante. Também não há limite máximo de páginas para o Livro, somente limite mínimo – 100 páginas. O conteúdo de cada página é de responsabilidade do participante e pode ser qualquer coisa relacionada à História em Quadrinhos (HQs, cartuns, textos, resenhas, análises, ilustrações, etc.).

No "QI" já havia espaço para colaboradores, onde estes arcavam com o custo de impressão de suas páginas. No entanto, no "QI" este valor pago representava claramente um gasto a fundo perdido, como costumam ser os gastos com fanzines. No "Livro QI", e em edições cooperadas como esta, o valor pago corresponde a um investimento, pois o participante receberá em troca um certo número de exemplares para comercializar. Quem participar com 1 página, investe R$ 60,00 e recebe 10 exemplares. O preço de venda do Livro será em torno de R$ 12,00, portanto, quem vender os 10 exemplares obtém um retorno de R$ 120,00 (100% de lucro). Certamente que exigirá um esforço do participante, mas uma quantia de 10 exemplares é um número pequeno e é bastante razoável que se consiga vendê-los. O preço de R$ 12,00 também está bastante razoável para um livro de 100 páginas com impressão e acabamento de qualidades profissionais.

Vários leitores deram a sugestão de que o Livro tivesse um tema fixo para todos os participantes, de modo que o conjunto tivesse uma unidade. Resolvi acatar a sugestão e estou definindo o seguinte tema:

PECADO

Portanto, todos os trabalhos deverão usar o "Pecado" como tema, obviamente podendo usá-lo da forma mais livre possível, de acordo com a visão e os interesses de cada um. Desse modo, muitos participantes podem não ter trabalhos prontos com este tema e teriam que produzi-los. Por este motivo o prazo para confecção do Livro será maior. Estou colocando um prazo inicial de 4 meses para a entrega do material por parte dos participantes, mas peço que os interessados em participar do Livro se manifestem o mais rápido possível.

Este Livro vem também preencher uma expectativa de vários leitores em relação às edições especiais que eu organizava até início da década de 1990. Muitos ainda se lembram dessas edições. Em 1988 lancei o especial "PSIU Mudo", somente com HQs sem texto; em 1989, o livro "DEUS", 270 páginas e encadernação em capa dura, com HQs de mais de 60 colaboradores; e em 1991, o álbum "ECO LÓGICO", em formato grande, constituído de 50 pranchas, cada uma contendo uma HQ, acondicionadas numa pasta. Estas edições especiais foram todas custeadas por mim, não houve custo para os colaboradores, além, obviamente, do trabalho e dedicação em fazer sua HQ. Cada participante recebeu em troca de sua colaboração um exemplar da edição. Este tipo de especial tem desvantagens em relação à edição cooperada que agora estou propondo. A mais óbvia é que todo o gasto era bancado por mim. Na edição cooperada, este custo é rateado entre todos os participantes. Mas a principal desvantagem é que a distribuição era feita somente por mim, e como algumas edições tiveram o preço meio alto, o alcance foi bem limitado, o que, em parte, deixa de cumprir a finalidade de uma edição, que é levar os trabalhos ao conhecimento do leitor. Na edição cooperada, a distribuição será feita por todos os participantes. Considerando um Livro de 100 páginas, cada página de um colaborador, haverá 100 pessoas cuidando de sua distribuição, o que torna sua difusão muito mais eficiente.

Para completar este texto, vou listar uma série de vantagens de uma edição cooperada. Esta lista foi elaborada por Mário Mastrotti e César Silva (que também está organizando um Livro de Ficção Científica). Vantagens: 1. **Oportunidade de Editar** – o espaço nas editoras profissionais é muito reduzido, normalmente só publicam quem tem nome e retorno financeiro garantido; 2. **Rápida Edição** – uma vez que todo o material esteja coletado, a edição é muito rápida, ao contrário de editoras profissionais que, mesmo com o material em mãos, demoram até que o livro esteja pronto; 3. **Baixo Custo** – como há vários participantes, o custo de cada um é bastante baixo, ao contrário de uma edição individual; 4. **Retorno do Investimento** – embora haja um pagamento antecipado, este valor pode ser recuperado com a venda posterior do Livro; 5. **Margem de Lucro** – o valor pago antecipado corresponde à compra de vários exemplares a preço de custo, e o preço para venda posterior terá incluído uma margem de lucro; 6. **Valorização do Currículo** – é importante para o autor colocar em seu currículo a participação em um Livro; 7. **Divulgação na Mídia** – o fato de ser um Livro bem editado pode conseguir matérias em jornais e revistas; 8. **Contato Direto com Leitores** – cada participante contactará diretamente seu leitor; 9. **Distribuição** – o grande número de participantes dispostos a vender sua cota faz a distribuição ser grande; 10. **Eventos sem Custo** – é possível cada participante organizar em sua região um evento de lançamento do Livro, praticamente sem custo; 11. **Direitos de Autor Reservados** – cada participante tem seu direito autoral reservado e ao receber sua cota de livros já está recebendo antecipadamente o pagamento de seus direitos; 12. **Ampla Divulgação** – a divulgação que cada participante fizer será útil a todos os demais; 13. **Integração com Profissionais** – tanto a participação no livro como nos eventos de lançamento permitem o contato dos autores iniciantes com outros participantes mais experientes e profissionais; 14. **Abertura de Novas Oportunidades** – a presença do trabalho no Livro pode abrir o mercado para novos trabalhos.

Peço a todos os interessados em participar que me avisem. E aguardem que eu vou mantê-los informados do desenvolvimento do projeto. O pagamento da cota só será feito quando o livro estiver para entrar na gráfica. Na ocasião, todos serão avisados.

EDGARD GUIMARÃES

QI 60 (jan/fev/2003) – republicado em **QI** 63 (jul/ago/2003) e 65 (nov/dez/2003)
Textos resumidos publicados em **QI** 61 (mar/abr/2003) e 62 (mai/jun/2003)

A GUERRA DOS GOLFINHOS

O texto a seguir é uma adaptação de artigo publicado originalmente no fanzine "Múltiplo" nº 8, de André Carim de Oliveira, em junho de 1993. No começo desse ano eu havia começado a publicar "A Guerra dos Golfinhos" de Flávio Calazans na forma de minissérie e álbum, dentro de meus projetos de edição e impressão de fanzines. Aproveitei então minha coluna no fanzine "Múltiplo" para fazer alguns comentários e esclarecimentos sobre a obra de Calazans e sobre a maneira como estava sendo editada.

EDGARD GUIMARÃES

"A Guerra dos Golfinhos" foi concebida por Calazans para ser uma trilogia de álbuns independentes, cada um com uma média de 50 páginas. Calazans não partiu do nada. Em 1986 ele publicou um pequeno volume (no formato, pois era em um oitavo de ofício) chamado "Sumidouro". Toda, ou a maior parte, da pesquisa necessária para este trabalho já foi feita nessa época. As idéias fundamentais já estavam ali. Calazans publicou "Sumidouro" e fez mais. Fez uma pesquisa junto aos leitores, colhendo suas impressões sobre a obra, fato talvez inédito entre os independentes. O objetivo de Calazans era justamente conhecer a opinião dos leitores sobre seu trabalho. Não sei se na época Calazans já planejava refazer "Sumidouro". O fato é que as ideias envolvidas em "Sumidouro" eram boas demais para ficarem contidas apenas num volume relativamente pequeno. Assim, Calazans partiu para a realização de uma trilogia de álbuns, com o título geral de "A Guerra dos Golfinhos", usando as idéias de "Sumidouro", desenvolvidas, e aproveitando a pesquisa feita junto aos leitores para reformular algumas coisas. Como disse antes, o objetivo de Calazans era publicar esses álbuns de forma independente, ou seja, ele mesmo bancar a impressão.

Calazans procurou então o Gilberto Firmino para que este fizesse os fotolitos para ele. Firmino propôs publicar "A Guerra dos Golfinhos" na revista "Porrada! Special". Calazans topou e o trabalho começou a sair na base de umas seis páginas por edição de "Porrada! Special". A não periodicidade da revista e a fragmentação de uma HQ que não foi feita para ser publicada em capítulos, as reclamações de alguns leitores, tudo isso passou a aborrecer Calazans. Mas a insatisfação passou a ser completa quando Calazans tentou receber o combinado pela publicação, não conseguiu, tentou reaver os originais e também não conseguiu. A publicação de "A Guerra dos Golfinhos" foi interrompida com a saída de circulação da revista e Calazans ficou totalmente desmotivado de continuar a produzir sua trilogia. Com tudo isso, "A Guerra dos Golfinhos" ficou na seguinte situação: apenas um álbum totalmente produzido (56 páginas divididas em dois capítulos de 28 páginas cada), deste, apenas uma parte publicada em "Porrada! Special", com o autor decidido a não investir mais tempo e dinheiro na série, e partindo para outros projetos. Em resumo, pouca perspectiva de futuro.

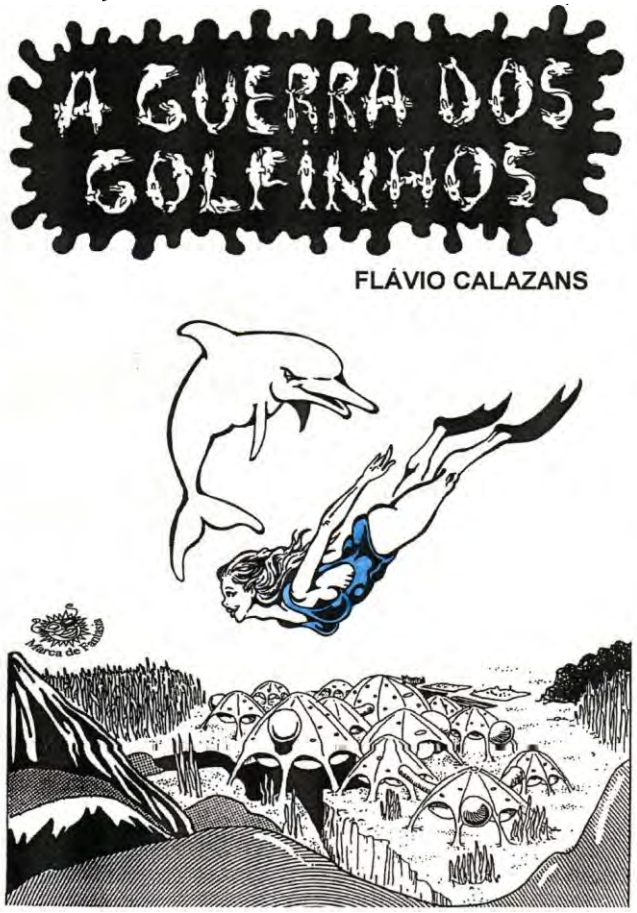
Dois fatos, ambos relacionados comigo, mudaram esta situação. O primeiro foi uma entrevista que dei ao José Valcir e que saiu publicada na revista "Prismarte" nº 4. Valcir perguntava minha opinião sobre "A Guerra dos

Golfinhos", eu comentei apenas as páginas que havia lido em "Porrada! Special" e terminei a resposta dizendo que a atitude pouco profissional de Gilberto Firmino tinha prejudicado também os fãs do trabalho de Calazans, pois íamos ficar sem conhecer o trabalho completo. Calazans leu esta entrevista, se sensibilizou com estas minhas palavras e quando eu iniciei meus projetos de co-edição de revistas independentes, imediatamente ele me propôs que eu editasse "A Guerra dos Golfinhos". É claro que topei na hora, mas me preocupava um pouco o fato da HQ, assim pensava eu, estar incompleta. Quando o Calazans me enviou as 56 páginas que compõem o primeiro álbum, é que eu li pela primeira vez o trabalho completo. E pude constatar o erro que foi a publicação picotada em "Porrada! Special". "A Guerra dos Golfinhos" é um trabalho muito elaborado, com uma narrativa muito bem construída, com uma bem planejada inter-relação de tramas, e deve ser lida como um todo. E não apenas uma vez. Como eu disse na apresentação da edição de "A Guerra dos Golfinhos", a cada leitura, esta HQ fica melhor. Faço aqui uma ressalva. Para tornar este trabalho mais acessível a mais pessoas, publiquei "A Guerra dos Golfinhos" dividida em quatro edições, mas deixo a sugestão a quem adquirir esta obra nesta forma que deixe para ler tudo de uma vez, depois que tiver os quatro números. Voltando um pouco, a leitura do primeiro álbum de "A Guerra dos Golfinhos" me tirou a preocupação a que me referi logo acima. Este primeiro volume estava suficientemente fechado para que sua publicação se justificasse sem que isso representasse prejuízo para o leitor. Calazans, embora tenha pensado "A Guerra dos Golfinhos' como uma trilogia, produziu o primeiro álbum relativamente independente dos dois seguintes. É claro que na narrativa do primeiro álbum, muitas pontas são deixadas soltas para serem desenvolvidas nos álbuns seguintes, mas Calazans teve a preocupação de fechar algumas narrativas, para que o álbum tivesse o recurso a mais de poder ser lido independentemente. Por esta razão, mesmo considerando que Calazans não produza os dois álbuns seguintes, como era sua intenção, eu achei que a publicação do primeiro álbum, por sua qualidade e relativa independência, se justificava. E como a hipótese mais provável é que os dois álbuns seguintes não sejam mesmo produzidos, não vi sentido em colocar que o álbum publicado era o primeiro volume de uma possível trilogia. Assim, publiquei o primeiro volume como um álbum único pois é mais provável que ele assim permaneça. E repito: este primeiro álbum tem qualidade mais que suficiente para justificar sua publicação mesmo que a dos álbuns seguintes não venha a se realizar.

Aproveito o espaço para fazer mais um esclarecimento. A vontade de Calazans era que "A Guerra dos Golfinhos" fosse impressa na cor azul, se possível. Como eu estava começando a imprimir fanzines, a informação que eu tinha era que tanto o toner preto como o azul tinham o mesmo preço. Assim, os primeiros exemplares que publiquei foram impressos todo em azul. E diga-se de passagem, um azul muito bonito. Agora, mais por dentro de preços e custos, constato que o toner azul é cerca de quatro vezes mais caro que o toner preto. Portanto, para não tornar a edição inviável economicamente, sou obrigado a imprimir os novos exemplares na cor preta. Pessoalmente não acho que haja prejuízo para os novos leitores, tanto a impressão em preto como a em azul permite que o leitor perceba a qualidade intrínseca da obra.

No final de 2002, Henrique Magalhães e sua editora Marca de Fantasia lançam nova edição do álbum "A Guerra dos Golfinhos", em formato maior, boa impressão, acrescida com um estudo do professor Antônio Luiz Cagnin, uma ótima oportunidade para quem não conhece esta obra de Flávio Calazans.

SERVIÇO



A GUERRA DOS GOLFINHOS
Flávio Calazans
70 páginas, 17x24cm, R$ 8,00

Editora Marca de Fantasia
Pedido a:
Henrique Magalhães
Rua Manoel de Souza, 95/302
João Pessoa – PB – 58045-090.
marcadefantasia@uol.com.br

20º ANGELO AGOSTINI

30 DE JANEIRO – DIA DO QUADRINHO NACIONAL

No dia 1º de fevereiro de 2004, ocorreu no auditório do prédio da Gazeta, na Avenida Paulista, em São Paulo, a comemoração do Dia do Quadrinho Nacional, com a entrega, pela vigésima vez, do Troféu Angelo Agostini aos que se destacaram nos quadrinhos brasileiros durante o ano de 2003. O evento ocorreu neste local graças à colaboração da loja Comix e da Editora Opera Graphica, que alugaram o hall do prédio da Gazeta para realizarem o 8º FestComix, uma grande feira de venda de revistas de quadrinhos, rpg, fitas, brinquedos, etc. Sempre ocorrem eventos paralelos à feira, como palestras, lançamentos de livros e álbuns, etc. Desta vez, o destaque foi para a entrega do troféu, precedida, no entanto, de várias atividades.

Na parte da manhã, Diamantino da Silva fez o lançamento de seu livro **Quadrinhos Dourados**, contendo depoimentos sobre sua infância em meio aos famosos suplementos de quadrinhos, e vasta informação sobre esta fase da publicação de quadrinhos no Brasil. Diamantino proferiu palestra sobre o assunto, com apresentação de slides. Houve simultaneamente exposição de centenas de capas de revistas antigas e originais pintados de Umberto Losso, ilustrador conhecido de vários fanzines de nostalgia. Na sequência, houve uma mesa redonda sobre a Situação do Artista Negro no Mercado dos Quadrinhos, com a presença do quadrinhista Pestana. Em seguida, membros do Núcleo de Cinema de Animação de Campinas apresentaram seus trabalhos com oficinas de animação para crianças. Foram mostrados, em vídeo, vários desenhos animados feitos pelos alunos desses cursos. Após, o professor Antônio Luiz Cagnin fez palestra sobre Angelo Agostini, dando um histórico da vida do artista, situando-o no contexto da época. Para finalizar, foi apresentado um documentário feito pela TV Senado sobre Angelo Agostini, por ocasião do lançamento do livro **Nhô Quim e Zé Caipora** de Athos Cardoso.

Era mais de 17h quando começou a cerimônia de premiação, sob o comando de Worney Almeida de Souza, com o auditório quase lotado. No início, como de praxe, várias pessoas foram ao palco apresentar seus trabalhos. Vinícius Mitchell falou da revista independente **Mosh**, Érico e Fábio San Juan falaram do jornal de humor **Rio**, de Piracicaba, Mário Mastrotti falou do lançamento da Editora Virgo, **Internet@Humor**, livro de humor feito no sistema cooperado. Worney enfatizou que a escolha dos premiados é feita através de eleição direta, e que a cédula de votação é enviada a um grande número de artistas, colecionadores, leitores, etc.

A partir daí, Worney foi chamando ao palco os premiados para receberem, dependendo da categoria, o Troféu ou a Medalha *Angelo Agostini*. Na verdade, a entrega começou pelo *Troféu Jayme Cortez*, destinado a quem tenha incentivado os quadrinhos brasileiros durante o ano. Foram três os vencedores: a Opera Graphica, representada por Franco de Rosa; o sítio UniversoHQ, representado por Sidney Gusman; e o sítio ***NonaArte***, de André Diniz, que, não podendo comparecer, foi representado por Sidney Gusman. Na categoria *Melhor Desenhista*, o vencedor foi Mozart Couto, pelo álbum **BioCyberDrama**, em parceria com Edgar Franco. Mozart não pôde comparecer e foi representado por Franco de Rosa. Na categoria *Melhor Roteirista*, o vencedor foi Marcelo Cassaro, pela série **Holy Avenger**. Na categoria *Melhor Lançamento*, o vencedor foi o álbum **Roko Loko e Adrina Lina**, de Márcio Baraldi, que agradeceu de maneira entusiasmada homenageando os artistas veteranos presentes. Na categoria *Melhor Editor*, os vencedores foram Franco de Rosa e Roberto Guedes. Na categoria *Melhor Cartunista*, houve dois vencedores. Worney chamou Márcio Baraldi para entregar o troféu a Bira. Quando ambos haviam voltado para suas cadeiras, Worney chamou Bira para entregar o troféu a Márcio Baraldi. Numa dessas, Bira presenteou a platéia com um show de gaita, tocando um pupurri de temas de filmes e seriados. Na categoria *Melhor Arte-Final*, foram premiados Renato Guedes e Mozart Couto, este novamente representado por Franco de Rosa. Na categoria *Melhor Arte Técnica*, receberam o prêmio Alexandre Jubran e André Vazzios. Na categoria *Melhor Fanzine*, pude receber a medalha pelo **QI**. Meu discurso de agradecimento, escrito por José Salles, recebeu pelo menos um elogio. Finalmente a categoria principal, a de *Mestres do Quadrinho Brasileiro*, homenagem a quem tenha dedicado pelo menos 25 anos de carreira aos quadrinhos. Desta vez, foram escolhidos cinco Mestres. O primeiro foi o próprio Angelo Agostini, e Antônio Luiz Cagnin foi chamado para representá-lo. Também falecidos, os Mestres Rivaldo e Carlos Estêvão foram representados por Rodolfo Zalla e, se não me engano, Baraldi. Angeli não pôde comparecer e foi representado. E Paulo Caruso foi chamado para entregar o Troféu de Mestre a seu irmão Chico Caruso. Todos os premiados receberam também uma fita de vídeo com as animações do Núcleo de Cinema de Animação de Campinas, cortesia do Núcleo.

O clima do evento foi bastante descontraído, com algumas participações da platéia. Durante a apresentação que Érico e Fábio fizeram de seu jornal, também divulgaram o livro **Os Quinze de Piracicaba**, reunindo trabalhos de quinze quadrinhistas piracicabanos e deram um exemplar para Worney sortear para a platéia. Worney propôs que o livro fosse dado a quem fosse na frente cantar um trecho da música *O Rio de Piracicaba*. Imediatamente Baraldi se apresentou e acertou o primeiro verso, mas parece que não foi suficiente. Uma moça da platéia se apresentou e foi mais feliz ganhando o livro.

A presença do público foi bastante grande. Entre as várias pessoas que prestigiaram o evento, posso citar, de memória, além dos já mencionados, Luigi Rocco, Joás Lima, Primagio Mantovi, Waldomiro Vergueiro, Gazy Andraus, Maria Alice, José Salles, Eduardo Manzano, Tércio Strutzel, César Magalhães, Daniel Alves, Salvador, Lourenço Mutarelli, Wagner Augusto, Helder Costa, Pedro Rosa, Paulo Paiva, Dédy Edson, Alessandro Librandi, Luciano Leal e Elisângela, Eloyr Pacheco, Adauto Gomes, entre tantos outros.

Parabéns ao Worney e demais organizadores pela realização.

QI 65 (nov/dez/2003)

COLEÇÃO QUIOSQUE

Não vou falar de toda a trajetória de Henrique Magalhães como quadrinhista, estudioso dos quadrinhos e editor independente frente a sua editora Marca de Fantasia. Sua produção é vasta em qualquer dessas atividades. Vou me concentrar em seu último lançamento, a "Coleção Quiosque". Nesta coleção, Henrique se propõe a publicar textos analíticos sobre Histórias em Quadrinhos e temas afins, uma iniciativa louvável em vista da escassez de obras sobre o assunto. É bastante rara a publicação de obra teórica sobre HQ no Brasil. Existem, sim, mas em número muito menor do que o desejável. Um indicador claro disso pode ser visto no seguinte fato. Existe um grupo de estudiosos de Histórias em Quadrinhos mais ou menos organizado em torno do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Este grupo foi iniciado por Flávio Calazans em 1995 com o nome Grupo de Trabalho de Humor e Quadrinhos (GTHQ) e hoje está sob coordenação de Moacy Cirne, com o nome Núcleo de Pesquisa de História em Quadrinhos (NPHQ). Todo ano, mais de 20 trabalhos sobre quadrinhos são apresentados no Congresso da Intercom. São textos de cerca de 10 a 15 páginas, enfocando aspectos específicos das Histórias em Quadrinhos. Todos esses trabalhos estão disponíveis nos CD-Roms do Congresso e muitos deles podem ser encontrados em sítios da Intercom ou de outros órgãos de pesquisa. No entanto, muito poucos foram publicados na forma impressa, principalmente na forma de livro, que é um produto mais durável.

Na última edição do Congresso, que ocorreu em setembro em Belo Horizonte, Henrique Magalhães, lá presente, em conversa informal, propôs que nós, participantes, reuníssemos nossos textos num livro que ele se encarregaria de editar de forma independente. Muitos se entusiasmaram com a idéia, mas a distância e o número de participantes dificultam um pouco o desenvolvimento do projeto. No entanto, Henrique não se acomodou. Pouco tempo depois do Congresso, lançou a "Coleção Quiosque", objeto deste texto.

Esta coleção é composta por livros de pequeno formato (120x180mm), razoável quantidade de páginas (em torno de 50), pequena tiragem, trazendo textos completos a um preço bem acessível (R$ 7,00). O livro que inaugurou a coleção, "História em Quadrinhos: Essa Desconhecida Arte Popular" é um texto de Thierry Groensteen, original em francês, de 1998, traduzido pelo próprio Henrique. O texto faz um retrospecto sobre o desenvolvimento dos quadrinhos, principalmente na França, identificando os diversos gêneros, e termina com um importantíssimo capítulo intitulado „Por uma Pedagogia da História em Quadrinhos". Um texto imprescindível. Como segundo volume da coleção, Henrique achou por bem reeditar o texto sobre fanzines que publiquei de forma independente em 2000. Com um trabalho de edição muito bem feito, o livro ficou muito agradável e certamente encontrará novos leitores.

Mas o principal da "Coleção Quiosque" é a perspectiva que ela abre. Agora, muitos dos textos que foram apresentados não só nos Congressos da Intercom, como em outros congressos e outros veículos de comunicação, podem se tornar disponíveis na forma impressa e encontrar seu público. Há muitos textos importantes que serão valorizados pela publicação em livro. E o leitor interessado em conhecer mais profundamente esta linguagem dos Quadrinhos tem uma oportunidade única. Estou numa expectativa muito agradável para conhecer os próximos volumes e penso que esta coleção se tornará fundamental para os estudiosos das Histórias em Quadrinhos no Brasil.

QI 65 (nov/dez/2003)

1º GRANDE CONCURSO DE HISTÓRIAS-EM-QUADRINHOS

Em 1971, a Ebal lançou um concurso de Histórias em Quadrinhos para comemorar os 150 Anos da Independência do Brasil.
O Regulamento foi publicado em várias revistas da editora.
A seguir está reproduzido como saiu em "Gunsmoke" nº 15, de julho de 1971.

No intuito de incentivar a produção de histórias-em-quadrinhos nacionais, com assuntos, ambiente e personagens do Brasil, a Editora Brasil-América institui um concurso de âmbito internacional, podendo a ele concorrer somente artistas novos, brasileiros, portugueses ou estrangeiros radicados no Brasil.

O Regulamento Geral desse Concurso terá os seguintes itens:

1 – *Tema*: História-em-quadrinhos de ficção, desenrolada na época da Independência do Brasil. É a homenagem que a Editora Brasil-América quer prestar ao Sesquicentenário desse evento, a comemorar no próximo ano de 1972.

2 – *Número de páginas*: 32, incluindo a apresentação e figuras das personagens, se houver.

3 – *Formato dos desenhos*: A publicação dessa história se fará no formato BB aberto – ou seja, como modelo, a nossa própria história da Independência já publicada. Formato uniformizado, para redução: 30cm x 42cm.

4 – *Capa*: A cores, a fim de ser publicada em policromia, sujeita – ou não – ao aproveitamento, ficando o caso afeto à resolução da própria Editora. Em caso de aproveitamento, haverá um prêmio extra.

5 – *Julgamento*: Na fase do julgamento, somente serão levados em conta os desenhos e o enredo da história-em-quadrinhos propriamente dita, desenhada a nanquim, a pena ou pincel.

6 – *Personagens*: Deverão ser imaginárias, entremeadas, porém, de personagens reais ligadas ao episódio da Independência do Brasil.

7 – *Legendas e balões*: Os desenhos dos quadrinhos deverão vir o mais completo possíveis, terminados na sua essência, enquadrados a nanquim, com os balões e legendas marcados a lápis e datilografados em separado. As letras feitas a mão e os balões completos, desde que sejam perfeitos, serão aceitos pela Comissão Julgadora.

8 – *Concorrentes*: Sendo este Concurso exclusivamente destinado a artistas novos, aqueles que ainda não têm os seus desenhos publicados ou consagrados, *ipso facto* não poderão a ele concorrer os desenhistas desta Editora, os que nela já colaboraram e outros consagrados.

9 – *Comissão Julgadora*: A Comissão Julgadora será composta nas vésperas do encerramento do concurso, dia 31 de dezembro de 1971.

10 – *Prêmio Principal*: Para o 1º colocado, autor ou autores do roteiro, texto e desenhos, Cr$ 5.000,00 em dinheiro e a publicação de uma edição especial.

11 – *Menções Honrosas*: Qualquer das histórias concorrentes que não tiver obtido o 1º Prêmio, mas que tenha sido aprovada pela Editora Brasil-América para a sua publicação, terá o prêmio extra de Cr$ 2.000,00.

12 – *Devolução de Originais*: Findo o prazo de um ano do julgamento e terminada a possibilidade do aproveitamento de qualquer história para publicação como Menção Honrosa, serão devolvidos os originais recebidos.

13 – Os originais deverão ser enviados para a Editora Brasil-América Limitada, Rua General Almério de Moura, 302, Rio de Janeiro, Brasil, acompanhados de uma ficha biográfica dos autores. Os originais deverão vir embalados, para que não se estraguem ou amarrotem.

A revista "Gunsmoke" nº 22, de fevereiro de 1972, entre outras, publicou uma relação dos participantes do Concurso.

RELAÇÃO DOS ORIGINAIS RECEBIDOS PARA O 1º GRANDE CONCURSO DE HISTÓRIAS-EM-QUADRINHOS

1) **Ou Morrer pelo Brasil** – Alberto Brás Constante, Belo Horizonte, MG.
2) **Os Imortais** – Valdecy Ferreira da Silva, Rio de Janeiro, GB.
3) **A Independência do Brasil** – José Alves da Mota e Alan Cardec Ribeiro, Nilópolis, RJ.
4) **Independência do Brasil** – Orlando Gomes Barros de Oliveira, Recife, PE.
5) **Vilela, Independência ou Morte** – Joaquim Silva Vilela, Taguatinga, DF.
6) **Por Amor à Liberdade** – Mário de Andrade Filho, Rio de Janeiro, GB.
7) **Tonho, Uma Aventura no Brasil Colonial** – Laerte do Nascimento, São Paulo, SP.
8) **Sangue Independente** – Vanderlei José Venturin, Caxias do Sul, RS.
9) **Independência do Brasil** – Flávio Albuquerque, Passo Fundo, RS.
10) **A Independência do Brasil** – Marcos Amâncio Pedroso, São Paulo, SP.
11) **As Minas de Ouro** – Francisco Otmar Soares, Goioerê, PR.
12) **Um Passo Decisivo** – Gaspar Gaedke Lukca, Uruguaiana, RS.
13) **Victor e Ceusius, na Independência** – Cláudio Luiz Moreira de Gamboa e Castro, Grajaú, GB.
14) **Uma Estória na Independência** – Luiz Antônio Novelli, Monte Santo de Minas, MG.
15) **Macumba, em Independência ou Morte!** – William Weyne Padilha, Fortaleza, CE.

16) **Independência ou Morte** – Marcos Frei, São Carlos, SP.
17) **Kiko e Betinha no Planeta Terra** – Marly Aparecida de Castro, Taubaté, SP; Maria Leonor Barros, São Paulo, SP.
18) **Manto** – Luiz Carlos Simone Marques, Goierê, PR.
19) **Salve a Nossa Independência** – José de Siqueira Neto, Bonsucesso, GB.
20) **Retorno** – Eloir Carlos Nickel, São José dos Pinhais, PR.
21) **A Independência do Brasil** – Sérgio Dimas Laudário, Apiaí, SP.
22) **Independência ou Morte** – César Luiz Basso, Ijuí, RS.
23) **O Plano Diabólico do Senhor do Mal** – Maria Lúcia Mattiola da Lima, Lins, GB; Leila Miccolis, Vila Isabel, GB.
24) **Cavaleiros da Esperança** – Rubens Matos do Couto, Vila da Penha, GB.
25) **O Mártir** – Luiz Lessa Conrado, Flamengo, GB.
26) **Antão** – Jonas Aristides Schiaffino, Porto Alegre, RS.
27) **Enfim a Independência** – José Luís Pedro, Ribeirão Preto, SP.
28) **Subversão** – Norberto Thieme e Roland Thieme, Rio Negrinho, SC.
29) **Os Jovens na Independência** – Raphael de Oliveira, GB.
30) **Os Dois Amigos** – Manoel Edmundo Silva, Belo Horizonte, MG.
31) **O Brasil não se Rende** – Valdecy Ferreira da Silva, São João de Meriti, RJ.
32) **...Uma das Origens da Nossa Independência** – Antônio Fernandes Filho, São Paulo, SP.
33) **Os Problemas** – Esdras Lopes Rodrigues, Guará, DF.
34) **Nossos Heróis** – Itamar Gonçalves e Antônio Soares de Freitas, Brasília, DF.
35) **Libertas Quae Sera Tamen** – Osvaldo Takeshi Sakashita e Heitor Carlos Massa, Ribeirão Preto, SP.
36) **Duas Vidas contra a Morte** – Adolfo Gabriel Beltrani, Ibiá, MG.
37) **Independência do Brasil** – Júlio Neto Holanda de Melo, Barreiros, PE.
38) **Independência do Brasil** – Noé Martins de Souza, Morada Nova, CE.
39) **Na Época da Independência** – Fernando Barbosa e Paulo Francisco, Mogi das Cruzes, SP.
40) **Cavalgada da Independência** – Manfred Osterroht, Maringá, PR.
41) **Independência do Brasil** – Nelson Marinho da Silva, Paranaguá, PR.
42) **Sentimento de Autonomia** – Edson Benedito de Sousa, São João del Rei, MG.
43) **Mártir da Independência** – Louis Robertt Alves, Terezina, PI.
44) **Independência do Brasil** – Paulo Fernandes da Silva, São Paulo, SP.
45) **Rumo à Liberdade** – Paulo Antônio de Paiva Pereira, Ouro Fino, MG.
46) **Liberdade para o Povo Brasileiro** – Ricardo Teles Araújo, GB.
47) **Uma Aventura com o Desconhecido** – Paulo Roberto França Carvalho, Salvador, BA.
48) **Liberdade** – Fik, Curitiba, PR.
49) **Cartas para sua Majestade** – Nelson dos Santos Machado, Florianópolis, SC.
50) **A Conspiração** – Maurício Veneza da Silva, Niterói, RJ.
51) **Carta da Liberdade** – Hugo Santos Silva Neto, Santos, SP.
52) **História na Independência** – Arnaldo Nascimento Silva, Santos, SP.
53) **Missão no Passado** – Atílio Guarnieri, Rio, GB.
54) **Um Ideal** – Ájax Porto Pinheiro, Castanhal, PA.
55) **Independência do Brasil** – José Shigueo Oshiro, Dourados, MT.
56) **Carapivi, o Patriota** – José Nogueira de Lima Filho, Fortaleza, CE.

Todos os trabalhos estão sendo lidos e analisados cuidadosamente. Tão logo tenhamos o resultado, este será publicado em nossas revistas.

A revista "Gunsmoke" nº 25, de maio de 1972, entre outras, publicou o resultado do Concurso.

RESULTADO DO 1º GRANDE CONCURSO DE HISTÓRIAS-EM-QUADRINHOS

Terminado o prazo de inscrição e entrega de originais para o I Grande Concurso de Histórias-em-Quadrinhos, a Editora Brasil-América escolheu uma comissão de pré-seleção, composta dos seguintes membros: Adolfo Aizen, Paulo Adolfo Aizen, Naumin Aizen, Fernando Albagli, Monteiro Filho, André Le Blanc e Eugenio Colonnese. Após o exame detalhado dos 56 originais recebidos, a referida comissão selecionou 6 (seis) originais, que foram entregues à patota de **O Pasquim** – Millôr Fernandes, Ziraldo Alves Pinto, Sérgio Jaguaribe (Jaguar), Henfil e Sérgio Augusto Pinto.

Todos eles, reunidos, depois de examinarem os 6 concorrentes pré-selecionados, chegaram a uma conclusão: o primeiro prêmio, por unanimidade, deveria ser conferido ao concorrente nº 14, com o original "Uma Estória na Independência". Autor: Luiz Antônio Novelli, de Monte Santo de Minas, Estado de Minas Gerais. Nascido em 1937, Novelli estudou cinema e gravura em Paris, o que se percebe pelo desenho (cheio de detalhes e preciosismos) e pelo desenvolvimento da história (narrativa bem encadeada com sequências de ótimo cinema).

Logo após terem escolhido o vencedor, Ziraldo escreveu o seguinte, que saiu em **O Pasquim** (18-24/4/72), na seção "As Dicas":

"Cívicos como sempre fomos, estivemos reunidos outro dia para julgar o Concurso de Histórias-em-Quadrinhos lançado pela Ebal para comemorar o um-e-meio centenário (ou sesquicentenário, para os menos informados) da Independência do Brasil."

"Éramos cinco compenetrados juízes – Millôr, Jaguar, Sérgio Augusto, Henfil e eu –, e ficamos realmente bestas com a qualidade do material examinado. Ganhou um mineiro (juro que não influenciei o júri) de Monte Santo, que desenha como um anjo. Seu nome é Luiz Antônio Novelli, sua história é muito bem bolada (é narrada por um personagem que vivia naquela casinha que tem no quadro do Pedro Américo e que assistiu a todo o ato do Grito de Dom Pedro) e os cenários dos quadrinhos têm um nível que eu nunca vi antes, nem mesmo nas melhores histórias internacionais. A história é toda cinematográfica (Novelli tem curso de cinema em Paris, embora viva no interior de Minas) e seu quadrinho inicial mais o último quadrinho são um achado do ponto de vista dramático."

"O júri reunido exigiu que o Seu Adolfo Aizen aumentasse o valor do prêmio."

Quanto às menções honrosas, a Ebal está resolvendo como fazer.

COMENTÁRIOS

Republiquei estas três matérias de 1971/72 por várias razões. A primeira é que um Concurso de Histórias em Quadrinhos cujo prêmio, além de um valor monetário, seja a publicação da obra em álbum não é algo comum. A própria Ebal não repetiu a iniciativa. Atualmente há várias premiações para HQs, pois os Salões de Humor têm a categoria „História em Quadrinhos" além das tradicionais „Charge", „Cartum" e „Caricatura". E há vários salões ativos no Brasil, como o de Piracicaba (que acaba de completar 30 Anos), São Luís, Caratinga, Ribeirão Preto, Volta Redonda, Rio de Janeiro, Porto Alegre, entre outros. As premiações têm valores variáveis, normalmente na faixa de mil reais, mas podendo chegar a valores bem mais altos como o recente Salão de Foz do Iguaçu. Mas não é comum que os trabalhos premiados sejam publicados. Eventualmente, algum catálogo da exposição é lançado. Este concurso da Ebal teve esta característica, o trabalho vencedor foi publicado em álbum formato 225x315mm, em preto e branco, capa colorida, lombada canoa. Embora houvesse possibilidade da Ebal publicar outras histórias selecionadas como Menção Honrosa, isto não foi feito. Nem foram divulgados quais os outros cinco trabalhos pré-selecionados. Apenas para se ter uma idéia do valor do primeiro prêmio, Cr$ 5.000,00, a revista "Gunsmoke" (formato americano, preto e branco, 32 páginas), de onde retirei as três matérias, custava Cr$ 1,00. Ou seja, aparentemente, o prêmio era um bom valor.

Na introdução do álbum "Uma Estória na Independência", Naumin Aizen comenta: "Recebemos 56 originais, que vieram de todo o País. Chegavam diariamente, aos montes, de todas as formas possíveis. Houve, até, um concorrente que desenhou com caneta esferográfica em caderno escolar, dos dois lados das folhas. Apesar de uma das condições do concurso ser o tema desenrolado na época da Independência do Brasil, vários originais exploravam um gênero muito atual: a ficção-científica, cheia de discos-voadores, viagens interplanetárias e plataformas espaciais. E a Independência era sempre um "acidente". Mas se o enredo, o desenvolvimento e os desenhos fossem de boa qualidade, melhores que os de outras histórias apresentadas, qualquer original de ficção-científica seria o vencedor. Nenhum deles, no entanto, explorou convenientemente o assunto". Este trecho mostra, entre outras coisas, o sucesso do Concurso. 56 histórias foram inscritas. Imagine o trabalho que é produzir uma história completa de 32 páginas, com uma ilustração colorida para capa, com o máximo capricho possível, para se sobressair a todos os demais concorrentes. E, no entanto, autores de todo o Brasil se meteram nesta empreitada.

Outro detalhe curioso é olhar a lista dos 56 selecionados e verificar quem deu continuidade à carreira de quadrinhista. O próprio vencedor, **Luiz Antônio Novelli**, que eu saiba, nunca mais publicou nada. Vou relacionar em seguida os nomes que eu consegui identificar. **Valdecy Ferreira da Silva** (2 e 31) publicou nas revistas de terror da Vecchi. **Eloir Carlos Nickel** (20) teve uma produção bem ativa com HQs fantásticas para a Grafipar e a Press. **Leila Míccolis** (23) se dedicou à poesia e co-editou o jornal "Blocos" durante muito tempo. **Rubens Matos do Couto** (24) fez muita ilustração de heróis clássicos para os fanzines de nostalgia. **Jonas Aristides Schiaffino** (26) fez uma bela história publicada em "Historieta" e mais algumas HQs para a Press. **Itamar Gonçalves** (34) foi bem ativo na época da Grafipar. **Maurício Veneza** (50) publicou nas revistas de terror da Vecchi. Estes foram os que eu consegui reconhecer, e as informações dadas foram de memória. Quem conseguir identificar outros nomes, pode enviar as informações que complemento no próximo número.

ADENDO

Pelo menos dois editores de fanzines fizeram belas homenagens a Gedeone Malagola. José Eduardo Cimó, de Assis (SP), dedicou a Gedeone o nº 10 de **Fã-Zine**, de abril de 1993. Foi uma edição em formato ofício com 44 páginas, trazendo HQs de terror, infantil com Uk e Uka, e Raio Negro, além de entrevista e dados biográficos. José Magnago, de Cachoeiro de Itapemirim (ES), dedicou a Gedeone o nº 30 de **O Castelo de Recordações**, de dezembro de 1998. Foi uma edição em formato meio ofício com 156 páginas, trazendo HQs de Pedro Álvares Cabral, Santos Dumont, O Guarani, Castro Alves, Milton Ribeiro, de terror, reproduções de capas de revistas e ilustrações, dados biográficos, fichas sobre vários de seus personagens, e várias fotos. Além dessas duas edições, José Eduardo Cimó dedicou os nºs 18 e 21 de seu **Fã-Zine** aos Heróis Brasileiros e aos personagens Cômicos Nacionais. Estas duas edições são verdadeiros dicionários sobre a História em Quadrinhos brasileira, cada uma com mais de 200 páginas, cada página dedicada a um personagem. Dezenas de personagens de Gedeone foram enfocados nestas duas edições.

Atualmente, Francinildo Sena tem republicado HQs clássias de Gedeone em seu fanzine **Heróis Brazucas**.

QI 66 (jan/fev/2004)

MARCA DE FANTASIA

Talvez do ponto de vista comercial fosse mais eficiente espalhar estes anúncios ao longo da edição, mas não resisti à tentação de colocá-los todos juntos numa única página, a página da Marca de Fantasia.

A meu ver, esta reunião tem como principal vantagem mostrar inequivocamente a força da Marca de Fantasia, esta editora independente orquestrada por Henrique Magalhães. No período de pouco mais de um mês, desde a última edição do **QI**, Henrique coloca na praça três novos livros. Dois deles pertencem à *Coleção Quiosque*, dois novos importantes trabalhos de análise dos temas relacionados às Histórias em Quadrinhos. Como disse em matéria no **QI** 65, esta coleção tem sido um dos grandes destaques entre as edições independentes atuais. O terceiro livro é a reedição do álbum **Macambira e sua gente**, uma coletânea de tiras do próprio Henrique.

Todas as edições da Marca de Fantasia são muito bem cuidadas, tanto no aspecto editorial como na impressão e acabamento, fazendo desse trabalho um exemplo para todos nós, editores independentes.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

O **QI** recebeu o **Certificado de Participação** no I Concurso Literário "Nau" na categoria Divulgação, pelo apoio desta publicação em prol da Cultura. Agradeço o organizador Harley Meireles e os membros da Comissão Julgadora, Sonia Pereira, Marcelino R. de Pontes e Rubens Augusto.

A **Gibiteca Municipal Bigail**, de São Vicente, está reunindo e catalogando a produção de fanzines nacionais. Para participar do projeto, os fanzineiros deverão enviar dois exemplares do zine inscrito, um breve currículo, endereço e telefone de contato para Biblioteca Municipal de São Vicente – Rua Frei Gaspar, 280 – Centro – São Vicente – SP – 11310-000. O prazo é 30 de julho.

A **SBAF – Sociedade Brasileira de Arte Fantástica** – anuncia o ganhador do Prêmio SBAF 2004: **Roberto de Sousa Causo** pelo livro de ensaios **Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875-1950**, lançado pela Editora UFMG em 2003. O livro faz um estudo pioneiro sobre o desenvolvimento dessa literatura no país até 1950, comparada à produção internacional, levantando as principais influências, divergências e a sua originalidade potencial no Brasil. Ainda traz um caderno com ilustrações e reproduções em cores de capas de livros e revistas de ficção científica. O Prêmio SBAF é concedido apenas quando a entidade julga que houve um artista que produziu uma obra dentro dos gêneros fantásticos que tenha obtido uma alta distinção e contribuído para o desenvolvimento dos gêneros no Brasil. Os ganhadores anteriores foram Octavio Aragão pelo livro **Intempol, uma antologia de contos sobre viagens no tempo**, Antônio Eder, Gian Danton e Jefferson Arantes pela revista de HQs **Manticore Especial**, e Clóvis Vieira pelo desenho animado **Cassiopéia**.

QI 67 (mar/abr/2004)

O MUNDO DE GUSTAVE VERBEEK

Tudo começou com uma sugestão de Virgílio Simões, de Manaus (AM), lembrando que o número 69 do **QI** estava chegando e que seria interessante fazer uma capa com referência à posição sexual "meia-nove" e até mandou um rascunho de ilustração. Achei uma boa idéia, mas como o **QI** não é uma publicação erótica, seria preciso algo mais para justificar uma capa assim, talvez uma matéria sobre quadrinhos eróticos. Uma série de circunstâncias me levou a aproveitar a idéia, mas de outra forma. Ao invés de fazer referência à conotação sexual do 69, resolvi associá-lo a uma série clássica de HQ norte-americana do começo do século XX, onde a leitura da página continuava virando-se a página ao contrário. Esta série foi publicada aqui no Brasil no **Almanaque do Gibi Nostalgia**, da RGE, em maio de 1977. Colocarei a seguir o texto introdutório publicado no Almanaque.

"Somente há pouco tempo, os admiradores dos quadrinhos se recuperaram da admiração e do espanto causados pela mais anômala e, sob alguns aspectos, a mais engenhosa HQ já criada. *The Upside-Downs of Little Lady Lovekins and Old Man Muffaroo* (*O Vira-vira da Lady Lovekins e do Velho Mufaru*) teve uma vida breve, mas fecunda: foi publicado, entre 11 de outubro de 1903 e 15 de janeiro de 1905, no **New York Herald**. Foram 64 semanas de complicadíssimos problemas matemáticos e de uma persistência inigualável do seu criador. Na realidade, apenas soluções geométrico-matemáticas poderiam permitir ao autor realizar uma história que deveria ser lida em duas partes. Cada quadrinho deveria ter duas explicações lógicas, ou quase."

"Entre as várias soluções possíveis, a mais fácil era a troca de dois protagonistas. Little Lady Lovekins, vista de cabeça para baixo, se tornava Old Man Muffaroo e vice-versa. Entretanto, o mais difícil era transformar as folhas das árvores em nuvens, um velhinho num cachorro, uma cabeleira elaborada num par de pernas, embora nada bonitas."

"Verbeek é também autor de uma outra série que apareceu no **New York Herald**: *The Terrors of Tiny Tads*, um conjunto de seis quadrinhos, com versinhos, onde uma pequena comunidade de crianças, os Tiny Tads (Tadinhos), está sempre às voltas com criaturas saídas de um pesadelo. Trata-se de um surrealismo "de brincadeirinha" muito envolvente."

"Sob todos os aspectos técnicos, essa curiosa série é um pequeno milagre. É óbvio que, com tais pressupostos, não é possível se pretender realizações ao mesmo tempo líricas e ideológicas."

"As duas séries, no mínimo, ficaram como pequenas brincadeiras de engenharia gráfica, hoje cheias de sabor da época e de uma leve graça perdida."

"Gustave Verbeek nasceu em Nagasaki, de pai missionário de origem holandesa, mas naturalizado americano. Passou a infância no Japão, depois se mudou para Paris, onde estudou pintura e começou a fazer alguns cartuns para os jornais. Entretanto, o grosso de suas atividades foi desenvolvido nos Estados Unidos, onde trabalhou como ilustrador para o **Harper's**, o **Saturday Evening Post** e **The American Magazine**. Após ter abandonado os *Upside-Downs*, se dedicou aos *Terrors* e alguns quadrinhos de pouco relevo, para o **New York Herald**, durante um período muito curto. Finalmente, abandonou o mundo dos jornais para se dedicar à pintura "séria". Como pintor, conseguiu uma boa, mas não excepcional, notoriedade e sua obra até hoje possui uma discreta cotação. Morreu em 1937."

"Há uma particularidade que talvez explique a habilidade, digamos, "matemática" de Verbeek: como Carroll, ele era excelente jogador de xadrez."

A seguir publico duas páginas de Verbeek, a primeira com o *Vira-vira de Lady Lovekins e do Velho Mufaru*, que inspirou a capa deste **QI**; e uma página de *Os Terrores dos Tadinhos*.

Na página logo após coloco duas páginas tiradas do livro **A Liga Extraordinária**, volume II, de Alan Moore e Kevin O'Neill, publicado pela Devir. A primeira mostra o Dr. Moreau, personagem do livro **A Ilha do Dr. Moreau**, de H.G. Wells, de 1896, com suas criações, híbridos de animais e seres humanos. Na segunda página, Alan Moore faz uma brincadeira (entre tantas outras no livro). O Dr. Moreau diz: "E um artista, que vive no exterior, costuma vir aqui para pintar minhas "quimeras", conforme as batizou. Eu digo a ele, "Gustave, seu trabalho seria excelente se conseguisse terminá-lo"."

Imagino que o Gustave a que o Dr. Moreau se refira seja uma referência de Moore a Gustave Verbeek, criando o "fato" de que Verbeek inspirou os Tadinhos nos híbridos de Moreau. Mas não sei o significado da referência de Verbeek não conseguir terminar seu trabalho.

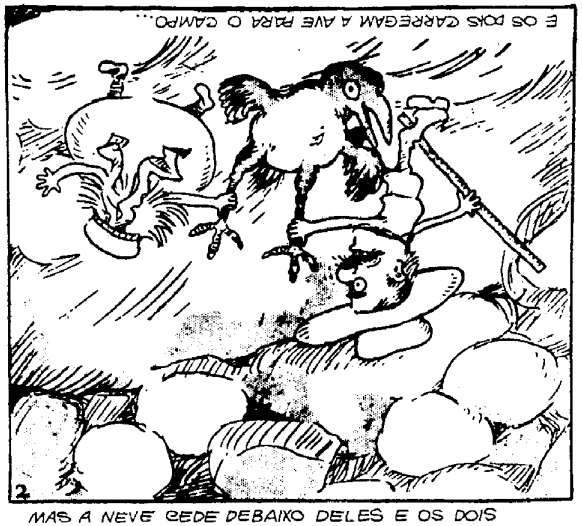
Uma observação: no texto do **Almanaque do Gibi Nostalgia**, acima, aparentemente os parágrafos 3 e 4 estão trocados.

PUBLICADO EM 1904

O VIRA-VIRA DA LADY LOVEKINS E DO VELHO MUFARU

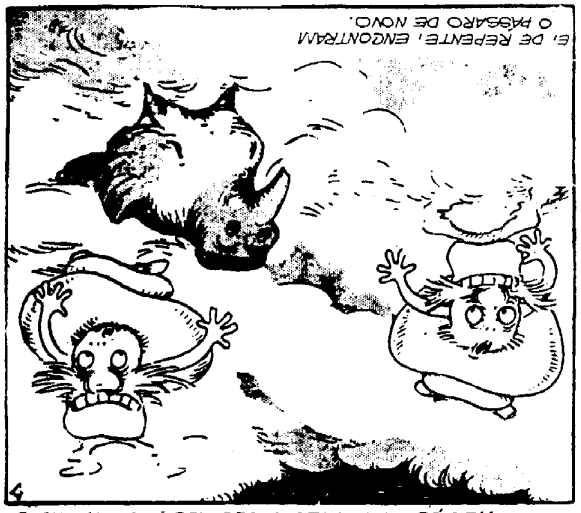
AS DIFICULDADES DE SE CONSEGUIR UM JANTAR

CERTO DIA, ELES CAPTURAM UM PÁSSARO GORDO, NO TOPO DE UMA COLINA COBERTA DE NEVE.

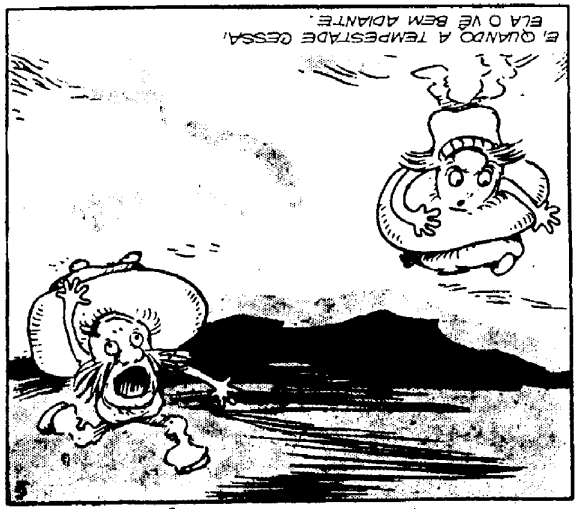


MAS A NEVE CEDE DEBAIXO DELES E OS DOIS DESCEM COM A AVALANCHE.

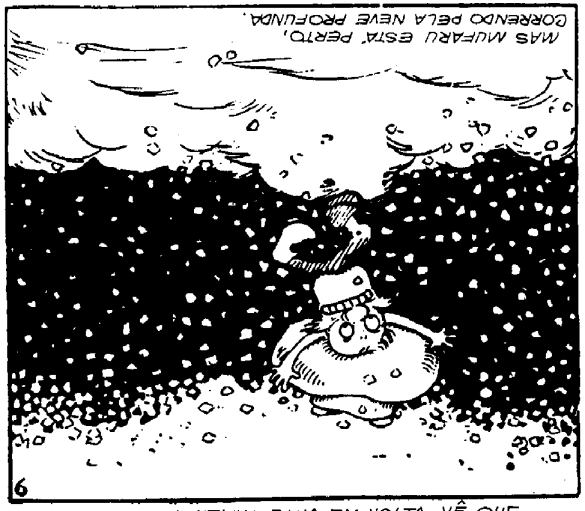
PARA PIORAR AS COISAS, QUASE ATERRISSAM EM CIMA DE UM RINOCERONTE QUE IA PASSANDO POR BAIXO.



O ANIMAL ESTÁ SOTERRADO PELA NEVE, SÓ TEM A CABEÇA PARA FORA, E ISSO O IMPEDE DE ANDAR DEPRESSA.



MAS, APAVORADOS, LOVEKINS E MUFARU ESQUECEM O PÁSSARO E CORREM O MAIS QUE PODEM.

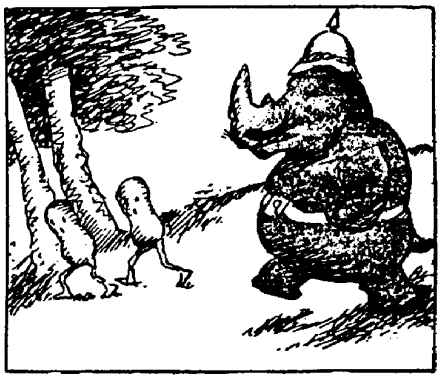


QUANDO A LADY LOVEKINS OLHA EM VOLTA, VÊ QUE ESTÁ SOZINHA EM MEIO À NEVE QUE CAI.

OS TERRORES DOS TADINHOS

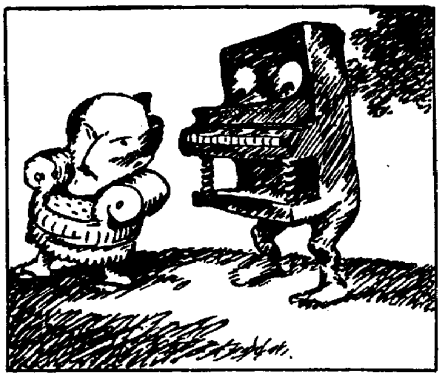
OS TADINHOS ESTÃO SENTADOS NUMA RIBANCEIRA, POR ONDE PASSA GENTE DA TERRA INTEIRA.

PRIMEIRO, VEM A ZEBRASILEIRA, SEGUIDA DA GIRAFRICANA. OS TADINHOS BATEM PALMAS E GRITAM: "QUE BACANA!"

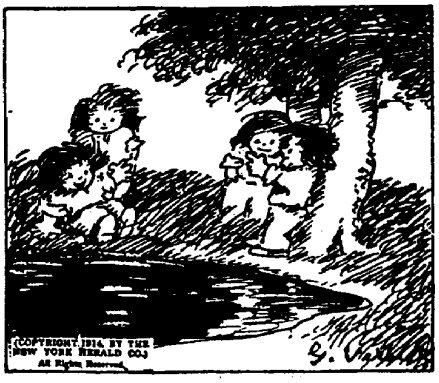


"OLHEM SÓ OS PANAMENDOINS!" – ELES GRITAM EM CONJUNTO. "E LÁ VEM O RINOCERAUSTRIÁCO! DARIA UM BELO PRESUNTO!"

ENTÃO, DE REPENTE, SURGE O PORTUGUESPINHO, QUE LOGO AFUGENTA OS APAVORADOS TADINHOS.



MAS, DOS QUE SURGEM AGORA, NINGUÉM QUER SABER. E SÃO ELES QUE PÕEM O ESPINHENTO PARA CORRER.



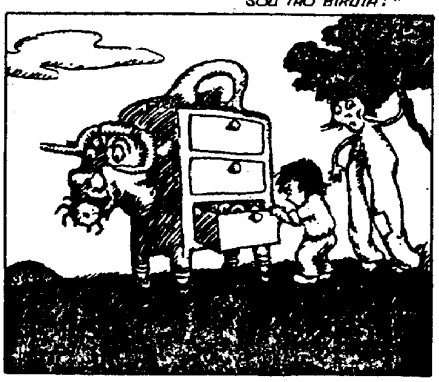
"OS ÚLTIMOS FORAM BEM GOZADOS-DIZEM DE UMA VEZ-, POIS ERAM O ETIOPIANO E O JAPOLTRONÊS!"

OS TADINHOS E O HIPOPOTAUMÓVEL SURGEM NA SUBIDA. E TAMBÉM O PERNILUNÁTICO, TODOS ATRÁS DE COMIDA.

A TENDA É ARMADA E UM TADINHO SAI PARA PEGAR FRUTA. "EU VOU JUNTO-DIZ O PERNILUNÁTICO-, NÃO SOU TÃO BIRUTA!"

LOGO, SURGE UM ANIMAL, QUE, DE LONGE, TEM O TAMANHO DE UM BEBÊ. MAS, DE PERTO, ENXERGAM A CORCOVA E VÊEM QUE É SÓ UM ZEBUFÊ.

"VAMOS ALIMENTÁ-LO! OLHE O QUE TEM NAQUELE GALHO! É UMA MARMELAGOSTA! NÃO VAI DAR NENHUM TRABALHO!"



O ZEBUFÊ COME A MARMELAGOSTA, E JÁ QUER MAIS, SEM AO MENOS PRESSINTIR O QUE O TADINHO FAZ.

"OBA! CONSEGUIMOS BOLO, CARNE, FRUTAS, PÃO E CAFÉ!" E VÃO ELOGIANDO MUITO O ZEBUFÊ, ENQUANTO DÃO NO PÉ.

ADEUS, DR. MOREAU. ESPERO QUE NÃO SINTA FALTA DA COMPANHIA HUMANA. APÓS NOSSA PARTIDA.
FICO GRATO PELA SUA PREOCUPAÇÃO, MADEMOISELLE, MAS NÃO SE PREOCUPE.
SIM.
ÀS VEZES, UM SOBRINHO MEU VEM AQUI.
CERTO. TUDO ARRUMADO, ENTÃO.
VAMOS, MINA. É MELHOR NOS EMBARCARMOS.
É UM ARTISTA QUE VIVE NO EXTERIOR. COSTUMA VIR AQUI PARA PINTAR MINHAS "QUIMERAS". CONFORME AS BATIZOU.
EU DIGO A ELE QUE ESTAVE SEU TRABALHO SERIA EXCELENTE SE CONSEGUISSE TERMINÁ-LO"
AH, BEM. SEU TREM A AGUARDA
EU SOU ALPHONSE MOREAU.
EM QUE POSSO LHES SER ÚTIL?
S-SUPONHO QUE SEJA O DOUTOR QUE PROCURAMOS?
SENHOR, NÓS SOMOS AGENTES DA COROA, E...
SIM, FUI. O QUE DESEJA?
E POR ISSO QUE MANDARAM E SEUS HOMENS TRAZÊ-LOS ATÉ MIM.
H-97 QUER DIZER ESSA COISA-URSO?
É CLARO. O "H" SIGNIFICA HÍBRIDO. NÓS OS MESTRES NÃO LHES DISSERAM NADA?
H-11, TRAGA COMIDA PARA NOSSOS CONVIDADOS, POR FAVOR.
SIM, MESTRE. AGORA TRAZ COMIDA AGORA

LIVRO QI

Está fazendo dois anos desde que propus, no **QI** 58, a idéia de fazer um livro no sistema cooperado. Voltei ao assunto nos **QI**s 60, 61, 62, 63 e 65. E desde então estou devendo uma explicação sobre o assunto. Infelizmente não tive tempo de fazer um balanço do livro antes, o que finalmente farei a seguir.

A idéia do livro era reunir trabalhos relacionados às Histórias em Quadrinhos (tiras, cartuns, textos analíticos, HQs propriamente ditas) tendo em comum o tema **PECADO**. A organização do livro ficou a meu encargo e a produção gráfica seria feita por Mário Mastrotti e a Editora Virgo, que têm uma experiência bem sucedida na edição de livros cooperados. Inicialmente o livro teria cerca de 100 páginas que é um bom número de páginas para um livro. Este número poderia ser repensado, já que os últimos lançamentos da Editora Virgo têm cerca de 60 páginas.

Durante este período de divulgação da ideia do Livro, cerca de 26 pessoas me escreveram demonstrando interesse em participar, a maioria com 1 página, alguns com 2 páginas. Ou seja, o total de páginas "virtual" estava em torno de 30 páginas, insuficientes para formar um livro, mesmo um livro mais modesto. E deste total de interessados, 10 pessoas efetivamente enviaram suas colaborações, totalizando 14 páginas. Assim, depois de dois anos, acho improdutivo insistir com a ideia. Declaro, portanto, cancelado o projeto do **Livro QI**.

Antes de continuar, devo reconhecer minha contribuição para o fracasso do projeto. A organização de um livro como este precisa de uma dedicação, de um trabalho ativo que certamente não tive. Por vários motivos, sendo a falta de tempo apenas um deles. E aproveito para registrar minha admiração pelo dinamismo de Mário Mastrotti, que tem tornado realidade todos os livros que tem proposto.

Por outro lado, gostaria de fazer uma contraproposta a todos que me enviaram colaboração para o **Livro QI**. Em vez de fazer um livro, com todo o charme inerente a um livro, fazer uma edição especial do **QI**. Ou seja, reunir estas 14 páginas que já estão comigo e fazer uma revista exatamente nos moldes do **QI**, para ser distribuída gratuitamente aos leitores do **QI** juntamente com o número 72 (no começo de 2005).

A ideia agora é um pouco diferente. Em primeiro lugar, é claro, a revista tem produção gráfica inferior a que o livro teria. A qualidade gráfica é a mesma do **QI**. Cada colaborador pagaria a cota de R$ 60,00 por página de colaboração, mas agora este valor não seria um investimento que daria retorno com a venda da edição, mas sim um valor a fundo perdido. Este valor serviria para pagar os custos de impressão e postagem para os cerca de 500 leitores do **QI**. Além disso, cada colaborador receberia 10 exemplares por página de colaboração, mas obviamente não seriam para venda, pois sairiam a um custo muito alto (R$ 6,00) para o produto em questão – uma revista com cerca de 20 páginas.

De certo modo, esta ideia retoma a página de colaboração paga que havia no **QI**, só que em vez de ser incluída no **QI** normal, seria uma edição especial temática somente com trabalhos dos colaboradores.

Certamente, o grande beneficiado será o leitor do **QI** que receberá um exemplar extra no começo do ano. Se a ideia se concretizar, poderá se repetir todo ano. Para o colaborador, a vantagem é divulgar seu trabalho para um número razoável de leitores, sem custo adicional além do pagamento da cota.

Para conhecimento de todos, vou listar as colaborações (e nomes dos respectivos autores) que estão comigo:

- *O Pecador e o Justo* – HQ de 2 páginas – Marcelo Marat e André Carvalho.
- *Barbárie* – HQ de 1 página – Luciano Freiberger.
- *A Súplica* – HQ de 1 página – Angello Ribeiro.
- *Traições* – HQ de 2 páginas – Anderson Santos, Ivan França, Alberto Pessoa, Leo Zucker.
- *Não Pecarás Contra a Castidade* – HQ de 1 página – Márcio Sennes.
- *O Cangaceiro Jabiraca* e *Tonho Biato* – 1 página de tiras – Gildo Rosas.
- cartum – 1 página – Jorge Luís Pereira.
- ilustração – 1 página – Dênis Mendonça.
- *Shazam! Boom! Capitão Marvel!* – texto de 2 páginas – Expedicto Figueiredo.
- *X-Men: o pecado de ser diferente em uma sociedade de massas* – texto de 2 páginas – Edgar Indalecio Smaniotto.

Assim, peço a todos os citados que me escrevam dizendo se concordam ou não com esta nova proposta. Se houver concordância, avisarei rapidamente para que façam o pagamento e produzirei a revista para ser enviada junto com o **QI** 72 em janeiro de 2005. Vou definir o prazo até o final de novembro para a resposta.

Os demais interessados em participar do **Livro QI** (Gazy Andraus, Ricardo Sena, Cláudio Rubin, José Valcir, Cleudivan, Leonardo Campos, Edgar Franco, Daniel Bueno, Antonio Eder, Luílson, Lorde Lobo, Ademir de Paula, Amauri Dutra, José Carlos Ribeiro, Rafael Lopes, Rosemário), mas que não enviaram a colaboração, estão obviamente convidados a participar do projeto alternativo. Peço, portanto, que também me escrevam até o fim de novembro. E no caso de aceitarem, enviem, então, a colaboração.

Para finalizar, agradeço a todos que me prestigiaram no projeto do **Livro QI** e ao Mário Mastrotti pela confiança.

QI 70 (set/out/2004)

MUNDO FELIZ ENCADERNADO

Quando iniciei a série *Mundo Feliz*, minha intenção primeira era que permanecesse apenas no **QI**, e que alguém que eventualmente perdesse um capítulo poderia solicitar o **QI** correspondente, já que tenho exemplares de todos os números editados. É claro que a edição de um livro com todo o material é sempre uma idéia tentadora, mas inicialmente fora de cogitação. A razão, muito simples, é que desativei meu esquema de produzir fanzines (para outros editores e para mim mesmo). Não tenho mais a máquina copiadora e os recursos para edição, encadernação, enfim, todas as fases da produção de livros e revistas. Mas alguns leitores insistiram na possibilidade de uma compilação e a idéia é atraente demais para ser deixada de lado. Houve sugestão para que eu oferecesse o material para alguma editora profissional. Embora na época em que a sugestão foi feita o número de editoras em atividade fosse maior do que hoje, não creio que a edição fosse do interesse delas. E achei melhor nem perder meu tempo. Uma alternativa seria a Editora Marca de Fantasia, que já editou ótimos álbuns independentes, e o Henrique Magalhães se mostrou interessado, mas a série acabou ficando com um número de páginas meio grande, o que resultaria num álbum caro e de comercialização difícil. Assim, resolvi organizar eu mesmo uma edição da forma mais simples possível, apenas fazendo cópia xerox das histórias e grampeando as páginas. Mas receio que mesmo a simplicidade não seja algo tão fácil. Não bastaria juntar as páginas das HQs, teria que acrescentar as capas dos **QI**s e não poderiam ficar de fora as opiniões dos leitores do **QI** sobre a série, que, afinal, movimentaram a seção de cartas do fanzine. Além disso, textos introdutório e adicionais, a elaboração de uma capa, a própria montagem das páginas no formato do livro com a colocação dos números, foram tornando a edição mais complexa, tudo tomando tempo para a confecção, de modo que só agora consegui finalizar a tarefa.

Assim, está disponível para os interessados a edição encadernada de *Mundo Feliz*. A edição no formato carta (216x279mm) tem 120 páginas contendo texto introdutório, os 15 capítulos da série com as ilustrações que foram capa dos **QI**s, os comentários dos leitores sobre cada capítulo, alguns textos adicionais, e encadernação com uma capa especial. A impressão será em xerografia. Como os originais das HQs são em preto e branco, sem meios tons, a impressão xerográfica é bastante adequada e de qualidade. As páginas das HQs no livro estão com uma redução de 13,5 % em relação ao original, mas isto representa uma ampliação de 30 % em relação ao tamanho em que saíram no **QI**, o que permitirá uma melhor apreciação da história.

Este abandono parcial da simplicidade imaginada inicialmente tem um custo. Justamente O custo. Com um número de páginas superior a uma centena, um formato maior que o meio ofício, a impressão em xerografia devido à baixa tiragem, a encadernação com uma capa mais encorpada, o valor do porte para uma edição mais pesada, tudo isso encareceu a edição. Assim, mesmo cobrando apenas o preço de custo, o valor da edição encadernada de *Mundo Feliz* é:

R$ 30,00

Devido ao custo relativamente alto, os exemplares serão feitos sob encomenda, farei apenas o número de exemplares que forem encomendados.

Peço, portanto, aos interessados, que façam o pedido com o envio do pagamento (vale postal, cheque-correio ou cheque nominal a Edgard Guimarães) até o final de novembro. No começo de dezembro providenciarei a impressão, encadernação e envio dos exemplares. Ainda não sei se o peso ultrapassará 500g e se a postagem terá que ser como Encomenda Normal, mas espero que o leitor receba a edição antes do Natal.

Como a produção será bem artesanal, com a impressão feita sob encomenda, e a confecção da capa feita de modo especial, além da encadernação também manual, não haverá produção de outra tiragem além desta inicial. E, devido ao custo, nem poderei fazer exemplares a mais para atender a futuros leitores. Por isso, quem tiver interesse e achar que o preço não é proibitivo, não deixe passar o prazo para a encomenda.

Acima, reprodução da capa da edição encadernada de „Mundo Feliz"

HÁ FANZINE PROFISSIONAL?

Devido a um dos debates que têm movimentado a seção „Fórum", decidi republicar aqui dois artigos meus sobre o tema. O primeiro saiu com este título no livro ***Fanzine*** *que publiquei em 2000 e reeditado por Henrique Magalhães em 2004. Mas já havia sido publicado antes, de forma mais extensa com vários exemplos, com o título „Fanzine ou Revista? Eis a Questão!" nas revistas* ***Fêmea Feroz*** *nº 1 e* ***Curso Prático de Desenho*** *nº 4. O segundo texto saiu na revista* ***Mercado Negro*** *nº 0.*

Há muito tempo que diversos editores de Fanzines têm tentado transformar suas edições em revistas profissionais. No entanto, quando um editor tenta profissionalizar sua edição, ela certamente estará deixando de ser Fanzine. Há uma série de características que distinguem um Fanzine de uma revista profissional. O editor de Fanzines tem total liberdade de edição, podendo publicar o que quiser, mudar a linha editorial no meio do caminho, mudar formato, número de páginas, privilegiar assuntos que lhe são mais caros, abrir espaço para colaboradores que possam não agradar, manter aperiodicidade, distribuir exemplares de graça, fazer todo tipo de experimentação, expressar-se sem maiores restrições. Além disso tudo, constitui-se característica fundamental dos Fanzines a camaradagem entre editores, colaboradores, leitores. O Fanzine atua como uma extensão da amizade que vai se firmando entre seus participantes em torno de assuntos de interesse comum.

A edição de uma revista profissional vai exigir do editor um conjunto de comportamentos incompatível com a fanzinagem. A edição de uma revista profissional requer um investimento muito maior. Daí, o retorno financeiro é imprescindível. A periodicidade torna-se uma exigência não só para conquistar os leitores, mas porque um possível contrato com um distribuidor vai exigir isso. Para conquistar esses leitores, o conteúdo da revista deverá agradá-los, portanto a seleção de material a ser publicado ficará atrelada ao gosto da maioria dos leitores. Para sobreviver é preciso vender mais, e esse aumento do número de leitores fatalmente se dará em cima dos leitores de outras publicações do gênero. Perde-se a cumplicidade e a cooperação entre os editores, tornam-se concorrentes, disputam acirradamente a preferência dos leitores. A edição de uma revista profissional é o extremo oposto da edição de um Fanzine, portanto, não é possível fazer um Fanzine ficar profissional. O editor que tenha em mente transformar seu fanzine em revista profissional deve estar ciente de que estará entrando em outro mundo, com características bem diferentes e que deve estar preparado para agir de forma adequada.

QUADRINHOS: PROFISSÃO E ARTE

Frequentemente há equívocos entre os criadores, editores e críticos de quadrinhos em relação à questão de a História em Quadrinhos ser uma forma de arte ou uma profissão como outra qualquer. E o equívoco está justamente em se exigir que seja uma coisa ou outra, exclusivamente. A luta para que os quadrinhos sejam reconhecidos como uma forma de arte leva muitos ao extremo de acharem que se a HQ é arte então toda história produzida em quadrinhos é uma obra de arte. E mais, se a HQ é arte então todo produtor de quadrinhos deve se portar como um artista genuíno. Por outro lado, a luta por um mercado para os quadrinhos brasileiros leva outros ao extremo oposto de exigirem que todo produtor abandone sua expressão própria e produza voltado ao gosto do público para fortalecer o mercado. Dentro do mundo independente dos quadrinhos, essa polarização é bem visível. De um lado, os adeptos da "arte", exigindo que os quadrinhistas façam trabalhos experimentais, de vanguarda, e desprezando os temas comuns nas produções das editoras profissionais, como os super-heróis, por exemplo. Do outro lado, os adeptos da "profissão", exigindo que os quadrinhistas façam trabalhos em sintonia com o grande público de modo a almejar a transformação de seu fanzine em uma revista que tenha retorno financeiro. O equívoco se situa em não reconhecer a multiplicidade de aspectos das Histórias em Quadrinhos, suas possibilidades como expressão artística e também suas potencialidades como empreendimento comercial. A maioria dos trabalhos produzidos dentro de um estúdio como a Disney, por exemplo, dificilmente pode ser chamada de arte. E muitos profissionais que trabalham nesses estúdios nem têm esta expectativa de estarem produzindo arte. Simplesmente dominam uma técnica de produzirem patos e ratos e tiram daí o sustento. Não pensem, no entanto, que esta atitude não artística macula a História em Quadrinhos como arte. Obviamente muita gente medíocre pode usar essa grande quantidade de Histórias em Quadrinhos não artísticas produzidas em série pelos grandes estúdios e editoras como pseudo-argumento a favor da desvalorização da HQ como forma de arte. Mediocridade não é crime. O remédio é identificar os medíocres e evitá-los. Também não pensem que a profissionalização em si é condição suficiente para excluir a produção profissional como arte. Mesmo dentro de um estúdio massificante como a Disney, Carl Barks produziu obras espetaculares com Donald e Tio Patinhas. Tivesse ou não consciência de estar produzindo arte. É conhecido o episódio em que grandes autores americanos de tiras de jornais, como Milton Caniff, se espantaram quando um grupo de brasileiros lhes pediu originais para realizar uma exposição em museu, em 1951. Mesmo autores de grandes obras não se reconheciam artistas. Eram profissionais dos jornais, como o copidesque ou o linotipista. Imaginem o espanto do funcionário da clicheria ao ser procurado por um dono de galeria de arte.

Muitos autores não têm expectativas de profissionalização em relação a sua produção de Histórias em Quadrinhos. Têm uma atitude não comercial, onde a HQ é sua forma de expressão pessoal, sem vínculo editorial. Usam normalmente os fanzines como forma de se comunicarem com outros interessados naquela forma de expressão. Não se exija destes autores um engajamento numa luta pelo fortalecimento do mercado nacional, luta muito justa, diga-se de passagem. Esta pluralidade de aspectos das Histórias em Quadrinhos pode e deve conviver sem confrontos, pois, de fato, são aspectos distintos. Nem o comportamento profissional denigre a arte, tampouco o comportamento artístico enfraquece a profissão.

RESISTÊNCIA AO ORDINÁRIO

O **QI** recebeu em setembro o "Prêmio Capital Nacional" na categoria „Impressos/Catálogo". A premiação foi promovida pelo jornal **O Capital**, editado por Ilma Fontes em Aracaju (SE). Ilma é uma das grandes batalhadoras do meio cultural independente e seu jornal tem um dos melhores slogans que já vi: "jornal de resistência ao ordinário". Agradeço a Ilma e aos organizadores do prêmio, fiquei muito honrado com a lembrança. Aproveito para parabenizar outros contemplados, bem conhecidos dos leitores do **QI**: **Selmo Vasconcellos** (Divulgação Cultural); **Lupin** (Ilustrações); **Tom** (Fanzine); **Guido Bilharinho** (Crítico de Cinema).

QI 70 (set/out/2004)

PECADO

Finalmente a novela vai chegar ao fim. Para quem está chegando agora, um resumo dos capítulos anteriores. Propus aos leitores do **QI**, há mais de dois anos, a realização de um livro no sistema cooperado. Cada colaborador entraria com uma cota, o livro seria impresso e a tiragem distribuída entre os cotistas. O livro teria um tema fixo para os trabalhos (HQs, textos, cartuns, ilustrações), tema que daria título ao livro – **PECADO**. Toda a produção gráfica do livro seria feita por Mário Mastrotti e a Editora Virgo, que já têm larga experiência neste tipo de edição.

Por vários motivos, não houve adesão suficiente para que se formasse um livro. No último **QI**, anunciei a desistência da intenção de fazer o livro **PECADO** e propus uma alternativa. Fazer uma edição especial do **QI** para ser entregue de brinde aos leitores no começo de 2005, juntamente com o número 72. É algo que já fiz em 2000, junto com a edição de janeiro os leitores receberam o especial **Fanzine**. Minha vontade era repetir isso todo ano, mas os custos desestimulam. Agora, aparece uma alternativa, em vez de eu arcar com todo o custo de uma edição inteira, repartir este custo com outras pessoas.

A proposta, portanto, é que cada colaborador arque com o custo de impressão de seu trabalho, ou seja, um gasto a fundo perdido. O grande beneficiado é o leitor do **QI**, mas o participante também se beneficia com a divulgação de seu trabalho. O material arrecadado não era suficiente para fazer um livro, mas é suficiente para fazer uma revista do tamanho do **QI**. A receptividade à idéia alternativa não foi boa. Alguns colaboradores desistiram logo, pois do novo modo não haveria retorno financeiro, e, certamente, uma revista nos moldes do **QI** é bem menos atrativa do que um livro como os editados pela Virgo. Meu primeiro impulso foi de novamente desistir e deixar este tipo de projeto para outra ocasião, quando o momento fosse mais propício. Sem beicinho.

Mas alguns dos participantes se mostraram interessados no novo projeto e houve quem ainda não tinha mandado colaboração para o livro e mandou para o especial. Inclusive já enviando o pagamento. E os trabalhos estão muito bons! Diante disso tudo, achei que não fazer a edição especial seria... como direi?... isso! um pecado.

Declaro, portanto, que o especial **Pecado** será feito com as colaborações que tenho em mãos e será distribuído juntamente com o **QI** 72. Os participantes podem enviar o pagamento – R$ 60,00 por página – imediatamente (de preferência cheque nominal). Aviso que os cheques só serão descontados a partir de 15 de janeiro, quando pagarei a gráfica.

Quem ainda quiser participar do Especial é só enviar a colaboração e o pagamento até a primeira semana de janeiro, quando então montarei a edição.

Espero que a edição, depois de pronta, satisfaça aos participantes, e tenha prosseguimento nos próximos anos.

QI 71 (nov/dez/2004)

21º PRÊMIO ANGELO AGOSTINI

A festa do Quadrinho Nacional deste ano não será juntamente com o FestComix no prédio da Gazeta, na Avenida Paulista, infelizmente, pois era um ponto bem central, com um auditório bem espaçoso e a feira de revistas incentivava mais pessoas a assistirem à cerimônia de premiação. O motivo é que não haverá FestComix, pelo menos não nos meses de janeiro e fevereiro. Aliás, em 2004 já não houve em outubro e o anterior, em junho, já não foi na Gazeta.

Desta vez o Dia do Quadrinho Nacional será no Senac da Lapa, no dia 26 de fevereiro. O local não possui estação do metrô próxima, mas é de fácil acesso. Para chegar lá, pode-se ir à estação Barra Funda do metrô e pegar ônibus que passe na Rua Guaicurus. Ou ir à Avenida São João e tomar ônibus para Guaicurus.

O evento começará a partir das 13h com palestras e debates, que ainda estão sendo confirmados. Uma delas deverá ser sobre Histórias em Quadrinhos e Escola, a propósito do lançamento em 2004 de dois livros sobre o tema, um de Flávio Calazans e outro do grupo de Waldomiro Vergueiro. A premiação começará às 15h, mas como é de hábito, antes, todos os presentes, que têm alguma revista, livro ou fanzine sendo lançados, poderão divulgar seu trabalho para o público.

O resultado da premiação ainda não saiu, até o momento em que fecho esta edição. No próximo número divulgarei não só os nomes dos vencedores como também como terá sido a festa de premiação.

Fica aqui o convite para que, todos que possam, compareçam ao Senac/Lapa no dia 26 de fevereiro e participe deste encontro que tem sido sempre muito agradável.

QI 72 (jan/fev/2005)

21º ANGELO AGOSTINI

30 DE JANEIRO – DIA DO QUADRINHO NACIONAL

No dia 26 de fevereiro, aconteceu, desta vez nas instalações do Senac Lapa Scipião, em São Paulo, mais um evento de comemoração do Dia do Quadrinho Nacional. O espaço externo do local é pequeno, mas o auditório onde se desenrolaram as atividades foi suficiente para abrigar o grande número de pessoas que compareceu.

Às 12h, praticamente sem nenhum atraso, começou a exibição de um documentário sobre Will Eisner, com imagens bem no ritmo dos quadrinhos e grande quantidade de depoimentos importantes.

Às 13h, começou o debate *Os Quadrinhos na Sala de Aula*, com a presença de Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos, ambos autores do livro **Como Usar as HQs na Sala de Aula**. Deveria participar também Flávio Calazans, que, por motivos familiares, não pôde comparecer.

Às 14h, os editores da revista independente **Mosh** deram seus depoimentos sobre a idealização e realização da revista. Foi um debate bastante produtivo, principalmente para os editores independentes presentes. Falaram também da revista **F**, cuja produção gráfica é feita por eles.

Às 15h, Mário Mastrotti falou sobre sua Editora Virgo e os projetos de livros cooperados realizados por ela. Vários autores presentes, que participaram dos livros, deram seus depoimentos.

Às 16h, foi passado um pequeno documentário (10 minutos) feito pela TV Senado sobre o livro de Athos Eichler sobre as obras de Angelo Agostini – Zé Caipora e Nhô Quim.

Em seguida, começou a cerimônia de entrega do Troféu Angelo Agostini. Como já virou tradição, no início Worney chama ao palco os editores presentes para falarem de suas publicações.

O primeiro premiado foi Diogo Saito, como *Melhor Colorista*, um prêmio proposto pela Escola Impacto em homenagem a Hermes Tadeu, morto de forma trágica há pouco tempo. O prêmio foi entregue pela irmã de Hermes, que, mesmo bastante emocionada, soube se expressar bem sobre a situação do profissional dos quadrinhos no Brasil.

A seguir, teve prosseguimento a entrega dos demais troféus. Este ano, houve o comparecimento de todos os escolhidos, algo raro. Como *Melhor Desenhista*, ganhou Wanderley Felipe, profissional com longa e diversificada carreira, que recentemente tem produzido a série *Opera Bar* em parceria com Franco de Rosa.

Na categoria *Melhor Roteirista*, ganharam os irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá, cujos álbuns pela Via Lettera têm conseguido merecidos elogios.

Márcio Baraldi foi escolhido em duas categorias, como *Melhor Cartunista* e *Melhor Lançamento* com o álbum **Roko-Loko 2** da Opera Graphica. Como é de seu temperamento, fez um discurso inflamado e emotivo.

Na categoria *Melhor Fanzine* ganhou o **QI**. Aproveito para fazer aqui o que fiz lá, agradecer a todos que nos prestigiaram.

O Prêmio *Jayme Cortez*, de incentivador da HQB, foi ganho por Roberto Guedes pelo seu elogiável trabalho na Opera Graphica.

Por fim, na categoria mais prestigiada, pois foi ela que deu origem ao Prêmio, os três *Mestres do Quadrinho Brasileiro* deste ano foram Minami Keizi, Paulo Caruso e Luiz Gê. Keizi participou da geração de artistas nisseis surgida em meados da década de 1960, depois atuando como editor. Paulo Caruso e Luiz Gê surgiram no início da década de 1970 em publicações universitárias e estão em atividade até hoje.

Após o encerramento da cerimônia, vários dos participantes permaneceram no auditório e imediações, batendo papo, conhecendo-se pessoalmente, trocando contatos. A presença no evento foi bastante grande, lotando o auditório. Entre tantos, autores, editores, colecionadores, leitores, citarei Primaggio, Rogério Soud, Franco de Rosa, Espedicto Figueiredo, Antônio Armando Amaro, Joás Lima, Tércio Strutzel, Bira Dantas, Ruy Jobim, Manoel Dantas (de Salvador, de passagem por São Paulo), Gazy Andraus, Dédy Edson, Sam Hart, Paulo Paiva, Eloyr, etc.

Parabéns ao Worney pela organização.

QI 73 (mar/abr/2005)

O BALANÇO DO PECADO

Rapidamente vou fazer um balanço da edição especial **Pecado** enviada de presente aos leitores junto com o último **QI**.

Pelas cartas publicadas no *Fórum*, a receptividade da parte dos leitores foi muito boa, a maioria gostou do presente e considerou o resultado positivo. A reação dos participantes também foi boa, vários deles estão dispostos a participar de um novo especial que venha a ser organizado para o começo de 2006.

A fórmula do especial pode ser aperfeiçoada e para isso as sugestões dadas pelos leitores serão de grande utilidade.

Na questão financeira, o resultado foi positivo pelo simples fato de não ter sido negativo. Quando estipulei o valor de R$ 60,00 para a página de participação, receei que fosse muito. Como o leitor Ricardo Sena havia lembrado bem, o preço do anúncio no **QI** é R$ 48,00. Por outro lado, não quis arriscar colocar um preço mais baixo e depois ter um prejuízo inesperado. Bem, o valor de R$ 60,00 por página foi a conta certa, o suficiente para pagar a gráfica e o aumento da postagem do **QI** (normalmente o porte do **QI** custa R$ 0,80 pois não ultrapassa 50g, mas com o especial junto, o porte vai para R$ 1,25), já que era o objetivo enviar o especial a todos os leitores. Além disso, pude fazer algo que era de minha vontade, mas eu não sabia se seria possível. Eu não anunciei este aspecto quando propus o projeto da edição especial, mas acabou sendo viável enviar aos participantes mais 10 exemplares para cada página de participação.

Lembro que não era objetivo do projeto alternativo – uma edição especial do **QI** – obter retorno financeiro. A proposta era que fosse um gasto a fundo perdido, com o objetivo de divulgar o trabalho. Isto fica claro quando se vê que o participante pagou R$ 60,00 por uma página e recebeu 10 exemplares, portanto o custo de cada exemplar foi de R$ 6,00, algo extremamente caro para uma edição do porte do **Pecado**. Mas acho importante que os colaboradores recebam exemplares extras, e estou pensando se não é possível aumentar este número para as edições futuras, caso se concretizem.

No segundo semestre, quando for oportuno, farei a proposta de uma nova edição para 2006 e vamos ver a receptividade.

QI 73 (mar/abr/2005)

PROJETO DESTINO

Volto a propor novo projeto de edição cooperada. Será em tudo semelhante ao projeto que resultou na edição especial "Pecado", distribuída juntamente com o "QI" 72 em janeiro de 2005.

A ideia é reunir participantes dispostos a arcar com o custo de impressão e distribuição de seu próprio trabalho. O interessado deve enviar seu trabalho e o pagamento equivalente. Com os trabalhos recebidos será feita uma edição especial nos moldes do "QI" e enviada gratuitamente aos leitores junto com o nº 78 em janeiro de 2006.

Para que a edição tenha uniformidade, será proposto um tema único para todo trabalho. O tema desta vez será:

DESTINO

Serão aceitos trabalhos em várias modalidades (HQ, charge, tira, cartum, crônica, artigo, etc.), mas sempre relacionados ao tema proposto e à História em Quadrinhos.

Os trabalhos devem ser enviados até 30 de novembro, mas peço a quem tenha interesse em participar que me escreva logo avisando, para que eu tenha uma ideia de como será a participação.

O valor da colaboração será o mesmo do ano passado: R$ 60,00 por página (165x216mm).

O pagamento da cota deve ser feito até 31 de dezembro. Prefiro que o pagamento seja feito em cheque nominal, vale postal ou cheque correio, pois facilita meu controle.

Depois da edição e distribuição de "Pecado" em janeiro de 2005, várias pessoas me escreveram apoiando a iniciativa e desejando que ela se repetisse. Se novamente houver uma participação como em "Pecado", considero que a empreitada terá valido a pena.

Aguardo a manifestação dos interessados.

Edgard Guimarães

QI 75 (jul/ago/2005)

MINHA VIDA DE FRACASSOS (I)

Há algum tempo que estava pensando em fazer uma pequena coluna aqui no **QI** relatando os projetos em que me envolvi e que por um motivo ou outro não deram certo. Como no número passado, o Cleuber Cristiano mencionou uma antologia que foi produzida para publicação pela Via Lettera e neste número o Eduardo Manzano volta ao assunto, vou começar a coluna por ela.

A ideia partiu de Antonio Eder. Como ele, juntamente com vários autores de Curitiba, haviam publicado um álbum pela Via Lettera com aventuras curtas do personagem O Gralha, publicadas originalmente em jornal no Paraná, o editor da Via Lettera na época, Jotapê, pediu-lhe que propusesse outras edições. Entre várias ideias que Antonio Eder teve, uma delas foi de fazer uma antologia de autores de fanzines. E me convidou para ajudá-lo a organizar a edição.

Ficou resolvido que a edição traria somente trabalhos já publicados em fanzines, sendo assim uma ampla amostra para o leitor de álbuns do que se faz e publica no meio independente. Antonio Eder e eu fizemos uma pesquisa em nossas coleções de fanzines procurando trabalhos e autores representativos para compor uma edição que se chamaria **O Melhor do Quadrinho Independente**.

O título pode parecer meio pretensioso e logo levanta uma questão: quem não participasse não estaria entre os melhores? Mesmo com estes riscos, mantivemos este título naquela esperança de que aqueles "melhores" que não entrassem num primeiro volume ficariam para os próximos. E, de fato, vários autores representativos do meio independente não entrariam neste primeiro volume. Por vários motivos. O principal é que, por ser uma edição profissional, alguns cuidados deveriam ser tomados. Como a autorização do autor para publicação e o pagamento de direito autoral. Assim, alguns autores cujos trabalhos deveriam participar do livro ficaram de fora, pois não conseguimos contatá-los. Outro ponto relevante é que, para a participação do maior número possível de autores, cada HQ não poderia ter um número de páginas muito grande. Desse modo, alguns autores representativos não foram incluídos, pois não conseguimos achar, entre suas produções, HQs com um número pequeno de páginas (estipulamos no máximo 5 páginas).

Com estes requisitos, entramos em contato com os autores selecionados e a maioria respondeu enviando a autorização e uma boa cópia da HQ selecionada. Também concordaram que o pagamento do direito autoral seria na forma de exemplares do livro, já que o número de autores era meio grande e o valor em dinheiro seria baixo.

Com todo o material em mãos, Antonio Eder montou a edição além de produzir uma capa dupla para o livro. O material todo diagramado foi entregue ao editor Jotapê para análise em meados de 2002. Cabe lembrar que Jotapê saiu da editora Via Lettera.

Os participantes do livro seriam: Laz Muniz, Danielle Farias, Marcelo Marat, Adilson Orikassa, Gazy Andraus, Amorim, André Diniz, Agenor Bottene, Cleuber Cristiano, Henrique Magalhães, Eduardo Manzano, Joacy Jamys, Sidney Falcão, Márcio Sennes, Cedraz, Abs Moraes, Antonio Eder, Beto Martins, Edgar Franco, Flávio Calazans, Érika Saheki, Henry Jaepelt, Edgard Guimarães, Luciano Irrthum, Marcelo Garcia, e Laudo.

Além dos trabalhos dos autores mencionados, o livro traria encartado um fanzine, produzido por mim (texto) e Antonio Eder (desenhos) contando justamente *A Saga do Fanzineiro*.

Na seção de cartas, Eduardo Manzano propõe aos autores participantes e demais leitores que escrevam à editora pedindo a publicação do livro. É uma boa idéia e uma tentativa que merece ser feita, pois, sem dúvida, seria um livro bem interessante.

QI 75 (jul/ago/2005)

PROJETO DESTINO

Já houve resposta à proposta de uma edição especial no sistema cooperado para o início de 2006. Várias pessoas já mostraram interesse e dois colaboradores já enviaram suas HQs.

Relembrando as características do projeto:

- Publicação de uma edição especial no sistema cooperado, onde cada colaborador arca com os custos de impressão e distribuição do próprio trabalho.

- Os trabalhos podem ser na forma de HQ, cartum, tiras, crônicas, artigos, sempre relacionados aos quadrinhos e com um tema único. O tema escolhido é **DESTINO**.

- O custo para participação na edição especial é de R$ 60,00 por página de colaboração.

- O pagamento da cota deve ser feito até 31 de dezembro, de preferência em cheque nominal. Só farei o depósito do cheque quando tiver que pagar a gráfica, em meados de janeiro.

- Os trabalhos devem ser enviados até 30 de novembro, de preferência uma cópia xerox de boa qualidade.

- Não há restrição de técnica na confecção das HQs mas é bom lembrar que o processo de impressão em off-set não é próprio para imagens com meio-tom (aquarela, aguada) ou hachuras finas.

- A edição especial será nos mesmos moldes do **QI** (formato, tipo de impressão, etc.) e será distribuída gratuitamente para os leitores do **QI** junto com a edição de janeiro/fevereiro.

- Os colaboradores receberão uma cota de exemplares, em torno de 10 exemplares por página de colaboração.

Espero que o projeto tenha a receptividade necessária para se tornar realidade.

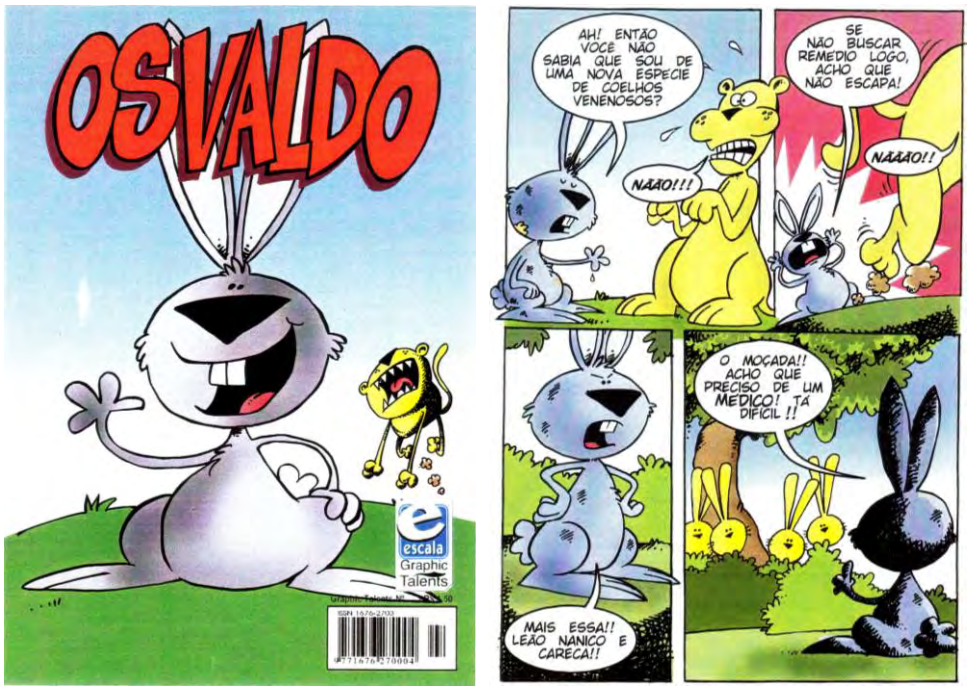
QI 76 (set/out/2005)

MINHA VIDA DE FRACASSOS (II)

Volto à coluna com o relato de mais um projeto que não se concretizou. E, quase por coincidência, feito em parceria com o Antonio Eder.

Em 2001, a Editora Escala teve uma iniciativa admirável. Colocou na banca uma revista em formatinho bem produzida ao preço de R$ 1,00. A revista se chamava **Frauzio**, de autoria de Marcatti. Apesar de não ser uma revista para todos os públicos – era desaconselhável para menores de 12 anos, embora na prática destinada a um leitor de maior faixa etária –, foi uma das melhores ideias já colocadas em prática por editoras profissionais nos últimos tempos. Uma quantidade razoável de páginas de qualidade gráfica muito boa a um preço quase simbólico. A revista **Frauzio** durou 6 números, o que foi uma pena, pois merecia ter continuidade. Mas originou outra iniciativa, chamada **Escala Graphic Talents**.

Esta nova revista, nos moldes de **Frauzio** mas com o preço já em R$ 1,50, tinha como objetivo publicar em cada número um personagem diferente para testar o público. Se as vendas fossem boas, o personagem ganharia revista própria. A coleção durou 16 números e os títulos publicados foram: **Mico Legal** de Sérgio Morettini, **Betty Grupy** de Maxx, **Tristão** de Amauri Ploteixa e Estevão Ribeiro, **Talebang** de Bier, **Grump** de Orlandeli, **Gamenon** de Arthur Garcia e Silvio Spotti, **Dálgor** de Dario Chaves e Chicuta, **A Turma do Barnabé** de Franco e Vanderfel, **Zé Louquinho & Urubunaldo** de Wilson Gandolpho, **Zuzna** de Alexandra Teixeira e Henrique Magalhães, **Leleco** de Antonio Lima, **Velta** de Emir Ribeiro, **Galo Costa** de Raí, **Carcereiros** de Nestablo Ramos Neto e Eduardo Miranda, **Os Pleistocênicos** de Dadí, **Lobo Guará** de Carlos Henry e Elton Brunetti. De todas, somente **Mico Legal** teve revista própria com 3 números.



Capa e página 4 da primeira história

É claro que me interessei pelo projeto, mas havia um empecilho de cara. O autor teria que fazer toda a produção e entregar a revista pronta num CD ou arquivo digital. Cabe um parênteses, isso inibiu muita gente que produz coisas muito boas, mas não domina as ferramentas computacionais. No meu caso, propus ao Antonio Eder uma ideia, ele aceitou e fizemos da seguinte forma: eu criei a série e dei indicação de como seriam os personagens, ele fez toda a arte e produção gráfica. Escrevi o roteiro para uma HQ de 24 páginas dividido em capítulos de 4 páginas. A revista teria ainda um texto sobre os personagens antropomórficos dos quadrinhos, desde a origem nas fábulas até os expoentes do começo do século XX. O personagem mais famoso do gênero certamente é o camundongo Mickey de Walt Disney, inicialmente chamado Mortimer, e que substituiu um coelho graficamente muito parecido chamado Oswald, cujos direitos Disney perdeu para seu distribuidor. Como uma referência, decidi chamar o novo personagem, um coelho, de Osvaldo.

A referência terminou no nome. O coelho que imaginei era uma ex-cobaia evadida de um laboratório e que vivia aventuras pelo mundo. A característica do personagem é que durante o tempo que viveu no laboratório, entre os cientistas, aprendeu muito sobre ciência. O enfoque das histórias seria tratar de temas científicos como biologia, física, química, entre outros, sempre no contexto da aventura. Osvaldo usaria seus conhecimentos em sua vida, para escapar aos perigos, para ajudar os mais fracos, mas sempre com um espírito debochado, pois esta é outra tradição brasileira, desde os causos de Pedro Malazartes e as fábulas do jaboti, passando por Macunaíma, até Didi Mocó e Bronco Dinossauro.

Antonio Eder produziu o primeiro número e o editor Dario Chaves aprovou, mas a coleção parou no número 16.

QI 77 (nov/dez/2005)

O QUE É HISTÓRIA EM QUADRINHOS BRASILEIRA

Esta é uma questão que sempre vem à tona nas discussões sobre Histórias em Quadrinhos e nunca é consensual. Há sempre opiniões discordantes, mas, no meu entender, esta discussão é sempre enriquecedora. No entanto, de modo geral, toda esta argumentação sobre o assunto tem ficado perdida em conversas, debates em eventos, seções de cartas de fanzines, pequenos textos.

Achei que o tema merecia uma discussão mais profunda, com um embasamento maior e a perenidade de um livro. Henrique Magalhães topou editar o livro na coleção Quiosque e me encarreguei da organização.

Convidei para participar do livro alguns autores que têm pensado o assunto nas últimas duas décadas. Poderia ter convidado muitos outros autores que certamente dariam valiosa contribuição à discussão, mas havia alguma limitação de espaço no livro.

O primeiro texto, de Marcelo Marat, faz uma geral na História dos Quadrinhos no Brasil, apontando fases em que a produção brasileira se destacou e abre bem o livro. Marat é editor veterano de fanzines, roteirista ativo, autor de um livro sobre roteiros, **A Palavra em Ação**, e participante atuante nas discussões sobre as publicações independentes.

Cesar Silva, editor de **Hiperespaço**, um dos fanzines mais longevos do Brasil, escritor de ficção científica, quadrinhista, entre outras atividades, foi fundo na definição de HQB, analisando os quadrinhos profissionais, as várias escolas de quadrinhos mundiais, e o que poderia ser uma HQ Brasileira.

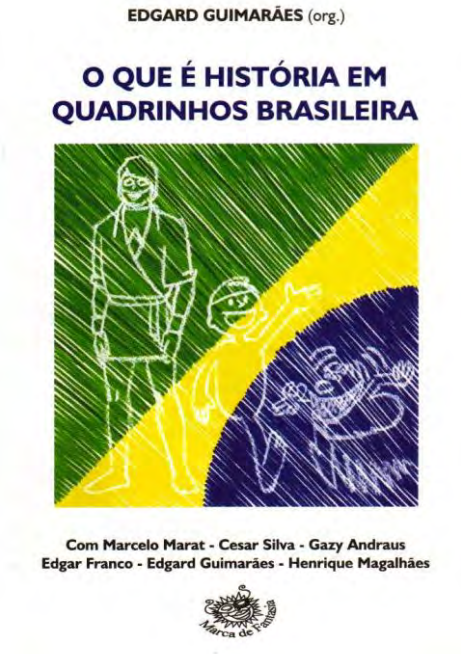
Gazy Andraus faz doutorado com tese sobre quadrinhos, e tem publicado artigos sobre o assunto em vários congressos nos últimos anos. Como produtor de quadrinhos autorais, enfocou o tipo de criatividade inerente aos Quadrinhos Brasileiros, baseando-se em suas pesquisas sobre a lateralização do cérebro humano e nas características intrínsecas do povo brasileiro.

Edgar Franco, também doutorando em Artes, com pesquisa sobre quadrinhos eletrônicos, autor do livro **HQtrônica**, entre outros, buscou um enfoque diferente para o tema. Preferiu dissertar sobre o cenário dos Quadrinhos produzidos no Brasil e destacar o aspecto da qualidade da obra antes da nacionalidade.

O quinto texto foi escrito por mim e procurei colocar a questão do Quadrinho Brasileiro como uma expressão da Cultura Brasileira de forma geral. Descrevi sucintamente alguns aspectos do funcionamento do cérebro humano para que se possa entender como ocorre a influência que o artista brasileiro sofre de toda a produção cultural, especialmente da estrangeira.

O texto de encerramento coube a Henrique Magalhães, que fez Mestrado e Doutorado sobre as publicações independentes do Brasil e do mundo, autor de vários livros sobre o assunto, editor de várias coleções de quadrinhos brasileiros e livros teóricos, além de autor de quadrinhos. Henrique voltou sua análise para um tipo de HQ, a publicada em forma de tiras, principalmente em jornais. A partir de um histórico das tiras desde seu início, destacou os problemas do formato, as várias experiências feitas no Brasil, e as perspectivas para o futuro.

Como escrevi no texto de apresentação do livro, a diversidade de enfoques dos artigos acabou resultando num conjunto harmônico, onde as argumentações variadas, mas consistentes, só podem enriquecer o debate sobre o assunto, que, certamente, não se extingue com esta publicação. Pelo contrário, espero que incentive outros autores a publicarem outros livros.



QI 77 (nov/dez/2005)

PROJETO DESTINO

O Destino estava escrito?

Sim, eu escrevi a proposta do Projeto Destino em dois textos, o primeiro no **QI** 75 e o segundo no **QI** 76. No meu entender, o maior incentivo para a participação desse projeto seria a avaliação do resultado conseguido com o projeto anterior, a edição **Pecado**, publicada em janeiro e distribuída aos leitores do **QI**. Houve na ocasião uma reação favorável e o desejo de que a iniciativa se repetisse.

O Destino é inevitável?

Não, pode ser evitado, tanto que o foi pelos possíveis colaboradores. Somente seis pessoas toparam participar da edição, cada um com uma HQ de 1 página. Este é um número insuficiente para compor uma edição.

O Destino foi adiado?

Não, a edição **Destino** está cancelada. Futuramente outros projetos certamente surgirão, certamente em outros moldes. Provavelmente não conseguirei fugir ao Destino.

Deixo meu agradecimento a Denis Mendonça, Maurício Schultz, Luciano Freiberger, Cássio Lobo, Tony Machado e Márcio Sennes, que acreditaram no Destino.

QI 77 (nov/dez/2005)

MINHA VIDA DE FRACASSOS (III)

Por volta do início de 1998, o Worney decidiu editar uma revista de quadrinhos nacionais. A ideia era produzir a revista e procurar uma das editoras atuantes na época para a publicação. Worney tem uma boa experiência como editor, desde os tempos do fanzine **Quadrix**, na década de 1980, já tendo produzido muitas publicações para editoras profissionais, como os recentes **Almanaque da Mirza** da editora Escala e **O Morto do Pântano** da Opera Graphica.

Worney convidou vários desenhistas e roteiristas para formar a equipe de produção da revista e, por algum motivo, eu fui incluído. Durante alguns meses, fizemos reuniões todo sábado na Gibiteca Henfil, em São Paulo, quando ainda ficava na Vila Mariana e era um ponto de encontro de quadrinhistas. Aos poucos o formato da revista foi se definindo. O forte da revista seriam séries com personagens fixos. A equipe se dividiu em vários grupos, cada um se responsabilizando por uma série. Além disso, a revista traria também HQs avulsas, especiais, além de matérias sobre quadrinhos.

Os grupos que produziriam séries com personagens fixos eram os seguintes. Os irmãos Gabriel Bá e Fábio Moon, que na época já tinham produzido o fanzine **10 Pãezinhos**, em que saiu a HQ *O Girassol e a Lua*, que seria publicada em álbum pela Via Lettera em 2000, propuseram uma série urbana, com enfoque no universo jovem, na linha dos trabalhos que já faziam e ainda fazem. O roteirista Marcos Pereira Melo, editor dos fanzines **Âmago** e **Fachada**, junto com as desenhistas Vanessa e Rosana, também colaboradoras do fanzine **Âmago**, se encarregaram de criar e produzir uma série cuja temática não me recordo. O ilustrador e produtor gráfico Guilherme de Martino, que fez muito trabalho para a editora Sampa e publicou o livro **Cartoon Trash** pela Escala, já tinha uma série de ficção científica praticamente pronta. Outro grupo que se encarregaria de uma série era formado por Laudo Ferreira e Omar Viñole, mas para o primeiro número da revista já tinha uma HQ pronta. Era uma história inédita com a personagem Naiara, a filha de Drácula, criação de Helena Fonseca e Nico Rosso. Esta HQ especial de 16 páginas seria o destaque do primeiro número da revista, pois as outras séries todas teriam 8 páginas. Por último, Luigi Rocco e eu também formamos um grupo, onde eu criaria os roteiros e Rocco realizaria as HQs. Criei várias séries e o Rocco optou por produzir a série com o personagem Calvo. Todos os grupos produziram seus trabalhos e entregaram ao Worney. Além disso, o Worney tinha como material para a revista uma HQ de Mozart Couto, que foi a primeira HQ que o artista fez para a editora Grafipar, no final da década de 1970 e que não tinha sido publicada. Pelo que me lembro, esta HQ, junto com uma matéria, ficaria para o segundo número. Para completar o primeiro número da revista, seria incluído um texto que escrevi sobre os tipos de revistas de histórias em quadrinhos que existem, revistas centradas em um único personagem, em um gênero com histórias avulsas, de antologia, etc. A capa seria uma ilustração de Laudo com a Naiara. O último detalhe que faltava era o nome da revista. Todos apresentaram várias sugestões e acabou sendo escolhida uma sugestão do Laudo. O nome seria **NEMO**, ainda não sei se por causa do Capitão Nemo ou do Little Nemo. De qualquer forma, achamos um nome curto, fácil de falar e sonoro. Cabe observar que existiu (não sei se ainda existe) um excelente fanzine português com este nome.

Com a revista toda montada, Worney começou o trabalho de apresentá-la às editoras. Nenhuma se interessou. Depois de alguns meses de insistência, Worney me propôs lançá-la de forma independente. Na época, havia no Rio de Janeiro gráficas produzindo revistas independentes com boa qualidade e baixo custo. Através de Ronald, editor de **Quadrinhos Tristes**, seria usado este esquema, faríamos uma tiragem entre quinhentos e mil exemplares. A revista teria formato americano, impressão em preto e branco em papel jornal e capa colorida. A distribuição posterior seria feita principalmente pelo próprio Worney, que sempre atuou como um distribuidor independente em São Paulo, colocando vários tipos de material em dezenas de bancas da capital. Para cobrir o custo de impressão, foram reservadas duas páginas da revista. A quarta capa teria um grande anúncio colorido que seria negociado pelo Worney. Na terceira capa, em preto e branco, a idéia foi dividi-la em 8 pequenos anúncios a serem vendidos a editores independentes. Esta venda ficou sob minha responsabilidade. Ofereci a várias pessoas e a resposta foi muito boa. Alguns dos que prestigiaram a iniciativa colocando anúncio de suas publicações foram: Valdir Damaso, das Edições Gibizada, responsável por quase duas centenas de álbuns de quadrinhos nostálgicos; José Magnago, editor de **O Castelo de Recordações** entre vários outros fanzines; Marcelo Hatada, editor do fanzine **Moby** que na época estava lançando um livro de ficção científica; Marcos Moraes, da livraria Gibimania; Roberto Causo, autor e estudioso de ficção científica, na época editando a Biblioteca Essencial de Ficção Científica. Ao contrário da proposta original, onde a revista seria publicada por uma editora profissional com remuneração aos autores, neste novo formato independente não haveria pagamento aos colaboradores. Pelo menos não neste primeiro número. A revista no novo formato foi toda produzida, mas novamente não conseguiu se tornar realidade. Não sei exatamente o motivo, imagino que o esquema de impressão mais barata no Rio não estivesse mais funcionando. Após alguns meses, desistimos definitivamente da revista. Dos anúncios que eu havia vendido – e recebido o dinheiro –, para alguns eu devolvi o valor, e para outros, por sugestão deles mesmos, converti em anúncios no **QI**.

Das HQs produzidas para a revista **Nemo**, não tive notícias de que tenham sido publicadas em outro veículo. Com exceção de *Calvo*, que acabei publicando aqui mesmo no **QI** 41. O Rocco topou desenhar os dois episódios seguintes, que eu já havia produzido na época, para saírem no **QI**, o que aconteceu nos números 44 e 52. Estas 3 HQs de Calvo foram compiladas numa edição da editora Marca de Fantasia, o volume 2 da Coleção Corisco, em 2003. Na época, eu mesmo havia desenhado o primeiro capítulo de outra das séries que criei, chamada *6*, e que também publiquei no **QI**, no número 42.

O saldo positivo dessa pequena aventura que (não) foi a revista **Nemo** é que consegui me motivar a produzir roteiros para histórias em quadrinhos. Além dos 3 capítulos de *Calvo* e um da série *6*, já mencionados, criei a série *A Infância de Calvo*, que teve um capítulo desenhado por Júlio Magalhães e publicado no **QI** 46. Também criei e escrevi alguns roteiros de outras duas séries, *Anjo* e *Crença Zero*, estas infelizmente nunca produzidas, pois acabei desviando meu interesse para outras produções, como a série *Mundo Feliz* e outras menos cotadas.

QI 78 (jan/fev/2006)

REVISTA CACIQUE

A revista **Cacique** foi editada em Porto Alegre pela Secretaria de Educação e Cultura a partir do início da década de 1950. Ganhei de presente de Kenzo Fujimoto os nºs 77 (outubro de 1958) e 100 (setembro de 1959). Não sei até que número foi.

Era uma revista infantil colorida em formatinho com muitos textos com ilustrações e também muita história em quadrinhos. Um detalhe interessante é que trouxe alguns dos primeiros trabalhos de Renato Canini, que depois veio a se notabilizar como o mais autêntico desenhista de Zé Carioca. Abaixo, dois trabalhos de Canini publicados em **Cacique** nº 77.

QI 88 (set/out/2007)

FIGURINHAS E FIGURÕES

A revista **O Cruzeiro** de 13 de maio de 1961 trouxe uma matéria de quatro páginas com o título acima. A matéria era sobre o álbum de figurinhas **O Cruzeiro e a Indústria Automobilística Brasileira**, que havia saído de brinde junto com o número anterior da revista. As 175 figurinhas, explicando com detalhes o funcionamento de um automóvel, sairiam nas 3ªs capas de cinco revistas infantis (ou cinco juvenis) nos sete meses seguintes (maio a novembro de 1961). As revistas infantis eram **Luluzinha**, **Bolinha**, **Pererê**, **Pimentinha** e **Dom Pixote**. As mesmas 175 figurinhas também saíram em cinco revistas juvenis – **Aventura**, **Gurilândia**, **O Guri**, **Homem no Espaço** e **Charlie Chan**. Em cada revista vinha um selo para colar no álbum. A cartela com todos os selos garantia a participação no sorteio de 6 automóveis e 6 milhões de cruzeiros em dinheiro. Aparentemente o sorteio foi feito em 10 de fevereiro de 1962.

Voltando ao assunto, o objetivo da matéria foi entrevistar vários "figurões", gente famosa na época, pedindo suas opiniões sobre o álbum e, de quebra, sobre as demais revistas infantis da editora.

A matéria trouxe os depoimentos de várias pessoas com fotos ilustrativas. Vou me limitar a apenas colocar alguns depoimentos que achei interessantes.

A MAIS BONITA DE TODAS

Martha (Rocha), atualmente muito atarefada com os problemas de seu novo casamento, ainda encontra tempo para ajudar os garotos a prepararem seu álbum. Entusiasmou-se mesmo com a idéia e declarou: "Hoje em dia, até as crianças, que adoram histórias em quadrinhos, sonham com um automóvel. Meus dois filhinhos gostarão de ver pronto o álbum, e, quem sabe, poderão até ganhar um carrinho..."

A CÂMARA

Sandra Cavalcante, que também lê histórias em quadrinhos, declarou: "Grande idéia, principalmente do ponto-de-vista educativo. Proporcionará ainda à criança confiança nas grandes iniciativas brasileiras. Por falar nisso, escrever histórias infantis é um dos meus grandes sonhos. Meus parabéns sinceros à direção de **O Cruzeiro** por este lançamento."

O CAMPEÃO

Pelé fez questão de dar sua opinião. Pelé, aliás, é famoso leitor de histórias em quadrinhos. Luluzinha foi sempre uma companhia inseparável do menino campeão do Mundo. E ele falou bonito: "Ler Luluzinha é o primeiro passo (ou será passe?) na conquista de um automóvel. Se eu ganhar, vou dar o carro para meu irmão Zoca!"

A BOA BOSSA

Sérgio Ricardo, o autor de um dos maiores sambas brasileiros, o **Zelão**, foi apanhado pelo repórter, de álbum em punho e **Bolinha** no bolso. Ele lê Bolinha. "Claro" – disse – "e leio a Luluzinha e o Pererê também. Faz bem à alma. Vale por dez comprimidos de tranquilizantes. E tem mais: vou virar o maior colador de figurinhas. Estou no páreo."

O CAMPEÃO DA FÉ

Dom Hélder fez questão de dar sua opinião por escrito: "À primeira vista, poderá parecer que os leitores de Bolinha, Luluzinha e Pererê não vão poder enfrentar o complicado motor do automóvel... Puro engano! Garoto de hoje entende mais de carro do que os adultos. Exulto vendo que **O Cruzeiro** vai ocupar de modo instrutivo e feliz o tempo vago dos meus jovens amiguinhos."

OS BICHINHOS

Gladys, a famosa criadora dos bichinhos da TV, grande entendedora de crianças: "Menino adora coleção: êxito certo para o álbum. E nós, gente grande, aproveitaremos para aprender mais. Eu, posso adiantar, vou competir também. Pra ganhar..."

QI 88 (set/out/2007)

VOX POPULI VOX... WAGEN

Adquiri recentemente o livro **Vox Populi Vox… Wagen**, um livro com muitos aspectos interessantes, que comentarei a seguir.

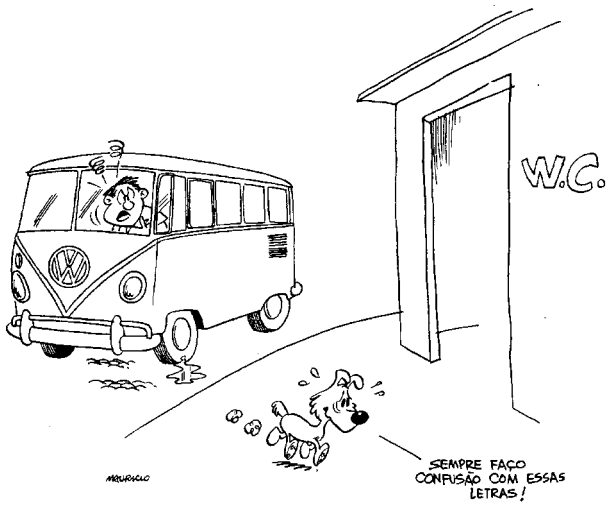
O livro foi editado em 1970 pela Editora das Américas S.A. e traz cartuns e textos de humor tendo como tema os automóveis da Volkswagen. Como diz o editor, Mário Fittipaldi, na apresentação, a ideia do livro não é original, nos Estados Unidos era publicado regularmente o **The Jokeswagen Book**. Não sei se a intenção da publicação original era homenagear ou ridicularizar o Volkswagen, já que os Estados Unidos sempre foi a terra dos carrões. Mas no Brasil, de decavês e romisetas, é bem fácil aceitar este livro como uma homenagem, além, é claro, de uma boa peça publicitária. Não sei dizer se o livro foi feito para venda em livrarias, o exemplar que consegui foi originalmente brinde de uma concessionária de automóveis.

Para compor o livro foram convidados autores de peso, como Juarez Machado, Ziraldo, Hilde, Stanislaw Ponte Preta (com texto), Flávio Colin (fazendo cartum), Zélio, Alceu, Rafael, Vilmar, Claudius. Alguns nomes como Alceu e Rafael, eu não reconheci, talvez não tenham seguido carreira no desenho de humor. O livro trouxe também um caderno com cartuns originais do livro **The Jokeswagen Book**.

A primeira curiosidade deste livro certamente é a escolha do tema inusitado e a seleção de um time de feras para realizá-lo.

A segunda curiosidade é que o livro trouxe um pequeno texto de apresentação de cada participante. E estes textos todos foram escritos por Chico Anísio. Fiquei surpreendido ao ver o humorista de atuação em rádio e TV, ou seja, o humorista ator, perfeitamente à vontade para apresentar humoristas do texto e do traço. E apresentações de quem está por dentro do assunto. Nada parecido com esses prefácios constrangedores feitos por medalhões em livros de autores iniciantes.

A terceira, e a meu ver mais inesperada, curiosidade é a presença, entre os participantes, de Maurício de Sousa fazendo cartuns sem personagens fixos. Em 1970, Maurício já estava totalmente dedicado à produção de quadrinhos infantis com bastante sucesso. O lançamento da revista **Mônica** pela Editora Abril é justamente de 1970. Coloco a seguir dois dos três cartuns de Maurício presentes no livro.



QI 88 (set/out/2007)

APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que ofereço aos leitores do **QI**, juntamente com o nº 90, este suplemento dedicado a Júlio Shimamoto.

Embora modesto no formato e número de páginas, este suplemento traz uma HQ inédita produzida por Shimamoto para o terceiro álbum sobre Musashi, que infelizmente não chegou a ser publicado. A capa também é uma ilustração inédita feita por Shimamoto para este suplemento.

As HQs de artes marciais, samurais e ronins de Shimamoto têm para mim um significado especial. Lá pelos meados da década de 1970, quando comecei a levar a sério as Histórias em Quadrinhos e a colecionar as revistas que comprava, foi uma HQ de Shimamoto que me chamou a atenção para um aspecto inesperado, para mim, dos Quadrinhos.

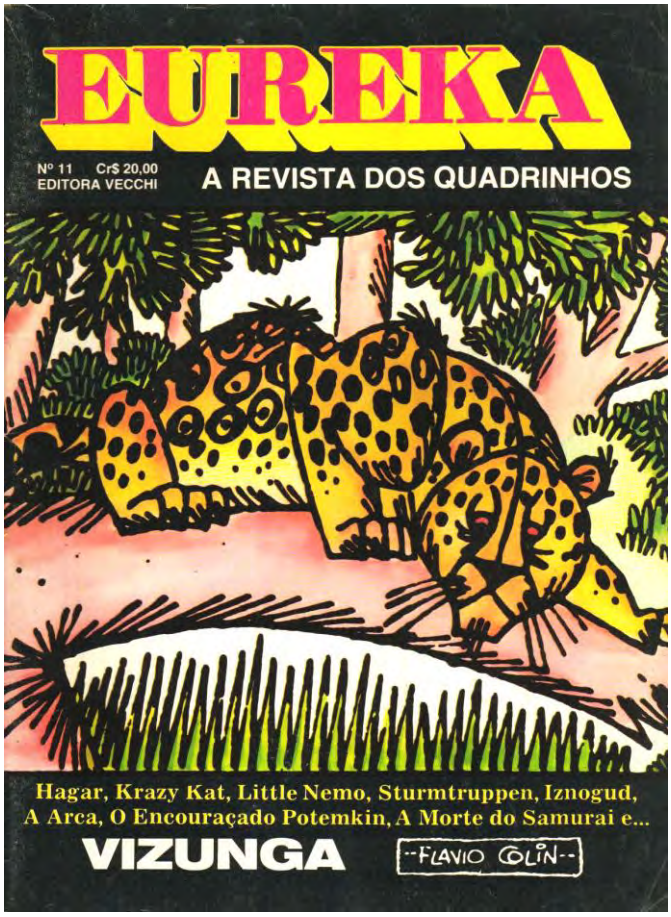
As revistas **Patota**, **Gibi semanal**, **Crás!** e **Eureka** constituíam para mim o máximo em termos de revistas de Quadrinhos. Gêneros, estilos, tendências, tudo misturado em publicações destinadas a fãs de todo e qualquer tipo de HQ. **Patota** trazia a nata das tiras intelectuais norte-americanas. **Gibi semanal** destacava-se pelas séries de aventuras em tiras, tanto as atuais como as nostálgicas, mas também publicou material europeu e brasileiro. **Crás!** provou que o Quadrinho brasileiro tinha tanta qualidade quanto o estrangeiro. E **Eureka** mostrou que havia tiras de aventuras de ótima qualidade fora dos jornais americanos.

Mas foram os dois últimos números de **Eureka** que ultrapassaram todas as expectativas, por trazerem, entre outras HQs de qualidade, obras-primas de Flavio Colin e Júlio Shimamoto. De Colin, iniciou a publicação de *Vizunga*, uma série de tiras até hoje sem uma publicação integral. De Shimamoto, com texto de Hayle Gadelha, o nº 11 de **Eureka**, de junho de 1978, publicou *A Morte do Samurai*.

Esta HQ de Shimamoto representou, para mim, a primeira vez que vi uma História em Quadrinhos ser bem mais do que um simples divertimento. Não apenas uma questão de uma boa história com bons desenhos. Foi quando percebi que a HQ é capaz de tratar de temas sérios, complexos, com emoção e profundidade. Gadelha e Shimamoto foram no âmago dos sentimentos humanos, onde o drama atinge o ápice, no terror que é o conflito entre irmãos.

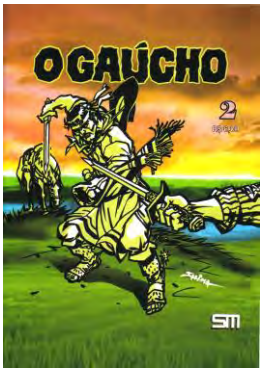
Shimamoto produziu outras HQs semelhantes dentro de um projeto chamado **Kiai**, contando com a parceria de Hayle Gadelha e outros roteiristas, projeto que se tornou revista pela editora Grafipar, mas infelizmente durou apenas 4 números.

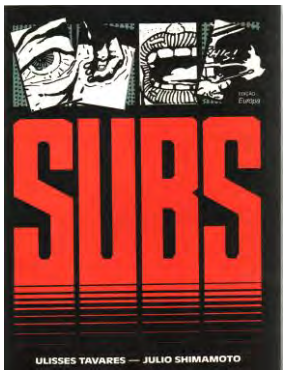
Esta pequena homenagem que presto a Shimamoto, através deste suplemento, é, portanto, uma retribuição tardia pelo muito que significou para mim sua HQ publicada lá naquele número de **Eureka**, 30 anos atrás.



QI 90 (jan/fev/2008) – encarte **Musashi**

SHIMAMOTO
LEITURAS INDISPENSÁVEIS





SHIMA – HQs Clássicas de um Samurai dos Quadrinhos – Marca de Fantasia – 2007 – Livro com HQs de terror de Shimamoto feitas em 1959/61. Pedidos: Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

O GAÚCHO – 1 a 4 – SM Editora – 2007 – Coleção com a série *O Gaúcho* de Shimamoto, publicada originalmente em **A Folhinha de S. Paulo** em 1963. Pedidos: C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

KIAI – 1 a 4 – Editora Grafipar – 1979 – Coleção de 4 números com HQs de Artes Marciais, produção de Shimamoto com textos de Hayle Gadelha, Carlos Tse-Wong e Jorge Yoshita.

SUBS – Edição Europa – Álbum com 9 histórias escritas pelo poeta Ulisses Tavares e desenhadas por Shimamoto. Reeditado pela Via Lettera em 2006.

NOS TEMPOS DE MADAME SATÃ – Editora Marco Zero – Álbum romanceando a vida de Madame Satã, escrito por Luiz Antônio Aguiar e desenhado por Shimamoto.

SOMBRAS – Opera Graphica – 1999 – 4 HQs inéditas com roteiro e arte de Shimamoto.

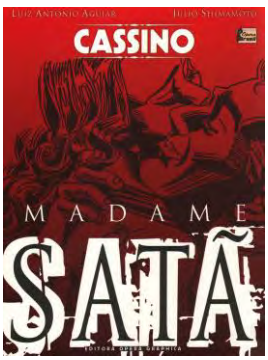
VOLÚPIA – Opera Graphica – 2000 – Livro com 10 HQs eróticas de Shimamoto, com roteiros de vários autores, publicadas originalmente pela editora Grafipar.

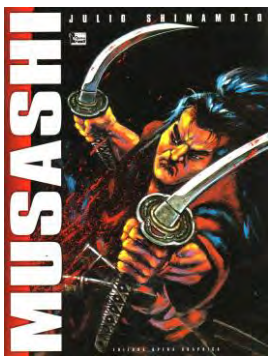
MADAME SATÃ – CASSINO – Opera Graphica – 2002 – Álbum escrito por Luiz Antônio Aguiar e ilustrado por Shimamoto.

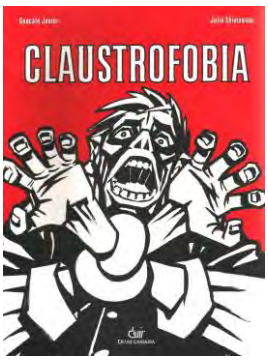
MUSASHI – I e II – Opera Graphica – 2002 – HQs de Shimamoto contando episódios da vida de Musashi.

CLAUSTROFOBIA – Devir – 2004 – Álbum com 6 HQs sem texto, produção de Gonçalo Júnior e Shimamoto.

Além de centenas de HQs publicadas pelas editoras Outubro, Vecchi, Grafipar, Bloch, D-Arte, entre outras.







QI 90 (jan/fev/2008) – encarte **Musashi**

ANÁLISE DO PROJETO DE LEI DO DEPUTADO SIMPLÍCIO MÁRIO

*O texto completo do Projeto de Lei foi publicado no **QI** 89*

Primeiramente algumas observações. Como este Projeto é de 2006, a esta altura é bem provável que já tenha sido esquecido pelos parlamentares. Mesmo assim, acho que vale a pena analisar seu texto. Acho também que uma lei relacionada às histórias em quadrinhos é importante, e poderia enfocar o tema sob vários aspectos, cada um com seus pontos positivos e negativos. Considero, no entanto, este Projeto de Lei do Deputado Simplício Mário confuso, mal redigido, com muitas falhas e omissões, texto muito geral e vago, e com algumas determinações impossíveis de se colocar em prática.

A frase inicial do texto, que é repetida quase sem mudanças no Artigo 1º, diz uma coisa, mas o assunto principal do Projeto de Lei é outro. No início, "estabelece mecanismos de incentivo para produção, publicação e distribuição de revistas de quadrinhos nacionais". No entanto, o cerne do Projeto de Lei é a obrigatoriedade de uma cota de 20% de publicação de quadrinhos nacionais. Ora, obrigar não é incentivar, na verdade um é o oposto do outro. É melhor esquecer esta frase inicial e o Artigo 1º e considerar a Lei como uma lei de cotas obrigatórias. Aproveito para dizer que não vejo nada errado em uma lei que obrigue as editoras a publicar uma certa porcentagem de quadrinhos nacionais. Todos nós somos obrigados a um monte de coisas. Somos obrigados a pagar impostos, a obedecer regras de trânsito, enfim, uma infinidade de obrigações. Ser obrigado a alguma coisa faz parte do contrato que define uma sociedade organizada. A luta que se deve travar não é para deixar de ser obrigado, mas para que as obrigações sejam justas. O ponto criticado no Projeto de Lei é que se apresentou como um mecanismo de incentivo, quando de fato não é. Mecanismo de incentivo seria, por exemplo, diminuição de impostos para publicação de quadrinhos nacionais. Mas este Projeto de Lei não menciona nada disso.

Voltando à análise do Projeto de Lei considerando que seja uma lei de cotas. O Artigo 2º está bem redigido, de forma bastante clara. "As editoras deverão publicar um porcentual mínimo de 20% de histórias em quadrinhos de origem nacional." O parágrafo 2º estipula de forma clara como esta porcentagem irá crescendo gradualmente. O parágrafo 1º começa bem redigido, mas é atropelado no final. A redação correta seria: Considera-se história em quadrinhos de origem nacional aquela criada por artista brasileiro ou estrangeiro radicado no Brasil e que tenha sido produzida para empresa sediada no Brasil. É uma boa definição, engloba toda produção feita dentro do país para publicação original no próprio país. Inclui HQs de personagens estrangeiros, como Disney, feitas por estúdios brasileiros, e exclui HQs feitas por brasileiros para editoras estrangeiras, como Marvel e a DC, por exemplo. Com isso, procura-se valorizar o trabalho de produção feito por brasileiros e de publicação feito por empresa sediada no Brasil. Determinar se uma produção é brasileira ou se uma editora está sediada no Brasil é coisa fácil, não dá margem a dúvidas, portanto a posterior fiscalização do cumprimento da lei seria de fácil implementação. O artigo não impõe uma obrigatoriedade de "temática brasileira" nas HQs, algo bastante subjetivo, de difícil determinação.

Este Artigo 2º tem duas falhas gravíssimas. A primeira é 20% de quê? Do número de títulos? Do número de páginas produzidas? Da tiragem? Não tem sentido estipular 20% da tiragem, pois uma lei pode obrigar uma editora a publicar mas não um leitor a comprar. Portanto, a tiragem de cada revista tem que continuar definida pela lei de mercado. Se uma revista do Homem-Aranha vender mais do que uma revista nacional, paciência. O mais razoável é que os 20% sejam de páginas publicadas. A distribuição dessas páginas em quais e quantas revistas fica de acordo com a conveniência da editora. A outra falha desse Artigo 2º é que não se estabelece pena para o não cumprimento da cota. A editora é obrigada a publicar 20% de quadrinho nacional? É, e se não publicar, acontece o quê? Uma lei para ser cumprida precisa deixar clara a penalidade para seu não cumprimento.

O Artigo 3º teve boa intenção, mas da forma que foi redigido é totalmente irreal. A lei quer que o distribuidor também obedeça à cota de 20%. Mas o distribuidor não tem poder para dizer o que a editora deve produzir. Se a editora chega com um lote de revistas para distribuir e não tem nenhuma com material nacional, a distribuidora deve fazer o quê? Recusar o lote? O objetivo do artigo foi querer impedir que uma editora, para burlar a lei, imprimisse uma pequena quantidade de revistas com material nacional e não as enviasse para o distribuidor. O pensamento está correto, mas deve ser dirigido à editora. Ou seja, a editora é obrigada a publicar e entregar ao distribuidor a cota de 20%.

No Artigo 4º, o projeto quis incluir na obrigatoriedade de publicação também as tiras para jornais. Mas por que não manteve a cota de 20%, que pareceu boa para as revistas de banca, e, sem explicação, aumentou a cota para 50%? Há atualmente jornais que publicam mais de 50% de tiras brasileiras, a lei não impediria isso, mas para viabilizar a publicação de tiras em todos os jornais, seria coerente manter a cota mínima de 20%.

Os Artigos 5º e 6º são muito bonitos, mas totalmente inúteis, pois são suficientemente vagos para significar alguma coisa. Claro que o que está escrito nesses artigos têm importância, mas não creio que seja matéria para esta lei específica. Por exemplo, a criação desta ou daquela disciplina dentro de um determinado curso é atribuição das universidades sob a fiscalização do Conselho Federal de Educação. Também não creio que seja da alçada desta lei o tipo de programa a ser estabelecido pelas agências de fomento. Creio que há um grande equívoco nestes artigos. Uma lei deve ser objetiva, com determinações fáceis de colocar em prática.

Quanto à "Justificação"... fico imaginando de onde saiu esta palavra! Qual é o problema com Justificativa? O trecho inicial desta justificativa é uma sucessão de informações jogadas sem muita coerência, cuja quantidade de erros conceituais e dados falsos impressiona. A revista **O Tico-Tico** foi a primeira do mundo a trazer histórias completas? O que é esta *As Canções de Cego*, considerada a primeira HQ do mundo? A maioria dos autores brasileiros segue o estilo comics? E por aí vai.

Mas, apesar deste "samba do cartunista doido", a certa altura o texto traz informação importante. "O projeto de lei (...) leva em conta não apenas o potencial econômico do mercado consumidor brasileiro, que hoje beneficia apenas a indústria de entretenimento norte-americana e outras nacionalidades, mas também a importância de fomentar um elemento de identidade cultural e manifestação artística." Este parágrafo está muito bem colocado. Enfatiza a importância de um quadrinho nacional dos pontos de vista cultural e econômico. Mais à frente, o texto vislumbra a produção de quadrinhos brasileiros como um produto de exportação e arrecadador de divisas. É preciso ter em mente essa possibilidade. Quando uma multinacional como a Panini se instala no país, de um lado, ela pode trazer de fora material para publicar aqui, mas, de outro, deve levar o material produzido aqui para fora.

Alguns comentários adicionais são necessários, mas agora sem ficar restrito ao texto do Projeto de Lei.

Muitas pessoas ficam incomodadas quando o assunto é uma lei de reserva de mercado para os quadrinhos nacionais. Algumas perdem todo o equilíbrio emocional e partem para agressões, no mínimo, verbais. A impressão que se tem é que uma pessoa assim não conseguiria viver sem esses quadrinhos estrangeiros. E no caso específico do Projeto de Lei do Deputado Simplício Mário, na pior hipótese, seria a redução de 20% da publicação de revistas com HQs estrangeiras. Isso se considerarmos que o mercado já está saturado e que para publicar 20% de quadrinho nacional precisaria diminuir 20% na publicação de quadrinho estrangeiro. Ou seja, uma redução de 20% nos quadrinhos estrangeiros já tem provocado reações extremadas em várias pessoas. Ora, qual é este quadrinho estrangeiro publicado no Brasil? Por acaso é a fina flor da produção internacional, aquele material que realmente faria falta à formação cultural de uma pessoa? Do volume total de quadrinhos estrangeiros publicado no Brasil, a grande maioria é totalmente dispensável. As fases atuais dos super-heróis da Marvel e DC constituem-se em verdadeiras afrontas ao leitor mais antigo. Essa Crise de sei lá o quê, esta guerra civil, tudo isso é uma verdadeira arapuca criativa. Os roteiristas entraram num beco sem saída. Logo, a solução será fazer de conta que isso não aconteceu para conseguirem criar novas histórias. Dos mangás, nem se fala. É um mais nojentinho que o outro. A grande maioria das obras de qualidade feita em outros países continua inédita por aqui. Só recentemente o leitor brasileiro pôde terminar de ler a série original de Ken Parker, que é da década de 1970. O mesmo em relação a Lobo Solitário. E no caso de Ken Parker ainda faltam várias histórias, sem perspectiva de saírem por aqui. Também só recentemente as histórias de Carl Barks tiveram publicação decente no Brasil. E as obras-primas do quadrinho argentino? **El Eternauta**, **Mort Cinder** e **Sherlock Time** são inéditas por aqui. **Alvar Mayor** teve publicação truncada já há algumas décadas. Nem merece comentário a salada que tem sido a publicação da linha Vertigo no Brasil. E as centenas de séries européias de qualidade, cadê? **Blake e Mortimer**, **Vagabundo dos Limbos**, **Valerian**, etc. Todo leitor brasileiro que busca trabalhos de maior qualidade tem sobrevivido muito bem nesses anos todos sem todo esse material. Qualquer pessoa pode muito bem sobreviver à diminuição de 20% desse atual lixo norte-americano e japonês. Pois, se não puder, o caso é grave e exige tratamento especializado. A boa notícia é que atualmente há tratamento para qualquer coisa. A má notícia é que o mesmo não se dá com a cura.

Outra questão muito alardeada é que uma obrigatoriedade de qualquer coisa é coisa de ditadura. Ou melhor, que num regime democrático cada um deve ter liberdade para comprar o que quiser. Ah, sim, "eu trabalhei, ganhei o meu dinheiro e compro o que eu quiser com ele". Certo? Errado! Espero não estar desfazendo uma de suas mais caras ilusões, mas Deus não criou o Universo para girar em torno de você. Existe um interesse coletivo que é maior do que o interesse particular de cada um. A Constituição e suas leis deixam claro que o interesse da sociedade tem precedência sobre os interesses individuais. E cabe ao Estado o gerenciamento do país de modo que seu funcionamento seja estável. O que isso significa? Que o país como um todo deve ser capaz de gerar riquezas que sirvam primeiramente ao seu próprio povo. Se o que é produzido serve à população e há excedentes, estes podem ser exportados. Se o capital produzido é suficiente para os investimentos internos para manter e aprimorar a estrutura do país, e há sobra, esta pode ser gasta com importações. Se esta equação básica não é satisfeita, o país definha, empobrece, degenera, como já se viu muitas vezes na História mundial. Na própria História do Brasil, o desperdício de divisas por governos irresponsáveis tem sido mais a regra do que a exceção. Nos governos democráticos, procura-se usar uma série de mecanismos que não sejam visivelmente autoritários. Por exemplo, para evitar que a importação de determinados produtos destrua a indústria local, criam-se taxas de importação. Em certos casos pode-se mesmo proibir a importação de determinado produto. De uma maneira simplificada, a ideia é que toda área de atividade econômica, independentemente, fizesse cumprir o balanço necessário para a estabilidade do país. Ou seja, na área editorial, a maior parte da produção deveria ser de material impresso no país a partir de trabalhos feitos no país. O excedente poderia ser gasto com importações de publicações estrangeiras ou de material estrangeiro para publicação no país, desde que esta porcentagem não comprometesse a estabilidade do setor. E qual seria esta porcentagem? Certamente não é o 80% que o Projeto de Lei estipula. Quem imagina que um setor econômico possa sobreviver produzindo 20% do consumo e importando 80%? E, no entanto, é esta proporção definida no Projeto de Lei em análise que tem provocado a ira das pessoas que não suportariam viver sem os quadrinhos estrangeiros. Um país sério, como há tantos no mundo, seja com mecanismos mais autoritários ou com recursos mais democráticos, como tarifação ou leis de incentivo, não permitiria que algum de seus setores da atividade econômica ocupasse apenas uma faixa de 20% do mercado, sofrendo uma sangria de 80% dessas divisas para países estrangeiros. Um país sério estabeleceria mecanismos, quaisquer que fossem, que garantissem ao menos 80% da produção de um determinado setor a cargo da população do próprio país. É claro que uma sociedade moderna é bastante complexa e permite que em alguns setores a porcentagem de produção feita no país seja menor, compensada por uma produção maior em outros setores, de modo que no total a estabilidade se mantenha. O que isso significa é que o domínio quase total de quadrinhos estrangeiros nas bancas e livrarias brasileiras, com os pagamentos de direitos enviados para o exterior na quase totalidade, tem que ser compensado por outros setores de atividade econômica para que haja equilíbrio na economia geral do país. Então quando uma pessoa gasta seu dinheiro, que ganhou com o seu trabalho e sobre o qual tem todo o direito, comprando apenas quadrinhos de origem estrangeira, está lesando outros setores da atividade econômica que tiveram que produzir mais para compensar este desperdício.

Como já foi dito, este tipo de coisa é permitido numa sociedade capitalista complexa sob regime democrático, e por isso cada um pode continuar gastando seu próprio dinheiro do jeito que quiser sem dar satisfação a ninguém, como se este dinheiro tivesse sido gerado por uma fonte metafísica absoluta, e não fosse o resultado de um emaranhado de relações de produção envolvendo uma quantidade inimaginável de pessoas efetivamente produzindo riquezas. Com exceção de um ou dois ermitões esquecidos nos cafundós do Judas, toda atividade econômica exercida por uma pessoa sofre influência do resto da sociedade, e, por sua vez, o influencia. Portanto, seu dinheiro não é tão seu assim. Para ele chegar até você, de um jeito ou de outro, seja vendendo biscoito, recebendo salário do governo ou pedindo mesada para a mamãe, ele não poderá ser desviado pelo caminho, porque um outro sujeito achou que tinha todo o direito de mandá-lo para fora do país em troca de um gibi importado.

Assim, vivemos nesta sociedade onde uma parcela da população gasta uma riqueza que não produziu em sua totalidade, enquanto outra parcela deverá compensar este gasto produzindo mais do que deveria. As revistas de quadrinhos são uma parcela, imagino que até bem pequena, em meio à quantidade de produtos estrangeiros que entram no país, limpando o excedente de riqueza gerado por setores realmente produtivos. Filmes, seriados, automóveis, equipamentos eletrônicos, roupas de grife, uma infinidade de coisas que poderiam ser produzidas por brasileiros, gerando empregos dentro do país, aumentando a renda média da população, e melhorando a sociedade como um todo. Por fim, esta defesa intransigente da liberdade de mercado, cada um faça o que quiser com o dinheiro que por ventura recebeu, não tem todo esse apoio incondicional da parte dos países ricos, quando o prejuízo é para eles. Os Estados Unidos, o berço desse capitalismo inconteste, não tem qualquer pudor em impedir importações que não lhes sejam convenientes, e toda a pressão que tem feito para que se feche o acordo da Alca não é por qualquer tipo de altruísmo ou idealismo.

QI 91 (mar/abr/2008)

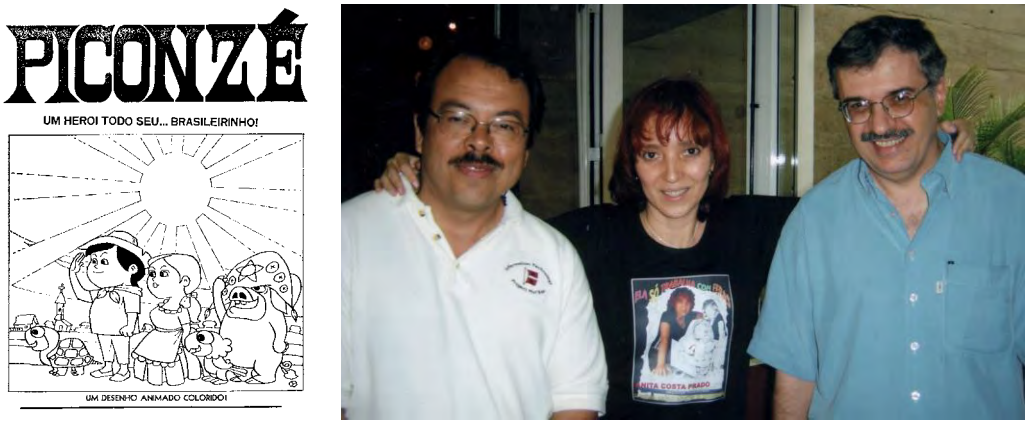
24º PRÊMIO ANGELO AGOSTINI

O DIA DO QUADRINHO NACIONAL

A entrega do 24º Prêmio Angelo Agostini, em comemoração ao Dia do Quadrinho Nacional, este ano, foi realizada no dia 16 de fevereiro no auditório do Senac Lapa Faustolo, na Rua Faustolo nº 1347.

Embora não tenha havido espaço para exposição dos trabalhos dos homenageados e nem espaço para os editores independentes venderem suas revistas, o evento teve boa participação do público, praticamente lotando o auditório.

Às 13h15 começou a programação com a exibição do desenho animado **Piconzé**, realizado por Ippe Nakashima em 1972-73. Uma ótima oportunidade de ver esta animação, realizada com raça e coragem por Ippe, imigrante japonês que se encantou com o folclore brasileiro. Após a exibição, às 14h40, houve uma palestra com Istuo Nakashima, filho do autor, que contou detalhes da produção do filme. Worney distribuiu para a platéia uma cópia do anúncio original do filme, feito na forma de história em quadrinhos.



Anúncio do filme Piconzé – Mário Latino, Anita Costa Prado e Edgard Guimarães.

Às 15h30 começou um debate sobre adaptações de obras literárias para os quadrinhos, com a participação de Bira Dantas, Marcatti, André Diniz e Laudo Ferreira Jr. Bira já produziu para a Escala Educacional a adaptação de **Memórias de um Sargento de Milícias** e prepara para a mesma editora uma adaptação de **Dom Quixote**. Marcatti produziu para a editora Conrad o álbum **A Relíquia** baseado no livro de Eça de Queiroz. André Diniz prepara 12 edições para a Escala, 4 de História do Brasil, 4 de História Geral e 4 de Filosofia. Entre elas, **Cândido** de Voltaire e **A Utopia** de Thomas More, ilustrados por Antonio Eder, **Elogio da Loucura** de Erasmo, ilustrado por Laudo, e **O Príncipe** de Maquiavel, ilustrado por Daniel Brandão. Laudo também está adaptando **Os 10 Dias que Abalaram o Mundo** de John Reed e o livro **Os Sonhos Não Envelhecem** de Márcio Borges para o sítio de Memória do Clube da Esquina. Houve várias perguntas aos participantes, destacando a de Mário Latino sobre se há benefício quando a editora dá total liberdade na adaptação.

Às 16h30, os editores independentes presentes fizeram a divulgação de seus trabalhos. Subiram ao palco os produtores da revista **Menino Caranguejo**; Leonardo Melo, editor de **Quadrinhópole**; Mário Latino, do **Jornal Graphic**; Edgard Guimarães, autor de **Ju & Jigá**, divulgando também outras produções da editora Marca de Fantasia, Will, para falar do selo Quarto Mundo, etc.

Às 17h, Worney fez sorteio de algumas edições para o público presente, fez os agradecimentos, registrou os falecimentos de Armando Sgarbi, Ivan Wasth Rodrigues e Oscar Kern, e deu início à entrega dos prêmios.

O troféu de *Melhor Roteirista* foi entregue por Mário Latino a Anita Costa Prado. Omar Viñole entregou o de *Melhor Desenhista* para Laudo Ferreira Jr. Vasqs e Floreal foram chamados para entregar a Márcio Baraldi o troféu de *Melhor Cartunista*. Na categoria *Melhor Lançamento*, Clay Fabiano entregou o troféu à equipe de produção da revista **Menino Caranguejo**. Edgard Guimarães entregou o troféu de *Melhor Fanzine* ao representante enviado por Sérgio Chaves, ganhador com o **Justiça Eterna**. Will entregou para Mateus, filho de Eloy Pacheco, o troféu *Jayme Cortez*, pelo trabalho de divulgação do quadrinho nacional feito no sítio **Bigorna**.

A homenagem aos Mestres do Quadrinho Nacional começou com a entrega de uma Medalha Especial a Primaggio, representando José Evaldo de Oliveira, falecido recentemente. Na sequência, os demais mestres homenageados foram Salatiel de Holanda, que recebeu a medalha de Tony Fernandes; Aníbal Barros Cassal, representado por Edgard Guimarães; Fernando Dias da Silva, representado por Álvaro de Moya; Antônio Luiz Cagnin, cuja medalha foi entregue por Bira Dantas; Ofeliano de Almeida, representado por André Diniz; e Diamantino da Silva, que recebeu a homenagem de Primaggio.

Após a premiação, com a sessão encerrada, os presentes ainda permaneceram no local, conversando, reavivando os contatos, sendo apresentados uns aos outros. Além dos mencionados, compareceram ao evento várias pessoas como Luigi Rocco, Joás Lima, Antônio Armando Amaro, Edson Gonçalo, Márcio Nicolosi, Noboyushi Chinen, Dona Edna, viúva de Jayme Cortez, e dois netos, Salvador, Cadu Simões, Jozz, Olliveira Jr., Jerônimo Souza, e tantos outros.

QI 91 (mar/abr/2008)

HUMOR FEITO POR NÓS

Recentemente, o Marcos Moraes, dono da loja Gibimania no Rio de Janeiro, me enviou de presente algumas edições independentes, entre elas a revista **Humor Feito por Nós – 10 Cartunistas Pernambucanos**, editada em Recife, em novembro de 1977.

Nesta edição encontramos nomes importantes dos Quadrinhos brasileiros, muitos ainda em plena atividade.

A primeira HQ é uma pérola escrita por Paulo Santos e desenhada por Conceição Cahú, uma aventura do Indiozinho Oswaldo e do Jaboti Carlos Augusto. Esta HQ já havia sido publicada em 1975 no suplemento **Quadrinhos** da **Folha de S. Paulo** e mostra todo o talento de Cahú, falecida faz pouco tempo.

Clériston participa com charges publicadas originalmente no **Diário de Pernambuco** em 1976 e 1977. Clériston, além de trabalhar na imprensa, tem desenvolvido estudos acadêmicos sobre humor e artes gráficas.

Em seguida vem Rodolfo Mesquita, com HQ inédita escrita por Tiago Araripe.

Maquino republica charges que haviam saído na revista **Risco**, de Brasília, em 1977.

Ral participa com charges e HQs que saíram no **Pasquim**, **Diário da Noite** e no suplemento **Papa Figo**, de 1974 a 1976.

Paulo Santos também desenha e apresenta HQ publicada originalmente no **Papa Figo** em 1977.

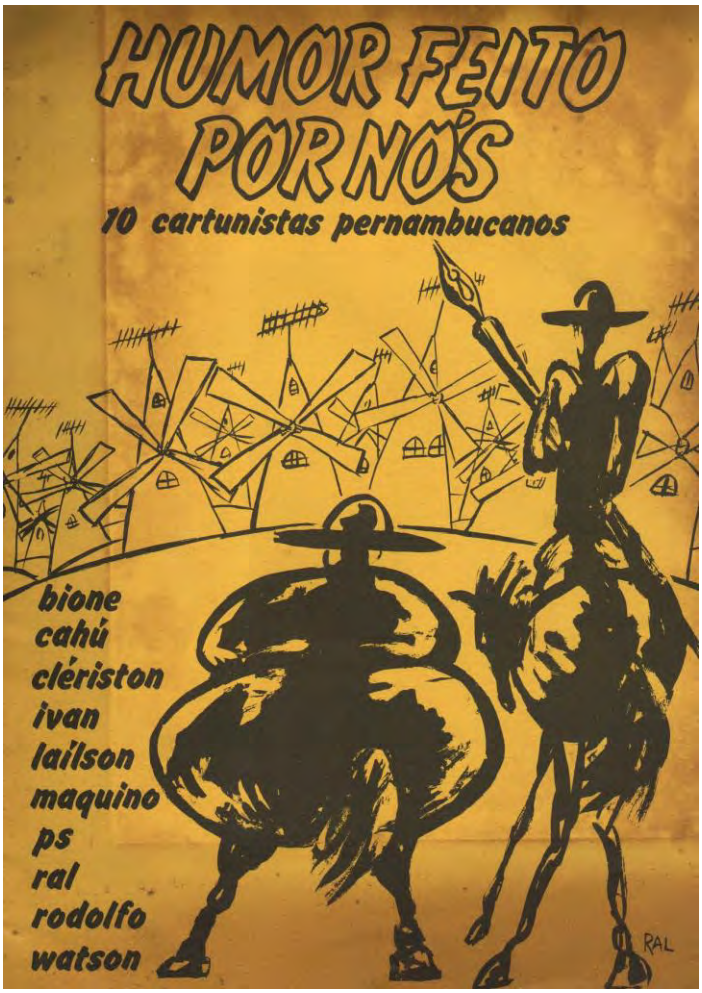
Lailson participa com charges inéditas e HQ publicada no **Papa Figo**. Atualmente, Lailson, além de publicar na imprensa mundial, produz regularmente álbuns de qualidade, como o **Lusíadas 2500**.

Uma boa supresa é a presença de Watson Portela com HQ inédita de 1975, no estilo realista detalhado que o consagraria na revista **Spektro** da editora Vecchi.

Bione também apresenta trabalhos publicados em 1976 no **Papa Figo**, o que demonstra a importância desse suplemento na imprensa pernambucana na época.

A edição se encerra com desenho inédito de Ivan Maurício.

É bem estimulante ver uma edição como esta, feita por autores talentosos, tanto pelo valor histórico, como pelo estímulo que deve proporcionar a quem está produzindo atualmente.



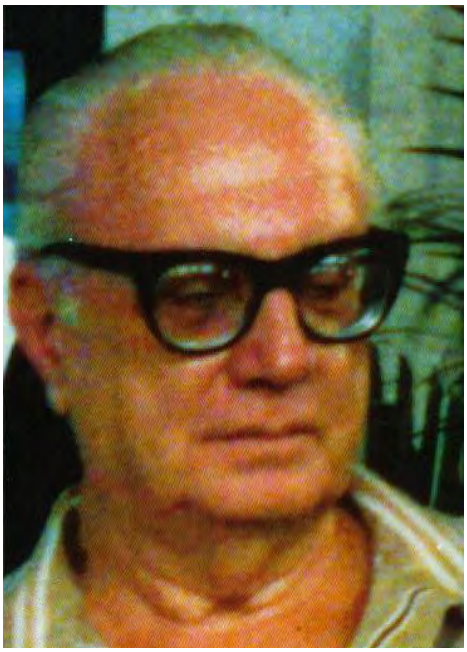
QI 93 (jul/ago/2008)

QUADRINHO NACIONAL PERDE DOIS MESTRES: EUGÊNIO COLONNESE E GEDEONE MALAGOLA

As notícias dos falecimentos de Eugênio Colonnese e Gedeone Malagola já foram bastante difundidas na imprensa escrita e virtual, com textos bastante informativos e depoimentos importantes de grandes artistas, no entanto acho que devo fazer aqui o registro. Infelizmente não tive condições de prestar uma homenagem à altura do que estes dois Mestres merecem, vou me limitar a reproduzir informações básicas que saíram na imprensa, acompanhadas de alguns comentários meus.

Segundo matéria publicada na revista **Wizmania** nº 5 (set/2008), Eugênio Colonnese morreu na madrugada do dia 8 de agosto por falência múltipla dos órgãos, depois de dois meses internado vítima de um Acidente Vascular Cerebral. Colonnese nasceu em Cosenza, Itália, em 1930, e começou sua carreira em 1949 na Argentina. Passou a colaborar com publicações brasileiras a partir de 1955, colaborou com a inglesa Fleetway a partir de 1961, e em 1964 mudou-se para o Brasil, continuando sua carreira por aqui. Recebeu o título de Mestre do Quadrinho Nacional na primeira edição do Prêmio Angelo Agostini em 1984.

Um álbum de historietas argentinas lançado no final de 2007, **Ernie Pike – Cuatro Décadas**, com a famosa criação de Héctor G. Oesterheld, trouxe uma HQ do personagem desenhada por Colonnese publicada originalmente na revista **Hora Cero Semanal** nº 98 de 15 de julho de 1959. Este álbum traz a seguinte declaração de Colonnese: "As histórias de guerra sempre me agradaram. Porque a guerra, para mim, é apenas um pretexto para estudar a situação humana. Esqueçam que o protagonista é um soldado inglês ou francês, ou um soldado norte-americano, japonês ou brasileiro. Minhas histórias de guerra não têm pátria. O que me interessa é a alma do homem. A sagacidade e o modo como ele reage a situações extremas. As questões psicológicas e o lado simples das coisas. Os detalhes da condição humana. Tive um bom mestre nos roteiros: Héctor Oesterheld. Foi o melhor roteirista de quadrinhos do mundo. Tive o privilégio de ilustrar muitas de suas histórias e de conviver com ele na Argentina. O talento de Oesterheld era imenso; e com ele aprendi e assimilei a melhor maneira de fazer histórias de guerra."



De acordo com texto saído no sítio UniversoHQ, Gedeone Malagola faleceu na tarde do dia 15 de setembro, aos 84 anos de idade. Estava com a saúde debilitada, o que resultou em três paradas cardíacas no último mês. Há alguns anos estava acamado, depois de fratura que sofreu em queda na sua própria casa, mas continuava produzindo. Colaborava regularmente com artigos para a revista **Mundo dos Super-Heróis** e estava escrevendo dois livros sobre Buck Rogers e Flash Gordon. Gedeone nasceu em 1924 e começou a trabalhar com quadrinhos na década de 1940, com uma produção intensa atingindo a marca de quase duas mil histórias. Embora tenha um importante trabalho no gênero terror, principalmente com personagens clássicos como o Lobisomem, Gedeone é mais lembrado como o criador do super-herói brasileiro Raio Negro, em 1964. Gedeone recebeu o título de Mestre do Quadrinho Nacional na segunda edição do Prêmio Angelo Agostini em 1985.

Há alguns anos, José Eduardo Cimó, editor do **Fã-Zine**, produziu um número especial sobre os Heróis Nacionais, um volume de 250 páginas trazendo centenas de criações brasileiras. Uma das coisas que se percebe claramente após uma rápida olhada neste volume é a capacidade de Gedeone em criar personagens. Capitão Astral, Capitão Júpiter, Corsário Verde, Eletra, Homem Lua, Hydroman, Jane West, Jon Carter, Jony Ciclone, Koreme, Milton Ribeiro, Sierra Lane, Steve Kirby, Tambú, Zora, são alguns dos personagens criados por Gedeone, a maioria para as revistas da Editora Júpiter, editora da qual Gedeone foi um dos criadores, por volta de 1953.

Gedeone sempre manteve contato estreito com os editores de fanzines e foi o tema de duas edições especiais que lhe dedicaram dezenas de páginas, um número do **Fã-Zine** de Eduardo Cimó, e um número de **O Castelo de Recordações**, de José Magnago. Atualmente, José Salles tem resgatado o trabalho de Gedeone, republicando suas HQs, com destaque para o Raio Negro. Salles homenageou Gedeone até no nome fantasia de sua editora: Júpiter II.

QI 94 (set/out/2008)

PERSONAGENS INFANTIS

Hoje as bancas de revistas estão dominadas pelos personagens de Maurício de Souza, no segmento infantil. A Editora Globo tentou emplacar revistas da turma do **Menino Maluquinho** e do **Sítio do Picapau Amarelo**, mas já foram interrompidas. Há a revista do **Smilinguido**, que tem durado bastante, e mais uma ou outra tentativa esporádica como a do **Pequeno Ninja**. Estou me referindo a produções brasileiras, por isso não menciono as revistas da linha Disney, Scooby-doo, Tom & Jerry, Pica-pau, Padrinhos Mágicos, que, aliás, com exceção das primeiras, têm fôlego curto.

O maior problema da hegemonia Maurícica é a padronização. Tudo tem a mesma cara, o leitor mirim não é apresentado à diversidade dos temas, dos traços, dos modos de desenvolver uma história. Lembro de boas tentativas feitas em meados da década de 1970, que infelizmente não fizeram sucesso, como o lançamento de revistas de **Sacarrolha**, de Primaggio, e de **Satanésio** e **Gabola**, de Perotti, ou ainda a bela seleção de autores da segunda fase de **Crás!**, em formatinho e voltada ao público infantil.

Mas o que me trouxe a este assunto foi a revista **Álbum Infantil** nº 1 da Editora Regiart, que acabo de comprar do Gilmar Chamizo. A revista deve ser do início da década de 1970, mas traz histórias feitas provavelmente no início da década de 1960. E que histórias! Uma única edição traz uma grande variedade de personagens de autores diferentes, cada um com seu estilo próprio, e todos donos de traços excelentes, desenhos seguros, bonitos, nada padronizados. O traço mais firme e distinto é o de Bortolassi, com seu personagem Juca. João Baptista Queiroz, criador de vários personagens, aparece com uma história de Zuzuca. Outro belo traço é o de Aylton Thomaz, bem detalhado e com um sombreamento mais carregado. O traço mais solto de Orlando Pizzi é compensado por um hachureado que não se vê em desenhos infantis. Participa com histórias de Duduca e Jambolão, e Zé Caniço.

Mas o que mais chama a atenção é a temática das histórias. São aventuras protagonizadas, na maioria, por crianças brasileiras em cenários urbanos e rurais perfeitamente reconhecíveis, em situações muitas vezes comuns de travessuras e brincadeiras. Há o exagero necessário a uma produção caricatural como a destinada ao público infantil, mas o pano de fundo é verossímil. E o cenário, sem dúvida, é o Brasil. E não foram apenas estes autores que produziram nessa época. As décadas de 1950, 60 e até a de 70 tiveram um invejável time de quadrinhistas originais com uma produção regular para o mercado infanto-juvenil. Igayara, Izomar e Pedro Segui são apenas alguns nomes que produziram histórias em quadrinhos da mais alta qualidade voltadas para a criançada. E dois mestres do quadrinho realista, como Nico Rosso e Lanzelotti, também brilharam neste estilo.

A riqueza desse material é impressionante. E o que tem a criança de hoje?

Jambolão e Duduca, de Orlando Pizzi; Zuzuca, de Queiroz; Beto e Zequinha, de Aylton Thomaz;
Zé Caniço, de Pizzi; Juca, de Bortolassi

QI 95 (nov/dez/2008)

DÚVIDA

Comprei recentemente uma revista da editora Saber, da década de 1970, chamada **Pimentinha Extra Seleção** nº 1. É um dos tantos encalhes que a Saber produziu a partir da centena de livretos que publicou. Esta é o encalhe de três revistas, as duas primeiras, como era de se esperar, são dois números da revista **Pimentinha**, que teve pelo menos sete números pela Saber. A curiosidade é a terceira revista colocada no encalhe. Como a página do expediente foi arrancada, não dá para saber o título da revista. Trata-se de material nacional, as HQs são todas produzidas por Jorge A. Cavalli. Os personagens são uma turma de crianças, sem um título definido, e o detetive Peter. Não tenho nenhum dado sobre este autor ou sobre esta revista. Quem souber alguma coisa, peço que me envie informações.

QI 96 (jan/fev/2009)

O CASO DO PINGUEPONGUE POSTAL

No final do mês de novembro de 2008 fiz uma encomenda relativamente grande, mais de 40 revistas, ao Ricardo Kozesinski, dono da loja Rika Comics. Ele postou a encomenda no dia 28 de novembro na agência Água Branca em São Paulo. Normalmente essas encomendas chegam no prazo de uma semana, embora o Correio estipule um prazo maior, cerca de 15 dias.Como em meados de dezembro, a encomenda não tinha chegado, resolvi rastreá-la através do site do Correio. Qual não foi minha surpresa ao ver que a encomenda havia sido mandada para Juiz de Fora, de lá para Belo Horizonte, voltou para Juiz de Fora, e de novo para... bem, já deu para entender, não é? O pinguepongue continuou, como pode ser visto logo abaixo no histórico completo fornecido pelo site do Correio.

CORREIOS EC362878131BR - Histórico do Objeto

O horário não indica quando a situação ocorreu, mas sim quando os dados foram recebidos pelo sistema, exceto no caso do **SEDEX 10 e do SEDEX Hoje,** em que ele representa o horário real da entrega.

Data	Local	Situação
22/01/2009 12:55	AC BRASOPOLIS - BRASOPOLIS /MG	Conferido
20/01/2009 16:18	CTE VILA MARIA - SAO PAULO/SP	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE VARGINHA - VARGINHA/MG	
20/01/2009 06:57	CTE VILA MARIA - SAO PAULO/SP	Encaminhado
	Encaminhado para CEE AGUA BRANCA - SAO PAULO/SP	
19/01/2009 11:00	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTE VILA MARIA - SAO PAULO/SP	
15/01/2009 11:00	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
14/01/2009 20:42	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
13/01/2009 10:59	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
12/01/2009 19:10	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
10/01/2009 09:59	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
09/01/2009 23:01	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
08/01/2009 10:59	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
07/01/2009 16:21	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
06/01/2009 13:57	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
06/01/2009 11:04	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
05/01/2009 14:33	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
05/01/2009 14:22	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
31/12/2008 11:23	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
30/12/2008 22:22	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
29/12/2008 08:01	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
27/12/2008 09:52	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
26/12/2008 22:35	CEE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
24/12/2008 11:38	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
23/12/2008 22:56	CEE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
22/12/2008 11:11	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
19/12/2008 23:12	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
16/12/2008 14:17	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
13/12/2008 16:05	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
12/12/2008 10:21	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
11/12/2008 21:01	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
09/12/2008 11:06	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
05/12/2008 23:31	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
03/12/2008 14:15	CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
02/12/2008 20:33	CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	Encaminhado
	Em trânsito para CTE BH - BELO HORIZONTE/MG	
01/12/2008 16:55	CTE VILA MARIA - SAO PAULO/SP	Encaminhado
	Encaminhado para CTCE JUIZ DE FORA - JUIZ DE FORA/MG	
28/11/2008 20:00	CEE AGUA BRANCA - SAO PAULO/SP	Encaminhado
	Em trânsito para CTE VILA MARIA - SAO PAULO/SP	
28/11/2008 09:00	CEE AGUA BRANCA - SAO PAULO/SP	Postado

Finalmente, após várias reclamações, a encomenda chegou no dia 22 de janeiro, a caixa bem amassada, reembalada, mas felizmente com as revistas sem maiores danos. Pude constatar que na etiqueta do Destinatário o CEP estava escrito errado, estava 37350-000 em vez de 37530-000. Para aqueles que apreciam Teoria do Caos, borboletas batendo asas, deliciem-se com este exemplo. A simples troca de dois números num CEP proporcionou à minha encomenda VINTE E SEIS viagens entre Juiz de Fora e Belo Horizonte. E ainda teve que voltar a São Paulo antes de finalmente poder vir para o Sul de Minas.

QI 96 (jan/fev/2009)

JORGE ALBERTO CAVALLI

Na edição anterior, na página 3, coloquei uma pequena nota mencionando uma revista de quadrinhos nacionais produzida pelo autor Jorge A. Cavalli. Como a revista estava dentro de um encalhe, não tinha capa ou expediente. Pedi aos leitores alguma informação sobre a revista e o autor. Worney identificou a revista e mandou cópias da capa e da primeira página. A revista chama-se **Molecada** e teve apenas um número em junho de 1971 pela editora Saber. Foi inteiramente produzida por Jorge A. Cavalli com histórias de diversos personagens, sendo a primeira HQ com personagens infantis e o título *A Escolinha Humorística*. Sobre o autor, obtive pouca informação. O expediente da revista diz que ele era responsável pelo Departamento de Arte da editora Saber. Além disso Luigi Rocco descobriu que Jorge Cavalli produziu pelo menos um número de uma coleção de mini-gibis editados pela editora Krung. Segundo Rocco, estas revistinhas não eram vendidas e sim dadas como brinde em máquinas ancestrais dos caça-níqueis que haviam nos bares de antanho. Essa coleção da editora Krung, chamada **Mini-Maravilha**, trouxe mais de uma dezena de edições, produzidas por vários artistas de renome como Izomar.

Capa de **Molecada** nº 1 – primeira página de HQ da revista
Capa de **Professora Gramática**, nº 11 da **Coleção Mini-Maravilha**

QI 97 (mar/abr/2009)

25º PRÊMIO ANGELO AGOSTINI

DIA DO QUADRINHO NACIONAL

No dia 14 de fevereiro de 2009, no Auditório Nobre do Senac Consolação, na Rua Dr. Vila Nova, 228, em São Paulo, foi realizada a comemoração do **DIA DO QUADRINHO NACIONAL**, com várias atividades e a entrega do **25º PRÊMIO ANGELO AGOSTINI**. Neste ano de 2009 comemora-se 140 anos da primeira publicação da HQ *As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte* de Angelo Agostini.

O evento começou às 13h com a exibição do filme **Sinfonia Amazônica**, feito por Anélio Latini Filho em 1953. **Sinfonia Amazônica** foi o primeiro desenho animado brasileiro em longa metragem. Antes do filme, um documentário mostrando todo o trabalho de Latini Filho para fazer praticamente sozinho o filme.

Às 14h, Álvaro de Moya iniciou sua palestra sobre Latini Filho e sua obra, **Sinfonia Amazônica**. Moya não se prendeu ao tema e divagou sobre vários assuntos de interesse dos iniciantes e profissionais dos quadrinhos.

Às 15h, Antonio Luiz Cagnin falou sobre a comemoração de 140 anos de *Aventuras de Nhô Quim*, com muita informação sobre Angelo Agostini e sua época.

Às 16h, Worney iniciou a cerimônia com uma breve explicação sobre as origens do Dia do Quadrinho Nacional e do Prêmio Angelo Agostini. Em seguida chamou ao palco os editores de quadrinhos presentes para divulgarem seus trabalhos. Will apresentou a edição **Subterrâneo** e falou sobre o lançamento do livro de Fábio Lyra, **Menina Infinito**, que seria realizado à noite na Livraria HQMix. Manoel Souza falou da revista **Mundo dos Super-Heróis** e do novo lançamento da editora Europa, **História do Brasil em Quadrinhos**. Alex Mir apresentou o novo número de **Tempestade Cerebral**. Jozz falou do **Zine Royale** e de seu livro **O Circo de Lucca** lançado no ano passado. Paulo dos Anjos mostrou a nova edição de **Benjamin Peppe**. O programa de TV na Internet, **HQ Além dos Balões**, foi divulgado por Fábio, seu realizador. Leandro Robles mostrou seu recém-lançado **Macaco Albino**. Daniel Esteves falou de seu fanzine **Nanquim Descartável** e do livro **Práticas de Escrita em HQs**. Edson Gonçalo apresentou novo número do fanzine **Gatão**. Ana Recaldi falou do programa na Internet **Nerd Indica**. Mário Latino apresentou novo número do **Jornal GrapHiQ**. Hamilton Tadeu mostrou seu novo lançamento, a revista **NFL Comics**. Mara Ribeiro e Antonio Luiz Cagnin falaram sobre um curso sobre quadrinhos e jornais humorísticos promovido pelo Sindicato de Jornalistas de São Paulo, que será ministrado por Cagnin e Francisco Araújo. Worney falou sobre a AQC, sua página na Internet e as reuniões da associação ocorridas na Biblioteca Monteiro Lobato. Juntamente com Sérgio Moretini, Salvador, Floreal, Edson, Morgani, apresentaram o projeto da revista **Picles**, revista de humor organizada pela AQC.

Em seguida começou a entrega dos troféus. Na categoria *Mestre do Quadrinho Nacional*, Worney entregou o troféu a Sebastião Seabra que representou o ganhador Emir Ribeiro; Seabra também representou Deodato Filho e recebeu o troféu de Manoel Souza; Álvaro de Moya entregou o troféu ganho por Mozart Couto a Osvaldo Talo, que o representou; Franco de Rosa entregou o troféu para Sebastião Seabra, desta vez ele próprio o merecedor; Sérgio Moretini recebeu o troféu de Will; e Primaggio, representando Watson Portela, recebeu o troféu de Clay Fabiano, do Senac.

Na categoria *Melhor Desenhista*, Laudo Ferreira Júnior recebeu seu troféu de uma atriz representando sua personagem Tianinha.

Na categoria *Melhor Roteirista*, Floreal entregou o troféu a Daniel Esteves.

Na categoria *Melhor Cartunista*, Fábio, do site **HQ Além dos Balões** entrega o troféu a Márcio Baraldi.

Jal entregou o troféu a Fábio Lyra pelo livro **Menina Infinito**, premiado na categoria *Melhor Lançamento*.

Na categoria *Melhor Fanzine*, Marcos Venceslau entregou o troféu a Edgard Guimarães pelo fanzine **QI**.

Finalmente, o *Troféu Jayme Cortez*, de incentivo ao quadrinho nacional, foi entregue por Gualberto aos integrantes do Coletivo Quarto Mundo.

A cerimônia foi encerrada e os presentes aproveitaram para se apresentarem, comprarem edições disponíveis, manterem contato, etc. Estiveram presentes, além dos mencionados, Luigi Rocco, Antônio Amaro e seu filho, Denis de Oliveira, Omar Viñole, Fernando dos Santos, Edson Pelicer, entre outros. Infelizmente, e este é um problema que ocorre sempre, o local onde se realiza a cerimônia tem um horário de funcionamento comercial, ou seja, às 18h, o mais tardar, já está fechando. Assim, este espaço que poderia haver para integração entre os presentes fica seriamente prejudicado. As pessoas têm que sair e a maioria se dispersa. O ponto positivo no local do evento deste ano é que o Salão Nobre era mesmo nobre, amplo o suficiente para abrigar com conforto todos os presentes.

QI 97 (mar/abr/2009)

O FIM DO QI (1)

Há algum tempo deixei escapar que pretendia fazer o **QI** apenas até o número 100, isso se conseguisse chegar até este número. Houve uma repercussão inesperada a este meu comentário e muitos leitores acharam por bem se manifestar a respeito. Evitei eu mesmo fazer comentários para não colocar mais fogo. Como agora estão faltando apenas dois números para esta meta, julgo que é apropriado tratar do assunto de maneira esclarecedora.

Primeiro, é bom lembrar a circunstância em que se deu o lançamento do **QI** (então denominado **Informativo de Quadrinhos Independentes**). Eu já estava envolvido com os fanzines desde 1979, lançando meu primeiro título, o **PSIU**, em 1982. Saíram apenas três números deste fanzine e no final da década de 1980 decidi organizar edições especiais em vez de um título regular. Assim, vieram à luz as edições **PSIU Mudo**, **Deus** e **Eco Lógico**, todos reunindo um número considerável dos autores atuantes na época. **Deus** foi um livro de 270 páginas. **Eco Lógico** foi um álbum em tamanho gigante com meia centena de pranchas soltas. Estas edições tiveram uma aceitação bastante boa de quem as conheceu ou participou delas, mas, devido ao preço, uma difusão pequena entre os leitores. Na época estava bem intensa a discussão sobre que soluções adotar para resolver os problemas de impressão, divulgação e distribuição de edições independentes. Partindo dessa intensa reflexão sobre o assunto, decidi implantar um projeto amplo relacionado aos fanzines. Assim, a partir de final de 1992, me propus a prestar serviço de impressão, edição, divulgação e distribuição de edições a quem estivesse interessado em deixar estes serviços a meu encargo. Durante 9 anos mantive esses serviços, chegando a ter um catálogo de mais de 500 títulos, desde edições mais simples em meio ofício e poucas páginas até volumes de mais de 300 páginas.

Um dos sustentáculos desse projeto era o **Informativo de Quadrinhos Independentes**, cujo objetivo era divulgar toda edição independente, principalmente as de HQs, que eu tivesse conhecimento. A meta maior do Informativo era criar um grande banco de dados de pessoas interessadas em quadrinhos brasileiros independentes, de modo que cada novo lançamento feito por qualquer editor alternativo pudesse chegar ao conhecimento desse leitor interessado. O custo de impressão e distribuição do Informativo seria bancado pelos outros serviços, de impressão e venda de edições, por isso o Informativo era inicialmente gratuito. O sistema todo funcionou durante vários anos, mas não atingiu um número de leitores suficientemente grande, com um volume de vendas que tornasse a iniciativa viável. Chegou a haver cerca de 700 pessoas mantendo contato, mas um número menor de compradores efetivos. Devido ao alto custo do projeto e o retorno econômico insuficiente, encerrei as atividades de impressão e distribuição de fanzines de outros editores no final de 2001. Mantive apenas o Informativo, na época já rebatizado como **QI**, e já com o formato atual (capa, número maior de páginas com conteúdo mais diversificado).

Desde o nº 41 do **QI**, de nov/dez de 1999, quando houve a citada reformulação, foi instituído um preço de R$ 1,00 para cada edição. Embora este valor de R$ 1,00 desse para cobrir os custos de impressão e postagem, como sempre enviei o fanzine a um número bem maior de leitores do que os que efetivamente enviavam o pagamento, pode-se dizer que o **QI** foi sempre subsidiado. Nestes 10 anos em que o **QI** foi cobrado, mantive o preço de R$ 1,00, sem reajuste, ainda que "o País sem Inflação" só exista nos discursos dos políticos. Apenas para se ter uma idéia, em julho de 1999, o selo de 1º porte custava R$ 0,22, hoje custa R$ 0,65, ou seja, praticamente TRÊS VEZES MAIS. E se compararmos com o valor do selo de 1º porte de janeiro de 1995 (R$ 0,12), então o aumento foi de MAIS DE CINCO VEZES. Mantive o preço do **QI** inalterado, arcando com boa parcela dos custos de impressão e envio, para deixá-lo mais acessível ao leitor, e assim dar uma pequena contribuição para a difusão de informações sobre edições independentes.

O encerramento do **QI**, neste formato em que é atualmente editado, tem várias razões. A principal é que este referido aumento dos custos de produção e envio não teve contrapartida na parte financiadora, ou seja, no meu salário. Desde o Plano Real, o aumento do funcionário público, categoria a que pertenço, teve reajustes salariais ínfimos. Assim, ao longo do tempo perdi a capacidade de arcar com os custos do **QI** nas condições em que o fazia. Já há algum tempo que a produção do **QI** tem exigido sacrifício financeiro de minha parte, mas tenho insistido pelo ideal de chegar ao centésimo número sem mudar as características da publicação. Outro motivo para o encerramento do **QI** como uma publicação de serviço ao leitor é que o interesse pelo fanzine tem diminuído sistematicamente. Inicialmente com uma tiragem de 500 exemplares, chegou a um máximo de 700 leitores e hoje não ultrapassa 250. Este é um valor muito baixo para uma publicação feita em off-set. Na verdade, a tiragem ideal seria por volta de 2000 exemplares, meta que ficou longe de ser alcançada. Por outro lado, e aí é o lado bom, a divulgação de fanzines, que sempre foi o objetivo principal do **QI**, atualmente está bem mais intensa, principalmente na internet, com vários sítios dedicados a edições independentes. E não só para divulgação, mas também para venda de publicações de editores variados. São várias iniciativas muito importantes que substituem com vantagem as propostas do **QI**. É claro que a internet tem a desvantagem de ter um alcance menor do que o correio, mas esta é uma situação que a cada dia se torna menos crítica. Atualmente os colecionadores de gibis que querem completar suas coleções têm que se aventurar pelo mundo dos sítios de venda e as listas de revistas enviadas por e-mail, pois praticamente nenhum vendedor faz mais listas impressas. O mesmo deve ocorrer com o leitor que quiser ser informado sobre edições independentes – terá que buscar acesso à internet. Portanto, o papel do **QI** como divulgador de fanzines já foi cumprido. E esta era a parte mais trabalhosa e desgastante na produção do **QI**, fazer a seção *Edições Independentes*, com a mais de uma centena de resenhas de edições recebidas durante um bimestre. O que justificaria a continuação do **QI** além do nº 100 como veículo impresso para um número mais reduzido de leitores? O **QI**, principalmente depois da reformulação de 1999, passou a ter outros interesses além da divulgação de fanzines. A seção *Fórum* com constantes debates entre os leitores tem sido muito apreciada. Além disso, em menor escala, há a publicação de HQs variadas e artigos sobre quadrinhos, escritos principalmente pelo Worney e por mim. Acredito que uma publicação que mantenha um debate intenso sobre assuntos de interesse do leitor, com o incremento e diversificação de HQs de autores independentes e com um conjunto maior de textos analíticos possa atrair um número de leitores que justifique sua publicação. Tenho refletido muito sobre como deve ser o **QI** a partir do nº 101. Pretendo no nº 100 colocar um texto informando todos os leitores sobre o resultado dessas reflexões.

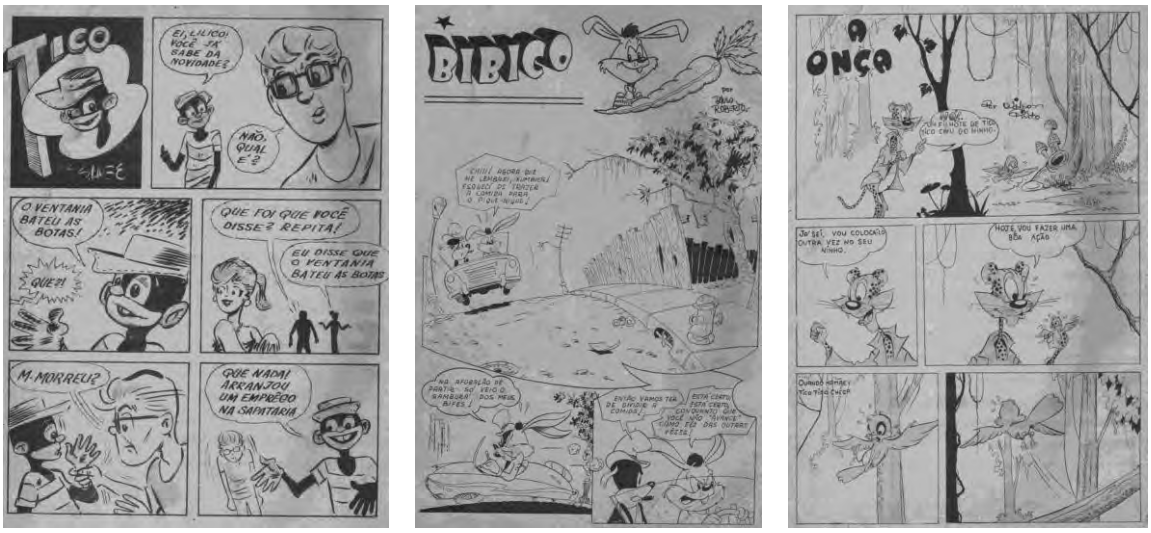
QI 98 (mai/jun/2009)

MAIS PERSONAGENS INFANTIS

Recebi de presente do Kenzo Fujimoto a revista **Sesinho** nº 141 de setembro de 1959. Esta revista, publicada pelo Sesi para seus associados é razoavelmente conhecida pelos colecionadores. Como não era vendida em banca (pelo que eu sei), não é tão fácil de conseguir. Esta revista não era exclusivamente de quadrinhos, era mais uma revista educativa infantil. Trazia muita matéria informativa ilustrada e também contos, poemas, sempre com ilustrações. Mas as HQs ocupavam um bom espaço na revista. Um artista bastante lembrado pelos colecionadores e estudiosos é o Joselito, dono de um traço muito seguro e bonito e criador de vários personagens de destaque. Neste número de **Sesinho**, Joselito aparece com 3 HQs sendo que duas são coloridas, o que mostra seu status dentro da revista. Das três HQs, duas são com personagens seus que fizeram bastante sucesso, o gato *Champanhota* e o coelho *Malaio*. Outro autor de **Sesinho** que obteve destaque foi Kimbar, aparecendo nas enciclopédias brasileiras sobre quadrinhos. Este número traz dois trabalhos de Kimbar com personagens frequentes na revista, os meninos *Otelinho* e *Sesinho*, este, símbolo da revista, em HQ educativa.

Páginas de *Malaio* de Joselito e *Sesinho* de Kimbar

Mas a minha surpresa foi a presença na revista de outros autores igualmente bons e, para mim, desconhecidos. Sérgio Lage aparece com dois personagens meninos, só que mais moleques, *Tico e Zeca*, com um traço mais solto. Seguindo o estilo de Joselito, mas sem a mesma segurança no traço, Paulo Roberto publica o personagem *Bibico*, outro coelho confirmando a influência recebida. E a última surpresa é a presença de Wilson Pinto, também na linha de animais falantes, desta vez uma onça, mas com um traço mais pessoal.



Páginas de *Tico* de Sérgio Lage, *Bibico* de Paulo Roberto, e *A Onça* de Wilson Pinto

Este exemplar de **Sesinho** confirma a riqueza de HQs infantis disponíveis no passado para a criançada, tema abordado no artigo anterior publicado no **QI** 95.

30 ANOS DO FÉCUM

Sérgio Júnior está comemorando 30 Anos da criação de seu personagem Fécum. Sérgio criou Fécum como um desenho em 1979, depois em 1980 e 81 era desenhado em cadernos e livros escolares. Fez algumas tiras com o personagem em 1983 e 84 e depois de 1989 a 92. A partir de 2000 retomou o personagem com toda força, publicando-o em vários fanzines, além de lhe dar título próprio.

Sérgio planeja uma série de atividades até o fim do ano para marcar a comemoração. Em dezembro sairá um CD com as canções que o Fécum curte, 17 faixas num estojinho com capa colorida e uma surpresa. Estão programados também os lançamentos das edições **Folha do Fécum** nº 2 e **Fécum** nº 7.

Como parte das comemorações, Sérgio criou uma comunidade do Fécum no Orkut e um fotolog (fecum.nafoto.net). Na comunidade do Orkut, Sérgio está realizando um concurso com 5 perguntas sobre o personagem: quem acertar mais respostas ganhará além do CD outros brindes. Sérgio já recebeu para compor os brindes álbuns de quadrinhos de Márcio Baraldi. Cedraz também já se comprometeu a enviar material para ser sorteado. Sérgio aceita doações de CDs, livros, revistas e fanzines para sortear aos participantes do concurso.

Sérgio Júnior – Trav. Brito de Lima, 78 – Maria da Graça – Rio de Janeiro – RJ – 20785-480.

QI 99 (jul/set/2009)

O FIM DO QI (2)

Como já foi esclarecido no texto publicado na edição anterior, pretendo iniciar uma nova fase do **QI** a partir do nº 101. Embora eu tivesse prometido um texto com todos os detalhes para o nº 100, vou adiantar já o que já está definido. Se eu fosse seguir rigorosamente a periodicidade bimestral, que foi mantida desde o nº 0 de janeiro/fevereiro de 1993, o nº 101 corresponderia a novembro/dezembro de 2009. Para iniciar a nova fase em janeiro de 2010, estou fazendo os números 99 e 100 do **QI** corresponderem aos trimestres julho/agosto/setembro e outubro/novembro/dezembro, respectivamente. Minha intenção primeira é mudar o mínimo possível, para que a publicação não se descaracterize e continue sendo o **QI**. Senão, seria o caso de parar mesmo e começar outra coisa. Houve várias sugestões de migrar para a internet, isto não é algo que eu mantenha fora de cogitação, mas não faz parte desta atual reformulação. Por um motivo simples: minha intenção é fazer publicação REAL e não VIRTUAL. Ainda voltarei ao assunto das vantagens e desvantagens da internet, mas em outra ocasião.

A primeira mudança é que a forma de impressão não será mais em offset, que exige tiragens maiores para que o custo unitário caia. Atualmente, a impressão digital, que é a mesma coisa que a impressão xerográfica, apenas automatizada, possui um custo bastante razoável para tiragens relativamente pequenas. No caso da qualidade de impressão, sempre achei as cópias das máquinas xerográficas atuais superiores à impressão offset comum. Por isso, a nova fase do **QI** ganhará em qualidade gráfica. A impressão digital tem ainda uma vantagem: existe apenas uma transferência de imagem no processo. Ou seja, a imagem gravada no arquivo digital vai direto para o papel através do sistema de impressão da copiadora. No offset, eu faço uma impressão em papel vegetal, cuja imagem é transferida para uma chapa e depois para o papel. Em cada transferência ocorre degeneração da imagem. Portanto, esta primeira mudança trará benefício ao leitor, que receberá uma publicação de melhor qualidade gráfica. Há um primeiro inconveniente para o leitor. Até o momento, com a impressão em offset, o número de exemplares feitos é maior do que o enviado, portanto, possuo exemplares dos números anteriores para atender a pedidos atrasados. Com a impressão digital, a partir do nº 101, farei apenas o número de exemplares previamente encomendados, ou seja, não haverá sobra para atender futuramente novos leitores. Isso para que o custo fique mais baixo e o preço para os leitores atuais seja o menor possível.

Por uma questão de comodidade, para mim e também para o leitor, adotarei o sistema de assinatura anual. Ou seja, o leitor faz a reserva antecipada dos 6 números correspondentes ao ano, reduzindo a questão contábil ao mínimo, além de facilitar o modo de pagamento. No próximo número, informarei o valor da assinatura anual, para os números 101 a 106. Os leitores que decidirem prestigiar a nova fase do **QI** poderão fazer a assinatura com pagamento nas formas habituais (cheque, selos, cédula escondida ou, o mais prático, depósito bancário) e o **QI** será impresso durante o ano na quantidade exata do número de leitores. Eu sempre tive um certo receio em adotar o método de assinatura, receber pagamento e depois não conseguir cumprir o prometido. Mas tenho feito o **QI** durante 17 anos com periodicidade bimestral (com alguma oscilação nada séria), portanto acho que dá assumir o compromisso.

Atualmente vários editores me enviam suas publicações graciosamente em troca da divulgação e do exemplar do **QI** que envio posteriormente. Com a impressão do **QI** exclusivamente para os assinantes, não poderei manter o sistema de troca de edições. No entanto, continuo interessado em toda edição independente lançada e farei a aquisição de todo exemplar que eu tiver conhecimento. Peço, portanto, aos editores que continuem me mantendo informado de seus lançamentos para que eu possa lhes encomendar as edições. O novo **QI** manterá o formato atual (meio ofício) e as principais seções. Pretendo estabilizar o número de páginas em 28, que é o máximo possível para não ultrapassar 50 gramas. O espaço para colaborações (HQs e artigos) deve aumentar e o preço dos anúncios deve diminuir, pois a ideia é que o custo de impressão e postagem seja pago pelo assinante. Aqui caberá avaliação futura, se a presença de anúncio pago conseguirá fazer o preço da assinatura diminuir.

A principal mudança no conteúdo do **QI**, como já foi mencionado anteriormente, será na seção de divulgação de edições independentes. Como foi dito, não farei mais a redação dessa seção. Os principais motivos são que essa seção é muito trabalhosa de fazer e a eficiência dela é cada vez menor. Para a divulgação, considero a internet o veículo a ser explorado. Há pelo menos dois sítios atuais, mantidos por Henrique Magalhães e Leonardo Santana, que estão no que considero o caminho certo. Voltarei a este assunto com mais detalhes. Mas a seção *Edições Independentes* não será extinta. Apenas não me responsabilizarei mais pelas resenhas. Todo editor que quiser divulgar sua publicação no **QI** pode mandar a resenha pronta que colocarei na seção *Edições Independentes*. A divulgação será gratuita e a única restrição é que tenha o **formato 3 cm de altura e 7 cm de largura**. Com isso o trabalho de fazer a resenha fica a cargo do editor que poderá colocar as informações que achar mais relevantes. Veja abaixo dois exemplos de como as resenhas podem ser feitas. O editor pode me enviar a resenha impressa. A desvantagem da mudança é que só publicarei as resenhas que eu receber, ou seja, o número de edições divulgadas cairá bastante. A vantagem é que o espaço para cada resenha aumentou podendo haver maior detalhamento do conteúdo. Na seção atual são divulgadas 18 edições por página, com a reformulação, serão apenas 12 edições por página.

JU & JIGÁ

Coletânea de tiras da série 'Ju & Jigá', produção de Edgard Guimarães para o jornal "Letras e História". A série mostra o relacionamento do tio e da sobrinha numa visão lírica e humorada. Completa o volume um texto detalhando o processo de criação da série. * nº 14 * dez/2007 * 64 pág. * 140x200mm * R$ 10,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

TIRAS DE LETRA ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA

Coletânea de tiras de 25 autores de todo o Brasil, num total de 243 tiras de humor, organizada por Mário Mastrotti, da Editora Virgo. Trabalhos de Anita, Antonio Eder, Gilmar, Henrique Magalhães, Jodil, Rose Araújo, entre outros. * 2008 * 68 pág. * 140x210mm * R$ 10,00 * a/c **Edgard Guimarães** – R. Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.

HOMENAGEM AOS 50 ANOS DE CARREIRA DE MAURÍCIO DE SOUSA

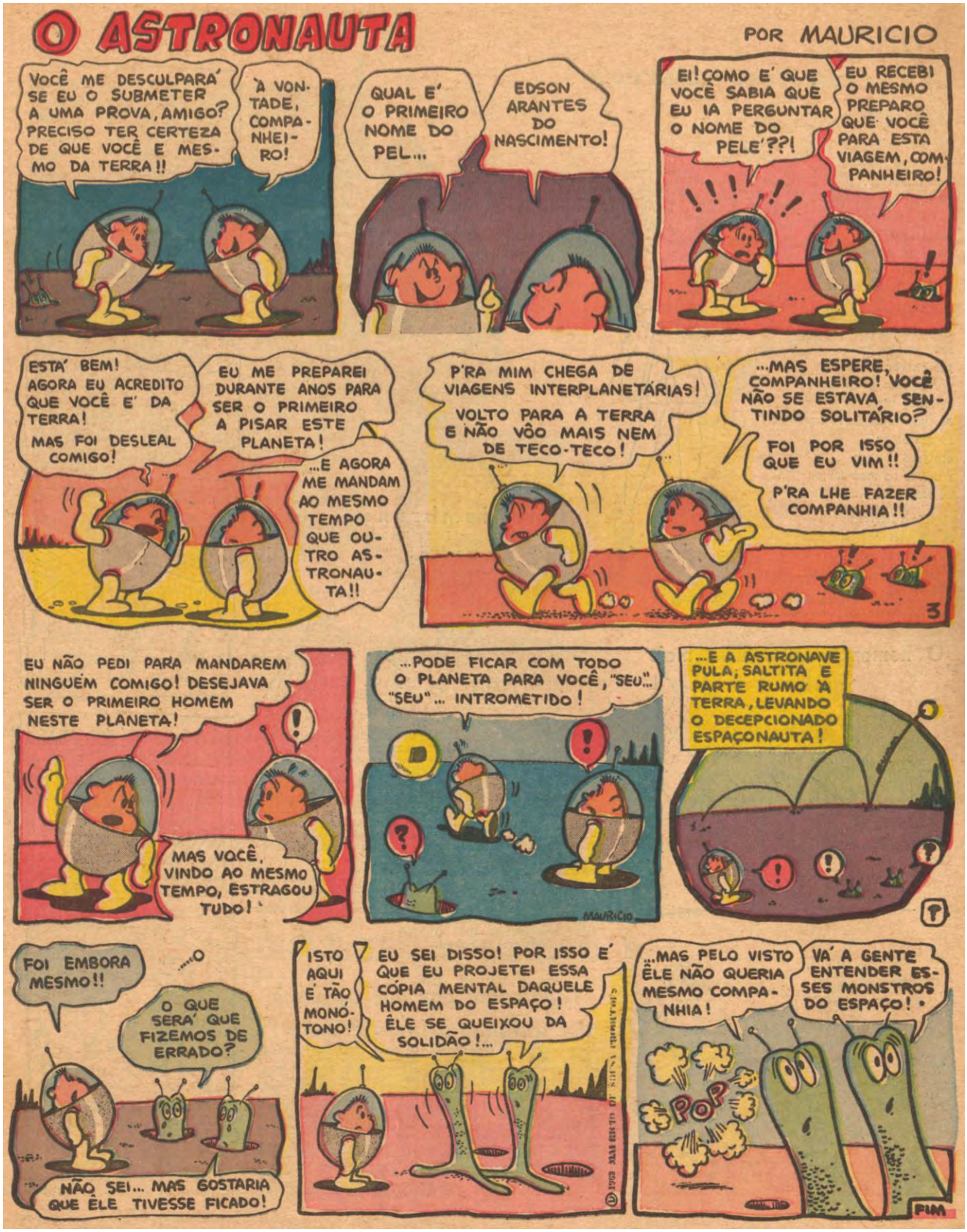
Maurício de Sousa comemora este ano 50 anos de carreira, considerando que a primeira tira do Bidu foi publicada no jornal **Folha de S. Paulo** em 1959. Vários eventos foram e estão sendo realizados para marcar esta data. Mas até agora não vi notícia de que se realizou ou será realizado o único evento que comemoraria com grandiosidade este meio século de produção de quadrinhos. E qual seria este evento? Sem dúvida a publicação em álbuns e livros dos primeiros trabalhos de Maurício.

Por algum motivo misterioso (ou talvez nem tanto), Maurício de Sousa tem negligenciado os melhores trabalhos que produziu ao longo de sua carreira – em minha opinião os únicos que merecem a posteridade – e que são precisamente suas primeiras HQs para os suplementos infantis dos jornais **Folha de S. Paulo** e **Diário de S. Paulo** em meados da década de 1960. Praticamente todas as séries publicadas nestes suplementos – Astronauta, Piteco, Horácio, Chico Bento etc – trazem aventuras deliciosas com um desenho criativo e agradável. No entanto, este material não tem sido publicado por Maurício em álbuns como seria merecido.

Nos Estados Unidos, o mercado de publicação de quadrinhos clássicos está bastante aquecido, praticamente todas as grandes obras dos quadrinhos estão sendo publicadas em coleções muito bem editadas, com todo o material em ordem cronológica, desde o início, excelente qualidade gráfica e enriquecidas com textos históricos e analíticos. Mesmo as séries que tiveram um começo meio incipiente estão sendo respeitadas em sua integridade. No caso do Maurício, dá-se o inverso, este material primeiro é justamente o que de melhor ele produziu, tanto nos roteiros criativos como nos desenhos. E não há meio desses trabalhos receberem a devida atenção.

Há explicação para isso? Posso imaginar uma: Maurício é extremamente prático, não perde seu tempo com quirera. Os álbuns com este trabalho inicial de Maurício certamente teriam público, mas reduzido em relação ao que ele tem com os gibizinhos da Turma da Mônica. Seriam edições de mil ou dois mil exemplares, bem vendidos. Mas não me parece que seja com este tipo de coisa que Maurício se preocupa. O que ele quer saber é como fazer revistas que vendam 200 mil exemplares como fez com A Turma da Mônica mangá. Ou como produzir e distribuir desenhos animados por todo o mundo. Trabalha com outro nível de capital. Quem pode dizer que ele está errado? A questão agora passa a ser outra. Por que então não libera este material para que editoras menores, para as quais a venda de mil a dois mil exemplares seria um sucesso, possa atender a estes leitores que logo estarão comemorando 50 ANOS SEM ACESSO a estas histórias?

Abaixo, como curiosidade, duas tiras que Maurício fez para o boneco Mug. Não tenho mais informações sobre estas tiras, onde foram publicadas, em que circunstância etc. Obtive as tiras através do João Antônio Buhrer de Almeida. Na página seguinte, para provar a qualidade das HQs de Maurício feitas para os suplementos, mostro uma página de uma história de três feita com o Astronauta. Infelizmente eu não tenho sequências completas desses suplementos para dispensar os álbuns que o Maurício não quer fazer. Mas os números avulsos que tenho, olhando uma e outra página, mesmo fora de sequência, dá para perceber claramente a riqueza dessas histórias.



Publicado em **Folhinha de S. Paulo** nº 27 de outubro de 1963

QI 100 (out/dez/2009)

O FIM DO QI (3)

O **QI**, da forma que foi feito até agora, encerra-se neste centésimo número. Como já antecipei nos textos publicados nos números anteriores, a partir do nº 101, inicia-se nova fase. Para que o primeiro número da nova fase coincida com o bimestre janeiro/fevereiro, os números 99 e 100 do **QI** tiveram que ser trimestrais, depois de quase 17 anos de uma bimestralidade quase católica.

A expressão "nova fase" pode parecer um exagero e talvez seja. Minha intenção é mudar o mínimo possível em relação ao conteúdo para que o leitor que se interessou pela publicação até agora continue interessado.

A seção *Fórum* permanecerá dando mais destaque às cartas mais críticas e analíticas, principalmente as que promoverem debates sobre assuntos relacionados às Histórias em Quadrinhos, como já ocorreu na seção em vários momentos.

Continuará havendo espaço para anúncios pagos, mas as colaborações em forma de HQ ou artigo não terão mais custo, como acontecia até agora. Assim, neste aspecto, a publicação ganhará diversidade. Publicarei as colaborações que receber dentro do limite de espaço que houver. Quanto aos artigos, pretendo eu mesmo escrever sobre vários assuntos que julgo interessantes e que estão na fila há algum tempo.

Em relação ao conteúdo, a principal mudança é que a seção *Edições Independentes* terá outro enfoque. Não mais escreverei as resenhas de divulgação de todas as publicações que eu receber como fiz durante estes 100 números do **QI**. Mas publicarei gratuitamente todas as divulgações que eu receber desde que o editor as envie prontas no **formato 3 cm de altura por 7 cm de largura**, como os modelos abaixo. Haverá um aumento do espaço de divulgação para cada edição, podendo especificar melhor o conteúdo, no entanto o trabalho de compor a divulgação ficará a cargo do editor.

JU & JIGÁ

Coletânea de tiras da série 'Ju & Jigá', produção de Edgard Guimarães para o jornal "Letras e História". A série mostra o relacionamento do tio e da sobrinha numa visão lírica e humorada. Completa o volume um texto detalhando o processo de criação da série. * nº 14 * dez/2007 * 64 pág. * 140x200mm * R$ 10,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

TIRAS DE LETRA ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA

Coletânea de tiras de 25 autores de todo o Brasil, num total de 243 tiras de humor, organizada por Mário Mastrotti, da Editora Virgo. Trabalhos de Anita, Antonio Eder, Gilmar, Henrique Magalhães, Jodil, Rose Araújo, entre outros. * 2008 * 68 pág. * 140x210mm * R$ 10,00 * a/c **Edgard Guimarães** – R. Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.

Esta mudança na seção de divulgação não é pouca, afinal este foi o propósito pelo o qual o **QI** (originalmente **Informativo de Quadrinhos Independentes**) foi criado. Como já comentei e detalharei no artigo da página seguinte, hoje a divulgação de edições parece ser mais eficiente no meio virtual. O editor que achar produtivo divulgar no **QI** poderá fazê-lo enviando a divulgação pronta na dimensão especificada. Uma vez feito este anúncio, servirá como *flyer* para enviar a outros leitores e editores. O editor pode fazer o anúncio como quiser (tipo de letra, disposição do texto e capa etc.) desde que no formato **3 x 7 cm**. A seção de divulgação não terá mais a uniformidade visual que teve até hoje, mas não acho isso um defeito.

Em relação ao formato, será mantido o meio ofício com 28 páginas no máximo, a capa com papel diferente, mas a impressão não será em off-set e sim impressão digital. Minha expectativa é que a qualidade gráfica não diminuirá, pode até aumentar. O número de páginas não ultrapassará 28 para não exceder o peso de 50g e não aumentar o custo de porte.

Com o uso da impressão digital, o **QI** passará a ser feito sob demanda, ou seja, só será impressa a quantidade correspondente ao número de leitores. Aqui há uma mudança em relação ao modo como era feito. Não haverá mais **QI** avulso para venda ou troca com outros editores. Adotarei o sistema de assinatura anual (6 números com periodicidade bimestral). Outra mudança significativa é que o preço sofrerá o reajuste necessário, não posso mais manter o subsídio que mantive nesses 17 anos do **QI**.

Assim, o leitor que quiser receber o **QI** durante o ano de 2010 (6 números), pode fazer a assinatura até o dia **10 de janeiro**. Basta enviar o pagamento antecipado no valor de **R$ 20,00** na forma que achar conveniente: cheque nominal, vale postal ou depósito em conta. Meus dados bancários: **Edgard Guimarães – Caixa Econômica Federal – agência 1388 – operação 001 – conta corrente 5836-1**. Quem optar pelo depósito (pode ser feito também em Casa Lotérica) deve me enviar uma cópia do comprovante para melhor controle.

O valor estipulado para a assinatura é o suficiente para cobrir os custos com uma pequena folga, supondo que os aumentos que ocorrerão durante o ano (a chamada INFLAÇÃO ZERO) se mantenham nos níveis dos anos anteriores. Após o dia 10 de janeiro farei a impressão do número 101 na quantidade do número de assinaturas que receber até lá.

Algumas pessoas, como o Henrique Magalhães, têm especulado que eu possa estar planejando novos projetos relacionados aos quadrinhos. Tenho pensado, sim, no assunto, mas nada que se assemelhe a iniciativas como a do próprio Henrique com a editora Marca de Fantasia ou do José Salles com a editora Júpiter II. Minha idéia é somente organizar alguns pequenos livros no mesmo sistema de impressão sob demanda que estou adotando para o **QI**. Ao longo do ano, a edição que eu conseguir organizar eu aviso com antecedência no **QI**, se houver interessados, faço a impressão na quantidade dos pedidos recebidos. Espero já no número 101 do **QI** anunciar a primeira publicação nesse sistema: a compilação em livro da série *Entendendo a Linguagem das HQs*. Mas isso ainda depende se haverá aceitação à nova fase do **QI**. Muitos leitores já manifestaram seu apoio à continuação do **QI** com o preço reajustado e com as mudanças anunciadas, então minha expectativa é que esses novos projetos, mesmo modestos, possam ser implementados.

QI 100 (out/dez/2009)

A DIVULGAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE EDIÇÕES INDEPENDENTES

Este texto busca complementar o anterior no que diz respeito à divulgação e distribuição de Edições Independentes. Pedi ao Henrique Magalhães que passasse informações sobre sua experiência com a Editora Marca de Fantasia.

"Sobre o sistema de vendas da editora, além de nossas próprias publicações, passei, com o tempo, a fazer trocas com outros editores/autores, principalmente com as publicações que me interessavam e que não fugiam muito das linhas editoriais da Marca de Fantasia. Desse modo, eu mesmo – ou os próprios autores – tomo a iniciativa de propor a troca de meus títulos por uma quantidade de exemplares da publicação que desejo adquirir. O autor pode escolher qualquer título da Marca de Fantasia, desde que o valor total corresponda ao de sua publicação. Em geral eu peço cinco exemplares de cada título, e o autor escolhe os que ele quiser de meu catálogo. Os títulos dos „Camaradas" serão postos à venda no sítio da Marca de Fantasia pelo preço vendido pelo autor ou com o acréscimo da postagem. Este método gerou a criação de uma livraria virtual para a venda de meus produtos e de muitos outros autores, o que fortalece o meio independente dando-lhe visibilidade e facilitando o acesso dos leitores. Como os títulos da Marca de Fantasia, a circulação das publicações dos „Camaradas" é lenta, mas o que importa é que estão sempre disponíveis e vendem, levando-me, às vezes, a solicitar nova troca para repor o estoque. As publicações da Marca de Fantasia com ISBN já são 92, incluindo algumas 2ª edições. Mais sete álbuns e livros sem ISBN, o que dá 99 títulos. As publicações seriadas são 25 edições do **Top! Top!**, 13 de **Tyli-Tyli/Mandala**, três da revista **Quiosque**, dois de **Maria Magazine**, um de **Artlectos Pós-Humanos** e dois de Culturas Midiáticas. Ou seja, 46 edições. No total, são 145 edições, sem contar as 12 edições do catálogo. A publicação de maior tiragem foi **Maria: olhai os lírios no campo**, com 800 exemplares, que contou com a subvenção da lei municipal de incentivo à cultura. Depois vem **Alltype**, de David Fernandes, com 500 exemplares, editado em conjunto com a editora da UFRN e **O Rebuliço apaixonante dos fanzines**, de minha autoria, com 500 exemplares, editado em conjunto com a Editora Universitária da UFPB e subvenção da lei de incentivo à cultura do município. A maioria das publicações tem tiragem de capa de 200 exemplares, embora o miolo ainda não tenha atingido isso, pois é produzido de acordo com a demanda. A exceção fica com **Katita: tiras sem preconceito**, de Anita Prado e Ronaldo Mendes, que já está em segunda edição, com um total de 240 exemplares vendidos e **A Guerra das Idéias**, de Flavio Calazans, que já vendeu 360 exemplares. Sobre a troca de publicações com os „Camaradas", não tenho um número preciso, mas, sem dúvida, o maior volume de troca tem sido com Wellington Srbek, que têm uma produção considerável e da melhor qualidade."

Pedi também ao José Salles que desse um depoimento sobre seu trabalho com a Editora Júpiter II.

"As tiragens da Júpiter II são de 500 exemplares. Sobre a distribuição, muito curioso o que aconteceu recentemente, um artista interessado em ter seu trabalho publicado, me perguntou como era feita a distribuição. No que respondi: – A distribuição é feita toda vez que vou ao correio. De fato, só faço a distribuição pelos correios, por um tempo havia aquele serviço de distribuição em algumas bancas, sob consignação, mas parei com esta forma pelos motivos muito bem explicados pelo colega e amigo Henrique Magalhães no *Fórum* do número 99 do **QI**. Acontece que os colaboradores da Júpiter II sempre recebem generosas remessas de exemplares, que chegam até a 200, e a distribuição é feita por eles, muitos deles deixam os gibis em bancas, por isso os gibis continuam sendo encontrados em algumas bancas ou comic shops por aí. E tudo que os colaboradores conseguem arrecadar com a venda de seus exemplares fica integralmente com eles. Já fiz várias promoções distribuindo gratuitamente gibis diversos da Júpiter II. Este ano mesmo, num festival de música em homenagem aos Beatles, foram distribuídos 200 gibis. Mas o mais bacana é a distribuição (gratuita) muito peculiar que faço aqui de casa mesmo, para a garotada da vizinhança. Alguns deles acabaram descobrindo que faço gibis e logo vários outros garotos ficaram sabendo. Claro que muitos aparecem somente uma ou duas vezes, interessados na novidade, mas durante esta "triagem", outros tantos meninos e meninas (de idade entre 7 e 12 anos) tornaram-se fiéis leitores & leitoras. Conhecem e admiram os personagens, perguntam quando sairão os próximos números, enfim, descobriram-se como apreciadores de gibis, fãs de Histórias em Quadrinhos. E são crianças de distintas classes sociais. Claro que não vou repassar para essas crianças gibis como **Máscara Noturna** ou **Boca do Inferno.com**, sei das minhas responsabilidades como editor. Os preferidos entre a gurizada da vizinhança são Raio Negro, Corcel Negro, Capoeira Negro, O Gaúcho, Blenq, Meteoro, e, fora do estilo super-herói, o Krahomin, Turma do Gabi, Benjamin Peppe. Eles realmente adoram estes personagens. E o melhor de tudo é que estas crianças nunca ouviram falar de wizard, universohq, hqmix, alan moore, neil gaiman, essa frescurada toda. Se eu fosse capaz de fazer esse tipo de distribuição nos 5300 municípios brasileiros, em 5 ou 6 anos teríamos uma nova geração de leitores de HQ, e melhor ainda, fãs de HQs brasileiras, da melhor qualidade, sem apelação pornográfica. Quanto aos mais vendidos, posso falar sobre os diretamente vendidos por mim. O título mais vendido é disparado o **Raio Negro**; o segundo, ainda bem atrás, é o **Máscara Noturna**; **Corcel Negro** é o terceiro; **O Gaúcho**, **Meteoro** e **Boca do Inferno.com** também têm boa procura."

Uma experiência que também merece destaque é a do Leonardo Santana com o sítio www.bodegadoleo.com. Em linhas gerais, o Leonardo anuncia as edições independentes (já ultrapassou 200 títulos), aceita os pedidos, recebe o pagamento e faz o repasse para o editor que efetivamente envia a revista pelo correio. Ou seja, o Leonardo não mantém as edições em estoque, faz o gerenciamento da divulgação e do atendimento ao leitor. Essa centralização é muito boa para o leitor que pode fazer um pedido de várias edições de uma vez só, ao invés de ter que entrar em contato com cada editor separadamente.

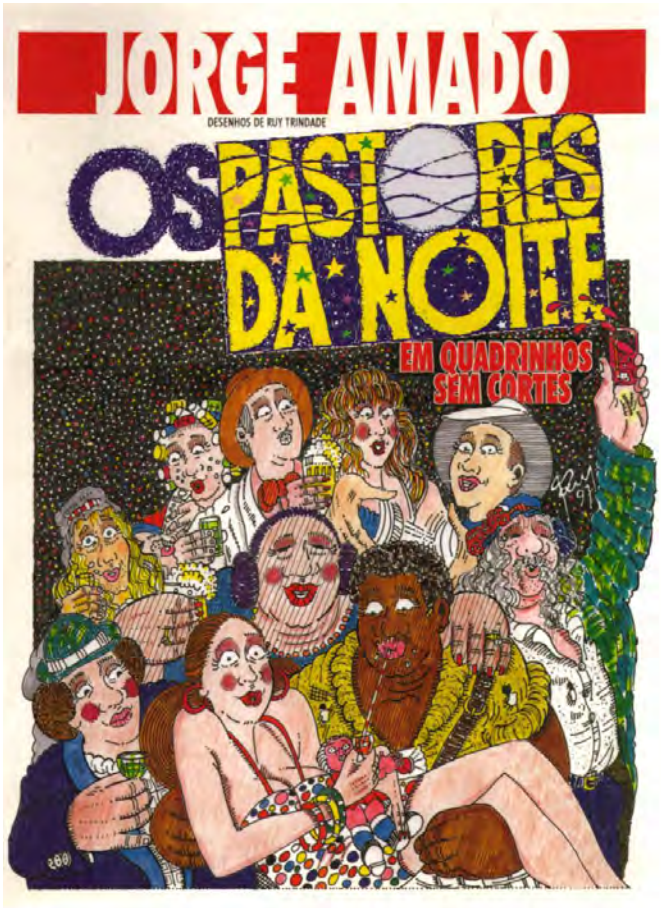
Na reformulação que estou fazendo no "QI" estou mantendo a seção "Edições Independentes" pois é sempre importante divulgar o que é produzido, no entanto, considero que atualmente o meio mais eficiente de divulgação é através da internet. Mas blogs e sítios que apenas divulguem (mesmo dando os contatos eletrônicos) não resolvem o problema. O que os editores independentes precisam é de alguns pontos centrais de divulgação e distribuição, como os sítios da Marca de Fantasia e do Leonardo Santana. O leitor consulta, recebe as informações necessárias e já faz a encomenda, de forma prática e eficiente. O José Salles tem sua produção anunciada e distribuída através desses dois sítios, mas a Júpiter II já tem uma produção vasta o suficiente para ter seu próprio sítio onde o leitor possa consultar todo o catálogo da editora e encomendar o que lhe interessar.

Vejo estas três experiências como modelos a serem seguidos para a melhor difusão das produções independentes.

QI 100 (out/dez/2009)

AS ADAPTAÇÕES DE RUY TRINDADE

Atualmente há uma febre de adaptações de obras literárias para os quadrinhos, feitas por grandes editoras como Agir, Cia das Letras, Companhia Editora Nacional, entre outras. Mas há um trabalho admirável de adaptação sendo feito há mais de uma década e sem a devida divulgação. Eu já havia adquirido o volume **Capitães de Areia** há vários anos, mas pensava se tratar de um caso isolado. Recentemente soube que o autor desta adaptação fez outros quatro livros, todos trabalhos de fôlego. O autor dessas adaptações é Ruy Trindade e a relação de seus livros é a seguinte: **Capitães de Areia** de Jorge Amado (1995), com 180 páginas; **Os Pastores da Noite** de Jorge Amado (1998), com 248 páginas; **As Aventuras de Tibicuera** de Érico Veríssimo (2000), com 230 páginas; **A Revolução dos Bichos** de George Orwell (2002), com 198 páginas; e **Dom Casmurro** de Machado de Assis (2005), com 280 páginas. Todos os livros têm formato grande, capa colorida e podem ser adquiridos pelo preço de R$ 40,00 (fora o custo de correio) diretamente com o Ruy Trindade – r_uy_trindade@hotmail.com.



QI 100 (out/dez/2009)

ALMANAQUES DE TARZAN

Sérgio Luiz Franque está produzindo **Almanaques de Tarzan** para os fãs do personagem. Desde 1979, quando a Ebal publicou o último **Almanaque de Tarzan**, os admiradores do Homem Macaco ficaram esquecidos pelos editores. Para suprir esta falha, Sérgio está produzindo desde junho de 2009, não só os almanaques que deviam ter saído após 1979, como também para todos os anos anteriores em que a Ebal não o publicou. Os almanaques disponíveis até o momento são:

1950 – histórias de Jesse Marsh
1951 – histórias de Jesse Marsh
1952 – histórias de Jesse Marsh
1966 – histórias de Jesse Marsh
1974 – histórias de vários desenhistas
1975 – histórias de Russ Manning
1977 – histórias de vários desenhistas
1978 – histórias de Jesse Marsh
1980 – histórias de Marsh e Manning
1981 – especial com Boy
1982 – especial Jesse Marsh
1983 – o melhor de Jesse Marsh
1984 – capas da 1ª série da Ebal
1985 – histórias de vários desenhistas
1986 – especial com Boy
1987 – o melhor de Jesse Marsh
1988 – especial Alberto Giolitti
1989 – especial O Mundo de Tarzan
1990 – especial Russ Manning
1991 – especial Bob Lubbers
1992 – especial John Celardo
1993 – especial Paul Norris
1994 – especial Doug Wildey

Até o final do ano, Sérgio planeja produzir os Almanaques seguintes até o ano de 2009. Os Almanaques seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, em preto e branco com capa colorida. O preço de cada Almanaque é **R$ 60,00**. Os pedidos pode ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no Mercadolivre em "Almanaques Raros".

QI 100 (out/dez/2009)

CAPAS DO QI

Alguns leitores, em especial o Edson Gonçalo, sugeriram que eu colocasse neste centésimo número miniaturas de todas as capas do **QI**. Apenas a partir do número 41 é que o **QI** passou a ter capa. Mesmo assim seriam 60 miniaturas. Se fossem colocadas do tamanho das capas divulgadas na seção *Edições Independentes* (que eu acho pequenas), dariam cerca de duas páginas, o que eu acho muito espaço. Ainda mais com o inconveniente das capas muito pequenas. Já tinha tirado a idéia da cabeça quando me ocorreu reproduzir a imagem abaixo. Não são todas as capas do **QI**, mas achei o efeito bastante interessante.

A imagem abaixo é uma página da edição **Fanzine Fun**, feita por Leandro Trindade Mello em dezembro de 2008, como parte de seu trabalho de conclusão de curso de Desenho Industrial da Universidade Mackenzie. Leandro pesquisou vários fanzines das mais diversas tendências e o **QI** foi um deles, recebendo duas páginas na publicação.

QI 100 (out/dez/2009)

O INÍCIO DO QI

Começa neste número uma nova fase do **QI**. Como prometido, pouca mudança na forma e no conteúdo. Uma das mudanças é que a impressão deixou de ser em off-set e passou a ser impressão digital. Acho que haverá melhoria na qualidade, principalmente nos textos que às vezes saíam fracos. Embora eu tenha refletido muito sobre as mudanças que deveria fazer no **QI**, confesso que deixei passar alguns detalhes. Mas está em tempo de fazer as correções, sem prejuízo para ninguém.

A primeira correção é que eu disse que pararia com a troca entre o **QI** e os fanzines que eu recebesse, mas que eu continuaria interessado em adquirir todos os fanzines que fossem editados. Ora, por um momento eu achei que estava simplificando as coisas ao colocar a questão desse modo, mas me enganei. Na verdade, é bem mais simples manter o sistema de trocas. Em vez de eu enviar o pagamento para o editor que me enviou sua publicação, eu envio um exemplar do **QI**. Em termos financeiros não muda nada para mim, eu iria mesmo enviar o pagamento ao editor, então, em vez disso, eu imprimo um exemplar do **QI** a mais para enviar a este editor. Desse modo, fica bem mais simples e aumenta o número de leitores que receberão o **QI**. É claro, manterei esse sistema para os editores que desejarem a troca, ou seja, para aqueles editores que até hoje têm desejado receber o **QI** em troca dos fanzines que me enviam. Para os editores que não desejarem a troca, continuo interessado em adquirir seus fanzines. Em suma, nesta questão da troca, continua exatamente como antes.

A segunda correção, bastante relacionada com a primeira, é que eu havia decidido divulgar apenas as edições cujo anúncio eu recebesse pronto, na medida **3 cm de altura por 7 cm de largura**. A razão dessa medida era diminuir meu trabalho com as resenhas das edições recebidas, o que tomava bastante meu tempo. Tinha consciência de que a seção de divulgação ficaria bastante esvaziada, pois imaginei (corretamente) que poucos editores se dariam ao trabalho de mandar a divulgação pronta. Mesmo que esta divulgação ficasse melhor do que a que eu fazia antes no **QI**, já que a área de divulgação é maior e o editor tem liberdade de escrever o que achar mais importante sobre sua publicação. No entanto, ao começar a receber vários fanzines sem a respectiva divulgação, me dei conta de que era do interesse do leitor do **QI** saber de suas existências. Portanto, é necessário que eu inclua na seção *Edições Independentes*, além dos anúncios prontos, uma relação das edições recebidas. Será algo bem mais simples do que eu fazia anteriormente no **QI**. Não farei as resenhas e nem incluirei reprodução da capa, colocarei apenas os títulos recebidos, informações básicas e endereços de contato. Isso será para mim um trabalho bem menor do que eu fazia antes, ou seja, não me sobrecarregará, e o resultado será bom para os editores e os leitores. Os editores que desejarem uma divulgação melhor podem mandar o anúncio.

Com estes dois ajustes na nova fórmula do **QI**, o assinante será beneficiado recebendo mais informação de seu interesse, o editor que me enviar fanzine receberá em troca o **QI** em que for divulgado, e meu trabalho na elaboração da seção *Edições Independentes* ficará dentro do razoável.

Com a mudança no sistema de venda do **QI**, adotando a assinatura anual com a atualização do preço do fanzine, estava certo de que haveria queda no número de leitores do **QI**, mas sinceramente não tinha ideia de quanto. Tive uma surpresa agradável ao constatar que um bom número de leitores se dispôs a continuar prestigiando o **QI** fazendo sua assinatura. Para facilitar para os leitores, aceitei que a assinatura fosse feita do modo mais conveniente para cada um, incluindo o depósito em conta bancária. E a maioria preferiu esse modo de pagamento. Acontece que desse modo, é preciso que o assinante me envie uma cópia do comprovante de depósito para que eu possa identificá-lo. Imaginei que pudesse ocorrer o caso de algum depósito ser feito em minha conta e eu não receber aviso nenhum do depositante. E ocorreu algumas vezes. E a questão é que há algumas assinaturas do **QI** que eu não sei quem fez e, portanto, não sei a quem mandar o exemplar. E nem sei como identificar este assinante. Como o pagamento foi feito, mandarei imprimir os exemplares correspondentes e aguardarei até que essas pessoas reclamem. Para que aqueles que se identificaram não fiquem em dúvida, listarei a seguir todos os assinantes que me confirmaram a assinatura:

Gilmar Lopes Chamizo * Luiz Antonio Sampaio * Verônica Silva de Souza * Jerônimo Fagundes de Souza * Jackson Farias Teixeira * Luigi Rocco * Edyr Souza Carvalho * Emerson Lino * Antônio Armando Amaro * José Salles * Luiz Cláudio Lopes Faria * Adilson Orikassa * Arthur Rocha Vanucci * Roberto Simoni * Lio Guerra Bocorny * Edgar Silveira Franco * Marcelo Dolabella de Amorim * Denilson Rosa dos Reis * Abelardo Souza * Alaerte Golzenleuchter * Paulo Yokota * Elmano Silva * Gaspar Eli Severino * Paulo Joubert Alves * Kenzo Fujimoto * Edson Gonçalo * Marcelo Miquelin * Rodolfo Bertoli * Gilmar de Almeida Garcia * Alexandre Yudenitsch * Henrique Magalhães * Ruy José Furst Gonçalves * Cesar Silva * Leonardo Santana * Alvimar Pires dos Anjos * Alberto Teixeira Menezes * Luciano Freiberger * Edgar Smaniotto * Valdir Agostinho de Oliveira * Agnaldo Antônio de Oliveira * Alex Sampaio * Sivanildo Sill * Sérgio Luiz Franque * Tony Machado * Alex Rogério Veronez * Rafael Pereira de Oliveira * Luiz Silva * Joaquim de Assis * Milton S. Moreira * Claudio Dilli * Sebastião Lisboa * Saulo Dias.

A listagem acima é uma forma modesta de homenagear os leitores que se empenharam para que o **QI** tenha continuidade nesta nova fase. Se algum leitor que fez o depósito correspondente à assinatura tiver acesso a este número do **QI** e não encontrar seu nome na lista acima, avise-me rapidamente, enviando cópia do recibo de depósito. Seu exemplar está impresso, apenas aguardando que eu saiba a quem enviar.

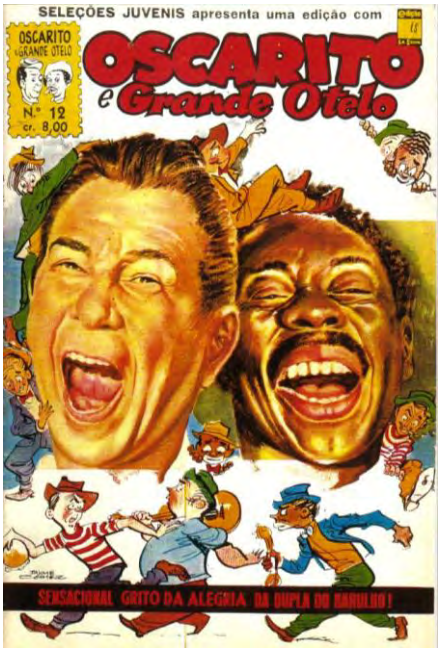
Além dos assinantes mencionados acima e dos que ainda preciso identificar, o **QI** será enviado também a mais de 50 editores que me enviaram suas publicações, pelo sistema de troca. Com isso, a tiragem deste **QI** 101 ficará na casa dos 120 exemplares. É uma boa tiragem, embora menor do que foi até o centésimo número. No entanto, na fase anterior do **QI** eu adotava o critério de continuar mandando o **QI** durante 6 números (equivalente a 1 ano) mesmo ao leitor que não acusava o recebimento neste período. Só então, não havendo nenhum retorno, é que eu retirava o nome da mala direta. Agora, o **QI** será enviado aos assinantes e aos editores que me enviam suas publicações e não haverá excedentes. Assim, considero que uma tiragem na ordem de 120 exemplares ficou acima de minha expectativa.

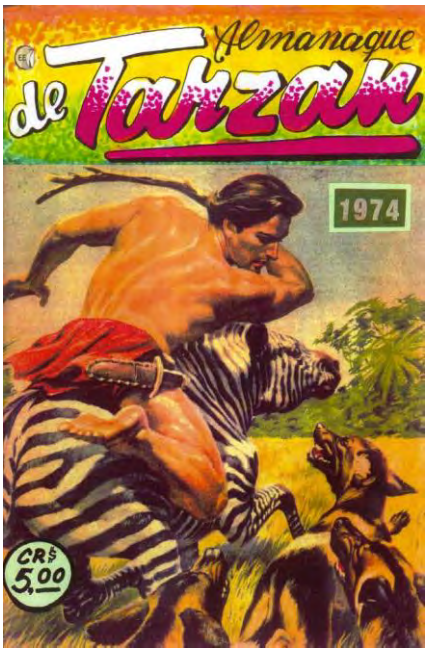
Agora é cuidar de melhorar o conteúdo com mais matérias e com as colaborações dos leitores.

REVISTAS DA LA SELVA

Waldir Chacon me enviou fac-símiles de duas revistas da Editora La Selva. A primeira é o nº 1 de **Mazzaropi**, lançada em julho de 1957 (corresponde ao número 127 de **Seleções Juvenis**). Traz duas HQs de Mazzaropi, a primeira escrita por Flávio de Souza e desenhada por Messias de Mello e a segunda escrita por Alberto Maduar e desenhada por Queiroz. A segunda revista é o nº 12 de **Oscarito e Grande Otelo**, lançada em junho de 1958 (corresponde ao número 187 de **Seleções Juvenis**). Traz duas HQs longas da dupla, a primeira escrita por Flávio de Souza e desenhada por Messias de Mello e a segunda escrita por Claudio de Souza e desenhada por Juarez Odilon. Além das duas revistas se basearem em humoristas brasileiros reais e serem publicadas pela mesma editora, têm ainda em comum o fato das capas serem duas belíssimas ilustrações de Jayme Cortez.

São duas ótimas revistas, bem produzidas, desenhadas por artistas de grande qualidade, com destaque para Messias de Mello, trabalhando com traço caricatural.





ALMANAQUE DE TARZAN 1974

Sérgio Luiz Franque lança mais um **Almanaque de Tarzan**, desta vez relativo ao ano de 1974. Sérgio está produzindo almanaques de Tarzan no mesmo formato da Ebal para os anos em que esta editora não os lançou. Já foram lançados mais de 20 edições desde o ano de 1950 até 1993, por enquanto.

Este Almanaque para 1974 traz quatro HQs de Tarzan: *O Falso Legionário* de Bob Lubbers, *A Ameaça de Arrack* e *Os Elefantes Anões* de Jesse Marsh, e *Os Guerreiros Altos*, também de Jesse Marsh mas onde se vê claramente que foi assistido por Russ Manning. Traz também uma HQ de *Irmãos de Lança* por Russ Manning e uma de *Boy* cujo autor não pude identificar.

As HQs de Tarzan feitas por Jesse Marsh estão recebendo publicação em livro pela editora norte-americana Dark Horse. São publicações de luxo, coloridas, com capa dura, e pretendem publicar em ordem cronológica todas as HQs que Marsh produziu para a revista **Tarzan** da Dell Comics. A mesma editora já havia iniciado uma coleção compilando as HQs de Tarzan feitas por Russ Manning, quadrinizando os romances de Edgar Rice Burroughs, para a revista **Tarzan** da Gold Key. Infelizmente saiu num formato inexplicavelmente pequeno e só durou 3 volumes.

Os Almanaques produzidos por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, em preto e branco com capa colorida. O preço de cada Almanaque é **R$ 60,00**. Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no Mercadolivre em "Almanaques Raros".

QI 101 (jan/fev/2010)

O INÍCIO DE EGO

Já há bastante tempo que idealizei a marca EGO para designar minhas publicações, mas nunca cheguei a usá-la. Agora com a reformulação do **QI**, com a utilização do sistema de impressão sob demanda, parece o momento de expandir a ideia para outras publicações. Assim, tentarei organizar algumas edições durante o ano, no formato livro, e usarei a marca EGO para identificá-las.

Adotarei um sistema simples. Primeiro, organizo a edição e, depois que ela estiver pronta, eu anuncio aqui no **QI**. Quem tiver interesse, faz a encomenda e eu faço a impressão da quantidade solicitada. Será, portanto, um livro feito sob demanda, com poucos exemplares excedentes. O primeiro lançamento, neste sistema, como não poderia deixar de ser, é o livro compilando as páginas da série *Entendendo a Linguagem das HQs*.

Portanto, está à disposição do leitor interessado o livro **ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS**, compilando as 60 páginas da série publicadas nos **QI**s 41 a 100, de nov/dez de 1999 a out/nov/dez de 2009. O livro é um curso completo sobre Histórias em Quadrinhos usando a própria linguagem das HQs. Embora faça uso do humor, trata dos temas relacionados às HQs com seriedade e profundidade.

O livro possui 72 páginas no formato 165x210mm e será vendido pelo preço de custo, R$ 15,00, mais o porte. Portanto, quem tiver interesse, basta enviar o pagamento de **R$ 17,00** (R$ 15,00 mais R$ 2,00 do porte) da forma que achar mais conveniente (cheque nominal, vale postal, grana camuflada ou depósito bancário). Para quem preferir depósito, os dados são: **Edgard José de Faria Guimarães – Caixa Econômica Federal – agência 1388 – operação 001 – conta corrente 5836-1**. O depósito pode ser feito em Casa Lotérica. **Importante**: Quem optar pelo depósito, deve me enviar cópia do recibo de depósito para que eu possa identificar o depositante.

QI 101 (jan/fev/2010)

UMA POLÊMICA – GIBI É CULTURA?

O governo federal tenta aprovar um projeto chamado "Vale Cultura" – pelo que sei ainda não foi aprovado – e este projeto motivou um pequeno artigo de Gilberto Dimenstein na "Folha de S. Paulo" que trouxe repercussão entre os quadrinhistas pelo modo como ele fez referência aos gibis. Apresento a seguir, uma notícia da "Folha" sobre o "Vale Cultura", depois o comentário polêmico de Dimenstein e no final uma carta escrita por Gazy Andraus e enviada ao Dimenstein, que não a respondeu.

(Aqui não estou publicando os textos da "Folha" e do Gazy, apenas o comentário que fiz em seguida.)

Estou publicando o texto de Gazy Andraus pela sua importância na defesa da História em Quadrinhos como Linguagem e meio de comunicação, além de valioso instrumento educacional e, sem qualquer dúvida, participante da formação cultural do brasileiro. O texto de Gazy mostra bem as pesquisas que têm sido feitas sobre as Histórias em Quadrinhos e como sua linguagem tem importância na formação da mente dos alunos. Houve uma pesquisa feita há alguns anos que mostrou, estatisticamente, que alunos que liam regularmente revistas de quadrinhos, tinham um índice maior de compreensão de outros conteúdos do ensino formal.

O artigo de Gilberto Dimenstein acabou provocando, devido à simples inclusão da palavra "gibi", uma reação daqueles que têm lutado para o reconhecimento das Histórias em Quadrinhos como um produto cultural legítimo e da mesma importância que qualquer outra forma de expressão, comunicação ou arte. Luta esta sempre necessária, pois nos meios de comunicação há sempre desinformados e mal intencionados prontos a ressuscitar o velho preconceito contra os quadrinhos.

Independente se Dimenstein pertence ao grupo dos preconceituosos, não parece ter sido intenção dele no referido texto engrossar as fileiras dos quadrinhófobos. Foi apenas infeliz em usar a palavra "gibi" como sinônimo de toda História em Quadrinhos de má qualidade. A reação de Gazy, entre outros, é correta e o ponto a ser batido é que não é mais admissível usar a palavra "gibi" desta forma generalizada. Ninguém diz que "literatura" é ruim, embora a grande maioria dos livros tenha somente lixo. O mesmo em relação a cinema, teatro, artes e, pior, jornalismo. A imprensa tem se arvorado em Quarto Poder, mas são raros os jornalistas que têm alguma vergonha na cara. A prova disso é simples. Basta ir a uma banca de jornal e ver as matérias de capa da **Veja** e da **Carta Capital**. Não é possível que um mesmo assunto tenha os significados diametralmente opostos estampados nas capas dessas duas revistas. Conclusão: tanto uma como outra não faz jornalismo, usa seu veículo para defesa de seus interesses ou ideais, ou seja lá o que for que professem. É muito mais difícil achar uma matéria jornalística que preste do que uma revista de quadrinhos de qualidade.

Voltando ao ponto, ainda que tenha resvalado pelo assunto que causou a polêmica, o objetivo de Dimenstein em seu artigo é bem outro. Esse Vale Cultura é claramente mais uma tentativa de estelionato eleitoral legalizado proposto pelo governo federal. Este governo enxergou de maneira clara que o meio mais eficiente de conseguir voto é colocar na mão da população um recurso sem contrapartida. Do ponto de vista ético, o ideal é a transferência de poder aquisitivo para a população através da geração de emprego: o sujeito trabalha e recebe sua remuneração. E a grande luta é que esta remuneração seja justa, digna. Mas tem que ser a contrapartida de um trabalho realizado. O que aconteceu com o candidato cujo lema era "trabalho, trabalho, trabalho"? Queísso, meu, quer que a gente trabalhe três vezes? É ruim! No entanto, se em vez de emprego, for oferecida uma bolsa-família, uma bolsa-escola, uma bolsa-botijão, e para completar uma bolsa-gibi, então esse é o melhor dos mundos. Estas políticas assistenciais na base de bolsas de qualquer tipo com o mínimo de contrapartida são extremamente nocivas à formação dos cidadãos. Mas rende votos, com certeza, e do modo mais fácil. E se o Judiciário acha que este procedimento é legal e não constitui compra de votos, que seja. Não há nenhuma diferença conceitual entre uma bolsa-qualquer-coisa e as condenadas políticas do "sapatão" ou do "pão com mortadela" praticadas pelo coronelato. Apenas que estas sempre foram claramente compra de voto.

Portanto, o cerne do artigo de Dimenstein é legítimo. Uma política cultural ética passa longe de um Vale Cultura. É preciso investimento sério em educação, nas escolas, nas bibliotecas, em centros culturais... Aliás, uma questão interessante neste Vale Cultura é que o projeto valoriza o fato do indivíduo ter que <u>comprar</u> seu produto cultural. Está bem dentro da mentalidade atual, cada pessoa tem que ter o <u>seu</u> produto pessoal, o <u>seu</u> celular, o <u>seu</u> computador etc. Ora, sem dúvida que a posse de produtos é motivo de satisfação pessoal, de realização etc, mas também não é assim. Para o caso específico de produtos culturais, o que é preciso é a criação de bibliotecas públicas bem equipadas, não somente com os livros recém-lançados, mas também CDs, DVDs, onde um único exemplar possa servir a várias pessoas. Boa parte de minha vida estudantil eu passei em bibliotecas escolares e públicas. Um programa ágil e eficiente de equipagem das bibliotecas é indispensável se o objetivo for realmente melhorar a formação cultural das pessoas.

Em relação ao ponto "O que é cultura, afinal?", será que o gibi é cultura? Ou o Dimens tem razão? Certamente a História em Quadrinhos é uma linguagem na qual é possível realizar um produto do mais alto valor cultural. Certamente a grande maioria dos gibis é lixo cultural. Como é lixo a maioria dos produtos culturais de qualquer tipo, mas não é esse o ponto. O ponto é que se você coloca na mão do sujeito um Vale e deixa que ele escolha o que comprar, o que acham que escolherá? O gibi cultura (que há às centenas, talvez milhares) ou o gibilixo (centenas de milhares por mês)? Ora, direis, ouvir estrelas, o sujeito tem o direito de comprar o que ele quiser, ninguém pode dizer o que uma pessoa deve gostar ou não. Certo? Certo, com o dinheiro dele, obtido com seu trabalho, faça o que quiser. Com o recurso de uma política pública, a coisa é diferente. Se o Estado vai gastar uma fortuna com cultura (e deve mesmo), este recurso deve ser bem gasto com Cultura de qualidade. E como identificar quais são estes produtos culturais (de qualidade) com os quais o Estado deve soltar a grana?

Em teoria, é absurdamente fácil tal distinção. O recurso público deve ser gasto com aquilo que o sujeito NÃO QUER COMPRAR POR SI MESMO. A compra de gibilixos e revistas de mulher pelada, pode deixar por conta do cidadão que ele se vira para conseguir, para isso não precisa de política pública. As pessoas não são estes ineptos que o Estado quer fazer pensar, que precisa que se faça tudo por ele. O Estado precisa, sim, criar infraestruturas, condições de trabalho, de assistência de saúde e educacional, e o resto deixe por conta das pessoas. A molecada que queria comprar não só **Gibis** mas também **Guris** nas décadas de 1940 e 1950 não ficava chorando Vale Cultura. Ia fazer seu dinheirinho, engraxar sapato, vender doce, comprava, trocava, emprestava, fazia sua vida. Essa cultura, a cultura "gostosa", não precisa de incentivo. Mas a cultura de maior densidade, esta causa inicialmente rejeição. E nem poderia ser diferente, por ter maior conteúdo, não é imediatamente compreendida, precisa de investimento de tempo e estudo. Esta precisa de incentivo, de política pública cultural e educacional. E a Cultura e a Educação de qualidade não é gostosa, pelo menos num primeiro momento. Exige dedicação para que seu valor se revele. E a recompensa é bem maior do que a obtida com a cultura fácil e gostosa. O alvo de uma política cultural pública deve ser este: permitir o acesso amplo da população a um produto que espontaneamente não procuraria. Produtos cujo valor só se reconhece sendo educado para isso.

A proposta de um programa como o Vale Cultura mostra claramente que o objetivo não é uma política cultural séria, e duvido que em algum momento tenha sido este o objetivo. Mas é uma política eleitoreira eficiente, sem dúvida. E os gibis, ao entrarem no texto de Dimenstein, sabe-se lá se inadvertidamente, acabaram desviando o foco de um debate mais urgente e relevante.

QI 102 (mar/abr/2010)

A CUECA POR CIMA DA CALÇA

Carta enviada ao editor da revista "Mundo dos Super-Heróis"

Acabo de comprar o número 18 de **Mundo dos Super-Heróis**, gostei da edição, mas gostaria de comentar o texto da página 12, *O Eterno Mistério das Cuecas*. Foi um texto muito bom, mas tenho duas observações a fazer.

A primeira é que é compreensível que alguém que tenha preconceito contra as HQs faça piadinha com a "cueca por cima das calças", mas a revista devia colocar a questão da maneira correta: os super-heróis usam um calção por cima da calça.

A segunda é que o artigo explicou muito bem a origem do calção por cima da calça, mas como que se desculpando pelo fato, ou seja, "os heróis dos quadrinhos não têm culpa dos halterofilistas se vestirem daquele jeito"... E termina reconhecendo que hoje esta vestimenta é uma "infame cuequinha".

De fato, o uniforme dos heróis dos quadrinhos foi inspirado nas vestimentas reais dos artistas de circo, não só halterofilistas como acrobatas, trapezistas, ginastas de todo tipo. E os artistas de circo foram durante muito tempo o ideal da molecada, o protótipo da vida de aventuras. Mas esta vestimenta continua sendo usada atualmente pelos artistas de circo e por vários tipos de atletas. E há uma razão para isso. Toda pessoa cuja atividade exige movimentos acrobáticos (o caso dos heróis dos quadrinhos) tem que usar uma vestimenta que fique justa na virilha. Ou seja, apenas um calção, ou se usar uma calça, precisa colocar por cima um calção que ajuste a calça à virilha. A razão é simples, se a calça não estiver justa (por exemplo, a calça comum que todo mundo usa no dia-a-dia), ao fazer um movimento brusco com a perna, o cós da calça pode bater no genital da pessoa. E com violência, dependendo do movimento. Não é algo desejável em nenhuma circunstância, muito menos ao enfrentar bandidos. Portanto, o calção por cima da calça é um recurso imprescindível no uniforme de ginastas. A alternativa é usar uma calça ou calção bastante largos, como os jogadores de futebol ou lutadores de artes marciais.

QI 102 (mar/abr/2010)

O DIA DO QUADRINHO NACIONAL

Aconteceu no dia 27 de fevereiro de 2010, no Senac Lapa Faustolo, na Rua Faustolo, 1347, Lapa, São Paulo, SP, o 26º PRÊMIO ANGELO AGOSTINI, comemorando o DIA DO QUADRINHO NACIONAL, com destaque para o Centenário da morte de Angelo Agostini. Sob o comando de Worney Almeida de Souza (com auxílio de seu filho e Marcos Venceslau), as atividades começaram com um pouco de atraso, por volta das 14h, com a exibição do filme produzido por Henfil, **Tanga – Deu no New York Times**. Enquanto o filme era exibido, o público, bem pequeno no começo, foi chegando e enchendo o auditório do Senac.

Às 15h25m começou um debate com o tema *A Divulgação dos Quadrinhos na Internet*, mediado por Bira Dantas, com a presença de Renato Lebeau (do sítio de divulgação **ImpulsoHQ**), Rodrigo Febrônio (do programa da TVA, **Banca de Quadrinhos**), Sidney Gusman (do sítio **UniversoHQ**), Paulo Ramos (do **Blog dos Quadrinhos**), Fábio Sales (do programa de TV na web, **HQ Além dos Quadrinhos**) e Carlos Costa (do sítio e editora **HQManiacs**).

A grande questão levantada foi se a internet promove o aumento da produção de quadrinhos. Muita informação importante foi levantada e, embora tenham excedido o tempo previsto, os debatedores só puderam falar a metade do tempo. Isso porque a outra metade do tempo foi gasto por uma pessoa da plateia que insistiu em intercalar suas opiniões e perguntas a cada intervenção de um debatedor, talvez imaginando que a mesa tenha sido composta para dirimir suas dúvidas ou secundá-lo em sua exposição. Para o próximo ano, fica a sugestão de chamá-lo ao palco com um número só para ele ou barrá-lo na entrada.

Antes do início da premiação, Worney, como de costume, abriu espaço para que os presentes divulgassem seus trabalhos. Sérgio Moretini falou sobre um Curso de Quadrinhos que está ministrando. Suzana, do Senac, falou sobre a participação do Senac no evento e nas demais atividades promovidas pela entidade. Leandro Robles divulgou o segundo número de sua revista **Macaco Albino**. Alexandre Gallão falou sobre sua pesquisa pela FAAP com o tema *Como o consumidor de quadrinhos se comporta*, distribuindo um questionário para a plateia. Bira Dantas mostrou o recém-lançado **Camiño di Rato** nº 3 de Rosemário Souza e Matheus Moura. Gazy Andraus fala sobre o evento **Nos Bastidores dos Quadrinhos** no Centro Cultural da Juventude, onde iria proferir a palestra *Quadrinhos Filosóficos* logo à noite. Laudo Ferreira divulgou seus trabalhos: **O Mistério da Mula Sem Cabeça** pela Via Lettera, e **História em Quadrinhos do Brasil** da Europa. Paulo Anjos mostrou seus lançamentos recentes com Benjamin Peppe. Kendi Sakamoto falou sobre sua editora e futuro lançamento do livro de Diamantino Silva, **Quadrinhos para Quadrados**.

Retomando a palavra, Worney falou de Angelo Agostini e leu a Oração do Quadrinhista com fundo musical feito à gaita por Bira Dantas. Relembrou os mestres Minami Keizi e Ivan Saidenberg falecidos durante o ano.

Começa a entrega dos prêmios. Na categoria *Melhor Desenhista*, Will entrega o troféu para Primaggio, representando Adauto Silva. Paulo Ramos entrega o troféu de *Melhor Roteirista* para Laudo Ferreira Junior. Na categoria *Melhor Cartunista*, Anita Costa recebe, em nome de Sivanildo Sill, o troféu de Bira Dantas. Fábio Sales entrega o troféu de *Melhor Lançamento* a Márcio Baraldi, pelo seu livro **Roko-Loko – Hey Ho, Let's Go!**. Marcos Venceslau é novamente chamado para entregar o troféu de *Melhor Fanzine* para Edgard Guimarães, pelo **QI**. O troféu *Jayme Cortez*, para os incentivadores do Quadrinho Nacional, foi entregue a José Salles, da Editora Júpiter II, por Roberto Guedes. O primeiro contemplado na categoria *Mestres do Quadrinho Nacional* foi Franco de Rosa, que recebeu o troféu de um grupo de amigos e colegas de trabalho, entre eles Sérgio Moretini, Salvador, Paulo Yokota e César Magalhães. Para representar Henrique Magalhães, Gazy Andraus recebeu de Edson o troféu de *Mestre*. Por fim, Suzana, do Senac, entregou o troféu de *Mestre* a Rodval Matias. Um homenageado não previsto foi o próprio Worney, que teve reconhecido seu esforço solitário na organização do Dia do Quadrinho Nacional ao longo de 26 anos.

Encerrada a cerimônia, houve tempo para muita conversa entre os presentes. Estiveram no evento, além dos já mencionados, Antonio Armando Amaro, Dedy Edson, Daniel Esteves, Hugo Nanni, além de amigos e familiares dos premiados.

Durante todo o evento, o Coletivo Quarto Mundo manteve uma banca para venda de suas publicações. Também houve a produção de uma HQ coletiva gigante nas paredes do auditório.

As fotos acima foram enviadas por Roberto Guedes aos seus leitores. A primeira mostra Guedes, Bira Dantas e Rodval Matias e a segunda mostra José Salles, Guedes, Márcio Baraldi e Laudo Ferreira Junior.

QI 102 (mar/abr/2010)

ALMANAQUE DE TARZAN E REVISTA TARZAN

Sérgio Luiz Franque lança mais duas edições de Tarzan. O primeiro é o **Almanaque de Tarzan** para o ano de 1952. Sérgio está produzindo almanaques de Tarzan no mesmo formato da Ebal para os anos em que esta editora não os lançou. Já foram lançadas mais de 20 edições desde o ano de 1950 até 1993, por enquanto.

Este Almanaque para 1952 traz seis HQs de Tarzan: „A Legião Perdida", „O Prêmio do Caçador", „O Caçador de Macacos" e „Tarzan Cumpre uma Promessa", todas de Jesse Marsh, e „Os Canibais de Kando-Moi" e „Os Dois Prisioneiros", talvez de Jesse Marsh com auxílio de outro desenhista. O Almanaque tem 120 páginas em preto e branco e capa colorida. Preço: **R$ 60,00**.

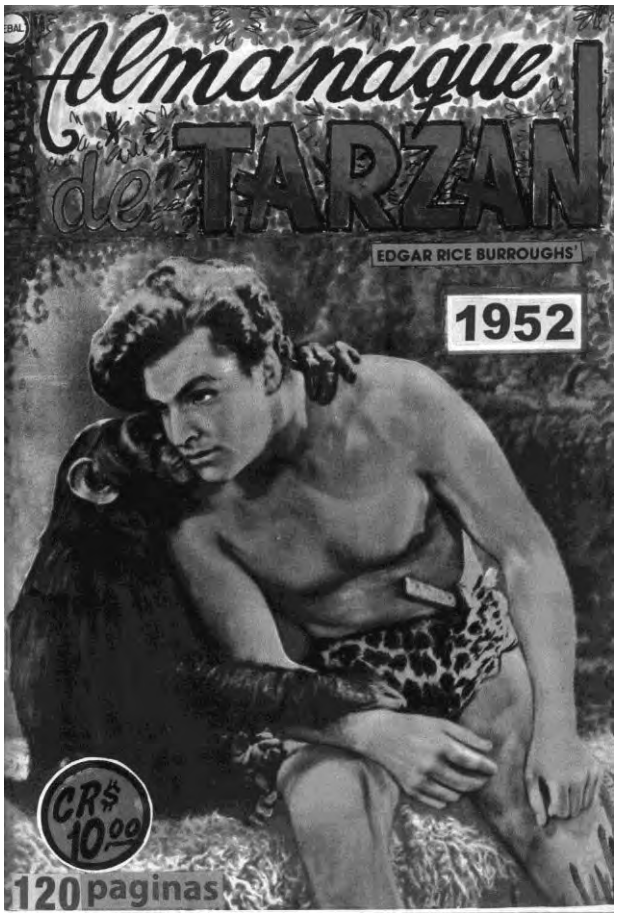
Sérgio lança também o número 1 da revista mensal **Tarzan**, depois de 25 anos que a Ebal lançou a última série do personagem. O primeiro número traz as HQs „O Safári Perdido", „O Rapto da Jane" e „O Perigo Malhado", todas de Jesse Marsh. A revista tem 52 páginas em preto e branco e capa colorida. Preço: **R$ 30,00**.

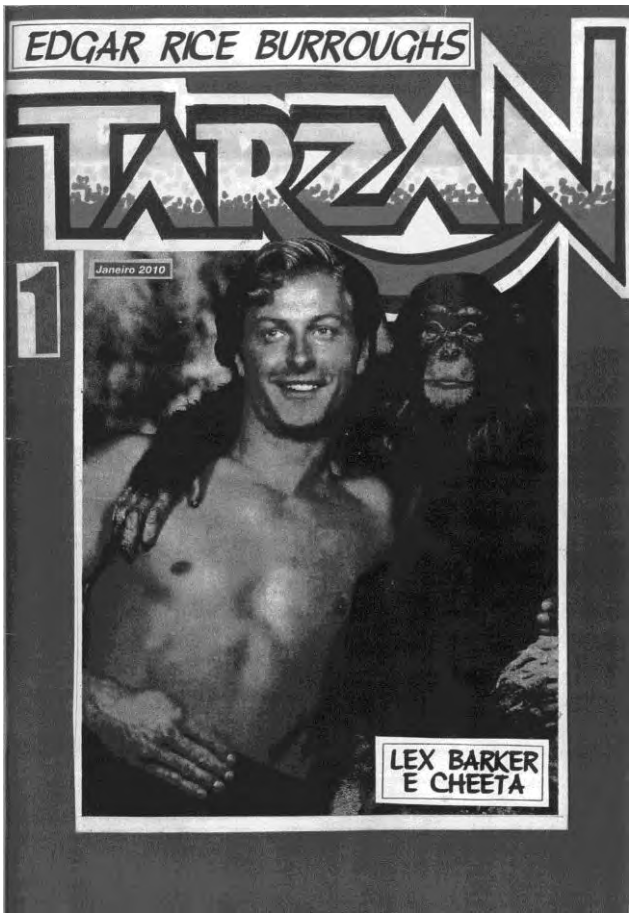
As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais.

Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no Mercadolivre em "Almanaques Raros".



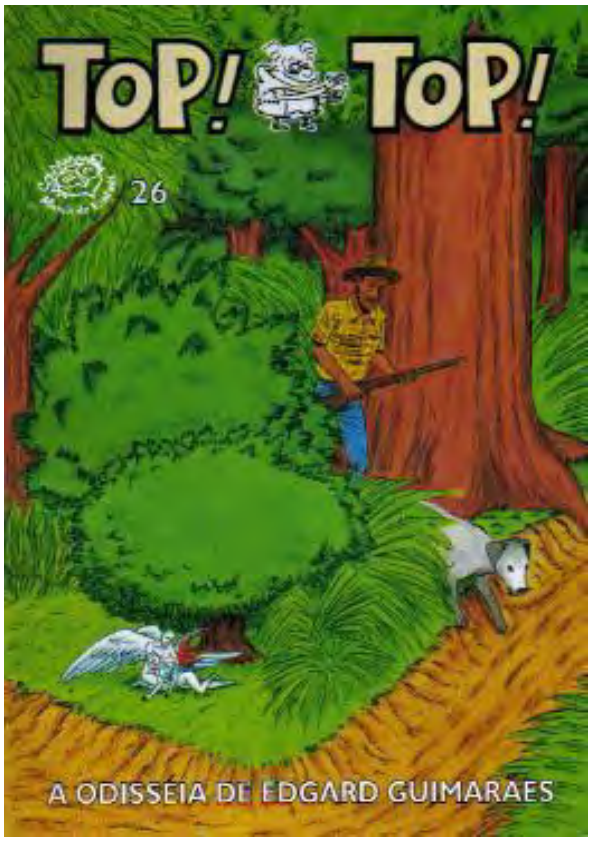


QI 102 (mar/abr/2010)

TOP! TOP! 26

Como pode ser visto no anúncio da página 3, a editora Marca de Fantasia lançou o número 26 do livro-revista **TOP! TOP!** dedicado ao meu trabalho. Além de uma amostra vasta e variada de minhas HQs, tiras, cartuns e ilustrações, traz uma longa entrevista conduzida por Henrique Magalhães. Esta entrevista traz dados pessoais, como era de se esperar, mas foi um espaço em que aproveitei para refletir sobre vários assuntos relacionados com os quadrinhos independentes, como a importância das HQs, a caracterização de uma editora independente, a importância da internet na divulgação de fanzines etc. Algumas discussões que prometi aqui no **QI** acabei desenvolvendo no livro.

Tenho alguns exemplares para venda ao preço de R$ 8,00.



ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS

Está à disposição do leitor interessado o livro **ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS**, compilando as 60 páginas da série publicadas nos **QI**s 41 a 100, de nov/dez de 1999 a out/nov/dez de 2009. O livro é um curso completo sobre Histórias em Quadrinhos usando a própria linguagem das HQs. Embora faça uso do humor, trata dos temas relacionados às HQs com seriedade e profundidade.

O livro possui 72 páginas no formato 165x210mm e será vendido pelo preço de custo, R$ 15,00, mais o porte. Portanto, quem tiver interesse, basta enviar o pagamento de **R$ 17,00** (R$ 15,00 mais R$ 2,00 do porte) da forma que achar mais conveniente (cheque nominal, vale postal, grana camuflada ou depósito bancário). Para quem preferir depósito, os dados são: **Edgard José de Faria Guimarães – Caixa Econômica Federal – agência 1388 – operação 001 – conta corrente 5836-1**. O depósito pode ser feito em Casa Lotérica. **Importante**: Quem optar pelo depósito, deve me enviar cópia do recibo de depósito para que eu possa identificar o depositante.

QI 102 (mar/abr/2010)

A LINGUAGEM DE TARZAN

Carta enviada ao editor da revista "Língua Portuguesa"

Li seu artigo no nº 46 sobre os idiomas inventados e achei bastante interessante. Mas achei curioso o comentário que você fez sobre o idioma tosco inventado por Edgar Rice Burroughs em Tarzan ser a visão que o autor fazia dos africanos. Mesmo sendo comum o uso de um coadjuvante africano ou asiático em posição de inferioridade em muitas obras da literatura popular, cinema e histórias em quadrinhos americanos, não vejo isso no Tarzan de Burroughs.

Ao contrário, acho a criação dessa linguagem tosca uma visão impressionante de Burroughs, algo que ele imaginou em 1912, quando o romance foi publicado pela primeira vez em revista, época em que o conhecimento sobre linguagem e evolução da humanidade era precário.

O "macaco" que Burroughs criou em Tarzan, ao contrário do que muitos pensam, não é um gorila africano, mas sim uma nova raça de antropoide mais evoluída e já com uma grande capacidade de se expressar por sons, ou melhor, já possuindo uma linguagem falada. No Brasil ficou conhecida a expressão **Tarzan dos Macacos**, mas o título do primeiro romance, **Tarzan of the Apes**, diz bem o que Burroughs pretendia. Ape é Antropoide, enquanto Macaco é Monkey. Certo que um livro no Brasil com o título **Tarzan dos Antropoides** talvez não fizesse o mesmo sucesso.

Mas continua admirável esta intuição de Burroughs lá nos anos 1910. A raça dos "grandes macacos", como foi chamada em português, possui uma língua falada com vasto vocabulário e uma estrutura, simples, de construção de frase com sujeito e predicado. As pesquisas recentes, a partir da década de 1960, mostraram que os antropoides atuais, gorilas e chimpanzés, não têm capacidade de aprender uma língua falada, no entanto quando tentaram lhes ensinar a linguagem de sinais dos surdos-mudos, aprenderam com facilidade. Há capacidade cerebral para o desenvolvimento de uma linguagem, mas não falada. Essa capacidade da fala parece específica do homo sapiens moderno. Há dúvidas ainda se o parente mais próximo do ser humano, o homem de neandertal, era capaz de falar. Então, não há muita possibilidade de uma raça de grandes macacos com linguagem falada, mas não dava para saber isso lá no 1912. Continua sendo uma grande ideia de Burroughs.

E essa ideia tem outros desenvolvimentos em relação à linguagem nesse primeiro romance de Burroughs. O personagem Tarzan, criado pelos grandes macacos, aprende a estrutura da língua falada. Depois, já uma criança maior, acha a cabana onde seus pais foram mortos e encontra, entre vários livros, uma cartilha ilustrada. Assim, sozinho, passa seus dias na cabana, tentando desvendar o significado daqueles símbolos e aprende a escrever em inglês. Não sabe o som das palavras, mas sabe como representá-las graficamente. Embora, entre os seres humanos, a linguagem falada se aprenda naturalmente, apenas pelo contato com outros falantes, o mesmo não ocorre com a linguagem escrita. Uma pessoa não aprende a ler e escrever simplesmente por estar em contato com textos escritos. A escrita precisa de ensino formal. O aprendizado solitário de Tarzan, portanto, não tem correspondência na realidade, mas continua outra grande ideia de Burroughs.

Desenhos de Russ Manning em **Tarzan** (Ebal/3ª série) nº 31.

QI 103 (mai/jun/2010)

ENCICLOPÉDIAS SOBRE HQS

Artigo publicado no sítio Zona Franca de Jesus Nabor Ferreira

A editora Panini espanhola está lançando uma coleção de livros sobre as Histórias em Quadrinhos chamada **Del Tebeo al Manga: Una Historia de los Cómics**, prevista para 12 volumes. Os dois primeiros volumes são compostos de 4 partes.

A primeira parte enfoca o surgimento das HQs, com informações sobre o que chama "predecessores", e depois aprofundando nos quadrinhos da imprensa norte-americana. A segunda e a terceira partes tratam exclusivamente da produção norte-americana para jornais, mencionando praticamente todas as séries clássicas até a década de 1990. A quarta parte é dedicada às tiras em outros países, falando um pouco mais a fundo da produção inglesa e superficialmente de todos os demais países. Do Brasil, há menção de Maurício e Cedraz.

A coleção é magnificamente ilustrada, embora muitas ilustrações estejam muito reduzidas. A editora optou pelo formato "comic book" em vez do magazine, que teria sido preferível. Quem viu algum exemplar da coleção espanhola em 48 fascículos **Historia de los Comics**, da década de 1980, perceberá a diferença. Ainda comparando com **Historia de los Comics**, a nova coleção da Panini não traz amostras de HQs. Mas usa o mesmo recurso de colocar quadros com biografias dos autores mais expressivos. E o conteúdo de informação das três primeiras partes é bastante significativo.

Não sei o conteúdo dos volumes seguintes, mas é pouco provável que dê a devida atenção aos quadrinhos produzidos fora dos Estados Unidos e Europa. Deve abrir uma exceção para os quadrinhos japoneses, já que usaram o termo "mangá" no título da coleção. Para saber sobre quadrinhos de outra procedência, especialmente da América Latina, a fonte é outra.

A editora argentina La Bañadera del Comic está lançando a coleção **La Historieta Latinoamericana**, já com quatro volumes lançados. O primeiro volume enfoca Cuba, Chile e Uruguay; o segundo, Bolívia, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Venezuela; o terceiro é sobre o Brasil, escrito por Waldomiro Vergueiro; e o quarto sobre o México. Uma coleção mais modesta, volumes mais finos com impressão em preto e branco e sem capa dura, porém rico em conteúdo, com informações que não serão encontradas em nenhuma outra obra de referência.

No Brasil, uma obra sobre os Quadrinhos Brasileiros ainda está por ser feita. Em três ocasiões, esta obra ameaçou tornar-se realidade. O editor gaúcho de fanzines Anibal Cassal pretendia realizar um volume com esta história, mas aposentou-se de toda atividade ligada aos quadrinhos e fanzines. A editora Opera Graphica também acalentou este sonho, com uma coleção de mais de uma dezena de livros, cada um dedicado a um período das publicações feitas no Brasil, incluindo um volume sobre fanzines que ficaria sob meus cuidados. Parte do material que coletei para este livro (que não escrevi) está saindo na coluna *Memória do Fanzine Brasileiro*. E o editor Octacílio Barros há anos busca patrocínio para seu projeto de uma grande enciclopédia sobre a história dos quadrinhos no Brasil. Um trabalho de tal vulto necessitaria de dedicação em tempo integral e alguém teria que bancar financeiramente isto. As editoras não fazem este tipo de investimento, portanto uma solução seria uma bolsa de algum órgão de fomento à pesquisa. Ota também tentou isso, sem sucesso, pelo que eu sei.

Capas de **Del Tebeo al Manga** volume I, **Historia de los Comics** nº 1 e **La Historieta Latinoamericana** tomo III.

QI 103 (mai/jun/2010)

EM BREVE! NOVO LANÇAMENTO!

Após a inauguração do selo EGO com o lançamento do livro **ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS**, novo volume está em preparação. Será uma coletânea de trezentos cartuns produzidos por mim, intitulada **TRÊS CENTOS DE CARTUNS**. Estes cartuns foram publicados em dezenas de fanzines e revistas do Brasil e do mundo (entenda-se "mundo" como Portugal e Espanha). Em breve, maiores informações sobre a edição.

QI 103 (mai/jun/2010)

ALMANAQUE ROY ROGERS E REVISTA TARZAN

Sérgio Luiz Franque faz mais dois grandes lançamentos.

O primeiro é o **Almanaque de Roy Rogers 1951**. Este Almanaque traz cinco HQs de Roy Rogers: „Auxílio Inesperado", „Perigo Dobrado", „O Sócio", „Na Trilha do Perigo", „Uma Testemunha na Tempestade"; duas HQs de Trigger; e uma de Dale Evans, esta com os belos desenhos de Russ Manning. Traz também vários textos sobre o faroeste americano. O Almanaque tem 100 páginas em preto e branco e capa colorida. Preço: **R$ 60,00**.

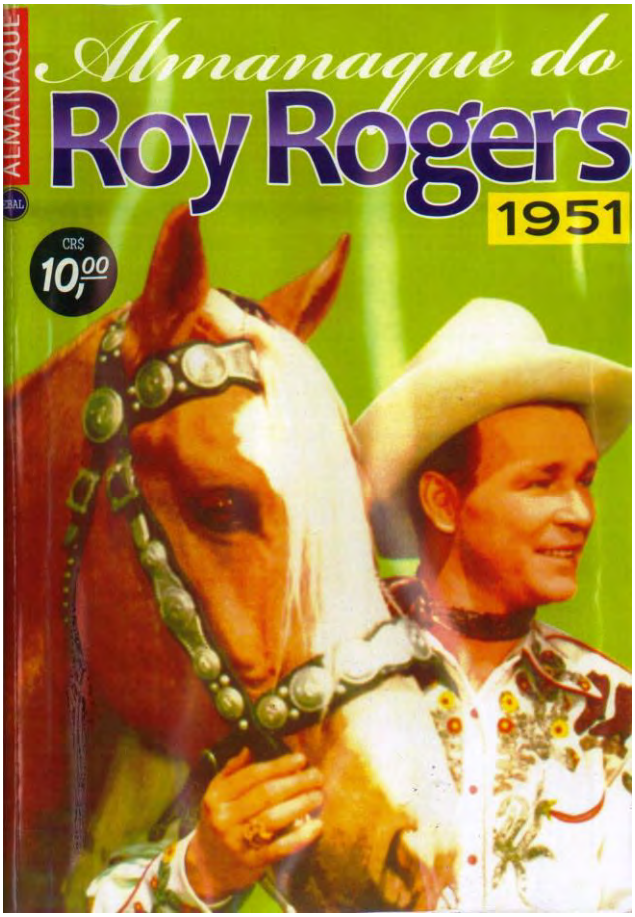
Sérgio lança também o número 2 da revista mensal **Tarzan**, depois de 25 anos que a Ebal lançou a última série do personagem. Este número traz as HQs „Apanha um Endemoninhado", „Yo Man-Gâni", „Os Elefantes de Athne", „O Lagarto de Chifres", todas de Jesse Marsh. A revista tem 52 páginas em p&b e capa colorida. Preço: **R$ 30,00**.

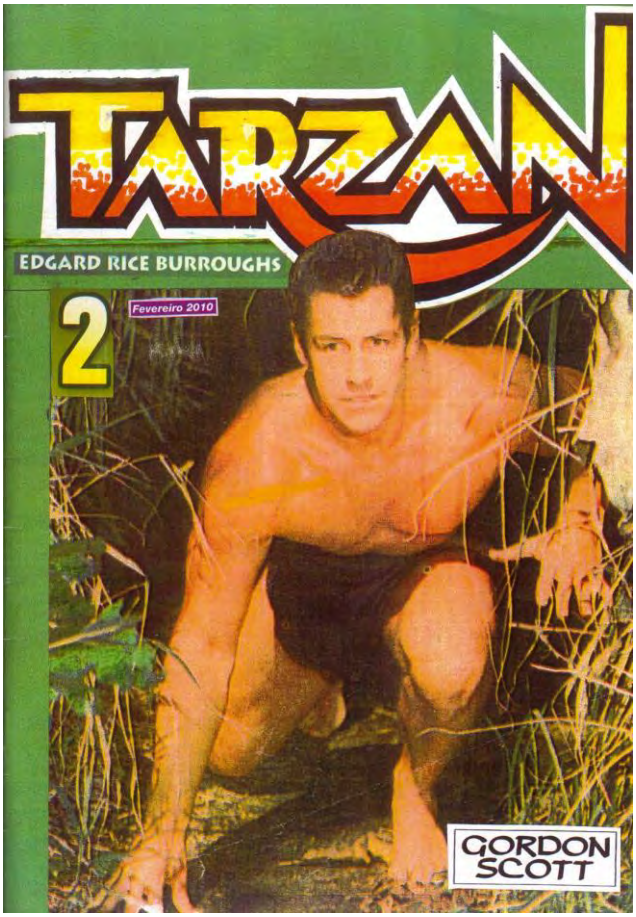
As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais.

Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no Mercadolivre em "Almanaques Raros".





QI 103 (mai/jun/2010)

VISUALIDADES

No primeiro semestre de 2009, a revista **Visualidades – Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual**, da Universidade Federal de Goiás, lançou seu nº 1 (volume 7) dedicado às Histórias em Quadrinhos, com o subtítulo *Dossiê HQ*. Os editores foram Edgar Franco e Rosana Horio Monteiro.

Em meio a vários livros sobre HQs lançados recentemente, este **Visualidades** (um verdadeiro livro, apesar do nome revista) não recebeu a atenção devida. De suas 256 páginas, mais da metade é composta de ótimos artigos sobre Histórias em Quadrinhos. As demais abrangem outros temas das Artes Visuais.

Na Apresentação, Edgar Franco fala sobre *História em Quadrinhos – Uma Arte Consolidada*.

O primeiro artigo, de Waldomiro Vergueiro, trata de *As Histórias em Quadrinhos no Limiar de Novos Tempos: em busca de sua legitimação como produto artístico e intelectualmente valorizado*.

Em seguida, Gazy Andraus discute sobre *A autoria artística das Histórias em Quadrinhos (HQs) e seu Potencial imagético informacional*.

A questão levantada por Elydio dos Santos Neto, a seguir, é *O que são Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas? Um Olhar Brasileiro*.

Completando os artigos relacionados às HQs, Henrique Magalhães aborda o tema *Fanzine: Comunicação Popular e Resistência Cultural*.

O livro traz ainda uma seção intitulada *Ensaio Visual* com amostras do trabalho de ilustração e História em Quadrinhos de Edgar Franco.

Uma iniciativa valiosa, o livro **Visualidades** é extremamente rico em informações sobre Histórias em Quadrinhos, discutindo temas de grande interesse e nem sempre contemplados em outras obras.

O livro é feito no ambiente do mundo acadêmico e voltado para este meio, mas os artigos estão em linguagem fácil e os assuntos são de grande interesse. Este é um trabalho que merecia uma maior divulgação e ser acessível a um público maior.

VISUALIDADES * 2009 * 256 pág. * A5 * **Faculdade de Artes Visuais** – Campus Samambaia – C.P. 131 – Goiânia – GO – 74001-970.

QI 103 (mai/jun/2010)

9ª ARTE – HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO VALE DO PARAÍBA

De 22 de março a 4 de abril de 2010, realizou-se na cidade de São José dos Campos o evento „9ª Arte – História em Quadrinhos no Vale do Paraíba". O evento ocorreu no Vale Sul Shopping e constou de exposição de vários artistas da região, uma Gibiteca itinerante além de workshops e sessões de caricatura. A organização do evento foi do ilustrador e publicitário Nill, criador dos personagens „Mazons".

A exposição mostrou trabalhos de Adriano Batista, Bruno Galvão, Calberto, Carlos Mota, Cezar Razek, Gabi Andrade, Jean Carlos Galvão, Magô Pool, Marcílio, Maurício Rett, Mauro, Nill, Sosthenes, Zeco Rodrigues, Nobu Chinen, além de prestar homenagem a Flávio Colin. A Gibiteca itinerante foi organizada por Jorge Hata. Os workshops e sessões de caricatura ficaram a cargo de Zeco Rodrigues e Marcílio.

O evento produziu um bonito catálogo com prefácio de Chinen, breve história das HQs no Brasil e biografias e amostras do trabalhos dos expositores.

QI 103 (mai/jun/2010)

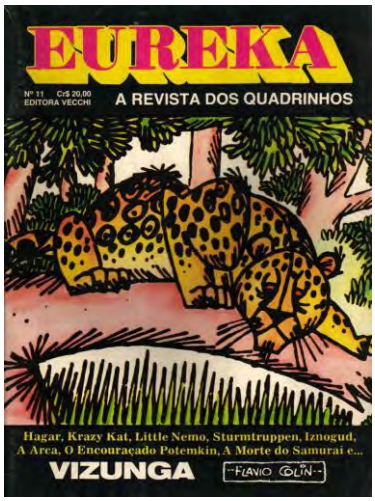
10 MELHORES HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Texto publicado no sítio www.bigorna.net na coluna „10 Melhores Histórias em Quadrinhos"

Esta semana tem minerim no pedaço! Quem revelou seus dez gibis preferidos foi o quadrinhista e editor **Edgard Guimarães**. Edgard edita há mais de quinze anos o **QI – Quadrinhos Independentes**, o fanzine mais popular e querido do Brasil. Em suas páginas, Edgard reúne centenas de fanzineiros e quadrinhistas num permanente debate sobre a situação do Quadrinho Nacional. É o maior fórum impresso de discussão do assunto no país! Além disso, o **QI** ainda publica a mais ampla e completa lista de lançamentos independentes do Quadrinho Nacional, sem contar as HQs de vários autores, entre eles, o próprio Edgard, claro. Como se não bastasse, Edgard ainda é autor de vários livros, entre eles **Ju e Jigá**, coletânea de tiras dos personagens homônimos, e diversos livros teóricos como **Leituras de Príncipe Valente**, **Fanzine** e **O que é HQ Brasileira**. Com tanta bagagem, era de se espera que Edgard tivesse bom gosto com suas leituras. Mesmo assim superou as expectativas, variando entre clássicos absolutos e obras pouco conhecidas do grande público, porém de criatividade e valor cultural inquestionável. Minerim come quieto, mas na hora de escolher os gibis chuta o barde, sô! Eita, trem bão!!! **Márcio Baraldi**

Retrato Falado – Lor

Publicado por uma pequena editora na segunda metade da década de 1970, quando a ditadura militar ainda estava bastante repressiva, este livro trata de um golpe no fictício país Rosário, com todos os desdobramentos políticos, pessoais, um retrato duro e emocionante do que ocorreu no Brasil. Com um traço muito solto, Lor passa o seu recado. Houve uma reedição mais recente deste livro feita por André Diniz.

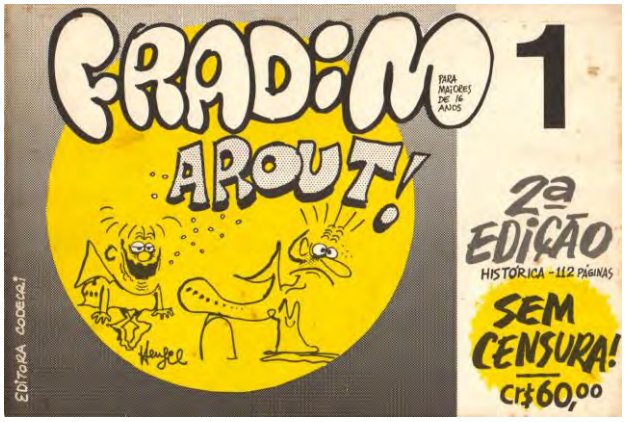


Vizunga – Flavio Colin

Publicado em tiras na década de 1960, só conheci este trabalho quando foi compilado pela revista **Eureka** no final da década de 1970. O traço de Colin está no auge, já com a estilização que o caracteriza, mas com um maior capricho anatômico. A tira tem duas grandes sacadas. A primeira é a escolha do tema: as mentiras de caçadores e pescadores perpetradas por um personagem carismático. A segunda é a mudança de estilo do desenho para um caricatural belíssimo quando enfoca os casos contados por Vizunga. Infelizmente a revista **Eureka** não conseguiu publicar a série toda e mais infelizmente ainda nunca foi publicado um livro com este trabalho de Flavio Colin.

Kiai – Shimamoto

Série de HQs avulsas de artes marciais desenhadas por Shimamoto com roteiros de Hayle Gadelha, entre outros. Algumas histórias foram publicadas em **Eureka**, e depois, na década de 1980, a editora Grafipar reuniu essas histórias na revista **Kiai**, que durou apenas 4 números.

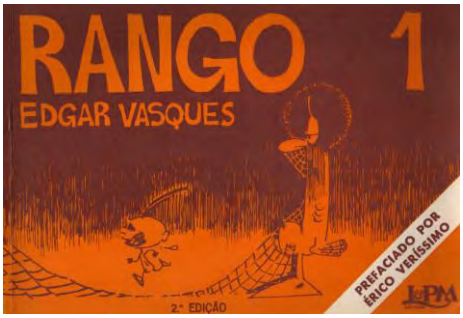


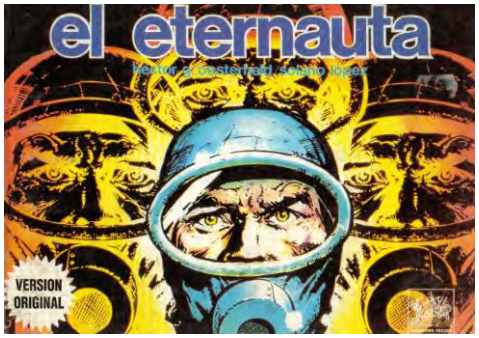
Fradim – Henfil

Talvez a HQ mais irreverente já publicada, demolidora em todos os sentidos, provou o impacto que uma obra de ficção pode ter sobre a sociedade, provocando, exigindo participação das pessoas, sem perder o humor. Teve série própria em revista durando mais de 30 números.

Rango – Edgar Vasques

Dentro do espaço limitado da tira diária, uma série com todas as qualidades das maiores tiras do mundo (Mafalda, Calvin, Peanuts), engraçada, desenho inigualável e algo que as outras não têm, um engajamento político e social.





El Eternauta –
Hector Oesterheld
Solano Lopez

O maior clássico das historietas argentinas, publicado em capítulos no final da década de 1950. Contrariando a regra de que as histórias feitas na Argentina tinham que ser ambientadas em outros países, principalmente Estados Unidos, Oesterheld cria uma ficção científica original passada nas ruas e bairros de Buenos Aires. Oesterheld não teve medo de carregar as páginas com textos, já que era necessário para criar o clima da história. Uma obra com apenas um defeito: tem apenas 350 páginas.

Príncipe Valente – Hal Foster

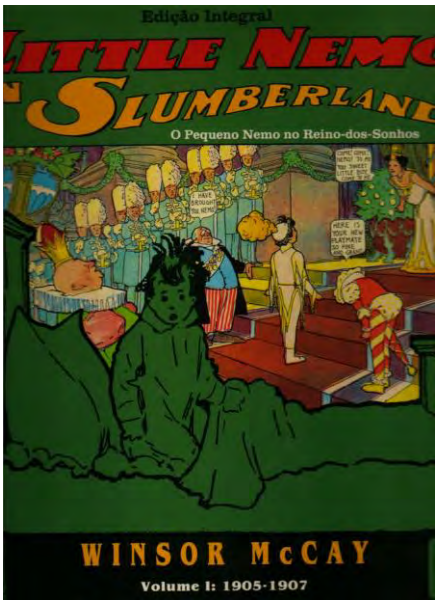
Normalmente elogiada pelos belos desenhos de Foster, esta série possui um dos melhores roteiros já escritos. Foster criou personagens verossímeis em histórias realistas, usando e abusando do humor, da ironia e do lirismo em meio a aventura. Conseguiu colocar uma dose elevada de violência mesmo usando um veículo destinado a todas as faixas etárias.

Ken Parker – Berardi e Milazzo

"A face humana do Oeste". Nunca um slogan definiu tão bem um trabalho. O oeste americano com o heroísmo e a fraqueza nas medidas certas. Mesmo sendo uma série mensal, os autores conseguiram manter o nível durante dezenas de edições. E o desenho estilizado e realista de Milazzo é um show à parte.

Little Nemo – Winsor McCay

Páginas gigantes com o delírio visual no mais alto nível. Os sonhos do pequeno Nemo atestam a criatividade gráfica e imaginação de McCay. A partir de um certo ponto, os sonhos de Nemo passam a ter continuação e num certo momento, o menino desce ao submundo da sociedade, mostrando o pesadelo real das grandes cidades. Reeditado em coleções de luxo.

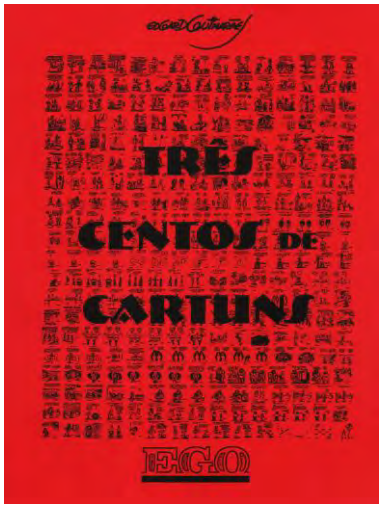


Sandman – Neil Gaiman

Uma das poucas obras produzidas dentro da indústria norte-americana de comics a atingir o status de obra-prima. Um roteiro extremamente detalhista e elaborado construído ao longo de 75 edições mensais. Uma demonstração de conhecimento de mitos e lendas invejável. Tem várias reedições em coleções completas.

QI 104 (jul/ago/2010)

TRÊS CENTOS DE CARTUNS



Após a inauguração do selo EGO com o lançamento do livro **ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS**, novo volume está disponível para os interessados.

O novo livro é uma coletânea de trezentos cartuns produzidos por mim durante os anos de 1991 e 1992. Estes cartuns foram publicados em dezenas de fanzines e revistas do Brasil e do mundo (entenda-se "mundo" como Portugal e Espanha).

O livro possui 112 páginas no formato meio ofício, capa com papel cartão e sobrecapa. Completa a edição um texto analisando o tipo de cartum produzido.

A tiragem é limitadíssima e o preço é R$ 12,00 (mais R$ 2,00 do porte). O pagamento pode ser feito em cheque, selos, cédula camuflada ou depósito bancário para Edgard Guimarães (Caixa Econômica Federal – agência 1388 – operação 001 – c/c 5836-1).

Cartum publicado na revista **Níquel Náusea**

QI 104 (jul/ago/2010)

ALMANAQUE BUCK JONES E REVISTA TARZAN

Sérgio Luiz Franque faz mais dois grandes lançamentos.

O primeiro é o **Almanaque de Buck Jones 1950**. Este Almanaque traz cinco HQs de Buck Jones: „O Filho Perdido‟, „O Cavaleiro Sem Cabeça‟, „O Ladrão do Mapa do Tesouro‟, „O Bandido das Duas Caras‟, „O Campeão do Gatilho‟; além de duas páginas do Dicionário Índio. Traz também um texto sobre Bill Fairweather, o amigo das cascavéis. O Almanaque tem 100 páginas em preto e branco e capa colorida. Preço: **R$ 60,00**.

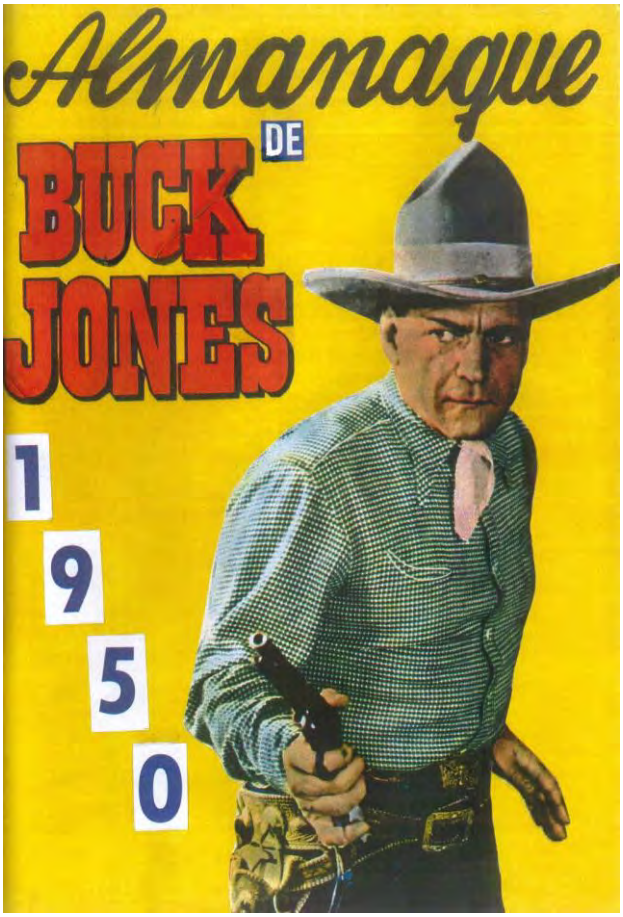
Sérgio lança também o número 3 da revista mensal **Tarzan**, depois de 25 anos que a Ebal lançou a última série do personagem. Este número traz duas HQs de Tarzan, „A Arma Antiga‟ e „O Povo do Véu‟, e duas HQs de Boy, „Os Assaltantes Chacmas‟ e „As Plumas da Vitória‟, todas de Jesse Marsh. A revista tem 52 páginas em p&b e capa colorida. Preço: **R$ 30,00**.

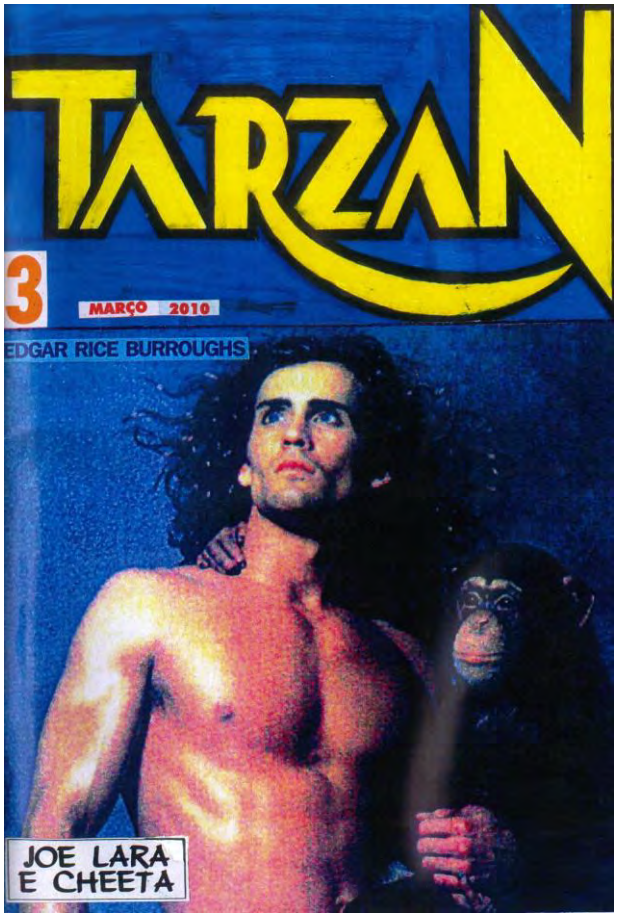
As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais.

Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no Mercadolivre em “Almanaques Raros”.





QI 104 (jul/ago/2010)

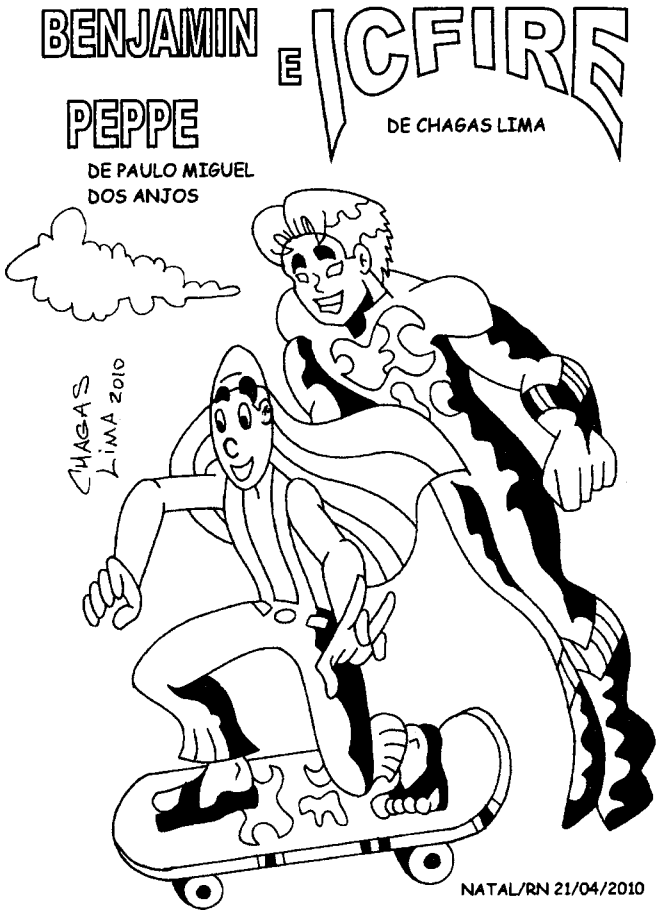
BENJAMIN PEPPE FANZINE Nº 3

A Turma do Benjamin Peppe foi criada por Paulo Miguel dos Anjos em 1973, inspirada em uma foto sua e de seus colegas de escola.

Logo adotou para as histórias o tema ecológico (cuidados com o meio ambiente, preservação da natureza, reciclagem de materiais etc.) relacionado com os esportes saudáveis (surf, bodyboard, skate, futebol, futsal, natação, bicicross, vôlei, basquete etc.).

Anjos tem publicado várias edições com sua turma de personagens incluindo o **Benjamin Peppe Fanzine**, que está com o terceiro número em preparação. Para participar da nova edição, Anjos convida todos os interessados a mandarem colaborações com os personagens da turma. As colaborações podem ser na forma de HQs de uma ou mais páginas, tiras, ilustrações, ou roteiros e ideias para aventuras. Os colaboradores receberão exemplar da edição impressa.

Contatos com Paulo Miguel dos Anjos:
Rua Kiel, 55/13-D – São Paulo – SP – 02512-050.
anjospaulo@zipmail.com.br
benjaminpeppe@gmail.com



QI 104 (jul/ago/2010)

O HOMEM DO RIFLE E TARZAN

Sérgio Luiz Franque faz mais dois grandes lançamentos.

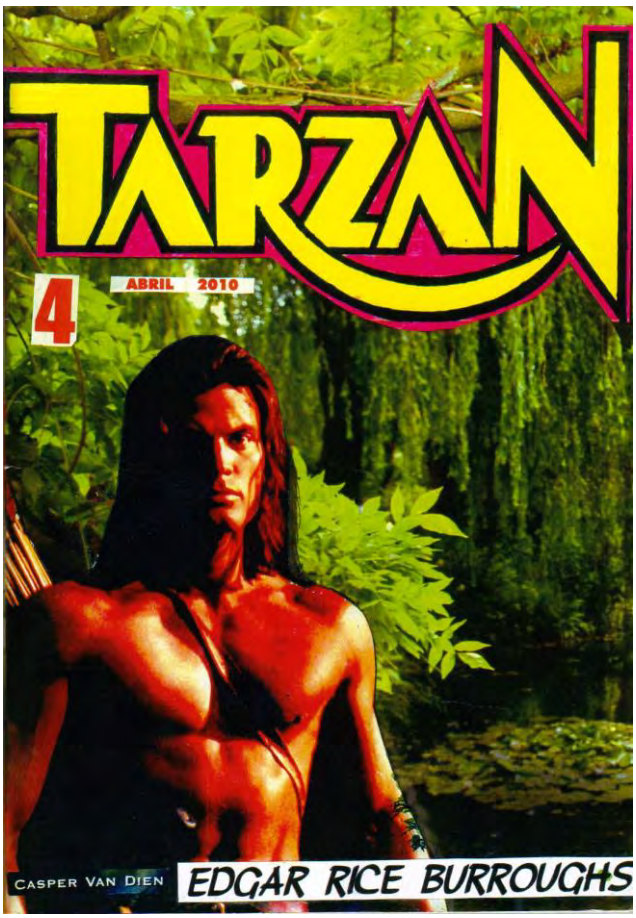
O primeiro é o **Almanaque O Homem do Rifle 1972**. Este Almanaque traz sete HQs de O Homem do Rifle: „A Volta dos Sem-Lei", „O Índio de Olhos Azuis", „O Elefante do Circo", „Ouro no Desfiladeiro", „Uma Menina Diferente", „O Plano de Fuga", „O Gigante das Montanhas", algumas aparentemente desenhadas por Russ Manning. Traz também as histórias avulsas „Pedro – Salvando o Forte", „Ned West – O Armeiro", „Histórias do João", „O Cavalo de Ferro", „Pancho" e „O Grande Dia do Viralata". O Almanaque tem 120 páginas em preto e branco e capa colorida. Preço: **R$ 60,00**.

Sérgio lança também o número 4 da revista mensal **Tarzan**, depois de 25 anos que a Ebal lançou a última série do personagem. Este número traz a HQ „Tarzan e o Primeiro Amor" feita por Burne Hogarth em 1976 e inédita no Brasil, a HQ sem palavras „Tarzan the Avenger" de Dave Hoover, e a HQ „Krigh-ha" feita pelo próprio Sérgio Franque. A revista tem 52 páginas em p&b e capa colorida. Preço: **R$ 30,00**.

As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais. Os pedidos podem ser feitos para:

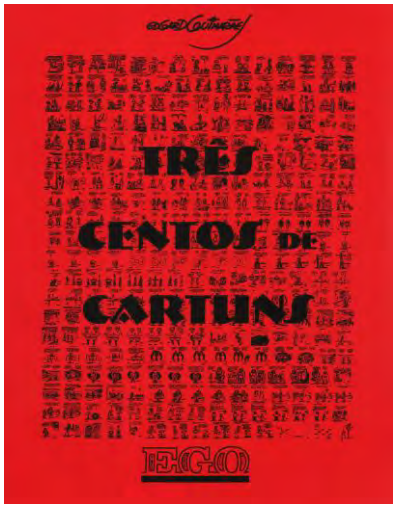
Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no Mercadolivre em "Almanaques Raros".



QI 105 (set/out/2010)

TRÊS CENTOS DE CARTUNS



Está disponível um novo livro do selo EGO. Trata-se de uma coletânea de trezentos cartuns produzidos por mim durante os anos de 1991 e 1992. Estes cartuns foram publicados em dezenas de fanzines e revistas do Brasil e do mundo (entenda-se "mundo" como Portugal e Espanha).

O livro possui 112 páginas no formato meio ofício, capa com papel cartão e sobrecapa. Completa a edição um texto analisando o tipo de cartum produzido.

A tiragem é limitadíssima e o preço é R$ 12,00 (mais R$ 2,00 do porte). O pagamento pode ser feito em cheque, selos, cédula camuflada ou depósito bancário para **Edgard Guimarães** (Caixa Econômica Federal – agência 1388 – operação 001 – c/c 5836-1).

O primeiro lançamento do selo EGO, o livro **ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS** encontra-se esgotado. Foi vendida toda a espantosa tiragem de 20 exemplares. Uma segunda edição está sendo pensada, mas dizem que não se mexe em time que está ganhando.

QI 105 (set/out/2010)

TIRAS – MAIS QUE UM FORMATO

Texto de apresentação do livro "GAG" da Editora Marca de Fantasia

Atualmente as tiras de História em Quadrinhos parecem ser apenas mais um formato entre tantos que existem para essa forma de expressão. O formato de livro contendo uma história fechada – a chamada "graphic novel" – tem atraído uma boa quantidade de autores nas últimas décadas, mas o formato tira alcançou ao longo da História dos Quadrinhos uma relevância que merece uma discussão mais atenta.

A História em Quadrinhos é uma forma de expressão humana que demorou para encontrar uma forma estável de apresentação. Teve um início pré-escrita nas pinturas rupestres, foi usada para compor afrescos, tapeçarias, painéis, encontrou guarida na forma de pinturas tradicionais, até começar sua popularização através dos cartuns e caricaturas dentro da nascente imprensa do século XVIII. Embora a imprensa seja bem antiga (Gutemberg apenas aperfeiçoou o tipo móvel), a reprodução de imagens pictóricas sempre foi um problema de difícil solução. Ainda hoje se utilizam processos artesanais como a xilogravura, mas são de produção demorada e possuem restrições. A evolução tecnológica dos meios de reprodução permitiu que as ilustrações ocupassem espaço de destaque na imprensa, principalmente a partir do século XIX. Neste ambiente, dentro da imprensa, a História em Quadrinhos começou a convergir para uma forma mais bem definida. Ganharam destaque as publicações satíricas, com textos de humor e crítica social, onde a História em Quadrinhos aparece ainda na forma de charges e caricaturas. No Brasil, na década de 1860, Angelo Agostini publicou vários jornais ilustrados. Paralelamente às publicações mais imediatistas dos jornais, vários autores arriscaram a produção de livros contendo Histórias em Quadrinhos, ainda na primeira metade do século XIX. Wilhem Busch se tornou um expoente dessa forma de publicar Quadrinhos.

A grande popularização da História em Quadrinhos, e consequente definição de suas principais características, no entanto, se deu com a criação dos suplementos pelos grandes jornais norte-americanos no final do século XIX. Estes suplementos coloridos traziam uma grande quantidade de séries de Quadrinhos, normalmente de humor, cada série ocupando uma página com uma história fechada. A História em Quadrinhos, com as características que possui atualmente, teve seu grande desenvolvimento nesses suplementos dominicais e aí ficou por algumas décadas. Somente em meados da década de 1910 é que apareceu um espaço regular para publicação de História em Quadrinhos, em preto e branco, nas edições diárias dos jornais, logo se consagrando o formato de uma tira horizontal para cada série. O conteúdo humorístico predominou nesta tira diária até o final da década de 1920, quando a temática se abriu para todo tipo de história, diversificando os gêneros, aceitando os traços realistas e, principalmente, incorporando a fórmula de longas histórias em continuação.

O formato de tira diária publicada em jornal, apesar de seu aparecimento tardio em relação às páginas dominicais e aos álbuns de Quadrinhos, foi o que logo se tornou o sinônimo de História em Quadrinhos. Mesmo sendo a página dominical um espaço privilegiado, onde apareceram grandes obras como Flash Gordon e Príncipe Valente, foi nas tiras diárias que os autores concentraram seus maiores esforços e produziram suas grandes obras. O sonho de todo autor de Quadrinhos era ter uma tira aprovada pelos "syndicates" para publicação em jornais, tanto pelo reconhecimento profissional quanto pela remuneração que viriam daí. Esta primazia da tira diária se manteve por um longo período. As Histórias em Quadrinhos em forma de revista só começaram a se popularizar no final da década de 1930, mas se mantiveram com qualidade de conteúdo bastante inferior até a década de 1970, salvo honrosas exceções. Também os livros e álbuns de Quadrinhos só consagraram seu espaço a partir do final da década de 1970. Cabe a ressalva que na Europa as revistas semanais trazendo material de alta qualidade, posteriormente publicado em álbum, já existiam desde a década de 1950.

Hoje a tira diária de jornal não tem mais a importância que já teve e a produção de maior qualidade é encontrada em revistas, livros e álbuns. Mas a mítica do formato tira diária ainda subsiste. Permanece a ideia de que o formato tira é um espaço nobre para a produção de História em Quadrinhos. Mesmo considerando a dificuldade que o autor brasileiro sempre teve para publicar neste formato.

O espaço para publicação de tira diária nos jornais brasileiros sempre foi dominado pelas tiras de procedência norte-americana. Por vários motivos, começando pelo preço baixo da tira importada e terminando pela mentalidade colonizada dos editores dos jornais. E passando pelo falso conceito de que o autor brasileiro não produzia material de qualidade. Com exceção da experiência de Maurício de Sousa, já na década de 1960, e cuja vitória não representou um benefício para o autor de modo geral, somente na década de 1980 os principais jornais do país começaram a abrir espaço para o autor brasileiro, de forma regular. Este espaço permanece até hoje, embora tenha sofrido várias diminuições: da área total da página, da área de cada tira e da importância da seção para o jornal.

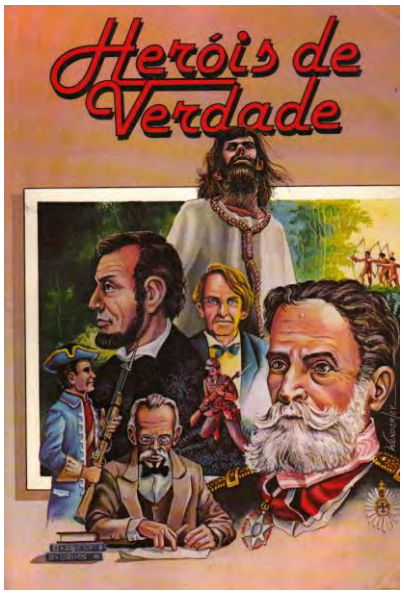
Mesmo com todos os percalços, de antes e de agora, o autor brasileiro sempre teve em alta conta a produção de História em Quadrinhos no formato tira. O espaço restrito nos jornais, a baixa remuneração, a dificuldade de produção diária, nada disso tem desestimulado a produção nacional. Há vários exemplos da vitalidade da produção de tira brasileira. Os salões de Humor, em sua maioria, criaram uma categoria para a tira; a editora Virgo já publicou quase uma dezena de livros de antologia de tiras; o Jornal **Graphiq**, cujo conteúdo principal é a tira, ultrapassa quatro dezenas de edições; esta coleção de livros de tiras da Marca de Fantasia ruma à marca de duas dezenas de edições.

Não é de se espantar, portanto, que a iniciativa da editora Marca de Fantasia e da Universidade Federal da Paraíba de promover o *Concurso de Tiras Humorísticas GAG* tenha obtido tamanho sucesso. Este livro reunindo o trabalho premiado e os demais selecionados é o registro atual da qualidade e quantidade da produção de tira diária no Brasil.

Para quem ainda precisava de prova...

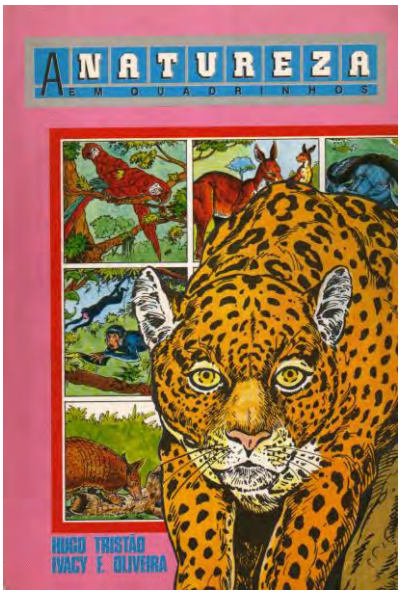
QUADRINHOS DO NOSSO AMIGUINHO

O colecionador, pesquisador e editor de fanzines João Antônio Buhrer de Almeida me enviou de presente o livro de Histórias em Quadrinhos **Heróis de Verdade**. Este livro, com mais de 200 páginas, publicado pela Casa Publicadora Brasileira em 1984, é uma compilação de HQs sobre personagens históricos nacionais e internacionais publicadas originalmente na revista **Nosso Amiguinho**. Não tenho maiores informações sobre esta revista, mas imagino que seja uma publicação dirigida diretamente aos alunos das escolas, como o famoso **O Jornalzinho**, publicação com fins didáticos e também evangelizadores.



Este tipo de revista, com distribuição dirigida, ainda não teve um estudo digno de sua importância.

Estas HQs sobre os Heróis de Verdade foram produzidas pelos artistas brasileiros Hugo Tristão, Antônio Rios, Heber Pintos, Osnei Furtado e Wanderley Scortegagna. É um material de muito boa qualidade, todo colorido, com textos adicionais sobre as personalidades. No mesmo estilo, em 1986, a Casa Publicadora Brasileira lançou um segundo livro, chamado **A Natureza em Quadrinhos**, contendo dezenas de HQs, desta vez todas de autoria de Hugo Tristão, com textos complementares de Ivacy Oliveira. Não há informação se estas HQs foram publicadas originalmente na revista **Nosso Amiguinho**, embora isto seja provável. Novamente um trabalho muito bonito, que merece ser conhecido.



Estas edições não são muito fáceis de encontrar, principalmente **A Natureza em Quadrinhos**. Também não tenho notícia se houve outros livros em quadrinhos. Na apresentação de **A Natureza**, o livro é colocado como um projeto de coletâneas de Histórias em Quadrinhos, iniciado com **Heróis de Verdade**, insinuando que teria continuidade. Mas uma coisa é ter bons projetos e outra é realizá-los.

Antes do João Antônio me enviar o **Heróis de Verdade**, o Luigi Rocco já havia me dado a dica sobre estas edições. Um material de muito boa qualidade, pouco conhecido e quase nunca mencionado.

XAXADO E SUA TURMA

Antônio Cedraz é um autor extremamente produtivo que tem publicado seus trabalhos de todas as formas possíveis, em fanzines, em edições sob encomenda com temas específicos, em coleções de livros infantis, em compilações produzidas por seu próprio estúdio etc. Ao longo de sua carreira, já tentou, mais de uma vez, lançar uma revista mensal infantil nas bancas, o sonho de todo profissional. Por vários motivos, principalmente a falta de estrutura das editoras pequenas encarregadas do projeto, as revistas não tiveram continuidade.

Agora, a editora HQM está lançando a nova revista **Xaxado e sua Turma**, uma publicação em formatinho, toda colorida, com preço acessível, muito bem produzida, com HQs muito boas de Cedraz e seus colaboradores, com destaque para Tom Figueiredo e Sidney Falcão.

Como admirador do trabalho de Cedraz, torço para que esta tentativa seja um sucesso, pois o material merece ser conhecido por um público maior do que o atingido até o momento. A distribuição em banca ainda está deficiente, mas é um problema a ser resolvido.

QI 105 (set/out/2010)

LANÇAMENTOS SÉRGIO LUIZ FRANQUE

Sérgio Luiz Franque faz mais três grandes lançamentos.

O primeiro é o **Almanaque Tarzan 2009**. Este almanaque traz as HQs „Combate Mortal", „Búfalo Bill na África", „A Rainha Tuaregue", „Lutando por uma Deusa", „A Africana", todas com desenhos de Russ Manning ou feitas sob sua supervisão com desenhos de Danny Bulanadi e Mike Ploog. Traz também dezenas de páginas de curiosidade sobre a África. O almanaque tem 100 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 60,00**.

O segundo é o **Almanaque de Durango Kid 1952**. Traz as HQs „A Moça carrega Arma de Fogo", „Truque de Bandidos?", „Compaixão Fatal!", „Escrevendo a Lei a Bala!", „A Primeira Aventura", „O Sangue dos Pioneiros", „Ajuste de Contas", „A Marca Forjada", „Uma Nova Aventura", „Trilhos do Progresso!", algumas com desenhos de Fred Guardineer. O almanaque tem 100 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 60,00**.

O terceiro é a revista **Tarzan** nº 5 com a aventura „Tarzan Capturado" de Burne Hogarth, inédita no Brasil. Traz ainda uma relação dos filmes de Tarzan, a HQ „O Rinoceronte", as seções „Mundo de Tarzan" e „Vocabulário de Tarzan". A revista tem 52 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

Sérgio tem prontos ainda vários outros almanaques de Tarzan, sendo os mais recentes os de 1945 a 1949, 2010 e 2011. Também já estão prontos vários almanaques de faroeste com Paladino do Oeste, Gunsmoke, Os Pioneiros, Cheyenne, Tim Relâmpago, Gene Autry, Rex Allen, Tim Holt, Hopalong Cassidy, entre outros.

As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais. Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no Mercadolivre em "Almanaques Raros".

QI 106 (nov/dez/2010)

LANÇAMENTO EM BREVE!

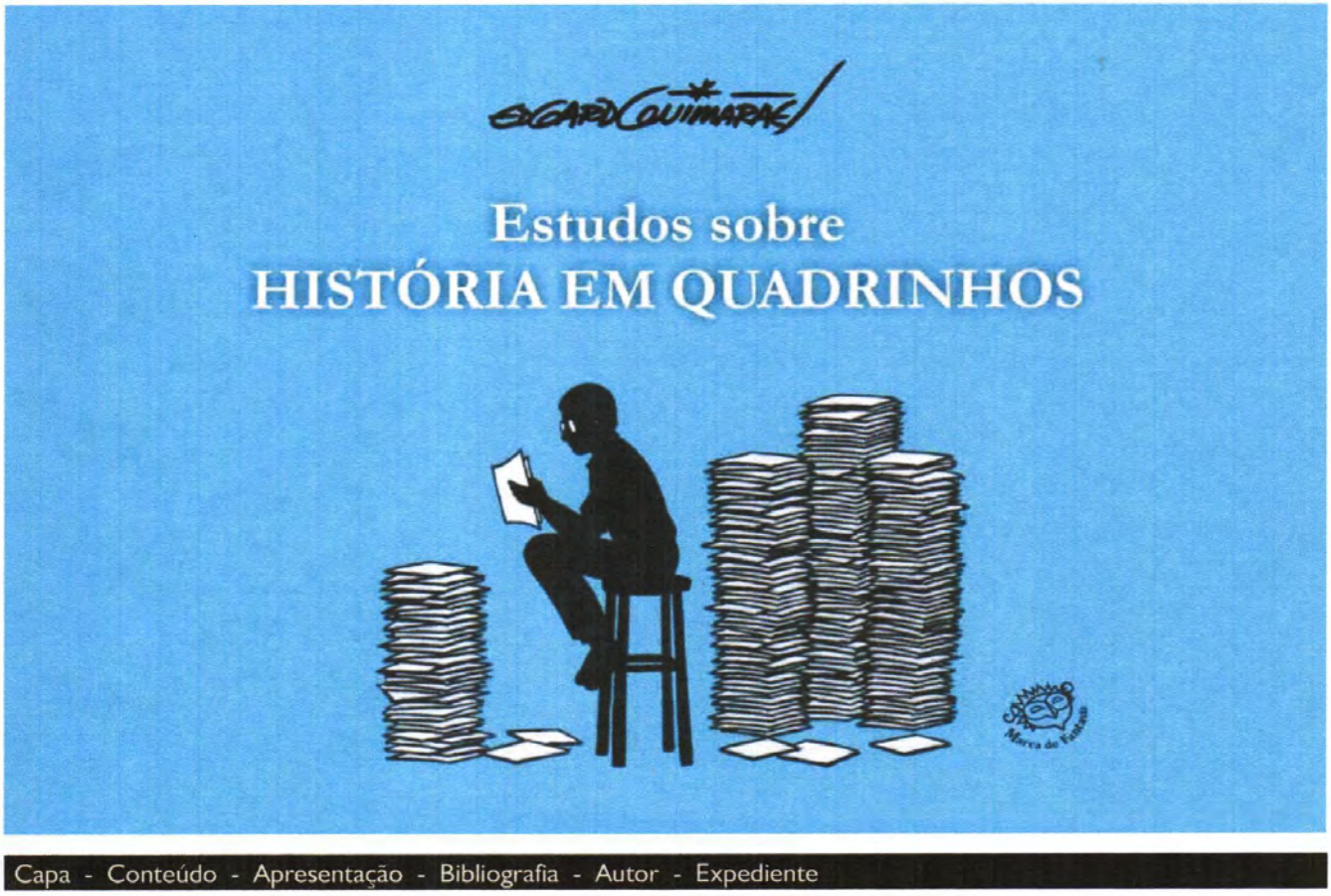
Provavelmente ainda em dezembro a Editora Marca de Fantasia, de Henrique Magalhães, lançará o livro **ESTUDOS SOBRE HISTÓRIA EM QUADRINHOS** de Edgard Guimarães.

É um livro contendo um estudo aprofundado sobre a Linguagem da História em Quadrinhos, resultado de quase 10 anos de pesquisa sobre o assunto e de quase uma dezena de artigos publicados em Congressos de Comunicação.

Devido ao tamanho do livro, será lançado na forma virtual pela Marca de Fantasia, o que reduzirá o preço ao valor simbólico de R$ 5,00.

Os interessados em conhecer a História em Quadrinhos com maior profundidade, não deixem de adquirir esta obra. Procurem se informar no sítio da editora quando estará disponível.

www.marcadefantasia.com.



QI 106 (nov/dez/2010)

LANÇAMENTOS SÉRGIO LUIZ FRANQUE

Sérgio Luiz Franque faz mais três grandes lançamentos.

O primeiro é o **Almanaque Tarzan 2011**. Este almanaque traz duas das quatro graphic novels de Tarzan produzidas por Russ Manning para o mercado europeu. São as histórias „O Mundo que o Tempo Esqueceu‟ e „O Poço do Tempo‟. Estas duas histórias foram publicadas pela Ebal, na década de 1970, nos dois volumes da coleção "Edição Gloriosa". O almanaque tem 100 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 60,00**.

O segundo é a revista **Tarzan** nº 6, de junho de 2010, com a aventura „O Deus de Tarzan‟ de Burne Hogarth, inédita no Brasil. Traz também a aventura „Os Monstros Humanos‟ de Don Glut, Danny Bulanadi, Dave Stevens e Russ Manning. A revista tem 52 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

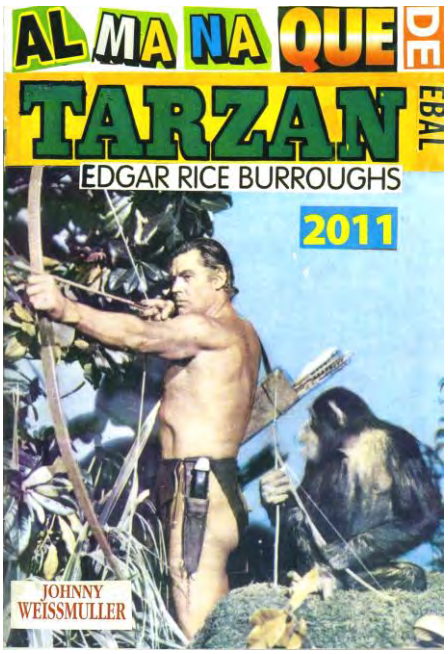
O terceiro é a revista **Tarzan** nº 7, de julho de 2010, com a aventura „O Pesadelo de Tarzan‟ de Burne Hogarth, inédita no Brasil. Traz também a aventura „O Tigre Sanguinário‟ de Don Glut, Rick Hoberg, Bill Wray e Russ Manning, além de ilustrações de Sérgio Luiz Franque. A revista tem 52 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

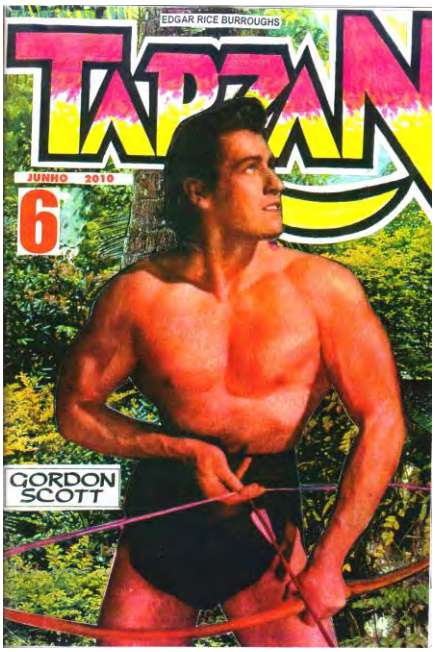
Sérgio está preparando duas novas revistas do gênero faroeste, sendo a primeira intitulada **O Cowboy do Cinema** com Roy Rogers estrelando o primeiro número.

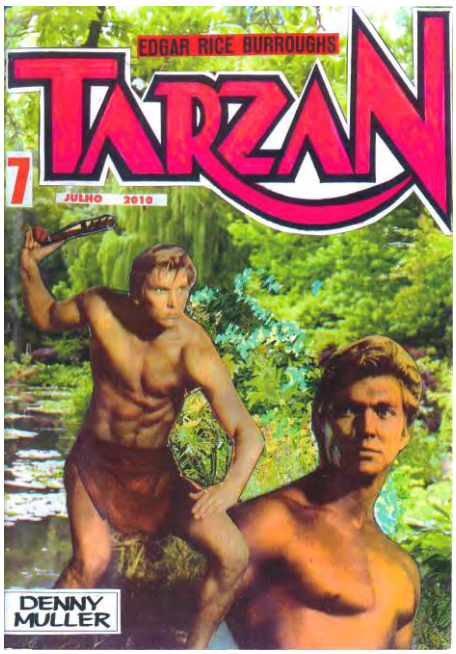
As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais. Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no Mercadolivre em "Almanaques Raros".







QI 107 (jan/fev/2011)

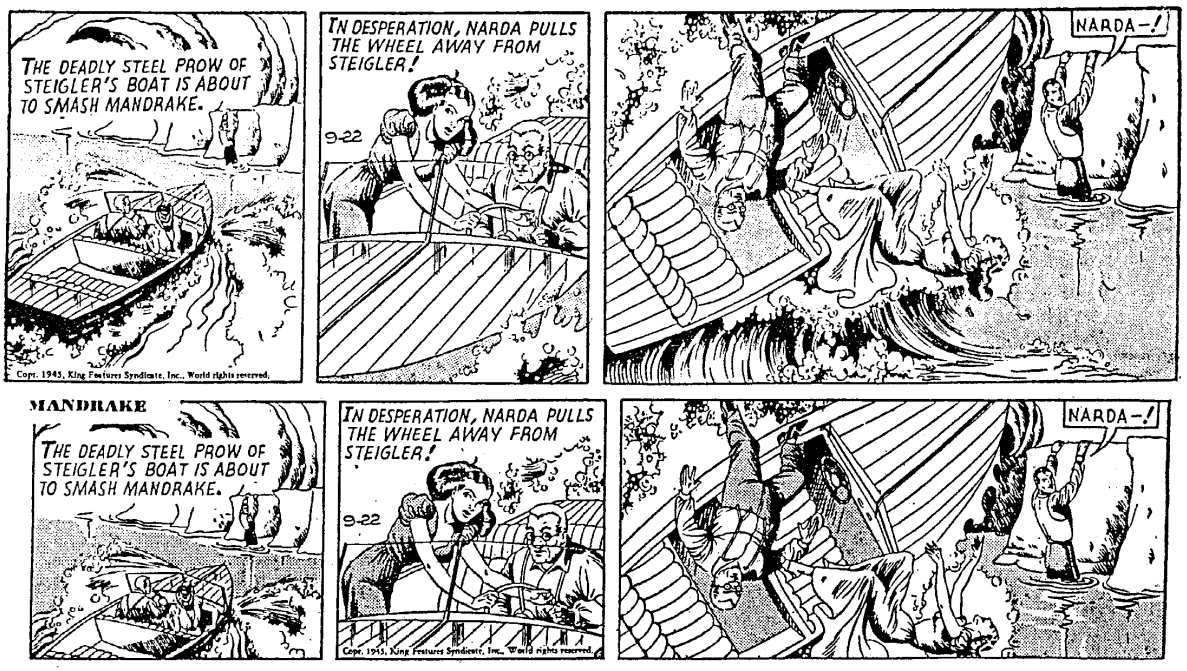
ADAPTAÇÕES DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Luiz Antônio Sampaio me enviou uma boa quantidade de material interessante sobre os quadrinhos clássicos americanos e o tratamento que recebiam de suas agências distribuidoras. Usarei este material, juntamente com os comentários de Sampaio, no texto a seguir.

Muito se fala e se reclama das adulterações que as editoras brasileiras sempre fizeram com as histórias em quadrinhos importadas na hora de colocá-las em suas revistas. E com razão, fizeram realmente todo tipo de barbaridades, parecia até que os produtores originais faziam de propósito num formato "errado", só para os editores nacionais terem que "consertar". Na grande maioria das vezes, publicar sem adulterações seria muito mais fácil, mais barato, além de mais ético.

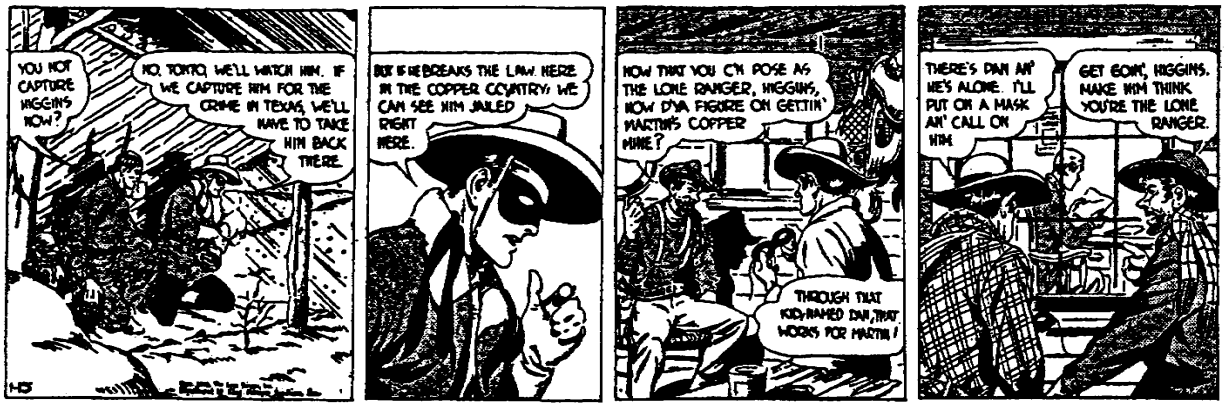
O que não se fala muito é que as agências norte-americanas distribuidoras dessas histórias em quadrinhos tinham o mesmo desrespeito com o próprio material que mandavam produzir. As tiras e pranchas produzidas pelos artistas contratados sofriam todo tipo de adulteração dentro da própria agência antes de serem enviadas aos compradores. Tudo usando como justificativa o fato de que os compradores (principalmente os jornais) deviam ter todo tipo de opção de tamanho e formato na hora de compor sua página ou suplemento de quadrinhos. É interessante observar como nos Estados Unidos o cliente possui um grande poder de pressão e como o vendedor faz de tudo para agradá-lo.

O primeiro exemplo mostrado a seguir é de uma tira diária de Mandrake. A tira de cima é a produzida pelo artista, a de baixo é uma das opções que eram oferecidas aos clientes. Caso o cliente quisesse a tira com uma altura menor (para colocar mais tiras numa mesma página), a agência fazia o "rebaixamento" da tira, ou seja, cortava um pedaço na parte de baixo.

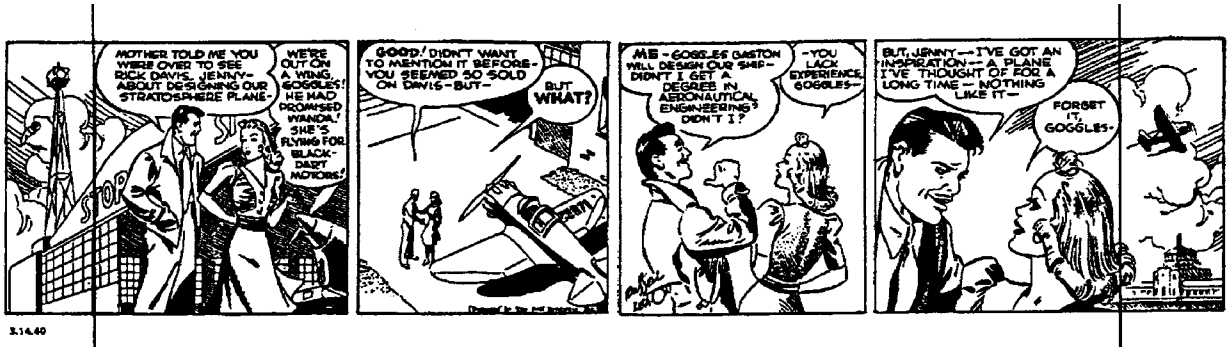


Ao contrário do exemplo da tira de Mandrake, onde o pedaço cortado é significativo, em alguns casos, como na tira de Rip Kirby, apenas um pequeno pedaço era retirado da parte inferior. Aparentemente, o autor, Alex Raymond, já produzia a tira sabendo disso. Observem que ele coloca a assinatura um pouco acima do fundo da tira. É justamente esse pedaço abaixo da assinatura que podia ser cortado. O recente livro **Rip Kirby** da editora IDW trouxe a versão recortada das tiras.

Num outro exemplo, na tira de Lone Ranger, o pedaço cortado era na parte de cima e fica claro que o autor sabia e deixava o espaço de cima sem informação visual, inclusive com os balões afastados do alto, indicando onde seria o corte. Este procedimento acaba deixando a tira original menos agradável visualmente do que a versão adulterada.



Na tira de Flyin‟ Jenny, os cortes eram feitos nas laterais. Também nesse caso o autor produzia as tiras sem nada visualmente importante nas extremidades. Os traços pretos verticais mostram onde seriam os cortes.



Se para o leitor, que gostaria de apreciar o trabalho completo de seus autores preferidos, o corte de algumas partes das tiras já parece um absurdo, imagine cortar quadros inteiros. Com o passar do tempo, o espaço para as páginas dominicais nos suplementos de quadrinhos foi diminuindo. Praticamente deixaram de existir séries que ocupavam a página inteira, como o Príncipe Valente dos bons tempos, e mesmo metade da página do suplemento. As agências passaram a produzir páginas dominicais que pudessem ocupar apenas um terço da página do suplemento. Nesses casos, se o jornal queria uma página com a altura maior, era só tirar os quadros na lateral esquerda da prancha. Este recurso foi usado em várias séries importantes como Flash Gordon, Mandrake, Johnny Hazard, Brick Bradford, entre outros. No exemplo abaixo, uma página de Flash Gordon, repare que os dois quadros da esquerda podem ser retirados sem afetar muito a história. O autor já produzia esses quadros sempre com a mesma largura e com quase nenhuma informação relevante.

Toda a "consideração" que as agências tinham com os clientes não se repetia em relação aos autores e leitores.

O Caso do Detetive Medíocre

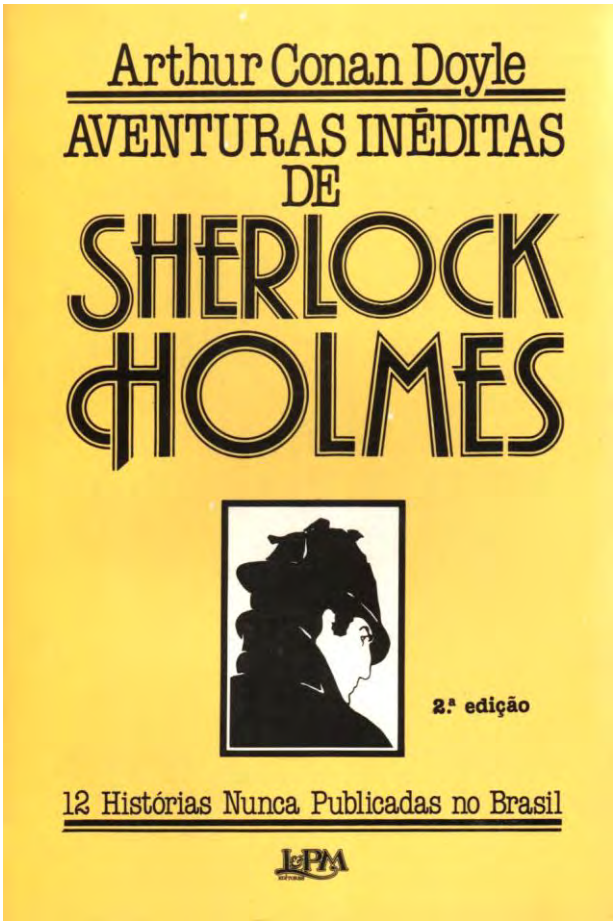
A matéria a seguir não diz respeito aos Quadrinhos, mas trata da confusão que se faz entre Autor e Personagem. Arthur Guitermann escreveu um poema acusando Conan Doyle, entre outras coisas, de desprezar os personagens de Edgar Allan Poe e Gaboriau, em quem Doyle se inspirou para criar Sherlock Holmes. Doyle dá sua resposta. Este material foi retirado do livro "Aventuras Inéditas de Sherlock Holmes" da L&PM, de 1987. A tradução é de Adalgisa Campos da Silva.

A Sir Conan Doyle
de Arthur Guitermann

Nobre Sir Conan, creio que poucos de nós
Foram cumulados de sorte como vós.
A instável fortuna tem sido vossa aliada,
Sempre generosa, suave e delicada.
Embora parecesse a mim ser vossa sina
Dedicar-vos à carreira da medicina,
Cansando-vos de pílulas e do mister,
Rumaste para o Ártico em busca de mistério.
Vagando e sonhando, a Ambição, grande loucura,
Tornou-vos muito inquieto para a arte da cura;
Isso, presumo, se Aventura é o que buscamos,
Fez de vós um escritor – nisso nos igualamos.
Ah, mas nós escritores bradamos protestos,
"De que modo lograstes tamanho sucesso?
Dizei-nos, dai-nos a conhecer de que jeito
Tirais do tinteiro tão esplêndida receita!"
E, vosso livro a favor do ataque britânico
À África do Sul (ou dos grupos econômicos),
Alegando não ser nossa agressividade
(Como pensa a maioria) uma atrocidade –
Ao sair do prelo vos rendeu uma cruz –
(Oh, que honra! A tanto jamais farei jus
Nem que viva até a idade de Matusalém!)
Da Ordem de São João de Jerusalém!
Palavra! Como escritor sabeis das manhas!
Mas desejo vos falar do que em vós me assanha:
Holmes é o vosso Herói, personagem literário;
Todos sabemos onde achaste material
Para lhe dar forma – isto é quase evidente;
Mas vosso agente em ingratidão indecente –
Sherlock vosso sabujo por razões incertas
Despreza o Dupin de Poe e o chama de "reles"!
Tacha o perspicaz Lecoq de Gaboriau, sim,
De mero desastrado e ridículo, sim!
Isso quando vossas tramas e vossos sistemas
A Poe e a Gaboriau não devem pouco apenas,
Enche de mágoa todas as musas do Hélicon.
Pedi emprestado, senhor, mas sede sério!
Porém deixai-nos reconhecer que sois alegre,
Pouca coisa escreveste que canse ou que pese,
Muito com desleixo, porém nada nocivo,
Muita com sobra de encanto e vigor no estilo.
Dai-me detetives de cérebro analítico
E não uns covardes de princípios mefíticos –
Histórias de batalha e de intrepidez
E não queixas de neurótica morbidez!
Dai-me aventura e ferozes dinotérios
E não de Hewlett os extáticos delírios!
Crede, Sir Conan, bem diverti-me convosco
E, no total, estou bem satisfeito convosco.

A um Crítico Insensato
de A. Conan Doyle

É certo que às vezes bradamos com acrimônia,
"Até onde se estende a estupidez humana?"
Cá está um crítico a afirmar como evidente
Ser eu culpado porque "em agradecimento"
Sherlock, o sabujo, por motivos incertos,
Despreza o Dupin de Poe e o chama de "reles".
Caro crítico, ainda não tendes assente
Que criatura e criador são diferentes?
Como criador não me cansei de louvar
O Dupin de Poe, surpreendente e sagaz
Admitindo que em meu trabalho policial
A meu modelo devo muito de genial.
Mas não é que chega às raias da estupidez
Atribuir-me a soberba do ser que criei?
Ele, a criatura, riria com desdém,
Onde eu, o criador, me curvaria reverente.
Então, por favor, lembrai-vos dessa verdade:
A obra e seu autor são duas entidades.

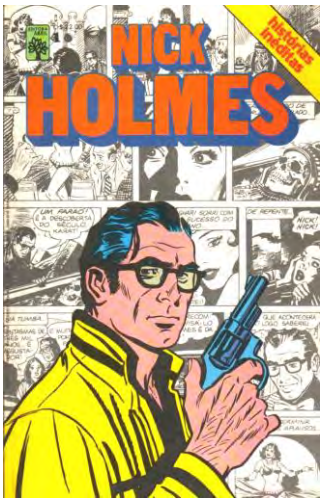


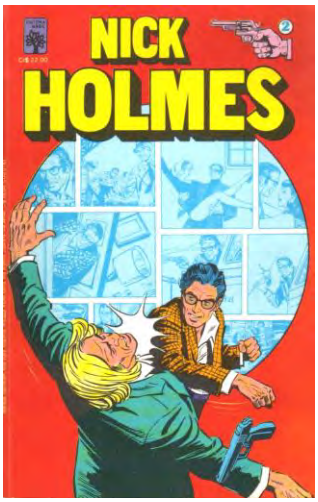
MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição!
O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do jávaitarde, não merece isso.
Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.

Em janeiro de 1979, a Editora Abril colocou nas bancas um almanaque em formatinho, todo colorido, com 132 páginas, com aventuras de Flash Gordon. Logo em fevereiro foi a vez de uma edição nos mesmos moldes com as aventuras de Nick Holmes (Rip Kirby no original). Em abril, as duas revistas tiveram seu segundo número. A revista de Nick Holmes trouxe as aventuras do personagem feitas originalmente para tiras diárias, já na fase de John Prentice. Apesar da colorização e do formato diminuído das tiras, houve pouca adulteração e deu para aproveitar bem essas aventuras que são de muito boa qualidade, tanto nos desenhos como nos argumentos. O mesmo se pode dizer do material usado na revista de Flash Gordon, que utilizou no primeiro número e metade do segundo as aventuras em tiras feitas por Barry e Fujitani, uma fase muito boa do herói.

Essas revistas, eu as comprei nas bancas na época que saíram, na cidade de Itajubá, MG, cujas bancas recebiam todas as revistas das grandes editoras, sem falhas. Todas as revistas chegavam regularmente, em primeira mão, e nunca fiquei na mão em nenhuma coleção que fiz na época. Portanto, minha conclusão é que estas duas coleções só tiveram dois números. Infelizmente, pois, como disse, eram coleções muito interessantes.





Há pouco tempo, Fabio Santoro escreveu um longo artigo sobre Flash Gordon, incluindo uma relação tão completa quanto possível das revistas brasileiras em que o herói apareceu. Como de costume, Fabio enviou o texto para alguns conhecidos para ajudarem a checar as informações. Embora meu conhecimento sobre as revistas publicadas antes da década de 1960 seja praticamente nulo, sou uma das pessoas a quem o Fabio envia seus textos. Pelo menos em relação ao material mais recente, posso ajudar a confirmar os dados.

Acontece que, em seu texto, Fabio mencionou TRÊS números da revista **Flash Gordon** da Abril. E agora? Conferi na coleção e só tinha duas. Escrevi ao Fabio contestando a informação, ele garantiu que tinha saído o número 3. Pedi se ele podia me enviar cópia da capa, mas ele não tinha a revista. A informação tinha sido dada por outro colecionador, de confiança.

Este texto do Fabio Santoro (ou parte dele) foi publicado no recente álbum de Flash Gordon lançado por Franco de Rosa e está lá, no item 17 do texto de Fabio, a informação de que houve 3 números de **Flash Gordon** e de onde se conclui que o terceiro só saiu em 1980.

Desde que o Fabio me garantiu sobre a existência do terceiro número, tenho periodicamente consultado os sítios mais conhecidos de venda de revistas e tenho encontrado muitas ofertas de coleções COMPLETAS da revista **Flash Gordon** da Abril, todas com DOIS números. Todos esses colecionadores que estão vendendo suas coleções perderam o terceiro número? Por que ninguém tem o terceiro número? Ele existe? Se existe, por que ninguém tem?

Há casos de revistas que, por um motivo ou outro, são muito raras, e alguns desses casos serão tratados futuramente, mas no caso da Abril, não tenho notícia de fato semelhante.

Fica a pergunta: A Editora Abril lançou de fato o número 3 da revista **Flash Gordon**? E no caso afirmativo, por que não chegou às bancas regularmente e não existe hoje em oferta como os dois primeiros números?

QI 107 (jan/fev/2011)

BREVE LANÇAMENTO

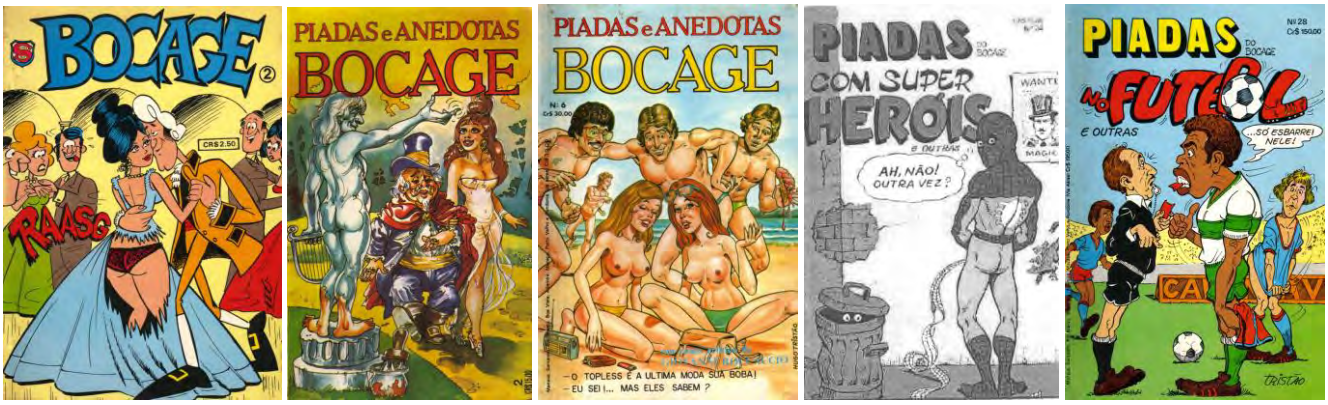
A Editora Marca de Fantasia lançará em breve, possivelmente em fevereiro, mais um álbum em quadrinhos com trabalho de minha autoria. Trata-se da compilação das HQs de *Mundo Feliz* publicadas nos números 50, 51, 53 a 65 do **QI** entre mai/jun/2001 e nov/dez de 2003. Este trabalho já estava programado para sair como álbum pelo selo EGO, mas como Henrique Magalhães demonstrou interesse em publicá-lo, sairá pela editora Marca de Fantasia, cujo trabalho de edição está acima da mais alta expectativa.

Como a capa da edição da Marca de Fantasia ainda não está disponível, coloco abaixo a ilustração que possivelmente será usada na capa. Mais notícias assim que a edição estiver pronta.

QI 107 (jan/fev/2011)

PIADAS E ANEDOTAS DO BOCAGE

Luigi Rocco enviou a capa do nº 24 da revista **Piadas do Bocage** da Editora Saber. Esse número trouxe HQs com sátiras aos super-heróis, produzidas por Hugo Tristão, autor mencionado aqui recentemente como um dos autores dos livros **Heróis de Verdade** e **Natureza em Quadrinhos**. Este título do Bocage é bastante confuso. Eu tenho o nº 2 de uma revista com o título **Bocage** na capa, editada pela Super-Plá, com boa parte do conteúdo produzido por Edu; aparentemente foi a primeira série. Segundo Worney, houve 3 números desta revista. De outra série, que parece posterior, com o título **Piadas e Anedotas Bocage**, tenho os nºs 2, 5 e 7, o primeiro pela Saber e os outros dois pela Super-Plá. A fórmula desses três números é a mesma, com capas de Jayme Corte e contendo trabalhos de Edu. Tenho, com o mesmo título, um nº 6, que não é dessa série, embora o logotipo seja o mesmo. A fórmula é diferente e, pelo preço, é de uma série posterior. O conteúdo é de cartuns genéricos e a capa já é de Hugo Tristão. A editora é novamente a Saber. Tenho ainda, com a mesma fórmula da capa enviada pelo Rocco, o nº 28, com cartuns e HQs de Hugo Tristão, com o tema Futebol. Como se vê, uma bagunça total.



QI 108 (mar/abr/2011)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Em 1976, a RGE – Rio Gráfica e Editora surpreendeu os leitores colocando nas bancas uma revista inusitada, tanto pelo gênero – o terror não era um gênero usual nas revistas desta editora – quanto pela qualidade do material publicado.

A revista, aqui chamada **Kripta**, trazia histórias produzidas pela editora norte-americana Warren, publicadas originalmente nas revistas **Creepy** e **Eerie**, principalmente. Esse material já pertencia à fase não inicial da editora, quando os autores espanhóis já estavam presentes e representavam o máximo em termos de argumento e arte. A revista fez sucesso suficiente para ter 60 números publicados, vários Almanaques, Superalmanaques, Edições Especiais, Edição de Luxo, uma irmã, **Shock**, que durou apenas 5 números, e uma mudança de título, para **3ª Geração**, com mais seis números (incluindo o nº 0). Tudo isso até meados de 1981, quando a RGE encerrou esta linha de revistas.

Neste período, um dos títulos lançados foi **Kripta Especial**, que teve um primeiro número em formatinho, em 1979, com histórias variadas. Em 1980, saiu um volume também chamado **Kripta Especial** no expediente e com o título **Vampirella**, em formato magazine, com o nº 1 na capa e o nº 2 na lombada. Ainda em 1980, foi anunciado outro número da revista, desta vez um especial com histórias de Edgar Allan Poe. Esta revista eu não encontrei nas bancas. Durante muito tempo procurei nas listas de venda de revistas e nunca a vi anunciada. Imaginei que não tivesse saído e já tinha desistido de procurá-la quando um conhecido me garantiu que ela existia. Voltei à busca e custou para que eu a visse anunciada. Consegui adquirir um primeiro exemplar, em mau estado, e depois outro em estado bom. Não sei o porquê desse especial de Poe ter se tornado um exemplar difícil na época, ainda mais que só trazia histórias que já tinham sido publicadas em **Kripta**.

Kripta Especial Edgar Allan Poe, **Fetiche** nº 1, **Dr. Corvus** nº 1, **Pânico** nº 1 e **As Seleções de Terror** nº 1

Na mesma época que a RGE publicava o material da Warren, resolveu lançar três revistas de terror com a chamada na capa **Kripta apresenta**. Os títulos foram **Fetiche**, **Dr. Corvus** e **Pânico**. O sobretítulo **Kripta apresenta** induzia o leitor a pensar que traziam material da Warren, mas foi só uma propaganda enganosa. Estas revistas traziam material da Charlton, que, apesar de alguns nomes conhecidos como Steve Ditko e Tom Sutton, era de qualidade bem inferior. Foram revistas em formatinho, inicialmente coloridas e depois em preto e branco. Os títulos saíram de janeiro a maio de 1979, os dois primeiros tiveram 5 números e o último apenas 4.

Logo depois dos últimos números das revistas chegarem às bancas, foi lançado o que pareceu um novo título, mesmo formato, mesmo tipo de material, mas com o dobro de páginas. A capa trazia o nome **As Seleções de Terror**, acompanhado do mesmo **Kripta apresenta**, e trazia também o nº 1. Um olhar um pouco mais atento, no entanto, mostrou que se tratava de um encalhe. Esta revista era a encadernação de duas revistas, sem as capas originais: **Fetiche** nº 6 e **Dr. Corvus** nº 6, ambas de junho de 1979.

Aí vem a questão: essas duas revistas chegaram a ser colocadas nas bancas com capas próprias? Na época eu acompanhava as bancas com assiduidade e, se existiram como revistas independentes, tiveram distribuição limitada. Mas o meu palpite é que os miolos dessas duas revistas já estavam impressos na RGE quando decidiram cancelar os três títulos. Em vez de lançar as duas revistas independentes para fechar as coleções, fizeram um encadernado só com os dois números. Um encalhe de inéditos, por assim dizer. Mas essa é apenas minha desconfiança, quem sabe a RGE não lançou mesmo essas duas revistas?

QI 108 (mar/abr/2011)

SHIMAMOTO E MAURÍCIO

Luigi Rocco enviou esta página, produzida por Shimamoto e distribuída por Maurício de Souza, na época em que tinha intenções de fazer uma distribuidora nos moldes do King Features, com um catálogo variado de autores. De acordo com as informações de Rocco, esta página foi distribuída regularmente durante cerca de 1 ano, e publicada uma vez por semana, na segunda-feira, na página de esportes da **Folha de S. Paulo**.

QI 108 (mar/abr/2011)

LANÇAMENTOS SÉRGIO LUIZ FRANQUE

Sérgio Luiz Franque faz mais três grandes lançamentos.

O primeiro é a revista **Tarzan** nº 8 de agosto de 2010, com a aventura „Tarzan e os Bárbaros", feita por Burne Hogarth para as pranchas dominicais nº 594 (julho de 1942) a nº 639 (julho de 1943). Capa colorida com Cristopher Lambert. A revista tem 52 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

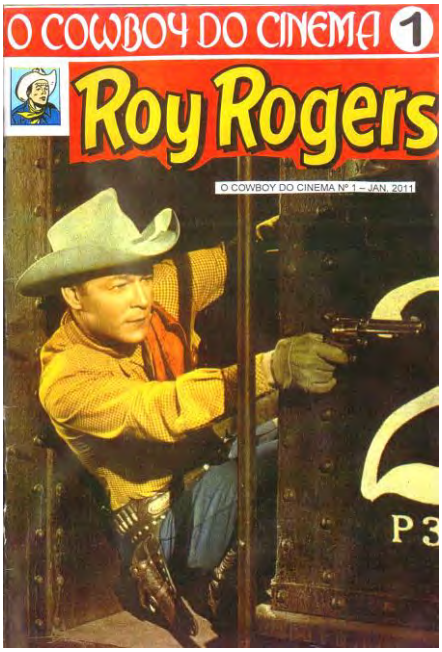
O segundo é nº 1 da revista **O Cowboy do Cinema**, de janeiro de 2011, estrelando Roy Rogers e Trigger, com as aventuras „Corrida contra o Perigo", „Derrubando Bezerros", „Uma Pista Despercebida" e „O Rodeio". A revista tem 40 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

O terceiro é o nº 1 da revista **O Cowboy Valente**, de janeiro de 2011, estrelando Ringo Kid, com 6 aventuras desenhadas por Joe Maneely e John Severin. A revista tem 40 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais. Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no Mercadolivre em "Almanaques Raros".



QI 108 (mar/abr/2011)

DIA DO QUADRINHO NACIONAL

No dia 5 de fevereiro foi comemorado o DIA DO QUADRINHO NACIONAL, com a entrega do 27º TROFÉU ANGELO AGOSTINI, no Espaço Cultural Instituto Cervantes, na Avenida Paulista, 2439, em São Paulo, realização da AQC – Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo.

Antes e durante o evento, no espaço em frente ao auditório, funcionaram bancas de venda de revistas e fanzines, montadas pela loja Comix e pelo Coletivo 4º Mundo.

As festividades começaram às 14h, com a presença de Marcelo Cassaro e Petra Leão, roteiristas da revista **Turma da Mônica Jovem**, falando sobre seus trabalhos, sob a condução de Worney.

Às 15h20m, Worney dá início à entrega dos prêmios, começando com uma exposição sobre as origens da comemoração do Dia do Quadrinho Nacional e do Prêmio Angelo Agostini. Na sequência, chama ao palco os produtores independentes presentes para falarem de seus trabalhos. Usaram a palavra: Cláudio, editor da Zarabatana; Gil Mendes, criador e editor de **Lorde Kramus**; Francisco Ucha, editor do **Jornal da ABI**; Eloyr Pacheco, criador e editor de **Escorpião de Prata**; Paulo dos Anjos, criador e editor de **Benjamin Peppe**; Daniel Esteves, criador e editor de **Nanquim Descartável**; e Bira Dantas que falou sobre contatos com editores coreanos.

A chamada dos premiados começou com a apresentação de um vídeo de agradecimento de Hélcio Rogério, Marcos Franco e Marcelo Lima, autores do álbum **Lucas da Feira de Sant'Ana**, vencedores em várias categorias e que não puderam estar presentes. Hélcio Rogério foi o ganhador na categoria *Melhor Desenhista* e foi representado por Gil Mendes que recebeu o troféu da mão de Renato Lebeau, do sítio **ImpulsoHQ**; Marcos Franco foi o ganhador na categoria *Melhor Roteirista* e foi representado por Will que recebeu o troféu de José Salles, da Editora Júpiter II; o álbum **Lucas da Feira de Sant'Ana** ganhou na categoria *Melhor Lançamento Independente* e o troféu foi entregue por Paulo Ramos a Will.

Na categoria *Melhor Cartunista*, Márcio Baraldi recebeu o troféu das mãos de Fernando Santos.

Na categoria *Melhor Lançamento*, Danilo Beiruth recebeu o troféu de Edson Perlicer, pelo álbum **Bando de Dois** publicado pela Editora Zarabatana.

Deddy Edson, fã número 1 do Fantasma, entregou o troféu da categoria *Melhor Fanzine* a Edgard Guimarães, pelo fanzine **QI**.

O Troféu *Jayme Cortez*, de incentivo aos quadrinhos brasileiros, foi entregue por Fábio a José Salles, por seu trabalho com a Editora Júpiter II.

Finalmente foram entregues as medalhas aos *Mestres do Quadrinho Nacional*. Dag Lemos recebeu sua medalha de Antonio Armando Amaro; Bira Dantas entregou a medalha a Eduardo Vetillo; Eloir C. Nickel foi representado por Eloyr Pacheco que recebeu a medalha de Worney; Franco de Rosa representou Elmano Silva, recebendo a medalha de Jorge Rodrigues; e Franco de Rosa entregou a medalha a Novaes.

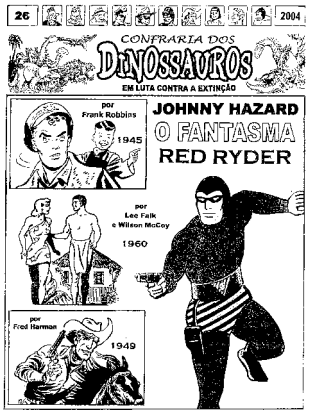
Worney fez o encerramento da cerimônia e os presentes puderam continuar conversando, fazendo contatos, trocando ideias, fazendo intercâmbio, enfim. O auditório estava lotado e entre os presentes, além dos já citados, estavam Júlio Magalhães, Luigi Rocco, Márcio Sno, Gazy Andraus, Primaggio Mantovi, Paulo Yokota, Salvador, Fausto, Vasqs, entre outros.

Também fez parte do evento a exposição *Angelo Agostini invade o Instituto Cervantes*, organizada por Bira Dantas, com caricaturas de Agostini feitas por dezenas de autores; seção de autógrafos de Danilo Beiruth; e a criação de uma HQ interativa num mural, cada autor dando continuidade à história feita pelos antecessores.

QI 108 (mar/abr/2011)

CONFRARIA DOS DINOSSAUROS

Depois de ter lançado, em fac-símile, os 79 números da revista **Biriba**, publicada pela Rio Gráfica em 1948 e 1949, em formato próximo ao tabloide original, Oscar Kern, em parceria com Valdir Dâmaso, resolveu publicar os finais das histórias que ficaram incompletas no **Biriba**. Assim, surgiu, em dezembro de 2000, o que deveria ser o nº 80 de **Biriba**, trazendo o final da história de Dick Tracy. A edição acabou saindo com o nome **Confraria dos Dinossauros**, a partir do número 1. Os números seguintes trouxeram os finais das histórias de Johnny Hazard, Tarzan etc. Passou a trazer também outras histórias consideradas importantes até o nº 26, quando parou de ser editada.



Muitos dos leitores que começaram a acompanhar o **Confraria dos Dinossauros**, no entanto, não conheciam o **Biriba** original nem os fac-símiles do Kern. Por isso, não tinham lido os começos das aventuras que o **Confraria** estava publicando. Kern e Dâmaso resolveram então publicar os começos dessas histórias em edições especiais, que deveriam ser anteriores ao nº 1. Assim, o primeiro número extra recebeu a numeração 0-1 (zero menos um), em maio de 2001, com os inícios das histórias de Dick Tracy e Johnny Hazard. Saíram mais três edições extras, até o nº 0-4.

Nem todas as histórias deixadas incompletas pelo **Biriba** original foram completadas pelo **Confraria**, apenas as dos principais personagens. Outros heróis menos conhecidos, como Vic Flint, Leo Carter, Don Winslow, provavelmente não tiveram suas aventuras localizadas pela Confraria. Como são personagens menos conhecidos, não tiveram republicações em seu país de origem, sendo, portanto, muito difícil conseguir cópias de suas aventuras.

Por outro lado, o **Confraria** publicou muita coisa interessante, como o Flash Gordon de Mac Raboy, o Casey Ruggles de Warren Tufts, o Tarzan de Burne Hogarth e Bob Lubbers, trabalhos de Wilhelm Busch, além de várias aventuras importantes de Fantasma, Red Ryder, Steve Canyon, Little Orphan Annie, Brucutu, Sir Tereré, O Sombra, Super-Homem, Buz Sawyer e tantos outros.

QI 108 (mar/abr/2011)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

No começo da década de 1970, uma nova editora denominada Grupo de Editores Associados (GEA) iniciou as atividades publicando revistas de HQs dos mais variados tipos. Aparentemente os dois primeiros lançamentos foram as coleções **Clássicos Juvenis** e **Grandes Aventuras Juvenis**, mas quase simultaneamente foram lançadas quase duas dezenas de títulos.

A grande maioria das revistas tinha formato americano com 28 a 36 páginas, algumas coloridas e outras em preto e branco. Algumas saíram com papel de melhor qualidade mas a maioria usou o papel jornal. Nenhuma passou de 6 números.

Clássicos Juvenis e **Grandes Aventuras Juvenis** trouxeram adaptações literárias e histórias de aventuras de boa qualidade, com impressão colorida em papel bom. A primeira coleção, segundo anúncio da 4ª capa, pretendia publicar 28 histórias, mas saíram apenas 5. A segunda coleção teve 6 números publicados (os nºs ímpares com O Corsário de Ferro e os pares com O Xerife King), embora prometesse 22 números. Este material era distribuído pela APLA.

A segunda fonte de material utilizada pela GEA foi a Marvel. Dessa editora lançou 6 títulos, todos no formato americano e coloridos. Os títulos foram **Quarteto Fantástico** com 3 números; **Homem de Ferro** com 3 números; **Defensor Destemido** com 3 números; **O Poderoso Thor** com 2 números; **Príncipe Submarino** com 2 números; e **O Incrível Hulk** com 1 número. Há uma "notícia" de que saíram o nº 4 de **Defensor Destemido** e o nº 2 de **O Incrível Hulk**, mas é provável que não seja verdade, pois estes números não aparecem em oferta e nem ao menos suas capas são conhecidas.

A terceira fonte de material utilizada pela GEA foi o King Features com séries clássicas de humor e aventura e séries atuais (na época). Os títulos lançados foram: **Jim das Selvas** com 5 números; **Cisco Kid** com 5 números; **Bronco Piler** com 4 números; **Príncipe Valente** com 4 números; **Capitão Carmen** com 4 números; **Betty Boop** com 4 números; **Pafúncio e Marocas** com 5 números; **Pinduca** com 2 números; **Versus** com 5 números; e **Arca de Noé** com 5 números. Todas em formato americano e em preto e branco, com exceção de **Príncipe Valente** que saiu colorido a partir do 2º número.

Curiosamente as revistas da Marvel anunciaram mais dois títulos da King, a revista **Brick Bradford** e o primeiro álbum de Flash Gordon, com 148 páginas e formato maior. Provavelmente estes títulos não foram publicados.

A GEA lançou também uma coleção de histórias infantis quadrinhizadas intitulada **Clássicos Infantis**, em preto e branco, com 20 páginas, formato horizontal um pouco maior que o americano. Histórias muito bem desenhadas, cuja procedência não foi informada. Esta coleção consta como tendo 6 números, no entanto não tenho certeza se o sexto número foi publicado.

A GEA também anunciou uma coleção de livros infantis chamada **Coleção Bis**, composta de 8 volumes, mas não sei se foi publicada. As revistas da GEA traziam em abundância anúncios de suas outras publicações, mas infelizmente eram anúncios genéricos, e sempre os mesmos, portanto, não trazem informações sobre quais revistas foram realmente publicadas.

P.S.: Consegui posteriormente o nº 7 de **Clássicos Infantis**, com anúncio na 4ª capa de que a coleção iria até o nº 12.

QI 109 (mai/jun/2011)

QUADRINHISTA NA ACADEMIA

O jornal **O Estado de S. Paulo** de 15 de maio de 2011 trouxe a notícia de que, no dia 12, o quadrinhista Maurício de Souza tornou-se imortal da APL – Academia Paulista de Letras. Tomou posse da cadeira nº 24, antes ocupada pelo poeta e jurista Geraldo de Camargo Vidigal. E salientou: "Com isso, Maurício se torna o primeiro quadrinhista do mundo a integrar uma academia de letras".

Nunca gostei de "primeiro", "maior", "melhor" ou coisa do tipo. Ter tido o mérito ou ter feito algo bom me parece o bastante. Mas isso não vem ao caso, o que quero comentar apenas é que pertenço à Academia Brazopolense de Letras e História – ABLH desde 2002, tendo ocupado a Presidência entre 2008 e 2010.

Longe de mim querer comparar a ABLH à APL, ou, audácia, me comparar ao Maurício de Souza, eu que nem quadrinhista direito sou, mas é bom que se faça o registro.

QI 109 (mai/jun/2011)

QUADRINHOS MUDOS

Depoimento sobre Histórias em Quadrinhos sem palavras dado a Franco de Rosa para uma possível edição temática.

A produção de Histórias em Quadrinhos (incluindo os cartuns e as charges) sem o uso de textos remonta às origens desta forma de expressão. As primeiras HQs na forma de pinturas rupestres surgiram há mais de 40 mil anos, sendo que a escrita só foi desenvolvida há cerca de 6 mil anos. Mesmo depois da escrita já estar estabelecida, raramente foi incorporada aos desenhos ao longo de milhares de anos. Somente por volta de 1700 é que começaram a aparecer com mais frequência Histórias em Quadrinhos incorporando textos escritos, seja na forma de balões primitivos ou legendas. Ou seja, até então os quadrinhos eram mudos.

Com a modernização da linguagem dos quadrinhos, alguns autores optaram por produzirem trabalhos sem textos. Além dos famosos Reizinho e Pinduca, cabe destacar a série *Pai e Filho*, que chegou a ter um álbum publicado no Brasil na década de 1950. Mas a grande incidência de quadrinhos mudos sempre foi nas revistinhas de piadas, com cartuns mudos normalmente com a redundante legenda SEM PALAVRAS.

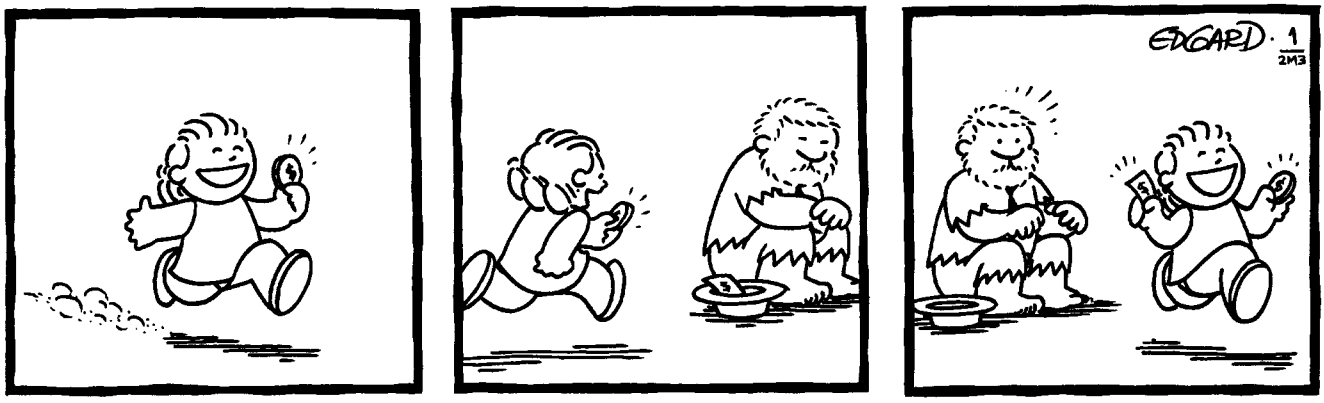
A grande vantagem do trabalho mudo é a universalidade em relação à língua escrita. Um quadrinho mudo, em princípio, pode ser lido em qualquer parte do mundo. Não é bem assim, pois o entendimento depende também da base cultural de cada povo, mas esta é uma restrição bem menos severa do que a barreira da língua. Então um quadrinho sem texto, que faça uso de temas universais pode ser lido em qualquer lugar.

A principal desvantagem é que a carga de informação a ser veiculada numa História em Quadrinhos fica bem reduzida quando se abre mão dos textos escritos dos diálogos ou das legendas. Se a intenção de uma forma de expressão é representar uma realidade, ao eliminar os textos, a História em Quadrinhos está deixando de representar todo o aspecto sonoro da realidade. A consequência imediata disso é que é preciso saber que tipo de história pode ser feito com ausência de textos. Há uma história de Ken Parker que mostra isso claramente. Ele está isolado nas montanhas, não tem com quem conversar, e toda sua ação pode ser mostrada apenas com imagens. A história não perde com a eliminação do texto.

Sempre tive simpatia pelas Histórias em Quadrinhos mudas e em 1997 organizei uma antologia somente com quadrinhos mudos. Resultou numa revista de 72 páginas com dezenas de colaboradores, e que ficou conhecida pelo nome **PSIU MUDO**. A proposta foi um pouco mais radical. Não poderia haver nenhum símbolo gráfico que pudesse ser lido (e, portanto, transformado em som). Então, o logotipo da revista foi visual, o editorial foi uma HQ muda, não houve expediente e até a numeração das páginas usou uma codificação pictórica.

Há uma editora independente americana que tem organizado regularmente edições de quadrinhos mudos, um projeto chamado Word Less, aceitando colaborações de todo o mundo, justamente com a ideia de fazer um trabalho universal.

Mais recentemente, criei uma série de tiras chamada *Clara e Gorô* onde não utilizei nem legendas nem falas, mas permiti onomatopeias. Mas aí a motivação foi outra. É que o tamanho das tiras atualmente está tão reduzido, que não achei jeito de fazer os balões caberem dentro dos quadrinhos.



QI 109 (mai/jun/2011)

LANÇAMENTOS SÉRGIO LUIZ FRANQUE

Sérgio Luiz Franque faz mais três grandes lançamentos.

O primeiro é o **Almanaque 1958 do Cavaleiro Solitário** com as aventuras „Nasce um Herói‟, „Garras e Dentes‟, „A Cidade Fantasma‟, „O Refém‟, „Vence a Luta‟, „O Forasteiro‟, „Em Defesa do Forasteiro‟, desenhadas por Doug Wildey, „Desafio à Bala‟, „O Fim da Quadrilha‟, „Enigma do Rancho‟, „Chamas de Violência‟, „As Aparências Enganam‟, „Chuva de Balas‟, „Luta Decisiva‟, e 4 HQs sem título. O almanaque tem 104 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 60,00**.

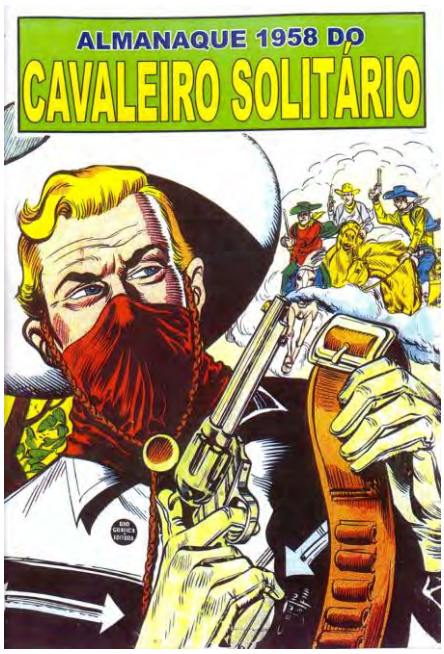
O segundo é o nº 2 da revista **O Cowboy do Cinema**, de fevereiro de 2011, estrelando Durango Kid, com as aventuras „Tumulto nas Eleições‟, „Truque de Bandidos?‟, „Novo Encontro‟, „Império da Violência‟ e „Terror na Floresta‟. A revista tem 40 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

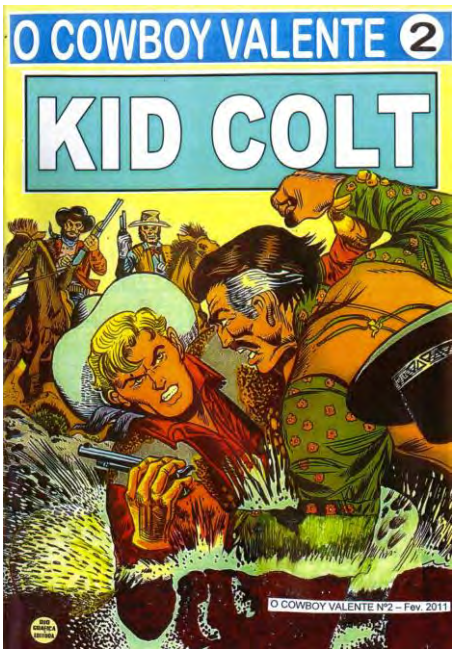
O terceiro é o nº 2 da revista **O Cowboy Valente**, de fevereiro de 2011, estrelando Kid Colt, com 6 aventuras desenhadas por Jack Keller, e ilustrações de Sérgio Franque. A revista tem 40 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais. Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no Mercadolivre em “Almanaques Raros”.



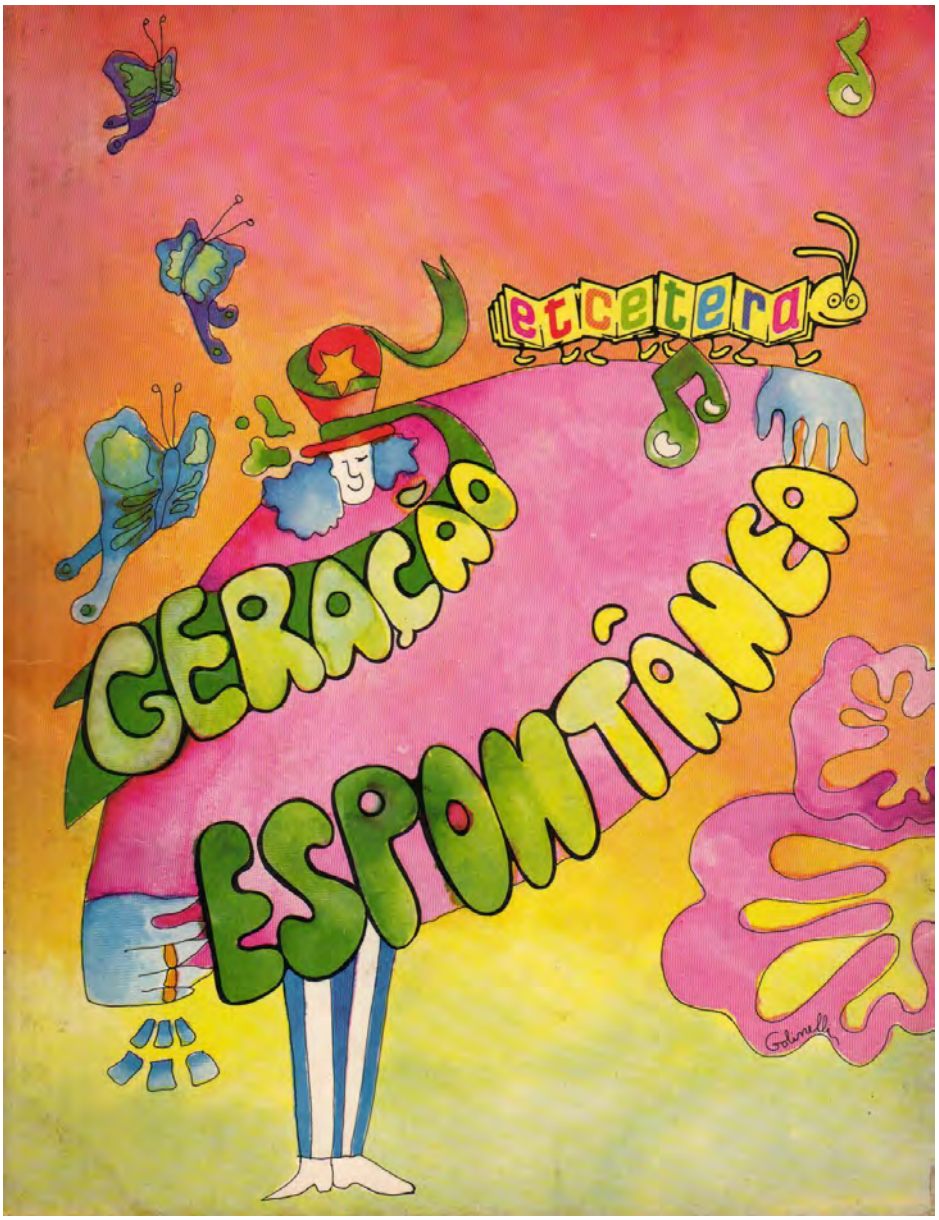


QI 109 (mai/jun/2011)

GERAÇÃO ESPONTÂNEA

A editora Etcetera foi uma editora que se aventurou pelas publicações de quadrinhos e, embora com vida curta, produziu várias edições interessantes. Talvez a publicação mais conhecida dessa editora seja a revista **Perry**, quadrinização de ótima qualidade do personagem Perry Rhodan, que teve apenas dois números. Publicou algumas revistas em formatinho com personagens pouco conhecidos como Zé Robô, Robie e Tortax, todas com, salvo engano, apenas 1 número. Também lançou uma coleção de álbuns, onde o mais interessante foi o de Tortax, um personagem muito bom que merecia melhor sorte. Os outros títulos foram **Mágico de Oz**, **Guliver** e **Popeye**.

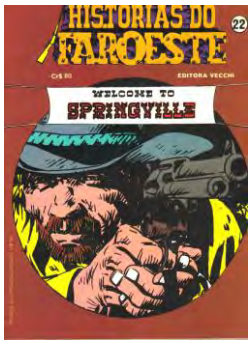
Nesta coleção de álbuns, descobri recentemente outra edição que foi lançada, intitulada **Geração Espontânea**. Uma edição muito interessante, reunindo HQs de jovens autores brasileiros, voltadas ao público infantil, com um trabalho moderno e criativo. As HQs de Hilda Maria Ferreira de Almeida, Maria Christina Martins Mendes, José Américo Golinelli, Angela Moura, Mauro José Rodrigues, Maluh Marinho e Patrícia Gwinner receberam um ótimo tratamento editorial e gráfico, que valorizou seus traços pessoais, seus trabalhos autorais, bem diferentes da mesmice das revistas destinadas às crianças. Uma bela surpresa que não vingou.

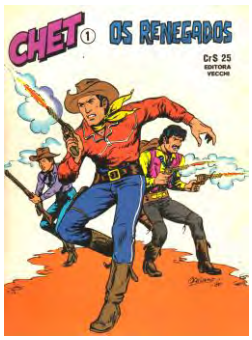


QI 109 (mai/jun/2011)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Existe uma questão envolvendo a produção de revistas que merece alguns comentários. Quando uma editora, como é o caso da maior parte das grandes editoras no Brasil, decide produzir uma revista, vai procurar algum material pronto em algum canto do planeta, em vez de tentar produzir o material por aqui. Por várias razões, como já foi muito discutido. A principal é o suposto custo mais baixo do material estrangeiro. Outra razão é a suposta melhor qualidade do material importado. Ou ainda o suposto maior potencial de venda... toda essa conversa que todo mundo conhece. Se a editora quer publicar uma revista do Homem-Aranha, que tente adquirir os direitos de publicação do personagem e produza a revista contendo histórias do herói aracnídeo. Parece lógico. Também não parece absurdo, pelo contrário, no Brasil sempre foi prática comum, que a revista traga histórias de outros heróis... da Marvel. Não parece que a Marvel imponha alguma restrição quanto a quais de seus personagens poderão entrar em cada revista publicada por editoras de outros países. Mas será que a Panini, que detém direitos de publicação de Marvel e DC no Brasil, poderia lançar uma revista contendo histórias de heróis dessas duas editoras? Não posso afirmar, mas imagino que não. É possível que os contratos de cessão de direitos tenham cláusulas que proíbam esse tipo de coisa.





No entanto, revistas com personagens variados, com direitos pertencentes a pessoas e agências variadas, são coisa bastante comum no mundo. Só para ficar no Brasil, duas das mais importantes revistas de quadrinhos brasileiras tinham esta fórmula. A revista **Gibi Semanal**, lançada em meados da década de 1970 pela RGE, reunia personagens pertencentes ao King Features Syndicate (Nick Holmes, Brick Bradford, Fantasma, Flash Gordon, X-9, Recruta Zero, Popeye), United Features Syndicate (Tarzan, Peanuts), New York News (Ferdinando, Bronco Bill), NEA (Brucutu), Field Enterprises (Steve Canyon, Missão: Perigo, Steve Roper), The Chicago Tribune (Dick Tracy), McNaught Syndicate (Bronco Piler), entre outras agências norte-americanas, além de séries européias de vários países, nem sempre especificando os detentores dos direitos: Espanha (Miopinho), França e Bélgica (Iznogud, Lucky Luke, Taka Takata), Itália (O Mestre, Os Aristocratas, Nick Carter), Inglaterra (Os Panteras). Na mesma época, a editora Vecchi lançou **Eureka**, também com séries de várias procedências: King Features Syndicate (Pafúncio, Versus, Pinduca, Cisco Kid), The Chicago Tribune (Os Bichos, Brumilda), McNaught Syndicate (Betty), New York News (Bronco Bill), NEA (Sargento Stripes), Field Enterprises (Steve Canyon, Manhê), Strip Art Features (Herlock Sholmes), Dargaud (Sturmtrupper), London Express (Tommy, Jeff Hawke), Selecciones Ilustradas (Um Homem, Um Cão, Bang Bang Sam). A mesma editora Vecchi lançou em dezembro de 1979 a revista **Histórias do Faroeste** com séries de fontes variadas, sem informar os proprietários. Além de cowboys norte-americanos dos comic books, trouxe tiras do King Features (Cisco Kid, Rei da Polícia Montada) e do McNaught Syndicate (Red Ryder), tiras inglesas (Gunsmoke, Wes Slade), séries argentinas (O Cobra, Louco Sexton), italianas (Welcome to Springville, O Homem de Richmond), franco-belga (Ringo), além de séries de faroeste e HQs avulsas produzidas no Brasil.

No nº 22, de setembro de 1981, os editores resolveram colocar na revista a primeira aventura de Tex, chamada *O Totem Misterioso*. O personagem Tex já tinha revista própria pela Vecchi, certamente o título de maior sucesso da editora. O motivo para incluir uma história de Tex em **Histórias do Faroeste** pode ter sido uma jogada para alavancar as vendas da revista com um personagem de sucesso, mas também pode ter sido simplesmente para fazer o registro de uma história já fora da cronologia de um personagem importante, como a revista já havia feito com outros personagens. O fato é que os editores produziram o nº 22 de **Histórias do Faroeste** trazendo, além da primeira aventura de Tex, uma história de Louco Sexton, uma de Welcome to Springville e uma produção nacional com o herói Slade Juarez. O que se conta é que esta revista foi impressa, mas não foi distribuída. Aparentemente a Bonelli proibiu que a revista fosse lançada contendo a história de Tex. Parece que a Bonelli não permite que Tex seja publicado em revistas que tenham outros personagens não bonellianos. A Vecchi teve que destruir toda a tiragem dessa revista e produzir outra revista no lugar. Assim, o que chegou às bancas com o nº 22 tinha, além das histórias de Louco Sexton, Welcome to Springville e Slade Juarez, uma história intitulada *Um Almofadinha Perigoso*, proveniente dos comic books norte-americanos, e uma história maior com o personagem Bill Allen, produção brasileira de Renato Sbrissa. Curiosamente, este autor produzia aventuras bem no estilo do faroeste italiano da década de 1950, cujos expoentes são Tex, Pequeno Ranger, entre outros. Toda a tiragem do **Histórias do Faroeste** com Tex foi destruída? Não, alguns exemplares escaparam e aparecem à venda, de vez em quando, a preços exorbitantes. Aparentemente, cortesia do Ota.

Essa tentativa de usar um personagem famoso para promover uma publicação teve um antecedente na própria Vecchi, com melhores resultados. No caso, a revista de Ken Parker, que já estava estabelecida, foi usada para apresentar um novo personagem. O nº 8 de **Ken Parker**, de junho de 1979, trouxe o primeiro capítulo da história de Chet, personagem brasileiro criado por Wilde e Watson Portela. Os números seguintes trouxeram novos capítulos e a boa aceitação do herói lhe garantiu revista própria, lançada em maio de 1980. Uma ótima estratégia, também cortesia do Ota, que poderia e deveria ser usada mais vezes, no entanto, tendo de contar com a benevolência dos detentores dos direitos dos personagens conhecidos.

QI 110 (jul/ago/2011)

LANÇAMENTOS SÉRGIO LUIZ FRANQUE

Sérgio Luiz Franque faz mais quatro grandes lançamentos.

O primeiro é o **Almanaque do Ringo Kid 1957** com 17 aventuras de Ringo Kid, com 5 ou 6 páginas cada, desenhadas por Joe Maneely e John Severin, algumas com os títulos „Cilada", „O Segredo de Ra-Mal", „Código de Honra", „Dupla Emboscada" e „Traição à Vista". O almanaque tem 104 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 60,00**.

O segundo é o nº 3 da revista **O Cowboy do Cinema**, de março de 2011, estrelando Rex Allen, com as aventuras „O Ardil dos Malfeitores", „O Fim da Linha", „Busca Desesperada", os textos „Cavalos do Oeste", „Laçando em Dupla" e „Rex Allen" e ilustração de Sérgio Franque. A revista tem 40 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

O terceiro é o nº 3 da revista **O Cowboy Valente**, de março de 2011, estrelando Cavaleiro Negro, com as aventuras „Homem da Lei de Yuma", „O Refém", „Sinal de Emboscada", „A Volta do Aranha", „Comprando Barulho" e mais uma sem título. A revista tem 40 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

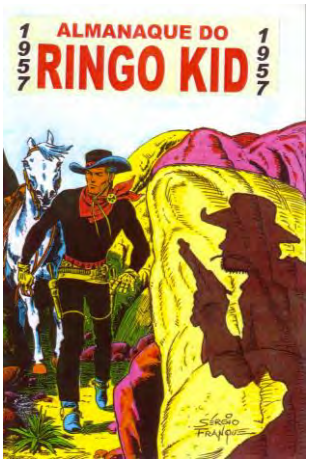
O quarto é o nº 9 de **Tarzan**, de setembro de 2010, com as aventuras „Defende as Muralhas de Cathne" de Jesse Marsh, „Tarzan e os Bárbaros" de Burne Hogarth, o conto „A Batalha de Teeka" de Edgar Rice Burroughs e ilustrações de Sérgio Franque. A revista tem 52 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

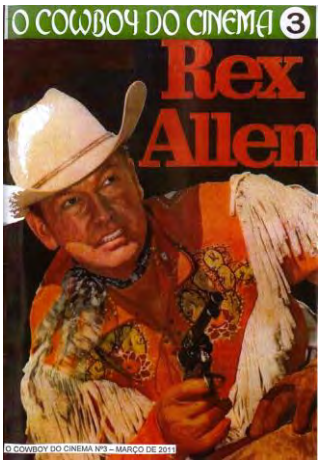
As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais. Os pedidos podem ser feitos para:

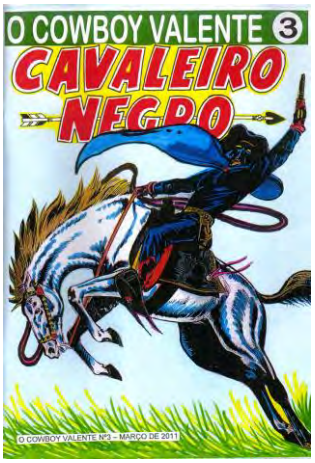
Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

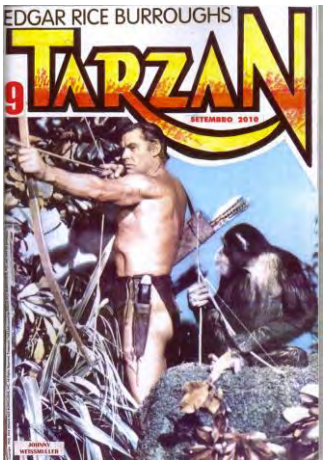
Outras informações no Mercadolivre em "Almanaques Raros".

Promoção Especial para os leitores do **QI** (válida até o próximo número): R$ 250,00 na compra de 5 Almanaques (R$ 50,00 cada); R$ 400,00 na compra de 10 Almanaques (R$ 40,00 cada); R$ 125,00 na compra de 5 Revistas (R$ 25,00 cada); R$ 200,00 na compra de 10 Revistas (R$ 20,00 cada). Em qualquer caso, sem despesa postal.









QI 110 (jul/ago/2011)

LIVRO ESCRITORES DE BRAZÓPOLIS

Embora o assunto não seja História em Quadrinhos, falarei em seguida de um livro que estou lançando.

Após três anos de trabalho, ficou pronto o livro **Escritores de Brazópolis**, de autoria de Edgard Guimarães e Isa de Faria Guimarães.

O objetivo do livro é fazer o registro dos Escritores que atuaram ou atuam em Brazópolis.

A parte principal do livro é um conjunto de biografias de 158 Escritores de Brazópolis, incluindo fotos e amostras de seus trabalhos. Outra parte do livro traz uma lista de todos os Escritores que publicaram na imprensa de Brazópolis com a relação dos títulos de todos os seus textos escritos.

Além disso, o livro contém outras partes com estudos sobre obras ou Escritores de destaque, uma pequena antologia de autores de Brazópolis e alguns artigos complementares.

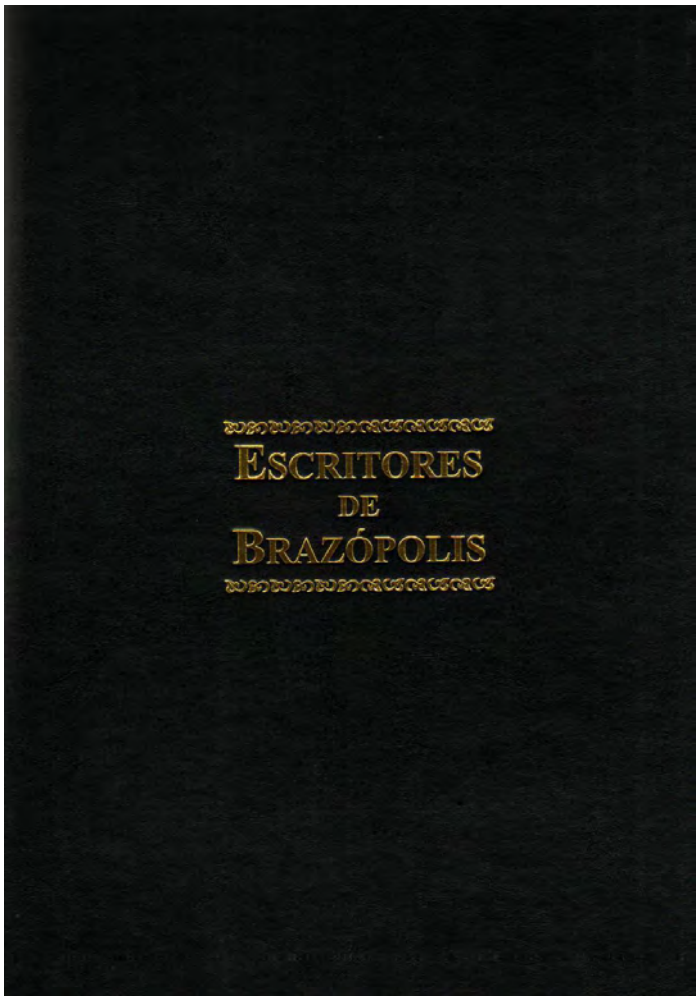
Durante o mês de julho, o livro foi oferecido a quem tivesse interesse. Após esse período não foi mais possível encomendar o livro. Sua impressão foi feita sob encomenda, ou seja, foi impresso somente o número de exemplares adquiridos antecipadamente.

Haverá em outubro, em data a ser marcada, uma cerimônia de lançamento para entrega dos exemplares encomendados.

O livro tem 884 páginas no formato A4, foi impresso em copiadora digital e está sendo encadernado manualmente com capa dura e gravação em dourado.

O preço do livro foi R$ 120,00, para quem vai retirá-lo em Brazópolis, e R$ 140,00, para quem quis que fosse enviado pelo correio.

Acrescentei no livro algumas ilustrações minhas, de locais da cidade, desenhos que eu já tinha, feitos para outras finalidades, e outros feitos especialmente para o livro. Um dos desenhos que fiz, aproveitei na capa do **QI** 108.



QI 110 (jul/ago/2011)

METALINGUAGEM?

De modo geral eu não gosto do uso de Metalinguagem em histórias "sérias". Entende-se por "séria" a história onde o autor tenta criar um universo coerente e espera que o leitor compartilhe desse universo. Portanto, uma vez que o leitor entre no universo ficcional, em nenhum momento ele deve ser lembrado de que aquilo é uma ficção. Por isso, o recurso da Metalinguagem deve ser evitado a todo custo, sob pena de quebrar a cumplicidade estabelecida com o leitor.

No entanto, na revista **Sociedade da Justiça** nº 2, editada pela Panini recentemente, o autor Bill Willingham conseguiu usar de Metalinguagem de uma maneira tão sutil que sou obrigado a tirar o chapéu. A conversa entre os personagens Poderosa e Manto Negro pode ser vista como uma conversa normal entre duas pessoas, mas se o leitor prestar atenção, também pode ser uma crítica metalinguística aos roteiristas de comics de super-heróis, em sua ânsia de fazer uma saga mais inusitada que a outra, não poupando personagens, históricos ou conceitos, matando, mutilando e degenerando o que estiver pela frente. Veja a seguir a página, onde se dá o desfecho da conversa. E o senso de humor ao chamar esse bando de roteiristas de "panteão dessas criaturas".

QI 110 (jul/ago/2011)

O MENUDO DE COLONNESE

Recentemente, Wagner Augusto me enviou um pacote de recortes, edições, textos etc, no qual há muita coisa interessante. Na medida do possível, apresentarei aqui algumas dessas coisas.

Um dos destaques deste material é um dossiê sobre Eugênio Colonnese, com uma biografia escrita por Wagner Augusto e dezenas de textos fazendo menção ao quadrinhista.

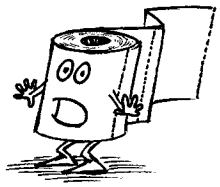
Um desses textos refere-se a uma revista lançada pela Divisão Infanto-Juvenil da Editora Abril em 1984 aproveitando a onda do grupo musical Menudo. A revista se chamou **Uma Aventura do Menudo no Brasil**, editada por Wagner Augusto, sob direção de Ruy Perotti. O destaque dessa revista é uma HQ de 14 páginas protagonizada pelo grupo, desenhada por Eugenio Colonnese com roteiro de Gerson Teixeira.

O tema dessa história era o rapto de Ricky, assim que o avião com o grupo chega ao aeroporto no Brasil. O roteiro, embora escrito por um autor conhecido, devia ser o tipo de história de interesse apenas dos fãs do grupo. O desenho de Colonnese, no entanto, é sempre um show.

O lançamento do nº 1 da revista, com tiragem de 80 mil exemplares, foi tema de reportagem na revista **Contigo!** e pretendia ser mensal. Não sei se saíram outros números.

QI 110 (jul/ago/2011)

EU JÁ FUI UM LIVRO SOBRE TIGRES...



Vi anunciado um livro com o título **Eu Já Fui um Gibi... Mas Agora Sou um Livro sobre Tigres**, não resisti e comprei. O livro orgulha-se de ser todo impresso em papel reciclado e de não ter plastificação na capa. Não fazem menção se a tinta usada na impressão tem alguma propriedade ecológica.

O livro tem aspectos bem interessantes. Cada página dupla é ocupada por dois tipos distintos de informação. A maior parte do espaço é dedicada aos tigres (onde vivem, seu habitat, os filhotes, curiosidade e, claro, a ameaça de extinção). Do lado direito, numa coluna vertical é contada uma história (dois quadrinhos por página) sobre a impressão de um gibi, a distribuição, o descarte, a reciclagem do papel, a produção de papel reciclado, até, finalmente, a impressão de um livro sobre tigres. O ponto de interesse aqui é que o papel original usado para reciclagem foi justamente o papel usado para fazer um gibi. O gibi é que é a produção impressa descartável, que se compra para a criança, que o lê e depois o joga no lixo (no lixo apropriado, bem entendido). Nem se cogita no gibi como um produto cultural a ser preservado, guardado, colecionado. Aliás, esses colecionadores devem ser bem ecologicamente incorretos, ficam guardando gibis que deviam ser reciclados, que audácia desses caras, quem eles pensam que são!

Nada contra a reciclagem, apenas preferia que tivessem usado como exemplo, em vez dos gibis, as revistas **Caras**, **Tititi**, **Contigo** etc.

Mas o velho preconceito é difícil de desarraigar.

QI 110 (jul/ago/2011)

THE BEST OF PUNCH CARTOONS

Ganhei um livro com este título, **The Best of Punch Cartoons**, um volume de mais de 600 páginas repleto de milhares de cartuns da famosa revista inglesa **Punch**, criada em 1841 e, pelo que entendi, existente até hoje. Uma infinidade de trabalhos espetaculares, mas não resisti ao charme desse aí embaixo.

QI 110 (jul/ago/2011)

HERÓIS DA CAPA

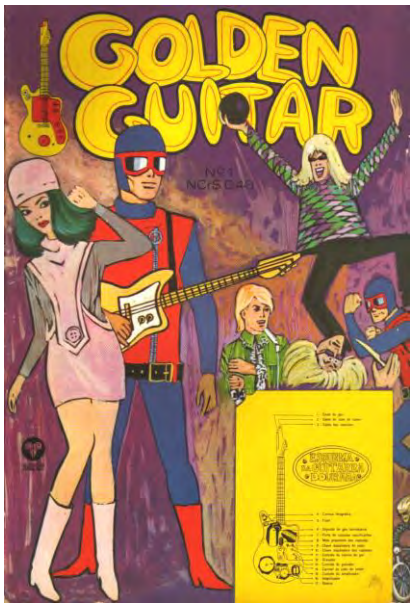
A capa deste **QI** é uma ilustração de Lancelott com 4 heróis brasileiros. Lancelott mantém o blog http://www.hqquadrinhos.blogspot.com, onde, além de outras coisas relacionadas a HQB, oferece um Catálogo de Heróis Brasileiros com fichas de mais de uma centena de personagens. Nessas fichas há informações sobre os personagens além de ilustrações dos heróis feitas pelo próprio Lancelott.

A seguir, informações sobre os 4 heróis da capa, retiradas das fichas feitas por Lancelott e completadas com dados do **Fã-Zine – Heróis Nacionais** de José Eduardo Cimó.

CAPITÃO 7 – Um dos primeiros super-heróis brasileiros. Estreou em 24 de outubro de 1954 pela TV Record, Canal 7, daí seu nome. Foi uma criação de Rubem Biáfora. Em 1959 foi adaptado por Jayme Cortez para os quadrinhos. A editora Continental lançou o primeiro número da revista **Capitão 7** com desenhos de Júlio Shimamoto. A revista durou até 1964. Na TV foi exibido durante 12 anos, interpretado por Ayres Campos, que tinha os direitos sobre o herói.

Outros desenhistas como Getúlio Delphin, Juarez Odilon, Osvaldo Talo e Sérgio Lima trabalharam com o personagem. Os textos eram de Hélio Porto, Gedeone Malagola e Helena Fonseca.

METEORO – Criado em 1987 por Roberto Guedes e publicado pela primeira vez em 1992. Em fevereiro de 1997 sua origem é reformulada, em março de 2000 ganhou novo uniforme. Roberto Guedes, um fanzineiro declarado, participou ativamente na produção de quadrinhos independentes de super-heróis, lançando vários títulos, personagens e até mesmo novos desenhistas desde 1988.



GOLDEN GUITAR – Em 1967, a Editora Grauna lançou este herói criado por Rivaldo Macedo e A. Torres. Este personagem foi produto da onda do ie-ie-ié, música da "jovem guarda" da época. Sua publicação teve apenas quatro números. A arte de Apa (José Aparecido da Silva) e Rubem Cordeiro também apresentava uma tendência pop.

O herói não possuía superpoderes e sim uma guitarra dourada cheia de recursos técnicos, uma versão do cinto de utilidades do Batman. A história do último número da revista foi roteirizada por Luscar.

FANTASTIC MAN – Outro herói brasileiro, apesar do nome estrangeiro. Criado por Tony Fernandes em 1976, suas aventuras tinham uma pitada de erotismo. Foi publicado inicialmente na revista **Jogos & Diversões** da Editora Noblet, com o nome de Homem Formiga. Em 1982, saiu pela Editora Evictor, já com o nome Fantastic man. Teve também revista pela ETF.

O herói tem uma parceira chamada Ápia e são do planeta Vulcano. Possuem vários poderes, entre eles telepatia, descargas elétricas e capacidade de voar.

QI 111 (set/out/2011)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

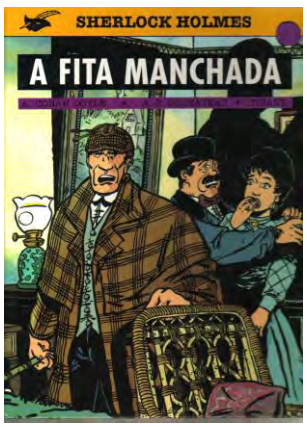
A editora L&PM surgiu com uma publicação de quadrinhos, o primeiro volume do livro **Rango** de Edgar Vasques. Depois passou a publicar todo tipo de livro, com destaque para autores gaúchos. Em meados da década de 1980, começou uma coleção de livros de histórias em quadrinhos sob o título geral *Quadrinhos L&PM*. Publicou todo tipo de material, clássicos norte-americanos como Cisco Kid, Steve Canyon, Nick Holmes, Flash Gordon, Mandrake, Fantasma, autores modernos europeus como Hugo Pratt, Guido Crepax, Milo Manara, Pichard, Moebius, autores brasileiros como Luís Fernando Veríssimo, Iotti, Paulo Caruso, Santiago, além de Edgar Vasques, e muitos outros títulos, numa coleção que ultrapassou a centena de volumes.

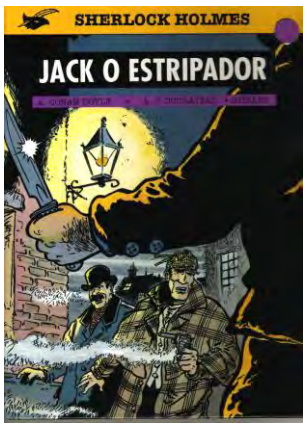
Depois de um período de marasmo, onde tentou uns formatos diferentes com algumas republicações, em 1995 começou uma coleção com o título geral *Clássicos em Quadrinhos* com álbuns coloridos num formato um pouco maior: 22x30cm. Saíram 2 livros em 1995 e 1 livro em 1996. Tratavam-se de adaptações de personagens literários de romances policiais consagrados. Adaptado de Georges Simenon, saiu o volume **Maigret e seu Morto**. De Conan Doyle, **Sherlock Holmes e o Cão dos Baskerville**. De Agatha Cristhie, **O Assassinato no Expresso Oriente** estrelado por Hercule Poirot. Todas essas histórias foram produzidas originalmente por Claude Lefrancq Editeur, possivelmente uma editora francesa. No país de origem saíram muitos outros volumes, mas a L&PM encerrou a coleção com os três volumes mencionados.

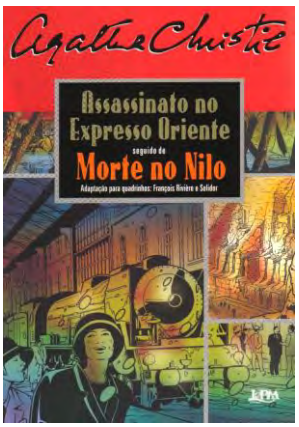
Acontece que a L&PM chegou a anunciar um quarto volume, intitulado **Sherlock Holmes e Jack o Estripador**, que chegou a constar do catálogo da editora. Na época, tentei adquirir este volume escrevendo diretamente para a editora, contatando os vários distribuidores, encomendando em livrarias... e nada. Um colecionador de Portugal, com quem mantinha contato, disse-me que tinha este livro. Passei a procurar nos sites de venda, consultar outros colecionadores, sem sucesso.

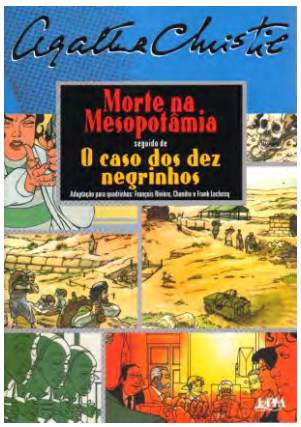
Estas coleções produzidas por Claude Lefrancq foram publicadas também em Portugal, em 1997, pela editora Repsol, no formato 22x29cm, colorido e com capa dura. Lá saíram três volumes de Agatha Cristie com Hercule Poirot, **Crime no Expresso do Oriente**, **Morte no Nilo** e **O Caso dos Dez Negrinhos** e três volumes de Conan Doyle com Sherlock Holmes, **O Cão dos Baskerville**, **A Fita Manchada** e **Jack o Estripador**. Como o volume com o Estripador saiu em Portugal, imagino que o colecionador português que me passou a informação tenha se enganado e tivesse a edição portuguesa e não a brasileira. Assim, concluo que a L&PM não publicou essa história no Brasil. Como curiosidade, esta história mostrando Sherlock Holmes enfrentando Jack o Estripador não foi escrita por Conan Doyle, foi produzida posteriormente por algum outro escritor, talvez Ellery Queen.

Recentemente, em 2010, a L&PM voltou a publicar este material, lançando dois livros em formato menor, 16x23cm, cada livro com duas aventuras de Hercule Poirot: **Assassinato no Expresso Oriente / Morte no Nilo** e **Morte na Mesopotâmia / O Caso dos Dez Negrinhos**.









QI 111 (set/out/2011)

JULIERME – ZALLA – COLONNESE

Entre os vários textos enviados por Wagner Augusto, está uma carta escrita por Ulysses Alves de Souza, de São Paulo, capital, publicada no "Jornal da Tarde" de 13 de outubro de 1984. Publicarei primeiro a carta na íntegra e depois alguns comentários sobre o assunto.

PARA QUE JULIERME DE ABREU E CASTRO NÃO CONTINUE ESQUECIDO

Neste mês de outubro, no dia 10, fez um ano que Julierme de Abreu e Castro morreu.

No dia liguei para alguns jornais, tentando explicar o que isso significava. Acho que estava muito emocionado e não me consegui fazer entender. Ninguém com quem falei o conhecia. Expliquei que foi o primeiro educador do mundo a usar histórias em quadrinhos em livro didático com ensino dirigido. Como tinha a modéstia típica de professor, nunca chegou a ser conhecido pelos mestres de comunicação que nossas escolas andam produzindo, apesar dos milhões de adolescentes que estudaram em seus livros.

Paulo Marti, diretor do IBEP, a editora que descobriu Julierme, um mineiro criado no Rio que dava aulas em Botucatu, conta que um dia ele entrou na sua sala, notável por suas calças largas, paletó xadrez uns dois números abaixo do mínimo permitido pela elegância e vasto calhamaço nas mãos. Era um livro de Geografia, pronto, só faltava produzir. Um livro totalmente diverso dos que estavam em circulação. Na época, meados dos anos 60, o ensino já estava abandonando o magister dixit, mas os livros permaneciam iguais: uma dissertação, pequenas ilustrações em preto e branco e, no final, um questionário. O aluno que houvesse decorado a lição respondia ao questionário. Era o magister dixit impresso. O livro de Julierme era diferente, uma aula moderna, com a participação da classe. Perguntas interrompiam o texto, exatamente como o professor faz na classe para provocar o interesse dos alunos. E não adiantava decorar, precisava entender. Além disso, um livro intensamente motivador, com testes, desenhos, fotos, mapas coloridos.

Saiu em fins de 1967. Professores e alunos descobriram que o novo método facilitava o aprendizado. Rapidamente desbancou os livros de Aroldo de Azevedo, o grande autor de Geografia da época.

No ano seguinte, Julierme apareceu com outra ideia: o curso de História (do Brasil e Geral) com a antiga explanação substituída por uma ou mais páginas em quadrinhos. Quadros sem balões, com legendas embaixo, como o „Príncipe Valente". Depois, pormenores da lição nas páginas seguintes e a mesma linha de motivação do curso de Geografia: ilustrações coloridas, testes, curiosidades. Paulo Marti topou de novo a parada: reuniu a equipe que havia feito o livro de Geografia, Julierme e os desenhistas argentinos radicados no Brasil, Colonnese e Zalla. Eles já tinham (como costumam ter os desenhistas argentinos) um alentado arquivo de referências. Junto com o professor Julierme aumentaram a área de ilustrações de História: os desenhos precisavam ser documentalmente perfeitos.

Em 1968 o livro de História do Brasil ficou pronto. Zalla, que se tornou grande amigo de Julierme, afirma que foi o primeiro do mundo. Antes, houve publicações de livros de História em quadrinhos, mas não livros didáticos. Zalla cita a ***História do Brasil em Quadrinhos****, de Gustavo Barroso com ilustrações de Ivan Wasth Rodrigues; na Argentina, um grupo marista publicara um livro semelhante no sesquicentenário da independência do país. Nos anos 60, a história em quadrinhos começava a sair da margem da comunicação. Surgiram os primeiros teóricos universitários. Coincidentemente, a venda de revistas de HQ entrava em declínio no mundo: a Universidade chegara um pouco tarde...*

Apoiado por professores e alunos, o livro foi aprovado, tornando-se o mais usado no Brasil inteiro. O professor mineiro, que tivera um jornalzinho quinzenal em Laranjal Paulista, ***A Tribuna de Laranjal*** *(em homenagem a seu ídolo na imprensa, Carlos Lacerda), e ali dera manchete na linha recomendada por Benet no início do século para a edição europeia do* ***New York Herald Tribune*** *(„Cachorro mordeu o nosso tesoureiro"), acertara de novo.*

Mas conservou até o fim o mesmo espírito simples de professor do interior. Não se exibiu, não apareceu. E manteve íntegros os princípios aprendidos com a mãe, viúva e pobre, nos bancos da Escola Dominical da Igreja Batista. Certa vez, desesperançado de vê-lo aplicar melhor o dinheiro do que em empresas que nunca davam certo, aconselhei-o a comprar imóveis e alugá-los. "Morar é um direito fundamental do homem", disse-me. Não lhe parecia correto ganhar dinheiro à custa de um direito dos outros.

Lutou três anos com a doença que o acabou matando. Nesse tempo, seus livros, que já não tinha forças para atualizar, foram ficando para trás. Mas ele deixara um exemplo que estava sendo seguido – para alívio dos alunos, enfim, livres das maçantes aulas de antigamente.

Os jornalistas que se especializaram em histórias em quadrinhos e produzem textos a qualquer motivo (o aniversário do Pato Donald, o casamento do Fantasma, o último personagem do Schulz) ignoraram sua morte. De todos, apenas Silvio Lancellotti fez um artigo sobre o trabalho do professor Julierme. Que nunca foi publicado: o editor achou que não tinha importância...

*Espero que o **Jornal da Tarde** publique esta carta e repare uma injustiça. E algum deputado a leia e se lembre de dar o nome do educador Julierme de Abreu e Castro a uma escola, já que Laranjal Paulista, Piracicaba e Botucatu, cidades onde viveu e lecionou, não lhe prestaram sequer a homenagem de uma placa numa rua perdida de arrabalde.*

Segundo o que pude apurar, Julierme de Abreu e Castro publicou, pela IBEP, dezenas de livros de Geografia, História e Estudos Sociais, com títulos diversos, e várias vezes reeditados com atualizações e pequenas modificações no conteúdo e na capa. Alguns dos títulos publicados: **Geografia – Estudos Sociais** em 3 volumes; **Geografia – Quadro Político do Mundo Atual**; **Geografia Para Estudos Sociais**; **Brasil – Estudos Sociais** em dois volumes; **Geografia Para a Escola Moderna** em dois volumes; **História Antiga e Medieval**; **História Moderna e Contemporânea**; **Estudos Sociais – O Município**. Todos esses livros seguiam a fórmula moderna descrita no texto acima, com muita ilustração colorida, mas praticamente não tinham histórias em quadrinhos.

Consegui descobrir apenas 3 livros dessa série do IBEP praticamente feitos na forma de história em quadrinhos, com trabalhos de Rodolfo Zalla e Eugenio Colonnese. São dois volumes de **História do Brasil Para Estudos Sociais**, com cerca de 200 páginas cada, metade de HQs e a outra metade com pequenos textos e exercícios, e um volume de **História Geral – História Para a Escola Moderna**, com 350 páginas, cerca de metade com HQs. Houve também um livro intitulado **Estudos Sociais – Estado de São Paulo** que reaproveitou páginas de HQs dos livros de História do Brasil. Todos esses livros foram editados várias vezes, imagino que a cada ano saía nova edição para os novos alunos.

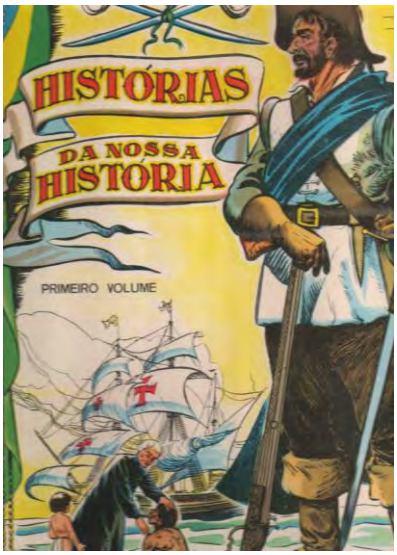
Como o próprio texto acima menciona, houve outras edições de História em quadrinhos publicadas antes dos livros do IBEP. As várias coleções da Ebal certamente não foram feitas para adoção como livro didático, mas Aizen tinha em mente que fossem compradas pelas escolas para equipar suas bibliotecas. Além dos dois volumes de **História do Brasil em Quadrinhos** mencionados, a Ebal publicou dezenas de outras edições de História do Brasil e Geral. Episódios como o Descobrimento, a Viagem da Família Real, a Independência, a Libertação dos Escravos, a Proclamação da República, os Holandeses no Brasil, tiveram volumes próprios. A coleção **Grandes Figuras** teve 20 números dedicados a personagens históricos. Houve também as coleções **Homens do Brasil** com dois números e **Biografias em Quadrinhos** com 12 números. Além de várias edições avulsas dedicadas a Theodor Herzl, Billings, Juarez Távora, Caxias, Santos Dumont, entre outros. Isso sem falar na **Série Sagrada** com mais de 80 números dedicados a biografias de santos.

Houve, no entanto, uma outra coleção, publicada pela Editora do Brasil, e que imagino anterior aos livros de Julierme. A coleção, intitulada **Histórias da Nossa História**, teve pelo menos duas versões: uma primeira de 7 volumes com capa dura e formato gigante (275x375mm); e outra de 8 volumes com capa dura e formato um pouco menor (245x340mm). Os livros tinham de 60 a 80 páginas e alternavam uma página de história em quadrinhos com uma página de texto relacionado à HQ. Os textos dos diversos volumes foram escritos por Rozendo Sampaio Garcia, José Pimentel Pinto, Guaracy Ribeiro e Paulo Roberto Machado de Carvalho. Os desenhos foram feitos por Messias de Mello, Gustavo Pires da Silva e José Rodrigues.

Suponho que esta coleção tenha feito um relativo sucesso, visto que foi reeditada pelo menos uma vez. Imagino que o objetivo da editora tenha sido semelhante ao de Aizen, servir de material paradidático para professores e alunos.

Vale mencionar também a coleção em 12 fascículos horizontais **Seleções da História do Brasil e do Mundo**, editada pela Conquista por volta de 1955, produzida por Sérgio Macedo com desenhos de Renato Silva. Num total de quase 400 páginas, trazia episódios isolados de 1 página com 5 quadrinhos, com as legendas embaixo dos desenhos, acompanhados de mais uma página de texto desenvolvendo o assunto. Renato Silva, além de ter sido o desenhista do clássico da HQB, *A Garra Cinzenta*, produziu dezenas de fascículos ensinando a desenhar, incluindo dois volumes ensinando a fazer História em Quadrinhos.

Esta coleção da Conquista também não foi feita para ser usada como material didático no ensino de História, pela própria estrutura de episódios avulsos, mas é interessante ver que o uso de HQ para fins educacionais não é recente.



LANÇAMENTOS SÉRGIO LUIZ FRANQUE

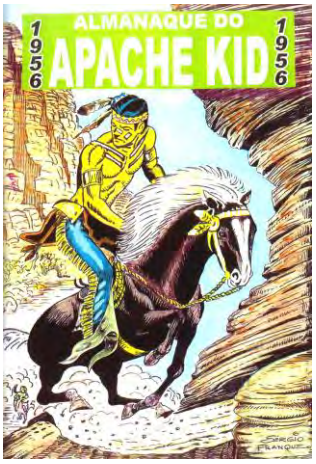
Sérgio Luiz Franque faz mais quatro grandes lançamentos.

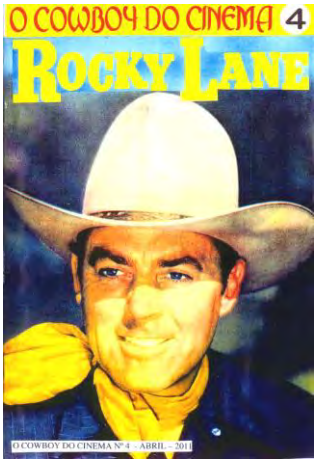
O primeiro é o **Almanaque do Apache Kid 1956** com 20 aventuras de Apache Kid, com 4 a 7 páginas cada, com os títulos „Vale do Cavalo Selvagem", „O Mistério da Cidade Fantasma", „Revolta!", „O Grito do Coiote", „A Lei do Totem!", „O Desfiladeiro das Águias", „A Herança Selvagem!", „Perigo Pintado!", „Terra da Discórdia", „O Apelo da Imensidão", „O Último dos Tomahawks", „A Trilha do Poente!", „Flechas Chamejantes", „Fúria do Alazão!", „Revólveres x Machadinhas", „O Homem que Voltou!", „Baionetas e Lanças", „Ídolo Flamejante", „Herança Perigosa" e „Guerra Sem Tréguas!". O almanaque tem 112 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 60,00**.

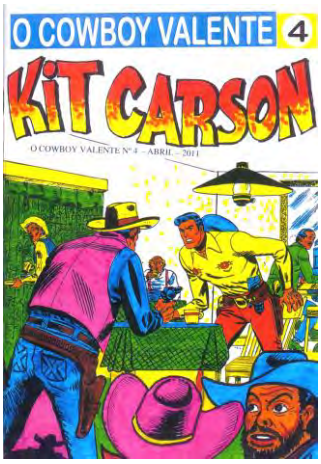
O segundo é o nº 4 da revista **O Cowboy do Cinema**, de abril de 2011, estrelando Rocky Lane, com as aventuras „A Estátua da Devastação", „A Fera da Montanha", „Os Sonhos Misteriosos", „Feitiço contra o Feiticeiro", „O Ardil dos Assaltantes", e ilustração de Sérgio Franque. A revista tem 40 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

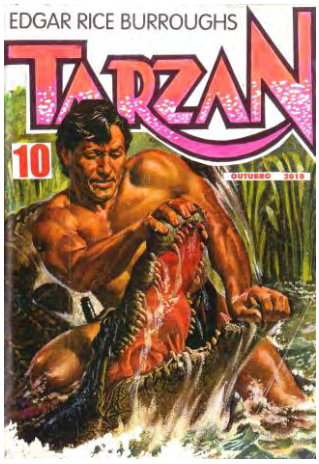
O terceiro é o nº 4 da revista **O Cowboy Valente**, de abril de 2011, estrelando Kit Carson, com as aventuras „Tiroteio na Cidade Fantasma", „O Homem que Odiava Armas" e mais 5 histórias sem títulos, todas desenhada por John Romita. A revista tem 40 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.

O quarto é o nº 10 de **Tarzan**, de outubro de 2010, com as aventuras „Os Guardas das Cavernas", aparentemente de Jesse Marsh e Russ Manning, „Tarzan e os Homens-Cabeça" de Burne Hogarth, e uma história de Boy, além de ilustrações de Sérgio Franque. A revista tem 52 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R$ 30,00**.









As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais. Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no Mercadolivre em "Almanaques Raros".

Promoção Especial para os leitores do **QI** (válida até o próximo número): R$ 250,00 na compra de 5 Almanaques (R$ 50,00 cada); R$ 400,00 na compra de 10 Almanaques (R$ 40,00 cada); R$ 125,00 na compra de 5 Revistas (R$ 25,00 cada); R$ 200,00 na compra de 10 Revistas (R$ 20,00 cada). Em qualquer caso, sem despesa postal.

QI 111 (set/out/2011)

IDADE MÉDIA NOS QUADRINHOS

Gerd Bonau, editor da revista de quadrinhos independentes alemães **Omi**, enviou a revista **Mittelalter Comics**, uma revista em formato A5, com 32 páginas totalmente coloridas. A revista enfoca o tema da Idade Média tratado por várias séries de Histórias em Quadrinhos. Traz reproduções de páginas das séries, texto (em alemão) sobre o trabalho, pequena biografia sobre os autores, tudo muito bonito de ver.

Das séries enfocadas, foram publicadas no Brasil somente o Príncipe Valente de Hal Foster e Mouse Gard de David Petersen.

Para quem acompanha o que é publicado em Portugal, há outras séries conhecidas.

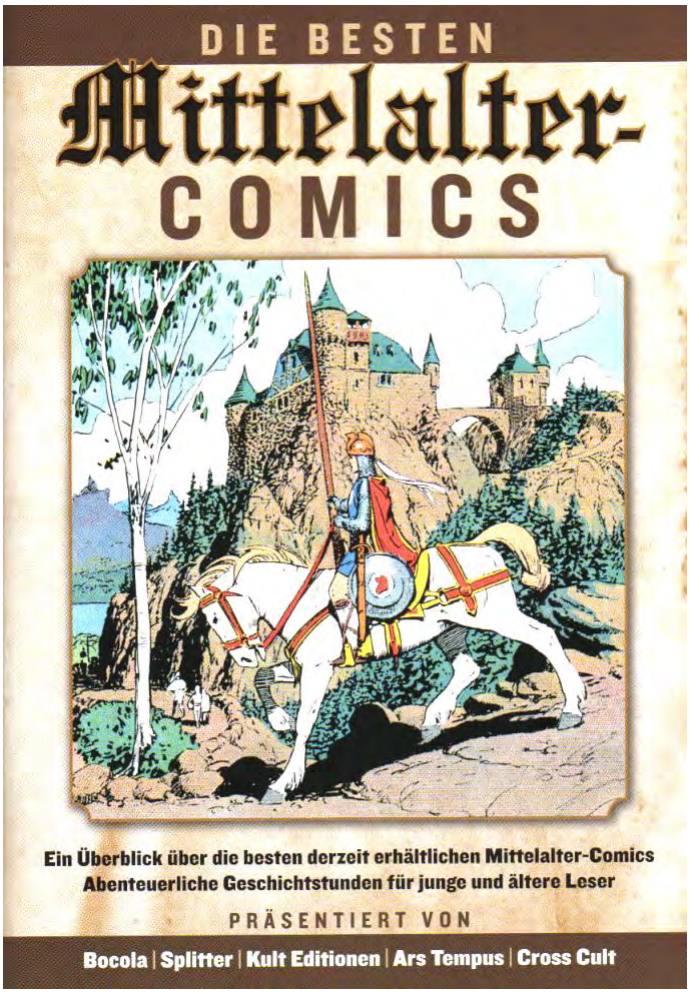
O Cavaleiro Ardente, de François Craenhals, teve várias aventuras publicadas, 5 na forma de álbum com capa dura e outras na forma seriada em revistas. Infelizmente não foi publicada de forma completa, o que é uma pena. A primeira vista, esta série pode parecer um pastiche de Príncipe Valente, com um jovem cavaleiro na mesma época do Rei Arthur. O ponto mais interessante é que a relação do Cavaleiro com o Rei Arthur, amistosa a princípio, vai se degenerando até se tornarem antagonistas. Infelizmente o desfecho desse conflito não saiu em Portugal.

As Torres de Bois-Maury é um ótimo trabalho de Hermann, que já havia feito outras séries famosas como Comanche e Bernard Prince, dessa vez se enveredando pela Idade Média. Os três primeiros álbuns da série foram publicados pela editora Meribérica, até que ela encerrou suas atividades. A editora VitaminaBD publicou mais um álbum, mas já fora da ordem. Há vários álbuns ainda inéditos em Portugal.

Os Companheiros do Crepúsculo de François Bourgeon tiveram mais sorte. Uma série fechada de três álbuns, foi totalmente publicada em Portugal pela Meribérica. Um trabalho excelente, talvez ainda possível de ser encontrado.

Mas várias outras séries, inéditas em português, são enfocadas, aparentemente todas de ótima qualidade, pela amostra apresentada. Os desenhos são muito bem feitos e os temas parecem interessantes, com um certo predomínio da fantasia com a presença de druidas e feiticeiras.

De qualquer forma, uma pena que esse material não seja publicado em português. Não creio que haja perspectivas. Quando a VHD tentou publicar por aqui algo parecido, a série Thorgal, não teve sucesso. Melhor não ter esperança.



QI 111 (set/out/2011)

TAPEJARA

Antônio Pereira Mello enviou as tiras abaixo do personagem Tapejara, criação de Louzada, publicadas no jornal **Diário de Santa Maria**. Algumas tiras abusam do regionalismo a ponto de ficar meio incompreensível para quem não é gaúcho e não conhece as expressões locais, mas na maioria das vezes é nisso que reside a graça e a originalidade da série. Não sei se é publicada em outros jornais, mas sem dúvida é um trabalho que merece maior distribuição.

Há alguns anos, Louzada arriscou produzir um jornal de humor coletando suas tiras, intitulado **Chasque do Tapejara**. Consegui vários números através do Jesus Nabor Ferreira, dono de uma gibiteria em terras do sul. O jornal, todo colorido, cheio de Tapejara por todo lado, com sua grossura a toda prova, era ótimo. Algumas sequências, como a da ida do Tapejara com sua Tia Arnica a Roma para dar uns conselhos ao Papa, são antológicas.

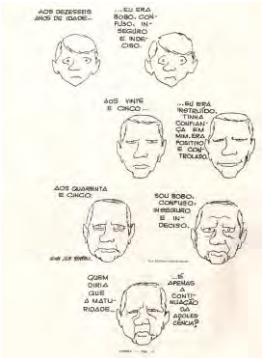
QI 111 (set/out/2011)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Meados da década de 1970 viu o lançamento de três grandes coleções de revistas de quadrinhos para aqueles que gostam de HQs de modo geral, independente de gênero ou personagens. Cada uma das coleções, diferentes entre si, na proposta e no conteúdo, foi um deleite para os apreciadores de quadrinhos. A Rio Gráfica e Editora lançou o **Gibi Semanal**, no formato tabloide, um formato não usual na época em que o formatinho já estava dominando, trazendo uma mistura de séries atuais e clássicos, material que já havia sido publicado pelas revistas Globo desde a década de 1940. Durou 40 números em menos de um ano, mais quase uma dezena de almanaques. A Editora Abril lançou **Crás!**, formato magazine, colorida e toda dedicada aos autores brasileiros. Infelizmente durou somente dois números nesse formato, depois mudando para formatinho com o conteúdo mais voltado para o público infanto-juvenil. Mesmo assim, trouxe uma bela seleção de séries e autores nacionais. E a Editora Vecchi, em março de 1974, lançou **Eureka**, formato magazine em preto e branco, nos moldes da homônima italiana. Além de séries humorísticas atuais pouco conhecidas no Brasil, trouxe séries europeias de primeira linha, como *Jeff Hawke*, *Romeu Brown*, *Modesty Blaise*, entre outras. Um diferencial de **Eureka** foi a presença de textos analíticos e divulgação de outras edições e também fanzines. Durante os primeiros 9 números, a revista manteve seu formato e periodicidade mensal. O número 10 só foi sair em janeiro de 1976, mudando o padrão da capa, mas mantendo o formato do conteúdo. A retomada da revista, dois anos e meio depois, foi em alto estilo, mas só durou dois números. O número 11 saiu em junho de 1978 e o número 12 em janeiro de 1979. O conteúdo totalmente reformulado, mais variado e com material de melhor qualidade, com destaque justamente para a presença de autores nacionais, como Flavio Colin com *Vizunga*, Shimamoto com *A Morte do Samurai* e Jayme Cortez com *Zodiako*, três clássicos da HQB. De lambuja, *Krazy Kat*, *Little Nemo*, *Iznogud*, *Spirit*, entre outros.

Mas o ponto de interesse neste texto é a possível existência de uma edição diferente do primeiro número. Moacy Cirne, conhecido estudioso dos quadrinhos, contou que comprou um exemplar do primeiro número da revista, assim que ele chegou às bancas do Rio de Janeiro, em março de 1974. Poucos dias depois, Cirne notou que as bancas não tinham mais a revista em exposição, imaginando, com satisfação, que a revista tivesse sido um sucesso e vendido tudo. Mas soube depois que a revista havia sido recolhida por ordem da censura por causa do conteúdo de uma das páginas de autoria de Feiffer. Ainda segundo Cirne, a Editora Vecchi, recolheu todos os exemplares de **Eureka** e substituiu a página "subversiva" de Feiffer, distribuindo novamente a revista. Não sei dizer como foi feita a substituição. A revista foi totalmente reimpressa? Somente a tal página foi reimpressa e substituída nos exemplares recolhidos? Não sei. Sem colocar em dúvida a informação de Cirne, a questão é: existem mesmo duas versões do número 1 de **Eureka**, com uma página diferente?

O exemplar que eu tenho atualmente pertenceu a Edson Rontani, que o adquiriu em 16 de março de 1974. Não sei dizer se o Rontani chegou a comprar, provavelmente em Piracicaba, o exemplar da primeira edição, antes de ser recolhida. Será que esta primeira leva foi distribuída somente no Rio de Janeiro? De qualquer forma, estou reproduzindo abaixo as cinco páginas de Feiffer que constam no meu exemplar de **Eureka**. Não vejo nada de "subversivo" em nenhuma delas, mas vai saber como pensavam os milicos na época. Quem tiver o número 1 de **Eureka** pode dar uma conferida e ver se seu exemplar possui alguma página de Feiffer diferente das mostradas abaixo.



QI 112 (nov/dez/2011)

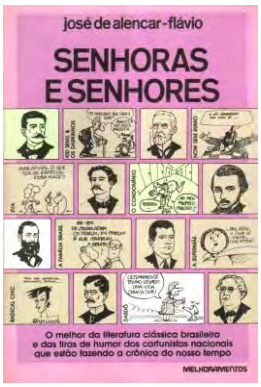
MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

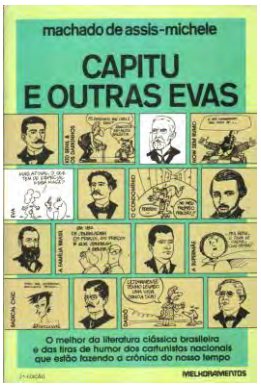
Em 1988, a editora Melhoramentos lançou uma coleção muito interessante, intitulada *Ler & Ver*. A coleção, prevista para 8 volumes, formato 140x210mm, cerca de 100 páginas, trouxe em cada livro a união de trechos selecionados de obras clássicas da literatura brasileira com histórias em quadrinhos de autores contemporâneos, normalmente em torno de um tema comum. Os volumes publicados foram:

Senhoras e Senhores – trechos de **Senhora** de José de Alencar e seleção da tira *Dasdô* de Flávio.

Capitu e Outras Evas – trechos de **Dom Casmurro** de Machado de Assis e seleção da tira *Eva* de Michele.

Tristes Rumos, Tristes Fins – trechos de **Triste Fim de Policarpo Quaresma** de Lima Barreto e seleção da tira *Now Sem Rumo* de Lor.

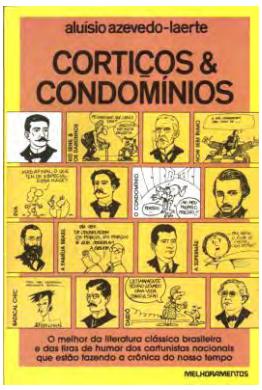


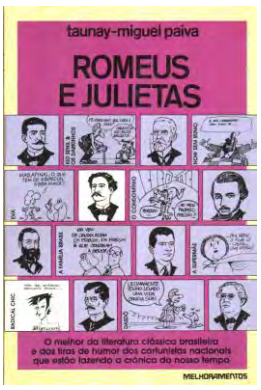


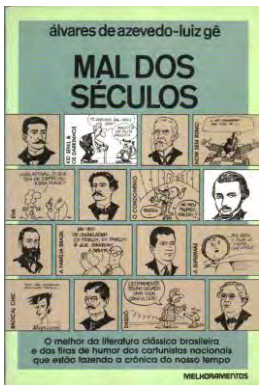
Cortiços & Condomínios – trechos de **O Cortiço** de Aluísio Azevedo e seleção da tira *Condomínio* de Laerte.

Romeus e Julietas – trechos de **Inocência** de Taunay e seleção de páginas de *Radical Chic* de Miguel Paiva.

Mal dos Séculos – trechos da peça **Macário** de Álvares de Azevedo e seleção da tira *Kid Senil* de Luiz Gê.







Como mencionado, a coleção estava prevista para 8 volumes, no entanto, tenho notícia do lançamento apenas dos 6 títulos descritos.

A 4ª capa dos volumes publicados anunciava "a sair" mais dois volumes com os títulos **Um Amor de Mãe** e **Lar, Doce Lar?**. Nas capas de todos os volumes havia um mosaico formado pelos retratos dos 8 escritores e com quadros das 8 séries de HQ escolhidos para compor os 8 volumes da coleção. Por aí dá para ver que os dois volumes finais trariam as séries *A Supermãe* de Ziraldo e *A Família Brasil* de Luiz Fernando Veríssimo. Apenas pelos retratos, não pude identificar quem seriam os escritores.

Tenho procurado estes dois volumes restantes e não tenho encontrado, enquanto que os outros 6 volumes são fáceis de achar em oferta. Daí concluo que os dois últimos volumes não foram publicados. O que não deixa de ser estranho pelo menos em relação ao volume que traria a obra de Ziraldo, já que ele é um dos autores do catálogo da editora. Se não todos, a grande maioria dos livros infantis de Ziraldo foi publicada pela Melhoramentos.

Claro que tentei obter informação junto à editora, mas isso cada vez mais me parece tarefa impossível.

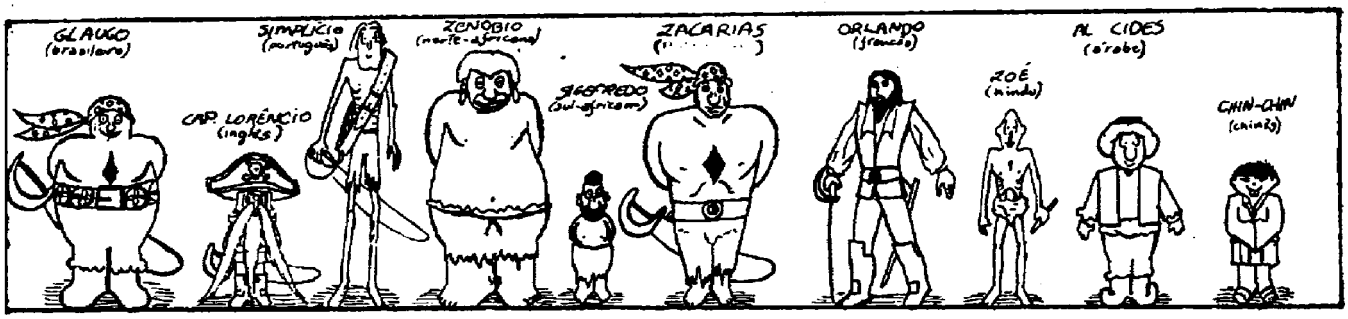
QI 113 (jan/fev/2012)

GLAUCO, O PIRATA

O principal objetivo deste texto é refletir sobre as influências que um autor sofre, a dificuldade de se produzir uma obra com certa consistência e como um trabalho pode evoluir ao longo do tempo. Para isso, vou utilizar uma série que criei ainda em tenra idade e que sequer chegou a ter uma história completa produzida.

O ponto inicial foi o efeito que a série *Asterix* produziu em mim, quando de minha primeira leitura, lá pelos idos de 1970. Aquela riqueza de história e desenhos não poderia deixar de afetar um aspirante a quadrinhista. Assim, a vontade de produzir uma série de álbuns na linha de *Asterix* me levou a iniciar uma primeira história, sem qualquer noção do que significa enfrentar uma empreitada como esta. É interessante observar que a influência de *Asterix* se deu na escolha do formato álbum e na vontade de produzir longas histórias de qualidade. No entanto, na escolha da temática da série, na caracterização dos personagens e no estilo de desenho, as influências foram outras.

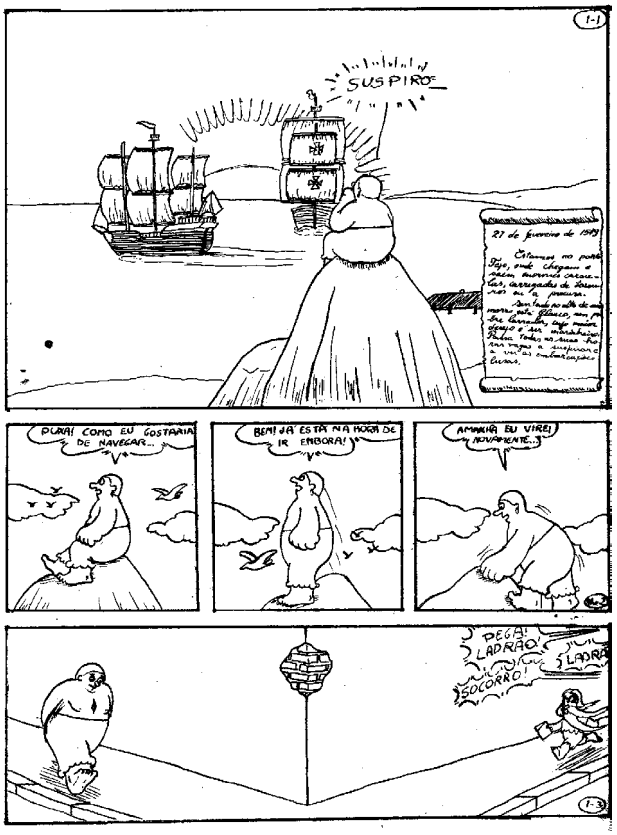
Embora na época, 1972/73, eu tivesse por volta de 13, 14 anos, em relação à temática eu já tinha em mente produzir uma série enfocando temas brasileiros, com destaque para a História do Brasil. Situei, portanto, a série no início do descobrimento do Brasil e, talvez, a leitura de que os comerciantes da época eram contrabandistas de pau-brasil tenha me levado a criar os personagens... Piratas. Talvez os piratas de *Asterix* tenham tido alguma coisa a ver. A diversidade de raça dos piratas de *Asterix* certamente foi uma influência. Não tenho rascunhos ou esboços da criação dos primeiros personagens, e nem me lembro qual seria a ideia principal da primeira história. O que sei é que comecei logo a produzir as primeiras páginas do primeiro álbum, no formato A4, todo colorido... com lápis de cor. Fiz 4 páginas completas. Nessa primeira tentativa, o personagem principal é um comerciante chamado Glauco passeando pelas ruas de Londres, tem um desentendimento com um oficial de justiça e passa a ser perseguido. Na terceira página encontra o segundo personagem principal, um carroceiro chamado Florêncio. Os dois passam a fugir juntos e não tenho ideia do que aconteceria a partir da quinta página. O personagem Glauco tem mais ou menos o porte do Obelix, embora o desenho não seja calcado no de Uderzo. O personagem Florêncio tem algo a ver com o Varenga de Moretti e Nicoletti, no entanto a série *Os Bandeirantes* só começou a ser publicada em dezembro de 1973, ou seja, é posterior. A personalidade de Glauco é a de uma pessoa meio simplória, ingênua, embora não tanto quanto o Obelix. O Florêncio nessa primeira aparição parece ser mais compreensivo do que viria a ser futuramente. Essa primeira tentativa não foi em frente, mas continuei criando os demais personagens, tanto que, numa folha de apresentação de personagens, que fiz em 1974, com o intuito de fazer seu registro, já estão quase todos lá.



Nessa altura, eu já tinha definido que os piratas da tripulação de Glauco e Florêncio (sendo este o Capitão e já com o nome mudado para Lorêncio) teriam nacionalidades diferentes, tributo não só a variedade de raças dos piratas de *Asterix*, mas à própria fórmula de Goscinny de fazer os heróis passearem pelos vários povos da época de César (godos, hispânicos, helvéticos, bretões, normandos, belgas e até ameríndios). Pela minha fórmula, a cada álbum, um pirata seria adicionado à série. E, naturalmente, a aventura ocorreria no país de origem do pirata convidado.

Com esta fórmula definida, ainda em 1974, com 15 anos, comecei a produzir novamente o primeiro álbum. Desta vez com o original em preto em branco (as cores seriam problema futuro), e com a capa já produzida. A história foi substancialmente modificada. Glauco é um lavrador morando em Portugal, que passa as horas no porto do Tejo sonhando ser marinheiro. Por algum motivo, comecei a história com uma data bem definida, 27 de fevereiro de 1549. Lorêncio aparentemente é um ladrão que é preso logo no início devido a um incidente com Glauco e o reencontra na prisão para onde este é logo enviado. Com a fuga, começam a parceria dos dois e a tripulação dos Piratas. Produzi 14 páginas dessa segunda versão do primeiro álbum onde **Glauco, o Pirata encontra Capitão Lorêncio**.

Alguns aspectos interessantes já foram definidos neste início. Glauco, que se imaginava português, descobriria futuramente que era brasileiro, filho de uma índia com um dos marinheiros das primeiras viagens ao Brasil. Logo após o nascimento, no Brasil, é levado por seu pai para Portugal, onde passa a morar sem saber sua origem.



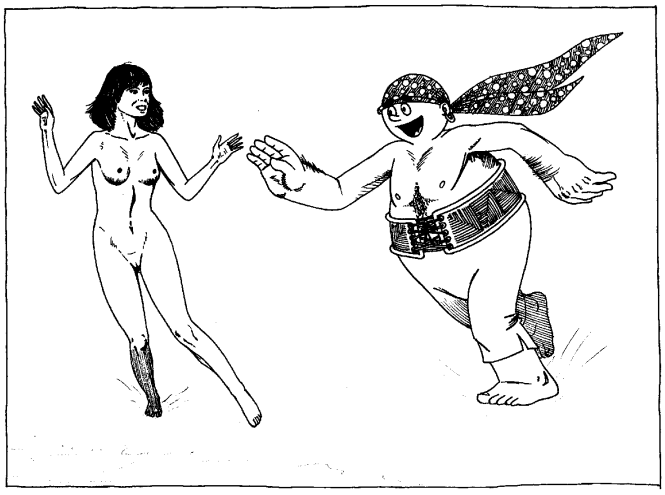
Lorêncio, apesar do nome, é inglês morando em Portugal e remete aos acordos entre Portugal e Inglaterra, que seriam explorados futuramente na série. Os demais piratas, que apareceriam a cada álbum subsequente, seriam o francês Orlando (depois rebatizado Jean-Pierre), o inicialmente português (e depois provavelmente espanhol) Simplício, o norte-africano Zenóbio, o sul-africano Sigefredo, o hindu Zoé, o árabe Al Cides, entre outros não bem definidos.

A escolha de personagens piratas como os heróis da série deve-se aos clássicos das aventuras, como o Capitão Blood, que vim a conhecer através da revista **Pequenina** da Ebal. O ingresso à pirataria motivado por uma injustiça era um lugar comum nos romances e filmes de aventuras. Com Glauco e Lorêncio não foi diferente, caíram numa cilada que os mandou para a prisão. Fugindo e perseguidos pelos soldados, teriam que se refugiar na pirataria. Um detalhe curioso é que a injustiça que acomete os dois personagens conta com a cumplicidade do poder legal. Uma figura expoente na sociedade prepara as armadilhas para incriminar inocentes que, depois de presos, são vendidos como escravos.

Embora eu não tenha dado continuidade a este primeiro álbum, continuei aprimorando os personagens, em dezenas e dezenas de esboços e estudos nos cinco anos seguintes. As mudanças nos desenhos e nas caracterizações foram sensíveis a ponto de o trabalho iniciado nas duas versões do primeiro álbum não poder ser aproveitado. E não me animei a tentar uma terceira versão da primeira história.

O desenvolvimento do desenho e dos conceitos nos esboços e estudos feitos até 1979, quando eu já tinha 20 anos, tem alguns aspectos interessantes. Nos desenhos abaixo, feitos na mesma ocasião da segunda versão do álbum, ainda predomina o aspecto caricatural. É curioso ver a solução para o braço de Glauco, fino próximo aos ombros e com mãos grandes. De onde tirei esse formato, presente apenas em Glauco e em Zenóbio? Um resquício de minhas leituras de Brucutu? Além disso, o braço não tem cotovelo, é uma peça só, arredondada. Outro aspecto caricatural, presente até na capa do álbum e em quase todos os desenhos avulsos dessa época, é a presença de um rato nas cenas.

Os esboços feitos já no ano de 1977, eu com 18 anos, mostram os cotovelos e joelhos bem definidos. Mas são nos estudos feitos no ano de 1979, eu com 20 anos, que o desenho apresenta um maior nível de detalhamento, principalmente nas mãos e nos pés. Também as roupas apresentam dobras e sombreamento. O rosto, no entanto, permanece bem estilizado. Embora não tenha sido feita nenhuma história com estes personagens, a personalidade de Glauco está bastante modificada, não é mais uma pessoa ingênua, e sim um pirata decidido, capaz de lidar com as situações que lhe apareçam.



Estes desenhos mostram que havia muitas ideias a serem exploradas, inclusive com a intenção de dar um tom mais adulto à história, como se pode ver pela imagem de Glauco se divertindo com uma índia nua. Ainda que fosse a nudez natural das índias. Nesse desenho, aliás, é curioso observar que a índia não foi desenhada de forma caricatural, o que traz uma certa estranheza. Isso também se deve um pouco à *Asterix*, onde as mulheres jovens eram sempre bem desenhadas e bem distintas dos demais personagens.

Estes desenhos feitos de 1977 a 1979 são da época em que em eu já fazia faculdade, o que explica o fato de não ter iniciado uma terceira versão do primeiro álbum. As prioridades eram outras, o tempo não sobrava para nada, e o máximo que pude fazer foi produzir estes desenhos avulsos, imaginando apenas o que poderia ser feito.

Cabem ainda algumas observações. É interessante ver a disposição do moleque de 13, 14 anos querendo fazer uma série de álbuns de 40 e tantas páginas. Enquanto está na imaginação, tudo é fácil. Mas na hora de realmente produzir é que são elas. Os Uderzos e Hergés trabalham em tempo integral, com vários ajudantes, durante um ano ou mais para fazer um álbum!... Fazer HQ é algo trabalhoso e demorado, precisa muito tempo e disciplina, olhando agora para trás, fico até admirado de ter conseguido iniciar duas versões do primeiro álbum. Outra questão é a necessidade de conhecimento histórico e iconográfico que uma série como esta que imaginei iria requerer. Mesmo hoje não me considero em condições de uma empreitada dessa. Mas o moleque lá atrás não se intimidou.

QI 113 (jan/fev/2012)

QUADRINHOS?

Tenho colecionado revistas de Histórias em Quadrinhos há cerca de 35 anos e ao longo desse tempo os interesses foram se diversificando. Nunca pretendi adquirir as revistas mais antigas, um pouco porque não me interessavam muito e um pouco porque seria muito difícil (e caro) completar coleções. A parte mais significativa de minha coleção começa em meados da década de 1970. Mas uma das características dessa minha coleção é justamente o meu interesse por edições de quadrinhos pouco conhecidas, normalmente revistas regionais ou feitas por pequenas editoras. São incluídas aí as edições institucionais que sempre divulgo no **QI**, gentilmente enviadas pelos leitores.

Na busca por estas edições, regularmente consulto o sítio EstanteVirtual, digito "quadrinhos" no mecanismo de busca e vou olhar os milhares de resultados. Haja paciência, pois uma parcela dos ítens mostrados são revistas comuns (heróis da Abril, RGE, infantis na forma de patos e dentuças) em que o vendedor acrescenta as palavras "quadrinhos", "revista de quadrinhos" ou "história em quadrinhos". Coisas que não interessam, mas que tenho que olhar uma por uma. Mas uma hora ou outra aparece aquela edição cujo nome não conheço e que pode me interessar. Aí vem a questão que é o cerne deste texto: será que é uma edição de História em Quadrinhos mesmo ou alguma arapuca (intencional ou não) em que vou cair, comprando uma revista ou livro que não tem nada a ver com quadrinhos. Arrisco quase sempre e muitas vezes consigo edições muito interessantes. Mas acabo comprando coisas que passam longe das HQs. Comento a seguir algumas dessas aquisições.

Primeiro a lista dos títulos que me enganaram, por um motivo ou outro.

HISTÓRIA DE PIRACICABA EM QUADRINHOS – Leandro Guerrini – 1970 – 2 volumes – Nestes eu paguei caro, embora existam em oferta por preço menor. O que o autor entendeu por "quadrinhos" é ter contado a história de Piracicaba em ordem cronológica, com pequenos parágrafos indicando dia, mês e ano dos acontecimentos.

PONTO DE CRUZ EM QUADRINHOS – Revista, produzida pela Linhas Corrente, ensinando a bordar na técnica Ponto de Cruz com vários modelos de bordado formando pequenos quadros. Quadros pequenos, quem diria!

ECOLOGIA EM QUADRINHAS – Sylvio Luiz Panza – FTD – 1999 – Aqui o erro foi da livraria que anunciou o título "em quadrinhos" quando na verdade é "em quadrinhas", diminutivo de quadra, poema de quatro versos.

EU EM QUADRINHOS – Silas Mello – 1987 – O prefaciador diz que "os quadrinhos referidos no título... são como radiografias que invadem seu íntimo...". Mas como eu ia adivinhar que era isso?

A RELATIVIDADE EM QUADRINHOS – Um pôster especial da revista "Super Interessante". Também esses devem ter imaginado que dividir um assunto em tópicos significa tratar o assunto "em quadrinhos".

CATECISMO EM QUADRINHOS – Frei Telésforo – 1973 – Adivinharam. Tanto os textos como as ilustrações são colocados dentro de pequenos quadros.

Claro que depois dessas, fiquei esperto. A seguir a lista dos que não me pegaram. Todos esses me parecem usar a palavra "quadrinhos" com outro sentido que não seja História em Quadrinhos.

7 HISTÓRIAS DE MISTÉRIO O HOMEM QUE MATAVA QUADRINHOS – Luiz Lopes Coelho – Ediouro.

A FADA FLOR-DE-LOTUS – EM QUADRINHOS – Itatiaia – 1958 – Toda a cara de ser livro infantil.

A MANTA: UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS DE TECIDO – Isabel Minhós Martins – Alaúde – 2011.

ANTONIO LIZARRAGA: QUADRINHOS EM QUADRADOS – Maria José Spiteri – Imprensa Oficial – 2004.

BERNARDO SAYÃO EM QUADRINHOS – Léa Sayão.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS – Manuel Palmeira – Casa Grande – Pela descrição do vendedor, dá para ver que é um livro de história com textos escritos. O vendedor supõe que a publicação seja da década de 1950, não garante a veracidade das informações do livro, do nome do autor e da editora, mas acha que o livro vale R$ 200,00.

1000 QUADRINHOS ESCOLARES – Walter Nieble de Freitas – Difusora – 1965 – Este parece claramente um erro do vendedor ao escrever o título. Certamente são "1000 quadrinhas escolares".

Muitas dessas edições ainda estão em oferta no EstanteVirtual. Se mais alguém tem o mesmo hobby sadio que eu, fique atento para esses títulos.

QI 113 (jan/fev/2012)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

É fato que o mercado de revistas de quadrinhos no Brasil sempre foi dominado pelo material de origem estrangeira. Desde sempre. A revista **O Tico-Tico**, lançada em 1905, já trazia séries de origem norte-americana, mas considera-se que a grande invasão ocorreu em 1934 com o lançamento do **Suplemento Infantil/Juvenil** por Adolfo Aizen. Daí em diante, pelos motivos conhecidos (custo baixo, facilidade de obtenção, a suposta melhor qualidade etc.), as grandes editoras sempre optaram por importar histórias em quadrinhos, em vez de produzi-las aqui. Eventualmente, no meio da gringaiada, as grandes editoras arriscaram, por motivos diversos, alguma produção nacional. A Ebal, por exemplo, a partir da década de 1950, produziu centenas de adaptações de romances brasileiros, vidas de personagens históricos, até um (super) herói brasileiro, o Judoka, mas tudo isso em quantidade muito menor do que os Supermen, Batmen, Tarzans, Pernalongas e outros. As editoras Abril e Rio Gráfica também tiveram seus momentos de ufanismo nacionalista. Sempre em proporção muito menor do que a produção total.

A Rio Gráfica e Editora, propriedade das Organizações Globo, sempre teve uma tendência de lançar revistas em quadrinhos adaptando programas da TV Globo. Talvez o título de maior sucesso tenha sido as várias versões do Sítio do Picapau Amarelo. No meio de tantas tentativas, uma das mais interessantes foi a adaptação do seriado **Carga Pesada**, estrelado por Antônio Fagundes e Stênio Garcia, nos papéis dos caminhoneiros Pedro e Bino. O seriado teve vida relativamente longa e fez bastante sucesso, tratando de temas bem brasileiros com uma abordagem adulta. A adaptação para quadrinhos seguiu a mesma linha, mas infelizmente só durou duas edições, lançadas em agosto e setembro de 1980. As duas edições tiveram capas de Walmir Amaral, a primeira trouxe uma HQ escrita por Felipe Ferreira e desenhada por Julio Shimamoto, e a segunda trouxe uma HQ escrita por Domingos Demasi e desenhada por Roponto.

Esta coleção, embora curta, tem vários aspectos interessantes. O primeiro, já mencionado, é a temática nacional, com histórias bem escritas. A qualidade artística dos desenhistas merece destaque: o primeiro número trouxe os desenhos de Shimamoto, que dispensa apresentações. Mas o segundo número trouxe uma surpresa bastante agradável, o traço muito bonito de Roponto, que não sei se é nome ou pseudônimo, mas é uma assinatura que nunca vi em outros trabalhos. Infelizmente. Outro aspecto interessante dessa coleção é o formato, histórias longas, cerca de 70 páginas, em tamanho pequeno e preto e branco. Mais ou menos a fórmula da Bonelli.

Mas o ponto de maior interesse neste texto é o boato que surgiu na época de que havia uma terceira aventura produzida, desta vez com os desenhos de Flavio Colin. É provável que a história tenha sido produzida, mas não creio que o terceiro número da revista tenha sido impresso e distribuído. Acho que a coleção parou no segundo número e a história de Colin infelizmente não foi publicada. E como usava personagens de propriedade da Globo, talvez por este motivo, a história não pôde ser publicada posteriormente, quando vários trabalhos de Colin foram publicados e republicados em álbuns. Apenas uma conjectura minha, pois o *Vizunga* de Colin nunca foi republicado em álbum. Uma pena, nos dois casos.

QI 114 (mar/abr/2012)

QUADROS EM SEQUÊNCIA?

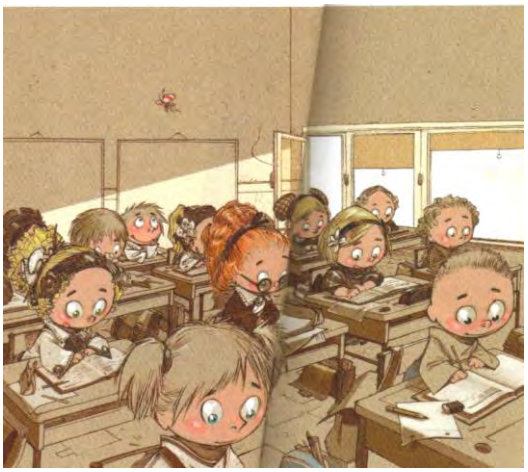
Todo mundo sabe que a História em Quadrinhos é uma história contada com uma sequência de quadros. Eu já cansei de defender que é possível fazer História em Quadrinhos com uma imagem só, desde que a imagem narre uma história, e que a Charge e o Cartum são casos particulares de História em Quadrinhos... Mas se aparece por aí um Scott McCloud com uma definição de que a História em Quadrinhos são "imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador", o quê que eu posso fazer?

De qualquer forma, uma história mais complexa exige várias imagens em sequência e um dos grandes desafios para o autor de HQ, quando pretende fazer um trabalho melhor, é justamente como selecionar estas imagens da sequência de modo a provocar no leitor a melhor resposta. E parece bastante óbvio que, se o autor se deu ao trabalho de criar uma determinada sequência que melhor instigue o leitor, este, o leitor, tem que ler a história na sequência certa.

Portanto, quero crer que seria idiota da parte do leitor se ele quisesse ler os quadros da história fora da ordem pré estabelecida pelo autor. Alguém imagina que um leitor fosse querer ler os quadros de uma História em Quadrinhos todos fora de ordem? Pior, alguém imagina que o próprio autor fosse querer que o leitor fizesse isso? Este autor que supostamente definiu a melhor sequência dos quadros, na hora de apresentar o trabalho ao leitor, o fizesse com os quadros totalmente fora de ordem?

Pois isso acontece! Quem quiser saber como, procure a continuação desse texto na próxima página.

ÁLBUNS ALEMÃES



Gerd Bonau, editor do fanzine **cOMIc**, enviou um catálogo da editora alemã Toonfish. Este catálogo traz álbuns de quadrinhos de origem franco-belga, principalmente. São edições muito bem produzidas, com capa dura, de alguns personagens muito importantes do quadrinho franco-belga. A série mais conhecida, no Brasil, é a dos *Strunfs*, originalmente *Schtroumpfs*, rebatizada *Smurfs* e em alemão *Schlümpfe*. A série em alemão já conta com 29 álbuns e mais 4 em formato menor, com tiras dos personagens. Tudo da mais alta qualidade. No Brasil, os *Strunfs* tiveram uma revista em formatinho pela Vecchi, que durou 7 números, e mais 3 álbuns capa mole. Depois a Abril republicou estas histórias numa revista que durou 6 números já com o nome *Smurfs*. Recentemente a L&PM lançou dois volumes, cada um em duas versões, no formato álbum normal e em formato livro de bolso. Muito pouco perto do que a série merece. A editora Toonfish também tem à disposição 5 álbuns de *Jean e Pirlouit*, em alemão *Johann und Pfiffikus*, também de autoria de Peyo, a série em que os *Strunfs* surgiram. Peyo abandonou a série original para se dedicar apenas aos duendes, que fizeram mais sucesso. Outro lançamento da editora alemã é da série *Gaston*, em alemão *Gastoon*, mas não a série original, e sim uma versão recente tratando do personagem quando criança. *Gaston* ou *Gastão*, que eu saiba, nunca foi publicado no Brasil, mas teve vários álbuns publicados em Portugal, culminando com uma coleção recente de 19 álbuns publicados pelo jornal **Público**, talvez a coleção completa dos álbuns existentes. Uma série muito boa, com o humor de Franquin em seu auge.

Uma surpresa agradável neste catálogo da Toonfish é o anúncio de dois álbuns de um personagem chamado *Benjamin*, de autoria de Alberto Varanda. Mais um moleque, como tantos há por aí, mas aparentemente com características distintas de todos. Pelo que pude ver, predomina o tom lírico nas histórias de uma ou duas páginas. O colorido é todo em tons sépia. O autor, Varanda, é português, mas viveu a partir dos três anos de idade na França, onde fez sua carreira nos quadrinhos. De sua autoria, só conheço a primeira aventura de *A Gesta das Amazonas Dragões*, publicada na revista **Selecções BD** (2ª série) em 1999. Nessa série, seu traço é límpido, realista, com um bom sombreado, contrastando com o traço adotado em *Benjamin*. Se os monstros do quadrinho franco-belga, como *Gaston* e *Strunfs*, não são publicados decentemente no Brasil, bobagem esperar por um benjamin.

QI 114 (mar/abr/2012)

QUADROS EM SEQUÊNCIA?

A questão colocada na página anterior é que existe uma situação em que uma História em Quadrinhos é apresentada ao leitor com os quadros totalmente fora de ordem, algo que à primeira vista pode parecer totalmente fora de propósito, já que um dos grandes trunfos da História em Quadrinhos é justamente a capacidade narrativa propiciada pelo correto sequenciamento das imagens que compõem a HQ. E qual é esta situação despropositada em que a HQ é apresentada, ao leitor, aos pedaços, os quadros isolados, fora de ordem?

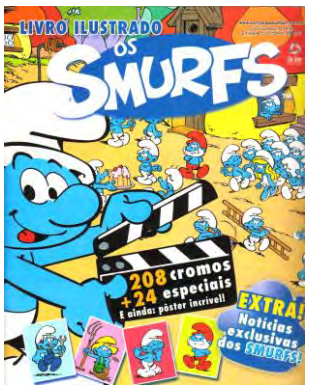
É quando uma História em Quadrinhos é apresentada na forma de Álbum de Figurinhas. Ora, o leitor compra o álbum com todos os quadrinhos faltando, aí vai comprando os pacotinhos de figurinhas e estas estão espalhadas aleatoriamente pelos pacotinhos. Ou seja, o leitor vai obtendo os quadros que formam a HQ de modo totalmente fora de ordem. É impossível o leitor deixar de ver cada quadro, quando abre o pacotinho e quando cola a figurinha no álbum. Portanto, o leitor lê esta HQ da forma idiota mencionada anteriormente, ou seja, numa sequência diversa da pretendida pelo autor quando produziu a história.

De um modo geral, os álbuns de figurinhas trazem imagens praticamente independentes umas das outras. A leitura de cada figurinha isoladamente não traz problema nenhum. Mas há alguns álbuns que resolveram colocar na forma de figurinhas os quadros de uma História em Quadrinhos. A seguir serão mencionados alguns.

A editora Aquarela produziu a partir da década de 1950 cerca de três dezenas de álbuns com várias reedições até meados da década de 1970. A maioria deles, como **Desfile de Bandeiras** ou **Riquezas Brasileiras**, mantinha a forma tradicional de álbum, com as figurinhas trazendo imagens independentes. Mas alguns trouxeram histórias em quadrinhos, como **Histórias de Nossos Bichos** e **Lendas Indígenas**. Estes traziam em cada página uma HQ composta por 5 figurinhas com legendas. Um trabalho muito interessante. A impressão que tenho é que esses álbuns da editora Aquarela eram vendidos com todas as figurinhas anexadas, o leitor tinha que destacá-las e colá-las no álbum. Podia, portanto, ir colando cada figurinha na ordem da leitura correta das histórias, sem contrariar uma das características fundamentais da História em Quadrinhos.

A editora Ebal também produziu na década de 1960 e 1970 uma grande coleção de álbuns, a maioria da forma tradicional, mas alguns contando histórias em quadrinhos. Vou mencionar apenas um deles, o álbum de Tarzan, cujas figurinhas foram retiradas de várias HQs de Russ Manning feitas para os comic books da editora Dell. No caso da Ebal, também é minha impressão que os álbuns eram vendidos com todas as figurinhas em anexo.

Mas há vários exemplos de álbuns trazendo histórias em quadrinhos cujas figurinhas foram vendidas separadamente em pacotinhos nas bancas. Em 1994, a editora Record lançou o **Livro Ilustrado Mad** que, no meio de várias imagens isoladas, trouxe algumas tiras de Aragonés, Don Martin e Al Jaffee.



Maurício de Sousa aprontou duas. A primeira foi em 2005 pela editora Globo com **A Turma da Mônica – A Volta do Capitão Feio**, um álbum de HQ onde a maioria dos quadros era formada pelas figurinhas, mas com alguns quadrinhos já impressos no álbum. Olha só o texto na 4ª capa: "Você, que já é fã das Histórias em Quadrinhos com a turminha mais divertida do planeta, vai adorar completar este livro ilustrado. Enquanto você cola os cromos, uma aventura inédita e cheia de surpresas, contada e ilustrada pelo Maurício de Sousa, vai sendo revelada." A segunda foi em 2007 pela editora Panini com **Turma da Mônica em Uma Aventura no Tempo**, uma adaptação do filme homônimo, usando imagens do próprio filme, o que deixou com menos cara de HQ do que o primeiro álbum.

O último exemplo de que tenho notícia é o álbum **Os Smurfs** da editora On Line. Além de figurinhas avulsas mostrando os personagens, trouxe em forma de figurinhas o álbum **Smurf Repórter**, recentemente publicado pela L&PM.

Como se viu, esse modo torto de apresentar uma HQ não é uma coisa rara.

QI 114 (mar/abr/2012)

28º ANGELO AGOSTINI

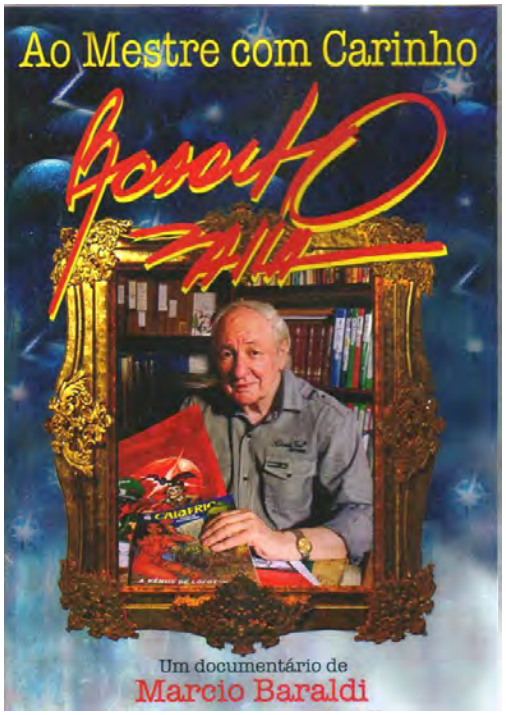
O DIA DO QUADRINHO NACIONAL

No dia 4 de fevereiro aconteceu o evento **DIA DO QUADRINHO NACIONAL**, com a entrega do **28º PRÊMIO ANGELO AGOSTINI**, realização da Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas – AQC-ESP. O evento foi realizado a partir das 14h no Espaço Cultural Instituto Cervantes, localizado na Avenida Paulista, 2439, em São Paulo.

Antes do início das atividades, a loja Comix Book Shop e os participantes do 4º Mundo colocaram seu material à venda na entrada do auditório do Espaço Cultural, aí permanecendo durante toda o evento.

Às 14h30, as atividades foram iniciadas com Márcio Baraldi apresentando seu vídeo **Ao Mestre com Carinho** dedicado à carreira de Rodolfo Zalla. Um trecho inicial do documentário foi mostrado à plateia. Rodolfo Zalla, presente no evento, pôde autografar tanto exemplares do vídeo como dos números 53 e 54 da revista **Calafrio**, vendida pela Comix.

Às 15h, iniciou um debate sobre um novo projeto de lei dedicado aos Quadrinhos Nacionais, que deverá ser submetido ao Congresso Nacional. A mesa foi composta por Jal, Márcio Baraldi, Spacca e Guilherme Kroll, com mediação de Jota Silvestre. Com opiniões a favor e contra a lei e com a participação da plateia, o debate ocupou mais de uma hora e meia.



Às 16h40, a cerimônia de entrega do Prêmio Angelo Agostini começa sob a direção de Franco de Rosa. Como de costume, antes da entrega dos troféus, várias pessoas são chamadas à frente para divulgarem seus projetos. Assim, Bira Dantas fala da HQ ao vivo que está sendo feita no hall do auditório e do blog da AQC-ESP. Worney fala do DVD homenageando Rodolfo Zalla. Franco fala da reedição do livro **A Técnica do Desenho**, de Jayme Cortez. Fernando Santos divulga o lançamento da revista **Picles**, produção da AQC. Marcos Venceslau apresenta novo número de **Piratas**. Will fala das atividades do 4º Mundo. Kendi Sakamoto divulga sua editora Laços e o blog **Gibiraro**. Eduardo Vetillo mostra seu novo lançamento, o álbum **A Saga de Canudos**. Vasqs fala de sua participação no livro **Ostras ao Vento**. E Worney fala um pouco sobre Angelo Agostini e a instituição do prêmio.

Começa a entrega dos troféus. Fernando Santos entrega o troféu de *Melhor Desenhista* para Maurílio DNA, da revista **Ação Magazine**. Will entrega o troféu de *Melhor Roteirista* para Daniel Esteves. O troféu de *Melhor Cartunista* foi entregue a Gustavo Duarte por Jal. Márcio Baraldi entrega o troféu de *Melhor Lançamento* para Alexandre Lancaster, editor da revista **Ação Magazine**. A categoria *Melhor Lançamento Independente* foi vencida por **Love Hurts**, cujo editor Murilo recebeu o troféu de Bira Dantas. Edgard Guimarães entregou o troféu de *Melhor Fanzine* para os editores de **Miséria**. O troféu *Jayme Cortez*, dedicado aos incentivadores do Quadrinho Nacional, foi entregue por Bira Dantas para Afonso de Andrade, representando os organizadores do FIQ – Festival Internacional de Quadrinhos.

Os próximos premiados foram os *Mestres do Quadrinho Nacional*. Marcatti e Vetillo entregaram o prêmio a Bira Dantas; Spacca entregou o prêmio para Fernando Gonsales; Marcatti recebeu, em nome de Lourenço Mutarelli, que não compareceu, o prêmio de Jota Silvestre; Worney entregou o prêmio a Moacir Torres.

Para finalizar, Franco fez a entrega de um prêmio de Mestre especial para Rodolfo Zalla.

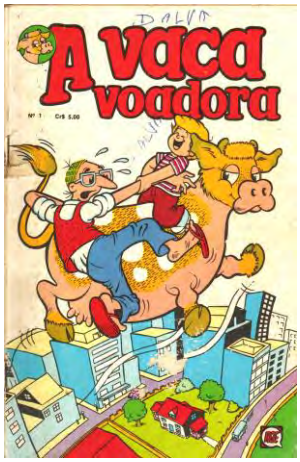
Após a entrega dos prêmios, os presentes permaneceram no local até por volta da 19h, conversando, trocando informações etc. Além dos mencionados, estiveram presentes, prestigiando o evento, Izomar, Osvaldo Talo, Rubens Cordeiro, Júlio Magalhães, Luigi Rocco, Antônio Armando Amaro, Paulo Anjos, Nobu, Paulo Ramos, Gazy Andraus, Denis Basílio, Mastrotti, Fábio Moon, Gabriel Bá, Edna Cortez (viúva de Jayme Cortez), André Diniz, Laudo, Primaggio, entre tantos outros.

Parabéns ao Worney e a todos da AQC pela realização, cabendo uma última menção à empresa Inarco, que tem cedido os troféus desde o início da premiação.

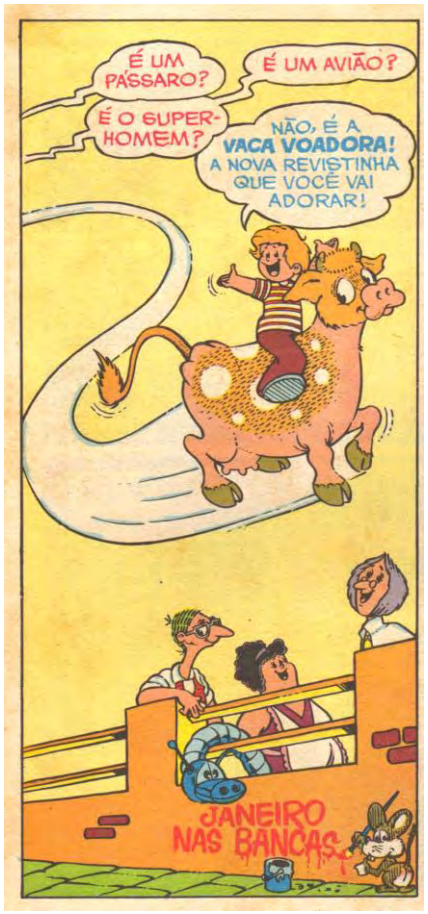
QI 114 (mar/abr/2012)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

As grandes editoras brasileiras sempre sustentaram o grosso de sua publicação com base em histórias em quadrinhos importadas de outros países, em especial dos EUA. Mas a maioria delas, em vários momentos, sempre arriscou algum projeto de produção de quadrinhos de autores brasileiros. Com características diversas.



A Rio Gráfica e Editora teve sua origem na empresa jornalística O Globo, cujo início no ramo dos quadrinhos foi justamente dando um chapéu em Adolfo Aizen, tomando-lhe os direitos dos principais personagens norte-americanos da época. Ainda no final da década de 1950 e parte de 1960, a RGE publicou duas revistas com heróis nacionais com uma longevidade invejável, durando cada uma quase uma centena de números. Foram "As Aventuras do Anjo" e "Jerônimo, o Herói do Sertão". Todos os dois heróis baseados em novelas radiofônicas. Esta é uma característica da maioria da produção (se não toda) da RGE: adaptar personagens já existentes em vez de criar personagens novos.



No final da década de 1970 houve novo surto de tentativas de publicar revistas nacionais. A tentativa mais bem sucedida se deu com a revista "Sítio do Picapau Amarelo", que teve duas séries, a primeira lançada em abril de 1977 e durando 28 números, seguida de uma segunda série de 36 números lançada em agosto de 1981, além de Almanaques, Superalmanaques, Especiais e revistas solos com Pedrinho, Emília e Visconde. Mais recentemente, em 2006, houve novas séries baseadas no Sítio. Este Sítio é o criado por Monteiro Lobato para seus livros infanto-juvenis, mas a base das revistas da RGE foi a adaptação feita para o seriado da Rede Globo, mantendo a fórmula de apostar no certo.

Mas alguns meses antes de lançar a revista do Sítio, a RGE lançou outra revista nacional voltada para o público infantil, dessa vez baseada numa coleção de livros de bastante sucesso na época, a série da Vaca Voadora criada por Edy Lima. Várias revistas da RGE, como "Mortadelo e Salaminho", "Flash Gordon" e "Fantasma", em seus números de dezembro de 1976 e janeiro de 1977 anunciaram o lançamento de "A Vaca Amarela" para o dia 21 de janeiro. De fato, a revista foi lançada e durou 10 números mais um Almanaque em 1978. O primeiro número da revista trouxe na última página algo inusitado: os créditos da produção da revista com retratos e atribuições de cada um, algo muito raro em produção de estúdio. O texto era o seguinte: "Edy Lima criou; Sandra escreveu as histórias; Ambrósio fez a edição de arte e desenhou; Itamar curtiu tudo no lápis; Sardella finalizou tudo em nanquim, no estúdio de Histórias em Quadrinhos Nacionais da RGE". Um lançamento muito bom, com histórias muito criativas.

O objetivo desse texto, no entanto, é mencionar outro anúncio que saiu em várias revistas na mesma época, entre elas "Mortadelo e Salaminho" 37, "Flash Gordon" 18, ambas de janeiro de 1977, e "Fantasma" 251 e 252, de janeiro e fevereiro de 1977. Este anúncio, no formato vertical, publicado na última página das revistas, ao lado do expediente, prometia para fevereiro a revista "Jôcomix", estrelada por Jô Soares, que tinha programa humorístico na Rede Globo. A imagem ao lado é a única referência que tenho dessa revista. Imagino que não foi efetivamente lançada, pois nunca a encontrei para venda. Não sei os motivos para o não lançamento. Mas é quase certo que o estúdio da RGE deve ter produzido histórias do personagem. Onde estão?

QI 115 (mai/jun/2012)

O FIM DOS FANZINES

Henrique Magalhães tocou num ponto muito importante que merece discussão: o decréscimo da publicação de fanzines. O assunto será tratado sob vários aspectos, mas antes é preciso fazer algumas observações. Eu normalmente uso o termo "fanzine" para designar qualquer tipo de publicação amadora. Mas neste texto acompanharei a conceituação usada por Henrique Magalhães, também utilizada por Worney A. Souza na definição das categorias do Prêmio Angelo Agostini. Fanzine, então, é somente a publicação amadora que traz informações sobre determinado assunto, no presente caso, sobre quadrinhos. A publicação amadora que traz Histórias em Quadrinhos produzidas pelos próprios editores e colaboradores fica denominada Revista Independente. A reformulação do **QI** a partir do nº 101 teve como causa a adequação à realidade. E a realidade é que o número de leitores interessados pela publicação estava decrescendo. O **QI** chegou a ter tiragem de 700 exemplares, quando era distribuído gratuitamente. À medida que parte de seus custos começou a ser repassada para o leitor, estes foram diminuindo. Atualmente, com o sistema de assinatura, onde o leitor paga todo o custo de impressão e envio, a tiragem é pouco maior do que 100 exemplares. A consequência imediata disso é que parte dos editores independentes não acha mais vantajoso divulgar suas publicações no **QI**. Eu continuo adquirindo todas as edições independentes de que tenho notícia, mas divulgo no **QI** apenas aquelas que obtenho através do correio. As publicações que consigo adquirir de outras formas, comprando diretamente em eventos ou em livraria virtual, essas eu não divulgo, pois não estou certo de que o editor esteja disposto a atender pedidos pelo correio. Assim, não tem sentido informar o leitor sobre um título que ele não possa adquirir via postal.

Outra consequência negativa da reformulação é que o espaço dedicado a cada título diminuiu. Deixei de incluir na divulgação o texto informando o conteúdo de cada edição. Era um texto pequeno, mas útil. No entanto, mesmo pequeno, dava bastante trabalho produzi-los. Essa simplificação resultou, de fato, na diminuição do espaço total dedicado às edições independentes no **QI**. No entanto, nunca houve, de minha parte, intenção de diminuir a característica de divulgação do **QI**, característica esta que motivou a criação do fanzine em 1992. O encolhimento da divulgação no **QI** decorreu de outras causas, já mencionadas, alheias à minha vontade. E importante: o aumento de textos analíticos e HQs no **QI** não foi responsável pela diminuição do espaço de divulgação. É preciso salientar que, apesar de tudo, continuo divulgando tudo que recebo, por intercâmbio, por aquisição pelo correio, e considero que este espaço no **QI** ainda seja importante. E o número de edições divulgadas continua sendo expressivo, embora menor do que em outras épocas. Para quantificar a questão, vou considerar os 6 números do **QI** publicados em 2011 (**QI**s 107 a 112). Durante este ano foram divulgadas 283 edições, sendo 180 de quadrinhos e 103 de outros assuntos. Não é um número desprezível, embora significativamente menor do que o divulgado em outros tempos, quando uma edição do **QI** chegava a divulgar quase uma centena de edições de quadrinhos. Como analisado, parte dessa diminuição se deve à queda de tiragem do **QI**. Mas é certo que parte deve ser por causa da diminuição do próprio número de títulos publicados. Este aspecto merece detalhamento.

A impressão que se tem é que há atualmente um número grande de edições independentes sendo produzido. E de fato isso ocorre. Um bom indicativo foi o número de edições independentes lançado na última edição do Festival Internacional de Quadrinhos em Belo Horizonte. Uma característica dessas edições é que são produções mais elaboradas, com qualidade gráfica melhor, o que permite que aspirem a sistemas de distribuição mais nobres, como a venda através de livrarias, reais ou virtuais. Essas edições, portanto, não cabem na divulgação que o **QI** faz. Estão num estágio em que o editor já está abrindo mão de fazer ele mesmo a distribuição, esta cabe agora aos distribuidores especializados. Portanto, há uma parcela da produção independente que não precisa da divulgação feita em fanzines, em particular no **QI**. Então, parte da diminuição do espaço de divulgação do **QI** está aí: edições independentes que já saíram do escopo de divulgação dos fanzines.

Até o momento, não se considerou na análise a influência da internet. Todas essas edições mencionadas são reais, publicações impressas. Embora haja muita gente que tenha optado por fazer publicações virtuais, para visualização direta no site ou na forma de arquivos para download, isso não fez diminuir a vontade de muitos de produzirem revistas e livros impressos. Tanto que esta produção é bastante grande atualmente. Em relação à divulgação dessas publicações impressas, é bastante provável que os editores busquem divulgá-las na internet prioritariamente, devido ao baixo custo. É muito barato enviar releases para os sites e blogs de quadrinhos. Embora não se saiba ainda sobre a eficácia disso. Os frequentadores de sites e blogs efetivamente compram as edições divulgadas? De qualquer forma, o fato dos editores darem preferência à divulgação virtual não tem maior influência na divulgação feita no **QI**, são duas coisas independentes. As edições divulgadas no **QI** são as edições que adquiro ou faço intercâmbio, portanto, serão divulgadas mesmo que não tenha sido este o propósito do editor.

Agora vem a questão principal: dessas edições independentes de quadrinhos produzidas atualmente em grande escala, quais são Revistas Independentes e quais são Fanzines? Aqui, sim, há uma mudança bastante brusca, que eu não havia me dado conta, cuja ficha só foi cair quando fui preencher a cédula para votação do Angelo Agostini no começo do ano. Ao consultar os números do **QI** de 2011, constatei que o número de Fanzines publicados é assustadoramente baixo. Das 180 edições de quadrinhos divulgadas, 167 são Revistas Independentes e apenas 13 são Fanzines. Praticamente os Fanzines se resumem aos números de **Mocinhos & Bandidos** publicados com regularidade, e aos títulos de José Magnago encabeçados por **O Castelo de Recordações**. No começo do ano saiu ainda um número do **Portal Zine** e no final do ano novo número de **O Quero-Quero**. E de modo geral, estes fanzines não são exclusivos sobre quadrinhos. Então, sim, os Fanzines estão no fim! E a explicação é que montar um blog parece muito mais prático e barato do que fazer uma publicação impressa sobre quadrinhos. Para a finalidade de informar o leitor sobre lançamentos, parece claro que os blogs e sites são mais eficientes. Para os textos mais analíticos, já não tenho certeza. Minha impressão, e eu já havia falado isso, no começo de 2011, em meu depoimento para o Márcio Sno incluído no documentário **Fanzineiros do Século Passado**, é que os Fanzines que sobreviverem serão os que aprofundarem questões relevantes sobre os quadrinhos, os que se tornarem "quase livros" como o **Top! Top!** de Henrique Magalhães. E ainda os que se mantêm como dossiês sobre algum assunto como **O Castelo de Recordações** e **O Quero-Quero**. E certamente as opções para voto na categoria *Fanzine* no Angelo Agostini continuarão restritas.

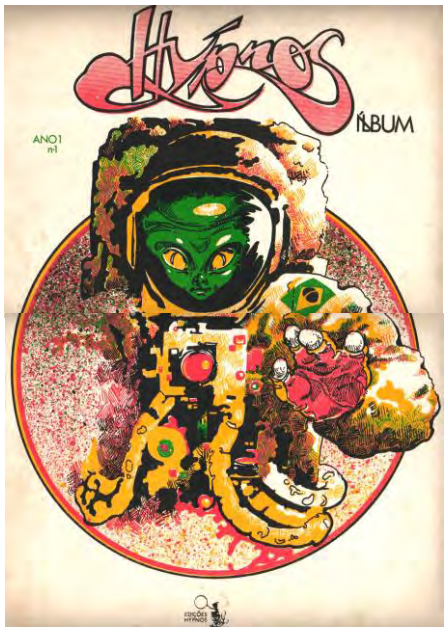
QI 115 (mai/jun/2012)

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

HYPNOS

A publicação de HQs no Brasil, apesar de tudo, é muito rica e sempre se encontram exemplos admiráveis. Esta coluna fará o registro de algumas dessas edições inusitadas, quase sempre de circulação restrita.

Numa das vezes em que fui à Livraria Muito Prazer, em São Paulo, para comprar os álbuns e livros de quadrinhos que não tinham distribuição fácil, vi na última prateleira, inacessível sem o uso de escada, uma capa que me chamou a atenção. Perguntei ao Walter se estava à venda, ele pegou a edição, falou o preço e não perdi a oportunidade.



Trata-se de um álbum de quadrinhos publicado em dezembro de 1986, no tamanho não usual de 325x475mm, 16 páginas, capa colorida, com o título **Hypnos Álbum**, os dizeres *Edições Hypnos* na parte inferior da capa e as indicações *Ano 1 nº 1*. A 4ª capa tem um anúncio da empresa Hypnos Criação & Serigrafia, sediada em Brasília, especializada em Arte final, Cartões, Camisetas, Adesivos, promocionais e personalizados, e Programação Visual.

O álbum contém 2 HQs produzidas por Martius, a primeira, *Um Gene Infinito*, de 8 páginas, com texto de Túlio Americano, e a segunda, *Árvore da Grande Paz*, de 4 páginas, sobre um poema iroquês. O desenho de Martius é muito caprichado, a impressão é excelente e o papel de ótima qualidade. Além disso, a edição traz um pôster com o dobro do tamanho do álbum, contendo mais uma HQ e o calendário para 1987. O tamanho das páginas é bem aproveitado com desenhos bem detalhados que dá ao leitor uma sensação estranha para olhos educados no formatinho.

Como mencionado, a segunda HQ tem como texto um poema iroquês bastante conhecido em que o autor indígena clama para que os homens enterrem suas armas e vivam em paz. No entanto, a HQ não se limita a ilustrar o poema, parte do tema e constrói uma narrativa própria, bem desenvolvida e criativa. A primeira HQ também é muito instigante, mas segue uma linha mais hermética, principalmente no texto das legendas. Parece óbvia a influência dos "hurlants", Moebius e Druillet à frente. Apesar desse hermetismo, de passagens meio obscuras, de uma certa afetação nos textos ("surge como semente de cósmica vida fluindo de mágica forma") e de certas referências muito explícitas (como a nave na forma de duas pirâmides entrelaçadas vista no **Incal** de Jodorowsky e Moebius), os autores acertam em dar o tom brasileiro a uma ficção científica de temática universal. O palco do drama se desloca das paisagens cósmicas para as paisagens rurais brasileiras, a casa de caboclo, o casal que vive isolado no sertão, com suas crenças e medos.

Um ótimo trabalho, em todos os aspectos, as HQs em si, a escolha do formato, a edição de qualidade. Nunca vi outro trabalho do autor Martius, o que é uma pena.

QI 115 (mai/jun/2012)

LANÇAMENTOS SÉRGIO LUIZ FRANQUE

Sérgio Luiz Franque faz dezenas de lançamentos e apresenta uma ampla relação de suas publicações.

Almanaque de Tarzan – estão prontos os almanaques de 1945 a 2012 – R$ 60,00 cada.

Coleção **Tarzan** mensal – coleção completa do número 1 ao 25 – R$ 30,00 cada.

Revista **Cowboy do Cinema** – números 1 a 10 – R$ 30,00 cada.

Revista **Cowboy Valente** – números 1 a 10 – R$ 30,00 cada.

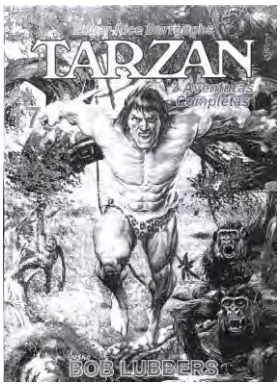
Almanaques de Faroeste – **Roy Rogers** 1951 e 1952 – **Rocky Lane** 1953 e 1954 – **Aí, Mocinho!** 1952 – **Campeões do Oeste** 1956 e 1960 – **Tim Holt** 1954 – **Monte Hale** 1956 – **Cheyenne** 1971 – **Gunsmoke** 1970 – **Pioneiros** 1971 – **Homem do Rifle** 1971 – **Paladino do Oeste** 1971 – **Tim Relâmpago** 1970 – **Cisco Kid** 1955 – **Tex Ritter** 1955 – **Don Chicote** 1955 – **Rex Allen** 1952 – **Gene Autry** 1953 – **Johnny Mack Brown** 1953 – **Bill Elliott** 1954 – **Buck Jones** 1950 – **Ken Maynard** 1952 – **Hopalong Cassidy** 1955 – **Kit Carson** 1957 – **Ringo Kid** 1956 – **Apache Kid** 1956 – **Cavaleiro Solitário** 1958 – **Durango Kid** 1952 – R$ 60,00 cada.

Tarzan Especial – As Várias Faces de Tarzan – R$ 30,00.

Tarzan Especial – O Legado de Tarzan – R$ 30,00.

Os acabamentos gráficos das publicações são comparáveis aos dos almanaques que a Ebal e a RGE publicavam na década de cinquenta.

Promoção especial: na compra de 10 unidades leva 1 grátis, à escolha do comprador.

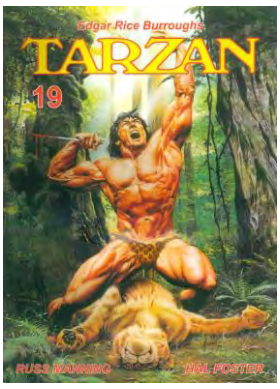


O grande lançamento deste ano são os **Álbuns de Tarzan**. São álbuns de incomparável qualidade gráfica, encadernação bem feita, sem soltar as páginas, impressão em preto e branco, capa colorida plastificada, com 100 páginas ou mais. As capas e contracapas têm ilustrações de Joe Jusko e Boris Valejo. Esta nova coleção traz as histórias originais de Edgar Rice Burroughs quadrinizadas por grandes artistas – R$ 70,00 cada, com preço promocional de R$ 60,00 para leitores do "QI".

Relação dos álbuns:

Nº 1 – **Tarzan O Filho das Selvas** – Burne Hogarth.
Nº 2 – **A Origem de Tarzan** – Joe Kubert.
Nº 3 – **A Volta de Tarzan** – Joe Kubert.
Nº 4 – **Contos Selvagens de Tarzan** – Burne Hogarth.
Nº 5 – **Contos das Selvas de Tarzan** – Alberto Giolitti.
Nº 6 – **Tarzan e as Joias de Opar** – Russ Manning.
Nº 7 – **As Feras de Tarzan** – **O Filho de Tarzan** – Russ Manning.
Nº 8 – **Tarzan O Destemido** – Rudy Florese.
Nº 9 – **Tarzan no Centro da Terra** – **Tarzan O Invencível** – Doug Wildey.
Nº 10 – **Tarzan, O Império Perdido** – **Tarzan e a Legião Estrangeira** – **O Pesadelo de Tarzan** – Paul Norris e Joe Kubert.
Nº 11 – **Tarzan O Terrível** – **Tarzan e o Leão de Ouro** – **Tarzan e os Homens Formigas** – Russ Manning.
Nº 12 – **Tarzan e a Cidade de Ouro** – **O Triunfo de Tarzan** – Doug Wildey.
Nº 13 – **Tarzan e o Homem-Leão** – **Tarzan Capturado** – Joe Kubert.
Nº 14 – **Os Gêmeos de Tarzan** – **Tarzan O Destemido** – **Balu dos Macacos** – Mike Royer, Russ Manning e Joe Kubert.
Nº 15 – **Tarzan e os Náufragos** – **Tarzan e a Cidade Proibida** – Frank Reyes e Paul Norris. (a serem publicados em 2012)

Nº 16 – **Tarzan** – várias aventuras de Jesse Marsh.
Nº 17 – **Tarzan** – três aventuras de Bob Lubbers.
Nº 18 – **Tarzan** – três aventuras de John Celardo.
Nº 19 – **Tarzan e os Vikings** – **Tarzan no Vale do Sepulcro** – Hal Foster e Russ Manning.
Nº 20 – **Tarzan e a Expedição Perdida** – **Tarzan e o Templo dos Homens-Animais** – **Tarzan e os Tambores da Morte** – Torre Grosa, Russ Manning e Frank Reyes.
Nº 21 – **Greystoke A Lenda de Tarzan** – Dan Spiegle.
Nº 22 – **Tarzan e o Massacre dos Inocentes** – Brocal Remohi.
Nº 23 – **Tarzan versus Predador** – Lee Weeks.
Nº 24 – **Tarzan versus Batman** – Igor Kordey.
Nº 25 – **O Legado de Tarzan** – **As Várias Faces de Tarzan** – Sérgio Luiz Franque.



Promoção especial: na compra de 10 números, leva 1 grátis; na compra de 15 números, leva os nºs 16 e 17 grátis.

Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

COMENTÁRIO

No **QI** 114, a propósito da carta de Alexandre Yudenitsch, comentei que há uma tendência nos quadrinhos mundiais, em especial no norte-americano, com seguidores nestas paragens, onde o propósito parece pegar o tema mais banal e desenvolvê-lo de forma igualmente banal. No entanto, essa banalidade possui seguidores fervorosos e estas obras encontram guarida das críticas dos jornais, dos blogs etc. A impressão que se tem é que fizeram um acordo para uns valorizarem os outros e ficarem todos em evidência. Yudenitsch lembrou bem que "aí, a gente está entrando num dos pontos centrais de todas as artes desde o século passado".

De fato, há muito tempo que as artes plásticas vivem neste mundinho de favores recíprocos, artistas e galerias numa relação viciada de auto-promoção, a ponto de, no senso comum, a arte moderna ser sinônimo de enganação. Pelo visto, os expedientes da arte moderna chegaram aos quadrinhos.

Mas o ponto que gostaria de salientar aqui é que este procedimento, como tantos outros no Brasil, tem suas raízes bem profundas no comportamento da sociedade. Ao fazer minha pesquisa para organizar o livro **Escritores de Brazópolis**, lançado no final do ano passado, vasculhei os jornais publicados na cidade desde 1890. E lá num exemplar da década de 1930, o nº 557 do jornal **Brazópolis**, de 27/1/1935, encontrei um texto assinado por Santos Lima, onde o tema do elogio mútuo aparece. Santos Lima era português e chegou ao Rio de Janeiro em 1872, onde viveu até 1879, interessando-se pelas atividades teatrais, onde foi ator, autor até ter sua própria companhia teatral. Fez turnês pela corte, cidades fluminenses, depois percorreu cidades de São Paulo e Minas Gerais. Em 1903 radicou-se em Brasópolis, onde viveu até sua morte, em 1938. Escreveu e produziu dezenas e mais dezenas de peças teatrais e foi redator durante décadas de jornais de Brasópolis. Conhecedor do ambiente cultural do Rio de Janeiro, escreveu o texto abaixo, dedicado a um escritor local, registrando quão antigo é o esquema de favorecimento no Brasil.

MARIO SILVA

Apesar de habitarmos no Rio de Janeiro ao tempo do ajuste feito entre os literatos de 1879, que, convencionalmente concordaram em usar o *elogio mútuo*, a fim de popularizar os nomes dos escritores incipientes da ocasião e do qual tomaram parte muito saliente, entre outros, Filinto de Almeida e Valentim Magalhães, este falecido há bastantes anos e aquele ainda forte e sempre na estacada, como membro proeminente da Academia Brasileira de Letras, não nos achamos dentro daquele quadro, porque não obstante o termos vivido no mundo dos literatos e especialmente dos teatrólogos, acanhamo-nos em retribuir no mesmo tom qualquer elogio que se nos faça, porque, enfim, *nem todos podem ser tudo*, e eu acho-me justamente nestes casos.

O meu distinto companheiro e colega Mario Silva, com a sua invulgar inteligência, e muito mais invulgar inspiração, teve para comigo, no dia dos meus anos, palavras de conforto e generoso elogio. Estamos longe do 79 e o *elogio mútuo* caducou.

Mario Silva, para não fugir à regra geral, faz anos e ele os comemorou no dia 25 deste, exatamente no dia em que sua digna progenitora fazia o mesmo, o que não tem nada de regra geral.

Abstraindo-me, pois, ou melhor, fugindo à convenção dos literatos de 1879, venho aqui dar-lhe simplesmente parabéns pelo seu aniversário, desejando-lhe saúde e fortuna e os sorrisos sempre amorosos da sua estremecida Lygia e... disse, embora fuja assim, airosamente, ao protocolar estilo bizarro.

S. L.

QI 115 (mai/jun/2012)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Esta seção tem tratado de edições que podem ou não ter sido publicadas e vários exemplos foram dados nos números anteriores. Em alguns casos, o mistério pôde ser resolvido, pois possuo o exemplar em questão, em outros casos, o mistério permanece, embora haja uma probabilidade alta de que as edições mencionadas não existam. Os boatos sobre a existência de edições não conhecidas assombram os colecionadores, que, de repente, "se dão conta" de que não têm sua coleção completa e têm que sair em busca dos tais exemplares desconhecidos. A questão é: de onde saem tais informações? Existem pessoas que lançam esses boatos de maneira consciente, apenas para perturbar os espíritos colecionistas?

Há casos em que parece claro ter havido apenas um engano da fonte do boato. Há poucos anos, em entrevista para um jornal, um conhecido autor de livros teóricos sobre quadrinhos declarou que uma de suas coleções preferidas era da revista **Dico, o Artilheiro**, da Rio Gráfica e Editora, composta de 19 números e 2 almanaques. Foi o que bastou para instaurar o pânico. Ora, esta revista do Dico teve apenas 17 números e 1 almanaque. Este caso parece um caso claro em que o entrevistado, falando de memória, se confundiu com o número de revistas e almanaques. Sem segundas intenções. Um dos últimos números da revista **Mundo dos Super-Heróis** trouxe matéria de Antônio Luiz Ribeiro sobre a editora Bloch, onde o autor deduziu que houve um título chamado **Space Ninja** com 6 números publicados, sendo que *Space Ninja* foi apenas o título em destaque do número 6 da revista **Clássicos das Artes Marciais**.

Recentemente, o colecionador português Carlos Gonçalves me pediu para procurar para ele o número 20 da revista **Tim Relâmpago**, publicada em 1971 pela Ebal na 2ª série do título *Quadrinhos*. Conferindo minha coleção, vi que eu só tinha até o número 19. Como não adquiri esta coleção na época em que saiu, podia ser que este número me faltasse. Dei uma procurada nos sítios de vendas e não achei. A fonte da informação de Carlos parece ter sido o sítio www.guiaebal.com, que mencionava a revista embora não trouxesse reprodução da capa. Não sei de onde tiraram esta informação, mas o sítio já atualizou esta página retirando este número. Parece, portanto, que este número não foi mesmo lançado.

Mas a questão da motivação permanece. Por que algumas pessoas se dão ao trabalho de difundir informações falsas sobre coleções? Hoje em dia quase não há mais colecionadores fazendo listas de oferta e mandando via postal para possíveis interessados. Mas já mantive contato com muitos colecionadores e recebi muitas listas de oferta de gibis. E adquiri muita coisa dessas listas. Um dos colecionadores de quem recebi algumas listas foi Nilson Silva, já falecido. Como suas listas não traziam o preço das revistas, eu sempre fui reticente em fazer algum pedido a ele. Mas posteriormente conheci o Nilson pessoalmente em São Paulo, nos eventos do Angelo Agostini, e, em troca do **QI** e de álbuns que eu imprimia (especialmente os do Valdir Dâmaso), ele se propôs a me enviar revistas que me faltassem nas coleções. E, de fato, baseado em uma lista de faltas que lhe enviei, me mandou um belo pacote de revistas de várias editoras, que completaram várias de minhas coleções. Antes disso, no entanto, as listas que ele me enviou me atormentaram bastante. Nos anúncios dessas listas apareciam vários títulos com numeração acima (às vezes, bem acima) dos números que eu tinha em coleções que eu julgava completas. Cáspite – tem gente que ainda diz assim –, seria possível que me faltassem todos aqueles números ali anunciados? Não me lembro se cheguei a escrever ao Nilson, mas me lembro que não tive resposta. Acabei concluindo que aqueles números, anunciados além dos que eu tinha, não existiam. Não sei qual o propósito de Nilson Silva em fazer uma lista assim, com toda essa numeração falsa. E como a maioria das ofertas era de revistas mais antigas, que eu não coleciono, nem posso conferir se o estrago não era maior. Mas vou exemplificar o que eu pude detectar de informação falsa.

Na lista de julho de 1998, Nilson anunciou o seguinte: **Brucutu** da Saber até o número 30 (foi até o 19); **Capitão César** da RGE até o número 13 (foi até o 9); **Capitão César** da Saber até o número 8 (foi até o 5); **Ferdinando** da Saber até o número 30 (a revista da Saber se chamou **Família Buscapé** e foi até o 15); **Fantasma** da Saber até o número 49 (eu tenho até o 48); **Príncipe Valente** da Saber até o número 25 (foi até o número 13 pela Paladino e continuou pela Saber até o 17); **Invictus** da Ebal com Superman e Batman até o número 90 (foi até o 82); **Misterinho** da Ebal até o número 88 (foi até o 64). A lista de dezembro de 2001 manteve muitas dessas numerações e acrescentou: **Big Ben Bolt** da RGE até o número 12 (foi até o 8); **Big Ben Bolt** da Saber até o número 12 (teve apenas 2 números pela Super Plá); **Demolidor** da Ebal até o número 45 (foi até o 31). Em agosto de 2005, nova lista repetindo muitos erros e acrescentando o **Dr. Macarra** da Cruzeiro até o número 12, sendo que foi até o 9 e não poderia ir além pois este número 9 já é de dezembro. Se a revista tivesse continuado, teria voltado ao número 1 do Ano II, como era costume da Cruzeiro.

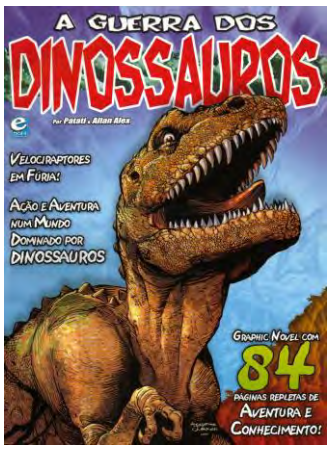
Atualmente, a possibilidade de se fazer bancos de dados dinâmicos em sítios ou blogs na internet é um recurso bastante valioso. Para consulta sobre HQs Disney existe o www.papersera.net/vilaxurupita; sobre a Ebal, há o mencionado www.guiaebal.com, que corrigiu rapidamente uma informação errada, trazendo tranquilidade para o colecionador.

QI 116 (jul/ago/2012)

QUASE QUADRINHOS?

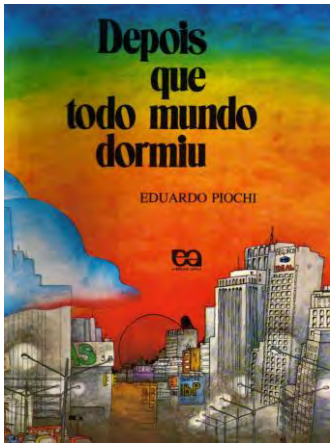
Tenho sempre insistido em que a conceituação das artes deve ser bem ampla, para englobar todas as suas manifestações, mesmo aquelas que tentem fugir de seus padrões mais comuns. E se houver alguma obra que passeie entre as artes, que obtenha classificação múltipla e não que se crie uma categoria nova para identificar apenas aquela obra. Mas a tendência, pelo que se vê, é outra. A sanha de ser original, criativo ou coisa assim leva artistas e teóricos a alardearem novas formas de expressão a cada trabalho que apareça forçando um pouco que seja os limites de sua manifestação artística.

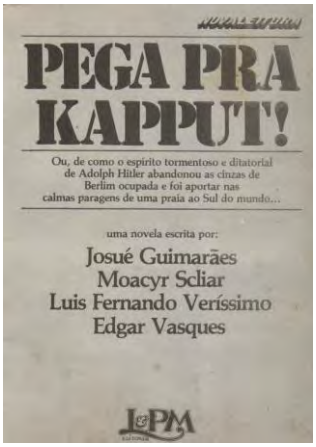
Nas Histórias em Quadrinhos a coisa parece mais grave, muitos teóricos se recusam a considerar HQ obras que não utilizem balões, por exemplo, e joga para a vala dos "antecedentes" uma vasta produção de histórias em quadrinhos anterior ao final do século XIX. Em minha conceituação, expressa em vários artigos, para ser História em Quadrinhos é preciso que o essencial da forma de expressão seja preservado, ou seja, é preciso que haja uma narrativa feita pela imagem pictórica. Mas o caso em questão é quando o autor decide misturar formas de expressão como textos escritos e sequências quadrinizadas. Mantenho minha posição de que se tratam de obras mistas, são Quadrinhos e também são Literatura.



A motivação para tratar desse tema foi um álbum que adquiri recentemente, chamado **À Procura do Mercador de Areia**, de Jean Noël Rochut, publicado em Portugal pela editora Asa em 1987. A obra alterna uma página de texto com uma página de ilustração ou história em quadrinhos, às vezes a ilustração invadindo uma página dupla. É uma história interessante, voltada a um público mais infantil, com textos curtos e com desenhos sem balões. Por que o autor optou por esta obra mista? Talvez, nesse caso, para atrair o jovem leitor com uma obra tornada leve pela presença dos desenhos.

Há alguns anos a editora Escala publicou **A Guerra dos Dinossauros** de autoria de Patati e Allan Alex. Recebeu na capa um nº 1, mas não houve outros números. Também uma obra bem interessante com os textos e as ilustrações bem misturados, valorizada pelo ótimo traço de Allan Alex. Neste caso, qual a motivação para produzir a obra híbrida? Talvez o tamanho do texto original e a dificuldade de adaptá-lo inteiro para uma História em Quadrinhos. Uma adaptação integral para HQ resultaria num grande volume de páginas, material para uma coleção inteira, e um investimento que praticamente nenhuma editora brasileira faz. Na história recente dos quadrinhos brasileiros, apenas o autor independente Alvimar Pires dos Anjos assumiu uma empreitada desse porte, bancando meia dúzia de volumes de sua saga de fantasia e ficção científca **Gilvath**. Uma pena, pois *Guerra dos Dinossauros* renderia uma bela coleção de álbuns de quadrinhos.





Mas um dos melhores resultados que vi certamente nunca foi considerado uma obra em quadrinhos. Trata-se do livro **Depois Que Todo Mundo Dormiu** de autoria de Eduardo Piochi, publicado pela Editora Ática em 1980. Um livro de 56 páginas, voltado para o público infanto-juvenil, colorido, um verdadeiro álbum de quadrinhos de fazer inveja a muita gente. Um desenho singelo do próprio autor contando uma história muito criativa, literatura infanto-juvenil da melhor qualidade. As crianças Beto e Cris esperam todo mundo dormir e saem em aventuras pela cidade.

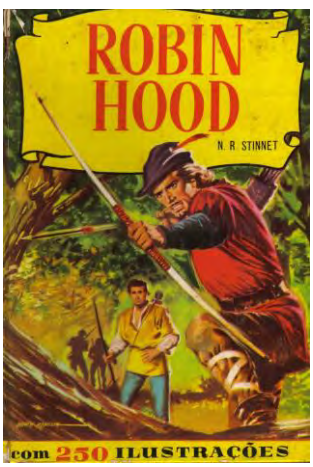
A frente da casa de Beto adquire status de submarino e sai navegando pelas ruas de asfalto como se fossem água. Em certo ponto da história, submergem e passam pelas estruturas dos prédios, pelas garagens subterrâneas e até pelos caixões enterrados de um cemitério. Tudo muito bem feito, leitura plena de satisfação para criança de qualquer idade. As narrativas escrita e quadrinizada mantêm continuidade, deixando claro que as ilustrações não são independentes, uma mescla genuína de duas formas de expressão. Do autor, Eduardo Piochi, só encontrei mais um livro, **Peregrino do Tempo**, de 1989, este um romance com ilustrações esparsas.

Existem algumas experiências que se aproximam dessa tentativa de mesclar Literatura e Quadrinhos. Um bom exemplo é o livro **Pega Pra Kapput!**, lançado pela editora L&PM em 1981. Trata-se de um *rounding robin* entre os autores Josué Guimarães, Moacyr Scliar, Luís Fernando Veríssimo e Edgar Vasques. Usando a fórmula comum entre os escritores de romances policiais, cada autor escreve um trecho do livro e passa para o outro autor continuar, de preferência criando uma situação que o autor seguinte tenha que resolver. Do quarteto mencionado, os três escritores fizeram suas partes na forma de texto, mas quando chegou a vez de Edgar Vasques, este deu continuidade na forma de uma ou duas páginas de HQ. Neste caso também havia continuidade entre a narrativa escrita e a quadrinizada. O mesmo Edgar Vasques participou de outra edição parecida, **História/Histórias de Porto Alegre**, dessa vez em parceria com Tabajara Ruas e Liana Timm. Neste caso, também um trabalho muito bom, os textos de Tabajara Ruas com ilustrações de Liana Timm eram intercalados com episódios quadrinizados por Edgar Vasques. Não houve propriamente uma fusão de Literatura e Quadrinhos.

O ponto que defendo é que o autor que desejar se expressar usando várias formas de expressão, que assim o faça, se achar que isso serve à obra, porque em determinado momento é melhor uma sequência de imagens e em outro um texto escrito. Por que ou quando usar uma ou outra forma de expressão? Acontece que textos escritos e sequências em quadrinhos não têm a mesma eficiência informativa. Para uma narrativa, é possível fazê-la de forma competente tanto em texto quanto em quadrinhos. Para as descrições, no entanto, as ilustrações são mais eficientes do que os textos, é a famosa "uma imagem vale por mil palavras". Por outro lado, para as dissertações, a HQ é pouco eficiente. Esta diferença de características nas formas de discurso justificaria um autor optar, dentro de sua obra, por uma mescla de formas de expressão, utilizando aquela que fosse mais adequada em cada caso. O público leitor, no entanto, de modo geral, não aprecia estas misturas. Também os autores ou editores que produzem estas obras mistas nem sempre o fazem pelo motivo correto.

A produção de livros usando textos e quadrinhos misturados é coisa antiga, remonta aos primórdios dos comic books nos Estados Unidos, na década de 1930, ou mesmo antes. Mas não eram obras pensadas para o melhor aproveitamento das linguagens escrita e quadrinizada. As editoras de livros viram na grande oferta de quadrinhos existentes na época uma oportunidade de produzir livros com apelo popular e economizar no ilustrador. Assim, pegaram HQs famosas dos jornais e utilizaram suas ilustrações intercaladas com textos narrando a história. Várias dessas coleções foram publicadas no Brasil, com destaque para a Biblioteca Mirim. Com tamanho pequeno e grande número de páginas, ficaram conhecidas como "tijolinhos". Na verdade, um atentado contra as obras originais, que tiveram seus quadrinhos retalhados com o acréscimo de textos escritos por funcionários fantasmas das editoras. Curiosamente, um dos maiores atentados, perpetrado pela Hastings House Publishers, teve algum mérito. O alvo foi o Príncipe Valente de Hal Foster. Esta coleção teve versão em português, publicada pela Rio Gráfica e Editora na década de 1960, na mesma época em que a editora tinha revista do personagem. No Brasil, a coleção teve seis volumes e, apesar de não publicar todos os desenhos feitos por Foster, mas apenas uma seleção deles, constituiu-se num atentado menor do que o cometido na própria revista do herói, onde a adulteração dos desenhos atingiu o ápice da imaginação. Nos livros, muitas vezes, as ilustrações eram publicadas em tamanho bem maior do que apareceriam em revistas do tamanho magazine e mesmo em muitos álbuns feitos com algum cuidado como os da Ebal a partir da década de 1970. Essas ilustrações em tamanho maior, mesmo atentando contra a obra por estarem fora do contexto da HQ, permitiram uma melhor apreciação dos desenhos de Foster.

Um outro formato de edição foi publicado no Brasil pela editora Bruguera, com dezenas de volumes divididos em pelo menos duas coleções. Livros de formato pequeno, capa dura e mais de duas centenas de páginas, intercalando três páginas de texto com uma de HQ. A **Coleção Histórias** trazia adaptações de romances e lendas, como Robinson Crusoé, Robin Hood, Moby Dick, etc. A **Coleção Heróica** trazia personagens famosos como Tarzan, Bonanza, Lassie, etc. As duas coleções claramente traziam as partes quadrinizadas retiradas de material produzido originalmente como história em quadrinhos. Uma deturpação das HQs originais com o propósito de, talvez, atrair o jovem leitor para a leitura de obras escritas.



QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

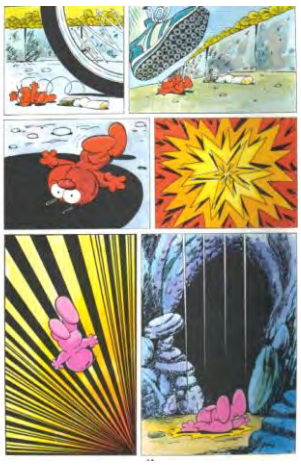
BINGO

A primeira aparição do personagem Bingo e de seu autor, Paulo José, pelo menos em edições de maior visibilidade, foi na 4ª edição da revista **Crás!** da editora Abril, em abril de 1975, numa HQ de 4 páginas. O personagem voltou a aparecer em HQs de 7 e 6 páginas nos dois números seguintes de **Crás!**. Bingo apareceu regularmente no suplemento **Quadrinhos** da **Folha de São Paulo** durante 6 meses em 1976. Em 1979 foi um dos escolhidos para o Projeto Tiras da editora Abril. O personagem sumiu por algum tempo, mas Paulo José manteve produção constante com trabalhos de estúdio, muitas vezes em parceria com outros autores, com destaque para Henrique Farias. Em 1978, o nome de Paulo José apareceu em um álbum de quadrinhos publicado pela Rio Gráfica e Editora, aproveitando o sucesso do personagem Coalhada de Chico Anísio. O álbum, **Coalhada na Copa**, trazia HQs curtas humorísticas com o texto creditado ao próprio Chico.

Uma produção de destaque de Paulo José foi a revista **Faustão**, baseada no apresentador Fausto Silva, lançada pela editora Abril em março de 1991, durando apenas 8 números. Algumas HQs pequenas do personagem Faustão apareceram na **Revista do Faustão**, revista de humor com algumas HQs, que durou apenas 4 números.

Em abril de 1993, no entanto, Paulo José e sua editora Bingo lançaram o jornal **Kidnews**, tabloide com 16 páginas, a maioria colorida, com distribuição gratuita em quase duas centenas de escolas de São Paulo. Segundo Paulo José, este jornal durou pelo menos 4 anos de publicação mensal. **Kidnews** trazia uma grande variedade de personagens de vários autores como Heloisa, Verde, Rosana, Jorge Barreto e Airon, além, é claro, de produções de Paulo José, como o Sapo Xulé, o Indiozinho Sem Nome e o próprio Bingo. Trabalhos da mais alta qualidade, com propósito educativo e de entretenimento, que merecia um apoio efetivo de secretarias de educação. Paulo José ainda tentou lançar, pela editora Press, a **Revistinha Kidnews**, mas não passou do primeiro número, apesar da excelente qualidade gráfica e de conteúdo.

Mas o ponto em questão, aqui, é que o personagem Bingo, quando participou dessas publicações da década de 1990, estava... morto! Parece coisa de super-herói americano vagabundo. Vai e volta na maior cara de pau. Acontece que Paulo José produziu em 1989 um álbum em quadrinhos chamado **Bingo em Vida Nova para Zé Mutreta**, publicado pela editora Correio Fraterno do ABC, onde os personagens Bingo e Zé Mutreta morrem. Esta história, de orientação espírita, busca apresentar os conceitos de vida material e espiritual, segundo os ensinamentos de André Luiz/Chico Xavier. Assim, na página 10 da história, Bingo é morto e continua sua vida no outro plano. Independente da crença nos conceitos apresentados, o fato é que este trabalho resultou num álbum de primeira qualidade. São 44 páginas de uma história muito boa, muito bem desenhada, com um colorido rico (a cargo de Henrique Farias) e uma ótima impressão. Não deixa nada a dever aos melhores álbuns europeus do gênero. Uma curiosidade: quando Bingo apareceu em **Crás!**, sua cor era azul; depois passou a ser rosado; neste álbum, depois que morre e passa a um plano superior, volta a ser azul. A editora Correio Fraterno publicou outra edição com Bingo, dessa vez um número de **Revistinha Espírita** com a história *Bingo em Meu Amigo Obsessor*. Nesta história, mais curta, mas ainda muito bem produzida, Bingo ainda estava morto e era um espírito disposto a ajudar outros espíritos não evoluídos.



TIRANDO O CHAPÉU

SAM E SILO

Às vezes, algum desenho ou tira ou HQ, por algum motivo, causa impacto inusitado em nossos sentidos. Esta seção mostrará alguns desses espécimes.

A editora Pixel lançou em banca recentemente uma revista muito simpática. Apesar do título **Recruta Zero**, não se limita ao soldado. Pelo contrário, traz toda produção de tiras e páginas dominicais feita em torno de Mort Walker, a partir de 1950, até hoje, envolvendo uma boa quantidade de grandes artistas e séries de sucesso. A primeira série de sucesso de Mort Walker, *Recruta Zero*, no original *Beetle Bailey*, foi criada em 1950 e desde muito cedo teve participação de outros artistas que foram se agregando em torno de Walker, com destaque para Dik Browne e Jerry Dumas.

A revista da Pixel mostra várias fases de diversas séries produzidas por Mort Walker e amigos, até trabalhos mais recentes produzidos por filhos dos criadores originais. *Recruta Zero* já tem participação de Greg Walker, filho de Mort. A serie *Zezé & Cia*, no original *Hi and Lois*, foi criada por Mort Walker, mas desde o início produzida por Dik Browne. As tiras atuais são produzidas com roteiros de Brian e Greg Walker e desenhos de Chance Browne, filho de Dik. A revista traz, dos mesmos criadores e atuais produtores, a série *Zeca & Fiapo, os Lixeiros*, mas não sei dizer se é uma série autônoma, ou se são tiras feitas para a série *Zezé & Cia*. Em 1973, Dik Browne cria *Hagar O Horrível*, atualmente produzida por seu filho Chris Browne. Mort Walker criou na década de 1960 a série *Arca dos Bichos* ou *Arca de Noé*, no original *Boner"s Arç* assinando seu nome do meio Addison. As tiras atuais são produzidas por Frank Johnson. O primeiro número da revista trouxe também a série *Zé Fumaça* de Fred Lasswell, mas não conheço a relação desse autor com a turma de Mort.

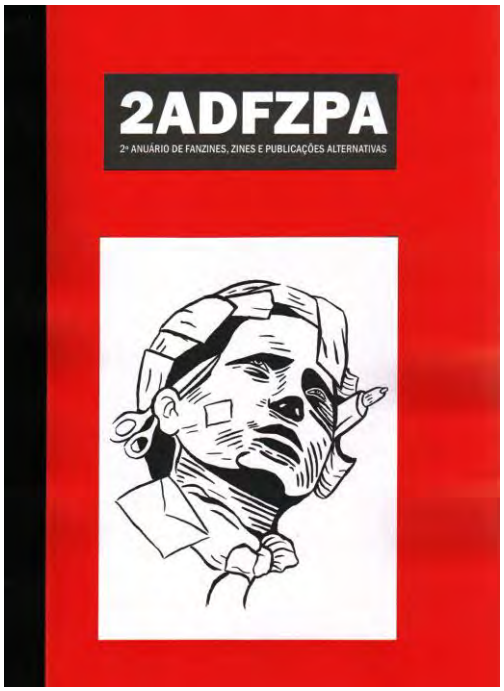
Finalmente, a revista trouxe uma série de que nunca tinha ouvido falar, *Sam & Silo*, dois policiais de uma cidade do interior, criação de Mort e Jerry Dumas, desenhada pelo último. Esta encarnação da série surgiu em 1977, mas teve uma encarnação anterior. Recentemente adquiri um livro da Fantagraphics Books com a compilação de todas as tiras da série *Sam's Strip*, criação de Mort Walker e Jerry Dumas. Esta tira circulou de final de 1961 a meados de 1963 e tinha como tema o mundo dos comics, usando um pouco de metalinguagem, interagindo com outros personagens, antigos e atuais, algo bem voltado para quem acompanha as histórias em quadrinhos. Na época a série não fez sucesso com os leitores e acabou depois de menos de dois anos. Posteriormente, Walker e Dumas reutilizaram os dois personagens, Sam e Silo, que antes aparecia mas não tinha nome, e apresentaram a nova série, agora mais normal, sem experimentações, e que é produzida até hoje.

No final do livro **Sam"s Strip** há menção à nova série *Sam & Silo*, mostrando algumas tiras e pranchas. Uma delas me impressionou pelo desenho, bem distinto do traço característico de Walker e Cia. Reproduzo-a a seguir.

QI 116 (jul/ago/2012)

O FIM DOS FANZINES – O RETORNO

No número anterior do **QI**, fiz uma análise sobre os Fanzines impressos, a partir de um artigo de Henrique Magalhães. Tomei como base as edições divulgadas no **QI** em 2011 e verifiquei que durante o ano foram divulgadas 283 edições, das quais 180 relacionadas com quadrinhos. Dessas, 167 foram de Revistas Independentes, ou seja, aquelas que trazem HQs propriamente ditas, dos editores e colaboradores. Somente 13 edições foram de Fanzines, na acepção mais restrita da palavra, ou seja, aquelas edições informativas, que trazem textos sobre quadrinhos já existentes. A conclusão é que os Fanzines impressos de quadrinhos estão mesmo no fim. Resistem somente aqueles que fazem um trabalho mais elaborado de análise ou registro mais amplo da matéria, como, por exemplo, o **Top! Top!** que, a cada número, faz um dossiê de um autor.



Logo após ter escrito o texto, recebi o **2º Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Alternativas**, da Editora Ugra, produzido por Douglas Utescher, Flávio Grão e Márcio Sno. A questão que imediatamente se impôs: o Anuário comprovaria o prognóstico ou mostraria uma realidade diferente do que posso observar através da janela do **QI**?

O Anuário trouxe resenhas de 165 títulos. Desses, 21 foram de edições estrangeiras, sul-americanas na verdade, e estas eu vou excluir na análise. Sobraram 144 edições brasileiras. Um dos fanzines foi impresso numa camiseta, também estou excluindo este. Sobraram 143. A classificação que farei a partir daqui, eu me baseei nas resenhas, e algumas vezes não deu para ter certeza se na publicação predominavam as HQs ou não. Portanto, pode haver alguma imprecisão nos números a seguir. Prosseguindo, das 143 edições brasileiras, 60 são dedicadas aos quadrinhos e 83 tratam de outros temas, como bandas, poesia, ilustrações, opiniões, experimentações diversas. Essas 83 edições de outros temas parecem, em sua maioria, Fanzines propriamente ditos, tratam dos assuntos enfocados, ou seja, falam sobre bandas, fazem comentários sobre temas como a cena punk, a diversidade sexual, a música evangélica, etc. Alguns, poucos, trazem produções próprias, como contos ou poemas, e neste caso, não seriam Fanzines. Mas a primeira conclusão já está aí. Quando o tema não é Histórias em Quadrinhos, o Fanzine impresso está bem vivo, com uma grande produção com uma temática bem variada, além de grande diversidade na própria maneira de fazer a edição.

Dos 60 títulos relacionados aos quadrinhos, ocorre o contrário, 59 são Revistas Independentes, somente 1 é Fanzine, justamente o **Top! Top!** de Henrique Magalhães. O Anuário confirma a conclusão do texto anterior: os Fanzines de quadrinhos esqueceram de deitar.

LANÇAMENTO!!!

Estou lançando uma nova edição de Histórias em Quadrinhos. Trata-se do álbum **Cotidiano Alterado**, uma coletânea das tiras homônimas e algumas coisinhas mais. Comecei a produzir esta série em março de 2012 e várias delas já foram publicadas no sítio www.marcadefantasia.com, graças à gentileza de Henrique Magalhães.

A coletânea que ora lanço não está completa, muito pelo contrário, este é só o começo. Junto com este número do **QI**, o leitor está recebendo a capa-envelope e a primeira folha do álbum. A cada número do **QI**, o leitor receberá mais uma folha e assim vai completando a edição.

Esta é uma forma de presentear o leitor que tem prestigiado o **QI** com sua regularidade e, portanto, não terá dificuldade de completar a edição com todas as folhas que forem produzidas. Cada folha só será feita na ocasião de ser encartada no **QI** correspondente e, portanto, futuramente, não terei como providenciar folhas que eventualmente faltem a leitores ocasionais.

QI 116 (jul/ago/2012)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

As editoras de quadrinhos, mesmo as grandes, supostamente profissionais, nunca tiveram um cuidado muito grande com a organização das coleções de suas revistas. Coisas básicas, que se aprendem na pré-escola, como colocar a data de publicação ou, pasmem!, dar uma sequência numérica coerente às edições de um mesmo título, muitas vezes passaram ao largo das preocupações dos chamados editores. Claro que sempre há uma explicação racional para cada tipo de negligência. Por exemplo, não colocar data na publicação para poder mandá-la de volta para as bancas meses depois e não parecer coisa velha. O fato é que, racionalidades à parte, a vida dos colecionadores e estudiosos fica mais difícil por conta dessas omissões.

O foco dessa vez é na Editora Bloch. Como mencionado anteriormente, a revista **Mundo dos Super-Heróis** nº 33 publicou extenso artigo de Antônio Luiz Ribeiro sobre a Bloch, detalhando mais a linha dos super-heróis Marvel. Aqui vou tratar de algumas dúvidas que aparecem na linha de Terror. Os dados apresentados não serão exatos, pois se baseiam nas escassas informações dos expedientes das revistas.

Em 1976, a Bloch iniciou uma linha de revistas de terror com o sobretítulo geral *Capitão Mistério Apresenta*, usando material oriundo das revistas de terror da Marvel. Foram lançadas 8 revistas com data de 1976 e uma com data de 1977. Não dá para saber a ordem de lançamento e aparentemente não tinham periodicidade mensal, talvez bimestral, algumas vezes irregular. As revistas que trouxeram material Marvel foram: **A Tumba de Drácula** (até o nº 14), **Frankenstein** (até o nº 8), **Lobisomem** (até o nº 12), **A Múmia Viva** (até o nº 5), **Aventuras Macabras** (até o nº 11), **Histórias Fantásticas** (até o nº 10), **Clássicos do Pavor** (até o nº 10), **Cine Mistério** (até o nº 7, embora haja o boato não comprovado de ter saído o nº 8) e **Sexta-Feira 13** (até o nº 5), esta iniciada em 1977. Em 1978 a Bloch perdeu os direitos de publicação de histórias da Marvel. As revistas **Histórias Fantásticas**, **Clássicos do Pavor**, **Cine Mistério** e **Sexta-Feira 13** foram encerradas nos números mencionados. Mas os outros títulos, a Bloch decidiu continuar publicando com outros materiais, principalmente de autores brasileiros. **A Tumba de Drácula** mudou o nome para **Conde Drácula** a partir de nº 15, durando até o nº 23, com HQs de Edmundo Rodrigues e Homobono. **Frankenstein** continuou do nº 9 ao 11, com desenhos de José Menezes. **Lobisomem** foi do nº 13 ao 20 com desenhos de Flavio Colin. **A Múmia Viva** tornou-se simplesmente **A Múmia** a partir de nº 6 e foi até o nº 18, desenhada por Júlio Shimamoto. **Aventuras Macabras** teve autores brasileiros somente no nº 12, mas continuou até o nº 18 com materiais estrangeiros de outras procedências, incluindo da Charlton. As revistas foram encerradas por volta de 1980.

Em 1982, o sobretítulo *Capitão Mistério Apresenta* apareceu numa nova coleção, alternando os títulos **Drácula** e **Lobisomem** durante 34 números, até 1986. O título **Drácula** apareceu nos números 1, 3, 6, 8 a 19, 21 a 34 sempre com material nacional com destaque para os trabalhos de Homobono, Edmundo Rodrigues e Ofeliano. O título **Lobisomem** apareceu nos números 2 e 5 com material estrangeiro e 7 e 20 com material nacional. E o número 4 teve o título **O Homem Planta**, com material estrangeiro. Neste período de 1982 a 1985, foram publicados 3 números de **Capitão Mistério Apresenta Almanaque de Terror**, todos com HQs nacionais. Todas as revistas mencionadas até o momento eram em formatinho.

Em 1986, o nome *Capitão Mistério* foi usado numa *Nova Série* que durou 5 números no formato magazine, até 1987. Os números 1, 3 e 4 tiveram o título **Histórias Reais de Drácula** e os números 2 e 5, **Histórias Reais de Lobisomem**. Ao passar para formatinho em 1987, minha conclusão é que esta coleção se desdobrou em duas, ambas com o sobretítulo *Capitão Mistério Apresenta*. **Histórias Reais de Drácula** continuou a numeração a partir do número 6 e durou até o número 25, em 1992, com periodicidade mais ou menos trimestral. E uma nova coleção com o nome **Histórias Reais de Lobisomem** começou a partir do número 1 durando 18 números até 1992, possivelmente sendo publicada alternadamente com **Histórias Reais de Drácula**. Neste período saíram 3 números de **Almanaque de Histórias Reais de Drácula**, o primeiro em formato magazine no final de 1986, os dois seguintes em formatinho em finais de 1987 e 1988. Todas as edições trouxeram material nacional.

Antes de encerrar sua linha de terror, que durou quase 20 anos, dando bastante oportunidade para o autor brasileiro, a Bloch ainda lançou quatro títulos que, embora tivessem na capa o número 1, foram edições especiais: **Histórias Reais de Drácula Especial – Vampiras** e **Histórias Reais de Lobisomem Especial – Monstros Malucos**, ambas em 1991; **Capitão Mistério Apresenta As Melhores Histórias de Drácula** e **"Capitão Mistério Apresenta Drácula Especial**, ambas em 1993.

QI 117 (set/out/2012)

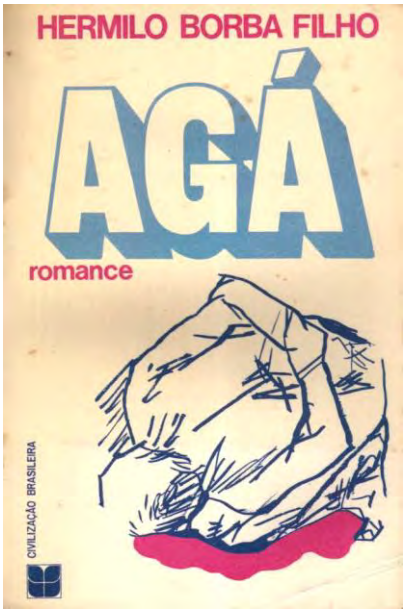
QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

AGÁ

Tomei conhecimento deste trabalho através do livro **O Mundo dos Quadrinhos** de Ionaldo A. Cavalcanti. O verbete dizia simplesmente: "Capítulo do romance *Aga*, de Hermilo Borba Filho, lançado em 1972 pela Editora Civilização Brasileira, apresentado em quadrinhos. A realização é do pintor José Cláudio e apresenta ilustrações de ótima qualidade." Trazia também reprodução de uma página da história. O que me inquietou na época em que li este verbete e vi esta ilustração, é que Ionaldo chamava de ótima qualidade uma ilustração que eu considerava primária. De fato, o desenho de José Cláudio é quase um esboço. As considerações de Ionaldo nos verbetes de seu livro sempre foram um guia para mim e busquei conseguir muitas edições me baseando nelas. Mas neste caso do livro de Hermilo, não me convenci.

Tempos depois, busquei e consegui adquirir o romance de Hermilo Borba Filho, cujo nome na verdade é **Agá**, publicado em 1974. As pseudo-orelhas do livro trazem o texto:

"Romance à primeira vista de circunstância, *Agá* nasceu de uma determinada realidade subjetiva para, logo em seguida, desprender-se dos limites do tempo e do espaço, passando a representar um vívido documentário de um tempo de decadência moral – tudo, porém, sob o enfoque do mais puro Humanismo (...)."



"É em função do problema da Liberdade e da dignidade humanas que o Autor encaixa no romance um longo capítulo de estórias em quadrinhos, numa exposição quase didática do martirológio brasileiro pela independência e pelos anseios de liberdade política e econômica, na sucessão dos quais aparecem Tiradentes, Frei Caneca, Padre Roma, Beckman e outros vultos pátrios, em contraste com os velhos e ressurectos verdugos do povo, cujos nomes se perdem pelos desvãos da História, num anonimato ignóbil que a própria dignidade do homem exige seja mantido, sem perdões complacentes ou acumpliciadoras indulgências."

"Em qualquer fase do romance de Hermilo Borba Filho está presente, ou subjacente, o problema da Liberdade (...)."

"Pela primeira vez na novelística brasileira se faz uso das estórias em quadrinhos como parte integrante de um todo romanesco, o que dá a medida da valorização que Hermilo Borba Filho empresta às iniciativas populares, ao seu engenho criador, no processo artístico e suas manifestações."

"Ilustradas por José Cláudio, um dos mais conhecidos pintores e escultores do Nordeste, de nome nacional, as estórias em quadrinhos reunidas neste livro se completam com o texto do romance, integrando-o ou desdobrando-o em suas intenções e propósitos."

Logo no começo do livro, o autor avisa que o capítulo *O Livro dos Mortos* se compõe de textos condensados por ele próprio a partir do livro **História do Brasil** de A. Souto Maior, adaptados para estórias em quadrinhos por José Cláudio.

O romance de Hermilo Borba Filho é composto de 310 páginas, sendo que o capítulo *O Livro dos Mortos* ocupa 87 páginas na forma de HQ. Ou seja, é praticamente um livro de quadrinhos dentro do romance. Embora tenha relação com o restante do livro, tem independência para ser lido isoladamente. O desenho de José Cláudio é realmente muito simplificado, algumas páginas são muito esquemáticas, às vezes somente um texto ilustrado, mas o trabalho é de uma força impressionante. A História do Brasil é passada em revista pela perspectiva de seus mártires. Aquele Dom Pedro às margens do Ipiranga faz a coisa parecer muito fácil, freia o pocotó, levanta a espadinha e pronto! A leitura de *O Livro dos Mortos* mostra de maneira clara e crua a grande luta pela liberdade que se travou por todo o Brasil, que permitiu que o Pedro pudesse fazer sua cena.

QI 117 (set/out/2012)

MEU PRIMO MÁLUS

Em julho de 1969, assisti, de uma TV na casa de minha tia-avó Iracema em Belo Horizonte, ao Neil Armstrong botar sua solinha na Lua. Eu estava hospedado lá, com minha mãe, para cumprir a maratona de filas para conseguir fazer uma consulta no Ipsemg. Eu já sabia que um dos filhos de minha tia era cartunista ou algo assim, mas sem muita noção do que isso significava. Enquanto estive lá, ouvi conversas sobre o assunto. Mário Lúcio Braz e Silva pertencia a um grupo de novos cartunistas que tentavam publicação nos jornais da capital, todos com aquele ideal revolucionário típico, aquela atitude de esgueirar-se, dispostos a combater a ditadura com seus cartuns. O assunto do momento era o recente lançamento no Rio de **O Pasquim** e a participação, no jornal, de Henfil, que era um pouco mais velho e já guru de toda a turma. Nas duas semanas que fiquei em Belo Horizonte, tive pouco contato com Mário Lúcio, só via o entrar e sair daquele grupo de cartunistas (o único outro nome de que me lembro é o de Gus), sempre desconfiados, esquivos e eufóricos. Mas num intervalo entre uma conspiração e outra, Mário Lúcio fez um retrato meu, assinando MarLúcio. Em seus primeiros cartuns publicados na imprensa, assinou Marlu, depois mudando para Málus. Tenho apenas dois exemplos de suas charges publicadas na imprensa de Belo Horizonte, mas não sei a data de publicação.

Em 1973, minha mãe enviou a ele algumas histórias em quadrinhos que eu estava produzindo na época. Eram páginas de uma série chamada *Os Animais*, claramente inspirada em *Os Bichos* (*Animal Crackers*) de Rog Bollen, que era publicada no suplemento da **Folha de S. Paulo** e logo seria publicada na revista **Eureka**. Vários meses depois, Málus enviou correspondência, devolvendo os meus originais, mandando um livro de presente e a carta que reproduzo a seguir:

"Edgar, em anexo estou lhe devolvendo as estorinhas e os cartoons de sua autoria, coisa que, aliás, já deveria ter feito desde o ano passado."

"De lá para cá você já deve ter evoluído muito, que seu (agora passado) traço e ideias são muito bons (ou boas)."

"Negó seguim, Edgar: é difícil paca a gente ter que julgar o trabalho de outra pessoa. Vê se me entende. Imagina o Millor Fernandes julgando os "horríveis" desenhos do Jaguar quando este iniciou carreira."

"O Vagn (que Deus o tenha), quando iniciou, foi "pichado" e "malhado" pelo Ziraldo e pelo Paulo Francis até onde podia; hoje, depois de morto, virou uma espécie de musa, deusa, por aí... dos cartunistas brasileiros. E agora? te pergunto eu. Eu é que vou julgar alguém? Hein? Hein? Hein? Eu não, Rosa!"

"Vou tornar minhas, caro primo Edgar, as palavras do Henfil quando eu mostrei meus primeiros desenhos a ele: – Mário Lúcio (bem solene), quem vai te julgar é o público e a sua consciência (a gente sabe quando um trabalho está bom ou não, independente da crítica alheia – me disse ele). Publique – me disse mais enfático – só você vendo seu próprio trabalho publicado, se vendo nu perante o público, você vai ter noção do seu talento criador. PUBLIQUE! É o que eu posso te dizer – me disse o Henfil – PUBLIQUE. No mais, – ele continuou – eu te digo uma coisa: Você tem talento e ideia. Quero ver é se você tem peito de enfrentar a vida de cartunista e desenhista neste país. Publique, que talento não te falta."

"Isto, Edgar, foi o que Henfil me disse quando eu comecei, e que, agora, eu passo adiante, e a você: talento e capacidade criativa, meu filho, você tem. Agora é meter os peitos. Fazer. Publicar. Melhorar o traço. Usar material de trabalho mais adequado. Pesquisar. Testar. Ler."

"No entanto, já dizia não sei quem, isto só não basta, é preciso uma indicação, um conhecimento do mercado, um empurrão para quem começa. E por isso eu lhe digo: dá uma passada cá em casa. Vamos bater um papo. De perto a gente tem mais condição de dialogar e se conhecer mais. Traz mais trabalhos. Quem sabe a gente pode te tentar no **Estado de Minas**? Traz mais estórias. As que você tem feito ultimamente. E vamos bater um papo. Talento, meu filho, ideia, meu chapa, tu tem."

Na época eu cursava o 2º grau e nem passou pela cabeça de minha família eu sair de casa e ir morar em Belo Horizonte. Depois dessa carta de Málus, praticamente não tivemos mais contato, nunca fui à casa dele e ele nunca veio visitar os tios e primos.

Na década de 1970, fuçando os livros na Biblioteca Pública de Brasópolis, achei um exemplar do livro-revista **Oi, Turma** nº 2, de 1972, contendo uma HQ de 10 páginas de Málus. Esta HQ, com os personagens Jabaculê e Patatá, eu republiquei no nº 3 de **Psiu**, em março de 1990. História e personagens muito bem construídos, enredo criativo, situações engraçadas, um desenho agradável bem na linha de Henfil, tudo conspirando para se tornar um clássico da HQB. Da mesma estirpe de Zeferino, Pererê e Os Bandeirantes. Mas não sei se houve outras aventuras da dupla e certamente não tiveram o reconhecimento que mereciam.

Ainda no começo da década de 1970, Málus se estabeleceu como ilustrador de livros didáticos, principalmente para a editora Vigília, de Belo Horizonte. Estes livros didáticos foram muito usados nas escolas estaduais, mas nunca chegaram às escolas de Brasópolis. Aqui chegaram seus congêneres, também da editora Vigília, porém ilustrados por outro grande quadrinhista brasileiro, Nilson Azevedo, autor de várias séries em quadrinhos.

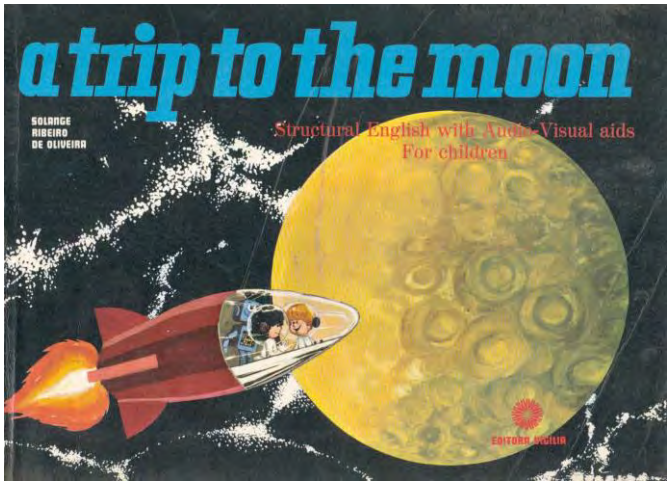
O livro que Málus me enviou em 1974, quando me devolveu os meus originais, pertence a essas coleções da editora Vigília. Trata-se do livro didático de inglês **A Trip to the Moon**, de Solange Ribeiro de Oliveira, publicado em 1973, com ilustrações de Málus. Seguindo o padrão da época, o livro é todo em inglês, alternando uma página com HQ de 6 quadrinhos, exercícios, textos ilustrados, letras de canções.

O interessante é que, tirando as páginas de exercícios e de canções, os quadrinhos e os textos ilustrados formam uma história, ouso dizer, um álbum de quadrinhos. Os textos e diálogos, sempre em inglês, são bem simples, com muitas repetições, pois são destinados a crianças recém-alfabetizadas ou em alfabetização. Mas apesar de toda essa simplicidade, há uma história coerente formando o livro, e com algumas características bem inusitadas para um livro didático dirigido a crianças.

No início, são apresentados os protagonistas, o menino Keith, a menina Pam e Rex, o robô. Logo em seguida, são apresentados os pais de Pam, sua irmã Ruth e seu irmão Tony. Num parque de diversões, descobrem um foguete vermelho e isso atiça a imaginação de Pam, que passa a querer viajar para a lua. Sem muita conversa, o foguete já está no jardim de Pam, que juntamente com Rex e Keith se preparam para a viagem. Durante a viagem, a primeira estranheza. Um texto sobre o robô diz: "Rex não é um homem, não é uma mulher, é só um robô. Um robô não pode respirar, não pode comer, não pode beber, não pode sonhar. Um robô pode apenas ser um robô." O foguete pousa na lua e logo aparece um homem-da-lua. E a segunda estranheza. O texto diz: "O homem-da-lua não é bonito, é muito feio. Ele tem duas pernas, mas não tem pés, tem duas mãos, mas não tem dedos. Ele não pode respirar, ele não pode comer, ele não pode beber. Ele pode apenas ser um homem-da-lua."

As crianças logo ficam tristes, com saudades dos parentes, dos animais, do verde. "A lua não é bonita, não é amarela, é cinza. É uma lua feia e cinza." O foguete vermelho está velho e não pode voar de volta. As crianças olham para o céu e veem um globo azul, muito bonito. O homem-da-lua diz que é a terra e as crianças começam a chorar de saudades. O homem-da-lua arruma um novo foguete azul e o dá ao robô para que ele leve as crianças para casa. O robô se emociona e começa a chorar. Mas um robô não chora, só um homem chora, então o robô se transforma em ser humano.

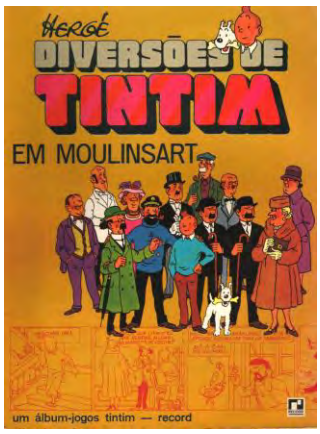
Rex, o novo homem, pilota o foguete levando as crianças de volta para a terra. Elas estão felizes. "Somente o homem-da-lua não está feliz, está muito triste." Ele não gosta da lua, ele gosta da terra, mas ele fica na lua feia e cinza. "Sua grande face feia está cheia de lágrimas". E o foguete parte para a terra. Um livro didático, com uma história estranha, com um final melancólico, mas um belo álbum de HQ de Málus.

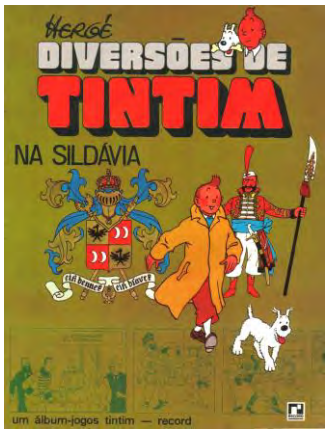


QUASE QUADRINHOS?

Voltando ao assunto de obras que mesclam Histórias em Quadrinhos com alguma outra coisa e resultam em algo cuja classificação desafia os interessados neste tipo de coisa. Enquanto uns tentam desqualificar os híbridos como Histórias em Quadrinhos "verdadeiras", eu continuo insistindo que são HQs, ainda que não o tipo usual delas.

Na década de 1970, a editora Record era detentora dos direitos de publicação de Tintim para a língua portuguesa. E em sua coleção, publicou tudo que era possível publicar. Não publicou **Tintim no País dos Sovietes** e **Tintim e a Arte Alfa**, o primeiro e o último, pois na época a fundação Moulinsart não tinha decidido ainda ganhar dinheiro às custas deles. Mas a Record publicou outras coisas na coleção, como o álbum **O Lago dos Tubarões**, adaptação do filme de animação homônimo, e os álbuns **As Laranjas Azuis** e **O Mistério do Tosão de Ouro**, adaptações de filmes feitos com atores. Uma coleção bagunçada essa da Record, misturando alhos, bugalhos e nem ao menos na ordem correta. Publicou também alguns álbuns de colorir de Tintim, mas desses eu nunca consegui adquirir nenhum exemplar.





Para os propósitos deste texto, interessam os dois álbuns chamados **Diversões de Tintim na Sildávia** e **Diversões de Tintim em Moulinsart**, dois álbuns que, aliás, hoje são muito valorizados, não sei o porquê. Estes álbuns trazem diversos jogos, a maioria composta de algum tipo de jogo de tabuleiro, mas também incluindo jogos de erros e quebra-cabeças, entre outros. A maioria dos jogos tem a aparência de uma página de história em quadrinhos, algumas foram tiradas dos álbuns de quadrinhos de Tintim e outras foram produzidas especialmente para a edição, com o mesmo capricho dos álbuns originais. Os diversos jogos não têm continuidade, não formam uma história em quadrinhos, no todo; ao contrário, cada jogo corresponde a um trecho de uma HQ, sem o começo e sem o fim. Algo bem dirigido a tintinófilo, gente que conhece todas as aventuras do herói e pode reconhecer cada trecho de HQ. Os álbuns não formam de fato álbuns de HQ, mas cada trecho, mesmo inserido num jogo, tem as características de história em quadrinhos. Não deixa de ser interessante para os fãs de quadrinhos em geral e de Tintim em especial.

Uma experiência interessante apareceu no nº 10 da revista de atividades **Diversões Escolares** da editora Minuano. Não sei dizer se os outros números são semelhantes. Este número traz uma HQ onde dois índios saem para caçar uma onça, mas a cada página, para que a leitura continue, o leitor tem que resolver um jogo. São jogos bem simples, para crianças em alfabetização. A primeira página traz um jogo de codificação, para se descobrir o nome da história, em seguida uma mini-cruzada para se descobrir o animal que será caçado. E assim continua, com jogo de erros, página para colorir, cópia de desenho, relacionar imagens, entre outras atividades. Uma produção simples, mas bem feita, com os desenhos a cargo de Luiz Antonio Gomes. Neste caso, os jogos estão bem integrados na história, o todo formando uma revista de HQs.

Outro exemplo é o nº 47 da revista de atividades **Contos do Folclore** da editora Bentivegna. Também não sei se os outros números mantinham a mesma fórmula. Neste caso, primeiro há uma HQ de duas páginas e depois mais duas páginas com jogos e diversões baseados na HQ. São três histórias contando lendas do folclore brasileiro, também com uma boa produção, desenhos simples e bem coloridos, mas sem o crédito do autor. Não há integração entre as HQs e os jogos, e a edição não deixa de ser uma revista de quadrinhos, apenas acrescida de jogos.

Um último exemplo apareceu na **Revistinha Kidnews** nº 1 da editora Press. No meio de HQs convencionais do Sapo Xulé, Penalty Futebol Kids, Saperua e Bingo, todas produções de Paulo José, apareceu uma HQ de Gatos & Cia onde vários jogos são incluídos na história. Jogos de erros, decifrar código, achar o caminho e ligar os pontos devem ser resolvidos para que a história evolua até seu final. Uma produção caprichadíssima de Paulo José.

DIREITOS E ESQUERDOS

Ultimamente eu tenho visto muita gente falar que a Lei de Direito Autoral no Brasil é muito restritiva. Acho que vivo mesmo em outro mundo. Já li esta lei (9.610/98) e não vi nada disso. Acho, aliás, que essa lei nem deveria ter sido feita, pois não mudou quase nada em relação à anterior (5.988/73), que já era boa. Procura defender os direitos dos autores, o que é legítimo, e deixa claro que o direito da coletividade à informação tem precedência sobre o direito individual do autor. Assim, os órgãos de imprensa, os trabalhos científicos de análise literária ou artística podem usar livremente as obras protegidas (normalmente trechos das obras) no intuito de informar a população sobre tais obras ou autores. Tudo muito claro, no meu entender. Recentemente, tem havido movimento no sentido de fazer outra lei sobre Direito Autoral. Há necessidade disso? Haverá mudança significativa? Há realmente assunto que não foi coberto pelas leis anteriores? Se um novo meio de comunicação for inventado, ele não precisa respeitar o direito do autor, só porque não existia e não foi nominalmente citado quando a lei foi feita? E qual o propósito de uma nova lei, permitir maior liberdade no uso de obras artísticas e literárias ou tornar o direito do autor ainda maior, fazendo a lei ainda mais restritiva do que supostamente já é?

E de onde vem esta reclamação de que a lei atual é restritiva? Talvez o judiciário tenha estabelecido uma jurisprudência restritiva na aplicação da lei, dando ganho a causas onde o suposto direito do autor tenha prevalecido sobre a liberdade de divulgação. Não me causa espanto. O Judiciário, que é o poder cujo acesso só é permitido a pessoas preparadas, que fizeram a faculdade, passaram num exame da Ordem, prestaram um concurso, tiveram suas capacidades exaustivamente avaliadas, ao contrário do Executivo e Legislativo, onde qualquer tiririca pode entrar, não apresenta resultados melhores.

Mas o ponto que quero tratar aqui vem de terras gringas. Nos Estados Unidos, sabemos todos, Lei e Justiça é coisa séria. Com a quantidade de dinheiro que é movimentada nos tribunais, não dá para brincar. E diante dos lucros que as empresas têm que receber, talvez por direito divino, os contratos não podem levar em conta coisas banais como direito do autor.

Recentemente foi lançado nos EUA um livro trazendo os dois primeiros anos de tiras e páginas dominicais da série *Steve Canyon*, criação de Milton Caniff. O texto de apresentação, escrito por Bruce Canwell, trata de vários assuntos envolvendo a criação de Steve Canyon. Um deles diz respeito a esta exacerbação de alguns direitos contratuais, raiando as beiras do ridículo.

Milton Caniff começou a produzir a série *Terry and the Pirates* em 1934 para o Chicago Tribune – New York News Syndicate. O contrato de Caniff terminaria no final de 1946. Caniff tinha quase nenhum direito sobre *Terry*, aparentemente ele só recebia pela produção diária das tiras, sem qualquer direito a dividendos pelo uso do personagem e, acredito eu, pelas republicações das tiras. Em 1944, Caniff acertou com Marshall Field, do Field Enterprises syndicate, a criação de uma nova série a partir do início de 1947. Neste novo contrato, Caniff teria todos os direitos sobre a série, incluindo merchandising, além de liberdade de criação das histórias.

No começo de 1945, a notícia sobre o novo contrato de Caniff se tornou pública e ele passou a ser hostilizado no News Syndicate, para quem ainda teria que trabalhar em *Terry* por quase dois anos. Até mesmo para entregar o material produzido durante este tempo, Caniff precisava usar intermediários. No jornal **New York Daily News**, era proibido mencionar o nome de Caniff. Devido a essa situação e pelo modo como estava redigido o contrato com o News Syndicate, Caniff passou a temer que o syndicate reclamasse direito legal sobre qualquer coisa que ele produzisse, enquanto vigorasse o contrato. Assim, Caniff se viu obrigado a criar a nova série para o Field Enterprise somente na imaginação, não se atrevendo a fazer qualquer esboço ou anotação sobre a série. E se fez algum tipo de registro, o destruiu, pois nada foi encontrado em seus arquivos, posteriormente. Nem mesmo no lixo, Caniff se atreveu a jogar eventuais rascunhos de *Steve Canyon*. Todo o trabalho de criação da série foi feito mentalmente. A própria produção das tiras não pôde ser feita com antecedência, pois enquanto vigorasse o contrato com o News Syndicate, este poderia requerer como seu todo trabalho feito por Caniff. A última página de *Terry and the Pirates* produzida por Caniff foi publicada em 29 de dezembro de 1946. Imagino que o contrato com o News Syndicate encerrasse em 31 de dezembro e o contrato com o Field começasse a partir de 1º de janeiro de 1947. Ora, como Caniff não se atreveu a fazer qualquer anotação da nova série, nem mesmo dar-lhe um nome, até o final de 1946, o Field não tinha nenhum material para trabalhar a série com os jornais e editores. Não havia nome, não havia imagem, nem especificação dos personagens, nem assunto, nem nada, apenas a informação de que Caniff iria produzir uma nova série. Somente a partir de 1º de janeiro é que Caniff se sentiu seguro para anunciar as características da nova série, produzindo imagens, e iniciando a produção das próprias tiras, para uma série que já estava prometida para estreiar no dia 13 de janeiro. Até então o Field teve que vender um produto sem qualquer detalhamento, nem ao menos uma imagem de amostra. Para contornar a situação, o King Features, associado ao Field, produziu um livro chamado **Milton Caniff – Rembrandt of the Comic-Strips**, com autoria atribuída a John Paul Adams, com uma biografia do autor, não para ser vendido em livrarias, mas para ser distribuído aos editores de jornais possivelmente interessados na nova série. O livro não trazia imagens de *Terry* ou de *Steve Canyon*, pelas razões mencionadas.

Apesar de tudo isso, o nome de Caniff e a máquina publicitária do King Features conseguiram vender a nova série às escuras. E assim que 1947 começou, Steve Canyon inundou os EUA, culminando com Caniff sendo capa da revista **Time** justamente no dia de lançamento da série. Todo esse sucesso não mascara o ridículo da situação vivida por Caniff e a nova agência, graças aos exageros dos contratos impostos pelos syndicates.

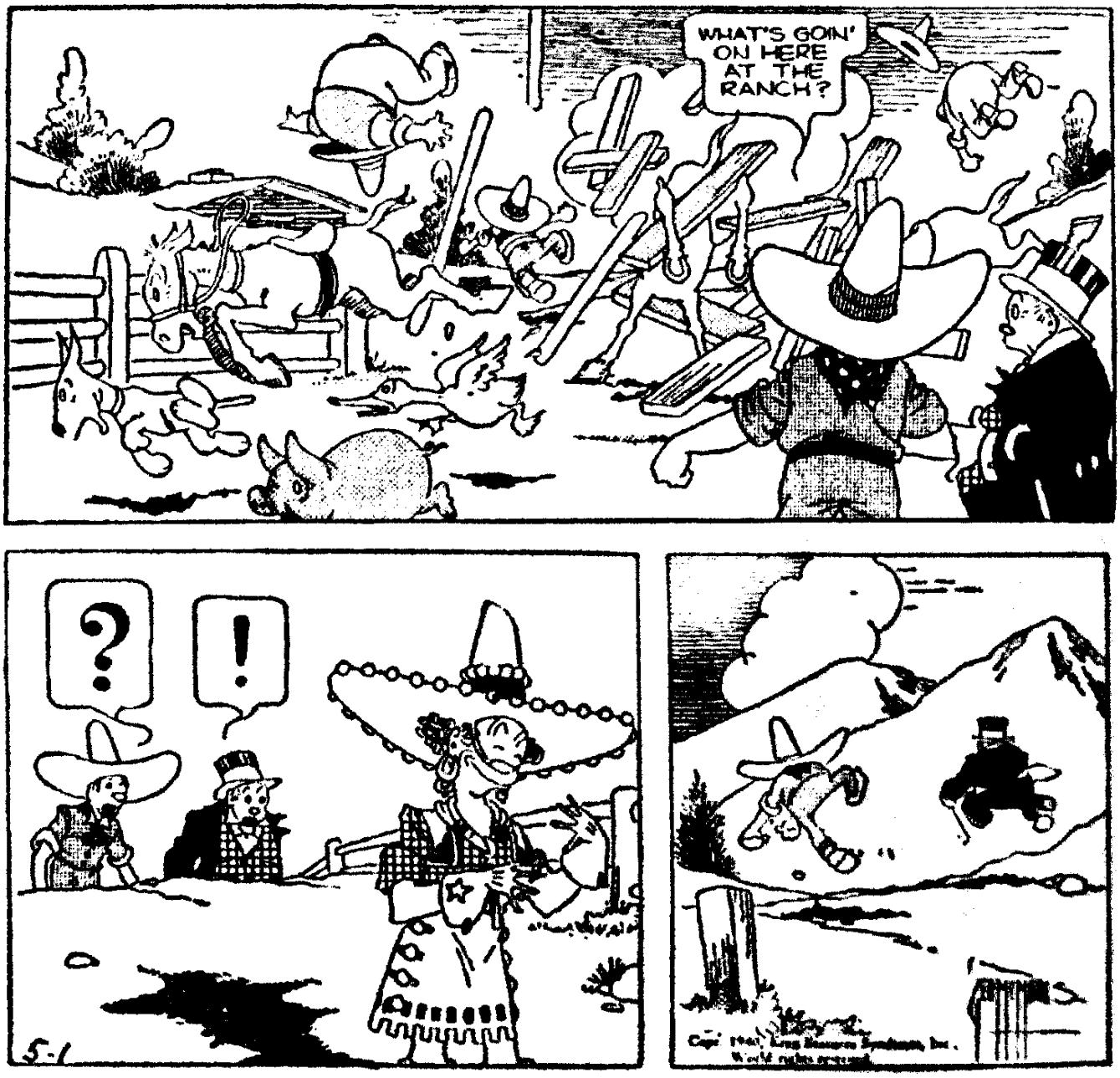
QI 117 (set/out/2012)

TIRANDO O CHAPÉU

PAFÚNCIO

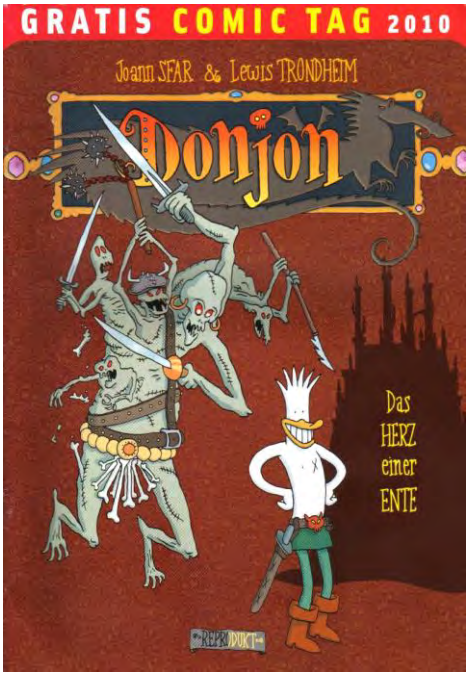
O Pafúncio, que no original se chamava Jiggs, debutou na série *Bringing Up Father* em janeiro de 1913 e fez muito sucesso durante décadas, pela qualidade da temática, do humor, do desenho, do conjunto todo criado por George McManus.

Em 2009, a editora americana IDW publicou o livro **From Sea to Shining Sea**, compilando as tiras e páginas dominicais publicadas entre começo de 1939 e meados de 1940, consideradas o ápice da série. Pafúncio e Marocas fazem uma viagem pelo país, dando a McManus e seu assistente Zeke Zekley a oportunidade de demonstrar todo seu talento, principalmente nas belas páginas dominicais coloridas. Mas foi na tira diária de 1º de maio de 1940 que o queixo caiu. Por trás de sua aparente simplicidade, todo o humor corrosivo, cínico, incorreto até, e o desenho maravilhoso, com uma movimentação invejável, os cortes e angulações perfeitamente colocados, uma obra-prima, enfim.

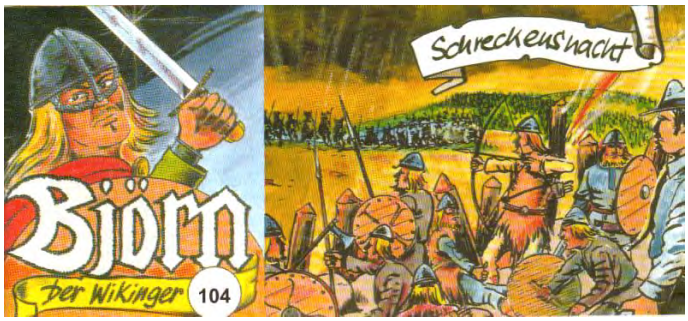


QI 117 (set/out/2012)

PUBLICAÇÕES ALEMÃS



Luciano Freiberger me enviou várias edições de quadrinhos publicadas na Alemanha, a maioria publicações independentes, todas com um denominador comum, a altíssima qualidade gráfica. Duas delas, no entanto, merecem comentário especial. **Björn** é uma publicação no chamado formato "cheque", que, na Itália, consagrou Tex em seu começo, e foi muito utilizado no Brasil na década de 1950, sempre com material de origem italiana. **Xuxá**, **Pequeno Xerife** e **Júnior** são os títulos mais conhecidos, todos publicados por centenas de números, em várias séries. Hoje, no entanto, este formato está praticamente morto. Ou parecia estar, pois **Björn** tinha ultrapassado a centena de números em 2004, data do exemplar que tenho em mãos. São 36 páginas, no formato 170x80mm, cada página contendo uma tira de 1 ou 2 quadrinhos. Um formato que permitiu que seu autor pudesse mostrar seu trabalho, e que talvez ainda possa ser considerado como opção. Outra experiência muito interessante, pelo que entendi, é uma revista grátis trazendo o material completo de um álbum de quadrinhos. Um dos exemplares que recebi traz um álbum de Donjon, famoso personagem criado por Joann Sfar e Lewis Trondheim. A revista, num formato menor que o de um álbum, mas com impressão colorida com uma excelente qualidade, traz uma aventura completa do personagem, e não uma amostra, e no fim, anuncia todos os álbuns disponíveis da série. Uma estratégia comercial arrojada, que não fica chorando miséria. Não é só coisa de quem pode, mas de quem não pensa pequeno.



QI 117 (set/out/2012)

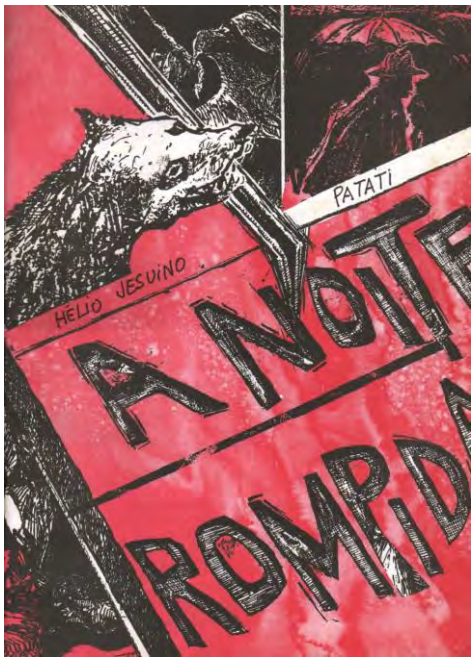
QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

A NOITE ROMPIDA

A edição não tem data, mas é da segunda metade da década de 1990. É um álbum de 52 páginas, formato 200x275mm, impresso em preto e branco, capa mole impressa com uma cor a mais (vermelha). Na 4º capa, os dizeres "uma graphic novel de Helio Jesuino e Patati". A 4ª capa traz também um comentário de Luís Fernando Veríssimo sobre o trabalho.

No texto de apresentação, os autores dão o serviço. O mote para a produção do álbum foi uma exposição dedicada a Oswaldo Goeldi feita pelo Centro Cultural do Banco do Brasil em 1995. A exposição, nos dizeres dos autores, "nos deixou primeiro em estado de graça e, depois, com vontade de fazer alguma coisa que passeasse no universo dele, falar um pouco do impacto de Goeldi sobre nós". Ainda de acordo com os autores, a ideia foi realizar um álbum com três HQs homenageando a linguagem gráfica de Goeldi e não fazer sua biografia. Tanto que o personagem foi rebatizado Oswaldo Lewerküssen.

"Juntar Goeldi e Quadrinhos foi ideia óbvia. Sendo, o primeiro, mestre de qualquer linguagem gráfica que escolhesse, e um dos expoentes da ilustração no Brasil; e sendo as HQs esse território largamente inexplorado pela experimentação gráfica de estilo xilográfico, achamos que era hora de engrossar um pouco o caldo, o artesanato das possibilidades inesperadas. Contar histórias, achar imagens próximas das de Goeldi cruzando nossas imaginações com vida e obra dele. Chega a ser de estranhar que não tenha sido feito antes."



As três HQs tratam de três momentos da vida de Goeldi/Lewerküssen, sua chegada ao Brasil, sua infância na Alemanha e a vida de seu filho no Brasil. As histórias não são fáceis, são alegóricas, não lineares, referenciais. Para o melhor aproveitamento das HQs é preciso um conhecimento mais detalhado da vida de Goeldi. O traço de Jesuino também não é amigável, é muito solto, às vezes muito detalhado, às vezes impreciso, certamente remete às gravuras de Goeldi. Mesmo com esses senões, é um trabalho instigante que recompensa o esforço na leitura e pede releituras. Há muitas passagens fortes, como a sombra da guerra se avultando sobre a vida da família de Goeldi na Alemanha. Ou um assassinato gratuito em pleno Carnaval. Ou ainda as reflexões do cão filósofo que acompanha Goeldi em sua chegada ao Brasil.

O álbum **A Noite Rompida**, produzido por Patati e Helio Jesuino e publicado graças a um programa de incentivo da Prefeitura do Rio de Janeiro, é certamente uma obra admirável dos quadrinhos brasileiros, uma obra que corresponde à atenção que o leitor lhe dedicar. Mas o que por um lado é qualidade – sua coragem, destemor, originalidade, naturalidade – por outro é defeito. Justamente estas características afastam o leitor comum e isso deu à obra uma pecha imerecida.

Consta que na época do lançamento de **A Noite Rompida**, a Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro pretendia criar um sistema regular de incentivo à publicação de obras de quadrinhos brasileiros. E fez uma primeira experiência com o lançamento de **A Noite Rompida**. Como a iniciativa não teve prosseguimento, atribuiu-se ao álbum de Patati e Helio Jesuino a responsabilidade pelo fracasso. Ficou a conclusão de que **A Noite Rompida** fechou as portas da Secretaria de Cultura para a produção de outros álbuns de quadrinhos.

Verdade ou não, é uma injustiça com o álbum **A Noite Rompida**. Se por um lado, se poderia argumentar que uma obra financiada com dinheiro público deveria ser do interesse de um público amplo, por outro, cabe justamente ao poder público cuidar do que, não tendo apelo popular, tenha qualidade e importância cultural. Pois daquilo que vende já cuida a iniciativa privada, ávida do dinheiro do público (e também do dinheiro público, por que não?).

QI 118 (nov/dez/2012)

HOMENAGEM A FRANCO CAPRIOLI

O autor italiano Franco Caprioli já teve muitos trabalhos publicados no Brasil, principalmente na coleção **Epopéia** da Ebal, nas décadas de 1950 e 1960. A mesma Ebal, já no final de sua trajetória, publicou, em maio de 1982, a *Edição Especial de Cinemin*, em formato italiano, com o título **Estranha Aventura**, trazendo a HQ homônima. O formato pequeno mais papel e impressão ruins acabaram com o trabalho de Caprioli. Um pouco antes, de agosto a outubro de 1977, a Ebal publicou a série **Seleções da Grande Epopéia**, três números em formato grande, com os trabalhos de Caprioli, *Kim* e *O Hussardo da Morte*, ocupando os dois primeiros. Apesar do formato maior que o normal, o resultado não fez jus à arte de Caprioli.

Em Portugal, Franco Caprioli sempre foi mais apreciado. Um grande número das histórias produzidas por ele foi publicado em revistas e álbuns desde o começo da década de 1950. No entanto, poucas vezes as publicações tiveram qualidade gráfica e editorial à altura do trabalho do autor.

Este ano de 2012, ano do centenário de Caprioli, a Câmara Municipal de Moura organizou e fez acontecer a exposição **Franco Caprioli: no centenário do desenhador-poeta do mar**, levada ao público de 22 de junho a 8 de julho. Mas o melhor, para quem não pode (ou pôde) ir à exposição, foi a publicação, pela mesma Câmara, de uma edição homônima, aos cuidados de Jorge Magalhães e Catherine Labey. Uma edição impecável, com um texto amplo de Magalhães, uma farta seleção de ilustrações e amostras de páginas de HQ, uma história completa de 8 páginas e uma relação dos trabalhos de Caprioli publicados em Portugal.

A altíssima qualidade gráfica da edição mostra, finalmente, a altíssima qualidade dos desenhos de Caprioli, coisa que antes, pelas publicações disponíveis, só podíamos inferir. Mesmo as reproduções reduzidas de páginas de HQs já nos permitem vislumbrar o virtuosismo da arte de Caprioli.

O material publicado neste álbum foi também incluído num CD, com acréscimo de vários outros materiais, incluindo outras HQs, mas este ainda não consegui adquirir para comentar.

QI 118 (nov/dez/2012)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

A revista **Mad** foi lançada no Brasil em 1975 pela editora Vecchi e durou até o número 103. Depois foi relançada pela editora Record em 1984, durando até o número 158. Em 2000 foi a vez da editora Mythos que lançou 46 números. Por fim, a editora Panini se encarregou de publicar a revista. Todas essas editoras não perderam oportunidade de lançar coleções paralelas ou números especiais. Na Vecchi teve **Mad Especial**, **O Melhor de Mad**, **O Pior do Mad**, **Mad Nostalgia**. Na Record, **Mad Extra**, **Mad Especial**, **O Pior do Mad**, **Super Mad**. Na Mythos, novamente **Mad Especial**, **Mad Extra** e ainda **Mini Mad**.

Mas dessas edições todas, as mais interessantes foram as coleções de livros de bolso lançadas pela Vecchi e Record. Interessante também pelo aspecto de ter uma distribuição mais restrita. A Record só distribuiu os livros de bolso em livrarias e com pouca divulgação nas revistas de linha.

A editora Vecchi lançou 17 volumes, sendo 16 numerados e um sem numeração, trazendo datas de publicação. Foram os seguintes: – 1. **As Aventuras do Capitão Klutz** de Don Martin em outubro de 1975; – 2. **O Livro Mad de Mágica** de Al Jaffee em fevereiro de 1976; – 3. **Viva Mad!** de Aragonés em maio de 1976; – 4. **Don Martin Entra Bem** em julho de 1976; – 5. **Spy vs. Spy** de Prohias em agosto de 1976; – 6. **O Livro Mad das Respostas Cretinas para Perguntas Imbecis** de Al Jaffee em outubro de 1976; – 7. **Don Martin Deixa Cair** em dezembro de 1976; – 8. **Mad Vai ao Cinema** em fevereiro de 1977; – 9. **Loucuras do Mad** de Aragonés em abril de 1977; – 10. **Don Martin Vai Levando** em junho de 1977; – 11. **Spy vs. Spy Dossiê nº 2** de Prohias em agosto de 1977; – 12. **O Livro Mad dos Monstros** de Al Jaffee em outubro de 1977; – 13. **Don Martin Segue em Frente** em dezembro de 1977; – 14. **Mad Pra Diabo!** de Aragonés em fevereiro de 1978; – 15. **Mais Respostas Cretinas para Perguntas Imbecis** de Al Jaffee em abril de 1978; – 16. **Don Martin Faz a Cabeça** em junho de 1978. Em julho de 1977, juntamente com o décimo volume, saiu um volume sem número, **Al Jaffee Funde a Cuca**.

A editora Record retomou a coleção de livros de bolso, porém sem numeração e sem colocar data. As datas marcadas a seguir correspondem às datas da revista **Mad** em que os livros foram anunciados: – 1. **Novas Respostas Cretinas para Perguntas Imbecis** de Al Jaffee em julho de 1985; – 2. **As Aventuras do Capitão Klutz** de Don Martin em janeiro de 1986 (reedição do livro da Vecchi); – 3. **As Marginais do Mad** de Aragonés em janeiro de 1986; – 4. **Capitão Klutz II** de Don Martin em fevereiro de 1986; – 5. **Don Martin Vai à Luta** em abril de 1986; – 6. **Don Martin Dá Seus Pulinhos** em junho de 1986 (mesmo livro publicado pela Vecchi com o título **Don Martin Entra Bem**); – 7. **Novíssimas Respostas Cretinas para Perguntas Imbecis** de Al Jaffee em julho de 1986; – 8. **Spy vs. Spy** vol.1 de Prohias em fevereiro de 1987; – 9. **Mais Marginais do Mad** de Aragonés em janeiro de 1990; – 10. **Como Vencer na Vida de Cachorro Sem Fazer Força** em fevereiro de 1990. Os dois últimos lançamentos da Record tiveram um hiato de quase três anos em relação ao volume anterior e saíram com o formato ligeiramente diferente. Como mencionei, estes livros não tinham boa distribuição e demandava maior esforço para consegui-los. Durante muito tempo tentei conseguir o volume **Mais Marginais do Mad** e não o encontrava para venda em lugar nenhum. Desconfiei que não havia saído. Só recentemente, depois de muito procurar, consegui adquirir um exemplar e ter certeza de sua existência. Não dá para saber por que a Record não distribuiu estes livros decentemente. Ou por que parou de publicar a coleção. Certamente tinham boa vendagem, pois vários volumes tiveram reedições. A Record chegou a anunciar outros títulos a serem publicados, nos próprios livros, mas estes eu acredito que ficaram na vontade. Os títulos anunciados, e que quase certamente não saíram, são: – **O Lado Irônico do Mundo**; – **As Primeiras Respostas Cretinas para Perguntas Imbecis**; – **O Livro Mad de Mágica**; – **Don Martin Pega Pesado**; – **Don Martin com Fogo no Rabo**.

QI 118 (nov/dez/2012)

METÁTESE E OUTRAS MUMUNHAS

Direto do Aurélio:

METÁTESE s.f. 1. Gram. Transposição de fonemas dentro de um mesmo vocábulo; hipértese, comutação. ex.: semper > sempre; desvariar > desvairar.

A troca de sons dentro das palavras não é somente um erro comum entre as pessoas (quantas vezes já não ouvimos gente falando "iorgute" ou "cardeneta", sem contar os famosos "cardaço" e "largato"). E não somente entre os desavisados. O que pode começar como erro, uma vez que se propague na população, passa a ser um dos processos de formação de palavras. O tempo e o uso podem consagrar as versões "erradas".

Este erro específico de troca de sons dentro de palavras pertence a um fenômeno mais amplo que remete aos processos de funcionamento do cérebro. Ao contrário dos computadores que, de modo geral, só entendem comandos muito bem definidos, o cérebro animal, ao longo da evolução, foi se adaptando para ser capaz de tomar decisões mesmo a partir de uma quantidade incompleta de informações. Assim, o cérebro humano é capaz de tirar conclusões mesmo quando as informações que recebe estejam repletas de lacunas ou falhas.

UM DOS EXEMPLOS MAIS INTERESSANTES DE CONCLUSÃO É A CAPACIDADE DO CÉREBRO DE COMPREENDER UMA FRASE MESMO COM A ELIMINAÇÃO DA METADE INFERIOR DAS PALAVRAS

Nosso cérebro realiza esses processos de conclusão a todo instante. Às vezes, mesmo quando a informação recebida está completa, o cérebro elimina parte das informações de acordo com sua própria conveniência. Por exemplo, os sons da fala que ouvimos. Os sensores do ouvido são capazes de identificar todas as frequências de todos os componentes dos sons que recebem. Estas informações são enviadas ao cérebro, e este procura relações entre as várias frequências e quando acha algum padrão, descarta as informações originais e passa a trabalhar com o padrão identificado. Por exemplo, o cérebro identifica uma certa relação de frequências como sendo característica de uma determinada sílaba (ou fonema) da língua portuguesa. A partir daí, não é mais necessário saber quais são as frequências exatas recebidas, mas, sim, que elas significam determinada sílaba. Desse modo, somos capazes de identificar a mesma sílaba pronunciada em tom grave ou agudo, ou mesmo quando pronunciada com sotaque. O mesmo processo nos permite identificar uma música qualquer que seja o tom em que seja tocada ou cantada.

Quando estamos lendo um texto, mesmo que seja com alguma atenção, as informações visuais que estão sendo mandadas ao cérebro, através dos olhos, estão recebendo algum tipo de processamento de modo a identificar seu significado. Assim, reconhecemos letras, seu agrupamento em palavras e o significado de frases e textos inteiros. Mesmo que aparentemente a visão esteja captando toda a informação visual com precisão, isto na realidade não ocorre. O foco de nosso olhar pode passar rapidamente sobre uma palavra e não captar exatamente todas as letras, em sua sequência correta, ou mesmo não captar uma das letras em sua forma correta. Se o cérebro, com a informação que recebeu, não consegue algum significado, provavelmente toma a decisão de reaver a informação, ou seja, o leitor interrompe a leitura e volta a ler o que não entendeu. Mas, se o cérebro consegue dar um significado aos dados recebidos, mesmo que um significado errado, o leitor não toma consciência do erro e prossegue normalmente a leitura.

Exemplifico com um caso ocorrido comigo. Lá na minha molequice, leitor voraz de quadrinhos Disney, gostava especialmente dos embates entre Tio Patinhas e seu arqui-rival Patacônio. Já havia lido dezenas (quem sabe centenas) de histórias desses personagens e nunca tive dúvidas sobre grafia e pronúncia dos nomes dos personagens. Um dia um amigo de meu irmão foi em casa e disse que também gostava das histórias do Patacôncio. Achei esquisito o jeito dele falar, mas fiquei constrangido de corrigi-lo. Como ele continuou insistindo em chamar o inimigo do Patinhas de Patacôncio, eu me vi na obrigação de dizer a ele que o nome correto do personagem era Patacônio. Ele não se intimidou e persistiu no erro. Eu não tive outra alternativa a não ser provar que eu estava certo. Fui na gaveta da cristaleira onde havia centenas de revistinhas e não tive dificuldade alguma em achar uma que tivesse uma história dos patos ricos. Com toda segurança, abri a revista e mostrei a ele que o nome correto do personagem era... PATACÔNCIO? Custei a acreditar, o nome do personagem era mesmo Patacôncio. Durante anos eu li histórias em que o personagem aparecia, e sempre que lia seu nome, eu lia Patacônio. Por algum motivo, quando li uma primeira história desse personagem, e vi seu nome pela primeira vez, meu cérebro não percebeu a presença da letra "C" no nome do personagem e concluiu que o nome era Patacônio. A partir daí, sempre que a palavra aparecia, meu cérebro, sem prestar muita atenção, logo concluía que o que estava escrito era Patacônio. E fiquei anos lendo Patacônio onde estava escrito Patacôncio. Somente quando fui obrigado a olhar detidamente a palavra é que vi que estava escrito realmente Patacôncio. Este caso não foi propriamente de troca de letras dentro de uma palavra, mas sim da eliminação de uma letra, mas o processo perpretado pelo cérebro é basicamente o mesmo.

Há um outro exemplo em que erro semelhante ocorre, envolvendo grande quantidade de pessoas. Em dezembro de 1987, foi publicado pela Gripho Editorial, o número 1 (e único) da revista **História em Quadradinhos**, uma das várias tentativas de publicação de edições de quadrinhos nacionais. Uma revista interessante, com vários colaboradores de qualidade, e que, como várias outras tentativas interessantes, não logrou êxito; parou no primeiro número. Neste caso específico, será que teve alguma influência do nome escolhido e da maneira como o logotipo foi feito?

O nome da revista é **HISTÓRIA EM QUADRADINHOS**, talvez uma referência à maneira como os portugueses chamavam as HQs – "história aos quadradinhos". Além disso, o logotipo teve a palavra "quadradinhos" escrita de modo bem embolado. O fato é que em mais de metade das vezes em que há referência a esta revista, ela é chamada de **História em Quadrinhos**. Uma busca rápida pela internet, no momento de escrever este texto, deu o seguinte resultado. O Mercadolivre tem dois anúncios dessa revista, um com o nome correto (**História em Quadradinhos**) e outro com o nome errado (**História em Quadrinhos**). O Estante Virtual tem quatro anúncios da revista, também metade com o nome certo e metade com o nome errado. Além desses, entre os sítios informativos e de venda, achei o nome escrito corretamente no Guia dos Quadrinhos e no sebo RS Raridades. E o nome estava escrito errado no Sebo do Messias, no Rika e na página de catalogação de publicações do Núcleo de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos da USP.

Este foi um bom exemplo do processo de conclusão feito pelo cérebro atuando em massa, no caso contando com a ajuda do logotipo confuso. Todas essas pessoas que grafaram erroneamente o nome da revista, ao virem o logotipo, logo concluíram que a palavra escrita era "quadrinhos" e não "quadradinhos", já que a primeira é uma palavra muito mais usada do que a segunda.

Um outro exemplo, ocorrido recentemente comigo, deve ser mencionado justamente para que eu possa fazer a correção. Acompanho o trabalho de Denilson Rosa dos Reis desde suas primeiras publicações e conhecia seu personagem bárbaro desde suas primeiras aparições. Neste mês de junho de 2012, Denilson finalmente lançou uma publicação estrelada pelo seu personagem preferido, uma edição caprichada, capa colorida, papel de qualidade, 32 páginas, com HQs, ilustrações, textos informativos, tudo de acordo com os conformes. E tive a satisfação de divulgar a edição no **QI** 116, de julho/agosto de 2012.

PERCY O Mercenário * nº 1 * jun/2012 * 32 pág. * A5 * R$ 5,00 * capa color. * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

Aí estou olhando o sítio Marca de Fantasia e vejo uma resenha dessa edição feita pelo José Salles. E o título da resenha é **PERYC**. E agora, José? Li o texto inteiro e o José Salles insistindo em chamar revista e personagem de "Peryc". Não é possível! Só que a resenha tem reprodução da capa da revista e está lá para quem quiser ver que o nome do personagem e da edição é mesmo "Peryc". Este tempo todo que conheço o personagem eu sempre tenho lido seu nome como sendo "Percy". E na hora de divulgar a edição no **QI**, o erro persistiu. Este é um caso claro de Metátese. Minhas desculpas ao Denilson pela divulgação de sua edição com o nome errado e fica aqui a correção.

PSEUDO-METÁTESE. A HQ que estou produzindo e publicando atualmente no **QI** tem uma situação que alguém, se estivesse lendo e prestando atenção, poderia pensar que é uma Metátese. No primeiro quadrinho da primeira página da HQ, publicada lá no **QI** 75, de julho/agosto de 2005, a primeira imagem que aparece é o cartão profissional do personagem principal. E está escrito "Rolando Duque – Assistência Técnica". Esta expressão, que está no cartão do personagem e é a primeira imagem mostrada, é também o título da HQ, ou da série, o que também ninguém percebeu. Um título inóquo, poderia ser dito, tanto que ninguém percebeu que isso poderia ser o título. Concordo, e a intenção foi que o título fosse tão pouco chamativo quanto possível, para combinar com a aparente apatia do personagem. E pior, que contivesse um erro. No **QI** 76, quando a vovó apresenta o personagem aos outros membros da comunidade, o chama de Rolando, no que ele corrige, dizendo que seu nome é Ronaldo. E acrescenta que o cartão profissional foi impresso com o nome errado. Ou seja, teria havido um erro do tipo Metátese na hora de imprimir o cartão profissional do personagem. E esse erro teve o agravante de nomear erroneamente a história do personagem. Algo coerente com a fama de azarado do personagem Disney (Donald), ao qual meu personagem faz referência. No entanto, não foi e nem será mencionado durante a história, o nome errado no cartão não foi um erro. Foi intencional, uma cortesia do tio rico que mandou a gráfica imprimir errado de propósito, uma pequena maldade em meio aos vários crimes que cometeu e pelos quais, finalmente, pagou, agora cortesia de Ronaldo/Rolando.

QI 118 (nov/dez/2012)

AINDA DIREITOS

A propósito da carta de Francisco Filardi, que comentou meu texto „Direitos e Esquerdos" publicado no "QI" passado, reproduzo a seguir trecho de meu texto de apresentação do livro "Escritores de Brazópolis", produzido por mim e minha mãe, Isa de Faria Guimarães, e lançado no meio do ano de 2011.

O livro teve como proposta principal trazer biografias dos Escritores de Brazópolis, cada biografia acompanhada de foto e uma amostra do trabalho do autor. Esta é a Parte 2 a que se refere o texto abaixo. Mas o livro trouxe também uma antologia de trabalhos de vários Escritores e uma seção de textos críticos sobre os autores. Estas são as Partes 4 e 5 mencionadas.

"Uma questão de suma importância que permeia o dia-a-dia de quem se propõe fazer um livro como este é a questão do direito autoral dos textos pesquisados. Não há dúvida de que um autor deve ter direitos sobre sua produção artística e literária, mas, por outro lado, a sociedade não pode ser privada do acesso a obras de seu interesse por causa de questiúnculas burocráticas envolvendo esses direitos. O interesse coletivo deve ter precedência sobre o interesse individual. Esta não é, no entanto, uma questão pacífica. A todo momento se tem notícia de decisões judiciais privilegiando o interesse particular de um autor em detrimento do interesse geral da coletividade. Quando se inicia uma pesquisa como a feita para a confecção deste livro, começa-se a descobrir uma quantidade não imaginada de obras da mais alta qualidade e o impulso imediato é o de publicá-las para que mais pessoas tenham acesso a elas. A falta de uma jurisprudência clara sobre o tema torna este impulso temerário e é preciso refreá-lo. E assim foi feito."

"A inclusão de obras dos Escritores na Parte 2, neste contexto de amostras de seus trabalhos junto às biografias, não fere o direito de autor, pois a obra em si não é o objeto da publicação. A Parte 2 é composta de um trabalho de pesquisa histórica cuja finalidade é o registro das biografias dos Escritores de Brazópolis e as obras incluídas têm função secundária, de exemplificação ou ilustração da produção dos biografados. Como é feito em qualquer reportagem de jornal que ilustra a matéria com obras do autor enfocado. Ou nos estudos acadêmicos em que a análise de uma obra exige a inclusão da obra analisada."

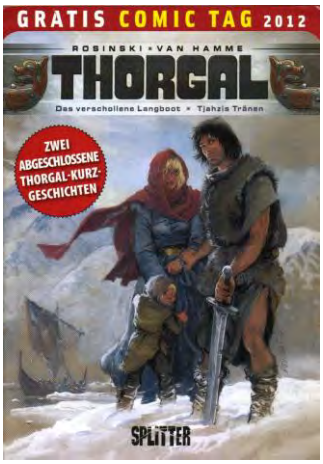
"Nas Partes 4 e 5, no entanto, as obras aí coletadas são as peças principais das partes a que pertencem. Embora, por princípio, o interesse coletivo devesse predominar e, sem prejuízo para os autores, a publicação dessas obras em um trabalho de pesquisa devesse ser permitida, sem restrições, em favor da disseminação cultural, optou-se por não fazê-la. Assim, as obras incluídas nas Partes 4 e 5 são apenas as que tiveram autorização dos autores ou seus familiares. Além de alguma obra já de domínio público, incluiu-se também uma ou outra obra cujos autores esconderam-se em pseudônimos e não puderam ser identificados."

QI 118 (nov/dez/2012)

PUBLICAÇÕES ALEMÃS

Luciano Freiberger enviou mais um belo lote se publicações alemãs. A primeira coisa que sempre salta aos olhos é a altíssima qualidade gráfica e editorial. O conteúdo é bastante variado. Há o material mais alternativo, sempre feito com muito capricho, sem perder a independência conceitual e temática. E o material mais comercial, que não tem nada de clichê.

Das edições independentes, dois destaques. Primeiro um álbum de luxo todo colorido com 90 páginas coletando apenas estórias de Touros. A outra edição, o nº 47 do título **Moga Mobo**, tem um grande furo bem no meio da edição, passando por todas as páginas e todas as HQs internas têm que integrar esse furo à história.



Do material mais comercial, o destaque continua sendo a iniciativa de produzir revistas grátis contendo histórias completas de alguma série de álbuns. Dessa vez, as amostras foram de **Thorgal** e **Der Vampir von Benares**, duas séries da melhor qualidade. Da segunda série, a editora tem disponíveis os três primeiros volumes. Da primeira, a editora tem os 33 álbuns mais 3 spin-offs. Thorgal é uma série que teve os 4 primeiros álbuns publicados no Brasil pela editora VHD. Meio hesitante no começo, com o desenrolar da saga, foi adquirindo personalidade própria e se tornando cada vez melhor. A carreira de Thorgal em Portugal foi um pouco mais feliz, mas infelizmente não teve todos os álbuns publicados. Vários foram pulados, o que prejudica muito a leitura, pois é uma saga, ora pois, tem que ter sequência. Uma olhada no Amazon mostrou que os americanos não tiveram melhor sorte, a coleção publicada lá também pulou muitos álbuns e os publicados o foram fora de ordem.

Leitor sofre em todo canto. Exceto, talvez, na Alemanha.

QI 118 (nov/dez/2012)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

A Nova Sampa Diretriz Editora publicou uma enorme quantidade de títulos de quadrinhos, principalmente no gênero erótico, colocando no início seu logotipo na capa. Depois usou outras denominações na capa como Big Bun ou simplesmente Sampa. Além disso, em algum momento, o Diretor da Nova Sampa, Carlos Cazzamata, associou-se com os da editora Press, Paulo Paiva e Franco de Rosa, que também publicava com o nome Maciota... Como já se pode prever, a confusão é bastante grande quando se trata da publicação de revistas pela editora Nova Sampa e editoras relacionadas.

Vou mencionar o que, de acordo com minha memória, foram as primeiras publicações da Nova Sampa. Não tenho certeza das datas, mas como os preços já estão em Cruzados, então as revistas são posteriores a fevereiro de 1986. Vou seguir mais ou menos uma ordem baseada nos preços de capa e nos anúncios de outros títulos nas contracapas.

PAVOR E FANTASIAS ERÓTICAS – s/nº (68 pág., Cz$ 15,00), traz na primeira página os dizeres *Coleção Obras Completas de Ataíde Braz & R. Kussumoto* e o nome de Ataíde como editor; não anuncia outras edições e traz o expediente com letra de máquina, talvez seja a primeira publicação da Nova Sampa; anuncia no texto de abertura outro título, **Confissão Erótica**; – s/nº (68 pág., Cz$ 15,00), também traz os dizeres *Coleção Obras Completas de Ataíde Braz e R. Kussumoto*; anuncia na contracapa os nºs 1 de **Série Erótica**, **Pavor e Fantasias Eróticas**, **Drácula** e os dois primeiros números de **Impacto**; – nº 3 (68 pág., Cz$ 15,00), no início da revista os dizeres *Obras Completas de Mozart Couto*; anuncia os dois primeiros números dos títulos mencionados; – nº 4 (68 pág., Cz$ 15,00), no início os dizeres *Coleção Obras Completas de Seto*; não traz anúncio de outros títulos; – nº 5 (68 pág., Cz$ 19,50), anuncia na contracapa os quatro primeiros números de **Série Erótica**, **Pavor e Fantasias Eróticas**, **Drácula**, os nºs 1 de **Sussurro Sinistro**, **Êxtase em Quadrinhos** e **Aventuras Sexuais**, e os dois primeiros números de **Impacto**, porém com o nome mudado para **Série Terror e Thriller**; – nº 6 (68 pág., Cz$ 45,00), esta edição trouxe o miolo do nº 3 de **Êxtase em Quadrinhos**; a primeira página traz os dizeres *Coleção Obras Completas de Shimamoto*, mas não traz nenhuma HQ dele; – nº 7 (68 pág., Cz$ 110,00), não traz expediente, anúncios, nem ao menos o nome da editora na capa; – nº 7 (68 pág., Cz$ 150,00), outro nº 7, com o nome da Nova Sampa na capa e no expediente, mas com o título simplesmente **Pavor e Fantasias**; – nº 8 (68 pág., NCz$ 0,80), outra edição sem qualquer indicação, a não ser a etiqueta com o novo preço em "cruzado novo" colado na capa, o que indica que saiu por volta de janeiro de 1989; – Edição Especial (36 pág., NCz$ 30,00), sem nenhuma indicação da editora e com o logotipo mudado.

SÉRIE ERÓTICA – s/nº (68 pág., Cz$ 13,00), traz na primeira página os dizeres *Coleção Obras Completas de Ataíde Braz & R. Kussumoto* e também traz o texto de abertura e o expediente escritos com letra de máquina, o que indica lançamento na mesma época da primeira edição de **Pavor e Fantasias Eróticas**; embora a capa traga o título **Série Erótica**, o texto inicial e o expediente referem-se à edição como **Confissão Erótica**, como anunciado no primeiro **Pavor e Fantasias Eróticas**; traz anúncio do nº 1 de **Drácula**; – nº 2 (68 pág., Cz$ 13,00), no início os dizeres *Coleção Obras Completas de Ataíde Braz e R. Kussumoto*; anuncia as mesmas edições do segundo número de **Pavor e Fantasias Eróticas**; – nº 3 (68 pág., Cz$ 13,00), no início os dizeres *Obras Completas de Mozart Couto*; anuncia as mesmas edições do nº 3 de **Pavor e Fantasias Eróticas**; – nº 4 (68 pág., Cz$ 13,00), no final os dizeres *Coleção Obras Completas de R. Kussumoto*; anuncia os quatro primeiros números de **Série Erótica**, **Pavor e Fantasias Eróticas**, **Drácula** e os dois números de **Impacto**; – nº 5 (68 pág., Cz$ 17,00), anuncia praticamente as mesmas edições do nº 5 de **Pavor e Fantasias Eróticas**; – nº 6 (68 pág., Cz$ 45,00), traz uma HQ aparentemente japonesa; anuncia os cinco primeiros números de **Série Erótica**, **Pavor e Fantasias Eróticas**, **Drácula** (sendo que consta como esgotado o primeiro), as duas primeiras edições de **Aventuras Sexuais**, **Sussurro Sinistro**, não menciona o título **Êxtase em Quadrinhos** e indica os dois números de **Impacto** como esgotados; – nº 7 (68 pág., Cz$ 90,00), não anuncia os outros títulos; – nº 8 (68 pág., Cz$ 90,00), não anuncia os outros títulos; – nº 9 (68 pág., Cz$ 160,00), não anuncia os outros títulos; – Especial nº 1 (100 pág., Cz$ 45,00), lançada junto com o nº 6, do qual traz um anúncio e também do nº 3 de **Aventuras Sexuais**; – Especial (68 pág., lomb. quadrada, NCz$ 1,20), anuncia **Clássicos dos Quadrinhos especial**; – Especial nº 2 (68 pág., lomb. quadrada, NCz$ 1,80), não anuncia nenhum outro título.

DRÁCULA – nº 1 (68 pág., Cz$ 13,00), na capa indica *Impacto apresenta* e no expediente consta nº 1 de *Sussurros Sinistros*; o expediente em letra de máquina indica seu lançamento junto com os nºs 1 de **Pavor e Fantasias Eróticas** e **Série Erótica**; – nº 2 (68 pág., Cz$ 13,00), na capa indica *Sussurro Sinistro apresenta* e o nome da revista já é **Drácula – A Sombra da Noite**; anuncia as mesmas edições do segundo número de **Pavor e Fantasias Eróticas**; – nº 3 (68 pág., Cz$ 13,00), não anuncia os outros títulos; – nº 4 (68 pág., Cz$ 13,00), anuncia os três primeiros números de **Pavor e Fantasias Eróticas**, **Série Erótica**, **Drácula** e os dois números de **Impacto**; – nº 5 (68 pág., Cz$ 16,00), anuncia praticamente os mesmos títulos do nº 5 de **Pavor e Fantasias Eróticas**; – Especial nº 1 (68 pág., Cz$ 35,00), anuncia **Mistérios das Trevas**. Os dois primeiros números foram reeditados com novas capas e posteriormente houve um encadernado com a série toda.

SUSSURRO SINISTRO – nº 1 (52 pág., Cz$ 11,00), anuncia os nºs 1 de **Série Erótica**, **Pavor e Fantasias Eróticas**, **Drácula** e os dois primeiros números de **Impacto**; – nº 2 (68 pág., Cz$ 16,00), anuncia já os nºs 4 de **Drácula**, **Pavor e Fantasias Eróticas**, **Série Erótica** e outros títulos como **Êxtase em Quadrinhos** e **Aventuras Sexuais**, além dos dois primeiros números de **Impacto**, o que indica que este segundo número demorou a sair.

AVENTURAS SEXUAIS – nº 1 (68 pág., Cz$ 13,00), no início os dizeres *Coleção Obras Completas de Seto*; anuncia os quatro primeiros números de **Pavor e Fantasias Eróticas**, **Série Erótica**, **Drácula**, e os dois números de **Impacto**; – nº 2 (68 pág., Cz$ 17,00), no início os dizeres *Coleção Obras Completas de Seto*, anuncia os mesmos títulos do nº 5 de **Pavor e Fantasias Eróticas**; – nº 3 (68 pág., Cz$ 45,00), anuncia praticamente os mesmos títulos do nº 6 de **Série Erótica**, incluindo os dois primeiros números de **Êxtrase em Quadrinhos**; – Especial (36 pág.), anuncia os mesmos títulos do nº 5 de **Pavor e Fantasias Eróticas**.

ÊXTASE EM QUADRINHOS – nº 1 (não tenho); – nº 2 (68 pág., Cz$ 17,00), no início os dizeres *Coleção Obras Completas de Seto*; traz os mesmos anúncios do nº 5 de **Pavor e Fantasias Eróticas**; – nº 3 (68 pág., Cz$ 45,00), trouxe o miolo do nº 6 de **Pavor e Fantasias Eróticas**; anuncia os mesmos títulos do nº 6 de **Série Erótica**.

MISTÉRIOS DAS TREVAS – nº 1 (68 pág., Cz$ 35,00), anuncia os mesmos títulos do nº 5 de **Pavor e Fantasias Eróticas**; pertence a uma nova leva de títulos de curta duração, lançados quase simultaneamente, o que se vê pelo preço.

SEXO MAIOR – nº 1 (68 pág., Cz$ 35,00), traz os dizeres *Coleção Obras Completas de Seto*, mas não traz HQs dele; anuncia os mesmos títulos do nº 5 de **Pavor e Fantasias Eróticas** e também os nºs 1 de **Arte Erótica** e **Magazine Erótico**.

HISTÓRIAS ÍNTIMAS – nº 1 (68 pág., Cz$ 35,00), traz os dizeres *Coleção Obras Completas de Seto* e traz somente uma HQ dele; anuncia os mesmos títulos de **Sexo Maior** e também os nºs 1 de **Arte Erótica** e **Moto Sexo**.

MOTO SEXO – nº 1 (68 pág., Cz$ 35,00), anuncia os nºs 1 de **Clássicos dos Quadrinhos**, **Magazine Erótico**, **Arte Erótica**, **Mistérios das Trevas** e a edição especial de **Maria Erótica**; – nº 2 (68 pág., Cz$ 45,00), sem expediente.

MAGAZINE ERÓTICO – nº 1 (68 pág., Cz$ 35,00), anuncia o nº 1 de **Arte Erótica**; – s/nº (36 pág., formato menor, sem preço), anuncia os mesmos títulos do nº 5 de **Pavor e Fantasias Eróticas**.

MARIA ERÓTICA – Especial (68 pág., Cz$ 35,00), talvez seja o nº 1, anuncia os mesmos títulos do nº 5 de **Pavor e Fantasias Eróticas**; – nº 2 (68 pág., Cz$ 50,00), anuncia os mesmos títulos do nº 5 de **Série Erótica** e **Espada & Fantasia**.

CLÁSSICOS DOS QUADRINHOS – nº 1 (68 pág., Cz$ 35,00), anuncia os nºs 1 de **Magazine Erótico** e **Arte Erótica**; – nº 2 (68 pág., Cz$ 45,00); – nº 3 (68 pág., Cz$ 150,00); – nº 4 (não tenho); – nº 5 (68 pág., etiqueta de preço colada na capa), não traz expediente; – Especial (68 pág., lomb. quadrada, NCz$ 1,20), não traz expediente.

ARTE ERÓTICA – nº 1 (68 pág., Cz$ 35,00), anuncia os mesmos títulos do nº 5 de **Pavor e Fantasias Eróticas** mais os nºs 1 de **Magazine Erótico**, **Clássicos dos Quadrinhos** e **Mistérios das Trevas** e o Especial de **Maria Erótica**; – nº 2 (68 pág., Cz$ 45,00), não traz anúncios nem expediente; – nº 3 (68 pág., Cz$ 150,00), não traz anúncios; – nº 4 (68 pág., Cz$ 160,00), não traz anúncios; – nº 5 (68 pág., Cz$ 500,00), não traz anúncios nem expediente; – Especial (68 pág., lomb. quadrada, NCz$ 1,20), não traz anúncios nem expediente; – s/nº (132 pág., lomb. quadrada, Cr$ 120,00), pelo preço, foi lançada após março de 1990; – s/nº (132 pág., lomb. quadrada, Cr$ 120,00), na capa os dizeres *Especial Shima*.

ESPADA & FANTASIA – nº 1 (68 pág., Cz$ 50,00), no início os dizeres *Obra Completa, Coleção Rodval Matias*, anuncia os mesmos títulos do nº 6 de **Série Erótica** mais os dois nºs de **Êxtase em Quadrinhos** e o nº 2 de **Maria Erótica**.

A editora Nova Sampa publicou muitas outras edições depois dessas, com títulos e numeração cada vez mais confusos. Para se ter uma ideia, várias informações que coloquei aqui não batem com as do sítio Guia dos Quadrinhos.

Estes títulos publicados inicialmente pela Nova Sampa, de modo geral, republicaram HQs da editora Grafipar. Tanto que na primeira edição de **Pavor e Fantasias Eróticas**, uma das HQs traz no rodapé anúncios de outras publicações da Grafipar. Consta que a Grafipar tinha dívida com o editor Cazzamata e pagou com os fotolitos de suas revistas. As primeiras revistas da Nova Sampa trouxeram somente trabalhos de Ataíde Braz e como ele era o editor, certamente foi com sua autorização. Depois começou a publicar todo o material da Grafipar, indistintamente, e sabe-se que parcela desse material foi republicado sem autorização dos autores. E sem pagamento pela republicação.

Mas o ponto central deste texto, o que constitui o "mistério", é que, como visto, todas as revistas publicadas nesta fase inicial da Nova Sampa anunciaram o título **Impacto**, depois renomeado **Série Terror e Thriller**. Parece, no entanto, que os dois números anunciados deste título não existem. Pelo menos, publicados pela Nova Sampa. Uma busca pela internet mostra a existência de duas revistas com título semelhante a este:

Impacto (Série Terror e Thriller) nº 1.

Luana (Série Terror e Thriller) nº 1.

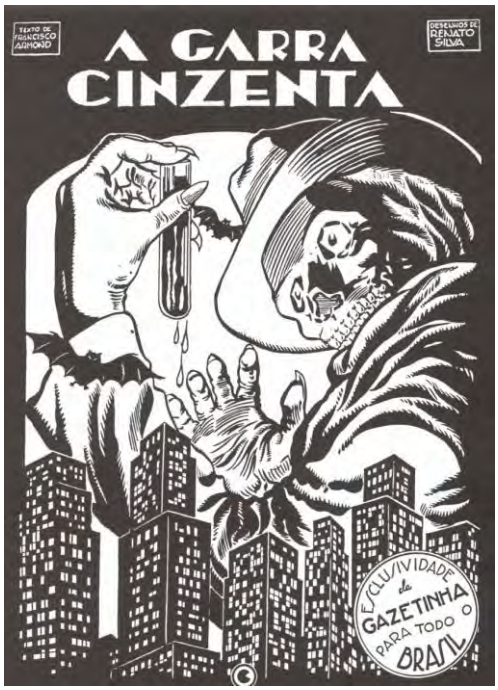
As duas revistas têm 36 páginas no formato magazine com preço de capa Cr$ 1.400,00 e foram publicadas em 1984 pela editora Tálamus. Como um dos editores da Tálamus era Carlos Cazzamata, conclui-se que estas duas edições foram anunciadas com o nome **Impacto** nas revistas da Nova Sampa. Curiosamente, a outra revista da Tálamus, **Fantasma Negro**, não foi anunciada.

QI 119 (jan/fev/2013)

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

CALENDÁRIO NACIONAL

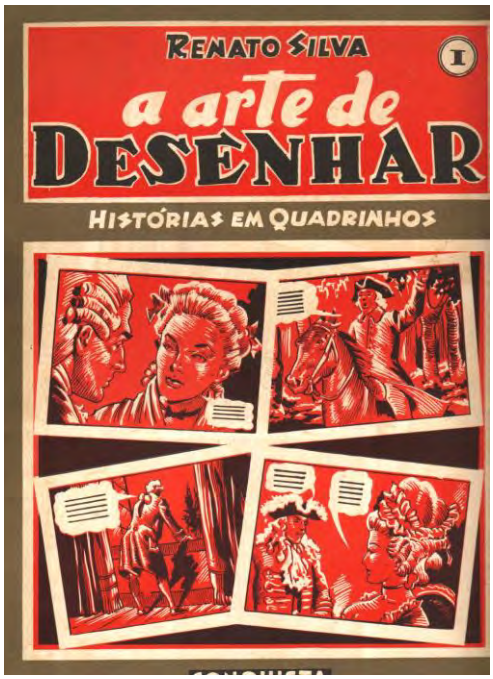
Renato de Azevedo Silva nasceu no Rio de Janeiro em 1904 e faleceu em 1981. Trabalhou principalmente como ilustrador em revistas e livros didáticos e infanto-juvenis, mas teve várias incursões importantes pelas Histórias em Quadrinhos.



No começo de 1937, ilustrou uma HQ de Nick Carter para o **Suplemento Juvenil**, mas seu trabalho mais importante veio logo a seguir. Entre 1937 e 1939, produziu a série *A Garra Cinzenta*, com argumento de Francisco Armond, para o suplemento **A Gazetinha**, do jornal **A Gazeta**, de São Paulo. As 100 páginas de *A Garra Cinzenta* foram compiladas em dois álbuns, pela própria **A Gazeta**, entre final de 1939 e início de 1940. Consta também que a série foi publicada em outros países, notadamente numa revista belga e outra mexicana. Apesar do sucesso da série, ficou esquecida até 1977, quando teve as primeiras 51 páginas publicadas no volume 6 do **Almanaque do Gibi Nostalgia**. Como o Almanaque não teve continuidade, as páginas restantes não foram publicadas. Em fevereiro de 1988, graças à iniciativa de Worney de Almeida Souza, as 100 páginas de *A Garra Cinzenta* ganharam uma edição independente, que logo se esgotou. Recentemente, em 2011, finalmente *A Garra Cinzenta* ganhou edição em álbum de luxo pela editora Conrad.

Além de seu trabalho como ilustrador, consta que Renato Silva também foi professor de desenho, o que explica a quantidade de material didático que produziu e publicou. Já em 1944, teve publicado pela Tipografia Nilópolis seu **Manual Prático de Desenho**, um alentado volume de mais de uma centena de páginas.

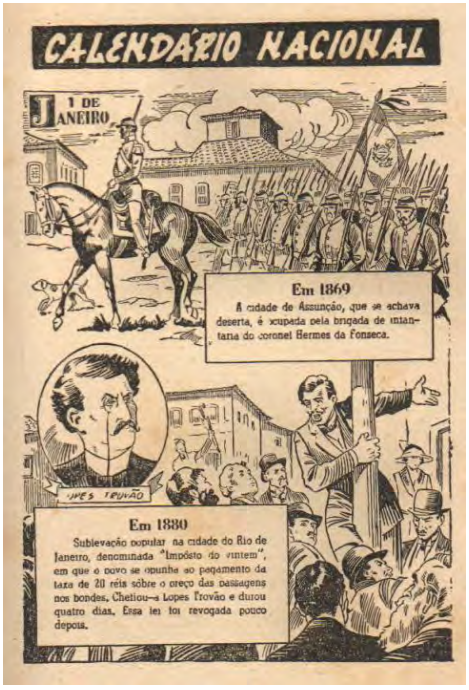
A partir de 1957, a editora Conquista começou a publicar uma série de fascículos com o nome **A Arte de Desenhar**. Foram cerca de três dezenas de fascículos, reunidos de dois em dois, com temas como *Animais*, *Composição*, *Croquis*, *Perspectiva*, *Trajes*, etc. Um dos temas abordados foi *História em Quadrinhos*, embora se ocupasse mais dos desenhos dos quadros e sua composição do que da narrativa quadrinizada. Praticamente, como de praxe nesses fascículos, não há texto explicativo, mas curiosamente trouxeram duas HQs mudas, possivelmente inéditas, de Renato Silva. Estes fascículos tiveram constantes reedições até a década de 1970 e recentemente estão sendo republicados pela editora Criativo. A editora Conquista publicou ainda, em 1966, um volume chamado **Desenho Artístico ao Seu Alcance**, no mesmo estilo do **Manual**.



Voltando às Histórias em Quadrinhos, Renato Silva produziu ainda uma obra admirável, da qual não se fala muito e sobre a qual não tenho informação muito precisa. Segundo Reinaldo de Oliveira, Renato Silva produziu para o jornal **Diário de Notícias** duas séries de temática histórica com os títulos *Histórias Que Ficaram na História* e *Histórias da História do Mundo*. Deduzo que estas séries foram publicadas no jornal no começo da década de 1950. Porém, antes, no final da década de 1940, o mesmo **Diário** publicou a série *Calendário Nacional*. Esta série é composta de um painel diário referente ao dia da publicação com cerca de duas ilustrações legendadas sobre fatos históricos acontecidos no Brasil naquele dia. Assim, de 1º de janeiro até 31 de dezembro (não sei especificar qual ano, mas é anterior a 1949), o **Diário de Notícias** publicou diariamente um painel de Renato Silva tratando de temas históricos. Por exemplo, em 1º de janeiro, no ano de 1869, Hermes da Fonseca ocupou a cidade de Assunção, e, em 1880, Lopes Trovão chefiou uma sublevação popular no Rio de Janeiro contra o aumento da passagem dos bondes. Esses 366 painéis foram reunidos em livro em 1950 pela Tipografia Nilópolis. Embora muitos não considerem este tipo de trabalho como Histórias em Quadrinhos "verdadeiras", de fato são, "falsas" se quiserem.

Pelo que pude deduzir, as duas séries mencionadas por Reinaldo de Oliveira são posteriores, do começo da década de 1950 e deve ser o material que foi compilado pela editora Conquista com o título **Seleções da História do Brasil e do Mundo** ainda na primeira metade da década de 1950. Esta série era composta de episódios históricos quadrinizados em uma página com 6 ilustrações acompanhadas de legendas. Cada página tratava de assunto diverso, sem continuidade.

A editora Conquista publicou 13 fascículos de **Seleções da História do Brasil e do Mundo**, cada um com 32 páginas (excluindo as capas), formato horizontal, com numeração continuada de um fascículo para o outro. No fascículo, cada HQ ocupava a página da frente e na do verso foi acrescentado um texto mais detalhado sobre o tema. As legendas das HQs assim como a seleção do texto do verso são atribuídas ao professor de História Sergio Macedo. No total, foram 416 páginas correspondendo a 208 páginas de HQ. Enquanto publicava os fascículos, a editora Conquista anunciou um primeiro volume encadernado com os 10 primeiros fascículos. Isso significa que a editora imaginava que haveria outros 10 fascículos? Talvez, quando a Conquista começou a publicar os fascículos, a série ainda estivesse sendo produzida para o **Diário de Notícias**. Talvez, por alguma razão, o jornal tenha interrompido a publicação e Renato Silva parou de produzi-la. Assim, a Conquista teve que encerrar a coleção no volume 13. São só suposições. A editora lançou vários encadernados, como um de 1956 com todos os 13 fascículos sem as capas. Lançou também encadernados compilando 4 fascículos (sem as capas).



O texto publicado na 2ª capa do primeiro fascículo de **Seleções da História do Brasil e do Mundo** merece destaque:

"A síntese, ao mesmo tempo que é o caminho da perfeição, corresponde a uma exigência da hora presente. Por isso, as "histórias em quadrinhos", que são a síntese aplicada à literatura, tomaram tal desenvolvimento que ninguém mais discute a sua eficiência, o seu poder de sedução, particularmente junto à infância e à juventude, sem falar de sua utilidade nos domínios da pedagogia. O problema, hoje, é de seleção, de critério, separar o joio do trigo, pois da mesma forma que a "história em quadrinhos" recrea e instrui, quando elaborada com honestidade, também pode contribuir, e poderosamente, no sentido da deformação da mentalidade dos jovens, quando elaborada sem escrúpulos."

"Pouca gente, crianças e adultos, desconhecerá o trabalho honesto, perseverante e criador, altamente educativo, de Renato Silva e Sergio Macedo, conceituados professores de Desenho e História, publicado com regularidade no **Diário de Notícias**. Portanto, esta publicação não é uma experiência mas a afirmação categórica de uma vitória bastante expressiva, em escala ascendente, cada vez em plano mais alto. Ontem, simples publicação isolada no jornal; hoje, conjunto harmonioso, cuidadosamente revisto, em fase de transição da revista para o livro, vencendo distâncias, atingindo camadas mais amplas de leitores, circulando não mais apenas nas zonas limitadas dos jornais, mas por todo o Brasil, nas bancas de jornais e nas livrarias, em forma permanente, nos lares, nas bibliotecas, nos educandários, nos locais de trabalho, etc."

É preciso lembrar que início da década de 1950 assistiu a manifestações de pais e professores contra as histórias em quadrinhos, no entanto, quase nunca comentado é que elas tinham seus defensores, autores e editores que enxergavam sua força e potencial educativo. E a editora aproveitou o espaço da capas internas dos fascículos seguintes para colocar as opiniões favoráveis de professores, escritores, acadêmicos, diretores de escolas e faculdades, autoridades reconhecidas da época.

Um ponto interessante em relação a essa "modalidade histórica" de história em quadrinhos aparece no livro **Desenho Artístico ao Seu Alcance**. Depois de tratar dos assuntos referentes ao desenho propriamente dito, no final do livro Renato Silva trata rapidamente de assuntos relacionados como a Ilustração, a História em Quadrinhos e a Propaganda. Na parte sobre HQ, mostra em oposição páginas de *Seleções da História* e de *A Garra Cinzenta* com os comentários: "Por se tratar de assunto histórico, isto é, de natureza verídica, seu texto deve ser sempre colocado abaixo dos respectivos quadros e em blocos também uniformes. Outro exemplo, porém do gênero de ficção policial mais em uso, que permitindo colocar no interior de seus quadros as legendas em forma de diálogos (balõezinhos), empresta ao trabalho uma aparência mais cinematográfica e atraente. Isso tem a vantagem de dar maior destaque às figuras que a compõem."

Finalmente, um "mistério" que aparece nos 2 fascículos de **A Arte de Desenhar** dedicados à História em Quadrinhos. Renato Silva coloca vários exemplos de quadros avulsos, rascunhados e finalizados, na maioria retirados das HQs de *Seleções da História*. Também coloca algumas páginas de *A Garra Cinzenta* e outras de *Calendário Nacional*. No entanto, apresenta algumas páginas em tamanho grande, muito bem feitas, de HQs de tema histórico que não pertencem a nenhuma das obras aqui mencionadas. Que trabalho seria esse e onde foi publicado?

QI 119 (jan/fev/2013)

TIRANDO O CHAPÉU

RIP KIRBY

A editora norte-americana IDW publicou 4 belos livros com todas as tiras da série *Rip Kirby*, produzidas por Alex Raymond, no Brasil, apelidada *(Nick) Holmes*. Raymond esbanja seu talento como desenhista nesta série, produzida já em sua fase madura, e interrompida devido ao trágico acidente automobilístico de que foi vítima. Nos argumentos e roteiros, contou com ajuda de outros profissionais como Ward Greene e Fred Dickenson. As histórias são, em geral, boas, com temas e soluções interessantes, poucas vezes causam algum constrangimento e também poucas vezes provocam uma emoção mais intensa. Há, sim, passagens marcantes como, logo no começo da série, a sequência em que Kirby é torturado, o que causou até alguns aborrecimentos para a agência. Ou a aventura em que Kirby é seduzido por uma bela artista, cujo objetivo é vingar-se dele dando-lhe um fora. Mas os recursos narrativos, como os cortes e as elipses, por exemplo, não são muito usados, como é de se esperar numa série de aventura. No volume 4 da série, no entanto, aparece uma tira que, ao mesmo tempo, é um primor de narrativa e uma prova de como o leitor pode ser subestimado.

A história gira em torno de Honey Dorian, que é contratada para transportar um vestido da Europa para os Estados Unidos, numa viagem de navio. O vestido tem uma rosa na qual está escondido um microfilme. Honey não sabe disso e também não vem ao caso. Honey é convidada para um baile pelo capitão do navio e fica tentada a usar o vestido. A tira de 31 de maio de 1956 mostra, no 1º quadro, Honey pensando: "Não seria maravilhoso se eu pudesse usar este vestido esta noite? Mas, é claro, eu nem pensaria nisso...". No 2º quadro, continua pensando: "Eu devo apenas entregá-lo a Madame Zero. Não interessa que ele seja tão bonito, isso não seria certo. Fora de questão!". E então vem o corte (ou a elipse) e o 3º quadro mostra Honey saindo de sua cabine usando o vestido. Uma bela utilização de um recurso narrativo poderoso, de quebra dando uma alfinetada no comportamento impulsivo feminino. Mas o próprio 3º quadro já dá uma quebrada no efeito da elipse ao acrescentar à cena uma outra figura (que estava espionando Honey para garantir a entrega da encomenda). Ora, este 3º quadro deveria se restringir apenas à imagem de Honey usando o vestido "proibido", para que o recurso narrativo aparecesse com toda sua força.

Não satisfeitos em terem matado o efeito da elipse no final da tira de 31 de maio, os autores, no primeiro quadro da tira seguinte, jogam a pá de cal. Não confiando que o leitor tivesse captado a mensagem de que Honey estava usando, de maneira inapropriada, o vestido, tornam a repetir a informação, mostrando-a pensando: "Eu não deveria nunca usar este vestido que estou transportando para Madame Zero, mas simplesmente não pude resistir. Terei que ser cuidadosa...".

Este primeiro quadro, no entanto, ao mesmo tempo que é redundante e anti-climático para quem está lendo as tiras em sequência nas páginas de um livro, para quem leu a tira isolada em um jornal, foi a preparação para mais uma elipse. O 2º quadro da tira de 1º de maio já mostra Honey, sentada à mesa com o Capitão do navio, derrubando café justo na rosa do vestido.

Não é fácil fazer história em quadrinhos!...

QI 119 (jan/fev/2013)

LANÇAMENTOS SÉRGIO LUIZ FRANQUE

Sérgio Luiz Franque faz vários lançamentos, com destaque para:

Contos da Selva de Tarzan nº 1 – Álbum de 100 páginas no formato 185x250mm, trazendo HQs de Tarzan produzidas por Roy Thomas, John Buscema, Alfredo Alcala e Klaus Janson („O Deus de Tarzan", „A Batalha por Teeka" e „O Fim de Bukawai"), John Celardo („A Lenda de Tarzan"), Burne Hogarth („Primeiro Amor de Tarzan"), além de ilustrações diversas de Frazetta e de Sérgio Luiz Franque.

Almanaque Tarzan 2013 – Álbum de 100 páginas no formato 185x250mm, trazendo HQs de Tarzan e Boy, produzidas por Jesse Marsh e Russ Manning („O Mestre Estampador dos Quicuios", „Os Elefantes de Athne", „O Destruidor do Chamba", „O Templo das Chamas", „Os Homens-Águias", „O Pântano das Mil Mortes", „O Guia dos Macacos" e „O Menino Zebra").

Preço promocional de cada álbum para os leitores do **QI**

R$ 60,00.

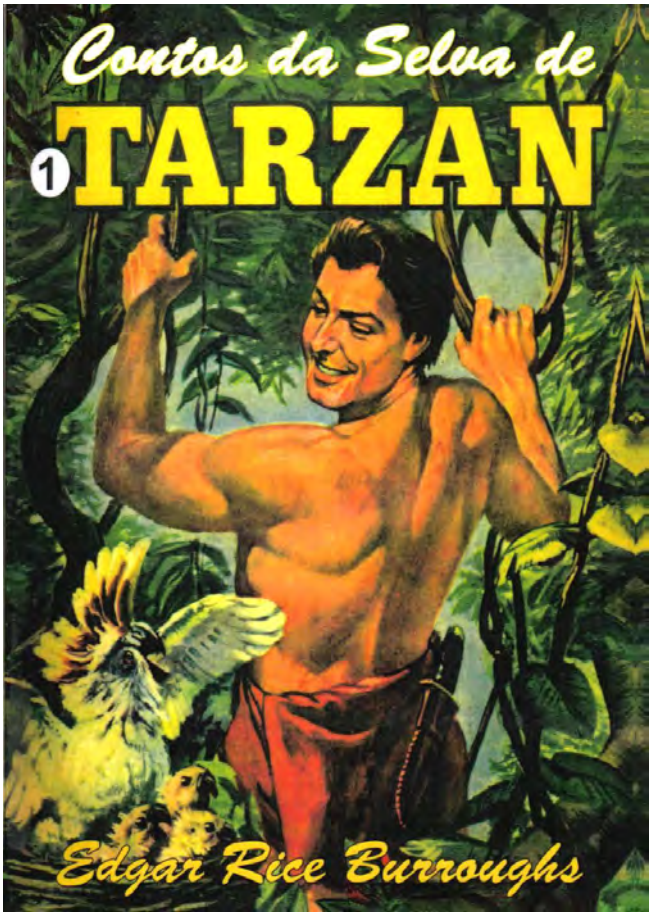
Sérgio pretende produzir a coleção **Contos da Selva de Tarzan** até o número 20 e está produzindo os **Almanaques de Tarzan** até o ano de 2020. A coleção **Álbum de Tarzan** foi estendida até o nº 30, incluindo novas aventuras de Russ Manning, John Celardo, Frank Hoban e Dave Hoover.

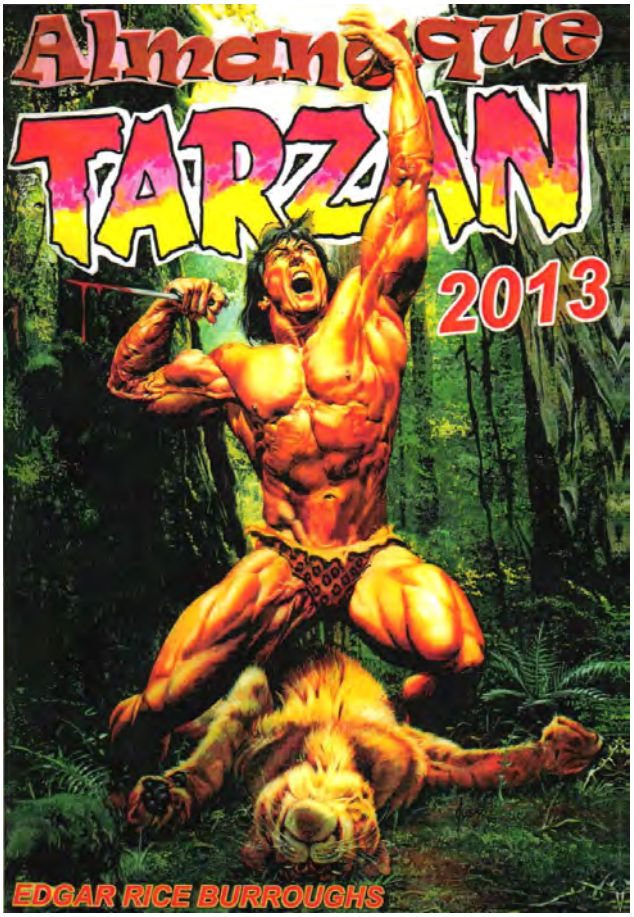
A revista **Cowboy Valente** já tem 11 números editados, cada um dedicado a um cowboy, na seguinte ordem: Ringo Kid, Kid Colt, Cavaleiro Negro, Kit Carson, Bill Dinamite, Don Chicote, Apache Kid, Cavaleiro Solitário, Flecha Ligeira, Tom Earp, Bill Tiro Certo.

A revista **Cowboy do Cinema** também tem 11 números editados, com os cowboys Roy Rogers, Durango Kid, Rex Allen, Rocky Lane, Johnny Mack Brown, Monte Hale, Hopalong Cassidy, Gene Autry, Tim Holt, Rex Ritter e Bill Eliott.

Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

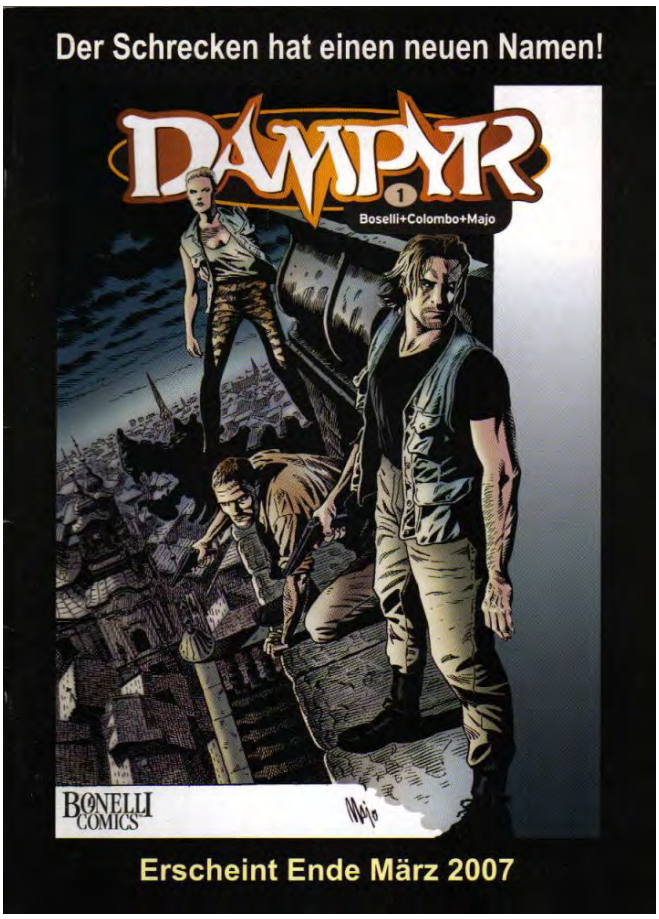




QI 119 (jan/fev/2013)

PUBLICAÇÕES ALEMÃS

Luciano Freiberger me mandou mais um lote de revistas e fanzines alemães. Destaque para três números da revista **Comicaze**, revista de conteúdo claramente alternativo, mas com produção gráfica de primeira qualidade. Uma das edições foi feita especialmente para comemorar os 850 anos da cidade de Munique, com todas as HQs tratando do assunto. Nunca é demais salientar a revista de distribuição gratuita trazendo grandes extratos de álbuns de quadrinhos comerciais (às vezes, um álbum inteiro), desta vez dedicada ao *Gato do Rabino*. Serviu também para saber que a série na Alemanha já tem 5 álbuns publicados, enquanto que no Brasil saiu até o segundo. Outra edição interessante foi uma revista de 16 páginas com o personagem *Dampyr*, da Bonelli, que já teve publicação no Brasil. Interessante, por dois motivos. Primeiro é que não deu para saber se esta revista é só um preview de algum lançamento futuro, ou se a edição alemã destrinchou as longas histórias bonellianas de 100 páginas em capítulos de 16 páginas. Segundo, com um formato semelhante ao original italiano e uma impressão em preto e branco de qualidade, a apreciação dos desenhos é outra coisa, ou seja, dá uma coça bem dada na Mythos.



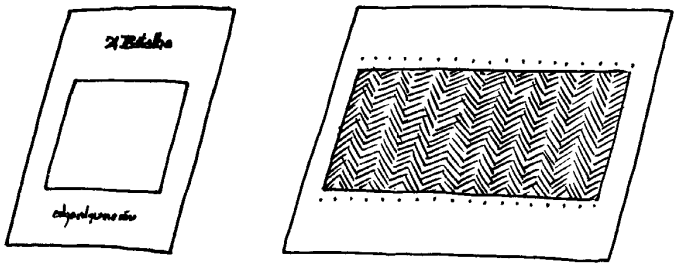
QI 119 (jan/fev/2013)

MANUAL DO USUÁRIO

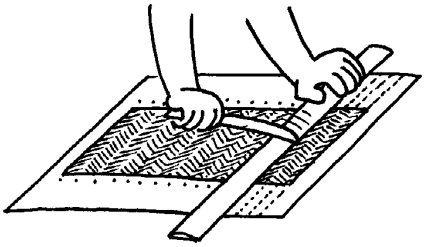
Instruções para montar o Quadro „A Batalha"

1. Você está recebendo duas folhas encartadas, uma em papel amarelo, que é a base do Quadro, e outra em papel branco, que é o Quadro, propriamente dito.

2. Com um instrumento de ponta cega (por exemplo, o lado sem corte de uma faca), faça sulcos verticais no Quadro, usando uma régua orientada pelos pontinhos superiores e inferiores.



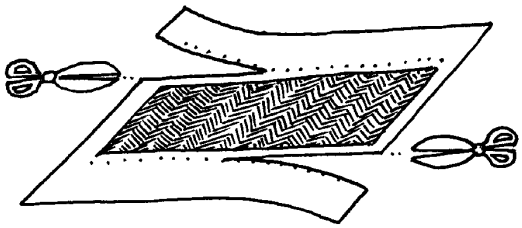
1.



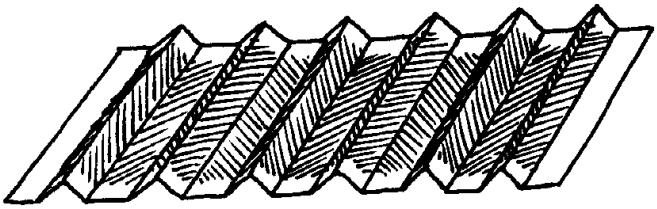
2.

3. Com régua e estilete (ou com tesoura), corte a sobra de papel acima e abaixo do desenho, de modo que os pontinhos de guia sejam eliminados junto com a sobra de papel.

4. Dobre a folha do Quadro, seguindo os sulcos verticais.



3.

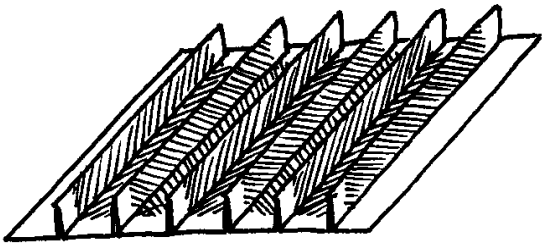


4.

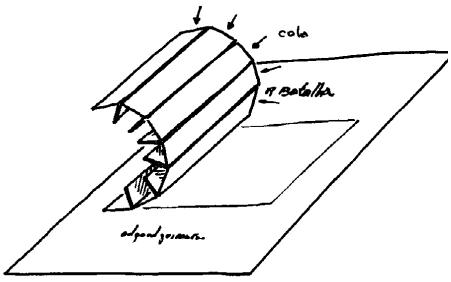
5. Passe cola, no verso, apenas nas partes necessárias para que o Quadro fique como mostrado abaixo. Use cola de bastão, para não enrugar o papel.

6. Cole o Quadro na base amarela. Comece colando a partir da esquerda, e vá colando, uma a uma, cada parte do fundo do Quadro.

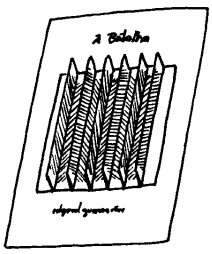
7. Finalmente, veja se compensou todo o trabalho e se o resultado serviu para alguma coisa.



5.



6.



7.

Sugestão: quem não tiver confiança na própria habilidade manual, tire xerox das folhas e treine antes de usar as folhas fornecidas.

QI 119 (jan/fev/2013)

LANÇAMENTO DE LIVRO

Finalmente, aquele selo que criei para lançamentos de edições voltadas às Histórias em Quadrinhos tem um novo lançamento. Trata-se da compilação de todos os depoimentos publicados no **QI** sob o título

Memória do Fanzine Brasileiro

Este é justamente o título do livro.

A edição traz os depoimentos de 23 editores de fanzines, publicados no **QI** a partir do nº 80 de mai/jun/2006 até o nº 122 de jul/ago/2013.

Os editores, cujos depoimentos estão no livro, são:

MÁRCIO COSTA
OSCAR KERN
LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO
ALVIMAR PIRES DOS ANJOS
EMIR LIMA RIBEIRO
DIAMANTINO DA SILVA
JOSÉ MAGNAGO
ROBERTO GUEDES
VALDIR DÂMASO
MARCELO MARAT
PAULO RICARDO
JOACY JAMYS
WALLACE VIANNA
CLAUDIO S. DILLI
DENILSON ROSA DOS REIS
JOSÉ VALCIR
EDSON RONTANI
AIMAR AGUIAR
CLAUDIO RUBIN
GUTEMBERG CRUZ
HENRIQUE MAGALHÃES
GONÇALO SILVA JÚNIOR
FLÁVIO CALAZANS

O livro tem 128 páginas, formato 165x216mm, impressão digital, tiragem limitada, capa em papel cartão e sobrecapa.
Preço: R$ 20,00 (com o frete incluído).

QI 119 (jan/fev/2013)

uatisdis?

Às vezes, a gente vai lendo uma revista de quadrinhos e, de repente, acha umas coisas estranhas. Desta vez, foi num álbum dos Smurfs, de uma coleção lançada recentemente pela editora norte-americana Papercutz. As histórias lançadas até agora eu já tenho nas revistas brasileiras e nos álbuns portugueses, mas como o preço estava razoável, comecei a coleção americana na esperança de que publique histórias inéditas em português. O volume 8 da coleção trouxe a história *The Smurf Apprentice*, que já havia saído no Brasil e em Portugal. Lá pelas tantas, num balãozinho (quadro à esquerda, logo abaixo), achei uma coisinha esquisita. Reconheci a coisinha de cara, mas fiquei em dúvida se era algo presente no original. Como não dava para conferir no original francês ou belga, que não tenho, fui olhar no que eu tinha, a revista brasileira **Os Duendes Strunfs** nº 3, publicada pela Editora Vecchi em agosto de 1975 (quadro do meio), e o álbum português **O Estrumpfe Mágico**, publicado pela editora Publica em 1982 (quadro à direita). A coisinha estranha não estava em nenhuma das duas edições.

E o que é, afinal, esta coisinha estranha? A editora norte-americana colocou dentro de um balão, aparentemente sem qualquer motivo especial, uma expressão que remete à obra de Harvey Kurtzman. Aquele *Hey Look* que aparece no balãozinho, escrito daquela forma, com os dois „Os" formando dois olhinhos, é o título de uma das HQs mais conhecidas de Kurtzman. A bem da verdade, não sei se foi só uma HQ com este título ou se foi uma série. Eu só conheço a página que foi publicada no Brasil (pirateada, pelo que se sabe) na revista **Porrada! Special** nº 2, de janeiro de 1990. Agora, o que Kurtzman tem a ver com os Estrunfes de Peyo, eu ainda estou para entender.

Esta coleção da Papercutz já havia trazido, logo em seu primeiro volume, uma outra coisa notável. O título do livro e da história principal, dado pela editora norte-americana, foi **The Purple Smurfs** (**Os Smurfs Púrpuras**). Esta é a história que foi publicada no Brasil, pela Editora Vecchi, no nº 5 da revista **Os Duendes Strunfs** (out/1975) com o título *Os Strunfs Pretos*, e em Portugal, pela editora Publica, em 1980, no álbum **Os Estrumpfes Negros**. O nome original, usado pela editora Dupuis no álbum de 1963, foi **Les Schtroumpfs Noirs**. No álbum norte-americano, os estrunfes maus não são mais negros, são púrpuras. Imagino que a editora quis evitar qualquer problema com os vigilantes étnicos. Todos os bonequinhos negros originalmente tiveram que ser refeitos (ou recoloridos) na cor púrpura. Não sei dizer se a editora original já fez esta modificação para novas publicações dos personagens em todo o mundo ou se a mudança foi feita somente para a editora norte-americana. Não deixa de ser curiosa essa paranoia com questões pífias, mas que possam ter alguma reação de grupos raciais. Também é curioso que a editora norte-americana DC recentemente lançou uma saga de Lanternas Negros, os malvadões, que acabaram derrotados pelos Lanternas Brancos, mas teve o cuidado de não usar as palavras "black" e "white". Os vilões foram Dark Lanterns.

Bem, talvez, só ter colocado o título **The Dark Smurfs** já resolvesse.

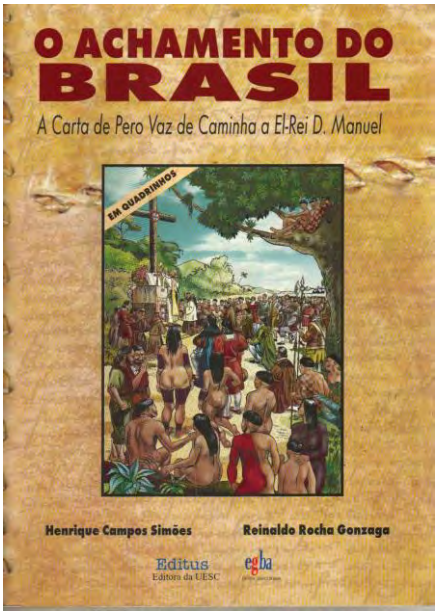
QI 119 (jan/fev/2013)

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

O ACHAMENTO DO BRASIL

O final dos anos 1900 viu uma série de comemorações de 500 anos de vários eventos relacionados aos grandes descobrimentos. Para nós, brasileiros, a comemoração de maior vulto ocorreu no ano 2000, com os 500 anos do Descobrimento do Brasil, ocorrido em 21 de abril de 1500. Essas comemorações ocorreram de várias formas, incluindo a construção de réplicas das caravelas descobridoras que, ao contrário daquelas, não conseguiram navegar.

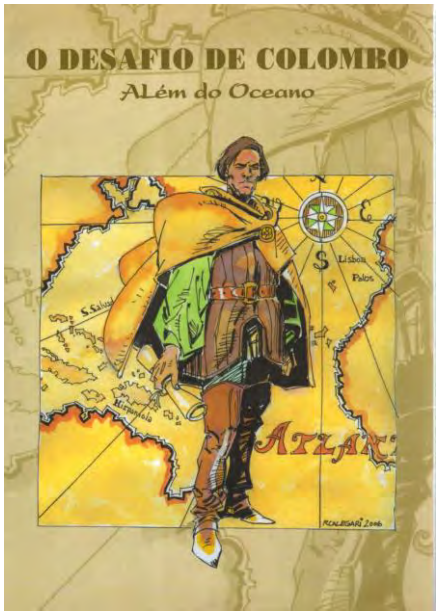
Para nossos propósitos, interessam as iniciativas de publicar edições de Histórias em Quadrinhos relacionadas aos Descobrimentos. Houve várias, de vários tipos, mas uma me chamou a atenção.



Em 1999, a Editus – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz e a Empresa Gráfica da Bahia, com apoio do Governo da Bahia, publicaram o álbum **O Achamento do Brasil – A Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel**, com roteiro do historiador Henrique Campos Simões e arte de Reinaldo Rocha Gonzaga. Um álbum colorido, capa mole, lombada canoa, papel de qualidade, muito bem impresso e quase sem divulgação, do qual só tomei conhecimento da existência recentemente.

A edição é centrada em cima da Carta escrita por Pero Vaz de Caminha, que é o primeiro documento escrito produzido em terras brasileiras. A primeira metade do álbum é uma HQ feita a partir das informações contidas na Carta de Caminha, obviamente baseada em outras referências iconográficas. A segunda metade do álbum traz o texto integral da própria Carta, acompanhado de comentários explicativos.

A quadrinização é muito bem feita, com desenhos bonitos, um colorido rico e traz informações que, para mim, soaram como novidade. Uma delas é o papel reservado aos degredados trazidos na esquadra de Cabral. Quando estudei História do Brasil, no ginásio e no colégio, esses degredados não mereceram mais do que uma nota depreciativa. Em **O Achamento do Brasil**, os degredados são, sem dúvida, pessoas condenadas por crimes, não sei dizer de que tipo, que resultaram na expulsão de Portugal. Não são, no entanto, pessoas inúteis como essa bandidada brasileira que se vê nos noticiários, cuja reclusão em penitenciárias é um prêmio que não merecem. Aos degredados da esquadra de Cabral cabiam funções de grande importância. Uma delas foi a de permanecer no Brasil, entre as comunidades indígenas, aprendendo línguas e costumes para facilitar os futuros comércios quando esta ou outras esquadras retornassem ao Brasil. Função que tomaram para si de boa vontade, cientes de sua importância. Outra raça de condenados, esta.



O Achamento do Brasil, um belo álbum de quadrinhos que compensa procurar nos sítios de vendas.

Outro álbum de excelente qualidade é **O Desafio de Colombo – Além do Oceano**. Este não é uma produção brasileira, mas aproveito para mencioná-lo pela semelhança do tema com **O Achamento do Brasil** e pela igual qualidade da publicação. A edição original é italiana, produzida pela Fondazione Casa America em 2006, em comemoração aos 500 anos da morte de Cristóvão Colombo. A versão brasileira foi publicada pelo ICIB – Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro em 2008.

O álbum **O Desafio de Colombo**, com capa mole, lombada quadrada, todo colorido, traz vários textos de apresentação, mas sua parte central é a HQ produzida com roteiro de Mauro Basari e desenhos de Renzo Calegari, este conhecido dos fãs de Ken Parker.

A parte que achei mais interessante neste trabalho foi, mesmo correndo o risco de parecer monótono, a insistência em mostrar as várias tentativas frustradas de Colombo, durante mais de uma década, para conseguir financiar sua expedição. Além disso, durante a viagem, a preocupação em não ser passado para trás pelos sócios. Cabral estava mais bem servido com seus degredados do que Colombo com seus comandantes. Também por isso, um belo álbum.

QI 120 (mar/abr/2013)

29º ANGELO AGOSTINI

O evento comemorativo do Dia do Quadrinho Nacional, com a entrega do Prêmio ANGELO AGOSTINI, ocorreu no dia 2 de fevereiro de 2013, no Memorial da América Latina, em São Paulo. Deveria ser no Anexo dos Congressistas, mas, na última semana, foi mudado para o auditório da Biblioteca. Sem maiores problemas.

Como sempre, chegando antes da hora, pude, com calma, apreciar a exposição com originais de vários artistas que trabalharam com Os Trapalhões produzidos pelo Estúdio de Ely Barbosa para a Editora Bloch. E conversar com um dos autores presentes, Eduardo Vetillo, que gentilmente fez uma caricatura minha.

O encontro com vários conhecidos e as conversas acabaram me fazendo perder a abertura da cerimônia pelos responsáveis pelo Memorial. Às 14h30 começou uma mesa redonda sobre o Estúdio Ely Barbosa e sua produção da revistas dos Trapalhões para a editora Bloch. Participaram da mesa Bira Dantas, Eduardo Vetillo, Aparecido Norberto e Alexandre Silva, todos ex-funcionários do Estúdio. Durante uma hora e meia, muita informação foi levantada sobre essa importante fase de produção de quadrinhos brasileiros.

Fernando dos Santos assumiu a condução da cerimônica, começando com uma homenagem a quadrinhistas falecidos durante 2012: Gutemberg Monteiro, Millôr Fernandes, Edmundo Rodrigues, Al Rio e Patrícia Zacarias.

Worney foi chamado para falar sobre as atividades da AQC, em especial sobre as publicações **Picles** e **100 Vezes AQC**. A **Picles** está com seu terceiro número sendo organizado, este dedicado à condição atual das mulheres.

Bira Dantas continuou, falando das novidades: o lançamento do primeiro volume da **História da Caricatura Brasileira**; o fechamento da Livraria HQ Mix; o fim do selo Barba Negra e do 4º Mundo. Bira também leu um comunicado de Jota Silvestre enumerando os 10 principais acontecimentos de 2012 na área da HQ.

Gazy Andraus falou um pouco sobre a proposta de um Dia do Fanzine Brasileiro, cuja comemoração seria dia 12 de outubro.

Franco de Rosa assume o comando para anunciar os vencedores do Prêmio Angelo Agostini.

Gonçalo Júnior é chamado para entregar o *Troféu Jayme Cortez* para Fabrício e a Fundação Cultural de Curitiba pela realização do Gibicon Curitiba.

Alexandre Silva entrega o troféu de *Melhor Desenhista* para Sidney Gusman, representando Danilo Beyruth.

Na categoria *Melhor Roteirista*, Petra Leão, roteirista dos estúdios de Maurício de Sousa e uma das responsáveis pela **Turma da Mônica Jovem**, recebe o troféu de Marcatti.

Fernando Santos entrega o troféu de *Melhor Cartunista* para Jean Galvão, colaborador da revista **Recreio**.

Na categoria *Melhor Lançamento*, o vencedor foi o álbum **Astronauta – Magnetar**, editado pela Panini, e o troféu foi entregue por Primaggio Mantovi a Sidney Gusman, representando o autor Danilo Beyruth.

Na categoria *Melhor Lançamento Independente*, Edson Pericer entrega o troféu aos criadores de **Last RPG Fantasy**.

Edgard Guimarães é chamado para entregar o troféu de *Melhor Fanzine* a Denilson Rosa dos Reis e Alex Doeppre, dois dos editores de **Quadrante Sul**.

Na categoria *Mestres do Quadrinho Nacional*, os homenageados foram: Marcos Maldonado, que recebeu o troféu das mãos de Aparecido Norberto; Jô Fevereiro, que recebeu o troféu de Bira Dantas; Júlio Emílio Braz, representado por Eduardo Vetillo, que recebeu o troféu de Franco da Rosa.

Para finalizar, Jal é chamado para entregar um troféu especial chamado *O Tio* para Worney. Tratou-se de uma placa com uma caricatura de Worney carregando o Angelo Agostini.

O encerramento do evento se deu com as palavras finais de Fernando Santos e de Laís, representando o Memorial da América Latina.

O espaço da Biblioteca do Memorial continuou à disposição dos presentes para conversas, trocas de contato e compra de publicações nos estandes montados pela livraria Comix.

Além dos mencionados, estiveram presentes no evento: Marcos Venceslau, Antônio Luiz Cagnin, Paulo Anjos, Cássio Aquino, Klink, Walter Vetillo, Gilmar, Luigi Rocco, Deddy Edson, Joás, Júlio Magalhães, Kendi Sakamoto, entre tantos outros.

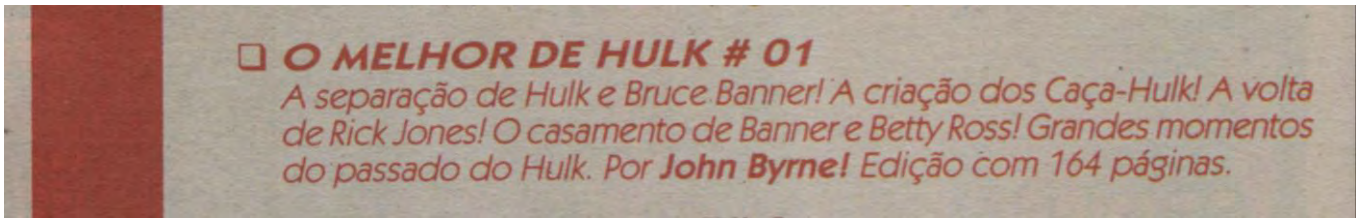
O Memorial, apesar de projetado pelo Oscar Niemeyer, foi um bom local para a realização do evento, embora não tenha comparecido muita gente sempre presente nos Angelo Agostini anteriores.

QI 120 (mar/abr/2013)

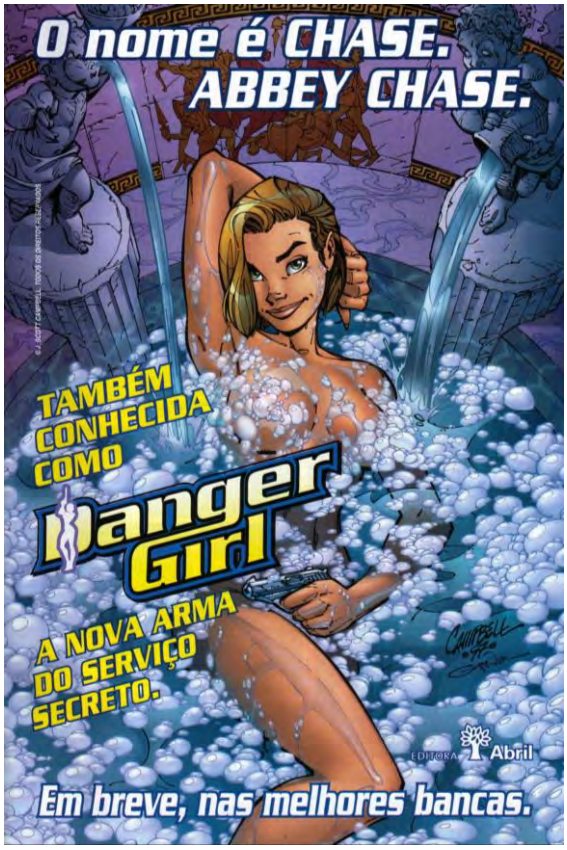
MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

A editora Abril sempre se caracterizou pelo profissionalismo no que diz respeito ao seu cronograma de publicações. Dificilmente alguma edição anunciada por ela deixou de ser publicada, ou, ao menos, sofreu algum atraso considerável. Restringindo à fase Marvel/DC e assemelhados, vou mencionar algumas edições anunciadas pela Abril e que, com quase certeza, não foram publicadas.

Além das revistas mensais dos heróis, é sempre bom lançar alguns Especiais, para ganhar mais uns trocados. Uma boa estratégia é o lançamento dos tais Anuais. O Homem-Aranha ganhou seu primeiro em 1992 e saíram mais 7 até 1998, embora seja meio difícil de explicar como pode haver oito anuais em sete anos. X-Men teve dois anuais a partir de 1994 e Hulk, um anual em 1994. Em 1996, a Abril resolveu substituir os Anuais pelos **O Melhor de**. Talvez justamente para poder lançar vários por ano. O Homem-Aranha, mesmo continuando com os Anuais, ganhou 4 **O Melhor de** até 1998. Em 1997, X-Men ganhou 2 e Wolverine ganhou 1. Hulk estava na lista para receber seu **O Melhor de**.



Os Checklists de junho publicados nas revistas **Shazam** 8, **Batman – Vigilantes de Gotham** 8, **Wolverine** 64, **Homem-Aranha** 168 e **ATeia do Aranha** 92, todas de junho de 1997, anunciaram a publicação de **O Melhor de Hulk** 1, como se vê logo acima. Tenho lembrança de que saiu também anúncio de página inteira deste **O Melhor de Hulk** em alguma revista, mas procurei e não achei. Não imagino nenhuma razão para esta falha na programação. A revista mensal do Hulk tinha sido cancelada no número 165 em março de 1997. Será que isso influenciou na não publicação de **O Melhor de Hulk**?



Mais próximo ao fim da era dos heróis na Abril, em novembro de 2000, as revistas **Spawn** 88, **Batman Premium** 4 e **X-Men Premium** 5 trouxeram anúncio de página inteira sobre a revista (ou minissérie, o anúncio não especifica) **Danger Girl**. Não tenho notícia de que tenha sido publicada. Posteriormente, em 2006, a Devir publicou uma minissérie em duas edições com a personagem. A Panini também publicou a personagem num crossover com Batman.

Se a memória não está me traindo, lembro com alguma riqueza de detalhes, que, por volta de 1999/2000, a Abril fez um belo anúncio colorido divulgando uma boa quantidade de álbuns e minisséries. Alguns saíram, mas vários não. Só que procurei exaustivamente em minha coleção e não consegui achar este anúncio já não tão vivo em minha memória.

Do que não saiu, lembro apenas dos títulos **Liberdade – Um Sonho Americano** e **Martha Washington Vai à Guerra**. Segundo minhas lembranças, há mais alguns títulos anunciados e não publicados, pelo que consta.

Estes dois títulos foram, em 2006, publicados pela editora Mythos com os nomes **Liberdade a Qualquer Custo** e **Martha Washington Vai à Guerra**.

Os leitores que tiverem essas coleções da Abril e compartilharem de memórias de edições anunciadas e não publicadas, e, ainda, tiverem a paciência de Jó de procurar em cada revista... caso achem exemplo não mencionado aqui (ou os que mencionei e não pude provar), enviem-me as imagens encontradas e eu faço um texto complementar no próximo número.

QI 120 (mar/abr/2013)

DA ALEMANHA

Gerd Bonau enviou, juntamente com o nº 92 de seu fanzine **Omi**, o nº 71 da revista **Comics & Mehr**, uma revista informativa com 64 páginas, colorida, noticiando os lançamentos de quadrinhos na Alemanha. Detalhe: a revista é grátis. Uma enorme variedade de álbuns, com um bom destaque para clássicos e modernos europeus. Tem que ter bolso de primeiro mundo para dar conta. Sorte deles. Mas os alemães não ficaram livres da onipresença da Panini. E toda a tralha DC/Marvel está lá também. Dos anúncios de página inteira da revista, 9 em 10 são da Panini. Azar deles.

QI 120 (mar/abr/2013)

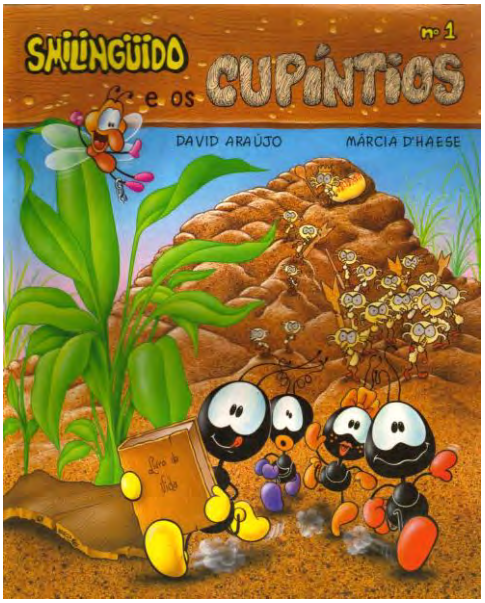
QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

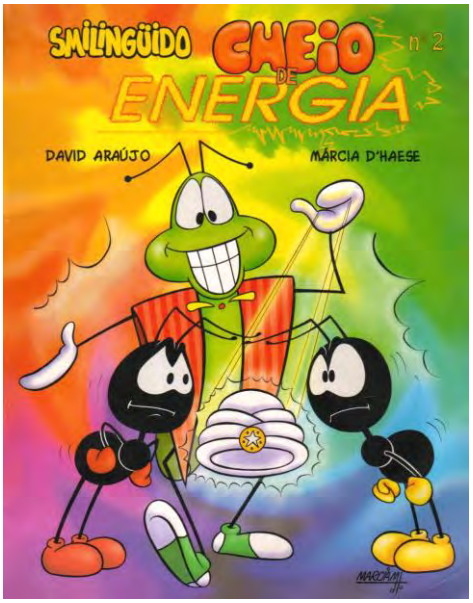
SMILINGÜIDO

O personagem Smilingüido e sua turma já tem pelo menos uns 30 anos de existência. De proposta claramente evangelizadora, de pregação da palavra de Deus, também claramente, na minha percepção, sempre se apresentou mais como uma marca comercial do que como um personagem de quadrinhos ou livros infantis. Tanto que, lá em meados da década de 1980, tomei conhecimento do personagem na forma de cartões de boas festas e aniversário, de marcadores de livros e outros produtos como agendas ou cadernos, e não na forma de livros ou revistas de quadrinhos. Uma consulta, hoje, no site da Editora Luz e Vida, mostra que há um bom número de publicações com os personagens, principalmente livros infantis, mas predominam os produtos utilizando os personagens.

Há alguns anos, a editora conseguiu manter uma revista de quadrinhos nas bancas, em formatinho, colorida, por mais de setenta números. Mesmo assim, no meu entender, a tônica do personagem nunca foi a produção de quadrinhos.

No entanto, no início da década de 1990, os criadores David Araújo e Márcia D'Ħaese fizeram uma tentativa de produzir álbuns de quadrinhos com a turma do Smilingüido. No melhor estilo dos álbuns de Asterix, Lucky Luke, Iznogud, presentes, ainda que de forma irregular, nas bancas brasileiras desde final da década de 1960, início de 1970. O mesmo formato, a mesma apresentação editorial com uma página de rosto, uma ilustração colorida na 4ª capa com os títulos da coleção e os desenhos monocromáticos nas 2ª e 3ª capas. Apenas um número menor de páginas em relação ao padrão europeu.





Em 1993, saiu o primeiro álbum da coleção, intitulado **Smilingüido & os Cupíntios**, texto de David Araújo e Márcia D'Ħaese e desenhos de Márcia e Gilberto Yamamoto. Uma produção bem cuidada, colorido atraente, desenhos simples, porém eficientes, com criatividade nos enquadramentos, totalizando 30 páginas de HQs, produção nacional de boa qualidade. Na história, Smilingüido e seus amigos se consideram responsáveis pelo suposto sumiço do **Livro da Vida** e se acham na obrigação de conseguir outro exemplar do livro, cuja produção está a cargo dos Cupíntios. Há as peripécias da viagem, a prisão ao chegar na terra dos Cupíntios, que adotam a escravidão, a conversão da rainha dos Cupíntios aos ensinamentos do Livro da Vida, que eles produziam, mas não liam, até o final feliz. A história tem lances interessantes, embora, no geral, seja um pouco fraca. O objetivo é passar a mensagem da importância dos ideais evangélicos, mas o resultado acaba sendo didático demais. Pelo indicado no expediente, o álbum teve pelo menos 3 edições com um total de 20.000 exemplares.

O segundo volume da coleção, **Smilingüido Cheio de Energia** saiu em 1996, nos mesmos moldes, dessa vez com desenhos de Sandra Carvalho. O tema do segundo álbum é a atração que as pessoas (no caso, formigas) têm pelo esoterismo, pelas simpatias, cristais, fitas energizadas, pirâmides, amuletos e coisas do tipo. O formigueiro todo entra na onda, comprando todo tipo de badulaque que traga sorte ou felicidade. No fim, com oração e fé, todos acabam reconhecendo que o Criador é tudo de que precisavam. Não deixa de ser irônico que a história faça uma crítica contundente ao consumismo, no caso o consumo de produtos místicos não relacionados ao Evangelho, mas a Equipe ARVICRIS, criadora dos personagens, incentive o consumo desenfreado dos produtos da marca Smilingüido. Se é para conhecer o Criador, pode.

Apesar dos argumentos tendenciosos e das histórias frouxas, estes dois álbuns, do ponto de vista da produção de quadrinhos nacionais, são um exemplo admirável. Pelo que sei, saíram apenas estes dois álbuns. Certamente a não continuidade não se deveu à baixa vendagem, pelo que se deduz das tiragens do 1º volume. Acontece é que a produção de um álbum de HQ é algo muito trabalhoso. É muito mais rentável produzir ilustrações para cartões, camisetas, bolsas, capas de cadernos etc.

O primeiro álbum faz referência à edição **Smilingüido e as Sauvitas**, de 1981, como a 1ª história publicada em livro, mas, como não tenho esse volume, não sei dizer se é uma obra de história em quadrinhos.

QI 121 (mai/jun/2013)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

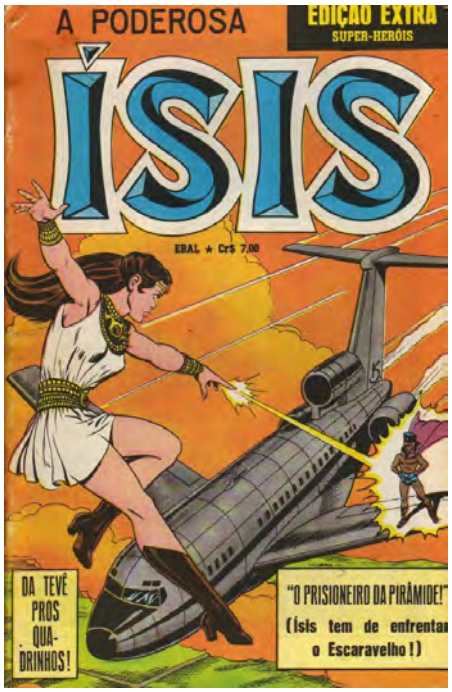
A expressão “Edição Extra” é suficiente para tirar o sossego do colecionador. As editoras, por mais profissionais que aparentem ser, usam e abusam desse termo para lançarem o que lhes dá na telha sem muita preocupação com numeração, cronologia, título ou o que quer que possa servir de referência para os aficionados tentarem completar suas coleções.

Às vezes, a “edição extra” aparece dentro da sequência normal de um título, apenas com mais páginas, um jeito da editora tomar mais um pouco do dinheiro do cara que está comprando a revista regularmente. Parece que também é um jeito da editora aproveitar um título que já está registrado e lançar coisas que não caberiam dentro do título. Neste caso, basta colocar o material que quiser no miolo e na capa e lá no expediente informar em letras minúsculas “edição extra de...”.

Embora não tenha lógica esperar que “edições extras” possam formar uma coleção, a Ebal fez justamente isso. Uma coleção de “edições extras”, sem numeração, mas com lançamento mensal.

A coisa começou de forma irregular em 1975, lembrando que a Ebal (como outras editoras) dava nomes gerais para as revistas, além dos nomes que apareciam no topo da edição. A velha história de ter alguns nomes registrados e usá-los para qualquer coisa. Na Ebal, os títulos comuns eram **Invictus**, **A Maior**, **Pequenina**, **O Juvenil Mensal**, **Aí, Mocinho!** etc.

Assim, em 1975, a Ebal lançou em formato álbum, sem especificação do mês: duas edições extras de **Cinemin**, com **Gabriela, Cravo e Canela** e **A Moreninha**, e uma de **Edição Maravilhosa** com **Senhora**. As três, republicações de histórias saídas em coleções anteriores da Ebal. Em junho, a Ebal lançou mais três edições em seu formato normal (próximo do formato americano): edição extra de **Roy Rogers** com **Trigger**, edição extra de **Batman** com **Coringa** e edição extra de **Superman** com **Aquaman**. Em outubro, saiu, em formato normal, a edição extra de **Superman** com **Mundo Maravilhoso de Krypton**. Ainda em outubro, saiu a primeira edição extra em formato pequeno, a edição extra de **Batman** com **Coringa, Duas-Caras e Espantalho!**.



Durante o ano de 1976, saíram apenas duas edições extras, uma de **Super-Heróis** com **Shazam!** em formato pequeno, em fevereiro, e uma de **Cinemin** com **A Escrava Isaura** em formato álbum, sem especificação do mês.

Em 1977, mais uma edição extra de **Cinemin** com **Dona Xepa**, o mesmo formato álbum sem especificação do mês. Em novembro, a Ebal começou uma série de edições extras em formato pequeno com periodicidade mensal. A primeira foi a edição extra de **Super-Heróis** com **A Poderosa Ísis**. Em dezembro saiu a edição extra de **Invictus** com **O Retalho**.

A seguir a relação de todas as edições extras lançadas entre 1978 e 1982, com periodicidade mensal, a grande maioria em formato pequeno.

1978 – *janeiro*: **Minha Revistinha** com **Os Três Mosqueteiros e Robin Hood**; – *fevereiro*: **Zorro** com **Tonto**; – *março*: **Quadrinhos** com **O Sombra**; – *abril*: **Pequenina** com **Catástrofes**; – *maio*: **Superman** com **Super-Heróis Lutam contra Supergorilas**; – *junho*: **Lançamento** com **Caçadores de Estrelas**; – *julho*: **O Juvenil Mensal** com **Perigo: Dinossauros à Solta!**; – *agosto*: **Mindinho** com **Vivaldo & Vivaldino**; – *setembro*: **A Maior** com **O Desafiador e O Vingador**; – *outubro*: **Super-Heróis** com **A Poderosa Ísis**; – *novembro*: **Invictus** com **O Retalho**; – *dezembro*: **Cinemin** com **OVNIs Discos Voadores**. Certa vez, vi a “informação” de que houve uma edição extra de **Mindinho** com **Vivaldo & Vivaldino** em março, mas quem “informou” deve ter visto 8 (agosto) e pensou que era 3 (março).

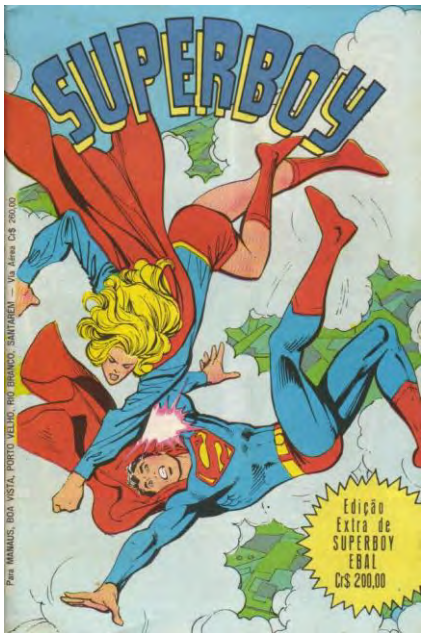
1979 – *janeiro*: **Minha Revistinha** com **Os Três Mosqueteiros e Robin Hood**; – *fevereiro*: **Zorro** com **Tonto**; – *março*: **Klik** com **Aragonés**; – *abril*: **Pequenina** com **As Origens Secretas Supervilões**; – *maio*: **Superman** com **Flash e Supermoça e mais: Elektron**; – *junho*: **O Juvenil Mensal** com **Os Desafiadores do Desconhecido no Triângulo das Bermudas!**; – *julho*: **A Maior** com **As Origens Secretas Supervilões**; – *agosto*: **Super-Heróis** com **A Poderosa Ísis**; – *setembro*: **Invictus** com **A Terra na Rota Fatal!**; – *outubro*: **Batman** com **A Última História de Batman**; – *novembro*: **Quadrinhos** com **Lanterna Verde e Gavião Negro e mais: Elektron**; – *dezembro*: **Cinemin** com **Aquaman e Capitão Cometa, astro convidado: Elektron**. A edição extra com **Aragonés** foi no formato magazine, não tenho notícia de que tenha havido uma edição em formato pequeno em março. Em abril, houve uma edição extra de **Cinemin** com **Coronel Delmiro Gouveia**. Em 1979, também houve três edições extras em formato álbum, sem especificação do mês: duas de **Cinemin** com **Dona Beija** e **Cabocla** e uma de **Edição Maravilhosa** com **A Bagaceira**.

1980 – *janeiro*: **Zorro** com **Tonto**; – *fevereiro*: **Aí, Mocinho!** com **Bonanza**; – *março*: **Pequenina** com **Kobra**; – *abril*: **Misterinho** com **Histórias de Assombração**; – *maio*: **Minha Revistinha** com **Os Desafiadores do Desconhecido**; – *junho*: **Estréia** com **Ficção Científica**; – *julho*: **O Herói** com **4 Histórias de Guerra**; – *agosto*: **Batman** com **Histórias de Crime**; – *setembro*: **Superman** com **Supermoça**; – *outubro*: **Quadrinhos** com **Robin Hood**; – *novembro*: **Zorro** com **Tonto**; – *dezembro*: **O Juvenil Mensal** com **Turok**.

1981 – *janeiro*: **Cinemin** com **Patrulha da Lei**; – *fevereiro*: **Superior** com **Edição de Natal Super Star**; – *março*: **A Melhor** com **O Desafiador**; – *abril*: **Aí, Mocinho!** com **Bonanza**; – *maio*: **Superman** com **Superman**; – *junho*: **Superboy** com **A Poderosa**; – *julho*: **Misterinho** com **Demon**; – *agosto*: **Batman** com **A Legenda de Batman**; – *setembro*: **Estréia** com **Mulher-Gato**; – *outubro*: **Pequenina** com **Batmoça**; – *novembro*: **Fantomas** com **Este Horror... Foi Você?**; – *dezembro*: **Minha Revistinha** com **A Trinca de Ases**.

1982 – *janeiro*: **Kung Fu** com **Richard Dragon**; – *fevereiro*: **Demolidor** com **Justiceiros das Sombras** (esta edição ficou "famosa" pois tinha o nome do Demolidor, seu retrato no canto superior direito da capa, mas não trouxe nenhuma história sua; as HQs internas foram com O Sombra e O Desafiador, este certamente a causa do equívoco do editor); – *março*: **Dimensão K** com **Flash** e **O Capitão Z** com **Turok** (o mês de março teve duas edições extras); – *abril*: **A Melhor** com **Comando Viking**; – *maio*: **Quadrinhos** com **O Monstro do Pântano**; – *junho*: **Superman** com **Mulher-Maravilha**; – *julho*: **Misterinho** com **Histórias da Casa Mal-Assombrada**; – *agosto*: **Estréia** com **Histórias de Guerra**; – *novembro*: **Superboy** com **Superboy**. Não tenho notícias de que tenham saído edições em formato pequeno nos meses de setembro e outubro, nem posteriores a dezembro de 1982. Aparentemente a edição extra de Superboy foi a última. No entanto, em 1982, sem especificação do mês, saiu a edição extra de **Batman** com **Batman versus O Incrível Hulk**, em formato magazine, que poderia fazer parte da coleção, em um dos meses vagos, setembro ou outubro.

A Ebal lançou ainda em 1986, sem especificação do mês, em formato álbum, a edição extra de **Edição Maravilhosa** com **Sinhá Moça**.



QI 121 (mai/jun/2013)

III UGRA ZINE FEST

Aconteceu nos dias 6 e 7 de abril, no Centro Cultural São Paulo, a terceira edição do evento Ugra Zine Fest. Infelizmente só pude comparecer no dia 6, sábado, perdendo, portanto, as atrações de domingo. Mas um dia já foi suficiente para perceber a importância do evento e ter uma vaga noção do trabalho que tiveram Douglas e Daniela, os organizadores.

A atividade do sábado começou às 10h, mas era uma oficina com vagas limitadas, apenas para os inscritos. Cheguei ao Centro Cultural por volta das 11h, e já estavam chegando vários dos autores e editores que reservaram lugar na feira de venda e troca de publicações independentes. Além de Douglas e Daniela, com as publicações da Ugra, já estavam lá Marcatti e Worney. Também já estavam presentes os participantes das atividades do dia, Fernanda Meireles, Márcio Sno, Henrique Magalhães e Anita Prado. As conversas e trocas de informações já começaram aí.

Aproveitei o tempo antes da primeira atividade para visitar as exposições de fanzines, uma vasta coleção de edições brasileiras e internacionais, com destaque para os trabalhos de Law Tissot e do coletivo português Chili com Carne. Enquanto via as edições expostas, encontrei e pude conhecer pessoalmente Angelo Davanço, editor do fanzine **A Falecida**, cujo nº 13 foi recentemente lançado. Pudemos trocar muita informação sobre fanzines e cultura de modo geral.

Às 12h começou a palestra de Fernanda Meireles sobre a criação de uma Fanzinoteca. Com muita experiência sobre o assunto, tendo ela mesmo criado uma fanzinoteca em Fortaleza e visitado várias pelo mundo, esbanjou talento no visual projetado no telão, com uma apresentação criativa e instigante.

Fomos, Henrique Magalhães e eu, ver se era possível almoçar num dos bares em frente ao Centro Cultural. Foi. E em mesa previamente reservada por José Nogueira que já estava instalado. Logo chegou Angelo Davanço e pudemos fazer, por contra própria, um debate particular. Tão interessante que atrasamos para a pré-estreia do 3º capítulo do documentário **Fanzineiros do Século Passado**, de Márcio Sno. A qualidade do trabalho de Sno já era conhecida de quem viu os dois primeiros capítulos. Muito conteúdo, montagem ágil e, de quebra, o privilégio de assistir ao filme ao lado de muita gente que estava aparecendo na tela.

Para o evento das 15h30, não me atrasei. Tive a oportunidade de apresentar um retrospecto de minhas atividades como editor independente, desde meu primeiro contato com os fanzines, em 1976, minha primeira publicação há mais de 30 anos, em 1982, até hoje, praticamente comemorando 20 anos de edição do **QI**. Na apresentação, contei com a ajuda de Douglas Utescher comandando o datashow, possibilitando que os presentes vissem em tela uma amostra de minhas edições. Tive o privilégio de falar para uma plateia seleta, que não se acanhou em participar quando foi aberta a seção para perguntas. Estavam lá, entre outros, Henrique Magalhães, Fernanda Meireles, Anita Prado, Gazy Andraus, Dênis Basílio de Oliveira, Elydio dos Santos Neto, Angelo Davanço, José Nogueira, Ana Basaglia, Renato Donisete, Manoel Dama, Lafaiete Carvalho e Márcio Sno, que filmou toda a apresentação. Menciono também meu tio, Juarez Braz de Faria, a quem devo o registro fotográfico desta página.

Às 16h45, também sem atraso, começou o debate *Fanzines, Sexualidade e Questões de Gênero*, mediado por Fernanda Meireles, com participação de Anita Prado, Julie e Henrique Magalhães. Mais uma atração de qualidade com ampla participação dos presentes.

Após as atividades programadas, houve bastante tempo para conversar com vários presentes. Pude aproveitar bem as informações dadas por Marcatti, que comprou uma impressora off-set e tem impresso suas edições com ótima qualidade. Também pude conversar bastante com Hamilton Tadeu, que tem produzido muitas edições de quadrinhos.

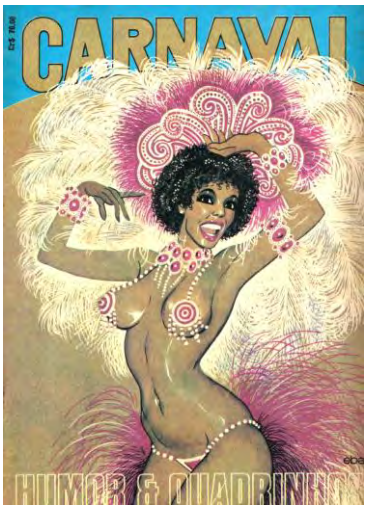
Estava no programa uma rodada de pizza num local próximo, mas achei melhor não facilitar com o transporte de São Paulo. Escapei do atraso do metrô, mas cheguei a tempo para o atraso da Pássaro Marrom. Resumindo, um dia bem ganho.

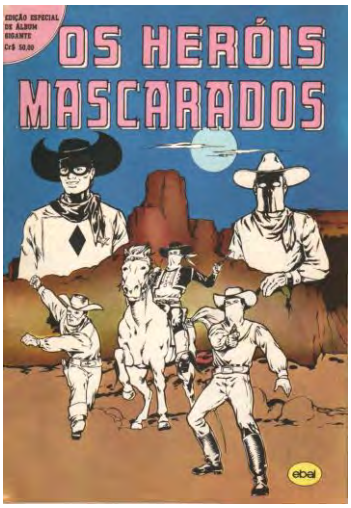
QI 121 (mai/jun/2013)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Na edição anterior, foram enfocadas as "edições extras" publicadas pela Ebal, com regularidade, a partir do final de 1977. Embora tenham saído edições extras em vários formatos desde 1975, a partir de novembro de 1977 a periodicidade se tornou mensal e estas edições, que duraram até final de 1982, são consideradas uma coleção, mesmo não tendo numeração.

Na mesma época, em 1981 e 1982, a Ebal também lançou uma boa sequência de "edições especiais", embora estas não tenham tido a regularidade das edições extras, nem na periodicidade mensal, nem no formato e muito menos nas denominações de capa e expediente. No entanto, poderiam também ser consideradas uma coleção de especiais e farei a seguir uma listagem para orientação do colecionador interessado.





1981 – Em *fevereiro*, saiu a edição especial de **Klik** com o subtítulo **Carnaval**, em formato álbum. A partir de junho, saiu uma sequência de edições num formato menor que o normal e maior que o formatinho, com 155mm de largura e 230mm de altura. Em *junho*, saiu a edição especial de **Álbum Gigante** com **Os Heróis Mascarados**. Em *julho*, duas edições especiais, uma de **Aí, Mocinho!** com **Os Heróis de Pele Vermelha** e outra de **O Herói** com **Freddy & Nancy – Um Ladrão no Circo**. Em *setembro*, saíram três edições especiais, a primeira no mencionado formato intermediário e as outras duas no formato pequeno: **Nevada** com **A Origem de Black Diamond**; **Tom & Jerry** com **Edições Buscapé 1** e **Reis do Faroeste** com **Série Renegado 1 – Jonah Hex**. De volta ao formato intermediário, em *outubro*, saiu a edição especial de **O Garotão** com **Os Três Patetas** e, em *novembro*, a edição especial de **Super-Heróis** com **Shazam!**. Sem especificação da data, mas provavelmente no final do ano, saiu a edição especial de **Cinemin** com **As Heroínas Sexy**, num outro formato intermediário, com mesma largura do formato normal (185mm), mas altura um pouco menor (235mm). Todas essas edições trouxeram no expediente a expressão "edição especial de...". Em 1981, sem especificação de data, saíram mais três edições, porém com outras denominações no expediente: edição panorâmica de **Álbum Gigante** com **Histórias Policiais**, no formato normal; edição anual de **Superman** com **Os Filhos de Super-Homem**, no formato magazine; e edição de **Lançamento** com **Irmãos de Lança**, no formato magazine.

1982 – Em *janeiro*, saiu a edição especial de **Idílio** com **A Moça e o Vampiro**, outra edição no formato pouco menor que o normal. Em *fevereiro*, saíram as edições especiais de **Superior** com **Tomahawk**, no formato normal, e de **Tom & Jerry** com **Edições Buscapé 2 – Histórias de Inverno**, no formato pequeno. Em *março*, saiu a edição especial de **Quem Foi?** com **Os Prisioneiros de Sulma**, no formato normal. Em *maio*, saiu a última edição com os dizeres "edição especial" explícitos, a edição especial de **Cinemin** com **Estranha Aventura**, também a última naquele formato intermediário menor. Voltando a março, começaram a sair várias edições especiais no formato magazine, mas substituindo a palavra "especial" por alguma outra. Em *março*, saíram duas edições: **Edição O Sombra** de **Quadrinhos**; e edição de verão de **A Maior** com **Flash e os Novos Deuses**. Em *abril*, saiu a **Edição Disque H Para Herói** de **Lançamento**. Em *junho*, saiu a **Edição Krypton** de **Superman** com **O Fabuloso Mundo de Krypton**. Em *julho*, saiu a **Edição Vigilante** de **Reis do Faroeste**. Em *setembro*, a **Edição Garra, o Invencível** de **Álbum Gigante**. Ainda em 1982, saíram mais duas edições, sem especificação da data: **Edição Viking** de **Invictus** com **Príncipe Viking**, no formato magazine; e edição especial/espacial de **Estréia** com **OVNIs – Discos Voadores**, no formato normal.

1983 – Em *abril*, saíram duas edições no formato magazine: **Edição Os Aventureiros das Estrelas** de **Estréia** e **Edição Eu... O Vampiro** de **Misterinho**. Sem especificação de data, também no formato magazine, saíram ainda a **Edição Shazam!** de **Super-Heróis** e a edição de **Cinemin Super** com **Superman III**.

Como foi avisado, esta sequência é irregular demais para que seja considerada uma coleção. No entanto, o registro está feito. Além das edições mencionadas, que foram concentradas num período de pouco mais de dois anos, a Ebal publicou muitas outras revistas com a indicação "edição especial", de forma esporádica. A seguir a relação das que tenho conhecimento. Não foi incluída nesta relação um grande número de edições avulsas publicadas pela Ebal, que não trouxeram na capa ou no expediente a palavra "especial". Também não foram incluídas edições que, embora trouxessem a palavra "especial", eram dedicadas a outros temas como cinema, artes marciais, carnaval, e não eram de histórias em quadrinhos.

1956 – Em *outubro*, saiu a edição especial de **Epopéia** com **A Conquista do Espaço**, no formato álbum.

1958 – Em *dezembro*, a edição especial de **Edição Maravilhosa** com **História dos Estados Unidos da América**, no formato normal.

1959 – Em *janeiro*, a edição especial de **Epopéia** com **Brasília, Coração do Brasil**, no formato álbum. Em *fevereiro*, a edição especial de **Ciência em Quadrinhos** com **Juca Descobre o Segredo**, no formato normal.

1960 – Em *agosto*, a edição especial de **Mindinho** com **Em Terceira Dimensão – Os Três Patetas**, no formato normal. Em *setembro*, a edição especial de **Epopéia** com **Dom Henrique, o Navegador**, no formato álbum.

1962 – Sem data, a edição especial de **Biografias em Quadrinhos** com **Billings**, no formato normal.

1970 – Em *maio*, a edição especial de **Epopéia** com **Chamada Geral**, no formato álbum. Sem data, a edição especial de **Epopéia** com **Tem Espetáculo no Céu**, no formato álbum.

1972 – Em *setembro*, a edição especial de **Epopéia** com **Pequena História na Independência**, no formato normal.

1973 – Em *julho*, a edição especial de **Epopéia** com **Santos Dumont**, no formato normal. Sem data, a edição especial de **Epopéia** com **Rui Barbosa – A Águia de Haia**, no formato normal.

1979 – Em *agosto*, a edição especial de **Estréia** com **Discos Voadores**, no formato normal. Em *março*, a edição extra de **Klik** com **Aragonés** trouxe na capa a indicação "edição especial".

1986 – Em *fevereiro*, a edição especial de **Ciência em Quadrinhos** com **O Cometa Halley**, num formato pouco maior do que o normal.

1991 – Em *abril*, a edição especial de **Quadrinhos** com **PHQ**, num formato menor que o normal. Sem data, a edição especial de **Epopéia** com **A História de Baden Powell**, no formato normal.

Todas estas edições mencionadas foram feitas para venda normal em bancas, ou seja, para o leitor comum. No entanto, a Ebal também produziu várias edições especiais para empresas ou instituições, e que, pelo que se deduz, não foram vendidas ao público. As mais conhecidas dessas foram os números zero de **Capitão Z** com **Homem de Ferro e Capitão América**, **Super X** com **Príncipe Submarino e Hulk** e **Álbum Gigante** com **Thor**, lançados em 1967 somente nos Postos Shell. Mas existem várias outras, e aquelas de que tenho conhecimento serão listadas a seguir.

Em setembro de 1956, saiu a edição especial de propaganda com **Roy Rogers** anunciando várias empresas que vendiam produtos com a marca do cowboy. Em 1968, saiu a edição especial de **Super X**, feita para as Casas Sendas, com HQs de heróis Marvel. Em 1970, saiu a edição especial de **Quadrinhos** com **Leão Marinho – A Guerra de Kentróia**, exclusiva para a Indústria de Refrigeração Consul. Em 1972, nova edição especial de **Quadrinhos** para a Consul, agora com **Leão Marinho – Super Consul contra os Agentes do M.I.C.O.F.** Ainda em 1972, outra edição especial de **Quadrinhos**, desta vez com **Capitão Dinamite e Índio Nama**, exclusiva para a empresa Café Solúvel Dínamo. O site www.guiaebal.com menciona a edição especial de **Grandes Figuras** com **Anchieta**, sem data, feita para o Movimento Paralelo Pró Canonização de Anchieta, que talvez esteja nesta categoria de publicação exclusiva. Cabe ainda mencionar que a Ebal produziu um suplemento para jornal com histórias de faroeste. O editor José Magnago fez matéria, em um de seus fanzines, sobre esse suplemento, que foi encartado no jornal **Última Hora**.

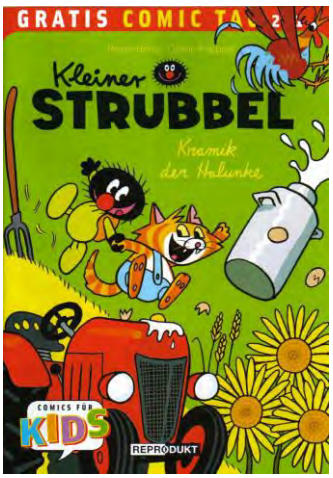
Para completar, entre final de 1981 e final de 1982, a Ebal publicou uma sequência de 6 edições bimestrais, no formato de bolso, sem numeração, com a indicação **Seleções de...** na capa e no expediente. Foram: **Seleções de Star-Album** com **Davy Crockett** (out/nov/1981); **Seleções de Invictus** com **Rob Roy** (dez/1981/jan/1982); **Seleções de Ultra** com **Bill Hickok** (fev/mar/1982); **Seleções de O Herói** com **A Grande Caçada** (abr/mai/1982); **Seleções de Hiper** com **Kid Kerrigan** (jun/jul/1982); e **Seleções de Capitão Z** com **Uma Aventura no Espaço** (ago/set/1982).

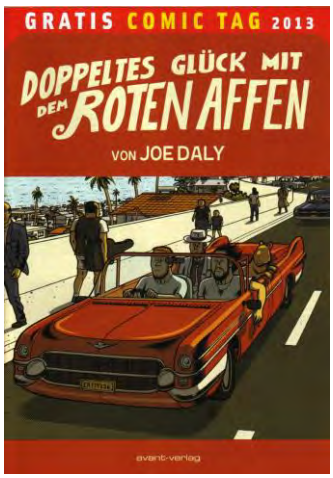
QI 122 (jul/ago/2013)

QUADRINHOS ALEMÃES

Gerd Bonau enviou mais 4 exemplares de **Gratis Comic Tag**, revista alemã que já tive oportunidade de comentar aqui. Esta revista, num formato próximo ao americano, colorida, com uma impressão de primeira qualidade, podendo ter até umas 60 páginas, reproduz material publicado por quase duas dezenas de editoras alemãs. Ou seja, coloca na forma de uma revista gratuita o conteúdo de álbuns publicados comercialmente pelas editoras. Não sei dizer quantas dessas revistas grátis saem por mês, mas não são poucas. E o tipo de quadrinhos enfocado ocupa todo o espectro possível, personagens europeus de humor ou aventura, clássicos ou modernos, mangás, material norte-americano, das tiras clássicas aos super-heróis, sem esquecer o Disney, HQs experimentais, tem de tudo.

Das quatro revistas recebidas, três merecem comentário. A primeira traz o personagem Strubbel, em aventura infantil, sem palavras, com um desenho extremamente estilizado e muito interessante. Tem uma boa dose de moralismo e outra de violência, o que me faz duvidar se o destino é mesmo o público infantil. A segunda é a compilação de três séries clássicas da década de 1950, publicadas originalmente no formato cheque: *Sigurd*, na linha de Príncipe Valente, *Nick*, de ficção científica, e *Tibor*, meio Jim das Selvas, meio Tarzan. A terceira é uma longa aventura da série *Suske und Wiske*, tão linha clara que conta até com a participação de Milu. Todas essas séries possuem vários álbuns publicados por suas editoras e a intenção da revista grátis é justamente oferecer ao leitor uma amostra significativa de cada série, o conteúdo de um álbum inteiro, para que o leitor se interesse em comprar os demais álbuns.





QI 122 (jul/ago/2013)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

A editora Abril usa o nome "Diversões Juvenis" desde pelo menos o início da década de 1960, mas em 1973 começou uma coleção mensal em formato pequeno com este nome. A ideia aparentemente era testar a viabilidade de personagens e os que tivessem boa receptividade ganhariam título próprio. O resultado foi uma grande confusão na numeração de várias coleções que começaram dentro do título, umas pararam, outras continuaram, algumas mudaram de nome, outras foram e voltaram, algumas se misturaram... A seguir, as informações que consegui obter sobre a coleção **Diversões Juvenis**, havendo falhas em determinar até que números foram os vários títulos que seguiram com numeração própria.

Os quatro primeiros números de **Diversões Juvenis** tiveram 100 páginas e encadernação com lombada quadrada. Todos trouxeram pôster. Não trouxeram indicação do número na capa, somente no expediente.

1 (ago/1973). **O Gordo e o Magro** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta O Gordo e o Magro*; no expediente: *Diversões Juvenis Nº 1 Edição Especial com O Gordo e o Magro*. Este foi o nº 1 da coleção **O Gordo e o Magro**.

2 (set/1973). **A Pantera Cor-de-Rosa** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta A Pantera Cor-de-Rosa*; no expediente: *Diversões Juvenis Nº 2 Edição Especial com A Pantera Cor-de-Rosa*. Este foi o nº 1 da coleção **A Pantera Cor-de-Rosa**.

3 (out/1973). **A Corrida Maluca** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta A Corrida Maluca*; no expediente: *Diversões Juvenis Nº 3 Edição Especial A Corrida Maluca*. Este foi o nº 1 da coleção **A Corrida Maluca**.

4 (nov/1973). **Faísca e Fumaça** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Faísca e Fumaça*; no expediente: *Diversões Juvenis Nº 4 Edição Especial Faísca e Fumaça*. Este foi o nº 1 da coleção **Faísca e Fumaça**.

A partir do nº 5, as revistas passaram a ter 68 páginas com lombada canoa. Continuaram trazendo pôster até o nº 12.

5 (dez/1973). **O Pica-Pau** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta O Pica-Pau*; no expediente: *Diversões Juvenis Nº 5 Edição Especial O Pica-Pau*. Este foi o nº 1 da coleção **O Pica-Pau**, que continuou com numeração própria a partir do nº 2, de outubro de 1974, durando pelo menos uma dezena de números.

Não houve edição com data de janeiro de 1974, mas a partir de fevereiro houve vários meses com uma edição normal e uma especial.

6 (fev/1974). **O Gordo e o Magro** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta O Gordo e o Magro*; no expediente: *Diversões Juvenis Nº 6 Edição Especial O Gordo e o Magro*. Este foi o nº 2 da coleção **O Gordo e o Magro**. Em fevereiro saiu também o nº 1 de **Crás!** em formato magazine, trazendo na capa: *Diversões Juvenis apresenta edição especial Crás!*; e no expediente: *Crás! é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 6*.

7 (mar/1974). **A Pantera Cor-de-Rosa** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta A Pantera Cor-de-Rosa*; no expediente: *Diversões Juvenis Nº 7 Edição Especial com A Pantera Cor-de-Rosa*. Este foi o nº 2 da coleção **A Pantera Cor-de-Rosa**.

8 (abr/1974). **Frajola e Piupiu** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Frajola e Piupiu*; no expediente: *Diversões Juvenis Nº 8 Edição Especial Frajola e Piupiu*. Este foi o nº 1 da coleção **Frajola e Piupiu**.

9 (mai/1974). **Folias Romanas** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Folias Romanas*; no expediente: *Diversões Juvenis Nº 9 Edição Especial Folias Romanas*. Este título não teve continuação. Em maio saiu também o segundo número de **Crás!** em formato magazine, trazendo na capa: *Diversões Juvenis apresenta edição especial Nº 2 Crás!*; e no expediente: *Crás! é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 9*.

10 (jun/1974). **Birutéia a bruxinha** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Birutéia a bruxinha*; no expediente: *Diversões Juvenis Nº 10 Edição Especial Birutéia*. Este título não teve continuação. Em junho saiu também uma edição especial de **A Pantera Cor-de-Rosa**; na capa: *Diversões Juvenis apresenta edição especial A Pantera Cor-de-Rosa*; no expediente: *A Pantera Cor-de-Rosa é uma edição especial de Diversões Juvenis 10 (Birutéia, a bruxinha)*. Este foi o nº 3 da coleção **A Pantera Cor-de-Rosa**.

11 (jul/1974). **Alceu e Dentinho** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Alceu e Dentinho*; no expediente: *Alceu e Dentinho nº 11*. Este foi o nº 1 da coleção **Alceu e Dentinho**. Em julho saiu também uma edição de **Luluzinha**; na capa: *Diversões Juvenis apresenta Luluzinha*; no expediente: *Luluzinha é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 11 (Alceu e Dentinho)*. Este foi o nº 1 da coleção **Luluzinha**, que continuou com numeração própria a partir do nº 2, em agosto de 1974, durando mais de duas centenas de números.

12 (ago/1974). **Sideral** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Sideral*; no expediente: *Sideral nº 12*.

13 (set/1974). **A Corrida Maluca** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta A Corrida Maluca*; no expediente: *A Corrida Maluca nº 13*. Este foi o nº 2 da coleção **A Corrida Maluca**, que não teve continuação independente.

14 (out/1974). **Bimbo o elefantinho** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Bimbo o elefantinho*; no expediente: *Bimbo nº 14*. Este título não teve continuação.

A partir do nº 15, a revista passou a trazer a numeração na capa.

15 (nov/1974). **Super-Heróis da TV** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Super-Heróis da TV*; no expediente: *Super-Heróis da TV nº 15*. Esta série não teve continuidade, mas a Abril começou em 1975 a coleção **Heróis da TV** a partir do nº 1. Em novembro saiu também o terceiro número de **Crás!**, mudando para formato pequeno; na capa: *Diversões Juvenis apresenta edição especial Crás!*; no expediente: *Crás! nº 3* e *Crás! é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 15*.

16 (nov/1974). **Os Monstrinhos** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Os Monstrinhos*; no expediente: *Os Monstrinhos nº 16*. Este foi o nº 1 da coleção **Os Monstrinhos**. Este número, juntamente com o nº 15, saiu em novembro.

17 (dez/1974). **Os Quatro Bananas** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Os Quatro Bananas*; no expediente: *Os Quatro Bananas nº 17*. Este título não teve continuação.

18 (jan/1975). **Bolinha** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Bolinha*; no expediente: *Bolinha nº 18*. Este foi o nº 1 da coleção **Bolinha**.

19 (fev/1975). **Faísca e Fumaça** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Faísca e Fumaça*; no expediente: *Faísca e Fumaça nº 19*. Este foi o nº 2 da coleção **Faísca e Fumaça**. A partir daí, houve dois números de **Faísca e Fumaça** com numeração própria, o nº 3, de novembro de 1975, e o nº 4, de março de 1976.

20 (mar/1975). **Arquimedes o corujão** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Arquimedes o corujão*; no expediente: *Arquimedes o corujão nº 20*. Este título não teve continuação.

21 (abr/1975). **Bolinha** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Bolinha*; no expediente: *Bolinha nº 21*. Este foi o nº 2 da coleção **Bolinha**. Em abril saiu também o quarto número de **Crás!**; na capa: *Diversões Juvenis apresenta edição especial Crás!*; no expediente: *Crás! é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 21*. A partir daí, houve mais dois números de **Crás!** com numeração própria, o nº 5, de agosto de 1975, e o nº 6, de dezembro de 1975.

22 (mai/1975). **Os Monstrinhos** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Os Monstrinhos*. Este foi o nº 2 da coleção **Os Monstrinhos**. Em maio saíram mais duas edições. O nº 2 de **Frajola e Piupiu**; na capa: *Diversões Juvenis apresenta Frajola e Piupiu*, indicando nº 2; no expediente: *Frajola e Piupiu é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 22*. O nº 3 de **O Gordo e o Magro**; na capa: *Diversões Juvenis apresenta O Gordo e o Magro*, indicando o nº 3; no expediente: *O Gordo e o Magro é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 22*.

23 (jun/1975). **Abbott & Costello** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Abbott & Costello*; no expediente: *Abbott & Costello nº 23*. Este foi o nº 1 da coleção **Abbott & Costello**.

24 (jul/1975). **Bolinha** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Bolinha*; no expediente: *Bolinha nº 24*. Este foi o nº 3 da coleção **Bolinha**.

25 (ago/1975). **Jornada nas Estrelas** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Jornada nas Estrelas*; no expediente: *Jornada nas Estrelas nº 25*. Este foi o nº 1 da coleção **Jornada nas Estrelas**. Em agosto saiu também o nº 3 de **Frajola e Piupiu**; na capa: *Frajola e Piupiu Edição especial de Diversões Juvenis nº 25*; no expediente: *Frajola e Piupiu é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 25*.

26 (set/1975). **Sacarrolha** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Sacarrolha*; no expediente: *Sacarrolha nº 26*. Este foi o nº 1 da coleção **Sacarrolha**. Em setembro saíram mais duas edições. O nº 4 de **O Gordo e o Magro**; na capa: *O Gordo e o Magro Edição especial de Diversões Juvenis nº 26*; no expediente: *O Gordo e o Magro é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 26*. O nº 4 de **Bolinha**; na capa: *Bolinha Edição especial de Diversões Juvenis nº 26*; no expediente: *Bolinha é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 26*. A coleção de **Bolinha** continuou com numeração própria a partir do nº 5, de novembro de 1975, durando quase duas centenas de números.

27 (out/1975). **Birutéia e Os Monstrinhos** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Birutéia e Os Monstrinhos*; no expediente: *Birutéia nº 27*. Este poderia ser considerado o nº 2 da coleção **Birutéia, a bruxinha**, mas vamos considerar como sendo o nº 1 da coleção **Birutéia e Os Monstrinhos**.

28 (nov/1975). **Abbott & Costello** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Abbott & Costello*; no expediente: *Abbott & Costello nº 28*. Este foi o nº 2 da coleção **Abbott & Costello**. Em novembro saiu mais uma edição. O nº 4 de **Frajola e Piupiu**; na capa: *Frajola e Piupiu Edição especial de Diversões Juvenis nº 28*; no expediente: *Frajola e Piupiu é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 28*. A coleção **Frajola e Piupiu** continuou com numeração própria a partir do nº 5, de fevereiro de 1976, durando pelo menos até o nº 11.

29 (dez/1975). **Alceu e Dentinho** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Alceu e Dentinho*; no expediente: *Alceu e Dentinho nº 29*. Este foi o nº 2 da coleção **Alceu e Dentinho**. Em dezembro saiu mais uma edição, o nº 2 de **Jornada nas Estrelas**; na capa: *Jornada nas Estrelas Edição especial de Diversões Juvenis nº 29*; no expediente: *Jornada nas Estrelas é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 29*. A coleção **Jornada nas Estrelas** continuou com numeração própria, a partir do nº 3, de março de 1976, até o nº 6, de dezembro de 1976, mais uma edição especial em março de 1978.

30 (jan/1976). **Sacarrolha** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Sacarrolha*; no expediente: *Sacarrolha nº 30*. Este foi o nº 2 da coleção **Sacarrolha**. Em janeiro de 1976 saiu mais uma edição, o nº 5 de **O Gordo e o Magro**; na capa: *O Gordo e o Magro Edição especial de Diversões Juvenis nº 30*; no expediente: *O Gordo e o Magro é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 30*.

31 (fev/1976). **Arquimedes o corujão & Bimbo o elefantinho** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Arquimedes o corujão & Bimbo o elefantinho*; no expediente: *Arquimedes & Bimbo nº 31*. Este foi o nº 1 desse título, cujos personagens já haviam sido publicados separadamente em números anteriores.

32 (mar/1976). **Bicão e Bicudo** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Bicão e Bicudo*.

33 (abr/1976). **Possante** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Possante "O Super Mouse"*; no expediente: *Possante nº 33*. Este título não teve continuação com este nome.

34 (mai/1976). **Sacarrolha** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Sacarrolha*. Este foi o nº 3 da coleção **Sacarrolha**, que teve mais uma edição com numeração própria, o nº 4, de setembro de 1976. Em maio saiu mais uma edição, o nº 6 de **O Gordo e o Magro**; na capa: *O Gordo e o Magro Edição especial de Diversões Juvenis nº 34*; no expediente: *O Gordo e o Magro é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 34*.

35 (jun/1976). **Birutéia e Os Monstrinhos** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Birutéia e Os Monstrinhos*. Este foi o nº 2 da coleção **Birutéia e Os Monstrinhos**.

36 (jul/1976). **Abbott & Costello** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Abbott & Costello*; no expediente: *Abbott & Costello nº 36*. Este foi o nº 3 da coleção **Abbott & Costello**.

37 (ago/1976). **Faísca e Fumaça** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Faísca e Fumaça*; no expediente: *Faísca e Fumaça nº 37*. Este foi o nº 5 da coleção **Faísca e Fumaça**, que teve dois números com numeração própria e voltou a fazer parte da numeração de **Diversões Juvenis**. Em agosto saiu mais uma edição, o nº 1 de **Super Mouse**; na capa: *Super Mouse*, com indicação do nº 1; no expediente: *Super Mouse é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 37*. Embora o personagem tenha sido publicado antes com o título **Possante**, aquele não é considerado o nº 1 da coleção. Em agosto saiu também outra edição com o nome *Diversões Juvenis*, mas no formato livro horizontal. Foi **As Melhores Piadas do Pinduca**; na capa: *Diversões Juvenis apresenta As Melhores Piadas do Pinduca*; no expediente: *Pinduca é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 37*.

38 (set/1976). **Alceu e Dentinho** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Alceu e Dentinho*; no expediente: *Alceu e Dentinho nº 38*. Este foi o nº 3 da coleção **Alceu e Dentinho**, que não teve continuidade com numeração própria. Em setembro saiu mais uma edição, o nº 7 de **O Gordo e o Magro**; na capa: *O Gordo e o Magro Edição especial de Diversões Juvenis nº 38*; no expediente: *O Gordo e o Magro é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 38*. Em setembro saiu também outra edição em formato livro horizontal, **As Melhores Piadas da Arca de Noé**; na capa: *Diversões Juvenis apresenta As Melhores Piadas da Arca de Noé*; no expediente: *Arca de Noé é uma edição especial de Diversões Juvenis nº 38*.

39 (out/1976). **Abbott & Costello** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Abbott & Costello*; no expediente: *Abbott & Costello nº 39*. Este foi o nº 4 da coleção **Abbott & Costello**, que aparentemente não teve continuação com numeração própria.

40 (nov/1976). **Speed Racer** – na capa: *Diversões Juvenis apresenta Speed Racer*. Este foi o nº 1 da coleção **Speed Racer**. Esta coleção continuou com numeração própria a partir do nº 2, de março de 1977, embora no expediente conste *Edição especial de Diversões Infantis*, e durou mais de uma dezena de números, além de um especial em dezembro de 1977.

Por algum motivo inexplicável, a editora Abril decidiu encerrar a coleção **Diversões Juvenis** no nº 40 e no mesmo mês começou outra coleção nos mesmos moldes com o nome **Diversões Infantis**.

1 (nov/1976). **Arquimedes o corujão & Bimbo o elefantinho** – na capa: *Diversões Infantis apresenta Arquimedes o corujão & Bimbo o elefantinho*, com indicação do nº 1; no expediente: *Arquimedes o corujão & Bimbo nº 1*. Este foi o nº 2 da coleção **Arquimedes & Bimbo**, que aparentemente não teve continuação com numeração própria.

2 (nov/1976). **Super Mouse** – na capa: *Diversões Infantis apresenta Super Mouse*, aparentemente com indicação do nº 2. Este foi o nº 2 da coleção **Super Mouse**. Esta edição também teve data de novembro de 1976.

3 (dez/1976). **Faísca e Fumaça** – na capa: *Diversões Infantis apresenta Faísca e Fumaça*, com indicação do nº 3; no expediente: *Faísca e Fumaça nº 3*. Este foi o nº 6 da coleção **Faísca e Fumaça**, que aparentemente não voltou a ter continuação com numeração própria.

4 (dez/1976). **O Gordo e o Magro** – na capa: *Diversões Infantis apresenta O Gordo e o Magro*, com indicação do nº 4; no expediente: *O Gordo e o Magro nº 4*. Este foi o nº 8 da coleção **O Gordo e o Magro**, que continuou com numeração própria a partir do nº 9, de abril de 1977, embora no expediente conste *Edição especial de Diversões Infantis*, durando pelo menos duas dezenas de números. Em dezembro saiu também a edição em formato livro horizontal **As Melhores Histórias do Popeye**, trazendo no expediente *Popeye é uma edição especial de Diversões Infantis nº 4*.

5 (fev/1977). **Super Mouse** – na capa: *Diversões Infantis apresenta Super Mouse*, com indicação do nº 5; no expediente: *Super Mouse nº 5*. Este foi o nº 3 da coleção **Super Mouse**, que continuou com numeração própria a partir do nº 4, de abril de 1977, embora no expediente conste *Edição especial de Diversões Infantis*, durando cerca de duas dezenas de números. Em fevereiro saiu também a edição em formato livro horizontal **As Melhores Piadas do Prof. Tantã**, trazendo no expediente *Prof. Tantã é uma edição especial de Diversões Infantis nº 5*.

Em julho de 1977, saiu ainda a edição **King Tongo**, em formato livro horizontal, com lombada canoa, trazendo no expediente *King Tonto é uma edição especial de Diversões Juvenis*.

No período de 1975 a 1977, a editora Abril lançou revistas de vários personagens sem, no entanto, começar as coleções dentro de **Diversões Juvenis** ou **Diversões Infantis**.Em 1975, saíram as revistas **Pernalonga** e **Manda-Chuva**; em 1976, saíram **Zé Colméia** e **Os Jetsons**; em 1977, **Patolino** e **Gaguinho**; e ainda, em 1978, **Bip-Bip**. Por algum motivo, a Abril deve ter julgado que esses personagens não precisavam ser testados para vender.

QI 123 (set/out/2013)

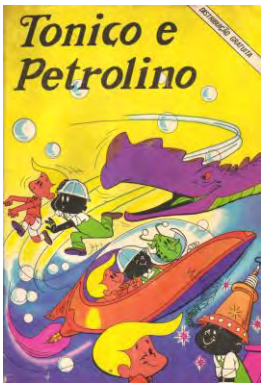
QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

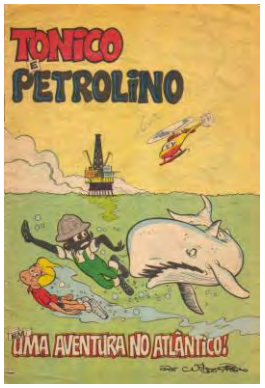
TONICO E PETROLINO

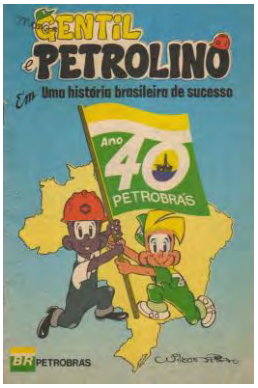
Várias empresas e instituições já fizeram uso de revistas em quadrinhos para fins promocionais. De modo geral, são publicações esporádicas e sem maior interesse do ponto de vista artístico ou mesmo informacional. A Petrobrás, no entanto, produziu quase meia dúzia de edições conseguindo bons resultados em pelo menos algumas delas. A rigor, tenho conhecimento de 5 edições de quadrinhos produzidas pela Petrobrás. Nem todas estão datadas, portanto a ordem em que serão analisadas será meio arbitrária.

A primeira delas, com o título **Tonico e Petrolino**, foi produzida em 1967, com roteiro de Vânio Coelho e desenhos de Wilson Pinto. Com 32 páginas coloridas no formato normal, é a que conseguiu o melhor resultado. O menino Tonico é um aluno estudioso e, como prêmio por uma redação sua, ganhou uma viagem pelo Brasil por conta da Petrobrás, para conhecer tudo que se relaciona a petróleo e à empresa. Seu guia é Petrolino, "um cara que sabe tudo sobre petróleo". Este Petrolino, embora trajando uniforme de funcionário da Petrobrás, visualmente é caracterizado como um símbolo da empresa, em vez de uma pessoa normal. Ao longo de toda revista, a história, entremeada com ilustrações e passatempos, mostra todos os aspectos da prospecção do petróleo, desde a pesquisa para achar o óleo, a origem de sua formação, como extraí-lo do solo, o transporte através de oleodutos e petroleiros, os processos nas refinarias, os vários subprodutos e suas utilizações, até o ponto final da distribuição do combustível nos postos. O resultado final é uma revista muito boa, muita rica em informações, com uma carga leve de autopromoção, o que é natural.

A segunda revista, com 36 páginas coloridas no formato normal, teve desenhos de Wilson Pinto e Horácio e foi produzida antes de 1972 (o que se depreende pela ortografia anterior à reforma de 1972). Também com o título **Tonico e Petrolino**, traz os personagens levemente modificados. Petrolino não é mais tão estilizado quanto na primeira revista, mas ainda parece mais um símbolo da empresa do que uma pessoa. As três histórias são mais fantasiosas do que informativas, com viagem no tempo (a máquina está disponível num parque de diversões!), visita de ETs e coisas do tipo. O resultado deixou a desejar, não trouxe as informações como na edição anterior, nem trouxe uma história que fosse interessante.







A terceira revista, colorida, já em formatinho, impressa pela Bloch, ainda mantém o título **Tonico e Petrolino** com o subtítulo *Uma Aventura no Atlântico*. A arte continua de Wilson Pinto, mas seu traço está bem diferente, e o Petrolino agora parece mais uma pessoa normal, com uniforme de funcionário da Petrobrás. A revista traz alguma informação sobre o petróleo e a Petrobrás, mas a maior parte mostra uma fraca aventura onírica com tsunamis, tubarões, baleia e até Pinóquio e Gepeto.

A quarta revista, em formatinho colorida impressa pela Bloch, abandonou o Tonico e colocou no lugar o frentista Gentil. Nessa edição de 1994, com os desenhos cada vez melhores de Wilson Pinto, Petrolino, agora sem dúvida uma pessoa normal, ganha um concurso para fazer um documentário sobre a Petrobrás e convida Gentil para fazer a filmagem. A história volta a se concentrar nas informações sobre a Petrobrás, atualizando o que foi mostrado na primeira revista.

A quinta revista continua com **Gentil e Petrolino**, com o subtítulo *O Petróleo Nosso de Todos os Dias*, e traz agora uma turma inteira de crianças. Dividida em histórias curtas, algumas sem qualquer informação relevante, consegue melhor resultado na primeira história que mostra como seria um mundo sem os derivados do petróleo.

Entre altos e baixos, uma ótima iniciativa da Petrobrás a produção dessa série de revistas de quadrinhos.

QI 123 (set/out/2013)

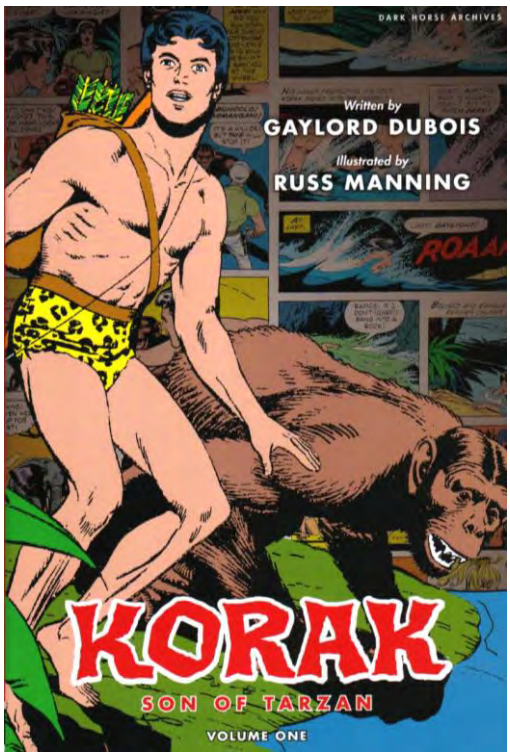
uatisdis?

Adquiri recentemente o livro **Korak – Son of Tarzan**, volume 1, publicado pela editora norte-americana Dark Horse. Este livro compila os seis primeiros números da revista **Korak, Son of Tarzan**, publicada pela editora Gold Key entre janeiro e dezembro de 1964. Um total de 12 histórias escritas por Gaylord Dubois e desenhadas por Russ Manning, embora visivelmente auxiliado por outros artistas não creditados. Um trabalho interessante, mas longe do que Manning produziu de melhor, tanto na revista de Tarzan da própria Gold Key como nas tiras e pranchas de Tarzan para jornais.

O interesse, no entanto, para os fins deste comentário, está no texto de apresentação feito pelo renomado quadrinhista Steve Rude, cujo trabalho mais conhecido é a série *Nexus*, praticamente inédita no Brasil. Os dois primeiros parágrafos desta apresentação estão mostrados a seguir, em tradução gentilmente feita por Luiz Antônio Sampaio:

"Uma breve introdução a esta edição de Korak antes de você começar a ler. Pelo fato de ter sido escrito e desenhado antes dos anos de 1990, este livro conterá apenas coisas para seu entretenimento e conteúdo que o fará se sentir bem lendo-o. Já que o material que agora constitui boa leitura nos comics mudou drasticamente nesses anos, eu acho que uma advertência deveria ser dada. Por exemplo, algumas coisas que você não encontrará neste livro são pessoas sendo graficamente torturadas, heróis agindo tão sordidamente como vilões, linguagem baixa sendo usada, ou nudez ocasional. Você também não encontrará uniformes com bolsos e zíperes, ou todo ponto de costura de seus tecidos coloridos mostrados com precisão fotográfica. Também estará ausente a sensação de uma escuridão sufocante tão dominante que você sentirá como tomando uma ducha fria após a leitura. Você poderá ler estas histórias sem qualquer reação às políticas apontadas pelo autor ou questionar seu gênero. Há muito pouca confusão moral e nenhuma necessidade de avisar na capa „leitura para adultos". Mais importante, você realmente terá oportunidade de interromper sua descrença e usar sua imaginação."

"Como você vê, as histórias neste livro foram produzidas em uma época quando você realmente era destinado a se sentir bem após terminar a leitura da revista."



O texto em si é bastante interessante, mas neste caso ganhou maior importância pelo contraste com uma pequena nota colocada pelos editores em letras minúsculas ao pé da página imediatamente anterior. Trata-se de uma desculpa comum colocada nas edições atuais, supostamente para livrar os editores de possíveis problemas judiciais. A seguir a tradução da nota, desta vez tendo eu mesmo que assumir a responsabilidade pelo resultado:

"Estas estórias são produtos de seu tempo, e, portanto, certos elementos podem não estar de acordo com as sensibilidades dos dias atuais. Embora tais exemplos possam ser lastimáveis, o material apresentado aqui não foi alterado de modo a se manter a fidelidade histórica."

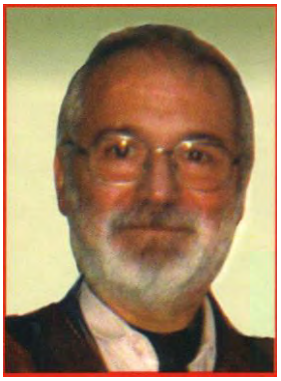
Afinal de contas, qual é a desse material? Primeiro, você é avisado que pode se ofender com sua leitura. E logo em seguida você é advertido de que pode ler sem se preocupar em ser afrontado pelas opiniões dos autores e violência das situações. Está difícil saber como o leitor vai reagir hoje em dia. O jeito é ir pedindo desculpas por qualquer motivo.

Este comportamento paradoxal do editor é apenas um sintoma de um problema que assola o comportamento geral das pessoas hoje em dia. Talvez o aporte gigantesco de informação jorrado dos meios de comunicação esteja acuando os pequenos cérebros incapazes de processar tanta coisa. Desse modo, a solução é, em vez de buscar uma unidade conceitual para o conhecimento adquirido, tão somente adquirir um bom punhado de conceitos prontos, invariavelmente conflitantes entre si. O problema aparece mais claramente no tom das reportagens veiculadas pela grande maioria dos telejornais. Ainda mais com âncoras, sem qualquer qualificação que seja, instados a proferir verdades incontestáveis. E o tom é o de que as pessoas têm o direito e a liberdade de fazer o que quiser e de se comportar (em público) da maneira que achar melhor. Mas as pessoas (outras pessoas, pelo visto), por outro lado, não têm o direito de dizer o que quiser. E o padrão de comportamento atual, martelado cotidianamente pela mídia, passou a ser o desta tolerância de conveniência. Exige-se que todos os outros sejam tolerantes com os comportamentos de qualquer um que queira adotar um comportamento diverso do comportamento usual, mas não se exige do deviante que seja tolerante com as opiniões e manifestações dos outros que não compartilham do desvio. E com o estabelecimento dessa tolerância de mão única, os editores se vêm nessa posição ridícula de pedir desculpas sem nem saber por quê.

Deve haver mais a se fazer no mundo do que ficar se sentindo ofendido com o que outros dizem ou escrevem.

QI 123 (set/out/2013)

JOSÉ PIRES



José Augusto Pires nasceu no dia 10 de outubro de 1935, em Elvas, Portugal. Começou a trabalhar aos 14 anos, exercendo várias profissões até se direcionar para o campo das artes gráficas.

Estreou na revista **Cavaleiro Andante**, em 1961, com duas histórias em Banda Desenhada (História em Quadrinhos) e com ilustrações para capa, tendo sido o autor da capa do nº 1 da revista **Zorro**, em 1962. Na mesma época, produziu para a Agência Portuguesa de Revistas a coleção de cromos **História do Trajo Universal**, em parceria com Luís Motta Guedes.

Em 1963, passou a trabalhar regularmente em publicidade, atuando durante 30 anos na agência Ciesa-NCK, e depois na agência Publicis, participando do Festival do Filme Publicitário de Cannes.

Sem abandonar a publicidade, continuou produzindo trabalhos diversos na área de ilustração, como uma segunda coleção de cromos, **Os Cavaleiros do Céu**, para o Editorial Globo, rótulos de caixas de fósforo com vários temas para a Fosforeira Portuguesa, e, para a Editora Europa-América, as ilustrações para o livro infantil **As Mais Belas Histórias da Bíblia** e uma dúzia de capas para a **Colecção Western**. Em 1980, voltou a produzir BD para a revista **Mundo de Aventuras**, da Agência Portuguesa de Revistas, além de ilustrações para capas de livros de bolso da editora.

Em 1985, sem sair de Portugal, começou a colaborar com a Editions du Lombard, trabalhando em parceria com o argumentista Jean Dufaux na série „Irigo", para a revista belga **Tintin**. Em 1988, com o argumentista Benoit Despas, realizou uma série sobre os Templários publicada na revista **Hello Bédé**, que resultou, em 1992, em seu primeiro álbum publicado no exterior, **Le Sang e la Gloire**. No total, publicou cerca de 200 páginas de BD nas revistas **Tintin**, **Hello Bédé** e **Kuifje**.

Em Portugal, o Editorial Futura publicou, em 1989, um álbum com seus trabalhos iniciais (duas aventuras saídas em **Cavaleiro Andante**, em 1961 e 1962, e uma aventura saída em **Mundo de Aventuras**, em 1980), sob o título **Homens do Oeste**, dentro da coleção Antologia da BD Portuguesa (volume 20). No mesmo ano, a mesma editora publicou **Will Shannon – O Poço da Morte**, dentro da Colecção Aventuras (volume 12). Ainda em 1989, tendo já publicado nos fanzines **Eros** e **Almada BD Fanzine**, passou a colaborar com Catherine Labey e Jorge Magalhães na produção de edições independentes, como as coleções **Fandaventuras** e **Fandwestern**. O nº 1 de **Fandaventuras**, de julho de 1989, trouxe uma BD de 5 páginas da série „Irigo" – „The Last Bullet". Posteriormente, em março de 2003, o nº 10 de **Fandwestern** foi dedicado à série „Irigo" com as três últimas aventuras, „Um Tipo Chamado Shannon", „O Sopro do Ódio" e „Quando os Sinos Dobrarem", num total de 46 páginas.

Resumidamente, a história de „Irigo" e „Will Shannon" é a seguinte. Em 1983, José Pires produziu uma aventura de 48 páginas com sua criação Will Shannon (publicada em álbum pela Futura em 1989) e enviou amostra de 10 páginas para a redação da revista belga **Tintin**. O editor gostou da arte e propôs que José Pires ilustrasse uma série cujos argumentos ficariam a cargo do iniciante Jean Dufaux. Dessa parceria resultou a série „Irigo", centrada num mestiço, meio apache, meio mexicano, da qual foram produzidos 7 episódios publicados, entre 1985 e 1987, na revista **Tintin**, num total de 98 páginas, o que equivaleria a dois álbuns. Como a editora, apesar dos pedidos dos leitores, relutasse em editar os álbuns, Jean Dufaux abandonou a revista e a série foi interrompida. Nos últimos 3 episódios de „Irigo" (publicados em 2003 em **Fandwestern**), o personagem Will Shannon é introduzido, talvez com a intenção de depois aparecer em série própria.

Em 1997, o Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses publicou o álbum **Gil Eanes e o Bojador – As Portas do Mito**, um trabalho iniciado vários anos antes visando ao mercado franco-belga, mas recusado pela Editions du Lombard. Em 1998, o mesmo Grupo de Trabalho do Ministério da Educação, em parceria com a editora Terramar, publicou **Pedro Álvares Cabral – Ventos da Glória, Mares do Infortúnio**, com texto de Nuno Calado. Ainda em 1997, José Pires fez para a Fórum Multimédia os desenhos para um jogo em CD-ROM sobre a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto.

A partir de 1999, iniciou a publicação de álbuns pela Âncora Editora, principalmente dentro de uma coleção de quase duas dezenas de edições focalizando a história de várias regiões de Portugal, produzidas pelos nomes mais expressivos da BD portuguesa. O primeiro álbum foi **Pedro Álvares Cabral e o Brasil**, em 1999, seguido por **História de Gouveia – A Princesa da Serra**, em 2001, **História de Celorico da Beira**, em 2004, e mais recentemente **A Batalha do Bussaco** e **A Portuguesa – História de um Hino**.

José Pires participou da 2ª fase da revista **Selecções BD**, publicando as histórias „A Liberdade e o 25 de Abril" (3 páginas), no nº 6, em 1999, „As Asas da Coragem" (30 páginas) nos nºs 18 a 20, e „A Conquista de Santarém" (8 páginas), com argumento de Despas, no nº 23, as duas últimas em 2000.

Fez parte de algumas antologias de autores portugueses, com destaque para o livro **Uma Revolução Desenhada – O 25 de Abril em BD**, editado pela Afrontamento em 1999, com a história „O 25 de Abril de 74" (3 páginas), e o álbum **Salúquia**, editado pela Câmara Municipal de Moura em 2009, com a história „Saluk Hiah" (4 páginas).

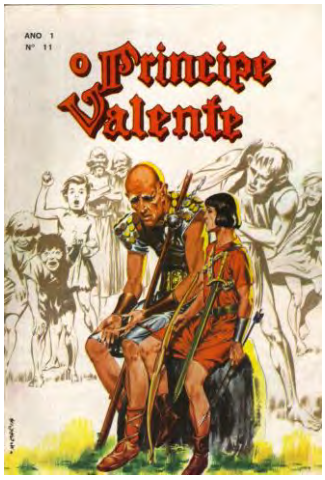
Atualmente, José Pires tem publicado álbuns independentes com BDs de origem inglesa, com destaque para a coleção **Matt Marriott** e a obra de Walter Booth, **O Gavião dos Mares**.

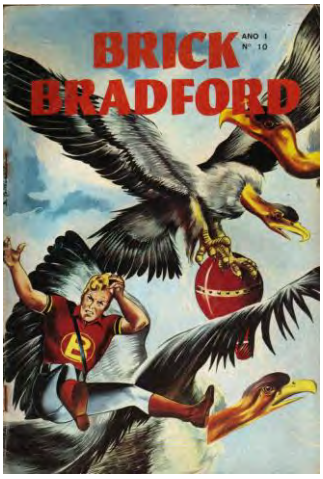
José Pires recebeu homenagem nos eventos Tertúlia BD de Lisboa, em 1992, nas Jornadas de Banda Desenhada da Sobreda, em 1996, e no 8º Salão Moura BD, em 1998.

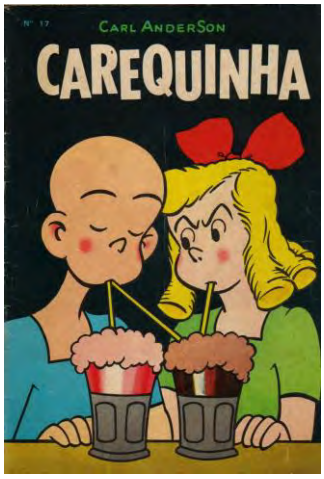
QI 123 (set/out/2013) – encarte **Buster** nº 1

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

O Editorial Lord Cochrane era uma editora chilena, sediada em Santiago, que teve uma certa participação na história dos gibis brasileiros. O que se diz é que ela publicava várias revistas de quadrinhos para distribuir na América Latina de língua espanhola e, num certo momento, começou a distribuir estas revistas no Brasil. Como houve uma aceitação dessas revistas, mesmo estando em espanhol, a editora considerou que valia a pena produzir edições em português para distribuição somente no Brasil. Assim, lançou no mercado brasileiro pelo menos 9 revistas, todas de personagens da King Features Syndicate, do qual detinha os direitos. Supostamente, lançou revistas apenas de personagens cujos direitos já não estivessem nas mãos de alguma editora brasileira. As revistas seguiam mais ou menos o padrão da época, formato americano, 36 páginas coloridas. A revista em cores não era a regra na época, mas também não era novidade. Os títulos lançados foram: **Príncipe Valente**, **Brick Bradford**, **X-9**, **Tim & Tom**, **Patrulheiros da Lei**, **Jim das Selvas**, **Carequinha**, **Pingafogo**, **O Gato Félix**. Acontece que a Lord Cochrane não iniciou estes títulos a partir dos nºs 1, e sim deu continuidade às numerações das revistas em espanhol que já publicava e distribuía no Brasil. É claro que isso trouxe e traz muita confusão para os colecionadores. Outro motivo de confusão é que o expediente não trazia muita informação, muito menos a data das revistas. Com base nos exemplares que tenho, vou tentar situar para os interessados a duração de cada título e quando foram publicados.







Embora as revistas não tenham data, pela indicação do preço dá para saber quando foram lançadas, pois os primeiros números tinham indicação CR$ 500,00 e logo mudaram para NCR$ 0,50. Como a mudança de Cruzeiro para Cruzeiro Novo se deu em 13 de fevereiro de 1967, vou considerar que as últimas revistas com preço CR$ são de fevereiro de 1967 e as seguintes com preço NCR$ são de março de 1967. Pode haver aí o erro de um mês, que é o tempo entre a impressão da capa e a distribuição em banca. Também dá para concluir que as revistas eram mensais pois traziam na capa, junto com o número, o Ano e a mudança de Ano 1 para Ano 2 se deu do número 12 para o 13. Curiosidade: muitos exemplares trouxeram grafado "Año".

Das revistas de aventuras, aparentemente as primeiras foram **Príncipe Valente** e **Jim das Selvas**, lançadas em janeiro de 1967. **Príncipe Valente** começou com o nº 8, durando até o nº 15, de agosto, e **Jim das Selvas**, com o nº 14, durando pelo menos até o nº 18. **Brick Bradford** e **X-9** também começaram com o nº 8, em fevereiro de 1967, durando até o nº 15, de setembro. **Tim & Tom** começou no nº 8, em fevereiro, e foi pelo menos até o nº 14, em agosto. De **Patrulheiros da Lei**, com as aventuras do Tenente King da Polícia Montada, só tenho os nºs 15 e 22, o primeiro com preço em CR$. Então é provável que estes sejam os números limites, de fevereiro a setembro. Se considerarmos que todas essas revistas tiveram o mesmo número de edições lançadas, então é possível que **Tim & Tom** tenha o nº 15 e **Jim das Selvas** vá até o nº 21.

Das revistas infantis, tenho poucos exemplares. De **Carequinha** e **Pingafogo**, tenho os nºs 14 e 17, com preço em CR$, o que significa que estas revistas foram lançadas pelo menos 2 meses antes das de aventura, em novembro de 1966. **Carequinha** durou pelo menos até o nº 20, e **Pingafogo**, pelo menos até o nº 21. De **Gato Félix**, tenho o nº 12, que talvez seja o primeiro, lançado em novembro de 1966. Tenho também o nº 22, que talvez seja o último, de setembro de 1967. Se **Carequinha** e **Pingafogo** foram encerradas juntamente com as demais, então duraram até os nºs 23 ou 24.

Em **Príncipe Valente** nº 9, chegou a sair um anúncio da revista **Popeye**, mas não deve ter sido lançada.

As revistas da Lord Cochrane tinham vários defeitos. Além da remontagem das tiras e páginas com retoques nos desenhos, que já era coisa usual nas editoras brasileiras, tinham uma tradução muito ruim para o português e talvez o pior letreiramento já visto nesta terra. Mas nada se igualava ao desleixo dos anúncios internos das outras revistas da editora. Mesmo tendo uma gráfica conceituada, a impressão dessas revistas ia do razoável ao péssimo. Nas revistas de aventura, as capas sempre traziam ilustrações pintadas de artistas chilenos, algumas muito boas. É possível detectar os nomes de M. Caria e S. Romagnoli.

Apesar de tudo, essas revistas da Lord Cochrane são muito valorizadas hoje em dia, o que só se explica pela falta de noção que acomete o vendedor (quando pensa que pode vender nesses preços) ou o colecionador (quando compra).

QI 124 (nov/dez/2014)

desvendando alma em matéria pouca

A fase de *Flash Gordon* produzida por Alex Raymond, desde sua criação em 1934, até as últimas pranchas produzidas por ele em abril de 1944, tem sido sempre objeto de compilação em livros e álbuns. No começo dos anos 1990, a Kitchen Sink Press reuniu essas 527 páginas dominicais em 6 volumes horizontais com capa dura, impressão colorida em papel cuchê., em um formato pouco maior que o A4. Certamente um tamanho menor do que essas páginas saíam nos suplementos dos jornais, mas ainda um bom tamanho. Entre 2003 e 2006, a editora Checker republicou esta fase em uma coleção de 7 volumes, nos mesmos moldes, capa dura, horizontal, etc. Parecia que *Flash Gordon* estava bem servido no que diz respeito ao resgate de sua principal fase. Mas eis que, em 2011, duas editoras anunciam coleções completas de *Flash Gordon* de Alex Raymond. A editora norte-americana IDW saiu na frente lançando o primeiro volume, de uma coleção prevista para quatro, em novembro. Num formato gigante, 315x415mm, cada página trouxe, na realidade, duas séries de Raymond, *Flash Gordon* e *Jungle Jim*, na mesma disposição que saíram originalmente nos suplementos dos jornais, apenas um pouco menores em relação ao jornal. A editora inglesa Titan Books só lançou seu primeiro volume, de uma coleção de três, em maio de 2012. Com quase a metade do tamanho, 287x260mm, trouxe em cada página apenas a prancha de *Flash Gordon*, o que resultou num tamanho das pranchas apenas um pouco menor em relação ao volume da IDW. As duas editoras fizeram um excelente trabalho de edição e restauração dos originais, limpando as imagens, e acrescentando a cada livro uma boa carga de textos explicativos e analíticos. Ambos trabalhos muito bem feitos.

Mas aqui vem uma diferença que justifica a produção deste texto. Como são diferentes ingleses e norte-americanos! A imagem mostrada abaixo foi usada ilustrando os textos introdutórios da edição da inglesa Titan. A legenda da imagem salientava o fato de Raymond trabalhar com modelos vivos, o que explicava a alta qualidade de seus desenhos. O texto diz que foi um pioneiro, mas imagino que esse pioneirismo foi em usar o método na produção de quadrinhos. O que espanta na foto é a revelação de que Raymond trabalhava com mulheres nuas em seu estúdio (e curiosamente para fazer um desenho de mulher vestida). Mas espanta o leitor que ignora que o uso de modelos nus é comum em aulas de desenho ou pintura. Talvez o que espante mais é que esta foto não foi tirada sorrateiramente, sem que artista e modelo percebessem (ou "furtada" do HD do computador de uma atrizinha e jogada na rede). Esta foto, tirada em 1941, foi usada pela agência distribuidora da série, o King Features, para divulgar o trabalho de Raymond e sua série, para municiar jornais e revistas com material promocional, para manter o interesse do leitor com informações adicionais sobre o autor e sua criação.

O que não espanta é que, hoje, uma editora norte-americana não se atreve a publicar uma foto dessas numa publicação para não melindrar os espíritos mais sensíveis. Os ingleses, ao que parece, não têm tantos pruridos.

BIOGRAFIAS

A propósito de grande quantidade de recortes enviados por Francisco Filardi sobre a polêmica das biografias não autorizadas, reproduzo a seguir parte de meu texto de apresentação do livro **Escritores de Brazópolis**, que escrevi junto com minha mãe, Isa de Faria Guimarães.

"A Parte 2 certamente é a parte mais importante do livro, onde se realiza o objetivo principal deste trabalho: registrar as biografias dos Escritores de Brazópolis. Esta parte consta das biografias de 158 autores que construíram suas obras mantendo alguma relação com Brazópolis. (...)"

"Parte indispensável para o conhecimento a respeito de um Escritor, além de seus dados biográficos acompanhados de um retrato, é a apresentação de sua obra. Por isso o registro histórico que aqui se faz de cada Escritor não prescindiu de apresentar uma amostra de seu trabalho. (...)"

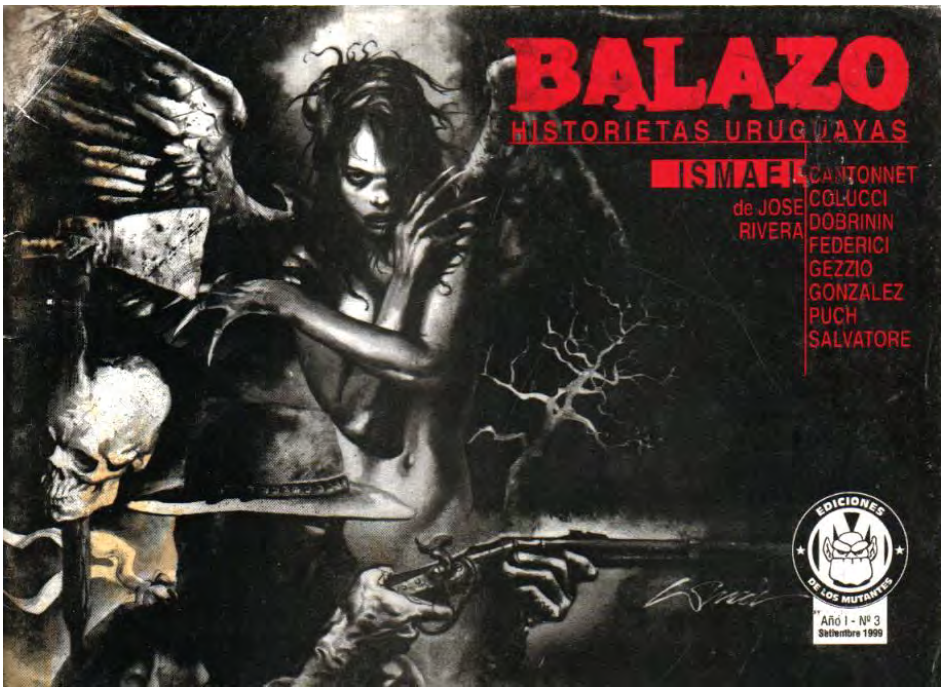
(a parte seguinte da citação eu já havia transcrito anteriormente no **QI** 118, e a repeti, sem me dar conta)

Interessante observar que ao realizar as biografias de 158 Escritores, nem me passou pela cabeça que o escritor pudesse querer impedir de ser biografado. Houve alguns escritores que não colaboraram me cedendo seus dados biográficos e foram, por este motivo simples, excluídos do livro. Mas não esteve em questão que eu não tivesse direito de biografá-los caso eu tivesse informações disponíveis sobre eles. A Lei de Direito Autoral no Brasil deixa muito claro que os trabalhos científicos e jornalísticos não precisam de autorização para serem produzidos e publicados.

BALAZO

Roberto Mac-Ghan, colecionador de Montevideo, Uruguay, me enviou algumas revistas de quadrinhos. Em meio a alguns exemplares de **Flash Gordon** da editora mexicana Novaro, com material clássico de Al Williamson e Reed Crandall feito para comic book, uma pequena pérola de produção uruguaia.

De produção relativamente simples, 48 páginas em formato pequeno horizontal, em preto e branco e papel de boa qualidade, o nº 3 de **Balazo – Historietas Uruguayas**, de setembro de 1999, é uma bela surpresa.



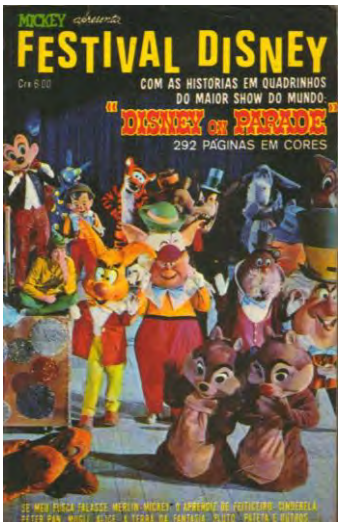
Composta de várias histórias em vários estilos e gêneros (humor, aventura, terror), trouxe um texto sobre os quadrinhos clássicos norte-americanos e o resgate do autor uruguaio Emílio Cortinas. Mas os dois grandes destaques foram a série „Ismael", de José Rivera, e „Almacén del 900", de Ardito e González, com arte de primeira qualidade, ambos retratando o universo uruguaio, o primeiro, o ambiente rural e o segundo, o urbano. Coisa de quem sabe fazer.

QI 124 (nov/dez/2014)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

As tais "edições extras" são realmente um pesadelo para os colecionadores. Imagino que as editoras tenham bons motivos para fazer uso delas. Imagino que a burocracia do governo exigindo e cobrando taxas para o registro de títulos a serem publicados obriga as editoras a usarem este artifício de, cada vez que querem testar um título novo, lançá-lo como edição extra de um título já registrado. A coleção enfocada agora é a **Edição Extra** com personagens Disney da editora Abril.

Hoje estas revistas são vistas como uma coleção, mas quando foram publicadas eram revistas avulsas lançadas sem qualquer regularidade e sem intenção de que formassem coleção. Não tinham numeração, apenas faziam referência, no expediente, às vezes na capa, ao título de que eram a edição extra. A partir de início de 1978, o lançamento passou a ser mensal, sempre como uma edição extra de **Almanaque Disney**. Em dezembro de 1978, a Abril resolveu colocar na capa o nº 90, o mesmo número do **Almanaque Disney** do mês de dezembro. A partir daí, a revista **Edição Extra** seguiu esta numeração podendo ser considerada um título regular. Os estudiosos do assunto fizeram então a contagem retroativa das edições extras anteriores até chegarem ao primeiro número da coleção, que seria a revista **Pateta Olímpico**, de agosto de 1972. Retroativamente, portanto, este seria o nº 52, considerado o primeiro dessa coleção. As capas sempre trouxeram, com poucas exceções, a expressão **Edição Extra** no canto superior esquerdo, com variações ao longo do tempo, mas, curiosamente, no expediente a edição era referida como *edição especial de...*



A seguir farei a relação dos títulos lançados, colocando entre parênteses os números anteriores ao 90, pois não foi uma numeração colocada pela editora e sim convencionada pelos estudiosos. Inicialmente, o selo no canto superior esquerdo trazia, além da expressão **Edição Extra** (com algumas variações a serem mencionadas), também o logotipo da editora Abril e o preço.

(52) (ago/1972). **Pateta Olímpico** – 100 páginas, lombada quadrada, acompanhada por um pôster; na capa, o selo *Edição Extra* e sobre o título os dizeres *Mickey apresenta*; no expediente, *edição especial de Mickey nº 238*.

(53) (mai/1973). **Peninha em: Morcego Vermelho** – 100 paginas, lombada quadrada, acompanhada por um pôster; na capa, a palavra *Mickey* aparece dentro do selo, sobre a expressão *Edição Extra*; no expediente, *edição especial de Mickey nº 247*.

(54) (jun/1973). **Festival Disney** – 292 páginas, lombada quadrada; na capa não aparece o selo *Edição Extra*, apenas *Mickey apresenta* sobre o título; no expediente, *edição especial de Mickey nº 248*. Esta edição foge aos padrões das demais edições extras e poderia não ser considerada da coleção.

As edições de nºs (55) a (59) trouxeram pôster.

(55) (set/1973). **Mancha Negra em: A Volta ao Mundo em 8 Manchas** – 100 páginas, lombada quadrada; na capa, *Mickey Edição Extra*; no expediente, *edição especial de Mickey nº 251*.

(56) (dez/1973). **Novas Aventuras do Morcego Vermelho** – 100 páginas, lombada quadrada; na capa, *Mickey Edição Extra*; no expediente, *edição da revista Mickey nº 254*.

A partir do nº (57), a revista passou a ter 68 páginas com lombada canoa.

(57) (mai/1974). **Walt Disney apresenta: Zorro** – na capa, *Mickey Especial* em vez de *Edição Extra*; no expediente, *edição da revista Mickey nº 259*.

(58) (jun/1974). **Peninha em Morcego Vermelho** – na capa, *Mickey Edição Extra*, no expediente, *edição da revista Mickey nº 260*.

(59) (jul/1974). **Walt Disney apresenta: Zorro** – na capa, *Mickey Especial*; no expediente, *edição especial de Mickey nº 261*.

(60) (set/1974). **Mancha Negra e a Máquina do Tempo** – na capa, *Mickey Especial*; no expediente, *edição especial de Mickey nº 263*.

(61) (nov/1974). **Os Metralhas** – na capa, *Mickey Edição Extra* e, pela primeira vez, a assinatura de Walt Disney sobre o título; no expediente, *edição especial de Mickey nº 265*.

A partir do nº (62), a revista passou a ser uma edição extra de **Almanaque Disney**, sendo que, até o nº (66), apareceram nas capas os dizeres *edição especial de Almanaque Disney*. O selo foi simplificado, trazendo apenas os dizeres *Edição Extra*, com o logotipo da Abril e o preço colocados fora. Isso permaneceu até o nº (71), com a assinatura de Walt Disney aparecendo algumas vezes, ou sobre o título ou sobre o selo.

(62) (dez/1974). **Robin Hood** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney 43*.

(63) (fev/1975). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney 45*.

(64) (mai/1975). **Zorro** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 48*.

A partir do nº (65), a revista se tornou bimestral, acompanhando os números ímpares de **Almanaque Disney**.

(65) (jun/1975). **Os Escoteiros-Mirins** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney 49*.

(66) (ago/1975). **Mancha Negra** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 51*.

(67) (out/1975). **Esquálidus** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 53*.

(68) (dez/1975). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 55*.
(69) (fev/1976). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 57*.
(70) (abr/1976). **Capitão Mobidique** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 59*.
(71) (jun/1976). **Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 61*.

A partir do nº (72), o selo no canto superior esquerdo voltou a incluir o logotipo da Abril e o preço, com a assinatura de Walt Disney colocada logo acima. A periodicidade continuou bimestral. Durante um longo período, até começo de 1985, alguns títulos foram recorrentes, como **Os Metralhas**, **Prof. Pardal**, **Pateta**, **Maga&Min**, **Escoteiros Mirins**, **Peninha**, **Superpateta** e **Huguinho, Zezinho e Luisinho**, entremeados com títulos de ocasião, como **Abismo Negro**, devido ao lançamento do filme, ou **Zé Carioca na Copa do Mundo**, em 1982, ou de teste, como **Gastão** e **Mancha Negra**.

(72) (ago/1976). **Os Doze Trabalhos do Morcego Vermelho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 63*.
(73) (out/1976). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 65*.
(74) (dez/1976). **Prof. Pardal na Atlântida** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 67*.
(75) (fev/1977). **Pateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 69*.
(76) (abr/1977). **Maga&Min** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 71*.
(77) (jun/1977). **Escoteiros Mirins** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 73*.
(78) (ago/1977). **Peninha** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 75*.
(79) (out/1977). **Zé Carioca** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 77 – outubro de 1977*, mas logo acima, embaixo do nome *Zé Carioca*, foi grafado *Novembro de 1977 – nº 77*.
(80) (dez/1977). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 79*.

A partir do nº (81), a revista tornou-se mensal e sua numeração passou a coincidir com a numeração de **Almanaque Disney**, porém com a defasagem de um mês. A **Edição Extra** nº (81) trouxe no expediente *edição especial de Almanaque Disney nº 81 – março de 1978*, no entanto, a revista **Almanaque Disney** nº 81 saiu em fevereiro de 1978. Esta defasagem de um mês se manteve até o nº 121 de **Edição Extra**, de julho de 1981.

(81) (mar/1978). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 81*.
(82) (abr/1978). **Gastão** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 82*.
(83) (mai/1978). **Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 83*.
(84) (jun/1978). **Pateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 84*.
(85) (jul/1978). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 85*.
(86) (ago/1978). **Prof. Pardal** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 86*.
(87) (set/1978). **Peninha** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 87*.
(88) (out/1978). **Maga&Min** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 88*.
(89) (nov/1978). **Clube do Mickey** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 89*.

A partir da edição de dezembro de 1978, a revista passou a trazer o número impresso na capa, dentro do selo contendo a expressão *Edição Extra*, logo acima do logotipo da Abril. O primeiro número explícito na capa foi o nº 90, pois esta era uma edição especial de **Almanaque Disney** nº 90, lembrando que este Almanaque havia saído em novembro.

90 (dez/1978). **Escoteiros Mirins** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 90*.
91 (jan/1979). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 91*.
92 (fev/1979). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 92*.
93 (mar/1979). **Prof. Pardal** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 93*.
94 (abr/1979). **Peninha** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 94*.
95 (mai/1979). **Maga&Min** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 95*.
96 (jun/1979). **Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 96*.
97 (jul/1979). **Pateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 97*.
98 (ago/1979). **Peninha** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 98*.
99 (set/1979). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 99*.
100 (out/1979). **Escoteiros Mirins** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 100*.
101 (nov/1979). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 101*.
102 (dez/1979). **Peninha** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 102*.
103 (jan/1980). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 103*.

A partir do nº 104, a revista mudou do formato 135x210mm para 135x190mm.

104 (fev/1980). **Maga&Min** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 104*.
105 (mar/1980). **Pateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 105*.
106 (abr/1980). **Peninha** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 106*.
107 (mai/1980). **Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 107*.
108 (jun/1980). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 108*.
109 (jul/1980). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 109*.
110 (ago/1980). **Peninha** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 110*.
111 (set/1980). **Prof. Pardal** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 111*.
112 (out/1980). **Pateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 112*.
113 (nov/1980). **Escoteiros Mirins** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 113*.
114 (dez/1980). **Abismo Negro** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 114*.
115 (jan/1981). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 115*.
116 (fev/1981). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 116*.

117 (mar/1981). **Mancha Negra** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 117*.

118 (abr/1981). **Peninha** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 118*.

119 (mai/1981). **Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 119*.

A partir do nº 120, o selo no canto superior esquerdo foi substituído pela expressão *Edição Extra* dentro de um contorno denteado, como um balão de explosão.

120 (jun/1981). **Pateta**. – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 120*.

121 (jul/1981). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 121*.

Durante dois meses **Edição Extra** não saiu. O nº 122 saiu em outubro como uma edição especial de **Almanaque Disney** nº 124 (lançado em setembro), ou seja, os nºs de **Edição Extra** e **Almanaque Disney** deixaram de coincidir.

122 (out/1981). **Donald Contra Gastão** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 124*.

123 (nov/1981). **Escoteiros Mirins** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 125*.

124 (dez/1981). **Tio Patinhas contra os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº126*.

125 (jan/1982). **Pateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 127*.

126 (fev/1982). **Prof. Pardal** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 128*.

127 (mar/1982). **Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 129*.

128 (abr/1982). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 130*.

129 (mai/1982). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 131*.

130 (jun/1982). **Zé Carioca na Copa do Mundo** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 132*.

131 (jul/1982). **Escoteiros Mirins** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 133*.

132 (ago/1982). **Pateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 134*.

133 (set/1982). **Prof. Pardal** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 135*.

134 (out/1982). **Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 136*.

135 (nov/1982). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 137*.

136 (nov/1982). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 138*; outra edição com data de novembro, o que fez o mês de **Edição Extra** coincidir com o mês de **Almanaque Disney** (novembro).

137 (dez/1982). **Escoteiros Mirins** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 139*.

138 (jan/1983). **Prof. Pardal** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 138*.

Intencionalmente ou não, fizeram nova edição extra de **Almanaque Disney** nº 138, o que fez a numeração dos dois títulos voltar a coincidir, mas a custa de ser uma edição extra de uma revista lançada dois meses antes, em novembro de 1982. Esta coincidência nos números e defasagem de dois meses nas datas durou até o nº 159, de outubro de 1984

139 (fev/1983). **Carnaval** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 139*.

140 (mar/1983). **Volta às Aulas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 140*.

141 (abr/1983). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 141*.

142 (mai/1983). **Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 142*.

143 (jun/1983). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 143*.

144 (jul/1983). **A Patada** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 144*.

145 (ago/1983). **Escoteiros Mirins** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 145*.

146 (set/1983). **Prof. Pardal** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 146*.

147 (out/1983). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 147*.

148 (nov/1983). **Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 148*.

149 (dez/1983). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 149*.

150 (jan/1984). **Prof. Pardal** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 150*.

151 (fev/1984). **Escoteiros Mirins** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 151*.

152 (mar/1984). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 152*.

153 (abr/1984). **Prof. Pardal** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 153*.

154 (mai/1984). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 154*.

155 (jun/1984). **Festas Juninas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 155*.

156 (jul/1984). **Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 156*.

157 (ago/1984). **Superpateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 157*.

158 (set/1984). **Os Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 158*.

159 (out/1984). **Escoteiros Mirins** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 159*.

A partir do nº 160, e até o nº 163, passaram a sincronizar a data, o que resultou numa defasagem na numeração.

160 (nov/1984). **Prof. Pardal** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 162*.

161 (dez/1984). **A Patada** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 163*.

162 (jan/1985). **Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 164*.

163 (fev/1985). **Carnaval** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 165*.

Nos nº 164 e 165, voltaram fazer coincidir os números, o que resultou em defasagem de dois meses nas datas.

164 (mar/1985). **Volta às Aulas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 164*.

165 (abr/1985). **Pateta** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 165*.

A revista ficou quase um ano sem sair. Voltou com 84 páginas, lombada quadrada, apresentando as palavras *Edição Extra* dentro de uma faixa acima do título, que passou a ser bem variado. Inicialmente meio irregular, logo se estabilizou como bimestral. A partir daí, houve correspondência entre o mês de lançamento da revista e o de **Almanaque Disney**.

166 (fev/1986). **Clube dos Heróis Disney** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 177*.

167 (abr/1986). **A Patada** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 179*.

168 (mai/1986). **Máquina do Tempo** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 180*.
169 (jul/1986). **Grandes Golpes dos Metralhas** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 182*.
170 (set/1986). **Bruxarias** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 184*.
171 (nov/1986). **20 Anos de Peninha** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 186*.
172 (fev/1987). **Vila Xurupita F.C.** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 189*.
173 (abr/1987). **Clube dos Heróis Disney** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 191*.
174 (jun/1987). **Mancha Negra** – no expediente, *edição especial de Almanaque Disney nº 193*.
A partir do nº 175, passou a ser edição especial de outras revistas como **Mickey**, **Zé Carioca** e **Pato Donald**.
175 (ago/1987). **Pateta** – no expediente, *edição especial de Mickey nº 449*.
176 (out/1987). **Biquinho** – no expediente, *edição especial de Mickey nº 452*.
177 (dez/1987). **Novos Golpes dos Metralhas** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1801*.
178 (fev/1988). **Carnaval** – no expediente, *edição especial de Zé Carioca nº 1822*.
179 (abr/1988). **Brigas de Vizinhos** – no expediente, *edição especial de Zé Carioca nº 1826*.
180 (jun/1988). **Prof. Ludovico** – no expediente, *edição especial de Zé Carioca nº 1830*.
181 (ago/1988). **Wuzzles/Ursinhos Gummi** – no expediente, *edição especial de Zé Carioca nº 1835*.
Nova apresentação dos dizeres *Edição Extra*, agora na forma de um carimbo redondo no canto superior esquerdo.
182 (out/1988). **Os Adolescentes** – no expediente, *edição especial de Zé Carioca nº 1839*.
183 (dez/1988). **Galeria dos Pilantras** – no expediente, *edição especial de Zé Carioca nº 1843*.
184 (fev/1989). **Azares da Sorte** – no expediente, *edição especial de Zé Carioca nº 1848*.
185 (abr/1989). **As Mil Faces do Peninha** – no expediente, *edição especial de Zé Carioca nº 1852*.
186 (jun/1989). **Festas Juninas** – no expediente, *edição especial de Zé Carioca nº 1856*.
187 (ago/1989). **As Travessuras do Biquinho** – no expediente, *edição especial de Zé Carioca 1861*.
188 (out/1989). **Os Professores** – no expediente, *publicação especial de Zé Carioca nº 1865*.
189 (dez/1989). **Zé Carioca e sua Turma** – no expediente, *publicação especial de Zé Carioca nº 1870*.
190 (fev/1990). **Diário da Margarida** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1859*.
191 (abr/1990). **As Aulas do Prof. Pateta** – no expediente, *edição especial de Mickey nº 487*.
192 (jun/1990). **O Sítio da Vovó** – no expediente, *edição especial de Mickey nº 489*.
193 (ago/1990). **As Terríveis Pragas da Maga** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1885*.
194 (out/1990). **As Aventuras de Huguinho, Zezinho e Luisinho** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1893*.
195 (dez/1990). **Os 12 Trabalhos do Donald** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1902*.
196 (fev/1991). **A Volta da Anacozeca** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1911*.
A revista voltou a ter 68 páginas com lombada canoa.
197 (abr/1991). **Detetive Mickey** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1920*.
198 (jun/1991). **Os Inventos do Prof. Pardal** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1928*.
199 (ago/1991). **Peninha no Oeste** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1937*.
200 (out/1991). **Os Herdeiros do Tio Patinhas** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1946*.
201 (dez/1991). **Clube dos Heróis** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1955*.
202 (fev/1992). **A Volta do Mancha Negra** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1963*.
203 (abr/1992). **Histórias do Urtigão** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1972*.
204 (jun/1992). **Reportagens do Peninha** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1980*.
205 (out/1992). **Aventuras da Margarida** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1994*.
206 (dez/1992). **Patetadas da Sorte** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 1998*.
207 (fev/1993). **Feitiços e Bruxarias** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 2002*.
208 (abr/1993). **A Saga dos Metralhas** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 2006*.
209 (jun/1993). **Incríveis Aventuras do Tio Patinhas** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 2011*.
210 (ago/1993). **Profissões do Pato Donald** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 2015*.
211 (dez/1993). **Acampando com os Escoteiros Mirins** – no expediente, *edição especial de Pato Donald nº 2021*.

QI 125 (jan/fev/2014)

desvendando alma em matéria pouca

A editora inglesa Titan Books lançou uma coleção chamada *Simon & Kirby Library*, dedicada a compilar os trabalhos realizados por Joe Simon e Jack Kirby feitos para diversas editoras desde final da década de 1930, exceto os feitos para as duas grandes, DC e Marvel. Já saíram os volumes **Superheroes**, **Crime** e **Science Fiction**.

O objetivo deste texto é comentar aspectos da introdução feita por Dave Gibbons para o volume **Science Fiction**. Gibbons começa recordando sua infância, seus primeiros contatos com os gibis, em especial os desenhados por Kirby, seu esforço para identificar os trabalhos de cada autor, a estranheza que sentia ao ver um mesmo autor com traços diferentes (e a posterior descoberta de que as artes-finais eram feitas por pessoas diferentes), enfim, uma recordação bem interessante de ler.

A introdução começa assim: "I've loved comic books since my granddad bought me my first one, a **Superman** reprint, when I was seven years old". E logo em seguida: "I usually saw American comics in reprint form...". Fui lendo a introdução e sempre a palavra "reprint" sendo usada, até que a ficha caiu. Gibbons, intencionalmente ou inconscientemente, sempre usou a palavra "reprint" para se referir a publicações impressas na Inglaterra, porém, com histórias de origem norte-americana. Ou seja, não foi feito para publicação original na Inglaterra, então não é "publicação", é "republicação".

Alguém já (ou)viu algum leitor brasileiro chamar de "republicações" as publicações da Ebal, Abril, Globo, Panini, sempre trazendo enxurradas de histórias feitas originalmente para os EUA? Creio que não. Deduzo, por conta própria, que o inglês, mesmo no uso casual de palavras banais, deixa claro seu sentimento nativista, seu orgulho ao diferenciar aquilo que não resultou de sua própria produção. Mesmo apreciando o material alienígena, comprando os gibis com histórias importadas, arma sua pequena trincheira cultural na simples escolha das palavras com que se expressa.

Lá pelas tantas, continuando seus comentários sobre suas dificuldades juvenis em identificar os trabalhos de Kirby pelos estilos diferentes, Gibbons dá sua cartada. Ao se referir à série de Kirby para jornais *Sky Masters of The Space Force*, Gibbons afirma categoricamente que a assinatura „Kirby-Wood‟ que aparece nas tiras e páginas dominicais não significa "desenhado por Jack Kirby e arte-finalizado por Wallace Wood", mas, sim, "desenhado por Jack Kirby e escrito por Dave Wood". Não sei de onde Gibbons tirou esta certeza. Em 1957, Jack Kirby trabalhava, não exclusivamente, para a DC. Produzia arte para várias revistas de mistério, do Arqueiro Verde, além de sua própria série, *Desafiadores do Desconhecido*, cuja primeira revista foi publicada já no começo daquele ano. No começo do ano seguinte, 1958, o editor de Kirby na DC, Jack Schiff, intermediou a criação de uma série de ficção científica para o The George Matthew Adams Syndicate distribuir em jornais. Schiff confiou a empreitada à parte da equipe que produzia *Desafiadores* para a DC. *Desafiadores* começou com roteiros de Dave Wood, depois do próprio Kirby e alguma participação de "Ed" Herron. A arte-final alternou entre Roz Kirby, Marvin Stein, Bruno Premiani e George Klein, até meados de 1958, quando passou às mãos de Wally Wood. Aparentemente, Wally Wood, ao ser arregimentado para fazer a arte-final de *Sky Masters*, também assumiu esta tarefa para o traço de Kirby na produção para a DC. Assim, tanto Dave Wood (com ajuda de seu irmão Dick) quanto Wally Wood estiveram à frente da produção de *Sky Masters* desde sua concepção e seu início de publicação em setembro de 1958. Então, qual deles teve seu „Wood‟ impresso nas tiras e páginas da série, junto ao „Kirby‟? As tiras norte-americanas para jornais têm uma boa variedade de opções no crédito dos autores. De modo geral, somente o desenhista assina a tira. Em casos em que o escritor tem prestígio, assina até antes do desenhista, como o (Lee) Falk antes de (Fred) Fredericks em *Mandrake* ou o mesmo Falk antes de (Sy) Barry em *Fantasma*. Em *Steve Roper*, o nome do escritor (Allen) Saunders era colocado logo após o do desenhista Overgard, mas em *Missão: Perigo*, o mesmo Saunders tinha seu nome antecedendo o do desenhista Al McWilliams. A fase de *X-9* escrita por Archie Goodwin e desenhada por Al Williamson tinha assinatura apenas de Williamson, mas na série *Star Wars* aparecia a assinatura dos dois. Duas fases de *Tarzan*, as desenhadas por Bob Lubbers e John Celardo, trouxeram em várias aventuras a assinatura do escritor Dick Van Buren. Uma fase de *Batman e Robin* trouxe as assinaturas de Bridwell (escritor) e Plastino (desenhista). Uma fase de *Capitão César* trouxe as assinaturas de (Bill) Crooks (desenhista) e (Jim) Lawrence (escritor). Quando Chester Gould parou de fazer *Dick Tracy*, as tiras ainda trouxeram as assinaturas de Gould (criador), Fletcher (desenhista) e Collins (escritor). Também há casos em que aparece mais de um nome de desenhista. O *Flash Gordon* iniciado por Dan Barry em 1951 trazia apenas sua assinatura e continuou assim mesmo quando passou a ser feito inteiramente por seus assistentes. Mas a partir de um certo momento, a tira passou a trazer, junto à assinatura de Barry, a de Fujitani, quem efetivamente fazia os desenhos. A inclusão do nome do arte-finalista é menos comum, mas também possível. Uma fase da tira *Superman* trouxe as assinaturas de (Martin) Pasco (escritor), (George) Tuska e (Vince) Colletta (desenhista e arte-finalista). Outros exemplos: Al Capp (escritor) e Bob Lubbers em *Long Sam*; Belfi e Certa (dois desenhistas) em *Straight Arrow*; Bradley e Edgington (dois desenhistas) em *Rex Morgan, M.D.*; McGregor (escritor), Yeates e Smith em *Zorro*. Assim, como não há uma regra, no caso de *Sky Masters*, o „Wood‟ tanto poderia significar o escritor Dave quanto o arte-finalista Wally. No entanto, há registros de que a função de Wally Wood era bem maior do que a de um simples arte-finalista; em cima do desenho de Kirby, Wood fazia todo o trabalho de sombreamento das tiras. Além disso, também há registros de várias tentativas de fazer o logotipo da série, todos feitos por Wally Wood, todos trazendo a assinatura „Kirby-Wood‟.

Bela cartada, Gibbons, mas não colou.

Agradecimento a Luiz Antonio Sampaio pela lista de séries de tiras trazendo assinatura de mais de um autor.

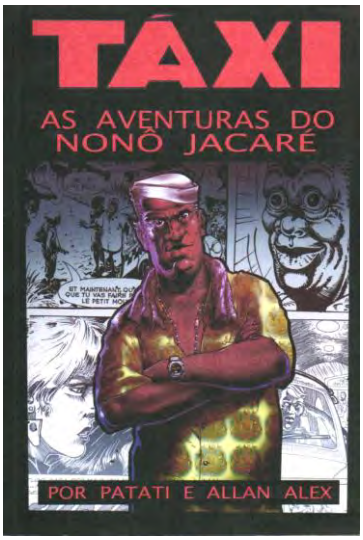
QI 125 (jan/fev/2014)

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

TÁXI

Entre meados da década de 1980 e meados da de 1990, as bancas brasileiras viram uma boa oferta de revistas publicando Histórias em Quadrinhos de autores brasileiros, a maioria produzida por editoras pequenas, sem muita condição de manter uma publicação por tempo suficiente para que um público estável se formasse. Mas fizeram sua história e através delas muita coisa interessante pôde chegar aos leitores interessados.

Com uma visão mais madura sobre a questão, Patati e Allan Alex investiram na criação de um personagem marcante que estrelasse uma série de aventuras, com maiores possibilidades de cativar o público e com mais chances de continuar publicado ou mesmo ganhar revista própria. *Nonô Jacaré* fez sua primeira aparição no nº 5 da revista **Porrada! Special**, da editora Vidente, em agosto de 1990, com a história *No Túnel* (6 pág.). A revista trouxe mais três aventuras da série: *Porta Fechada* (6 pág.) no nº 7; *O Caso da Modelo – 1ª parte* (6 pág.) no nº 8; e *O Caso da Modelo – 2ª parte* (6 pág.) no nº 9, esta de janeiro de 1991. A revista acabou no nº 12 sem trazer mais nenhuma história do personagem. No mesmo ano de 1991, em outubro, *Nonô Jacaré* achou espaço na revista **Mil Perigos**, lançada pela editora Dealer em 1990. O nº 4 trouxe *Trânsito de Guerra* (7 pág.) e o nº 5, *Gringo* (7 pág.). A revista terminou no quinto número, infelizmente. Também em 1991, mas sem indicação do mês, a história *O Cu da Foca* (6 pág.) saiu no nº 1 de **Superalmanaque Astronauta**, da editora Vórtex.



Após uma pausa de alguns anos, a série pegou carona na **Coleção Assombração**, revista de terror lançada pela Ediouro em 1995. O nº 5 trouxe *A Noite dos Zumbis* (11 pág.) e o nº 8 (e último), *A Tempestade* (8 pág.). Não muito tempo depois, talvez em 1996, os autores conseguiram produzir uma revista dedicada ao personagem, através de uma editora pequena, a Tipológica. A revista **Nonô Jacaré** nº 1, no formato americano, 36 páginas em preto e branco, com capa colorida, trouxe quatro histórias publicadas anteriormente (*No Túnel*, *Trânsito de Guerra*, *Porta Fechada* e *O Cu da Foca*), mais uma inédita, *Porque Não Troco Meu Fusca Por Outro Carro* (6 pág.). Embora com uma boa produção, a revista não saiu do primeiro número, devido principalmente, imagino, à deficiência na distribuição. Em 1996, a banca Comix produziu um livro intitulado **Brasilian Heavy Metal**, que, entre dezenas de trabalhos de autores brasileiros, trouxe um novo episódio de *Nonô Jacaré*, *Mutantes Caolhos* (6 pág.). Finalmente, em dezembro de 1997, o último número da revista **Metal Pesado**, o nº 6, trouxe também um novo episódio da série, *Zé da Ema e as Cabras do Catumbi* (6 pág.).

Durante cerca de dez anos não vi mais histórias de *Nonô Jacaré*, embora seus autores continuassem na ativa, produzindo vários tipos de trabalho. Em 2007, no entanto, achei à venda um livro no formato pequeno, 104 páginas, capa colorida, com o nome **Táxi – As Aventuras do Nonô Jacaré**. Produção artesanal de Marcelo Epaminondas, o editorial na primeira página prometia outras iniciativas, mas acho que não vingaram. O livro trouxe todas as 12 aventuras publicadas anteriormente, e mais *Nonô e a Esperta* (1 pág.) e *Um Táxi Para o Baile* (16 pág.), esta última, colorida. Não sei se estas duas histórias eram inéditas, não consegui localizá-las em outras edições.

Patati (Carlos Eugênio Baptista) e Allan Alex Machado são dois autores de História em Quadrinhos com bastante experiência na área, já tendo produzido muito antes de *Nonô Jacaré* e produzido muito depois. O desenho de Allan Alex já era bom quando criou esta série junto com Patati, e se tornou muito melhor depois. Em *Nonô Jacaré*, criação, roteiro e desenhos estão afinados. Patati criou um sujeito de meia idade, marginal na juventude, mas agora assentado como motorista de táxi, ciente dos perigos do morro e da cidade, mas disposto a arriscar a vida quando necessário, com um senso de justiça próprio, enfim, um personagem rico, pronto para render boas histórias. E o tema das histórias explora muito bem a vida das várias classes sociais do Rio de Janeiro, com seus dramas, no trânsito, na alta roda, no tráfico, nos assaltos, e até em assuntos mais banais como as noitadas nos bares. *Nonô Jacaré* não teve continuidade, mas não por demérito seu ou de seus autores. A falta de uma indústria editorial responsável fez o que o trânsito e a marginália não conseguiram fazer com Nonô: uma vítima.

QI 125 (jan/fev/2014)

30º TROFÉU ANGELO AGOSTINI

No dia 1º de fevereiro de 2014, foi realizada, em comemoração ao **Dia do Quadrinho Nacional**, a 30ª edição do evento de entrega do **Troféu Angelo Agostini**. Novamente usando o auditório da Biblioteca do Memorial da América Latina, na Barra Funda, em São Paulo, o início do evento foi marcado para as 13h com abertura da Exposição *Mestres do Quadrinho Nacional*. Vários mostruários traziam originais de dezenas de autores que já receberam o prêmio *Mestres do Quadrinho Nacional* durante as três décadas de existência do **Troféu Angelo Agostini**. Concomitantemente, vários autores presentes puderam lançar suas edições. Destaque para as autoras da revista **Picles – Só Mulherada**, Flávio Almeida e sua **Fláviolândia**, e os irmãos Walter e Eduardo Vetillo, com vários álbuns de quadrinhos. Ao longo da tarde, outros autores também apresentaram seus trabalhos. Além disso, a loja Comix montou vários estandes para venda de livros e álbuns de quadrinhos.

Às 14h30, no auditório, começou a apresentação de um documentário sobre Renato Canini produzido por Lancast Mota, incluindo uma animação com Kactus Kid. Logo em seguida, uma mesa composta por Primaggio Mantovi, Fernando Ventura e Lancast Mota homenageou Canini através de seus depoimentos sobre a vida e obra do autor.

Outro documentário, desta vez sobre os **30 Anos da AQC**, foi exibido e, comemorando a data, realizado um debate com Eduardo Vetillo, Worney Almeida de Souza, Bira Dantas, Gualberto Costa e Jal. Todos puderam dar seus depoimentos sobre os primórdios da AQC.

Por volta das 17h, começou a entrega do **Prêmio Angelo Agostini**.

Na categoria *Melhor Roteirista*, Natália Forcat entregou o troféu a Gustavo Duarte.

O vencedor na categoria *Melhor Desenhista*, Shiko, não pôde comparecer e foi representado por Bira Dantas.

Kendi Sakamoto recebeu o troféu em nome de Angeli, na categoria *Melhor Cartunista*.

Fernando Ventura entregou o troféu de *Melhor Lançamento* para Flávio Soares e Lúcio Luiz, responsáveis pela revista **Meninos e Dragões**.

Na categoria *Melhor Lançamento Independente*, Gualberto Costa representou os editores de **Plataforma HQ**.

Thina Curtis recebeu o troféu na categoria *Melhor Fanzine* representando Pedro Leite, o produtor de **Quadrinhos Ácidos**.

O *Prêmio Jayme Cortez*, ganho por Sidney Gusman, foi recebido por Mauro Souza, que o representou.

O primeiro *Mestre do Quadrinho Nacional* homenageado, Byrata, recebeu o troféu das mãos de Bira Dantas.

O segundo, Lourenço Mutarelli, que não pôde comparecer, foi representado por Eduardo Vetillo.

E, finalmente, o terceiro, Paulo Paiva Lima recebeu o troféu de Worney Almeida de Souza.

Durante toda a entrega, obras e trabalhos dos ganhadores eram projetados na tela do auditório.

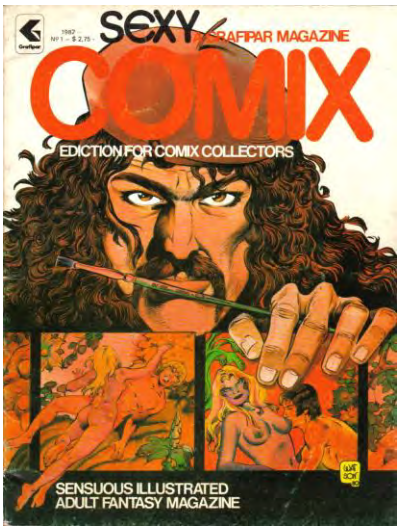
Também foram homenageadas pessoas ligadas aos Quadrinhos que faleceram em 2013 e início de 2014. Além de alguns nomes que receberam menção da imprensa na época de seus falecimentos, como Renato Canini, fui surpreendido com as notícias das mortes recentes de Antônio Luiz Cagnin e Moacy Cirne, dois dos primeiros estudiosos das Histórias em Quadrinhos no Brasil, pessoas que pude conhecer pessoalmente e por quem tinha respeito e admiração.

O encerramento da cerimônia foi feito com a subida ao palco dos responsáveis pela organização do evento: Bira Dantas, Alexandre Silva, Marcos Venceslau, Worney A. Souza, Fernando dos Santos, Marcatti, Eduardo Vetillo e Aparecido Norberto. Parabéns a todos pela realização.

O hall de entrada do auditório ainda permitiu que os presentes pudessem conversar, trocar experiências, tirar fotos, etc. Além dos mencionados, acima, estiveram presentes: Luigi Rocco, Gazy Andraus, Jodil, Xalberto, Deddy Edson, Anita Costa, Josmar Fevereiro, Will, Klink, Carolina Mancini, Laudo, Daniel Esteves, entre outros.

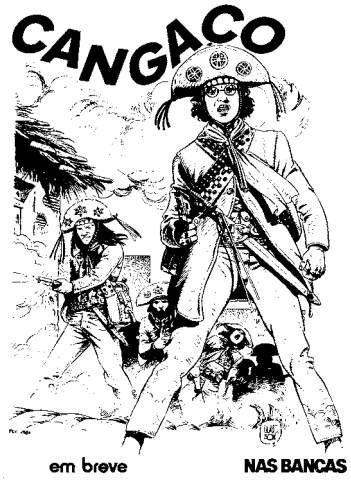
QI 125 (jan/fev/2014)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO



A editora Grafipar, embora não fosse uma editora sediada em São Paulo ou no Rio de Janeiro, tinha uma distribuição eficiente, pelo que posso atestar. Na época em que publicou suas revistas de Histórias em Quadrinhos, eu morava em Itajubá, Sul de Minas, e as bancas da cidade nunca deixaram de receber um número que fosse de qualquer dos títulos publicados. Completei todas as coleções da Grafipar comprando cada edição nas bancas de Itajubá. Toda a Gália? Não. Teve uma edição que, durante muito tempo, eu nem soube que existia. E quando fiquei sabendo, duvidei que existisse e, procurando, nunca achei para comprar. Recentemente adquiri esta edição. Trata-se de **Sexy Comix – A Grafipar Magazine** com a inscrição na capa *Ediction for Comix Collectors*, lançada em 1982 com o preço de $2,75 (dólares?). É isso mesmo, a Grafipar lançou uma edição no formato magazine com 100 páginas totalmente em inglês, inclusive o expediente. Trouxe uma seleção de HQs já publicadas pela editora, reunindo Mozart Couto, Flavio Colin, Claudio Seto, Rodval Matias, Gustavo Machado, Eros Maichrowicz, Cortiano, Seabra, Shimamoto, e capa de Watson Portela. Qual o propósito da editora? Lançar a revista nos EUA? Enfrentar os distribuidores de lá na raça? A revista chegou a ser distribuída lá? Aqui, pelo visto, não foi. De qualquer forma, esta ideia de tentar o mercado norte-americano com um produto no qual eles têm total domínio, inclusive no resto do mundo, me parece algo muito temerário. Não tenho notícia de como foi o empreendimento, mas não parece que tenha sido um sucesso.

E a Grafipar não foi a única a fazer esse tipo de tentativa. Por volta de 1991, a editora Vidente publicou na 2ª capa da revista **Porrada! Special** nº 12 (o último número), um anúncio com um desenho de Watson mostrando um cangaceiro e os dizeres "Cangaço", "em breve" e "nas bancas". A revista, que eu saiba, não saiu. Muitos anos depois, adquiri, sem maiores expectativas, uma revista intitulada **Cangaço**, sem saber direito o conteúdo. A capa tinha uma foto de uma moça em pose sensual e alguns apetrechos de cangaceiro. Na 2ª capa, junto com o expediente, aquele mesmo desenho de Watson publicado em **Porrada! Special**. No expediente, os dizeres "published by EV Comics, a division of Editora Vidente", com o endereço em português. Na página 3, o texto em inglês „The History of Cangaço". E no miolo, HQs de Watson e Seabra.



Novamente, a meu ver, um empreendimento temerário, querer publicar ***gibi*** na terra do ***comic book***. E ainda mais com um título que tem "Ç"! Talvez, tanto num caso como noutro, os editores tenham pensado que haveria espaço para edição com quadrinhos eróticos, que este nicho não estivesse sendo preenchido pelos autores gringos com seus "marmanjos de sunguinha". Também não sei dizer se esta edição teve distribuição nos EUA.

Mas um outro título lançou outra luz sobre a questão. A mesma editora Vidente lançou em 1993 o que deveria ser uma minissérie em 4 edições, **Age of Darkness**. Formato comic book, trouxe histórias das séries *Black Scythe*, *Deathless M* e *Wardjan*, todas com arte de Marcelo Campos. Com o mesmo esquema das tentativas anteriores, toda a edição em inglês, só que agora com a temática mais próxima à dos super-heróis. Saíram apenas os dois primeiros números. Em 1997, no entanto, surgiu uma editora Volt, lançando uma revista chamada **Alta Voltagem** com esse material de **Age of Darkness** em português. Saíram 3 números, completando o arco de 4 histórias de *Foice Negra*, publicando uma história inédita de *Deathless M*, e não publicando *Wardan*. Prometeu um número 4 com *Quebra-Queixo*, que não saiu. Mas se deu ao trabalho de dar alguma explicação no editorial do primeiro número. Segundo este texto, o mercado brasileiro estava péssimo em 1993, e a revista **Age of Darkness** "buscava como salva-vidas o público pequeno mas fiel de leitores que consumiam regularmente as revistas americanas nas comic shops e bancas especializadas que começavam a crescer, e um espaço no mercado externo." Uma visão mais realista.

QI 126 (mar/abr/2014)

Adendo publicado em **QI** 128 (jul/ago/2014).

No **QI** 126, escrevi um texto sobre a revista **Sexy Comix**, da editora Grafipar, mencionei que só soube da existência dela mais tarde e não tinha certeza se tinha saído ou não. Depois, olhando em revistas da Grafipar, por outros motivos, encontrei, em **Quadrinhos Eróticos** nº 67, um texto falando da revista, dizendo que foi feita como catálogo para vender quadrinhos eróticos para os americanos, e que foi posta em lojas especializadas em Nova York. Depois, em **Clássicos Eróticos em Quadrinhos** nº 1 e **Diário Íntimo** nº 2, achei anúncio vendendo a revista pelo correio, com um preço mais ou menos dez vezes maior do que o dos formatinhos da editora. Na época, comi barriga.

desvendando alma em matéria pouca

Uma das coisas estranhas que aparecem nas revistas de Histórias em Quadrinhos que trazem material produzido em outros países é quando a trama traz personagens falando em outras línguas que não a do país em que a história foi produzida. A solução mais simples, mas não menos estranha, é simplesmente colocar todo mundo falando a mesma língua, como se o Esperanto tivesse dado certo. O Tintim foi para toda parte do mundo e só encontrou gente falando belga. Se a história é de ficção científica, é fácil saltar da cartola um "tradutor universal automático". O fato é que gente falando língua diferente acaba com qualquer tentativa de fazer uma trama com diálogos evoluir. Mas há dois problemas. Um é fazer um personagem entender o que o outro fala e outro problema é o leitor entender. As histórias de super-heróis produzidas recentemente resolveram o problema do leitor. Basta colocar a fala entre "<" e ">" e a tradução automática está feita. A estranheza fica maior quando uma história de algum super-herói, que é norte-americano e fala inglês originalmente, se passa no Brasil e algum personagem secundário deveria falar em português. Para o leitor norte-americano, o brasileiro acaba falando em inglês, mas com o texto entre "<" e ">", para saber que a tradução automática já foi feita. Mas quando essa história é publicada no Brasil, todos os heróis estão com as falas traduzidas para o português, aí o editor tem que colocar uma nota lembrando o leitor que os heróis são norte-americanos e que o português é uma língua estrangeira para eles.

Um caso curioso me chamou a atenção quando li recentemente uma história belga publicada nos EUA.

A editora norte-americana Papercutz, que já publica a série belga *Os Smurfs*, de Peyo, resolveu publicar em 2013 outro personagem do autor, originalmente chamado *Beoit Brisefer*. Na tradução norte-americana, *Benny Breakiron* já teve dois volumes publicados. Na primeira aventura, **The Red Taxis**, o menino Benny chega a um país estranho e tenta saber onde está. Originalmente, o menino falava em belga, na tradução norte-americana, ele fala em inglês. Quando interpela dois moradores do local, eles respondem em português (?). O menino deduz que deu azar em interpelar justamente dois turistas, até ver uma placa indicando a cidade de Porto e deduzido que está em Portugal. Não deixa de ser uma curiosidade uma série belga situar uma parte (pequena) da trama em Portugal e representar os portugueses em seus trajes típicos e com os balões em português. Acontece que esta aventura foi publicada em álbum em Portugal pela editora União Gráfica no início da década de 1970, com o título **Kim Kebranoz e os Táxis Vermelhos**. Ora, o editor português, ao publicar o álbum, fez a consideração que o personagem era português, morando em Portugal, mais precisamente na Vila Girassol. Como resolver a questão? Embora os personagens secundários estivessem trajando roupas típicas de Portugal, o editor português os considerou espanhóis e traduziu suas falas para o espanhol, além de substituir o nome da cidade de Porto, na placa, pela cidade de Vigo, na Espanha. Uma solução que acabou eliminando uma referência a Portugal numa HQ europeia de prestígio, o que não é muito comum.

Portugal, assim como o Brasil, não é local muito visitado pelos heróis de outros países nas Histórias em Quadrinhos. Tintim veio duas vezes à América Latina, mas nem chegou perto do Brasil, foi logo para alguma república (?) de língua espanhola. Será que é culpa da língua portuguesa? A impressão que se tem ao ver a situação criada por Peyo é que ele colocou seu personagem em Portugal por considerar que alguém falando em português seria totalmente incompreensível. Mas por que o português seria para um belga mais incompreensível do que o espanhol, por exemplo? Eu sei dizer se uma pessoa está falando em espanhol, francês, italiano, alemão ou inglês mesmo que não entenda o que dizem. Será que outros europeus, como o menino belga Benny, não conseguem nem identificar se um sujeito está falando em português?

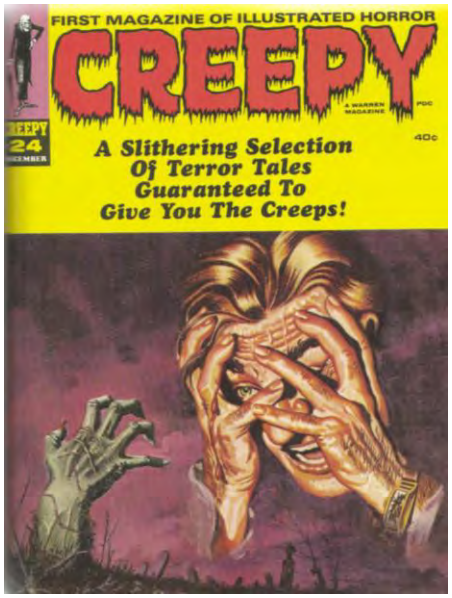
QI 126 (mar/abr/2014)

GUTEMBERG MONTEIRO NA WARREN

A editora norte-americana Dark Horse tem lançado duas coleções de livros, **Creepy Archives** e **Eerie Archives**, compilando as revistas **Creepy** e **Eerie** publicadas pela editora Warren a partir de meados de 1960. **Creepy** foi lançada no final de 1964 ou início de 1965 e **Eerie**, em setembro de 1965. A fase inicial dessas revistas foi de ótima qualidade com HQs desenhadas por gente como Joe Orlando, Al Williamson, Roy Krenkel, Reed Crandall, Frank Frazetta, Gray Morrow, Angelo Torres, Al McWilliams, Alex Toth, John Severin, George Evans, Johnny Craig, Gene Colan, Wallace Wood, Steve Ditko, com boa parte dos roteiros a cargo de Archie Goodwin. Essa fase durou até por volta do nº 17 de **Creepy**, de outubro de 1967, quando Goodwin, que também era o editor, deixou o cargo. Os grandes desenhistas, que já estavam sumindo das páginas das revistas, foram em pouco tempo quase totalmente substituídos por novos nomes, fazendo a qualidade das revistas despencar. Mesmo nomes conhecidos como Tom Sutton, Pat Boyette, Ernie Colon ou Dan Adkins, alguns em início de carreira, não foram suficientes para segurar o nível das revistas. Somente vários anos depois, com a chegada dos artistas espanhóis e novos autores norte-americanos é que as revistas recuperaram sua excelência. No meu entender, até superaram, na questão dos roteiros. Uma boa parte dessa nova fase foi publicada pela RGE nas revistas **Kripta**, **Shock**, almanaques e especiais.

Consta que a editora Warren pagava muito pouco para seus colaboradores em comparação com as outras editoras. Assim, esse início das revistas reunindo grandes nomes dos quadrinhos só se deu pelo fato de ser um espaço com liberdade para criar e graças à capacidade de Goodwin de convencer os astros, muitos deles seus amigos, a produzirem mesmo com baixa remuneração. À medida que cada um deles foi conseguindo melhor ocupação, deixaram de colaborar com a Warren. Durante algum tempo as revistas se mantiveram republicando à exaustão as histórias antigas, enquanto novos colaboradores, muitos iniciantes, eram arregimentados.

Olhando o volume 3 de **Eerie Archives**, no correspondente à revista **Eerie** nº 15, lançada originalmente em junho de 1968, encontro uma HQ intitulada *The Doll Collector*, com texto de Dave Kahler e desenhos de Gutemberg Mondiero (?). Logo imaginei se não seria o nome de Gutemberg Monteiro escrito errado. Não deu para identificar pelo traço. Mas logo em seguida, olhando o volume 5 de **Creepy Archives**, encontro, no correspondente à revista **Creepy** nº 21, publicada originalmente em julho de 1968, a capa creditada a Gutemberg Monteiro e mais uma HQ, *Timepiece to Terror*, escrita por William Parente e creditada novamente a Gutemberg Mondiero. Mas aí não houve mais dúvida de que era mesmo Gutemberg Monteiro. O nº 24 de **Creepy**, de dezembro de 1968, ainda trouxe mais uma capa de sua autoria. Gutemberg Monteiro foi para os Estados Unidos por volta de 1966 e durante muito tempo aceitou as baixas remunerações dos trabalhos que lhe ofereciam. Embora não fosse iniciante, fez duas HQs e duas capas para a Warren e depois certamente conseguiu coisa melhor para fazer. Em 1968, Gutemberg tinha mais de 50 anos e era um artista de primeira qualidade. No Brasil, havia começado a carreira no **Suplemento Juvenil** por volta de 1938, mas transferiu-se para o **Globo Juvenil** em 1942. No Globo e depois na Rio Gráfica trabalhou até 1966, fazendo principalmente capas para as várias revistas da editora. Fez também HQs, tanto para a RGE como para a Ebal e outras editoras. Seus trabalhos tinham certamente toda a qualidade para ombrear os melhores colaboradores da Warren. As capas que fez para **Creepy** são de boa qualidade, mas têm mais o estilo das capas publicadas nas revistas de terror brasileiras da década de 1950 do que o tipo de capa que a Warren costumava publicar, mais no gênero „espada e feitiçaria" de Frank Frazetta. Já suas duas HQs foram muito mal feitas, um traço quase caricatural, muito inferiores ao que ele já tinha feito no Brasil.



QI 126 (mar/abr/2014)

REVISTAS CHILENAS

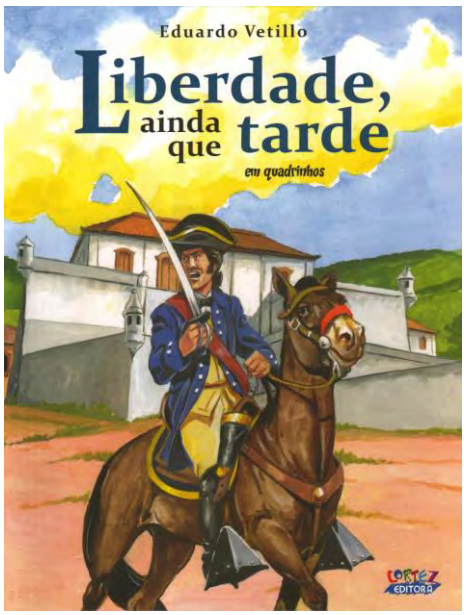
Roberto Mac-Ghan me enviou algumas revistas chilenas. Do Editorial Lord Cochrane, **Flash Gordon** nº 7 traz material de MacRaboy. **El Intocable** nº 12, da Editora Zig-Zag, traz histórias de aventuras de produção sul-americana. **El Peneca** nº 2354 traz histórias variadas de aventura e humor, algumas completas, outras em continuação. Material de origem variada, incluindo Roy Rogers. O destaque vai para a cópia do nº 1 da revista uruguaia **Bandera Negra**, de outubro de 1959. Entre várias séries, incluindo Flash Gordon, traz as tiras de *Patricio York*, produção de José Rivera ambientada nos pampas, com bons desenhos e história criativa, contando as aventuras de um gringo chegando às terras platinas e se adaptando ao modo de vida da região.

QI 126 (mar/abr/2014)

EDUARDO VETILLO

Neste último **Dia do Quadrinho Nacional**, com a 30ª edição do **Prêmio Angelo Agostini**, ocorrido no dia 1º de fevereiro de 2014, tive a satisfação de reencontrar Eduardo Vetillo, que havia conhecido pessoalmente no **Agostini** do ano passado. Acompanhado de seu irmão Walter, Eduardo Vetillo lançava suas publicações de quadrinhos mais recentes.

Vetillo produziu quadrinhos ativamente a partir do final da década de 1970, fazendo trabalhos de estúdio com **Os Trapalhões** para a Editora Bloch. Ainda na Bloch, produziu boa parte das revistas de **Spectreman** e também histórias de terror. Talvez o trabalho mais conhecido de Vetillo seja na revista **Chet**, da editora Vecchi. Um trabalho de fôlego, o de produzir edições de dezenas de páginas num ritmo mensal. Com a praticamente extinção do mercado de revistas de quadrinhos de banca, Eduardo Vetillo sumiu dos olhos dos colecionadores de gibis. Mais recentemente reapareceu, agora no segmento dos álbuns de quadrinhos para livrarias, com uma produção invejável. Aproveitando a disposição das editoras em investir em material paradidático, principalmente as adaptações literárias, Eduardo Vetillo, muitas vezes em parceria com seu irmão Walter nos roteiros, já lançou quase uma dezena de álbuns de quadrinhos. A maior parte de seu trabalho tem sido publicada pela Cortez Editora. Em 2009, saíram **A Ilha do Tesouro**, **O Guarani** e **Palmares**. Em 2011, saiu **A Ilíada** e, em 2012, **Sete Povos das Missões**. Seus álbuns mais recentes, lançados no **Angelo Agostini**, foram **A Retirada da Laguna**, adaptado da obra de Visconde de Taunay, **Liberdade Ainda Que Tarde**, sobre a Inconfidência Mineira, ambos de 2013 pela Cortez Editora, e **As Aventuras de Mark Twain e Tom Sawyer**, este de 2012 pela Editora Saraiva. Aproveitei para adquirir os 3 volumes, que não tinha, e ganhei de presente um retrato feito na hora.



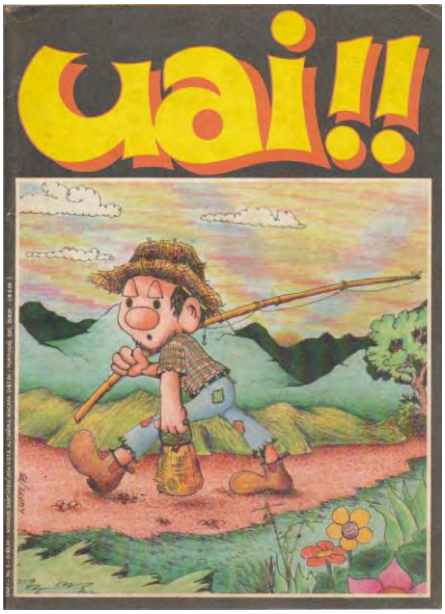
QI 126 (mar/abr/2014)

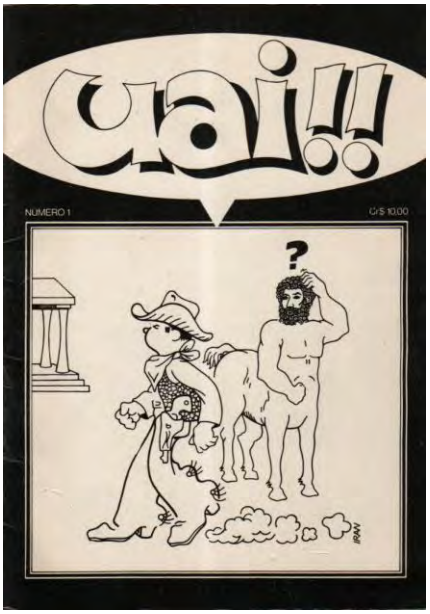
QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

UAI!!

Consegui recentemente, por acaso, uma edição mineira de Histórias em Quadrinhos com o sintomático título **UAI!!**. O nº 0 saiu por volta de 1975, no formato meio ofício, 36 páginas, com capa colorida e tiragem, segundo o expediente, de 10 mil exemplares. A revista foi produzida por um seleto grupo de autores, constando no expediente como Diretores Responsáveis os nomes de Eduardo Luppi, Fausto Hugo Prats, Iran Machado de Oliveira, José Ronaldo Lima, Mário Reis do Vale e Nilson Azevedo. Outros colaboradores participaram da revista.

A capa trouxe uma ilustração de Luppi representando o típico mineiro rural e o mesmo tipo é representado na ilustração da página 2, assinada por Ricardo. Esta imagem do caipira nas duas ilustrações não tem nada a ver com o conteúdo da revista, composto basicamente de quadrinhos urbanos intelectualizados e contestadores, bem no espírito, que havia na época, de resistência ao quadrinho importado e contestação ao regime político.





A revista trouxe basicamente Histórias em Quadrinhos de poucas páginas, com predominância do formato tira, mas também trouxe cartuns e ilustrações. Além dos nomes mencionados no expediente como responsáveis pela revista, participaram da edição Roberto Wagner, Lor, Benjamin, Roberto Moreno, Baía e Gilberto. Alguns autores seguiram a carreira e se tornaram nomes conhecidos dos Quadrinhos brasileiros. Lor é autor de **Retrato Falado**, uma obra-prima da HQB. Benjamin fez sucesso nos salões de humor da época com seu traço detalhista feito com caneta esferográfica. Fausto Hugo Prats participou do concurso realizado pelo **Gibi Semanal**, onde suas tiras foram publicadas. Nilson Azevedo criou pelo menos duas tiras memoráveis, *Negrim do Pastoreio* e *Caravela*. E os nomes menos conhecidos produziram trabalhos interessantes, tanto no traço como no tema. Além dos nomes mencionados, a revista trouxe mais dois colaboradores cujos nomes não puderam ser identificados pelas assinaturas. Um deles produziu uma HQ desconcertante, *Cora*, onde várias meninas se oferecem sexualmente para Bernado, um molestador meio indeciso, que encontra seu fim nas garras dos cidadãos de bem. Na página 4, numa seção chamada *Nostalgia*, uma amostra do trabalho de Ziraldo publicado na revista **Era Uma Vez...** em 1953. Na 4ª capa, um artigo de José Ronaldo Lima sobre Fanzines no mundo.

A revista **UAI!!** teve um segundo número, o nº 1, nos mesmos moldes, porém com capa em preto e branco. O texto na página 2 diz que o nº 0, que teve tiragem de 1000 exemplares e não os 10 mil informados no expediente, teve ampla divulgação da imprensa e, apesar de colocado à venda em apenas 5 bancas e 3 livrarias, vendeu tudo. O nº 1, segundo o expediente, foi feito com 3000 exemplares. Talvez não tenha tido a mesma sorte, pois não tenho notícia do nº 2.

O segundo número trouxe praticamente a mesma equipe do primeiro, com destaque para Nilson, com vários trabalhos, as tiras *Magrelo*, *Pery a Perigo* e HQ de *Negrim do Pastoreio*. Os demais colaboradores foram Roberto Moreno, Luppi, Fausto Hugo Prats, Iran, Mário Vale, Lor, Roberto Wagner, mais a estreia de Artur e Melado. Na 3ª capa, na seção *Nostalgia*, uma amostra da HQ *Zabelinha*, de Heitor Cardoso, publicada na revista **O Guri** na década de 1950. E a 4ª capa trouxe novo artigo de José Ronaldo Lima sobre Fanzines no mundo.

A revista **UAI!!** é um bom exemplo de uma iniciativa de um grupo de idealistas que, sem acesso às publicações profissionais, tenta publicar por conta própria, e, mesmo com condições favoráveis, como atestado pela venda de toda a tiragem do número de estreia, não consegue manter a publicação. E o motivo não é a falta de qualidade dos trabalhos publicados.

QI 127 (mai/jun/2014)

VALDECY FERREIRA

Luciano Freiberger enviou a imagem ao lado perguntando quem era o autor e onde encontrar outros trabalhos dele. A imagem mostrada é a contra-capa da edição **Ficção e Terror**, lançada com o selo *Quadrimania*. Trata-se de um encalhe com várias revistas da Editora Press. O exemplar que tenho traz as seguintes edições da Press, todas sem as capas: **As 7 Vampiras**, **Contato Imediato**, **Radar**, **Gritos de Terror** nº 2 e **Especial de Terror – Bené Nascimento**. Não sei dizer se todos os exemplares do encalhe trouxeram as mesmas revistas. O nome *Quadrimania* é uma marca criada por Franco de Rosa como um título para seus textos publicados desde a época de jornais escolares (então grafado *Quadromania*), passando por jornais profissionais, colunas de revistas, etc., até ser usado como nome do fanzine lançado por Franco no final da década de 1970. Daí se deduz que a produção desse encalhe foi obra do Franco. O desenho da contra-capa, de autoria de Valdecy Ferreira, foi publicado originalmente como portfólio na revista **Vampiro** nº 2 da editora Maciota. E a capa desse **Ficção e Terror** foi tirada de ilustração de Torresan para a capa de **Medo Especial**, da editora Press.

O autor Valdecy Ferreira teve participação ativa nos quadrinhos de terror de final da década de 1970 e início de 1980. Como não estava entre os nomes mais conhecidos e reconhecidos pelos leitores, não teve sua biografia registrada nas várias revistas em que colaborou. O livro de Goida, **Enciclopédia dos Quadrinhos**, não traz verbete sobre ele. O site **Guia dos Quadrinhos** também não tem sua biografia, mas indica 4 revistas da Grafipar em que ele colaborou: **Sertão & Pampas** nº 4, **Neuros** nº 6, **Quadrinhos Eróticos** nºs 6 e 10. Não conferi minha coleção da Grafipar para ver se havia outros trabalhos dele.

Conferi toda minha coleção de revistas de terror da Editora Vecchi e achei trabalhos de Valdecy Ferreira em: **Pesadelo** nº 9, de novembro de 1981, HQ *Antes Tarde do que Nunca*, de 15 páginas, texto de Montenegro; **Almanaque de Terror** nº 1, de março de 1981, HQ *A Noite de Luciano Dias*, de 5 páginas, texto de Júlio E. Braz; **Spektro** nº 27, de junho de 1982, HQ *A Revolta dos Ratos*, de 12 páginas, texto de J. Laborini; **Almanaque de Terror** nº 2, de maio de 1982, HQ *A Vingança do Morto*, de 8 páginas, texto de Ivan Jaf; **Almanaque Sobrenatural** nº 6, de agosto de 1982, HQ *A Prometida*, de 15 páginas; **Sobrenatural** nº 28, de julho de 1981, HQ *Aborto Sinistro*, de 14 páginas, texto de B. de Almeida. Também conferi toda minha coleção de revistas de terror das editoras Maciota e Press e achei os seguintes trabalhos de Valdecy Ferreira: **Almanaque Terror 86**, HQ *O Escolhido de Satã*, de 12 páginas; **Mundo do Terror** nº 5, HQ *Vingança*, de 11 páginas; **Mundo do Terror** nº 11, HQ *A Ronda*, de 7 páginas; **Medo** nº 2, HQ *O Vingador*, de 10 páginas, texto de Jorge Fischer; **Medo Extra**, HQ *Amigos... São Pra Essas Coisas*, de 16 páginas, arte de Valdecy e Rogério de Jesus, texto de Jorge Fischer. As revistas da Maciota e Press não traziam data, mas foram lançadas por volta de 1986.

Não conferi as revistas de terror das editoras D-Arte e Bloch, não sei dizer se trouxeram alguma colaboração de Valdecy Ferreira. As revistas de terror da Ediouro, lançadas entre 1994 e 1995, não trouxeram.

Fiz ainda uma busca no Google, mas não achei nenhuma biografia sobre o autor, apenas a informação ligeira de que Valdecy Ferreira da Silva participou do Edital ProAC 19/2013 – Concurso de Apoio à Criação e Publicação de Histórias em Quadrinhos no Estado de São Paulo, iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo. A relação dos 216 inscritos foi divulgada em 19 de setembro de 2013. O trabalho de Valdecy, *Despertar do Pesadelo*, não esteve entre os 15 vencedores.

QI 127 (mai/jun/2014)

No volume **Quadrinhos Brasileiros de Ficção Científica e Fantasia**, primeiro da série *Pequena Biblioteca de Histórias em Quadrinhos*, que lancei juntamente com o **QI** 125, no texto de apresentação da HQ *Epílogo*, listei os trabalhos do autor Ricardo Leite, que consegui identificar entre as revistas de minha coleção. Achei mais três, em revistas da Editora Vecchi: **Histórias do Além** nº 16, de novembro de 1980, HQ *Acertando os Ponteiros*, de 13 páginas, texto de Peregrino Valente; **Sobrenatural** nº 22, de janeiro de 1981, HQ *O Herdeiro do Mal*, de 10 páginas; **Sobrenatural** nº 23, de janeiro de 1981, HQ *Sangrento Despertar*, de 7 páginas.

No mesmo volume, no texto de apresentação da HQ *Asa Branca*, listei as edições em que esta história foi republicada. Descobri que também foi republicada em **Mundo do Terror** nº 6, da editora Maciota, em formatinho, também sem os textos adicionais, e com melhor qualidade de impressão do que a revista da Grafipar.

No volume **Quadrinhos Europeus no Brasil**, primeiro da série *Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos*, lançado juntamente com o **QI** 126, disse que só conhecia 7 volumes da coleção *Asterix* da editora Record na versão capa dura. Sempre procurei estas edições e nunca encontrei outros títulos além dos 7 mencionados. Agora achei mais 4: **Asterix O Gaulês**, **O Combate dos Chefes**, **Asterix Gladiador**, **Asterix e os Godos**. Talvez isso seja uma indicação de que todos os volumes da coleção, na época, tiveram versão capa dura.

No mesmo volume, no último parágrafo, comentei que não havia achado HQs produzidas em Portugal publicadas no Brasil. Antonio Armando Amaro me enviou uma lista de HQs produzidas por Eduardo Teixeira Coelho, publicadas em: **Aventuras Heróicas** nº 1, de abril de 1954, HQ *A Torre de D. Ramires*; **Aventuras Heróicas** nº 7, HQ *O Defunto*; **Aventuras Heróicas** nº 8, HQ *O Suave Milagre*; **Aventuras Heróicas** nº 9, HQ *O Tesouro*; **Aventuras Heróicas** nº 10, de abril de 1955, HQ *A Aia*; **Aventuras Heróicas** nº 24, HQ *Os Náufragos do Barco Sem Nome*. A editora de **Aventuras Heróicas**, a La Selva, também publicou histórias infantis de E.T. Coelho em sua revista **Contos de Fadas**. Antonio Amaro informa que a revista católica **O Jornalzinho** publicou em capítulos a longa história *O Caminho do Oriente*, de E. T. Coelho, e na década de 1950, foi lançada o nº 1 da revista **Falcão Negro**, com histórias de faroeste do personagem homônimo, também de E. T. Coelho. Para completar, a HQ *O Defunto* foi republicada na revista **Spektro** nº 13, da editora Vecchi, em dezembro de 1979.

QI 127 (mai/jun/2014)

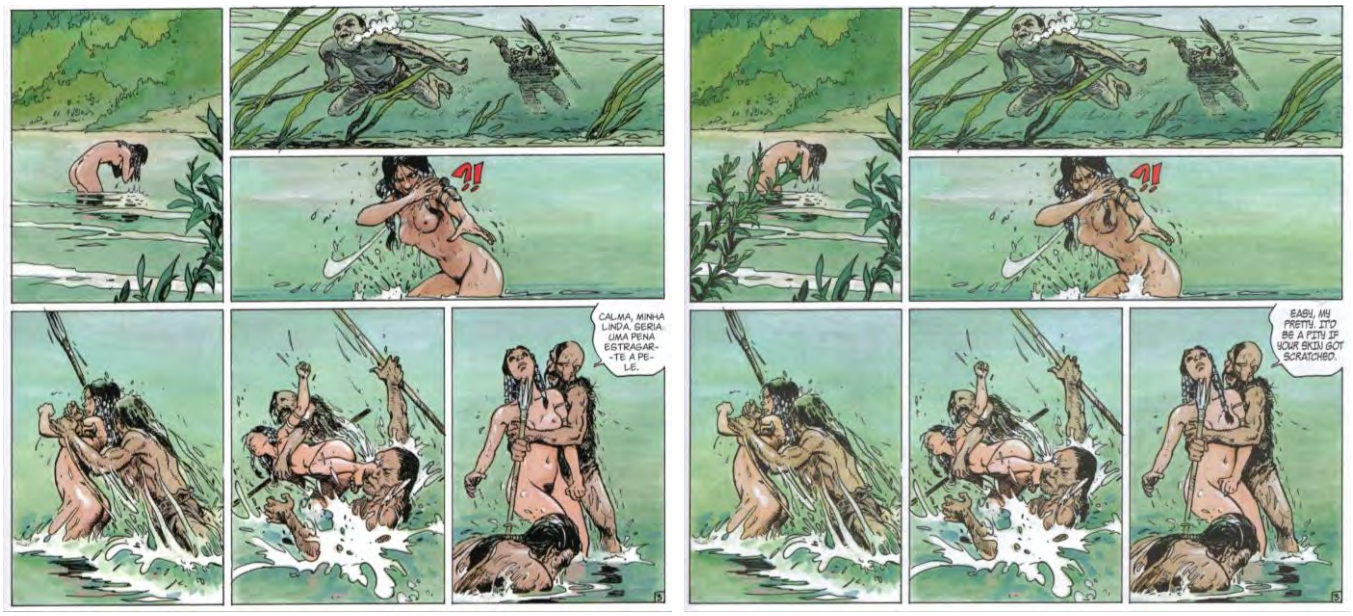
desvendando alma em matéria pouca

Escrevi um texto nesta seção comparando o comportamento pudico do norte-americano em relação ao inglês, pelo menos no que se mostra nas Histórias em Quadrinhos. É bem conhecida a relativa liberalidade inglesa na produção das tiras diárias para jornais, um veículo supostamente destinado a público de todas as idades. É muito comum as tiras inglesas trazerem cenas de nudez feminina. Houve até um gênero de tiras, capitaneado pela série *Jane* (aqui chamada *Jane Pouca Roupa*) em que o foco era justamente o strip-tease involuntário da personagem título. As tiras diárias norte-americanas, por outro lado, sempre passaram ao largo desse assunto. No máximo, algumas sugestões muito sutis. Russ Manning, ao assumir as tiras de *Tarzan*, protagonizou um episódio no mínimo curioso. Ao cair numa terra estranha, Tarzan avista uma moça sendo atacada por pássaros carnívoros gigantes. Parte para salvá-la, mata um dos pássaros, mas fica desarmado diante do outro. A moça, encoberta da cintura para baixo pela vegetação, tira a tanga e a entrega para Tarzan, para que ele a use para tampar os olhos do pássaro, deixando-o indefeso. Tarzan é bem sucedido, mas logo em seguida é atacado por um bando de selvagens, de uma raça humanoide que ainda conserva a cauda. Dominado, Tarzan não pode impedir que um dos selvagens tire a moça da moita onde escondia sua nudez. E aí, Manning, na tira de 2 de abril de 1968, mostra a seminudez da moça, vista por trás. Certamente, para os outros personagens, a nudez está sendo vista de frente. Embora sejam selvagens, supõe-se que tenham pudor em mostrar as partes íntimas, já que usam tangas e a moça fez questão de se esconder durante todo o tempo em que Tarzan combateu os pássaros e os selvagens. Portanto, mostrar-se nua para os machos presentes foi uma situação constrangedora. Imagino que, da parte de Manning, intencional. Manning criou a situação dessa forma para obter respostas emocionais relevantes dos leitores. Além da própria nudez, o outro ponto de tensão foi a revelação de que a moça também tinha cauda, o que deu a Tarzan a certeza de que estava na terra perdida de Pal-Ul-Don. Talvez Manning tenha imaginado que a presença da cauda disfarçasse suficientemente o desenho das nádegas e que tal cena não tivesse problema em ser publicada nos jornais norte-americanos. Aparentemente o syndicate não pensou da mesma forma, pois na tira distribuída o desenho da moça recebeu uma aplicação de retícula no local descoberto pela tanga. Provavelmente feita pelo próprio Manning a pedido do syndicate. No entanto, uma solução estranha. Quem está acompanhando a tira deduz que a moça está nua, e quando ela sai da vegetação, insinua-se com a retícula que ela estivesse.... de calcinha? Quem leu **Mad** lembra perfeitamente da famosa capa em que Alfred E. Newman aparece nu tomando banho com outras pessoas, estas bronzeadas em todo corpo, menos na parte protegida pelo calção, e Alfred bronzeado apenas na bunda. Na sequência da história de Tarzan, a moça é levada para a aldeia dos selvagens, sempre supostamente nua, mas nunca mostrando a nudez. Quando chega na aldeia, no entanto, nos mostra o que deveria ser um tímido nu frontal, mas que a aplicação de retícula pretendeu que não fosse.

Recentemente comecei a fazer uma coleção publicada na Inglaterra, pela editora Cinebook, com a série franco-belga **Thorgal**. Esta série, criação de Van Hamme e Rosinski para a editora Lombard, teve seus 4 primeiros álbuns publicados no Brasil pela editoraVHD na década de 1980. A editora abandonou sua linha de álbuns e nenhuma outra editora se aventurou a dar continuidade à série. Em Portugal, no entanto, a série teve um pouco mais de sorte. Em 1983, a editora Bertrand lançou apenas o 1º álbum. Em 1988, a editora Futura lançou os dois álbuns seguintes e aí veio um longo intervalo até que a editora Asa publicasse, a partir de 2002, 4 álbuns da série, começando, no entanto, no 7º álbum, indo até o 10º. As revistas portuguesas **Tintin** e **Mundo de Aventuras** publicaram, em capítulos, no início da década de 1980, as quatro primeiras aventuras. Em 2008, o jornal **Público**, em parceria com a editora Asa, publicou um volume duplo de Thorgal com as aventuras nºs 7 e 14. Ou seja, até aí, cinco aventuras foram puladas, as de nºs 5, 6, 11, 12 e 13. Em 2012, a mesma associação **Público**/Asa iniciou uma coleção de 16 álbuns de **Thorgal**, começando na 14ª aventura e indo até a 29ª. Cansado dessa irregularidade e insatisfeito com a omissão de cinco álbuns da série, decidi fazer a coleção inglesa tão logo soube de sua existência.

Esta coleção inglesa, até o momento, tem 14 volumes, alguns duplos, publicando as aventuras de nºs 3 a 22. Ou seja, por algum motivo, simplesmente pulou as duas primeiras aventuras. Mas, pelo menos, pude ler as 5 aventuras omitidas em Portugal. Ainda não é o mundo ideal, pois ainda existem pelo menos 4 álbuns publicados originalmente.

Este preâmbulo foi só para situar a publicação de **Thorgal** em língua portuguesa e começar o assunto que realmente interessa. O volume 5 da coleção inglesa, composta pelas aventuras de nºs 10 e 11, trouxe no expediente uma advertência que me deixou curioso: "Com o consentimento dos autores, e para não melindrar nossos leitores mais sensíveis, algumas ilustrações desta edição de *Thorgal* foram modificadas". Não achei diferença na 10ª aventura, mas como não tinha em português a 11ª aventura, não pude comparar para ver o que poderia melindrar os leitores ingleses. Achei que pudesse ser algumas cenas mais violentas, afinal uma das cenas trazia um massacre nas escadarias de um templo "sul-americano". O volume 6 manteve a advertência, mas como trouxe as aventuras de nºs 12 e 13, também não pude fazer a comparação. A partir do volume 7, que trouxe a aventura de nº 15, o expediente não trouxe mais a advertência, mas aí eu já podia comparar e o fiz, mesmo que a editora inglesa não avisasse que era preciso. E fui encontrar o motivo das adulterações na edição inglesa no volume 9, correspondente à aventura nº 17. E o motivo era simplesmente uns biquinhos de peito. Algumas cenas em que aparecia o mamilo de alguma personagem, o desenho foi retocado para encobri-lo, na maioria das vezes puxando os cabelos da personagem sobre os seios. Mas o volume que deu mais trabalho aos adulteradores foi o volume 11, correspondente à aventura de nº 19. A seguir, algumas amostras tiradas das edições portuguesa e inglesa.



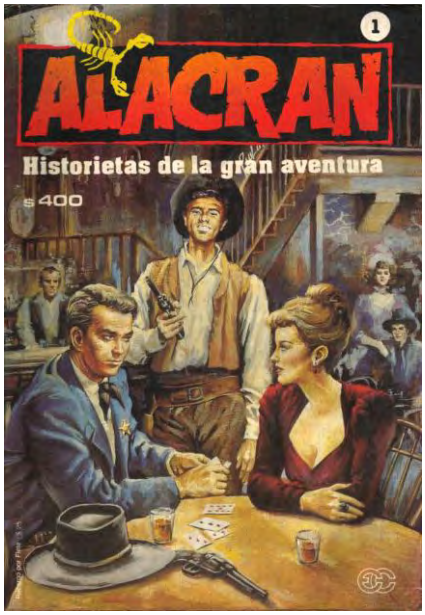
Interessante como a publicação inglesa, supostamente liberal em relação à norte-americana, neste caso se mostrou conservadora em relação à original franco-belga e mesmo à versão portuguesa. Será que a editora inglesa pretendeu atingir um público menos adulto do que o público pretendido originalmente pela Lombard? Também não parece haver muita coerência nas modificações, mamilos e pelos pubianos são os mais "mal-vistos", mas as nádegas às vezes escapam ilesas. A figura abaixo mostra nova comparação entre a edição portuguesa e a inglesa. Ora, os ingleses não fizeram "vista grossa" nem para uma longínqua pererequinha, coisa que Russ Manning quase conseguiu fazer passar na imprensa carola norte-americana.

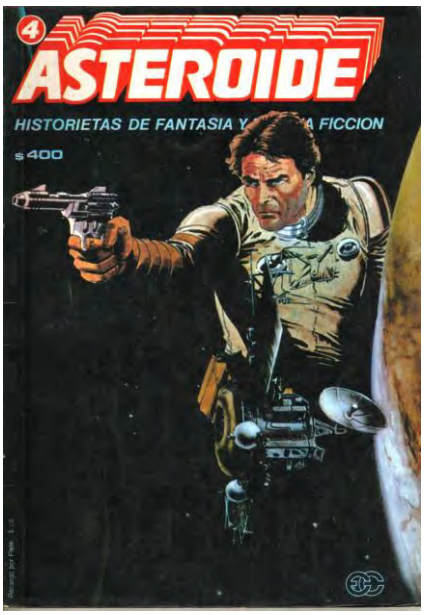
QI 127 (mai/jun/2014)

QUADRINHOS NO MUNDO

Gerd Bonau enviou, além de seu fanzine **Omi**, três edições da *Gratis Comic Tag 2014*. Já comentei aqui essa iniciativa das editoras alemãs de produzirem revistas gratuitas contendo material de seus catálogos. Dessa vez, o evento, ocorrido em 10 de maio de 2014, reuniu 13 editoras lançando nada menos que 30 edições grátis, desde Disney, Simpsons, muito mangá, clássicos e modernos europeus, etc. Das 3 edições que recebi, destaco a da editora Cross Cult, que traz um preview da série *Gung Ho*, produção alemã com forte influência dos mangás, e a da Egmont Comic Collection, que trouxe o primeiro álbum completo da série *Bruno Brazil*, numa impressão de altíssima qualidade. Esta aventura foi publicada no Brasil na revista **Tintin** no final da década de 1960, com o nome *O Tubarão que Morreu Duas Vezes*. No Brasil, foi só. A **Tintin** portuguesa, por outro lado, publicou praticamente todas as aventuras dessa série. Sorte deles.

Roberto Mac-Ghan me enviou um belo pacote incluindo materiais diversos: catálogo da Glénat espanhola; catálogo do Saló del Cómic de Barcelona; revista francesa com capítulo de longa história produzida por Attilio Micheluzzi; xerox da revista uruguaia **Noveno Arte**; o **Almanaque 1984** do ano 1981, da espanhola Norma; e as chilenas **Flash Gordon** nº 5 da Lord Cochrane, **Alacran** nº 1 e **Asteroide** nº 4, ambas da Editora Condell. Destaco essas duas últimas, no formato magazine, preto e branco em papel jornal. A primeira, dedicada a "la gran aventura", trouxe autores conhecidos como o espanhol José Ortiz e seu personagem *O Corvo*, e o italiano Tarquinio numa história de faroeste. Destaque ainda para o belo traço de J. Berrios. **Asteroide**, dedicada à ficção científica, trouxe as tiras inglesas de *Jeff Hawke*, de Sidney Jordan, e *Garth*, de Frank Bellamy. Completam a revista histórias dos espanhóis Fernando Fernandez e Luis Bermejo, este quadrinizando **Eu, Robô**, de Asimov.





QI 127 (mai/jun/2014)

EDITORIAL LORD COCHRANE

Na seção *Mistérios do Colecionismo* do **QI** 124, tratei das revistas lançadas no Brasil pelo Editorial Lord Cochrane, baseado nas edições que tenho. **Worney Almeida de Souza** enviou informações mais completas, que repasso a seguir.

Gato Félix: nº 12 (out/1966) a 23 (set/1967)
Carequinha: nº 14 (out/1966) a 23 (jul/1967)
Pingafogo: nº 14 (out/1966) a 23 (jul/1967)
Jim das Selvas: nº 12 (out/1966) a 18 (abr/1967)
Príncipe Valente: nº 8 (dez/1966) a 15 (jul/1967)
Brick Bradford: nº 8 (jan/1967) a 15 (ago/1967)
Patrulheiros da Lei: nº 15 (jan/1967) a 23 (set/1967)
Tim e Tom: nº 8 (jan/1967) a 14 (jul/1967)
X-9: nº 8 (jan/1967) a 15 (ago/1967)

As datas informadas por Worney estão com diferença de um mês em relação ao que coloquei no **QI** 124. Partindo da informação de que houve mudança na moeda brasileira, de Cruzeiro para Cruzeiro Novo, em 13 de fevereiro de 1967, considerei que as revistas só conseguiriam colocar nas capas o preço em NCR$ a partir do mês de março. Na relação de Worney, ele considerou que as revistas de fevereiro já saíram com preço em Cruzeiro Novo.

Worney também informa que as revistas brasileiras seguiram a numeração das similares chilenas. Ou seja, já havia, por exemplo, saído 7 números de **Príncipe Valente** no Chile, quando a editora resolveu lançar também a versão em português. Portanto, do **Príncipe Valente**, saiu uma revista nº 8 em espanhol para distribuição na América espanhola e outra nº 8 em português distribuída no Brasil.

QI 127 (mai/jun/2014)

TEORIA A MENOS

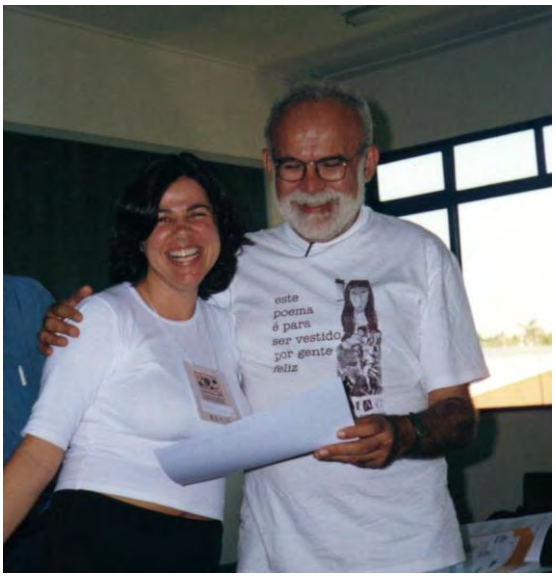
Neste começo de ano, faleceram dois dos pioneiros no Brasil no estudo das Histórias em Quadrinhos, Moacy Cirne e Antonio Luiz Cagnin.

Cirne abriu espaço para a discussão sobre Quadrinhos na **Revista de Cultura Vozes**, onde trabalhou, chegando a haver alguns números da revista totalmente dedicados ao assunto. Publicou, a partir de 1970, vários livros começando pela **A Explosão Criativa dos Quadrinhos** e seguindo com **A Linguagem dos Quadrinhos** (1971), **Para Ler Quadrinhos** (1975), **Uma Introdução Política aos Quadrinhos** (1982), **História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros** (1990), **Quadrinhos, Sedução e Paixão** (2000), **A Escrita dos Quadrinhos** (2005) e foi um dos autores de **Literatura em Quadrinhos no Brasil** (2002).

Cagnin publicou, em 1973, sua dissertação de Mestrado, **Introdução à Análise das Histórias em Quadrinhos** e, em 1975, o livro **Os Quadrinhos**. Foi um dos autores de **O Tico-Tico – Centenário da Primeira Revista de Quadrinhos do Brasil** (2005). Fez uma pesquisa extensa sobre Angelo Agostini, que, infelizmente, não resultou em livro.

Tanto Cirne como Cagnin tiveram intensa vida acadêmica como professores de disciplinas relacionadas a Quadrinhos. O livro recentemente lançado, **Os Pioneiros no Estudo de Quadrinhos no Brasil** (2013), presta tributo a Cirne e Cagnin, entre outros, registrando seus depoimentos.

Tive oportunidade de conhecê-los pessoalmente em eventos de quadrinhos ou congressos de comunicação. Apaixonados pelos Quadrinhos antes de tudo, atenciosos sempre com quem tivesse o mínimo interesse pelo assunto e generosos em dividir o conhecimento obtido tão arduamente em país que não valoriza sua História.



Moacy Cirne em Congresso de Quadrinhos – Antonio Luiz Cagnin recebendo o Troféu HQ Mix

QI 127 (mai/jun/2014)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

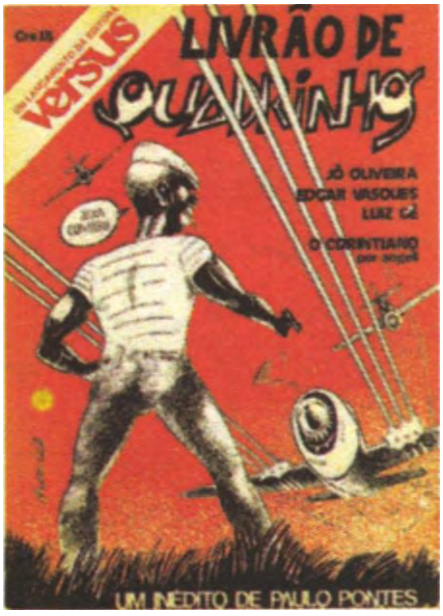
Em meados da década de 1970 apareceu nas bancas de jornais uma publicação de nome **Versus**, um jornal político da chamada imprensa nanica, no formato tabloide. Na época, embora eu já tivesse algum interesse em política, não acompanhei nem esse nem outros jornais da mesma linha. Eventualmente comprava o **Pasquim**, mais pela parte gráfica do que por qualquer outra coisa. Mas quando saiu uma edição especial de **Versus** somente de Quadrinhos, não deixei passar. Como era um jornal de oposição feito por editora de menor porte, tinha tiragem e distribuição um pouco irregulares. Por isso, somente mais tarde fiquei sabendo de um outro número também dedicado somente aos Quadrinhos. Além desses dois especiais no formato tabloide, também consegui na época a edição no formato normal, magazine, com o nome **Livrão de Quadrinhos**. E nunca soube se havia saído alguma outra edição especial de **Versus** em Quadrinhos, ainda mais que um deles trouxe o nº 1 especificado no expediente. Sempre procurei outros números, mas nunca encontrei.

Agora, consegui um livro chamado **Versus – Páginas da Utopia**, publicado em 2007, com uma antologia de material publicado no jornal, mas com um texto inicial falando sobre a publicação, e a dúvida fica sanada. O jornal **Versus** teve seu primeiro número lançado em outubro de 1975, inicialmente bimestral, depois mensal, no formato tabloide, com capa em papel de melhor qualidade e normalmente uma cor a mais. Desde o primeiro número trouxe cartum, charge e até HQ, pois seu fundador, Marcos Faerman, era admirador de Quadrinhos. Junto com a sétima edição, em dezembro de 1976, saiu uma edição extra com o nome **Versus Quadrinhos**, no mesmo formato tabloide, sem numeração. O destaque dessa edição foi uma história de Julio Cortazar, entremeada com Quadrinhos do personagem *Fantomas*, mas não com o traço de seu criador Rubén Lara Romero. Completando as 52 páginas da edição, trabalhos de Edgar Vasques (*Rango*), Enrique Breccia (*A Guerra do Deserto*), Luis Gê (*Gino Anleto Meneghetti*), Chico Caruso (*Por que a Senhora não Muda prá Cotia?*) e Jô Oliveira (*Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*), além de entrevista com Henfil.

Por algum motivo, os editores, em vez de manter o formato e continuar com outras edições extras de Quadrinhos, resolveram lançar uma revista no formato magazine com o nome **Livrão de Quadrinhos**, em março de 1977, juntamente com o oitavo número de **Versus**. Com 84 páginas, o livrão trouxe trabalhos de Luis Gê (*Eu Quero Ser uma Locomotiva*), Jô Oliveira (*Zumbi*), Angeli (*Sai da Frente, Fariseu*), Edgar Vasques (*Eu Sou Artur Arão*), duas quase HQs, uma de Rubem Matuk (em cima do conto *O Rei Peste*, de Edgar Allan Poe), outra de Edgar de Souza (em cima do conto *Os Irmãos Dagobé*, de Guimarães Rosa) e um texto de Paulo Pontes.

O jornal **Versus** continuou publicando HQs em suas páginas, mas outro especial de Quadrinhos só foi aparecer em julho de 1979, entre os números 32 e 33 do jornal, este, o último, publicado em agosto. Embora o jornal já estivesse, provavelmente, com os dias contados, a edição de Quadrinhos trouxe no expediente o nº 1, o que indica uma expectativa de que tivesse continuidade. Com 64 páginas, de volta ao formato tabloide, **Versus Quadrinhos** trouxe trabalhos de Guidacci, Sérgio Macedo, Alberto Breccia, Coentro, Sérgio Toppi, os cubanos Fidel Morales e Yordi, charges de Jota e Luis Gê, a quarta capa com Alfiero Gemmi, e um artigo de Moacy Cirne.

E com isso, encerrou-se a participação da editora Versus na senda das publicações de Quadrinhos.



QI 128 (jul/ago/2014)

desvendando alma em matéria pouca

Pode parecer implicância de minha parte. Talvez seja. Mas implicância vem de implicar e um dos significados do verbo é "dar a entender". Portanto, vamos dar a entender a página dominical de *Calvin and Hobbes* publicada originalmente em 26 de fevereiro de 1989, publicada no Brasil provavelmente em vários jornais e revistas, mas, certamente, nos livros **Para Ler aos Domingos** (Cedibra), **A Vingança da Babá** volume 1 (Best News/1997) e **A Hora da Vingança** (Conrad/2009).

A página, reproduzida abaixo, mostra uma das peraltices de Calvin. Acompanhe a sequência: Calvin vê um livro; tem uma ideia; passa pela mãe absorta em sua atividade; volta já com sua ideia parcialmente implementada, passando novamente pela mãe, que dessa vez lhe dedica um olhar; a mãe continua absorta, até ouvir um barulho, que a obriga a se levantar e ir verificar o que está acontecendo; quando vê pela janela uma escada, ela deduz rapidamente (pelo menos, eu deduzo isso) que Calvin subiu no telhado; corre desesperada para tentar impedir o que o último quadrinho mostra claramente, ou seja, Calvin se joga do telhado. Uma bela sequência, com seus encadeamentos e cortes, até o corte final (que ousei chamar de corte psicodélico em algum artigo por aí) em que Watterson mostra a imaginação de Calvin. Uma página exemplar, como tantas que Watterson produziu durante o tempo de vida da série.

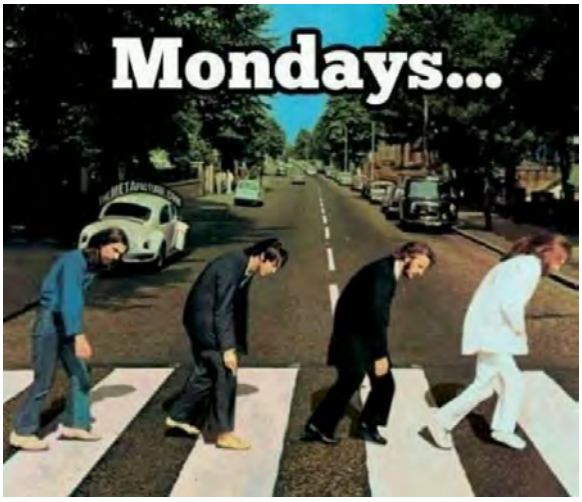
Onde está a implicância, afinal? E por que pretendo que esta implicância seja apropriada para ocupar lugar nesta coluna onde tento "desvendar alma" em "matéria pouca"? Talvez Watterson tenha feito de propósito, intencionalmente, uma crítica sutil que só engrandece seu trabalho. Mas talvez tenha deixado escapar um pouco de sua alma (ou da alma norte-americana). No antepenúltimo quadrinho, a mãe de Calvin vislumbra a tragédia e no penúltimo quadrinho ela sai desesperada para tentar evitar a tragédia... vestindo uma blusa? O que houve entre esses dois quadrinhos? Com a perspectiva de que o filho estivesse arriscando a vida, a mãe (desesperada?) encontra tempo de procurar a blusa para vestir antes de sair?

Talvez seja mesmo só implicância. Atire a primeira pedra quem tem – em qualquer situação – "vestir a blusa antes de sair de casa" como item mais importante em sua escala de prioridades.

QI 128 (jul/ago/2014)

ENQUANTO ISSO, EM ABBEY ROAD...

Esta, à esquerda, talvez seja a imagem mais conhecida dos Beatles. Foi a capa do último disco gravado pelo grupo, intitulado "Abbey Road", justamente o nome da rua que estão atravessando, rua em que ficava o estúdio homônimo onde fizeram as gravações. Esta imagem foi exaustivamente usada e abusada por tantos quantos acharam que podiam fazer alguma coisa com ela. **Roberto Simoni** enviou uma meia dúzia delas, incluindo a substituição dos "besouros" por personagens de Star Wars, DC e Marvel. À direita, uma delas.



QI 128 (jul/ago/2014)

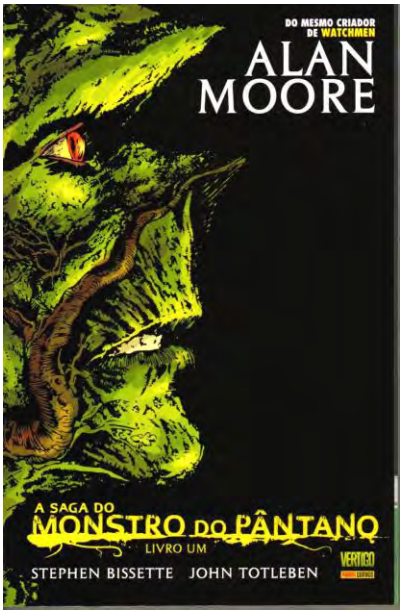
Terreno Pantanoso

O personagem Monstro do Pântano foi criado por Len Wein e Bernie Wrightson em 1971 como uma história fechada para a revista **The House of Secrets** nº 92 (jun/jul/1971). Com o sucesso de vendas da edição, os autores foram incentivados a criar uma série com o personagem. Com algumas modificações, o personagem estreou a revista **Swamp Thing**, cujo nº 1 foi lançado em novembro de 1972. A revista foi ilustrada por Wrightson até o décimo número, sendo substituído por Nestor Redondo. Wein escreveu as histórias até o nº 13, sendo substituído por David Michelinie. Segundo Wein, a revista durou mais "dozen issues" antes de ser cancelada. Para ser mais preciso, foi até o nº 24, de setembro de 1976, com algumas edições escritas por Gerry Conway e a última desenhada por Ernie Chan. No Brasil, a editora Ebal lançou a revista **Monstro do Pântano** em setembro de 1979, durando 13 edições, até setembro de 1980, publicando em ordem cronológica todas as histórias escritas por Len Wein. Uma curiosidade: em duas revistas, a primeira e a terceira, a Ebal não usou as capas originais e sim capas duplas feitas especialmente por Wrightson para republicações das 4 primeiras histórias em **DC Special Series** nºs 2 (setembro de 1977) e 14 (junho de 1978). Outra curiosidade: o nº 13 da Ebal usou a capa da 14ª edição norte-americana. Mais uma: quando Wrightson foi substituído por Nestor Redondo na edição nº 11, eu, jovem leitor na época, gostei; o desenho limpo e bonito de Redondo era muito mais do meu agrado. A Ebal publicou ainda uma edição extra de **Quadrinhos**, em maio de 1982, com duas histórias de Monstro do Pântano, correspondentes aos nºs 21 e 22 da original norte-americana, ambas escritas por Michelinie e desenhadas por Redondo. Não há explicação para a Ebal ter pulado as histórias dos nºs 14 a 20 e dos nºs 23 e 24. A Ebal publicou outras revistas trazendo o personagem Monstro do Pântano, mas são histórias em que ele aparece como coadjuvante em revistas de outros heróis. A editora Abril publicou a primeira história de Monstro do Pântano na revista **Heróis em Ação**, em 1984, mas preferiu não dar sequência a essa fase. Essa primeira série de Monstro do Pântano teve muita republicação nos EUA, mas somente o material de Lein/Wrightson. Além dos dois números mencionados de **DC Special Series**, os nºs 17 e 20, de setembro de 1979 e fevereiro de 1980, republicaram os nºs 5 a 10 da revista original. Em 1986, a minissérie em 5 edições **Roots of Swamp Thing** republicou novamente as 10 primeiras histórias. Em 1991, o encadernado **Swamp Thing: Dark Genesis** compilou as 10 primeiras histórias mais a pré-história de **The House of Secrets**. Em 2005, nova compilação das 10 primeiras histórias com o nome **Secret of Swamp Thing**. Em junho de 2009, **Roots of the Swamp Thing** compilou as 13 primeiras histórias mais a história de **The House of Secrets**. Esta edição foi relançada em janeiro de 2012. Até onde pude perceber, a fase de Michelinie/Redondo, revistas de nºs 14 a 24, nunca foi republicada nos EUA.

Com o licenciamento do Monstro do Pântano para um filme dirigido por Wes Craven (o filme foi feito, mas sequer foi lançado no cinema), a DC achou oportuno lançar uma nova revista com o personagem. **The Saga of the Swamp Thing** saiu em maio de 1982 com roteiros de Martin Pasko e desenhos de Tom Yeates, reiniciando a numeração. Com algumas edições feitas por outros autores, Pasko escreveu até a edição nº 19 e Yeates desenhou até a nº 13. As quatro últimas edições de Pasko já foram desenhadas por Steve Bissette e John Totleben. A partir do nº 20, o roteiro foi assumido por Alan Moore, que, com este trabalho, provocou uma revolução tanto na DC como nos comic books em geral, incentivando a produção de revistas para um público mais adulto. Na DC foi precursora imediata da linha Vertigo. Moore escreveu os roteiros até o nº 64 da revista (setembro de 1987), substituído por Rick Veitch, que permaneceu como escritor e desenhista até o nº 87. Com diversas outras equipes criativas, a revista foi publicada até o nº 171, de outubro de 1996. Uma terceira série foi lançada em maio de 2000, durando 20 números; uma quarta série, em maio de 2004, durando 29 números; e uma quinta série, em novembro de 2011, ainda em publicação. A repercussão da entrada de Alan Moore na revista em janeiro de 1984 não foi imediata no Brasil. Em agosto de 1984, a editora Abril ensaiou a publicação de Monstro do Pântano na revista **Heróis em Ação** nº 2, publicando apenas a primeira história da primeira série. Talvez os editores da Abril quisessem preparar o leitor brasileiro republicando a primeira história, mas o fato é que não fazia muito tempo que a Ebal tinha publicado o personagem em revista própria. A Abril só foi retomar Monstro do Pântano quase dois anos depois, publicando a 2ª história de Moore em **Os Novos Titãs** nº 4 de julho de 1986. As 3 histórias seguintes de Moore saíram nos 3 números seguintes de **Os Novos Titãs**. A primeira história de Moore, publicada no nº 20 de **The Saga of the Swamp Thing**, fechava as pontas soltas deixadas por Martin Pasko, e durante muito tempo foi negligenciada mesmo nas compilações norte-americanas. Essas compilações sempre começavam pela emblemática *Lição de Anatomia*, publicada no nº 21 da revista, onde Moore redefinia o personagem. A editora Abril deu sequência à publicação da fase de Alan Moore, embora de modo atabalhoado, pulando de revista em revista, trocando a ordem das histórias, enfim, fazendo a zona costumeira. Assim, de julho de 1986 até julho de 1991, a Abril publicou toda a fase de Moore, exceto a história do nº 20 da revista original, nas revistas **Os Novos Titãs**, **Superamigos**, **Batman**, **Superpowers**, até a revista própria do personagem, **Monstro do Pântano**, cancelada no nº 19, de julho de 1991, justamente com a última história de Moore. O personagem foi retomado por outras editoras, como Metal Pesado, Tudo em Quadrinhos, Atitude, Brainstore, Pixel, que, além de republicar a fase inicial de Moore, publicou uma boa fase de Rick Veitch, correspondendo às revistas originais de nºs 65 a 80. Editoras brasileiras como Pixel, Devir e Panini também publicaram material de Monstro do Pântano das séries seguintes, mas estas séries não interessam aos propósitos deste texto. A quinta e última série tem sido publicada pela Panini na sequência correta. A Panini também começou duas coleções de encadernados compilando as histórias da primeira e segunda séries de Monstro do Pântano, mas isto será tratado com detalhe mais à frente.

Nos EUA, a fase de Alan Moore conheceu um sem número de compilações e republicações, desde 1987, as primeiras ignorando a primeira história, começando direto com *Lição de Anatomia*. Essas várias coleções de encadernados tiveram variações, às vezes com capa dura, às vezes com capa mole, às vezes colorida, às vezes em preto e branco, e a partir de um certo momento passando a incorporar a primeira história de Moore. A fase de Rick Veitch também recebeu compilações, pelo menos três volumes trazendo a maior parte de sua produção. Pelo que pude perceber, consultando a base de dados da DC Comics, a fase inicial de Martin Pasko e Tom Yeates e as fases posteriores a Rick Veitch nunca foram republicadas.

Recentemente, a DC Comics lançou duas coleções novamente compilando o material das duas primeiras séries. Em 2012 saiu mais uma edição de **Roots of the Swamp Thing**, colorida, com capa mole, trazendo a história de **The House of Secrets** nº 92 e as 13 primeiras histórias de Monstro do Pântano, escritas por Len Wein e desenhadas por Bernie Wrightson e Nestor Redondo (as três últimas). Como este volume não tem numeração e até agora não foi anunciado outro, é de se supor que não haverá um segundo volume trazendo o restante da primeira série (revistas nºs 14 a 24). Entre abril de 2012 e maio de 2014, a DC lançou uma coleção de 6 volumes de **Saga of the Swamp Thing**, colorida, com capa mole, compilando toda a fase de Alan Moore, do nº 20 ao 64 da segunda série da revista, mais o segundo Anual. Também não há nenhum indício de que a primeira fase de Pasko/Yeates e as fases a partir de Veitch receberão compilações. Estas duas coleções têm importância para o leitor brasileiro, pois a Panini, que estava ignorando o Monstro do Pântano em suas coleções de encadernados da linha Vertigo, resolveu lançar suas versões nacionais. No final de 2013, saiu o volume 1 de **Clássicos DC – Monstro do Pântano – Raízes**, com a primeira metade das histórias do encadernado norte-americano. A Panini decidiu lançar o material em dois volumes. Em 2014, saiu o primeiro volume da coleção **A Saga do Monstro do Pântano**, em tudo semelhante à edição norte-americana. Embora traga na capa o escrito "Livro Um", não arriscou colocar na 4ª capa que é o primeiro de seis volumes. A qualidade gráfica das edições brasileiras é um pouco inferior à das norte-americanas, mas a DC Comics têm conseguido resultados muito bons mesmo imprimindo seus encadernados em papel de menor qualidade. Mérito das gráficas deles. É muito pouco provável que a Panini, ao contrário da matriz norte-americana, vá produzir encadernados com as histórias de Michelinie/Redondo, de Pasko/Yeates e de Veitch em diante.



E aqui está a grande questão a ser levantada neste texto, que é: os leitores norte-americanos e os brasileiros estão sendo lesados pelas respectivas editoras ao receberem estas coleções truncadas do personagem, com as omissões de uma grande quantidade de aventuras, como se elas não tivessem nenhuma importância no entendimento da saga do Monstro do Pântano.

As histórias iniciais de Len Wein são interessantes, têm atrativos, a ideia do personagem é forte, embora abuse um pouco dos clichês com as inclusões de Frankenstein e Lobisomem; e os desenhos de Bernie Wrightson, ainda longe de seu auge, são bem instigantes. A fase posterior a cargo de David Michelinie não é inferior na questão dos roteiros, e, como adiantei, para o meu gosto pessoal, os desenhos de Nestor Redondo são mais atraentes. Não há, portanto, razão lógica para que esta segunda metade das histórias da primeira série de Monstro do Pântano seja ignorada nas republicações da DC Comics. A importância principal dessa primeira série é a apresentação dos personagens que participaram da construção da saga do Monstro do Pântano: Abgail Arcane, Anton Arcane e Matt Cable, para citar os principais. A primeira fase da segunda série, escrita por Martin Pasko, tem essa mesma importância, porém o fato de não ter sido republicada é muito mais grave. A trama escrita por Pasko, a criação de novos personagens, a transformação de personagens importantes como Matt Cable, tudo isso foi aproveitado e desenvolvido por Alan Moore, quando assumiu a revista. Ou seja, a todo momento, o roteiro de Moore faz referências aos acontecimentos narrados na primeira fase da revista, às histórias e situações criadas por Pasko. Alan Moore é um dos autores que baseia seus roteiros na história anterior do personagem ou série, fazendo uso intenso de referências aos acontecimentos anteriores, o que é justamente um dos segredos da profundidade de seu trabalho. Ora, para que esta meta seja atingida, o leitor precisa ter esse conhecimento prévio, precisa ter lido todas as histórias anteriores. Tome esse primeiro volume de **A Saga do Monstro do Pântano** publicado pela Panini. Está lá um Matt Cable com poderes paranormais que o leitor não sabe de onde saíram. Não sabe porque apareceram nas histórias de Pasko, que o leitor brasileiro nunca viu. Este é só um exemplo, entre tantos. Assim, os leitores – tanto os brasileiros quanto os norte-americanos – estão sendo fraudados pelas respectivas editoras ao receberem essas republicações parciais das histórias do Monstro do Pântano, onde somente a fase supostamente mais vendável tem sido lançada. Acontece que essas histórias estão pela metade, pois não podem ser compreendidas e apreciadas na sua totalidade pela falta que faz o conjunto anterior de histórias. O irônico é que nos textos de apresentação desses volumes, tem sempre alguém lembrando que essas histórias são o bom exemplo de como as editoras passaram a tratar o leitor com respeito.

QI 128 (jul/ago/2014)

Em janeiro de 2013, produzi um artigo chamado *O Desenho Inferior das Histórias em Quadrinhos*, publicado como encarte do **QI** 119, onde trato do assunto da evolução dos meios de reprodução e sua relação com as HQs. Uma das etapas importantes da evolução da imprensa foi o desenvolvimento da fotografia e sua utilização para a reprodução de figuras com meio tom. A técnica para reprodução de originais com meio tom usando equipamentos gráficos incapazes de reproduzir o cinza envolve a transformação dos tons de cinza em pequenos pontos de tamanhos variados. Assim, áreas mais claras da figura são representados por pontos pequenos e áreas mais escuras por pontos maiores. O segredo dessa transformação está na criação de uma lâmina reticulada que se coloca na frente do original na hora de fotografá-lo, ou seja, na confecção do „fotolito", que será usado para gravar a chapa de impressão. Com essa lâmina reticulada colocada sobre o original, se o fundo é muito escuro, a luz praticamente não reflete e não queima a chapa fotográfica. Se o fundo é muito claro, muita luz é refletida e queima um ponto maior na chapa fotográfica. Tonalidades diferentes do fundo queimam pontos de tamanhos diferentes na chapa. Esta chapa com pontos de tamanhos diferentes queimados está ao contrário do que deveria, por isso é chamada de "negativo". Tem que ser novamente fotografada para gerar o "positivo" que representa corretamente a imagem.

Nos meios mais modernos de impressão e reprodução, envolvendo os computadores e as impressoras (tanto matricial, como jato de tinta ou laser), a discretização da imagem acabou substituindo os pontos redondos dos velhos clichês por "pixels" quadrados dos arquivos eletrônicos. Isso de modo geral, pois a variedade de sistemas e máquinas é muito grande. Muitas vezes, como a resolução é bastante alta, ou seja, o número de pixels ou pontos por unidade de área é muito alto, isso passa despercebido para o usuário. Mas quando se vê duas imagens com resolução mais baixa, uma feita de redondos e outra feita de quadrados, a diferença fica patente.

As imagens mostradas foram retiradas da edição nº 1 de **Nomes**, dedicada a Pasolini, lançada por Marcos Freitas em agosto de 2013. Dentre as várias fotos de Pasolini, escolhi duas e as apresento bem ampliadas. Note que a imagem feita de pontos redondos resiste bem à ampliação, ou seja, mesmo com baixa resolução, como costumam (ou costumavam) ser os clichês para impressão em tipografia, a foto fica bastante nítida. Já a foto feita de pixels quadrados, mesmo com os pixels assumindo várias tonalidades de cinza, não tem boa apresentação. E esta apresentação continua ruim mesmo que a imagem não sofra grande ampliação, como mostrado ao lado. Cabe a observação que as duas imagens aqui reproduzidas foram escaneadas com alta resolução, portanto não são exatamente como seriam originalmente, mas dá para ter uma boa ideia da superioridade dos redondos sobre os quadrados.

PROCURADOS

Estou estudando a possibilidade de escrever um texto sobre o suplemento **Quadrinhos** editado pelo jornal **Folha de S. Paulo** entre 1972 e 1977. Para isso estou coletando o material para consulta. Tenho um bom número dos suplementos e consegui cópias de tantos outros, primeiro graças a **Luigi Rocco** e depois direto no acervo da **Folha**. Ainda me faltam 7 números. Caso algum leitor tenha algum desses números, peço que me envie cópia xerox, cópia escaneada ou fotografada. Quaisquer custos ficam por minha conta. Os números que me faltam são os dos dias:

26/02/1972 – 09/04/1972 – 18/06/1972 – 03/09/1972 – 17/12/1972 – 14/10/1973 – 02/01/1977

Também gostaria de incluir no texto alguma referência a outros trabalhos dos artistas que participaram do suplemento. Alguns continuaram a carreira e há informações sobre seus trabalhos futuros. Mas outros aparentemente sumiram. Os artistas de que busco informações adicionais são:

Tisten & Galves (série *O Mestre Lucas*); **Ademir** (série *Palheta*); **Grillo** (história *Milagres da Sobrevivência*); **Carmo** (séries *Hoé* e *Fidio*); **Nivio** (história *Koi*); **Adilson Borges dos Santos** (série *Polvilho*); **Mauro Marcos** (história *O Descobrimento*); **Lito** (série *Ivan*); **Sérgio Grell** (série *Dona Mocinha*); **Tannus Jr.** (série *Tubino*); **Rogéria** (série *A Turma do Ferro Velho*); **Pertence** (série *Fernão*); **José Carlos Crocco** (série *Biguinho*); **Franklin Horylka**; **Maurício Moura** (série *Telê e Tevê*); **Beto** (série *Pindorama*); **Sérgio Hamasaki** (série *Ênio*); **Jair Correa**; **Scafati**; **Eduardo Antonio**; e **Xó**.

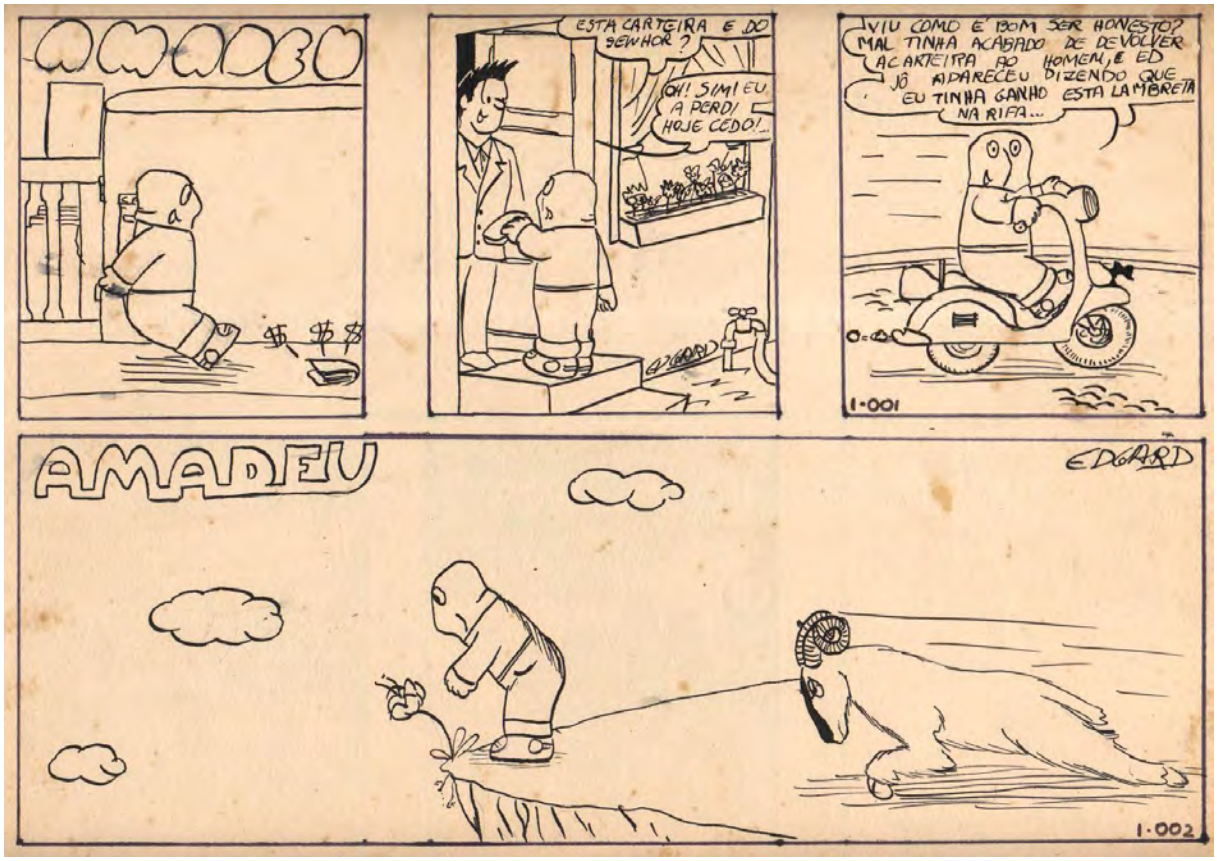
Já procurei em alguns lugares mais óbvios como o site Guia dos Quadrinhos, os livros **Enciclopédia dos Quadrinhos** de Goida e **Mundo dos Quadrinhos** de Ionaldo Cavalcanti. Não há praticamente nada sobre os autores mencionados, apenas o livro do Ionaldo faz referência aos trabalhos de alguns publicados justamente no suplemento **Quadrinhos** da Folha. Fiz uma busca no Google e também não achei nada, mas confesso que não tenho paciência para consultar as "um milhão" de páginas que o Google aponta.

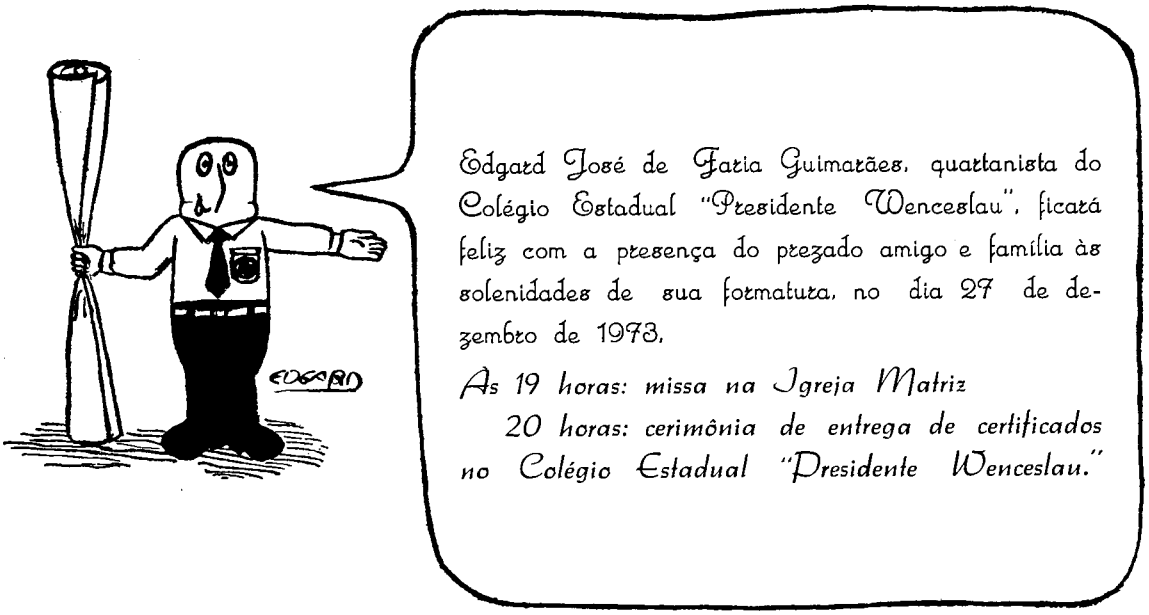
Quem tiver alguma informação e puder me enviar, fica já o meu agradecimento.

QI 128 (jul/ago/2014)

AMADEU

Por volta dos 11, 12 anos, criei um personagem chamado Amadeu, com o qual iniciei a produção de HQs. Cheguei a produzir uma centena de tiras (duas delas mostradas abaixo) antes de me dedicar a outros tipos de quadrinhos. Em 1973, o personagem ainda estava nos meus planos e por ocasião de minha formatura no que então se chamava "ginásio" (depois mudaram tanto os nomes que é possível até que isso tenha provocado melhoria no ensino...), minha mãe aceitou a empreitada de tentar fazer meu convite com a imagem do Amadeu impressa. Outros tempos, com a gráfica usando o processo tipográfico, a inclusão de uma imagem exigia a confecção de um clichê, coisa cara para nossos padrões. Mas o gosto foi feito e o resultado é este apresentado abaixo. A gráfica ficou com o clichê para usar em outros convites. Não sei se usou.

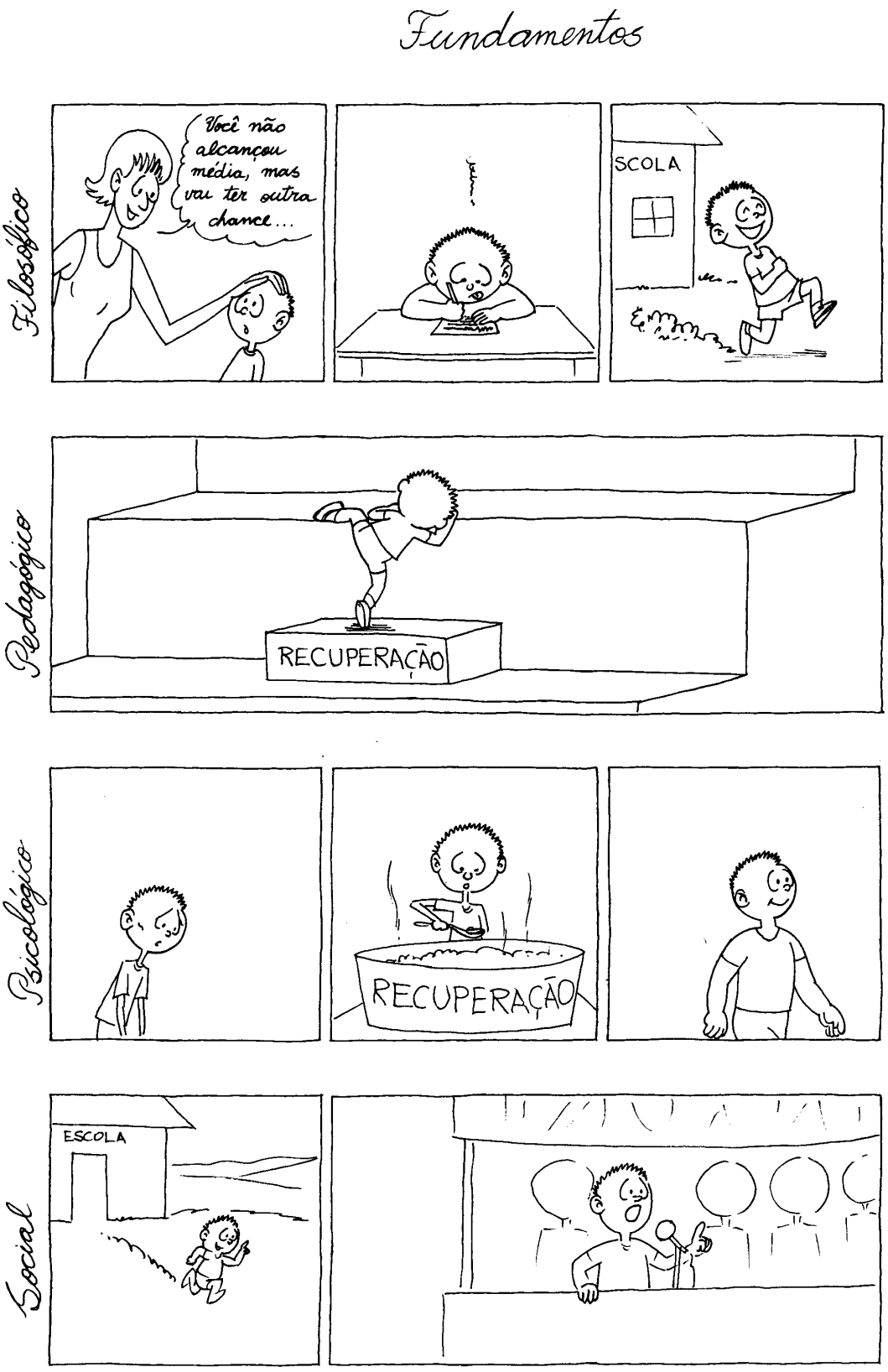




QI 128 (jul/ago/2014)

COISINHA

No **QI** 127 (mai/jun/2014) eu publiquei uma página de quadrinhos que fiz para um trabalho de faculdade, sobre os „Fundamentos da Recuperação Escolar", e agora percebo que já a havia publicado no **QI** 111 (set/out/2011). Falha minha, de memória e de organização, deixei o original entre as coisas que ainda não publiquei no **QI**. Por outro lado, um monte de coisa que eu tinha a impressão de já ter publicado no **QI**, verifiquei que não. Em doses homeopáticas, aparecerão futuramente.



QI 129 (set/out/2014)

HERMANN

No **QI** 128, uma carta de José Pires menciona o autor Hermann e algumas de suas várias obras, além do fato de ter sido pouco publicado no Brasil. Aproveito para dar uma geral na obra deste autor, sua publicação no Brasil e em Portugal.

A primeira série de importância produzida por Hermann, com o roteiro de Greg, foi *Bernard Prince*, que estrelou várias histórias curtas em 1966 nas revistas **Tintin** belga e francesa. Segundo Ionaldo Cavalcanti em **O Mundo dos Quadrinhos**: "Sem problemas financeiros, e muita disposição e saúde, Bernard Prince é um aventureiro nato. A bordo de seu iate Cormoran, ao mesmo tempo que se diverte, ele descobre coisas do arco da velha. Prince termina se ligando à Interpol, de tanto entrar em contato com contrabandistas." Na verdade, nas primeiras aventuras avulsas, Bernard Prince é um agente da Interpol e tem como ajudante, inverossímil que seja, um menino de turbante chamado Djinn. Logo herda um barco de seu tio e abandona a polícia para viver do que o transporte de cargas e pessoas possa lhe auferir. Na primeira aventura um pouco mais longa, *Os Piratas de Lokanga*, encontra o marujo Barney Jordan, completando o trio de aventureiros. Esta aventura, de 1967, junto com *General Satã*, do mesmo ano, formam o primeiro álbum da série, lançado em 1969. Hermann ilustrou as aventuras de Prince até o 13º álbum, de 1978. A série continuou de forma irregular por mais 4 álbuns ilustrados por Dany e Aidans. Em 2010, Hermann retornou à série para produzir uma última aventura dos personagens, com roteiro de Yves H. Toda a fase de Hermann foi publicada em Portugal, ainda que fora da ordem, umas histórias na revista **Tintin**, outras em forma de álbum, pulando de editora em editora, começando pela Ibis, depois Bertrand, Distri, Meribérica/Liber, Asa/Público, até a última aventura pela VitaminaBD. Na ordem correta, as aventuras foram: *Os Piratas de Lokanga* (mais *General Satã*) (1969); *Tormenta Sobre Coronado*; *A Fronteira do Inferno* (1970); *Aventura em Manhattan* (1987); *Oásis em Chamas* (1973); *A Lei do Furacão* (1977); *A Fornalha dos Condenados*; *A Chama Verde do Conquistador* (1988); *O Regresso do Fantasma* (1974); *O Sopro do Moloch* (1989); *A Fortaleza das Brumas* (2009); *Objectivo: Cormoran* (2009); *O Porto dos Loucos* (1988); e *A Ameaça sobre o Rio* (2010). Para dar uma ideia das agruras do leitor português, coloquei entre parênteses a data de publicação das aventuras em álbum em Portugal. Os títulos sem data não foram publicados em álbum. *Bernard Prince* foi uma série de ótima qualidade, com roteiros de aventuras muito bem escritos e com o desenho de Hermann evoluindo rapidamente para o mais alto nível. No Brasil, o nº 3 da revista **Seleções Tintin**, da editora Hemus, publicou uma história curta de Barney Jordan.

Em 1967, Hermann começou a produção de outra série de grande qualidade, com roteiros de Jean-Luc Vernal, *Jugurtha*, baseado em personagem histórico, o líder dos númidas. Hermann produziu apenas os dois primeiros álbuns dessa série, que continuou sob a pena de Franz e Michel Suro. As histórias curtas que compõem os dois primeiros álbuns foram todas publicadas em Portugal nas revistas **Tintin** e **Mundo de Aventuras**. A editora Meribérica/Liber publicou dois álbuns da série, mas já da fase desenhada por Franz. No Brasil, a revista **Eureka Aventura**, da editora Vecchi, publicou em 1977 a primeira aventura curta (7 páginas) de *Jugurtha*.

Em 1969, novamente com roteiro de Greg, Hermann começou nova série, *Comanche*, inicialmente com aventuras curtas, depois compiladas em álbum. Segundo Ionaldo, em **O Mundo dos Quadrinhos**: "...Comanche é uma série de western que tem uma certa influência de Fort Navajo... Nesta série, uma jovem, proprietária do rancho Triple G, é a figura principal." De fato, no argumento, houve a tentativa de fazer um western original, com o personagem principal, Comanche, sendo uma moça tentando tocar um rancho (cujo nome correto é Triplo 6) com a ajuda de uma única pessoa, o velho Ten Gallons. O pistoleiro Red Dust ajunta-se à dupla para ajudá-los contra pressões que só um pistoleiro poderia enfrentar. Outros párias, como um negro, um vaqueiro novato e um índio, completam o time. Série de ótima qualidade, teve os desenhos de Hermann nas dez primeiras aventuras, que continuaram com Michel Rouge até o décimo quinto álbum. As dez aventuras feitas por Hermann foram publicadas em Portugal, novamente de forma atabalhoada, nas revistas **Tintin** e **Mundo de Aventuras** e em álbuns das editoras Bertrand e Distri. A ordem correta dessas aventuras (com as datas de publicação em álbum em Portugal) é: *Red Dust* (1978); *Os Guerreiros do Desespero* (1979); *Os Lobos do Wyoming* (1979); *O Céu Está Vermelho Sobre Laramie* (1981); *O Deserto Sem Luz*; *Fúria Rebelde* (1976); *O Dedo do Diabo* (1982); *Os Xerifes*; *E o Diabo Gritou de Alegria* (~1983); *O Corpo de Algernon Brown* (1984). Apesar da tentativa inicial de uma série de western com temática diferente, após algumas aventuras, Red Dust abandona o rancho e se torna um sujeito errante, ocupando o centro da série, que continuou se chamando *Comanche*. No Brasil, em 1979, a editora Vecchi lançou a série na forma de revista em preto e branco. Saíram apenas dois números com as duas primeiras aventuras. Chegou a anunciar o 3º número com a continuação das aventuras, mas, infelizmente, não saiu.

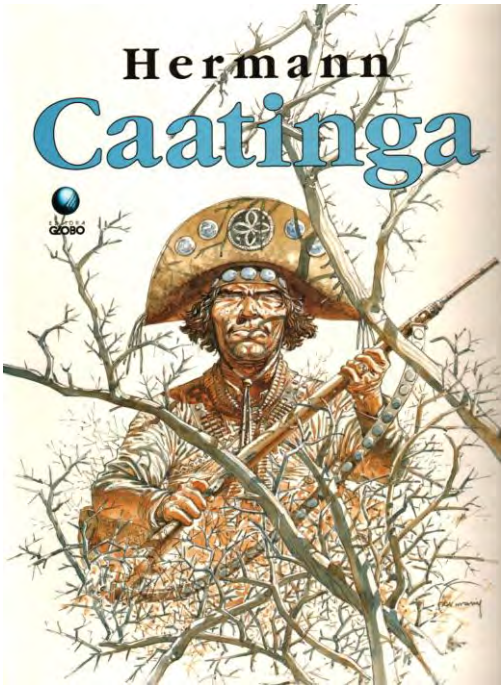
Em 1979, Hermann decide criar uma série totalmente sua, roteiro e desenhos. Assim surge *Jeremiah*, que, mesmo usando o tema já batido de um futuro apocalíptico, consegue resultados muito bons. Até 2013, Hermann havia produzido 32 aventuras. Em Portugal, a partir de 1984, e até 1989, *Jeremiah* começou a ser publicado, em ordem cronológica, tanto em álbum pela Meribérica/Liber, quanto em revista, primeiro pela **Jornal da BD**, e depois pela **Selecções BD**. As 5 primeiras aventuras foram: *A Noite das Aves de Rapina*; *Areia Até aos Dentes*; *Os Herdeiros Selvagens*; *Os Olhos de Fogo*; *Uma Cobaia Para a Eternidade*. Após um hiato de mais de dez anos, a editora VitaminaBD retomou a série, também em ordem cronológica, mas a partir da 22ª aventura. O editor declarou em entrevista que só compensa economicamente lançar um álbum simultaneamente com o lançamento da editora original. E com esse argumento irrefutável, os leitores portugueses (e brasileiros, por tabela) ficaram sem conhecer simplesmente 16 aventuras da série. Os álbuns lançados pela VitaminaBD, entre 2001 e 2010, foram: **O Segredo do Pântano**; **Quem é Blue Fox?**; **O Último Diamante**; **Se um Dia, a Terra**; **Porto das Sombras**; **Ladrão que Rouba Ladrão**; **Mau Agoiro**; **O Gatinho Morreu**. No Brasil, a editora Mythos resolveu, em 2003, fazer uma série de lançamentos de álbuns com personagens e temáticas diferentes. Nessa leva, publicou o 20º álbum de *Jeremiah*: **Mercenários**.

Entre 1981 e 1983, com roteiros de Morphée, Hermann produziu 3 álbuns de *Nic*, um personagem emulando o clássico *Little Nemo in Slumberland*. Alguma coisa desse material foi publicada em revista em Portugal.

Em 1984, Hermann inicia nova série de sua completa autoria, *As Torres de Bois-Maury*, dessa vez situada numa idade média europeia, cada álbum enfocando um protagonista diferente, sempre relacionado à mencionada Torre. Além das ótimas histórias, uma reconstituição de época invejável. Até 2012, Hermann havia produzido 15 aventuras. Em Portugal, entre 1988 e 1990, as três primeiras aventuras foram publicadas em álbum pela Meribérica/Liber e duas delas nas revistas **Jornal da BD** e **Selecções BD**. Foram elas: **Babette**; **Eloisa de Montgri**; **Germain**. Em 2001, a editora VitaminaBD retomou a publicação da série, com o nome *Herança de Bois-Maury*, a partir do 12º álbum, pulando simplesmente 8 aventuras, usando o mesmo argumento incontornável usado em *Jeremiah*. Lançou: **Rodrigo**; **Dulle Griet**; **Vassya**.

Além das várias séries que produziu, Hermann também criou um incontável número de histórias avulsas para revistas ou edições especiais. Produziu também, a partir de 1990, mais de uma dezena de álbuns avulsos, a maior parte deles publicada em Portugal, um pela editora Baleiazul e o restante pela VitaminaBD. Foram eles, na ordem original e com data de publicação em Portugal: **Caatinga** (2002); **Mataram Wild Bill** (1999); **Lua de Guerra** (2000); **Laços de Sangue** (2000); **Verão de 57** (2002); **Zhong Guo** (2004); **À Sombra de Hollywood** (2005); **Vlad, O Empalador** (2006); **Afrika** (2007); **O Diabo dos Sete Mares** (2008), em dois volumes. No Brasil, a editora Globo publicou **Caatinga** em 1998 e a editora Mythos publicou **Wild Bill Está Morto** em 2003.

Interessante notar que vários dos primeiros trabalhos de Hermann, quando ainda tinha um traço inseguro, foram publicados em Portugal. Esses trabalhos, normalmente histórias curtas, muitas delas enfocando personagens históricos como Cavalo Doido, Touro Sentado, Louis Armstrong, certamente produzidos para a revista belga **Tintin**, que tinha gosto por este tipo de material, saíram nas revistas portuguesas **Mundo de Aventuras** e **Tintin**.



QI 129 (set/out/2014)

NOVA COLEÇÃO DE TARZAN

Sérgio Luiz Franque está lançando nova coleção de álbuns dedicada a Tarzan. Trata-se de **TARZAN CLÁSSICOS**, trazendo as adaptações para Histórias em Quadrinhos dos livros de Tarzan escritos por Edgar Rice Burroughs, na ordem em que foram lançados originalmente. A coleção terá 25 números com cerca de 50 páginas cada, no formato 210x270mm com capa colorida. Preço: **R$ 50,00**

Pedidos para: **Sérgio Luiz Franque**
R. César Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540

Outras publicações de **Sérgio Luiz Franque**:

Almanaques Faroeste: **Bill Elliott** 1952 * **Tex Ritter** 1955 * **Roy Rogers** 1951 e 1952 * **Trigger** 1957 * **Tim Holt** 1954 * **Monte Hale** 1956 * **Gene Autry** 1951 * **Rex Allen** 1952 * **Buck Jones** 1950 * **Ken Maynard** 1952 * **Cisco Kid** 1955 * **Rocky Lane** 1953 e 1954 * **Hopalong Cassidy** 1954 * **Ringo Kid** 1957 * **Os Pioneiros** 1961 * **Cheyenne** * **Homem do Rifle** 1972 * **Gunsmoke** * **Paladino do Oeste** 1971 * **Apache Kid** * **Kit Carson** * **Tim Relâmpago** 1960 * **Cavaleiro Solitário** * **Campeões do Oeste** 1956 e 1960 * **Don Chicote** 1955 * **Durango Kid** 1952 * **Johnny Mack Brown** 1953 * **Aí, Mocinho** 1952 * **Campeões do Faroeste**.

Coleção **Cowboys do Cinema** – 11 edições com Roy Rogers, Durango Kid, Rex Allen, Rocky Lane, Johnny Mack Brown, Monte Hale, Hopalong Cassidy, Gene Autry, Tex Ritter, Tim Holt, Bill Elliott.

Coleção **Cowboy Valente** – 11 edições com Ringo Kid, Kid Colt, Cavaleiro Negro, Kit Carson, Bill Dinamite, Don Chicote, Apache Kid, Cavaleiro Solitário, Flecha Ligeira, Tom Earp, Bill Tiro Certo.

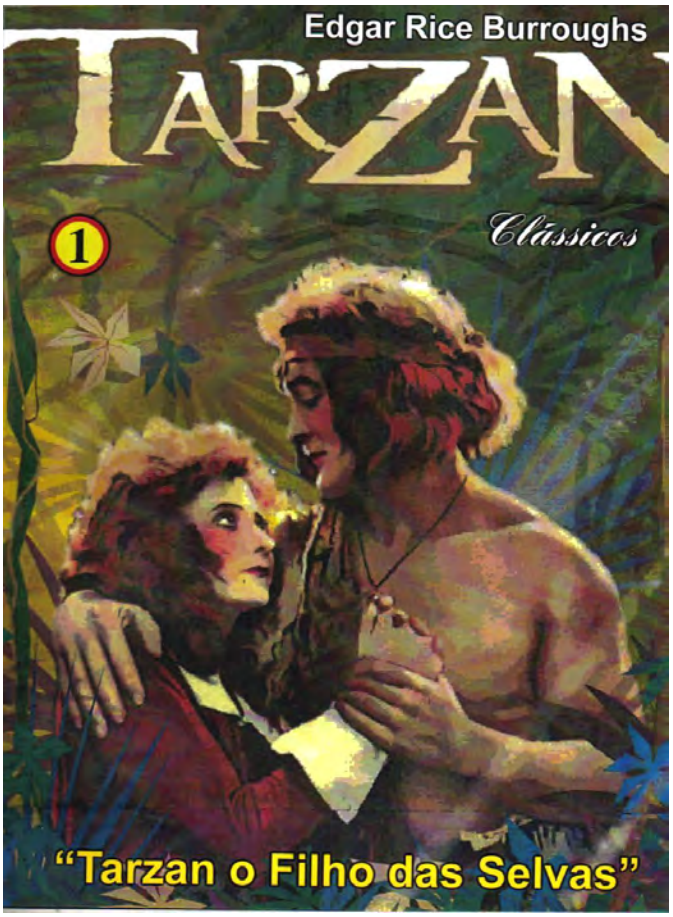
Almanaques de Tarzan de 1945 a 2020 (menos os anos em que a Ebal lançou).

Tarzan Mensal (2010) – 25 números, 50 páginas cada.

Aventuras de Tarzan – 15 edições.

Álbuns de luxo de Tarzan com histórias originais de ERB – 30 edições.

Edições extras com desenhos do editor: **O Legado de Tarzan * As Várias Faces de Tarzan *Tarzan o Magnífico * Tarzan e os Homens-Leopardo**.

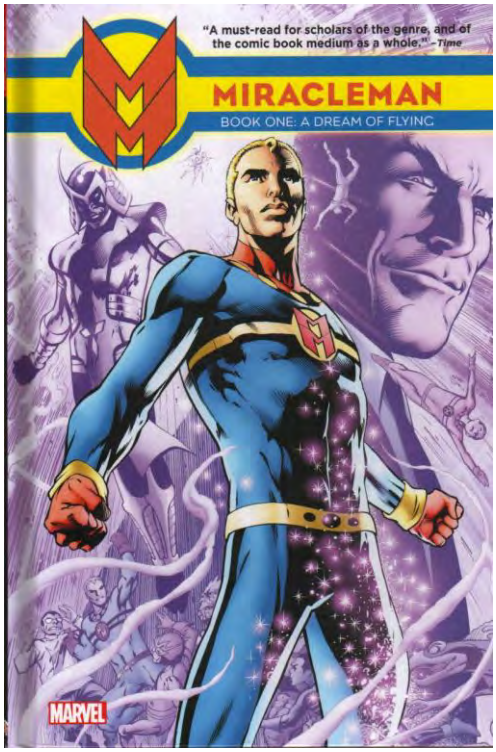


QI 129 (set/out/2014)

desvendando alma em matéria pouca

A editora Marvel norte-americana começou a lançar recentemente uma coleção com o personagem Miracleman. O primeiro volume, com capa dura e cerca de 180 páginas, já está a venda e o segundo já está anunciado para breve.

Sem entrar em muito detalhe, que, aliás, desconheço, um breve histórico desse personagem. Na década de 1950, com a proibição de publicação de Capitão Marvel nos Estados Unidos, a editora que o publicava na Inglaterra ficou na sinuca. Saiu dela criando seu próprio genérico com o nome de Marvelman. Este herói, criado por Mick Anglo, era bem calcado no Capitão Marvel, com direito a palavra mágica (Kimota em vez de Shazam) para a obtenção dos super-poderes e com os companheiros de praxe, Young Marvelman e Kid Marvelman. Os personagens foram publicados com sucesso durante certo tempo até serem cancelados. Esses heróis chegaram a ser publicados no Brasil, Marvelman com o nome de Jack Marvel. Na década de 1980, outra editora inglesa decidiu relançar o personagem, porém reformulado dentro da tendência da época de tratar com realismo o universo dos super-heróis. Os responsáveis pela fase inicial dessa reformulação foram Alan Moore, Garry Leach e Alan Davis, todos ainda desconhecidos em início de carreira. O sucesso da reformulação acabou levando o material para os EUA, onde teve que ser rebatizado, pois parece que lá a palavra Marvel não pode ser usada por qualquer um. O nome de rebatismo foi Miracleman e alcançou relativo sucesso. As histórias iniciais dessa fase foram publicadas no Brasil, em 1989, pela Editora Tannos, durando apenas 4 números, com uma produção gráfica bem pobre.



A série continuou a ser produzida com sucesso na Inglaterra e republicada, também com sucesso, nos EUA, mudando várias vezes de roteiristas e desenhistas, mas mantendo o alto nível de criatividade e inovação. Lá pelas tantas, os direitos da série foram adquiridos nos EUA por Todd McFarlane, que deve ter aprontado alguma pois foi processado por não respeitar direitos ligados à série. Durante muitos anos, o personagem não pôde ser publicado nos EUA devido a esse litígio. De algum modo o caso foi resolvido – acho que não foi a favor de McFarlane – e a série voltou a ser publicada. Agora é a Marvel que está lançando a coleção com as histórias desde o início da reformulação, em ordem cronológica. Embora seja a Marvel, e aí poderia usar o nome Marvelman sem precisar processar a si própria, preferiu manter o nome Miracleman.

Mas vamos ao ponto que interessa para a análise em questão. Comecei a ler esta nova edição da Marvel – na verdade a reler, pois todo o material desse primeiro volume saiu pela Editora Tannos – e no início não percebi uma bizarrice presente logo na página de abertura. Toda vez que passava por ela, lá estava o crédito do roteiro dado a um certo "the original writer". Embora achasse estranha a expressão, não parava para pensar no caso. Foi só quando me dei conta de que o roteirista dessas histórias tinha sido Alan Moore, e fui procurar seu nome na capa e nos créditos, é que caiu a ficha. A expressão "the original writer" está substituindo justamente o nome de Alan Moore, que não aparece uma única vez em toda a edição (exceto, em letras minúsculas, num cantinho da página 137 – esquecimento ou provocação?).

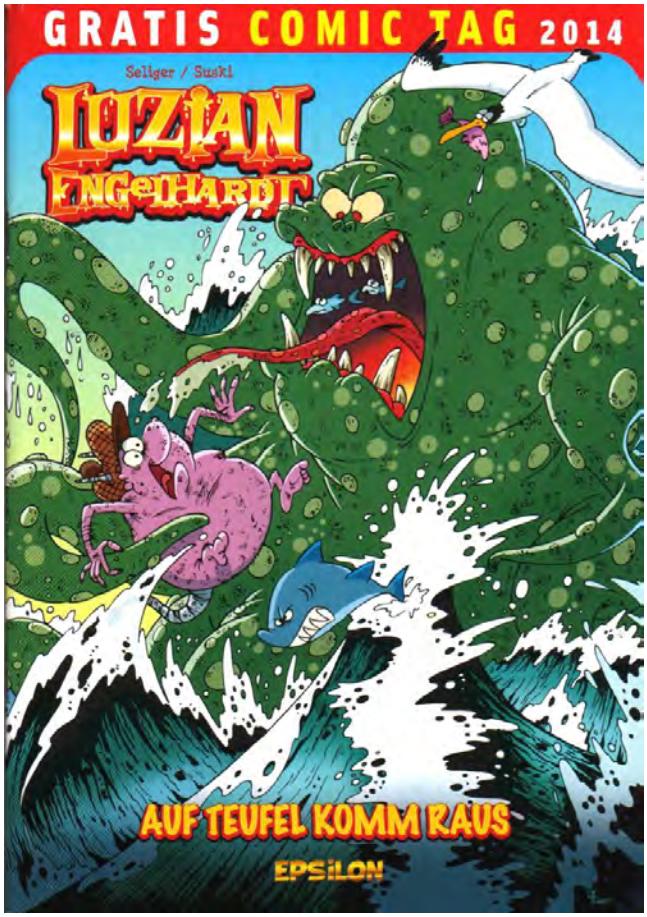
Imagino que a causa dessa bizarrice seja um desentendimento que Alan Moore teve com a Marvel, em outra época, e que deve ter resultado em alguma ação de Moore contra a Marvel, em que esta tenha sido proibida de usar o nome dele em suas publicações. Assim, ao lançar esta coleção de Miracleman, a Marvel se viu obrigada (seja porque exista de fato alguma restrição legal, seja para evitar que venha a existir) a omitir o nome de Alan Moore e substituí-lo pelo ridículo "the original writer".

A questão de interesse é justamente o funcionamento da legislação norte-americana em relação à brasileira. Lá certamente pode haver este caso em que alguém pode impedir que seu nome seja creditado a um trabalho que efetivamente criou. A legislação norte-americana é bem pragmática, cada um coloca suas cartas na mesa (leia-se dólares) e um juiz decide quem tem as melhores cartas. Pela legislação brasileira de direito autoral, um autor pode abrir mão, por contrato, de seus direitos econômicos sobre a obra que produziu. Ou seja, pode transferir a exploração econômica de sua obra para outros. Mas não é possível abrir mão da autoria. Faço a ressalva de que o que estou escrevendo é em tese, ou seja, o que preconiza a lei. Não posso ser responsabilizado caso algum juiz passe por cima dela, como tantos têm passado em tantos assuntos. Voltando à questão, no Brasil, um autor não pode renegar sua obra, não pode querer que seu nome seja retirado de um trabalho que produziu. Uma vez tendo criado uma obra, seu nome fica atrelado a ela indefinidamente. Ao contrário, a legislação brasileira obriga a que seja dado o crédito aos autores, mesmo que estes não tenham os direitos econômicos sobre o que produzem. É o caso de quem produz para estúdios cujos personagens não são seus. A legislação brasileira também garante a integridade de uma obra. Não é porque alguém adquiriu os direitos de uma obra que ele pode alterá-la a seu gosto. Como se vê, a legislação brasileira tem uma preocupação ética em relação a este assunto. Mas nem sempre é respeitada nas decisões judiciais.

QI 129 (set/out/2014)

QUADRINHOS NO MUNDO

Gerd Bonau enviou mais duas edições da série *Gratis Comic Tag*. Já comentei aqui algumas vezes esta excelente iniciativa das editoras alemãs. Não sei precisar bem se se trata de algum evento, mas o fato é que as principais editoras alemãs de quadrinhos produzem revistas grátis contendo material de seu catálogo. Na maioria das vezes, tratam-se de álbuns inteiros no formato revista com excelente qualidade gráfica. Das duas agora recebidas, a primeira é uma revista de horror nos moldes das revistas da EC, mas com material atual. Chama-se **Horror Schocker** e já tem mais de 30 números editados. A editora Weissblech Comics tem mais uma meia dúzia de títulos no gênero. A segunda é um álbum do personagem Luzian Engelhardt, que já tem 4 álbuns pela editora Eclipse. Um material humorístico de alta qualidade, iconoclasta e bem desenhado.

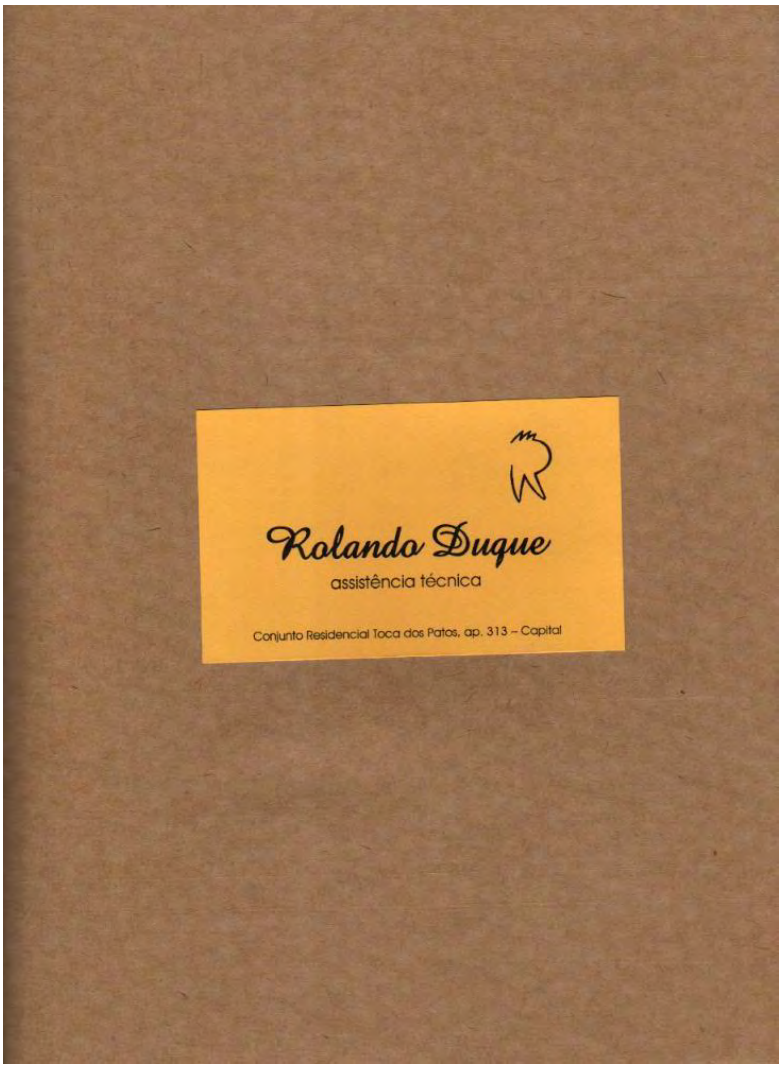


QI 129 (set/out/2014)

LANÇAMENTO

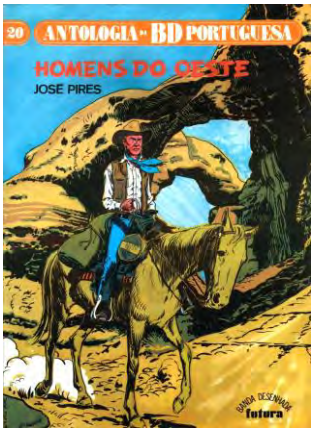
Durante cerca de oito anos produzi e publiquei nas páginas centrais do **QI**, em capítulos, meu segundo romance gráfico, sem nome, sem título. Começou no **QI** 75, de julho/agosto de 2005, e teve sua 200ª e última página publicada no **QI** 124, de novembro/dezembro de 2013. Ao contrário de meu primeiro romance gráfico, **Mundo Feliz**, também publicado em capítulos no **QI**, este segundo não caiu nas graças do leitor. Insisti e produzi todas as páginas de acordo com minha concepção original, durante os mencionados oito anos, apesar de vez ou outra alguma praga ter sido proferida. Diante dessa realidade, não pretendia compilar as 200 páginas em edição própria. Mas, depois, pensando melhor, achei que deveria deixar alguns exemplares para uma eventualidade qualquer. Assim, produzi, com tiragem limitadíssima, a edição ora anunciada, agora intitulada **Rolando Duque – assistência técnica**.

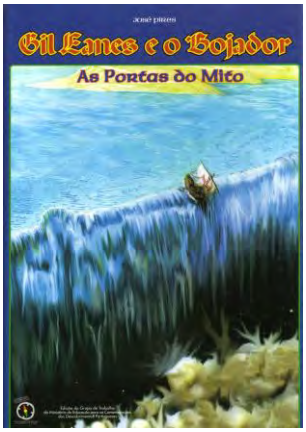
A edição tem 204 páginas, formato 165x216mm, impressão digital e custa R$ 25,00, incluindo o porte. Se aquela eventualidade qualquer se manifestar, basta me escrever encomendando a edição. Lembrando, tiragem limitada, mais limitada que capacidade intelectual de âncora de telejornal.

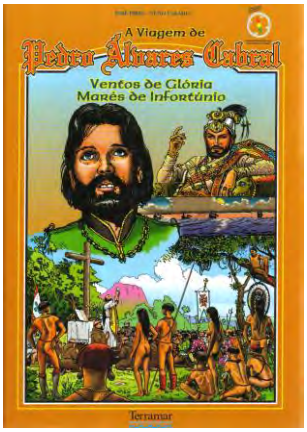


QI 129 (set/out/2014)

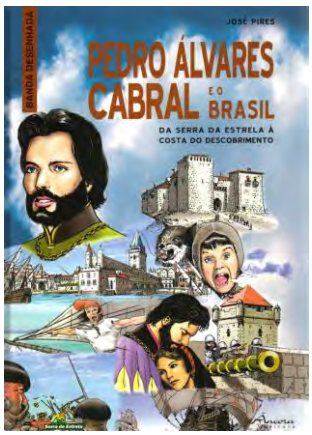
ÁLBUNS DE JOSÉ PIRES

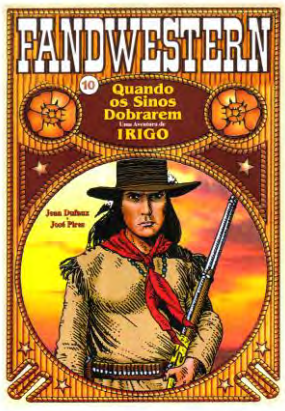






Homens do Oeste – Antologia da BD Portuguesa volume 20 – Editorial Futura – 1989.
Will Shannon – O Poço da Morte – Colecção Aventuras volume 12 – Editorial Futura – 1989.
Gil Eanes e o Bojador – As Portas do Mito – Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – 1997.
A Viagem de Pedro Álvares Cabral – Ventos de Glória, Marés de Infortúnio (co-autor: Nuno Calado) – Terramar – Ministério da Educação – 1998.





Pedro Álvares Cabral e o Brasil – Âncora Editora – 1999.
História de Gouveia – A Princesa da Serra – Âncora Editora – 2001.
Fandwestern nº 10 – Editora: Catherine Labey – 2003.
História de Celorico da Beira – Âncora Editora – 2004.

A Batalha do Bussaco – Âncora Editora – 2010.
A Portuguesa – História de um Hino – Âncora Editora.

QI 129 (set/out/2014) – encarte **Buster** nº 7

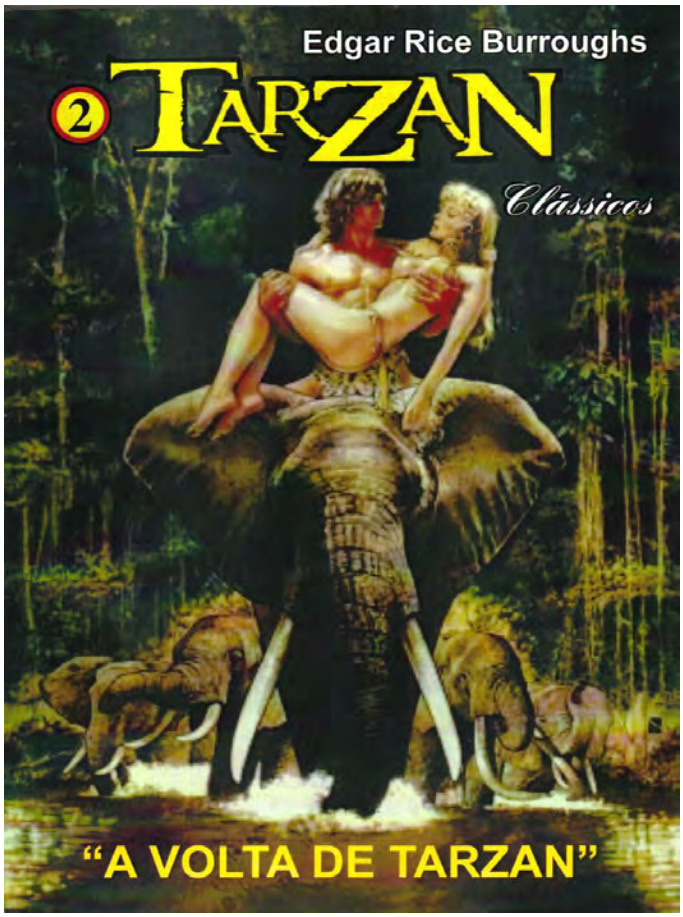
TARZAN CLÁSSICOS

Sérgio Luiz Franque está lançando nova coleção de álbuns dedicada a Tarzan. Trata-se de **TARZAN CLÁSSICOS**, trazendo as adaptações para Histórias em Quadrinhos dos livros de Tarzan escritos por Edgar Rice Burroughs, na ordem em que foram lançados originalmente. A coleção terá 25 números com cerca de 50 páginas cada, no formato 210x270mm com capa colorida. Preço: **R$ 50,00**

O primeiro número trouxe „Tarzan, o Filho das Selvas", quadrinizado por Russ Manning, mais „Tarzan e a Horda Selvagem", de Jesse Marsh.

O segundo número trouxe „A Volta de Tarzan", também quadrinizado por Russ Manning, mais „Tarzan e os seus Tanques", de Jesse Marsh.

Pedidos para: **Sérgio Luiz Franque**
R. César Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540



COISINHA

Mais para frente, na matéria *Histórias sem Fim*, eu trato da nova coleção de Lobo Solitário, lançada pela editora Dark Horse, dentro do contexto das histórias em quadrinhos intermináveis. Aqui vou tratar apenas de uma curiosidade que aparece no texto de encerramento do primeiro volume. Foi escrito pelo roteirista Kazuo Koike, em 5 de agosto de 2004, e nele comenta as circunstâncias da criação de uma nova série de Lobo Solitário, a escolha de um novo desenhista, etc. E diz que uma das coisas que o tirou do marasmo em que estava e o incentivou a retomar a série foi o corte de cabelo no estilo Daigoro (o filhote do Lobo Solitário) usado pelo astro brasileiro do futebol, Cristiano Ronaldo (sic)... É claro que o autor, em 2004, sabia que o nome do astro brasileiro é Ronaldo, "o fenômeno", que na copa de 2002, no Japão, raspou o cabelo, deixando apenas um topete. Os japoneses são fãs de futebol, em especial o do Brasil, e Kazuo não cometeria este erro. O equívoco certamente foi do tradutor do texto na editora norte-americana, que ao ver o nome Ronaldo, deduziu que era o Cristiano Ronaldo, sem atentar que este é português. Mais uma vez em ação a celebrada (falta de) cultura geral do norte-americano.

QI 130 (nov/dez/2014)

COISAS DE AKIM

Eu nunca acompanhei a revista **Akim**, quando foi publicada em bancas. Nunca me interessei pelo personagem, pelos desenhos ou pelas histórias. Depois, como colecionador de edições brasileiras, tentei conseguir os números lançados e hoje tenho quase todos. Uma das coisas que sempre me deixaram curioso foi a grande profusão de HQs produzidas por artistas brasileiros como material adicional para completar as páginas das revistas da editora Noblet. Pretendo escrever alguns textos sobre este material, nos próximos números do **QI**. Agora pretendo tratar rapidamente do próprio personagem Akim e de sua revista, além de algumas curiosidades.

O personagem Akim, clara e intensamente inspirado em Tarzan, como tantos outros, foi criado na Itália e começou a ser publicado, no formato cheque, com periodicidade semanal, em 10 de fevereiro de 1950. Com roteiro de Roberto Renzi e desenho de Augusto Pedrazza, teve 894 números publicados na Itália, até 31 de março de 1967, com pequenas mudanças no formato, número de páginas e numeração. Entre 1976 e 1983, foi republicado na Itália, durante 84 números, pela editora Bonelli (na época com outros nomes), com as histórias adaptadas para o formato bonelli. Embora de produção italiana, Akim fez mais sucesso na França, onde foi publicado durante 756 edições, de setembro de 1958 a fevereiro de 1991. A revista francesa de Akim começou mensal com 100 páginas, passou a quinzenal a partir do nº 23 e a 132 páginas a partir do nº 357. Cada número da revista trazia uma história de Akim de cerca de 50 páginas completada com histórias menores de vários outros personagens. Normalmente, uma história completa era formada de duas partes de 50 páginas cada, publicadas em dois números consecutivos da revista. O formato da revista francesa era o „petit format", cerca de 13x18cm, que fez muito sucesso na França a partir de final dos anos 1940. Era preciso adaptar o material original italiano feito no formato tira para o de página inteira do „petit format" francês. A revista francesa publicou histórias inéditas até o nº 668, depois passou a republicar histórias anteriores. Houve várias outras revistas de Akim na França, republicando material antigo.

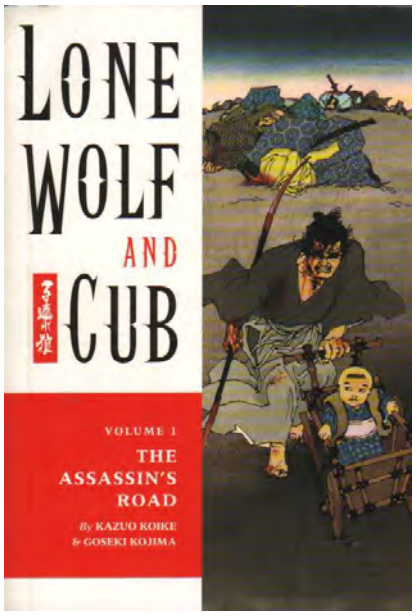
A edição brasileira de Akim, lançada pela editora Noblet antes de 1973 (a data exata não foi possível determinar) baseou-se na edição francesa, inclusive no formato. O primeiro número, com 132 páginas, trouxe duas histórias (ambas com 55 páginas) publicadas originalmente nas revistas francesas nºs 257 e 258, de abril e maio de 1970. A partir daí a edição brasileira seguiu a edição francesa com certa fidelidade, invertendo a ordem de algumas histórias e pulando outras. Cada edição brasileira trazia 2 histórias de cerca de 50 páginas e completava o restante das páginas com histórias curtas, na maioria de produção nacional. Curiosamente, histórias de humor. Em alguns momentos, a revista brasileira publicou, como material adicional, outras séries de aventuras publicadas na revista francesa, como *Swea Otanka* e *Arsat*. A revista brasileira durou 196 números mais dois especiais publicando 398 aventuras, correspondentes às aventuras numeradas de 257 a 668 na edição francesa (foram puladas 14 histórias). Na revista brasileira, as aventuras receberam numeração própria. As duas histórias de Akim no primeiro número da edição brasileira receberam os números 1 e 2, embora correspondessem às aventuras de nºs 257 e 258 da edição francesa. As 256 aventuras anteriores (mais 14 entre a 257 e a 668) não foram publicadas no Brasil. O nº 153 da edição brasileira, que deveria, pela contagem da Noblet, trazer as aventuras 305 e 306, mudou a forma de numerar, passou a dar o número da edição (no caso, 153) às duas histórias, com as páginas numeradas de 1 a 100. Continuou assim até quase o final, quando, no nº 192 da revista, colocou o nº 665 nas duas aventuras (que são as nºs 665 e 666 da edição francesa). O nº 193 da **Akim** brasileira trouxe as aventuras 667 e 668, que foram as últimas inéditas da revista francesa. Coincidência ou não, quando a revista francesa passou a republicar aventuras anteriores, a brasileira durou apenas mais 3 números, onde foram publicadas 3 aventuras inéditas anteriores e 3 repetidas. E assim, a **Akim** brasileira acabou por volta de 1991, na mesma época da revista francesa. Por volta de 1983, a Noblet começou uma segunda edição de Akim, durando pelo menos 77 edições, mantendo as mesmas histórias da primeira edição, mas alterando as capas e material adicional em vários números.

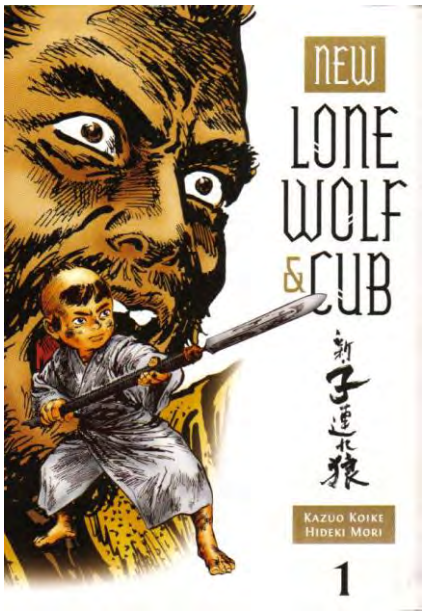
Uma curiosidade da **Akim** brasileira é que em vários números publicou capa em que o herói Akim não aparece. Em algumas, embora o herói não apareça, fazem referência à aventura da edição. Mas, em outras, o herói é claramente outro. Imagino que a revista francesa, que publicava outros heróis, dedicava a eles algumas capas. E a brasileira usou as capas francesas mesmo não publicando esses outros heróis. Nas 5 capas mostradas abaixo (**Akim** nºs 73, 81, 87, 90 e 116), deu para identificar os personagens Bwana Simba na segunda, Sandokan na terceira e Arsat na quinta (este publicado em dois números).

QI 130 (nov/dez/2014)

HISTÓRIAS SEM FIM

No número anterior foi entregue o último fascículo do álbum **Buster**, cortesia de José Pires aos leitores do **QI**. A história, no entanto, não teve um final. José Pires, como pôde ser visto nos dados biográficos contidos no primeiro fascículo, trabalhou durante cerca de uma década, a partir de 1985, para o mercado belga de Histórias em Quadrinhos, produzindo no formato usual daquele mercado, histórias publicadas em capítulos em revistas semanais, posteriormente compiladas em álbum. O tamanho dessas histórias varia, mas a maioria tem 44 ou 46 páginas. Essa quantidade de páginas normalmente corresponde a um ano de produção e é suficiente para desenvolver uma boa história. No entanto, não é raro que os autores produzam álbuns duplos, ou seja, a história não é fechada num único álbum, mas continua num segundo. Talvez o exemplo mais conhecido seja o de Hergé, em *Tintim*, que produziu 4 álbuns duplos: **Os Charutos do Faraó/O Lótus Azul**, **O Segredo do Licorne/O Tesouro de Rackham, O Terrível**, **As 7 Bolas de Cristal/O Templo do Sol** e **Rumo à Lua/Explorando a Lua**, embora no primeiro caso o encadeamento seja mais fraco. Outros autores desse mercado franco-belga produzem seus álbuns formando os chamados "ciclos", em outras palavras, a história continua por vários álbuns. A série *Fort Navajo* é o melhor exemplo, há ciclos de no mínimo 4 álbuns, lembrando que existe um intervalo de cerca de 1 ano entre um álbum e outro. Ou seja, o leitor que acompanha essas séries pelos álbuns têm que esperar um ano para ler um novo capítulo da história. Sempre achei esse esquema meio estranho. É claro que um bom autor pode fazer coisas espetaculares se tiver uma quantidade de páginas maior para desenvolver sua história. Mas o preço a pagar, pelo leitor, não é barato. Ter que esperar décadas pela conclusão de uma história não é o que eu chamo de ideal. Uma solução razoável é a de produzir uma série fechada, com um número limitado de álbuns, que demorará, sim, uma dúzia de anos, mas apresentará ao leitor um trabalho concluso. Um bom exemplo é **Companheiros do Crepúsculo**, de François Bourgeon, que completou sua história em 3 álbuns, em 1984, 1986 e 1990. Este trabalho foi publicado recentemente no Brasil em volume único. O mesmo Bourgeon havia feito, entre 1980 e 1984, os cinco álbuns de **Passageiros do Vento**, supostamente concluindo a série. Mas em 2009 e 2010, retomou a série, lançando mais dois álbuns. Um hiato de 25 anos! Alexandro Jodorowski e Moebius completaram **Incal** com 6 álbuns de 1981 a 1988. Mas Jodorowski não resistiu à tentação de fazer um **Antes do Incal** e outro **Depois do Incal**. O mesmo Jodorowski, com Milo Manara, fechou **Bórgia** com 4 álbuns, entre 2004 e 2010. Agora é torcer para não aparecer, de repente, um **No Meio de Bórgia**. Moebius, em **Mundo de Edena**, já abusou do leitor, levando quase vinte anos para concluir os 6 álbuns da série, o primeiro saindo em 1983 e o último somente em 2001. Mas há os casos mais patológicos.





A série **XIII**, de Jean Van Hamme e William Vance, publicada incompleta no Brasil pela Panini, começou em 1984 e fechou o 19º álbum, chamado *O Último Round*, em 2007. 23 anos já estava de bom tamanho. Além disso, fez um ou outro álbum *spin-off*, mas não foi suficiente. Em 2011, a série reiniciou e parece que já saíram 4 álbuns. **Valérian**, de Pierre Christin e Jean-Claude Mézières, começou, em álbum, em 1970, e após 22 aventuras, 43 anos depois, os autores resolveram terminar a série, em 2013. Ufa! Igual sorte não teve outra ótima série da mesma época. **Vagabundo dos Limbos**, de Godard e Ribera, começou em 1975 e durante 28 anos teve 31 álbuns publicados até 2003. A longa saga de Alex Munshine não acabou no 31º álbum e desde então não saiu mais nenhum. Pode? Se não ia fazer mais, custava dar um fecho à série?

O mais recente exemplo dessa falta de noção temporal vem de outras longitudes. Entre 1970 e 1976, Kazuo Koike e Goseki Kojima produziram, no Japão, a longa série **Lobo Solitário** num total de 8400 páginas. A série foi encerrada com a morte do protagonista Itto Ogami e do antagonista Retsudo Yagyu, sobrando o filhote Daigoro. No Brasil, somente em 2004, esta série foi publicada completa pela editora Panini em 28 livros no formato "um pouco menos indecente" (o verdadeiro formato "indecente" foi o usado na coleção da Dark Horse, na qual a Panini se baseou). Mas em 2004, o escritor recebeu proposta e aceitou retomar a série, tendo que escolher outro desenhista, já que Kojima faleceu em 2000. Somente agora, em 2014, a Dark Horse, que publicou a saga original nos EUA, resolveu publicar a nova série (por que esperar 10 anos?). Comprei os dois primeiros volumes já disponíveis e li com grande satisfação. O novo artista, Hideki Mori, não deve nada ao original e Kazuo Koike não perdeu a mão. Então, nesse caso, nem é um oportunismo irresponsável. A nova série tem a mesma qualidade da série original. Mas quase 30 anos de hiato entre as duas séries já é desrespeito. O leitor merece um pouco mais de consideração do autor, planeje sua obra para ser apreciada por quem não seja um Matusalém.

QI 130 (nov/dez/2014)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Em março de 1975, surgiu nas bancas a revista **O Bicho**, editada pelo cartunista Fortuna. A revista de cartuns e quadrinhos começou publicada pela editora Codecri (a mesma de **O Pasquim**), tentou ser quinzenal no segundo número, mensal no terceiro, bimestral no quarto, conseguiu ser mensal no quinto e sexto, e jogou a toalha. Um ano depois, voltou com o mesmo Fortuna, mas outra editora, a Emebê. Pela mesma editora, ainda saiu em novembro de 1976 um último número, o oitavo. Até aí tudo certo, uma coleção bem definida de 8 números, razoavelmente fácil de se encontrar a venda...

Mas, eis que, ao adquirir o livro **Fortuna – O Cartunista dos Cartunistas**, lançado este ano pelas Edições Pinakotheke, descubro, lá na página 182, que a revista **O Bicho** teve um número zero em janeiro/fevereiro de 1975. Nenhuma outra informação, apenas reprodução da capa onde se lê "amostra grátis". Nunca vi essa edição anunciada para venda, não sei como foi distribuída. Pensei que pudesse ter saído encartada em **O Pasquim**, já que eram da mesma editora. Mas como **O Pasquim** tinha tiragem alta, se fosse esse o caso, então deveria haver oferta grande desse nº 0.

A desconfiança de que este zero pudesse ter sido um encarte de **O Pasquim** tem razão de ser, embora com certa peculiaridade. Na onda dos jornais de humor e resistência à ditadura, em meados da década de 1970 surgiu o jornal **Pingente**, encabeçado por Guidacci e Duayer, com um time de colaboradores mais ou menos em comum com os de **O Pasquim**. Consegui, na época, adquirir a partir do nº 3, de agosto de 1977. O jornal, no formato tabloide, com 24 páginas, era bancado pelas editoras Chalaça e Codecri e conseguiu se manter mensal até o nº 7, de janeiro de 1978, o último número que conheço. Durante muito tempo procurei os nºs 1 e 2 e nunca os achei em oferta. Até que obtive a informação de que esses dois primeiros números haviam saído como encarte em **O Pasquim**. Passei, então, a procurar os números de **O Pasquim** da época que pudessem trazer o encarte, até que achei anúncio de dois números do jornal especificando que traziam os dois encartes de **Pingente**. Comprei os dois e com isso considerei a coleção completa. Agora, ao buscar as informações para escrever este texto, constato que os dois números de **O Pasquim** que comprei, trazendo o *Suplemento Pingente do Pasquim* nºs 1 e 2, são de maio e junho de 1978. Ou seja, são posteriores aos números que tenho do jornal **Pingente**. E agora? Será que houve mesmo, no primeiro semestre de 1977, os dois números iniciais de **Pingente** como suplemento de **O Pasquim**, e depois, com o fim do humorístico em janeiro de 1978 tentou novamente uma vida como suplemento? Ou será que **Pingente** começou independente no nº 1 e somente depois que acabou é que tentou virar suplemento de **O Pasquim**? Neste caso, por que os dois primeiros números de **Pingente** não são encontráveis? Fica o mistério.

Outro jornal humorístico da mesma época também tem numeração confusa. Em maio de 1976, saiu o tabloide **Ovelha Negra**, editado por Geandré, pela editora Alternativa. Consegui, na época, somente o nº 3. Logo depois, a partir do nº 5, **Ovelha Negra** virou revista no formato americano por outra editora, a Vertente, durando até o nº 7, de setembro de 1977, mais um especial sem data. Através da tese de mestrado de Osvaldo da Silva Coelho, defendida em 2012, pude confirmar que o jornal foi lançado em maio de 1976 e durou 4 números no formato tabloide, mudando a partir do nº 5 para o formato americano. A periodicidade foi irregular demorando mais de um mês entre um número e outro. No caso de **Ovelha Negra**, o mais curioso é que sempre imaginei que, após o fim do jornal/revista, Geandré tivesse lançado um livro com seus cartuns com o personagem. Outro engano meu, o livro **A Ovelha Negra de Geandré** saiu antes, em 1975, pela editora Global, e, ao contrário do jornal, se encontra às dúzias em oferta. Curioso, pois livros normalmente têm tiragem mais baixa, e a tiragem do jornal era no mínimo de 20.000 exemplares.

Certamente houve outros jornais humorísticos na época efervescente da imprensa nanina, mesmo considerando apenas os do eixo Rio-São Paulo. Não tenho exemplares de nenhum deles. Mas encerro o texto mencionando outra publicação mais voltada ao *desenho de humor*, capitaneada por Zélio, trazendo, além de colaborações de Ziraldo e Vilmar, um bom time de artistas estrangeiros. No formato magazine, a revista **Urubu** durou pelo menos 6 números. Publicado pela Edibrás, não trouxe data em nenhum dos números que possuo (a maioria sem capa), mas parece ser da década de 1960.

QI 130 (nov/dez/2014)

VALDIR DE AMORIM DÂMASO

Começo com os dados biográficos retirados da **Enciclopédia dos Quadrinhos** (2011), de Goida e André Kleinert:

"Valdir Dâmaso, reformado do exército, nasceu em São Miguel do Oeste em 10 de março (de 1934). Começou em 1985 um fanzine que marcou época: o **Jornal da Gibizada**, que circulou até 1988, por vinte edições de alta qualidade, voltado para quadrinhos clássicos das décadas de 30 e 40. Concluída esta etapa, partiu para a confecção de álbuns com reprodução de histórias em quadrinhos perdidas na poeira do tempo. (...) Elaborou o **Álbum Juvenil** séries A, B e C, as coleções **Velha Guarda**, **Bala de Prata**, **Dama de Ouro** e, o mais importante, o **Álbum Juvenil Tiras**, totalizando mais de uma centena de edições imperdíveis. Nos últimos tempos, Valdir e Oscar Kern vinham realizando em conjunto o fanzine **Confraria dos Dinossauros**, que foi interrompido pela perda inesperada do mestre Kern, em janeiro de 2008."

O **QI** 108, de março/abril de 2011, publicou um depoimento de Valdir Dâmaso, dado em 2002, e republicado no livro independente **Memória do Fanzine Brasileiro**. Neste texto, acrescentei uma listagem (quase) completa das publicações de Valdir Dâmaso. Recentemente, Valdir havia decidido retomar a publicação de álbuns, terminando vários que havia começado na época áurea de sua "editora Gibizada" e tentando fechar a marca de 200 edições. Chegou a fazer a mais importante delas, justamente a edição de nº 200. Mas não teve tempo de completar as demais. Mas produziu, efetivamente, 180 edições, incluindo a de nº 200, deixando uma lacuna de 20 edições, entre a 180ª e a 200ª. Em compensação, produziu em tiragem limitada uma coleção de 5 volumes de **Confraria dos Dinossauros**, compilando as 30 edições originais.

A edição de nº200 foi comemorativa dos 80 anos de Valdir Dâmaso, completado em março de 2014 e para mim teve um significado especial. Tirou-me um peso das costas. Desde que Dâmaso parou de produzir, por volta de 2003, eu tinha vontade de fazer uma edição, um livro mesmo, sobre o trabalho dele à frente da "editora Gibizada". Pretendia colocar em ordem cronológica cada edição que ele fez, com a descrição do conteúdo e reprodução da capa. Cheguei a separar as miniaturas das capas, mas nem cheguei perto de começar a escrever os textos. Como seria um trabalho bastante grande, travei logo no começo. Mas Dâmaso fez o que eu não fiz neste **Álbum Gibizada 200**. Detalhou número a número cada edição que produziu, descrevendo o conteúdo e mais, citando nominalmente todos os colaboradores. Acrescentou, inclusive, as capas das edições que não chegou a terminar, o que nos dá uma tristeza de olhar para álbuns que nunca serão realidade. A edição nº 200 é, portanto, um registro do trabalho de um dos mais ativos produtores de fanzines do Brasil, que interrompeu a produção quando não foi mais possível fazê-los, e que, quase aos 80 anos, retomou as atividades, por curto período de tempo, novamente interrompidas, agora à sua revelia. Na penúltima página de **Álbum Gibizada 200** chegou a mostrar a capa do que seria a edição nº 201.

Valdir de Amorim Dâmaso faleceu no dia 15 de novembro de 2014.

Valdir Dâmaso com a esposa, em foto de 2009.

QI 130 (nov/dez/2014)

COISAS QUE ACONTECEM!

Não é raro que autores tenham ideias semelhantes, às vezes tão parecidas que parece que um copiou a do outro. Principalmente no caso das charges políticas, em que o tema é forçosamente o principal assunto do dia, a semelhança nas realizações é até frequente.

Mas há os casos em que há mesmo a cópia, às vezes ocasional, às vezes, sistemática. Na página seguinte, o primeiro trabalho foi feito antes do final da 2ª Grande Guerra, já que seu autor consta entre os desaparecidos do conflito. Uma ideia interessante, não tão complexa que outra pessoa não pudesse ter uma igual. A tira de *Pinduca* (no original, *Henry*), embora o personagem tenha sido criado na década de 1930, é de 1971, produção de John Liney. É bastante provável que Liney, tendo que produzir uma tira todo dia, tenha buscado "inspiração" em trabalhos antigos, pouco conhecidos, ainda mais um que foi produzido na Alemanha antes da guerra. Não sei se *Pai e Filho* (no original, *Vater und Sohn*) teve boa difusão nos EUA. No Brasil, até que foi bem publicado em revistas das décadas de 1930 e 1940.

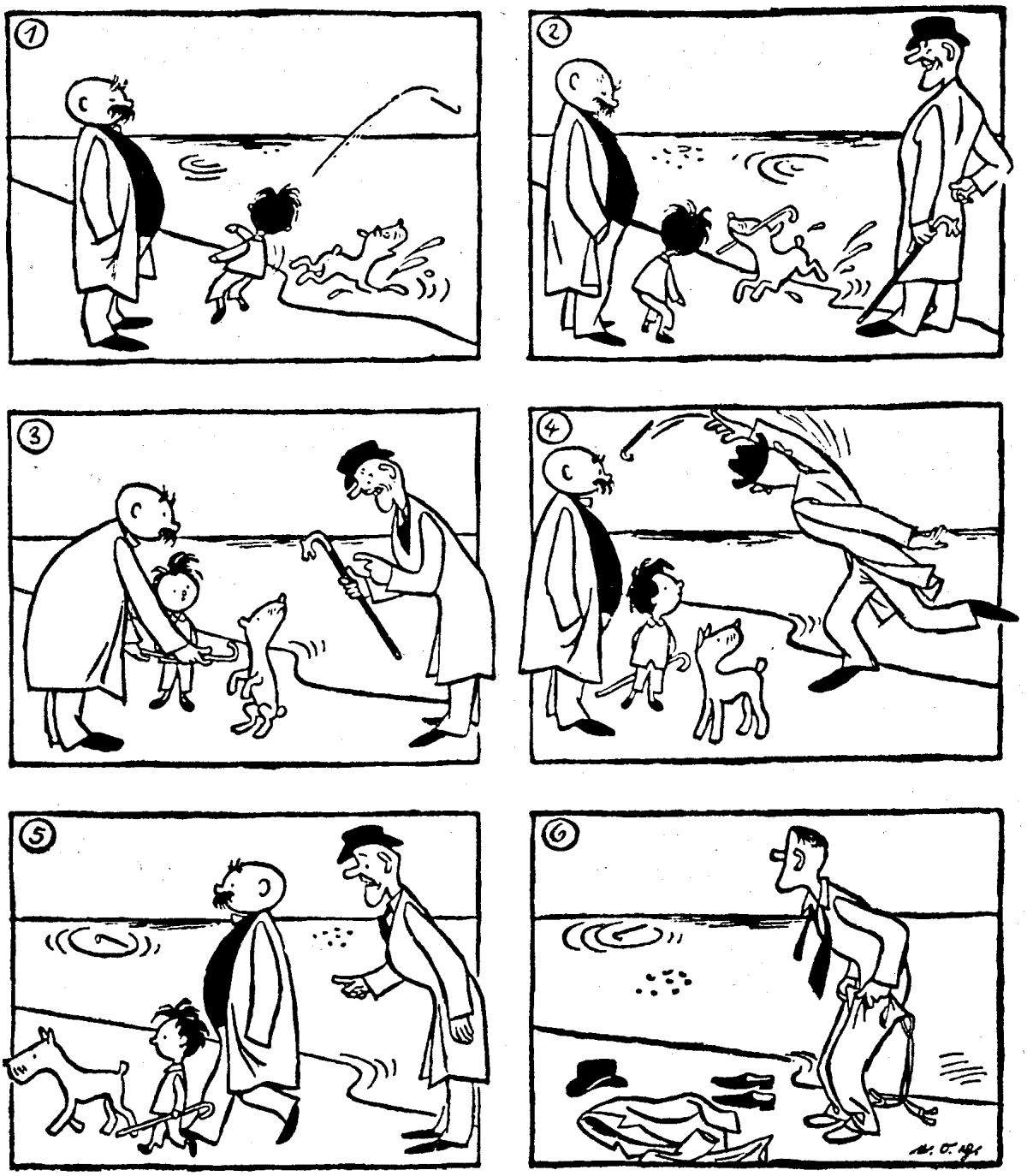
Já no caso logo abaixo, não resta dúvida. Está fartamente documentado que o autor de *Mortadelo e Salaminho*, Francisco Ibañez, chupava descaradamente os quadrinhos franco-belgas, tanto na composição de cenas, na cópia de motos, carros, tanques e outros veículos menos comuns, quanto nas piadas. Copiava de vários autores importantes da época, mas o alvo principal era Franquin, tanto em *Spirou* quanto em *Gaston Lagaffe*.

No caso de *Gaston Lagaffe*, Ibañez praticamente refazia a história, substituindo os personagens franco-belgas pelos seus Mortadelo e Salaminho. E passou a década de 1960 fazendo isso, dezenas, centenas de vezes. A desculpa é que Ibañez tinha que produzir uma grande quantidade de páginas para a revista em que publicava. E é verdade, de fato tinha uma produção impressionante, criando e desenhando uma grande quantidade de séries simultaneamente, até que conseguiu fama suficiente para criar seu estúdio. Mesmo assim, manteve uma produção em outra escala, quando comparada com a produção franco-belga. Enquanto *Asterix* tem 3 dezenas de álbuns, *Mortadelo e Salaminho* tem cerca de duas centenas.

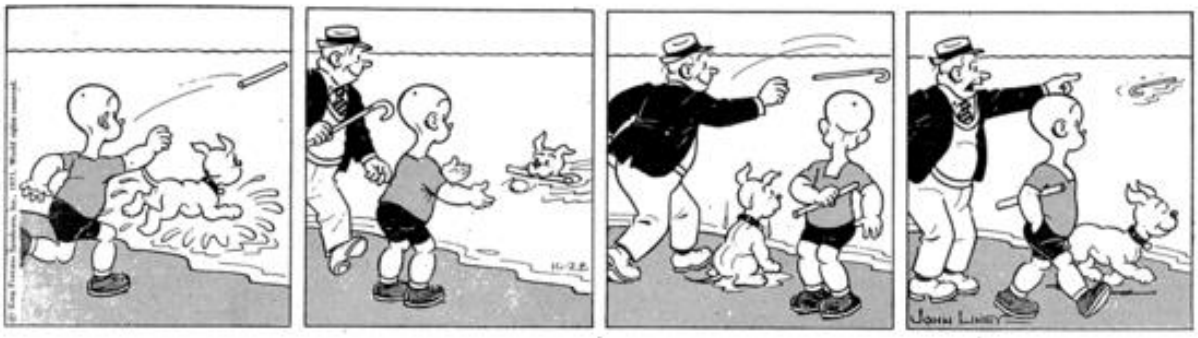
De qualquer forma, não deixa de ser interessante a desfaçatez com que um autor profissional, publicando numa revista profissional, se apropria, dessa maneira, do trabalho de outros colegas. Há, é claro, uma falha de caráter incontornável. Mas o que acho mais curioso é a editora não fazer objeção. Não havia legislação clara a respeito na Espanha na época? A revista espanhola tinha circulação restrita e confiava-se que as cópias não seriam descobertas? Ou a editora simplesmente não se importava? Certamente não é tão fácil abrir um processo de um país para outro. E a Espanha, sob a ditadura de Franco, talvez não tivesse acordos, na esfera legal, com os países vizinhos. Mas e quanto aos autores franco-belgas, em especial Franquin, será que tinham, na época, conhecimento do descaramento de Ibañez?

Sim, tenho somente perguntas.

Página de *Pai e Filho*, de Plauen, publicada no livro homônimo da Edições Melhoramentos (década de 1950).

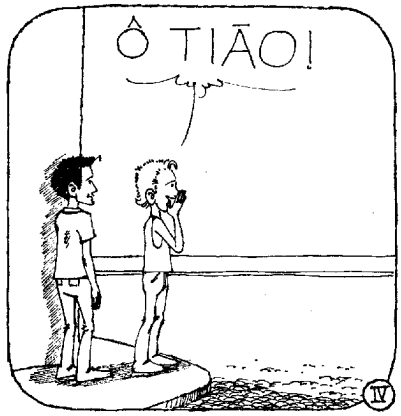


Tira de Pinduca, de John Liney, de 28/10/1971, publicada no Suplemento **Quadrinhos**, da **Folha de S. Paulo**, de 16/4/1972.



APENAS UMA COISINHA

Quando publiquei **Psiu** 1, em junho de 1982, incluí uma HQ de uma página cujo 4º quadrinho está mostrado abaixo à esquerda. Um leitor, não consegui lembrar quem, entre os comentários que fez, observou que a parede vertical e o corte do cabelo do personagem à esquerda estão numa mesma linha reta. E que isso seria uma falha na composição da cena. Achei um pouco de exagero, na época, e ainda hoje não tenho certeza de que isso seja algo com que se deva preocupar. Olhando bem, o meio fio da calçada ao fundo também está na mesma linha reta que a barra da camisa do personagem à direita. Sem querer justificar meu erro com outro, achei algo semelhante neste quadro de Asterix, abaixo à direita, tirado da página 6 do álbum **O Combate dos Chefes**. A parte esquerda do rosto do personagem Flagelus forma uma linha reta com a tenda logo atrás. Confesso que fica mesmo estranho. Será que eu só percebi isso porque tinha recebido aquela crítica mais de trinta anos atrás? Ou chama mesmo a atenção do leitor desavisado? E a parte de baixo da capa do sujeitinho nervoso, também faz continuidade com o limite entre o gramado e a tenda? Temos mesmo que prestar atenção em tudo isso ao fazer um desenho?



QI 131 (jan/fev/2015)

LEMBRANDO DÂMASO

Valdir Dâmaso começou a editar fanzines em janeiro de 1985, um pouco depois de Jorge Barwinkel (**O Grupo Juvenil** 1 saiu em setembro de 1983) e praticamente ao mesmo tempo que Anibal Cassal (**Fanzim** 1 saiu em janeiro de 1985), seus pares imediatos. Acho que a influência direta de Dâmaso foi Jorge Barwinkel, embora suas edições tivessem mais afinidade com as de Cassal, pela organização e clareza. Durante os 20 números de **Jornal da Gibizada**, Dâmaso tratou de todo assunto relacionado às Histórias em Quadrinhos, dando tanto peso às atuais quanto às de sua infância. Apesar do sucesso do fanzine, cerca de um ano e meio depois de iniciar sua "editora" Gibizada (as aspas, desse modo, são do próprio Dâmaso), resolveu dar mais atenção aos álbuns (100 a 150 páginas) compilando HQs antigas, publicadas no Brasil em revistas como **O Globo Juvenil**, **Biriba**, **Gibi**, **Guri**, **Shazam!**, **O Lobinho**, entre tantas das décadas de 1930, 40 e 50. Não dispondo de muitos exemplares dessas revistas, Dâmaso estabeleceu contato com uma rede de colaboradores que o municiaram de cópias de histórias de personagens como Namor, Tocha Humana, Capitão América, Batman, Invencível, Capitão Comando, Ás de Espadas, Bozo, Íbis, Homem Bala, O Anjo, Titan, O Vingador, O Sombra, Capitão Marvel, entre tantos. Através desse contato com colecionadores de todo o país, conseguiu também artigos, ilustrações para capas e histórias completas de tiras de aventuras coletadas diariamente de jornais, com as quais produziu algumas dezenas de álbuns.

Por volta do final de 1992, Dâmaso, segundo suas palavras, estava pensando em parar com a "editora" por uns tempos, devido ao excesso de trabalho e à inflação inclemente de então. Por essa época, eu estava iniciando meus projetos de impressão, edição, distribuição e divulgação de fanzines de outros editores. Dâmaso aceitou, de imediato, participar do projeto. Em 30 de janeiro de 1993, enviou um Informativo Especial a todos os seus correspondentes, avisando que a partir daí seus fanzines seriam comercializados por mim. Até essa data, Dâmaso havia lançado, além dos 20 números do **Jornal da Gibizada**, 58 álbuns de várias coleções, ou seja, tinha um catálogo de 78 edições. Os dois primeiros álbuns deixados a meu encargo foram o nº 9 da Série B da **Coleção Álbum Juvenil** (**O Invencível**) e o nº 9 da **Coleção Velha Guarda** (**Capitão Marvel Jr. X Capitão Nazi**). O esquema era o seguinte: Dâmaso preparava todo o original, me enviava pelo correio, eu tirava uma cópia para ser minha matriz e devolvia o original a ele. Este original era composto de folhas onde Dâmaso colava as cópias das HQs que conseguia com seus colaboradores, fazia uma pequena moldura, acrescentava número da página, retocava as cópias, eliminando fundos escuros e reforçando as partes em preto meio apagadas. Uma vez com a matriz da edição, eu anunciava no **Informativo de Quadrinhos Independentes** (cujo número 1 tem data de março/abril/1993 e era enviado gratuitamente aos leitores interessados), recebia o pedido com o pagamento, fazia a cópia da edição e enviava ao leitor. O preço cobrado era destinado apenas a cobrir os custos de impressão e postagem, não havia lucro nem para mim nem para o Dâmaso. Segundo Dâmaso, o preço cobrado por mim pela edição estava menor do que ele estava conseguindo nas copiadoras em Maceió.

Valdir Dâmaso me enviou os nomes e endereços de todos os seus leitores, cerca de 80 pessoas. Como mencionado, ele também avisou a todos eles, através do Informativo Especial, que os próximos lançamentos deveriam ser adquiridos comigo. E o primeiro número do **IQI**, já divulgando esses lançamentos, foi enviado a todos os leitores de Dâmaso. Desses cerca de 80 leitores, 4 não fizeram contato comigo e cerca de 30 encomendaram uma ou outra edição. O contato comigo era somente para fazer a encomenda, o pagamento e era de mim que recebiam a edição. A resposta do leitor, com comentários, críticas, sugestões, colaborações, etc. deveria ser enviada ao Dâmaso. Essa divisão das tarefas deve ter prejudicado em alguma medida a relação entre Dâmaso e seus leitores. Como mencionei, 4 decidiram romper o contato. Cerca de 30 mantiveram o contato, mas adquirindo álbuns esporadicamente. O restante manteve uma compra regular, porém poucos acompanharam todos os lançamentos feitos. Não sei como era antes com o Dâmaso, se esses leitores adquiriam todos os lançamentos ou somente o que lhes interessava. Ao longo da vida do **IQI**, cerca de mais 45 leitores foram acrescentados ao público de Dâmaso, a maioria comprando esporadicamente. Também não sei dizer se, após adquirir um exemplar comigo, escreviam ao Dâmaso para comentar a edição. Imagino que tenha caído significativamente este contato entre Dâmaso e seus leitores.

A contrapartida é que, graças à transferência de parte do serviço para mim, Dâmaso teve condições de produzir, durante cerca de 9 anos, mais cerca de 100 edições, para gáudio dos que aceitaram a divisão de tarefas.

Além dos lançamentos, aos poucos, Dâmaso foi me enviando os originais de todas as edições que ele já havia feito, para que eu pudesse atender a pedidos de números atrasados. E, de fato, enviou todas as 78 edições anteriores e todas ficaram disponíveis aos leitores. Assim, até o fim de meu projeto de impressão de fanzines, esteve à disposição dos leitores cerca de 180 edições produzidas por Valdir Dâmaso.

Um detalhe curioso é que, com o acúmulo de serviço que todo o projeto representava para mim, tive que dar prioridade a certas tarefas, como, óbvio, atender aos leitores e fazer o Informativo. Então, durante algum tempo, os originais que Dâmaso me enviava foram acumulando, sem que eu tivesse tempo de devolvê-los. E acumularam a ponto de encher 3 caixas de cerca de 20 quilos cada uma. Durante todo esse tempo, em que os originais ficaram retidos comigo, Dâmaso nunca me cobrou sua devolução e nunca deixou de me enviar novos originais. Uma hora eu tinha que devolver o material. Lacrei bem as 3 caixas em que os originais estavam, embrulhei bem e enviei ao mesmo tempo as 3 pelo correio. Missão cumprida.

Onde está o detalhe curioso? Algum tempo depois, Dâmaso me disse que tinha recebido as 3 caixas, porém com uma observação. As caixas foram retidas pela Receita Federal e ele foi chamado para explicar do que se tratava. Como era coronel reformado e conhecido dos funcionários, não houve maior contratempo, apenas o suficiente para render uma crônica.

QI 131 (jan/fev/2015)

PEQUENO MISTÉRIO DO COLECIONISMO

Como divulguei no **QI** 128, estou preparando um texto sobre o suplemento **Quadrinhos** da **Folha de S. Paulo** e me faltavam alguns números. Consegui a maioria deles no próprio acervo do jornal. Mas ainda faltaram alguns e a dúvida é se realmente existiram.

O suplemento foi lançado no dia 05/02/1972 e saiu durante 260 semanas, até o dia 23/01/1977.

O primeiro exemplar do qual tenho dúvida se saiu é o do dia 18/06/1972. Nessa época, o suplemento publicava as séries *Asterix*, *Donald*, *Mickey*, *Pinduca*, *Tina* e *Os Animais*. Dessas, somente *Asterix* e *Tina* tinham numeração de página. As demais eram tiras ou páginas dominicais publicadas fora de ordem. Na semana anterior, a página publicada de *Tina* foi a de nº 18 e na semana seguinte, a de nº 19. Ou seja, como não houve pulo na numeração de *Tina*, isso é uma indicação de que o suplemento do dia 18/06/1972 não saiu. Mas a página de *Tina* já havia tido dois números 17 antes, então pode ter havido novo erro, com dois nºs 18 ou 19. *Asterix* também traz confusão, pois duas semanas antes havia publicado a página 42 e logo depois a página 1 de nova aventura, pulando as páginas finais (43 e 44) da aventura anterior. Na semana seguinte, publicou a página 44 da história anterior e depois a página 2 da nova. E aí, será que na semana em dúvida teve o suplemento com a página 43? Acontece que 16 semanas depois, entre a página 15 e 16 da nova história, o suplemento publicou esta página 43 da história anterior. Então é bastante provável que não tenha havido suplemento no dia 18/06/1972.

O outro exemplar de que tenho dúvida é o da semana do dia 03/09/1972. Nesse domingo, saiu um suplemento especial em quadrinhos dedicado ao Sesquicentenário da Independência, republicando HQ de Eugênio Colonnese publicada pela Ebal. Não houve pulo nas páginas de *Asterix* e *Tina*, então é provável que o suplemento do Sesquicentenário tenha substituído o suplemento **Quadrinhos** nessa semana.

A terceira e última dúvida refere-se ao exemplar do dia 14/10/1973. O suplemento nessa época tinha 8 páginas no formato tabloide e trazia as séries *Asterix*, *Mickey*, *Donald*, *Pinduca*, *Tina*, *Tintim* e *Mortadelo e Salaminho*, cada um deles ocupando uma página tabloide, às vezes uma série ocupando duas páginas. Eu tenho este número do dia 14/10/1973, no entanto meu exemplar tem apenas 4 páginas. *Asterix*, publicado na primeira página, não serve de base, pois na semana anterior trouxe a página 24, na semana em questão trouxe a página 35 e na semana seguinte a página 25. Ou seja, justo nesta semana publicou uma página totalmente fora de ordem. *Mortadelo e Salaminho*, publicado na última página, não teve descontinuidade, a semana anterior publicou a página 3, a semana em questão a página 4 e a semana seguinte a página 5. As duas páginas internas trouxeram as esperadas *Mickey*, *Donald* e *Pinduca*, mas ocupando meia página cada. Isso leva a supor que este exemplar foi mesmo atípico em relação ao normal, e provavelmente não teve as 8 páginas costumeiras. Mas será que teve somente as 4 que eu tenho, ou saiu com 6 páginas e me falta a folha do meio? No exemplar que tenho, com 4 páginas, faltam as séries *Tina* e *Tintim*. No caso de *Tintim*, a semana anterior trouxe a página 15 e a semana seguinte a página 17. Portanto, é uma indicação de que a página 16 tenha saído na suposta folha interna que me falta. Também no caso de *Tina*, há um pulo, a semana anterior trouxe a página 85, a semana seguinte uma página sem número e na outra semana a página 88. Então é possível ter saído uma página 86 na semana em questão. O acervo da **Folha** não tem o suplemento desse dia 14/10/1973. Tentei verificar na Biblioteca Nacional, mas não obtive resultado. Então, a dúvida permanece.

QI 131 (jan/fev/2015)

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

LULA E ZÉ MOITA

Como a Petrobrás está em todas as bocas (e, em breve, em vários tribunais), não poderia deixar de falar dela.

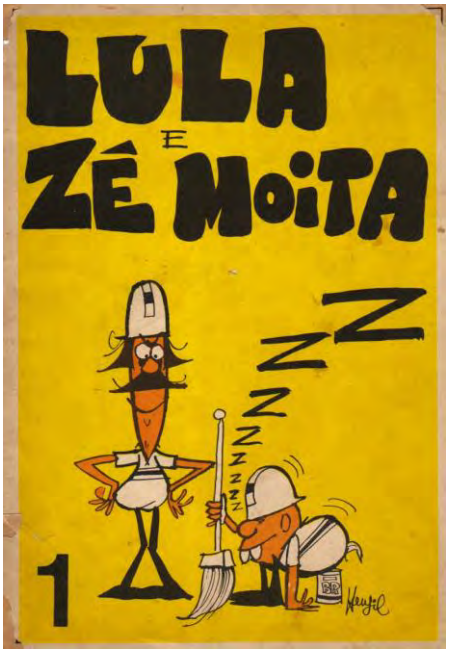
Já tratei, no nº 123 do **QI** (setembro/outubro/2013), de uma iniciativa da Petrobrás de divulgar a empresa e suas atividades através de revistas de Histórias em Quadrinhos. A iniciativa mostrada foi a da série *Tonico e Petrolino*, que rendeu pelo menos 5 edições em épocas diferentes. Como analisado no referido texto, algumas das revistas foram muito bem feitas e outras deixaram a desejar.

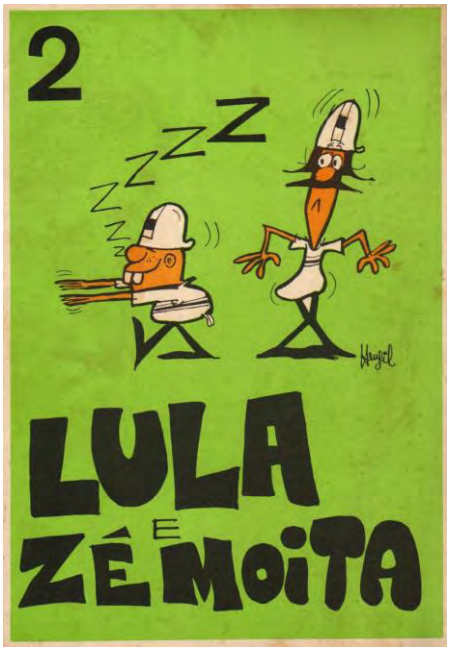
Agora, tratarei de outra iniciativa, uma série com pelo menos 3 edições, intitulada **Lula e Zé Moita**, produzida por ninguém menos que Henfil. Os 3 números da revista, de que tenho notícia, têm formato 18x26cm, 16 páginas em preto e branco e capa com duas cores além do preto. Os personagens Lula e Zé Moita são dois frentistas de um posto da Petrobrás e o assunto gira em torno do atendimento aos fregueses.

O resultado, no entanto, não foi bom, apesar de todo o talento de Henfil. Claro que seu traço é sempre bom de ver, mas a história não funcionou. Henfil fez o que pôde para evitar as situações violentas e demolidoras, que sempre foi sua característica, mas não conseguiu, o que não foi uma boa coisa em se tratando de um quadrinho institucional. Ora, criar um personagem frentista da Petrobrás que seja preguiçoso, incompetente, desrespeitoso, como o Zé Moita, certamente não é uma boa ideia. Funciona lá no Fradim e na Graúna, mas não num gibi da Petrobrás. Talvez, por isso mesmo, Henfil não tenha conseguido emprestar aos dois frentistas a graça conseguida em suas outras obras. Ou seja, mesmo com todo o esforço, os personagens e as situações criadas não são engraçados. E por outro lado, também não trazem qualquer informação sobre os serviços dos postos Petrobrás, o que seria de se esperar. Não presta informação e não diverte. Pelo menos não no nível esperado de um trabalho de Henfil.

Outra questão que é interessante é o fato de Henfil fazer um trabalho sob encomenda. Henfil sempre foi muito cioso na utilização de seus personagens, quase nunca permitindo que fossem utilizados em propaganda comercial e coisas do tipo. É famosa a batalha que travou na assinatura de contrato com a agência que queria distribuir seus Fradinhos nos EUA, para não permitir que os personagens fossem usados em propaganda ou merchandising. No caso de Lula e Zé Moita, pode-se dizer que foram criados especificamente para fazerem propaganda, portanto, não se deveria esperar deles outra coisa.

Outra questão que possa perpassar a mente do leitor é se o personagem Lula foi inspirado em ou homenagem a algum líder sindical em ascensão na época. Pouco provável, os gibis são anteriores a 1972, quando o referido líder ainda não devia ser muito conhecido. Além disso, o personagem Lula é um frentista competente e honesto e, até onde Henfil o retratou, nunca fez nada que envolvesse a Petrobrás em qualquer escândalo de corrupção.





QI 131 (jan/fev/2015)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Não é novidade que as editoras, em especial as pequenas, promovem as mais variadas lambanças nas numerações e títulos de suas publicações, tornando um martírio a vida dos colecionadores. A coleção enfocada neste texto é conhecida como **Edições GEP**, lançada pela editora GEP, às vezes grafada G.E.P. – Gráfica Editora Penteado, criada por Miguel Penteado.

Miguel Falcone Penteado começou sua carreira por volta de 1950, trabalhando como operário e impressor. Em 1951, participou do grupo de idealistas que organizou a primeira exposição de Histórias em Quadrinhos do mundo. Trabalhou durante muito tempo na editora La Selva, se notabilizando principalmente por suas capas. Foi um dos fundadores da editora Continental, depois chamada Outubro e Taika. Em 1965, criou sua própria editora, GEP – Gráfica Editora Penteado. A editora GEP começou publicando principalmente revistas com personagens criados por autores brasileiros. Explorou os temas faroeste, guerra, super-heróis, terror e também as revistas de humor e piadas. Alguns dos principais títulos lançados, com o número aproximado de edições de cada um: **Esporas de Ouro** (6 números), **Raio Negro** (15 números e 1 almanaque), **Superargo** (8 números), **Fantar** (4 números), **Pele de Cobra** (pelo menos 3 números), **Os Conquistadores** (1 número), **Lobisomem** (28 números com mudanças no nome), **Múmia** (18 números), **Estórias Negras** (20 números), **Estórias Diabólicas** (14 números), **Estórias Caipiras de Assombração** (6 números), **O Esquife** (4 números), **Diário de Guerra** (10 números), **Coroné Papinho** (pelo menos 4 números), várias revistas de humor como **Ria-Já**, **Salão de Barbeiro**, **Pivetes**, **Gargalhada**, **Anselmo**, **A Turma do Ia-Ia-Iac!**, além de incontável número de encalhes.

Embora o forte da editora GEP fosse a produção nacional, em 1968, por algum motivo, resolveu publicar revistas com super-heróis da Marvel. Segundo Roberto Guedes, os heróis Marvel chegaram ao Brasil primeiro nos desenhos animados para TV, alcançando considerável sucesso. A Ebal, que publicava os principais heróis da DC, mesmo com o sucesso dos desenhos na TV, só lançou, em 1967, revistas dos heróis Marvel numa parceria com a Shell, para venda exclusiva em postos de gasolina. Saíram 3 revistas com o nº 0, todas com a capa trazendo em destaque a denominação *Super Heróis Shell*: **Capitão Z** (com Homem de Ferro e Capitão América), **Super X** (com Príncipe Submarino e O Incrível Hulk) e **Álbum Gigante** (com O Poderoso Thor), justamente os heróis que tinham desenho na TV. Depois a Ebal deu continuidade às 3 revistas a partir do nº 1 com **Capitão Z** durando até o nº 34, **Super X**, até o nº 54, e **Álbum Gigante**, até o nº 32. Posteriormente, a partir de 1969, a Ebal lançou revistas com Homem Aranha, Demolidor e Quarteto Fantástico. A editora GEP, talvez vendo o sucesso dos desenhos da TV, tentou publicar material da Marvel, mas os principais já estavam com a Ebal. Talvez até os títulos que a Ebal só foi publicar em 1969 já estivessem contratados. Assim, a GEP ficou com heróis menos conhecidos, como X-Men, Surfista Prateado e Capitão Marvel. Em 1968, a GEP lançou duas revistas Marvel, ambas com o nº 1. Uma com 36 páginas estrelada pelos X-Men; outra, com 100 páginas, estrelada pelo Surfista Prateado. Imagino que a GEP pretendesse lançar dois títulos independentes. Mas somente o de X-Men teve continuidade, indo até o nº 8, mantendo mais ou menos o mesmo padrão. Nas capas, apareceram dizeres como *Uma Edição de Espora de Ouro*, *Uma Revista G.E.P.* e *Uma Edição G E P*, às vezes com dois dizeres na mesma capa, em cima do título, embaixo ou no box. Somente no nº 8, ainda dedicada aos X-Men, é que apareceu na capa, com bastante destaque, o dizer *Edições GEP*, dizer que passou a denominar a coleção. Imagino também que foi a partir desse nº 8 que os editores decidiram que aquela não era mais uma revista apenas dos X-Men. O motivo? Talvez a demora para chegar o material de X-Men dos Estados Unidos, talvez a necessidade de publicar os outros heróis Marvel já contratados e o temor em lançá-los em revistas próprias. Talvez a experiência com o primeiro número de Surfista Prateado não tenha sido boa. O fato é que o nº 9 de *Edições GEP* foi uma edição de 100 páginas estrelada pelo Surfista Prateado. Embora acima do logotipo aparecesse o nº 9, dentro do logotipo aparecia o nº 2, ou seja, esta era a segunda revista de Surfista Prateado. Com a incorporação de Surfista Prateado à mesma coleção de X-Men, agora denominada *Edições GEP*, esta acabou ficando com dois números 1. O Surfista Prateado voltou a aparecer nos nºs 18 e 20, ambas com 100 páginas, totalizando 4 números com o herói. Os X-Men voltaram a aparecer nos nºs 13 e 14, com 36 páginas cada, e no nº 19, com 100 páginas. Os nºs 13 e 14 trouxeram os nºs 9 e 10 dentro do logotipo. O nº 19 não trouxe o nº 11 dentro do logotipo, por isso, e por ter número maior de páginas, é considerada um Almanaque de X-Men dentro da *Edições GEP*. Um terceiro título da Marvel foi lançado em *Edições GEP*. Os nºs 11, 15 e 21, todos com 100 páginas, foram dedicados ao Capitão Marvel. Os demais números de *Edições GEP* trouxeram materiais diversos, inclusive produções nacionais. A publicação de histórias Marvel pela GEP não foi especialmente desastrosa, como sempre é de se esperar das editoras brasileiras. Embora o material original fosse colorido e as revistas da GEP fossem em preto e branco, a editora soube respeitar as diagramações originais das páginas, mantendo inclusive os balões originais. Não fez praticamente nenhum retoque, a não ser quando inevitável. Também manteve, na maior parte da coleção, a sequência cronológica das aventuras.

O detalhamento de cada edição, com a respectiva capa, é apresentado a seguir.

Nº 1 Surfista Prateado 1 – 100 páginas

Na capa: Sentinela do Espaço – O Surfista Prateado ■ No box: Uma Revista GEP Ano– 1 Num.– 1 NCR$ 1.20 ■ Na lombada: Extra – O Surfista Prateado – Extra

HQs: *A Origem do Surfista Prateado* (38p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 1 (ago/1968) ■ *O Maravilhoso Vigia* (13p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 1 (ago/1968) ■ O *Surfista Prateado – Quando o Disco Aterrisa* (40p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 2 (out/1968).

Capa copiada da edição original nº 2, com as cores alteradas.

Nº 1 **X-Men 1** – 36 páginas
Na capa: Uma Edição de Esporas de Ouro – X-Men – Ano-1 Nº– 1 NCr$ 0,50 ■ No box: Uma Revista G.E.P.
HQs: *X-Men – A Volta do Bolão* (22p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 7 (set/1964) ■ *X-Men – Luta de Titãs!* (8p) – produção nacional.
Capa da edição original, com as cores alteradas, o Homem de Gelo está vermelho.

Nº 2 **X-Men 2** – 36 páginas
Na capa: X-Men – Ano-1 Nº – 2 ncr$ 0.50 – Uma Edição de Esporas de Ouro (de lado) ■ No box: Uma Revista G.E.P.
HQs: *X-Men – A Incrível Ameaça de Unus, o Intocável* (20p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 8 (nov/1964) ■ *X-Men – O Dia em que Jean se Tornou Líder!* (8p) – produção nacional.
Capa da edição original, com as cores alteradas, só que o Homem de Gelo já está branco azulado.

Nº 3 **X-Men 3** – 36 páginas
Na capa: Uma Edição G E P – X-Men – Ano- 1 Nº-3 NCr$ 0,50 ■ No box: Uma Revista G.E.P.
HQs: *X-Men – Em Ação Os Vingadores* (20p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 9 (jan/1965) ■ *X-Men – Corrida Complicada!* (8p) – produção nacional.
Capa da edição original, com as cores alteradas.

Nº 4 **X-Men 4** – 36 páginas
Na capa: X-Men – Uma Edição G E P (de lado) – Ano-1 Nº-4 NCr$ 0,50 ■ No box: Uma Revista G.E.P.
HQs: *X-Men – A Volta de Ka-Zar* (20p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 10 (mar/1965) ■ *Os X-Men contra Octópus, o Terrível!* (8p) – produção nacional.
Capa da edição original, com as cores alteradas.

Nº 5 **X-Men 5** – 36 páginas
Na capa: X-Men – Ano-1 5 ncr$ 0,60 ■ No box: Uma Revista G.E.P.
HQs: *X-Men – O Triunfo de Magneto!* (20p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 11 (mai/1965) ■ *X-Men – A Casa Assombrada* (8p) – produção nacional.
Capa da edição original, com as cores alteradas.

Nº 6 **X-Men 6** – 36 páginas
Na capa: Uma Edição G E P – X-Men – Ano-1 Nº – 6 ncr$ 0,60 ■ No box: Uma Revista G.E.P.
HQs: *X-Men – A Origem do Professor X* (20p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 12 (jul/1965) ■ *X-Men – Os Mutantes de Júpiter!* (9p)– produção nacional.
Capa da edição original, com as cores alteradas.

Nº 7 **X-Men 7** – 36 páginas
Na capa: X-Men – Ano – 1 Nº 7 ncr$ 0,60 ■ No box: Uma Revista G E P
HQs: *X-Men – O Caminho do Jaganata* (20p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 13 (set/1965) ■ *X-Men – O Homem Que Queria Dominar o Mundo!* (8p) – produção nacional.
Capa da edição original, com as cores alteradas.

Nº 8 **X-Men 8** – 36 páginas
Na capa: Edições GEP Ano 1 – Nº 8 – X-Men – NCR$ 0,60
HQs: *X-Men – Entre Nós Andam... Os Sentinelas!* (20p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 14 (nov/1965) ■ *Os X-Men Enfrentam.... Thor, o Viking!* (8p) – produção nacional.
Capa da edição original, com as cores alteradas.
Primeira edição a trazer a denominação *Edições GEP*, em letras grandes na capa.

Nº 9 O Surfista Prateado 2 – 100 páginas

Na capa: Edições GEP Ano 1 – Nº 9 apresenta O Surfista Prateado 2 (nº dentro do logotipo) ■ No box: Uma Revista GEP – ncr$ 1.20 ■ Na lombada: Extra – O Surfista Prateado – Extra

HQs: *O Surfista Prateado – O Poder e o Prêmio* (40p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 3 (dez/1968) ■ *Estórias do Vigia – A Chegada dos Krills* (10p) – publ. orig. **The Silver Surfer** nº 2 (out/1968) ■ *O Surfista Prateado – O Bom, o Mau e o Misterioso* (39p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 4 (fev/1969).

Capa da edição original nº 3, com as cores originais.

Nº 10 Álbum Divertido de Curiosidades Populares 3 – 100 páginas

Na capa: Edições G.E.P. Ano. 1 – Nº 10 apresenta Álbum Divertido de Curiosidades Populares Nº 3 – NCR$ 1.20 ■ Na lombada: Álbum Divertido de Curiosidades Populares Nº 3

Conteúdo: Textos curtos e longos sobre curiosidades (grande maioria), piadas em quadrinhos, testes de conhecimentos e palavras cruzadas.

O **Álbum Divertido de Curiosidades** teve 2 números anteriores independentes antes de entrar para a *Edições GEP*.

Nº 11 Capitão Marvel 1 – 100 páginas

Na capa: Edições GEP Ano 1 – Nº 11 apresenta Novamente Capitão Marvel 1 (nº dentro do logotipo) ■ No box: Uma Revista GEP – ncr$ 1.20 ■ Na lombada: Novamente Capitão Marvel

HQs: *Capitão Marvel – Um Herói Saído do Holocausto!* (21p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 1 (mai/1968) ■ *Estórias do Vigia – O Terror de Timbuba* (10p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 4 (fev/1969) ■ *Capitão Marvel – O Super Skrull!* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 2 (jun/1968) ■ *Estórias do Vigia – Por que Não Crêem em Mim?* (10p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 3 (dez/1968) ■ *Capitão Marvel – Das Cinzas da Derrota!* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 3 (jul/1968).

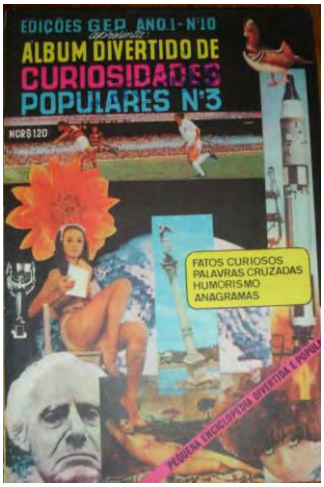
Capa da edição original nº 1, com as cores alteradas.

Nº 12 Diário de Guerra 11 – 36 páginas

Na capa: Edições GEP Ano 1 – Nº 12 apresenta Diário de Guerra 11 (nº dentro do logotipo) – NCR$ 0.60

HQs: *Drama no Mar* (12p) – sem créditos ■ *Tragédia no Morro!* (8p) – sem créditos ■ *Heróis da F.E.B. – Tertuliano Ribeiro* (8p) – adaptação e arte de Alberto Paroche.

A revista **Diário de Guerra** teve 10 números anteriores independentes antes de entrar para a Edições GEP.



Nº 13 X-Men 9 – 36 páginas

Na capa: Edições GEP Ano 2 – Nº 13 apresenta X-Men 9 (nº dentro do logotipo) – NCR$ 0.60 ■ No box: Uma Revista G.E.P.

HQs: *X-Men – Prisioneiros da Misteriosa Forma Mestra!* (20p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 15 (dez/1965) ■ *X-Men – Perigo sob as Águas* (8p) – produção nacional.

Capa original, com as cores alteradas.

Nº 14 X-Men 10 – 36 páginas

Na capa: Edições GEP Ano 2 – Nº 14 apresenta X-Men 10 (nº dentro do logotipo) – NCR$ 0.60

HQs: *X-Men – O Supremo Sacrifício* (20p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 16 (jan/1966) ■ *X-Men – Fireman* (8p) – produção nacional.

Capa feita no Brasil, baseada na aventura nacional.

Nº 15 Capitão Marvel 2 – 100 páginas

Na capa: Edições GEP Ano 2 – Nº 15 apresenta Capitão Marvel 2 (nº dentro do logotipo) ■ No box: NCR$ 1.50 ■ Na lombada: Capitão Marvel

HQs: *Capitão Marvel – Na Trilha de Solan* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 6 (out/1968) ■ *Capitão Marvel – Uma Cidade Deve Morrer* (20p) – publ. orig. em **Capitain Marvel** nº 7 (nov/1968) ■ *Capitão Marvel – E o Medo Virá!* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 8 (dez/1968) ■ *Capitão Marvel – Entre Dois Fogos* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 9 (jan/1969).

Capa da edição original nº 9, com as cores alteradas.

Nº 16 No Mundo dos Gigantes 1 – 100 páginas

Na capa: Edições GEP Ano 2 – Nº 16 apresenta No Mundo dos Gigantes com Jony Star! – ncr$ 1.50 ■ No box: Nº 1 ■ Na lombada: No Mundo dos Gigantes com Jony Star

HQs: *Jony Star – No Mundo dos Gigantes* (28p) ■ *Jony Star – O Cientista Louco* (12p) ■ *Jony Star – Missão Koh-I-Noor!* (18p) ■ *Jony Star – A Ilha do Terror* (15p) ■ *Jony Star – Flores par Hilda!* (14p).

Produção nacional com roteiros de Gedeone Malagola e desenhos de Paulo Hamasaki e Moacir Rodrigues.

Nº 17 Álbum Divertido de Curiosidades 4 – 100 páginas

Na capa: Edições GEP Ano 2 – Nº 17 apresenta Álbum Divertido de Curiosidades – Nº 4 – ncr$ 1.50 ■ Na lombada: Álbum Divertido de Curiosidades Nº 4

Conteúdo: Textos curtos e longos sobre curiosidades, palavras cruzadas, testes de conhecimentos gerais, passatempos para colorir os pontos e formar um desenho, testes de lógica e piadas em quadrinhos.

Nº 18 Surfista Prateado 3 – 100 páginas

Na capa: Edições GEP Ano – 2 Nº 18 apresenta O Surfista Prateado (sem nº no logotipo) – Sentinela do Espaço ■ No box: CR$ 2,00 ■ Na lombada: Extra – O Surfista Prateado – Extra

HQs: *O Surfista Prateado – E quem se incomodará por ele?* (39p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 5 (abr/1969) ■ *Capitão Marvel – Morra, Traidor* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 10 (fev/1969) ■ *Capitão Marvel – Vingança* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 11 (mar/1969) ■ *Raio Negro – Magnus, o Mágico* (7p) – produção nacional.

Capa feita no Brasil, copiando imagens de outras HQs, a imagem de Surfista Prateado é um quadrinho da página 3 de *Edições GEP* nº 20, e a de Capitão Marvel, um quadrinho da página 97 de *Edições GEP* nº 22.

Nº 19 X-Men (11) – 100 páginas

Na capa: Edições GEP Ano 2 – Nº 19 apresenta X-Men (sem nº no logotipo) ■ No box: cr$ 2,00 ■ Na lombada: Álbum X-Men Álbum X-Men

HQs: *X-Men – E Ninguém Sobreviverá* (20p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 17 (fev/1966) ■ *X-Men – Se o Geleira Falhar* (19p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 18 (mar/1966) ■ *Capitão Marvel – O Momento do Carrasco* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 12 (abr/1969) ■ *Raio Negro – Piratas no Ar* (6p) – produção nacional de Gedeone ■ *X-Men – Eis Que Surge o Mímico* (20p) – publ. orig. em **The X-Men** nº 19 (abr/1966).

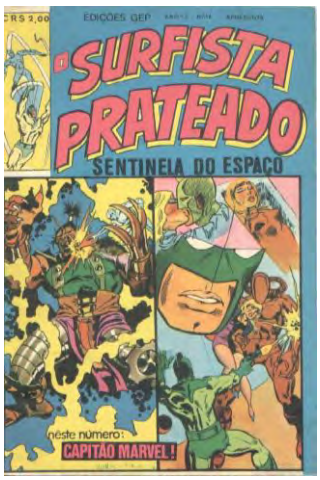
Capa da edição original nº 17, com as cores alteradas.

Nº 20 Surfista Prateado 4 – 100 páginas

Na capa: Edições GEP apresenta O Surfista Prateado 4 (nº dentro do logotipo) ■ No box: Uma Revista GEP – Ano-2 – Num.-20 – cr$ 2,00 ■ Na lombada: – O Surfista Prateado –

HQs: *O Surfista Prateado – Mundos sem Fim!* (39p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 6 (jun/1969) ■ *Contos do Vigia – Eu, o Disforme* (10p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 7 (ago/1969) ■ *O Surfista Prateado – O Herdeiro de Frankenstein!* (40p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 7 (ago/1969).

Capa da edição original nº 6, com as cores originais.



Nº 21 Capitão Marvel 3 – 100 páginas

Na capa: Sensacional O Nôvo Capitão Marvel 3 (nº dentro do logotipo) ■ No box: Uma Revista GEP – Ano-2 – Num.-21 – cr$ 2,00 ■ Na lombada: Capitão Marvel – Capitão Marvel

HQs: *Capitão Marvel – Para que Zo possa Viver... Uma Galáxia deve Morrer!* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 15 (ago/1969) ■ *Capitão Marvel – Por Trás da Máscara de Zo!* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 16 (set/1969) ■ *Estórias do Vigia – Os Confiantes Humanos!* (11p) – publ. orig. em **The Silver Surfer** nº 6 (jun/1969) ■ *Capitão Marvel – A Vingança é Minha* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 18 (nov/1969) ■ *Capitão Marvel – O Louco Mestre da Armadilha Assassina!* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 19 (dez/1969).

Capa da edição original nº 19, com as cores originais.

A GEP pulou a aventura do nº 17, que era continuação do nº 16 e continuava no nº 18.

Nº 22 Almanaque Diário de Guerra – 100 páginas

Na capa: Almanaque Diário de Guerra – Edições GEP. Ano 2 – Nº 22 Cr$ 2,00 ■ Na lombada: Almanaque Diário de Guerra Almanaque

HQs: *Morta na Chuva* (10p) – Alberto Paroche e Juarez ■ *Longe da Guerra* (10p) – Paroche e Juarez ■ *Farra Pós Humanos* (10p) – Paroche e Juarez ■ *Sofia a Judia* (11p) – sem créditos ■ *A Ponte do Diabo* (12p) – Moacir Rodrigues ■ *Os Ratos de Montalbano* (10p) – Paroche ■ *Capitão Marvel – Traidores ou Heróis?* (20p) – publ. orig. em **Captain Marvel** nº 13 (mai/1969).

Nº 23 No Mundo dos Gigantes 2 – 100 páginas

Na capa: Edições GEP Ano 2 – Nº 23 apresenta No Mundo dos Gigantes com Jony Star! ■ No box: Nº 2 – 2,00 ■ Na lombada: No Mundo dos Gigantes com Jony Star

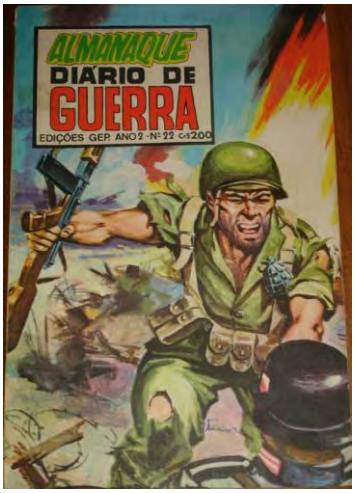
HQs: *Jony Star – O Viajor do Infinito!* (17p) ■ *Jony Star – Merlin, o Mágico!* (14p) ■ *Jony Star – O Homem Átomo!* (15p) ■ *Jony Star – Contra os Homens-Formiga!* (13p) ■ *Jony Star – Tazar, o Tirano!* (13p) ■ *Jony Star – Agarrados!* (12p).

Produção nacional com roteiros de Gedeone Malagola e desenhos de Paulo Hamasaki e Moacir Rodrigues

Super-Almanaque X-Men – 160 páginas

Na capa: Super-Almanaque Os X-Men em Ação! – Reprise – NCR$ 1,20

Tratam-se de 2 encalhes com a mesma capa, o primeiro reunindo os nºs 1 a 5 de **X-Men** e o segundo, os nºs 6 a 10.



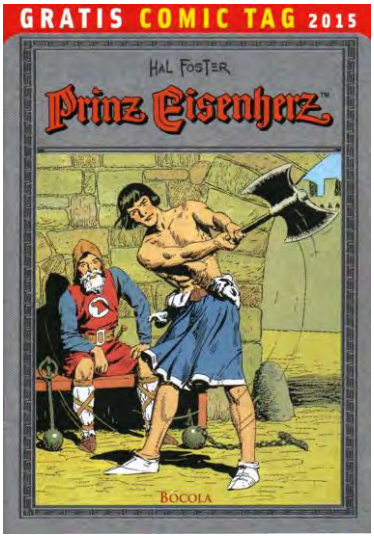
Como mencionado, a publicação de histórias Marvel pela GEP não foi especialmente ruim. No que diz respeito à mutilação dos quadrinhos – regra geral entre as editoras brasileiras –, a GEP se comportou com dignidade. Com exceção das cores, que as edições da GEP não tinham, as páginas em preto e branco das HQs foram respeitadas e a qualidade de impressão não era ruim, ainda mais comparada com as revistas originais norte-americanas, sempre muito mal impressas. Em relação ao respeito à cronologia, há algumas restrições. Começando com Surfista Prateado, a GEP publicou na ordem correta as 7 primeiras HQs da revista original **The Silver Surfer**, lançada em agosto de 1968. Claro que o Surfista já havia surgido nas histórias do Quarteto Fantástico, mas nesse caso estava fora das possibilidades da GEP publicar estas aventuras anteriores. Das histórias do Vigia, publicadas como complemento de **The Silver Surfer**, a GEP publicou até a 7ª, pulando a 5ª. Como essas histórias são contidas, não houve prejuízo nessa omissão. No caso de X-Men, a GEP publicou em ordem cronológica uma sequência inteira de 13 histórias da revista original **The X-Men**, mas começou com a aventura do nº 7, de setembro de 1964. Por que não começou a partir do primeiro número, apresentando aos leitores brasileiros toda a gênese do grupo? O caso de Capitão Marvel foi mais crítico. As aventuras do herói eram praticamente uma continuação só e portanto não poderia haver omissão ou inversão de histórias. A GEP começou com a aventura do primeiro número da revista original **Captain Marvel**, mas pulou as aventuras dos nºs 4, 5, 14, 17 e publicou a do nº 13 fora de ordem. No caso da aventura do nº 14, até há um motivo justo, pois esta história fazia conexão com outros titulos da Marvel, como **Sub-Mariner** nº 14 e **Avengers** nº 64, títulos sobre os quais a GEP não tinha direitos de publicação. Mas as outras omissões foram prejudiciais aos leitores. Além disso, as duas primeiras histórias de Capitão Marvel não foram publicadas no Brasil, pois haviam sido publicadas originalmente nos nºs 12 e 13 de **Marvel Super Heroes**, de dezembro de 1967 e março de 1968. Ou seja, ficou faltando justamente a origem do herói.

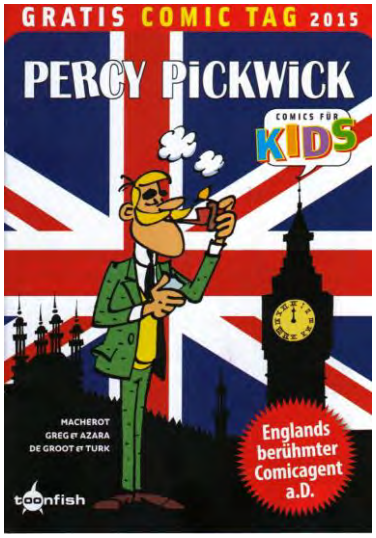
Uma curiosidade é que a GEP, para completar o número de páginas das revistas de X-Men, produziu várias histórias curtas dos heróis feitas por autores nacionais como Gedeone Malagola e Walter Gomes. Essas histórias foram recentemente publicadas em álbum pelas Edições Waz e Grrr!... Há dúvida se houve autorização da Marvel para a produção dessas HQs.

A compilação de informações para compor este texto começou há mais de uma década com dados enviados pelo colecionador **Antônio Sérgio Federighi**. Depois foi complementada por **Worney Almeida de Souza**. A confirmação dos dados, com complemento de conteúdos e imagens de capas, foi conseguida graças a **Pedro José Rosa de Oliveira**.

QI 133 (mai/jun/2015

GRATIS COMIC TAG



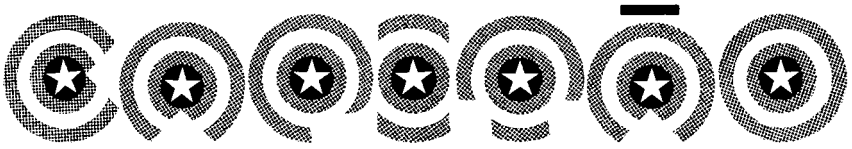


Já comentei aqui no **QI**, várias vezes, sobre a iniciativa das editoras de quadrinhos alemãs de, regularmente, produzirem revistas grátis, no formato comics, com impressão de primeira qualidade, com material de seu catálogo, muitas vezes histórias completas de algum álbum que publicam. É uma forma de atrair leitores para a coleção completa dos álbuns dos personagens que a edição grátis contempla. Gerd Bonau, que já me enviou várias dessas revistas grátis, me enviou mais duas. A primeira, dedicada ao *Príncipe Valente*, traz um trecho de aventura de 1942, remontada de modo que os quadros não ficassem pequenos, mas sem adulterações nos desenhos. A editora Bocola tem em catálogo 18 volumes com toda a fase de Hal Foster, de 1937 a 1971. Além disso, anuncia uma *Camelot Edition*, com os dois primeiros anos no formato original. A editora também anuncia as coleções de *Lance*, de Warren Tuffs, em 5 volumes, e *Tarzan*, de Hal Foster e Burne Hogarth, em 10 volumes. A segunda traz duas histórias curtas de *Percy Pickwick*, nome dado lá ao *Coronel Clifton*, que teve um álbum publicado no Brasil pela editora Bruguera na coleção *Trota Mundo*. A editora Toonfish tem em catálogo 6 álbuns do personagem, além de outras séries franco-belgas como *Os Smurfs* e *Kim Kebranoz*.

Gerd enviou também um folheto-catálogo anunciando todas as edições grátis previstas para maio de 2015. Nada menos do que 34 edições com todo tipo de material, de heróis DC a Marvel, de *Peanuts* a *Simpsons*, de *Donald* a *Angry Birds*, de *Elfquest* a *Pokemon*, mas passando por uma boa quantidade de álbuns europeus de causar inveja. Não sei dizer com que frequência essa iniciativa de distribuir revistas grátis é realizada. Um detalhe que merece atenção é que as revistas que podem ser lidas por crianças trazem na capa, bem visível, os dizeres "Comics für Kids", de modo que os pais não se enganem.

Este catálogo de 4 páginas traz na capa uma ilustração que merece comentário. A ilustração mostra um monte de personagens de quadrinhos reunidos, fazendo pose para uma foto, mas, pelo que pude observar, nenhum deles é verdadeiro, apenas fazem referências a personagens reais dos quadrinhos. Dá para ver claramente genéricos do *Homem Aranha*, do *Hulk*, do *Asterix*, do *Marsupilami*, talvez um *Superman* ou um *Michel Vailant*, todos suficientemente modificados para não caracterizar uso indevido de imagem desses heróis. Entendo que os direitos de autor, de imagem ou de marca devam ser respeitados, de modo a garantir aos proprietários a tranquilidade de usarem suas criações para auferir proventos que os sustentem, e não fiquem à mercê de aproveitadores que venham usufruir do sucesso alcançado arduamente. Mas deve haver limite para isso, para não cair no ridículo. A lei alemã certamente é rigorosa nessa matéria e os autores do catálogo nem pensaram em usar imagens de personagens reais. Ora, neste caso especificamente, o catálogo é justamente para promover edições em que os heróis aparecem, na tentativa de vendê-los, e mesmo assim prevalece a cautela.

QI 133 (mai/jun/2015



A editora Panini lançou neste começo de ano o volume 6 da **Coleção Histórica Marvel** dedicada aos Vingadores. No entanto, trouxe histórias publicadas originalmente em **Captain America** nºs 123 e 143 a 148, de junho de 1970 e novembro de 1971 a abril de 1972. Esta sequência de histórias tem algum significado para os colecionadores de gibis no Brasil. Vejamos um breve histórico de Capitão América.

Capitão América foi criado em 1940 nos Estados Unidos, lançado no final do ano em revista própria, com data de começo de 1941. Fez muito sucesso lá e também no Brasil, onde foi muito publicado, principalmente na revista **O Guri**, a partir de 1943, e **Detective**, em 1944, ambas da editora de **O Cruzeiro**. Nos Estados Unidos, após o fim da Segunda Guerra, em 1945, os super-heróis começaram a perder popularidade. A revista do Capitão América durou até o nº 75, de fevereiro de 1950, os dois últimos com o nome mudado para **Captain America"s Weird Tales**, sendo que o último nem trouxe história do herói. Em maio de 1954, houve uma tentativa de voltar com a revista, seguindo a numeração, mas saíram apenas 3 edições, até o nº 78, de setembro de 1954. Na segunda metade da década de 1950, os super-heróis começaram a retomada de popularidade com as reformulações da DC. A Marvel só embarcou na onda em 1961 com o lançamento de **Fantastic Four**. Vários outros heróis, como Hulk, Homem de Ferro, Homem-Aranha e Thor, foram lançados em seguida. Em 1963, foi lançada a revista **Avengers** reunindo vários desses heróis. No nº 4, de março de 1964, o Capitão América foi revivido, com aquela história de que tinha ficado preso num bloco de gelo desde 1945, desprezando vários anos de aventuras do pós-guerra. A partir daí, este "novo" Capitão América passou a atuar nos Vingadores. Em outubro de 1964, o herói apareceu numa aventura de Homem de Ferro publicada na revista **Tales of Suspense** nº 58. **Tales of Suspense** publicava aventuras de Homem de Ferro desde o nº 39, de março de 1963. A partir do nº 59, de novembro de 1964, **Tales of Suspense** passou a trazer aventuras solos de Capitão América, além das de Homem de Ferro. Esta divisão da revista pelos dois heróis durou até o nº 99, de março de 1968. O nº 100 da revista passou a se chamar **Captain America** trazendo somente aventuras do herói. O Homem de Ferro passou a ser publicado em outro título. Esta série da revista **Captain America** durou até o nº 454, de agosto de 1996, com algumas mudanças de nome pelo caminho. A partir daí, várias outras séries de Capitão América foram publicadas nos Estados Unidos.

No Brasil, os heróis Marvel, da fase iniciada com Fantastic Four em 1961, chegaram com os desenhos animados para TV. A Ebal, em parceria com os Postos Shell, lançou, em julho de 1967, para distribuição apenas em postos de gasolina, os números zero de três revistas: **Álbum Gigante**, com O Poderoso Thor; **Super X**, com Príncipe Submarino e O Incrível Hulk; e **Capitão Z**, com Homem de Ferro e Capitão América. A partir de agosto, a Ebal deu continuidade às 3 revistas, lançando os nºs 1 com distribuição normal em bancas. Com **Capitão Z**, a Ebal seguiu a fórmula que **Tales of Suspense** adotou a partir do nº 59, dividindo a revista entre Homem de Ferro e Capitão América. No entanto, não começou com as aventuras do nº 59 original. O nº 0 da revista brasileira trouxe aventuras publicadas originalmente nos nºs 67 e 68 de **Tales of Suspense**, de julho e agosto de 1965. Ou seja, a Ebal, no caso de Capitão América, pulou 8 histórias publicadas entre os nºs 59 e 66 de **Tales of Suspense**, e também a primeira participação do herói na aventura do Homem de Ferro, no nº 58

A Ebal também não publicou a "origem" do Capitão América, ocorrida no nº 4 de **Avengers**, além das aventuras subsequentes na revista do grupo de heróis. Mas, nesse caso, tratava-se de outra revista, da qual a Ebal talvez não tivesse os direitos. De qualquer forma, para o leitor brasileiro, foi pegar o bonde andando, não só para o Capitão América, como para os demais heróis Marvel. Essa primeira aventura do Capitão América com os Vingadores só saiu no Brasil quando a Bloch lançou a revista **Vingadores** no final de 1974, publicando em sequência as aventuras da revista **Avengers**, desde seu nº 1, do final de 1963. A primeira participação do Capitão América na revista **Tales of Suspense**, no nº 58, em aventura do Homem de Ferro, só saiu no Brasil em 2007, no volume 2 de **Biblioteca Histórica Marvel – Homem de Ferro**, da Panini, republicada em **Coleção Histórica Marvel** nº 3, em junho de 2012. Algumas das primeiras aventuras solos do Capitão América, puladas pela Ebal, foram publicadas pela editora Bloch, entre 1975 e 1978, nas revistas **Vingadores**, **Almanaque do Homem Aranha** e **Bloquinho Especial**; e pela editora Abril, entre 1980 e 1994, nas revistas **Heróis da TV**, **Capitão América**, **Marvel Especial** e **Origem dos Super Heróis Marvel**, sempre de forma irregular, totalmente fora de ordem. A sequência completa de **Tales of Suspense** nºs 59 a 81 só foi publicada em 2008 pela Panini em **Biblioteca Histórica Marvel – Capitão América** volume 1.

Voltando à Ebal, a revista **Capitão Z**, a partir do nº 0, começou a publicar Capitão América a partir da história publicada originalmente em **Tales of Suspense** nº 67, de julho de 1965. E manteve a sequência correta a partir daí, com poucas alterações. A revista **Capitão Z** trazia cerca de 3 HQs, às vezes vinha uma do Capitão América, às vezes, duas, mas houve número com três, sem nenhuma do Homem de Ferro, portanto, não há uma correspondência exata entre **Capitão Z** e **Tales of Suspense**. A revista **Capitão Z** durou até o nº 34, de maio de 1970. Até o nº 21, de março de 1969, publicou, apenas com alguma alteração na ordem, as histórias de **Tales of Suspense** até o nº 99, que foi o último com este nome. A partir do nº 100, a revista **Tales of Suspense** passou a se chamar **Captain America** e sua aventuras continuaram saindo em **Capitão Z**, até seu último número, correspondente a **Captain America** nº 116, de agosto de 1969.

A Ebal, no entanto, pulou 3 aventuras, publicadas em **Captain America** nºs 111 a 113. Essa fase de Capitão América, publicada em **Capitão Z**, foi produzida por Jack Kirby, às vezes com ajuda de George Tuska, Dick Ayers ou John Romita, com algumas aventuras feitas por Gil Kane, John Buscema, três feitas por Jim Steranko, até o início da fase de Gene Colan. Coincidência ou não, das três aventuras puladas pela Ebal, duas eram de Steranko. Algumas dessas histórias foram republicadas, fora de ordem, pela editora Bloch, em 1976, nas revistas **Vingadores** e **Capitão América**. A editora Abril também republicou várias dessas histórias, a partir de 1980, nas revistas **Heróis da TV**, **Capitão América**, **Marvel Especial** e **Grandes Heróis Marvel**, também fora de ordem. As três HQs de Steranko saíram em sequência tanto pela Abril quanto pela Panini, em abril de 2012, em **Coleção Histórica Marvel** nº 1.

A Ebal decidiu, em maio de 1970, encerrar as revistas **Capitão Z** (no nº 34) e **Álbum Gigante** (no nº 32), lançando, em junho de 1970, a revista **A Maior**, trazendo os 3 heróis despejados, Capitão América, Homem de Ferro e Thor. A revista **A Maior** deu continuidade às aventuras de Capitão América a partir da história publicada em **Captain América** nº 117, de setembro de 1969, a segunda da fase produzida por Gene Colan, e manteve, mais ou menos, a sequência correta, até o nº 17, de janeiro de 1972, correspondente a **Captain America** nº 136, de abril de 1971. A revista **A Maior** durou até o nº 21, mas a partir do nº 18 não trouxe aventuras de Capitão América. A Ebal, no entanto, antes mesmo de lançar **A Maior**, publicou, em abril de 1970, um nº 1 de **Capitão Z Especial**, em cores, adiantando uma história de **Captain America** nº 120. A Ebal estava lançando revistas coloridas com vários de seus heróis, começando com os principais, Superman, Batman e Tarzan, e escolheu Capitão América para estrelar a colorida **Capitão Z Especial**. A revista foi inicialmente trimestral, com os números 2 e 3 saindo em julho e outubro de 1970, adiantando mais duas histórias, de **Captain America** nºs 127 e 128. O nº 4 de **Capitão Z Especial** só saiu um ano depois, em outubro de 1971, trazendo a aventura de **Captain America** nº 134, sequência da que havia saído em **A Maior** nº 15, um mês antes. O nº 17 de **A Maior** trouxe duas aventuras publicadas em **Captain America** nºs 135 e 136, histórias fechadas, e Capitão América ficou mais de um ano sem aparecer em revista da Ebal. Somente em março/abril de 1973, a Ebal resolveu publicar o nº 5 de **Capitão Z Especial**, com a aventura de **Captain America** nº 137, a última desenhada por Gene Colan. Com periodicidade bimestral, **Capitão Z Especial** trouxe uma sequência antológica de histórias, com belos desenhos de John Romita, em que Capitão América e Falcão enfrentam o Gárgula Cinzento. A revista durou até o nº 9, de novembro/dezembro de 1973, deixando a história no auge do suspense. O fim de **Capitão Z Especial** não foi traumático, pois logo em janeiro de 1974 foi lançada **Homem-Aranha Especial**, colorida, trazendo o final da saga contra o Gárgula, publicada em **Captain America** nº 142, de outubro de 1971. Esta sequência de histórias em que o Capitão América e Falcão enfrentam o Gárgula nunca foi republicada no Brasil.

A revista **Homem-Aranha Especial** durou até o nº 8, de janeiro de 1975, trazendo aventuras de Capitão América publicadas nos nºs 142 a 147 de **Captain America**, de outubro de 1971 a março de 1972. Essa fase, iniciada por Romita, teve participação de Gray Morrow e Gil Kane antes de cair nas mãos de Sal Buscema, que permaneceu no título por um longo período. Apesar dos desenhos de Buscema, que não admiro, foi também uma fase de histórias emocionantes, com Capitão América e Falcão enfrentando a Hidra, cujo comando foi sendo desvendado aos poucos. Num primeiro momento é revelado que quem está por trás da Hidra é o Rei do Crime, e este é confrontado pelo herói e seu parceiro. No auge da batalha, quando o Rei é imobilizado, um novo vilão se revela como sendo o verdadeiro líder. Mas quem será este poderoso adversário, do qual só aparece a voz? O rodapé da última página anuncia: "No próximo número: O LONGO SONO!".

O próximo número não saiu, pois a Ebal perdeu os direitos de publicação da Marvel para a editora Bloch, numa história muito mal contada, qualquer que seja a versão de quem a conte. Em fevereiro de 1975, a Bloch já lançou o primeiro número da revista **Capitão América**, em formatinho, colorida. E trouxe o desfecho da história deixada no auge no último número de **Homem-Aranha Especial**? Não. Em vez de dar sequência às aventuras de Capitão América a partir do nº 148 da revista original, com a conclusão da emocionante saga, a Bloch resolveu publicar a partir do nº 156 de **Captain America**, de dezembro de 1972, pulando simplesmente 8 histórias. A partir daí, embora com remontagens, impressão, tradução e colorização péssimas, a Bloch seguiu a sequência cronológica das aventuras originais, publicando 47 histórias em seus 20 números, às vezes uma, duas ou três histórias por edição. Entre o nº 13 e 14 da revista, a Bloch publicou o **Almanaque Capitão América**, em formato maior, com duas histórias seguindo a sequência. Por que a Bloch começou pulando histórias na ordem cronológica normal? Talvez para publicar histórias mais novas. Havia uma defasagem de quase três anos entre o que a Ebal estava publicando e a revista original. Mas quando lançou a revista **Os Vingadores**, em final de 1974, a Bloch não se importou em publicar histórias de final de 1963, ou seja, com mais de dez anos de atraso. O mistério pode ter uma explicação simples: pura incompetência. Publicando duas ou três histórias por edição, a revista **Capitão América** da Bloch logo alcançou a original norte-americana. Assim, a partir, do n° 16, de agosto de 1976, passou a trazer uma história inédita e republicar material antigo, fora de ordem, inclusive da época em que o título ainda era **Tales of Suspense**. A revista da Bloch terminou no nº 20, de janeiro de 1977, trazendo as aventuras de **Captain America** nºs 201 e 202, de setembro e outubro de 1976. As histórias que a Bloch publicou compreendem um bom pedaço da fase produzida por Sal Buscema, toda a fase de Frank Robbins, e o início da volta de Jack Kirby ao título original. Kirby permaneceria no título ainda por um ano. O último número da revista da Bloch repetiu o drama da Ebal, também trouxe uma história prometendo continuação no próximo número.

Embora a Bloch tenha encerrado **Capitão América** em janeiro de 1977, continuou publicando material da Marvel até janeiro de 1979, quando saiu o último número da revista **Homem-Aranha** (o nº 33). Nessa ocasião, a Bloch já havia desistido de publicar Marvel e os direitos de publicação adquiridos pela Rio Gráfica e Editora. Já em fevereiro de 1979, a RGE lançou duas revistas Marvel, **Homem-Aranha** e **Incrível Hulk**. Logo após, em abril, lançou mais duas, **Os Quatro Fantásticos** e **Almanaque Marvel**. Embora tivesse prioridade na escolha dos títulos a publicar – durante um período parece que tinha até exclusividade –, a RGE não se interessou em publicar o Capitão América. Desse modo, a editora Abril conseguiu os direitos de alguns heróis Marvel não utilizados pela RGE, lançando inicialmente, em junho de 1979, as revistas **Capitão América** e **Terror de Drácula**. No mês seguinte, lançou **Heróis da TV**. A Abril investiu com tenacidade nesse segmento, aumentando suas tiragens, enquanto a RGE via suas revistas perderem público. De tanto insistir, a Abril conseguiu, com a desistência da RGE, os direitos dos demais personagens Marvel, lançando em julho de 1983 as revistas **Homem-Aranha** e **Incrível Hulk**.

A Abril publicou uma grande quantidade de revistas da Marvel até a chegada da Panini, em 2001.

O lançamento, pela editora Abril, da revista **Capitão América**, em junho de 1979, trouxe, depois de uma espera de um ano e meio, o final da aventura publicada pela Bloch no último número de sua revista, em janeiro de 1977, e que corresponderia ao nº 203 de **Captain America**, de novembro de 1976? Não, longe disso. O nº 1 de **Capitão América** da Abril começou a publicar histórias de Capitão América de mais de 10 anos antes, a partir da revista original nº 106, de outubro de 1968, material já publicado na **Capitão Z** da Ebal em 1969. E continuou republicando as histórias, pulando várias aventuras, às vezes invertendo a ordem, às vezes adiantando alguma de 100 números para frente, até o nº 20, de janeiro de 1981, quando publicou a aventura de **Captain America** nº 138. A sequência seria a bela saga do Gárgula Cinzento, já publicada em **Capitão Z Especial** e **Homem-Aranha Especial**, mas que valeria a pena ver de novo. A Abril pulou as 4 histórias desse arco e as 2 primeiras do arco seguinte, aquele em que Capitão e Falcão enfrentam a Hidra. Apesar de não publicar o começo, os nºs 21 e 22 de **Capitão América** da Abril publicaram as aventuras dos nºs 145 a 148 de **Captain America**.

Depois de mais de 6 anos, o leitor brasileiro viu o final da história publicada pela Ebal em **Homem-Aranha Especial** nº 8, em janeiro de 1975. E quem era o terrível vilão por trás da Hidra? Finalmente ficamos sabendo: o Caveira Vermelha, é claro! E foi só uma coincidência uma história publicada com atraso de 6 anos ter como título *O Grande Sono*, ou *O Grande Adormecido* na tradução da Abril. Em novembro de 1990, a Abril republicou a sequência de **Captain America** nºs 144 a 148 em **Marvel Especial** nº 9, acrescentando uma história no começo da saga. E, finalmente, agora, em 2015, a Panini publica o arco completo em **Coleção Histórica Marvel** nº 6, uma sequência que causou emoção e sofrimento aos leitores brasileiros nas décadas de 1970 e 1980.

A editora Abril, a partir do nº 23 de **Capitão América**, continuou publicando as histórias de **Captain America** a partir do nº 149, ou seja, aquelas aventuras puladas pela Bloch quando lançou sua revista em 1975. E publicou todas elas até alcançar o ponto em que a Bloch começou, a história de **Captain America** nº 156. Essas histórias são todas da fase desenhada por Sal Buscema. A partir do nº 26, de julho de 1981, a Abril republicou uma boa parte das histórias publicadas pela Bloch, às vezes intercalando histórias de outras revistas, às vezes adiantando histórias de números futuros de **Captain America**, e às vezes republicando histórias do tempo de **Tales of Suspense**, várias vezes pulando histórias ou invertendo sua ordem. A Abril publicou até o nº 40 de **Capitão América** as aventuras que saíram em **Captain America** até o nº 179, que haviam saído na **Capitão América** da Bloch até o nº 10. Aí, sem qualquer motivo aparente, a Abril simplesmente pulou 37 histórias, publicando em seu nº 43, a aventura de **Captain America** nº 217, de janeiro de 1978. Dessas 37 aventuras puladas, 23 haviam saído pela Bloch, a última correspondente a **Captain America** nº 202. Mas as 14 restantes, correspondentes a **Captain America** nºs 203 a 216, nunca foram publicadas no Brasil. E, entre elas, a aventura que continuava a publicada no último número da revista da Bloch. Essa, os leitores brasileiros ficaram mesmo sem ver, e até hoje, o atraso já está na casa dos quase 40 anos! As histórias que a Abril pulou correspondem ao final da primeira fase de Sal Buscema, toda a fase de Frank Robbins e toda a fase do retorno de Kirby. A primeira história publicada após o pulo é de John Buscema e a seguinte é a primeira da nova fase de Sal Buscema.

Não há dúvida que tentar publicar material Marvel com um mínimo de coerência é tarefa inglória até para os editores originais. A mixórdia que é feita entrelaçando as histórias dos vários heróis em suas várias revistas, continuando a saga de um título em outro, é para desafiar a paciência do mais Jó dos leitores. Para uma editora brasileira que, por questões do tamanho do mercado interno, não pode publicar todas as histórias originais, o problema é ainda maior. Um bom exemplo ocorre com esta aventura de **Captain America** nº 203, não publicada no Brasil. Nos Estados Unidos, sua conclusão se deu na revista **Marvel Team-Up** nº 52. Ou seja, como publicar a conclusão de uma história se saiu numa revista que talvez não estivesse entre as contratadas pela editora brasileira? Mesmo assim, é difícil entender as decisões editoriais da Abril, primeiro republicando grande quantidade de histórias da Ebal e Bloch, e depois deixando de publicar várias inéditas importantes.

A revista **Capitão América** da Abril continuou publicando as histórias de **Captain America** naquela base, pulando, invertendo, intercalando, adiantando, retrocedendo, até seu cancelamento, no nº 214, de março de 1997, trazendo histórias publicadas em **Captain America** nºs 434 a 437, de dezembro de 1994 a março de 1995. A Abril substituiu a revista **Capitão América** pela revista **Marvel 97**, que teve 10 números entre março e dezembro de 1997. Trouxe 6 aventuras de Capitão América correspondente às de **Captain America** nºs 438 a 443, de abril a setembro de 1995. **Marvel 98** publicou 10 aventuras de Capitão América, correspondentes a **Captain America** nºs 444 a 454, de outubro de 1995 a agosto de 1996, sendo que o nº 454 foi a última dessa série publicada nos Estados Unidos. A revista original estava numa fase muito boa, a cargo de Mark Waid e Ron Garney, quando foi cancelada pela Marvel. Mas se viu obrigada a cancelar a revista por causa do evento coletivo *Heroes Reborn*, e em novembro de 1996, foi lançada a nova revista **Captain America** sob os cuidados (por assim dizer) de Rob Liefeld. Depois de 13 sofridos números, a Marvel pôde lançar nova série de **Captain America**, em janeiro de 1998, novamente aos cuidados de Waid e Garney. A editora Abril publicou toda essa sequência de séries até perder os direitos para a Panini em 2001.

QI 134 (jul/ago/2015)

ITSA FAKA?

Lendo o recém-lançado livro da editora Fantagraphics, **Donald Duck – The Pixilated Parrot**, volume 9 da *The Complete Carl Barks Disney Library*, vi um estranho jogo de palavras feito por Carl Barks. Essa HQ, *The Ancient Persia*, foi publicada originalmente na revista **Four Color** nº 275, da editora Dell, em maio de 1950. Barks deu a uma antiga civilização perdida o nome de „Itsa Faka". Minha primeira impressão é que Barks, contrariado com alguma atitude da editora, tentou um pequeno gesto de rebeldia colocando uma expressão de baixo calão numa revista para crianças. „Itsa Faka" seria uma corruptela escrita foneticamente de „It"s a Fuck", cuja pronúncia aproximada é „Itsafak" e cuja tradução seria „Isso é Foda". Será que foi essa mesmo a intenção de Barks? Resolvi conferir a versão publicada no Brasil, para ver como os tradutores se viraram com a questão. O livro **O Melhor da Disney – As Obras Completas de Carl Barks** volume 12, publicado pela editora Abril em junho de 2005, trouxe, na HQ *Pérsia Antiga*, a seguinte tradução para „Itsa Faka": „Fal Cidad". Ora, os tradutores da Abril consideraram que o „Faka" de Barks era uma corruptela de „Fake", que significa „falso". No entanto, foneticamente, „Fake" se escreveria „feike" e sua corruptela seria „feika".

Será que sou eu que estou atribuindo a Barks outras intenções que ele nunca teve?

QI 134 (jul/ago/2015)

JAVÊ

No suplemento **Crianças nos Quadrinhos Brasileiros**, terceiro volume de *Pequena Biblioteca de Histórias em Quadrinhos*, distribuído juntamente com o **QI** 133, incluí 2 tiras de *Zezinho*, de autoria de Javê, publicadas no **Gibi Semanal** nº 27, de abril de 1975, e escrevi que era o único trabalho desse autor que eu conhecia. Folheando a coleção da revista **Patota**, à procura de informação para fazer o suplemento deste número do **QI**, dei de cara com a página aqui mostrada, no nº 6 da revista. **Patota** pretendia inaugurar uma seção *Página dos Novos*, e apresentou a página de *Zezinho & Sua Turma*. A única informação que trouxe é que o nome completo do autor é José Antonio Veduatto e que na época morava em São José do Rio Preto (SP). A seção *Página dos Novos* não voltou a aparecer na revista. E essa página e as 2 tiras do **Gibi** são os únicos trabalhos que conheço desse autor.

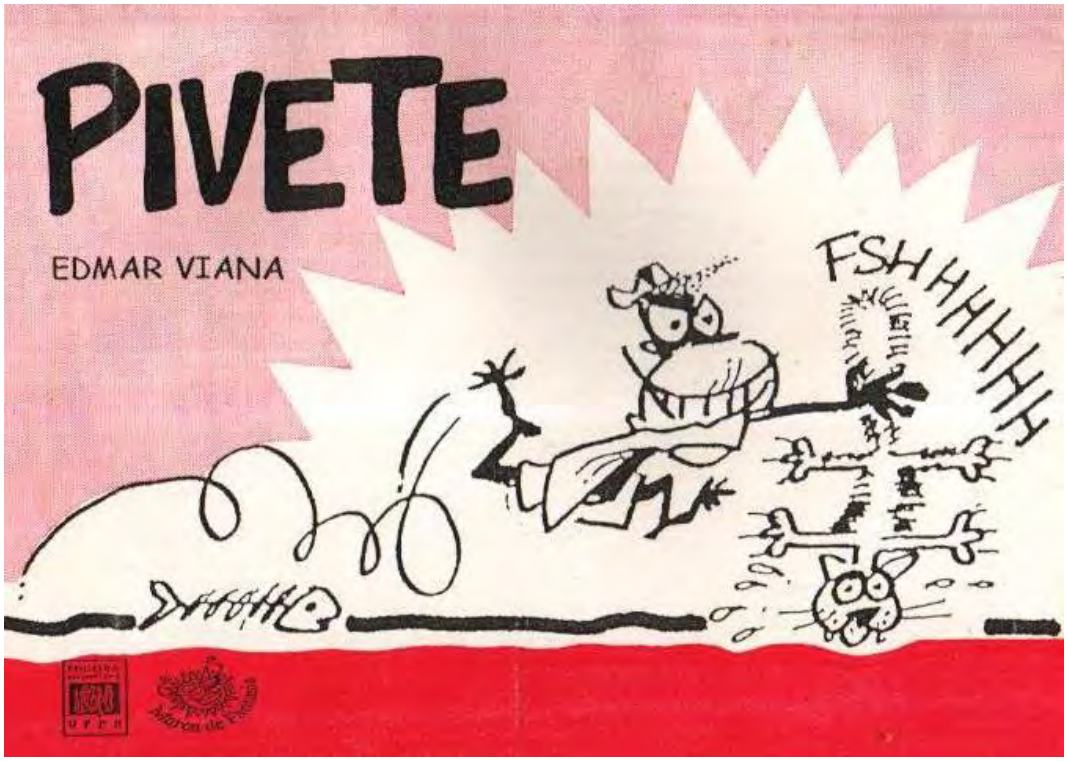
QI 134 (jul/ago/2015)

CRIANÇA, MOLEQUE E PIVETE

*Trecho do texto de apresentação do livro **Pivete**, de Edmar Viana, publicado pela Marca de Fantasia em setembro de 1998.*

O *Pivete* sempre foi presença constante em **Maturi**, em HQs de uma página de Edmar, participando de HQs de outros autores, e mesmo como um dos símbolos da revista, aparecendo nas capas e em anúncios internos.

Em relação ao tema da tira, há um detalhe interessante. O uso da criança pobre como personagem de HQ é antigo, embora a maioria das crianças dos quadrinhos seja de classe média. No Brasil, no começo do século XX, na revista **O Tico-Tico**, já aparecia o moleque *Benjamin* como coadjuvante de *Chiquinho*, uma série de muito sucesso, e que era uma adaptação do personagem norte-americano *Buster Brown*. Na década de 1930, J. Carlos cria a negrinha *Lamparina*, um marco na HQB. Nas décadas de 1950 e 1960, diversos quadrinhistas criam personagens ambientados nas classes sociais mais baixas. Aylton Thomaz cria *Zequinha e Beto*, moradores de uma favela muito bem retratada por Thomaz; Pedro Segui cria *Pelé e Pelado*; Izomar cria *Bolão e Bolacha*; e Orlando Pizzi cria diversas séries como *Zé Caniço*, *Turma do Cazuza*, *Duduca e Jambolão*. Até Maurício de Sousa cria seu moleque pobre, descalço, sujo e com calça de suspensório, o *Cascão*, hoje totalmente descaracterizado. E a revista de quadrinhos mais famosa do Brasil tem justamente o nome de um negrinho, o **Gibi**. No entanto, todos esses moleques, mesmo pobres, estão inseridos num contexto familiar. Mesmo na criação de Edgar Vasques, *Rango*, que é paradigma nessa temática dos despossuídos, o filho de *Rango* tem um pai. Na obra de Edmar, uma outra realidade brasileira já se desenha. O moleque virou pivete. Agora é o menor abandonado, sem pai nem mãe, que se apresenta. As situações são as do pivete entregue à própria sorte. O bom humor das gags não esconde o pano de fundo que é a sociedade em processo de degradação. Curiosamente, a mesma **Maturi** trouxe outros "pivetes" como o *Peteleco* de Carlos Alberto, o *Pororoca* de Ivo, um moleque sem nome de Lindberg, estes menos explorados por seus autores.



QI 134 (jul/ago/2015)

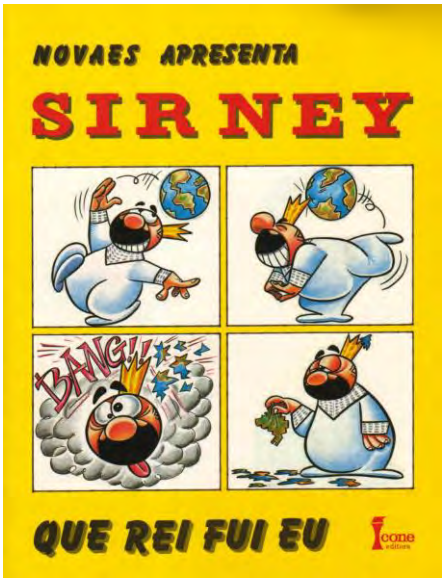
JOÃO E MARIA DA EBAL

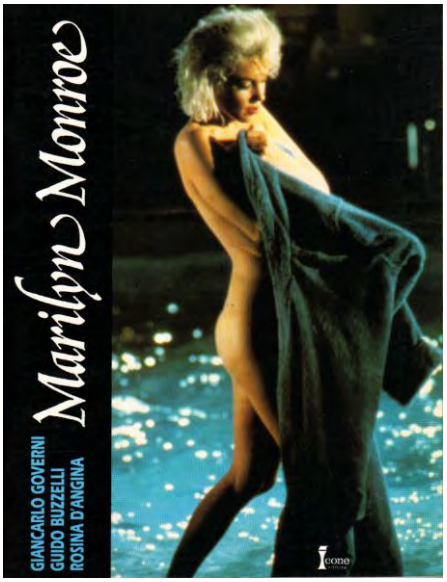
Há sempre alguma surpresa espreitando o colecionador. Ao receber recentemente uma lista de ofertas de Antônio Luiz Ribeiro, deparei-me com uma edição chamada **João e Maria**, com desenhos de Eugenio Colonnese, com a informação de ter sido publicada pela Ebal. Nunca tinha visto menção a uma edição como esta, não está incluída na lista de edições especiais do livro **Ebal – Fábrica de Quadrinhos**, de Ezequiel de Azevedo, e também não achei nas listagens do site "guiaebal". Essas duas fontes de referência trazem não só as publicações comerciais feitas pela Ebal para distribuição em bancas, mas também algumas edições dirigidas, feitas para empresas, ou para lançamentos promocionais. As mais famosas dessas edições são os nºs 0 de três revistas que lançaram os heróis Marvel no Brasil. Como as revistas tiveram continuidade, os nºs 0, feitos para distribuição exclusiva nos postos Shell, passaram a ser bastante procurados. Mas a Ebal fez várias outras edições para públicos dirigidos, como as edições feitas para as Casas Sendas. Nesses casos, praticamente pegava uma revista já pronta, como foi uma com o Roy Rogers, mudava alguma coisa na capa para caracterizar que era uma publicação promocional, e estava feito. Comprei **João e Maria** achando que fosse algum engano no anúncio ou então um livro infantil, dos muitos que a Ebal publicou. Mas era uma verdadeira revista de HQs, publicada pela Ebal "especialmente para a Sociedade Civil Bem-Estar Familiar do Brasil". Trouxe a HQ *Como Planejar a Famíla*, com os belos desenhos de Colonnese em 16 páginas coloridas. Na página 2, há espaço para Identificação da Paciente, Carimbo da Clínica e o nome da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Norte. Mas é uma revista de quadrinhos da Ebal, sem dúvida.

VONTADE DE PUBLICAR

Ao fazer uma busca em recortes antigos de jornais, deparei-me com uma notícia interessante na coluna que Franco de Rosa escrevia para o jornal **Folha da Tarde**, em 19/01/1990. O texto dizia que a editora Ícone iria investir em álbuns de Histórias em Quadrinhos. E listou 9 títulos a serem lançados brevemente. A editora de fato fez alguns lançamentos, mas longe do sonho inicial. Curiosamente, o primeiro lançamento nem foi mencionado no texto de Franco. Foi o álbum **O Viajante**, de Mozart Couto, com data de 1990. Trouxe uma longa história nos belos traços de Mozart, tratando de seu tema preferido, o herói místico. Também em 1990 saiu um dos álbuns previstos no texto de Franco, **Sir Ney – Que Rei Fui Eu**, compilando as tiras produzidas por Novaes para a **Folha da Tarde**, entre 8/9/1986 e 15/3/1990. Depois, somente em 1994, a editora Ícone lançou mais um álbum dos mencionados no texto de Franco. Tratou-se de **Marilyn Monroe**, um álbum cuja primeira metade trouxe uma biografia ilustrada da atriz, seguida por uma História em Quadrinhos produzida por Giancarlo Governi e Guido Buzzelli.

E quais foram os demais títulos prometidos e descumpridos pela realidade do mercado brasileiro? Apenas para dar água na boca: **Male Call**, de Milton Caniff; **Paralelas 2**, de Watson Portela; **Den**, de Richard Corben; **Cinthia a Espiã**, de Paulo Yokota; **Clássicos de Betty Boop**; uma coletânea de Lovecraft da **Metal Hurlant**; e **Os Rock de Nerso Gonçalves**, de Franco de Rosa, este até anunciado no final do álbum de Novaes.

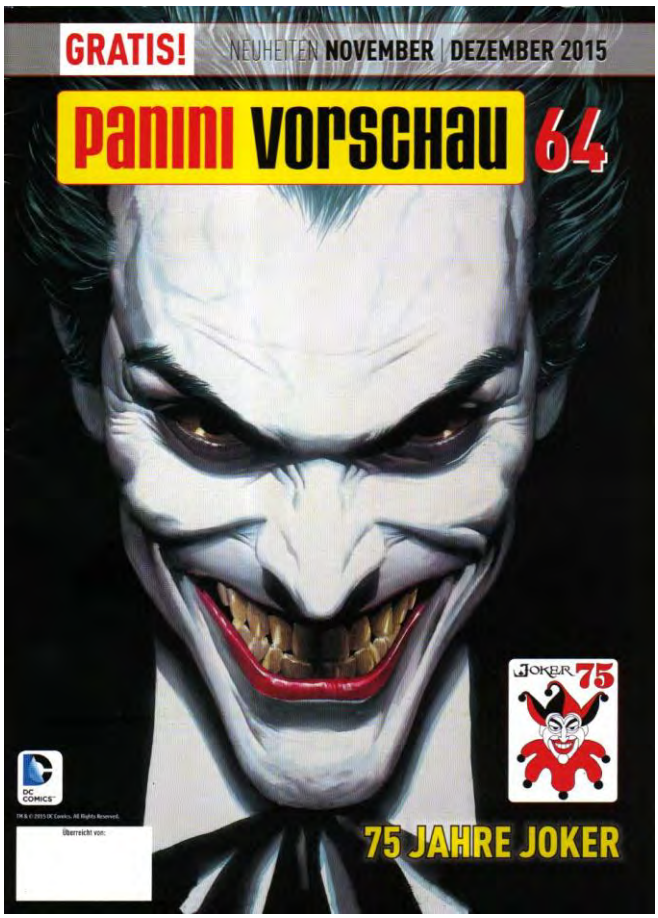




QI 135 (set/out/2015)

PUBLICAÇÕES ALEMÃS

Gerd Bonau enviou as duas revistas mostradas abaixo. A primeira é um catálogo da Panini alemã. Os principais produtos da editora são as revistas e álbuns da DC e da Marvel. Basicamente a mesma tralha daqui. Além disso, publica um pouco de Star Wars, Spawn (ainda existe?), Simpson, mangás e uma dose de álbuns europeus. Não muito. No quesito mangá, é pior do que no Brasil, só títulos para menininhas. A segunda revista é dedicada aos quadrinhos em geral, com muito texto, entrevistas, dando grande destaque ao material mais alternativo, aos cartuns, às publicações satíricas, coisa que por aqui nem existe. É interessante notar que em tempos de blogues, o mercado alemão aceita uma revista informativa impressa de ótima qualidade. Aqui no Brasil, esse tipo de revista nunca pegou. Atualmente, só a **Mundo dos Super-Heróis** é que resiste, mas, como o próprio nome diz, bem direcionada a este gênero. Na revista alemã, uma página informando os falecimentos no mundo dos quadrinhos. Além de 3 autores menos conhecidos para nós, dois alemães e um tchecoslovaco, os americanos Leonard Starr, Alan Kupperberg e o inglês John Dixon, cuja principal produção, *Air Hawk and the Flying Doctors*, foi feita para o mercado australiano. Uma série muito boa que no Brasil foi publicada apenas em jornais.



QI 135 (set/out/2015)

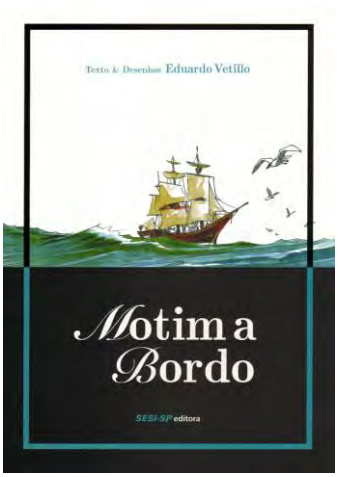
32º ANGELO AGOSTINI

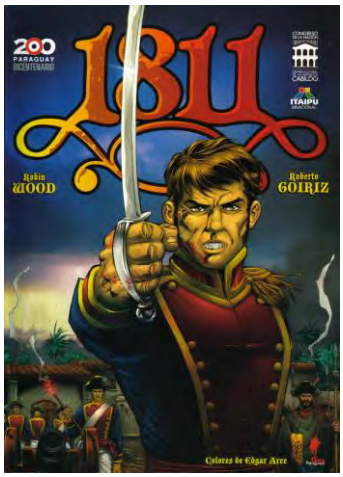
No dia 30 de janeiro de 2016 aconteceu, em São Paulo, o **32º Angelo Agostini**, evento comemorando o Dia do Quadrinho Nacional, organização da AQC-ESP – Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo.

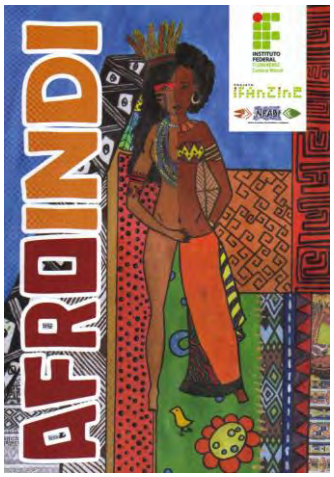
O evento foi realizado no Auditório da Biblioteca do Memorial da América Latina, na Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664, ao lado do metrô Barra Funda.

Cheguei ao local por volta do meio dia. Já havia vários participantes arrumando as mesas para vendas de seus lançamentos. Também já era possível visitar a exposição de originais de vários dos homenageados, palestrantes e ganhadores do prêmio **Angelo Agostini**. O primeiro autor que encontrei foi o Eduardo Vetillo, que além de lançar dois livros publicados pela editora do SESI-SP, **Motim a Bordo** e **Zôo City**, também participaria de um debate sobre publicações com tema histórico. Pela terceira vez, Vetillo fez um retrato meu. Através de Vetillo, fiquei conhecendo o Convidado Especial do evento, Roberto Goiriz, autor paraguaio que trabalhou muito tempo no Brasil, especialmente produzindo quadrinhos para o Estúdio Ely Barbosa. Atualmente Goiriz produz quadrinhos sobre a História do Paraguai, em especial como encarte em jornais paraguaios. Ganhei dele o álbum **1811**, que desenhou com roteiro de Robin Wood, um dos mais prolíficos roteiristas a trabalhar no mercado argentino na década de 1970. Além do álbum, ganhei também o catálogo da 1ª Bienal Internacional de Asunción, realizada em outubro do ano passado. Vários autores e conhecidos começaram a chegar, entre eles, Luigi Rocco, Gazy Andraus, Bira Dantas, Marcos Venceslau, Will, Laudo Ferreira Júnior, Omar Viñole, Primaggio, Christie Queiroz, Dédy Edson, Kendi Sakamoto, entre outros. Julio Magá, que participaria de um debate sobre HQ infantil, apresentou seus novos personagens divulgados na internet, as turmas *Freak Teens*, *Olívia Ovelhinha* e *Casca Grossa*. Também me encontrei com Beralto, fanzineiro das antigas, que me presenteou com todos os números de **Peibê**, vencedor do **Angelo Agostini** como *Melhor Fanzine*, além do especial **Afroindi**.

A partir de umas 2 horas da tarde, começaram os debates. O primeiro teve como tema os *50 Anos do 1º Fanzine Brasileiro*, apresentado por Gonçalo Jr. e intermediado por Gazy Andraus. Gonçalo Jr. reafirmou a primazia do fanzine **Ficção**, de Edson Rontani, como o primeiro fanzine brasileiro, pelo conjunto de suas características: continuidade, distribuição entre fãs, intercâmbio, diversidade, etc. Depois, César Cavelagna, Christie Queiroz, Carlos Avalone e Julio Magá, com intermediação de Alexandre Silva, discutiram os *Novos Caminhos para a HQ Infantil*. Carlos Avalone, veterano autor de quadrinhos apresentou seus novos trabalho, animações feitas para a internet. Curiosamente, os autores presentes na mesa, em sua maioria, veem a internet como solução para os Quadrinhos Brasileiros, em especial os infantis. Somente Christie tem insistido na publicação impressa, em jornais, livros e revistas, de sua *Turma do Cabeça Oca*. Christie já lançou por conta própria 12 volumes com as tiras de seus personagens, com distribuição mais regional. Tentou relançá-los por uma editora paulista, a Martin Claret, mas saíram apenas os 3 primeiros. Segundo revelou na hora, a editora não pagou os direitos autorais. O último debate teve como tema *Brasil e Paraguai Unidos pelo Traço*, com presença de Roberto Goiriz, Eduardo Vetillo e André Toral, com intermediação de Nobu Chinen. Os três autores presentes já produziram livros em quadrinhos sobre o episódio da Guerra do Paraguai. André Toral é autor de **Adeus, Chamigo Brasileiro**, da Cia das Letras, em 1999, e Eduardo Vetillo adaptou para quadrinhos **A Retirada da Laguna**, de Visconde de Taunay, para a Cortez Editora, em 2013. Roberto Goiriz, como mencionado, tem produzido coleções encartadas em jornais paraguaios quadrinizando vários episódios da História do Paraguai. Apesar do tema da palestra ser *Brasil e Paraguai Unidos pelo Traço*, e de já ter passado um século e meio do conflito, ainda estava no ar que os dois países estavam em lados opostos na guerra, e que cada lado ainda acha que estava com a razão.







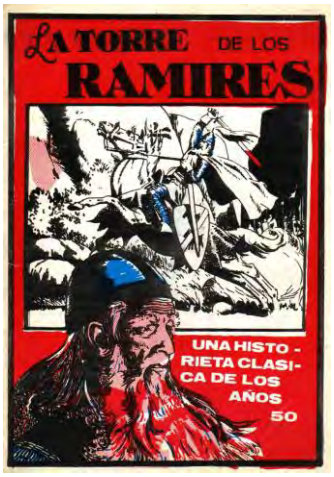
Por fim, a entrega dos troféus. Infelizmente não pude ficar para assistir à entrega, mas apresento a seguir a relação dos vencedores.

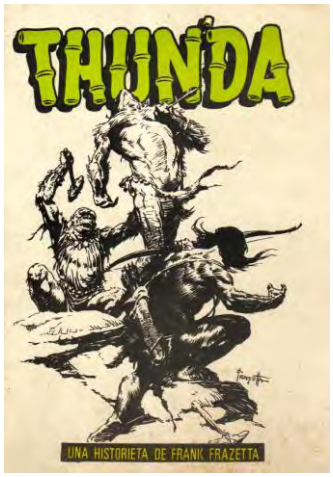
Melhor Desenhista – DI AMORIM (**Steampunk Ladies** – Editora Draco)
Melhor Roteirista – ALEX MIR (**Valkíria**, **Orixás**)
Melhor Cartunista – BRUM (**O Menino da Laje 8**, **Mad**, **Brummmmm!!**)
Melhor Lançamento – **Valkíria – A Fonte da Juventude** (Alex Mir e Alex Genaro – Editora Draco)
Melhor Lançamento Independente – **Nos Bastidores da Bíblia – Êxodo** (Carlos Ruas e Leonardo Maciel)
Melhor Web Quadrinhos – **Nuvens de Verão** (Charles Lindberg e Israel de Oliveira)
Melhor Fanzine – **Peibê** (Instituto Federal Fluminense – Macaé – Beralto)
Prêmio Jayme Cortez – GIBITECA DE SANTOS
Mestres do Quadrinho Nacional – CARLOS PATATI, CHRISTIE QUEIROZ e MARCATTI

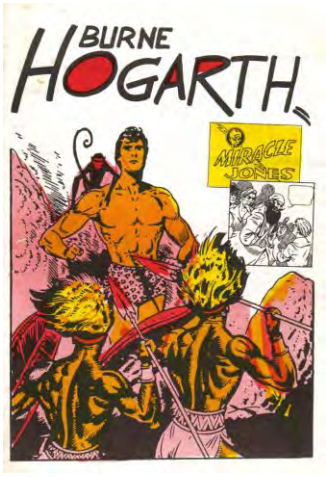
QI 137 (jan/fev/2016)

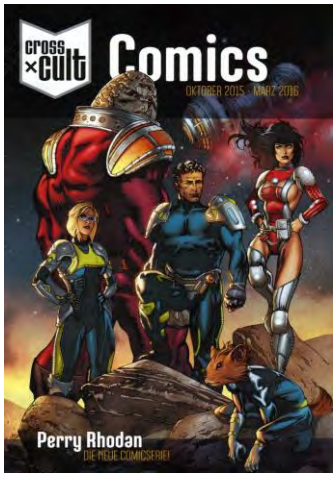
EDIÇÕES DE FORA

Roberto Mac-Ghan, de Montevideo, enviou várias edições mexicanas e espanholas. A primeira foi o nº 2-34 de **Flash Gordon**, da mexicana Editorial Novaro, publicado em junho de 1982. Em formatinho colorido, papel jornal, com uma impressão regular, traz adaptações de tiras de *Flash Gordon* da fase de Dan Barry. As outras 4 edições são espanholas produzidas por fãs de historietas, três delas da coleção *Maestros de la Historieta*, publicação do Club Vallisoletano de Amigos del Tebeo. Duas trazem *La Torre de los Ramires*, do autor português Eduardo Teixeira Coelho, adaptado de Eça de Queiroz, produção de 1950. Eduardo Teixeira Coelho, na época, republicava suas histórias feitas para o jornal português **O Mosquito** no jornal espanhol **Chicos**. A terceira traz *Thun'da* de Frank Frazetta, também dos anos 1950. O formato e a impressão infelizmente não permitem apreciar toda qualidade dos belos desenhos de ETC e Frazetta, este ainda no início de carreira. O quarto volume traz um estudo sobre Burne Hogarth, escrito por Fernando Bernabón Gil, destacando seu trabalho com *Tarzan*, *Drago* e *Miracle Jones*.









Gerd Bonau enviou, além do nº 10 de **Pure Fruit**, divulgado na seção *Edições Independentes*, o catálogo semestral da editora alemã Cross-Cult. Uma enorme variedade de edições de todos os gêneros totalizando mais de 2 centenas de livros e álbuns. Muito do material publicado pela Cross-Cult aparece no Brasil, como *Peanuts*, *Angry Birds*, *Hellboy*, *The Walking Deads*, *Saga*, *Sin City*, mas há uma maior quantidade de coisas que nunca deram as caras por aqui. Algumas, felizmente. Mas outras, como *Ork Saga*, *Birth Right* e *Outcast*, para citar apenas algumas, são para deixar com inveja.

Uma curiosidade é o lançamento de uma nova série em quadrinhos da famosa série de novelas *Perry Rhodan*. Com direito a ganhar a capa do catálogo e duas páginas internas. No Brasil, os livros de *Perry Rhodan* tiveram centenas de volumes publicados e, na década de 1970, a editora Etcetera publicou 2 números de uma revista em quadrinhos. Material bom, bem impresso, colorido, e com uma característica inusitada: a apresentação de nus femininos, o que não era permitido na época. Mas, olhando a ilustração da capa do catálogo, é impressão minha ou foi de *Perry Rhodan* que saíram os *Guardiões da Galáxia*? E será que foi devido ao sucesso do filme no cinema que resolveram trazer de volta *Perry Rhodan* para os quadrinhos? Meras suposições.

QI 137 (jan/fev/2016)

A FUGA DOS QUADRINHOS

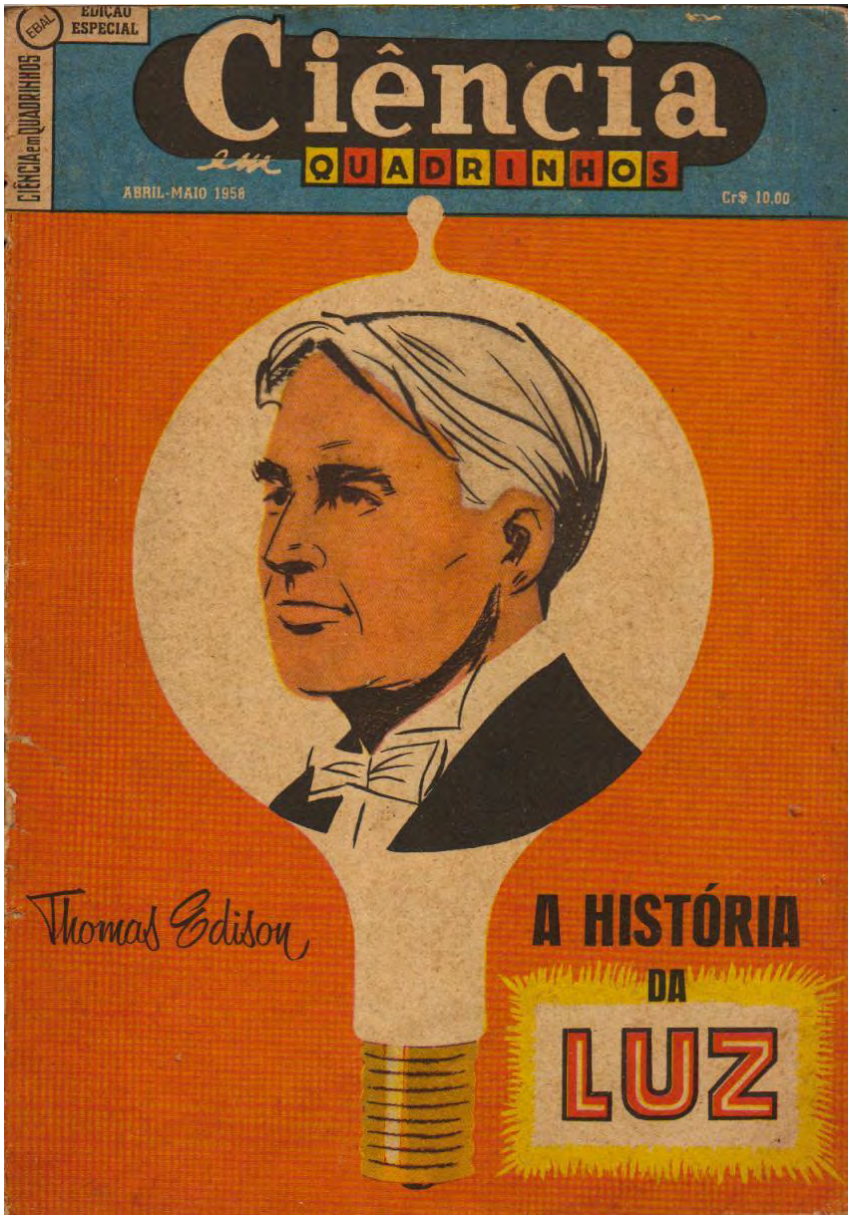
Estão sempre aparecendo revistas de quadrinhos inusitadas. Descobri agora este **A Fuga dos Quadrinhos**. Sem número, saiu em abril de 1976, editada em Porto Alegre (RS) por Virnei Hilário da Silva. O texto de apresentação de Fraga na página 2 começa com "Não vi a FUGA DOS QUADRINHOS mas já gostei" e termina com "Quando é que sai o segundo número?". Talvez tenha sido pensada para ser um número avulso. As 32 páginas da revista, num formato próximo ao magazine, trazem Histórias em Quadrinhos de Magna Killing, Dante Rostirolla e Ana Maria Heurich. Dante começa com uma página apresentando seu personagem *Mexias, o Profeta*, "um jovem professor de história, atacado por milenares epidemias asiáticas, combinadas com sérios distúrbios cérebro-vasculares ocasionados por fuligens poluidoras, e mais: a famigerada e transcendental febre tevemaníaca, transforma-se em: Mexias". Apesar desse início promissor, as demais histórias do personagem (5 histórias em 11 páginas) não conseguiram bom resultado. Magna Killing participa com 7 histórias, totalizando 10 páginas, com a personagem *Rapunzel*, uma menina de longas tranças às voltas com a incompreensão dos pais, que desejam cortá-las. Um traço interessante, pessoal, com boas ideias. O melhor resultado, a meu ver, tanto no traço, bem seguro, como nos argumentos, foi conseguido por Ana com seu personagem *Extinto, Um Sujeito Distinto*, coadjuvado por *Beatriz*, sua conformada e sonhadora mulher. *Extinto* estrela 5 histórias totalizando 7 páginas. Uma característica da revista é que foi impressa com uma cor a mais, além do preto, o vermelho. Magna e Ana fizeram um bom uso dessa segunda cor, aplicando-a na trança de *Rapunzel*, na gravata de *Extinto* e no crochê de *Beatriz*, com um resultado agradável. Dante não soube tirar proveito desse recurso. A quarta capa, tão textual quanto a capa, termina a edição com uma provocação: "Quadrinhos Redondos Ovais Sobrenaturais – Você já pensou num quadrinho redondo?" No caso provável de não ter saído um segundo número, a pergunta ficou sem resposta.

QI 137 (jan/fev/2016)

A HISTÓRIA DA LUZ

Já escrevi aqui no **QI** um texto sobre as edições especiais da Ebal. Não deu para esgotar o assunto, pois a Ebal, nesse quesito, era bem traiçoeira. Já comentei no **QI** 135 sobre a edição **João e Maria**, feita pela Ebal para a Sociedade Civil Bem-Estar Familiar do Brasil. Agora, acabo de descobrir uma edição especial de **Ciência em Quadrinhos**. A coleção **Ciência em Quadrinhos** teve uma primeira série lançada em outubro de 1953, durando 32 números, até setembro de 1958. Em fevereiro de 1959, teve uma edição especial chamada **Juca Descobre o Segredo,** com o mesmo tipo de material. Entre dezembro de 1976 e outubro de 1977, a Ebal lançou uma segunda série de **Ciência em Quadrinhos**, republicando 11 números da primeira série, com formato maior, papel e impressão melhores. Esses 11 números compõem uma série própria, denominada *História da Civilização*, em 11 partes, que saiu dentro da primeira série nos números 11 a 15, 24 a 28 e 30. Não sei dizer se originalmente havia mais capítulos, não publicados pela Ebal devido ao fim a da coleção. Em 1985, saiu outra edição especial, chamada **O Cometa Haley**.

A edição especial que acabo de adquirir trouxe o mesmo material publicado no nº 10 da primeira série de **Ciência em Quadrinhos**, em janeiro de 1955. Com uma nova capa, a edição trazendo *A História da Luz*, com a biografia de Thomas Edison, saiu em abril/maio de 1958. No rodapé da última página, os dizeres: "Este exemplar da „História da Luz" é oferecido pelo Departamento de Lâmpadas e Iluminação da General Eletric S.A.". Nos rodapés de todas as páginas foram acrescentados minianúncios dos produtos da GE. Não sei dizer se a distribuição foi feita exclusivamente pela General Eletric.



desvendando alma em matéria pouca

Sempre me causa admiração o fato de os pais se darem ao trabalho de escolher um nome para seus filhos e depois insistirem em chamá-los por algum apelido. Por que já não batizam o infeliz com o apelido, já que, parece, hoje se pode registrar qualquer nome em uma criança?

Embora a atribuição de apelido seja bastante comum no Brasil, acho que aqui não chega ao nível patológico que atinge nos Estados Unidos da América. Nem a elite política escapa: entre os Kennedy, o John foi John mesmo, mas o pai era Jack e os dois irmãos, Bob e Ted. O Clinton era Bill, o Carter era Jimmy e por aí vai.

Os personagens de Histórias em Quadrinhos não escaparam à tara ancestral. A ponto de, em vários casos, haver estranheza quando se revela o verdadeiro nome do personagem querido há várias décadas. Listarei a seguir alguns casos, omitindo o nome pelo qual o personagem ficou conhecido, apenas para que o leitor possa exercitar seus conhecimentos na área.

George Gordon foi criado em 1934 por Alex Raymond juntamente com mais dois personagens de sucesso. Embora não tenha sido o primeiro herói espacial, foi o mais famoso e emblemático.

O primeiro herói espacial dos quadrinhos foi **Anthony Rogers**, criado por John Dille e Richard Calkins, em 1929, a partir de romance de Phillip Nowlan. Já o terceiro herói espacial, **Bradford**, tem toda cara de ter apelido... mas não é.

Alex Raymond, ao voltar da guerra, em vez de retomar seus personagens principais, preferiu criar um novo. Inicialmente teria o sobrenome O'Rourke, mas acabou batizado **Remington Kirby**, que foi um dos maiores detetives particulares dos quadrinhos. Até sua namorada, **Judith Lynne Dorian**, que inicialmente se chamaria Taffy, quase nunca foi tratada pelo verdadeiro nome durante todas as suas aventuras.

Milton Caniff, ao abandonar Terry e os Piratas (qual seria o nome de Terry? Terence?) criou, em 1947, **Stevenson Burton Canyon**, um ex-piloto da Aeronáutica que retorna à vida civil.

Roy Crane também abandonou uma série famosa, Wash Tubbs, depois chamada Captain Easy, para criar outra, em 1943, sobre um também piloto, este da Marinha, **J. G. Sawyer**, nos anos finais da Segunda Guerra.

Mais um piloto, criação de Frank Robbins em 1944, **John (?)**, parece que tinha apelido no nome e sobrenome.

No Brasil, alguns desses heróis foram publicados com o título original, mas outros foram curiosamente mudados, digo curiosamente, pois os novos nomes dados por aqui também contêm apelidos: **Nick Holmes**, **Jim Gordon**, **Ted Ciclone**, **Bill Tempestade**, **Tony Corisco**, **Dick James**...

QI 138 (mar/abr/2016)

No **QI**s 139 (mai/jun/2016) e 140 (jul/ago/2016), Luiz Antônio Sampaio fez alguns adendos ao texto acima:

Ainda com relação a nomes, apelidos e rebatismos de personagens de quadrinhos comentados por você no *Desvendando Alma em Matéria Pouca*. Lembrei-me de mais alguns casos. Na obra de Roy Crane, **George Washington Tubbs II** era chamado apenas de **Wash Tubbs** e **William Lee** ficou conhecido como **Captain Easy**. No Brasil foram rebatizados de **Tubinho** e **Capitão César**. **Constance Kurridge** era o nome completo de **Connie** do desenhista Frank Godwin. No Brasil, rebatizaram-na de **Sônia** e de **Mabel Loy**. **William Frederick Cody** e **William Barclay Masterson**, figuras da vida real que passaram pelos quadrinhos, ficaram conhecidos como **Buffalo Bill** e **Bat Masterson**. O **Sargento King** da Polícia Montada parece nunca ter tido o seu primeiro nome mencionado nos quadrinhos. No Brasil, além de um rebatismo para **Sargento Ricardo**, entenderam que o nome King significava Rei e o título transformou-se em „O Rei da Polícia Montada" (como se essa entidade de lei no Canadá tivesse um rei). **Red Ryder**, nome do personagem de Fred Harman. **Cavaleiro Vermelho** (ou **Ruivo**). Isso é nome que se dê a alguém? Ou seria apenas seu apelido? E Mandrake? Alguém saberia o nome completo?

No **QI** você abordou a questão de nomes completos de batismo de heróis dos quadrinhos. Encontrei uma lista parcial de nomes:

Steve Canyon	**Stevenson Burton Canyon**
Buz Sawyer (Jim Gordon)	**John Singer Sawyer**
Rip Kirby (Nick Holmes)	**Remington Kirby**
Honey Dorian	**Judith Lynne Dorian**
Captain Easy (Capitão César)	**William Lee**
Wash Tubbs (Tubinho)	**George Washington Tubbs II**
Jeff Hawke	**Robert Jeffrey Hawke**
Slats (Zé Mulambo)	**Aubrey Eustace Scrapple**
Bathless Groggins (Praxedes)	**J. Pierpoint Groggins**
Big Ben Bolt	**Benjamin Bolt**

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

FÍSICA COM MARTINS E EU

Eu já havia lido sobre esta obra, mas só recentemente consegui adquirir o que acredito serem os dois únicos volumes, apesar de na capa do segundo estar escrito "Fascículo 1". Trata-se da coleção **Física com Martins e Eu** de autoria de Pierre Lucie, professor do Departamento de Física da PUC/Rio de Janeiro, cuja "edição preliminar" foi publicada em 1969. O primeiro volume traz como conteúdo Introdução à Física e Cinemática. O volume II, como o acréscimo de que se trata do Fascículo 1, traz Dinâmica da Partícula. Não sei se houve outros volumes.

Como já deve ter dado para perceber, são dois livros didáticos de Física, destinados aos alunos do que já se chamou Científico, Colegial, Segundo Grau, Ensino Médio, ou seja lá que nome isso tenha hoje.

O que essa coleção tem a ver com Histórias em Quadrinhos? Acontece que o tal Pierre Lucie tinha suas ideias próprias de como deveria ser o ensino de Física e entre elas estava a inclusão de desenhos, cartuns e HQs como facilitadores da aprendizagem. Não era algo que nunca tivesse sido feito antes, pelo contrário, a década de 1960 foi meio pródiga nesse tipo de experiência. Will Eisner passou parte das décadas de 1950 e 1960 fazendo manuais ilustrados para as Forças Armadas e empresas americanas.

O que há de notável nestes dois livros de Física é que as ilustrações, cartuns e HQs foram feitas por Henfil, sim, ele mesmo, o famoso Henfil, que neste ano de 1969 já era bem conhecido. Seus Fradinhos foram criados em 1964 e Henfil era uma das estrelas de **O Pasquim**, lançado no mesmo ano de 1969.

Para o livro de Pierre Lucie, a figura central era o aluno Martins, um dos protagonistas do título, sendo o outro, o "Eu", o próprio Pierre. Martins simbolizava o aluno que desafia o professor a tentar ensiná-lo. Em termos de concepção gráfica, não dá para não enxergar em Martins o Baixim dos Fradinhos.

O primeiro volume do livro tem mais de 500 páginas e trouxe cerca de 30 HQs de *Martins e Eu*, as menores ocupando apenas uma tira, e as maiores ocupando até 7 páginas, sendo a maioria de 1 página. O segundo volume tem cerca de 400 páginas e em torno de 25 HQs. Além disso, há centenas de pequenas ilustrações ao longo dos dois volumes.

Não li os dois livros para comprovar se os quadrinhos de Henfil tornaram a aprendizagem mais eficiente.

QI 138 (mar/abr/2016)

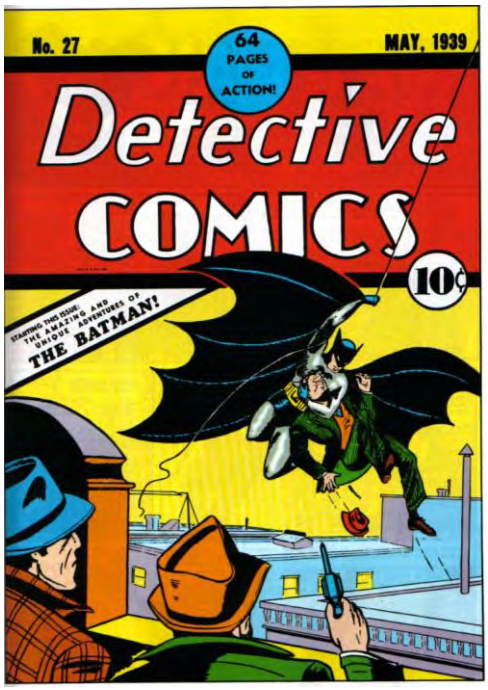
TIRANDO O CHAPÉU

Embora seu trabalho mais importante seja sem dúvida *Príncipe Valente*, Hal Foster era um artista de primeiro time antes mesmo de se enveredar pelas Histórias em Quadrinhos. A imagem abaixo é apenas uma de centenas de ilustrações que fez para agências de publicidade, sendo que algumas das mais belas usaram como tema os membros da Polícia Montada Canadense.

Esta ilustração foi retirada do livro **Hal Foster – Prince of Illustrators – Father of the Adventure Strip**, Vanguard Productions, 2001.

BATMAN NO BRASIL

*Texto feito para o livro **Batman a Trajetória – Qual o Segredo do Morcego?,** de Lincoln Nery.*
Muitas das informações usadas no texto foram obtidas do site www.guiadosquadrinhos.com, além de várias capas.



A revista em que Batman surgiu nos EUA, **Detective Comics**, era uma revista, como o nome indica, dedicada a Histórias em Quadrinhos policiais. Durante mais de dois anos, a revista, lançada em março de 1937, publicou histórias com vários detetives, mas nenhum alcançou sucesso significativo. Como o Superman estava fazendo sucesso na revista **Action Comics** desde seu lançamento em junho de 1938, o editor de **Detective Comics** pediu a vários colaboradores da revista que criassem algum personagem em moldes parecidos, misturando o tema policial com o tema mais fantástico. Bob Kane, com participação de Bill Finger, apesar da diretriz do editor, não criou um personagem calcado na fantasia e na ficção científica, como o Superman, mas sim um personagem no estilo dos vingadores mascarados das radionovelas e romances populares (chamados *pulps*) da época. Havia vários personagens de sucesso como O Sombra, Besouro Verde, um aranha, The Spider, e até um morcego, The Bat. Todos milionários que se disfarçam para combater o crime, à margem da lei. Nos quadrinhos de jornais, havia aparecido em 1936 um mascarado combatente do crime, O Fantasma, que em sua primeira história deu a entender que sua identidade secreta era também a de um milionário. O Batman de Kane e Finger (no início grafado The Bat-man) estreou no nº 27 de **Detective Comics**, datado de maio de 1939. Mesmo não sendo um super-herói, também fez sucesso imediato, aparecendo em todos os números da revista a partir daí e, sem abandoná-la, ganhando revista própria, **Batman**, no segundo semestre de 1940. A primeira história de Batman o apresenta como se já tivesse vivido aventuras anteriores. Somente no nº 33 de **Detective Comics** é que são apresentadas duas páginas mostrando sua origem.

Considerando as dificuldades de transporte e comunicação da época, Batman não demorou a aparecer no Brasil. Estreou no nº 7 da revista **O Lobinho** (em sua segunda fase), editada pelo Grande Consórcio de Suplementos Nacionais, sob comando de Adolfo Aizen, em novembro de 1940. A primeira história publicada no Brasil correspondeu ao nº 35 de **Detective Comics**. E **O Lobinho** continuou publicando as aventuras a partir daí, depois acrescentando as aventuras da revista **Batman** original. Assim, tanto a primeira história de Batman como as duas páginas de sua origem não foram publicadas no Brasil na época. A primeira história só foi publicada no **Almanaque de Batman** de 1974, da editora Ebal. E as duas páginas da origem na revista **Lançamento** nº 1, de março/abril de 1975, também da Ebal. Posteriormente, a editora Abril publicou, em março de 1995, a revista **Detective Comics – As Quatro Primeiras Histórias de Batman**, com as histórias de **Detective Comics** nºs 27 a 30, e a editora Panini publicou, a partir de 2007, três volumes de **Batman Crônicas**, reunindo as histórias de **Detective Comics** nºs 27 a 50 e **Batman** nºs 1 a 5.

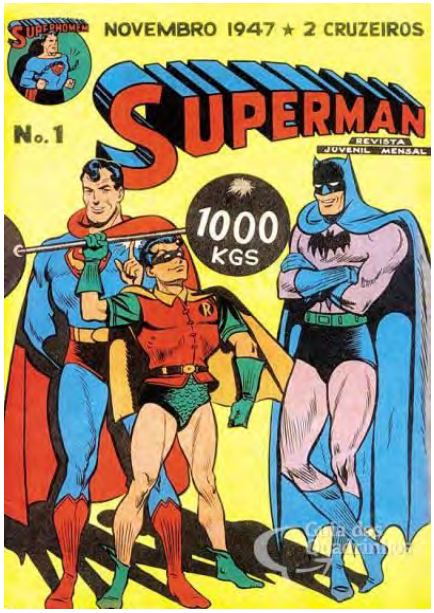
A revista **O Lobinho**, a partir de novembro de 1940, publicou Batman com seu nome original (logo reintitulado Batman e Robin, após a criação do menino-prodígio) regularmente até o nº 86, de agosto de 1948. Foram cerca de 30 aventuras retiradas inicialmente tanto de **Detective Comics** quanto de **Batman**, mas depois restringindo-se a **Detective Comics**. A revista **O Lobinho**, assim como o **Suplemento Juvenil** e outras publicações, pertencia ao Grande Consórcio de Suplementos Nacionais, cujo sócio mais conhecido era Adolfo Aizen. Em 1942, o jornal **A Noite** encampou o Grande Consórcio. Aizen continuou responsável pelas publicações até sua saída da empresa em fevereiro de 1945. A revista **O Lobinho** continuou a ser editada, mas, tendo ou não relação com a saída de Aizen, sofreu uma interrupção de um ano após o nº 65, de setembro de 1945. Voltou em outubro de 1946 e publicou histórias de Batman por mais alguns números. A revista durou até o nº 159, de setembro de 1954, mas parou de publicar Batman em agosto de 1948. Aparentemente não tinha mais o direito de publicar o material dos comic books de Batman, pois devem ter sido adquiridos por Aizen para sua nova editora, a Ebal. Como Aizen conseguiu os direitos de publicação de personagens como Batman e Superman, que já eram do catálogo da editora de **O Lobinho**, não sei dizer. Embora Aizen tenha criado a Ebal em maio de 1945, somente começou a publicar Histórias em Quadrinhos mais de um ano depois. Começou com uma curta série de **Seleções Coloridas** a partir de outubro de 1946, em seguida lançou **O Herói** em junho de 1947 e a primeira série de **Superman** em novembro de 1947. O primeiro número de **Superman** já trazia aventuras de Batman.

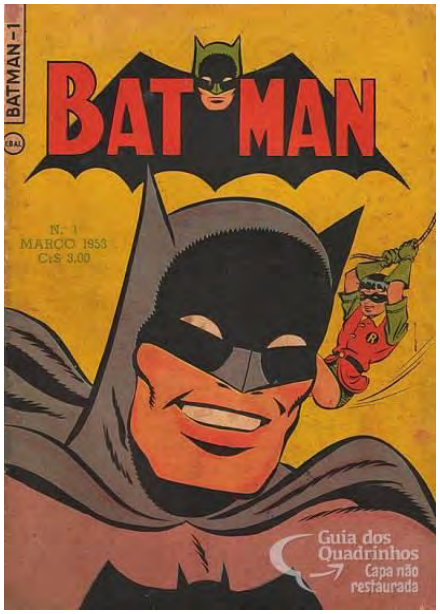
A revista **Mirim**, criada pelo Grande Consórcio em maio de 1937, no formato tabloide e que chegou a ser trissemanal, publicou Batman em dois números em abril de 1945, aventuras retiradas de **Detective Comics** e **Batman**. A revista **Mirim** acabou pouco depois, no nº 1225, ainda em 1945. Batman também teve uma aventura publicada no **Almanaque O Lobinho** de 1942.

A revista **O Guri** (inicialmente grafada **O Gury**), publicação do **Diário da Noite**, lançada em maio de 1940 no formato magazine com periodicidade quinzenal, começou a publicar histórias de Batman a partir do nº 102, de agosto de 1944. Adotou o título Homem-Morcego e Robin para suas histórias, retiradas da revista **Batman**. Supondo que as coisas tenham sido feitas de forma regular, pode-se concluir que, a partir de uma certa data, a revista **O Lobinho** abriu mão dos direitos das histórias da revista **Batman**, mantendo apenas as da revista **Detective Comics**. Assim, **O Guri** assumiu as aventuras de **Batman**, publicando-as por quase 60 números, até o nº 178, de outubro de 1947. Ainda publicou no nº 184, de janeiro de 1948, uma aventura de Alfred, retirada de **Batman** nº 27. A revista **O Guri** durou até o nº 354, de dezembro de 1953, no entanto, só publicou Batman até final de 1947, época em que a Ebal começou a publicar o personagem na revista **Superman**.

Um pouco depois de Batman aparecer em **O Guri**, começou a aparecer também em **O Globo Juvenil**, publicado pelo jornal **O Globo**. Lançado em 12/06/1937, **O Globo Juvenil** manteve formato tabloide e periodicidade trissemanal (3ªs, 5ªs e sábados) até o nº 1986; a partir do nº 1987 passou a quinzenal no formato magazine com o nome **Novo O Globo Juvenil**, durando até o nº 2095, de novembro de 1954. Batman estreou no nº 1176, de 28/12/1944, com histórias em continuação publicadas nas edições de 3ª e sábado da revista, adotando o nome de Morcego Negro (e Bruce Wayne chamado de Bruno Miller). O material publicado em **O Globo Juvenil**, ao contrário do de **O Lobinho** e **O Guri**, não vinha das revistas **Detective Comics** e **Batman**. Nos Estados Unidos, entre 25/10/1943 e 2/11/1946, Batman foi produzido na forma de tiras diárias e páginas dominicais para jornais, basicamente pela mesma equipe que produzia o material para comic book. A série para jornais durou apenas 3 anos; houve outras tentativas posteriormente. Esse material para jornais, cujos direitos pertenciam a outra empresa, a McClure Newspaper Syndicate, é que foi publicado em **O Globo Juvenil**, durante centenas de números, até o nº 1647, de janeiro de 1948. Também saíram aventuras de Morcego Negro em **Almanaque Globo Juvenil** nos anos 1947 a 1949.

Aparentemente Batman parou de ser publicado em **O Globo Juvenil** por razões editoriais; foi transferido para a revista **Biriba**, da mesma editora de **O Globo**. **Biriba**, com formato tabloide, semanal, foi lançado em maio de 1948 e durou até o nº 79, de novembro de 1949. Mantendo o nome Morcego Negro, publicou aventuras de Batman feitas para jornais, em continuação, entre os nºs 1 e 12, e depois entre os nºs 18 e 40. Essas aventuras correspondem às páginas dominicais de 4/11/1945 a 13/10/1946. Com o fim de **Biriba**, em novembro de 1949, a editora lançou, em dezembro de 1949, a revista **Biriba Mensal**, no formato magazine, que durou até o nº 61, de dezembro de 1954. Antes, em janeiro de 1949, lançou a revista **Shazam!**, também mensal em formato magazine, que durou até o nº 72, de dezembro de 1954. As duas revistas publicaram aventuras de Batman feitas para jornais, agora com o nome Homem Morcego, o mesmo usado antes pela revista **O Guri**. **Shazam!** publicou Batman em cerca de 8 números, do nº 16, de abril de 1950, ao nº 24, de dezembro de 1950. Também saiu história do herói no **Almanaque Shazam!** nº 2, de 1951. **Biriba Mensal** publicou Batman entre o nº 14, de janeiro de 1951, e o nº 16, de março de 1951. As duas revistas foram canceladas em dezembro de 1954 e, no lugar delas, lançada a revista **Biriba-Shazam!**, em janeiro/fevereiro de 1955, a partir do nº 73, continuando a numeração de **Shazam!**, mas sem trazer histórias de Batman. A essa altura, os direitos das aventuras de Batman feitas para comic book pertenciam à Ebal e não havia mais histórias feitas para jornais pois a série havia sido cancelada em 1946.



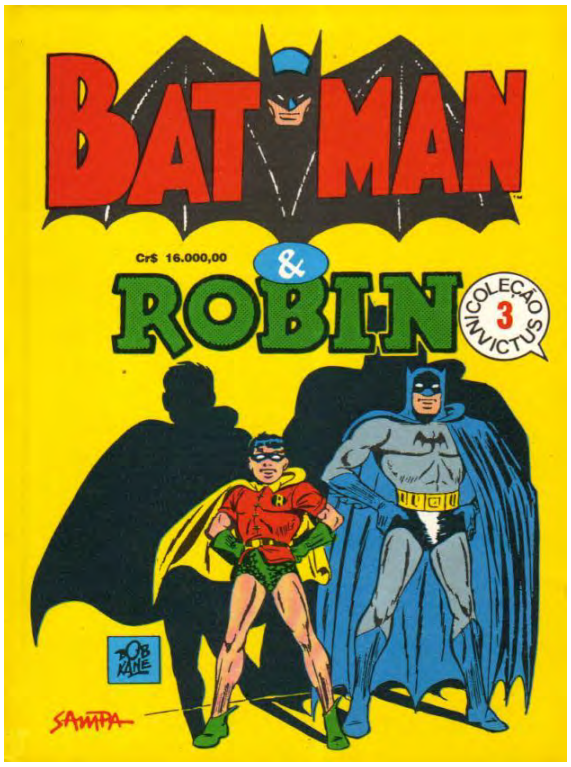


A Ebal começou a publicar aventuras de Batman feitas para comic book na revista **Superman**, lançada em novembro de 1947. Publicou com regularidade, embora não em todos os números. Também publicou Batman no **Almanaque Heróis** de 1949 e no **Almanaque Superman** dos anos 1950, 1952, 1953 e 1954. Em março de 1953, a Ebal lançou a revista **Batman**, a primeira com o nome do personagem como título. A revista durou 100 números, até junho de 1961. A Ebal tinha o costume de reinicializar a numeração a cada 100 números. Assim, **Batman** teve novo nº 1, da segunda série, a partir de julho de 1961, completando outros 100 números em outubro de 1969. O **Almanaque Superman** saiu com o nome **Almanaque Superman e Batman** nos anos 1955 a 1960. O **Almanaque Batman** foi lançado no ano 1964 e durou até o ano 1979, sem aparecer nos anos 1976 e 1978. A Ebal lançou várias outras revistas tendo Batman como protagonista ou um dos protagonistas principais, com histórias retiradas de vários títulos norte-americanos. Além das já mencionadas, são elas: **Batman-Bi** (1ª série), com 72 números entre abril de 1965 e fevereiro de 1977; **Invictus** (3ª série), estrelada por Batman e Super-Homem, com 82 números entre janeiro de 1967 e outubro de 1973; **Os Justiceiros** (Liga da Justiça), com 28 números entre setembro de 1967 e dezembro de 1969; **Almanaque Invictus**, com 7 números entre 1968 e 1973; **Batman Especial em Cores**, com 67 números entre abril de 1969 e maio de 1976; **Os Justiceiros em Cores**, com 1 número em julho de 1969; **Batman** (3ª série), com 89 números entre novembro de 1969 e março de 1977; **Almanaque Quadrinhos**, com dois números, em 1969 e 1977; **Invictus em Cores**, com 6 números entre fevereiro e dezembro de 1972; **Superamigos** (1ª série), com 11 números entre junho de 1975 e fevereiro de 1977; **Batman** (em formatinho), com 70 números entre junho de 1976 e outubro de 1983; **Almanaque O Herói**, de 1976; **Batman** (4ª série), com 33 números entre abril de 1977 e dezembro de 1979; **Batman-Bi** (2ª série), com 17 números entre abril de 1977 e dezembro de 1979; **Superamigos** (2ª série), com 17 números entre abril de 1977 e dezembro de 1979; **Almanaque Superamigos**, com 2 números, em 1977 e 1978; **Superduplas** (Batman em parceria com outro herói), com 24 números entre agosto de 1978 e julho de 1980; **Superamigos** (em formatinho), com 38 números entre dezembro de 1978 e janeiro de 1982; **Almanaque Super-Heróis**, de 1979; além de meia dúzia de edições especiais e extras. Batman também participou de histórias publicadas em várias outras revistas da Ebal, como: **Superman-Bi** (1965); **Os Falcões** (1967); **Turma Titã** (1968); **Aquaman** (1969); **O Homem de Aço** (1970); **Origem dos Heróis** (1975), nos nºs 1 e 7; **Morcegomem/Coringa** (1976); **Monstro do Pântano** (1979); **Os Grandes Álbuns em Quadrinhos** (1980), no nº 3; **Super-Heróis para Colorir**, no nº 5. A última revista de Batman publicada pela Ebal foi o nº 70 de **Batman** em formatinho, em outubro/novembro de 1983. Em julho de 1984 saía o primeiro número de **Batman** pela editora Abril.

No período em que a Ebal publicou Batman, praticamente monopolizou o personagem, com algumas poucas exceções, quando se trataram de histórias, por um motivo ou outro, não cobertas pelos direitos adquiridos pela editora. Em dezembro de 1962, o nº 12 do segundo ano de **Homem no Espaço**, da editora Cruzeiro, trouxe uma aventura de Joe Cometa (Adam Strange) com participação da Liga da Justiça. Em 1968, a editora Bruguera lançou 4 números da coleção **Heróis Juvenis – Série Batman**, num formato cheque vertical, intercalando uma página de texto com uma de quadrinhos retirados de histórias produzidas para os comic books. Batman participou também do segundo número de **Heróis Juvenis – Série Superman**. No final de 1967, a Linográfica Editora lançou o **Suplemento em Quadrinhos**, no formato tabloide semanal, reunindo várias séries de quadrinhos para jornais, incluindo a nova série de Batman distribuída pelo Ledger Syndicate entre 29/5/1966 e janeiro de 1972. O **Suplemento** durou apenas 3 números publicando apenas 3 páginas dominicais de Batman, de 12/11/1967 a 26/11/1967.

A editora Abril começou a publicar a revista **Batman** em julho de 1984 e lançou uma infinidade de títulos, álbuns, minisséries, especiais, etc, com o personagem até 2002, quando perdeu os direitos de publicação da DC. A partir daí, a editora Panini repetiu a dose com outra infinidade de edições. Devido ao volume, esses títulos da Abril e Panini não serão listados aqui.

Durante esse período, várias outras editoras publicaram Batman, sempre material à margem das revistas principais da DC. Uma das linhas preferidas foi a de histórias alternativas, em outras realidades. A seguir, uma rápida relação de publicações de Batman lançadas por outras editoras. A L&PM lançou, em 1987, dois álbuns com as primeiras 318 tiras diárias produzidas para jornais a partir de 1943, distribuídas pelo McClure Newspaper Syndicate, material já publicado pelas revistas de **O Globo** nas décadas de 1940 e 50. O primeiro álbum foi relançado em 1996, com as tiras remontadas. Em 1987, a fábrica de brinquedos Estrela publicou 17 mini-revistas da **Coleção Super Powers**, distribuídas junto com os brinquedos da linha Super Powers, sendo as duas primeiras com Robin e Batman. Em outubro de 1992, a editora Nova Sampa lançou a **Coleção Invictus**, que durou 36 números, com histórias antigas da DC, mais da metade estrelada por Batman, em aventuras solos, com Robin, em parceria com Super-Homem ou na Liga da Justiça. Em 1993, saíram dois números de **Coleção Invictus Extra**, ambos com Batman. A editora Coquetel lançou, em 1996, 6 números de **Batman – I Love to Read**, com passatempos e HQs adaptadas das animações feitas para TV. O mesmo tipo de material saiu, em 1999, pela editora Tudo em Quadrinhos, em 4 números de **Batman & Super-Homem**, na coleção Eu Gosto de Ler. Entre 1997 e 2005, a editora Mythos lançou grande número de especiais e minisséries de Batman e da Liga da Justiça. A Opera Graphica lançou álbuns e minisséries de Batman entre 2001 e 2004. A editora Brainstore publicou algumas edições de Batman em 2001 e 2002. Em 2003 e 2004 foi a vez da A&C Editores, com alguns especiais e minisséries. Em 2011, a editora Abril publicou 8 números de **Batman – Os Bravos e Destemidos**, seguindo a linha das animações da TV. Publicou também, na mesma linha, um número de **Batman – Os Anos Perdidos**, um número de **A Sombra de Batman** e seis números de **Batman Gotham**. A editora Eaglemos começou a **Coleção Graphic Novels** em 2014, com vários volumes dedicados a Batman.



A publicação de Batman em jornais é mais difícil de identificar. É certo que o jornal **O Globo** publicou o personagem no final da década de 1970, tanto nos jornais diários como no suplemento dominical **Globinho Supercolorido**. Este material pertencia à série para jornais *The World"s Greatest Super Heroes*, distribuída pelo Chicago Tribune entre 3/4/1978 e 10/2/1985, estrelada pelos principais heróis da DC. Depois o Super-Homem passou a dominar a série. Nos Estados Unidos, Batman ainda teve mais uma série produzida para jornais, entre 6/11/1989 e 3/8/1991, distribuída pelo Creator Syndicate. Não sei se foi publicada no Brasil.

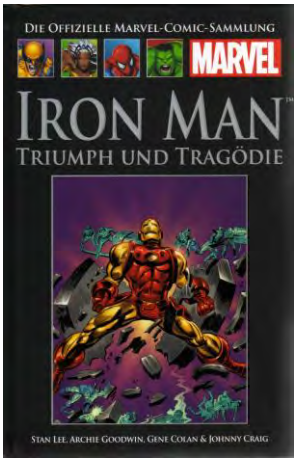
Para completar este texto sobre a publicação de Batman no Brasil, cabe citar os fanzines, principalmente os de nostalgia. Vários editores independentes lançaram edições compilando histórias antigas de Batman. Valdir Dâmaso publicou 6 álbuns com Batman, os volumes 7, 8, 17 e 18 de **Álbum Juvenil Série B**, o volume 2 de **Coleção Velha Guarda** e o volume 3 de **Álbum Juvenil Tiras**. Jessie James dos Santos publicou histórias de Batman no nº 8 de **Álbum de Ouro Série A**, no nº 3 de **Álbum de Ouro Série C**, e no especial **O Herói – Batman**. Adalberto Bernardino publicou 2 volumes de **Almanaque Mulher Morcego** e 2 de **Almanaque Super-Filhos**. Worney de Almeida publicou as 11 primeiras HQs de Batman em **Seleções do Quadrix** nº 4. Entre as edições independentes informativas cabe mencionar os 7 números de **Tribuna do Morcego**, o número único de **HQ Dimensão** e vários números de **O Grupo Juvenil**, de Jorge Barwinkel.

QI 139 (mai/jun/2016)

EDIÇÕES DE FORA

A revista portuguesa **Visão** ofereceu de brinde aos leitores nestas últimas semanas 6 revistas de Banda Desenhada publicadas em diversas épocas. Não foram fac-símiles, pois nem sempre respeitaram o formato da revista original. Mas o conteúdo foi o mesmo. As edições foram **O Falcão** nº 577, da década de 1970; **O Mundo de Aventuras** nº 32, de 1974; **Jornal do Cuto** nº 125, de 1975; **O Cavaleiro Andante** nº 510, de 1961; **Colecção Galo** nº 3; e **O Mosquito** (4ª série) nº 1, de 1975. A coleção foi organizada por Carlos Gonçalves.

Gerd Bonau enviou duas revistas distribuídas gratuitamente pela Panini alemã, uma de Batman e outra de Deadpool, o que confirma a estratégia das editoras alemãs de aliciarem os leitores. Enviou também um volume encadernado de coleção da Panini em parceria com a Hachette, exatamente nos mesmos moldes da coleção que a Salvat está colocando nas bancas no Brasil com o nome **A Coleção Oficial de Graphic Novels Marvel**. Em alguma coisa estamos em pé de igualdade com os alemães. Que coisa!



QI 139 (mai/jun/2016)

RODOLFO ZALLA

No dia 19 de junho de 2016, faleceu Rodolfo Zalla, um dos grandes nomes das Histórias em Quadrinhos Brasileiras. Nasceu em 20 de julho de 1931 em Buenos Aires, na Argentina, começou sua carreira de quadrinhista no começo da década de 1950 e mudou-se para o Brasil em 1963. Sua carreira na área dos Quadrinhos no Brasil foi extremamente frutífera, apesar das condições ruins para o exercício dessa atividade no país.

Alguns destaques em sua carreira. Em meados da década de 1960, criou, juntamente com Eugenio Colonnese, o Estúdio D-Arte, para produção de HQs para as várias editoras de revistas de quadrinhos de São Paulo. As principais características do trabalho da dupla foram a produção em grande quantidade e o cuidado com a documentação, em especial nas histórias de guerra. No final da década de 1960 e início da de 1970, Zalla e Colonnese foram pioneiros na produção de livros didáticos quase totalmente em Quadrinhos, iniciativa inédita do professor Julierme de Abreu e Castro para o IBEP – Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas. No início da década de 1970, Zalla colaborou com a editora Abril principalmente criando histórias do Zorro, pois o material original norte-americano, feito por Alex Toth, não era mais produzido. E a partir do início da década de 1980, Zalla criou a editora D-Arte, publicando duas das melhores revistas de terror já aparecidas no Brasil, **Calafrio** e **Mestres do Terror**, relançando personagens clássicos, reabilitando autores veteranos e lançando novos valores.

A biografia de Rodolfo Zalla é extensa, não vou detalhá-la aqui, ao contrário, pretendo ilustrar esta pequena homenagem com 3 passagens nas quais tive participação e que dão uma amostra da personalidade de Zalla.

As revistas de terror da editora D-Arte, além de lançarem novos nomes nos quadrinhos, também davam espaço a iniciantes ainda em formação. Um espaço limitado, de 2 páginas apenas, como incentivo aos aspirantes a quadrinhistas. Embora na época eu já atuasse no Magistério e não tivesse expectativa de me profissionalizar na área, enviei uma HQ para a seção do leitor. A HQ foi publicada e logo recebi em casa carta de Zalla acompanhada de cheque em pagamento às duas páginas. O valor pago, como a carta esclarecia, era a metade do valor pago às colaborações encomendadas. Era um valor relativamente baixo, já que a revista não tinha tiragens muito altas. Além do cheque, recebi uma assinatura de 6 números da revista **Mestres do Terror**. O episódio ilustra o tipo de comportamento de Zalla em relação aos iniciantes, valorizando com pagamento mesmo aqueles que se sentiriam honrados apenas pela publicação de suas páginas na revista.

Um segundo episódio mostra a atenção pessoal de Zalla com seu leitor. As revistas da D-Arte sofriam com a distribuição, já que não eram produzidas por uma grande editora. Assim, perdi alguns números, que não chegaram às bancas que frequentava. Por isso, planejei uma viagem a São Paulo para, entre outras coisas, comprar os números faltantes diretamente na editora. Anotei o endereço, na Avenida Brigadeiro Luis Antônio, e para lá me dirigi. Desci no metrô da Paulista e desembestei Brigadeiro abaixo à procura da editora. O número era de um prédio de apartamentos. O porteiro logo entendeu que eu procurava o Zalla e me mandou subir. A ficha só caiu quando cheguei ao apartamento residencial onde Zalla morava com a esposa. Já era por volta de 11h da manhã, mas tive a impressão de que para eles o dia estava começando. Zalla me atendeu com toda a atenção e buscou em um dos quartos os números que me faltavam. Na hora de pagar, não cobrou o preço de capa, mas somente a parcela que caberia a ele, descontando a parcela que caberia aos distribuidores. Nunca me passaria pela cabeça que o preço a pagar não fosse o da capa. Por acaso, hoje, as editoras que vendem pela internet cobram apenas a parte que lhes cabe?

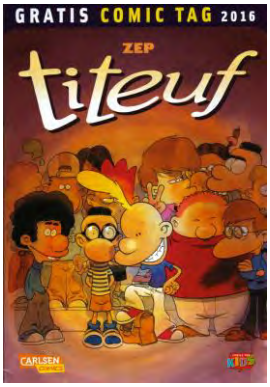
O terceiro episódio ocorreu quando editei, em 1994, de forma independente, um livro sobre Rubens Lucchetti e Nico Rosso. O livro tinha 312 páginas e alguns exemplares eu mandei encadernar com capa dura e sobrecapa em veludo preto. Levei um desses volumes para divulgar num evento em São Paulo. Zalla viu o volume, olhou rapidamente o conteúdo e não teve dúvida em adquirir o exemplar. Não questionou o preço (que, pelo volume da edição, não era muito baixo), assinou o cheque e garantiu seu volume. Valorizou de pronto o trabalho meu e de seus colegas enfocados no livro.

Em várias outras ocasiões, encontrei-me com Zalla em eventos de Quadrinhos. Uma das coisas que ouvi dele é que ele só conseguiu manter a editora D-Arte porque fazia a impressão no IBEP a preço subsidiado, muito inferior ao de mercado. Senão, não seria viável. Mas, por outro lado, não podia aumentar tiragens ou lançar novos títulos.

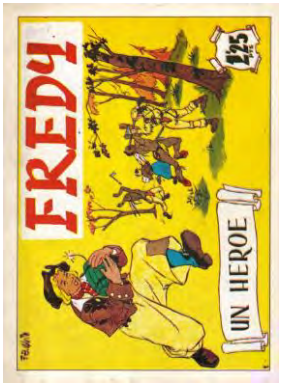
QI 140 (jul/ago/2016)

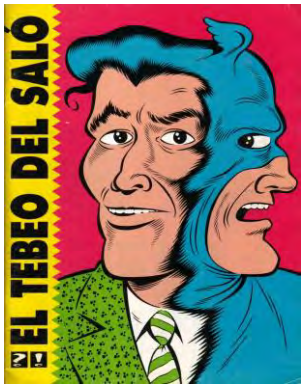
EDIÇÕES DE FORA

Gerd Bonau enviou 4 edições alemãs. A primeira, **Pure Fruit** nº 11, já foi divulgada várias vezes no **QI**, é uma revista totalmente colorida com ótima qualidade gráfica, com autores independentes que, neste número, homenageiam Gus Dirks, autor do começo do século XX, desenhando seus personagens de *Bugville Life*. As outras três são exemplares de *Gratis Comic Tag*, revistas grátis de ótima qualidade reproduzindo material de álbuns das editoras alemãs. O primeiro traz material do décimo álbum do franco-belga *Titeuf*, de Zep, que teve seus primeiros álbuns publicados no Brasil. A seguinte traz 2 capítulos de **Ei8ht**, primeiro álbum da série do brasileiro Rafael Albuquerque com participação de Mike Johnson, publicado originalmente pela Dark Horse, e que teve no Brasil uma edição independente com o primeiro capítulo feita pelo próprio autor e recentemente edição da Panini com os 5 primeiros capítulos. O terceiro é uma bela obra de Ben Haggarty e Adam Brockbank, intitulada **Mezolith**, ambientada obviamente na pré-história. Ótimos desenhos e uma temática muito interessante.



Roberto Mac-Ghan enviou 3 catálogos de salões espanhóis de quadrinhos de Barcelona, dos anos 1984, 1991 e 2002. Muito interessantes, com muito material totalmente desconhecido para mim. Mas mais interessantes foram os 3 títulos de revistas populares em língua espanhola de várias décadas passadas. **Aventuras** é argentina da década de 1940, traz aventuras em continuação de várias procedências, incluindo Superman, Garth e adaptações literárias aparentemente de autores argentinos. **El Peneca** é chilena, não tem data, mas o número enviado é o nº 2401. Tem a mesma fórmula de histórias em continuação, mas a temática é mais variada, incluindo histórias humorísticas. Além de *Lone Ranger*, *Roy Rogers*, *Blake e Mortimer*, o personagem infantil que dá nome à revista parece ser chileno. **Fredy** é uma edição espanhola no formato horizontal, bem simples na produção dedicada às aventuras do jovem Fredy, assinada por F. B. White, ambientada na colonização norte-americana.

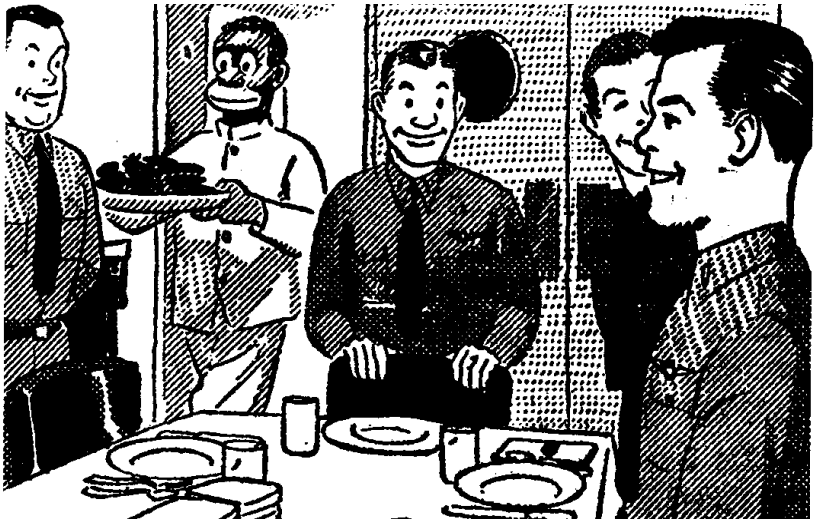




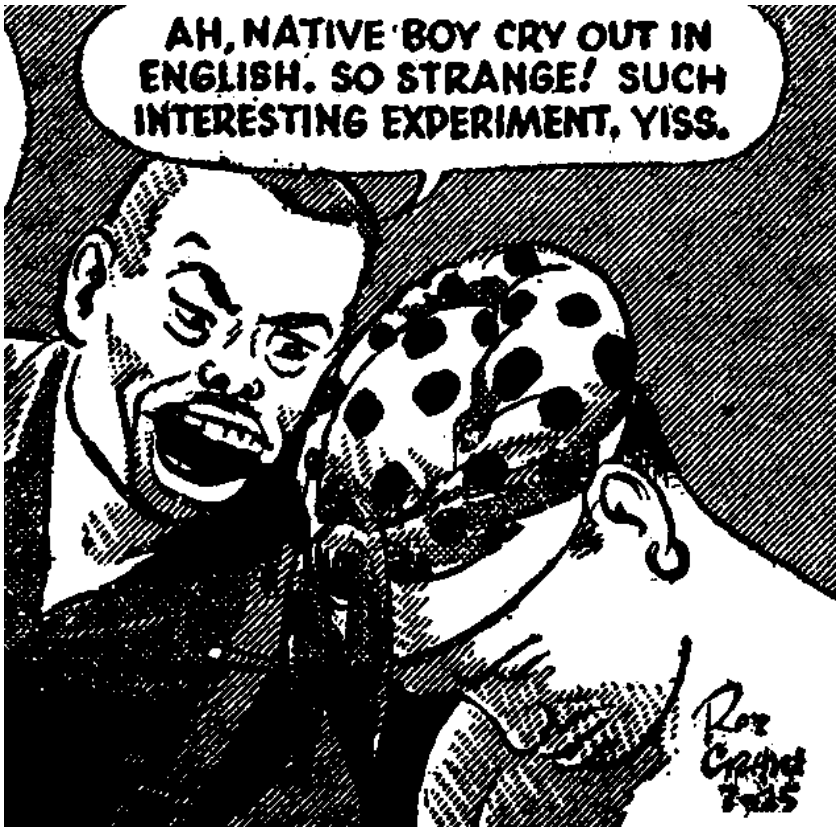
QI 140 (jul/ago/2016)

AINDA O TEMA DA CAPA DO QI 139

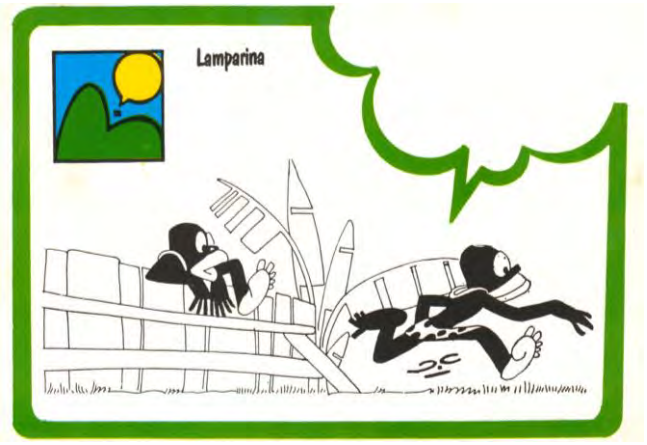
Recentemente a editora norte-americana Fantagraphics começou uma coleção publicando a tira *Buz Sawyer* (no Brasil, *Jim Gordon*), de Roy Crane, desde seu início, em 1/11/1943. Logo no início da aventura, na tira 23/11/1943, Crane desenhou a imagem abaixo. Seu editor lhe escreveu dizendo que não pretendia censurá-lo, mas aconselhava a não usar imagens estereotipadas de "pessoas de cor" (termo usado por ele), pois a comunidade negra norte-americana estava se organizando e prometendo boicote a tudo que consideravam racismo. Crane acatou a sugestão e durante anos nenhum personagem negro apareceu em sua série. O livro da Fantagraphics publicou a tira exatamente como feita originalmente, mas fez a observação sobre o contexto da época, tanto a questão do modo como os negros eram caricaturizados nos comics, como a mudança da sociedade americana com a organização dos grupos que passaram a ter voz ativa na sociedade justamente em consequência de suas participações na Segunda Guerra.



Mas o cuidado que o editor da tira na época de sua publicação original teve em relação à reação dos negros norte-americanos, não teve em relação à representação dos orientais, em particular dos japoneses. Estes eram os inimigos na Segunda Guerra e, dizem, japoneses e descendentes que moravam nos EUA foram enviados para campos de concentração em solo americano. Portanto, para eles estava liberada a representação grotesca e Crane não se fez de rogado, como mostra a imagem abaixo. Sempre dentro do contexto da época.



Alguns personagens brasileiros de Histórias em Quadrinhos foram homenageados pelos Correios em 1993, por ocasião da 2ª Bienal Internacional de Quadrinhos, no Rio de Janeiro. Foram 4 personagens e apareceram em cartões postais e selos: „Nhô Quim" de Angelo Agostini, „Benjamin" de Luís Loureiro, „Lamparina" de J. Carlos, „Reco-Reco, Bolão e Azeitona" de Luiz Sá. Lamparina não era a única e usar os estereótipos "racistas".



QI 140 (jul/ago/2016)

QUEM É O AUTOR DESSA PERSONAGEM?

Assim que vi essa foto na revista **IstoÉ**, de 21/09/2016, tive a nítida impressão de já ter visto imagem semelhante em alguma HQ. A primeira ideia que me ocorreu é que se parecia com alguma das damas fatais criadas por Milton Caniff, em especial a *Dragon Lady*. Procurei em todas as páginas de *Terry and the Pirates* para ver se achava imagem semelhante, mas não encontrei nada. Talvez fosse na outra obra de Caniff que a imagem tivesse aparecido. Foi a vez de procurar em todo o material de *Steve Canyon* que tenho, o que corresponde a cerca da quinze anos a partir de sua estreia. Também não achei nada. Mas há outros autores que criaram damas fatais à moda de Caniff. Quem sabe Will Eisner? Procurei em todas as histórias de *The Spirit* e depois nas várias outras obras que produziu. Nada. Qual a próxima opção? Frank Robbins. Esse parecia promissor pois suas figuras sempre foram meio desajeitadas e também criou damas fatais. Procurei em todas as páginas dominicais de *Johnny Hazard* e na primeira década das tiras diárias. Outro nada. Robins, no entanto, produziu HQs de *O Sombra* para a DC e várias delas foram publicadas no Brasil. Tive quase certeza de que acharia um *Sombra* empunhando duas pistolas com a capa esvoaçante indo decidido ao encontro dos facínoras. Mais um nada. E o *Batman*? Poderia ser? Robins também produziu algumas histórias de *Batman*, quase todas publicadas no Brasil. Outro insucesso e já que estava em Robins, procurei em todo outro trabalho seu publicado no Brasil, *Capitão América*, *Invasores*, *Homem do Fundo do Mar*, HQs de terror na Bloch, etc.

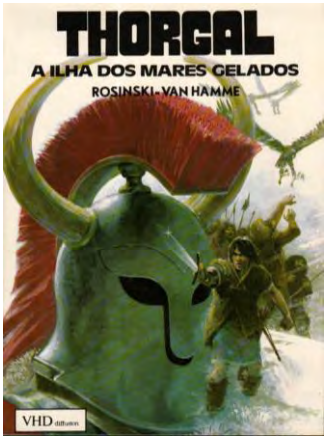
Bem, acho que não se pode dizer que fui negligente. Apesar de tudo, continuo com a impressão de que já vi imagem semelhante em alguma HQ. Algum leitor, por acaso, tem memória melhor do que a minha e consegue identificar quem criou esta personagem, quando e onde foi publicada? Ou tem paciência para procurar em suas coleções? Se alguém achar alguma coisa, me avise para divulgar no próximo **QI**.

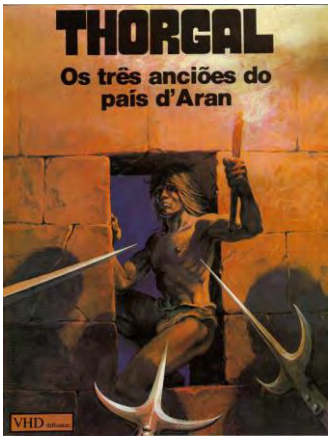
QI 141 (set/out/2016)

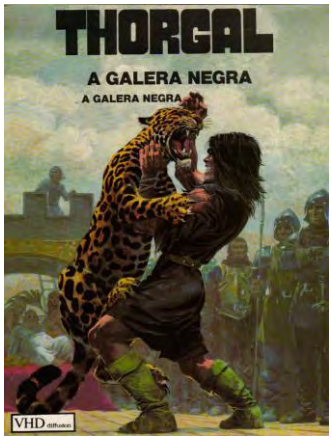
MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Em 1977, o belga Jean Van Hamme criou, juntamente com o polonês Rosinski, a série *Thorgal* para publicação nas revistas **Tintin** belga e francesa. O primeiro álbum só saiu em 1980 pela editora Lombard. A série é produzida até hoje contando com cerca de 34 álbuns, além das reedições e séries derivadas. No Brasil, a série começou a ser publicada em 1983 por iniciativa do belga Vincent H. Ducarme, que aqui residia, e que para isso criou a editora VHD Diffusion. A editora publicou também as séries *Durango* e *Sammy*, mas acabou desistindo da publicação de álbuns, partindo para o lançamento da revista **Animal** e coleções correlatas. No Brasil, *Thorgal* durou apenas 4 volumes, correspondentes aos 4 primeiros álbuns originais.

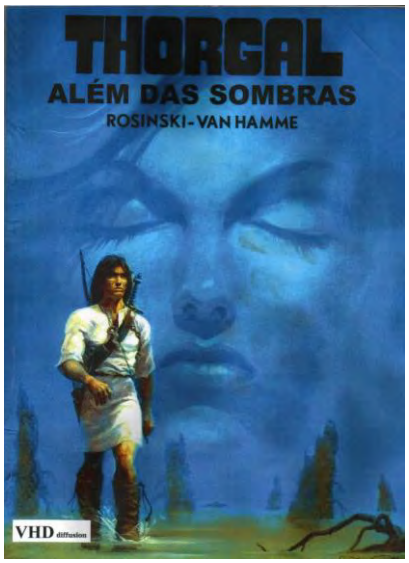
O tema de *Thorgal* é bem interessante, uma mistura de aventura com ficção científica, um guerreiro nórdico que aos poucos vai se descobrindo descendente de uma raça de humanos superdesenvolvidos tecnologicamente. As primeiras aventuras são boas, mas ainda sem maiores atrativos. A série vai se tornando cada vez mais interessante, ainda que tenha aquele defeito insuportável das séries europeias. Hoje, 40 anos depois, a série ainda não foi concluída. Quem ainda está vivo seguindo a série?







Não dá para afirmar, mas é possível que Van Hamme tenha se inspirado na série argentina *Henga* para criar seu *Thorgal*. *Henga* foi criada por Diego Navarro, Roderico Shnell e Juan Zanotto e publicada a partir do nº 1 da revista **Skorpio**, em 1974. Foi sucedida pela série *Hor el Temerário*, dos mesmos autores, até as duas séries se mesclarem e a saga terminar em 1978. O tema das duas séries era a de caçadores pré-históricos descendentes de humanos super-evoluídos e a busca pelas origens. A vantagem de *Henga/Hor* é que teve um fim num tempo razoável, cerca de 4 anos. Em 1991, a Ediciones Record compilou em 4 volumes os 48 episódios das duas séries, totalizando 602 páginas. No Brasil, a editora Vecchi lançou em dezembro de 1979, em formatinho, a revista **Skorpio**, que teve 12 números, uma edição **Super** (em formato magazine) e um **Almanaque**. Publicou apenas 16 episódios de *Henga/Hor*.



Voltando à coleção de *Thorgal* da editora VHD, recebi de presente há pouco, do colecionador português José Manuel de Oliveira, uma edição curiosa. Trata-se de **Thorgal – Além das Sombras**, o quinto volume anunciado pela VHD e nunca publicado. Perguntei a José Manuel o que ele sabia a respeito da edição e ele me respondeu:

"Em Portugal, quando as coleções acabavam por motivos econômicos, houve muitos números que foram cancelados quando já estavam prontos para a gráfica – alguns até já tinham as chapas de impressão prontas. Em um caso ou dois, foram impressos apenas os números suficientes para os assinantes porque estes já tinham pago as revistas."

Este quinto volume de **Thorgal** tem o mesmo padrão dos volumes da VHD, com a marca da editora na capa, as mesmas informações na quarta capa, e com a página de rosto e o expediente como se feitos pela editora. No entanto, a impressão é claramente feita com impressora jato de tinta. Pensei inicialmente que alguém fez a impressão do exemplar usando material pronto da editora e que não chegou a ser publicado. No entanto, embora conste no expediente que a legenda tenha sido feita pela mesma pessoa dos álbuns anteriores, na verdade neste álbum as letras foram feitas em computador com tipo totalmente diferente. Portanto, minha conclusão é que o álbum foi feito por algum apreciador português, usando páginas do álbum original francês, fazendo a tradução e legendagem por conta própria, e imitando o padrão da editora VHD, como se fosse um álbum por ela publicado.

QI 141 (set/out/2016)

COMENTÁRIOS SOLTOS

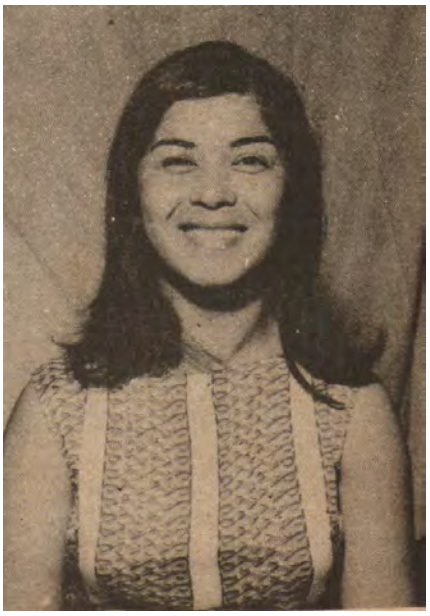
Comentário enviado a HENRIQUE MAGALHÃES:

A ideia (de fazer edições independentes recuperando material de autores do início do século XX) é boa, mas não vai ser fácil. Os vários livros sobre J. Carlos que estão sendo editados fazem parte de um projeto encabeçado pelo caricaturista Loredano. Ele conseguiu a aprovação de um projeto e está fazendo todo o trabalho com uma bolsa de pesquisa e com o auxílio da Xerox, que colocou à disposição dele uma máquina copiadora de última geração. Infelizmente, ele não se deu ao trabalho, até agora, de recuperar os Quadrinhos de J. Carlos, apenas as ilustrações. O Athos Cardoso fez um livro com quadrinhos de J. Carlos, **Memórias d'O Tico-Tico**, com excelente qualidade, mas os primeiros trabalhos do autor, ainda meio fracos. Eu, pessoalmente, não tenho material antigo, então o trabalho teria que ser feito consultando, por exemplo, a Biblioteca Nacional, e eu nem sei se é fácil ter acesso ao material antigo. Acho que não. Tirar cópia, então, deve ser um parto. A própria Biblioteca é que tira e é de péssima qualidade.

Comentário enviado a CARLOS GONÇALVES:

As histórias da editora Warren foram publicadas no Brasil principalmente nas revistas **Kripta** e **Shock** da editora RGE além dos vários almanaques, superalmanaques e especiais. A revista **Kripta** da RGE durou mais de 60 números e realmente publicou vasto material da Warren. Recentemente a Mythos e a Devir estão lançando no Brasil a versões de **Eerie Archives** e **Creepy Archives** lançadas nos EUA pela Dark Horse com mais de 20 volumes cada até o momento. O material da EC foi publicado no Brasil de forma bastante irregular por várias editoras pequenas na década de 1960, talvez de forma pirata. A primeira publicação mais consistente foi feita através da revista **Cripta do Terror** da editora Record, que infelizmente durou apenas 7 números. Uma curiosidade, o nome da revista é a tradução literal de **The Crypt of Terror**, a primeira revista de terror lançada pela EC em maio/abril de 1950, durando apenas três números com este nome, sendo mudado para **Tales From the Crypt**, considerado menos "aterrorizante" pelos editores. O papel e a impressão da revista da Record eram ruins, além de ser em preto e branco, mas editorialmente era muito boa. Publicou misturado e fora de ordem cronológica histórias das várias revistas da EC, mas pelo menos indicando a origem e procurando informar ao leitor onde as histórias haviam sido publicadas antes no Brasil.

A história das editoras brasileiras é bastante confusa, por várias razões. Uma delas é que os donos das editoras eram mesmo trambiqueiros. Fechavam uma editora e abriam outra para dar calote nos credores. As duas principais editoras de terror no Brasil foram sem dúvida a La Selva e a Continental. Esta Continental foi criada em 1959 por um grupo de autores brasileiros e com o propósito de publicar somente (ou pelo menos principalmente) Histórias em Quadrinhos nacionais. Parece que havia outra editora com o mesmo nome, por isso em 1961 a Continental mudou seu nome para Outubro. Novamente teve que mudar o nome em 1965. Dizem que a editora Abril havia registrado nomes de editoras com os nomes de todos os meses do ano. Não sei se isso é verdade. De qualquer forma, a editora passou a se chamar Taika em 1965. Algumas revistas lançadas pela Continental continuaram com a Outubro e depois com a Taika. Foram revistas com grande longevidade durando mais de 100 números.



Comentário enviado a JOSÉ SALLES:

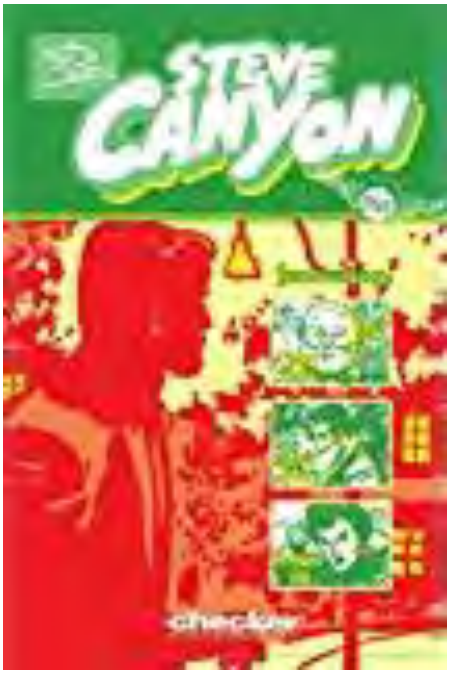
O Gedeone, pelo menos nessa época (década de 1960), já estava imbuído do espírito de usar modelos para os personagens. Li em algum lugar que essa prática foi estimulada por Jayme Cortez, que veio para o Brasil em 1947 e já tinha sido ensinado a proceder assim quando iniciou a profissão em Portugal. Não digo que antes isso não existia aqui no Brasil, certamente nas escolas de desenho havia aulas com modelos vivos. Acho que entre os quadrinhistas é que não havia esse costume. Gedeone usou amigos pessoais e funcionários das editoras como modelos vivos. Mas também usou fotos de artistas de cinema, pois eram coisa fácil de obter. Veja que a Bonelli usa extensivamente este recurso. Todos os seus personagens são baseados em artistas de cinema justamente para ter farto material de referência de graça. À direita, foto de Teresa Sales, que serviu de modelo para Gedeone criar a princesa Azora, par romântico de Homem-Lua.

QI 141 (set/out/2016)

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

No número anterior do **QI** mencionei um álbum de *Thorgal* feito à semelhança dos álbuns da série publicados no Brasil pela VHD Diffusion, e concluí que havia sido feito artesanalmente por algum apreciador da série que quis "completar" a coleção, produzindo o álbum anunciado pela VHD e nunca publicado. Graficamente o resultado não ficou exatamente igual, pois a impressão não foi feita em off-set, e sim, parece, usando uma impressora jato de tinta, a mais comum à disposição das pessoas. Mas atualmente não é raro ter acesso a uma impressora laser colorida com a qual se conseguem resultados gráficos muito bons. Também não é muito difícil conseguir o material para se produzir um volume, pois há muito material publicado em outros países, fáceis de adquirir. Além do que, em sites e blogues também se pode achar material digitalizado, mas aí haverá o problema da qualidade da imagem. Para completar, também há bastante acesso a programas que permitam traduzir e letreirar com razoável comodidade, caso o material conseguido esteja em outra língua. Ou seja, atualmente é possível que particulares produzam livros e álbuns de boa qualidade, comparáveis aos publicados pelas editoras profissionais, para satisfazer sua própria vontade de ter determinados volumes que as editoras não se interessaram em publicar, ou mesmo para fazer comércio.

Aqui entro no assunto que interessa tratar. O tal mistério.



Várias editoras norte-americanas e inglesas têm lançado coleções resgatando antigas séries de Histórias em Quadrinhos, tanto as feitas para jornais como as feitas para revistas. Há algum tempo, tenho acompanhado várias dessas coleções, feitas com muito capricho, seguindo a ordem cronológica, com a inclusão de biografias, análises, além da impressão com qualidade muito boa. A grande maioria desses volumes, tenho conseguido graças a Luiz Antônio Sampaio, desde quando fazia importações de livros e álbuns para vender no Brasil. Na época, mantinha contato com várias livrarias, mas atualmente, a fonte quase única de obtenção de edições norte-americanas é o Amazon, devido aos seus preços imbatíveis.

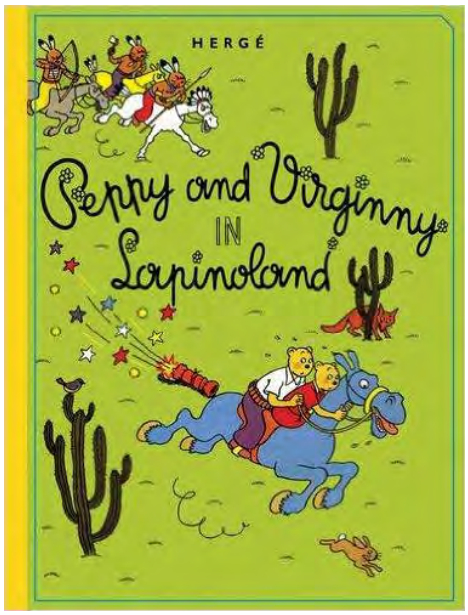
De modo geral, as editoras norte-americanas conseguem manter suas coleções, sem interrupções, e o Amazon consegue deixá-las todas disponíveis. É procedimento padrão a divulgação e venda antecipadas de edições a serem lançadas com antecedência de 3, 6 meses, até 1 ano. A maioria sai na data prevista, algumas são adiadas e há casos em que a editora cancela a edição sem maiores explicações. E o Amazon não se dá ao trabalho de retirar esses anúncios de edições canceladas, apenas acrescenta uma mensagem de "atualmente indisponível". Nada muito grave, nesses casos o leitor interessado compreende muito bem que tal edição não foi lançada, uma pena, não se ganha todas. E até aí não há nenhum mistério.

O mistério começa quando aparecem no Amazon anúncios de edições que não deveriam existir, já que aparentemente suas editoras não as lançaram.

Em 2004 a editora Checker começou a publicar uma coleção de *Steve Canyon*, em livros no formato comic book, trazendo cada edição o material (tiras e páginas dominicais) correspondente a um ano, a partir de 1947. Através de Sampaio, comecei esta coleção e adquiri os 8 volumes até 1954. Aí houve algum problema e os volumes 1955 e 1956 não puderam ser adquiridos. Várias explicações foram dadas na época, inclusive roubo de carga. O fato é que não consegui estes dois volumes. Será que foram realmente impressos? Algum tempo depois os dois volumes apareceram em oferta no Amazon, vendidos não por ela, mas por terceiros. O volume de 1955 tem oferta de várias pessoas, mas o volume de 1956, que deveria ter saído em setembro de 2009, tem apenas 1 oferta no preço de 314 dólares. No Amazon os textos de apresentação dos 2 volumes são como se feitos pela editora original. Para o volume de 1955, além de existirem ofertas de vários vendedores, há também resenhas feitas por compradores, então é provável que esta edição tenha sido mesmo publicada pela Checker. Já o volume de 1956 tem oferta de apenas 1 vendedor, não tem resenhas de compradores, o preço é bem mais alto do que o normal, e a capa anunciada é praticamente a mesma do volume de 1955. O fato de eu ter perdido essas 2 edições da Checker não representa problema, pois em 2012 a editora IDW iniciou nova coleção de *Steve Canyon*, em volumes grandes horizontais com capa dura, publicando as páginas dominicais coloridas, com qualidade gráfica muito superior. Já saíram 6 volumes abarcando os anos de 1947 a 1958, trazendo portanto o material que haveria nos 2 volumes misteriosos da Checker.

Em outubro de 2010, a editora Dark Horse lançou o primeiro volume de **The Occult Files of Doctor Spektor**, compilando as histórias da revista homônima lançada pela editora Gold Key em maio de 1973. A revista original durou até o nº 24, de setembro de 1977, trazendo aventuras de ocultismo de *Doctor Spektor*, produzidas principalmente por Don Glut e o artista filipino Jesse Santos.

Uma parte desse material foi publicada no Brasil pela editora Vecchi num volume de quase 200 páginas, em formatinho e preto e branco, chamado **As Histórias Sobrenaturais do Dr. Spektro**, em janeiro de 1977. O volume trouxe as histórias dos números 1, 2, 3, 17 e 18 da revista norte-americana, além de mais algumas HQs apresentadas pelo *Dr. Spektro*, retiradas de outras publicações da Gold Key. Apesar do formato pequeno e da falta de cores, o trabalho de Glut e Santos era de tal qualidade que a revista se destacou entre os leitores. O nº 2 da revista só saiu em agosto de 1977, reintitulada **Spektro – Histórias Sobrenaturais**, com outro tipo de material, a maioria retirada de revistas norte-americanas de terror e mistério da década de 1950. Depois a revista se tornou um baluarte de autores nacionais. Mas o *Dr. Spektro* não voltou a aparecer na revista embora houvesse ainda muitas aventuras inéditas e o editorial do nº 2 prometesse seu retorno.



Voltando à coleção da Dark Horse, foi planejada para 4 volumes, compilando todo o material com *Doctor Spektor* inclusive suas aparições em outras revistas. Adquiri os 3 primeiros volumes e fiquei à espera do quarto para fechar a coleção. O último volume, no entanto, prometido para março de 2012, não ficou disponível no Amazon. Pouco depois, apareceram anúncios de terceiros oferecendo o volume a preço muito mais alto. Atualmente há 21 ofertas ao preço mínimo de 245 dólares. No site da Dark Horse, o volume 4 é anunciado juntamente com os 3 primeiros, sendo que estes ainda estão disponíveis para venda, enquanto que o quarto, não. Afinal, este quarto volume foi publicado pela Dark Horse ou não?

Hergé, além de sua criação mais famosa, *Tintin*, de 1929, também produziu outras séries de Quadrinhos. A primeira série, com o escoteiro *Totor*, de 1926, não teve sequência após o surgimento de *Tintin*. Mas outras séries foram produzidas simultaneamente a *Tintin*. Em 1930, surgiu *Quick et Flupke*, dois meninos pobres de Bruxelas, sempre em aventuras curtas, a maioria de 2 páginas. Esse material foi publicado em Portugal, em 2000, pela editora Verbo, em 12 volumes, com o nome **Aventuras e Desventuras de Quim e Filipe**, totalizando 348 páginas com 177 aventuras. No Brasil, a editora Globo, em 2013 e 2014, lançou dois volumes de **As Diabruras de Quick e Flupke**, totalizando 330 páginas com 166 HQs. Em 1934, Hergé criou uma série de caráter mais infantil, *Les Aventures de Popol et Virginie*, produzindo apenas uma aventura. Em 1936, nova criação, *Les Aventures de Jo, Zette et Jocko*, cujas aventuras foram compiladas em 5 álbuns. Em Portugal, a editora Verbo publicou todos, em 1981 e 1982, com os nomes **Vale das Cobras**, **O Manitoba Não Responde**, **A Erupção do Karamako**, **O Testamento do Sr. Pump** e **Destino Nova Iorque**, mudando o nome da série para *Joana, João e Macaco Simão*. Em 2013, a editora norte-americana Fantagraphics anunciou um álbum com a série *Popol et Virginie*, com o nome **Peppy and Virginny in Lapinoland**, e esta seria a oportunidade de conhecer este material. O álbum, previsto para janeiro de 2013 não esteve disponível no Amazon, mas atualmente há 3 ofertas desse volume ao preço mínimo de 132 dólares. No entanto, o site da Fantagraphics sequer menciona a existência deste livro.

Entre 2007 e 2009, a editora IDW publicou, em 6 volumes, toda a série *Terry and the Pirates*, de Milton Caniff, compreendendo as tiras e páginas coloridas de 1934 a final de 1946, quando seu autor a abandonou para criar outra série, *Steve Canyon*. A IDW, por algum motivo, dedicou-se a publicar nova coleção com *Steve Canyon*, em vez de continuar com a nova fase de *Terry*, a partir de 1947, aos cuidados de George Wunder. Em 2014, outra editora, a Hermes, começou uma nova coleção com este material, com o nome **Terry and the Pirates: The George Wunder Years**. Saíram 2 volumes compilando o material de 1947 a 1949, e o terceiro estava prometido para julho de 2016. Esteve anunciado com antecedência no Amazon, mas quando chegou a data do lançamento, deixou de estar disponível. E, logo após, apareceu uma oferta deste terceiro volume ao preço de 2.000 dólares. O título não está anunciado no site da editora Hermes.

Esses quatro exemplos são apenas alguns de um fenômeno que assola o Amazon e para o qual o site não toma nenhuma providência. Meu palpite é que várias dessas edições não foram realmente publicadas pelas respectivas editoras. Estas anunciaram as edições no Amazon com antecedência, como é costume, divulgando resenha, informações sobre o volume e, inclusive, imagem da capa. Por algum motivo, mais provavelmente porque os volumes anteriores não deram o retorno financeiro esperado, a editora desistiu do lançamento. Poderia dar uma satisfação ao colecionador, mas não se dá a este trabalho, e deixa o anúncio no Amazon, causando confusão. Segundo meu palpite, alguma outra pessoa, atenta ao que ocorre nas editoras, se aproveita dessas situações e produz alguma edição artesanal com o material retirado de revistas e jornais antigos e tenta tapear o leitor desavisado. Há várias pessoas produzindo edições com material já em domínio público, geralmente de baixa qualidade gráfica, não há problema nisso, pois há informação de que são edições feitas de forma independente ou por pequenas editoras. O problema é quando o aproveitador finge que a publicação é feita pela editora original, usando o anúncio dela, para vender seu produto, a preço extorsivo. Com a complacência do Amazon.

desvendando alma em matéria pouca

Em 2003, a editora francesa Dargaud lançou uma série de álbuns de Histórias em Quadrinhos cujo tema remete à série italiana *Mágico Vento* publicada pela Bonelli: o bizarro e o sobrenatural ambientados no Velho Oeste. Se a série italiana serviu de inspiração, foi só como ponto inicial, pois a série francesa tomou seu próprio rumo, emprestando outras referências como a criação de uma força tarefa, as teorias da conspiração, etc.

A série foi criada com os roteiros de Xavier Dorison e Fabien Nury e os desenhos de Christian Rossi e teve 6 volumes publicados, formando uma longa história, e aparentemente encerrando a trama. Os títulos foram: *La Chute de Babylone*, em 2003; *Century Club*, em 2005; *El Santero*, em 2006; *Le 46ème État*, em 2008; *Megan*, em 2009; e *Seth*, em 2011.

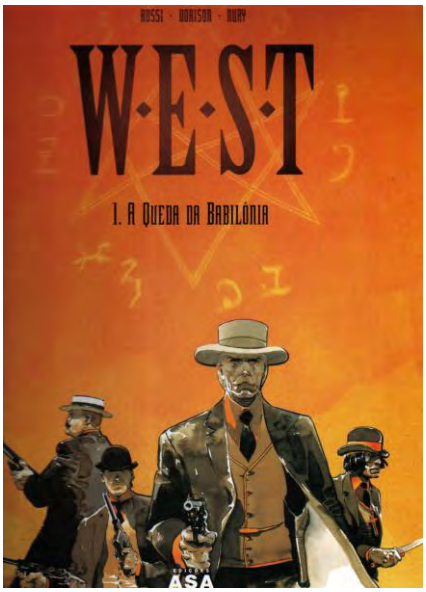
Série de muito boa qualidade, tanto no roteiro como na arte, trata de um grupo composto por 6 pessoas, com alguma experiência no combate às forças sobrenaturais do mal, recrutados informalmente pelo governo federal norte-americano para missões obscuras, normalmente envolvendo temas melindrosos que não podem vir a público. *Richard Clayton* é o alto funcionário federal, com acesso ao Presidente, e que comanda o grupo. *Morton Chapel* é o chefe do grupo, inglês de meia idade, cuja história pregressa está diretamente ligada ao tema central da série. *Angel Savage* é um índio católico especializado em exorcismo. *Bart Trumble* e *Joey Bishop* são dois matadores de aluguel que já trabalharam com *Chapel*. E *Kathryn Lennox* é uma médica psiquiátrica que acaba juntando-se ao grupo por estar também envolvida nos acontecimentos. E o nome do grupo é *Weird Enforcement Special Team* (*Equipe Especial de Combate ao Sobrenatural*, numa tradução própria), cujas iniciais formam o acrônimo *W.E.S.T.* Seguindo a velha tradição de acrônimos criativos dos Quadrinhos, que já produziram tanto a *S.H.I.E.L.D.* da Marvel quanto a *P.U.M.* da Disney (leia-se *Polícia Unida Mundial*).

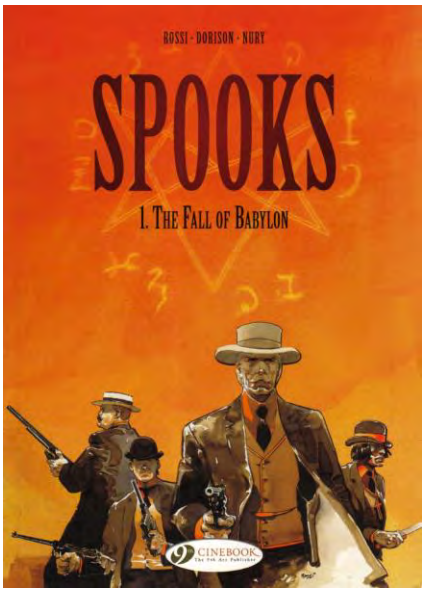
O primeiro aspecto curioso é que uma série francesa teve como título um acrônimo feito com palavras inglesas, a despeito da rivalidade ancestral desses dois povos e da implicância dos franceses com as expressões anglófilas. Várias editoras de outros países que publicaram a série mantiveram o título original, mantendo obviamente o significado em inglês de cada letra. Assim, tanto em Portugal, pela editora Asa, como na Espanha, pela editora Norma, na Alemanha, pela editora Piredda Verlag, na Polônia, pela editora Taurus, a série foi publicada com o título *W.E.S.T. – Weird Enforcement Special Team*, decisões acertadas, ao meu ver. Ainda mais a série se passando no ambiente norte-americano, não teria muito sentido tentar uma tradução alterando um acrônimo tão significativo como *W.E.S.T.* E neste caso seria de esperar que se a série fosse publicada em algum país de língua inglesa, aí é que não haveria mesmo motivo para isso.

Pois acontece que a série foi publicada na Inglaterra pela editora Cinebook, entre 2012 e 2015, e, pasmem, com outro título que não o tão apropriado *W.E.S.T.* Por algum motivo, a Cinebook publicou os 6 álbuns da série com o nome:

SPOOKS – SPecialists in the Odd and the OCcult (Especialistas no Bizarro e no Oculto).

A palavra *spooks* significa tanto *fantasma* como *espião*, o que está dentro do espírito da série. Mas a questão é somente por que mudar um nome que já tem seu significado preciso em inglês justamente na Inglaterra, a mãe do idioma, sendo que nenhuma outra editora de outros países (com outros idiomas) sentiu esta necessidade.





A primeira resposta é que, talvez, já existisse na Inglaterra uma publicação com o nome **WEST**. Neste caso a Cinebook foi obrigada a procurar um outro título, mesmo sendo o título original tão bom. Esta hipótese ainda é a melhor, embora eu tenha feito uma busca em sites especializados em comics e não tenha encontrado nenhuma publicação com este título. E especificamente em relação às publicações em língua inglesa, há bancos de dados bastante completos.

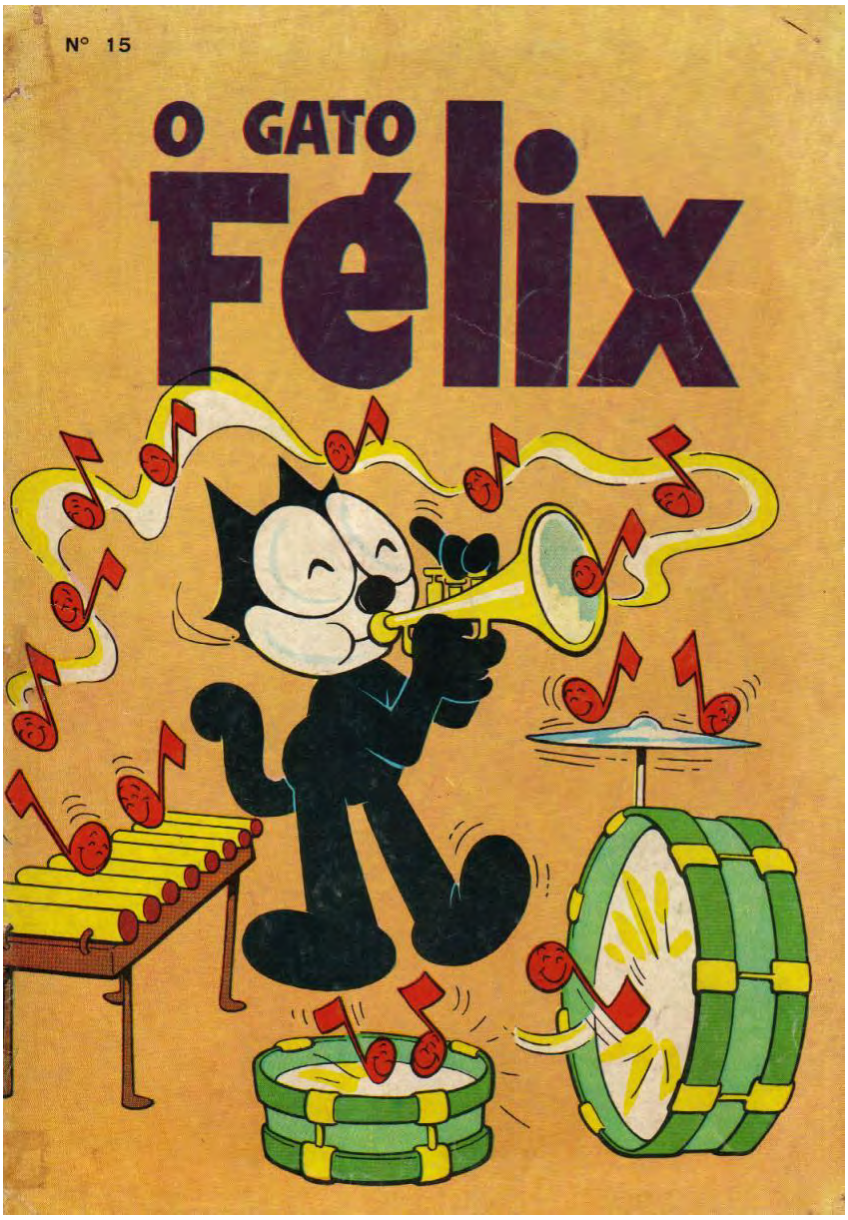
Então resta a hipótese menos provável: os editores da Cinebook mudaram o título por algum capricho misterioso, tão *odd* e *occult* quanto os temas da série tratada. Cabe ressaltar que a editora Cinebook publica apenas séries de origem franco-belga, como *Lucky Luke*, *Iznogoud*, *Yoko Tsuno*, *XIII*, *Thorgal*, *Largo Winch*, *Blake e Mortimer*, entre tantas outras. No entanto, sempre que possível, as publica fora da ordem cronológica original. O que já rendeu comentários depreciativos em pelo menos um site de banco de dados francófilo.

Será que há aí alguma picuinha entre editores, leitores e especialistas dos dois países? Ou será que há menos mistérios entre o céu e a terra do que está imaginando a minha vã filosofia?

QI 142 (nov/dez/2016)

MISTERINHO DO COLECIONISMO

Já escrevi em número anterior do **QI** matéria sobre as publicações da editora Lord Cochrane: **Príncipe Valente**, **X-9**, **Tim & Tom**, **Patrulheiros da Lei**, **Jim das Selvas**, **Brick Bradford**, **Carequinha**, **Pingafogo**, **O Gato Félix**. Todas as revistas tinham a mesma fórmula: formato 180x260mm, 36 páginas incluindo as capas, coloridas, tradução, letreiramento e impressão de baixa qualidade. No entanto, olhando os exemplares que tenho em minha coleção, notei que os primeiros números de **O Gato Félix** até o nº 17 (eu não tenho os números 13, 14, 16) não têm 36 páginas, e sim 28 páginas. O número 15, cheguei a comprar outro exemplar, achando que o primeiro estivesse com as páginas centrais faltando, mas o novo exemplar também tinha 28 páginas. Será que esses primeiros números de **O Gato Félix** tinham mesmo menos páginas, ou as duas folhas centrais da revista foram, por algum motivo, arrancadas dos exemplares que tenho?

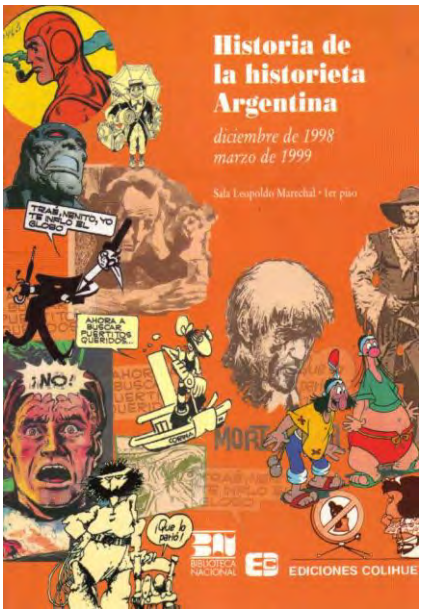


QI 143 (jan/fev/2017)

QUADRINHOS DE FORA

Roberto Mac-Ghan enviou as edições: **Alex Raymond – Ilustrador**, com texto sobre o autor e diversas ilustrações feitas para revistas diversas nas décadas de 1930 e 40; **Historia de la Historieta Argentina**, catálogo de exposição feita entre 1998 e 1999 na Biblioteca Nacional da Argentina; revista **El Tebeo del Saló** dedicada ao décimo Saló Internacional del Cómic de Barcelona, de 1992; **Boletin do Club Amigos de la Historieta** nº 34 com destaque para o 1º Salão de Barcelona e biografia e obra de José Toutain; e **Antología SF del Comic Español**, revista sobre os quadrinhos espanhóis de ficção científica.

Gerd Bonau enviou, além do nº 12 da revista **Pure Fruit**, duas edições coloridas em formato A4, trazendo extensos estudos sobre Quadrinhos: a revista **Reddition** sobre os Quadrinhos Chineses; e **Die Sprech Blase** nº 235, destacando o autor Hansrudi Wäscher. Embora os textos estejam em alemão, a quantidade de ilustrações coloridas compensa a "leitura".



QI 143 (jan/fev/2017)

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS DE JOSÉ RUY

No **QI** anterior, encerramos os Depoimentos de José Ruy sobre sua passagem pelas publicações de Quadrinhos de Portugal. Um de seus trabalhos interessantes foi a produção de anúncios em forma de HQ para diversos produtos. Os dois exemplos abaixo foram publicados na revista **Tintin** portuguesa.

QI 144 (mar/abr/2017)

MICKEY MUDA DE OLHOS

A figura de Mickey nas tiras diárias para jornais, desenhadas por Floyd Gottfredson, foi mudando ao longo dos anos, provavelmente seguindo orientações do estúdio de animação. Ao lado, o momento em que Mickey perde aqueles olhinhos rachados e passa a ter duas bolinhas, uma dentro da outra. A primeira imagem é da tira de 21/12/1938 e a segunda, da tira de 22/12/1938.

QI 145 (mai/jun/2017)

STEVE CANYON

Entre as imagens da série *Steve Canyon* enviadas por Alexandre Yudenitsch, a propósito da questão dos desenhos que extrapolavam os limites dos quadros, estava esta aí acima, que trata de outra questão: a da censura feita pelos *syndicates*. A imagem acima é composta dos 3 primeiros quadros da página dominical de 5 de dezembro de 1948. O primeiro quadro, que mostrava um decote mais ousado foi alterado para não "ofender os espíritos mais sensíveis", como é comum dizer hoje em dia. Não sei dizer se algum jornal chegou a receber a página como feita originalmente, antes que a alteração fosse feita. No primeiro volume da coleção **Steve Canyon**, publicado pela editora IDW em 2012, o primeiro quadro está como feito originalmente. E com uma curiosidade a mais. No terceiro quadro, publicado colorido, a espuma não está delimitada com traço preto, como na imagem em preto e branco. O mais provável é que Caniff tenha desenhado com o traço preto e quem aplicou as cores apagou partes do traço do autor para dar um visual mais etéreo à espuma. E vamos em frente que semana que vem tem outra página dominical para alterar.

QI 145 (mai/jun/2017)

MISTURA DE ESTILOS

Vou começar este texto citando dois trechos de verbetes do livro **O Mundo dos Quadrinhos**, publicado pela Editora Símbolo em 1977, onde o autor, Ionaldo Cavalcanti, expressa sua opinião pessoal.

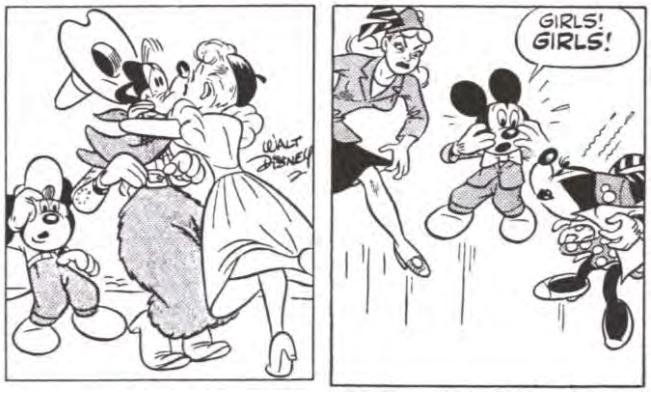
Do verbete *Barney Baxter*: "Criado em 1937, Barney tinha como companheiro, Minhoca, um sujeito tão feio que havia dúvidas se ele era realmente humano."

Do verbete *San-Antonio*: "Com um desenho bastante caricato, Desclez lembra muito o notável Uderzo de Asterix, ao mesmo tempo que a figura de San-Antonio, excepcionalmente, é perfeitamente anatômico (lembrando os heróis de W. Vance, como Bruno Brazil, Bob Morane), causando um certo mal-estar. A impressão que se tem é que o maluco herói vive entre monstrinhos."

O tema em questão é a falta de uniformidade na representação de personagens numa série de Histórias em Quadrinhos, o que pode, sim, causar o mal-estar mencionado por Ionaldo. Quando se cria uma história, principalmente se o enredo é dramático, o autor deve manter uma coerência interna no universo ficcional, para que o leitor possa acompanhar a narrativa sem que nada desvie sua atenção do desenvolvimento do enredo. Em outras palavras, o leitor deve aceitar o universo ficcional e considerá-lo plausível, mesmo que seja um universo extremamente fantasioso, como a ficção científica, o sobrenatural, ou as representações caricaturais dos personagens. O caso de *Dick Tracy* é emblemático. Embora o desenho seja caricatural, e vários dos vilões sejam bem deformados fisicamente, o enredo é sério e o leitor aceita a história dramática, mesmo encenada por figuras não realistas. O universo de *Dick Tracy* é coerente.

Nos exemplos citados nos dois verbetes escritos por Ionaldo, há a mistura de representações caricaturais e não caricaturais num mesmo universo ficcional. Isso causa estranhamento no leitor e o desvia do objetivo da obra, que é trazê-lo para dentro da ficção, convencê-lo de que se trata de uma história "real".

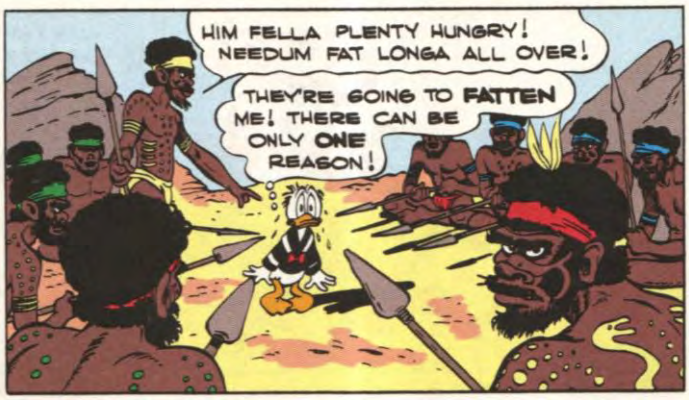
Há, é claro, o caso das sátiras, dos recursos metalinguísticos, onde o leitor já sabe que tudo pode acontecer e, portanto, sabe que o estranhamento faz parte do objetivo do autor. Nesse caso, quanto mais estranho, melhor. E o trunfo da história será justamente contrariar a expectativa do leitor, seja pelo uso do nonsense, pela mistura de estilos, pela referência a personagens famosos, e até pela quebra das regras da linguagem das HQs, como conversar com o leitor, sair fora do quadro, etc.



Voltando ao caso das histórias que se pretendem sérias, mesmo que sejam humorísticas, mas que o autor deseja que sejam coerentes e que o leitor as siga sem desvios, há vários exemplos de quebra desse compromisso entre autor e leitor.

Vou citar algumas presentes no universo Disney.

O Mickey criado em 1928, logo em 1930 estreou em tiras diárias nos jornais, primeiro desenhado por Ub Iwerks e logo substituído por Floyd Gottfredson, que desenhou a série por décadas. Com o desenho bastante caricatural e com os personagens formados por bichos antropomórficos, a série tinha o humor como ponto principal, mas logo enveredou pelas histórias de aventuras. Os personagens sempre foram animais agindo como seres humanos, desde o rato Mickey, o cavalo Horácio, a vaca Clarabela, o cachorro Pateta, o gato João Bafo-de-Onça. Também havia porcos, bodes, macacos e outros bichos menos cotados. Depois apareceriam as aves, o pato Donald, o ganso Gastão, o Pardal. Nos personagens coadjuvantes predominavam os cachorros, com aquele nariz redondo característico colado na cara. Numa das primeiras histórias de Mickey, há uma tribo de canibais, mas são tão caricaturais que não dá para dizer que sejam humanos.



Somente em 1936, numa aventura em que Mickey vai para a Legião Estrangeira, é que aparece um bando de bandidos cujas feições são humanas, ainda que bastante estilizadas. Na década de 1940, começam a aparecer com frequência, nas histórias de Mickey para jornais, seres humanos, ainda um pouco estilizados, principalmente mulheres, cada vez mais sensuais, atraindo a atenção do rato, que, em vários momentos, parece esquecer que existe uma Minnie. Nessa fase o próprio autor se esquece de Minnie.

No outro extremo, com os patos e as histórias para *comic books*, Carl Barks também fazia suas misturas. Na maioria das vezes, os demais personagens eram cachorros antropomórficos. Às vezes tinham até um porte humano mas sempre com aquele narizinho de cachorro no rosto. Em 1947, Donald e sobrinhos se aventuram pela Austrália, onde os nativos são seres humanos, desenhados com bastante cuidado, com proporções e feições humanas. Em 1951, numa história de espionagem, novamente Donald e sobrinhos contracenam com seres humanos. Por que, em algumas histórias, o autor sentiu a necessidade de situar os personagens num mundo em que habitam seres humanos?

Nas histórias de Mickey feitas por Paul Murry para *comic books*, a audácia foi maior. Ainda que tenha durado um número pequeno de aventuras a partir de 1966, Mickey e Pateta atuam mesmo no "mundo real", um mundo em que existem somente seres humanos e, para frisar esse "realismo", desenhado com traço acadêmico. Com exceção das figuras de Mickey e Pateta, desenhadas por Murry, todo o resto dessas histórias foi desenhado por Dan Spiegle, autor de várias séries realistas como *Hopalong Cassidy*, *Família Robinson no Espaço*, e várias quadrinizações de filmes da Disney. Nessas histórias, passadas no "mundo real", uma agência de espionagem, a Polícia Internacional, recruta Mickey (e de quebra, Pateta) como agentes secretos, como se fosse a coisa mais natural do mundo conviver com ratos e cachorros falantes. De quem pode ter sido essa ideia extravagante? Quando li essas histórias, na infância, certamente achei muito esquisitas, mas os enredos eram bons, com tramas bem construídas e originais, então o saldo foi positivo. Mas, como foram produzidas apenas algumas histórias com este recurso, talvez não tenha tido boa aceitação pelos leitores americanos. No Brasil, entretanto, foi produzida uma história nesses moldes, talvez na década de 1970. Mickey e Pateta são enviados ao tempo do Zorro, numa aventura escrita por Primaggio, com os desenhos caricaturais feitos por Moacir Soares e os desenhos realistas feitos por Rodolfo Zalla, que produzia regularmente histórias de Zorro para a editora Abril.

Também com produção da década de 1970, o estúdio da Abril publicou outra experiência digna de nota. Na época, Renato Canini desenhava histórias de Zé Carioca regularmente. Numa delas, um invento de Professor Pardal envia o Zé para a época do faroeste, para que ele possa encontrar seu cowboy preferido, o Texas Bill. Em companhia de Lampadinha, Zé Carioca passa a atuar num ambiente menos caricatural, desenhado pelo próprio Canini.

Embora todas essas experiências sejam interessantes, permanece a questão do estranhamento e quebra das regras de convivência entre obra e leitor, o que não é desejável quando se pretende fazer uma história verossímil. Fica o recurso reservado para as sátiras e trabalhos experimentais.

QI 145 (mai/jun/2017)

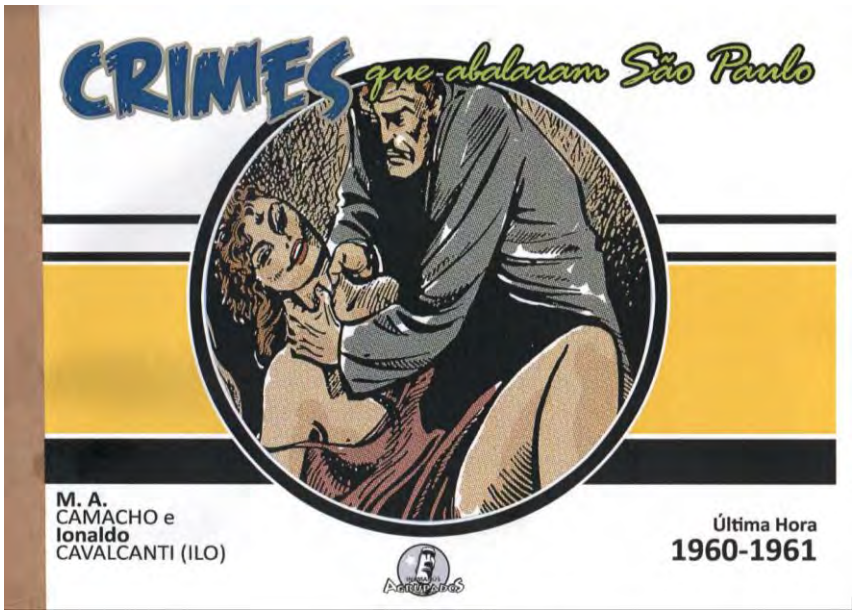
HISTÓRIA EM QUADRINHOS DE IONALDO CAVALCANTI

Completando informações de Worney A. Souza sobre Ionaldo Cavalcanti, publicadas nos nºs 142 e 143 do **QI**.

Luigi Rocco acaba de lançar um álbum independente com o título **Crimes que Abalaram São Paulo**. Trata-se de compilação de uma série de tiras com o mesmo nome publicada no jornal **Última Hora**, de São Paulo, em 1960 e 1961.

A série foi escrita por M.A. Camacho, que era repórter do jornal e durante sua vida escreveu vários livros, inclusive sobre figuras históricas, sempre de uma forma mais sensacionalista. As ilustrações ficaram a cargo de Ionaldo Cavalcanti, assinando Ilo. Foram publicadas 3 histórias, a primeira intitulada *O Crime do Restaurante Chinês* com 18 tiras; a segunda, *O Crime da Mala*, com 23 tiras; e a terceira, *O Crime da Paralítica Teresa Rank*, com 15 tiras.

Curiosamente, ao anunciar a primeira história, o jornal não a chama de História em Quadrinhos, mas "série que revive através de ilustrações e legendas" e depois cunha o termo "reportagem retrospectiva". Quando anuncia a segunda história, aí usa o termo "série em quadrinhos". Camacho e Ionaldo usam o formato de tira uniforme de 4 ilustrações com as legendas no rodapé, um formato que ainda era bem utilizado, como o fez Renato Silva em várias séries.



86 — Alucinado, Giuseppe tomou de uma faca e passou a retalhar o rosto, os braços e o ventre da esposa. Ás gargalhadas, porem, continuaram a ecoar, por muito tempo ainda, em seu espirito. Bebeu um pouco mais e conseguiu adormecer, sob os efeitos do vinho. Foi um sono agitado, repleto de pesadelos. Quando acordou, a noite abandonava a cidade.

QI 145 (mai/jun/2017)

O ANCHIETA DE COLIN

Adquiri recentemente um livro chamado **A Vida do Padre Anchieta**, escrito por Arthur de Castro Borges. Foi publicado em 1959 pela Editora Vozes, destinado a um público infanto-juvenil, com cerca de 100 páginas, descrevendo em linguagem clara a vida de Padre Anchieta. O motivo da compra foi a informação de que era ilustrado por Flavio Colin. De fato, além da capa colorida, de vinhetas iniciando cada um dos 20 capítulos, há 17 ilustrações de página inteira de Flavio Colin, curiosamente impressas numa cor verde escuro.

Em 1959, Flavio Colin produzia intensamente para a Rio Gráfica e Editora. Desde 1956, fazia HQs para a revista **Enciclopédia em Quadrinhos**, e depois de fazer muito trabalho com personagens estrangeiros da RGE, dedicou-se a partir de 1959 à revista **Aventuras do Anjo**, adaptação de personagem brasileiro criado para radionovelas. O traço de Colin teve sua maior influência em Milton Caniff, certamente. Mas desde muito no início Colin já usava um grau de estilização maior. No entanto, o desenho para uma publicação comercial de Quadrinhos não podia ser muito diferente de um padrão aceito pelos editores e supostamente pelos leitores. Assim, quisesse ou não desenvolver um traço mais estilizado nessa época, Colin estava limitado pela exigência de mercado. Nas ilustrações de livros, por outro lado, a tendência era outra. Havia uma aceitação por parte dos editores de ilustrações bastante estilizadas. O nome mais conhecido nas ilustrações de livros, em especial os da Livraria José Olympio Editora, era Poty, cujo traço, com influências da xilogravura, não poderia ser mais estilizado. Assim, neste livro de Anchieta, Flavio Colin pôde usar um traço mais estilizado do que lhe era permitido na RGE, embora ainda longe do que viria a ter quando retornou às Histórias em Quadrinhos em meados da década de 1970.

Mas cabe a questão. Será que a passagem de Flavio Colin pela ilustração de livros o estimulou a desenvolver o traço bastante estilizado que passou a usar na sua posterior produção de Histórias em Quadrinhos? Não seria um caso único. Também Jayme Cortez retornou às Histórias em Quadrinhos na década de 1970 com um traço bastante distinto do que praticava na década de 1950, tanto em pequenas HQs quanto nas capas de revistas da Editora La Selva. E esta estilização já estava presente em centenas de ilustrações que fez para dezenas de livros, em especial romances de autores brasileiros como José Mauro de Vasconcelos.

A questão está colocada.

QI 146 (jul/ago/2017)

OS "SOBRINHOS" DE MICKEY

A memória engana. Tenho a lembrança clara de ter lido em algum lugar (muito provavelmente em alguma edição especial comemorativa de aniversário de Mickey, lançada pela editora Abril), que Floyd Gottfredson, desenhista da tira do Mickey para jornais praticamente desde o início (só não desenhou a primeira aventura e parte da segunda), ao criar os "sobrinhos" do Mickey, criou uma grande quantidade deles, baseado justamente na ideia de que ratos tem dezenas de filhotes. Mas o trabalho que deu desenhar tanto ratinho foi tanto, que Gottfredson, ao fazer nova aventura com eles, trouxe de volta apenas dois.

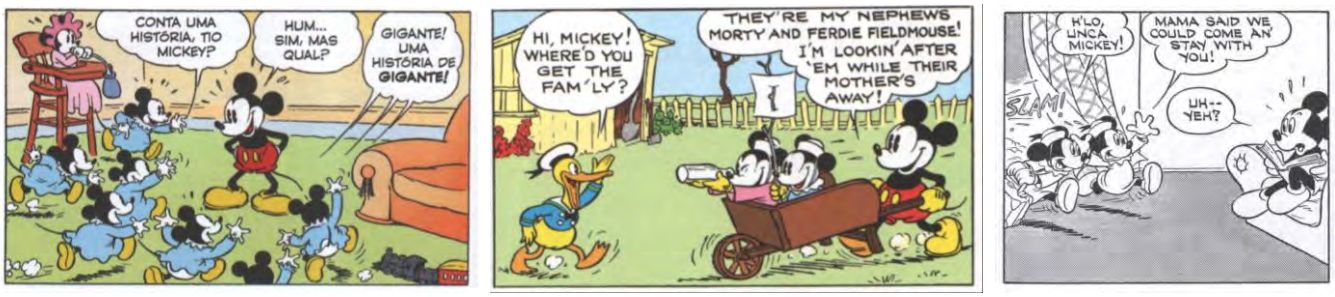
O lançamento recente da coleção **Os Anos de Ouro de Mickey**, pela editora Abril, publicando cronologicamente toda série de Mickey feita para jornais, desmentiu minha memória. Ainda tentei salvar sua dignidade procurando em minha coleção, em todos os especiais da Abril, onde estava aquela informação de que me lembrava. Não achei nada.

A história correta parece ser, de acordo com as informações na coleção da Abril, a seguinte. Em 5 de agosto de 1932 foi lançado o desenho animado **Mickey's Nightmare**, em que "Mickey sonha ter se casado com Minnie e ter tido com ela 21 filhos", que certamente se tornaram o pesadelo do título. Nesse filme, é certo que os animadores padeceram para colocar em cena 21 ratinhos. Não sei dizer se Gottfredson chegou a participar dos desenhos de Mickey, mas desde maio de 1930 ele já estava envolvido com as tiras para jornais, portanto não deve ter sido um dos desenhistas que sofreram desenhando ratinhos no desenho animado. A estreia de ratinhos nos Quadrinhos, desenhados por Gottfredson, foi na página dominical de 18/09/1932. A senhora Fieldmouse pede a Mickey que cuide de seus dois filhos, enquanto ela estiver fora. Os nomes dos 2 ratinhos (Morty e Ferdie) não aparecem de imediato. E os dois não são sobrinhos de Mickey, já que a senhora Fieldmouse não é sua irmã ou nora. Mas desde a primeira página em que aparecem, já chamam o Mickey de *unca*. E na página de 30/10/1932, ao apresentar os dois ratinhos a Minnie, Mickey os chama de "sobrinhos". Nessa mesma página um dos ratinhos responde a Minnie que seu nome é Mortimer Fieldmouse. Este nome é confirmado no apêndice da série *Silly Symphonies* de 06/11/1932, desenhada por Al Taliaferro. Segundo Gottfredson, a origem dos dois "sobrinhos" foi: "Walt me pediu para pegar dois dos ratinhos que apareciam na plateia do desenho **Em Benefício dos Órfãos** e os transformasse em sobrinhos do Mickey". Acontece que esse desenho só foi lançado em 11 de agosto de 1934. Dessa vez, o lapso de memória foi de Gottfredson.

Fotograma de **Mickey's Nightmare**, 1º quadro da página dominical de 18/09/1932 e fotograma de **Mickey's Steam Roller**.

Ratinhos já haviam aparecido antes do desenho citado por Gottfredson. A primeira e única vez em que apareceram apenas dois ratinhos foi no desenho **Mickey's Steam Roller**, lançado em 16 de junho de 1934. Mas no desenho **Giantland**, lançado em 25 de novembro de 1933, vários ratinhos se juntam para ouvir uma história de Mickey baseada em *João e o Pé de Feijão*. Gottfredson adaptou essa história para as páginas dominicais a partir de 11/03/1934, trazendo para os Quadrinhos o monte de ratinhos, incluindo um bebezinho, isso depois de já ter definido apenas dois filhos para a senhora Fieldmouse. Os dois "sobrinhos" voltam na página dominical de 31/03/1935 e são finalmente chamados de Morty e Ferdie por Mickey.

Nas tiras diárias, os "sobrinhos" só apareceram em 14/04/1939.



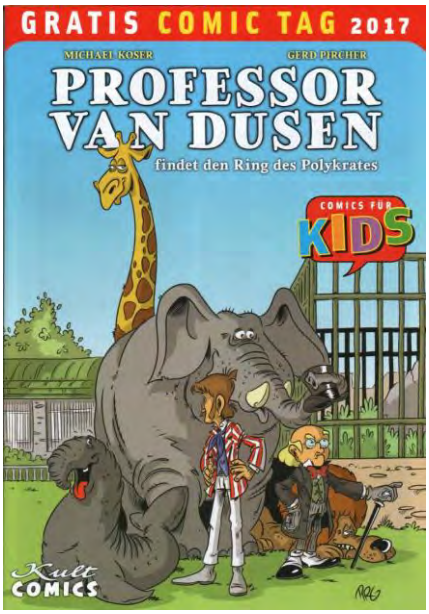
Primeiro quadro das páginas dominicais de 11/03/1934 e 31/03/1935 e segundo quadro da tira de 14/04/1939.

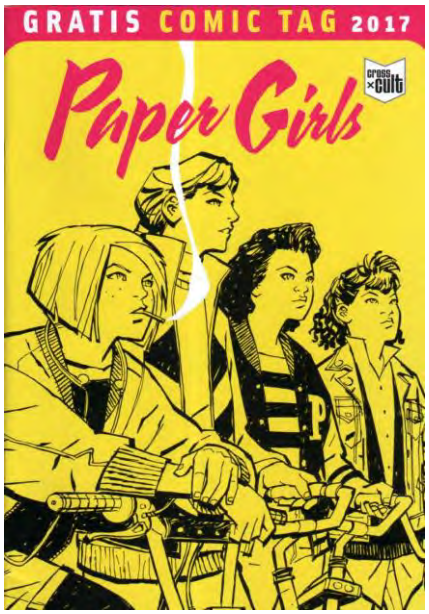
QI 146 (jul/ago/2017)

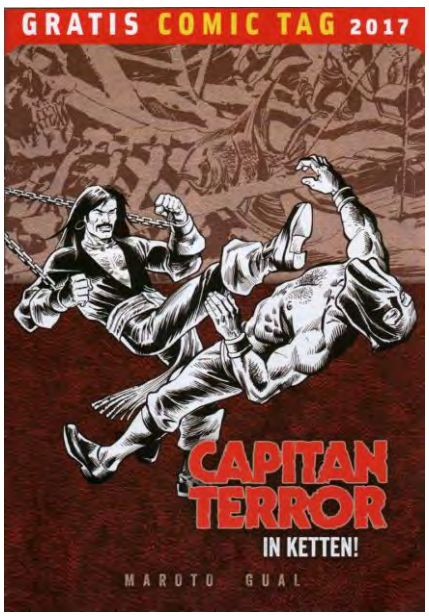
QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além do nº 13 de **Pure Fruit**, mais 4 edições de *Gratis Comic Tag*, evento realizado em 13 de maio de 2017, onde as principais editoras alemãs lançaram cerca de 30 revistas gratuitas com mostras significativas de seus lançamentos. As revistas têm formato americano, coloridas na maioria, alta qualidade gráfica e trazem praticamente o conteúdo de um álbum de quadrinhos. A primeira é a que traz personagem desconhecido para mim. Trata-se do Professor Van Dusen, de Michael Koser e Gerd Pircher, talvez série de origem alemã. Também é uma das 6 lançadas que traz indicação *Für Kids*. A segunda traz a primeira edição da série *Paper Girls*, da editora norte-americana Image, que teve o primeiro encadernado lançado recentemente no Brasil pela Devir. A editora alemã Cross Cult já lançou dois encadernados. A terceira traz as primeiras histórias de *Slaine*, publicado originalmente na revista **2000 AD** a partir de 1983. Essas histórias saíram recentemente no Brasil na revista **Juiz Dredd**, da editora Mythos, a partir do nº 8, de janeiro de 2014. Uma fase posterior, colorida, desenhada por Simon Bisley, havia saído em revista própria pela editora Pandora, em 2000, durando 7 números. A editora alemã Dantes Verlag tem em catálogo 3 volumes de 128 páginas. A quarta traz aventuras curtas de *Capitão Terror*, material espanhol desenhado por Esteban Maroto e Josep Gual. A editora já lançou 4 volumes deste personagem e mais 5 de *Andrax*, de Jordi Bernet. Esses dois personagens saíram no Brasil no número único de **Eureka Aventura**, publicado pela Editora Vecchi em março de 1977.

Outras revistas grátis anunciadas trouxeram Gaston Lagaffe de Franquin, o mangá de Sherlock Holmes, One-Punch Man, DC Renascimento, Doctor Who, Homem-Aranha, Monster Alergy, Professor Pardal, Juiz Dredd, entre os nomes conhecidos.







QI 146 (jul/ago/2017)

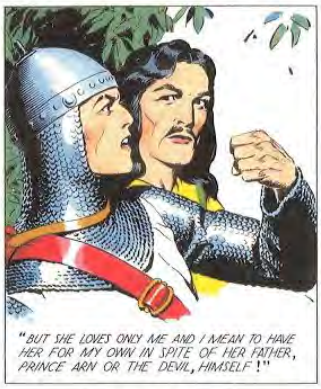
JERRY LEWIS EM BRASÓPOLIS

Em 1967, a Ebal começou a publicar, sob o título **O Garotão**, uma revista com Jerry Lewis. O número 8, de abril de 1968, trouxe a capa abaixo e a história intitulada *O Dragão de Brasópolis*. Na verdade, na história, „Brasópolis" é uma estância turística cujos hóspedes estão abandonando pela presença do tal "dragão" (e que na história é mesmo um dragão). Esta história foi publicada originalmente na revista **The Adventures of Jerry Lewis** nº 82, de mai/jun/1964, e o título em inglês não faz sequer menção a dragão. Na época em que esta história foi publicada no Brasil, o que ouvi de parentes e conhecidos a respeito do título em português, é que havia um funcionário na Ebal que era brasopolense e conseguiu enfiar este nome no título da aventura.

QI 146 (jul/ago/2017)

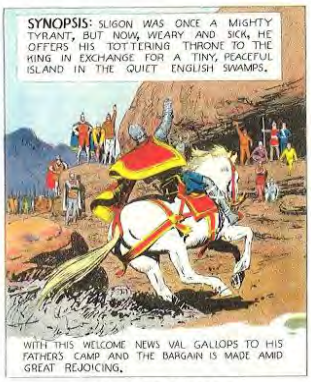
PRÍNCIPE VALENTE COPIADO

Não é novidade que o trabalho de Hal Foster, tanto em *Tarzan* como em *Príncipe Valente*, sempre foi muito copiado por vários artistas no mundo todo. Mas é sempre interessante ver algumas amostras dessas cópias. O material abaixo saiu no *bloguedelos300*, cujo assunto principal é tratar das publicações de Manuel Caldas, como **Príncipe Valente**, **Casey Ruggles**, entre outras. E é igualmente interessante notar que mesmo um autor que se tornou depois um dos maiores nomes dos Quadrinhos americanos, não escapou desse vício. As amostras abaixo mostrando Al Williamson decalcando Foster nem são muito do começo de sua carreira. Em 1955, Williamson já tinha um certo nome e já era um dos trunfos das publicações de ficção científica da EC. O outro caso mostrado abaixo tem o aspecto interessante de adaptar cenas dos séculos IV ou V para passagens do Antigo Testamento, e não para uma História em Quadrinhos usual, mas para um álbum de figurinhas.



Página 64, Viñeta 5
(30 Abril 1938)

Al Williamson
"Valor" #3 (Agosto 1955):
"The cloak of command" (Página 5, Viñeta 2)



Página 107, Viñeta 1
(26 Febrero 1939)

Al Williamson
"Valor" #3 (Agosto 1955):
"The cloak of command" (Página 2, Viñeta 1)

Página 117, Viñeta 9
(7 Mayo 1939)

Tomás Porto
"El Antiguo Testamento" (1972)
Cromo nº 54

Página 288, Viñeta 1
16 Agosto 1942

Tomás Porto
"El Antiguo Testamento" (1972), Cromo 61

Página 134, Viñeta 8
(3 Septiembre 1939)

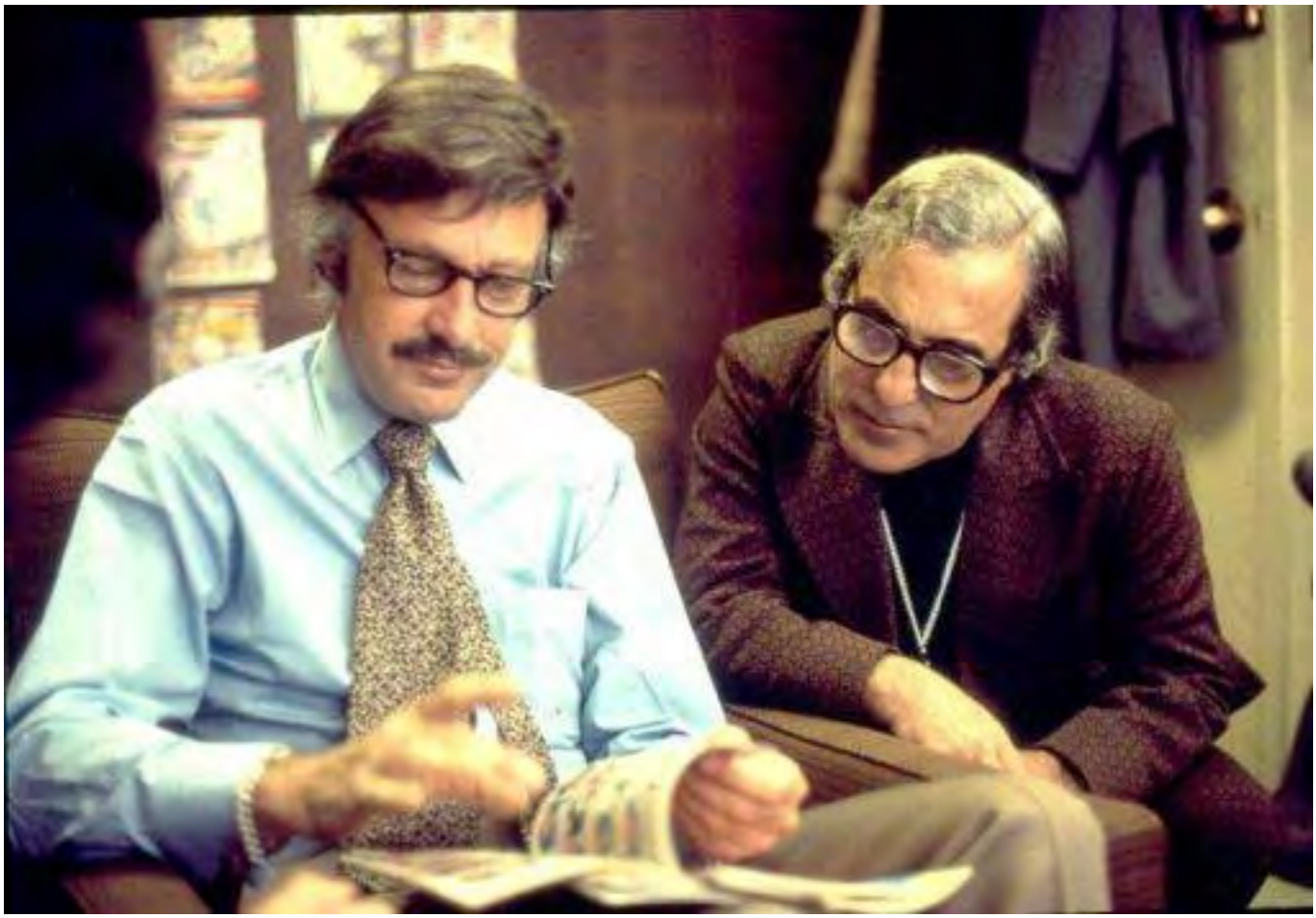
Tomás Porto
"El Antiguo Testamento" (1972)
Cromo nº 145-146

QI 147 (set/out/2017)

STAN LEE E JAYME CORTEZ

Abaixo, uma foto que achei em algum site, quando procurava outra coisa. Deve ter sido tirada em meados da década de 1970. À esquerda, Stan Lee, à direita Jayme Cortez. Na época, Cortez trabalhava para Maurício de Souza. Segundo a legenda da foto, Cortez está mostrando a Lee uma revista da Turma da Mônica. É certo que Maurício procurava difundir seus trabalhos em todo lugar e os Estados Unidos, com suas agências distribuidoras super-poderosas, seria um bom lugar para despender esforços. Mas será que Maurício e Cortez achavam que a Marvel poderia se interessar pelo material ou mesmo ser de alguma ajuda?

Não tenho nenhuma informação a respeito, só deu vontade especular a partir da foto.



QI 147 (set/out/2017)

TED OSBORNE FAZ GRAÇA

A coleção **Os Anos de Ouro de Mickey**, lançada recentemente pela editora Abril, traz em ordem cronológica todas as histórias de Mickey produzidas para publicação em jornais (tiras e páginas dominicais). Traz também muito material informativo. Ao ler os volumes, a partir de um certo ponto, comecei a notar o aparecimento de piadas soltas no meio das aventuras. Achei curioso e pensei ser algo ocasional. Mas havia uma razão para isso. Os roteiros estavam, então, a cargo de Ted Osborne, e este era, segundo declaração de Floyd Gottfredson, "uma fonte inesgotável de piadas". Ted Osborne começou na Disney na seção de roteiros dos desenhos animados. Passou a ser o roteirista dos Quadrinhos de Mickey, em dois períodos, de 29/1/1933 a 7/10/1933 e de 11/3/1934 a 27/2/1938, voltou para os roteiros de desenhos animados, até sair da Disney em 1940.

Abaixo, algumas piadas de Osborne inseridas nas tiras, piadas que se resolvem em um único quadro, à margem da sequência narrativa, onde, obviamente, há uma profusão de outras piadas.

Quadros das tiras de 18/6/1934, 31/10/1934 e 10/11/1934.

Quadros das páginas dominicais de 17/6/1934 e 2/12/1934.

Quadros das tiras de 1/1/1935, 4/6/1935 e 28/9/1935.

QI 147 (set/out/2017)

QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou duas revista alemãs sobre Quadrinhos. A primeira, **Comixene** nº 123, é mesmo sobre Quadrinhos, um verdadeiro livro sobre os lançamentos recentes na Alemanha. Tem também entrevistas e matérias, tudo ricamente ilustrado. Os entrevistados são Uli Oesterle, Olivier Schwartz e Marini. Há matérias sobre os Comics e a Religião, Quadrinhos americanos da Golden Age, o *Bernard Prince* de Hermann, e um interessante texto sobre as máquinas criadas por Franquin em *Spirou*. E muita resenha sobre lançamentos. A segunda, **Comiczeichner im Dialog**, traz uma seleção de HQs cujo tema é a comparação entre o Comics e o Mangá.

QI 147 (set/out/2017)

QUEM É O AUTOR?

José Ruy me escreveu com a seguinte questão.

"Venho fazer-lhe uma pergunta: Conhece o autor do trabalho que junto em anexo? É brasileiro e reside aí. O meu editor recebeu este material com uma proposta de publicação, e perguntou-se se eu o conhecia. Na realidade não conheço e vejo agora o seu trabalho pela primeira vez. Por um acaso sabe de quem se trata?"

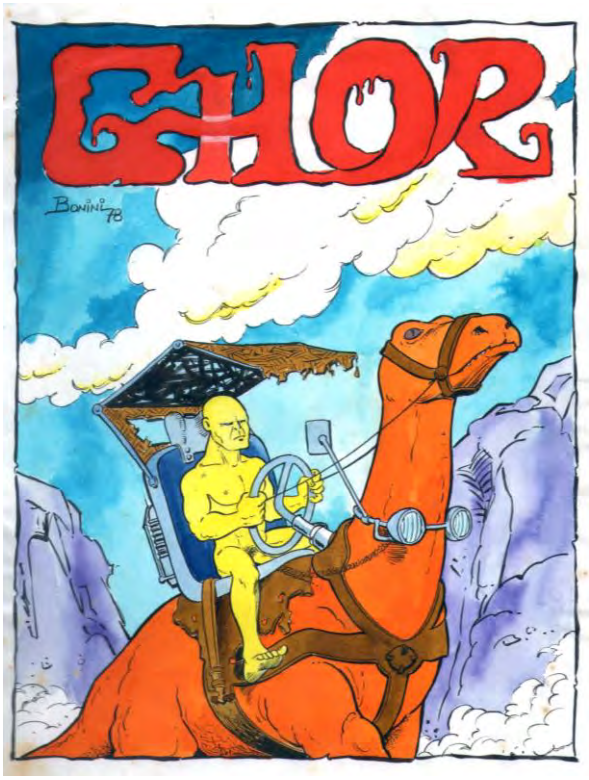
Recebi as páginas do autor Marco São Pedro, datadas de 2009, e também não o conheço. Nunca vi nenhum trabalho dele. Dei uma olhada no Google e não obtive nenhuma resposta. Talvez ele tenha começado a fazer este trabalho com temática histórica para alguma Secretaria de Cultura de alguma cidade ou estado no Brasil. Há muito trabalho desse tipo sendo feito e que não recebe divulgação, é muito difícil ficar sabendo dessas iniciativas todas. É algo que me interessa e mesmo assim não fico sabendo de muita coisa.

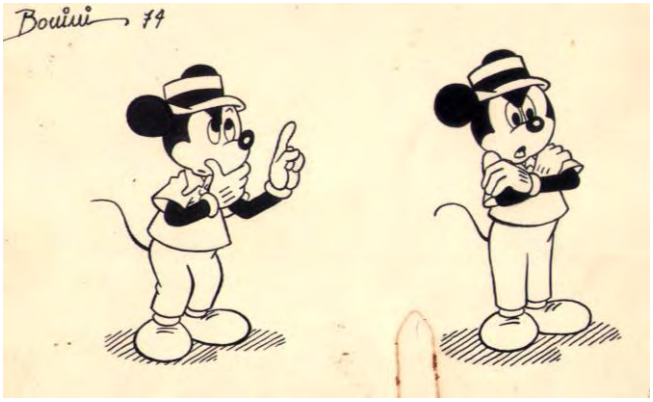
"Muito agradeço a pronta resposta à minha pergunta. Do que chegar a apurar sobre este Marco São Pedro dar-lhe-ei notícia. O trabalho é interessante, mas entre nós, aqui em Portugal, o tema está bastante explorado em Quadrinhos. Vamos ver o que o editor decide nesse sentido."

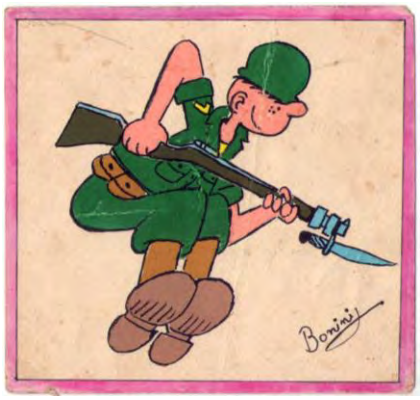
QI 148 (nov/dez/2017)

ARTES DE FERNANDO BONINI

Na seção „Mantendo Contato‟, desde o número anterior do **QI**, Worney está divulgando diversos textos sobre o quadrinhista Fernando Bonini. Para confirmar algumas informações sobre os trabalhos de Bonini, entrei em contato com Gustavo Machado, que foi amigo e parceiro de trabalho dele. Gustavo contribuiu com várias informações sobre Bonini, publicadas na seção „Fórum‟. Além disso, nas palavras de Gustavo: “Aproveito para enviar umas imagens de originais que tenho do Fernando, como os seus primeiros estudos de Recruta Zero e Disney, que são comentados na sua matéria. Esses originais me foram presenteados pelo próprio Bonini, e caso queira, tem toda a liberdade de publicá-los.”







QI 148 (nov/dez/2017)

DUAS COISAS

Primeiramente, gostaria de falar sobre o **QI** em 2018. O valor cobrado pela assinatura do **QI** conseguia cobrir mais ou menos os principais gastos de impressão e postagem. Até final de 2016, a gráfica em que fazia a impressão me cobrava 9 centavos por página ofício 2 e não me cobrava a montagem da edição. Com esse preço bastante razoável, eu me arrisquei a fazer encartes dos mais variados tipos, desde a série *Artigos sobre Histórias em Quadrinhos* com textos de Carlos Gonçalves até as *Pequenas Bibliotecas sobre e de Histórias em Quadrinhos*, mais encorpadas, chegando a 80 páginas. Sempre bancando o custo, pois estava dentro de minhas possibilidades. No começo de 2017, a gráfica aumentou o preço da cópia para 11 centavos. Natural que houvesse aumento, pois a inflação de 2016 ultrapassou 10%. Esse preço ainda se manteve dentro de minhas possibilidades. No segundo semestre, porém, a gráfica – imagino – mudou o modo de fazer o cálculo do orçamento, e o resultado é que o custo do **QI** triplicou. Fiz ainda um ou dois números arcando com esse custo maior, só porque estava em cima do prazo e não estava com tempo para procurar outras gráficas. Mas certamente não seria mais possível imprimir o **QI** nesse novo patamar de custo. E assim terminou com essa gráfica uma parceria que havia começado em janeiro de 2000 com o **QI** 42. Com calma fiz orçamentos em outras gráficas, mas não achei nada inferior a 25 centavos a cópia. Com esse preço, passou a compensar eu mesmo imprimir o **QI** em minha impressora laser. Foi o que fiz já no número 148. O custo é maior do que era no preço antigo da gráfica, mas menor do que os preços atuais que tenho achado. A desvantagem é que me dá bastante trabalho. A vantagem é que a qualidade gráfica é a melhor possível. A má notícia é que não haverá mais a abundância de encartes que havia, a menos que eu ainda ache alguma gráfica com preços razoáveis.

Este número do **QI** ainda traz um encarte vitaminado, pois já havia feito todo o original e não ia desperdiçar o trabalho. Mas imprimir uma edição desse volume, 60 páginas, numa impressora pessoal não é viável. Portanto, 2018 promete ser um ano mais magro em matéria de encartes, mas eu não tenho obrigação de cumprir promessa que eu não fiz.

P.S.: Para facilitar meu trabalho de impressão, tive que fazer algumas pequenas modificações no layout das páginas do **QI**, o que já pode ser visto neste número.

Segundamente, venho esclarecer um erro bastante grosseiro presente no número anterior do **QI**. A seção *Mantendo Contato*, de Worney Almeida de Souza, está trazendo vários materiais sobre o artista Fernando Bonini. É um material que foi coletado para um livro sobre o autor, e que acabou não sendo publicado. O **QI** 147 trouxe um texto de Gustavo Machado e um depoimento do próprio Bonini. No **QI** 148 saiu o início de uma entrevista que supostamente Franco de Rosa fez com Fernando Bonini. Ao digitar as perguntas e respostas para compor a coluna no **QI** 148, achei alguma coisa estranha nas respostas de Bonini mas creditei meu estranhamento à minha ignorância sobre a vida do artista. Infelizmente, eu só li a parte da entrevista que digitei, não o restante, que só seria publicada neste número do **QI**. Falha minha. Se tivesse lido a entrevista toda, teria percebido o erro que foi logo detetado por Gustavo Machado em email enviado a mim.

"Sobre a entrevista atribuída ao Fernando Bonini, não sei por qual motivo, mas ela foi trocada. Explico: Nada ali tem a ver com o meu saudoso amigo... Dou até praticamente a certeza de se tratar de um depoimento de outro desenhista da nossa geração, o Mozart Couto. São muitas informações que não tem nada a ver com Bonini, como as citações dos seus pais, por exemplo. O pai de Bonini faleceu quando era bem jovem e não influenciaria nada nas suas decisões de fazer Quadrinhos eróticos, muito menos sua mãe, Dona Nena. Quem conheceu Fernando com certeza não o reconhecerá em nenhuma das passagens da entrevista, tenho certeza. Para corroborar com a minha afirmação, o entrevistado conta que só esteve uma vez em Curitiba, o que aconteceu com o Mozart Couto. Já Fernando, morou por alguns anos na capital do Paraná, na época da Grafipar. Na passagem em que cita Rodval Matias, fica claro de vez se tratar do Mozart, quando diz que o trabalho de ambos ficou muito parecido com o passar do tempo, Rodval Matias e Mozart Couto realmente ficaram com estilos semelhantes, estes completamente diversos do traço limpo de Bonini. Meu amigo também nunca colaborou com o Estúdio D-Arte, do outro saudoso amigo e mestre Rodolfo Zalla. Enfim, procure confirmar com o Worney sobre a troca dos entrevistados. Da minha parte, dou certeza absoluta não se tratar de Fernando Bonini, do início ao fim da entrevista."

De fato, o entrevistado é mesmo Mozart Couto, e não Fernando Bonini. Para consertar o erro, neste número do **QI** publico a segunda parte da entrevista dando o nome correto ao entrevistado: Mozart Couto. E publico uma folha extra com a primeira parte da entrevista, corrigindo o nome do entrevistado, a foto do autor e a ilustração da capa da revista. O leitor poderá colar esta folha extra no local correspondente do **QI** 148 onde ocorreu o erro. A partir do próximo **QI**, voltarei a publicar material sobre Fernando Bonini, completando a homenagem feita a ele.

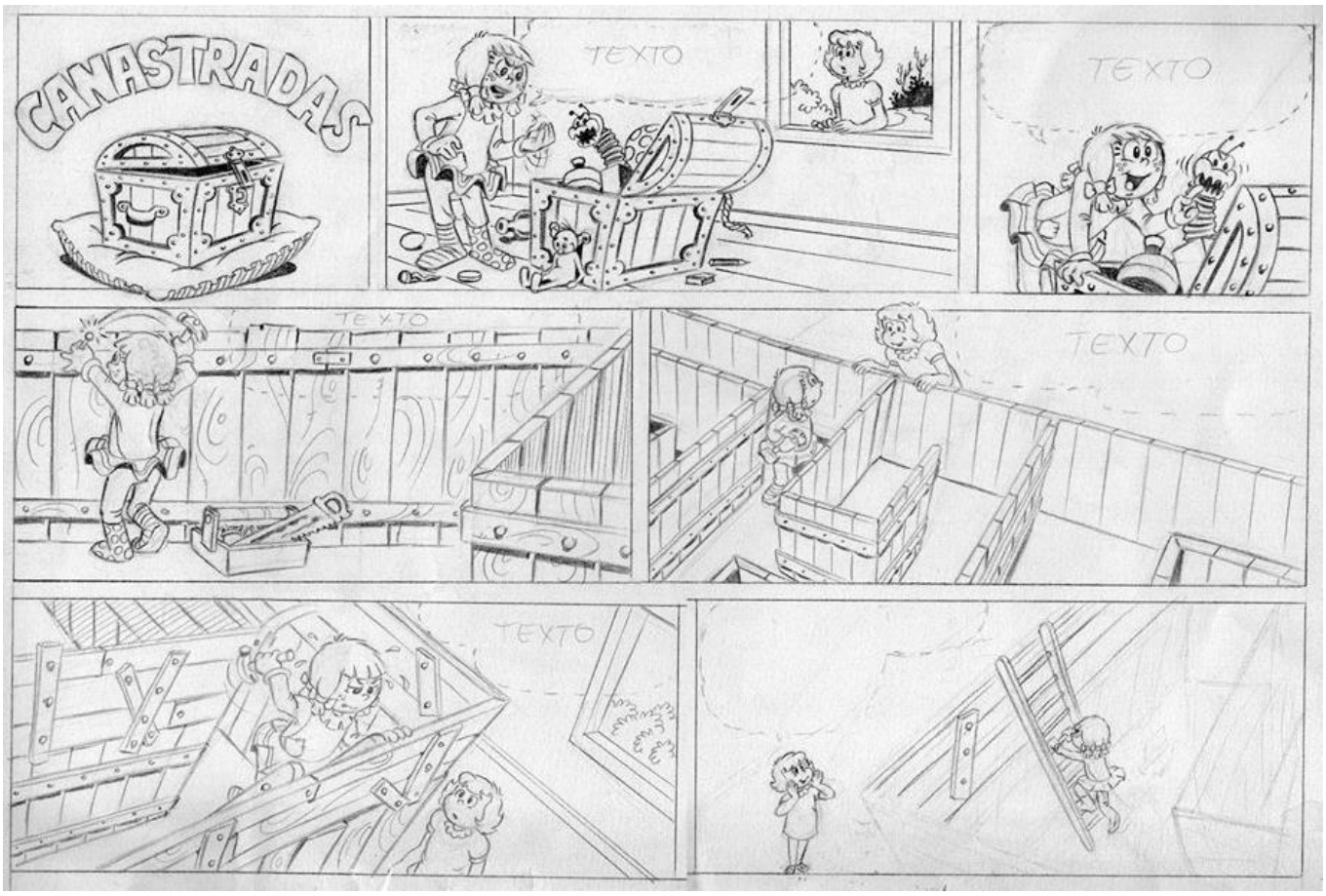
QI 149 (jan/fev/2018)

ARTES DE FERNANDO BONINI

Gustavo Machado enviou mais imagens de trabalhos de Fernando Bonini.

"Tomo a liberdade de enviar mais alguns trabalhos do Fernando, como a capa do **Sítio do Picapau Amarelo** nº 11, que xeroquei na época do original. Também algum material da Vecchi, uma página original dos *Trapalhões* (Editora Abril Jovem – 1988) e uma foto tirada por mim, em minha casa em Curitiba. Fique à vontade para publicar as imagens."

A página dos *Trapalhões* já saiu no **QI** anterior, a foto sairá no próximo **QI** e acrescento uma página do *Sítio* enviada antes pelo Gustavo, parte esboçada, parte desenhada e parte finalizada.



QI 149 (jan/fev/2018)

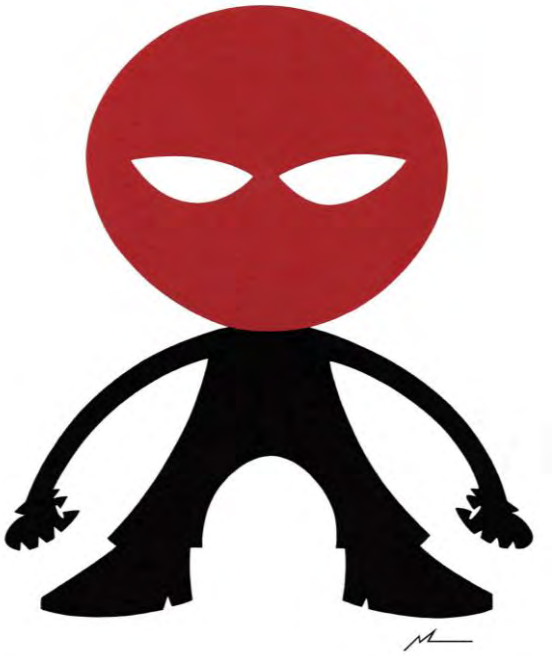
HOMEM DE PRETO

Heróis Nacionais, de Eduardo Cimó:

"O *Homem de Preto*, ou *O Desconhecido*, ou *Coisa Preta*, ou *Mão Negra*, todos esses nomes são de um mesmo herói, criado por Emir Ribeiro no ano de 1976."

"O *Homem de Preto* costuma agir à noite, como um fantasma vingador, quando há maior incidência de crimes."

"Ele é forte e usa roupa preta e vermelha, que são as cores da bandeira da Paraíba. Foi publicado primeiramente numa seção em preto e branco chamada *Gente Nossa*, depois em um suplemento do jornal, e agora em fanzines como o **Zat**."



Catálogo de Heróis Brasileiros, de Lancelott:

"O *Homem de Preto* surgiu no suplemento **O Pirralho** do jornal **A União** em 18 de julho de 1976, em seis páginas. Esta criação, desta feita no nordeste brasileiro, do artista Emir Ribeiro, só foi publicada em Quadrinhos na revista **Itabira** nº 1, em 1980, com arte de Deodato Filho (Mike Deodato)... *O Desconhecido Homem de Preto* teve uma adaptação para o cinema em 1989... Um personagem genuinamente brasileiro."

Segundo as palavras do autor, Emir Ribeiro, em texto publicado no fanzine **Zat** nº 6, de junho de 1995:

"Em 1976, por volta de maio/junho, quando *Nova* estreava em **O Norte**, em **A União** já se comentava e programava o lançamento de **O Pirralho**, que teria 16 páginas, das quais 4 seriam coloridas. A coordenação seria da jornalista Wilma Wanda Emery, que já procurava material para integrar o suplemento."

"Enquanto isso, eu pensava em criar um novo personagem. Já tinha uma gigantesca loura com super-poderes, um forte e musculoso indígena (este em parceria com meu pai) e uma ruiva androide. Estava faltando um tipo misterioso e noturno, de preferência sem poderes. Um personagem que falasse o mínimo e agisse com determinação, astúcia, força e causasse uma sensação de sobrenatural nas pessoas. Tinha de ser paraibano e que as cores de suas roupas deixassem isso bem claro. E o toque de mistério: nem o leitor iria saber quem ele era."

"Estudava na Escola Técnica Federal. E foi em um intervalo entre aulas que aprontei o esboço. Em casa, à noite, fiz o desenho em nanquim. Faltava o nome e tinha de ser diferente dos que tem por aí. Meu pai entrou no quarto e indagou sobre meu novo desenho. Expliquei tudo e ele saiu rápido: „*O Desconhecido*. Já que ninguém sabe quem ele é. O nome se encaixa perfeitamente. Não tem melhor." Não concordei, nem discordei. Mas ainda não era o ideal."

"No dia seguinte, mostrei o desenho a Everaldo de Oliveira, um colega meu da Escola Técnico (que atualmente é ator de teatro). Foi sua a melhor sugestão: *Homem de Preto*."

"Faltava o logotipo. Preferi letras simples para passar mais fácil a ideia de mistério e sobriedade. Optei por *O Desconhecido Homem de Preto*. Mais uma vez o velho entrou para opinar: „Está muito grande. Deixa só *O Desconhecido* mesmo. Fica melhor." Pensei: „Existe *O Invencível Homem de Ferro*, *O Poderoso Thor*, *O Incrível Hulk*... por que não deixar como está?" Bem, preferi acatar seus argumentos, usando o nome *Homem de Preto* só nos diálogos dos personagens."

"Passei à história. *Velta* viria a João Pessoa e encontraria com ele resolvendo uns dois ou três casos juntos. Na primeira HQ, aparecia o primeiro suspeito de ser o herói justiceiro: *Carlos*, o primeiro de *Kátia*. Título da história: *Surge o Desconhecido*."

"Levei o material para Wilma Wanda e o lançamento aconteceu em 18 de julho de 1976, numa sessão em preto e branco chamada *Gente Nossa*. Que decepção. Mas não adiantava esbravejar. Fui ter com Wilma e, com toda a diplomacia, consegui convencê-la a transferir a sessão para a página colorida. Vocês imaginam o que é ver seu desenho sair colorido numa página nobre de um jornal? É bom."

"Mas ainda não estava contente. Saíra só meia página. Queria ela toda. Fui à Wilma de novo e me lembro bem de sua frase ao fim da conversa: „Com seu jeitinho, você consegue tudo que quer, não é?". Uma página inteira colorida – foi assim até o fim do suplemento (...). Foram as duas histórias de *Itabira* e o resto de *Velta* por quatro anos. Depois de ter lançado o *Homem de Preto*, o justiceiro noturno passou às tiras diárias em preto e branco, intercalando-se com outras criações."

À esquerda, primeira aparição do *Homem de Preto* na história *Surge o Desconhecido*.

"Em 1987, tomei uma decisão: usar a minha preferência inicial para o nome do personagem. *O Desconhecido* passaria a ser um nome secundário. E *Homem de Preto*, o principal. E ia sair pela editora Graffiti, como personagem de suporte da série de *Velta*. Infelizmente, tudo deu errado e nada foi publicado."

"Desde 1986 eu experimentava câmeras de vídeo e em 1988 me veio a ideia de fazer um filme completo com o máximo de perfeição que pudesse alcançar. O *Homem de Preto* era o mais viável para as condições. Terminamos em 1989. Em 1993, fizemos **A Volta do Homem de Preto**. Eu e uma turma de amigos e irmãos."

Em seu site, www.emirribeiro.com.br, Emir Ribeiro descreve as características do *Homem de Preto*:

"Ano de Criação: 1976 – Nome Verdadeiro: Ignorado – Idade Atual: Entre 20 e 45 anos – Base de Operações: João Pessoa, PB – Cabelos: Não se sabe o tipo e cor – Olhos: Não se sabe a cor – Pele: Não se sabe a cor – Altura: 1,90m – Profissão: Não se sabe qual – Poderes: Não se sabe se possui."

"Origem: Também envolta em completo mistério. Sabe-se apenas que *O Desconhecido Homem de Preto* é um justiceiro que costuma aparecer apenas à noite e odeia homicidas e bandidos perigosos, os persegue e espanca sem a menor piedade, chegando a ponto de deixar muitos aleijados. O *Homem de Preto* não usa armas, exceto uma corrente de cerca de um metro de comprimento, com um gancho numa das extremidades, a qual é escondida sob a roupa e amarrada na altura da sua cintura. Provavelmente, o *Homem de Preto* é paraibano, por conta das cores das suas roupas, inspiradas nas da bandeira da Paraíba."

Emir Ribeiro sempre sonhou ver seus personagens estrelando filmes de TV ou Cinema, com atores reais ou em animação. Como, segundo seu depoimento, em meados da década de 1980, começou a se familiarizar com o uso de filmadoras de vídeo, graças a amigos que haviam comprado o equipamento e não sabiam usá-lo, a ideia de fazer ele próprio um filme em VHS foi inevitável. Assim, com um grupo de amigos, todos atores amadores, Emir produziu o filme **O Desconhecido Homem de Preto** em 1989. A escolha do personagem foi em grande parte por ter uma produção mais fácil, não necessitando de efeitos especiais mais elaborados, como precisaria, por exemplo, para um filme de *Velta* (como conseguir uma atriz de mais de 2 metros?). A resenha do filme do *Homem de Preto*, como publicada na capa da fita de vídeo:

"Das Histórias em Quadrinhos para o vídeo, surge este misterioso herói. Em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, a violência atinge um ponto em que a população não pôde mais suportar. No momento, o mais chocante é a onda de assassinatos contra taxistas, que têm também seus carros roubados. O que a população não sabe é do autor dessas mortes: Eduardo Nóbrega, um filhinho-de-papai viciado em drogas, que mata para ter dinheiro e sustentar seus vícios. Entretanto, outros facínoras agem na calada da noite e precisam ser detidos também. É aí que surge o *Homem de Preto*, para tirar os criminosos de circulação. Mário Marques, Marcelo Marques e Roberto Oliveira são três possíveis suspeitos de se ocultarem na roupa preta e vermelha do implacável justiceiro. Quem seria ele?"

"**O Desconhecido Homem de Preto** – 115 min – Direção, Roteiro e Criação: Emir Ribeiro – Com: Eduardo Carvalho, Emir Ribeiro, Erickson, Wagner Cavalcante, Glória Gomes, Josias do Vale, Avelino Paiva e Suely Andrade."

O filme do *Homem de Preto* teve boa acolhida, tanto nas TVs locais como nas redes nacionais. Foi exibido na 1ª Bienal Internacional de HQ do Rio de Janeiro e pela TV Cultura de Minas Gerais. O sucesso incentivou a produção de um segundo filme, **A Volta do Homem de Preto**, em 1993. Esses filmes foram adaptados para DVD e estão à venda no site de Emir Ribeiro.

Em 2009, Emir Ribeiro lançou um álbum comemorando os 20 anos do filme, publicando uma HQ inédita com desenhos de Zezo Bauer e republicando a primeira HQ do herói lançada em jornal em 1976 e a primeira feita para a revista **Itabira**, em 1980, com desenhos de Deodato Filho.

QI 149 (jan/fev/2018)

NOTAS EXPLICATIVAS

Fazendo um balanço sobre o material produzido por Ionaldo sobre as Heroínas, o livro **O Mundo dos Quadrinhos** trouxe, de um total de 1633 verbetes, 140 verbetes dedicados às Heroínas. Desses, 4 são redundantes, referem-se a nomes diferentes de uma mesma personagem. Um deles, dedicado a *Babe Bunting*, traz informações equivocadas, que não puderam ser confirmadas, e por isso não o estou considerando, sobrando, portanto, 135 verbetes. Desses, 71 foram revisados e estão incluídos no material digitado por Worney. Há, portanto, 64 verbetes feitos para **O Mundo dos Quadrinhos**, que não foram revisados e não estão no material que recebi de Worney. Em compensação, Ionaldo escreveu 32 novos verbetes.

O material recebido de Worney continha originalmente 104 verbetes, mas um deles, *Babe Bunting*, como mencionado, foi excluído, sobrando 103 verbetes. No entanto, ao fazer a checagem das informações, achei mais duas personagens homônimas a duas registradas por Ionaldo, *Dorinha* e *Mulher Gato*, e decidi incluir esses dois novos verbetes, resultando nos 105 verbetes desta edição.

A seguir, para melhor informação do leitor, apresento 3 listagens, a primeira com os verbetes que esta edição e **O Mundo dos Quadrinhos** têm em comum; depois, os verbetes inéditos presentes somente nesta edição; e, por fim, os verbetes que aparecem somente em **O Mundo dos Quadrinhos**, e que decidi não incluir nesta edição, já que não estavam no material enviado por Worney.

Verbetes que estão em **O Mundo dos Quadrinhos** e também nesta edição (71 verbetes):

Aninha, a Pequena Órfã – Anita – Apartamento 3-G – Apple Mary – Aventuras de Clara – Aventuras de Diana – Beatrice – Becassine – Betty – Betty Bates – Betty e Verônica – Black Angel – Black Widow – Blanche Épiphanie – Brenda Starr – Camilla – Carol Day – A Chama – Cigarette Sadie – Coração de Julieta – Cynthia – Daisy, a Enfermeira – Danielle – Dixie Dugan – Dona Lindinha – Dorinha – Espiã de Vênus – Etta Kett – Fantomah – Gale Allen – A Gata – Girl Commando – Gloria – Hypocrite – Isabella – Jane Arden – Jenny – Liberty Belle – Lindy – Lisette Caroline – Lola – Long Sam – Luana – Lucille – Lucy – Mantis – Miss Lace – Mitzy McCoy – Moça Invisível – Morena Flor – Naiara – Nair, a Repórter – Namora – Nancy – Princess Pantha – Rima – Rita Browne – Robin Malone – Rutinha – Scarlett Dream – Scarth – Shanna, a Mulher Demônio – Silver Scorpion – Suzanne – Suzy, a Temerária – Tillie the Toiler – Undercover Girl – Valentina – Valkyrie – Vênus, a Ninfa do Espaço – X of the Underground.

Verbetes inéditos, que não saíram em **O Mundo dos Quadrinhos**, e estão nesta edição (32 verbetes escritos por Ionaldo e mais 2 verbetes acrescentados por mim):

Adaga – Alice – Aura Cassiopéia – Barbara – Betsy Ross – Betty Boop – Cereja – Diana Jacklighter – Dona Boa – Dorinha – Fúria – Gato Preto – Ghita – Ginger – Gloria Forbes – Jane Martin – Lili Porcalhona – Lolly – Luana (Ann Mason) – Maria Erótica – Medusa – Minnie – Mulher Gato (Felicia Hardy) – Mulher Gato (Selina Kyle) – Satúrnia – Señorita Rio – Serpente da Lua – Sif – Sonhadora – Summer Olson – Tita Dinamite – Tygra – Violette – Viridiana.

Verbetes que saíram apenas em **O Mundo dos Quadrinhos** (64 verbetes):

Alex e Cris – Alice no País das Maravilhas – Barbarella – Batmoça – Beatiful Babs – Bebé Cyanure – Belinda – Black Canary – Branca de Neve – Capitão Carmen – Cinco por Infinitus – Comanche – Connie – Dale Arden – David – Delecta of the Planets – Diana Palmer – Diosa Blanca – Dora – Dumb Dora – Ella, a Feiticeira – Epoxi – Fanny – Friday Foster – Georgia Silvana – Iara – Invisible Scarlet – Jane Pouca Roupa – Jodelle – Lilith – Little Annie Fanny – Lois Lane – Loura Fantasma – A Mansão do Abade – Marie Mathematique – Mary Marvel – Merrie Chase – Mirza, a Mulher Vampiro – Miss America – Modesty Blaise – Mulher Pantera – Narda – Nyoka – Orquídea Negra – Patsy Cardigan – Paulette – Pedrinho e Célia – Phoebe Zeit Geist – Polly and her Pals – Pravda – Rebeca – Saga de Xam – Sally O'Neil – Sandra – Satã, a Alma Penada – Satana – Satanik – Seraphine – Sheena – Super Moça – Tifanny Jones – Vampirella – Virginia Zipf – Winnie Winkle.

Procurei, nesta edição, deixar o texto do verbete do jeito que Ionaldo o escreveu, mas, dentro do possível, procurei conferir todas as informações e, quando necessário, fiz alterações para evitar informações incorretas. Os verbetes foram escritos e atualizados por Ionaldo no final do século passado, por isso muitos deles trazem informações do personagem até aquela data. A seleção das ilustrações que acompanham os verbetes foi feita por mim.

QI 149 (jan/fev/2018) – encarte de **Essas Incríveis Heroínas de Papel**

SÓ ENCHENDO

No primeiro volume da coleção **Tex Gold**, lançada recentemente pela editora Salvat, há um comentário interessante no texto de apresentação. Ao falar do desenhista da história, Corrado Mastantuono, menciona-se que em sua carreira, também desenhou personagens da Disney na Itália. E recorda-se que na apresentação da edição em que a história de *Tex* saiu originalmente, Sergio Bonelli colocava histórias de *Mickey* feitas por Floyd Gottfredson no mesmo patamar das histórias de aventuras mais sérias como *Fantasma* e *Tim Tyler*. "Sergio afirmava que não via problemas no fato de o Herói ter a cara de um simpático ratinho, e o vilão, a de um mastim carrancudo, e que os vários coadjuvantes ostentassem os traços faciais de um cavalo ou de uma vaca". O ratinho é o *Mickey*, o cavalo e a vaca são *Horácio* e *Clarabela*. Mas quem seria o *mastim carrancudo*? Os principais vilões de *Mickey* são, sem dúvida, *João Bafo-de-Onça* e *Mancha Negra*. Será que Sergio Bonelli (ou o autor da citação) achou que *João Bafo-de-Onça* é um cão? Se foi isso, o engano conta com minha solidariedade. Eu sempre achei que o *Bafo* fosse um cachorro. Acontece que o *Bafo* que me foi apresentado na infância era aquele das aventuras feitas por Paul Murry publicadas nas revistas do *Mickey* da editora Abril na década de 1960. Bem diferente do *Bafo* original (*Pegleg Pete*), que surgiu em desenho animado em 1928 e estreou nos quadrinhos na tira de 12/4/1930 apenas em silhueta, só mostrando sua figura na tira de 21/4/1930. Aí ele se parece com um gato, obviamente o inimigo ideal para um rato.

QI 150 (mar/abr/2018)

AQUELAS INCRÍVEIS HEROÍNAS DE PAPEL

É preciso registrar que, além do livro do Ionaldo Cavalcanti em forma de dicionário, **O Mundo dos Quadrinhos**, do qual deveria ter saído, revisto e ampliado, **Estas Incríveis Heroínas de Papel**, há pelo menos outras duas publicações sobre personagens, estas dedicadas apenas aos brasileiros, que incluíram verbetes com Heroínas nacionais.

O primeiro foi o nº 18 de **Fã-Zine** de Eduardo Cimó, com o subtítulo **Heróis Nacionais**. Trouxe mais de 3 dezenas de verbetes exclusivos de Heroínas, a maioria não contemplada no trabalho de Ionaldo. São elas:

A Espiã de Vênus (Fernando Ikoma) – Ágata (Paulo Hamasaki) – Alex e Cris (Otaviano e Walmir Amaral) – Anah Konda (Alain Voss) – Angélica (Eugenio Colonnese) – Belle Star (Zenival) – Cinthia (Paulo Yokota) – Diana (Mário Jaci) – Eletra (Gedeone Malagola) – Hyania (Mozart Couto) – Isabel Maria (Olendino Mendes) – Irina a Bruxa (Edmundo Rodrigues) – Jadhy (Gilberto Camargo) – Jana (Paulo Hamasaki) – Jane West (Gedeone Malagola) – Jôse (Giorgio Cappelli) – Katy Apache (Cláudio Seto) – Koreme (Gedeone Malagola) – Lucivalda (Nico Rosso) – Lupina (Antonio Carlos) – Madame Satã (Sérgio Lima) – Maria Erótica (Cláudio Seto) – Meia-Lua (Laudo Ferreira Jr.) – Mirza (Eugenio Colonnese) – Morena Flor (André Le Blanc) – Nádia (Rubens Cordeiro) – Naiara (Nico Rosso) – Ophidya (E.C. Nickel) – Satania (Mozart Couto) – Ssara (Mozart Couto) – Vamp (Paulo Hamasaki) – Welta (Emir Ribeiro) – Zora (Gedeone e J.M. Gitahy) – Zora (Rodolfo Zalla) – Zora e Dia (Rodval Matias).

Lancelott Martins lançou o **Catálogo de Heróis Brasileiros**, que agora está sendo relançado, ampliado, em 10 volumes, sendo que os 3 primeiros já saíram. Lancelott contempla também os heróis criados para fanzines e edições independentes. As Heroínas presentes:

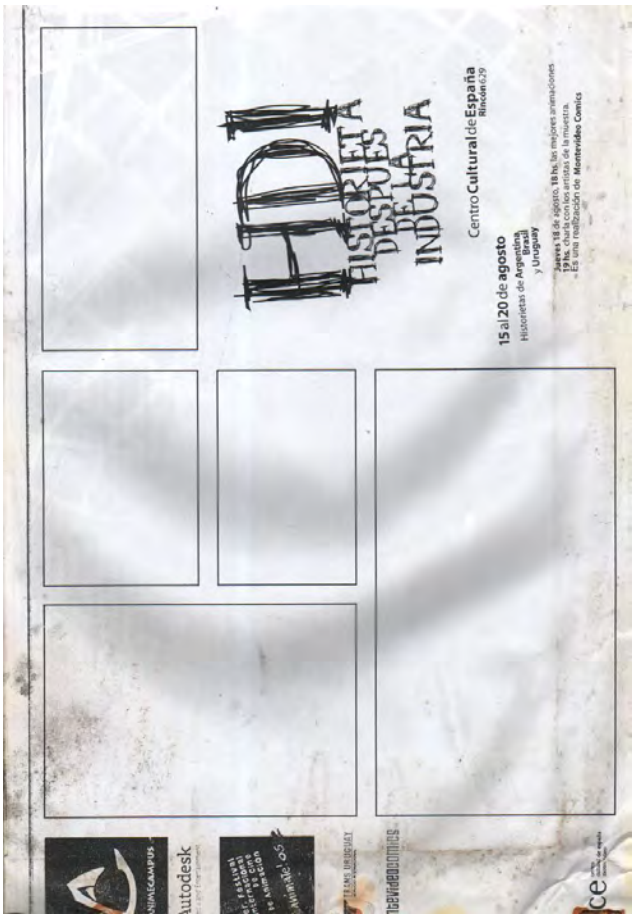
Águia Dourada (Maurício Augusto) – Mirza (Eugenio Colonnese) – Morena Flor (André Le Blanc) – Mulher Estupenda (JJ Marreiro) – Naiara (Nico Rosso) – Satã a Alma Penada (Fernando Ikoma) – Sibele, a Espiã de Vênus (Fernando Ikoma) – Velta (Emir Ribeiro) – Anah Konda (Alain Voss) – As Novas Amazonas (Leonardo Santana e Ricardo Anderson) – Loonar (Rom Freire) – Ninja (Michelle Ramos).

Ainda, por acaso, achei um suplemento de 1953, chamado **O Carioquinha**, que trouxe *Etta Kett* de Paul Robinson com o nome *Brotinho e Brotoejo*.

QI 150 (mar/abr/2018)

QUADRINHOS DE FORA

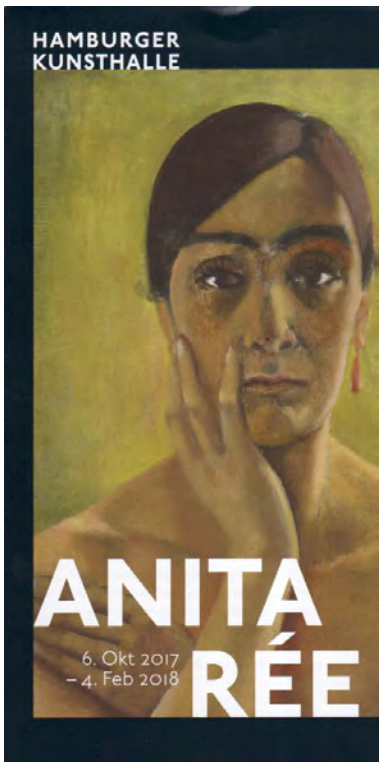
Roberto MacGhan enviou o catálogo **HDI – Historieta Despues de la Industria**, de exposição realizada em Montevideo em 2005, contando com autores e grupos de autores do Uruguai, Argentina e Brasil. Enviou também os dois primeiros volumes de uma coleção de 14 livros publicados pelo jornal argentino **Clarin** com as 100 primeiras HQs de Superman.

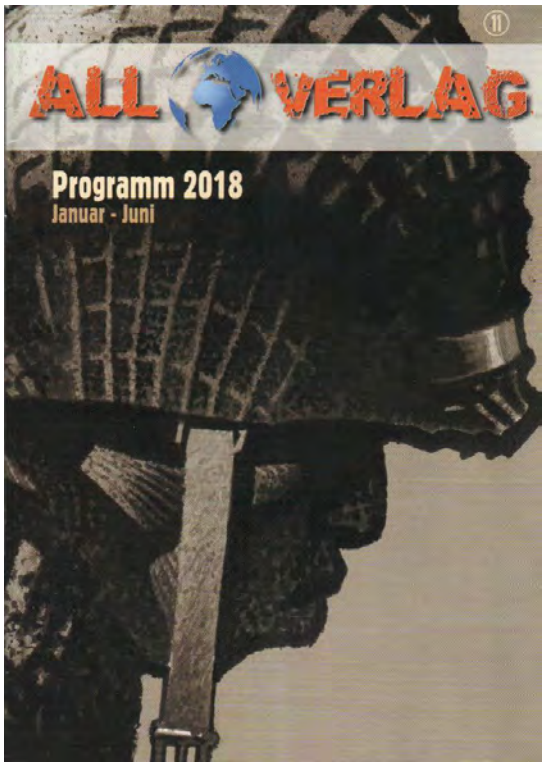


QI 150 (mar/abr/2018)

QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou o nº 14 da revista de quadrinhos independentes **Pure Fruit**, de ótima produção gráfica; um catálogo de exposição de Anita Rée; um folheto-catálogo da editora Verlag para o inverno 2017/18; e um catálogo da mesma Verlag para o primeiro semestre de 2018. Destaque para este último que anuncia as séries de álbuns e coloca 2 páginas de amostras das principais séries. Só material de primeira qualidade como *Wayne Shelton*, *Sara Lone*, *Hel'Blar*, *Gil St.Andre*, entre outras, nenhuma com publicação no Brasil.





QI 151 (mai/jun/2018)

OUTRO MAURÍCIO

Adquiri de Antônio Luiz Ribeiro o suplemento **O Jornal Infantil** de 21/9/1969, encarte de **O Jornal** do Rio de Janeiro. O suplemento tabloide com 8 páginas, metade colorida, trouxe as seguintes páginas dominicais estrangeiras: *Peralta* (*Banzé*) de Disney, *Air Hawk and the Flying Doctors* de John Dixon, *Big Ben Bolt* de John Cullen Murphy, e *Johnny Hazard* de Frank Robbins. A curiosidade é que trouxe 3 páginas de produção nacional: *Urubulino* de Olney, um capítulo de *Santos-Dumont* de Cláudio Almeida, e *Zé Munheca*, um personagem esquecido de Maurício.

QI 151 (mai/jun/2018)

LISTAGEM DE TRABALHOS DE FERNANDO BONINI (1ª Parte)

Em vez de publicar o índice das HQs que estariam no livro de Worney e Franco, decidi colocar uma listagem mais extensa de trabalhos de Bonini nos gêneros terror, erótico, humor e aventura. A lista é extensa mas incompleta, pois não abrange o trabalho de Bonini no gênero infantil, que é bem mais volumoso. Além disso, é um trabalho mais difícil de realizar, pois muitas dessas HQs infantis não davam crédito aos autores.

Editora Bloch

Miaka, o Lutador Azarado (1p) – **Punhos de Aço** nº 3 (1976)
Miaka, o Lutador Sem Medo (1p) – **Mestre do Kung Fu** nº 17 (1977)

Editora Grafipar

O Soldado Vai à Luta (5p) – arte-final – **Quadrinhos Eróticos** nº 25 (1980)
capa – **Quadrinhos Eróticos** nº 39 (1980)
No Reino de Lilipwta (20p) – arte-final – **Maria Erótica** nº 7 (1980)
Príncipe Sem Terras no Tempo de João Valente (10p) – **Maria Erótica** nº 7 (1980)
Mulher Infiel (5p) – **Sexo em Quadrinhos** nº 9 (1980)
O Anjo Implume (7p) – **Sexo em Quadrinhos** nº 17 (1980)
cartuns – **O Melhor do Humor Brasileiro II** (1980)
Que Falta Faz... (3p) – **Personal Humor** nº 14 (1980)
cartum (1p) – **Personal Humor** nº 24
As Coroas (4p) – **Especial de Quadrinhos** nº 15 (1980)
Gabiroba em... O Jogo da Perdida (8p) – **Especial de Quadrinhos** nº 15 (1980)
João e Maria Rides Again (10p) – **Contos de Safadas** nº 4 (1980)
Branca de Neve em O Bosque dos Desejos Proibidos (7p) – **Contos de Safadas** nº 4 (1980)
Tic Tac... (3p) – **Contos de Safadas** nº 4 (1980)
Perigosa (8p) – **Homo Sapiens** nº 1 (1980)
capa – **Peteca Humor** nº 5 (1980)
Eta Sojeito Miseravê! (3p) – arte-final – **Quadrinhos Eróticos** nº 52 (1981)
Gosto Não se Discute (3p) – **Quadrinhos Eróticos** nº 52 (1981)
Moleque Chato (3p) – arte-final – **Quadrinhos Eróticos** nº 53 (1981)
Um Homem Lindo... (2p) – **Quadrinhos Eróticos** nº 55 (1981)
Muralha Contra o Amor (13p) – **Quadrinhos Eróticos** nº 56 (1981)
Cúmplice do Prazer (25p) – arte-final – **Quadrinhos Eróticos** nº 63 (1981)
Vamos Brincar de Fazer Crianças? (9p) – **Maria Erótica** nº 12 (1981)
Vamos Brincar de Jogar Dados? (10p) – **Maria Erótica** nº 17 (1981)
Agora É a sua Vez (3p) – arte-final – **Sexo em Quadrinhos** nº 25 (1981)
Menina do Rio (7p) – arte-final – **Sexo em Quadrinhos** nº 25 (1981)
Lei Seca para a Noiva (6p) – coautoria – **Sexo em Quadrinhos** nº 25 (1981)

Era Uma Vez... (3p) – **Especial de Quadrinhos** nº 17 (1981)
...Naquele Casarão (5p) – **Especial de Quadrinhos** nº 17 (1981)
Solução Sexual (10p) – **Especial de Quadrinhos** nº 17 (1981)
As Aventuras de Bingo (6p) – **Especial de Quadrinhos** nº 18 (1981)
O Casulo (3p) – **Especial de Quadrinhos** nº 18 (1981)
Patrícia (8p) – arte-final – **Sertão & Pampas** nº 5 (1981)
Boa Tarde, Bordélia (7p) – **Almanaque Quadrinhos** nº 2 (1981)
Tudo Bem! (5p) – **Sexy Comix** nº 6 (1981)
Sonhos III (6p) – arte-final – **Quadrinhos Eróticos** nº 66 (1982)
O Bobão (10p) – coautoria – **Quadrinhos Eróticos** nº 72 (1982)
Ela É... Sádika (5p) – arte-final – **Sexo em Quadrinhos** nº 39 (1982)
Um Bom Motivo (5p) – **Sexo em Quadrinhos** nº 45 (1982)
Escudo de Cristal (10p) – arte-final – **Sexo em Quadrinhos** nº 47 (1982)
A Enfermeira Ardente (4p) – coautoria – **Sexo em Quadrinhos** nº 48 (1982)
Um Por Dois (10p) – coautoria – **Almanaque Quadrinhos** nº 5 (1982)
Sol por Testemunha (10p) – arte-final – **Quadrinhos Eróticos** nº 83 (1983)

Editora Vecchi

Misterioso Afogamento (1p) – **Histórias do Além** nº 19 (fev/1981)
As Sobrinhas da Tia Lili (25p) – **Pesadelo** nº 5 (mar/1981)
A Namorada do Julinho (20p) – **Sobrenatural** nº 25 (mar/1981)
Histeria Coletiva (6p) – **Almanaque de Terror** nº 1 (mar/1981)
Uma Visita Inesperada (6p) – **Sobrenatural** nº 27 (jun/1981)
Encontro no Cemitério (15p) – **Pesadelo** nº 8 (set/1981)
Ôrra Meu (10p) – **Sobrenatural** nº 32 (nov/1981)
Terceira Dimensão (7p) – **Sobrenatural** nº 33 (dez/1981)
A Marca da Maldição (16p) – **Almanaque Sobrenatural** nº 5 (dez/1981)
Os Olhos do Defunto (8p) – **Sobrenatural** nº 34 (jan/1982)
Na Rua D. (2p) – **Sobrenatural** nº 36 (fev/1982)
Roupas do Outro Mundo (20p) – **Sobrenatural** nº 37 (jun/1982)
N"Haa(3p) – **Spektro** nº 27 (jun/1982)
Vida de Casado (10p) – **Pesadelo** nº 11 (nov/1982)

QI 151 (mai/jun/2018)

O GAÚCHO

Catálogo de Heróis Brasileiros, de Lancelott:

"Criação de Júlio Shimamoto em 1963, originalmente para publicação em tiras diárias no jornal **Folha de S. Paulo**, no suplemento infanto-juvenil, cancelado em 1965. Foi reeditado em 1985 pela editora Noblet na revista **Carabina Slim** e em 2009 resgatado pelos entusiastas quadrinhistas e editores José Salles e Eduardo Manzano na Júpiter 2, numa justa homenagem a HQ brasileira."

"O herói Fidêncio, ex-soldado remanescente da Guerra do Paraguai, vivendo no pós-guerra, resgata um importante momento da nossa história, no sul do Brasil. Júlio Shimamoto capta a real atmosfera visual com detalhes precisos da cultura local... Com certeza, o fato de ter participado em 1962 da CETPA (Porto Alegre) no movimento que valorizava o elemento nacional nos Quadrinhos, potencializou a criação de *O Gaúcho*."

Declaração de Shimamoto em entrevista a Gonçalo Silva Júnior publicada em **Quadrinhos Magazine Fora-de-Série** nº 1, em outubro de 1989:

"Quando o projeto da **A Folhinha de S. Paulo**, que bolei pro Maurício, ganhou a concorrência contra o projeto do jornalista, escritor e folclorista Barbosa Lessa (que também me encarregara do layout do seu material mesmo sabendo que eu colaborava com seu oponente), a direção do jornal disse que gostaria de ter uma página de nível juvenil, assim tipo *Zorro*, que a King tinha oferecido. Aí criei *Fidêncio, O Gaúcho* que durou quase 3 anos. Tive até propostas para transformá-lo em seriado de televisão. Houve um problema de caráter político entre a **Folha** e TV Tupi das Associadas e a coisa gorou."

Declaração de Shimamoto publicada no editorial no primeiro número de **O Gaúcho**, publicado por José Salles em maio de 2007:

"Anos 60, eu era um jovem cheio de gás. Já tinha trabalhado em Porto Alegre tratando de temas riograndenses no álbum **A História do Rio Grande do Sul em Quadrinhos**. Quando trabalhei neste álbum, tive acesso a várias instituições históricas gaúchas, e conheci historiadores locais que me municiaram com livros e iconografias. Em seguida, li livros de Spalding, Simões Lopes Neto, Barbosa Lessa, Érico Veríssimo e outros, além do dicionário guarani e charrua. Foi um grande e sério aprendizado como quadrinhista."

Declaração de Shimamoto em resposta a Quiof Thrul, publicada em **QI** 146, de jul/ago/2017:

"*O Gaúcho* não foi inspirado no *Zorro*. Foi, sim, sugerido que o personagem fosse aventureiro, para atrair público juvenil, algo como o *Zorro*. Maurício pensou num cangaceiro. Sua família era oriunda de Pernambuco e sugeriu até o título: *Petronilho, O Cangaceiro*, inspirado no nome de sua mãe ou da avó, Dona Petronilha. Optei por gaúcho. Tinha acabado de chegar de Porto Alegre após terminar o álbum **A História do Rio Grande do Sul**, para a CETPA, e tinha acumulado robusto material de pesquisa. Para fazer o roteiro de *Fidêncio, O Gaúcho*, li sucessivamente os livros regionalistas de Érico Veríssimo, Barbosa Lessa, Walter Spalding, etc, para me familiarizar com o linguajar e os costumes típicos da região dos pampas e coxilhas."

O Gaúcho estreou junto com a **Folhinha de S. Paulo**, suplemento infantil do jornal **Folha de S. Paulo**, em 8 de setembro de 1963. O formato era de uma página no tamanho tabloide em cada número do suplemento semanal. A primeira história ocupou 5 páginas entre o nº 1 e o nº 5 (6/10/1963) da **Folhinha**. Shimamoto dividia a página tabloide em 4 tiras com uma média de 3 quadrinhos por tira. Os nºs 6 e 7 do suplemento não trouxeram página de *O Gaúcho*. A página de *O Gaúcho* era uma das páginas distribuídas por Maurício de Souza incluídas no suplemento, a única não produzida por seu estúdio nascente. As outras eram com criações suas, como *Raposão* e *Horácio*. Maurício produzia também ilustrações diversas no suplemento.

Capa de **História do Rio Grande do Sul**, ilustração de Thierry, com HQ colorida de Shimamoto, precedida por HQ sem crédito do autor.

Shimamoto reiniciava a numeração das páginas de *O Gaúcho* a cada nova aventura. A segunda história durou 9 páginas publicadas entre os nºs 8 (27/10/1963) e 16 (22/12/1963). As aventuras seguintes saíram, sem falhas, nos seguintes números da **Folhinha**:

– 3ª história (7p), nºs 17 (29/12/1963) a 23 (9/2/1964);
– 4ª história (12p), nºs 24 (16/2/1964) a 35 (3/5/1964);
– 5ª história (16p), nºs 36 (10/5/1964) a 51 (23/8/1964);
– 6ª história (16p), nºs 52 (30/8/1964) a 67 (13/12/1964);
– 7ª história (22p), nºs 68 (20/12/1964) a 89 (16/5/1965).

Foram ao todo 7 histórias totalizando 87 páginas no formato tabloide.

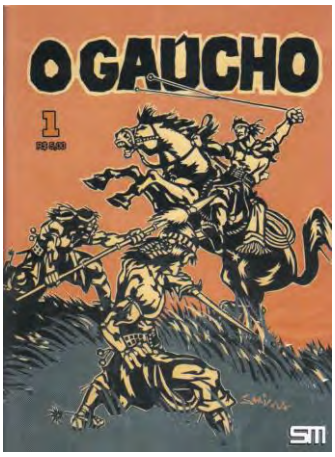
Entre maio de 2007 e agosto de 2008, José Salles e sua editora Júpiter II (no início chamada SM Editora) publicou todas as 87 páginas de *O Gaúcho* em 4 edições de forma independente. As páginas tabloides originais foram remontadas para o formato A5, mantendo a integridade dos quadrinhos, sem cortes ou inclusões de quadros ou dos desenhos dentro dos quadros, mas ampliando alguns quadros.

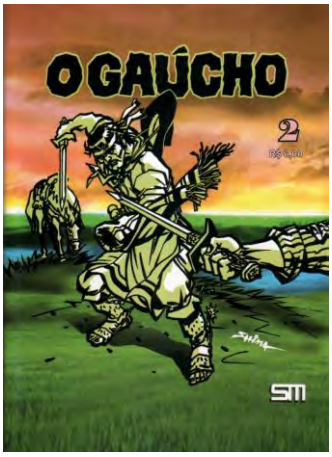
O primeiro volume trouxe as duas primeiras histórias (14 páginas) num total de 56 páginas do miolo da revista, impressão em preto e branco, como o original. Neste primeiro volume, cada página da revista era a remontagem de uma tira da página tabloide, ou seja, uma página original resultou em 4 páginas da revista.

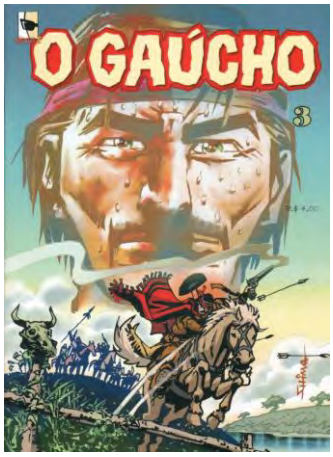
A partir do segundo volume, a remontagem foi alterada de modo que meia página tabloide (2 tiras) resultou em 1 página da revista. O segundo volume trouxe as próximas 3 histórias num total de 74 páginas remontadas de 35 páginas tabloides originais.

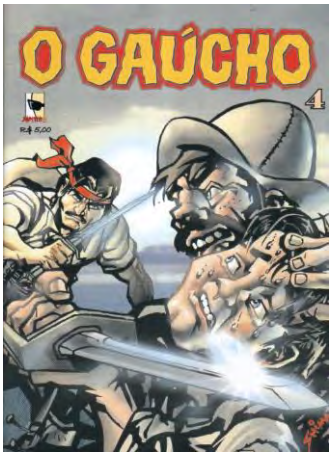
O terceiro volume trouxe a 6ª história em 32 páginas remontadas de 16 páginas tabloides originais, mais a 1ª tira da página seguinte.

E o quarto volume trouxe a 7ª história em 44 páginas remontadas de 22 páginas tabloides originais. Os 4 volumes trouxeram ilustração original colorida de Shimamoto para as capas e ilustrações internas de outros autores.









Depoimento de Shimamoto enviado por e-mail:

"Grande parte dos originais de *O Gaúcho* acabaram retidos pelo estúdio de Maurício de Souza para a confecção de clichês no formato de tiras para publicação diária em alguns jornais do país. Como nunca fui informado oficialmente onde e quando essas tiras eram publicadas, também nunca fui remunerado por isso. Soube disso através de amigos que trabalhavam no estúdio cuidando da remontagem dos quadros, da confecção dos clichês, e do despacho do material via correio ou malote. Perguntam-me por que nunca tratei do assunto direto com Maurício. Não podia expor as três testemunhas que me confidenciaram sobre a venda das tiras de *O Gaúcho*, sem que fossem demitidos por justa causa. O Salles fez milagre em publicar na íntegra meu personagem, dispondo apenas das velhas páginas impressas da **Folhinha** que tenho encadernadas, maltratadas pelo tempo."

Na década de 1980, a editora Noblet publicou todas as histórias de *O Gaúcho* na revista **Carabina Slim**, em capítulos de aproximadamente 14 páginas, entre os nºs 9 e 28 da revista (exceto o nº 23) totalizando 252 páginas. Nesse caso, a remontagem não foi muito fiel, havendo cortes e inclusões de quadros, além de alterações das imagens em vários quadros. Houve também a inclusão de várias páginas de rosto e 2 páginas inéditas feitas por Shimamoto.

Depoimento de Shimamoto enviado por e-mail:

"Estive revirando o meu arquivo morto e constatei que fui o autor de todas as intervenções feitas na HQ de *O Gaúcho* que saíram publicadas na **Carabina Slim**: desde remontagens, inclusão das páginas de abertura dos capítulos com títulos específicos, acréscimo de quadros, modificação ou expansão dos desenhos dos quadros, e até a inclusão de páginas inteiras com novos baluns. Na falta dos originais para muitas remontagens, vali-me das páginas impressas da **Folhinha de S. Paulo**. Foram intervenções exaustivas, feitas aqui no Rio, em meu estúdio, e outras vezes nas dependências da Editora Noblet, em Sampa, cujo estúdio era comandado pelo meu saudoso amigo Paulo Hamasaki, ex-diretor de arte da Maurício de Souza Produções. Foi Hamasaki quem recomendou a publicação de *O Gaúcho* para o senhor Joseph Abourbih, dono da editora."

"*O Gaúcho* quase virou seriado da extinta TV Tupi. Contactaram a diretora da **Folhinha**, Lenita Miranda de Figueiredo, mostrando interesse em produzir um seriado com o meu personagem. Consultei Maurício, e ele pediu-me cautela, afirmando que Lenita não era pessoa confiável. Por mim eu toparia o projeto numa boa, afinal o personagem era criação exclusivamente minha. Não quero fazer ilações, mas misteriosamente o assunto acabou morrendo."

"*O Gaúcho* também foi veiculado digitalmente na íntegra pelo UniversoHQ."

"Revendo a série, eu pessoalmente gosto do capítulo que falo do caudilho uruguaio José Artigas, abordando fatos que nunca nos ensinaram na escola. Consultei os livros do reputado historiador Pedro Calmon."

– "Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!" – assim começa **Um Certo Capitão Rodrigo** de Érico Veríssimo. Shimamoto criou *Fidêncio, O Gaúcho* mais ou menos nesses moldes, o do gaúcho valente, provocador, arrogante. Na primeira página, Fidêncio já se mete a separar briga e recusa a bebida oferecida por um coronel. Bom começo para um personagem. A primeira aventura trata do conflito entre três rancheiros poderosos, a inimizade entre dois deles e a intriga feita pelo terceiro para adquirir as terras de um deles. Fidêncio se envolve no caso e consegue evitar o conflito armado. Na segunda aventura, Fidêncio ganha um companheiro, o menino Zoca, que tem os pais mortos por bandidos e jura vingança. Fidêncio o ajuda e o próprio Zoca mata um dos bandidos, numa passagem um pouco forte para um suplemento infanto-juvenil. Essa aventura traz outra boa sacada na trama. O chefe dos bandidos é um foragido perseguido injustamente pela lei e ao final consegue seu perdão graças ao irmão que é funcionário do governo. A terceira aventura situa a trama entre os índios charruas, com um bando renegado aterrorizando os pampas. Na quarta aventura, Fidêncio atua sozinho investigando um homicídio em que um homem parece injustamente condenado à forca. Nessas quatro primeiras aventuras, as tramas são mais convencionais, com briga de coronéis, busca de vingança, condenação injusta, mas a retratação do ambiente gaúcho faz a diferença, os tipos físicos, as localidades, o linguajar, os comportamentos dos personagens, tudo isso compõe um cenário brasileiro poucas vezes retratado com fidelidade nas HQs.

A quinta aventura, aquela pela qual Shimamoto tem maior apreço, rompe o padrão da aventura pura e simples. Fidêncio é preso em uma aldeia desconhecida chefiada por um velho que tenta fugir das guerras e reviver o estilo de vida das antigas missões jesuítas. Preso, Fidêncio escuta a história do velho Tibério, a história da Guerra da Cisplatina contada do ponto de vista não oficial.

A sexta aventura traz de volta a trama mais tradicional, o filho de um escultor é mantido em cativeiro por dois bandidos, que querem um suposto tesouro deixado por seu pai. A trama envolve ainda roubo de gado, um capataz acusado injustamente, a descoberta do tesouro, etc. Mas traz um personagem curioso, o herdeiro do tesouro, alguém sem ambições e que não se importa de abrir mão de sua fortuna em benefício de seus novos amigos.

A sétima e última aventura começa com um tema interessante, o desentendimento entre Fidêncio e Zoca, motivado pelo desejo do primeiro de que o segundo siga uma vida normal, estudando, formando, trabalhando numa profissão séria (advogado, médico, engenheiro), em vez de vagabundear pelos pampas. Logo a trama envereda pelo tráfico de armas, em que bandidos brasileiros disputam a primazia de negociar com um revoltoso uruguaio. Trama bem escolhida, tratando das tensões da região platina e do continente riograndense.

Júlio Shimamoto produziu uma bela obra em *O Gaúcho*, um personagem que poderia render mais aventuras em jornais e revistas.

Ao lado, uma das duas páginas inéditas feitas por Shimamoto para a republicação de *O Gaúcho* na revista **Carabina Slim**, publicadas no nº 25 da revista.

QI 151 (mai/jun/2018)

ZIRALDO NA MAD

Abelardo Souza me enviou cópia de uma reportagem falando da colaboração de Ziraldo para a revista americana **Mad**. Foram duas páginas com o título *Meet Ziraldo*, publicadas no nº 110 (abril/1967) da revista. Nessas duas páginas havia 12 trabalhos, cartuns e HQs. Não consegui achar se a versão brasileira de **Mad** republicou esses trabalhos. Também não sei dizer se foram trabalhos inéditos ou se já haviam saído em alguma revista brasileira. Alguns deles saíram depois em **O Pasquim**. O nº 113 (setembro/1967) da **Mad** americana trouxe capa de Norman Mingo, cuja ideia, segundo a reportagem, foi dada por Ziraldo. De fato, Ziraldo havia publicado um cartum com essa ideia no jornal **Binomio**, de Belo Horizonte, em 1956 ou 1957. Essa capa foi republicada na **Mad** brasileira nº 7, da editora Vecchi.

QI 152 (jul/ago/2018)

SÓ COINCIDÊNCIA!

Tira de Frank & Ernest publicada em **O Estado de S. Paulo** de 7/6/2018 e cartum de 1993, republicado no **QI** 149.

SÓ COINCIDÊNCIA?

A primeira imagem saiu em **Graphic Novel** nº 12, da editora Abril, em 1989, desenho de Dave Stevens para a série *Rocketeer*. A segunda imagem saiu em **Tex** nº 583, da editora Mythos, em maio de 2018, originalmente publicada na Itália em **Tex** nº 683, em setembro de 2017, desenho de Piccinelli.

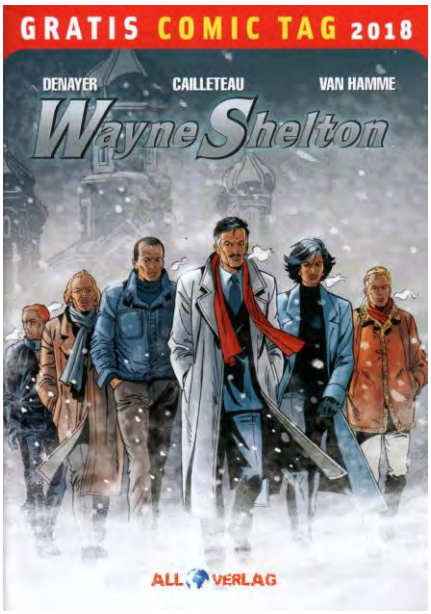
Provavelmente a segunda imagem foi referência à primeira, e a primeira foi baseada na modelo norte-americana Betty Page, mas não consegui achar uma foto da modelo exatamente nesta pose.

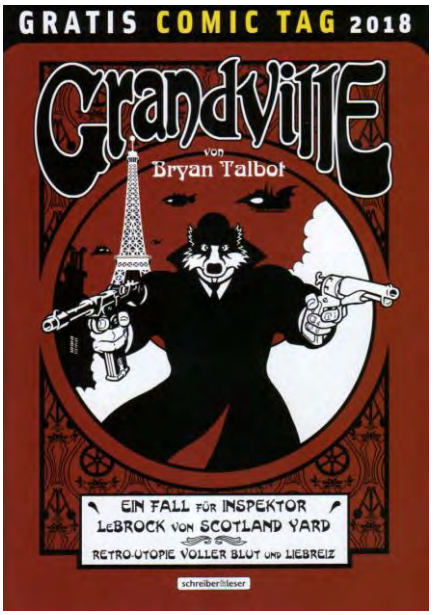
QI 152 (jul/ago/2018)

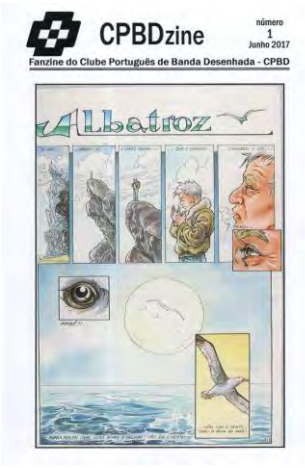
QUADRINHOS DE FORA

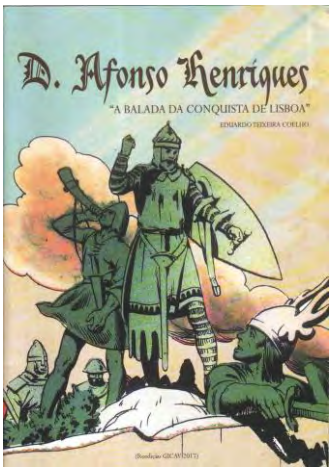
Gerd Bonau enviou mais uma bela coleção de revistas do evento *Gratis Comic Tag*, realizado em 12 de maio de 2018. Nesse evento, as editoras alemãs lançam várias revistas grátis (desta vez foram 35), amostras significativas de suas publicações, às vezes, reproduzindo álbuns inteiros. Os 5 exemplares que Gerd me enviou contém as séries *Wayne Shelton* de Denayer, Cailleteau e Van Hamme, da editora Verlag, uma ótima série policial na tradição franco-belga; *Grandville*, de Bryan Talbot, da editora Schreiber & Leser, uma série violenta, apesar do desenho caricatural e os personagens antropomórficos; *Kult Geschichten*, histórias curtas de vários autores, da editora Kult Comics; *Die Drei*, da editora Kosmos, recomendado para crianças, apesar do tema macabro; e *Ash*, um grupo de super-heróis austríacos.

Carlos Gonçalves enviou várias edições produzidas pelo Clube Português de Banda Desenhada e pelo Grupo de Intervenção e Criatividade Artística de Viseu. Do primeiro, o catálogo da exposição *As Cadernetas e os Desenhadores* e o nº 1 do **CPBDzine** reproduzindo em cores a HQ *Albatroz* de Irene Trigo. Do segundo, dois álbuns reproduzindo HQs clássicas portuguesas, **D. Afonso Henriques** com trecho de **O Caminho do Oriente** de Eduardo Teixeira Coelho, e **Infante Don Henrique** com HQs de José Ruy e Baptista Mendes.









QI 152 (jul/ago/2018)

LISTAGEM DE TRABALHOS DE FERNANDO BONINI (2ª Parte)

Em vez de publicar o índice das HQs que estariam no livro de Worney e Franco, decidi colocar uma listagem mais extensa de trabalhos de Bonini nos gêneros terror, erótico, humor e aventura. A lista é extensa mas incompleta, pois não abrange o trabalho de Bonini no gênero infantil, que é bem mais volumoso. Além disso, é um trabalho mais difícil de realizar, pois muitas dessas HQs infantis não davam crédito aos autores.

Editora Press (Maciota)

As Marcas do Diabo (2p) – arte-final – **Mundo do Terror** nº 1 (1984)
Táxi Assombrado (4p) – **Mundo do Terror** nº 1 (1984)
Trabalho Duro (5p) – **Close** nº 1 (1984)
Anjo da Guarda (5p) – **Vampiro** nº 1 (1985)
Ironia (6p) – arte-final – **Close** nº 3 (1985)
Lua de Mel (15p) – ass. Galileu – coautoria – **Close** nº 6 (1985)
Tudo Bem (6p) – ass. Fenton – **Close** nº 8 (1985) – republ.
Em Terço! (5p) – ass. Galileu – coautoria – **Close** nº 9 (1985)
Motel Posto 13 (10p) – ass. Galileu – **Close** nº 9 (1985)
O Sapateiro (10p) – ass. Galileu – **Close** nº 12 (1985)
O Carrasco (7p) – ass. Galileu – **Close** nº 16 (1985)
O Mágico do Planeta Zó (12p) – ass. FABS – **Close** nº 17 (1985)
O Negão da Lanchonete (5p) – ass. Galileu– **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 1 (1985)
Popaie, Bruto e Oliva (6p) – ass. Galileu – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 1 (1985)
Popaie, Bruto e Oliva (6p) – ass. Galileu – **Humor para Adultos** nº 4
O Casal e a Pomada (7p) – ass. Galileu – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 2 (1985)
Fantasia Sexual (4p) – ass. Galileu – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 2 (1985)
Luzinha e a Turma (6p) – ass. Galileu – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 2 (1985)
Luzinha e a Turma (6p) – ass. Galileu – **Humor para Adultos** nº 4
Os Frinston (6p) – ass. Galileu – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 3 (1985)
Os Frinston (6p) – ass. Galileu – **Humor para Adultos** nº 4
Lobo Vermelho & Chapeuzinho Mau (5p) – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 4 (1985)
Lobo Vermelho & Chapeuzinho Mau (5p) – **Humor para Adultos** nº 4
Caspazinho (7p) – ass. Galileu – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 5 (1985)
Caspazinho (7p) – ass. Galileu – **Humor para Adultos** nº 4
Charlie Bronha (10p) – ass. Galileu – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 6 (1985)
Charlie Bronha (10p) – ass. Galileu – **Humor para Adultos** nº 4
Com a Boca no Trabuco (7p) – ass. Galileu – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 7 (1985)
Reputa Zeralho (6p) – ass. Galileu – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 8 (1985)
Coisas de Criança (15p) – ass. Galileu – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 10
Chuveiro Ocupado (7p) – ass. Galileu – **Coisas Eróticas** nº 1 (1985)
Ponto de Partida (7p) – ass. Galileu – **Coisas Eróticas** nº 2
A Ninfeta Ardente (8p) – ass. Galileu – coautoria – **Coisas Eróticas** nº 4
Amantes numa Manhã Chuvosa (8p) – ass. Fenton – **Coisas Eróticas** nº 6
Assim que é Bom (10p) – ass. Galileu – **Coisas Eróticas** nº 8
Branca de Porra de Sete Culhões (16p) – ass. Galileu – **Close Super** nº 1 (1985)
Cheinha de Sexo (10p) – ass. Fenton – **Close Especial** nº 1 (1985)
Tudo Pelo Nosso Amor (20p) – ass. Galileu – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 13 (1986)
Peter Pun (8p) – s/ ass. – **Transa-Sexo em Quadrinhos** nº 14 (1986)
O Coelho e o Jabotei (10p) – s/ ass. – **Almanaque Coisas Eróticas** nº 1 (1986)
Vera Viu a Vara (10p) – s/ ass. – **Coisas Eróticas** nº 9 (1986)
Sexo e Arte (5p) – ass. Galileu – **Sacanagens de Carlos Zéfiro Especial** nº 1
A Professora (6p) – ass. Galileu – **Quadrinhos Eróticos** nº 3 (1986)
Mulher Objeto (4p) – ass. Fenton – coautoria – **Pornoview** nº 1 (1986)
Mulher Fatal (15p) – ass. FABS – **Sacaninha** nº 5 (1986)
Eu Sou um Homem (30p) – ass. Frederico – **Iniciação Sexual** (1986)
Mistérios do Sexo (10p) – s/ ass. – **Almanaque Transa-Sexo** nº 1 (1986)
Lolo do Lulu (10p) – ass. FABS – **Sacanagens de Carlos Zéfiro** nº 11
Que Falta Faz (10p) – ass. Galileu – coautoria – **Sexo Total** nº 3

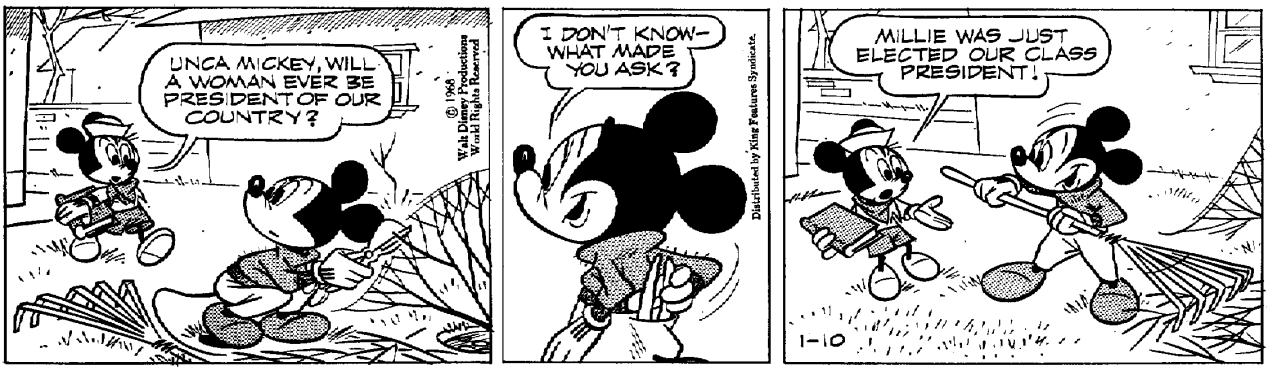
Menina do Rio (10p) – arte-final – **Sexo Total** nº 6
O Carrasco (7p) – ass. Galileu – **Col. Quadrinhos Eróticos** nº 2 (1989) – republ.
s/título (1/2p) – **Radar**

Editora Nova Sampa (Big Bun)

Mulher Objeto (4p) – ass. Fenton – coautoria – **Super Eros** nº 1 (1990) – republ.
Amantes numa Manhã Chuvosa (8p) – ass. Fenton – **Quadrinhos Eróticos** nº 1 (1990) – republ.
...Naquele Casarão (5p) – **Quadrinhos Eróticos Super Extra** (1991) – republ.
...Naquele Casarão (5p) – **Almanaque Desejos Eróticos** – republ.
A Professora (6p) – ass. Galileu – **Big Close** nº 5 (1991) – republ.
Com a Boca no Trabuco (7p) – ass. Galileu – **Super Eros** nº 6 (1991) – republ.
Branca de Porra de Sete Culhões (16p) – **Sex Show** nº 3 – republ.
Era Uma Vez... (3p) – **Arte Erótica** – republ.
O Casulo (3p) – **Êxtase em Quadrinhos** – republ.
Eu Sou um Homem (30p) – s/ ass. – **Transe Total** – republ.
Menina do Rio (10p) – arte-final – **Transe Total** – republ.
Um Bom Motivo (5p) – **Série Erótica Especial** nº 2 – republ.
Ela É... Sádika (5p) – **Arte em Quadrinhos** – republ.
Contra Ordem... (5p) – ass. Balu – **Arte em Quadrinhos**

QI 152 (jul/ago/2018)

TIRADAS DO SAMPAIO



Luiz Antônio Sampaio enviou uma prova com tiras de Mickey do ano de 1968. As tiras, talvez ainda desenhadas por Floyd Gottfredson, porém com os argumentos muito fracos. Não sei quem era o roteirista. Destaquei esta acima mais pelo inusitado do tema; em 1968, nos EUA, era mesmo algo tão fora do normal uma mulher na política?

Sampaio também enviou duas tiras de *Flash Gordon* e *Buz Sawyer*, em tamanho original, com os comentários: "Não sei se já lhe mandei em outra ocasião xérox desses originais. Como você pode ver, os desenhistas trabalhavam com tamanhos diferentes em seus originais."

Muito já se falou aqui sobre a padronização das páginas dominicais norte-americanas para possibilitar remontagens em vários formatos de acordo com os gostos dos jornais contratantes. Mas no caso das tiras diárias, onde se esperaria uma padronização mais fácil, tal não ocorre. Tanto o autor fazia o original no tamanho que quisesse, como também a relação entre largura e altura não era fixa. Nos exemplos abaixo, a tira de *Flash Gordon* foi feita com uma largura de 55cm e altura de 15cm, dando uma relação de 3,66:1. A tira de *Buz Sawyer* foi feita com largura de 41,5cm e altura de 12,5cm, dando uma relação de 3,3:1. Numa tira de Cisco Kid, enviada por **Manuel Caldas**, a largura era de 51cm com altura de 13,5cm, dando uma relação de 3,77:1. Ou seja, era aceita uma boa variação da altura em relação à largura entre os diversos autores. O caso mais extremo parece ser da tira *Peanuts*, com uma relação de 5,34:1, ou seja, a tira mais "chatinha" de todas.

Eu tenho feito minhas tiras com uma relação de 3:1, ou seja, a largura 3 vezes o tamanho da altura. Isso dá uma tira mais "alta" comparada com os exemplos citados, o que significa que ocuparia um espaço maior numa seção de tiras de jornal, diminuindo o número de tiras do espaço. Como o jornal desejaria um número maior de séries publicadas, isso deve ter levado os *syndicates* a recomendarem aos autores uma relação entre largura e altura maior que 3, sem definir exatamente quanto.

Tiras reproduzidas com tamanho igual a 30% do tamanho original.

QI 153 (set/out/2018)

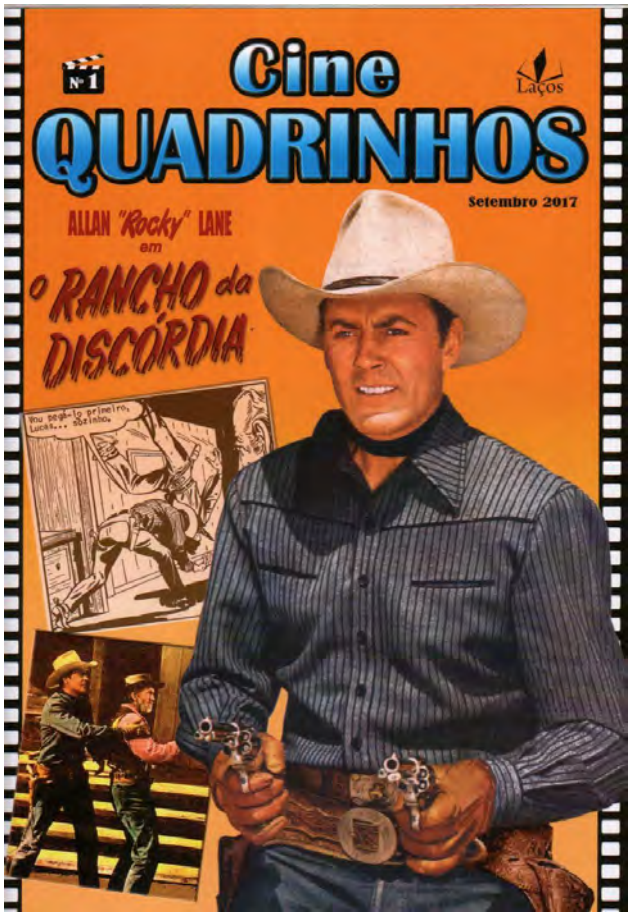
NOVO LANÇAMENTO DE PRIMAGGIO MANTOVI

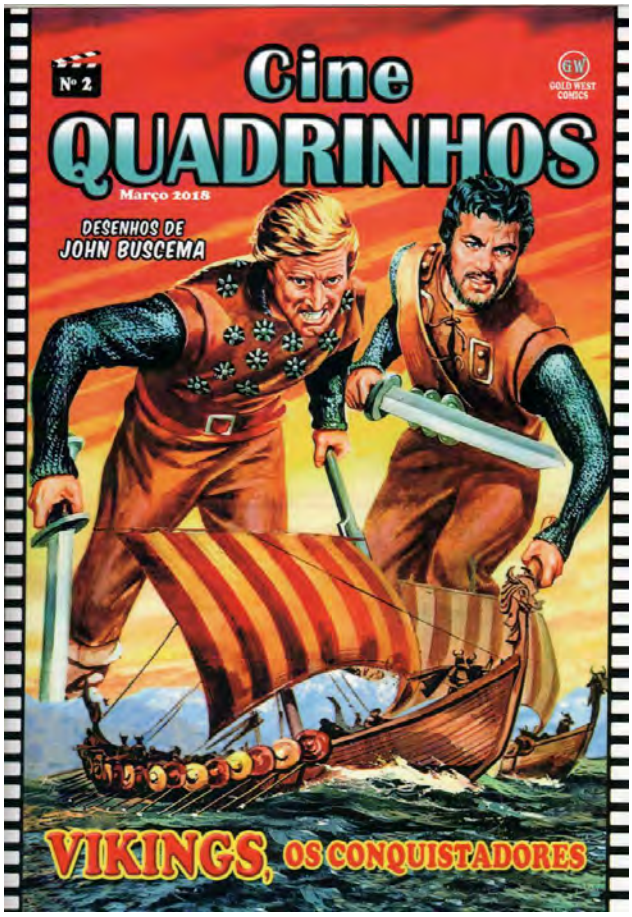
Primaggio Mantovi, veterano desenhista das editoras RGE e Abril, criador de personagens como o palhaço Sacarrolha, já publicou algumas edições independentes, principalmente sobre o tema faroeste. Seu novo lançamento é a revista **Cine Quadrinhos**, dedicada à quadrinização de filmes do Cinema, um tipo de revista que já fez muito sucesso no Brasil, em edições da Ebal e da RGE principalmente.

O primeiro número traz a quadrinização do filme **O Rancho da Discórdia** estrelado por Allan Rocky Lane. O segundo, do filme **Vikings, os Conquistadores**, estrelado por Kirk Douglas e Tony Curtis. As revistas trazem também textos de apresentação, cartazes dos filmes e de suas versões em DVD, capas das revistas originais que trouxeram as HQs e suas versões nacionais.

A venda da revista é feita exclusivamente pela:

Comix Book Shop.





QI 153 (set/out/2018)

LISTAGEM DE TRABALHOS DE FERNANDO BONINI (3ª Parte)

Em vez de publicar o índice das HQs que estariam no livro de Worney e Franco, decidi colocar uma listagem mais extensa de trabalhos de Bonini nos gêneros terror, erótico, humor e aventura. A lista é extensa mas incompleta, pois não abrange o trabalho de Bonini no gênero infantil, que é bem mais volumoso. Além disso, é um trabalho mais difícil de realizar, pois muitas dessas HQs infantis não davam crédito aos autores.

Editoras Heavy Metal / Xanadu / Heavy Sex / Play Press / Gênero

Não é Permitido (8p) – **Pervers** nº 5 (2000)
Reputa Zeralho (6p) – ass. Galileu – **Pervers** nº 7 (2000) – republ.
2003 (5p) – **Pervers** nº 8 (2000)
Trabalho Duro (5p) – s/ ass. – **Pervers** nº 10 – republ.
A Professora (6p) – ass. Galileu – **Pervers Sextra Clássicos** nº 1 – republ.
Mulher Objeto (4p) – ass. Fenton – coautoria – **Pervers Sextra Clássicos** nº 1 – republ.
cartuns – ass. Sil – **Mini Xanadu Jumbo** nº 1
O Presente (5p) – ass. Sil – **Hentai X** nº 38
Quatro Vezes Sexo (50p) – ass. Sil – coautoria – **Hentai X** nº 54
Noite de Lua Cheia (35p) – ass. Sil – **Hentai X** nº 66
Chance Perdida (21p) – ass. Sil – **Hentai X** nº 76
Big Broda (12p) – s/ ass. – **Hentai X** nº 86
O Médicu (6p) – ass. Galileu – **Pervers** nº 15
Curupiranha (20p) – ass. Sil – **Pervers** nº 19
A Comida (22p) – ass. Sil – coautoria – **Pervers** nº 20
O Mentiroso (20p) – ass. Sil – **Pervers** nº 23
O Chapeuzinho do Lobo (6p) – ass. Sil – **Pervers** nº 23
Ponto de Partida (7p) – ass. Galileu – **Pervers Sex Pocket** nº 8 – republ.
O Mágico do Planeta Zó (12p) – ass. FABS – **Pervers Sex Pocket** nº 8 – republ.
Desencontro e Encontro (31p) – ass. Galileu – coautoria – **Pervers Sex Pocket** nº 14
Vera Viu a Vara (10p) – s/ ass. – **Pervers Sex Pocket** nº 17 – republ.
Esbórnia (8p) – ass. Galileu – **Pervers Sex Pocket** nº 23
Conto de Fodas (48p) – s/ ass. – **Pervers Sex Pocket** nº 23
Zoona (6p) – ass. Sil – **Pervers Sex Pocket** nº 26
O Homem Ideal (6p) – ass. Sil – **Pervers Sex Pocket** nº 29
Prazer e Trabalho (18p) – ass. Sil – **Pervers Sex Pocket** nº 29
O Gato que Bota (18p) – ass. Sil – **Pervers Sex Pocket** nº 31
CPI dos Corruptos (54p) – ass. Sil – **Almanaque Pervers** nº 4
O Beiço do Vampiro (25p) – s/ ass. – **Almanaque Pervers** nº 5
Os Manés (24p) – ass. Sil – **Hentai X Jumbo** nº 10
My God (10p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 1
Esbórnia (8p) – ass. Galileu – **Pervers Jumbo** nº 1 – republ.
Desencontro e Encontro (31p) – ass. Galileu – coautoria – **Pervers Jumbo** nº 1 – republ.
O Médicu (6p) – ass. Galileu – **Pervers Jumbo** nº 2 – republ.
Zé Mandioca (20p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 2
cartum (2p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 2
O Bastão do Poder (23p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 2
Sexo e Terror (20p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 3
Vera Viu a Vara (10p) – s/ ass. – **Pervers Jumbo** nº 3 – republ.
Pôpera (50p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 4
Conto de Fodas (48p) – s/ ass. – **Pervers Jumbo** nº 5 – republ.
O Nascimento de Vênus (13p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 6
Lobo D.J. (26p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 6
2003 (5p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 7 – republ.
O Idiota Sedutor (6p) – ass. Galileu – **Pervers Jumbo** nº 8
humor (7p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 10
Prazer e Trabalho (18p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 10 – republ.
A Bela Entorpecida do Sexo (30p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 11
humor (4p) – ass. Sil – **Pervers Jumbo** nº 11
Não é Permitido (8p) – **Xanadu Humor** nº 1 – republ.

O Sítio da Pica, do Pau e do Martelo (5p) – ass. Sil – **Xanadu Humor** nº 3
cartum (1p) – ass. Sil – **Xanadu Humor** nº 5
A Casa dos Banhistas (12p) – s/ ass. – **Xanadu Humor** nº 5
Maria e João (20p) – ass. Sil – **As Panteras Lésbicas** nº 13
As Fadas Também se Fodem (12p) – ass. Sil – **Buckmann"s Erotic** nº 3
Big Broda (12p) – ass. Sil – **Buckmann"s Sex** nº 2 – republ.
Cheinha de Sexo (10p) – s/ ass. – **Buckmann"s Sex Girls** nº 1 – republ.
Branca de Porra de Sete Culhões (16p) – s/ ass. – **Buckmann"s Sex Girls** nº 1 – republ.
Ai que Medo (15p) – ass. Sil – **Buckmann"s Sex Girls** nº 8
Tevê Interativa (15p) – ass. Sil – **Baladas Eróticas** nº 3
Roçando na Roça (30p) – ass. Sil – **HQ Erotix Pik-Nik** nº 1
Verdade ou Mentira (12p) – ass. Sil – **Histórias Safadas** nº 1
O Homem Ideal (15p) – s/ ass. – **Gatinhas Sacanas** nº 3 – republ.

QI 153 (set/out/2018)

TRANSLEIXION

Lendo um lançamento recente da editora inglesa Titan Books com uma antologia com os 10 primeiros anos de Hagar, topei com a tira abaixo. Nela se faz um jogo de palavras, ou melhor, expressões homófonas, o cabecinha de funil fala "under where" (debaixo de onde) e a moçoila entende "underwear" (roupa de baixo). Fiquei imaginando o coitado que recebe esse material nas redações de jornais e revistas de países não anglófilos e tem que fazer a tradução para publicação. O sujeito com aquela cultura de "to be or not to be – and look there" joga a toalha e inventa uma bobagem qualquer para os balões.

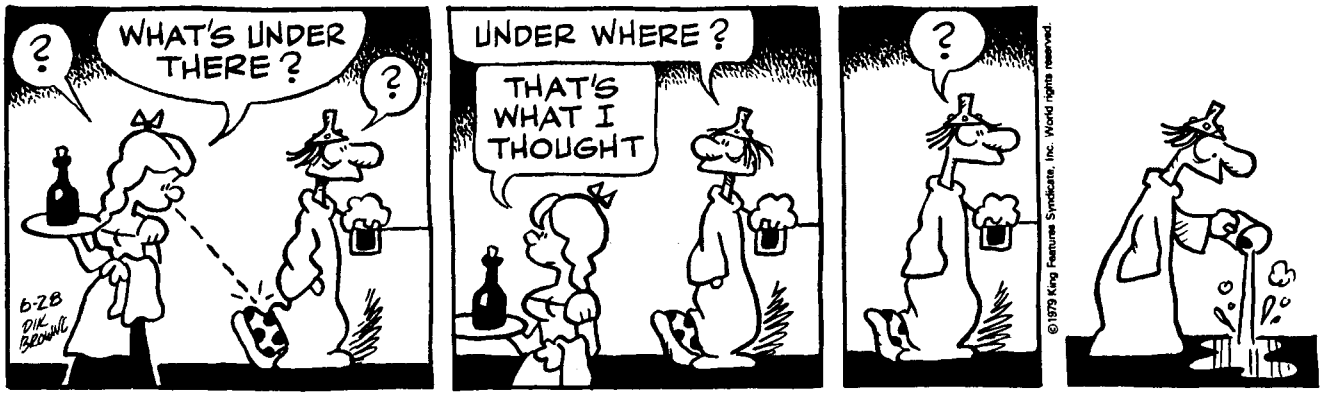
Comentei a tira com o Luiz Antônio Sampaio e ele acrescentou:

"Muita coisa não dá para ser traduzida, principalmente quando há esse jogo de palavras. Certa vez eu li uma daquelas páginas cômicas em alguma revista da Ebal. Aquelas historinhas de uma página só, algo muito comum nos comics americanos na década de 1950. Nela estavam dois cowboys conversando. Um deles falando sobre uma garota que conhecera e estava namorando. O outro pergunta então se ele havia beijado a boca dela. Um trocadilho até mesmo estranho para o puritanismo da Ebal. Com certeza foi algo inventado pelo tradutor da Ebal. No original tudo deveria ser totalmente diferente."

"Eu já vi várias dessas tiras cômicas com traduções não tendo absolutamente nada a ver com o original. Não há como traduzir determinadas piadas ou jogos de palavras, então o jeito é inventar alguma coisa e pronto... tradução feita."

"Veja o caso de Li'l Abner. Eu considero impossível a tradução desse material. É claro que a história em si pode ser traduzida, mas aquela linguagem caipira tão característica da obra é intraduzível. E é justamente nela que está um dos melhores aspectos de Li'l Abner."

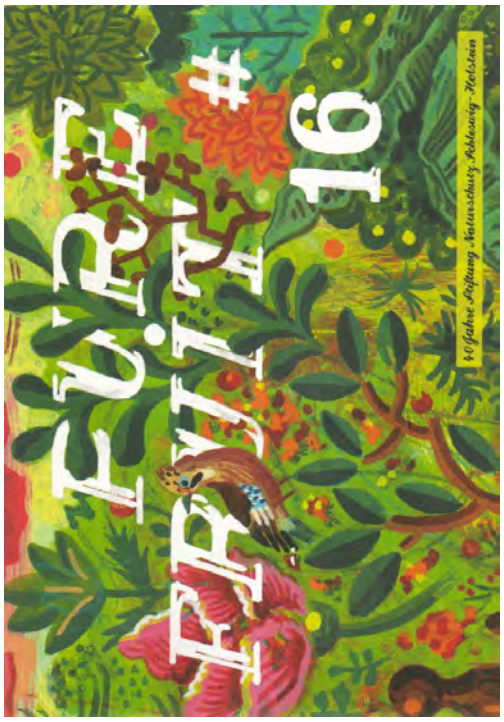
Eu já comentei há alguns anos sobre a aventura de Flash Gordon chamada originalmente *Power Men of Mongo*, onde o herói é ajudado pelos *Eletricistas de Mongo*, que conhecem os subterrâneos da capital onde reina Ming. Pela Ebal a tradução ganhou destaque como título na capa do álbum como **Os Poderosos de Mongo**. O "power" tapeou mais gente. No Brasil, se você diz que um lâmpada tem 40 watts, você está se referindo à "potência elétrica" da lâmpada. Uma vez li num livro de divulgação científica o texto falar no "poder elétrico" de um equipamento. A ignorância do tradutor passou incólume pelo revisor técnico que normalmente este tipo de publicação tem.



QI 155 (jan/fev/2019)

QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além do nº 16 da revista **Pure Fruit**, três catálogos de editoras de Quadrinhos. O primeiro, **Gringo Mag**, enfoca principalmente a editora Gringo Comics. Traz amostras de várias séries, produções mais recentes, desconhecidas por mim, muitas na linha humorística. O segundo, **Bildschriften Verlag** dá destaque para a coleção alemã de **Classic Illustrated**, com reproduções fiéis da revista original americana. Também destaca o que parecem ser edições fac-símiles das clássicas publicações da editora Fiction House e Fox, **Planet Comics**, **Phantom Lady** e **Sheena**. Anuncia várias outras séries clássicas de várias procedências, inclusive a versão de *Hernan, el Corsario* de José Luis Salinas. O terceiro, **All Verlag**, anuncia uma grande quantidade de coleções, dando destaque a séries sobre a Segunda Guerra e clássicos franco-belgas como *Bruno Brazil* e *Luc Orient*.



QI 155 (jan/fev/2019)

QUARTETOS PIORAMENTOS

O artigo escrito pelo Lio sobre os Quartetos trouxe boas lembranças. Não sei se os que havia em minha infância eram os da Melhoramentos, mas lembro que em casa tinha um de aves do Brasil e outro de hortaliças, muito bonitos.

Mas o ponto que quero tocar é que, estimulado pelos Quartetos verdadeiros, eu mesmo quis fazer o meu. E fiz um completo com 40 cartas, 10 séries de 4 cartas, trazendo 40 super-heróis que eu já havia criado na época. Esse quarteto teve até caixinha para guardar as cartas. E foi muito jogado, com os primos, colegas, amigos de infância. Feito em papel mais encorpado de um bloco de desenho vendido bem barato pela FENAME, um programa do MEC, com as figuras desenhadas a nanquim com pena "mosquitinho" e coloridas com lápis de cor. No verso colado um papel estampado para imitar os baralhos.

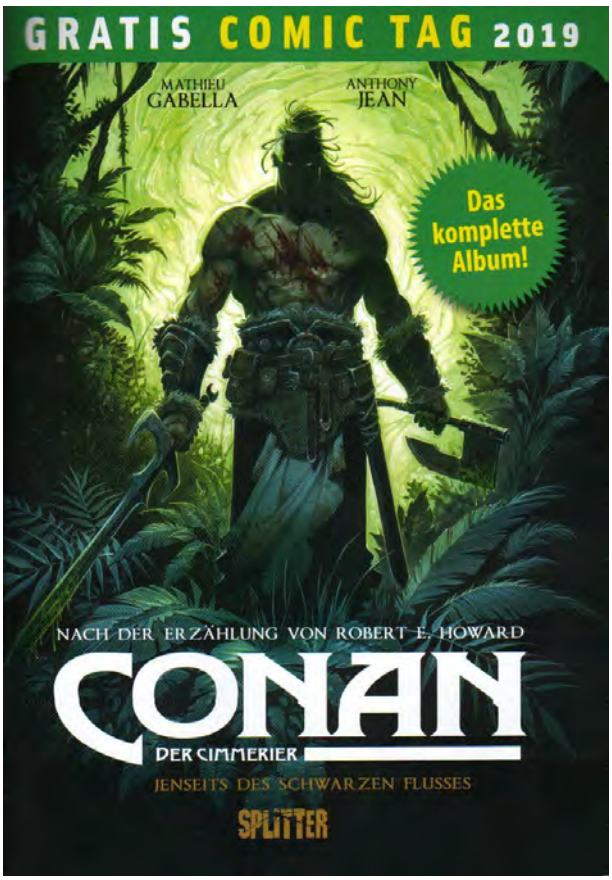
Depois comecei a fazer outro quarteto apenas com meus personagens humorísticos, mas não terminei. Comecei a fazer também um dominó com meus personagens insetos da Turma do Afonso. Esse eu quase terminei, mas logo de cara cometi um erro. Para dar um dominó de 28 peças, precisava de 7 figuras diferentes e eu escolhi apenas 6.

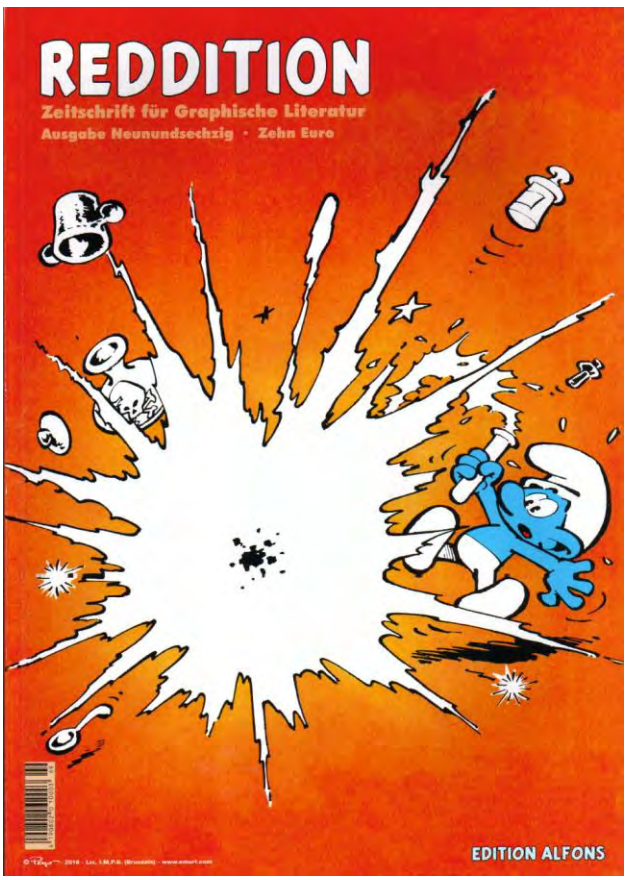
Outro tipo de jogo que fez muito sucesso em minha infância foi o Jogo de Memória. E desse eu também fiz um, que também foi muito jogado com os amigos e familiares. Mas não fiz com personagens meus, e sim com personagens da revista **Recreio** que, em casa, era comprada regularmente. O jogo, chamado „Memó Recreio" teve 24 cartas, 12 pares de personagens. Dá para ver que os desenhos foram decalcados diretamente das revistas com papel carbono, depois reforçados com lápis preto grosso e coloridos com lápis de cor.

Muito depois, na idade adulta, cheguei a fazer outros jogos, para a diversão dos sobrinhos, mas esses feitos lá na década de 1970, quando nada podia ser feito (segundo hoje se imagina, já que não havia computador), tiveram o seu charme.

QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além de dois números da revista **Pure Fruit**, várias edições da *Gratis Comic Tag* ocorrida em maio de 2019. São elas: **Endzeit** de Ollivia Vieweg, da editora Carlsen, história juvenil com temática zumbi; **Tracht Man** de Kloiber e Mehrtens, história satírica de super-heróis; **ASH – Austrian Superheroes** de Andi Paar, como o nome diz, super-heróis austríacos; **Conan**, álbum completo produzido por Mathieu Gabella e Anthony Jean para a editora Splitter, um Conan com visual diferente das séries norte-americanas. Mas a edição mais interessante foi **Reddition**, um álbum sobre os Smurfs (ou Die Schlümpfe), da Edition Alfons, com muita informação (em alemão) e muita ilustração, páginas de HQs, capas de álbuns, etc. Dá gosto ver.





QI 157 (mai/jun/2019)

RENATO SILVA, J. CARLOS E OSWALDO STORNI

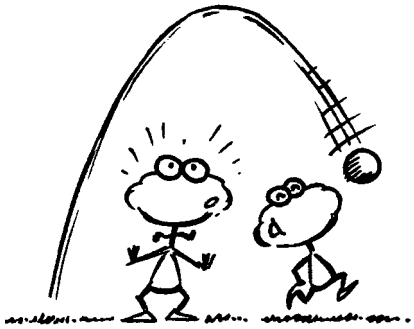
Carlos Gonçalves, baseado nos temas dos últimos encartes e textos no **QI**, enviou uma bela coleção de capas com ilustrações de Renato Silva, J. Carlos e Oswaldo Storni. A de J. Carlos para o almanaque de 1921 ainda está longe de seu auge. Acho que nem assinou. Mas o auge não tardou, como se vê a seguir. As três últimas são de Storni.

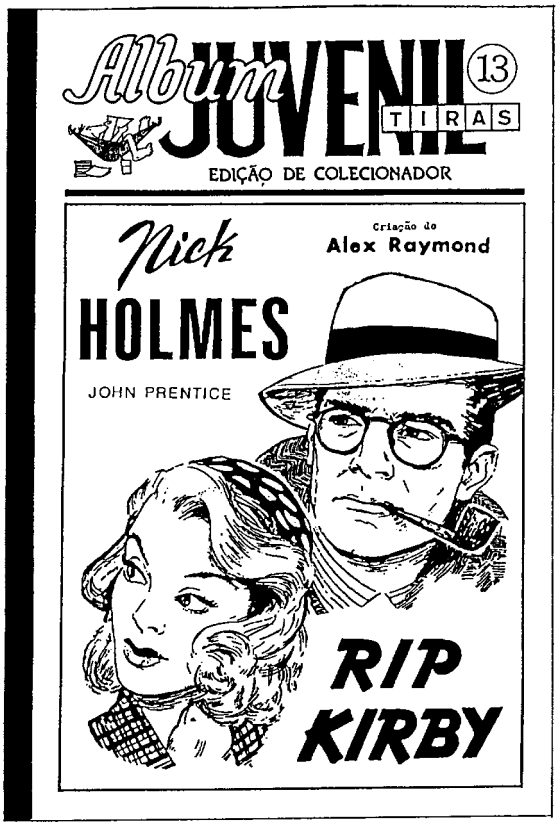
Uma curiosidade é a grafia da palavra "almanaque" nas edições de **O Tico-Tico**. Em 1921, é "Almanak". Em 1929, repudia o K e passa a "Almanach". Em 1935, tenta seguir a reforma ortográfica e adota o "Almanaque". Mas a reforma não cola, e de 1936 a 1938 volta o "Almanach". A partir de 1939, talvez pela opção do redator de então, o recomendado "Almanaque" assume seu lugar. A reforma ortográfica para valer só veio em 1942, e aí acabou a brincadeira de cada um escrever como queira.

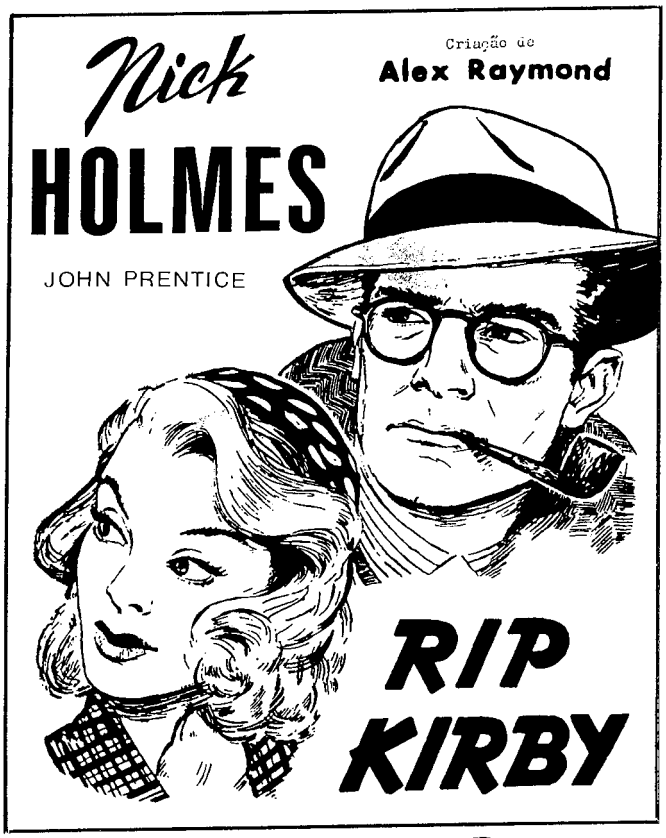
QI 157 (mai/jun/2019)

LEVANDO CHAPÉU!

Valdir Dâmaso, ao produzir o **Álbum Juvenil Tiras** nº 13 com *Rip Kirby*, fez a capa mostrada logo abaixo à esquerda. Mas não gostou de como ficou o chapéu que ele mesmo havia feito e me pediu para tentar consertá-lo. Tentei e o resultado está mostrado logo abaixo à direita. Ficou um pouco melhor, mas não ficou bom. Só recentemente localizei a ilustração original de Alex Raymond, feita para divulgação do lançamento da tira de *Rip Kirby* em 1946. Na ilustração, mostrada bem abaixo à esquerda, não aparece o chapéu inteiro, mas dá para ver que a parte de trás da aba vai mais para baixo na orelha em relação ao meu retoque. Desenhar chapéu não é fácil. E o próprio Raymond apanhou bastante. Olhando as tiras de *Rip Kirby*, o chapéu parece sempre como se estivesse colocado levemente por cima da cabeça. A outra famosa ilustração de lançamento da série, bem abaixo à direita, mostra bem isso. Na parte de trás o chapéu está bem colocado na cabeça, mas na parte da frente parece levantado.







QI 158 (jul/ago/2019)

TIRAS *em* TIRAS

A editora norte-americana IDW lançou em 2012 uma coleção chamada *The Library of American Comics (LOAC) - Essentials* com a seguinte característica: livros horizontais no formato de tiras de jornais, com cerca de 300 páginas, trazendo uma tira por página, contendo exatamente um ano de publicação de uma determinada série. Um formato de livro pouco usual que me levou a pensar se alguma vez chegou a ser usado com regularidade. Esta coleção já tem mais de uma dezena de volumes com séries como *Baron Bean*, *Polly and her Pals*, *The Gumps*, *Alley Oop*, *Tarzan*, *Krazy Kat*, etc.

Na apresentação do primeiro volume, o editor diz que o formato foi baseado nas encadernações que os syndicates faziam das provas das tiras que distribuíam. Ou seja, encadernavam as provas das 300 tiras produzidas em um ano, de cada série, para o arquivamento. Mas não menciona nenhuma edição feita, lá nos EUA, neste formato. Olhei rapidamente em algumas referências e sites e não encontrei nada.

O formato tiras em revistas foi bastante usado, principalmente na Itália e na Espanha, nas décadas de 1940 e 50, inclusive com o famoso Tex. Aqui no Brasil, o formato (também chamado cheque) foi utilizado com muito sucesso seguindo o original italiano, na década de 1950. A Vecchi publicou **O Pequeno Sheriff** e **Xuxá**, e a Globo publicou **Júnior**, onde estreou Tex.

Em forma de livro, Adolfo Aizen publicou em 1935, **Aventuras de Bill, Detective Secreto**, com a primeira história de X-9, *O Caso Powers*. Na década de 1990, Armando Sgarbi publicou uma edição independente com a terceira aventura de X-9, remontando para o formato tira o que o **Suplemento Juvenil** havia desmontado para publicar na década de 1930. E Sgarbi usou este formato, na coleção que chamou *Tiras no Formato de Tiras*, infelizmente com apenas um número, como "uma homenagem à nostalgia do encanto produzido, a seu tempo, pelas publicações que usaram o feitio das tiras em sua apresentação". E cita vários livros publicados na época neste formato, com *Mutt & Jeff*, *Li"l Abner*, *Bronco Piler*, *Tarzan*, tanto por editores do **Suplemento Juvenil** como pelos do **Globo Juvenil**.

Hoje, com exceção dessa coleção da IDW, não tenho notícia de nenhuma edição nesse formato. Nos EUA, aparentemente não foi usado nas priscas eras. Terá sido, na década de 1930, uma inovação dos editores brasileiros (leia-se Adolfo Aizen)?

QI 159 (set/out/2019)

HQ e Conto Ilustrado

Sobre o assunto HQ ou conto ilustrado, tratado nas cartas de Quiof Thrul e Francisco Dourado, o assunto é polêmico. Já tratei do assunto em vários artigos apresentados nos congressos da Intercom e reunidos no livro digital **Estudos sobre História em Quadrinhos**, publicado pela Marca de Fantasia. Eu sou da opinião de que os conceitos de qualquer forma de expressão devem ser os mais amplos possíveis. Façamos o paralelo com a música, o teatro, etc. Mesmo as manifestações mais rudimentares não são excluídas dessas formas de expressão. E não há nada demais que uma obra pertença simultaneamente a mais de um gênero, no caso, ser ao mesmo tempo HQ e conto ilustrado, se tiver características de ambos. Se alguém fizer uma sequência de esculturas contando uma história, não terá criado uma nova forma de expressão, terá feito uma HQ na forma de esculturas. Haverá uma história e os quadros serão em 3 dimensões.

O critério de considerar que é HQ somente se puder tirar os textos e continuar razoavelmente compreensível não é um bom critério. A maioria das HQs fica incompreensível se tirar os textos (assim como os filmes, se forem assistidos sem o som). São relativamente poucas as HQs ou filmes que contam suas histórias somente com as imagens pictóricas. Eu, particularmente, gosto de Quadrinhos mudos e até já fiz uma edição exclusiva deles.

Outro critério que não é bom é o critério oposto: o de que, se tirar as imagens de uma obra e ela continuar compreensível, não será uma HQ. Eu escrevi um livro inteiro de cartuns onde as imagens são totalmente dispensáveis. Não deixam de ser cartuns por isso. No caso específico do Dr. Alpha, talvez somente a leitura do texto torne a história compreensível, mas será outra obra. As ilustrações são espetaculares, criativas, imaginativas, a leitura do texto sem elas é extremamente pobre. Então, considerar o Dr. Alpha uma HQ não é favor. É só uma questão de considerar que esse tipo de trabalho também é HQ. Não do tipo mais comum, mas um tipo válido e bastante usado, não só um século atrás, mas atualmente, em várias obras, particularmente em HQs da linha "fantasia filosófica".

A revista **O Tico-Tico** tinha a regra de pegar HQs estrangeiras feitas com o texto em balões, retirá-los e substituir por legendas sob os quadros. Era o modo como eles achavam que a HQ devia ser.

Outro tipo de HQ, identifiquei em pinturas do Renascimento. São trabalhos que resumem uma história complexa em uma única imagem pintada. Está lá a história e está lá o quadro, portanto HQ. Ao contrário das HQs mais comuns, a história precisa ser conhecida previamente para que o quadro possa ser entendido. Se não, é apenas uma imagem pintada. Por isso, os autores usavam como tema histórias conhecidas, ou passagens da Bíblia ou relatos mitológicos.

Ainda, HQ (ou qualquer outra forma de expressão) não tem que ser entendida por todo mundo. Há as obras herméticas, feitas somente para a apreciação de iniciados. Também não deixarão de ser HQs por isso, portanto o critério "compreensível" também não é bom.

Pitacos, à redação.

QI 160 (nov/dez/2019)

PRÍNCIPE VALENTE

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

ORIGEM DOS BRAZÕES DE ARMAS

Os antigos, querendo distinguir suas tropas umas das outras, serviam-se de diversos sinais, atributos e figuras simbólicas, que eram verdadeiras marcas de conhecimento. Esses sinais, porém, eram inventados, ou escolhidos à vontade, sem que houvesse nenhuma regra estabelecida para isso. Chefes e soldados usavam ou deixavam de usar, preferindo êste ou aquele, conforme lhe agradassem mais, e ninguem sabe mesmo em que época começaram a usar êsses "distintivos".

Hoje, entretanto, existem uma ciência que trata do estudo dos brasões de armas e de tudo o que a êles diz respeito, e essa ciência, em que há verdadeiros mestres chama-se "heráldica". Há milhares de volumes escritos só sôbre esses problemas, e individuos que se apaixonam por êles, achando sempre o que estudar e aprender, cada dia, sôbre armas, brasões, escudos, etc.

No tempo das Cruzadas, cada chefe tinha, já, o seu brasão, e parece que foi nessa época que os brasões começaram a ser hereditários, isto é, a passar de pais a filhos, a ficar dentro das mesmas familias.

Houve um estudioso que afirmou que Noé inventou o "brasão" quando, ao sair da Arca, deu a seu filho Sem um leão, como emblema.

Não se sabe qual a origem etimológica da palavra brasão. Alguns autores disem que vem do inglês. Outros disem que vem da palavra alemã blasen, que significa "tocar trompa", porque outróra, quando um cavaleiro se apresentava à barreira do torneio, seu escudeiro tocava a trompa, para anunciar a chegada dele, e os arautos de armas iam reconhecer o campeão, e antes de o introduzir na arena, descreviam, em altas vozes, os seus brasões darmas.

Mas outro entendido afirma que Brazão é uma velha palavra francesa, que a cada passo se encontra como sinônimo de Escudo ou Broquel, nos poemas da Idade Média, de sorte que passou a designar a arte heráldica, que, propriamente falando, é o estudo dos escudos e broquéis de brasões darmas.

Porque a Arte Heráldica tem, também, êste nome, mais simples: "Brazão".

As armas, ou brasões darmas, eram dados, ou autorizados pelos soberanos, aos seus servidores, para distinguir pessoas, familias, cidades, corporações, palacios, etc, etc.

Os nobres brasileiros — entre os quais citamos o Duque de Caxias, o Marquês de Tamandaré, o Marquês de Herval, e muitos outros, — tinham seus escudos darmas. Cada uma daquelas figuras que ornam os escudos tem uma significação, e os entendidos sabem interpretar tudo muito direitinho.

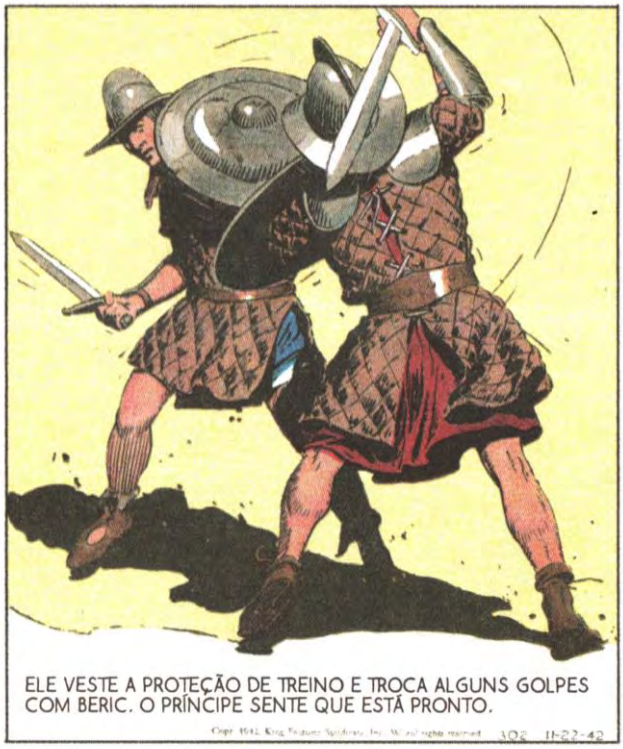
Entre as diversas denominações dos brasões e armas, lidas muito complicadas, uma há que é facil de vocês compreenderem. Chama-se brasão "parlante" aquele que traz alguma figura, ou emblema, ligado ao nome de familia ou pessoa a que pertence. Assim, por exemplo, um individuo que fôr conde de La Tour (A torre), usando no seu escudo uma torre, seu brasão será "parlante". O duque de Chatagna, no seu brasão "parlante" usará um castanheiro. Está entendendo?

O maior cuidado de um nobre de outros tempos era trazer o seu brasão inscrustado, isto é, não proceder nunca de modo contrário ao regime da Cavalaria, da Nobreza, para que não se dissesse que êle desdourara seus brasões. Isso havia, antigamente, com o fim que cada familia tivesse de ser impecavelmente reta, dentro dos preceitos da época, e todos tivessem um desmesurado orgulho do próprio nome, que não devia, de modo algum, ser maculado.

Tudo isso passou. Mas a Arte Heráldica ai ficou, e oferece ensinamentos aos que a ela se dedicam.

W. G. MAIA
1947
63

Página de **Almanaque O Tico-Tico 1947**. Vejam a ilustração, alguém sabe de onde saiu esse desenho?



Só podia. Olhaí, *Príncipe Valente*, de Hal Foster, página 302, de 22 de novembro de 1942.

DESENHOS DE MEU PAI

Há muito tempo tenho comigo uns desenhos feitos por meu pai, Jarbas Guimarães Netto, em sua juventude, provavelmente como trabalho escolar de Desenho no ginásio. Agora, recentemente, olhando páginas de **O Tico-Tico**, descobri que dois deles foram copiados de uma ilustração do exemplar de novembro de 1946. E os outros três desenhos que apresento logo a seguir? Terão sido copiados também? Mas, pelos temas, é pouco provável que tenha sido de **O Tico-Tico**. Fica aí um pequeno mistério.

QI 161 (jan/fev/2020)

GATO FELIX

Olhaí o que eu achei num **O Tico-Tico** de 1939. Uma página do Gato Felix com um cachorro muito suspeito. Na época os gatos e ratos nos quadrinhos eram muito parecidos, uns inspirados nos outros. Na própria página de Felix apareciam uns ratinhos praticamente idênticos a uns que apareciam nos primeiros filmes de Disney, antes do Mickey. Tanto Mickey quanto seu antecessor Osvaldo tinham aspectos que seguiam as tendências da época. Mas esse cachorro aí do lado, principalmente na última imagem, se não for o Pluto fazendo frilanz, não digo mais nada.

E o mais suspeito, o cão está com um problema, a bola entalou em sua boca e ele não consegue tirar. E o que aparece no último quadrinho, como se Felix tivesse achado a solução para tirar a bola enroscada? Aparece segurando uma vassoura de cabo avantajado, para não dizer fálico, insinuando que o cão passará por um procedimento do qual se lembrará por muitos novembros azuis. E o desfecho ficou para o número seguinte. Para decepção dos leitores mirins menos ingênuos e mais imaginativos, o desfecho não envergonhou a reputação da revista.

QI 161 (jan/fev/2020)

O MELHOR EVENTO DE QUADRINHOS

O editor Dario Chaves pediu depoimentos de várias pessoas para um livro que está escrevendo sobre Júlio Shimamoto. Enviei o texto abaixo, mas ele achou que não focalizava muito o Mestre; enviei outro, e este eu publico aqui.

Por volta de 1990, se não me engano, aconteceu o terceiro Encontro de Quadrinhistas realizado em Araxá, Minas Gerais. Eu não havia participado das primeiras edições e este eu não queria perder, por conta do quanto os anteriores tinham sido bons. E começou bom já em São Paulo, na rodoviária, na quinta à noite, na hora de pegar o ônibus para Araxá. Uma boa turma de quadrinhistas, conhecidos ou a conhecer, estava de mala feita para Araxá, pegando esse mesmo ônibus. A abertura do evento, para nós, estava ali.

O evento estava previsto para sexta, sábado e domingo. Devido à ausência de vários palestrantes convidados (por razões que não cabem aqui ser mencionadas) e o preenchimento das lacunas com as palestras seguintes, no final de sábado toda a programação já havia sido cumprida. Surgiu então a dúvida: o que seria feito no domingo? Vários participantes pegaram o ônibus para São Paulo (o destino principal para a maioria) no sábado à noite. Eu fui um dos que hesitaram e fiquei. Mas o domingo de manhã não prometia nada. Diante do marasmo matutino dominical, em acordo com alguns conhecidos, estávamos decididos a pegar o próximo ônibus que houvesse, dando o evento por encerrado.

Aí foi disseminando a notícia de que um novo participante havia chegado para o evento. Já não havia local de evento, organizadores, nada, fomos seguindo o foco de irradiação da notícia e encontramos o novo convidado. Júlio Shimamoto. Por motivos que só seu dentista pôde resolver, Shimamoto não conseguiu ir a Araxá nos dois primeiros dias, chegando apenas no domingo de manhã. E aí? Chegou e a festa já tinha acabado. Mas aí a conversa foi tomando rumo, os demais participantes que não tinham ido embora foram chegando, atraídos pela notícia do novo participante, e alguém teve a luminosa ideia de irmos para o Grande Hotel.

O Grande Hotel de Araxá teve seu auge na Era Vargas, época em que o jogo era permitido e os cassinos estavam no apogeu. Grandes figuras nacionais se hospedaram no Grande Hotel. Com a proibição dos jogos e cassinos, o Grande Hotel, como outros no gênero, entrou em decadência. Na época em que lá estivemos, pelo que soube, era administrado pela Prefeitura, mas ainda era um hotel de luxo. Apesar de não estar tão bem conservado, era um edifício luxuoso e as diárias eram impensáveis para nós, pobres quadrinhistas. Mas somente a parte interna do hotel era reservada aos hóspedes VIPs. Toda a área externa, composta por um grande parque, era aberta ao público e era um local de passeio regular da população da cidade. Um local muito agradável, todo arborizado, tranquilo, e com a atração extra de ter várias fontes de águas minerais, de vários tipos, incluindo a sulfurosa, que se anunciava à distância.

Assim, como várias pessoas da cidade, principalmente famílias, fomos nós para o Grande Hotel. E lá fizemos nosso evento de domingo. Simplesmente sentados nos bancos, nas cadeiras do bar, conversando sobre Quadrinhos. A figura central era Shimamoto, em volta do qual nos reunimos todos, quadrinhistas profissionais, amadores, fanzineiros, todos fãs dos Quadrinhos e do Mestre. Muita conversa, depoimentos, casos pitorescos, papos diversos, tudo na maior informalidade.

E este foi, graças à presença inesperada e aglutinadora de Shimamoto, e à acolhida agradável do Grande Hotel, o que considero o Melhor Evento de Quadrinhos de que participei.

QI 162 (mar/abr/2020)

FUÇANDO À TOA

Já comentei uma vez que os autores norte-americanos e europeus de Histórias em Quadrinhos, quando ambientam uma história na América do Sul, quase sempre escolhem um país (real ou fictício) de língua espanhola. Há exceções como Corto Maltese e Mister No, mas são muito poucas.

O caso a seguir é curioso. No episódio *In Search of the Castaways* (o conhecido *Os Filhos do Capitão Grant* de Júlio Verne) da série *The Treasury of Classic Tales*, desenhado por John Ushler, na página de 4 de novembro de 1962, o grupo que procura o Capitão Grant fica sabendo que uma tribo indígena inamistosa mantém alguns marinheiros em cativeiro. O grupo paga o resgate pedido, achando que o Capitão Grant está entre os presos. O quadro a seguir mostra a decepção dos dois filhos do Capitão Grant quando os prisioneiros são soltos e veem que o pai não está entre eles. E a surpresa nossa é ver em que língua os libertados estão falando. E a surpresa maior ainda é que o grupo à procura do Capitão Grant havia aportado nas costas do Chile!

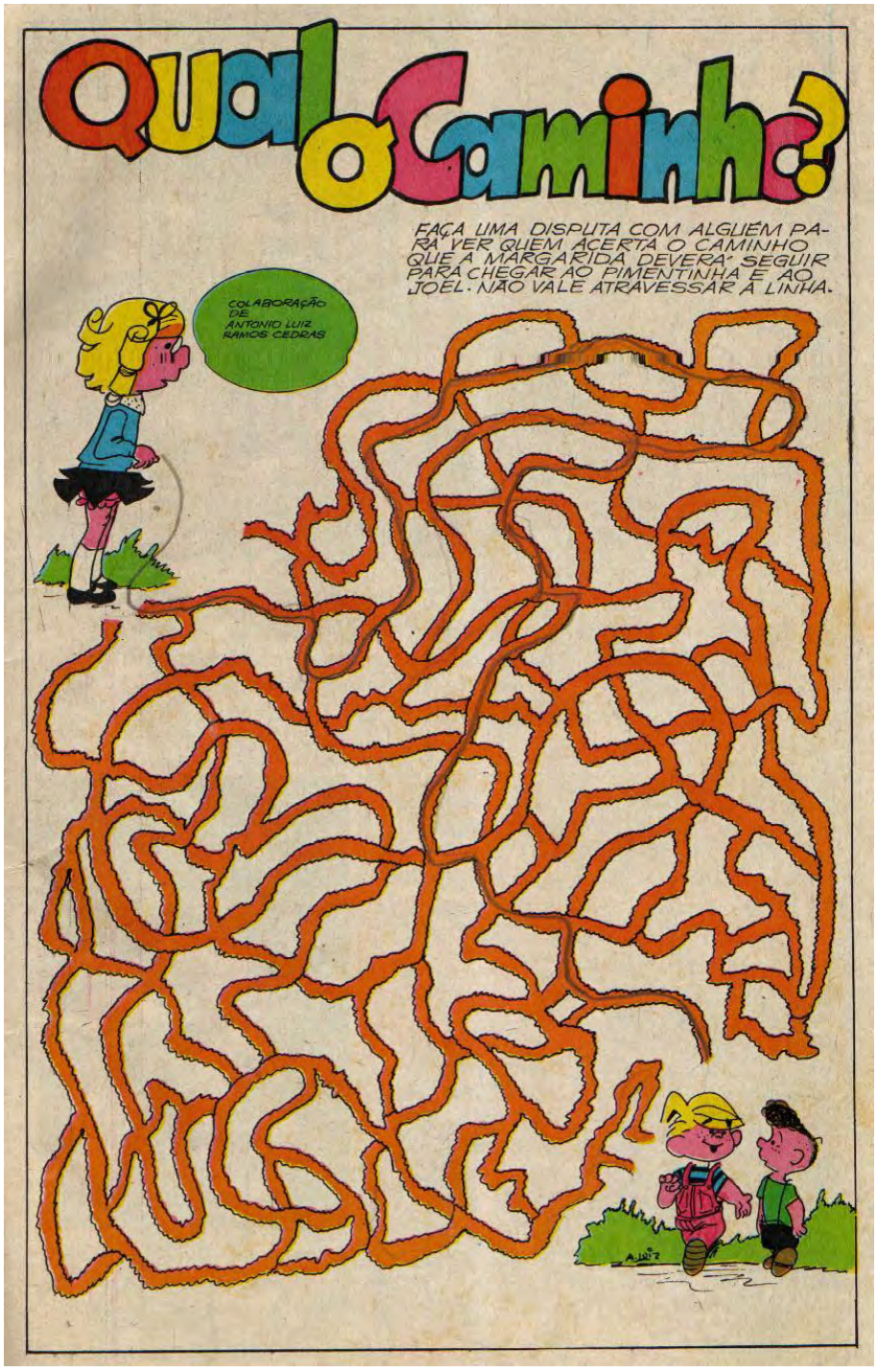
O recente livro da coleção *Biblioteca Carl Barks*, **Tio Patinhas – Nadando em Dinheiro**, traz uma história intitulada *Em Busca do Ouro*, que tem uma série de particularidades. A mais notável é que na época da publicação original, 1953, algumas páginas foram censuradas pela editora Dell, ou seja, foram eliminadas. Essas páginas mostram Tio Patinhas relembrando sua época de garimpeiro no Klondike. E de fato é uma passagem com um nível de violência acima do usual. Barks na época estava muito puto e desafogou as mágoas nas HQs. Mas a história tem também um humor diferente em algumas passagens. Mostro a seguir um quadro de um Donald bem desaforado.

No encarte deste **QI**, Carlos Gonçalves tratou do tema das Mulheres da Selva. Uma das características desse tema iniciado nos quadrinhos pela editora norte-americana Fiction House era a liberalidade na vestimenta das heroínas. Nenhum nudismo explícito, apenas braços, pernas, costas e barrigas à mostra. Às vezes, um decote mais cavado. Mas foi o suficiente para melindrar pais, professores, padres e pastores. Juntando a isso a violência das histórias de terror, houve uma reação da parte mais conservadora da sociedade, resultando na atitude da maioria das editoras de estabelecerem um código de auto-censura. O encarte traz uma boa quantidade de capas das revistas norte-americanas com várias heroínas em poses insinuantes, mas veja que nenhuma delas traz uma imagem como a da capa da revista brasileira **A Pantera**, publicada pela editora Jotaesse em 1966, em pleno regime militar. Imaginem se a Fiction House tivesse publicado uma capa assim. As editoras norte-americanas não iam ter tempo de fazer auto-censura. E veja a capa do primeiro número de **Sheena, Queen of the Jungle**, publicada em 1942. Bem menos provocante que a capa brasileira, e vocês acham que na ilustração original havia aquela folha protegendo o *asrole*? Os editores não se arriscavam tanto assim.

QI 162 (mar/abr/2020)

LEMBRANDO CEDRAZ

Eu mencionei em algum lugar na seção *Fórum* a revista **O Cruzeiro Infantil**. Uma revista bem interessante que na época, 1974, não me chamou a atenção. Mas trouxe uma boa quantidade de HQs que merecem ser conhecidas. A revista tinha também muitos textos e divertimentos dirigidos ao público infantil. Entre eles, descobri essa página que reproduzo abaixo. Uma colaboração de Antonio Luiz Ramos Cedras (assim mesmo, escrito com "s"). Cedraz nessa época já produzia suas HQs, tirinhas e também passatempos para suplementos infantis, seguindo a trilha de Maurício na **Folhinha de S. Paulo**. Certamente, essa página que enviou à revista, como uma tentativa de vender seus trabalhos, estava ilustrada com seus personagens, mais provavelmente a Turma do Joinha, que ele trabalhava na época. A redação da revista quis aproveitar o passatempo, mas não quis fazer propaganda dos personagens de Cedraz e substituiu pela turma do Pimentinha, que era publicado pela editora. Tudo conjectura minha.



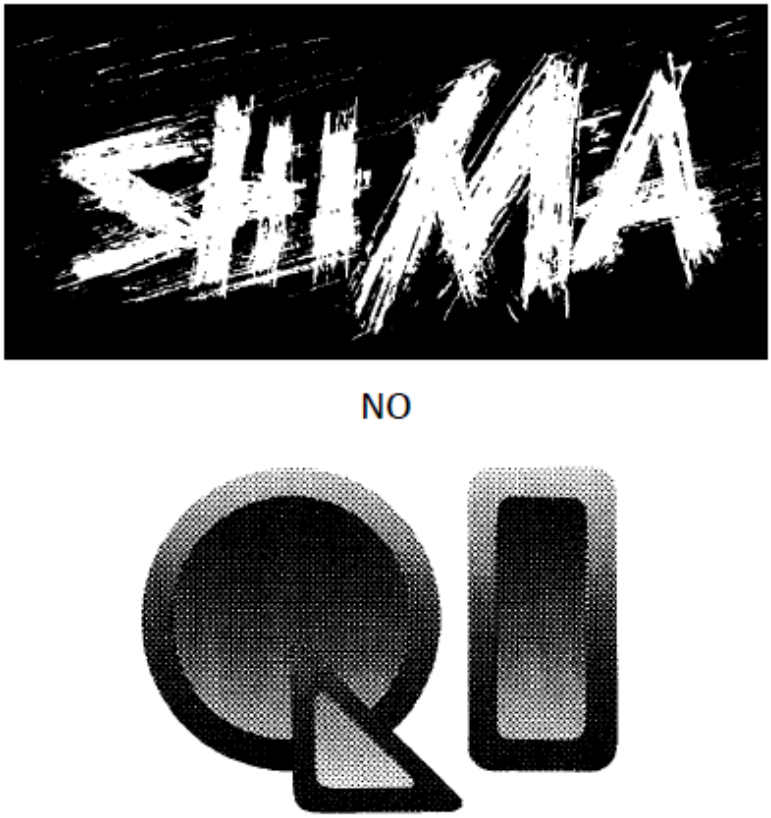
QI 162 (mar/abr/2020)

SHIMA NO QI

O sítio Marca de Fantasia, graças à boa vontade de Henrique Magalhães, tem colocado disponível em PDF um grande número de edições do **QI**, não só os números recentes como, aos poucos, os números anteriores. Estes estão sendo colocados em contagem regressiva. Já estão disponíveis a partir do nº 79. O objetivo é chegar até o nº 0. Além disso, praticamente todos os encarte estão disponíveis, faltam apenas dois, sendo que um deles, o **Fanzine**, foi transformado em livro pela Marca de Fantasia. Agora, um novo encarte está sendo oferecido junto com este **QI**, além do *Voos n'O Tico-Tico* mencionado no editorial.

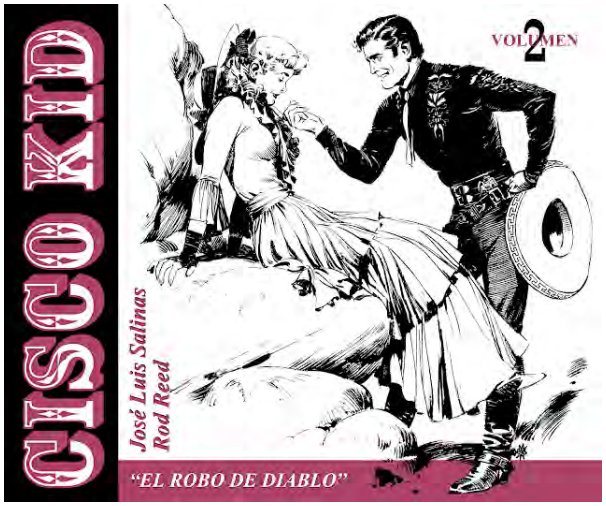
Há poucos meses, o pesquisador Alberto Pessoa me pediu informações sobre os trabalhos de Júlio Shimamoto que foram publicados no **QI**. Por facilidade, copiei em um arquivo, nos moldes de um encarte, tudo que havia no **QI** feito por Shimamoto e enviei ao Alberto. Fiz até capa e dei nome ao documento, **Shima no QI**. Com isso fiquei com um encarte pronto. Mas não pensei em fazer esse encarte impresso, pois todo o material já havia sido publicado (e impresso) no **QI**. Então consultei o Henrique e, com a concordância dele, está sendo oferecido aos leitores o primeiro encarte somente digital do **QI**.

Assim, quem quiser ver ou rever todos os trabalhos de Shimamoto que saíram no **QI**, acesse o sítio www.marcadefantasia.com, e boa leitura!



QI 163 (mai/jun/2020)

FUÇANDO À TOA



Manuel Caldas acaba de lançar o segundo volume da coleção Cisco Kid, publicado em Portugal, mas em espanhol, pois é este mercado o maior consumidor de seus álbuns. Também espanhol é o blogue que divulga os lançamentos de Manuel Caldas: o bloguedelos300.

O álbum de Caldas é primoroso, arrisco dizer que ninguém mais no mundo faz o trabalho de restauração dos originais melhor que ele. A nitidez das imagens impressas é impressionante. Em Cisco Kid, por exemplo, é possível ver os bordados de sua camisa, coisa que em outras publicações se tornam um borrão só. E a imagem escolhida por Caldas para essa capa, em minha anacrônica opinião, é de uma beleza invulgar. Mas há controvérsias. Vejam o que disse a parte final do texto de divulgação no próprio blogue encarregado de anunciar os lançamentos de Caldas:

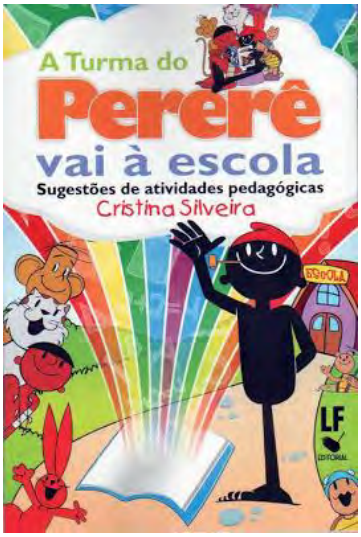
(Un pedido de disculpas por la portada: el dibujo es de 1950, una sombria epoca de dominio heteropatriarcal; se publica como documento histórico, pues hoy día ninguna mujer admite semejante y punible caricia machista y solo un desprezible facha puede pensar hacerla).

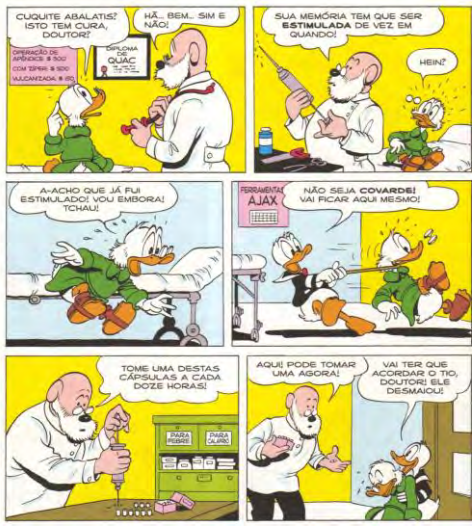
Acabei descobrindo a existência de um livro didático usando a Turma do Pererê, de Ziraldo, como tema. A página na internet da Gibiteca Escolar Helena Fonseca, da cidade de Leopoldina, MG, divulgou, em texto de 7/2/2011, o seguinte:

"Em breve será lançado o novo livro de Cristina Silveira. **A Turma do Pererê vai à Escola – Sugestões de Atividades Pedagógicas** ficou pronto. São sugestões de atividades pedagógicas usando os Almanaques da Turma do Pererê, de Ziraldo, e feito a pedido dele, que deseja que os professores usem a Turma do Pererê em sala, despertando nos alunos o prazer e a alegria em aprender."

E a página mostrava a capa a seguir à esquerda. Mas quando procurei para comprar, todos os sites tinham à venda somente o livro com a capa mostrada a seguir à direita. O que aconteceu? A editora inicialmente usou os personagens sem pedir? O Ziraldo pediu um troco em troca? A editora achou que era troça e não engoliu o troço?

O fato é que a Turma do Pererê foi banida da capa de um livro sobre... a Turma do Pererê. E internamente não há nenhuma ilustração.





No **QI** anterior eu mencionei o livro da coleção *Biblioteca Carl Barks*, **Tio Patinhas – Nadando em Dinheiro**, e a história *Em Busca do Ouro*. Como disse, uma história com um humor meio nervoso, resultado, talvez, dos problemas pessoais pelos quais Barks passava na época. Mas a sequência acima à direita mostra outro tipo de humor, que, me parece, não era comum em Barks. Um jogo de malentendido bem sutil. Barks tinha, sim, costume de fazer humor periférico, à margem da história, normalmente nos quadros pendurados na parede. Nessa sequência há várias amostras disso. Em alguns casos, mais no começo da carreira, havia até doses de surrealismo, como as figuras se movimentando dentro dos quadros na parede. O auge desse humor não convencional, na minha apreciação, acontecia nas tramas paralelas de Lampadinha nas histórias de Professor Pardal.

QI 163 (mai/jun/2020)

POLICROMIA

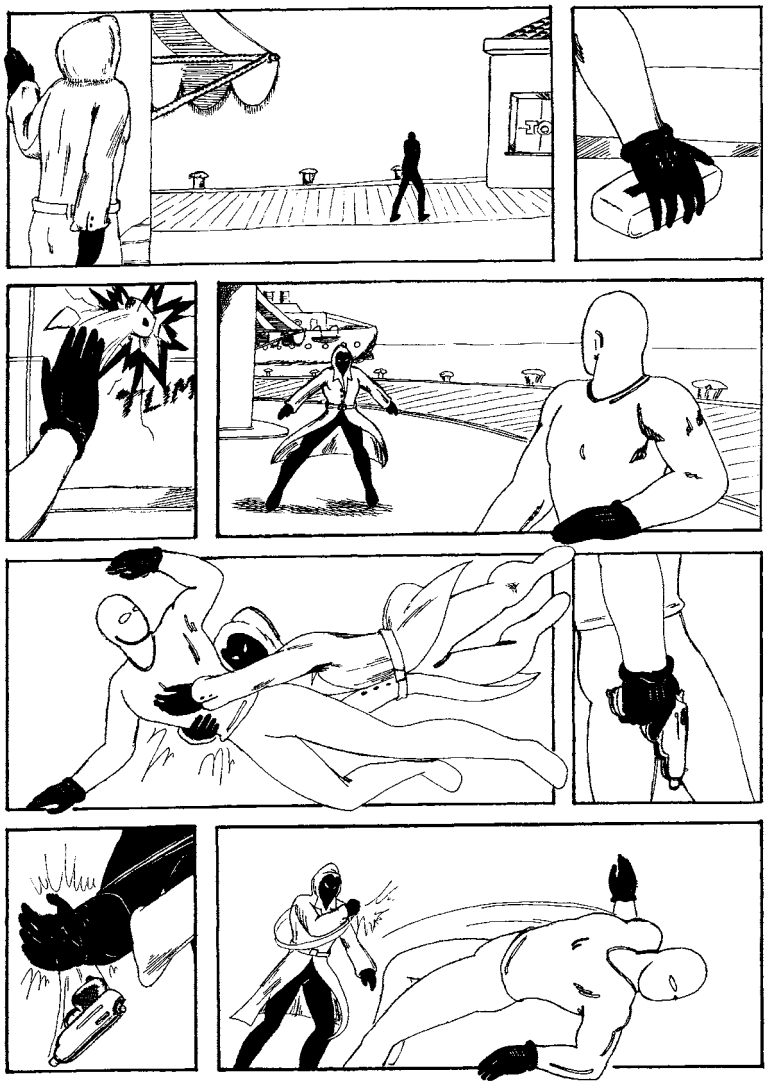
A publicação em cores, em tempos de desbravamento dos fanzines, sempre foi um sonho inalcançável, devido aos custos e ao acesso a meios de impressão a cores. A impressão colorida em off-set, somente para grandes tiragens. A impressão fotográfica, caríssima. Impressoras ou copiadoras coloridas, ainda não existiam. Alguns editores de fanzines coloriam as capas manualmente, exemplar por exemplar, com lápis de cor, hidrográficas ou aquarela. A impressão em mimeógrafo a álcool permitia algum acréscimo de cor, usando papel carbono de outras cores. E quem conseguia imprimir em off-set, às vezes conseguia colocar uma segunda cor na capa. Quem sabia, podia usar serigrafia. Quando comecei a editar o **QI**, em 1993, não existia ainda a copiadora colorida, mas havia algumas copiadoras que imprimiam com outras cores de toner. As cores disponíveis eram azul, vermelho e verde. Não são as cores primárias para a impressão gráfica, que utiliza a síntese subtrativa. Essas são o ciano (azul claro), amarelo e magenta (meio rosado), todas cores claras. As cores do toner disponíveis, além de não serem as primárias, eram cores escuras. Além disso, para a realização da síntese subtrativa, as cores têm que ser transparentes, o que é o caso da tinta do off-set. E não é o caso do toner, que é opaco. Mesmo sabendo isso tudo, decidi fazer uma experiência de "policromia capenga". Ou seja, usar todas as cores disponíveis de toner colorido numa ilustração. Abaixo, o original para a cor preta. Na página seguinte, os originais para as 3 cores e a ilustração juntando todas as cores. O resultado não ficou bom, pelos vários motivos já apresentados. E mais alguns. A máquina copiadora não tem um bom registro de cores. E quando o papel já impresso com uma cor passa novamente pela máquina para imprimir outra cor, a alta temperatura do fusor derrete o toner da impressão anterior. Nem tentei usar essa "policromia" no **QI**, mas usei o recurso de uma segunda cor de toner (um azul muito bonito) na capa de algumas edições que fiz na época, **A Guerra dos Golfinhos** de Calazans e **O Batedor** de Cesar Silva, com bons resultados.

EDGARD QUITIMARÃES 86

PINTANDO DE PRETO

A página abaixo talvez seja a de melhor resultado que obtive em minha juventude quando criava super-heróis a rodo e tentava fazer HQs com eles. Os personagens iam pela centena, mas as histórias, que não chegaram à dezena, tinham, cada, número de páginas que mal chegava à unidade. Nessa página, incompleta, a única feita para essa história, há alguns aspectos interessantes. Na diagramação, uma alternância de pontos de vista e de enquadramentos, planos mais gerais intercalados com primeiríssimos planos. Também uma certa "modernidade" com os personagens sangrando os enquadramentos. Embora seja uma primeira página, não traz o título, uma influência das histórias de Tarzan de Joe Kubert, que fazia uma introdução na primeira página e depois um painel duplo nas páginas 2 e 3. Embora na época eu não conhecesse, Flávio Colin fazia uma primeira página introdutória em **O Anjo**, na década de 1960. Em relação à trama, há um engodo nessa primeira página. O personagem principal é o herói criado por mim cujo nome era Negro. Tinha o uniforme totalmente preto, tal que não refletia nenhuma luz e por isso não era possível ver qualquer detalhe de volume dos músculos da anatomia. Na página, aparentemente o herói é a figura toda de preto, mas seu comportamento questionável e os detalhes de sombras em sua indumentária trazem dúvidas. De fato, seria mostrado que o Negro era o outro personagem, usando um sobretudo com capuz.

Mas há um aspecto interessante que determinou a interrupção da história sem ao menos terminar a primeira página. Lá no começo do desenhar, quando aprendi a fazer primeiro o traço a lápis e depois a arte-final a nanquim, o instrumento disponível era a pena "mosquitinho". Usei, mas não gostei, era preciso habilidade que eu não tinha, e na verdade eu queria um traço de grossura uniforme, que não é característica da pena. Minha alegria foi descobrir a existência das canetas técnicas e finalmente conseguir comprar uma. Comprei a de traço mais fino, para fazer bem os detalhes minúsculos. Mas e na hora de preencher os fundos em preto? Às vezes usava hidrográfica mais grossa, mas eu queria o trabalho todo em nanquim. Então, preencher os fundos em preto com a caneta fininha era um martírio. Essa página trazia dois personagens cujas roupas eram totalmente pretas num ambiente noturno, com muito fundo escuro. Imagine encher toda aquela página de preto usando uma caneta técnica 0.1! Consegui pintar alguns detalhes e joguei a toalha. Depois, com o tempo, comprei outras canetas mais grossas, arrisquei usar pincel, mas aquela primeira página ficou incompleta, testemunha de minha derrota para o fundo preto.



QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além do nº 19 de **Pure Fruit**, duas edições lançadas no começo da década de 1980. São álbuns com papel de qualidade e boa impressão, formato próximo ao A4, capa mole, e aparentemente com preço acessível ao leitor comum. Ou seja, material de qualidade ao alcance de todos. O primeiro é uma aventura da série „Tony Stark‟ (não confundir com o outro, o enlatado). É a típica aventura franco-belga, com cerca de 46 páginas, feita para publicação em revista e depois compilação em álbum. O autor, Edouard Aidans, foi presença constante na revista semanal belga **Tintin**, com séries como „Marc Franval‟ e principalmente „Tounga‟. No Brasil, tenho lembrança de apenas uma aventura de „Tounga‟ (grafado „Tunga‟) na revista **Tintin** brasileira, publicada pela Bruguera em 1968, nos nºs 18 a 26. A série „Tony Stark‟ é posterior, um misto de faroeste nos tempos atuais com ficção científica, mantendo o nível de argumento e desenhos da maioria das séries franco-belgas. O segundo volume, **Zack – Super Album**, é um álbum duplo, nos mesmos moldes do anterior, trazendo duas séries. Uma é uma nova aventura de „Tony Stark‟, de Aidans, e a outra é a série „Turi und Tolk‟, de autoria de Dieter Kalenbach. Este autor alemão seguia o modelo franco-belga de aventuras, com um desenho bastante influenciado por Hermann. O tema da série com o menino Turi e o falcão Tolk é centrado na vida do povo da Lapônia, natural do norte da Escandinávia. Uma temática diferente com uma produção bem caprichada.

MAIS UM ENCARTE DIGITAL

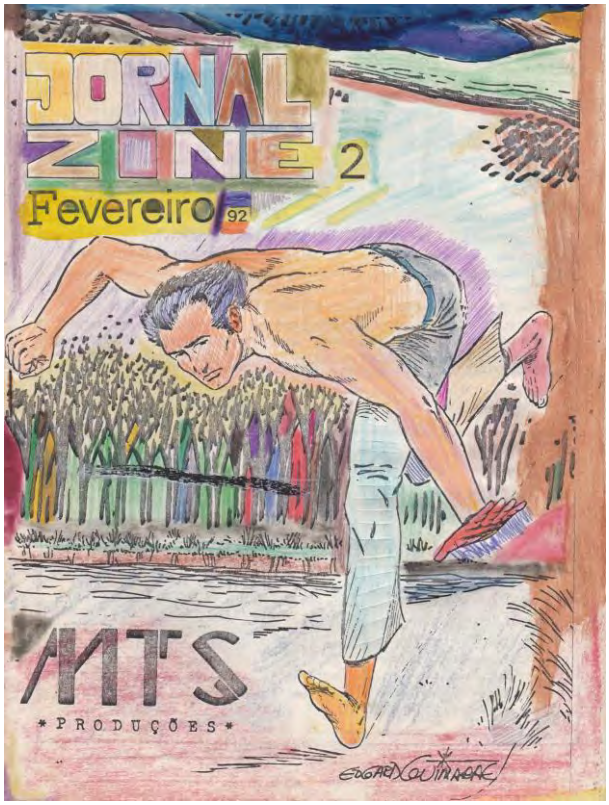
No número anterior, foi oferecido aos leitores um encarte somente digital, reunindo os trabalhos de Júlio Shimamoto que foram publicados no **QI**. O encarte não foi impresso, ficou disponível apenas em formato PDF no sítio da Marca de Fantasia, juntamente com todos os **QI**s a partir do nº 69 e todos os encartes que já saíram com o **QI**.

Agora o leitor poderá ter acesso a mais um encarte somente digital. Trata-se de um texto de Carlos Gonçalves sobre a publicação de Tintin em Portugal. Este texto já foi publicado no **QI** entre os números 111 e 114, em 2011/2012. No encarte, o texto foi atualizado e muitas imagens coloridas foram acrescentadas. Embora o assunto trate de publicações portuguesas, há muita informação sobre Tintin que é do interesse do leitor brasileiro.

QI 164 (jul/ago/2020)

HOMEM CAINDO

Em 1991 eu fiz o desenho mostrado abaixo à esquerda, só a figura humana, uma tentativa de desenhar a anatomia em posição não convencional, para ver como eu me sairia. Sem cenário. Aí o Marcelo Silveira me pediu uma colaboração para seu fanzine e decidi usar o desenho feito, acrescentando o cenário, como se o personagem estivesse saltando de uma árvore. O desenho completado está bem abaixo. O Marcelo aceitou a ilustração e a colocou na capa do **Jornalzine** nº 2, de fevereiro de 1992. E fez mais, em alguns exemplares ele fez a colorização manual, com lápis de cor, giz de cera, hidrográfica... como está mostrado logo abaixo à direita.

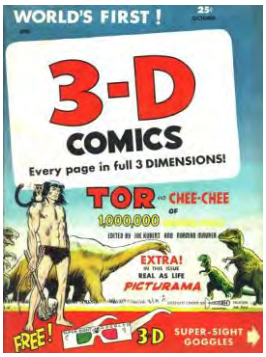


ZOÍM

A série *Fantasma* (*The Phantom*) começou em 17/2/1936, escrita por Lee Falk e desenhada por Ray Moore. O personagem tem um capuz e uma máscara estreita, que mal cobre o rosto, com uma pequena abertura para os olhos. Nas cenas de ação em que o herói aparece de corpo inteiro, nem é possível desenhar os olhos na abertura da máscara, ficando apenas um espaço estreito branco representando a abertura. Mas nas cenas em que o rosto de Fantasma ocupa todo o quadrinho, Ray Moore desenhava os olhos na abertura da máscara. Moore manteve essa opção de estilo até início de 1937. A imagem abaixo à direita é da tira de 23/1/1937, uma das últimas vezes em que Moore desenhou os olhos bem definidos. Depois optou por representar a máscara sempre com a abertura em branco, mesmo quando o rosto do Fantasma é mostrado de perto, talvez para aumentar o clima de mistério. Esta solução permaneceu durante toda a fase de Ray Moore e depois, durante os vinte anos em que a série foi desenhada por Wilson McCoy. Com a morte de McCoy, a tira passou, a partir de 21/08/1961, para as mãos de Sy Barry, que manteve a característica dos olhos brancos. Mas as páginas dominicais ficaram temporariamente nas mãos de Bill Lignante, até 13/5/1962, quando foram assumidas também por Barry. Lignante não ficou na série de Fantasma para os jornais, mas, talvez por essa pequena experiência, assumiu os desenhos das aventuras do herói para os *comic books*, tornando-se um de seus mais prolíficos autores. No breve período em que ficou nas páginas dominicais de Fantasma, Lignante produziu uns quadros inusitados. Em situações de espanto, ousou desenhar os olhos do Fantasma, que há décadas permaneciam escondidos. E não foi uma boa ideia, como se vê abaixo no quadro da página dominical de 25/3/1962.

TREISDÊ

Entre as capas enviadas por Gaspar Eli Severino, há três que são de revistas em 3-D publicadas no Brasil. A primeira é a capa de **Possante** nº 11, publicada pela Ebal em dezembro de 1953. No topo da capa aparecem os dizeres "A Primeira Revista do Mundo a apresentar Histórias em Quadrinhos com a Terceira Dimensão". A primeira revista de quadrinhos publicada nos EUA foi a **Three Dimension Comics** (setembro/1953) da editora St. John com o personagem *Mighty Mouse*, justamente a edição publicada pela Ebal. A edição americana traz no topo da capa os dizeres "World's First!". Isso explica os dizeres da revista **Possante**, que foi a adaptação para o Brasil da primeira revista 3-D (norte-americana) do mundo. Cabe observar que foi a primeira vez a se usar a técnica 3-D em revista de Quadrinhos, pois já era usada em ilustrações de revistas na Alemanha em 1952. Interessante notar a rapidez com que a Ebal publicou o material no Brasil, cerca de 4 meses depois, lembrando que a edição americana deve ter saído nas bancas de lá em julho (cerca de 2 meses antes da data de capa). A editora St. John lançou outra revista com a chamada "World's First!" um mês depois, outubro de 1953. Foi a **3-D Comics** nº 2 com o *Tor* de Joe Kubert. Esta revista foi publicada no Brasil pela editora Vida Doméstica em 1954 (não tem especificação do mês) na revista **Cinerama** nº 1 trazendo no topo da capa os dizeres mais modestos "Pela Primeira Vez no Brasil!", o que já não era verdade. A Vida Doméstica também publicou em 3-D a revista **Casa do Terror** em 1954, versão de **House of Terror** nº 1 da St. John com data de outubro de 1953. Com o sucesso da revista de *Mighty Mouse*, que custava o dobro do preço e vendeu mais de um milhão de exemplares, houve uma inundação de revistas 3-D nos EUA, por várias editoras. Mas logo a mania passou. Aqui no Brasil, a Ebal publicou em janeiro de 1954 outra revista 3-D, a **Herói** nº 81 com *Os Três Patetas*. Com o tempo, esporadicamente alguma editora lançou alguma edição com a técnica 3-D.



ANALISANDO A PIADA DA CAPA

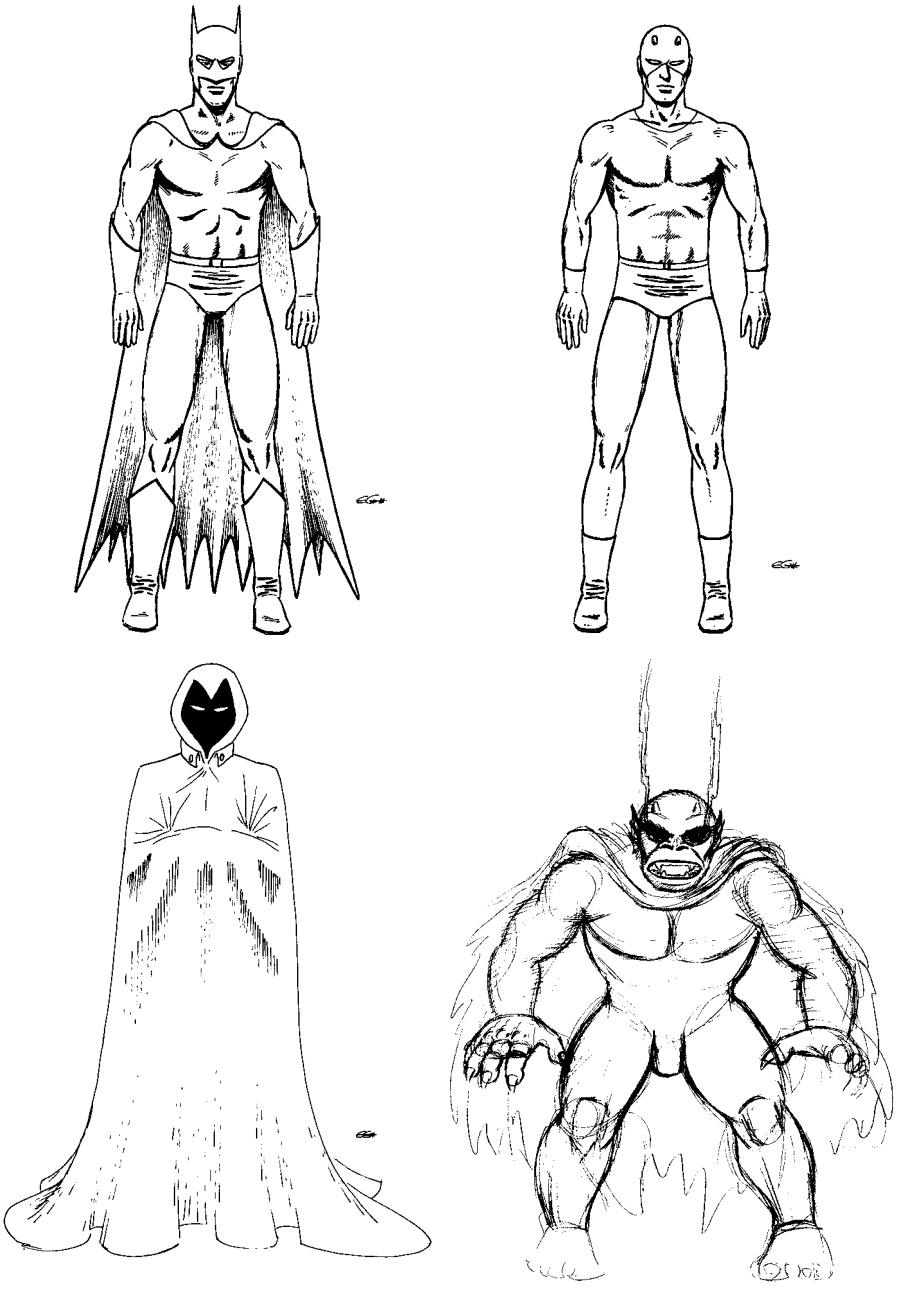
EVIDENTEMENTE há uma implicância pregressa entre o Rei e o músico popular, a ponto daquele não titubear em usar as forças de repressão ao seu dispor para coibir a realização da atividade artística deste. Vê-se claramente que o sujeito encarregado da repressão foi alguém na infância incapaz de apreciar qualquer tipo de atividade cultural, que cresceu perseguindo e molestando os colegas de mentes mais criativas (sendo por eles deixado para trás) e que na vida adulta não seria capaz de qualquer outra coisa além de empregar sua truculência a serviço de algum déspota autoritário. Por outro lado, também fica claro que o músico de rua é uma pessoa da mais alta idoneidade, suportando com dignidade uma vida de agruras materiais, que não o impede de exercer sua arte com zelo, honestidade e talento, mesmo dispondo apenas de instrumento musical precário, e principalmente não alugando sua expressão artística aos interesses do poder instituído. Luta estoicamente pelo direito de todos poderem praticar suas artes livremente, sem constrangimentos ou censuras. E, nessa luta inglória, arrisca a própria integridade física, sujeitando-se a desmandos de toda ordem. Aliás, cabe observar que o Rei, não bastasse a arrogância e a prepotência, acumula também os adjetivos de covarde e pusilânime, pois não teve fibra de comparecer pessoalmente à cena.

Analisando, agora, mais detidamente, a piada, na versão em PDF que tenho da publicação, reparo que... não há piada. Não há nenhuma graça em nada do que ocorre na cena mostrada, não há humor, não há verve, nem o mais leve laivo de espirituosidade. Se era para ser uma piada, evidentemente ficou faltando algo.

QI 165 (set/out/2020)

BATMAN E DEMOLIDOR

Em meados da década de 1980, Frank Miller escreveu histórias de Batman e Demolidor, nomeadamente **Batman Ano Um** e **A Queda de Murdock**, que deram um novo status a esses personagens. Minha expectativa (e acredito a de muitos outros leitores) era ver esses personagens atuando juntos numa edição especial de preferência escrita por Miller. Na época as editoras Marvel e DC já haviam feito edições reunindo alguns de seus heróis, mas não era uma prática comum. E a história de Batman e Demolidor não virou realidade. Posteriormente, em 2000 houve uma edição com os dois heróis, publicada aqui em 2003, mas nada memorável. Como naquela segunda metade da década de 1980 a história conjunta não saía pelas vias oficiais, resolvi fazer eu mesmo esta história. Cheguei a esboçar umas duas dezenas de páginas, mas não desenhei ao menos uma. Ainda hoje acho que a ideia era interessante. Para um Batman (que é das trevas) e um Demolidor (que tem „devil" no nome original), o inimigo comum só poderia ser um „demônio" (o Etrigan). Mas um demônio que fosse o mal encarnado, diante do qual o mais destemido herói estaria impotente. Antes de começar a história, fiz alguns desenhos para definir como os personagens seriam retratados. Estes desenhos estão mostrados abaixo. Cheguei a sonhar algumas soluções gráficas que não estariam ao meu alcance. Por exemplo, para ressaltar o clima tenebroso, fazer a impressão com tinta branca opaca sobre papel preto. Ou aplicar cor chapada apenas nos uniformes dos personagens principais: azul escuro no Batman, vermelho no Demolidor, verde no Espectro e amarelo no Etrigan. Mas ficou na vontade, seria muito trabalho para um resultado com limitações óbvias. Por usar personagens com direitos reservados, a edição só poderia ser independente. E ficaria cara. Logo outros projetos tomaram o lugar e este foi mais um que ficou no limbo.



O QI NA MARCA DE FANTASIA

Como os leitores já sabem, o **QI** tem sido colocado à disposição de todos os interessados, gratuitamente, em versão PDF, no sítio www.marcadefantasia.com, graças à iniciativa e generosidade de Henrique Magalhães. No princípio, apenas os números atuais e, confesso, não me lembro a partir de qual número o **QI** passou a ficar disponível no formato digital. Mas Henrique se propôs a colocar todos os números que já haviam saído, se possível desde o número zero, de janeiro/fevereiro/1993. Assim, aos poucos, e em contagem decrescente, a Marca de Fantasia está cumprindo a promessa. Até o momento, estão disponíveis os **QI**s a partir do nº 53 e com o propósito de continuar a contagem regressiva. A boa notícia é que também estão disponíveis todos os encartes que foram feitos para acompanhar o **QI**. Alguns deles, como as „Pequenas Bibliotecas", verdadeiros livros. Mas há uma notícia não muito boa e acho necessária e explicação. Somente a partir do **QI** 63, de julho/agosto/2003, é que tive condições (computador, escâner, impressora) de fazer a edição totalmente diagramada no computador. Assim, para essas edições, a conversão do arquivo para formato PDF se faz com muito boa resolução gráfica. Para os **QI**s anteriores ao nº 62, não há arquivo das edições, o processo era manual, imprimia os textos, reduzia, xerocava as capas, também reduzidas (em mais de uma vez, para chegar ao tamanho necessário) e montava a edição no papel, a partir do qual se fazia a matriz de offset para a impressão dos exemplares. Desse modo, para se conseguir os arquivos em PDF que estão sendo colocados à disposição na Marca de Fantasia, eu tive que escanear as páginas impressas dos **QI**s anteriores ao nº 62, montar as edições no Word e converter para PDF. Com isso, a qualidade das imagens caiu bastante. Então fica o leitor avisado que a menor qualidade dos **QI**s mais antigos é uma questão incontornável, não é desleixo ou má vontade de nossa parte. É o que foi possível fazer.

QUALÉ A DO EUZÉBIO?

Antônio Euzébio foi o mais importante ilustrador das capas da editora Ebal e um dos mais importantes do Brasil. Em 1942 foi vencedor do 4º Concurso de Desenho do **Suplemento Juvenil** e fez uma primeira HQ chamada „O Movimento de 1842". Vendo a qualidade de seu trabalho, Aizen logo o contratou, antes mesmo da criação da Ebal. Na editora, acabou se especializando na ilustração das capas das mais diversas revistas. Trabalhou muitos anos na Ebal, mas a partir de um certo momento, decidiu se dedicar à publicidade e à ilustração comercial, certamente mais rentáveis.

De acordo com matéria publicada na revista **O Poderoso Especial** nº 6 (dez/1972), apesar de partir para a publicidade, "nosso capista nunca nos abandonou: quando precisávamos de capa (...), lá estava ele, e nos arrumava uma, lindíssima." E a matéria destacava as capas para os Almanaques de 1973. "O Euzébio demorou como o quê, mas nos enviou originais totalmente diferentes de todos os que sempre nos fizera. E vocês precisam colecionar as capas deles, para os Almanaques. E palmas para o Euzébio, que ele merece!"

Mas o ponto que quero abordar aqui é o seguinte. Embora a Ebal publicasse principalmente Histórias em Quadrinhos importadas, também produziu muitas HQs feitas por autores no Brasil. Principalmente as adaptações de romances brasileiros, mas também muitos outros materiais. A pergunta é: Será que o Antônio Euzébio, funcionário da Ebal, nunca foi encarregado de fazer alguma História em Quadrinhos das tantas que a editora produziu e publicou?

E este é o desafio ao leitor do **QI**. Antônio Euzébio fez alguma HQ para a Ebal, além daquela primeira lá em 1942? Sim ou não? Se fez, qual foi, onde foi publicada?

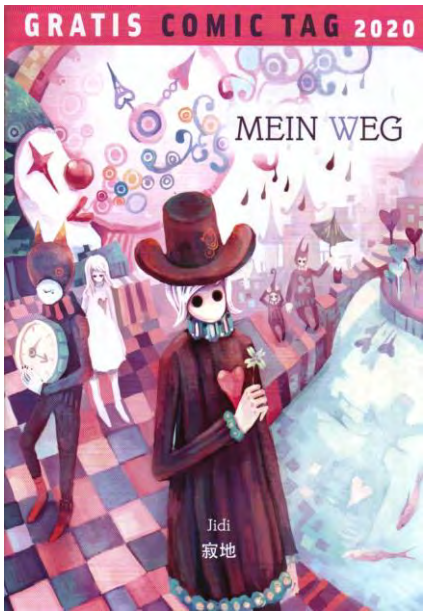
Quem responder (acertadamente, é claro) até o próximo número do **QI**, terá direito a uma dose extra da vacina, do lote produzido na Coreia, que tem quase a mesma qualidade da produzida na China.

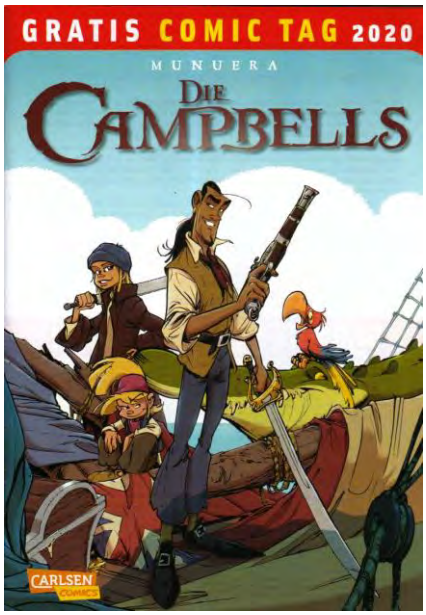
Cartas à redação.

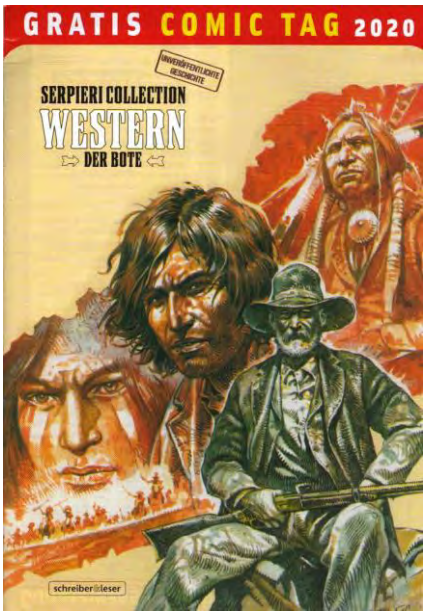
QI 166 (nov/dez/2020)

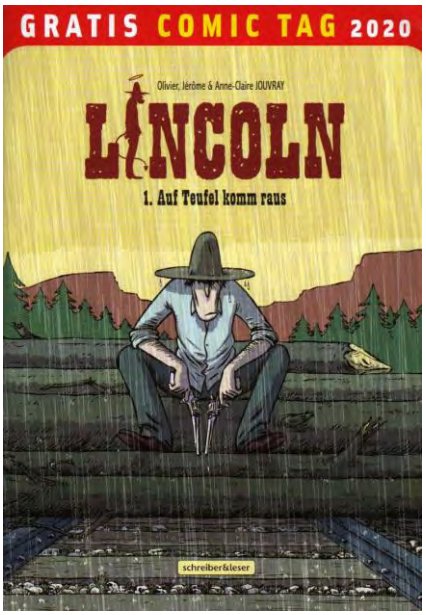
QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além do nº 20 de **Pure Fruit**, meia dúzia de revistas da "Gratis Comic Tag" realizada em maio de 2020. Como já foi dito várias vezes aqui nesse espaço, este é um evento em que várias editoras alemãs produzem revistas/álbuns gratuitos com material de seus catálogos, para divulgar seus produtos. São revistas muito bem produzidas e na maioria das vezes trazem material correspondente a álbuns inteiros de cada série. Essa edição do evento contou com 34 revistas diferentes de cerca de 20 editoras, com os temas mais variados, de super-heróis a mangás, de Disney a clássicos europeus. Comento as 6 revistas que recebi. O álbum de fantasia **Mein Weg**, da autora chinesa Jidi, traz quadrinhos pintados e temática meio insólita. **Die Klingen der Wächter** parece mangá, os personagens parecem japoneses, mas o autor Xu Xianzhe parece chinês. **Ash – Austrian Superheroes** é uma série com mais de 20 edições, traz histórias curtas em estilos variados com os super-heróis austríacos. **Die Campbells**, de Munuera, é uma boa surpresa, uma série muito bem desenhada, com histórias originais, enfocando uma família de piratas. **Western** traz uma amostra da Serpieri Collection, uma coleção com trabalhos de Serpieri com a temática faroeste. Parece do começo de carreira do autor, mas muito bem desenhado. **Lincoln**, de Olivier, Jérôme e Anne-Claire Jouvray, é outra boa surpresa. Um faroeste violento, com traço caricatural e uma temática sobrenatural.









QI 166 (nov/dez/2020)

FUÇANDO À TOA

A editora Fantagraphics lançou no fim de 2020 (com data de janeiro de 2021) o volume 23 (embora os 4 primeiros ainda não tenham sido publicados) de *The Complete Carl Barks Disney Library* com o título **Donald Duck – Under the Polar Ice**. Uma edição muito bem feita, mas logo nas primeiras páginas uma nota chamou a atenção. Dizia: "O trabalho de arte nestas histórias está reproduzido aqui integralmente, como criado em 1959-1960. Alguns diálogos foram modificados." Homessagora! Ultimamente os editores norte-americanos, para não ofender os leitores sensíveis, se desmancham em desculpas prévias, avisando que o material é de uma era em que as pessoas não eram civilizadas, mas por motivos históricos e de respeito aos autores, publicam tudo sem alterações. E a Fantagraphics fez isso até o volume anterior. Mas nesse 23 mudou a política. E logo nas primeiras páginas já se vê a primeira alteração. Não se deram ao trabalho de mudar o texto usando o mesmo tipo de letra original. Puseram lá uma fonte que julgaram que passaria despercebida. Não passou. Fiquei curioso para saber o que havia de tão ofensivo no diálogo original, escrito por Barks. Tenho vários álbuns da Gladstone da década de 1980, com essas histórias de Barks, mas nenhum com as histórias desse livro da Fantagraphics. Olhei então na coleção que a editora Abril fez compilando todas as histórias de Barks. Como teria sido a tradução das ofensas de Barks? A Abril teria feito aqui as desejadas correções? A seguir apenas um exemplo para comparação. Logo a editora Panini deve publicar esse livro. Qual será a política dela?

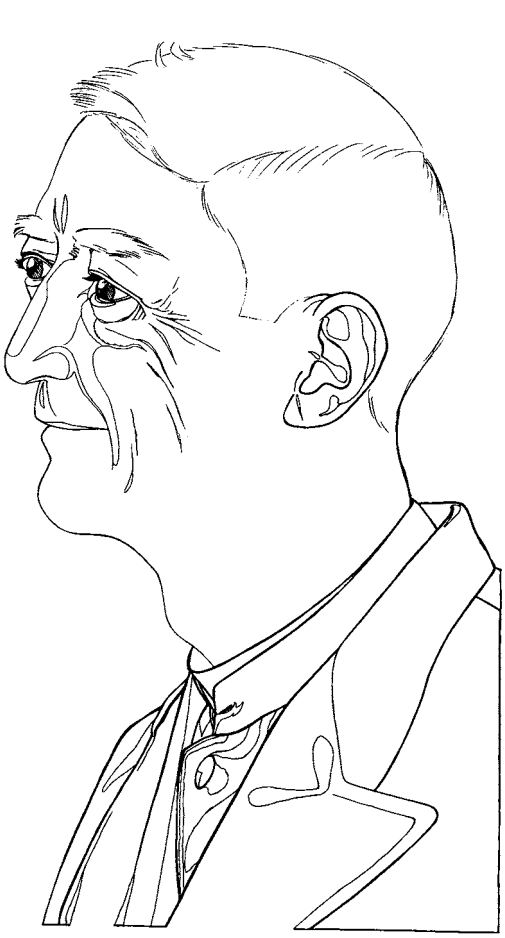
A editora Panini está publicando material da editora Bonelli e não demorou muito para chegar no Tex. Saiu o primeiro volume da *Biblioteca Tex*, com uma história feita para a série normal em preto e branco, publicada em 2010. No livro da Panini, a história *Os Justiceiros de Vegas* saiu colorida. Provavelmente a colorização foi feita na própria Bonelli. Mas o colorista deu uma pequena derrapada. Num quadro em que Tex está com os olhos cerrados, o colorista pensou que a "papada" inferior dos olhos fosse o olho e que o desenhista tivesse esquecido de desenhá-lo e tratou de fazer a correção, colocando os olhos apenas na cor, sem o traço a nanquim. Abre o olho, Tex!

Por fim, um quadro de uma aventura de *The Phantom* de 1953, desenhada por Winsor McCoy, republicada recentemente em livro da editora norte-americana Hermes Press. Nada de mais, veja apenas a mãozinha do sujeito correndo.

QI 166 (nov/dez/2020)

PADRE QUINZINHO

Abaixo, retratos que fiz em 1978. O retratado é o Monsenhor Joaquim de Oliveira Noronha, conhecido como Padre Quinzinho, pároco que fez sua história aqui em Brazópolis, onde até hoje é motivo de devoção. Há um movimento para sua beatificação. Os retratos foram feitos no maior tamanho de papel que eu tinha na época. O que me deu o maior trabalho, agora, para escanear. O da direita foi feito a lápis obtendo o meio tom na raça. Notem os quadros envolvendo o retrato. Eu pretendia fazer uma História em Quadrinhos em volta? Sim. No desenho à esquerda, finalizado a nanquim, tentei estilizar a figura, como foi moda na década de 1960. Um Quinzinho psicodélico? Sim.



QI 166 (nov/dez/2020)

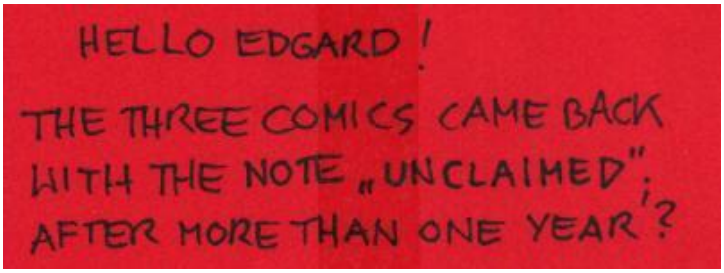
ENCARTE DIGITAL DESTE QI

Há algum tempo, o Carlos Gonçalves me enviou um texto para fazer um encarte sobre alguns brindes que a Ebal deu aos seus leitores junto com os Almanaques publicados em 1970 e 1971. Foram os Cartões de Identidade dos Heróis e os Cartões Postais ou Cartões dos Heróis. Um material muito bom, mas havia dois poréns. Em primeiro lugar, não havia as imagens de todos os cartões, principalmente dos Cartões Postais. Em segundo lugar, eu estava relutante em fazer um encarte impresso no formato normal (meio ofício) com as imagens dos cartões reduzidas e em preto e branco. E fazer um encarte impresso colorido e com os cartões no tamanho natural estava fora de cogitação.

Nesse meio tempo, conseguimos praticamente todos os cartões que faltavam e tomei a iniciativa de fazer encartes somente digitais para o **QI**. Com essas novas condições, me debrucei sobre o material para fazer um encarte digital sobre os Brindes da Ebal. Mas uma coisa puxa a outra e resolvi olhar que outros brindes a Ebal havia oferecido. Havia uma quantidade bastante grande de brindes e não seria possível abordar todos, mas poderia dar uma visão geral do assunto. Só que aí o encarte começou a ficar muito grande. Decidi dividi-lo em uma coleção chamada *Brindes das Revistas da Ebal*. O primeiro volume, dedicado aos Cartões de Identidade dos Heróis, está pronto e disponível em PDF junto com este **QI** no sítio Marca de Fantasia.

QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou 3 edições. A primeira é um álbum do personagem Tony Stark, de autoria de Aidans, publicado pela Ehapa Verlag em 1982. O formato típico de álbum franco-belga, capa cartonada, boa impressão, 46 páginas de aventura bem escrita e desenhada. As outras duas são os números 238 e 239 da revista **Die Sprech Blase**, ambas de 2018. Uma revista toda colorida, impressão excelente, muita imagem, capas de revistas e livros, tratando de quadrinhos e temas relacionados. O primeiro número deu destaque ao autor Edouard Aidans, criador de várias séries de sucesso, entre elas, Tunga; o segundo número deu grande destaque a Steve Ditko dedicando-lhe quase metade de suas 100 páginas.



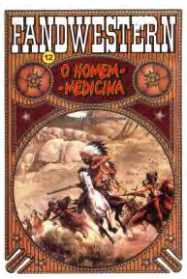
A nota curiosa foi o bilhete de Gerd anexado às edições.

Gerd enviou essas edições em 14/12/2019. Um ano depois recebeu o pacote de volta, com os dizeres "Não Reclamado" (?). Aí ele enviou de novo e eu recebi. Agora, ESTOU RECLAMANDO!!!, só para satisfazer os correios. Esse limbo de um ano, adivinhem se foi cortesia do correio alemão ou do brasileiro.

Carlos Gonçalves enviou um pacote de edições independentes portuguesas. As primeiras três são os nºs 149, 152 e 153 do **Boletim do Clube Português de Banda Desenhada**, o mais recente de janeiro de 2021. Já há algum tempo que o **Boletim** se tornou uma edição muito bem cuidada, tanto no conteúdo quanto no formato, um bom número de páginas, com muita ilustração colorida e ensaios muito bons. O nº 149 traz a continuação do estudo sobre a Ficção Científica na BD publicada em Portugal, autoria de Jorge Magalhães, e um longo texto de Paulo Duarte sobre Enrico Bagnoli. O nº 152 tem como matéria principal o artigo „As Mulheres da Selva" de Carlos Gonçalves, que saiu como encarte do **QI**. Acompanham matérias sobre José Garcês e Os Clones de Tarzan. O nº 153 comemora os 60 anos do episódio histórico O Assalto ao Navio Santa Maria, com algumas quadrinhizações feitas do episódio.

Em 2002, Geraldes Lino editou um álbum em formato deitado com as **Novas "Fitas" de Juca & Zeca**, em homenagem à série „As "Fitas" de Juca & Zeca", publicadas no jornal **O Século** entre 1920 e 1922, de autoria de Belmiro e Rocha Vieira. O novo álbum, no entanto, não trouxe as tiras originais, mas sim novas aventuras, feitas por 21 autores portugueses em atividade no início do século XXI.

Era Uma Vez era uma publicação de resgate de antigas BDs publicadas em Portugal, editado por A. J. Ferreira. Este nº 14, de maio de 2003, apresenta aventuras de „O Capitão Bill, o Grumete Bell e o Cozinheiro Ball", versão da tira inglesa „The Captain the Kid and the Cook". O nº 12 de **Fandwestern**, publicado por José Vilela em junho de 2004, traz a BD „O Homem-Medicina" e outra BDs de western desenhadas por Serpieri. **Cidades de Papel** é um folheto-catálogo da exposição „Separatas e Construções de Armar", realizada no 2º semestre de 2020, na Biblioteca Nacional de Portugal.

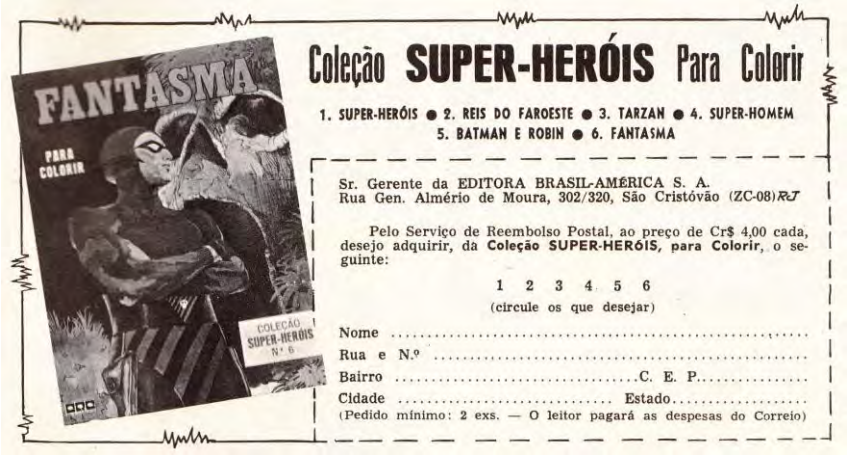


QI 167 (jan/fev/2021)

FUÇADINHA

Meu interesse como colecionador sempre foi exclusivamente por edições de Histórias em Quadrinhos. Mas a gente acaba adquirindo alguns outros produtos com alguma relação com as HQs. Assim acabei comprando alguns números da **Coleção Super-Heróis Para Colorir**, da Ebal, mesmo sem qualquer interesse por revistas de colorir. Uma vez com alguns números, veio a tentação de completar a coleção. Os números 1 (**Super-Heróis**), 3 (**Tarzan**), 4 (**Super-Homem**) e 5 (**Batman e Robin**) foram encontrados facilmente e estão sempre em oferta. Mas nunca encontrava o nº 2. Pelos anúncios da coleção em revistas da Ebal dava para saber o título desse número 2: **Reis do Faroeste**. Só recentemente consegui adquirir esse número de um colecionador, digamos, eufórico. Ou seja, o exemplar não era mais em preto e branco. E também descobri nos anúncios que havia um outro exemplar de nº 2, chamado **Tri-Campeão: Brasil**, publicado depois. Ora, por que lançar outra revista com o mesmo número de uma já existente. E pelo anúncio se vê que ela foi colocada substituindo a **Reis do Faroeste**. Não seria mais fácil simplesmente continuar a numeração da coleção?

Por falar em continuar a numeração da coleção, outro anúncio em outras revistas mostraram que a Ebal pretendeu continuar a coleção anunciando o nº 6 com o **Fantasma**. Mas aí vem a dúvida. Embora anunciada, será que esta edição foi mesmo publicada? O site GuiaEbal mostra essa capa como sendo o volume 6 da coleção, mas não a mostra colorida e com boa resolução. Ou seja, não foi escaneada de uma revista real. A imagem é em preto e branco e de baixa resolução, como se escaneada de um anúncio publicado numa revista qualquer da Ebal. Como eu fiz logo aí abaixo. O Fantasma era um personagem cujos direitos de publicação de revistas de quadrinhos pertencia à RGE. Mas a RGE não tinha os direitos do personagem para qualquer tipo de publicação. O direito para publicar Fantasma em álbuns e livros era, pelo menos durante algum tempo, da Ebal. Tanto que publicou uma coleção, **Álbum do Fantasma**, com 5 volumes, entre 1979 e 1980. E tinha os direitos para publicar o livro com capa dura **Fantasma – Casamento e Lua-de-Mel**, mas cedeu os direitos para que a RGE o publicasse. Talvez a Ebal achasse que tinha os direitos para álbuns de colorir com o personagem Fantasma. Produziu, anunciou e, em algum momento, viu que a realidade era outra. Tudo isso é só conjectura minha. Quem tiver essa edição, pode me desmentir, mas mande muitas fotos, que eu sou desconfiado de tudo.



QI 167 (jan/fev/2021)

FUÇANDO À TOA

Este quadrinho foi publicado no livro lançado recentemente pela editora Salvat, o volume 55 da **Coleção Tex Gold**, com a história *O Longo Braço da Lei*, com desenhos de José Ortiz. Na cena, Tex está chegando à delegacia da cidade e desmontando de seu cavalo. Mas olhem só qual perna está no estribo. Será que Tex veio montado virado para trás?

Olhando minha coleção de revistas da Ebal, procurando outras coisas, reparei nessa capa da revista **Super-X** nº 17, de janeiro de 1969, com os super-heróis Príncipe Submarino e Incrível Hulk. Na capa, o Surfista Prateado e o interessante é o nome que a Ebal deu a ele, "O Acrobata do Cosmo". O Surfista já havia aparecido na última página do número anterior, de dezembro de 1968, e se apresentou como "Homem de Prata". E com a chamada: "Duelo empolgante entre o desconhecido e Hulk no próximo número". Essa aparição do Surfista foi numa história do Hulk, e não foi a estreia do personagem nos EUA, onde apareceu em aventuras do Quarteto Fantástico, como o arauto de Galactus. Mas parece ser a estreia no Brasil. Pouco depois, ainda em 1969, a GEP – Gráfica Editora Penteado publicou o personagem em revista própria (ainda que esporádica e com numeração confusa dentro da coleção Edições GEP) com o nome Surfista Prateado. Por que a Ebal não fez a tradução literal do nome Silver Surfer? Será que no final de 1968 a GEP já havia registrado o nome Surfista Prateado como nome de revista? E por que a própria Ebal mudou o nome dado ao personagem entre um número da revista e o seguinte? Quem sabe o que se passa numa redação de revistas de Histórias em Quadrinhos!

Lendo um artigo de Jorge Magalhães sobre revistas de quadrinhos de Ficção Científica publicadas em Portugal, deparei-me com uma informação inusitada. A de que havia sido publicada na revista **Selecções de Mundo de Aventuras** uma história de FC feita por autor brasileiro. E um nome totalmente desconhecido para mim. Tentei obter a revista e consegui. Trata-se do nº 121 de **Selecções de Mundo de Aventuras**, com data de 10/4/1971, um número chamado "Especial da Páscoa" com 88 páginas, mais do que o usual. A história se chama *Kosmon, O Rei do Espaço Cósmico*, e é de autoria de Newton F. Coutinho, apresentado como um desenhador brasileiro que pela primeira vez trabalha para Portugal. Não tenho nenhuma informação sobre este autor e nunca vi trabalho dele publicado no Brasil. Tem um desenho muito acima da média e grande capacidade de trabalho, pois esta HQ tem nada menos que 78 páginas. A temática segue de perto o Flash Gordon, tanto o de Dan Barry em seu início com mais atenção aos detalhes técnicos e maior verossimilhança, quanto o de Alex Raymond, mais fantasioso, com monstros e seres de outro planeta. Mas tanto a temática quanto o traço do desenho também remete às histórias de Ficção Científica inglesas bastante publicadas no Brasil, principalmente em **Misterinho** da Ebal. A história é muito irregular, segue muitos clichês como a existência de um planeta do outro lado da lua ou a presença de um tirano tentando dominar o planeta e o universo. Há bons momentos na história, mas também algumas passagens bem constrangedoras. Não deixa, no entanto, de ser um trabalho a ser visto e conhecido, de um artista que aparentemente não seguiu a carreira de quadrinhista. A ilustração da capa não tem assinatura, mas é provável que seja de algum artista da editora.

QI 167 (jan/fev/2021)

OLHAÍ AS DO EUZÉBIO!

No número anterior lancei o desafio ao leitor para ver quem conhecia alguma HQ de Antônio Euzébio publicada pela Ebal. Na *Conversa do Redator* publicada no nº 6 da revista **Poderoso Especial** (dezembro/1972), entre um elogio e outro às capas do desenhista para a Ebal, o Redator emendou: "Antônio Euzébio, certa vez, resolveu desenhar histórias-em-quadrinhos – e ilustrou uma **Série Sagrada**, a que conta a história de Nossa Senhora Aparecida; um primor de desenho, uma gostosura de traço, uma maravilha de páginas saídas do pincel do Euzébio."

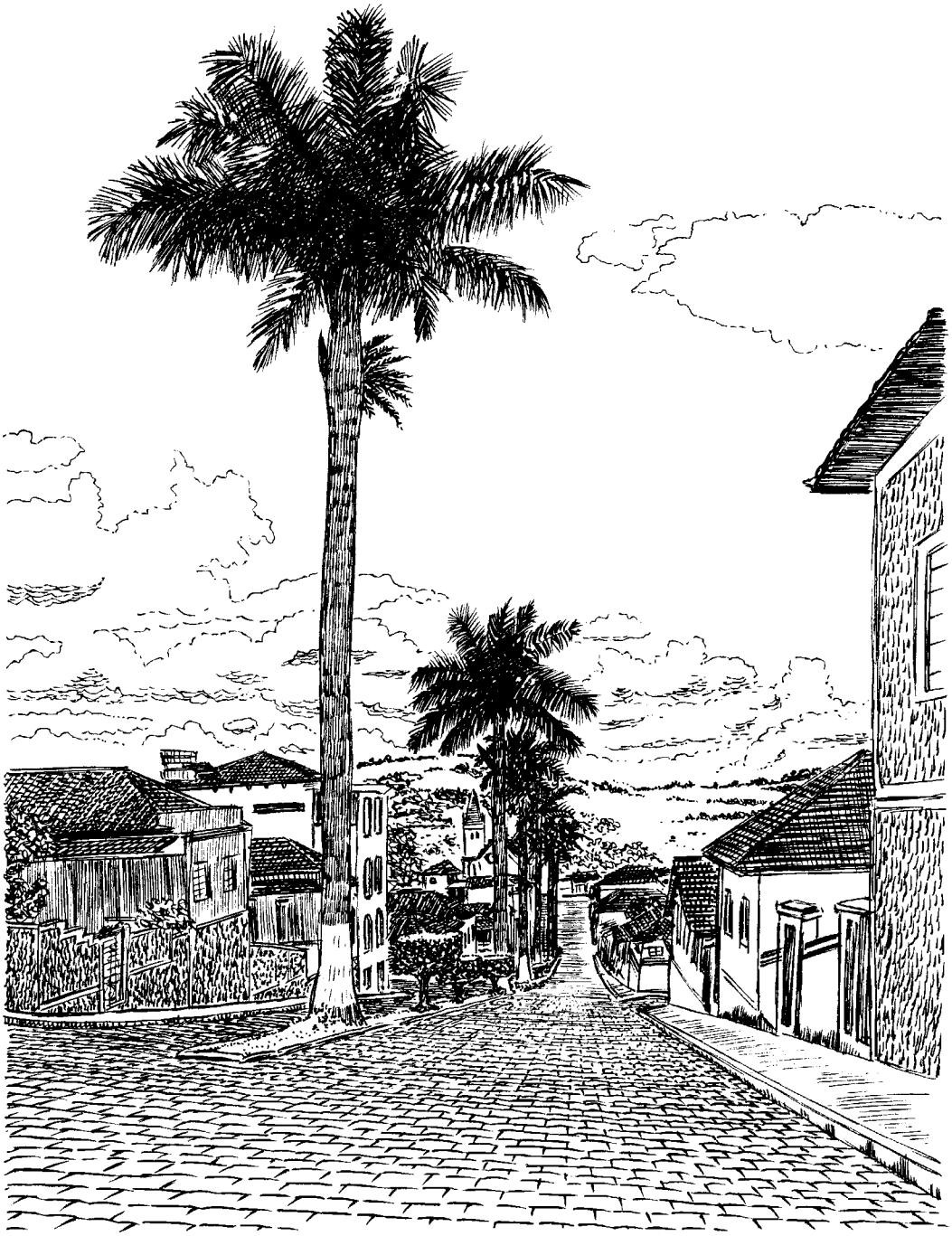
Está aí a resposta. Antônio Euzébio fez, segundo se pôde entender, por iniciativa dele, a *História de Nossa Senhora Aparecida*, publicada no nº 22 da revista **Série Sagrada**, em junho de 1955. Depois, a **Serie Sagrada** teve uma reedição entre final da década de 1960 e início de 1970, com 24 números, sendo a *História de Nossa Senhora Aparecida* republicada no nº 2.

Mas a história não acaba aí. A Ebal, durante sua existência, fez várias edições sob encomenda, às vezes para lojas, às vezes para instituições, as famosas revistas com os heróis Marvel feitas para os Postos Shell, e até um suplemento em quadrinhos para jornal. De modo geral, usava material pronto, que ela já havia publicado em suas revistas. Mas também usava material inédito, feito exclusivamente para as edições. As duas capas mostradas abaixo receberam até o nome **Edição Especial da Revista Quadrinhos**, como se fosse uma publicação da Ebal, mas na verdade foram feitas sob encomenda para a Indústria de Refrigeração Consul. A primeira, **Leão Marinho – A Guerra de Kentróia**, foi publicada em 1970 e no expediente diz que toda a criação e produção do material foi feita pela JP&S Assessoria, na certa uma agência de propaganda. A segunda, **Leão Marinho – Super Consul contra os Agentes do M.I.C.O.F.**, saiu em 1972 com produção da mesma JP&S. Nessa segunda, no entanto, há o crédito dos autores, texto de Fernando José e desenhos de Antonio Euzébio. Embora na primeira edição não haja crédito do desenhista, certamente é trabalho de Antonio Euzébio, pois tem o mesmo estilo e qualidade da segunda. E são dois trabalhos de muito boa qualidade artística, com Euzébio trabalhando num estilo muito diferente do que o consagrou nas capas da Ebal. Aparentemente, Antonio Euzébio não fez outras incursões pela senda dos Quadrinhos, mas... quem sabe?

QI 167 (jan/fev/2021)

HORROR AO VÁCUO

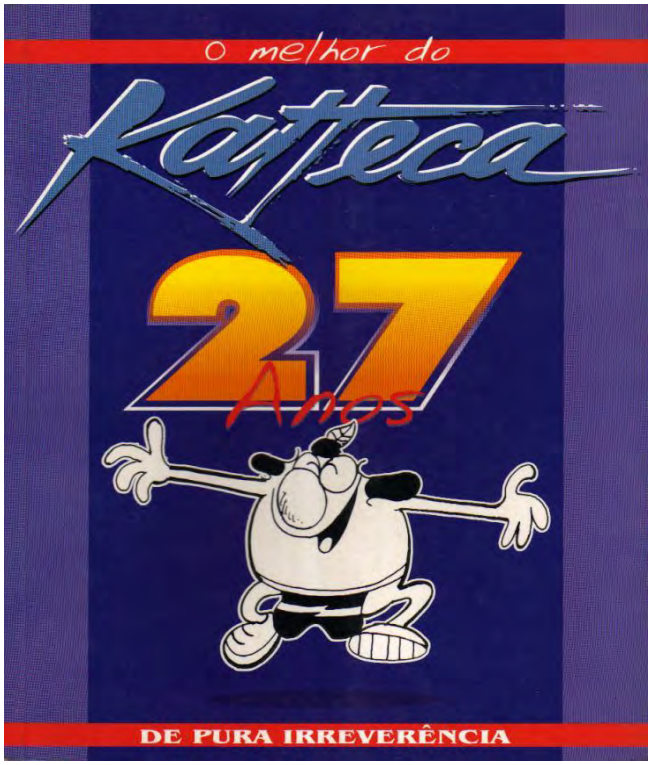
Em 2008, comecei a organizar, em parceria com minha mãe, Isa de Faria Guimarães, um livro dedicado aos Escritores de Brazópolis, que teve justamente, e não por acaso, este título. O livro teve 6 capítulos, cada um começando com uma folha de rosto, em página ímpar, com o número do capítulo e seu nome. O corpo do capítulo começava na página ímpar seguinte, o que deixou a questão de o que fazer com a página par anterior, o verso da página de rosto. Sempre considerei incompetência do editor ou editora fazer um livro com páginas em branco. Não é raro livros trazerem várias páginas em branco no final. Como o livro é composto de cadernos (digamos, de 16 páginas cada), poderia ocorrer de o texto do livro acabar justamente na primeira página de um caderno, ficando as 15 restantes sobrando. Ora, quem faça a diagramação do livro que dê um jeito de espalhar o conteúdo do livro num número inteiro de cadernos, sem sobra de folhas em branco. Assim, com esse pensamento, não iria deixar as páginas de rosto dos capítulos do livro **Escritores de Brazópolis** com o verso em branco. Decidi colocar ilustrações minhas que retratassem locais de Brazópolis. Três ilustrações eu já tinha prontas, feitas por outros motivos. Aí tive que fazer mais três inéditas, para esse fim. Duas delas já foram usadas como capas de **QI**s anteriores. Agora uso a outra como contracapa.



NOTINHAS

No **QI** anterior, Luigi Rocco mencionou a tira “Os Colonizadores”, de Joe Escourido. Por acaso, acabei encontrando algumas tiras dessa série nas revistas **Jim das Selvas** nº 2 e **Nick Holmes** nºs 1 e 3, ambas publicadas pela editora Trieste em 1972.

Também no **QI** anterior, Paulo Joubert Alves mencionou o autor da tira Katteka, João Luiz Brito de Oliveira. O autor, assinando Britvs, foi um dos selecionados no Concurso realizado pelo **Gibi Semanal** em 1975, mas publicou apenas algumas tiras.



QI 168 (mar/abr/2021)

FÓQUIBÉRI

O Luiz Antônio Sampaio me enviou uma cópia de uma página de roteiro de „The Phantom“ escrita por Lee Falk e a correspondente página desenhada por Sy Barry (e seus assistentes). Trata-se da página dominical de 14 de julho de 1985. E Sampaio acrescenta os comentários: “Curioso ver a forma simples de Falk na elaboração dos roteiros. E o perfeito “ajuste” entre ele e Barry. Percebe-se que Falk não era muito cuidadoso ao escrever, pois precisou de muitas correções.”

Em cima dessa página e com a ajuda das observações de Sampaio, vou fazer alguns comentários.

Lee Falk, todas as biografias e entrevistas suas atestam, pretendia em sua juventude ser dramaturgo. As circunstâncias o levaram a criar dois dos principais personagens das Histórias em Quadrinhos norte-americanas para jornais, Mandrake em 1934 e The Phantom em 1936, e a escrever seus roteiros durante décadas, até praticamente sua morte em 1999. Mas Falk não abandonou seu objetivo inicial, durante os mais de 60 anos em que escreveu suas duas séries de quadrinhos, também escreveu mais de uma dezena de peças de teatro, além de produzir e dirigir centenas de montagens.

Embora com tanta dedicação assim ao teatro, aparentemente Falk não negligenciou sua atividade como roteirista de quadrinhos, que devia ser sua principal fonte de renda. Mas, pelo que se vê, era extremamente prático na redação dos roteiros. Com a ideia da página (ou tira) na cabeça, já ia datilografando tudo, sem rascunho prévio, do jeito que enviaria ao desenhista. Antes, porém, fazia a revisão e corrigia na própria folha, manualmente. Se, por um lado, o roteiro parece meio desleixado, por outro lado, seu roteiro era bem completo, continha todos os dados para o desenhista. Especificava cada quadrinho com descrição da cena, os diálogos dos balões e, quando havia, os textos das legendas. Nisso, não economizava tempo. Não era como o outro Lee, que fazia um plot de meia página para uma história de 20 páginas, nem sempre escrevendo, muitas vezes simplesmente falando para o desenhista, e este que se virava desenvolvendo a história e, de fato, quadrinizando.

Como se observa pelos dois exemplos abaixo, Sy Barry seguia à risca, tanto quanto possível, o roteiro de Falk. Todos os balões de diálogos eram colocados exatamente como Falk os havia escrito. Nos desenhos, no entanto, Barry fazia algumas modificações, de acordo com o que achava necessário. No primeiro quadro abaixo, Falk descreve a cena com os pigmeus ao fundo, junto ao castelo, mas Barry achou melhor colocá-los em primeiro plano. Talvez ficassem muito pequenos (sem piada) ao fundo. No segundo quadro, Falk descreve a cena com os filhos do Fantasma dentro do carro, no banco de trás e no colo das enfermeiras. No desenho, Barry não encontrou espaço para desenhar as enfermeiras.

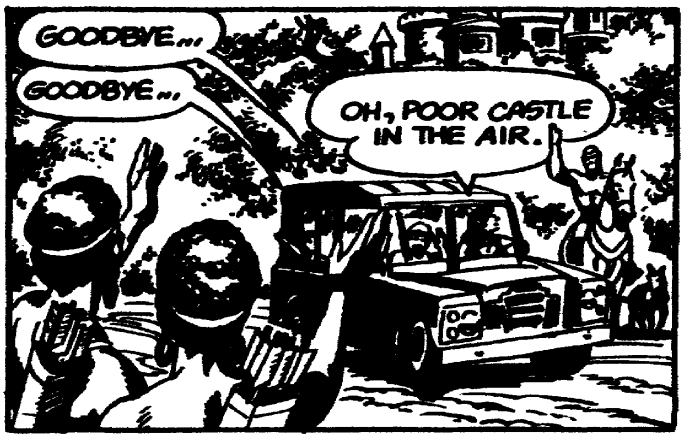
Isso leva a uma constatação. Em 1985, após cerca de 50 anos escrevendo roteiros para quadrinhos, Falk ainda não tinha uma ideia boa de como ficaria uma cena desenhada. Assim, descrevia cenas com mais detalhes do que caberia em um quadrinho. Também é preciso levar em conta que, em 1985, o espaço para as páginas e tiras nos jornais era bem menor do que no início de carreira de Falk em 1934. No primeiro quadro praticamente não se vê o castelo e o segundo quadro mostra bem como os balões estão sobrecarregando o visual.

Mas é bom ver que Lee Falk não abandonou suas criações, não delegou a tarefa a ghosts e não desistiu de fazer os roteiros mesmo quando o veículo dos jornais não era mais apropriado às séries de aventuras com traço realista.

1. SCENE: PHANTOM ON HERO. DEVIL AT HIS SIDE. ~~DEVIL~~ Diane DRIVING REX AT HER SIDE WITH RIFLE. KIDS SITTING ON LAPS ON NURSES IN BACK SEAT. THEY ARE WAVING ~~XXXX~~ GOODBYE TO THE PYGMIES WHO STAND IN BACKGROUND BY THE DAMAGED CASTLE IN THE AIR.

ALL: GOODBWE,.GOODBYE...

DIANA: OH..POOR CASTLE IN THE AIR...



~~XXXXXXXXX~~

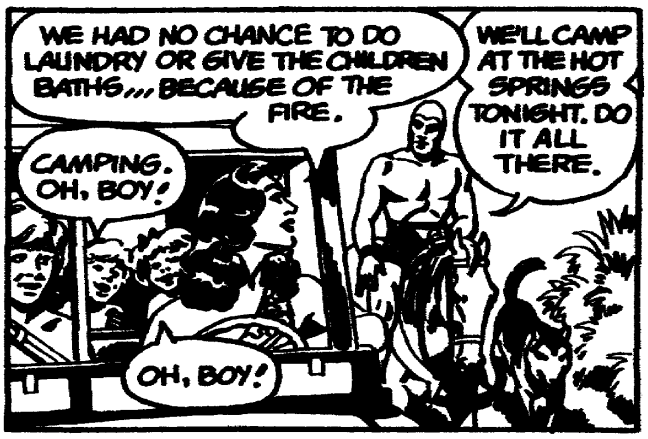
2. SCENE: PHANTOM RIDING ON HERO ALONGSIE DIANA AS SHE DRIVES..

DIANA: WE HAD NO CHANCE TO DO LAUNDRY OR GIVE THE CHILDREN BATHS..BECAUSE OF THE FIRE.

PHANTOM: WE'LL CAMP AT THE HOT SPRINGS EONIGHT. DO IT ALL THERE.

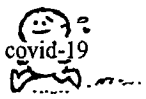
KIT: CAMPING. OH BOY!

HELOISE: OH BOY!



QI 168 (mar/abr/2021)

DESMASCARADOS



Sem querer menosprezar a gravidade da pandemia de convid-19, com a tragédia diária e persistente de milhares e milhares de mortes, além do desastre nas áreas social e econômica, vou tratar de um efeito colateral que diz respeito a todos que na infância se deliciaram com as aventuras de centenas de heróis mascarados. Entre tantas liberdades propostas pelos criadores das histórias, como o revólver que não precisa recarregar, a cavalaria que chega na hora, os cavalos e cachorros mais espertos que os bandidos, nós, com toda a boa vontade, aceitávamos que o herói que colocasse uma máscara no rosto não seria reconhecido por ninguém, mantendo sua identidade secreta para, com toda a tranquilidade, combater a vilania.

Ora, por conta da pandemia, todos nós, com alguma consciência, nos obrigamos a colocar máscaras para protegermos, a nós e aos outros, do contágio do vírus e consequente disseminação da doença. Assim, as ruas e ambientes públicos foram tomados por uma multidão de mascarados e, pela lógica aprendida na infância, todos com suas identidades preservadas. Qual não é minha surpresa ao constatar que, andando pelas ruas, todos, que me conhecem, me reconhecem, me cumprimentam me tratando pelo nome. Não há dúvida, todos esses sabem quem eu sou debaixo da máscara.

Mas, então... QUE ENGANAÇÃO!!! Todos esses heróis (e também bandidos) que colocavam uma máscara na cara crentes que estavam com a identidade protegida... não estavam. Todo mundo sabia quem eles eram, mas não falavam nada. E os coitados pagando esse mico. Aposto que, eles virando as costas depois do dever cumprido, a turma caía na risada! – "Olha lá o fulano com aquele paninho na cara!!!" – "E o sicrano, vai dar a volta e entrar em casa pelos fundos, como se a gente não soubesse onde ele mora!!" – SACANAGEM!!!

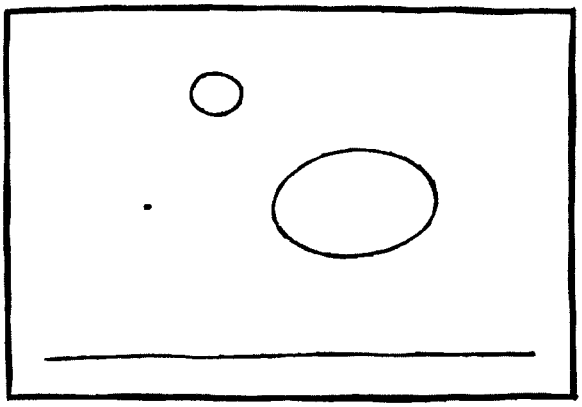
Agora é só esperar a próxima pandemia, que, segundo a Organização Mundial de Saúde, vai atacar os olhos ("podendo levar à cegueira e até ao óbito!") e nós sermos obrigados a usar máscaras nos olhos para protegermos, a nós e aos outros, do contágio do vírus e consequente disseminação da doença. Aí vamos constatar que esse outro tipo de herói, que usa máscara (alguns, umas tripinhas) nos olhos, para não ser reconhecido por ninguém, mantendo sua identidade secreta para, com toda a tranquilidade, combater a vilania... TAMBÉM ESTÃO PAGANDO MICO!!!

E nós, leitores e espectadores, na maior boa fé, fomos enrolados também.

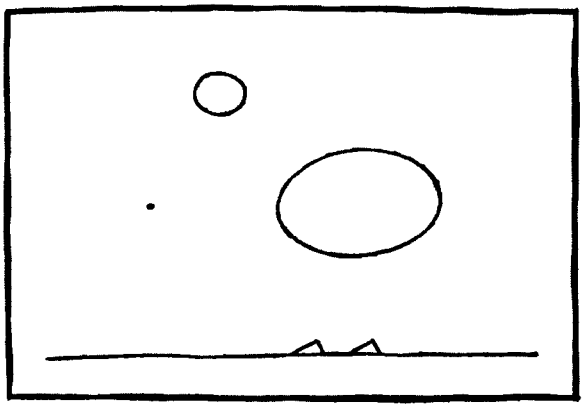
QI 168 (mar/abr/2021)

OS PESCADORES E O BANDIDO

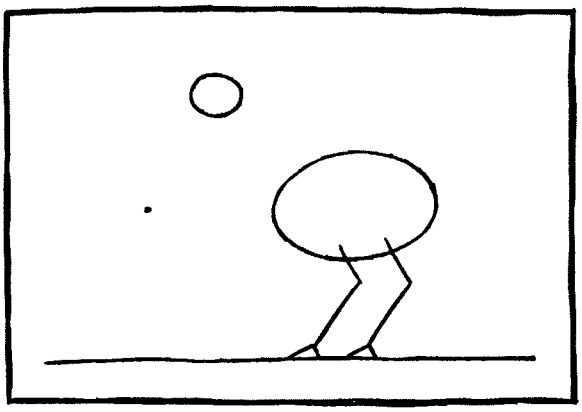
Entre 2008 e 2011, organizei, juntamente com minha mãe, Isa de Faria Guimarães, e com a ajuda da Academia Brazopolense de Letras e História, um livro sobre os Escritores de Brazópolis. O resultado foi um livro de quase 900 páginas onde o cerne foi o conjunto de biografias das pessoas que dedicaram parte da vida à Escrita, tendo alguma relação com a cidade de Brazópolis, ou por serem naturais daqui, ou por terem aqui vividos, ou mesmo por terem alguma afinidade com a ambiente cultural aqui reinante. Mas, embora o termo "escrita" tenha predominado, inclusive no título do livro, **Escritores de Brazópolis**, meu foco foi a "palavra", ou seja, algo bem mais amplo. Assim, pretendi biografar não apenas poetas, contistas, cronistas, aqueles que de fato escrevem, mas também os que falam, os cantores, os oradores e, por que não, os contadores de casos. Nesse particular, não precisei procurar, tive um dentro de casa. Meu pai, Jarbas Guimarães Netto, sempre se destacou entre familiares e amigos, e na sociedade em geral, como um contador de casos (e também de piadas). Tinha talento para o ofício e, onde estava, as pessoas se reuniam à sua volta para ouvir suas histórias. No entanto, esses produtores de literatura oral têm essa desvantagem, a dificuldade de se registrar suas produções. Meu pai nunca teve qualquer intenção de escrever os casos que contava. Eventualmente algum amigo escreveu alguma crônica reproduzindo algum caso contado por ele. E o problema apareceu pois, no livro, junto com as biografias dos autores, achei indispensável colocar também amostras de seus trabalhos. Para o caso de meu pai, como não havia nada escrito por ele, a primeira opção foi colocar a tal crônica, escrita por outra pessoa, lembrando um dos casos contados por meu pai. Mas depois, pensando melhor, achei mais interessante colocar uma história que ele contava para mim quando eu era criança. Era uma história bem peculiar, ela era contada enquanto um desenho ia se formando. Ou seja, uma história oral acompanhada por um desenho que era feito enquanto a história era narrada. Para a publicação no livro, junto à biografia de meu pai, eu produzi a história em quadrinhos a seguir, colocando em vários quadros as várias fases do desenho e nas legendas a narração da história.



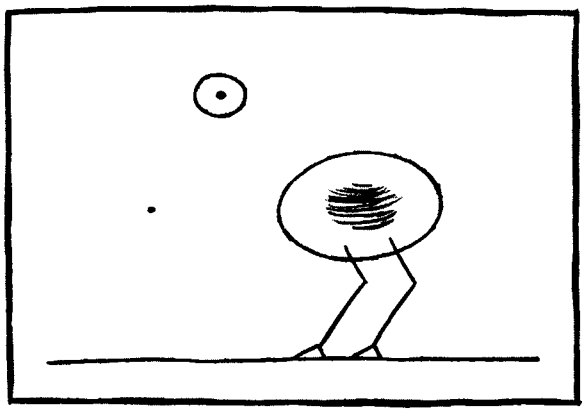
Havia, perto de uma estrada, um lago e uma casa, onde morava um bandido.



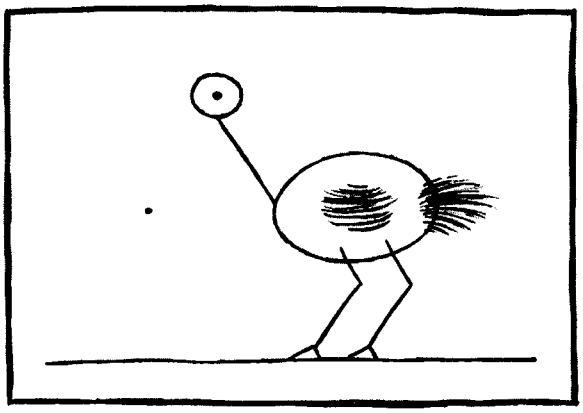
Dois pescadores, passando pela estrada, viram o lago e resolveram pescar.



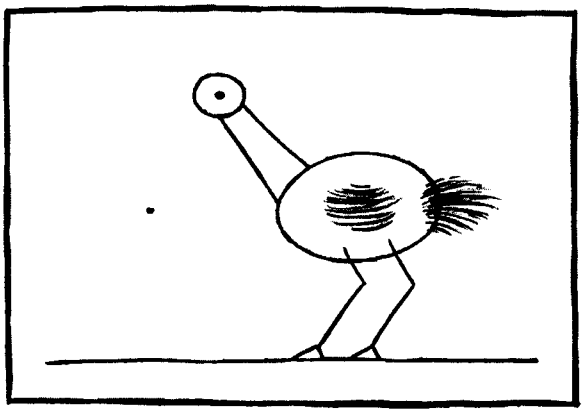
Lançaram suas varas de pesca e logo pegaram um peixe muito grande.



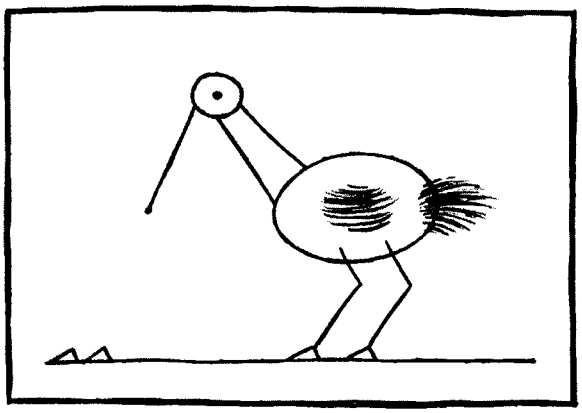
O peixe agitou tanto as águas que o bandido saiu na janela para ver o que acontecia.



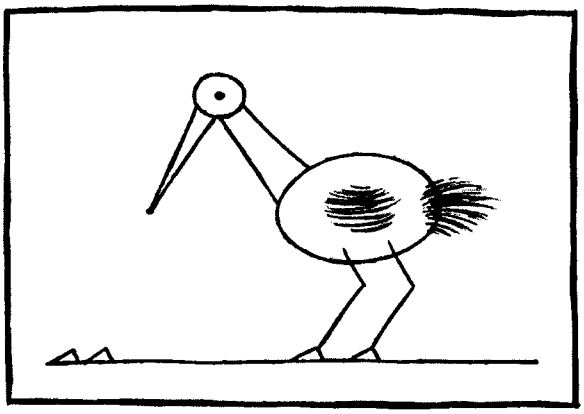
Correu até a beira do lago e viu que a agitação do peixe estava fazendo as águas vazarem para fora.



O bandido ameaçou os pescadores e correu de volta até a casa para pegar sua espingarda.



Os pescadores fugiram, mas o bandido, da janela da casa, atirou neles.



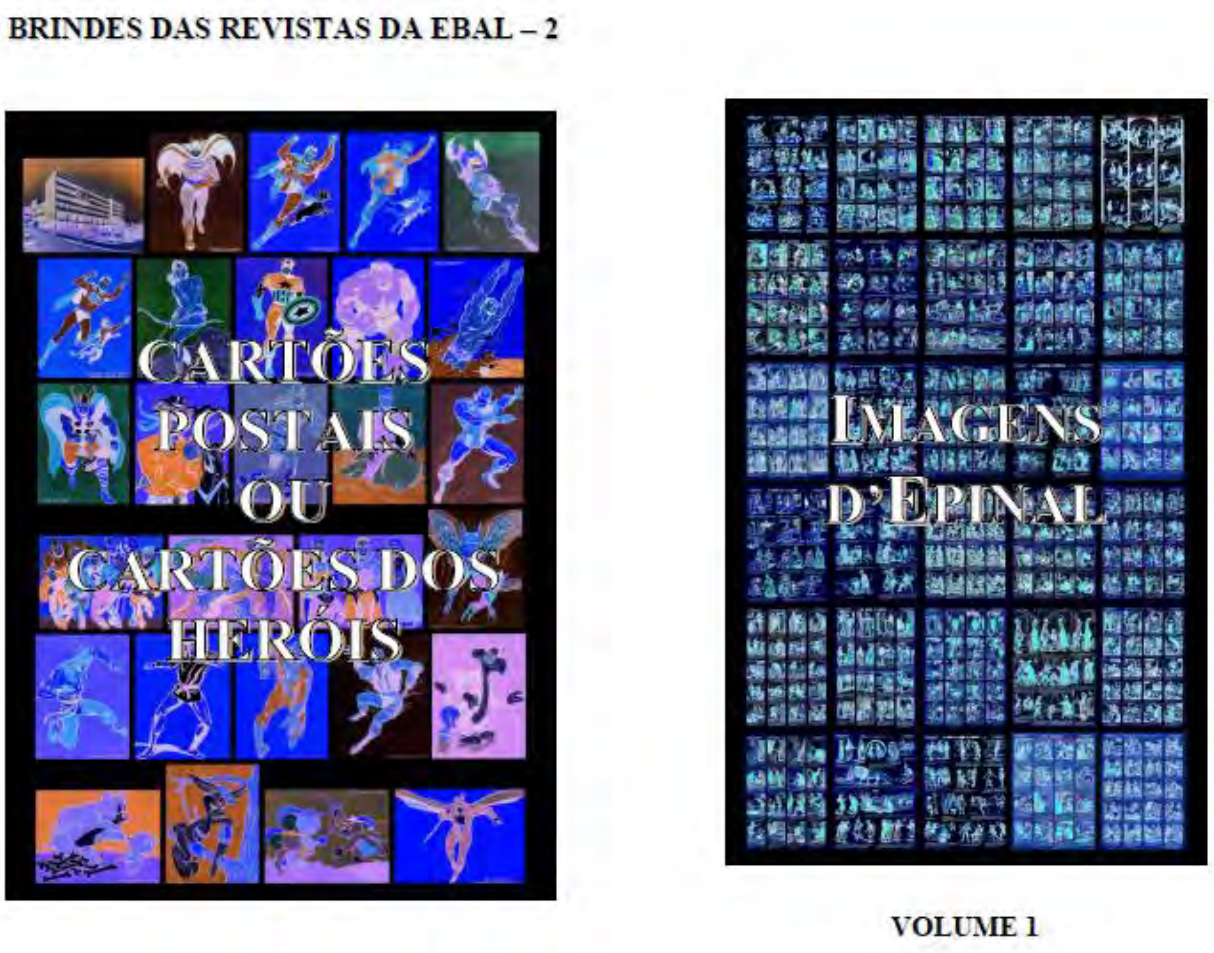
Por sorte, a bala bateu numa pedra, voltou e matou o bandido, livrando a região do malfeitor.

ENCARTES DIGITAIS DESTE QI

Junto com este número do **QI** está sendo oferecido, como prometido, o segundo volume da coleção *Brindes das Revistas da Ebal*, apenas no formato digital em PDF, disponível no sítio Marca de Fantasia. Este volume enfoca os Cartões Postais ou Cartões dos Heróis que a Ebal ofereceu de brinde junto com várias de suas revistas de linha entre março e julho de 1969 e com os Almanaques de 1970.

A ideia de um encarte sobre alguns brindes da Ebal surgiu de texto sobre o assunto enviado por Carlos Gonçalves. Acabou evoluindo para uma coleção de 4 volumes sobre vários brindes da Ebal. Para esse segundo volume, as informações e imagens sobre os Cartões Postais foram complementadas pelo colecionador Pedro Rosa de Oliveira, que também contribuiu com muito material para os próximos volumes.

Mas um encarte digital só é pouco. Novamente graças a matéria e material enviados por Carlos Gonçalves, outra edição em PDF acompanha este **QI**. Trata-se do primeiro volume de um total de dois, compilando as 30 páginas das Imagens d'Epinal publicadas no Brasil e em Portugal por volta de 1910. As Imagens originais francesas foram publicadas às centenas desde o século XIX. Muitas eram gravuras, só ilustrações, outras continham curiosidades, mas muitas delas eram Histórias em Quadrinhos, divididas numa grande variedade de temas. As publicadas no Brasil tinham tamanho A3 e uma qualidade gráfica impressionante. Confiram.



QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além do nº 21 de **Pure Fruit**, 5 volumes da coleção alemã de **Luc Orient**, publicada pela editora Bastei na década de 1980. Álbuns com capa cartonada e ótima qualidade gráfica. *Luc Orient* é uma ótima série de ficção científica belga escrita por Greg e desenhada por Eddy Paape, que estreou na revista **Tintin** belga em 1967 e teve 18 álbuns entre 1969 e 1994. No Brasil, infelizmente teve apenas a aventura do terceiro álbum publicada, primeiro na revista **Tintin** brasileira da editora Bruguera, em 1968, entre os números 17 e 26, com o nome *O Senhor de Terango*. Depois foi publicada em álbum pela editora Hemus, em 1972, com o nome *O Ditador de Terango*, no volume 2 da coleção *Favoritos de Tintin*. Foi incluído no encalhe de luxo em capa dura **Favoritos de Tintin**. Teve ainda uma aventura curta (12 páginas) chamada *Os Espórios de Parte Nenhuma* publicada em **Seleções Tintin** nº 2, também da Hemus.

Em Portugal, esta série teve vida melhor. Embora tenha pulado as duas primeiras aventuras, a revista **Tintin** portuguesa publicou em capítulos as aventuras do 3º ao 14º álbuns, ainda que fora de ordem e com a 10ª aventura incompleta devido ao fim da revista. Também fora de ordem, a editora Bertrand publicou em forma de álbum com capa dura as aventuras do 3º, 6º e 9º álbuns entre 1974 e 1977. As duas primeiras aventuras só foram publicadas em Portugal em 2009, no primeiro volume da **Coleção Clássicos da Revista Tintin**, pela editora Asa e o jornal Público. A aventura curta *Os Esporos Misteriosos* também foi publicada em Portugal na revista **Selecções de Mundo de Aventuras** nº 251 em 1982. Essa aventura e mais 3 HQs curtas foram compiladas no álbum de nº 17 da série original em 1990.

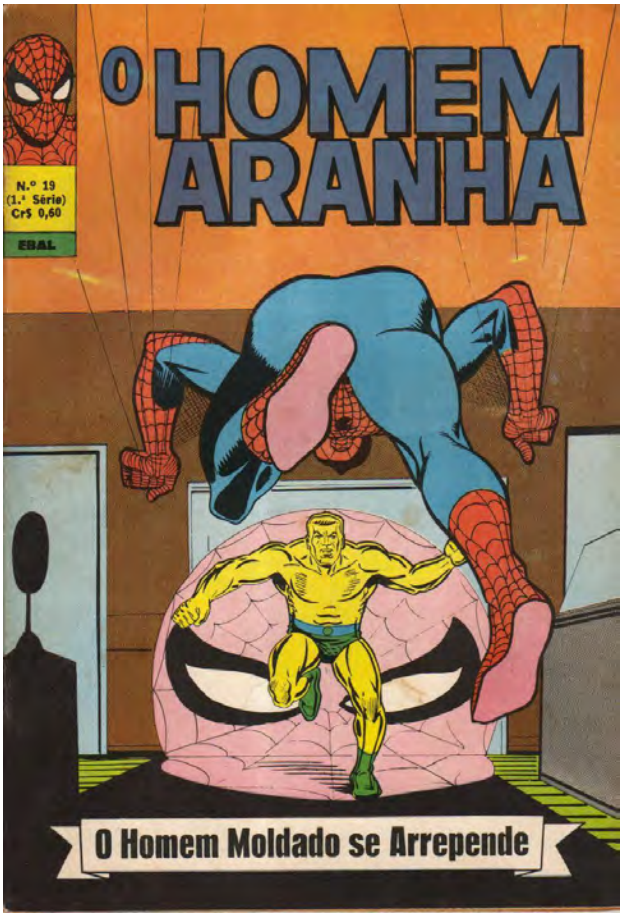
A publicação de aventuras fora da sequência cronológica por editoras brasileiras e portuguesas é um caso a ser estudado. Talvez por psiquiatras. A série *Luc Orient*, como tantas outras séries franco-belgas, possui uma certa continuidade entre as histórias dos vários álbuns, isso quando não são continuação direta um álbum do outro. No entanto, os editores, por algum motivo, não se apercebem disso. Não digo que não exista nenhuma razão. Já li várias explicações, mas nenhuma delas que levasse o leitor em consideração.

Curiosamente a coleção alemã não utilizou nos álbuns as capas originais, produzindo novas capas com ilustrações em estilo mais realista do que o usado por Paape na série.

QI 169 (mai/jun/2021)

CAIU NA TEIA...

A coleção da revista **O Homem-Aranha** da Ebal teve algumas curiosidades. A primeira é a capa do nº 19 (out/1970), que trouxe ilustração de Steve Ditko, como deveria ter sido publicada na edição original, **The Amazing Spider-Man** nº 35 (abr/1966). Só que a Marvel alterou a capa, com o desenho modificado por Jack Kirby. Olhando as duas imagens, dá para ver que Ditko não foi mesmo feliz na pose do Aranha. A dúvida é por que a Marvel mandou para a Ebal, 4 anos depois, a capa rejeitada.



No final de 1973, as histórias do Aranha publicadas pela Ebal já haviam alcançado a revista americana, já que a Ebal publicava mais de uma aventura por edição. Então, os nºs 57 (dez/1973) a 61 (abr/1974) republicaram histórias antigas do Aranha. Por algum motivo, não usaram as capas originais, exceto no nº 57. As capas dos nºs 58 a 61 foram feitas na Ebal por Henrique Farias. Capas bonitas, adaptando cenas de capas ou páginas de HQs. A do nº 60, deu para identificar a fonte, foi a **The Amazing Spider-Man** nº 78 (nov/1969).

QI 169 (mai/jun/2021)

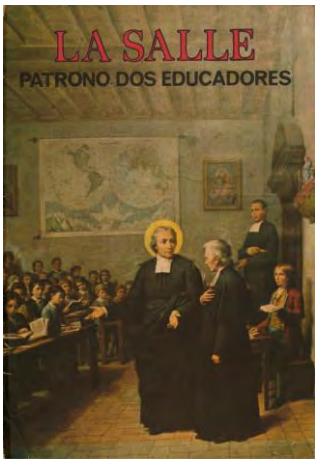
FUÇANDO À TOA

Vou aproveitar o assunto puxado pelo José Magnago na seção „Fórum“ e fazer alguns comentários sobre a revista **Série Sagrada** publicada pela Ebal. Para aplacar os ataques que as revista de quadrinhos sofriam dos religiosos, Adolfo Aizen resolveu publicar revistas de temática católica com a participação e aprovação da Igreja Católica, através de seus representantes. Em agosto de 1952 publicou **História de Nossa Senhora de Fátima**. Não há informação da origem da história, é provável que seja material italiano, mas a capa foi feita por Monteiro Filho. A revista foi republicada em maio de 1953, mas mudando a capa por uma feita por Antonio Euzébio. A partir de setembro de 1953 começou a publicação da revista **Série Sagrada**. O nº 2 traz novamente a história de N.S. de Fátima. Nos primeiros números, as HQs são de origem estrangeira, provavelmente italianas. Há informação de que a própria Igreja Católica fornecia o material para as revistas, mas as capas eram produzidas na Ebal. Também há informação de que os volumes de **A Bíblia em Quadrinhos**, da mesma época, foram encomendados a uma editora italiana. A revista **Série Sagrada** foi publicada até o nº 88, de outubro de 1961. Como foi dito, as HQs não traziam créditos dos autores nem o expediente trazia a origem do material. Mas o nº 22, de junho de 1955, trouxe a *História de Nossa Senhora Aparecida*, produzida pela Ebal com desenhos de Antonio Euzébio. A partir daí, vários números trouxeram a assinatura de autores brasileiros, intercalados com números sem crédito e com desenhos de origem desconhecida. No nº 27 (nov/1955), a *História de Nossa Senhora de Copacabana* foi feita por Gil Coimbra. O nº 36 (ago/1956) trouxe *Uma Flor Portuguesa – História da Beata Beatriz da Silva* desenhada por Nilo Cardoso. A partir do nº 51, o funcionário da Ebal Mário José de Lima (que na década de 1970 seria o mais prolífico desenhista de *Judoka*) produziu 9 histórias, a saber: *Santa Catarina de Labouré*, no nº 51 (nov/1957); *Santa Bernadette*, no nº 55 (mar/1958); *Santa Francisca Xavier Cabrini*, no nº 57 (mai/1958); *História da Virgem que Chora – Nossa Senhora da Salette*, no nº 60 (ago/1958); *Santa Terezinha do Menino Jesus*, no nº 64 (dez/1958); *Mártir São Sebastião*, no nº 66 (fev/1959); *Santa Maria Goretti*, no nº 69 (mai/1959); *Bem Aventurado Vicente Pallotti*, no nº 77 (jan/1960); *Padre Damião de Veuster*, no nº 82 (jun/1960). O nº 83 (jul/set/1960), dedicado a *Madre Clélia Merloni*, também trouxe assinatura de autor brasileiro, Gildásio Severino dos Santos. Além disso, o nº 23 (jul/1955), embora não trouxesse assinatura, pode ter sido feito pela Ebal, pois tratava de tema brasileiro, *História do Bom Jesus da Lapa*. O nº 28 (dez/1955), com a *História de São Judas Tadeu*, trouxe a assinatura de Nilo Cardoso na última página, mas talvez ele tenha desenhado somente as duas últimas páginas, dedicadas às igrejas de São Judas Tadeu no Brasil.

Vários números da **Série Sagrada** tiveram novas edições nos anos seguintes, é muito difícil catalogar essas edições. No final da década de 1960 ou início da de 1970, a Ebal lançou nova série da revista com o título **Coleção Série Sagrada**. Teve 24 números com algumas curiosidades. Na maior parte das edições, as HQs eram exatamente as mesmas e as capas tinham pequenas modificações.

Os títulos publicados em **Coleção Série Sagrada**, com o número da edição original entre parênteses, foram: 1. *Nossa Senhora de Fátima* (2); 2. *Nossa Senhora Aparecida* (22); 3. *Santa Rita de Cássia* (30); 4. *São Jorge* (20); 5. *Santo Antônio* (29); 6. *São Domingos Sávio* (49); 7. *Santa Joana D'Arc* (6); 8. *São Francisco de Assis* (24); 9. *Papa João XXIII* (79); 10. *São Sebastião* (66); 11. *Vicente Pallotti* (77); 12. *Cosme e Damião* (12); 13. *São Judas Tadeu* (28); 14. *Santa Teresinha do Menino Jesus* (64); 15. *Santa Maria Goretti* (69); 16. *São Francisco de Paula* (50); 17. *Menino Jesus de Praga*; 18. *Santa Catarina Labouré* (51); 19. *Santa Luiza de Marillac* (78); 20. *São Francisco Xavier Cabrini* (57); 21. *La Salle* (40); 22. *Santa Joana de Lestonac* (42); 23. *Madre Clélia Merloni* (83); 24. *São Vicente de Paulo* (43).

Nos números 18, 19 e 23, a Ebal mudou completamente a capa, usando novas ilustrações, sendo que no nº 18 usou a contracapa da edição original. No nº 21, dedicado a São João Batista de La Salle, a capa e o nome foram mudados, a HQ interna foi a mesma, mas totalmente remontada e a maior diferença é que foi colorida, caso único em todas as edições de **Série Sagrada**. Mas a maior diferença foi que o nº 17, dedicado ao Menino Jesus de Praga, foi uma história inédita, que não saiu na coleção original de **Série Sagrada**. Este número foi desenhado por Eugenio Colonnese.



História de Nossa Senhora de Fátima, capa de Monteiro Filho (1952) – **Série Sagrada** nº 40, com *São João Batista de La Salle* – **Coleção Série Sagrada** nº 21, com *La Salle* – **Coleção Série Sagrada** nº 17, com *História do Menino Jesus de Praga*

PEZINHOS

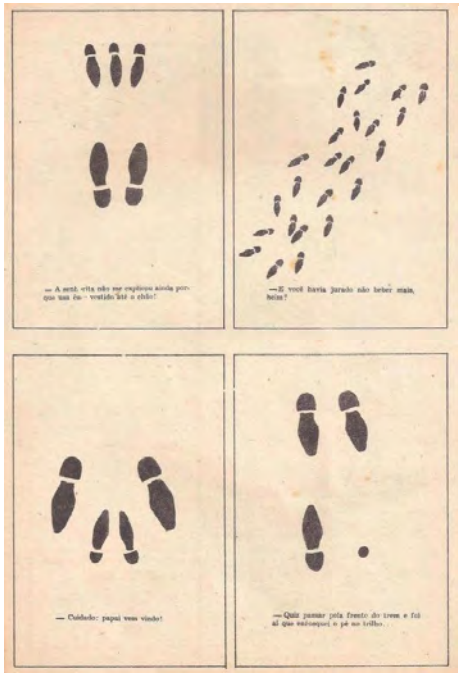
No **QI** anterior, Worney escreveu texto sobre Lyrio Aragão e enviou amostras de páginas produzidas por ele.

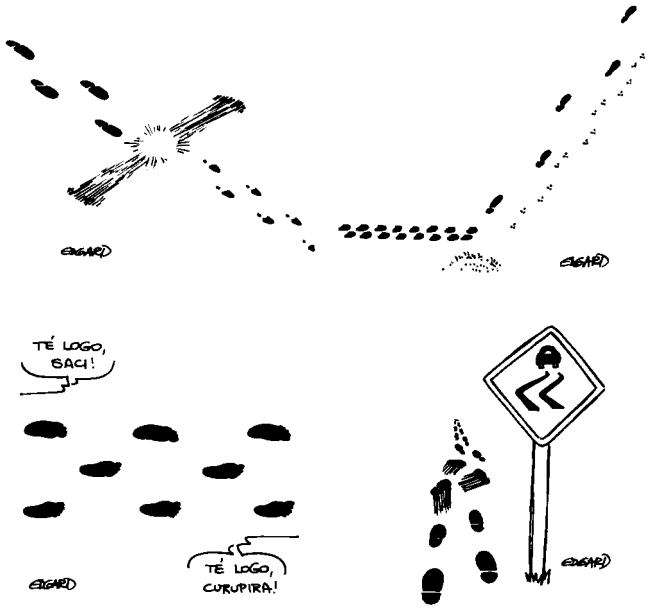
Entre elas, estava esta que reproduzo abaixo à esquerda, com 4 cartuns estrelados por "pezinhos".

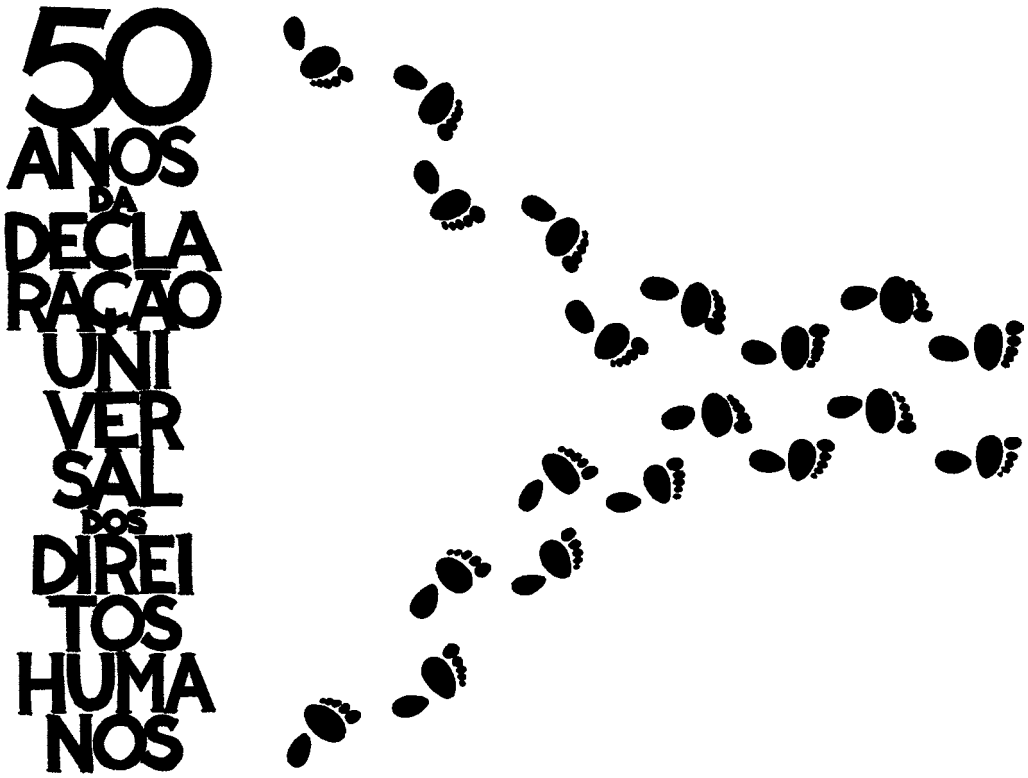
Curiosamente, fiz, em 1993, 4 cartuns com "pezinhos", sem conhecer os originais de Lyrio Aragão. Talvez existam muitos outros exemplos feitos por outros artistas.

Esses meus "pezinhos", embora feitos em 1993, eu só publiquei no **QI** 41, em 1999.

Também usei a ideia dos "pezinhos" para uma tentativa de participar de um concurso de selos do Correio com o tema "50 Anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos". Fiz o desenho do selo mas não enviei para o concurso. Acabei publicando no **QI** 129, em 2014.





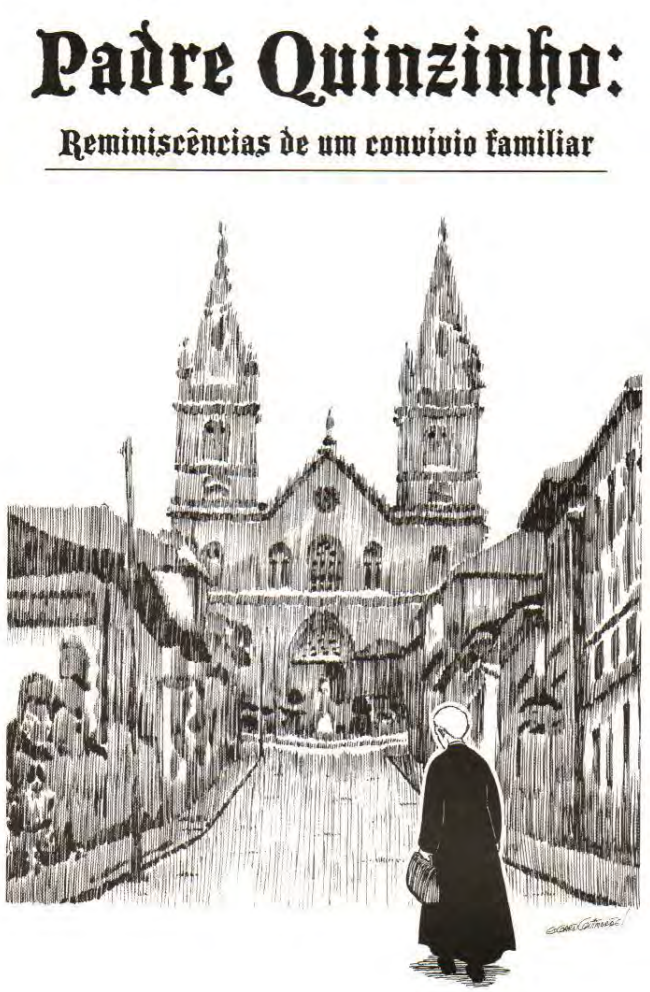


PADRE QUINZINHO

Lá pelos meados da década de 1980, Dona Maria Noronha Lopes, professora (minha e de minha mãe), vice-diretora, vizinha e amiga da família, me disse que pretendia escrever um livro sobre seu tio, o Monsenhor Joaquim de Oliveira Noronha, conhecido carinhosamente como Padre Quinzinho, e queria que eu fizesse uma ilustração para a capa do livro. Aceitei.

Quase vinte anos depois, Dona Maria veio me cobrar a promessa, tinha escrito o livro, já estava providenciando edição e impressão e precisava da capa. E ela disse como seria a imagem que ela queria. Era para desenhar a rua principal com a Igreja Matriz ao fundo e o Padre Quinzinho, de costas, indo em direção à igreja. Essa era uma imagem forte que ela tinha, desde a infância, do tio subindo a rua em direção à igreja para celebrar a missa das 6 da manhã.

Começaram os desafios. O primeiro era desenhar o Padre Quinzinho de costas. Como achar uma fotografia assim? Quem é que fica de costas quando tira foto? Tive que, a partir de várias fotos do Padre de frente, imaginar como seria de costas. E fiz separadamente o desenho do Padre Quinzinho, de costas, andando em direção ao horizonte.



O principal problema apareceu quando fui desenhar a rua e a igreja. Consegui várias fotos da Igreja Matriz tiradas de frente e pegando toda a rua principal. Todas elas no formato "paisagem", ou seja, horizontal. Acontece que a imagem para a capa de um livro tem que ser no formato "retrato", ou seja, vertical. Como colocar uma imagem horizontal numa capa de livro vertical? Se eu colocasse a imagem completa, sobraria muito espaço acima ou abaixo e a igreja ficaria muito pequena. Então a solução foi não colocar a rua inteira, mas a partir de um certo ponto, cortando pedaços da rua dos dois lados. Assim, ficaria um tamanho razoável de rua com a igreja de bom tamanho ao fundo. Aí veio o desafio de colocar o Padre Quinzinho no cenário. Como a parte inicial da rua foi cortada, para colocá-lo andando na calçada lá na metade da rua, a imagem do padre ficaria muito pequena. A solução foi colocá-lo em tamanho maior, fora do cenário, andando no que seria o meio da rua. Felizmente, antes das 6 da manhã não tinha que se preocupar com o trânsito.

A melhor foto que achei da rua principal com a Igreja Matriz ao fundo era em xerox de foto escaneada e bastante pequena. Tratei de fazer cópia ampliada até o tamanho do papel sulfite A4, para poder fazer o desenho do cenário. A ampliação da imagem revelou detalhes da digitalização. Curiosamente, a discretização da imagem não estava na forma de pontos maiores ou menores, como é o mais comum, e sim na forma de linhas verticais, que afinavam e engrossavam para formar a imagem. Resolvi então seguir a deixa, coloquei o sulfite sobre a imagem ampliada, com luz embaixo, e fiz o desenho do cenário somente com traços verticais. E com isso consegui um efeito inesperado, porém desejado. O cenário, feito com certo rebuscamento, somente de linhas apontando para o céu, contrastando com a figura, em primeiro plano, do Padre Quinzinho, simplificada ao máximo, como a corroborar a máxima que ele dizia em vida, quando alguém lhe atribuía alguma importância, ou salientava o título de Monsenhor que havia recebido: dizia "ser Padre, simplesmente Padre".

O livro **Padre Quinzinho: Reminiscências de um Convívio Familiar** foi editado em fevereiro de 2002 com minha ilustração na capa. Um livro no formato A5, capa cartonada em preto e branco, impressão em off-set, com uma tiragem para atender aos familiares e devotos do Padre Quinzinho.

Uma última curiosidade. Eu não assinei a ilustração, pois achei (e acho) que não cabia colocar meu nome na capa de um livro onde o destaque deveria ser o nome do livro e seu tema e o nome de sua autora. No entanto, Dona Maria deixou de colocar o próprio nome na capa, mas fez questão de acrescentar, sem que eu soubesse, minha assinatura na ilustração.

ENCARTES DIGITAIS DESTE QI

Junto com este número do **QI** está sendo oferecido o terceiro volume da coleção *Brindes das Revistas da Ebal*, apenas no formato digital em PDF, disponível no sítio Marca de Fantasia. Este volume enfoca os vários tipos de pôsteres que a Ebal ofereceu de brinde junto com várias de suas revistas, com destaque para os Cartazes Coloridos que acompanharam os Almanaques de 1969 e a série Galeria dos Heróis que saiu em revistas de linha de 1970 a 1972.

A ideia de um encarte sobre alguns brindes da Ebal surgiu de texto sobre o assunto enviado por Carlos Gonçalves. Acabou evoluindo para uma coleção de 4 volumes sobre vários brindes da Ebal. Para esse terceiro volume, as informações e imagens foram complementadas pelo colecionador Pedro Rosa de Oliveira, que também contribuiu com muito material para o próximo volume.

Como prometido, também é oferecido o segundo volume das **Imagens d'Epinal**, publicadas no Brasil e Portugal por volta de 1910, graças a material enviado por Carlos Gonçalves. As Imagens originais francesas foram publicadas às centenas desde o século XIX. Muitas eram gravuras, só ilustrações, outras continham curiosidades, mas muitas delas eram Histórias em Quadrinhos, divididas numa grande variedade de temas. As publicadas no Brasil tinham tamanho A3 e uma qualidade gráfica impressionante. Confiram.

EM TEMPO: No **QI** passado foi oferecido o volume 2 do encarte digital *Brindes das Revistas da Ebal*. Nesse meio tempo, consegui mais informações sobre outros cartões postais oferecidos pela Ebal. Decidi incluir essas informações na edição, portanto o arquivo disponível no sítio Marca de Fantasia foi substituído por um novo, complementado.

QI 170 (jul/ago/2021)

QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além do número mais recente de **Pure Fruit**, mais dois volumes da coleção **Luc Orient** da editora alemã Bastei, os volumes 12 e 13. Já mencionei essa bela coleção no número anterior. Vou aproveitar o recebimento desses álbuns para comentar mais uma idiossincrasia dos Correios. A empresa postal brasileira, para tentar compensar os grandes prejuízos que teve devido a corrupção dos governos anteriores e péssima gestão de seus dirigentes, resolveu mandar a conta para os clientes, inventando mais uma taxa. Como já tinham aumentado tudo que podiam no preço para os que mandam coisas, resolveram cobrar também dos que recebem coisas. Assim, o sujeito que quer receber alguma coisa do exterior, cujo valor do porte ele já pagou a quem vai enviar a coisa, tem que pagar mais um tanto aqui também, se não quiser que a coisa volte. E o sujeito tem que adivinhar que tem coisa esperando ser paga para continuar viagem até seu destino, ou seja, o sujeito.

Acontece que mais recentemente, as encomendas que tenho recebido de Portugal e Inglaterra não têm passado por este processo e são entregues sem que a taxa (que é um valor de R$ 15,00, quando não há taxa de importação) seja cobrada. Achei que o Correio tivesse acabado com o procedimento, certamente obrigado por alguma ordem de cima, tipo uma ordem judicial, uma multa do Procon, vai saber.

Mas não acabou não, o material enviado pelo Gerd Bonau da Alemanha fica travado no Correio esperando o din-din. A espera é de um mês. O Correio manda uma carta para o sujeito avisando que tem a encomenda esperando pagamento para ser liberada. Nas duas últimas vezes, a carta demorou 15 dias para chegar. Se estas cartas começarem a seguir o exemplo dos **QI**s, com demora de 2 meses (quando são entregues), quando eu receber a notificação, a encomenda já voltou e está causando aborrecimento a quem mandou.

Mas, por que só a Alemanha?

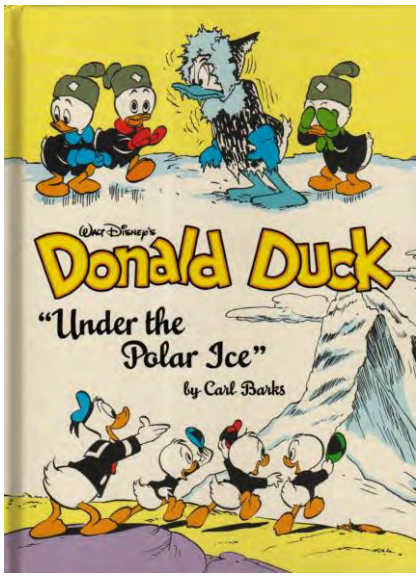
QI 170 (jul/ago/2021)

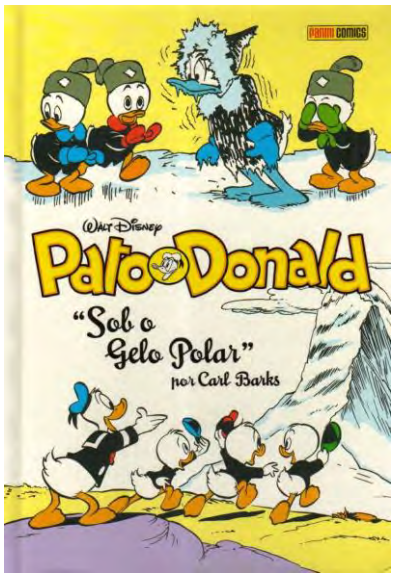
FUÇADINHAS

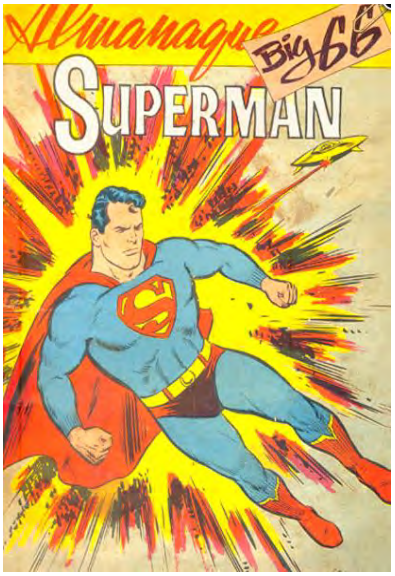
No **QI** 166 eu comentei algumas censuras feitas pela editora Fantagraphics em algumas passagens de histórias de Donald no livro **Donald Duck – Under the Polar Ice**, da coleção *The Complete Carl Barks Disney Library*. A editora avisou no início que "alguns diálogos foram modificados". A modificação principal é que, segundo a Fantagraphics, nos dias atuais os índios não podem escalpelar ninguém. No final do texto, deixei a pergunta: como a Panini se comportaria quando publicasse esse livro? A edição acaba de sair e a Panini não fez as censuras da edição americana. Para a Panini, os escalpelamentos estão liberados. Os editores da Mythos suspiraram aliviados. No último **Tex Gigante**, logo no começo, um sujeito é morto com vários tiros, é pendurado pelo pescoço e, se não bastasse, ainda arrancam o topete dele.

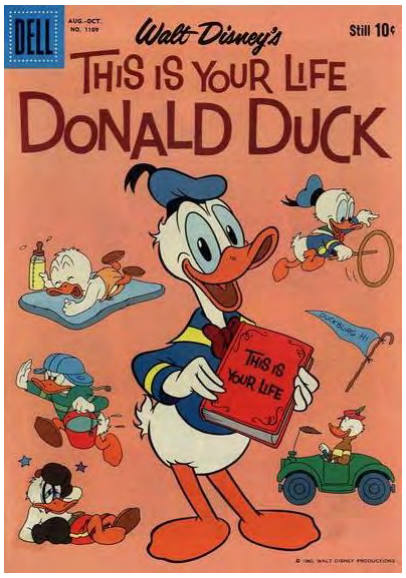
Num número anterior do **QI**, Rod Tigre mencionou a capa de **Invictus** (3ª s.) nº 49 (jan/1971), desenhada por Eugenio Colonnese. A capa de **Almanaque Superman** 1966 também foi desenhada por ele.

Este número do **QI** traz um artigo de Alex Sampaio sobre o nº 9 do **Almanaque do Tio Patinhas**, de fevereiro de 1966, que teve uma primeira edição recolhida pois apresentava na capa fotos de crianças. Muito interessante o caso, mas fiquei com a pulga atrás da orelha com a informação de que o licenciador da Disney no Brasil não permitia capas fora do padrão. O licenciador seguia diretrizes da Disney americana? O "fora do padrão" significava a presença de crianças? Talvez por causa de alguma legislação sobre uso da imagem de menores? Resolvi olhar como tinha sido a capa da revista original americana em que saiu a história da vida de Donald. Foi a revista **Four Color** nº 1109 (ago/out/1960) da editora Dell, uma edição de Donald Duck com o personagem na capa. A editora Abril aproveitou algumas imagens da capa original trocando o Donald pelo Tio Patinhas. Mas será que a editora Dell nunca tinha publicado uma capa com crianças? Fiz uma busca intensa no site Grand Comics Database e não achei nenhuma. Também dei uma procurada, não intensa, em revista brasileiras e acabei achando uma, a **Edição Extra** nº 89 (nov/1978) dedicada ao Clube do Mickey. Pelo menos no cinema e na TV a Disney nunca teve pudor em explorar as crianças.



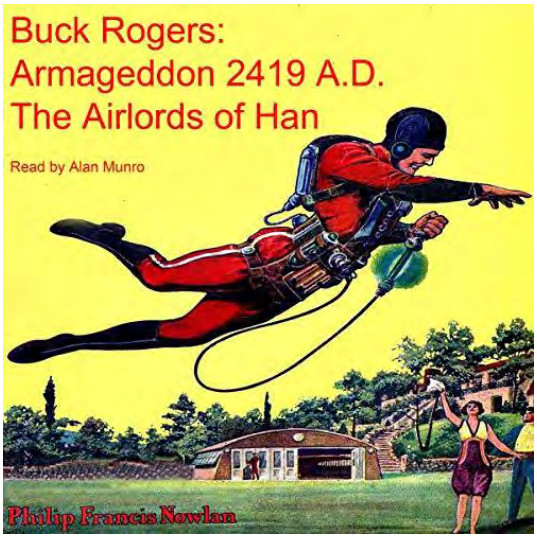


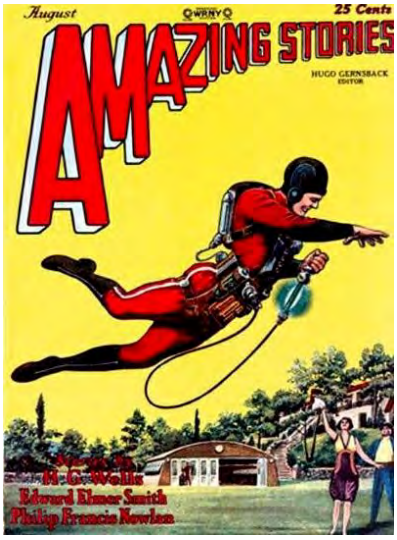


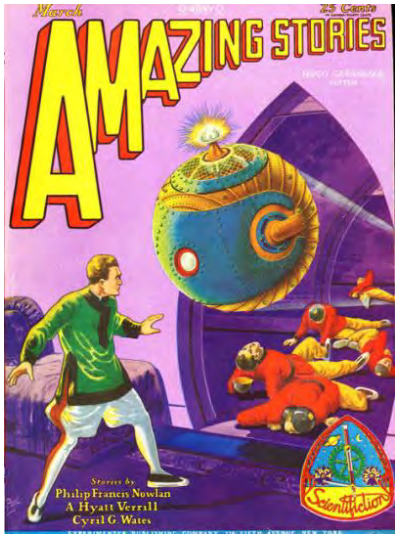


MAIS FUÇADINHA

Achei a imagem abaixo à esquerda num anúncio recente de um audiobook com as duas primeiras novelas de Buck Rogers (então chamado Anthony Rogers) escritas por Philip Francis Nowlan. Nenhuma dúvida de que o voador da capa é o Buck Rogers. Essa imagem é a reprodução da capa de **Amazing Stories** nº 5, vol. 3 (ago/1928), onde saiu a primeira história de Buck Rogers. Acontece que essa ilustração de Frank R. Paul fazia reverência à outra história da revista, a „The Skylark of Space" de E. E. Smith. Ou seja, não era o Buck Rogers. O herói só ganhou a capa quando da publicação de sua segunda história em **Amazing Stories** nº 13, vol. 3 (mar/1929). Mais abaixo, ilustração que saiu junto com a segunda história e a imagem do herói quando do lançamento da tira para jornais. Será que na hora de fazer a tira, o Nowlan achou melhor usar a imagem de outro personagem em vez da que Frank Paul havia imaginado para ele?



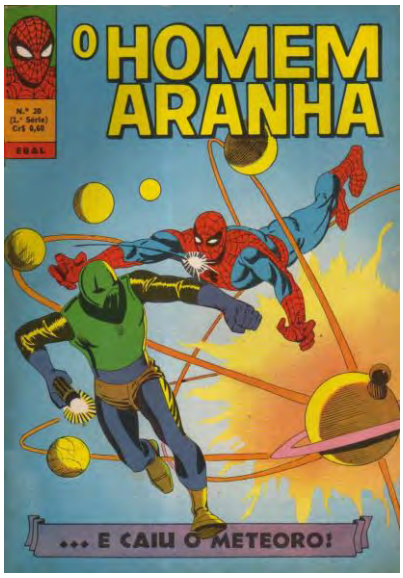




QI 170 (jul/ago/2021)

FUÇANDO À TOA

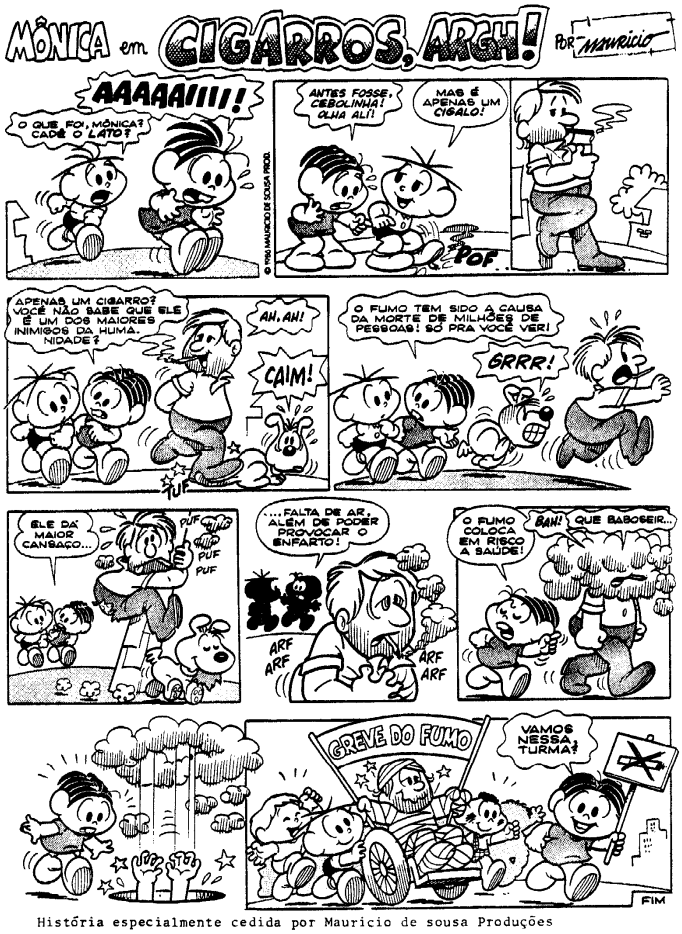
Duas curiosidades encontradas em revistas da Ebal.



A primeira apareceu no nº 20 da revista **O Homem Aranha**, de novembro de 1970. Depois da história do personagem principal, completando a revista, „1001 Estórias da Via Láctea". A história segue a linha dos „Contos do Vigia" e tem um desenho no estilo Marvel. Pode-se facilmente observar a influência de John Buscema na figura feminina mostrada no último quadro da primeira página. A curiosidade é o nome do autor mostrado também na primeira página: CHISNANDES.

Quem é este autor? Aparentemente a Ebal abriu espaço para um autor brasileiro iniciante, fazendo histórias com mesma temática e estilo da Marvel. Mas aparentemente não voltou a publicar nada pela editora, pelo menos não com este nome. Influências à parte, tinha um bom traço e merecia outras oportunidades.

A segunda curiosidade pode começar com uma pergunta: A Ebal alguma vez publicou Maurício de Sousa? E a resposta é afirmativa, pelo menos uma vez. A revista **Aí, Mocinho** (9ª série) nº 5, de março de 1987, publicou uma página de Mônica. A história, „Cigarros, Argh!", deve ter sido feita pelo estúdio de Maurício para alguma campanha institucional, mas não há indicação na página de quem seria o promotor da campanha. Mas a Ebal fez questão de salientar que era uma "história especialmente cedida por Maurício de Sousa Produções".



QI 170 (jul/ago/2021)

QI NAS BIBLIOTECAS

No começo de 2019, decidi dispor das publicações que eu tinha em duplicata, especialmente dos vários números do **QI** da época em que eu fazia em off-set numa quantidade maior, mas também os antigos números de **PSIU**, além de livros de que participei em sistema cooperado. Depois acabei acrescentando minhas duplicatas de revistas e livros de quadrinhos de editoras profissionais. Minha ideia era doar essas edições para bibliotecas públicas ou escolares. Comecei pela Biblioteca Nacional e pelas bibliotecas de Brazópolis. Estas receberam os conjuntos menos incompletos dos **QI**s, além dos livros que publiquei e dos quais eu tinha poucos exemplares. Estes primeiros conjuntos de publicações foram dados para, além da Biblioteca Nacional, três bibliotecas de Brazópolis e também três bibliófilos da cidade.

A partir de abril de 2019, passei a contatar as bibliotecas públicas e escolares, primeiramente as de Minas Gerais por uma questão de facilidade: consegui com a Câmara Municipal da cidade um livro com relação de todos os municípios do estado de Minas com os sites ou emails de contato.

Através dos sites das Prefeituras dos municípios, buscava o email da Secretaria de Cultura ou de Educação. Embora minha primeira impressão fosse a de que uma biblioteca pública estivesse subordinada à Secretaria de Cultura, foi com as Secretarias de Educação e suas bibliotecas escolares que tive a grande maioria dos retornos de contato. Quando não havia disponível os contatos das secretarias, tentava diretamente com o email do prefeito ou, em muitos casos, da ouvidoria do município.

Meu procedimento foi enviar um email padrão oferecendo as publicações em doação. O texto enviado é o abaixo, que foi sendo modificado à medida que as edições iam esgotando e quando passei a contatar bibliotecas de outros estados.

Bom dia,

Peço a gentileza de encaminhar essa mensagem à Secretaria de Educação, de Cultura ou à Biblioteca Pública.

Possuo uma certa quantidade de edições relacionadas a Histórias em Quadrinhos, produzidas por mim desde 1982 e estou consultando as Bibliotecas Públicas de Minas Gerais para saber do interesse em receber estas edições como doação.

As publicações que tenho disponíveis são:

- Álbum **Eco Lógico** – álbum em tamanho grande, editado em 1993, contendo 50 pranchas de História em Quadrinhos de diversos autores com o tema Ecologia.
- Revista **PSIU** – os dois primeiros números da revista **PSIU**, contendo Histórias em Quadrinhos e textos sobre Histórias em Quadrinhos, editados em 1982 e 1985.
- Revista **QI** – coleção incompleta (exemplares entre os números 27 e 147) da revista **QI**, lançada em 1992, contendo principalmente divulgação de edições independentes de Histórias em Quadrinhos, conhecidas como Fanzines. Traz também textos diversos e Histórias em Quadrinhos.
- Livro **Saciedade dos Poetas Vivos** volume IX – antologia de poemas de vários autores.
- Livro **Fanzine** – livro teórico sobre publicações independentes.
- Livro **Vinte Anos de Hiperespaço** – antologia de contos de ficção científica de vários autores.
- Livro **Na Ponta da Língua** – livro de cartuns.
- Livro **2001 Uma Odisseia no Humor** – antologia de cartuns de vários autores.
- Livro **Humor pela Paz** – antologia de cartuns de vários autores.
- Livro **Isto é um Absurdo!** – antologia de cartuns de vários autores.
- Livro **Tiras de Letra Outra Vez** – antologia de tiras de vários autores.
- Livro **Tiras de Letra Muito Mais** – antologia de tiras de vários autores.
- Livro **Tiras de Letra Até Debaixo D"Água** – antologia de tiras de vários autores.

Caso tenham interesse em receber alguma dessas edições, me escreva confirmando o interesse e informando o endereço para que eu possa fazer o envio pelo Correio.

Atenciosamente,

Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com

Dos 829 municípios de Minas Gerais, foi possível tentar o contato com 712 municípios. Os demais não tinham site ou email disponíveis. Desses 712, o contato se efetivou somente com 310 municípios, com os demais não foi possível contato por várias razões: endereços desatualizados, falta de endereços, sites inoperantes ou impossibilidade de acessar o site por incompatibilidade de softwares (leia-se, o site não aceitava se comunicar com a versão de meu navegador).

Dos 310 municípios em que o contato foi feito, 110 responderam se mostrando interessados nas publicações, que foram prontamente enviadas pelo Correio. Três municípios se deram ao trabalho de responder recusando a doação.

Esgotadas as possibilidades de contato com os municípios mineiros, tentei os de São Paulo. Consegui a lista dos municípios de São Paulo, mas sem os endereços de sites. Aí fui tentando no Google com os nomes dos municípios e ver o que conseguia. Com a lista de municípios de São Paulo, adotei um critério: só tentar o contato com municípios com mais de 20 mil habitantes. Considerei que municípios menores não tivessem biblioteca pública ou escolar.

Dos 287 municípios paulistas com mais de 20 mil habitantes, tentei o contato com 212 e consegui com 198 municípios. Desses 198 municípios, 21 aceitaram a doação e a receberam. Dois municípios responderam recusando.

Próximo estado: Paraná. Dos 95 municípios paranaenses com mais de 20 mil habitantes, tentei o contato com 70, consegui com 66 e obtive resposta afirmativa de 8, que receberam as publicações.

A vez do Rio Grande do Sul. Da lista de 119 municípios gaúchos com mais de 20 mil habitantes, percorri a lista até o 71º município. Desses, tentei o contato com 61 municípios, consegui com 56 e obtive resposta afirmativa de 11 municípios, que receberam as publicações. Interrompi as tentativas de contato em março de 2020, pois, devido à pandemia, as escolas pararam de funcionar. Ou seja, mesmo que alguém respondesse ao contato, não haveria ninguém para receber as encomendas.

Ainda tenho uma certa quantidade de coleções (com poucos números) do **QI**, do **PSIU** 2 e gibis em duplicata. Talvez retome as tentativas de contato algum dia.

Fazendo um balanço das doações feitas.

Seis conjuntos de publicações foram entregues em mãos para as 3 bibliotecas e os 3 bibliófilos de Brazópolis.

Um total de 151 bibliotecas receberam as publicações oferecidas, 110 de Minas Gerais, 21 de São Paulo, 8 do Paraná, 11 do Rio Grande do Sul, e mais a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Os envios pelo Correio foram feitos em mais de um pacote. Entre abril de 2019 e março de 2020, foram enviados 430 pacotes sendo 268 registrados (Sedex, PAC ou Impresso) e 162 com porte simples. Desses pacotes enviados, foram devolvidos dois pacotes registrados, provavelmente porque não teve ninguém na escola para receber, e um pacote com porte simples, indicando que o número da rua era inexistente, o mesmo número que recebeu dois pacotes registrados.

O tamanho e conteúdo desses pacotes eram bem variados, mas de modo geral fiz o seguinte. O álbum **Eco Lógico** foi mandado em pacote separado com registro. As coleções do **QI** também foram em pacote separado com registro, sendo que as primeiras bibliotecas receberam coleção incompleta entre os nºs 27 e 147, e as últimas bibliotecas, entre os nºs 49 e 100. Os nºs 1 e 2 de **PSIU** foram enviados em pacote separado com porte simples. Quando acabaram os exemplares de **PSIU** 1, enviei somente o nº 2 com porte simples. Os 10 livros mencionados no email padrão foram enviados em pacote separado, sendo que as primeiras bibliotecas receberam os 10 e a partir daí, à medida que ia esgotando cada título, os pacotes iam ficando menores. Finalmente, enviei livros e revistas de quadrinhos variados de minha coleção de duplicatas em pacote separado de cerca de dois quilos, com registro. Essas revistas já haviam sido anunciadas para venda no **QI** diversas vezes.

As edições que enviei às bibliotecas foram:

43 exemplares de **Eco Lógico**.

52 exemplares de **PSIU** 1.

150 exemplares de **PSIU** 2.

148 conjuntos de **QI**, com números variáveis.

30 conjuntos de livros com número variável de edições, desde o total de 10 livros até 1 livro.

48 pacotes de livros e revistas diversas de quadrinhos.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Na descrição que fiz de minhas tentativas de contatar os municípios, algumas observações podem ser acrescentadas. A grande maioria dos municípios, mesmo os pequenos, possui site. Mas os sites apresentam problemas de toda ordem. Às vezes são precários, de difícil navegação, não têm muitas informações como os contatos com as várias secretarias e, na outra ponta, às vezes são feitos com os recursos mais avançados de construção de sites e não estabelecem comunicação com navegadores mais antigos. Veja no caso dos municípios mineiros, de um total de 829 municípios, só consegui entrar em contato com 310. Isso quer dizer que escrevi a eles e os emails foram devolvidos. No entanto, somente 113 responderam, 110 aceitando as publicações e 3 recusando. Essa taxa de retorno de mais de um terço, não considero ruim. Entendo que as Secretarias de Educação penam para manter as escolas e bibliotecas não são prioridade, não tem locais, funcionários, não conseguem nem aceitar doações. Com os municípios do estado de São Paulo, a taxa de sucesso no contato foi bem maior, quase dois terços, no entanto a taxa de resposta, no caso, aceitando a doação, foi bem menor, cerca de 10%. Com os municípios do Paraná e Rio Grande do Sul foram um pouco melhor, 12% e 20%, respectivamente.

O leitor, que porventura estiver lendo este texto até aqui, pode pensar que eu, me dispondo a doar uma certa quantidade de publicações, deveria ao menos pedir às bibliotecas recebedoras que pagassem o frete. Seria algo justo, não? Mas conheço o mundo de outros carnavais. Por isso, no final de meu email padrão, escrevi claramente que eu faria o envio pelo Correio, para que as secretarias, escolas ou bibliotecas não tivessem preocupação com gastos. Mesmo assim, houve uma biblioteca que fez questão de confirmar que não precisaria pagar nada. "gato escaldado...", "quando a esmola é muita...", há vários ditos que podem ser aplicados ao caso, mas o que está por trás da pergunta é a penúria que assola as bibliotecas. Então, sim, eu fiz o envio, por minha conta, dos 430 pacotes mencionados, representando um gasto de cerca de R$ 6.400,00.

Embora a grande maioria dos responsáveis pelas bibliotecas tenha enviado email confirmando o recebimento das publicações e agradecendo, apenas uma biblioteca enviou o agradecimento por carta, registrando a gratidão no papel.

Este ano, mais precisamente no dia 25/5/2021, recebi email da ouvidoria de um município mineiro ao qual havia enviado, em 25/7/2019 (quase dois anos, portanto), meu email padrão oferecendo as publicações para doação. O email dizia:

Edgard Guimarães
Sua manifestação foi ignorada, pois não apresenta os requisitos básicos para ser atendida.
Motivo: Manifestação ultrapassada.

Sim, eu durmo, com todo tipo de barulho.

QI 170 (jul/ago/2021)

PANDEMIA NÃO VAI ACABAR TÃO CEDO!

Sei muito bem que todos estão na maior expectativa com o fim da Pandemia, para poderem retomar suas atividades normais, sem risco de serem contaminados, internados, entubados e até mesmo (valei-me Nosso Senhor Jesus Cristo) enterrados, e é por isso que, com extremo pesar, sou obrigado a comunicar a todos:

A PANDEMIA NÃO VAI ACABAR TÃO CEDO!

Essa informação desoladora vem sendo transmitida ao público, em todos os canais de comunicação, por uma das mais confiáveis instituições financeiras do Brasil (tanto que muita gente confia a ela seu bem mais precioso), o que não deixa dúvida sobre a veracidade da informação.

Segundo o comunicado, a Pandemia ainda vai assolar a humanidade durante muitos anos, décadas, talvez até séculos, a informação não foi muito precisa nesse ponto. Mas deixou claro outro ponto. A Pandemia não é coisa recente, pelo contrário, tem assolado a humanidade desde a Pré-História. E só recentemente é que fomos alertados do perigo. Estávamos esse tempo todo vivendo desprotegidos, andando sem máscaras, frequentando aglomerações e desprezando solenemente o álcool em gel. Ainda não se sabe a quem responsabilizar por essa omissão. A OMS já tirou o brioco da trajetória. A verdade é que estamos todos como sempre estivemos: entregues.

Há um único ponto positivo em toda essa tragédia. Segundo o comunicado da instituição financeira, todos aqueles que acolheram em suas famílias representantes do Mundo Pet podem ficar tranquilos, seus bebês não correm perigo.

QI 170 (jul/ago/2021)

MARAIAH

Quem acompanhou o „Fórum“ da última edição, viu uma conversa minha com o Henrique Magalhães sobre as tiras de minha autoria que são publicadas na página de apresentação do sítio Marca de Fantasia. Propus ao Henrique a substituição do espaço ocupado pelo *Poeta Vital*, cujas histórias chegaram ao final, por uma nova série com uma personagem que batizei *Maraiah*. Henrique aceitou a troca e a nova série está saindo num espaço privilegiado, junto com a *Maria* do Henrique e o *Rango* de Edgar Vasques. Usarei este espaço da última capa do **QI** para publicar as tiras de *Maraiah*, depois que saírem na Marca de Fantasia.

ENCARTE DIGITAL DESTE QI

Junto com este número do **QI** está sendo oferecido o quarto e último volume da coleção *Brindes das Revistas da Ebal*, apenas no formato digital em PDF, disponível no sítio Marca de Fantasia. Este volume enfoca vários tipos de brindes que a Ebal ofereceu junto com várias de suas revistas, como os Almanaquinhos, as Construções para Recortar e Armar, figurinhas, revistas grátis, etc.

A ideia de um encarte sobre alguns brindes da Ebal surgiu de texto sobre o assunto enviado por Carlos Gonçalves. Acabou evoluindo para uma coleção de 4 volumes sobre vários brindes da Ebal. Para esse quarto volume, as informações e imagens foram complementadas pelo colecionador Pedro Rosa de Oliveira.

QI 171 (set/out/2021)

FUÇANDO À TOA

Na revista **Álbum Gigante** (2ª série) nº 7, de julho de 1955, a „Conversa do Redator“ trouxe a seguinte carta:

“Peço-lhe, pois, Sr. Diretor, que não deixe mais esse desenhista fazer a primeira página do **Álbum Gigante**, pois ele desenha ruim demais.” – Esse, o pedido que nos faz o jovem Antonio Alves da Silva, de Abaeté, MG, comentando os primeiros quatro números desta revista, principalmente os números 2 e 4. Resposta: Não tenha susto. O desenhista a que você se refere, não faz mais parte dos quadros desta Editora. Tudo fizemos para incentivá-lo. Mas o rapaz não dava para isso...

Só tive acesso aos nºs 1 e 2 de **Álbum Gigante**, de janeiro e fevereiro de 1955, e mostro ao lado as páginas de abertura das duas histórias. A primeira feita por Aylton Thomas e a segunda com assinatura de Adelson. Nenhuma dessas duas me parece especialmente ruim, ao contrário. Aylton Thomas continuou fazendo trabalhos para a Ebal, não somente essas páginas de abertura para histórias importadas, como toda a quadrinização de romances brasileiros nos números seguintes de **Álbum Gigante**. E continuou com longa carreira nos quadrinhos.

Então só pode ser o Adelson “o rapaz que não dava para isso”. Será mesmo que a Editora pôs na rua um funcionário por causa da reclamação de um leitor? E se fez isso, seja por esse ou por outro motivo, mais plausível, precisava alardear na seção de cartas da revista? Essa Ebal tinha cada uma!

QI 172 (nov/dez/2021)

FOTOS DO FRANCO

Franco de Rosa enviou várias fotos de quadrinhistas brasileiros. Fica o registro.

1. Cláudio Seto e Minami Keizi. 2. Watson Portela, Sérgio Lima e Líbero Malavoglia no lançamento do álbum **Madame Satã**. 3. Franco e Mozart Couto em 1986. 4. Franco em exposição em Jundiaí, organizada por Gedeone Malagola em 1985. 5. Itamar Gonçalves e Cláudio Seto em Curitiba, em 1982.

QI 172 (nov/dez/2021)

A MULINHA DA EBAL

A revista **Batman** nº 27, de maio de 1955, trouxe na página 2, na seção de correspondência, a seguinte carta.

Luiz Gilberto Ribeiro, de São Paulo, SP, escreve-nos comentando o número 24 de **Batman**. E nos faz um apelo patético: "Não publiquem mais as histórias de Tomahawk!"

Resposta: achamos que houve algum engano de sua parte. Folheamos o número 24 de **Batman** de trás para a frente, de frente para trás e não achamos nenhuma história de Tomahawk. Corremos, mesmo, a nossa coleção e somente fomos encontrar uma história desse herói no número 17, de julho de 1954. Daí para cá, não publicamos mais aventuras de Tomahawk, pelo que não procede a sua reclamação.

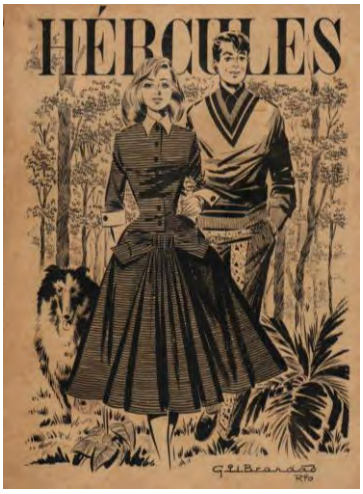
FUÇANDO À TOA

Adquiri recentemente uma publicação chamada **Hércules**, editada por volta de 1954/55, pela Prefeitura do Rio de Janeiro e o Hospital Veterinário Municipal. O tema é como evitar a raiva em animais, principalmente o cão. A história mostra uma família que teve uma filha mordida pelo cão da própria família e veio a morrer em decorrência da raiva. A certa altura o outro filho, já moço, tenta ter um cachorro de estimação e é impedido pela mãe. A história continua até aparecer o cão Hércules que, com seu heroísmo, acabará demovendo a mãe de sua resolução. Uma história interessante, didática, como não podia deixar de ser, alertando para a vacinação contra a raiva, mas o grande destaque são os desenhos de Gil Brandão. Antes de se tornar conhecido desenhista de moda, Gil Brandão fez um bom número de HQs, principalmente quadrinizações de romances para a Ebal. O traço de Gil Brandão é excelente, na linha do Alex Raymond de „Rip Kirby", de Stan Drake e Leonard Starr, mas também das tiras inglesas, um traço que faria muito sucesso em „Modesty Blaise" e „The Seekers" (lembrando que estas são posteriores).

Uma pena que o trabalho de Gil Brandão não tenha sido melhor aproveitado nos Quadrinhos brasileiros.

O quadrinho abaixo pertence à página de Horácio publicada na **Folhinha de S. Paulo** de 28/2/1965. Na recente republicação da página no livro **Horácio Completo** volume 1, mereceu o pedido de desculpas no pé da página: "A expressão "cair duro e preto" significava morrer de repente. Na época era uma gíria comum. Hoje, por conta de sua conotação racista, jamais seria utilizada numa publicação da MSP".

De onde as pessoas estão tirando essa ideia de que a palavra "preto" não tem outro significado a não ser com "conotação racista". O tema da história é que Horácio tenta convencer o dinossauro carnívoro a não comer o macaquinho, dizendo que são venenosos. O envenenamento pode ter como consequência o enrijecimento das articulações (o "duro") e a necrose dos tecidos (o "preto). É só isso que "cair duro e preto" significa: morrer envenenado.



QI 173 (jan/fev/2022)

FUÇANDO À TOA

Aproveitando a menção feita por Quiof Thrul a um livro de Tarzan de Russ Manning a ser lançado no Brasil, farei alguns comentários.

Salvo engano, Russ Manning começou na editora americana Dell, substituindo Jesse Marsh na série „Brothers of Spear". Esta série de cerca de 6 páginas era complemento da revista **Tarzan**. Começou a ser publicada no nº 25 de **Tarzan**, em outubro de 1951, com desenhos de Jesse Marsh, que já desenhava a história principal do título. A partir do nº 39, de dezembro de 1952, foi assumida por Russ Manning, ainda com traço mediano, que a produziu até o nº 161, de outubro de 1966. Esta série foi muito publicada no Brasil, em preto e branco, pela Ebal, nas revistas e almanaques de Tarzan.

Russ Manning produziu muitos trabalhos para a editora Dell e para a editora Gold Key que, a partir de novembro de 1962, assumiu vários títulos que levavam a marca da Dell. Relacionado a Tarzan, Manning foi escalado para o título **Korak** desde seu primeiro número, de janeiro de 1964. Já no auge de seu traço, produziu as histórias até o nº 11, de novembro de 1965, e depois mais duas no nº 21. A maioria dessas histórias saiu no Brasil, em preto e branco, pela Ebal.

O belo traço de Manning em **Korak** o credenciou a substituir Jesse Marsh no título principal de **Tarzan**. O nº 154, de novembro de 1965, trouxe uma história com argumento original, mas a partir do número seguinte, Manning passou a quadrinizar os romances de Edgar Rice Burroughs, com as adaptações feitas por Gaylord Du Bois. Do nº 155 ao 158, de dezembro de 1965 a junho de 1966, cada número trouxe, muito resumidamente, os quatro primeiros romances, a saber: **Tarzan of the Apes**, **The Return of Tarzan**, **The Beast of Tarzan** e **The Son of Tarzan**. O romance seguinte, **The Jewels of Opar**, foi adaptado em três números, do nº 159 ao 161, de agosto a outubro de 1966. Os nºs 163 e 164 trouxeram **Tarzan the Untamed**, e os nºs 166 e 167, **Tarzan the Terrible**, no primeiro semestre de 1967. Estes sete romances, publicados nos 11 números mencionados, foram reunidos numa coleção de 3 álbuns pela Dark Horse em 1999, com ótima impressão, mas num formato inexplicavelmente pequeno. Em 2012, a Dark Horse publicou todo esse material em um livro com capa dura chamado **Edgar Rice Burroughs" Tarzan: The Russ Manning Years** „volume one". Um belo livro em tamanho normal, ótima impressão e a boa notícia de ser o primeiro volume, o que indicaria a publicação de um segundo com o restante das histórias de Tarzan feitas por Manning. Mas o segundo volume não foi publicado.

Russ Manning ainda havia quadrinizado mais 3 romances em seis números da revista **Tarzan** da Gold Key, nºs 172 a 177, de outubro de 1967 a julho de 1968. Foram **The Golden Lion**, **The Ant Men** e **Lord of the Jungle**. Este material, que deveria sair num segundo volume da Dark Horse, seria quase a metade do primeiro volume. Caso a Dark Horse tivesse mesmo intenção de produzir e publicar o segundo volume, o faria em menor número de páginas ou completaria com outro material, como os quatro álbuns feitos para o mercado europeu? Quem sabe? Se a editora brasileira pretende lançar a versão do livro da Dark Horse, estará publicando o material incompleto. A Gold Key publicou outras adaptações de romances de Tarzan nos números seguintes, mas feitos por outros desenhistas, pois Russ Manning passou a ser o desenhista das tiras diárias e páginas dominicais de Tarzan, entre dezembro de 1967 e janeiro de 1979.

Quase todo esse material, com adaptações dos romances de Burroughs feitas por Manning, foi publicado pela Ebal na revista **Tarzan** (3ª série) do nº 28, de janeiro de 1968, ao nº 47, de agosto de 1969, sem remontagens ou adulterações nos desenhos, mas em preto e branco. Houve duas falhas. As duas partes do romance **The Golden Lion** foram publicadas como aventuras separadas, nos nºs 42 e 47. E do romance **Lord of the Jungle**, a Ebal publicou somente o segunda parte, no nº 41. Em 1986, na 12ª e última série de **Tarzan**, a Ebal republicou todo esse material, também em preto e branco, entre os nºs 14 e 23, curiosamente com os mesmos dois erros.

Embora a Ebal tenha publicado várias séries de Tarzan em revistas coloridas, nunca achou que esse material de Russ Manning merecesse ser republicada em alguma delas.

QI 174 (mar/abr/2022)

QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além do nº 23 de **Pure Fruit**, três álbuns da série **De Panters** e o nº 2 de **Kuifje**.

De Panters é a versão alemã para a série **Les Panthères**, publicada entre 1971 e 1975 na revista belga **Tintin**. Criação de Greg com os desenhos de Edouard Aidans, trata de 3 jovens modernas e aventureiras metidas em casos policiais. Inicialmente tinham aventuras curtas, em torno de 8 páginas. Todas as aventuras foram reunidas em 3 álbuns pela Edition Lombard em 1974 e 1975. No Brasil, nunca foram publicadas, mas em Portugal ao menos as histórias do primeiro álbum foram publicadas em **Tintin** ano 7 nºs 17 a 32, entre setembro e dezembro de 1974.

Kuifje é a versão alemã de **Tintin**, mas, tenho a impressão, num formato maior. Ao menos maior em relação às versões portuguesa e brasileira. Segue a fórmula de histórias humorísticas curtas e histórias de aventura em capítulos de 2 a 4 páginas. Este número trouxe Dommel (Cubitus), Luc Orient, De Panters (com uma aventura que não está nos 3 álbuns – ou os álbuns alemães não correspondem aos belgas ou os belgas não trouxeram todas as aventuras da série), Benjamin, Rififi, Bruno Brazil, Rik Ringers (Ric Hochet), Robin Hoed (Robin Dubois) e Max. Vários desses personagens foram publicados brevemente no Brasil, na revista **Tintin** brasileira, na **Seleções de Tintin** da Hemus, no **Gibi Semanal** da RGE e na **Alakazam** da Vecchi.

A curiosidade é que trouxe 2 páginas com Roodoog (Redeye, no Brasil Touro Sentado) de Gordon Bess, tira distribuída pelo King Features Syndicate, o que indica que a editora alemã não comprava o pacote fechado de material da editora belga, e sim as aventuras individuais e compunha a revista a seu critério. Este não é um procedimento usual em editoras bem estabelecidas como a Lombard. O usual é a grande editora negociar pacotes fechados com somente seus personagens, para evitar que o sucesso desses alavanque personagens de outras procedências.

QI 174 (mar/abr/2022)

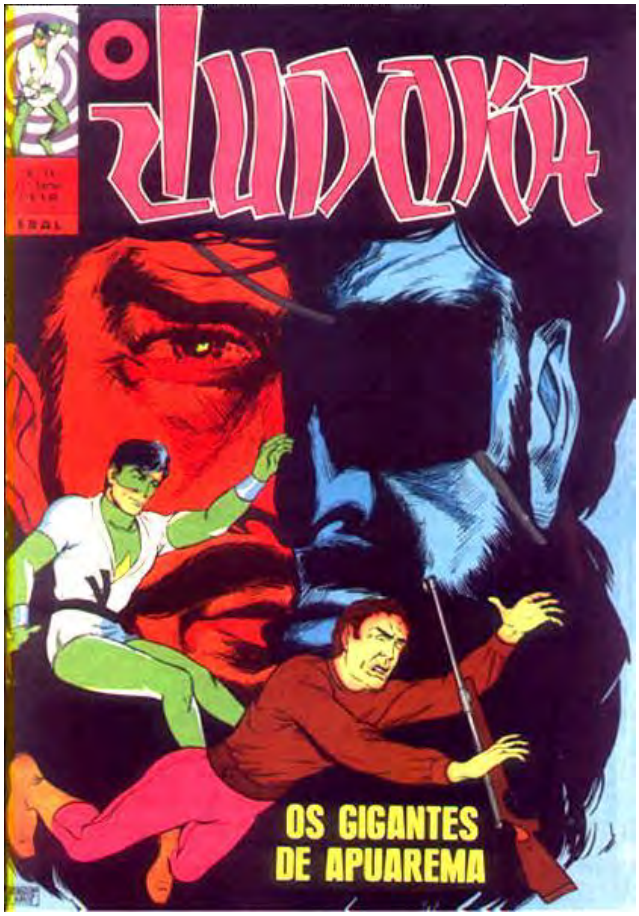
A MULINHA DA EBAL

A revista **O Judoka** nº 24, de março de 1971, trouxe na página 2, na seção de correspondência, a seguinte carta.

"O Marcelo Martins Silva, de Salvador (BA), escreve-nos reclamando de não aceitarmos os heróis enviados pelos leitores, se são melhores que os que publicamos. E cita o exemplo de O Homem-Aranha. Diz que desenha melhor que os desenhistas dessa revista, e nos manda, como amostra, um desenho seu... Trata-se da história de um herói, Robot K, que morre no final dela..."

"Não sabemos, não, mas parece que seu senso de crítica é bem diferente do nosso... E onde já se viu um herói morrer em sua primeira aventura?"

Na mesma revista, quando o leitor Airton Rosal Falcão, de Jaguatinga (DF), pergunta: "Super-Homem pode descobrir a identidade de outro super-herói através de sua máscara, usando a visão de raios X?", a resposta foi: "Pode, mas Super-Homem não é abelhudo."



QI 174 (mar/abr/2022)

FUÇANDO À TOA

Há pouco tempo, estive na casa de um vendedor de revistas de quadrinhos que havia conseguido comprar um bom lote de gibis de um colecionador do Pará. Achei várias revistas que me interessavam. No lote que ele comprou, havia uma coleção completa de **O Judoka** da Ebal, que não me interessou pois já tenho essa coleção. Mas aí ele, bastante contrariado, me mostrou alguns exemplares da coleção. O antigo proprietário havia adulterado várias páginas de vários exemplares da revista. Às vezes riscava por cima dos desenhos, mas a principal alteração era cobrir os balões, em parte ou no todo, colando em cima um papel branco e reescrevendo os textos. Na maioria das vezes, a informação tampada era composta de nomes próprios e localidades. Aparentemente, ele não queria que as pessoas fossem identificadas ou que a ação se passasse em locais específicos. Numa história sobre as obras de Aleijadinho, também se incomodou com as estátuas do escultor, em várias ocasiões tampando os rostos dos Profetas. Não é raro comprarmos exemplares usados em que o proprietário original fez alguma adulteração, mas normalmente são rabiscos ou coloridos feitos por crianças. Adulterações feitas por adultos são mais raras. Essas mostram um comportamento bem peculiar do proprietário original, uma inconformidade com aspectos aparentemente banais da história, como nomes de pessoas e locais, além de uma paciência de Jó para colar todos aqueles papeizinhos nos balões.

O vendedor estava bastante aborrecido por ter comprado essa coleção toda rasurada, que ele não ia conseguir vender para ninguém, ia tentar desfazer o negócio, mas duvido que tenha conseguido. Acabei comprando dois números da revista, os que achei mais adulterados, para poder fazer este texto aqui, com essa curiosidade. Mostro abaixo uma página adulterada ao lado da original. Nesta página específica, o leitor fez mudanças significativas, alterando completamente os balões, com textos totalmente fora do contexto.

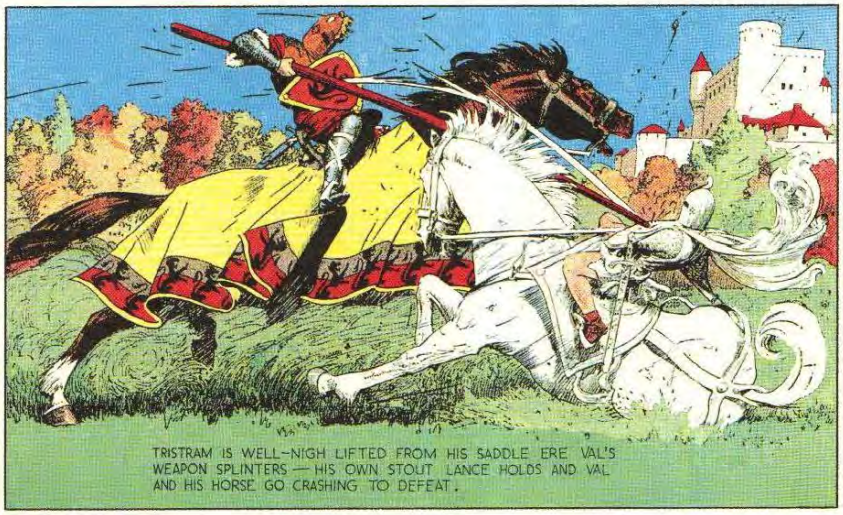
Se não fosse politicamente incorreto, era o caso de dizer: "Tá tomando o remedinho na hora certa?"

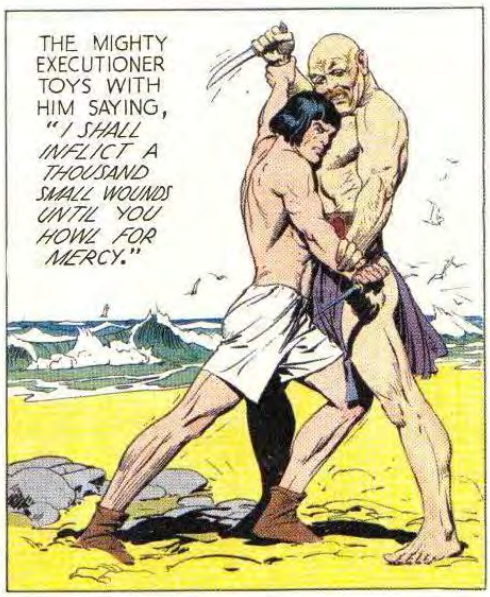
QI 174 (mar/abr/2022)

FOSTER... SEMPRE ELE!

Já está bem estabelecido que os desenhos de Harold Foster em *Prince Valiant* (juntamente com os de Alex Raymond em *Flash Gordon*) foram os mais copiados por uma infinidade de autores que os sucederam. Normalmente autores iniciantes, que faziam decalques de cenas compostas por Foster tanto por ingenuidade, quanto por admiração, um tanto por incapacidade de compor cenas tão boas, e um bom tanto por safadeza mesmo, para não perder tempo compondo suas próprias cenas. Muitos exemplos já foram mostrados, mas sempre que encontramos algum novo (ao menos novo para nós), a tentação de mostrar é maior que nossa resistência.

O primeiro exemplo vem da revista **Mirim** nº 1012, de 18/8/1944, uma ilustração feita pelo jovem Antonio Euzébio, na época iniciando profissionalmente nas revistas de Adolfo Aizen. Depois se tornaria um dos maiores capistas da Ebal. A cena saiu originalmente na página dominical nº 89 de *Prince Valiant*, de 23/10/1938. O segundo exemplo causa mais estranheza pois veio de um artista já veterano, dono de um traço próprio bonito e moderno, numa obra distribuída para o mundo inteiro. Trata-se de Sy Barry que fez uma homenagem na página dominical de *The Phantom* de 27/9/1964. A cena original saiu na página dominical nº 73 de *Prince Valiant*, de 3/7/1938.





QI 175 (mai/jun/2022)

QUEM É (OU PODERIA SER) RODOLPHO!

Em seu texto na página 7 desta edição, Lio Guerra Bocorny indaga „Quem Seria Rodolpho?". Tentei achar alguma coisa sobre este autor pouco conhecido. Depois de algumas buscas acabei chegando no site **Um Sítio no Planeta Mongo**, que reproduzia texto saído na revista **Judoka** nº 22, de janeiro de 1971, sobre o I Congresso Internacional de História em Quadrinhos, realizado no MASP em novembro de 1970. Nesta exposição, Adolfo Aizen e a Ebal tiveram destaque com vários painéis informativos. Entre eles, um que mencionava os vários colaboradores da editora desde o tempo do **Suplemento Juvenil**. E lá estava com nome e sobrenome: **Rodolfo Iltscke**.

Com o sobrenome ficaria mais fácil a procura. No **Mundo dos Quadrinhos** do Ionaldo não tinha mesmo nada. Nem na **História da Caricatura** de Herman Lima. Mas na **Enciclopédia dos Quadrinhos** do Goida havia o verbete.

ILTZCKE, Rodolfo. Desenhista e Pintor, de origem alemã, Rodolfo (como assinava seus trabalhos) começou como colaborador do **Suplemento Juvenil** (década de 30). Ilustrou páginas sobre a História do Brasil e, em 1939, realizou em quadrinhos „No Paiz das Amazonas", mostrando um estilo avançado para a época. Para a Ebal, no tempo da **Edição Maravilhosa**, quadrinizou o romance de Théo Filho, **A Ilha Selvagem**.

A busca por trabalhos de Rodolpho no **Suplemento Juvenil** no site da Biblioteca Nacional só pôde ser feita a partir do nº 751 de 3/10/1939, pois não estão disponíveis os números anteriores. Este primeiro número disponível traz o capítulo 7 da história „No Paiz das Amazonas", que teve 20 capítulos entre os nºs 733 e 787 (agosto a dezembro de 1939). Neste último trimestre de 1939, Rodolpho publicou também pelo menos 9 capítulos de 1 página de „Os Grandes Homens do Brasil", nos nºs 751, 757, 761, 764, 766, 771, 774, 777 e 783.

Na **Edição Maravilhosa de Suplemento Juvenil** nº 821, de 14/3/1940, saiu uma história em 20 capítulos de Rodolpho, „Os Conquistadores do Novo Mundo", produzida em 1938. Durante o mesmo ano de 1940, Rodolpho publicou, no **Suplemento Juvenil**, pelo menos 4 histórias de 1 página, de temática histórica, com os sobretítulos „Os Grandes Homens do Brasil", „Grandes Figuras do Brasil" e „Episódios da História Brasileira", nos nºs 866, 883, 924 e 944.

Como mencionado por Lio em seu artigo, os 15 capítulos de „O Olho de Satanaz" saíram todos juntos no nº 978 de **Suplemento Juvenil**, em 5 de março de 1941. Neste ano ainda saíram 3 histórias de 1 página da série „Grandes Figuras do Brasil", nos nºs 1090 e 1096.

Em 1942, o **Suplemento Juvenil** publicou 15 histórias de 1 página da série „Grandes Figuras do Brasil" nos nºs 1120, 1124, 1126, 1128, 1129, 1137, 1149, 1152, 1180, 1243, 1244, 1245, 1246, 1250 e 1274. Também publicou uma história longa em 17 capítulos, „A Viagem de Orellana", entre os nºs 1246 e 1281, entre 22/10/1942 e 12/1/1943.

Em 1943, saíram primeiro 6 histórias de 1 página da série „Grandes Figuras do Brasil" nos nºs 1282, 1284, 1293, 1297, 1330 e 1363, e depois mais 16 histórias da série „Cenas da História Pátria" nos nºs 1373, 1375, 1379, 1381, 1384, 1387, 1391, 1393, 1396, 1398, 1402, 1409, 1410, 1412, 1424 e 1430.

Em 1944, o **Suplemento Juvenil** publicou 40 histórias de 1 página de Rodolpho, todas da série „Cenas da História Pátria", nos nºs 1433, 1437, 1444, 1448, 1455, 1459, 1462, 1468, 1474, 1478, 1483, 1484, 1485, 1487, 1490, 1496, 1499, 1501, 1505, 1517, 1520, 1523, 1529, 1532, 1533, 1538, 1540, 1543, 1544, 1552, 1553, 1558, 1561, 1565, 1568, 1571, 1572, 1574, 1577 e 1583.

Em 1945, o **Suplemento Juvenil** publicou mais 43 histórias de 1 página de Rodolpho, da série „Cenas da História Pátria", nos nºs 1589, 1591, 1594, 1597, 1600, 1603, 1605, 1608, 1611, 1614, 1617, 1620, 1623, 1626, 1631, 1635, 1637, 1638, 1643, 1644, 1646, 1650, 1652, 1661, 1662, 1664, 1668, 1671, 1676, 1677, 1683, 1686, 1689, 1692, 1701, 1704, 1707, 1711, 1715, 1716, 1719, 1723 e 1725.

A revista **Mirim** também publicou histórias de Rodolpho, principalmente da série „Grandes Figuras do Brasil", mas às vezes com outros sobretítulos como „Os Grandes Homens do Brasil" e „Figura Ilustre da Literatura Brasileira". Em 1939 saiu apenas uma história no nº 252. Em 1941 saíram histórias de 2 páginas nos nºs 464, 481, 492, 539, 569, 577 e 582. O nº 481 foi uma **Edição Maravilhosa de Mirim** com mais páginas e 2 histórias de Rodolpho. Curiosamente, nos nºs 572 e 578, saíram apenas 1 ou 2 quadros de Rodolpho ilustrando um texto maior. Em 1942, saíram mais histórias de 2 páginas nos nºs 603, 606, 607, 608, 611, 613, 614, 616 e 640. Finalmente, o nº 1191, de outubro de 1945 trouxe uma última história de 2 páginas de Rodolpho.

O site **Guia dos Quadrinhos** tem o nome de Rodolfo como entrada, não tem biografia, mas dá uma lista de publicações de seus trabalhos. Aí consta que publicou HQs biográficas de 2 páginas na revista **O Lobinho**, de 1941 a 1944, nos nºs 13, 34, 41, 43, 47, 48, 50 e 56. Também saíram 4 biografias da série „Grandes Figuras do Brasil" no **Almanaque O Lobinho** de dezembro de 1942. No entanto, o **Guia dos Quadrinhos** coloca na mesma entrada outro artista de nome Rodolfo. Este produziu grande número de capas para a revista **Sesinho**. Outro estilo, outra assinatura.

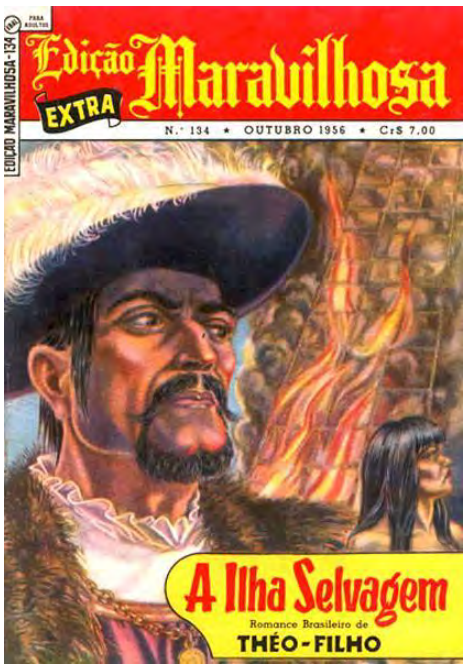
Na **Edição Maravilhosa** nº 134, de outubro de 1956, saiu adaptação do romance **A Ilha Selvagem** de Théo Filho. Capa e ilustrações de **Rodolpho Iltzsche**, onde se vê a forma correta de grafar seu sobrenome. Procurando no site **Guia Ebal**, não foram encontrados outros trabalhos de Rodolpho em **Edição Maravilhosa** e em **Álbum Gigante**, que também publicava romances em quadrinhos. O site não possui todos os números dessas revistas.

Em seu blogue **Tiras Memory**, Luigi Rocco reproduziu entrevista de Adolfo Aizen dada ao **Pasquim** em março de 1972. No final, há algumas informações breves sobre o destino de vários dos colaboradores de Aizen. Sobre Rodolfo Iltzsche, apenas "alemão, morava em Niterói, há muito tempo fora de circulação". Luigi Rocco também publicou em seu blogue um artigo de Naumin Aizen intitulado „Alguns Desenhistas Brasileiros do **Suplemento Juvenil**", publicado originalmente em 11 de março de 1984 no suplemento **Folhetim** da **Folha de S. Paulo**. Sobre Rodolpho Iltzsche, escreveu: "Desenhista e pintor de origem alemã, era filho de um fabricante de vitrais, em cuja oficina trabalhou por muito tempo, no Rio. Ilustrou grande número de páginas cívicas, além de criar e desenhar a história „No País das Amazonas", que começou a ser publicada pelo **Suplemento Juvenil** no nº 733 (22/8/1939). Em 1956, foi responsável pela quadrinização de **A Ilha Selvagem**, romance de Théo Filho".

No fanzine **Pica Pau** dedicado ao Cinquentenário do **Suplemento Juvenil**, Armando Sgarbi informou que em 1937 a revista publicou „As Aventuras de Jack e Ralph" de Rodolpho. Sgarbi tirou essa informação do catálogo feito por Enrique Lipszyc para a Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos realizada no MASP em 1970. Será que esta história é a mesma „Os Olhos de Satanaz", que tem como subtítulo „Aventura de Jack e Ralph"? Esta história foi publicada em março de 1941, mas foi feita em 1937, o que pode ter gerado a confusão. No catálogo o sobrenome novamente foi grafado errado: **Ilsche**.

Como curiosidade, numa das várias vezes que tentei buscar no Google o nome Rodolpho Iltzsche (com suas variações), a única referência encontrada foi o **QI** 158, na seção „Fórum", numa carta de Francisco Dourado mencionando página do autor publicada no **Suplemento Juvenil** nº 1600, de 27/1/1945.

A falta de maiores informações sobre Rodopho Iltzsche tem um componente curioso. Adolfo Aizen nunca deu destaque a este colaborador, como sempre fez com os nomes de Monteiro Filho ou Antonio Euzébio. No entanto, Rodolpho talvez tenha sido o maior colaborador do **Suplemento Juvenil**. Não só manteve colaboração regular desde pelo menos 1939, também foi quem produziu mais páginas e, durante o último ano de existência do **Suplemento Juvenil**, foi o único colaborador nacional da revista. Não abandonou o barco, esteve lá até o penúltimo número. No entanto, com a criação da Ebal, foi esquecido por Aizen. Só teve uma participação 11 anos depois, em um número da **Edição Maravilhosa**. Permanece a questão: **Quem foi Rodolpho?**

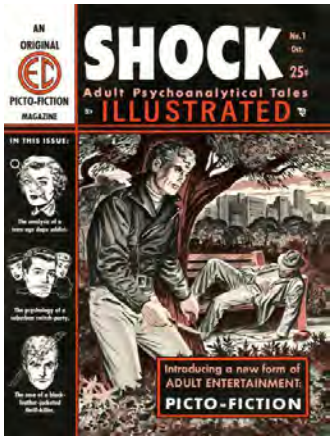


BALÕES LEGENDAS

A questão da História em Quadrinhos fazer uso de balões para representar a fala dos personagens (com o texto inserido no meio da imagem) ou de legendas para o discurso indireto (com o texto colocado à margem da imagem) sempre tem gerado discussões. Para mim, a questão é simples: se há UMA imagem que tenha função narrativa (conte uma história) já é História em Quadrinhos. O resto (se tem texto, se está incorporado ao desenho, se este é acadêmico, etc.) são as diversas formas de conceber uma obra, de acordo com as mais diversas conveniências (do autor, da editora, da expectativa do leitor, etc.).

O caso a seguir vale pela curiosidade, pela pretensão e pelo desespero.

A editora norte-americana EC Comics fez um enorme sucesso no início da década de 1950, quando Bill Gaines herdou de seu pai uma editora Educativa. Em pouco tempo, transformou-a numa editora de Entretenimento. Mudou toda a linha de suas publicações (infantis, cômicas, religiosas, românticas, policiais, etc.) para temas mais apelativos como terror, crime, suspense e ficção científica. O sucesso foi grande, foi imitada pelas concorrentes e logo gerou reação na sociedade, culminando com uma investigação pelo Congresso americano sobre a influência dos *comic books* na delinquência juvenil. Sob ameaça, as maiores editoras tomaram a iniciativa de fazer um código de ética próprio, banindo os temas prejudiciais de suas publicações, o que resolveu o problema. A EC Comics, que não quis (ou não pôde) adotar o código de ética, teve suas publicações recusadas pelos distribuidores, e assim, entre final de 1954 e início de 1955, teve que cancelar todos os seus títulos: **Tales from the Crypt**, **The Vault of Horror**, **The Haunt of Fear**, **Crime Suspenstories**, **Shock Suspenstories**, **Two-Fisted Tales** e **Weird Science Fantasy**. **Piracy** e **Panic**, que não eram com os temas malditos, duraram um pouco mais. Mas logo no início de 1955, a EC tentou dar a volta por cima lançando uma nova linha de revistas de quadrinhos, com a chamada *new trend*, com temas mais amenos, mais na linha da aventura em vários gêneros. Os títulos **Impact**, **Valor**, **Extra!**, **Aces High**, **Psychoanalysis** e **M.D.** eram de boa qualidade, mas não fizeram sucesso, duraram no máximo 5 números sendo cancelados no final de 1955.



A EC fez ainda uma última tentativa, lançando, entre final de 1955 e início de 1956, quatro novos títulos: **Shock Illustrated**, **Crime Illustrated**, **Terror Illustrated** e **Confessions Illustrated**. Com esses quatro títulos a EC tentou fugir da ideia de que fazia "comics" para jovens. As capas anunciavam com destaque: "Introduzindo uma nova forma de Entretenimento Adulto: Picto-Fiction". Ou seja, não eram mais quadrinhos para crianças, portanto, não precisavam mais de código de ética. Eles tinham inventado uma nova forma de arte, intitulada "Picto-Fiction". E mais, era original, como alardeado no topo das revistas: "an original EC Picto-Fiction magazine". Mas que diabos era essa nova e original forma de arte – a Picto-Fiction?

Ora, era tão somente a velha fórmula de colocar imagens e textos bem distintos na página, às vezes os textos em cima do desenho, às vezes embaixo, e muitas vezes um quadro inteiro somente com texto. O que, a meu ver, ainda é História em Quadrinhos, mas que muitos chamam de História Ilustrada. Ou proto-Quadrinhos. Essa coisa que encheu as páginas de **O Tico-Tico** com belíssimos trabalhos desde 1905 e que os pretensiosos da EC chamaram de nova e original forma de expressão. As revistas duraram apenas 2 ou 3 números, sendo canceladas no meio de 1956.

QI 175 (mai/jun/2022)

FUÇANDO À TOA

O **Suplemento Juvenil** começou a publicar em seu nº 1133, de 5/2/1942, a série Zigomar, de origem iugoslava, criada em 1939. O herói era inspirado no Fantasma de Lee Falk e também tinha seu interesse amoroso, Laura Morgan.

O curioso é que no capítulo 31, publicado no nº 1172, de 2/5/1942, o próprio Fantasma entra na história. Os dois atuam juntos em vários capítulos, em busca de Diana e Laura, que foram raptadas.

Mais curioso ainda é que, depois de certo tempo, não conseguindo encontrar suas amadas, os dois se desentendem de maneira violenta.

No capítulo 59, publicado no nº 1200, de 7/7/1942, o Fantasma abandona a história, não sem antes trocar ameaças com Zigomar. Cada um promete matar o outro, caso voltassem a se encontrar. Um desfecho nada recomendável em se tratando de dois heróis.

É pouco provável que a série iugoslava tenha usado a figura do Fantasma com autorização dos detentores de seus direitos. No entanto, mesmo carregando uma pirataria em seu bojo, os autores de Zigomar não se furtaram em negociar a série com outros países, o caso do Brasil e do **Suplemento Juvenil**. E neste caso, os direitos de Fantasma não pertenciam a Aizen.

O Fantasma começou sua publicação no Brasil em **A Gazetinha** nº 169, de 2/12/1936. O título da história era „Uma Alma do Outro Mundo", e durante alguns quadros foi assim que os bandidos se referiram ao herói. Aos poucos passaram a usar o termo Fantasma, que logo predominou, embora aparecesse também a grafia Phantasma. Em 27/4/1937, o **Correio Universal** publicou um álbum (um número extra do nº 216) com a primeira história do herói, grafando na capa "O Fantasma Voador". O termo certamente originou da cena que aparece na capa, em que o salto do herói parece um vôo.

Quando **O Globo Juvenil** começou a publicar a série a partir de seu nº 12, de 20/7/1937, usou o mesmo nome "O Fantasma Voador". E este nome prevaleceu por muito tempo, na década de 1940 os seriados de cinema do herói o chamavam de Fantasma Voador.

Embora houvesse uma rixa entre Adolfo Aizen e Roberto Marinho, aparentemente a aparição do Fantasma na história do Zigomar não teve nenhuma consequência.

FUÇANDO À TOA

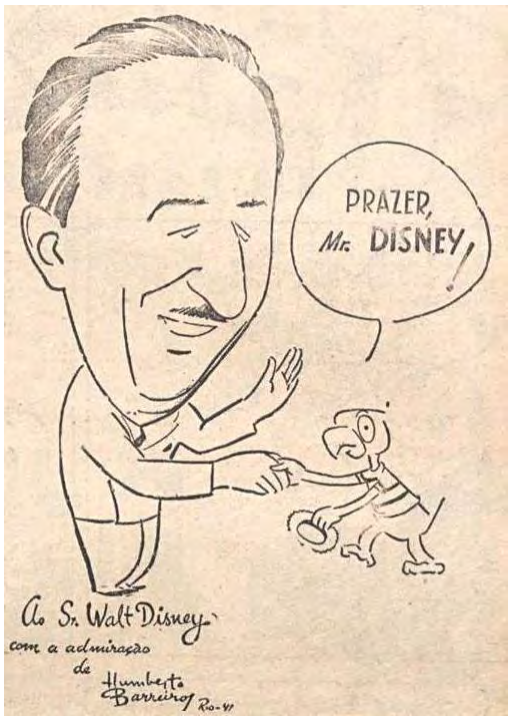
No **QI** 167, eu fiz um pequeno texto sobre as HQs feitas por Antonio Euzébio para a Ebal. Citei as que eu conhecia e perguntei se alguém sabia de mais alguma. Agora, folheando os números de **Suplemento Juvenil** no site da Biblioteca Nacional, achei a primeira HQ feita por Antonio Euzébio, justamente aquela com a qual ganhou o terceiro Concurso de História em Quadrinhos promovido pela revista com o tema „Vida de Caxias‟ em setembro de 1942. Na verdade, Antonio Euzébio dividiu o primeiro prêmio com Hélio Guimarães Cardoni. Com a vitória, ambos foram contratados pela editora, mas somente a HQ de Antonio Euzébio foi publicada, as três páginas nos nºs 1254, 1257 e 1260, em novembro de 1942.

1.º Prêmio No Concurso De Histórias Em Quadrinhos
Promovido Pelo SUPLEMENTO JUVENIL

A VIDA DE Caxias

POR ANTONIO EUZEBIO NETO

Ainda no **Suplemento Juvenil**, no nº 1061, de 2 de setembro de 1941, achei este desenho feito por Humberto Barreiros, que trabalhava na revista. Na ocasião Walt Disney estava visitando o Brasil, participando do esforço da política da boa vizinhança dos Estados Unidos com os países da América do Sul. Adolfo Aizen deu bastante atenção a essa viagem de Disney, já que era o editor de seus personagens no Brasil. Na época em que esse desenho foi feito, Disney já havia escolhido a figura que representaria o Brasil em seu futuro filme? Ou seja, o Zé Carioca já havia sido idealizado? O filme saiu em 1942. O Humberto apenas representou à sua moda um Zé Carioca que já existia? Ou preconizou um Zé Carioca que ainda seria criado? Ou só desenhou um papagaio qualquer sem qualquer relação com o Zé Carioca?



A revista **Mirim** nº 536, de 17 de agosto de 1941, o mesmo dia da chegada de Disney ao Brasil, trouxe matéria com o seguinte trecho: “Um dos motivos da vinda de Walt Disney ao Brasil é o seu desejo de conhecer o folclore brasileiro para transportá-lo ao desenho animado. Com este fito, ele virá ao departamento artístico de **Mirim** para conversar com nossos desenhistas e redatores a este respeito.”

No **Mirim** nº 539, de 24 de agosto de 1941, outra matéria com o seguinte trecho: “Durante toda a viagem do Pará ao Rio, Disney não despregou os olhos da paisagem, que se lhe descortinava em baixo.”

“Gravava na retina aspectos da região tropical e subtropical, impressionando-se com a mata cerrada da Amazônia, cortada pela imensa caudal, e com as caatingas do Nordeste. Já ouvira falar na figura mais interessante de nosso folclore, o Saci Pererê, com o seu cachimbo a correr com uma perna só. Agora está travando conhecimento com o Curupira, o Boi-Tatá, com a Mula Sem Cabeça.”

Por esses trechos, dá para concluir que Disney estava iniciando suas buscas por temas brasileiros. E não usou nada do folclore. Seus assistentes acabaram enredados pelos interlocutores cariocas e o papagaio malandro prevaleceu, juntamente com o samba do Rio.

QI 176 (jul/ago/2022)

A MULINHA DA EBAL

A revista **O Judoka** nº 22, de janeiro de 1971, trouxe na página 2, na seção de correspondência, as seguintes cartas.

"De Volta Redonda (RJ), escreve-nos Marco Antônio Nobre de Souza, enviando um "nôvo" super-herói de sua autoria e pedindo que o aproveitemos. Em primeiro lugar, o herói de Marco Antônio é o próprio Super-Homem, vestido de vermelho e verde – e, assim, nada tem de nôvo; depois, não temos como aproveitá-lo, e, se tivéssemos, não poderíamos fazê-lo, pelo motivo já exposto."

"Édison Silva, da Penha (SP), envia-nos algumas histórias-em-quadrinhos japonêsas, que recebeu de uma editôra daquele país, com a qual se corresponde. Já conhecíamos o trabalho, mas não entendemos nada do idioma. Esperamos que, da próxima vez, o Édison mande-nos também a tradução."

QI 176 (jul/ago/2022)

FUÇANDO À TOA

A revista **Mirim** nº 687 de 19 de julho de 1942 trouxe uma notícia interessante:

"Estreia. Amanhã Na "Edição Sonora Do Suplemento Juvenil". Na PRD 2 Rádio Cruzeiro do Sul!"

"Assista à Apresentação Do Primeiro Capítulo Da Sensacional e Emocionante Novela Que o Suplemento Juvenil Vai Irradiar e Ganhará Brindes e Autógrafos Oferecidos Pela Menina que Vocês Tanto Gostam: "Aninha, a Pequena Órfã"!"

A redação do **Suplemento Juvenil** arriscou produzir uma radionovela sobre uma das séries que publicava regularmente, „Aninha, a Pequena Órfã". Quem sabe se com a autorização do syndicate! E arriscou chamar de "Edição Sonora do Suplemento Juvenil". Uma boa jogada de Aizen. E apresentou foto da atriz:

"Mildredes Santos, a nova revelação do **Suplemento Juvenil**, que será a "Aninha" da radiofonização dessa maravilhosa história."

A revista **Mirim** também publicava as aventuras de Mickey. Durante o ano de 1942, publicou a estreia do Mancha Negra, que havia saído originalmente nos jornais em 1939. A primeira curiosidade é o nome que a redação do **Mirim** deu ao Mancha: "O Fantasma Camarada". De onde tiraram esse nome? O Gasparzinho só iria aparecer em 1949. E usar o adjetivo "camarada" para o que foi e se tornou o vilão mais terrível do mundo Disney? A propósito, o nome original do Mancha em sua primeira história foi "The Blot" (O Borrão), depois aumentado para "The Phantom Blot".

O Mancha Negra que eu conheci na infância foi o de Paul Murry, nas histórias do Mickey feitas para comic books. Participou de histórias memoráveis, sendo a mais inesquecível aquela em que se disfarçou de Marajá (puf! puf!). Para mim, nunca houve um rosto debaixo da máscara do Mancha. Então foi algo decepcionante para mim quando a editora Abril começou a publicar (década de 1980?) histórias italianas mostrando o Mancha sem máscara. Detestei.

Mal sabia eu que o Mancha tinha sido desmascarado logo na sua primeira história, na tira de 6 de setembro de 1939, publicada aqui no **Mirim** nº 698, de 14 de agosto de 1942.

QI 176 (jul/ago/2022)

PSIU 4!

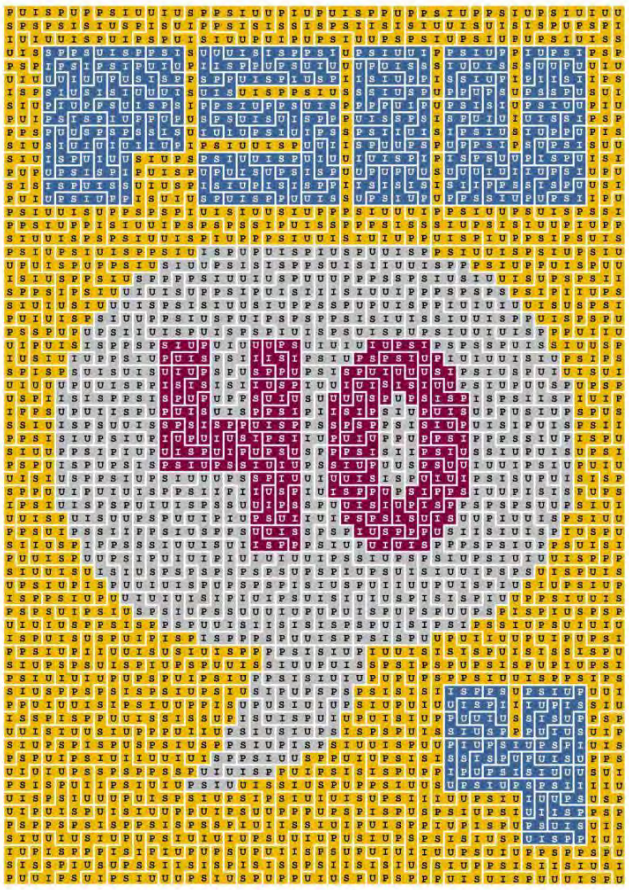
Em 1982 eu publiquei meu primeiro fanzine, o **PSIU** nº 1. Além de dois especiais, o fanzine durou apenas até o nº 3, de 1990. Parti para outros projetos, como o **QI**, de 1993, que dura até hoje.

Este ano de 2022, faz 40 anos do lançamento de **PSIU**. Aproveitando a facilidade da edição digital, resolvi retomar o fanzine lançando o nº 4 para lembrar e comemorar a data. O propósito é semelhante ao original, publicar HQs que eu recebesse dos correspondentes. Assim, esse **PSIU** 4 traz algumas HQs que estavam comigo há algum tempo e também trabalho recente que tenho recebido. Os artigos, que faziam parte do **PSIU** original, não estão presentes neste novo número, pois o **QI** já é um espaço que contempla esse tipo de trabalho. Assim como os encartes para os textos maiores.

Caso haja interesse dos leitores e colaboradores em enviar material para futuros números de **PSIU**, serão bem vindos. Se não, até a próxima edição comemorativa, a de 80 anos, talvez.

PSIU 4 – agosto de 2022 – edição digital

Disponível em www.marcadefantasia.com.

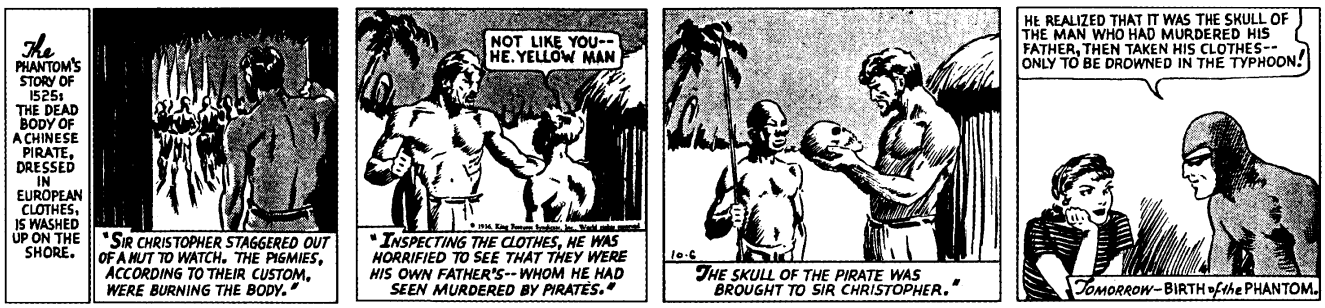


QI 176 (jul/ago/2022)

UM POUCO MAIS DE FANTASMA

Lendo os volumes compilando as histórias de *The Phantom* publicados pela editora norte-americana Hermes Press, vamos descobrindo aqui e ali uma ou outra cochilada dos autores. Na tira de 11/02/1971, a legenda diz "a Casa de Jade onde os Fantasmas por quatro séculos passaram suas luas-de-mel". A história da Casa de Jade e as praias douradas de Keela-Wee foi contada poucos anos antes nas páginas dominicais em 1967. Pertencia ao rei Joonkar que, desolado com a perda da esposa, deu a praia de presente de casamento ao Fantasma do século 17. A partir daí os Fantasmas passaram a levar suas noivas para a Casa de Jade após o casamento, como mostra a página dominical de 02/04/1967.

Várias vezes, no início de uma aventura, há um resumo da origem dos Fantasmas. A figura logo abaixo, mostra a passagem na página dominical de 18/08/1968. Aquele que seria o primeiro Fantasma encontra na praia o corpo do pirata que havia assassinado seu pai, com as roupas dele. Diante do crânio do pirata, o Fantasma faz seu juramento. Durante um certo tempo eu tive a lembrança de ter lido, na infância, que o juramento tinha sido feito sobre o crânio do próprio pai. Uma ideia macabra, mas era uma história de assassinatos, massacres, pigmeus. Será que era assim na primeira vez que a história foi contada? Procurei e achei a tira de 08/10/1936. Em 1525, o corpo do pirata (que então era chinês) com roupas europeias é encontrado na praia pelos pigmeus. Estes, de acordo com sua tradição, queimam o corpo. Sir Christopher (o primeiro Fantasma) vê horrorizado que as roupas são as de seu pai. Mas o pigmeu o tranquiliza: „Não era como você. Era um homem amarelo". Os pigmeus lhe trazem o crânio do pirata (que Sir Christopher supôs ser o assassino de seu pai) e o juramento é feito. Então, por um breve instante, Sir Christopher teve a mesma impressão que eu, a de que aquele cadáver queimando era seu pai. Mas será que foi só mesmo uma impressão minha? Será que nenhuma editora brasileira que publicou essa história, não traduziu como "crânio do pai do Fantasma" o que seria "crânio do assassino do pai do Fantasma"? Quem põe a mão no fogo pelo tradutor?



ZALLA E D-ARTE

A propósito do artigo de Daniel Saks no encarte oferecido com o **QI** passado, em que fala sobre a editora D-Arte e os problemas que teve com as crises econômicas, e as opiniões de José Ruy, sobre as estratégias editoriais da editora ASA, publicadas neste número, vou fazer alguns comentários sobre Rodolfo Zalla e a editora D-Arte.

Em uma das vezes em que tive oportunidade de conversar com Rodolfo Zalla, em eventos sobre quadrinhos em São Paulo, perguntei a ele por que não lançava outros títulos. Imaginava eu que material não faltava, tanto de novos autores interessados em divulgar seus trabalhos, como de histórias antigas, já publicadas, mas desconhecidas dos novos leitores. Os compradores de **Calafrio** e **Mestres do Terror** certamente não deixariam de comprar novos lançamentos na mesma linha. A resposta de Zalla foi inusitada para mim. Ele imprimia as suas revistas na gráfica da editora Ibep, uma editora de material didático para quem Zalla (e também Colonnese) já havia trabalhado. Inclusive tendo participado de uma experiência inédita no Brasil (e no mundo?): um livro didático de História, para adoção no ensino regular, totalmente feito em quadrinhos. A iniciativa foi do professor Julierme de Abreu e Castro, que contou com Zalla e Colonnese na empreitada. A colaboração de Zalla com a editora Ibep foi longa e com isso ele conseguiu regalias junto à gráfica para imprimir suas revistas. Segundo Zalla, as revistas só eram viáveis se impressas na gráfica da Ibep pelo preço muito baixo que ela lhe fazia. Só havia um problema. A gráfica limitava a quantidade de impressão que fazia a ele. Zalla não podia aumentar o número de títulos pois a gráfica não iria imprimir. E procurar outra gráfica não compensava. No início das atividades da D-Arte, as revistas chegaram a quase ser mensais. Mas paulatinamente os períodos entre um número e o seguinte foram aumentando, até ficar praticamente quadrimestral. Conjecturo que uma das causas disso tenha sido a gráfica que tornou-se mais restritiva em relação à quantidade de edições que imprimiria por ano.

Mas houve um outro motivo para que as atividades da D-Arte fossem ficando cada vez mais inviáveis. A distribuição das revistas da D-Arte era feita pela Dinap, empresa do grupo editorial Abril. A editora Abril tinha um leque grande de publicações de revistas de quadrinhos, as principais na linha infantil Disney, seguidas da linha de super-heróis Marvel e DC. Mas a Abril não publicava nada no gênero terror, então as revistas da D-Arte não representavam concorrência. Não havia nenhum problema em a Dinap fazer a distribuição desse material na tiragem que tivesse. Mas o surgimento de linhas mais adultas na DC, principalmente com a linha Vertigo, fez com que a Abril se enveredasse por esse gênero. Materiais mais adultos começaram a sair em meados da década de 1980, mas ainda muito ligados ao tema dos super-heróis. Uma das séries emblemáticas da linha Vertigo era Monstro do Pântano, cuja fase escrita por Alan Moore já estava saindo nas revistas de linha de super-heróis. Mas foi em janeiro de 1990 que a Abril lançou a revista **Monstro do Pântano**. Agora, sim, a Abril tinha uma revista de terror nas bancas e as revistas da D-Arte representavam um concorrente.

Vamos ao fato. Nessa época, a banca de revistas de que eu era cliente, na cidade de São José dos Campos, passou a receber somente UM exemplar de **Calafrio** e **Mestres do Terror**. Nesse início, cheguei a perder alguns exemplares, pois algum comprador ocasional chegou primeiro. Ao tomar conhecimento de meu interesse nas revistas, e como eu fazia compras de vários títulos, o jornaleiro passou a guardar o exemplar que recebia para mim. Ou seja, nem colocava na prateleira. Assim, naquela banca, para os demais compradores, a revista deixou de existir. Teoricamente o distribuidor avalia mês a mês as vendas de cada revista em cada banca de modo a otimizar a distribuição. O critério é enviar um ou dois exemplares a mais do que foi vendido no último mês. Se a revista vende esses exemplares extras, no mês seguinte a banca recebe mais exemplares. E vice-versa. No caso das revistas da D-Arte, o critério foi ignorado. A banca sempre recebia UM exemplar mesmo tendo vendido o exemplar no mês anterior. Quanto houve de queda na venda da D-Arte com essa atitude da Abril/Dinap? Não foi só a situação econômica do país que acabou com a editora D-Arte.

QI 177 (set/out/2022)

FUÇANDO À TOA

O nº 1234 do **Suplemento Juvenil**, de 24 de setembro de 1942, trouxe a seguinte notícia.

"Após um longo trabalho da Comissão Julgadora do grande concurso de Histórias em Quadrinhos tendo por tema „A Vida de Caxias", podemos hoje dar o resultado final dessa prova de habilidade no desenho que alcançou tanto êxito entre os artistas juvenis do Brasil inteiro. Foi-nos fácil separar, logo de início, os trabalhos mais fracos, que não apresentavam um índice mínimo de perfeição exigido na sua classificação. Na seleção final, porém, ficamos embaraçados, isso porque havia dois trabalhos com os mesmos predicados, embora de estilos inteiramente diversos e escolas bem diferentes."

"Referimo-nos às histórias enviadas por Antônio Euzébio Neto e Hélio Guimarães Cardoni. Como o regulamento do concurso não previa o empate, solicitamos o comparecimento de ambos os concorrentes à nossa redação, com a maior brevidade. Nessa ocasião, para que tenhamos uma prova do valor real dos concorrentes, e não haja dúvidas a respeito da autenticidade dos desenhos, daremos a cada um, separadamente, um novo trabalho, que será executado em nossa redação. Finda a prova, verificaremos quem realmente merece os cobiçados quinhentos mil réis oferecidos ao primeiro colocado."

Antônio Eusébio Neto, nasceu a 13 de junho de 1925, no Distrito Federal. Tem, portanto, apenas, 17 anos. Frequentou a Escola Primária e achava-se, quando concorreu ao nosso concurso, trabalhando num escritório desta capital. Não tem curso de desenho e apenas "rabiscava" em casa. Fez-se por si mesmo, graças ao seu talento e à sua perseverança. Hoje faz parte do Departamento Artístico do Suplemento Juvenil

Hélio Guimarães Cardoni nasceu a 12 de junho de 1924, tambem no Distrito Federal. Está cursando o 3.º ano ginasial. Desenhava tambem para si mesmo, não tendo tomado parte em qualquer dos concursos anteriores promovido pelo Suplemento Juvenil. Aparecia de vez em vez na redação, com uma "história em quadrinhos"... Mas não desanimou e hoje tambem é um dos nossos elementos.

O nº 1246 do **Suplemento Juvenil**, de 22 de outubro de 1942, trouxe o desfecho da contenda.

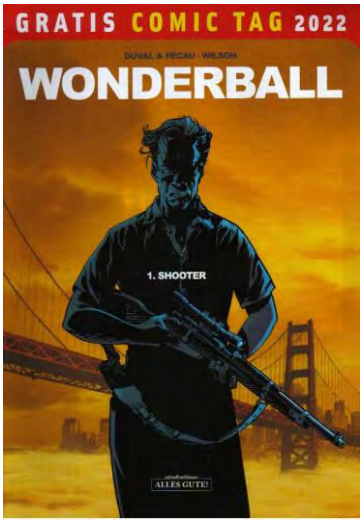
"Temos a satisfação de anunciar que ambos os concorrentes satisfizeram plenamente às provas a que foram submetidos, revelando-se como autênticos "ases" juvenis do desenho, obrigando-nos a dividir o prêmio, para não cometermos uma injustiça. Dessa maneira, os quinhentos mil réis que constituíam o primeiro prêmio do Concurso de Histórias em Quadrinhos sobre „A Vida de Caxias" serão divididos entre Antônio Euzébio Neto e Hélio Guimarães Cardoni."

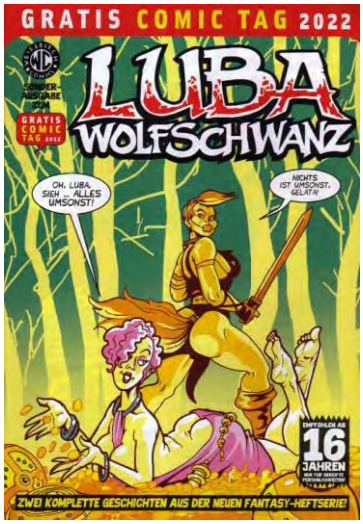
"Outra boa notícia temos para os nossos leitores: ambos os concorrentes premiados já estão trabalhando em nosso Departamento Artístico, ao lado de Fernando Dias da Silva e Celso Barroso, vencedores dos dois primeiros concursos de histórias em quadrinhos promovidos pelo Órgão Oficial da Juventude Brasileira."

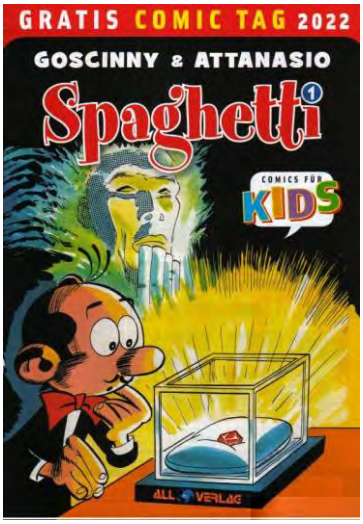
"**Suplemento Juvenil**, com esse novo acontecimento, prova mais uma vez que dedica toda a sua atenção à Juventude, procurando revelar os seus valores e destacando aqueles que, de outra maneira, ficariam sempre esquecidos e ignorados. Nosso jornal, que desde os seus primeiros números acolheu com carinho os leitores, dando-lhes a sua diretriz, tirando deles o melhor que tinham a dar, continua seguindo a mesma orientação. Temos um enorme orgulho de apresentar uma redação e um Departamento Artístico composto apenas de jovens de 16 a 22 anos, que fazem o seu jornal e podem competir, nos setores de suas atividades, com muitos elementos de mais idade e mais experiência."

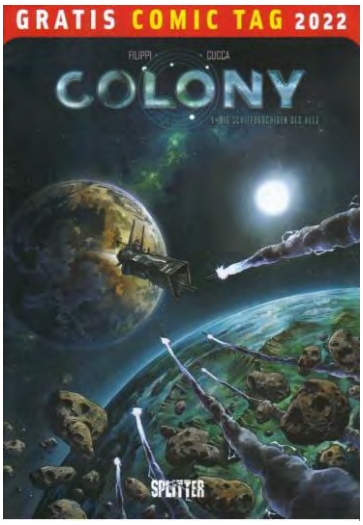
QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além dos nºs 24 e 25 de **Pure Fruit**, 6 edições da série „Gratis Comic Tag", evento ocorrido em maio em que as editoras alemãs produzem revistas grátis com amostras de seus produtos. Essa edição do evento teve 35 revistas diferentes. A editora Alles Gute! lançou a parte inicial do primeiro álbum da série „Wonderball" com roteiro de Fred Duval e Jean-Pierre Pécau e desenhos de Colin Wilson. A editora Weissblech Comics lançou edição com 2 histórias completas de „Luba Wolfschwaz", interessante série de espada & magia, com boa dose de erotismo. A editora All Verlag resgata antigas séries franco-belgas, com „Spaghetti" de Goscinny e Attanasio. A editora Kult Comics dá uma amostra da série „Die Gräfin" de Pirg. O estúdio Arazhul lançou uma edição da série „Arazhul Comic Adventure". A editora Splitter lançou o primeiro volume da série „Colony" de Pilippi e Cucca, ficção científica bem interessante.









NOTA DE FALECIMENTO

Como já foi mencionado, várias vezes nesta edição, o mundo dos quadrinhos sofreu duas perdas no mês de julho, as duas ligadas estreitamente ao **QI**, pois foram leitores, colaboradores e participantes ativos das várias seções do fanzine: **José Pires** e **José Menezes**.

Sobre **José Pires**, consegui rapidamente material para lhe fazer uma homenagem, produzindo um encarte da série „Mestres das Histórias em Quadrinhos", que é oferecido aos leitores junto com este número.

Sobre **José Menezes**, embora eu tenha bastante material a seu respeito, fazer um encarte não foi tão rápido. Mas já estou organizando todo o material e produzindo o trabalho. Espero conseguir a tempo de encartar a homenagem no próximo **QI**.

FUÇANDO À TOA

Quando vi anunciado no site da Mythos o livro **A Era de Ouro dos Quadrinhos**, pela capa logo identifiquei que era a versão do livro **King of the Comics – 100 Years of King Features**, publicado pela editora americana IDW em 2015. Como eu já tinha o livro da IDW, não me interessei pelo da Mythos. Mas aí o livro da Mythos ficou com um desconto de 50% e não resisti. Quando o livro chegou, vi que era coisa totalmente distinta do livro da IDW, apenas a capa de um foi baseada na capa do outro.

O livro da IDW é um livro teórico contando a história da King Features Syndicate, com mais de 300 páginas, formato maior (245x315mm), todo colorido, profusamente ilustrado com centenas e centenas de amostras de páginas e tiras de séries distribuídas pela King em um século (até então) de atividades. Traz apenas algumas páginas de cada série, pois a quantidade de séries que o syndicate distribuiu é realmente impressionante.

O livro da Mythos é uma antologia de quadrinhos com histórias completas das séries da King Features mais conhecidas no Brasil, a maior parte em preto e branco, formato 210x285mm e mais de 260 páginas. O forte do livro são as histórias, precedidas de textos explicativos (uma página) sobre os personagens. Os heróis selecionados foram Mandrake, X-9, Johnny Hazard, Jim das Selvas, Príncipe Valente, Rip Kirby, Steve Canyon (este era da Field Enterprises), Buz Sawyer, Flash Gordon, Fantasma, e as séries humorísticas Sobrinhos do Capitão, Recruta Zero, Reizinho, Pafúncio e Marocas, Popeye e o estranho no ninho Gato Maluco (Krazy Kat).

Por que a Mythos usou o padrão de capa do livro da IDW, sendo os dois livros tão diferentes? Não foi para aproveitar a ilustração de capa pois esta teve que ser refeita, mostrando apenas as 16 séries presentes no livro.

Os textos apresentando os personagens no livro da Mythos são bons e informativos, mas têm algumas estranhezas.

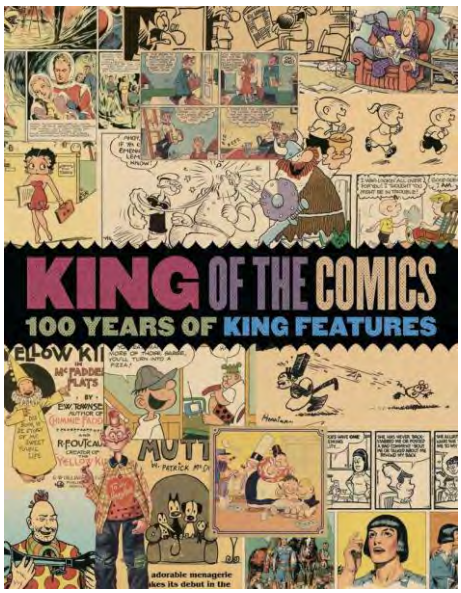
Sobre X-9, é dito: "Entre 1967 e 1979 a revista passou a ter Al Williamson na arte e Archie Goodwin nos roteiros". Que revista? Todo o livro é sobre as séries para jornais (tiras e páginas dominicais) distribuídas pela King Features.

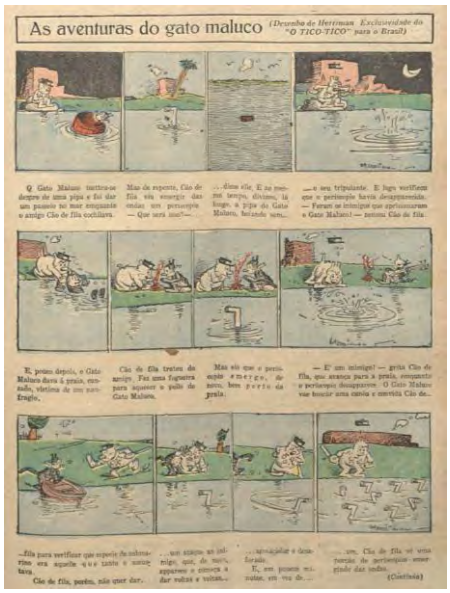
No texto sobre Johnny Hazard: "O sucesso do herói era tanto que ele tinha duas histórias correndo paralelamente nos jornais, uma publicação diária, outra dominical". As séries para jornais, na maioria dos casos, começavam com as tiras diárias (segunda a sábado) e depois eram acrescentadas as páginas dominicais. Algumas séries contavam uma história só nas tiras e páginas, com a história continuando da tira de sábado para a página de domingo e depois na tira de segunda. Mas o mais usual eram duas histórias independentes, uma nas tiras e outra nas páginas.

Em Flash Gordon: "Autores como Dan Barry, Harvey Kurtzman, Frank Frazetta, Al Williamson, Sy Barry, Joe Kubert e John Romita Sr. são alguns dos que passaram por suas páginas". Novamente misturando artistas das séries para jornais com os das revistas. Frank Frazetta foi ghost de Dan Barry. Kurtzman fez roteiros para Barry. Kubert e Romita, eu não sei onde fizeram Flash Gordon.

Em Steve Canyon: "A tira estreou nos jornais em janeiro de 1947, surgindo no Brasil como Ted Ciclone na revista **Biribinha**". Só a curiosidade de saber por que **Biriba** foi colocado no diminutivo.

Em Buz Sawyer: "Lutava contra os japoneses no Pacífico, vivendo aventuras com seu parceiro Rosco Sweeney (que posteriormente ganharia uma série própria)". Na verdade Roy Crane, a partir de um certo ponto, decidiu fazer as páginas dominicais de Buz Sawyer estreladas apenas por Rosco, em histórias humorísticas, poucas vezes com a presença de Sawyer.





Sobre Krazy Kat, uma informação interessante, a de que foi publicada em **O Tico-Tico** com o nome Gato Maluco. Achei que fosse mais uma confusão, pois o Gato Félix foi muito publicado em **O Tico-Tico**. Eu já visitei muitos números da revista no site da Biblioteca Nacional e nunca tinha visto o Krazy Kat lá. Mas realmente fez sua estreia no nº 1279 de 9 de abril de 1930. A série feita por George Herriman para os jornais começou nas tiras em 1913 e nas páginas dominicais em 1916. Antes os personagens já tinham aparecido em séries anteriores de Herriman.

O material publicado em **O Tico-Tico** era uma remontagem de tiras, mas não deu para identificar quais eram no original. A editora americana Fantagraphics publicou uma coleção com todas as páginas de Krazy Kat mas não cumpriu a promessa de publicar as tiras. Certamente eram em preto e branco, mas receberam cores em **O Tico-Tico**. A revista também fez a alteração de substituir os balões por textos sob os quadros. Não tive paciência de verificar até quando a revista publicou esse material tão inusitado.

O Krazy Kat de Herriman, salvo edições especiais mais recentes, foi pouco publicado no Brasil, segundo o que pude observar. Nos EUA, o título foi licenciado para Dell produzir e publicar revistas com os personagens. Saíram 5 números da revista **Krazy Kat** em 1951 e mais 5 edições de **Four Color**. Só o título é o mesmo. O material produzido pela Dell é tão fraco que os pesquisadores nem conseguiram identificar os nomes dos autores. Isso não impediu que fosse publicado no Brasil com o mesmo nome **Gato Maluco** em 7 números pela editora Novo Mundo e 7 números pela RGE.

Mudando de gato para rato.

Muito se fala na cor do uniforme do Fantasma, se é vermelho, azul, roxo ou cinza. Mas ninguém fala da cor do Mickey.

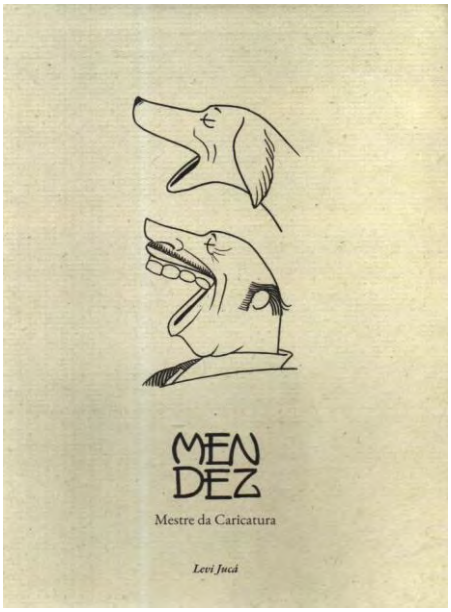
Depois de estrelar em desenhos animados, Mickey Mouse ganhou uma série de tiras em quadrinhos para jornais publicada a partir de 13 de janeiro de 1930. Em preto e branco, como era de praxe. As páginas dominicais coloridas vieram depois. Não demorou para Mickey estrear no Brasil, também nas páginas de **O Tico-Tico**. O nº 1277, de 26 de março de 1930 trouxe duas tiras do personagem com o nome de Ratinho Curioso. E o curioso é que a revista começou a publicar a série a partir da 13ª tira (ou 3ª semana), omitindo as 12 tiras iniciais. E a revista coloriu as tiras originalmente em preto e branco, substituindo os balões por textos sob os quadros, como era a regra da publicação. Mas o mais curioso é que resolveram pintar o Mickey de azul. E ficou assim durante algumas semanas, embora na terceira aparição tenha amarelado, mas é compreensível pois era uma situação de muito perigo.

LIVRO SOBRE MENDEZ

O Ecomuseu de Pacoti patrocinou o livro **Mendez – Mestre da Caricatura**, resultado de pesquisa de Francisco Levi Jucá Sales sobre o caricaturisa e ilustrador Mendez.

Livro de alta qualidade gráfica, ricamente ilustrado sobre a vida e obra do caricaturista Mário Mendez, um dos nomes mais destacados da caricatura brasileira.

O custo do livro incluindo o porte é R$ 75,00 e pode ser encomendado ao autor: contato@ecomuseu.com.br.



FUÇANDO À TOA

O **Almanaque Sobrenatural** nº 3 (dez/1980) da editora Vecchi trouxe uma história chamada *O Estranho Dr. Murdock*, escrita por Rubens Lucchetti e desenhada por Edmundo Rodrigues. Não dá para saber qual foi a influência de Lucchetti para criar esse personagem, mas Edmundo Rodrigues tirou sua imagem de Barnabas Colins, o protagonista do seriado **Dark Shadows**, exibido pela TV americana ABC entre 1966 e 1971, interpretado por Jonathan Frid. Não são o mesmo personagem, tendo em comum apenas a imortalidade. Barnabas é um vampiro, com os famosos caninos salientes. O Dr. Murdock é um médico que se mantém jovem (e também a sua esposa e assistentes) através de um maquinário que extrai a vida de jovens moças (de um reformatório onde é o diretor). O número de mortes elevado no reformatório atrai a atenção das autoridades e no fim da aventura, com a revolta das moças, Dr. Murdock e sua esposa acabam soterrados. Mas é claro que fica uma deixa para um aproveitamento futuro do personagem.

Dark Shadows teve adaptação para os quadrinhos de jornais durando apenas um ano, entre março de 1972 e março de 1973, com desenhos de Ken Bald. Também virou revista pela editora Western, com 35 edições entre março de 1969 e fevereiro de 1976. Foram as capas dos comic books usando fotos promocionais do seriado que serviram de referência para Edmundo Rodrigues.

O retorno do personagem ocorreu em **Histórias Reais de Lobisomem** nº 2 (1986) da editora Bloch, na aventura *A Volta do Dr. Murdock*, desenhada por José Menezes e aparentemente escrita também por ele. É uma aventura de Drácula e no confronto final entre os dois, ambos perecem. José Menezes manteve o rosto do personagem calcado em Barnabas e na imagem inicial da história até coloca nele uns caninos de vampiro. Mas durante a história, ele não se revela um vampiro, e sim um médico que continua fazendo experiências para se manter imortal, além de prestar este serviço a milionários que não se conformam com a brevidade da vida.

Neste caso do Dr. Murdock, houve apenas o aproveitamento de uma referência gráfica para o rosto do personagem, sendo o restante bem distinto. Coisas semelhantes são bem comuns nos quadrinhos italianos que sempre baseiam seus personagens em algum ator ou atriz do cinema.

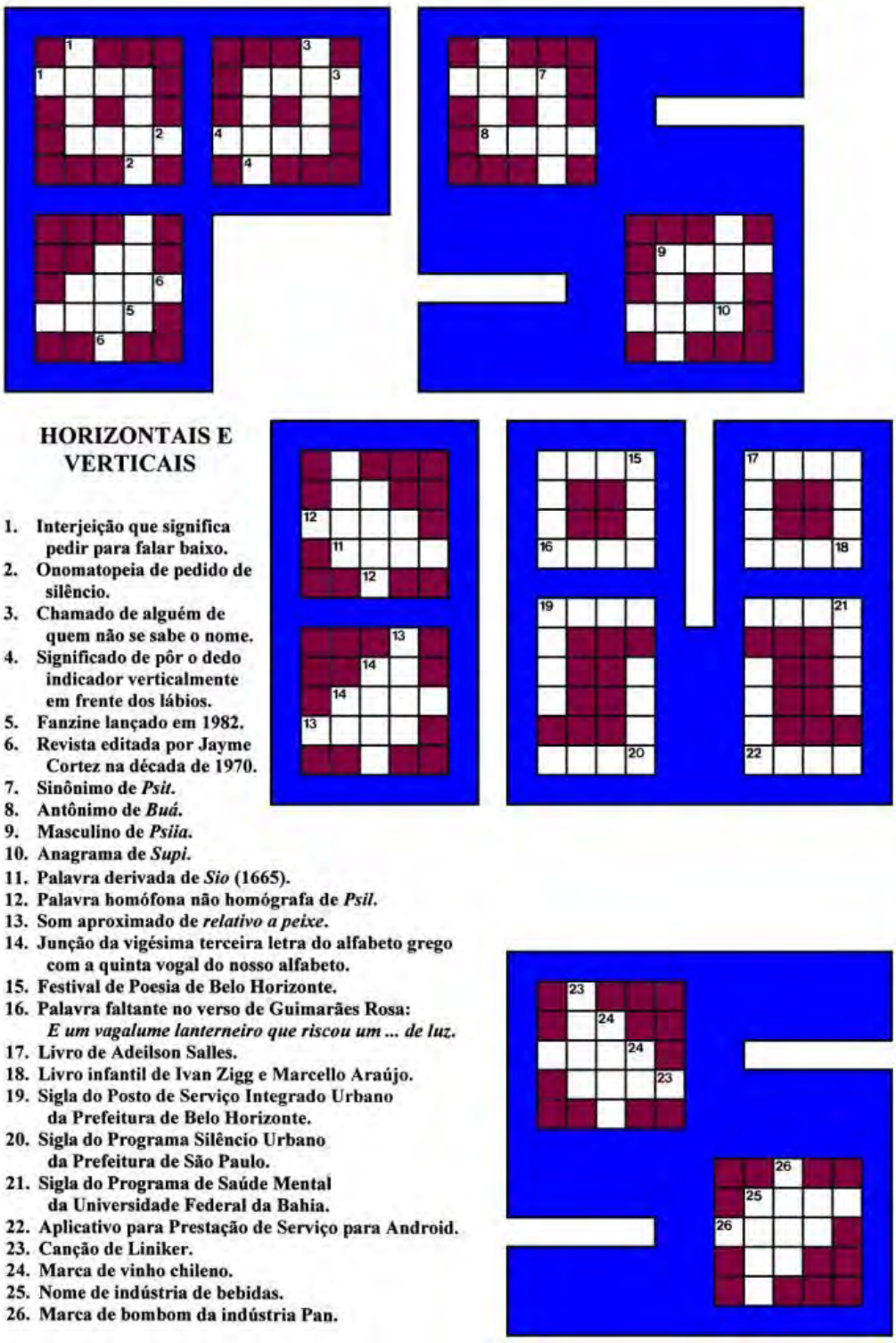
O caso seguinte é diferente. Aconteceu em **Histórias Reais de Drácula** nº 25 (1992) da editora Bloch, na aventura *Ebenezer tem um Tesouro*, "um conto de Wilson Fernandes". Nesse caso, uma história foi construída em cima dos desenhos de Alberto Breccia em **Mort Cinder**. A história é totalmente diferente da história original, *Os Olhos de Chumbo*, de onde os desenhos foram retirados. Inicialmente, pensei que os desenhos usados fossem mesmo os de Breccia, recortados da historia original e reordenados para contar outra história. Mas observando bem, vê-se que Wilson Fernandes redesenhou todos os quadros decalcando dos desenhos de Breccia.

Não foi a primeira vez que história de Alberto Breccia foi usada como base para "construção" de alguma HQ em revista brasileira. Não me refiro à publicação não autorizada (e não paga) de trabalho de Breccia, coisa que, segundo ele me declarou quando esteve na Bienal do Rio, 30 anos atrás, acontecia com frequência.

Algumas dessas "referências" que encontrei foram na revista **Luke Cage** nº 2, da editora Gorrion, na história *Invasores na Amazônia*, usando alguns quadros de **Mort Cinder**, e na revista **Ação!** nº 1 da editora Roval, nas histórias *O Tesouro de Besie* e *O Voo Fatal*, também usando alguns quadros de **Mort Cinder**.

PSIU 5

Está saindo mais um número do novo **PSIU** virtual, o quinto.
Disponível em www.marcadefantasia.com.



HORIZONTAIS E VERTICAIS

1. Interjeição que significa pedir para falar baixo.
2. Onomatopeia de pedido de silêncio.
3. Chamado de alguém de quem não se sabe o nome.
4. Significado de pôr o dedo indicador verticalmente em frente dos lábios.
5. Fanzine lançado em 1982.
6. Revista editada por Jayme Cortez na década de 1970.
7. Sinônimo de *Psit*.
8. Antônimo de *Buá*.
9. Masculino de *Psiia*.
10. Anagrama de *Supi*.
11. Palavra derivada de *Sio* (1665).
12. Palavra homófona não homógrafa de *Psil*.
13. Som aproximado de *relativo a peixe*.
14. Junção da vigésima terceira letra do alfabeto grego com a quinta vogal do nosso alfabeto.
15. Festival de Poesia de Belo Horizonte.
16. Palavra faltante no verso de Guimarães Rosa: *E um vagalume lanterneiro que riscou um ... de luz.*
17. Livro de Adeilson Salles.
18. Livro infantil de Ivan Zigg e Marcello Araújo.
19. Sigla do Posto de Serviço Integrado Urbano da Prefeitura de Belo Horizonte.
20. Sigla do Programa Silêncio Urbano da Prefeitura de São Paulo.
21. Sigla do Programa de Saúde Mental da Universidade Federal da Bahia.
22. Aplicativo para Prestação de Serviço para Android.
23. Canção de Liniker.
24. Marca de vinho chileno.
25. Nome de indústria de bebidas.
26. Marca de bombom da indústria Pan.

QI 178 (nov/dez/2022)

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

A foto ao lado foi enviada por Pedro José Rosa de Oliveira. Foi publicada no primeiro número da revista **Tupãzinho** da editora Pan Juvenil. A legenda diz que a equipe de produção da revista é composta por Fabiano Dias, Luiz Sátiro e Fernando de Almeida.

A foto abaixo foi publicada no nº 481 da revista **Mirim**, de 20 de abril de 1941. A legenda diz: "No momento em que nas páginas de **Mirim** apresentamos trabalhos de todos os desenhistas que formaram o nosso departamento artístico, queremos prestar uma homenagem a todos os outros jovens artistas que tiveram o início de sua carreira no **Suplemento Juvenil**, nosso irmão mais velho. E assim é que publicamos a fotografia, onde se veem, da esquerda para a direita, Luiz Fontes e Mario Pacheco, que trabalham hoje num outro periódico; Helio Queiroz, que é agora um dos nossos mais hábeis aviadores civis; Renato Lima, que continua trabalhando conosco; Humberto Barreiros, que se acha cursando a Escola de Engenharia; Milton Casério, hoje um dos elementos preciosos de uma empresa de publicidade; e, finalmente, Ildeu Moreira, um dos mais antigos elementos do nosso departamento artístico. A todos esses da "velha guarda" a nossa simpatia e alegria por vê-los vitoriosos, desde que aqui encontraram o estímulo para o início da carreira bonita que escolheram, como é a de desenhista."

A MULINHA DA EBAL

A revista **Quem Foi?** (4ª série) nº 2, de novembro de 1969, trouxe a seguinte carta.

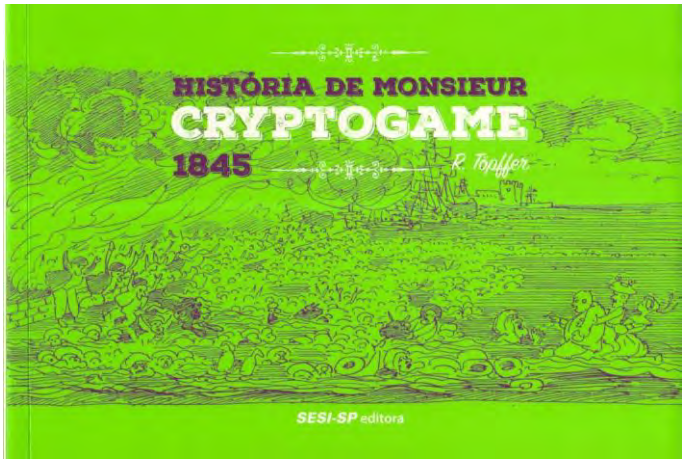
"Cesar A. Benedetti, de Barretos (SP), diz-se grande admirador das nossas revistas e também nas *Notícias em Quadrinhos*. Diz que desejava receber um *prospecto de historietas-em-quadrinhos americanas*, mas não sabe como adquiri-lo.

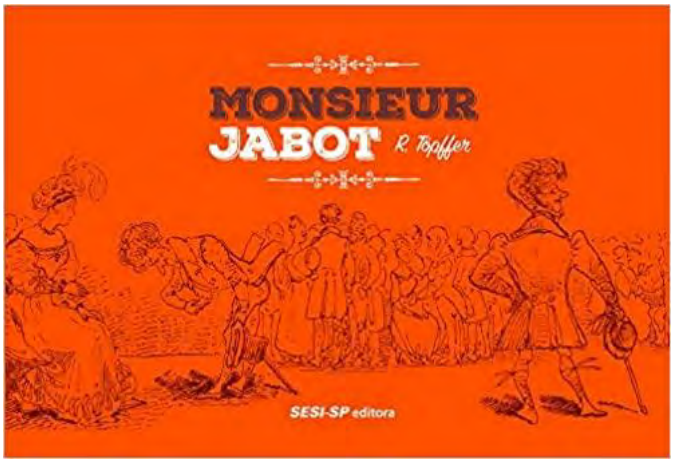
R. Também nós não sabemos que prospectos são esses."

QI 179 (jan/fev/2023)

PITAQUINHO

Quiof Thrul, em sua carta-artigo neste **QI**, menciona o início das "graphic novels". Recentemente a editora do Sesi-SP publicou 5 volumes com os trabalhos de Rodolphe Töpffer. Esses livros foram feitos com base nos livros originais de Töpffer, cedidos por André Caramuru Aubert, que haviam pertencido a seu avô. O primeiro livro que Töpffer publicou foi **Monsieur Jabot**, em 1833. Mas o primeiro livro que ele produziu foi **Monsieur Cryptogame**, embora só o tenha publicado em 1844/45. Os outros livros de Töpffer publicados pelo Sesi foram **Monsieur Crépin**, **Monsieur Vieux-Bois** e **Monsieur Trictrac**. Esses trabalhos de Töpffer são histórias completas, em forma de quadrinhos, publicadas originalmente em livros. Portanto, a melhor definição de "graphic novel".





BIUAR

"Reconhece a queda, e não desanima. Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima."

Em ritmo de samba, venho comunicar aos leitores dois tombinhos que levei. Dizem que ninguém aprende com os erros dos outros (quiçá com os próprios), mas faço meu dever de cidadão deixando aqui o alerta.

O primeiro. Fiz a reserva através do Catarse de três livros, os dois volumes de **Welcome to Springville** e o **Ken No Michi**. A campanha foi encerrada no final de 2021 e até agora nenhuma satisfação foi dada, nem ao menos para dizer que há atraso (quase um ano). Os responsáveis têm uma editora, a Graphite Design, que já publicou uma dezena de livros, muitos deles da Bonelli. Já comprei diretamente do site e não tive problemas. Mas os 3 livros do Catarse, nem a poeira. Quem quiser ser solidário no tombo, o endereço é:

https://loja.graphitedesign.com.br

O segundo. Consultando a loja virtual Gibimania (que não é a do Marquinhos Moraes) achei várias edições de meu interesse. O responsável pela loja é fanzineiro antigo. Fiz a encomenda em maio, com pagamento em depósito bancário. Até agora nada, não responde email. E não foi só comigo. Acabei achando um site chamado **Reclame Aqui** com várias outras pessoas denunciando tombos. Caso o espírito solidário permaneça, o endereço é:

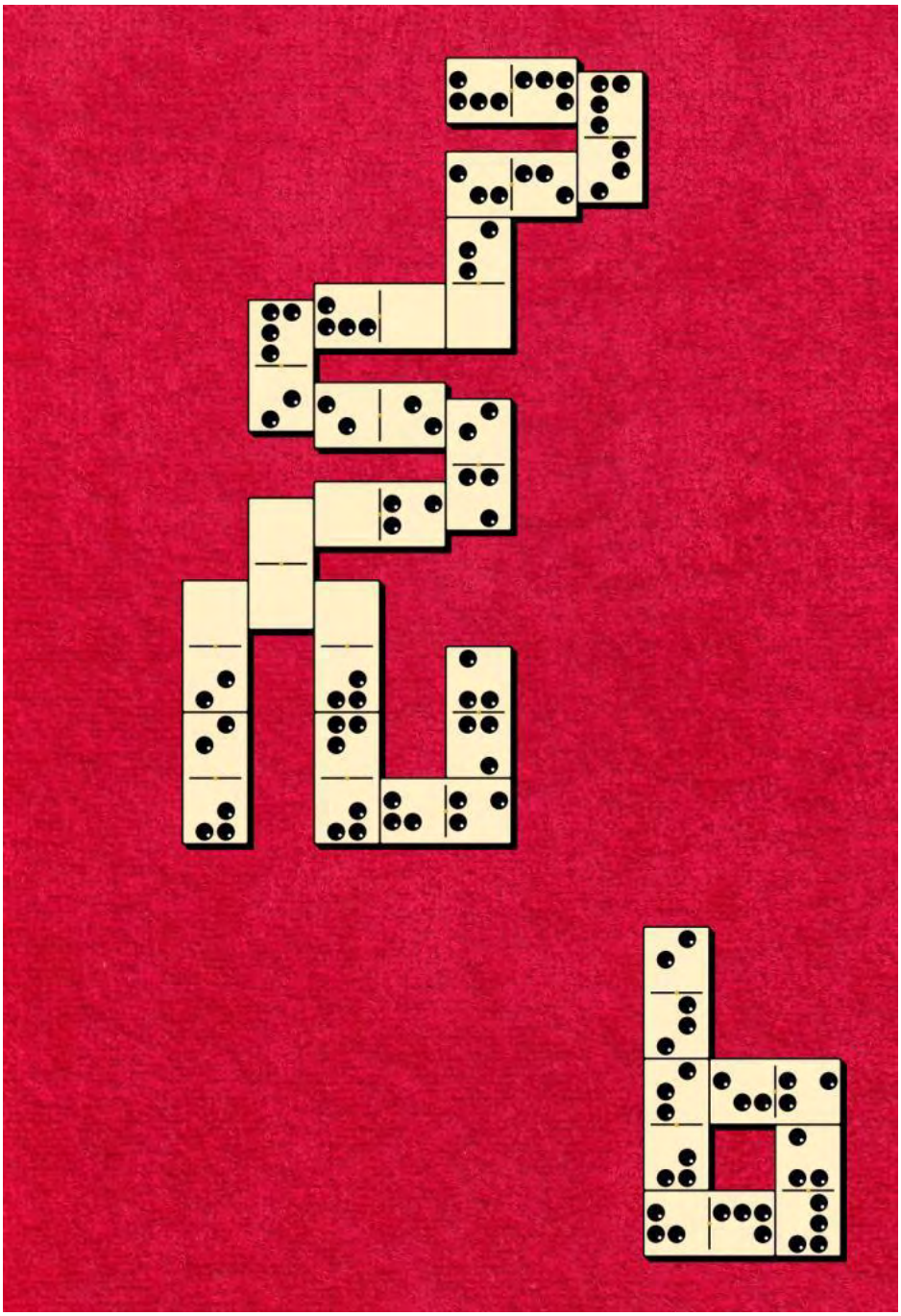
https://lojagibimania.loja2.com.br

QI 179 (jan/fev/2023)

PSIU 6

Saiu novo número de **PSIU** em formato digital, disponível em www.marcadefantasia.com, na página EGO/QI.

A edição traz HQs de Rodinério da Rosa, Luiz Iório, Dennis Oliveira, Eduardo Marcondes Guimarães, além do resgate de trabalhos de Franklin Horylka, J. Carlos e Shimamoto.

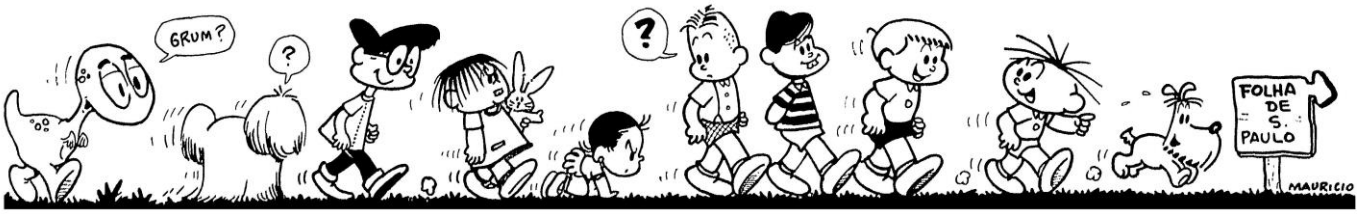


QI 179 (jan/fev/2023)

ACONTECEU MESMO!

No dia 8 de setembro de 1963, a **Folha de S. Paulo** publicou o primeiro número do suplemento infantil **Folhinha de S. Paulo**. Consta que Maurício de Sousa foi co-criador do suplemento junto com a Tia Lenita. De qualquer forma, Maurício era o principal ilustrador do jornalzinho, com vários desenhos avulsos, passatempos, além de 2 páginas de HQ e mais algumas agenciadas por ele. Mas Maurício tentou uma tira nova logo na capa do primeiro número. O título? „Aconteceu Mesmo", trazendo "fatos" curiosos acontecidos no Brasil. Saiu ainda mais uma tira dessas na capa do segundo número. E, que eu saiba, nunca mais. Será que houve alguma intervenção para que a tira não tivesse continuidade? O tema da tira, contando casos fantásticos como se tivessem "mesmo acontecido", não me parece adequado num suplemento que tinha forte caráter educativo. Fica a curiosidade.

FUÇANDO À TOA



Segundo consta, a primeira vez que a figura da Mônica apareceu impressa foi no rodapé da primeira página do jornal **Folha de S. Paulo**, em 11 de fevereiro de 1963. Essa imagem, mostrada acima, era a chamada para a reestreia de Maurício no jornal. Pouco depois, em 3 de março de 1963, ela fez sua estreia na tira do Cebolinha, publicada no mesmo jornal. Em 8 de setembro, a **Folha** lançou o suplemento **Folhinha de S. Paulo**, onde Maurício tinha amplo espaço para suas HQs, ilustrações, vinhetas e até trabalhos de outros autores agenciados por ele. No suplemento, no início, Mônica aparecia muito timidamente, os astros eram Cebolinha, Raposão e Horácio. Somente quase um ano depois, Mônica começou sua ascensão, com uma matéria no nº 51 do suplemento, em 23 de agosto de 1964, onde a filha de Maurício, Mônica, é apresentada como a inspiração da personagem Mônica. Curiosamente, no dia 13 de outubro de 1963, o **Suplemento Feminino**, onde Maurício também fazia ilustrações, publicou o desenho ao lado. Afinal, isso aí era a Mônica ou não?

QI 179 (jan/fev/2023)

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

No dia 20 de setembro fez 47 anos que Wagner Augusto reuniu os jovens desenhistas na Livraria Gibi para uma sessão de fotos. Da esquerda para a direita: Sebastião Seabra, Ricardo Dutra, Gastão Fernando do Amaral Moretti, Cassiano Roda, Francisco Paulo Amaral de Rosa e Paulo César Munhoz. Essa foto foi usada para ilustrar uma matéria do jornal **Diário Popular**, de São Paulo, publicada em 20 de novembro de 1975.

FUÇANDO À TOA

Duas fuçadas pelo preço de uma. Na revista da Ebal, **Os Justiceiros** nº 12, de agosto de 1968, na página 2, texto sobre Edson Rontani, mostrando o autor e seu filho, Eron, como um seguidor dos passos do pai.

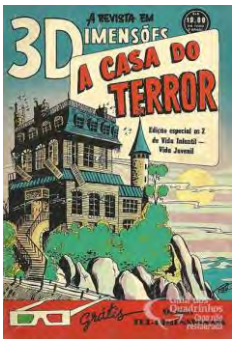
Na **Folhinha de S. Paulo** nº 24, de fevereiro de 1964, uma capa de Edson Rontani. E aqui uma curiosidade. O menino na capa tem a pose de um outro personagem dos quadrinhos. Desafio os leitores a descobrirem quem é.

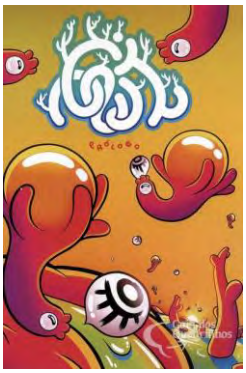
O DESAFIO DO YUDENITSCH

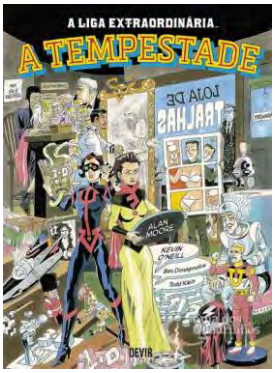
No „Fórum", Alexandre Yudenitsch perguntou se alguém se habilitava a fazer um levantamento das publicações em 3-D no Brasil. Só fui no **Guia dos Quadrinhos** e digitei "3-D" ou "3D" no mecanismo de Busca. Veio o que está aí embaixo. Acabei achando, por acaso, o **Álbum Gigante** que não estava no resultado da busca. E o tal **Gnut**, que não deu para saber se é mesmo 3-D. Os livros de **Liga Extraordinária** têm várias páginas em 3-D e trazem os óculos. Quem souber de outras edições é só mandar imagem da capa.

Ah, sim, embora usando outra técnica, a capa do **QI** 171 é 3-D.

– **Vida Juvenil** nº 1 (Vida Doméstica/nov/dez/1953);
– **Vida Juvenil** nº 2 (Vida Doméstica/mai/1954);
– **Mindinho Especial em 3-D** (Ebal/ago/1960);
– **Creme de Milho com Bacon 3-D** (Pro-C/ago/2005);
– **Liga Extraordinária – Dossiê Negro** (Devir/nov/2016);
– **Liga Extraordinária – A Tempestade** (Devir/mar/2020).
– **Possante** nº 11 (Ebal/1ª s./dez/1953);
– **Álbum Gigante** nº 63 (Ebal/jun/1954);
– **Ms. Tree 3-D** (Success/1988);
– **Gnut** (Paulo Crumbim/dez/2015);
– **Frauzio Que Pariu!** (Pro-C/dez/2020);







QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou 3 revistas de quadrinhos alemãs. Os dois primeiros números de **Phantom**, publicados neste segundo semestre de 2022. Uma revista em formato grande, toda colorida, com um pôster central, trazendo com destaque novas histórias do Fantasma, talvez de origem italiana, pelo nome do desenhista, Giancarlo Caracuzzo. Nessa história em duas partes, o Fantasma contracena com o monstro de Frankenstein numa história bem interessante. Complementa as edições, histórias de Fantasma para as páginas dominicais, datadas de 1997/98, feitas por Olesen e Fredericks. Uma curiosidade é que na página 2, numa foto em que os editores estão à frente de uma estante com edições de Fantasma do mundo todo, aparecem com destaque duas edições brasileiras, **O Casamento do Fantasma** da Ebal e **Os Bebês do Fantasma** da RGE. A terceira revista, **Power Friends**, trata de um novo grupo de super-heróis adolescentes, criação de um jovem autor alemão.

QI 180 (mar/abr/2023)

MAIS 3-D

Seguindo a dica de Luiz Antonio Sampaio, procurei, não exaustivamente, no site **Guia Ebal** para ver se havia outras edições em 3-D publicadas pela Ebal. Limitei a busca entre as edições publicadas entre final de 1953 e início de 1954, que foi a época em que a técnica foi lançada nos EUA e também no Brasil. A própria Ebal lançou uma edição 3-D em 1960, então é possível que existam outras além das que eu identifiquei abaixo.

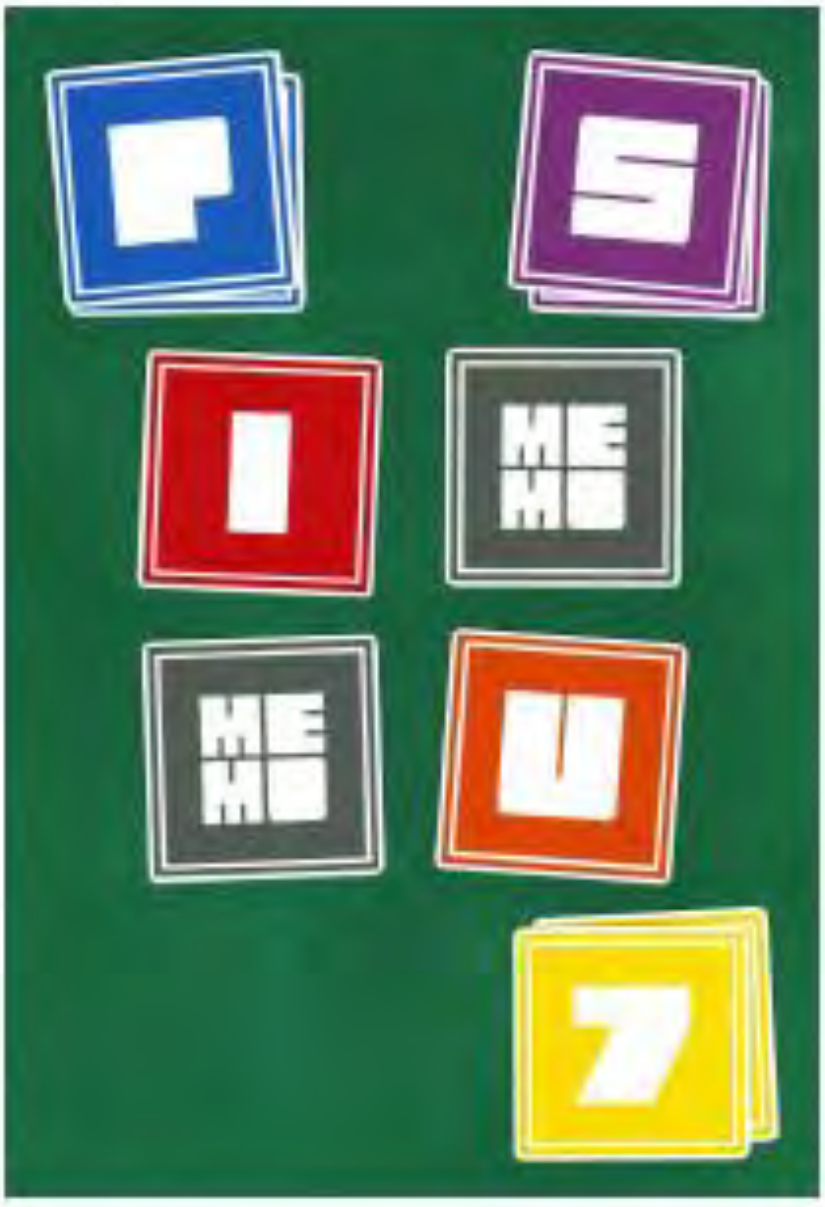
O interessante é que, ao escrever o texto „O Desafio de Yudenitesch“ no número anterior, listando o que eu havia achado no site **Guia dos Quadrinhos**, me esqueci completamente que eu mesmo já havia feito uma pequena listagem no volume 4 da coleção *Brindes das Revistas da Ebal*, que lancei de forma virtual em 2021. Lá, ao falar dos óculos 3-D como brindes das revistas, eu já havia identificado os nº 28 a 33 da revista **Cinemin**, de janeiro a junho de 1954. Nessas revistas, de modo geral, apenas algumas páginas com fotos de artistas eram em 3-D.

Além desses 6 números de **Cinemin** e da **Superman** nº 80, de maio de 1954, lembrada pelo Sampaio, achei a revista **Herói** nº 81, de janeiro de 1954. Esta revista e seu conteúdo são os mesmos da edição especial de **Mindinho** que a Ebal lançou em agosto de 1960.

QI 181 (mai/jun/2023)

SAIU PSIU 7!

Já está disponível para download no sítio www.marcadefantasia.com o nº 7 de **PSIU**, versão digital. Traz participações de Luiz Iório, Mário Latino, Paulo Emmanuel, César Silva, George Silva, trabalhos clássicos de Isomar e J. Carlos, e originais de Pastro e Domício.



QI 181 (mai/jun/2023)

FUÇANDO À TOA

Li recentemente uma biografia de Edgar P. Jacobs em quadrinhos, escrita por François Rivière e desenhada por Philippe Wurm, publicada em Portugal pela editora Arte de Autor, chamada **Edgar P. Jacobs – O Sonhador de Apocalipses**. Muito boa, assim como outra também publicada em Portugal pela mesma editora, **A Marca Jacobs**.

Na primeira biografia citada, encontrei lá pelas tantas a menção de que o álbum **A Armadilha Diabólica** teve sua capa da edição francesa censurada. Mostra parte da capa da edição belga original e não mostra a capa francesa. Diz que Jacobs ficou muito aborrecido com a censura, pois tinha consciência de que grande parte de seus leitores eram crianças e nunca faria nada impróprio, mas seus amigos próximos o provocavam vendo o que havia de censurável na capa.

Fiquei curioso para ver o que os franceses acharam de tão escandaloso na capa, para ver como era a capa censurada e qual delas havia sido usada nas várias edições publicadas em Portugal.

Todos os álbuns de **A Armadilha Diabólica** publicados em Portugal, pela Bertrand, Meribérica, Público e Record, usaram a capa original belga. Também a revista **Tintin**, quando publicou a aventura, usou a capa original numa das edições.

E não é que os franceses tinham razão. Está lá na capa um tiranossauro rex dando a maior "carcada" num outro dinossauro. Certamente os franceses também acharam que a mordida no pescoço era uma forma de "carícia" do período jurássico (que, aliás, era o cretáceo).

Dei uma procurada, de leve, na internet para ver se achava a capa francesa. Nada. Mas, por puro acaso, acabei achando a capa que foi publicada pela revista portuguesa **Cavaleiro Andante** nº 504, de agosto de 1961, quando publicou esta aventura. Deve ser a francesa.

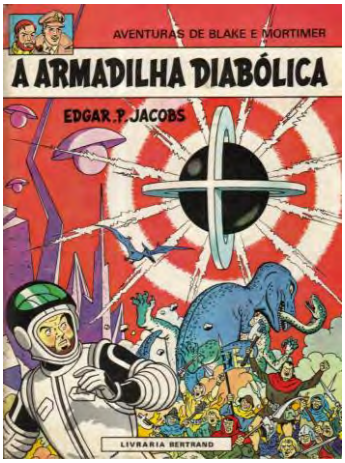


Foto que recebi para o encarte sobre José Menezes e não foi utilizada. Identifiquei com certeza: na última fileira, o primeiro à esquerda é Ota, o penúltimo à direita é José Menezes; na primeira fileira, os dois primeiros são Benício e Gutemberg Monteiro, o quarto é Walmir Amaral.

QI 181 (mai/jun/2023)

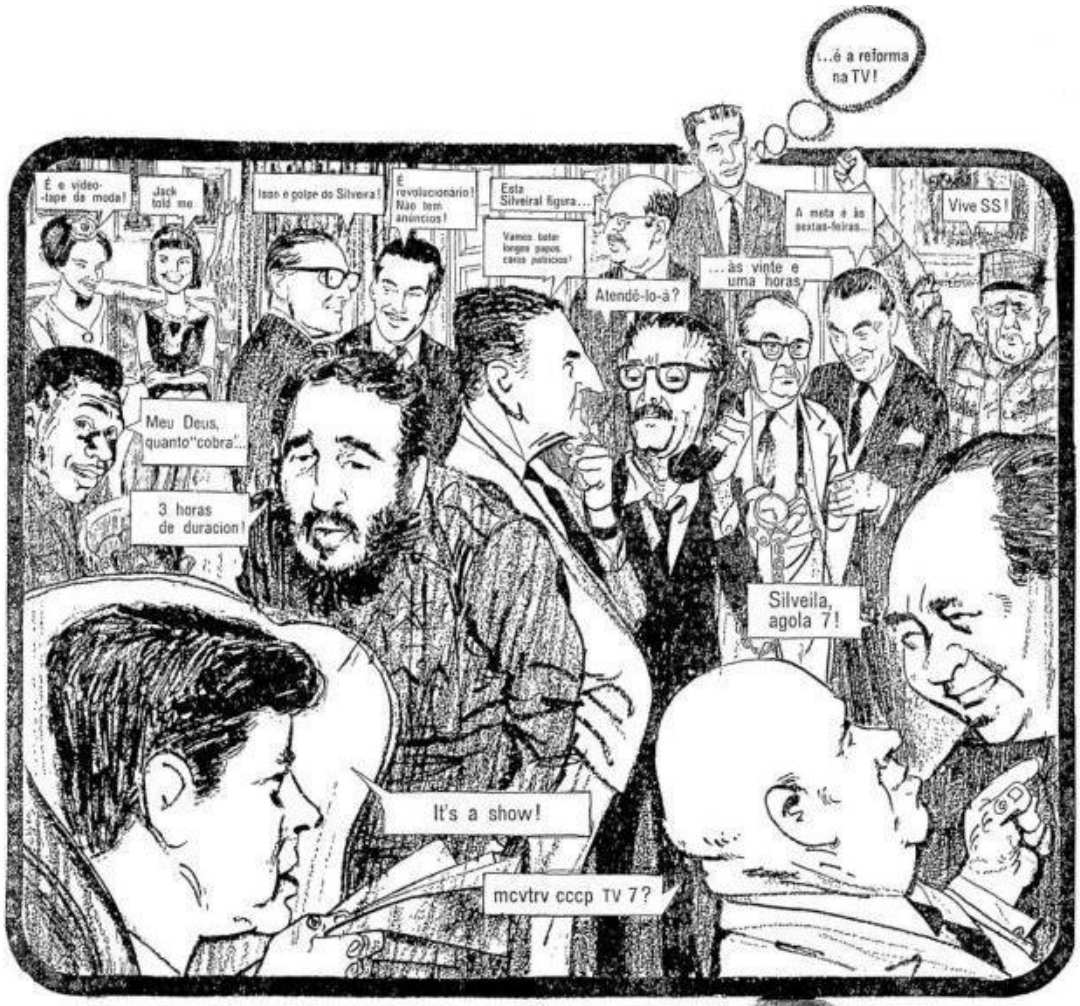
AVENTURAS DE CHIQUINHO

Página sobre o Chiquinho publicada na revista **Superamigos** nº 15 (2ªsérie) da Ebal, em agosto/setembro/1979, reproduzindo página da edição comemorativa de 50 anos de **O Tico-Tico**, de 1955.

QI 181 (mai/jun/2023)

FUÇANDO À TOA

Este anúncio foi publicado em página inteira no jornal **Folha de S. Paulo** em 7 de junho de 1963. Saiu também em outros dias, em tamanhos menores. Dá para ver que o Silveira tinha prestígio com seu programa de TV. E quem seria o autor da ilustração? Traz uma bela coleção de caricaturas de pessoas conhecidas da época, tanto do Brasil como do mundo.

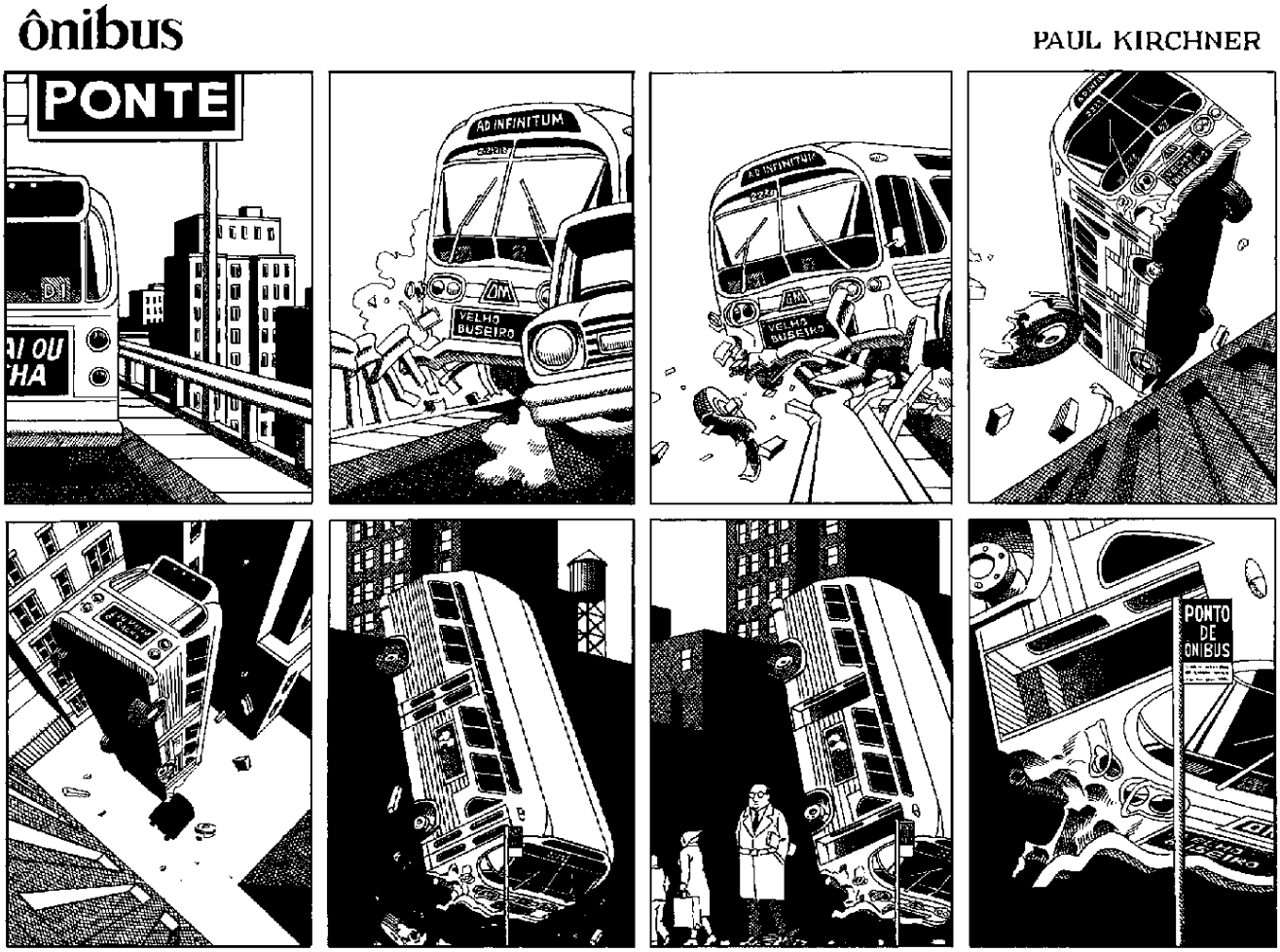


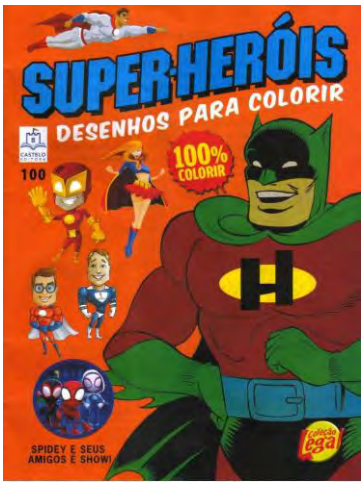
SS SHOW TÔDAS as 6as FEIRAS DAS 21 ÀS 24 HS. SEM INTERVALOS COMERCIAIS, NO **CANAL 7**

QI 181 (mai/jun/2023)

FUÇANDO À TOA

O autor Paul Kirchner foi pouco publicado no Brasil. No site **Guia dos Quadrinhos** há menção de duas histórias de terror em revistas da Bloch (**Aventuras Macabras** nº 3 e **Histórias Fantásticas** nº 3), um álbum pela L&PM, **Assassinato por Controle Remoto**, 5 histórias curtas em **Porrada Special** nºs 1, 2, 3, 6 e 8 e, recentemente, na revista **Thundercats** nº 3. De sua série *The Bus*, somente duas páginas no fanzine do Worney, **Seleções de Quadrix** nº 1, em 1987. Agora, a editora Risco publicou essa série em uma edição caprichada. Série muito interessante, com muita fantasia e nonsense. Na página abaixo, o que chamo de "falha nossa do tradutor". No último quadro, a tradução literal de "Bus Stop" (Parada de Ônibus) era essencial à história.





Passando entre as prateleiras de um supermercado, dei de cara com um mostruário de revistas diversas e, entre elas, esta que mostro aqui. Comprei só para mostrar aqui. Ah, também tinha um brinquedinho de brinde, muito legal, embora não funcionasse.

A revista **Super-Heróis – Desenhos para Colorir** da editora Castelo traz 12 páginas de desenhos bem simples, de página inteira, com super-heróis genéricos, parecidos com os heróis conhecidos mas igual a nenhum. Fez uma matéria de uma página sobre a série **Spidey e seus amigos**, acho que só para poder colocar a imagem dos heróis na capa.

Mas o curioso é justamente a capa com o herói em destaque. Será que só mudando as cores do uniforme e substituindo o morcego por um "H" já dá para tapear o leitor de que aquilo ali não é o Batman? Na última capa tem um jogo de memória, que, pelo que observo no programa **Passa e Repassa**, domingo no SBT, ninguém mais sabe o que é.

QI 181 (mai/jun/2023)

MARAIAH

Henrique Magalhães pediu-me um texto de apresentação à personagem „Maraiah", para colocar junto às tiras que saem na página de abertura do sítio Marca de Fantasia.

Certamente o nome foi uma homenagem e uma provocação à *Maria* de Henrique Magalhães, certamente a estrela desse espaço na página de abertura da Marca de Fantasia. Mas longe de ser uma personagem ativa, combatente, consciente, questionadora, entre outros atributos cidadãos, a *Maraiah* corre – e bem rápida – na direção oposta.

A ideia central é um ser tão politicamente incorreto quanto possível, ostentando com orgulho a mistura perfeita de burrice, ignorância, atrevimento, entre outros atributos não civilizados. Pessoas que estão aí desde a aurora da humanidade – certamente antes disso – cumprindo com obstinação a missão de sobreviver. E hoje bem longe de constar das listas de extinção de espécies.

Se *Madame Bovary* era Flaubert...

Se *Maria* é Henrique Magalhães...

Maraiah – Deus me livre! – não sou eu!

QI 182 (jul/ago/2023)

FUÇANDO À TOA

Esta é para quem gosta de quadrinhos franco-belgas. A pergunta é: quem é o personagem ao lado? Escolha uma das alternativas:

a) Gargamel
b) Azrael
c) Papai Noel
d) Strunf (também conhecido como Smurf)

Quem acertar ganhará um "Muito Obrigado pela Participação". Mas quem errar será exposto à execração pública. Cê que sabe!

Falando em Strunfs, quando escrevi o artigo „O Aprendizado da Linguagem da História em Quadrinhos", em 2005, usei a imagem abaixo à esquerda, retirada do livro **El Discurso del Comic** de Luis Gasca e Román Gubern. O livro era em preto e branco mas isso no momento não tinha importância. Mesmo quando todos esses meus artigos foram reunidos no livro **Estudos sobre História em Quadrinhos** pela editora Marca de Fantasia, todas as imagens incluídas foram em preto e branco.

Agora, Henrique Magalhães resolveu reeditar o livro em formato digital e aí se tornou interessante colocar coloridas as imagens originalmente coloridas. Tratei de localizar suas fontes coloridas para substituir no livro. Achei quase tudo. Essa do Strunf me desafiou. Procurei três vezes nos livros e álbuns que tenho dos Strunfs/Smurfs e não a encontrei. No Brasil saíram pela editora Vecchi 3 álbuns e 7 formatinhos com as histórias da fase áurea dos Strunfs. Em Portugal, a editora Publica editou uma coleção de álbuns de 12 volumes, também com a fase áurea. E a americana Papercutz lançou dezenas de álbuns dos Smurfs incluindo a fase nada áurea. Nada desse quadrinho.

Apelei. Peguei a imagem acima, limpei o meio tom e colori. Pelo menos o strunf está fiel.

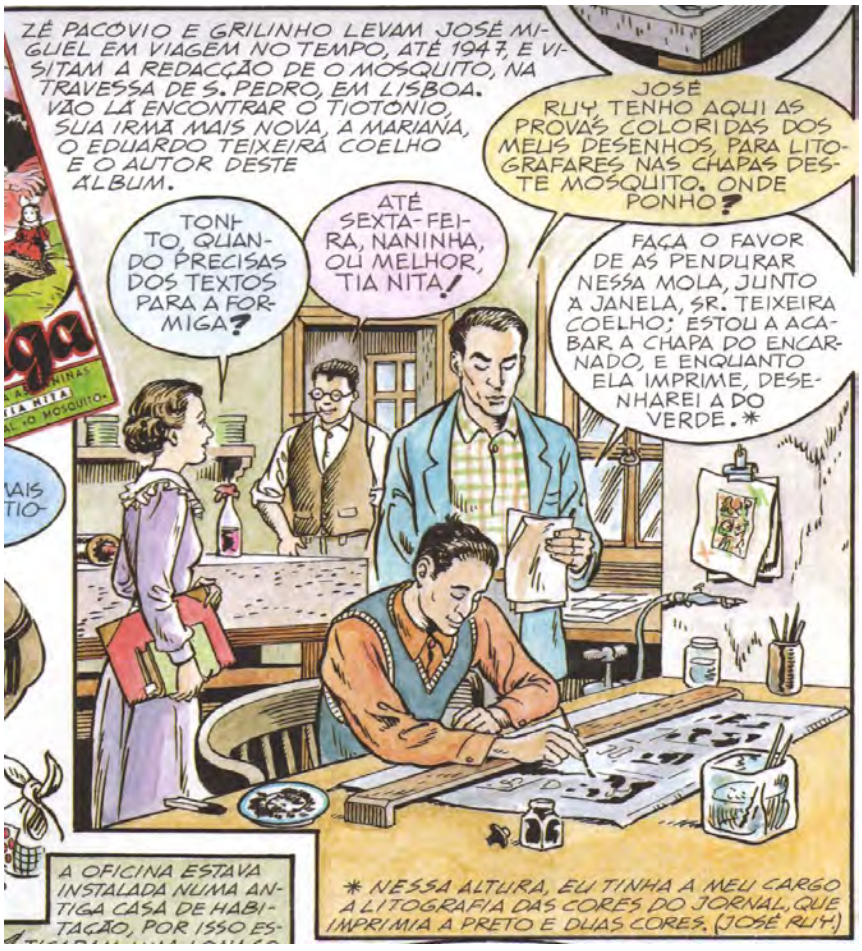
Algo parecido se deu com a imagem do Snoopy, também retirada do livro de Gasca e Gubern, em preto e branco no livro. A „sujeira" na parte inferior do quadro e o fato do quadro ser retangular indicavam que a imagem pertencia às páginas dominicais da série. As tiras eram todas (todas?) padronizadas em quatro quadros quadrados.

A editora Fantagraphics publicou 10 volumes grandes coloridos com todas as páginas dominicais. Procurei em todos e não achei a imagem. Eu me lembro de ter lido várias histórias com essa temática de Snoopy e o início do outono. Mas quase não tinha nada disso nas páginas dominicais vistas. Será que saíram nas tiras? Mas estas, além dos quadros quadrados eram originalmente em preto e branco. Resolvi procurar em tudo que saiu colorido no Brasil e já deu para ver que vários álbuns trouxeram material das tiras colorido. No Brasil não achei nada. Vamos para Portugal. Também não achei até que cheguei numa coleção da Meribérica chamada 16x22. Mais de 40 volumes com material variado, desde álbuns franco-belgas rediagramados até Disney e com uma dúzia de álbuns de Snoopy. E lá estava, certamente uma edição baseada em alguma edição americana que reaproveitou as tiras de Peanuts, reformatando e colorindo. Nos EUA, a série Peanuts sempre foi muito publicada em edições avulsas, sem preocupação cronológica e nem respeitando o formato original. Em edições destinadas às crianças, as tiras aumentadas, cortadas nos lados e coloridas ocupando página inteira. Tudo para atrair os pimpolhos.

E eu aqui perdendo o meu tempo.

JUDIA, PHOTOSHOP

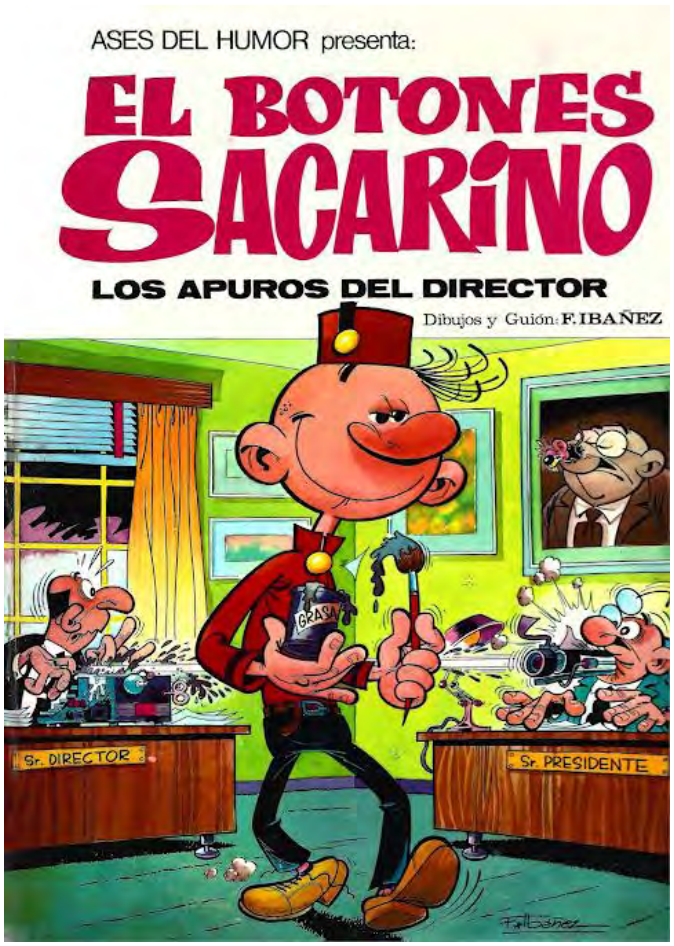
Henrique Magalhães me propôs transformar o encarte que fiz sobre José Ruy em livro digital pela Marca de Fantasia. Já refiz todo o material e enviei ao Henrique. Para a capa, achei conveniente usar uma ilustração bastante divulgada por José Ruy em que ele aparece na redação de **O Mosquito**, acompanhado de ETCoelho, Tiotónio e Tia Nita. Mas quis dar destaque ao José Ruy e resolvi "retirar" os demais. Enquanto labutava no Paint (o Photoshop dos pobres), com a imagem bem aumentada, percebi que a ilustração já tinha sido retocada. Não dei atenção a isso até que achei a imagem original em um dos quadrinhos do álbum sobre a História de Amadora, **Levem-me Nesse Sonho**. O José Ruy já havia "trabalhado" na imagem.



QI 182 (jul/ago/2023)

FUÇANDO À TOA

Essa eu descobri por acaso no **BloguedeBD**. Uma mostra de capas de Francisco Ibañez, criador de Mortadelo e Salaminho, apresentou este personagem El Botones Sacarino, para mim desconhecido. Já sabia que Ibañez "se inspirava" na obra de Franquin em Spirou, copiando piadas, cenas, soluções gráficas, etc., mas catar o personagem Gaston Lagaffe e colocar nele a roupinha do Spirou foi meio demais.



QI 182 (jul/ago/2023)

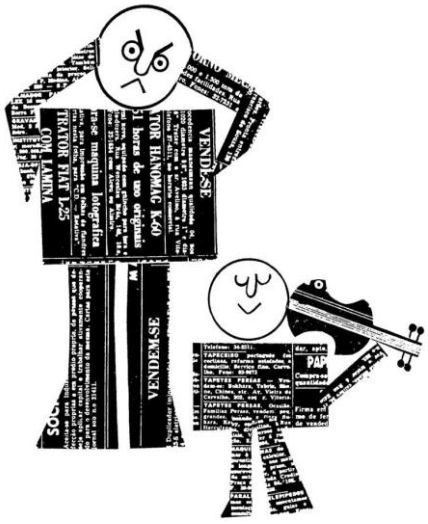
FUÇANDO À TOA

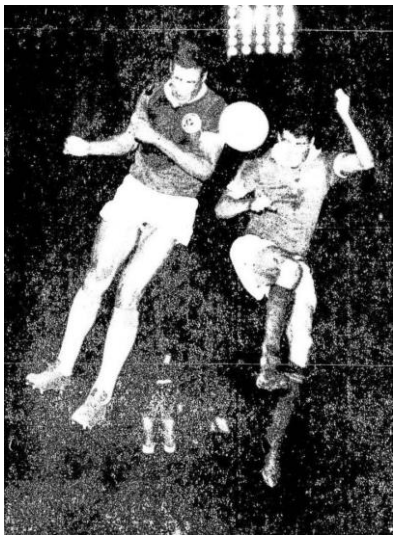
O personagem Homem-Lua, de Gedeone Malagola, foi publicado na revista **Raio Negro**, da editora GEP, a partir de 1967. Mas como descobriu Luigi Rocco, Gedeone já havia produzido tiras com o personagem e publicado no jornal **Diário Popular** a partir de 25 de fevereiro de 1965. No entanto, Rod Tigre afirma ter ouvido Gedeone declarar que criou o personagem em 1963. Segundo Rod, a figura do Homem-Lua apareceu num cartaz sobre o movimento de nacionalização do quadrinho nacional, que foi publicado no jornal **Folha de S. Paulo** em 1963. Mas Rod não conseguiu uma imagem desse cartaz como prova da afirmação. Como a **Folha de S. Paulo** tem um bom número de seus exemplares disponíveis para consulta no site **Acervo Folha**, resolvi procurar o tal cartaz. Procurei em todos os números disponíveis de 1963 e não encontrei. Por via das dúvidas, também procurei nos números disponíveis do primeiro semestre de 1961, que foi o período em que Jânio Quadros foi Presidente da República e quando o movimento de nacionalização dos quadrinhos teve mais força. Também não achei nada.

É preciso ressaltar que o **Acervo Folha** não tem todos os exemplares dos jornais, embora tenha a maioria. Também me parece que, de cada exemplar, nem sempre tem todas as páginas. Assim, é perfeitamente possível que o jornal tenha publicado o cartaz em página ou exemplar que não esteja no site.

Também é preciso ressaltar que minha procura foi dinâmica. Não olhei atentamente cada página, lendo o título de cada matéria publicada. Adotei o critério de que um cartaz não seria muito pequeno e portanto chamaria a atenção pelo tamanho e que a figura do Homem-Lua com seu capacete esférico e limpo saltaria aos olhos do "pesquisador". Talvez esse critério possa parecer duvidoso. Para provar que o critério é bom, mostro abaixo algumas imagens que minha "leitura dinâmica" captou sem esforço. Se o Homem-Lua estivesse lá, eu teria pego.

Infelizmente ainda fica a dúvida se o Homem-Lua (ou sua concepção gráfica) já existia no ano de 1963.





Há uma certa dúvida sobre as datas de criação ou publicação de Raio Negro e Homem-Lua. Gedeone Malagola, o criador, várias vezes declarou que a revista de Raio Negro, que trazia aventura de Homem-Lua, foi lançada pela editora GEP, de Miguel Penteado, em 1965, talvez em fevereiro. Parece que houve confusão de Gedeone com a data justamente porque a tira do Homem-Lua foi publicada em fevereiro de 1965. O segundo número da revista **Raio Negro** só pode ter sido publicado após fevereiro de 1967, por causa do tipo de moeda estampado na capa, então é razoável pensar que o primeiro número tenha saído no final de 1966 ou início de 1967. E, como declarou Gedeone, as histórias foram feitas a toque de caixa para entrarem na nova revista, sua produção foi feita no final de 1966. Mas há mais alguns enganos de Gedeone. Ele disse que Miguel Penteado pediu a ele a criação de um novo herói para uma nova revista a ser lançada no gênero super-herói. Gedeone disse que então criou o Homem-Lua, mas o personagem já existia em formato tira desde início de 1965. Gedeone aproveitou a mesma história e redesenhou no formato página de revista. Ainda segundo Gedeone, fez uma capa com o Homem-Lua e deixou algumas páginas para a editora aproveitar com história avulsa. Gedeone disse que apresentou a história do Homem-Lua a Miguel Penteado e ele não gostou. E que o Jayme Cortez, presente no momento, deu alguns comics americanos de Green Lantern e Flash para que ele fizesse algo parecido. Aqui há outro engano. A editora GEP só começou a publicar revistas de quadrinhos em meados de 1966, mas já existia desde 1961, como gráfica fazendo serviços para terceiros. E é justamente em 1961 que Penteado deixa a editora Outubro, por descontentamento com os outros sócios da editora, inclusive Jayme Cortez. No mínimo houve desavença (alguns dizem inimizade) entre Penteado e Cortez em 1961, e pelo que se sabe esta amizade não foi retomada. Então Cortez não estaria na GEP em 1966, muito menos na função de Diretor de Arte, decidindo sobre o conteúdo de revista a ser lançada.

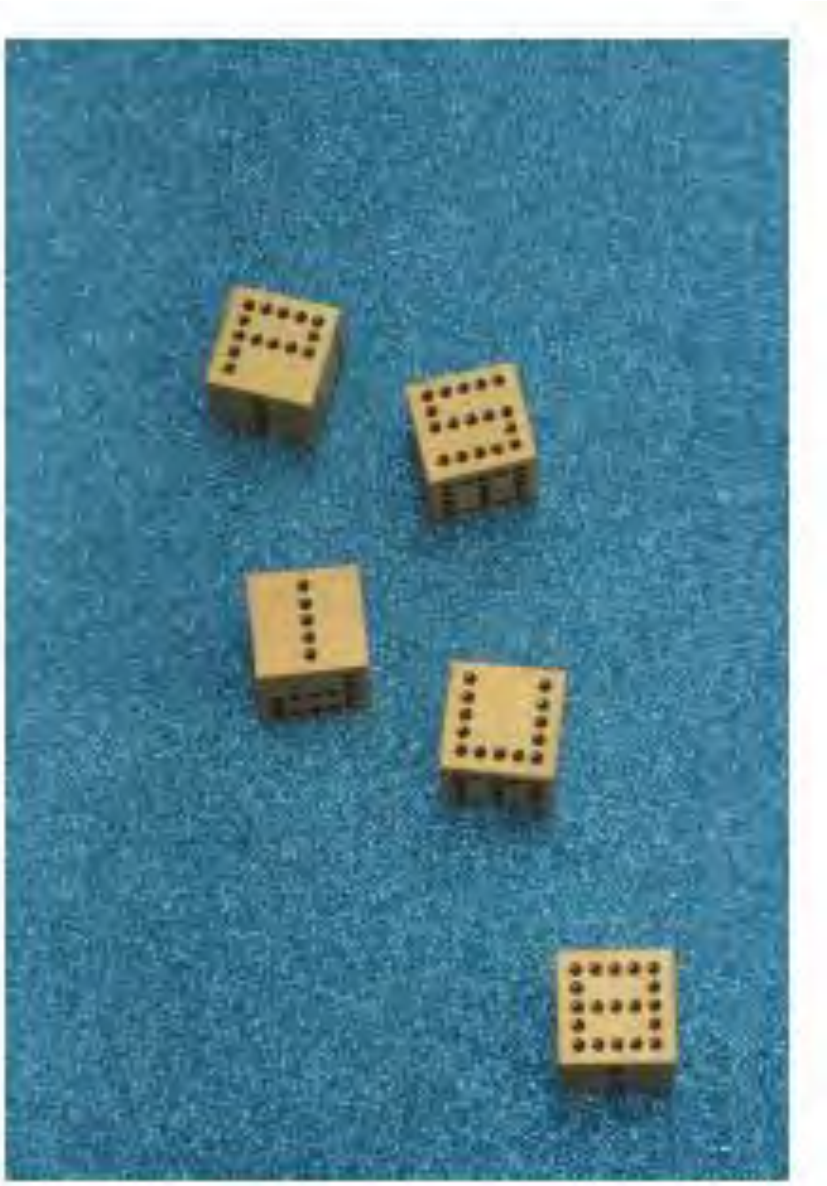
Memória é coisa muito boa, mas é melhor não ser confrontada.

QI 182 (jul/ago/2023)

SAIU PSIU 8

O oitavo número de **PSIU** está disponível no formato digital no sítio www.marcadefantasia.com, na página EGO/QI.

Traz trabalhos de Luiz Iório, Cesar Silva, Lincoln Nery, Alexandre Albuquerque, Jadson, Ivone Vebber, Benett, Júnior Lopes e mais páginas de J. Carlos tiradas de **O Tico-Tico**.



QI 183 (set/out/2023)

UM SÓ QUADRO

A edição abaixo tem história. Quando o André Carim me convidou para participar de um número de seu **Fanzine Ilustrado**, que, como o nome diz, é dedicado a ilustrações, cada número ao trabalho de um autor, pensei logo em reunir minhas ilustrações para capas de fanzines e edições independentes que, mesmo com um quadro só, contassem uma história. Na época não consegui montar a edição para o André. Agora, pensando em fazer alguma edição para divulgar através do Clube de Autores, retirei a ideia do limbo. Montei a edição com esse título **Quadrinhos de um só Quadro**. Mas quando fui ver os procedimentos para publicar pelo Clube de Autores, acabei desistindo. Não é que seja complicado, eu é que não tenho paciência. Como a edição está pronta, sai como mais um encarte digital do **QI**.

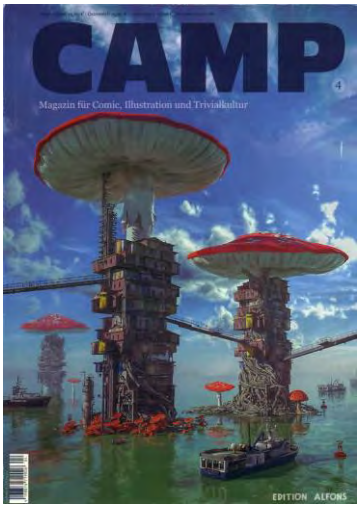
E PARA A VELHA GUARDA

Pedro Rosa de Oliveira, em seu artigo sobre a presença de Capitão América na revista **Detective**, mencionou o álbum que Valdir Dâmaso fez com esse material. Esse álbum, o primeiro volume da **Coleção Velha Guarda**, foi impresso e distribuído por mim nos bons tempos. O Worney, interessado nessas histórias, me perguntou como conseguir este álbum. Escaneei as páginas e enviei a ele. Como as páginas já estavam escaneadas, montei a edição digital. Como ficou meio grande, cerca de 40 Mbytes, não estou colocando disponível na **Marca de Fantasia**. Também é grande para mandar por email. Se houver algum interessado, me escreva que envio através do WeTransfer. Já adianto: deu muito trabalho fazer esta edição, não tenho condições de repetir com os outros 200 álbuns do Dâmaso. Ou do Cimó. Ou do Magnago. Quem viveu entre 1993 e 2000, viu.

QI 183 (set/out/2023)

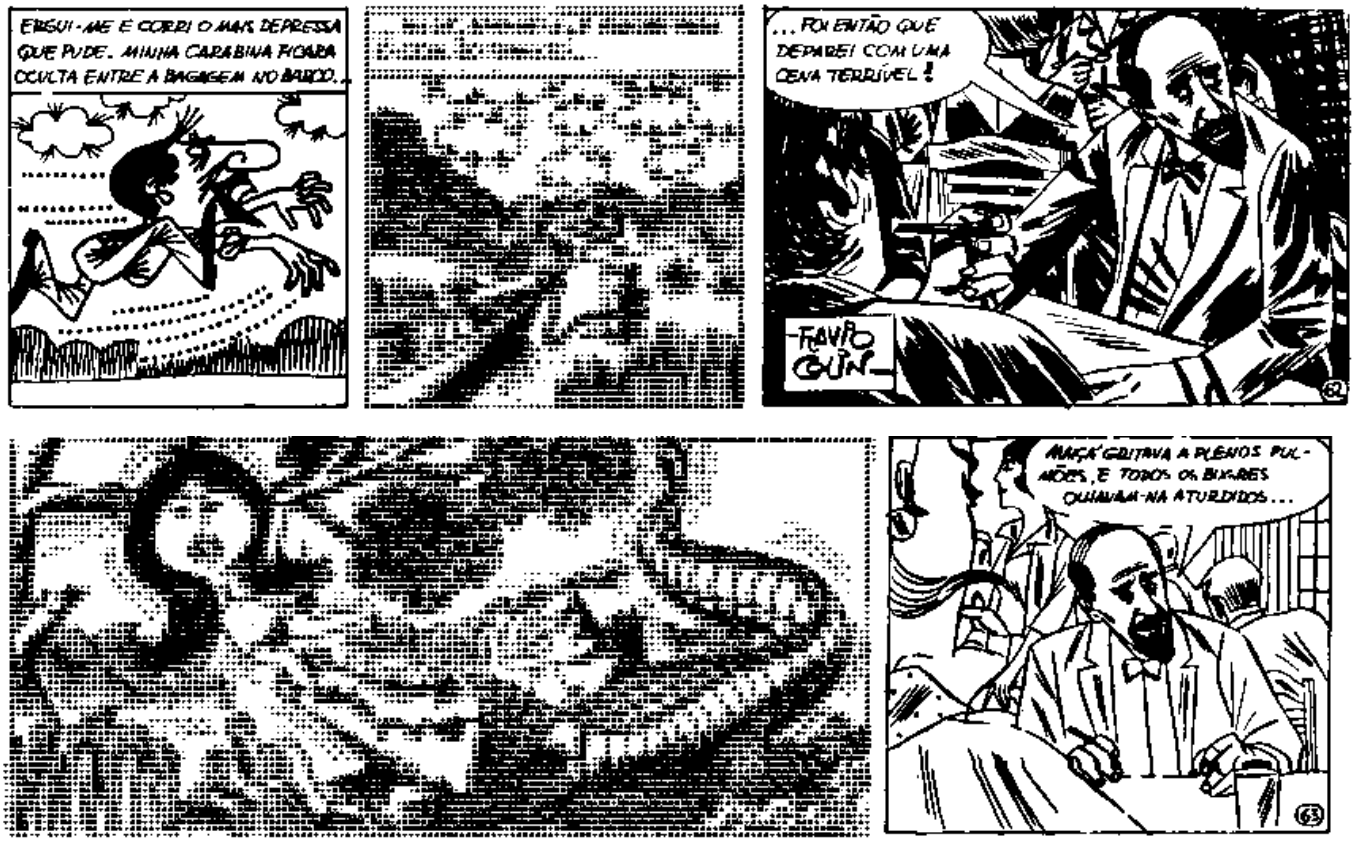
QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou, além de dois números da revista **Pure Fruit**, a revista-livro **Camp** nº 4. Um calhamaço de quase 140 páginas sobre quadrinhos, ilustrações e cultura pop. A profusão de imagens compensa a frustração de não entender o texto em alemão. O forte da revista são artigos bem desenvolvidos sobre vários temas. Neste número, sobre o ilustrador Beeple; o detetive Nestor Burma de Léo Malet adaptado aos quadrinhos por Tardi; a literatura de Enid Blyton e Isaac Asimov; o ilustrador Richard Clifton-Dey; o personagem Sexton Blake; o livro **Fahrenheit 451**; os "tijolinhos" da The Big Little Book; e destaque para as miniaturas de robôs do cinema e TV.



FUÇADINHA

Procurando informação para um futuro encarte, deparei com essas duas tiras de *Vizunga* de Flávio Colin publicadas na revista **Eureka** nº 11. Vejam o último quadro das duas tiras. Na segunda, Colin, depois de fazer a arte final do contorno das figuras, esqueceu de completar o sombreamento.



QI 183 (set/out/2023)

CAPA E ENCARTE

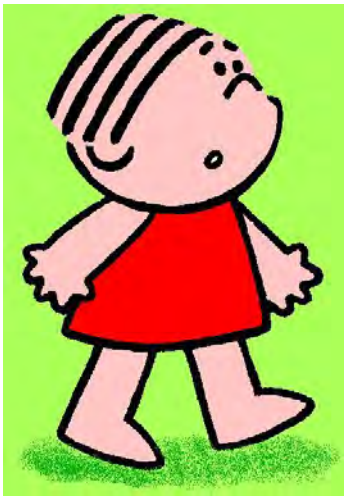
Um pouco de elucubração sobre a capa desta edição e o encarte „Monkinha", também acompanhando esta edição.

No **QI** 179, eu comentei sobre uma ilustração curiosa de Maurício de Sousa publicada no **Suplemento Feminino** da **Folha de S. Paulo** no dia 13 de outubro de 1963. Trata-se de uma figurinha parecida com a Mônica. Mas a Mônica já havia estreado visualmente na primeira página do jornal **Folha de S. Paulo** em 11 de fevereiro de 1963 e tinha a figura bem distinta. Iria fazer sua primeira aparição em tira de quadrinhos na tira do Cebolinha de 3 de março de 1963. Então, deduzo que Maurício tentou fazer uma figurinha genérica de menina para a ilustração do **Suplemento Feminino** e saiu algo que lembra a Mônica.

No **QI** 181, eu fiz uma brincadeira com uma ilustração que Manoel Dama me enviou em duas versões, colorida e em tons de cinza, colocando as duas em duas páginas seguidas da edição. Na versão digital, ao se passar rapidamente de uma página para outra, a superposição momentânea das duas imagens dá um efeito de animação. Algo como aquele recurso de desenhar figuras em sequência na borda superior direita de um caderno e folhear rapidamente. A forma mais primitiva de Cinema de Animação. Muitos talvez lembrem de uma coleção de livrinhos de bolso da editora Bruguera chamada Tele Infância, lançada em 1967. Tinha formato pequeno, 9x11cm, 260 páginas e trazia textos intercalados com ilustrações. Nas páginas ímpares, no canto superior direito uma pequena ilustração que ia se modificando aos poucos e resultava em movimento ao se folhear as páginas. Na capa vinha o aviso "com desenhos animados". No Brasil saíram mais de 30 volumes com personagens como Pernalonga, Zé Colméia, Pica Pau, Dom Pixote, Manda Chuva, Família Telerin, Tom e Jerry e outros.

Juntando isso tudo, pensei em fazer uma pequena animação nos cantos superiores do **QI**, ainda que isso fosse dificultar a diagramação das seções „Fórum" e „Edições Independentes". Depois pensei em fazer a edição separada, como um encarte. Também pensei em usar aquela figurinha simpática da pseudo-Mônica, que até chamei de Monkinha (corruptela de Moniquinha). Aí tive uma ideia simples de história com 18 quadros, o que corresponderia a 1 segundo e meio de animação. Aí fiz. Aí pensei, por que estou gastando tempo e dor na coluna com uma quase-personagem do Maurício, se ele tem toda uma equipe para fazer as animações dele. Aí refiz a animação trocando a cara da personagem e a Monkinha passou a ser personagem minha. Para assistir ao "desenho" é só abrir o arquivo PDF e com os botões "Page Up" e "Page Down", pressionados continuamente (ou com o botão de rolar página do mouse), varrer as páginas rapidamente. Não é nenhuma "Brastemp".

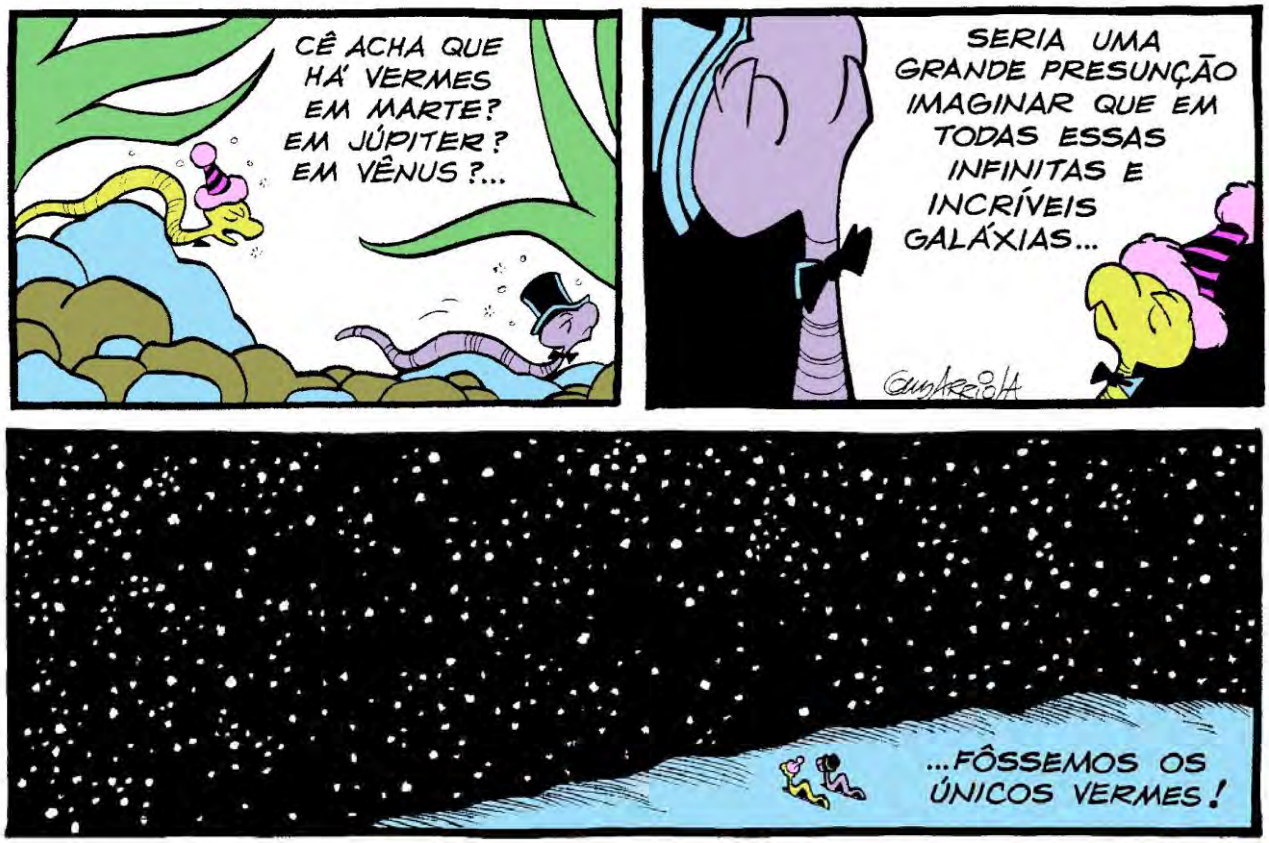
Tentei fazer a versão impressa, mas não deu bom resultado, então ficou somente a versão digital.



QI 183 (set/out/2023)

QUE GORDO?

Luiz Antonio Sampaio me enviou um suplemento de quadrinhos do jornal americano **The Sunday Denver Post**, de 7/7/1974. Entre várias séries de quadrinhos, algumas conhecidas, outras que acho nunca apareceram por aqui, achei uma interessante. O nome da série é *Gordo*. Eu já conhecia uma série com este nome, mas não parecia a mesma. Consultei a enciclopédia publicada pelo Sampaio e lá tirei minha dúvida. *Gordo* foi criada por Gus Arriola em 1941 e tratava das aventuras e desventuras de Gordo Lopez, um mexicano baixo, gordo, feio, preguiçoso e namorador, que tinha uma pequena fazenda. Depois de um certo tempo, Arriola fez os animais da fazenda assumirem as páginas dominicais e emitirem comentários sarcásticos sobre os seres humanos. A página do suplemento que Sampaio me enviou é estrelada por dois vermes, Porfírio e Panchito. Mostro abaixo apenas parte da página, que tem uma piada excelente. Retoques e tradução por minha conta.



ÊTA SAPATINHO!

Ainda a animação da Monkinha. Como disse, troquei a cabeça da personagem para deixar de ser do Maurício. Mas na hora não atentei e deixei aqueles pés sem dedos característicos não só do Maurício, mas de um sem número de cartunistas da época, Ziraldo incluído. Era uma solução gráfica muito usada, *o tempora, o mores*, uma estilização meio sem sentido, afinal, se com dois traços tenho um guarda-chuva, com um simples traço na base do tornozelo já tenho um sapato. E uma solução que eu nunca gostei quando moleque e via esses cartuns. E acabei deixando a minha Monkinha com essa aberração, digo, essa solução. Mas quem troca uma cabeça pode trocar um pé (ou dois). Aí fui lá e corrigi os pés no desenho animado e coloquei sapatos que acabaram ficando até meio Mafalda, *imitantur humanum est*.

Mas, *sic transit gloria mundi*, quando decidi corrigir os pés da Monkinha na animação, o cartão colorido da capa deste **QI** já estava impresso, *properum manducare rudis*. Eu não iria jogar fora os cartões já impressos e imprimir novamente com a imagem correta. Minha impressora sabe que não se deve fazer o mesmo serviço duas vezes. Então, a solução foi fornecer graciosamente ao leitor perfeccionista os sapatinhos abaixo para serem cortados e colados no cartão da capa. E para completar, *esto brevis et placebis.*

APRESENTAÇÃO

Há sempre alguma dúvida sobre a conceituação da História em Quadrinhos. Alguns estudiosos insistem em considerar como HQ somente as formas mais conhecidas e comerciais, restringindo as características dessa forma de arte com critérios como: histórias de vários quadros, personagens fixos, uso de balões, publicação em forma impressa, etc.

Em 1999, apresentei em um Congresso de Ciências da Comunicação o artigo *Uma Caracterização Ampla para a História em Quadrinhos e seus Limites com Outras Formas de Expressão*, artigo incluído no livro **Estudos sobre Histórias em Quadrinhos**, disponível em formato digital no sítio Marca de Fantasia, na página EGO. Neste artigo, argumentei e concluí:

Dentro das Artes Visuais em que o Registro da Informação visual é inerente à forma de expressão, pode-se observar uma divisão bem distinta. Em algumas formas de expressão há a tentativa de congelar um momento, em outras há a tentativa de captar um movimento. Na primeira categoria estão as naturezas mortas na Pintura, as paisagens e retratos tanto na Pintura como na Fotografia, os bustos na Escultura, etc. Na segunda categoria, a tentativa de registrar o movimento pode ser feita de duas formas. Na primeira, este movimento é sugerido através de uma imagem ou uma sequência de imagens estáticas. Esta categoria é a História em Quadrinhos. Na segunda forma, através de algum recurso extra, as imagens estáticas passam ao observador a sensação real de movimento. Este é o caso do Cinema. Resumindo a conceituação:

História em Quadrinhos é a forma de expressão artística que tenta representar um movimento através do registro de imagens estáticas.

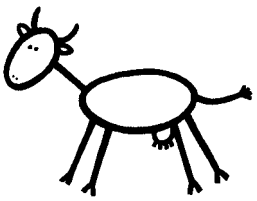
Assim, é História em Quadrinhos toda produção humana, ao longo de toda sua História, que tenha tentado narrar um evento através do registro de imagens, não importando se esta tentativa foi feita numa parede de caverna há milhares de anos, numa tapeçaria, ou mesmo numa única tela pintada. Não se restringem, nesta caracterização, o tipo de superfície empregado, o material usado para registro, nem o grau de tecnologia disponível. Engloba manifestações na área da Pintura, Fotografia, principalmente a fotonovela, do Desenho de Humor como a charge, o cartum, e até algumas manifestações da Escrita, como as primeiras formas de ideografia.

Nesta edição apresento uma coletânea de trabalhos meus, feitos com um único desenho, e que considero Histórias em Quadrinhos. Todos são ilustrações feitas para fanzines e edições independentes e a maioria publicada em capas das edições, principalmente em meu próprio fanzine, o **QI**. Algumas se apresentam como cartuns, o que é mais fácil identificar como HQ. Outras, embora parecendo apenas uma ilustração, trazem consigo uma história de fundo, mesmo que apenas sugerida, e isso faz delas, segundo minha conceituação, Histórias em Quadrinhos.

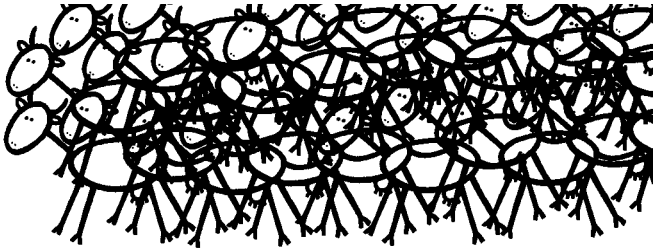
Nota: as ilustrações apresentadas aqui nem sempre estão exatamente como foram publicadas.

QI 183 (set/out/2023) – edição digital **Quadrinhos de Um Só Quadro**

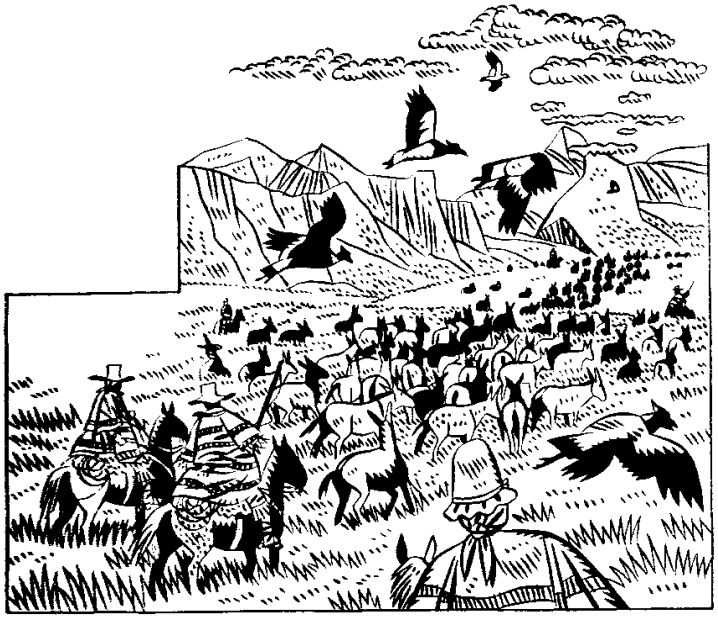
FUÇANDO À TOA



Ao diagramar o encarte com o material enviado por Fábio Sales, dedicado a Flavio Colin, distribuído junto com este **QI**, pude rever a grande obra deste artista inigualável. Uma das coisas notáveis nas páginas de Colin são as composições com amplos espaços repletos de gentes e animais, vaqueiros com suas manadas, tropas de mulas, exércitos se digladiando. Talvez o leitor que não seja desenhista veja estas cenas sem atentar para um detalhe: o trabalho que dá fazer uma cena assim. Faça um teste, pegue um papel e desenhe uma vaquinha. Pode ser uma vaquinha palito. Fez? Agora desenhe uma manada!



Tudo isso só para dizer que estava lendo o nº 48 da revista **Tex Willer** e logo nas primeiras páginas deparei com o quadrinho acima à direita e me lembrei de Colin. Não pelo traço do desenhista, mas justamente pela composição da cena, dos soldados cuidando de uma manada de cavalos. Aproveito a deixa para mostrar alguma cenas de Colin, entre tantas que ele fez. Privilegiei as tropas de gado ou mulas e deixei de fora as grandes batalhas.



QI 184 (nov/dez/2023)

JOSÉ RUY
A ALMA LUSITANA EM QUADRINHOS

A editora Marca de Fantasia acaba de lançar o livro em formato digital **José Ruy – A Alma Lusitana em Quadrinhos**. Abaixo o texto de divulgação do livro no sítio www.marcadefantasia.com:

Em 23 de novembro de 2022 faleceu José Ruy. Correspondente e leitor do fanzine **QI** desde 2015, e para o qual cedeu vários de seus trabalhos, sua morte foi muito sentida. Tentei homenageá-lo com um texto sobre sua vida e obra, que resultou num encarte que acompanhou o nº 181 do **QI**. Ao ver esse trabalho, Henrique Magalhães se motivou a escrever para o sítio Marca de Fantasia o texto „José Ruy: uma história de amor e dedicação às HQs‟, do qual retiro o trecho:

"O trabalho de José Ruy é um dos mais importantes testemunhos da qualidade da HQ portuguesa, que projetou-se inclusive em nível internacional. Dono de uma profusão de álbuns de caráter histórico e de aventuras, José Ruy é uma prova de que a formação humana de solidez cultural, o incrível talento para as artes gráficas e narrativas sequenciais fazem brotar uma obra consistente e fundamental, malgrado as dificuldades da cena."

Henrique achou que o encarte merecia ser transformado em livro e ser editado pela Marca de Fantasia. Proposta aceita, parti do texto do encarte e acrescentei toda a informação que eu tinha e não pude colocar no encarte por limitação do espaço. Assim, o livro **José Ruy – A Alma Lusitana dos Quadrinhos** é uma nova obra, feita com as condições que não havia antes. Uma nova e renovada homenagem a José Ruy.

Reitero o que escrevi na quarta capa do livro:

Certamente é o autor português de Histórias em Quadrinhos com mais tempo dedicado a esta arte e com maior número de publicações do gênero. Nascido em 1930, iniciou-se profissionalmente já aos 14 anos e manteve-se em atividade constante até o último suspiro, aos 92 anos, totalizando quase 80 anos de carreira e cerca de uma centena de álbuns exclusivos com seu trabalho.

QI 184 (nov/dez/2023)

PITAQUINHO

Na revista **Terror Negro** nº 4, Daniel Saks publicou um texto sobre a atitude de alguns editores independentes de publicarem material que não está em domínio público. Um texto muito bom, sobre o qual eu fiz alguns comentários enviados ao Daniel. Como é um tema que pode gerar debates, reproduzo a seguir.

"Gostei de sua opinião na penúltima página. Valorizo sua atitude como editor, não tenha dúvida. Mas como sou fanzineiro de carteirinha, quero fazer um comentário. O editor de fanzine não respeita direitos autorais não é porque é bonito ser pirata, corsário, bucaneiro (tem uns que acham isso), mas porque é fã e quer que outros aproveitem aquilo a que teve acesso, por isso publica. Houve um processo contra pequenos editores na Itália algumas décadas atrás e a corte de lá decidiu que publicações de até 500 exemplares não tinham que pagar direitos autorais. Ou seja, um número bem superior às tiragens dos editores daqui."

"Acontece que a parte gráfica evoluiu muito e hoje é possível fazer um fanzine com toda a cara de revista profissional. Às vezes com cara muito melhor, porque as revistas profissionais de banca nunca foram lá grande coisa em termos de qualidade gráfica. Mas não deixam de ser fanzines. Aliás, em grande parte o Catarse é um "croufundi" de fanzines, a despeito da produção gráfica das edições. Muitas campanhas se encerram com 30, 50, no máximo 100 apoiadores."

Cabe aqui uma observação em relação a várias obras financiadas no Catarse. Quando se trata de edição com trabalho de outros autores, que não esteja em domínio público, supõe-se que haja pagamento de direito autoral. Na especificação do orçamento, isso não é detalhado. Supondo o valor padrão de 10% de direito autoral, recentemente houve um livro da Bonelli com 80 apoiadores a um preço de R$ 50,00, o que dá R$ 400,00 de direito autoral. A Bonelli está fechando um acordo de edição por este valor?

QI 184 (nov/dez/2023)

SAIU PSIU 9

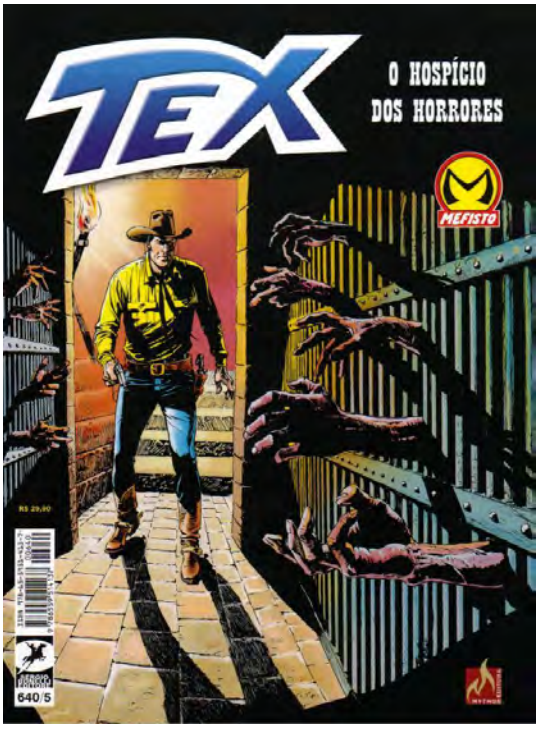
O nono número de **PSIU** está disponível no formato digital no sítio www.marcadefantasia.com, na página EGO/QI.

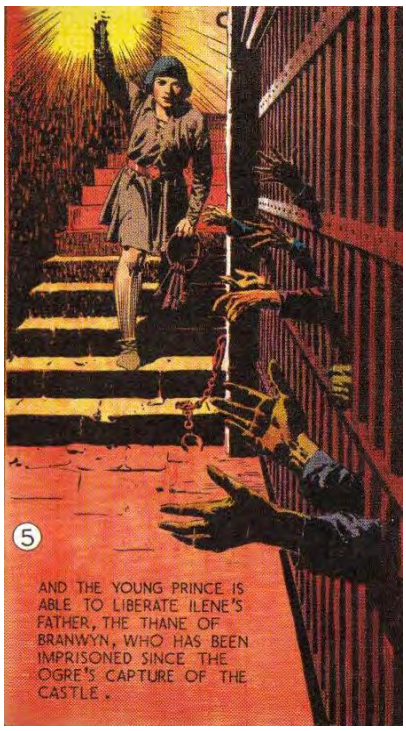
Traz trabalhos de Luiz Iório, Marcelo Rodrigues, Fernando Marques, E. C. Nickel, Sergio Más, Wellington Santos, Samicler Gonçalves e mais páginas de J. Carlos tiradas de **O Tico-Tico**.

QI 184 (nov/dez/2023)

PITAQUINHO

Quando vi a capa de **Tex** nº 640, de autoria de C. Villa, logo lembrei da famosa ilustração de Hal Foster na página 53 de Príncipe Valente, de 12/2/1938. Mas na própria revista, e nos números seguintes, é explicado que a capa faz referência a uma cena do filme **Bedlam**, produção de Val Lewton de 1946, cujo tema é o hospital psiquiátrico londrino chamado Bedlam, cujo nome é usado para uma ala do hospital psiquiátrico dessa história de Tex. E que a cena do filme talvez tenha sido inspirada no quadrinho de Foster. A Bonelli já havia publicado um número de **Mágico Vento** cuja capa também trazia imagem parecida. Mas o mais curioso é que a capa de **Tex**, referências a parte, não tem a ver com nenhuma cena da história. A ala dos loucos perigosos na história não é uma cela comum com grades mas celas individuais com porta fechada. E Tex em nenhum momento entra nessa ala. Capas de revistas não representarem cenas da história interna não é coisa rara. Taí mais uma.

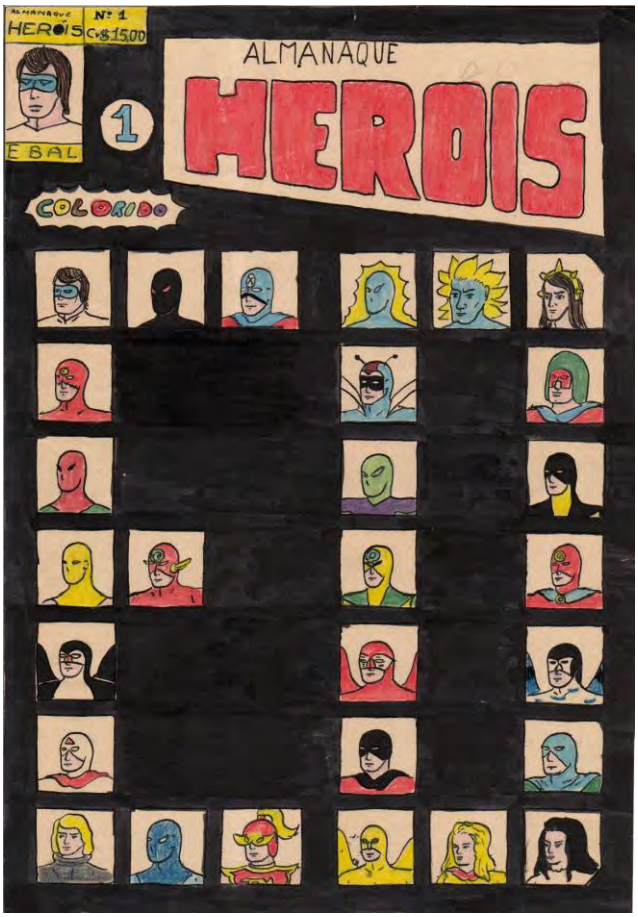




QI 184 (nov/dez/2023)

2 COISAS

Dois comentários rápidos. Numa edição anterior, o Rod Tigre falou de seu gosto por super-heróis criados na infância. Mencionei que também tive minha fase de criação de super-heróis. Mostro abaixo uma capa que fiz imitando edições da Ebal, e o curioso é que eu não tinha ao menos uma HQ completa com algum desses heróis. A segunda imagem é uma capa provisória de um álbum que o Dario Chaves está organizando com produção de artistas nacionais. Enviei a ele uma HQ que eu pretendia publicar aqui no **QI**.

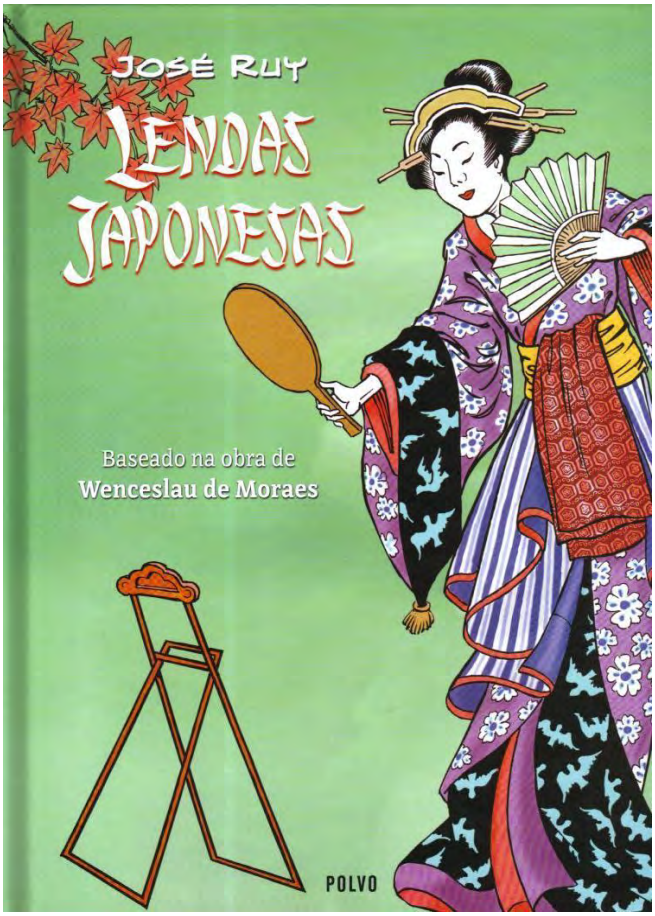


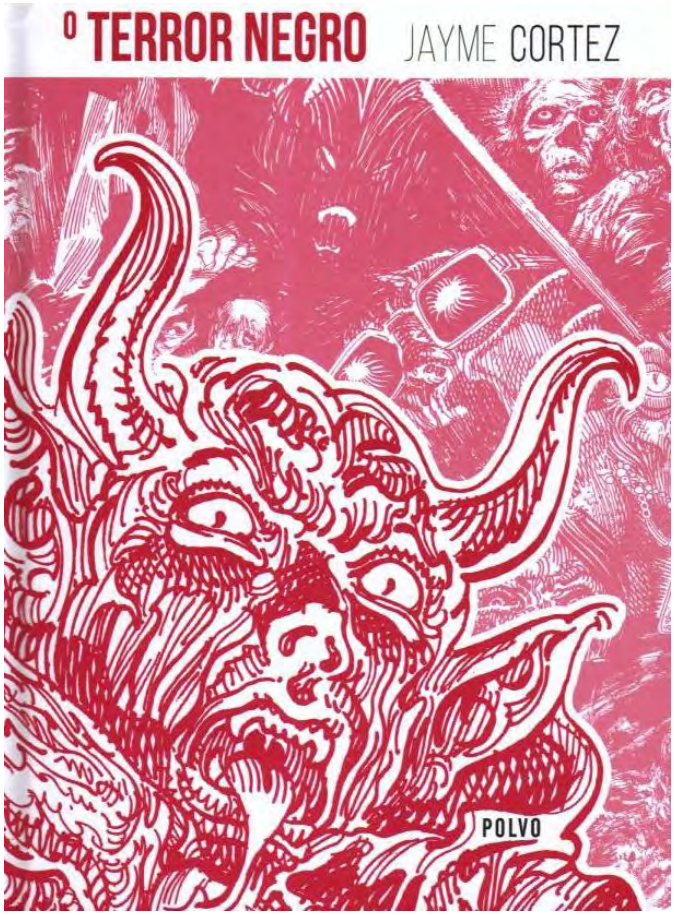
QI 184 (nov/dez/2023)

DOIS TENTÁCULOS

Finalmente a editora portuguesa Polvo lançou o livro **Lendas Japonesas**, que José Ruy havia deixado pronto antes de seu falecimento em novembro de 2022. Um belo álbum colorido, com o trabalho de José Ruy em plena forma. O observador atento verá que a capa teve pequenas modificações em relação à que foi anunciada e que reproduzi no livro que fiz sobre o autor.

A editora Polvo lançou também o livro **O Terror Negro**, com as HQs curtas de Jayme Cortez. Este volume traz as mesmas HQs de **Fronteiras do Além**, publicado pela Pipoca&Nanquim em 2020.





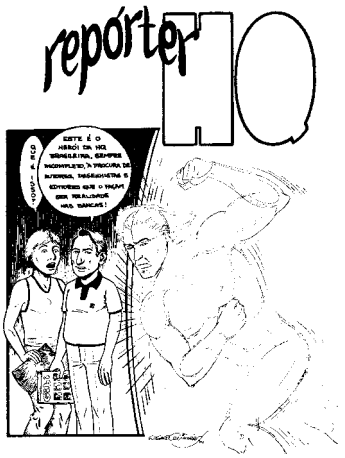
QI 184 (nov/dez/2023)

UPS!

No **QI** 182, eu fiz um desafio aos leitores para descobrirem quem era a figura abaixo. Como ninguém deu pelotas, acabei me esquecendo e nem voltei ao assunto no **QI** 183. Agora que me dei conta que a pergunta ficou sem resposta. Ainda que não seja do interesse de ninguém, o sujeito aí é o Gargamel, logo depois de ter feito um feitiço que o transformou em Strunf, em „O Falso Strunf". Notem que o feitiço teve uma falha, ele está sem o pitoco na bunda.

QI 184 (nov/dez/2023)

QUEM É WALLY?



A revista-livro **Memo** nº 11, dedicada a Eugenio Colonnese, trouxe a foto abaixo, tirada no Encontro de Histórias em Quadrinhos de Araxá em 1988. A legenda identifica o segundo agachado como Claudeir Corvo, de quem nunca ouvi falar. Até onde a qualidade da foto me permite reconhecer, trata-se de Antônio Roque Gobbo, frequentador de todas as edições do evento em Araxá. Gobbo atuou intensamente durante alguns anos na área das Histórias em Quadrinhos, criando a Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos – BNHQ, em Belo Horizonte, iniciando com sua própria coleção e substancialmente aumentada com doações. Visitei uma vez, quando estive em Belo Horizonte, a Biblioteca, que funcionava num local cujo aluguel era bancado pelo próprio Gobbo. Publicou, além do fanzine **Repórter HQ**, várias outras edições, como os **Arquivos do Martinez**, apostilas com cursos de desenho e HQ, entre outros. Quando Gobbo encerrou suas atividades, doou todo o acervo da Biblioteca para a Universidade Federal de Minas Gerais. A edição digital que publiquei junto com o **QI** passado, **Quadrinhos de um só Quadro**, tem uma ilustração que fiz para uma eventual capa do **Repórter HQ**, com uma caricatura de Gobbo, e que foi capa do **QI** 92.

Em pé: Eduardo Ofeliano, Júlio Shimamoto, Henrique Farias, Watson Portela, Primaggio Mantovi, João B. Baldisseri, Eugênio Colonnese e Ataíde Braz. Sentados: Gustavo Machado, Claudeir Corvo e Rodolfo Zalla.

QI 184 (nov/dez/2023)

PSIU 10

O décimo número de **PSIU**, disponível apenas em formato digital no sítio www.marcadefantasia.com, na página EGO/QI, traz as participações de **Luiz Iório**, **Raimundo Jr.**, **Umberto Losso**, **Carlos Ortega**, **César Silva**, **Marcelo Rodrigues**, **Sergio Más**, **Absinto**, **Luciano Irrthum** e mais HQs de **J. Carlos** tiradas de **O Tico-Tico**.

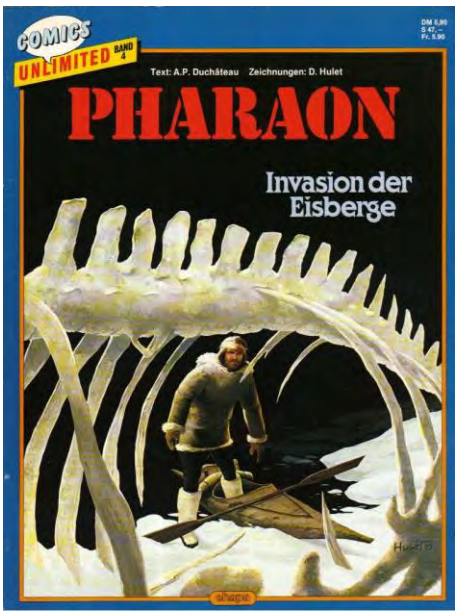
QI 185 (jan/fev/2024)

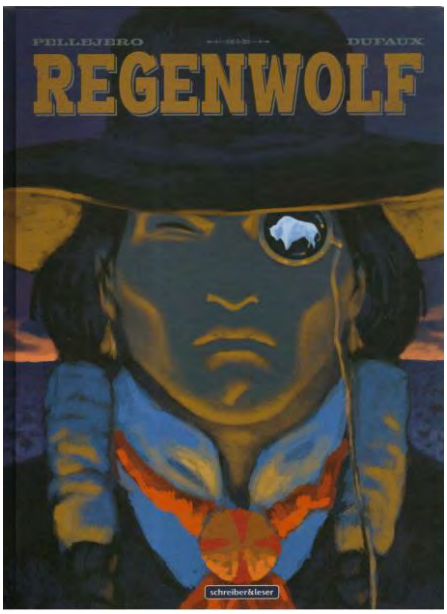
QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou três belas edições. A primeira é mais um número da revista-livro **Reddition**, este número dedicado a André-Paul Duchâteau, prolífico roteirista com uma enorme produção de séries franco-belgas, com centenas de álbuns em parceria com dezenas de desenhistas. A edição traz também artigos sobre alguns desses desenhistas, como Aidans, Eddy Paape, Rosinski e Willam Vance. A série mais famosa escrita por Duchâteau certamente é „Ric Hochet", em parceria com Tibet, imenso sucesso de público na Europa com mais de uma centena de álbuns produzidos. No Brasil, teve 2 álbuns publicados pela editora Hemus, em 1972, **Suspense na Televisão** e **Os Companheiros do Diabo**, depois encadernados em **Os Favoritos de Tintin**, além de uma história curta em **Seleções Tintin** nº 3, também da Hemus. Duchâteau teve ainda um álbum de Sherlock Holmes publicado pela L&PM.

A segunda edição é da série „Pharaon" escrita por Duchâteau com desenhos de Hulet. Uma série de ótima qualidade que eu desconhecia. A história começa com uma sequência com desenho caricatural mostrando as desventuras de um esquimó e logo na página 3 vê-se que isso é um desenho animado assistido na TV por alguns personagens crianças.

A terceira edição é um livro em capa dura trazendo os dois episódios de „Regenwolf", de Dufaux e Rubén Pellejero. História de faroeste com a violência característica das produções europeias mais recentes neste gênero, conta com um traço limpo e preciso de Pellejero, diferente de seus trabalhos anteriores, como sua série mais famosa, „Dieter Lumpen". Há poucos trabalhos seus publicados no Brasil. A Abril publicou uma aventura de Dieter Lumpen no nº 23 da série **Graphic Novel**. O personagem teve uma história curta publicada em **Canalha** nº 1. Também teve histórias curtas publicadas em **Heavy Metal** nº 9 e **Batman Preto&Branco**. A editora Trem Fantasma publicou o álbum **Cromáticas** e 3 álbuns das novas aventuras de Corto Maltese, com os desenhos de Pellejero e texto de Canales.



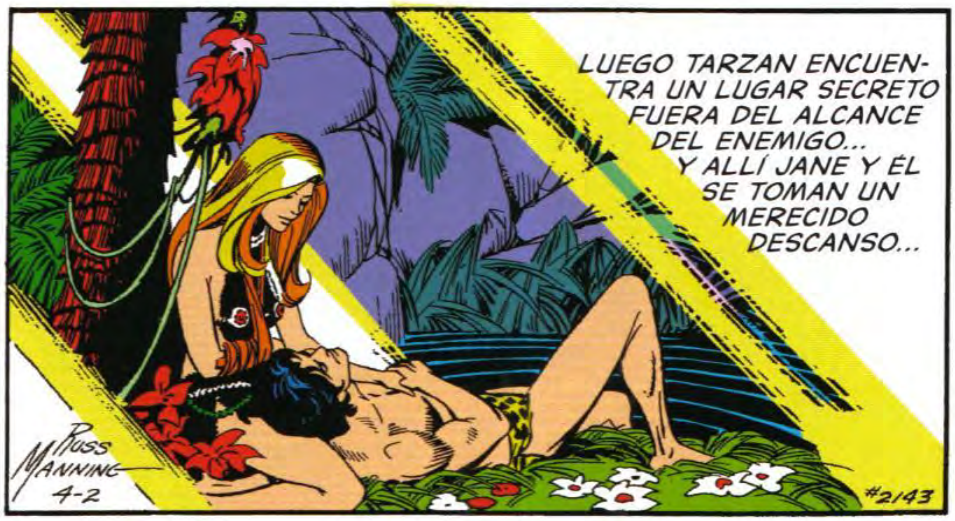


QI 185 (jan/fev/2024)

FUÇADINHA

Revendo algumas edições de Tarzan, para conferir informações no artigo de Lincoln Nery desta edição, acabei achando algo que eu havia achado estranho na época em que li a revista **Tarzan** (Lança de Ouro) nº 23, publicada em out/1974 pela Ebal. É uma aventura que se passa na terra perdida de Pal-Ul-Don, onde Tarzan vai resgatar 3 jornalistas que vão para lá fazer uma reportagem, Samie, Carla e Gail. Depois de resgatar a última e voltar para casa, Tarzan demonstra uma intimidade inesperada com Gail, como mostrado abaixo. Na época em que li essa história, estranhei, pois aquele Tarzan desenhado por Russ Manning era casado com Jane e mantinha uma vida de casado exemplar. Na época eu tinha mais o que fazer do que cuidar da vida extra-conjugal de Tarzan. Mas pouco depois, em 1977, a Ebal publicou uma coleção com as páginas dominicais de Tarzan feitas por Russ Manning para os jornais, desde a primeira, uma coleção muito boa, embora em preto e branco, no formato horizontal, que infelizmente só durou 5 volumes. E lá estava, no volume 4, a mesma história passada em Pal-Ul-Don, só que a terceira repórter era a Jane, esposa de Tarzan, que leva Samie e Carla até as proximidades da terra perdida, tomando cuidado para não se aproximarem muito. Mas acabam capturadas por algum dinossauro ou humanoide.

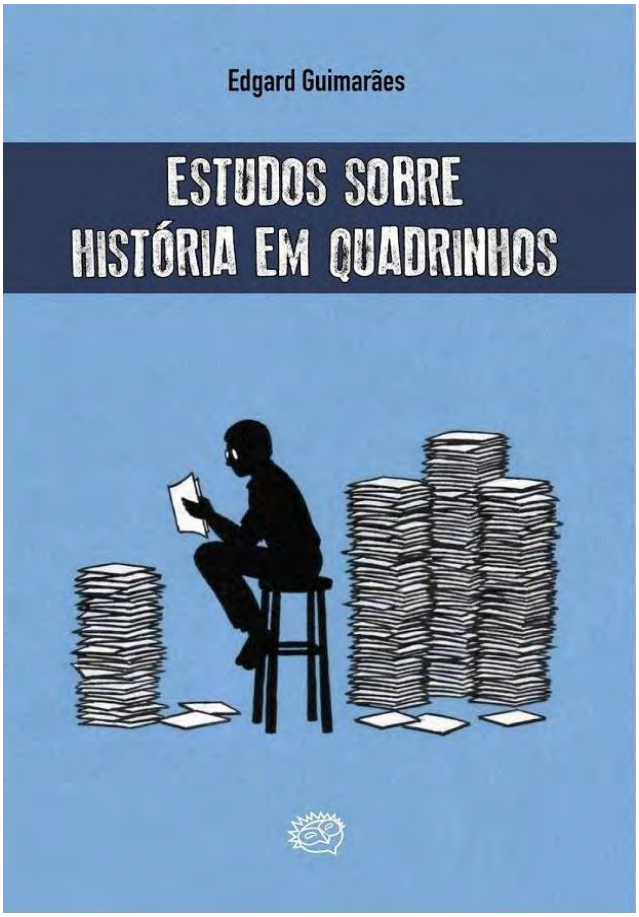
Por que a Ebal havia publicado antes essa história trocando Jane pela tal Gail? E ainda levantando falso testemunho sobre a fidelidade de Tarzan? A culpa não foi da Ebal. Essa história foi retirada de **Tarzan** nº 231 (jul/1974), publicada pela DC Comics. Esta revista foi editada por Joe Kubert, que iniciou uma nova série de Tarzan, desenhada por ele mesmo, em que este era solitário, envolvendo-se em aventuras variadas. Uma série muito boa, com o desenho de Kubert no auge. Acontece que Kubert acabou não dando conta de desenhar novas aventuras no prazo exigido e começou a "adaptar" histórias de Tarzan feitas para os jornais, tanto antigas, de Hal Foster, como novas de Russ Manning. Uma lambança. Esta história em questão havia saído nas páginas dominicais dos jornais entre 14 de março e 1º de agosto de 1971. Como Kubert estava fazendo um Tarzan solteiro, teve que adulterar a história de Manning, transformando a Jane numa Gail qualquer, sujando o bom nome de Tarzan.



NOVAS EDIÇÕES

A editora Marca de Fantasia acaba de lançar nova edição de meu livro **Estudos sobre História em Quadrinhos**, com uma compilação de artigos sobre a Linguagem dos Quadrinhos, apresentados durante quase 10 anos em Congressos de Comunicação da Intercom.

Também está à disposição em formato digital, na página EGO/QI do sítio www.marcadefantasia.com, o livreto que fiz em 1993, em parceria com Laudo Ferreira Jr, **O Escroteiro Entrevistado**.



QI 185 (jan/fev/2024)

SÊ-LOS OU NÃO SÊ-LOS

Entre vários materiais que o Luiz Antonio Sampaio gentilmente sempre me envia, recebi esses 9 selos abaixo. Certamente vieram na vasta correspondência que Sampaio recebia do exterior. Não sei se esta é a série completa, mas trata-se de uma série de selos feita pelo Correio norte-americano em 1995 homenageando personagens importantes dos comics. Até uma série pouco conhecida, como Toonerville Folks, que não sei se foi publicada no Brasil.

Vou usar estas imagens para fazer alguns comentários.

Primeiro, a escolha das imagens dos personagens e séries. No caso de Dick Tracy, Barney Google, Krazy Kat, Popeye e Bringing Up Father, são imagens bem representativas das séries mostrando bem personagens e situações. Também é o caso de Terry and the Pirates e Toonerville Folks. Mas no caso de Blondie, a esposa é a personagem principal da série e ela fica cortada pela metade, sendo que a figura de maior destaque é... o carteiro (!). Também no caso de Flash Gordon, ele é a figura de fundo, ficando em primeiro plano outro sujeito que não sei bem quem é, talvez o príncipe Barin.

Outra questão é a do estado que ficaram os selos depois de passar pelas mãos do funcionário do Correio norte-americano. Precisava rebocar tanto assim o selo? Está certo que, se deixar, o pessoal lava os selos para usar de novo. Tem até o truque de passar goma arábica sobre o selo para facilitar a posterior lavagem. Mas não precisava exagerar com o carimbo.

Muitos aí devem ser do tempo em que, quando crianças, os adultos incentivavam colecionar selos, como uma atividade recreativa e cultural. Ou seja, com as informações vindas naquele quadradinho picotado supostamente se aprenderia sobre temas variados da cultura universal. E toma flores, pássaros, monumentos, tipos étnicos, figuras históricas e sabe-se lá o que mais. Eu não caí nessa conversa (caí em outras). De qualquer forma, a conversa sofre um grande baque quando se olha o estado desses selos. Quem é que vai ter alguma satisfação (ou incentivo a colecionar selos) olhando para essas imagens rebocadas, lambuzadas, enlameadas, bosteadas... e vamos parar com os adjetivos antes que eu pegue o embalo.

QI 185 (jan/fev/2024)

FUÇANDO À TOA

Estava organizando meus recortes de jornais, quando me deparei com esta coluna de Gutemberg Cruz publicada no jornal **Bahia Hoje** em 20/11/1994. Não que minha memória seja um prodígio, mas não me lembro de ter ido a esse Encontro em 1994, muito menos de ter dado uma palestra.

Estou certo de que não fui ao 1º Encontro, em 1988, pois nem fiquei sabendo na época. Depois, fui ao 2º Encontro em outubro de 1989 e ao 3º em setembro de 1990. Mas não estou certo se cheguei a ir ao 4º em setembro de 1991.

Perguntei a alguns conhecidos que frequentaram as primeiras edições do evento, ninguém se lembra desse 5º Encontro. Procurei na internet e só achei uma minúscula nota no **Folheteen**, suplemento da **Folha de S. Paulo**, dizendo que "ia acontecer...". Tentei a Prefeitura de Araxá, patrocinadora do evento, mas não tive resposta.

Será que houve mesmo esse evento? Será que eu fui convidado e dei o cano? Será que eu fui e dei a palestra? Será que existem realidades alternativas?

QUADRINHOS

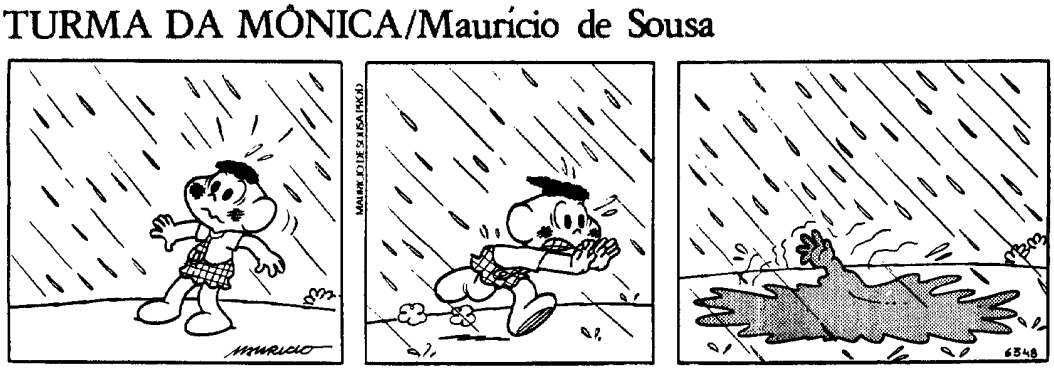
GUTEMBERG CRUZ

◆ Quadrinhos em Araxá

Os organizadores do *5º Encontro Nacional de Histórias em Quadrinhos* convidam os quadrinhistas para participarem da promoção que será realizada na cidade mineira de Araxá, de 16 a 18 de dezembro. Este ano, o evento será enriquecido com uma oficina de HQ que terá início no dia 13 de dezembro, coordenado pelo cartunista Ofeliano. A abertura do encontro acontecerá no dia 16 no Salão de Festas do Clube Araxá. Dia 17 haverá palestra do quadrinista, articulista e editor de fanzine, Edgard Guimarães sobre o tema *Fanzine, o Quadrinho do Futuro*. Hélcio de Carvalho, um dos fundadores do Stúdio Art e Comics falará sobre *A Produção de Quadrinhos para o Exterior*. E Worney Almeida Souza, presidente da Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas de São Paulo vai abordar o tema *Associação de Quadrinhistas e Mídia*. Haverá uma exposição de quadrinhos inéditos, em originais e, no dia 18 a entrega do Troféu D. Beija e prêmios do concurso Uma Aventura em Araxá. O patrocínio deste Encontro de Quadrinhos é da Prefeitura Municipal de Araxá, Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo. A organização é de Lídia Santos Marques, da Eventhos Promoções. Os interessados em participar devem entrar em contato pelo telefone/fax: (034) 661-2458.

FUÇADINHA

Olhando alguns recortes de jornais, acabei encontrando essa tira em **O Estado de S. Paulo** de 14 de janeiro de 1988. Como algumas vezes já foi tratada aqui pelos leitores a questão Cascão versus água, achei interessante mostrar essa tira. Na minha modesta opinião, tremenda bola fora da MSP.



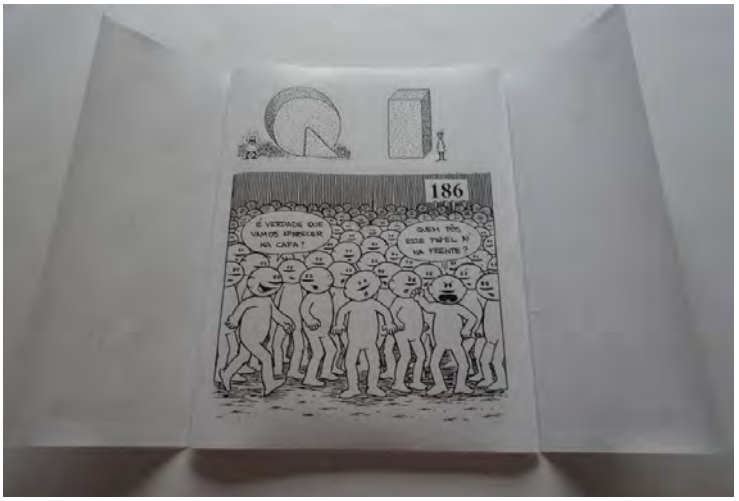
SAIU PSIU 11

Está disponível no sítio www.marcadefantasia.com, na página EGO/QI, o número 11 da revista digital **PSIU**.

Traz colaborações de **Luiz Iório**, **Cesar Silva**, **Érico San Juan**, ilustrações de **Laudo**, **Orlando Maro**, **W. Cesar**, **Manoel Dama** e **Moreno Fel**, além da mais páginas de **J. Carlos** publicadas originalmente na revista **O Tico-Tico**.

Complementa matéria sobre a produção de **Jayme Cortez** para a revista portuguesa **O Mosquito**, na década de 1940.

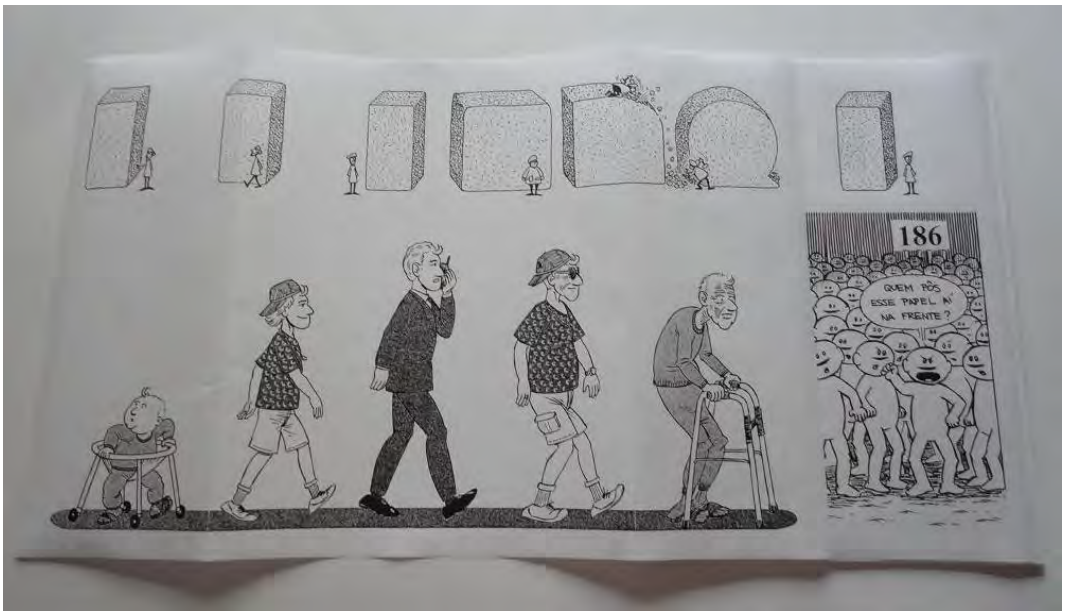
SOBRECAPA DO QI 186



Os leitores da versão impressa receberam o **QI** 186 como mostrado na figura acima à esquerda, com uma sobrecapa que, a primeira vista, tampa a capa da edição. A capa só aparece quando se abre a sobrecapa, como mostrado nas figuras acima à direita e ao lado. Daí se entende a reclamação do bonequinho à direita.

A sobrecapa totalmente aberta é mostrada na figura abaixo. Há também um jogo com o logotipo do fanzine.

Para os leitores da versão digital, a sobrecapa é oferecida como um encarte em PDF junto com o **QI** 186.



QI 186 (mar/abr/2024)

FALHA NOSSA!

No número anterior, escrevi um pequeno texto falando sobre o "5º Encontro Nacional de Histórias em Quadrinhos" em Araxá em dezembro de 1994. Disse que não lembrava desse evento e de ter dado uma palestra sobre Fanzines.

Agora, procurando outra coisa em números antigos do **QI**, me deparo com uma matéria que saiu no nº 12, em jan/fev/1995, escrita por Worney, falando justamente do "5º Encontro de Araxá". Lendo a matéria, me lembrei de várias passagens, em especial de ter sido um dos jurados de um Concurso de HQ patrocinado pelo evento. Então, o evento ocorreu, eu estive lá, dei a palestra, por algum motivo não tirei fotos para registro (das edições anteriores eu tenho várias fotos) e teria que começar a me preocupar com a minha memória. Eu disse "teria", pois tem gente na minha frente. Duas pessoas, que consultei perguntando se lembravam do evento, responderam que não sabiam de nada. Dessas duas, uma também deu palestra e outra foi homenageada com troféu pela participação. *Fugit irreparabile tempus*.

Dia 17 - Sábado

8:00 h - Palestra - "Fanzine - O Quadrinho do Futuro"
Palestrante: Edgard Guimarães - Quadrinhista, articulista e editor de Fanzine

9:30 h - Coffee break
10:00 h - Debate
12:00 h - Almoço Livre

QI 187 (mai/jun/2024)

O MELHOR DO QUADRINHO INDEPENDENTE

Em 2001 ajudei o Antonio Eder a organizar um livro com HQs publicadas nos fanzines e edições independentes a pedido da editora Via Lettera. O livro teria o nome **O Melhor do Quadrinho Independente** e, como o "melhor" não caberia em apenas um volume, seria apenas o primeiro de uma série. „Teria" e „seria" pois não teve nem foi, o livro não saiu, apesar de ter sido entregue pronto para a editora.

Agora, organizando minhas coisas, achei uma pasta com as HQs que selecionei para o livro, além de um caderno com a seleção feita por Antonio Eder, acrescida da capa e contracapa feitas por ele. Decidi refazer o álbum com o material que eu tinha na forma de uma edição digital para os leitores do **QI**.

Os participantes selecionados foram: **Márcio José**, **Laz Muniz**, **Gazy Andraus**, **Henry Jaepelt**, **Cleuber Cristiano**, **Laudo Ferreira Jr.**, **Edgar Franco**, **Sidney Falcão**, **Beto Martins**, **Rogério Velasco**, **Henrique Magalhães**, **Agenor Bottene**, **Antonio Eder**, **Abs Moraes**, **Érika Saheki**, **Eduardo Manzano**, **Flávio Calazans**, **Joacy Jamys**, **Amorim**, **Rogério de Souza**, **Yuri Hermuche**, **Beto Nicácio**, **Márcio Sennes**, **Luciano Irrthum**, **Marcelo Garcia**, **Antonio Cedraz**, **Érico San Juan**, **Aderson Roberto** e **Lauro Roberto**.

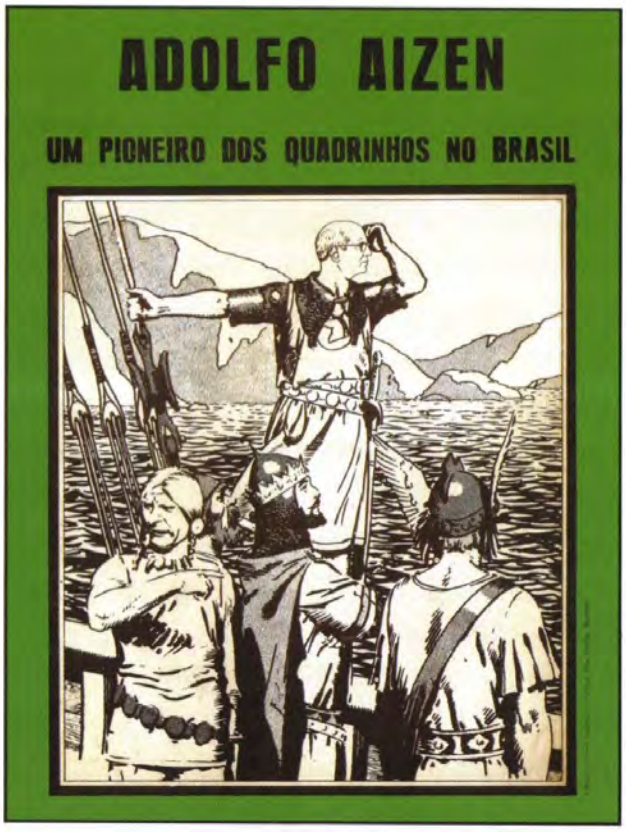
QI 187 (mai/jun/2024)

PEQUENA REFLEXÃO SOBRE AIZEN

Carta enviada a Roberto Guedes comentando sua edição sobre Adolfo Aizen e a Ebal.

Acabei de ler o **Status Comics** sobre a Ebal. Maravilha, você conseguiu uma edição invejável. Realmente trouxe muita informação nova e significativa. E muitas boas sacadas, que passam despercebidas aos leitores e estudiosos, como o "crossover" amplo e irrestrito que foi o **Chamada Geral**, ou os álbuns e livros de luxo muito antes da febre das "graphic novels". E lembrando que antes da Ebal, o Aizen já fez isso lá em 1934/35, com os primeiros álbuns do Flash Gordon, X-9, etc. Lembrando também que esse assunto de "invenção da graphic novel" pelo Will Eisner é só jogada de marketing, como ele mesmo disse. Como o editor iria recusar um livro de "comics", mudou o nome para enganar o editor. Recentemente o Sesi publicou vários livros de Topfer, lá de 1800 e bolinha. São "romances em quadrinhos", sem margem de dúvida.

Mas um assunto interessante que você mencionou por ocasião do Jubileu de Prata da Ebal, em 1970, que também comemorava os "36 anos das HQs no Brasil" com o lançamento do **Suplemento Infantil/Juvenil** em 1934, com Aizen "esquecendo" que já existia HQ no Brasil muito antes disso. Esse "esquecimento" foi repetido em 1984 com o Jubileu de Ouro do Suplemento. Por que o Aizen insistia nessa tecla, insistência que se propagou por boa parte da imprensa que noticiou os eventos comemorativos. Eu me lembro de, na época, ao ler as notícias, sem outras informações, "acreditar" que as HQs começaram no Brasil em 1934. Você mesmo começou o texto dizendo que o Aizen poderia ter feito como o Victor Civita e dizer que (em relação a Ebal) "tudo começou com um pato", mas Aizen não tinha essa vaidade. Também lembrando que, antes da Ebal, Aizen foi, se não o único, o principal editor de Disney no Brasil. Quando Disney veio ao Brasil, para o "esforço de guerra" por volta de 1940, Aizen foi o maior divulgador da viagem e promovendo eventos em homenagem a Disney.



Então, por que Aizen ficava com essa história de "pioneiro das HQs no Brasil"? Aliás, esse foi o título de uma publicação sobre ele.

Acontece que, agora é conjectura minha, ele achava isso mesmo, com toda sinceridade. Os suplementos semanais coloridos encartados nos jornais americanos existiam desde final do século XIX e com trabalhos da melhor qualidade. Vou citar apenas o Little Nemo iniciado em 1905 que fazia todo uso de todo recurso então disponível para apresentar páginas maravilhosamente desenhadas ocupando folha inteira do suplemento. Isso não era novidade no Brasil, pois os jornais americanos chegavam aqui, tanto para leitores individuais, como para os órgãos de imprensa, e para as agências distribuidoras de notícias e material jornalístico. O próprio **O Tico-Tico**, lá no seu começo, decalcava páginas de Little Nemo. E **O Tico-Tico**, que não era uma publicação exclusiva de quadrinhos, trazia pelo menos metade de suas páginas com HQs do mais alto nível, tanto importadas, mas principalmente as produzidas aqui por autores brasileiros. E conseguindo ótimos efeitos coloridos mesmo com as limitações gráficas da época. J. Carlos produziu dezenas de centenas de páginas com Jujuba, Carrapicho, Goiabada e Lamparina. Com resultados surpreendentes. E não foi só ele e nem foi somente material humorístico com traço caricatural. **O Tico-Tico** publicou muito material de aventura com traço acadêmico.

Então, voltando ao assunto, por que Aizen se achava "pioneiro"? Acontece que, apesar da grande quantidade de trabalhos de ótima qualidade publicados na imprensa brasileira e estrangeira desde finais do século XIX, foi a leva de séries criadas em 1934, com Flash Gordon à frente, que deslumbrou Aizen. Aquelas séries com desenhos realísticos e histórias não cômicas, que continuavam de uma semana para outra, como Flash Gordon, X-9, Jim das Selvas, Terry e os Piratas, Tarzan (de Foster), Mandrake, e várias outras, tiraram Aizen da "zona de conforto". Ele nunca tinha visto os quadrinhos daquela forma. E lembrando que todo aquele material estava à venda no Brasil, através de uma agência, e nenhum jornal brasileiro se interessou (ou tomou conhecimento). Aliás, o próprio Roberto Marinho, mesmo alertado por Aizen sobre as possibilidades comerciais dessas séries, não deu importância.

Então, para Aizen, essas HQs que o encantaram e foram trazidas para o Brasil por ele, foram para ele o início das HQs no Brasil, e ele se sentia mesmo um pioneiro.

QI 187 (mai/jun/2024)

APRESENTAÇÃO

Em 2001, o editor da Via Lettera pediu a Antonio Eder que sugerisse ideias para álbuns de quadrinhos. Antonio pensou numa coletânea de trabalhos de autores dos fanzines e edições independentes e me propôs organizarmos juntos o volume. Fiz uma seleção de trabalhos e enviei ao Antonio, que acrescentou alguns, tirou outros e montou o volume pronto para publicação, enviando-o à editora. O álbum se chamaria **O Melhor do Quadrinho Independente**, um título meio pretensioso, porque esse "melhor" não caberia em um único volume. Pediria outros, no entanto, por motivos que desconheço, nem o primeiro foi publicado. A seleção do material para o volume teve alguns condicionantes como conseguir o contato com o autor para obter autorização para publicação, conseguir boa cópia da HQ, histórias não muito longas, etc. Na época acabei não vendo como ficou a edição final feita pelo Antonio Eder, que também fez a capa e contracapa.

Agora, vendo o material que ficou comigo, resolvi refazer a edição na forma digital, para conhecimento dos leitores e dos próprios autores. Não está exatamente na mesma forma que foi enviada à Via Lettera, mas contém boa parte do material que selecionamos. Os participantes desta versão estão listados a seguir.

- **Márcio José** – página 3
- **Laz Muniz** – *Entre um Silêncio e Outro* – página 8
- **Gazy Andraus** – *Terra e Plantio* – página 11
- **Henry Jaepelt** – *Troh* – página 15
- **Cleuber Cristiano** – *Arroz Integral* – página 19
- **Laudo Ferreira Jr.** (roteiro de **Marcelo Garcia**) – *...Vanessa Tarada* – página 21
- **Edgar Franco** – *O Desenvolvimento* – página 25
- **Sidney Falcão** – *Miudins* – página 31
- **Beto Martins** – *A Força de uma Esperança* – página 33
- **Rogério Velasco** – *Entorpecido* – página 38
- **Henrique Magalhães** – *Maria* – página 39
- **Agenor Bottene** – *O Trauma do Morcego* – página 41
- **Antonio Eder** (roteiro de **Abs Moraes**) – *Bêbada, Bonita e Acompanhada* – página 45
- **Érika Saheki** (roteiro de **Edgar Franco**) – *Um Instantâneo...* – página 50
- **Eduardo Manzano** – *O Mundo dos Zines* – página 53
- **Flávio Calazans** – *Tyli Tyli, E Daí?!* – página 55
- **Joacy Jamys** – *Não Sistema* – página 59
- **Amorim** – *Um Conto de Natal* – página 61
- **Rogério de Souza** – *Você é só a Faxineira!* – página 65
- **Yuri Hermuche** – *Incidente na Rua Cosmos* – página 69
- **Beto Nicácio** – *Decepção* – página 74
- **Márcio Sennes** – *O Messias* – página 77
- **Luciano Irrthum** (poema de **Augusto dos Anjos**) – *O Coveiro* – página 79
- **Marcelo Garcia** – *Abdala, o Abduzido* – página 83
- **Antonio Cedraz** – *Xaxado* – página 85
- **Érico San Juan** – *João... e Maria* – página 87
- **Aderson Roberto** – *O Último Super-Herói* – página 89
- **Lauro Roberto** – *Dire* – página 99

Quando selecionei o material, lá em 2001, certamente anotei onde cada trabalho foi publicado e dados dos autores, mas essas informações eu não guardei. Como é fácil deduzir, esse material aqui apresentado representa o que esses autores produziam até o ano de 2001.

Uma curiosidade. Na contracapa, Antonio Eder reproduziu algumas páginas das HQs incluídas no álbum, mas colocou uma página de Gazy Andraus que não é a da HQ selecionada para a edição.

QI 187 (mai/jun/2024) – edição digital **O Melhor do Quadrinho Independente**

PSIU 13 ANOS!

Em 1982, lancei meu primeiro fanzine, o nº 1 de **PSIU**. Uma edição no formato ofício com 50 páginas, impressão off-set e tiragem de 500 exemplares. Este primeiro número trazia somente trabalhos meus. Minha intenção era fazer a edição semestral com a participação dos quadrinhistas com quem comecei a manter contato. Só consegui lançar o segundo número em 1985, bem além do prazo que eu havia imaginado. Nos anos seguintes comecei a organizar edições especiais e o terceiro número de **PSIU** ficou de lado. Publiquei os especiais **PSIU Mudo**, **Deus** e **Eco Lógico**. Como eu tinha uma boa quantidade de HQs de colaboradores, resolvi encerrar o **PSIU** com um terceiro número, que saiu em 1990. Mas Fabio Mór me lembrou de que em 1992 **PSIU** faria 10 anos e merecia uma edição comemorativa. Comecei a montar a edição com o material que eu já tinha, mas no final de 1992 comecei a organizar meus projetos de divulgação, impressão e distribuição de fanzines e novamente o **PSIU** ficou de lado. A partir de 1993, como eu tinha uma máquina copiadora e imprimia fanzines de vários editores, no esquema „sob demanda", achei que devia fazer o tal número comemorativo de **PSIU**. A edição de 130 páginas só saiu em 1995, portanto ficou uma comemoração de 13 anos. Como disse, usei o esquema „sob demanda", ou seja, anunciei a edição no **Informativo de Quadrinhos Independentes** e fiz a impressão em xerox de acordo com os pedidos. Infelizmente o interesse pela edição foi baixo. O que foi uma pena, pois a edição trazia uma coleção de trabalhos de alto nível. Agora, com a facilidade da edição digital, produzi a versão em PDF de **PSIU 13 Anos**, para quem interessar. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Roberto Charles Trevisan**, **Umberto Losso**, **Henry Jaepelt**, **Juvêncio Veloso**, **Elmano Silva**, **Betto Ribeiro**, **Salvador**, **Antônio Carlos Fernandes**, **Laudo Ferreira Jr.**, **Antônio Luiz Cedraz**, **Alexandre Albuquerque**, **Charles Araújo**, **Fabio Mór**, **Antônio Fernando de Andrade**, **Flávio Calazans**, **Angelo Ribeiro Neto**, **Márcio Sennes Pereira** e **Edgard Guimarães**.

QI 188 (jul/ago/2024)

PSIU 12!

A nova fase de **PSIU**, que começou no nº 4, somente no formato digital, estava quase conseguindo ser bimestral. Mas falhou no bimestre passado. Por um bom motivo. Decidi refazer o livro **O Melhor do Quadrinho Independente**, que Antonio Eder e eu havíamos organizado lá no ano 2000 para publicação profissional, o que não ocorreu. O livro, então, substituiu o **PSIU** como lançamento do bimestre passado.

Agora **PSIU** volta em seu número 12, com 70 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Luiz Iório**, **Rogério de Souza**, **Edvan Bezerra**, **Denohá**, **Ofeliano de Almeida**, **Nilson Azevedo**, **José Carlos Neves**, **Sergio Más**, **J. Carlos** e **Carlos Ortega**.

E o Sapo?

No editorial, mencionei o encarte „Sapo de Fora", que mostra como fazer um sapo em origami. A foto desse sapo aparece na capa deste **QI**. Para quem quiser montar o sapo "de verdade", seguem de brinde nesta edição um pedaço de papel espelho e dois olhinhos. O mencionado encarte mostra como fazer a dobradura para obter o sapo. Só que coloquei a sequência explicando o processo com um número bem grande de imagens de modo que, se forem visualizadas rapidamente em sequência, dão uma ilusão de movimento. O que é chamado de desenho animado. É só abrir o arquivo PDF „Sapo de Fora", colocar a visualização para a página aparecer inteira na tela, e com a tecla „Page Down" pressionada continuamente assistir ao "desenho". Bom divertimento.

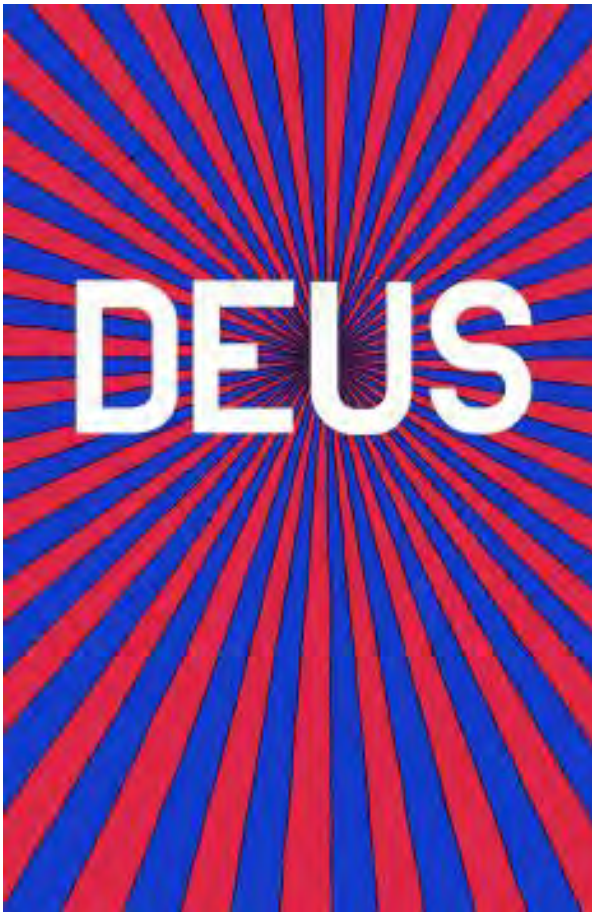
QI 188 (jul/ago/2024)

DEUS

Em 1987, publiquei uma edição especial de **PSIU**, que ficou conhecida como **PSIU Mudo**, uma edição somente com HQs sem palavras. Com a boa aceitação dessa edição, comecei a organizar outra com o tema "Deus", que ficou pronta em 1989. Como a edição ficou volumosa (no total, 270 páginas), para não encarecer ao leitor, decidi fazê-la em fascículos. Assim, foram publicados 5 fascículos, os 4 primeiros com 50 páginas e o quinto com 70 páginas, sem capa, apenas com a lombada colada. A ideia era que o próprio leitor colecionasse os fascículos e depois mandasse encaderná-los com capa dura. Providenciei as folhas de guarda e pretendia também providenciar uma sobrecapa colorida. Esta, infelizmente, não consegui produzir. Agora, ao fazer a versão digital do livro, tive que fazer a capa e a contracapa, seguindo mais ou menos a ideia que pretendia na época.

A adesão dos quadrinhistas independentes ao projeto foi muito boa. A edição contou com 57 colaboradores. Em ordem alfabética: **Adriano Vicente**, **Adrovando Claro de Oliveira**, **Alexandre Valença Barbosa**, **Allan Jorge Evangelista**, **Alvimar Pires dos Anjos**, **Anibal Barros Cassal**, **Antonio Carlos Fernandes**, **Antonio Fernando de Andrade**, **Antonio Luiz Cedraz**, **Carlos Felix Reiners Carvalho**, **Carlos Henrique Cardoso**, **Clélio Vicente**, **Daniel Horn da Rosa**, **Douglas Yudiro Jonori**, **Edgard Guimarães**, **Edson Sebastião**, **Eduardo Krüger**, **Eduardo Ofeliano**, **Érico Junqueira Ayres**, **Fabio Santoro**, **Fernando Feijó**, **Flávio Calazans**, **Francisco Feitosa**, **Francisco Roberval Ribeiro**, **Gazy Andraus**, **Genildo Tavares**, **Geraldo Lima Júnior**, **Henry Jaepelt**, **Iramir Alves Araújo**, **Israel Madeira**, **Joacy Jamys**, **José Mariano Ribeiro Alencar**, **Júlio Magalhães**, **Juvêncio Veloso**, **Laudo Ferreira Júnior**, **Leslie Teixeira**, **Luigi Rocco Recine**, **Luiz Portela**, **Marcelo Ricardo Almeida**, **Márcio José Coelho Monteiro**, **Marco Müller**, **Marcos Aurélio Tinoco**, **Marcos de Carvalho**, **Marcos Freitas**, **Miguel Varanese**, **Moacir Torres**, **Paulo Carvalho**, **Paulo Priess**, **Roberto Causo**, **Roberval Coelho da Silva**, **Ronaldo Rodrigues**, **Rowena Santoro**, **Salvador**, **Sérgio Toshihiro**, **Valtenio Oliveira Spindola**, **Wallace Vianna**, **Williandi de Albuquerque**.

Após 35 anos, **Deus** está de volta. É só procurá-Lo no sítio www.marcadefantasia.com, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".



QI 189 (set/out/2024)

FAIANOSSA!

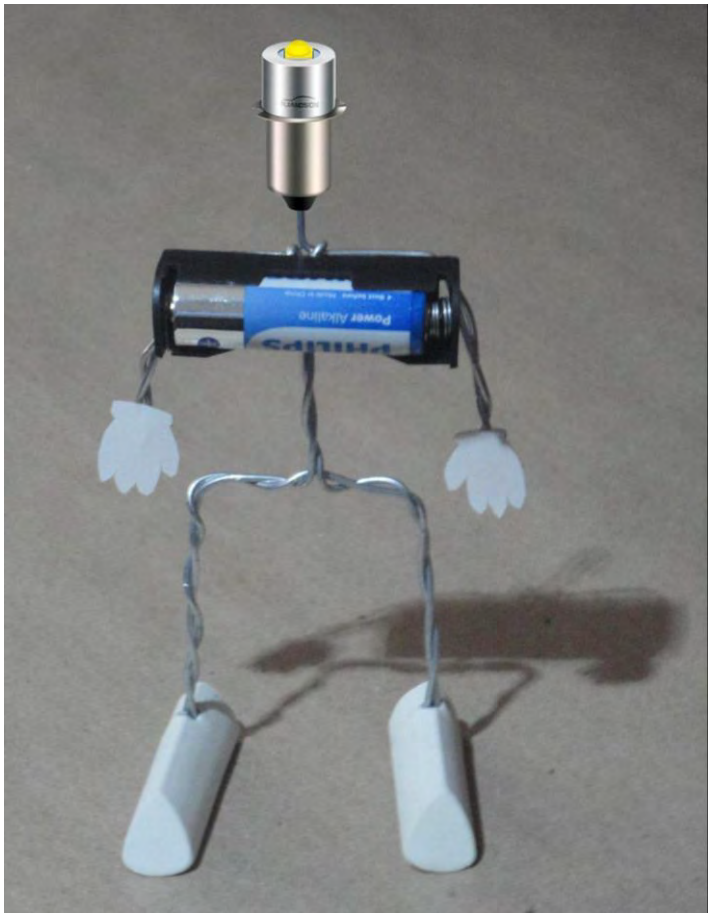
No **QI** anterior, o sétimo número do encarte „HQ Além dos Balões‟ trouxe a numeração errada na primeira página, 6 em vez de 7. Para corrigir o erro, fornecemos logo abaixo um número 7 para ser colado no local apropriado.

7

LAMPADINHA

Certamente muitos leitores acharam falta, neste número, de uma capa “criativa”. “Ahá, acabaram as ideias”, pensaram eles. Ideia eu tive, mas fui atropelado pelo avanço tecnológico. A ideia era colocar, na capa, em vez de um desenho do Lampadinha, como acabou ficando, uma foto de um „Lampadinha‟ feito de arame com uma lâmpada de lanterna na cabeça. Uma que acendesse mesmo, alimentada por uma ou duas pilhas. Fiz o Lampadinha de arame e na hora que fui comprar uma lâmpada de lanterna para terminar a montagem... Qual o quê! Não existe mais lâmpada incandescente de lanterna. Não existe mais lanterna de pilha. As lâmpadas são todas de Led e as lanternas são todas com bateria para recarregar na tomada. Então tive que colocar na ilustração da capa um desenho mesmo de um Lampadinha ultrapassado. E mostro abaixo como seria um Lampadinha atual.

Como disse acima, tentei fazer, e fiz, um Lampadinha de arame para colocar na capa deste **QI**. Acabei não aproveitando a montagem na capa, mas cheguei a fotografar todas as etapas da feitura do boneco, passo a passo, e com isso fiz mais um “desenho animado” que vai como encarte digital. Abra o arquivo PDF e passe as imagens rapidamente. Não ficou tão bom quanto o „Sapo de Fora‟, da edição anterior, dobrar arame não é tão fácil quanto dobrar papel...



PSIU 13!

PSIU volta em seu número 13, com 68 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

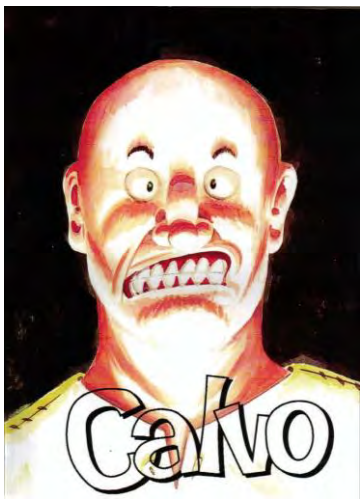
Participam da edição: **Luiz Iório**, **Eduardo Manzano**, **Ofeliano de Almeida**, **José Tadeu Campos Ribeiro**, **Edgard Guimarães** e resgate de trabalhos de **J. Carlos**.

CALVO E PSIU 4

Estou começando a colocar algumas edições minhas disponíveis na Loja Kalimazine, de Vagner Neubert. Mais detalhes sobre esse assunto no encarte „Papos Tais" 7.

Fiz uma primeira experiência com o álbum **Calvo**, produção minha e de Luigi Rocco, que já teve edição impressa pela Marca de Fantasia e ainda tem edição digital na página EGO/QI, também na Marca de Fantasia. Essa nova edição tem como complemento a aventura „A Infância de Calvo" com desenhos de Júlio Magalhães.

A outra edição disponível é a versão impressa de **PSIU**. Estou começando com o número 4, o primeiro da nova fase. Se houver interesse, colocarei os demais números.



LOCO OU LUCKY?

Olhando os exemplares de **A Gazetinha** disponíveis na Biblioteca Nacional, à procura das páginas de „A Garra Cinzenta“, de repente dou com essa página abaixo, no nº 376, de 9/7/1938. Uma série humorística chamada „Loco Luke“. Coincidência com o „Lucky Luke“ do Morris? Embora o nome seja muito parecido, o personagem não é tanto. Mas o cavalo esperto e falante foi demais.

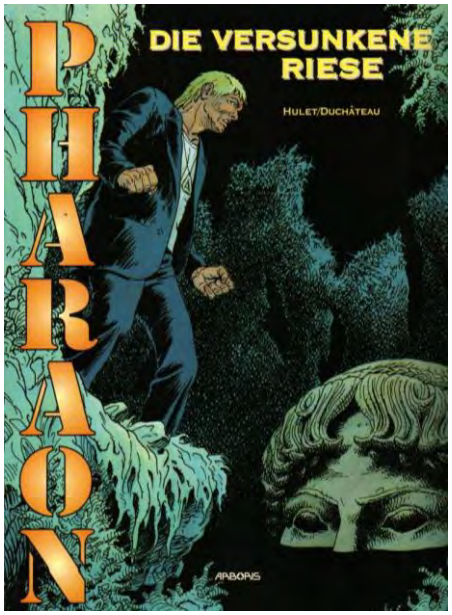
Procurando um pouco, achei que a série „Loco Luke“ foi produzida por Jack Warren para a revista **New Fun Comics**, nos números 1 a 4, entre fev/1935 e mai/1935. Depois foi distribuída em jornais por um período de menos de um ano, entre 5/7/1935 e 4/4/1936, por uma pequena agência distribuidora.

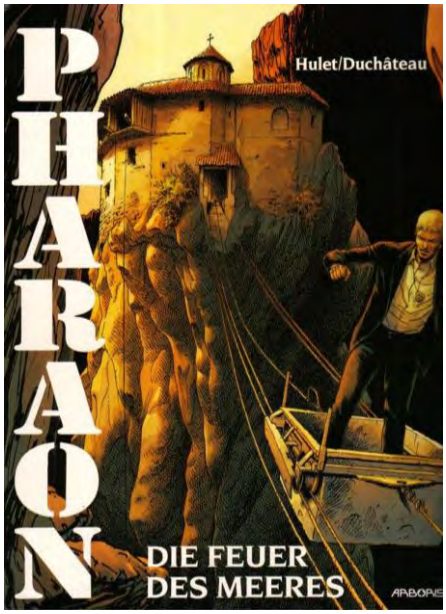
Pela quantidade de páginas que saiu em **A Gazetinha**, deve ser o material dos jornais.

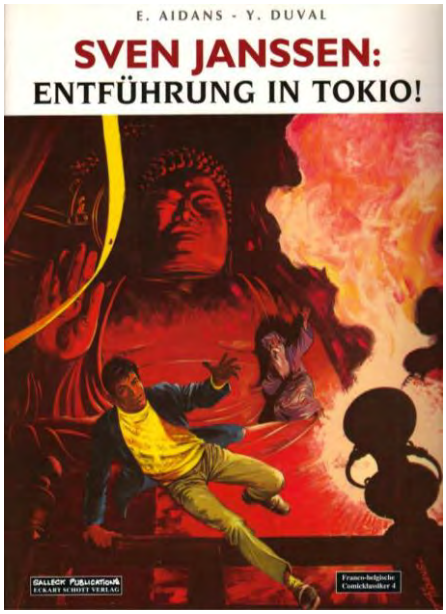
Será que Morris se inspirou nessa série? Morris morou um tempo nos EUA, portanto, é plausível que tenha conhecido a série. Lucky Luke só foi criado em 1946. Nas biografias de Morris, essa série é citada como uma possível influência de Morris na criação de Lucky Luke.

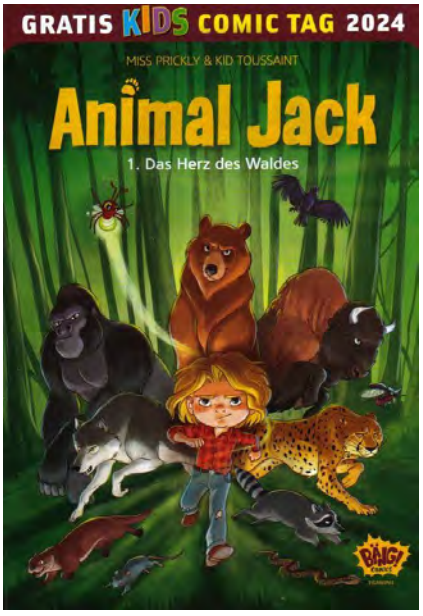
QUADRINHOS DE FORA

Gerd Bonau enviou algumas edições publicadas na Alemanha que são muito interessantes. Três álbuns da década de 1990 com material de origem franco-belga, dois álbuns da série „Pharaon“ de Duchâteau e Hulet, com aventuras de espionagem e fantasia, e um álbum de „Sven Janssen“ (no original, „Les Franval“) de Yves Duval e Edouard Aidans. É impressionante como as séries franco-belgas, mesmo as menos conhecidas, são de excelente qualidade. Duas revistas/álbuns publicadas para o evento „Gratis Comic Tag“ realizado em 11 de maio de 2024. Neste dia são distribuídas gratuitamente em vários locais, como lojas e bibliotecas, revistas contendo material publicado por uma dezena das principais editoras alemãs, muitas dessas revistas com material originário de álbuns. Essa edição foi dedicada aos personagens infantis e teve 21 títulos, bem variados, incluindo Disney, Marvel, DC, mangá e até uma série com Ideiafix.









QI 190 (nov/dez/2024)

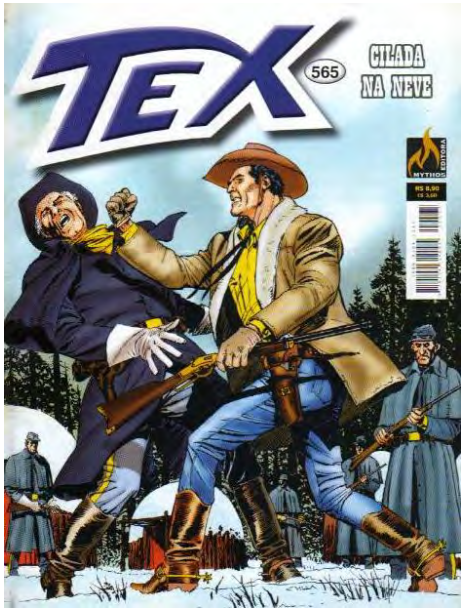
PSIU 14!

PSIU chega ao seu número 14, com 70 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Luiz Iório**, **Henrique Magalhães**, **Agonia Sampaio**, **Maurício de Sousa**, **Flavio Colin**, **Edgard Guimarães** e resgate de trabalhos de **J. Carlos**.

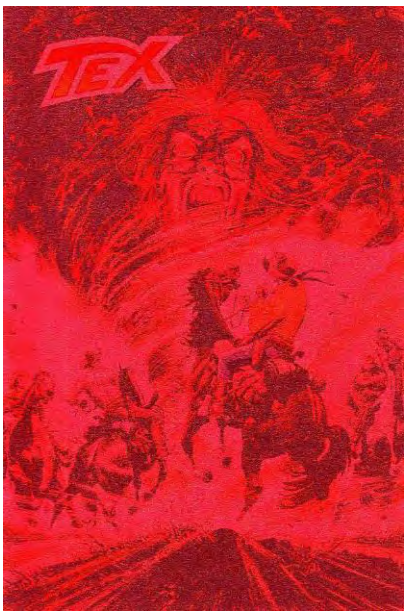
QI 190 (nov/dez/2024)

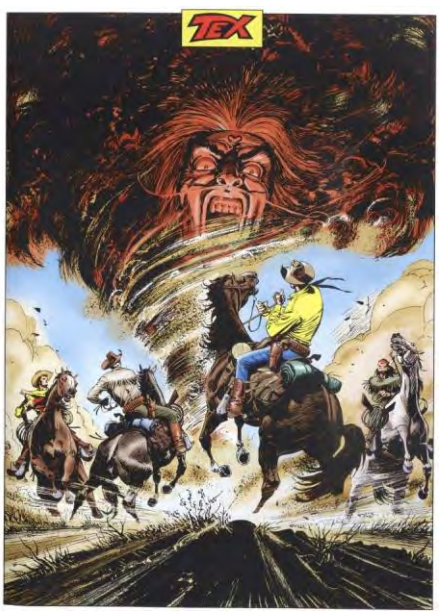
Dois Tecos de Téquis



Procurando informações e imagens relacionadas a Tex, o longevo cowboy italiano, acabei encontrando duas coisas interessantes. A primeira foi uma semelhança entre as ilustrações de duas capas. A tal ponto que não percebi numa primeira vista que eram duas imagens diferentes. Achei que fosse somente o velho truque de republicar uma imagem espelhada para parecer diferente. Uma delas foi publicada em **Tex** nº 565 em novembro de 2016 e a outra em **Tex Coleção** nº 465 em novembro de 2018, ambas pela editora Mythos, com uma diferença de apenas dois anos. No entanto, na Itália foram mais de 20 anos de diferença entre a segunda, no **Tex** italiano nº 412 em fevereiro de 1995 e a primeira no **Tex** italiano nº 665 em março de 2016. As duas feitas por Claudio Villa, o capista oficial de Tex por décadas. Nada de muito estranho. Afinal, fazendo o tanto de ilustrações para capas que fez, uma hora tinha que sair algo bem parecido. Mas tinha que ter até o capote peludinho?

A segunda coisa interessante foi ao procurar a origem dos cartões postais que a Mythos deu de brinde em várias de suas coleções em formato italiano. Em muitas coleções, como **Mágico Vento**, **Júlia**, **Zagor Classic** ou **Zagor** (nova série), o cartão postal foi mera reprodução da capa da edição em que foi o brinde. Mas em outras coleções, como **Tex** (edição limitada) e **As Grandes Aventuras de Tex**, o cartão trouxe capas de outras edições de Tex, sem nenhuma relação com a edição de que foi brinde. Dei-me ao trabalho de descobrir a que edição pertencia cada capa escolhida para estrelar cada cartão postal. Descobri todas, exceto uma, a que apareceu no brinde de **As Grandes Aventuras de Tex** (1ª temporada) nº 9 em março de 2021, mostrada abaixo à esquerda, num cartão metalizado de difícil visualização e reprodução. Procurei em várias fontes na internet e em toda minha coleção e não achei a tal capa. Acabei achando uma série de artigos publicados no blog português **Tex Willer Blog**, sobre a coleção italiana **Tex Nuova Ristampa**, uma nova reedição das histórias de Tex. Nesta coleção, foi acrescentado em cada número um minipôster exclusivo feito por Claudio Villa, em cima de alguma aventura de Tex. Várias dessas ilustrações foram usadas pela Mythos principalmente nas capas de **Tex Ouro**. Mas algumas nunca foram publicadas no Brasil. Esta, abaixo no centro, foi uma delas, que saiu originalmente em **Tex Nuova Ristampa** nº 334 em agosto de 2013, baseada num quadro de história, abaixo à direita, desenhada pelo próprio Claudio Villa, que no Brasil saiu na **Minissérie Especial Mefisto** nºs 1 e 2, em abril e maio de 2004, e depois em **A Volta de Mefisto**, em setembro de 2018.

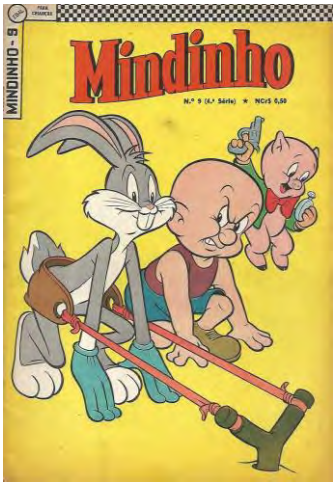




QI 190 (nov/dez/2024)

A MULINHA DA EBAL

José Sales enviou a página de „Notícias em Quadrinhos‟ da revista **Mindinho** nº 9 (out/1969) da Ebal com a carta do leitor Roberto Freitas, de Nova Iguaçu (RJ), e a resposta do editor.



“Acompanho os lançamentos da Ebal há longo tempo, mas tenho notado que, de uns tempos para cá, tem havido um certo fracasso: apenas **Os Invasores** despertaram meu interesse, e assim, gostaria de sugerir que publicassem também reportagens, na 2ª capa da revista, com fotografias de artistas e alguma coisa sobre discos voadores, seus aparecimentos, pessoas que já os viram, etc.”

“Respeitamos sua opinião, mas achamos que está redondamente enganado: 1969 tem sido um ano pródigo para a Ebal, em matéria de novos lançamentos.”

E o editor passa a relacionar todos os lançamentos feitos ou a fazer, destacando:

“Temos uma revista especial para ser lançada breve, só com relatos sobre discos voadores (como você deseja).”

“Como vê, parece-nos mais que você esteja desatualizado com o nosso trabalho: experimente acompanhá-lo mais de perto, já que, como você diz em sua carta, „é um acompanhante das atividades‟ da nossa Editora.”

NA PONTA DA LÍNGUA

Relanço agora, no formato digital, o livreto **Na Ponta da Língua**, que publiquei em 1992. No formato 108x165mm (1/4 de ofício 2), com 116 páginas, traz 100 cartuns que fiz no período de uma semana. Com o desenho mais simples possível, foi o jeito que achei para produzir um livro no formato bolso. Há cartuns que na época não eram ofensivos, hoje parece que são. Há sempre a opção de ignorá-los.

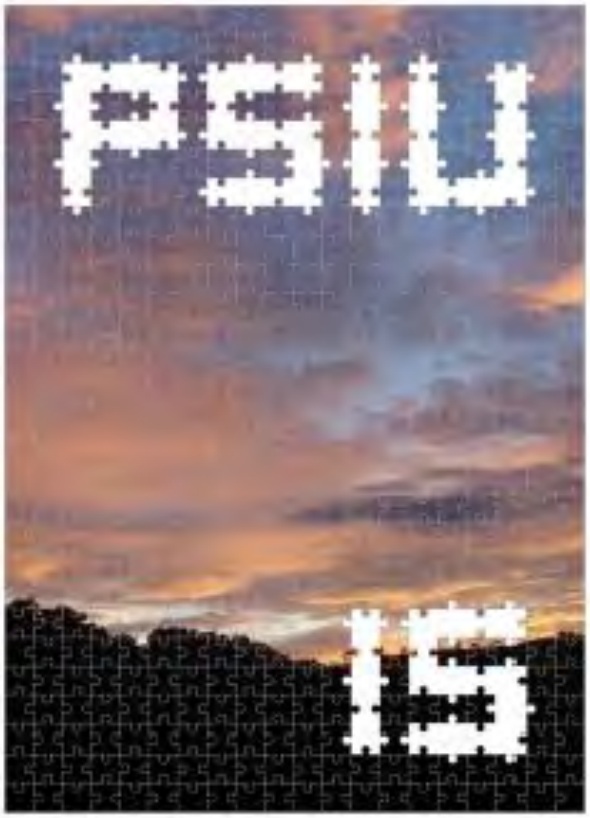
Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas‟.

QI 191 (jan/fev/2025)

PSIU 15!

PSIU chega ao seu número 15, com 58 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Henrique Magalhães**, **Denilson Rosa dos Reis**, **Isaac Hunt**, **Luiz Iório, Edgard Guimarães** e resgate de trabalhos de **Joselito** e **J. Carlos**.



CARTÕES POSTAIS SOBRE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

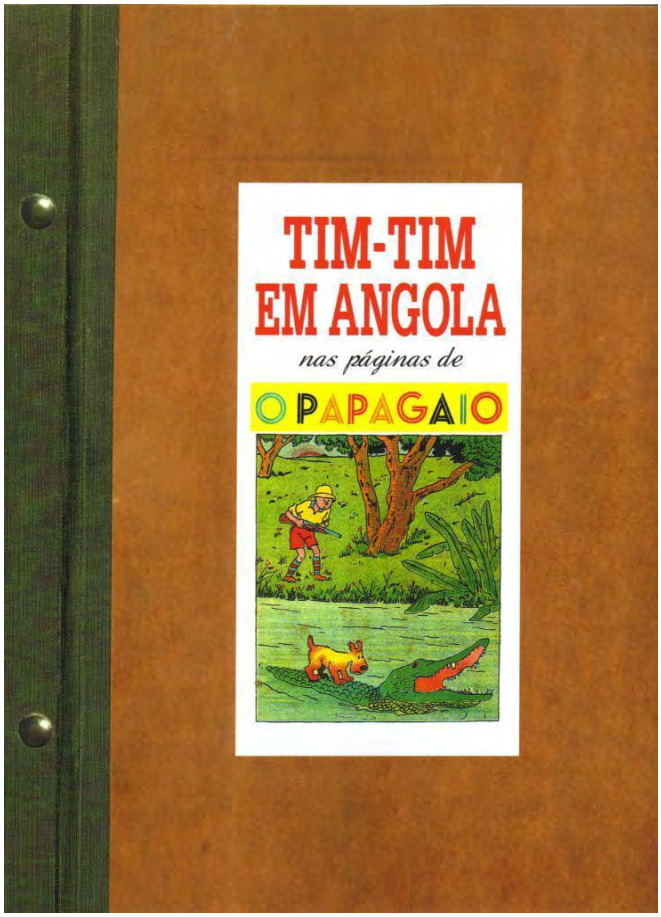
No número anterior do **QI**, foi oferecido ao leitor o encarte „Cartão-Postal Arte e Magia", cortesia de José Carlos Daltozo. Enquanto fazia o encarte fui descobrindo em meus guardados um número considerável de cartões postais com a temática História em Quadrinhos. Como o número era grande, não foi possível fazer um encarte impresso. Optei por uma edição digital em formato A4. A grande vantagem é que os cartões aparecem coloridos, quase no tamanho natural. São mais de 100 páginas com mais de 300 cartões.

Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

QI 191 (jan/fev/2025)

TIM-TIM EM ANGOLA

Manuel Caldas publicou uma edição com o fac-símile das páginas de Tintim (Tim-Tim) publicadas no jornal português **O Papagaio**, em 1939. Trata-se da segunda aventura, „Tintin au Congo", chamada no Brasil „Tintim na África" e em Portugal, „Tim-Tim em Angola".



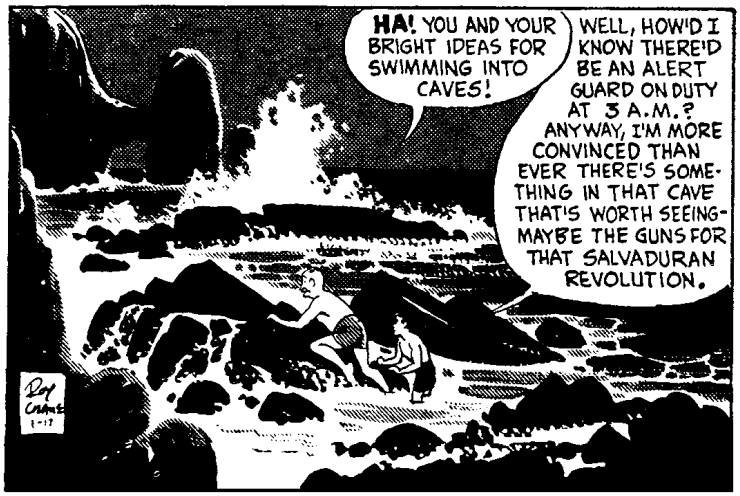
QI 191 (jan/fev/2025)

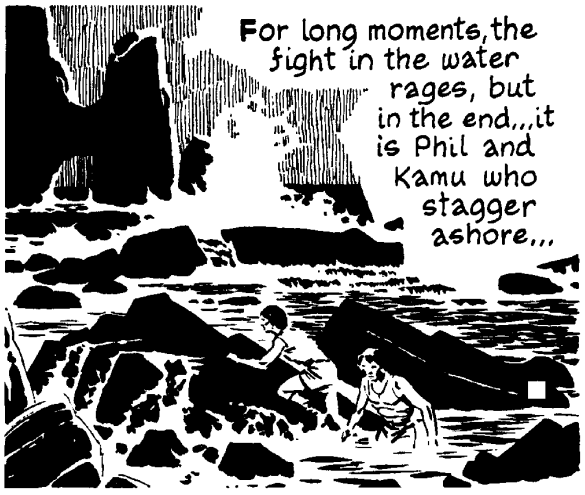
QUEMCOPIAOQUÊDAONDE!

No nº 1 de seu fanzine **Nemo**, de março de 1986, Manuel Caldas mostrou várias cenas de cópias de quadrinhos feitas por artistas iniciantes em cima de quadrinhos clássicos. O mais copiado sem dúvida é Hal Foster. Mas Manuel mostrou também dois quadrinhos onde aparentemente a cópia foi feita por um autor consagrado. Nas duas imagens abaixo, a primeira é de „Buz Sawyer" de Roy Crane, na tira de 17 de janeiro de 1948, e a segunda de „Secret Agent Corrigan" de Al Williamson, na tira de 19 de abril de 1974. Não é que eu ache que um autor consagrado não seria capaz de fazer cópias, eu mesmo já mostrei aqui exemplo de Sy Barry, na tira „Fantasma", copiando o inevitável Hal Foster. Só que no caso em questão eu posso imaginar outra situação. A de que ambos usaram a mesma referência fotográfica para fazer o quadro. É sabido que artistas profissionais mantêm um arquivo de fotos, revistas, livros, para uso como referência. Carl Barks não se cansava de dizer que usava as imagens da revista **National Geographic**. Talvez isso tenha acontecido com os dois artistas, Crane e Williamson, sem que o segundo tivesse ciência do uso pelo primeiro. Mas ainda fica a dúvida. Na suposta foto original havia também duas pessoas? E coincidiu de na trama das duas histórias também haver dois personagens? Vejam que a pose do personagem à esquerda é a mesma nas duas imagens.

Para deixar bem evidente a abundância de tempo livre de que disponho, pensei em fazer uma tímida tentativa de achar a foto supostamente usada pelos dois autores. Comecei vendo onde se passava cada história. A história de Buz Sawyer se passa nas costas de Portugal, numa ilha chamada Goat Island. A história de Secret Agent se passa no mar de Java, nas proximidades da ilha de Sumarkan, numa ilha chamada Dragon Island. E toma Google para ver se sai alguma coisa. A tal Dragon Island foi impossível de pesquisar, pois saiu como resultado uma mangazada do cacete que impediu qualquer tentativa de achar alguma outra coisa naquele meio. Já a Goat Island trouxe uma certa quantidade de locais existentes, a maioria ponto turístico. A candidata mais provável foi uma Goat Island na Nova Zelândia. Uma ilha rochosa com vários locais onde o mar encontra as rochas. Mas nenhuma foto como aquela dos quadrinhos. E com isso acabou-se meu tempo livre, que nem era tanto.

Aproveito para destacar uma outra curiosidade. Veja na segunda imagem, da série „Secret Agent", abaixo à direita um pequeno quadrado branco. Certamente aquilo não foi colocado lá pelo Al Williamson. Essa bizarrice aparece em várias tiras dessa série nas compilações feitas recentemente pela editora americana IDW com toda a fase desenhada por Williamson. Quem foi o filho de uma égua que pôs aqueles quadradinhos lá? E com qual inominável intenção? Pelo sim, pelo não, queime no inferno, se for possível. Se não, uma morrói crônica já resolve.

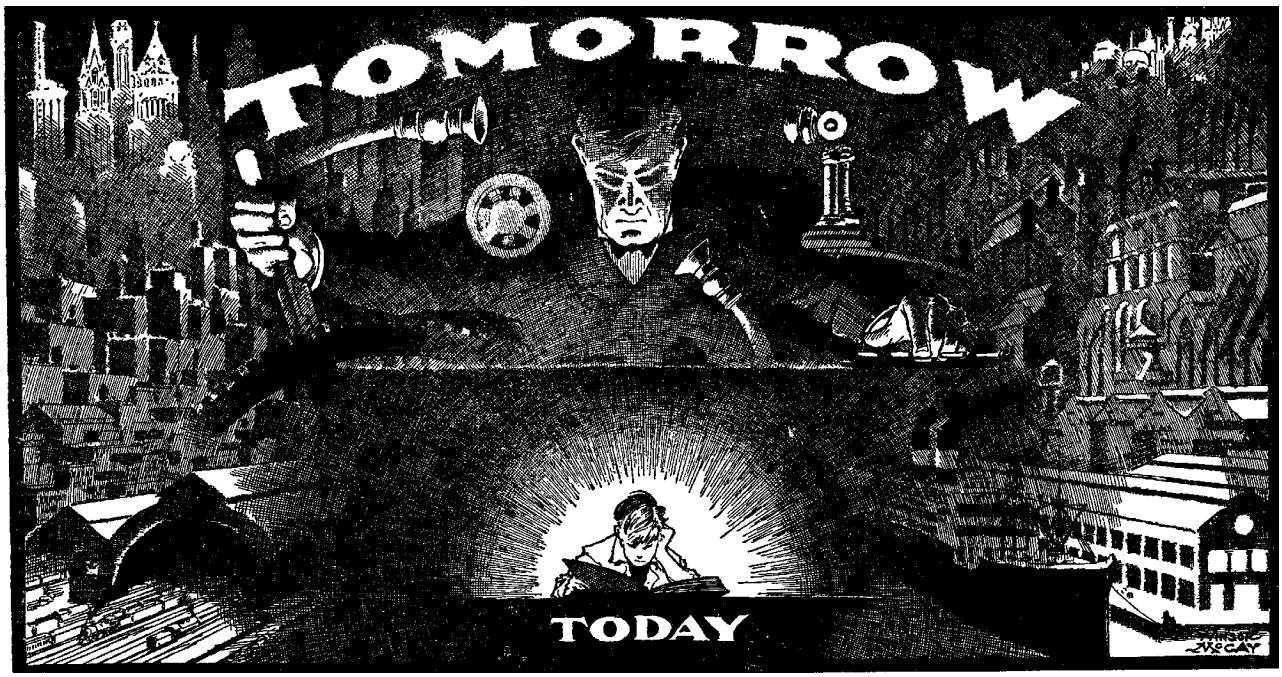


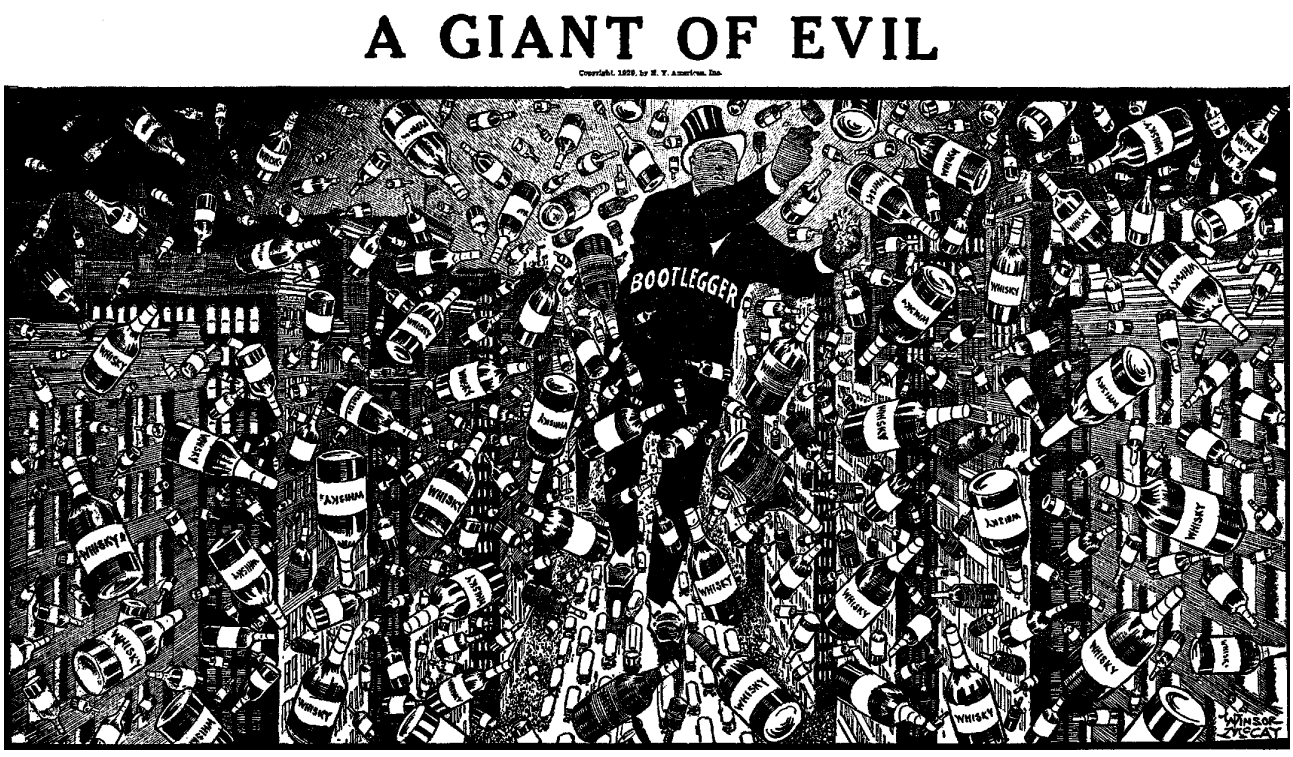


QI 191 (jan/fev/2025)

WINSOR MCCAY

Entre vários recortes que Luiz Antonio Sampaio me enviou, de jornais norte-americanos, achei essas duas amostras de Winsor McCay. Mais conhecido pelas várias séries de quadrinhos que fez para jornais, com destaque para „Little Nemo", e até por ser um dos pioneiros em animação, McCay também teve uma vasta produção de cartuns editoriais. Muita coisa da obra de McCay foi reeditada recentemente, mas não tudo. Através do Amazon, eu consegui várias edições como 9 volumes de **Early Works** (trabalhos avulsos mais antigos), compilações das séries „Dreams of the Rarebit Fiend" e „Little Sammy Sneeze" e até o volumão da Taschen com todas as 549 páginas de „Little Nemo". Mas para infelicidade minha, alguns volumes compilando os cartuns editoriais já estavam esgotados, dois volumes de **Daydreams and Nightmares** e o volume **Winsor McCay Editorial Works**. Fica aí embaixo um aperitivo para os leitores.





QI 191 (jan/fev/2025)

FRENTE

A ideia partiu de uma conversa via email com José Carlos Daltozo, atuante colecionador de cartões postais. A certa altura, perguntei-lhe se tinha cartões cujo tema fosse a História em Quadrinhos. Respondeu que especificamente com este tema não tinha nada, mas tinha uma boa quantidade com o tema Humor ou Cômico. Propus que ele me enviasse imagens desses cartões para fazermos um encarte do fanzine **QI**, com um texto introdutório sobre os cartões postais.

Proposta aceita, Daltozo me enviou todo o material e o encarte „Cartão-Postal Arte e Magia‟ saiu junto com o **QI** 190, com data de novembro/dezembro de 2024.

Puxado o assunto, acabei descobrindo entre minhas coisas vários cartões, que eu nem estava me lembrando, com o tema História em Quadrinhos. Tinha a coleção feita pela AQC com 20 cartões, em cujo lançamento em São Paulo eu fui, tendo alguns dos cartões autografados pelos autores presentes; alguns exemplares de cartões que originalmente formavam um calendário da Petrobrás ilustrado por Ziraldo; os cartões que Henrique Magalhães fazia para divulgar os lançamentos da editora Marca de Fantasia; vários cartões avulsos presenteados por correspondentes; até os cartões que têm servido de brinde de revistas de várias editoras, com destaque para a Mythos.

Alguns desses cartões ainda cumpriam a função de cartão postal, ou seja, um cartão para ser enviado pelo correio contendo mensagens curtas e não confidenciais, a um preço mais baixo que o da correspondência normal. Uma variação desse cartão é o de divulgação feita por editoras. Neste caso não tem espaço para mensagem pessoal, mas também é para mandar pelo correio. Essa função praticamente não existe mais, pouca gente usa o correio para mandar mensagens escritas ou para mandar lembranças visuais dos locais que esteja visitando. Os meios eletrônicos substituíram essas funções com muito maior facilidade e velocidade. Mas, como mencionado, os cartões (ainda com o nome postal) continuam existindo, com certa fartura, como brinde de edições variadas, especialmente as de quadrinhos, mais especialmente ainda as publicadas por financiamento coletivo.

Neste caso, o dos brindes, o cartão postal tem alguns companheiros. O brinde preferido das editoras é o marcador de página, obviamente de produção mais barata, outro item cuja função original vem se perdendo rapidamente, com o uso cada vez maior de edições digitais. Outros brindes são os bookplates, os cards, as cartas de baralho, além de pôsteres e assemelhados.

Voltando ao assunto, com uma boa quantidade de material sobre cartões postais com temática História em Quadrinhos, pensei logo em fazer outro encarte para o **QI**. Mas como o número de cartões que tenho é relativamente grande, o encarte impresso ficou inviável. Além do fato de que só tenho a minha disposição a impressão em preto e branco. Então a solução foi fazer uma edição digital, em formato maior, com os cartões em tamanho maior do que se fosse feito o encarte, e, o melhor, coloridos. Para aproveitar bem o espaço do formato A4, não pude colocar o cartão em seu tamanho natural, que é cerca de 10x15cm. Tive que reduzir um pouco, ficou no tamanho aproximado de 8,5x13cm.

De início, já me restringi a enfocar apenas os cartões postais, deixando de lado os marcadores de página, bookplates, cards, sem falar nos cartões telefônicos (outro item em extinção ou, talvez, já extinto), pois a quantidade desse material é muito grande e a dificuldade de encontrá-lo, maior ainda.

Pensei em mostrar apenas os cartões que tivessem a fórmula exata do cartão postal, ou seja, o verso com aquela aparência característica, com algumas linhas para o remetente escrever sua mensagem, espaço para o selo e o endereço. Depois, seguindo o conceito mais amplo que José Carlos Daltozo usa em sua própria coleção, decidi incluir também os cartões com verso em branco. Segundo Daltozo: “tem cara de cartão postal, é cartão”.

É claro que há uma grande quantidade de cartões com o tema História em Quadrinhos que não foi mostrada aqui. Mesmo usando predominantemente os cartões que tenho, raramente recorrendo à internet para conseguir outras imagens, ainda foi possível apresentar nesta edição quase 350 cartões.

Agradeço a vários colecionadores, em especial a José Carlos Daltozo, que me enviou imagens de algumas séries que eu tinha incompletas, a Alex Sampaio, pela ajuda para conseguir imagens de alguns cartões da editora Mythos que me faltavam, e ao colecionador português José Carlos Pereira Francisco, que me enviou informação sobre os minipôsteres da coleção italiana **Tex Nuova Ristampa**. No caso específico dos cartões postais da Mythos, infelizmente não consegui todas as imagens, nem com a própria editora que não soube nem informar quantos cartões publicou e em quais revistas foram dados de brinde.

Nos cartões apresentados, mostrei apenas a frente, descrevendo ao lado as informações relevantes do verso.

Sem mais, boa leitura!

QI 191 (jan/fev/2025) – apresentação de **Cartões Postais sobre Histórias em Quadrinhos**

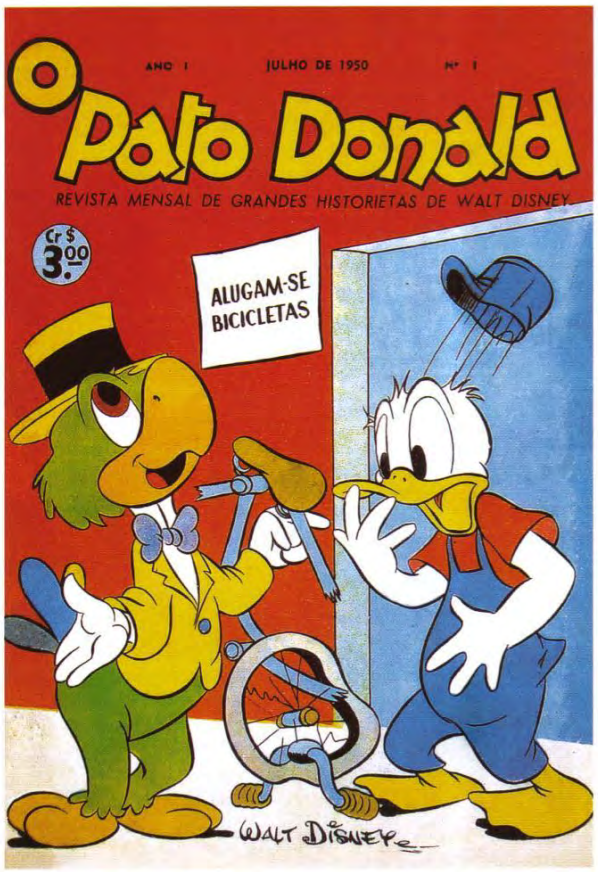
E VERSO

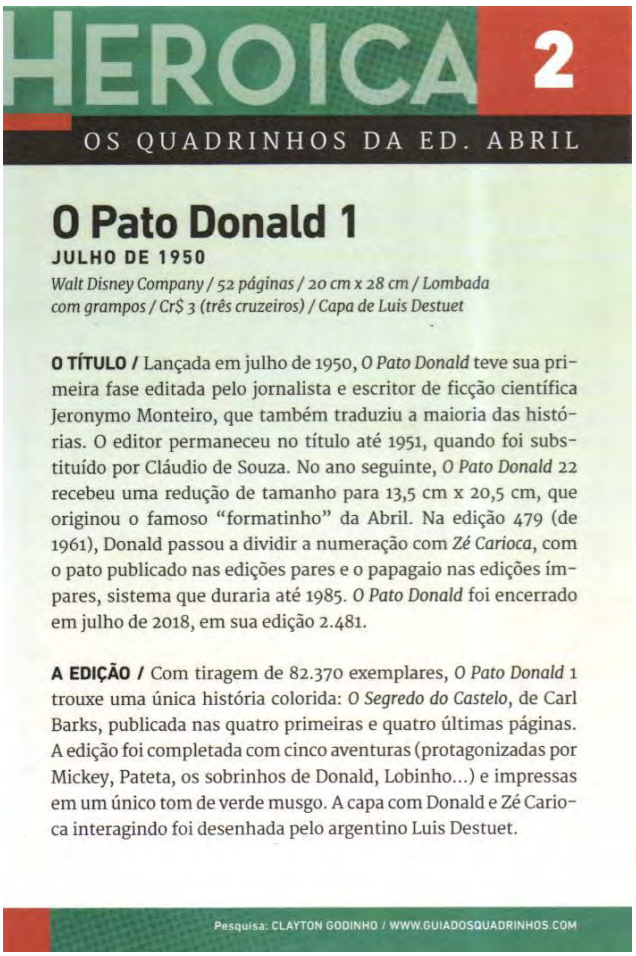
Como foi dito, os cartões postais praticamente perderam sua função original, mas continuam sendo produzidos em quantidade relativamente grande como brindes de publicações diversas. E não parece que a tendência acabe logo. No momento em que termino essa edição, há várias publicações anunciadas prometendo vários brindes aos leitores, em particular, cartões postais. Assim, esta edição compilando cartões postais já está praticamente desatualizada. Melhor assim, o que significa que os cartões, um item muito bonito de colecionar, continuarão a cativar os leitores.

Os cartões postais foram os brindes mais atraentes das revistas da editora Mythos, mas houve também a oferta de cards, em número bem menor. Estes, com um tamanho reduzido em relação ao postal, trazem no verso informações mais detalhadas sobre o assunto. Mostro apenas um deles ao lado, os demais não foram localizados.

A Mythos também ofereceu, de brinde exclusivo para quem fizesse assinatura da revista **Tex**, uma coleção de cartas de baralho com os personagens principais da revista. Ainda não se sabe se a promoção continuará até completar todas as cartas do baralho.

Um tipo de card com formato maior, com o tamanho aproximado de um cartão postal, foi oferecido pela editora Heroica como brinde de seus livros e revistas. Estes cards trouxeram na frente imagens de capas de publicações brasileiras de quadrinhos e no verso informações detalhadas sobre as publicações. Estes cards numerados já estão na ordem de 7 dezenas.





QI 191 (jan/fev/2025) – conclusão de **Cartões Postais sobre Histórias em Quadrinhos**

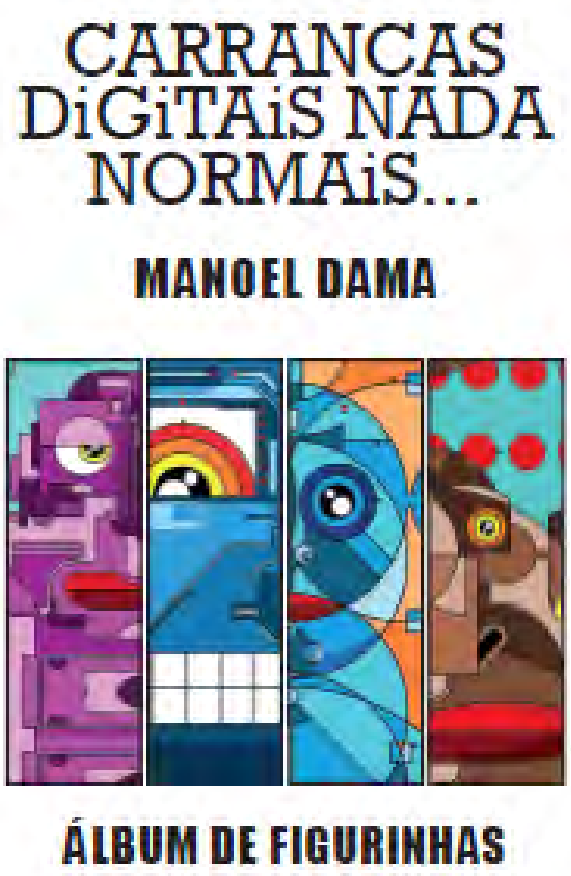
CARRANCAS

Junto com este **QI**, o leitor está recebendo um álbum de figurinhas produzido por Manoel Dama, por sugestão minha. Achei que uma série de ilustrações feitas por Manoel tinha a cara (ou a carranca) de figurinhas para colecionar e completar um álbum. Manoel topou a empreitada e agora o leitor recebe o álbum e as 4 primeiras figurinhas coloridas. As 16 restantes, para completar o álbum, serão entregues nos próximos 4 números do **QI**.

Nota: Na seção „Fórum‟ desta edição, em conversa com Manoel Dama, disse que tinha achado um jeito simples de imprimir o número das figurinhas no verso. Só que na hora de imprimir eu esqueci do verso e quando lembrei as figurinhas já estavam todas cortadas. Então, ficou sem. As figurinhas entregues neste **QI** são as de número 1, 6, 11 e 17, mas dá para achar fácil no álbum o local de cada uma só comparando as imagens.

A versão digital desse álbum só estará disponível, com as figurinhas coloridas "coladas", junto com o **QI** 196, quando o álbum impresso será completado.

Não façam cara feia, colecionem **Carrancas**.



PSIU 16!

PSIU chega ao seu número 16, com 68 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas‟.

Participam da edição: **Luigi Rocco**, **Luiz Iório**, **Henrique Magalhães**, **Edgard Guimarães** e resgate de trabalhos de **Joselito**, **J. Carlos** e **Cícero Valladares**.

QI 192 (mar/abr/2025)

COM QUANTOS DISNEYS SE FAZ UM MICKEY?

Folheando as edições de **O Tico-Tico** disponíveis no site da Biblioteca Nacional, acabei encontrando no nº 1491, de 2/5/1934, uma matéria sobre Walt Disney. A matéria foi escrita daquele jeito bem infantiloide, como se os leitores achassem que os personagens fossem reais, frequentassem a redação da revista e conversassem com os redatores. Assim, o Mickey, que estava passando ali por acaso, foi abordado para dar uma entrevista falando de seu criador, Walt Disney.

Mickey foi publicado pelo **O Tico-Tico**, com o nome Ratinho Curioso, desde praticamente seu lançamento nos Estados Unidos, em 13/1/1930, estreando no Brasil no número 1277 da revista, em 26/3/1930. Com páginas remontadas das tiras originalmente em preto em branco, no Brasil teve páginas coloridas pela própria revista, com o personagem às vezes azul, às vezes amarelo.

Voltando à matéria, no meio de muitas bobagens, há também informações sobre a vida e carreira de Disney.

Mas o curioso é que na primeira página da matéria há um retrato de Disney com a legenda "o creador do Ratinho Curioso" e na página seguinte, com o complemento da matéria, duas caricaturas supostamente de Disney, uma delas feita pelo próprio Mickey. Só que os caricaturados não têm semelhança alguma com Disney. De onde a revista tirou aquelas imagens? Talvez de algum jornal norte-americano que mostrasse também os auxiliares de Disney e os redatores de **O Tico-Tico** não quisessem que os seus leitores soubessem que não era Disney quem fazia os desenhos. Mas aí não deviam ter publicado as caricaturas. Achei que um deles pudesse ser Ub Iwerks, colaborador de Disney desde a primeira hora e o desenhista das primeiras aventuras em tiras. Mas também não há semelhança com Iwerks. Fica aí a curiosidade do Ratinho Curioso.

Walter Disney, o creador do Ratinho Curioso.

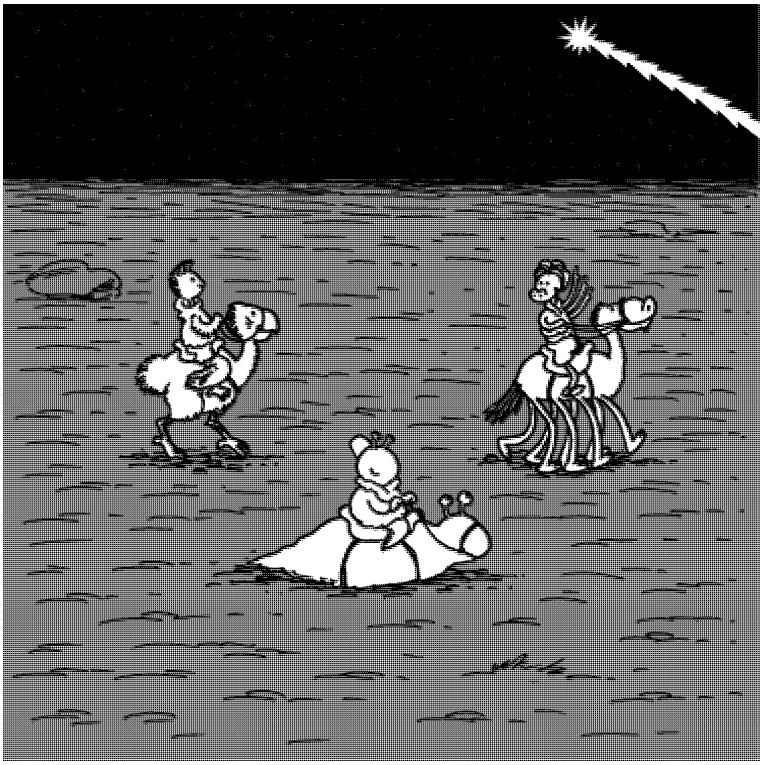
Ratinho Curioso deslisando pelo nariz do seu ideador, o artista Walt Disney

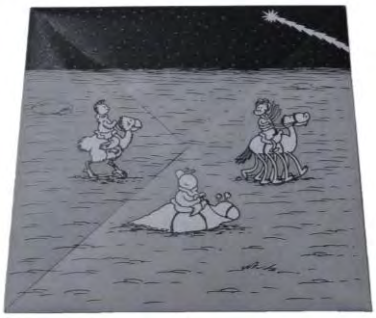
Ratinho Curioso caricaturando Disney.

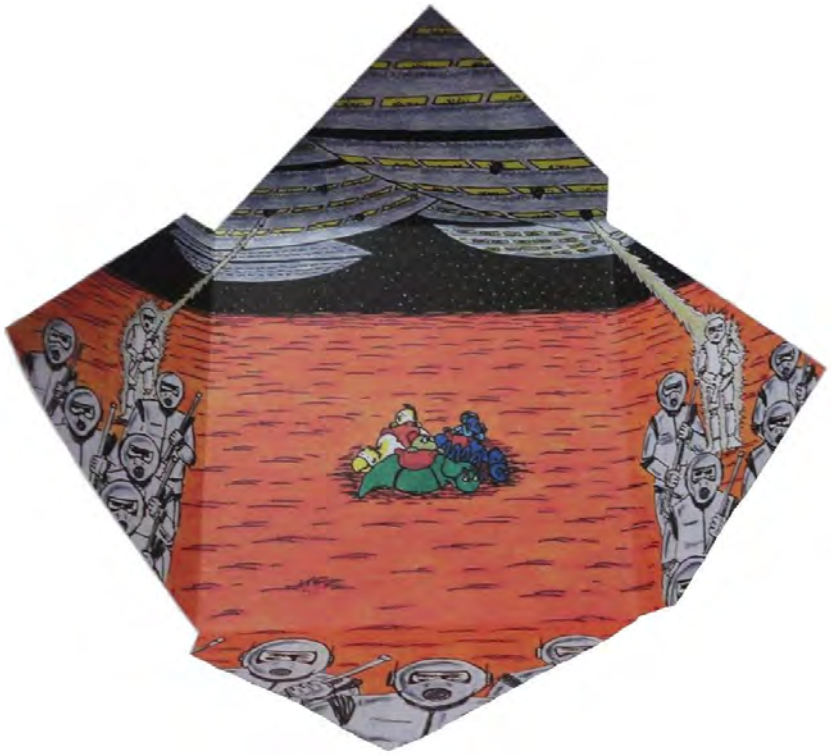
CAPA DO QI 192

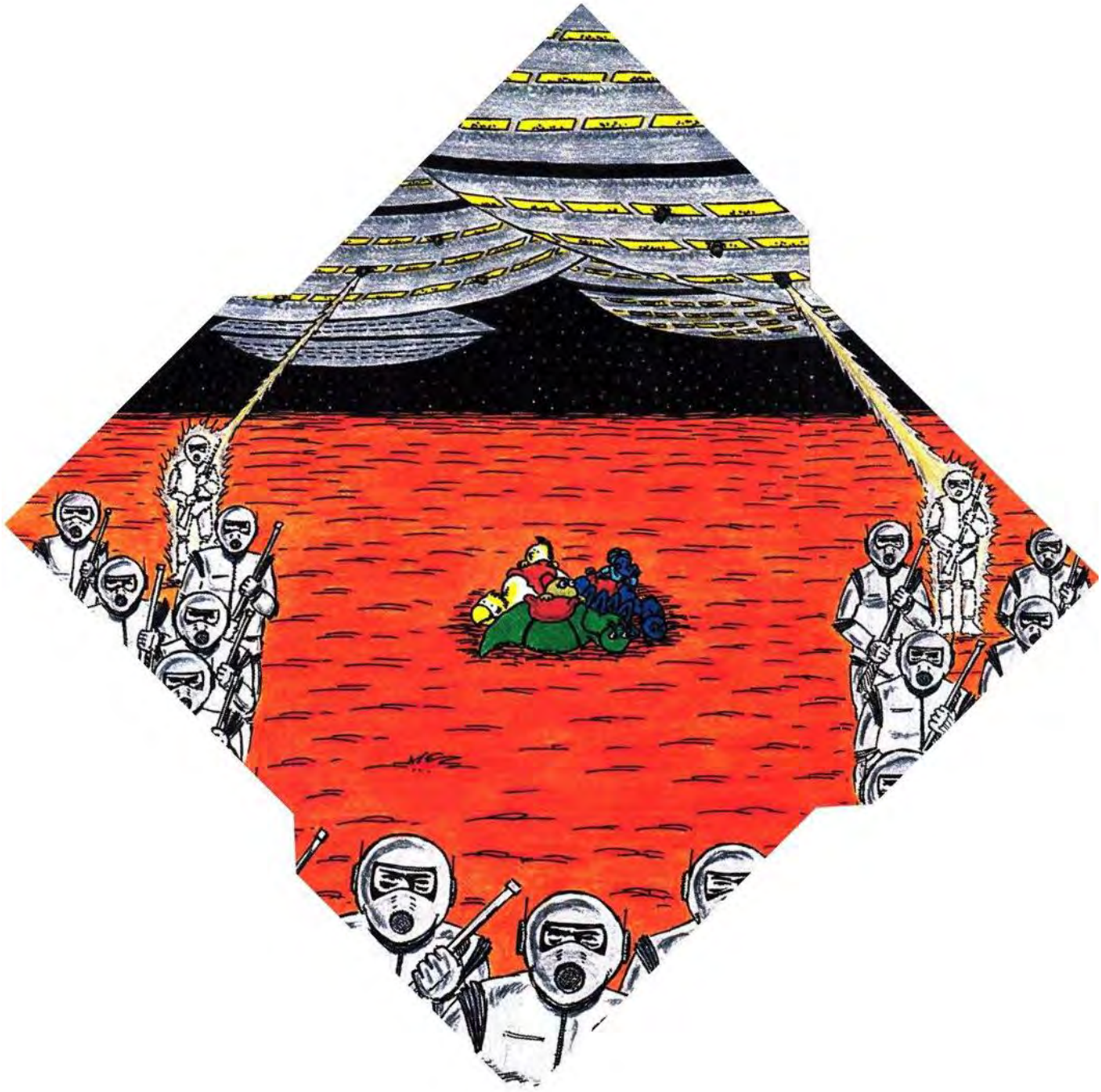
A capa deste **QI** 192, em sua versão impressa, tem um encarte-montagem para ser colado sobre a imagem impressa na capa (figura abaixo à esquerda). Nas três fotos a seguir, como o encarte se abre revelando a imagem em seu interior, com a conclusão da história iniciada na frente.

Na página seguinte, a imagem do interior aberta.







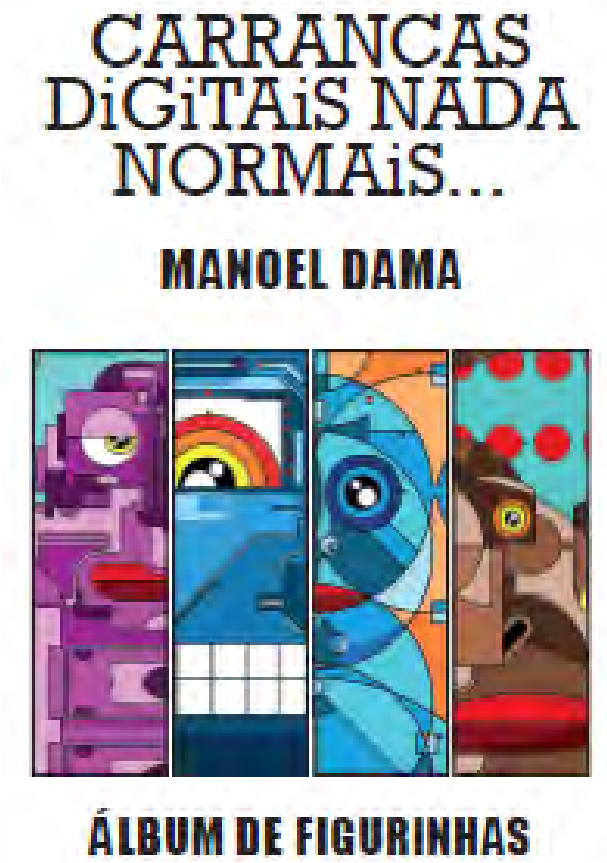


QI 192 (mar/abr/2025)

PSIU 17!

PSIU chega ao seu número 17, com 70 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Luiz Iório**, **Henrique Magalhães**, **Ronaldo Rodrigues**, **Osires**, **Quino**, e resgate de trabalhos de **Joselito**, **J. Carlos** e **Luiz Sá**.



CARRANCAS

No número anterior do **QI**, o leitor foi presenteado com um álbum de figurinhas produzido por Manoel Dama, mais as 4 primeiras figurinhas.

Neste número o leitor está recebendo o segundo pacote de figurinhas contendo as de número 4, 8, 10 e 15.

As 12 restantes, para completar o álbum, serão entregues nos próximos 3 números do **QI**.

A versão digital desse álbum só estará disponível, com as figurinhas coloridas "coladas", junto com o **QI** 196, quando o álbum impresso será completado.

QI 193 (mai/jun/2025)

LIDERATO

A revista infantil **Oi, Turma!**, editada na década de 1970 em Belo Horizonte, publicou uma edição especial chamada **Liderato**.

Trata-se da adaptação para quadrinhos da peça infantil homônima, de autoria de André Carvalho e Gilberto Mansur, que fez muito sucesso na época, sendo apresentada no Brasil inteiro, e também nos EUA. A temática é explicar os conceitos de liderança e democracia para as crianças, usando o tom de fábula com ratos e gatos.

A adaptação para quadrinhos foi feita por Pedro Antonio, salvo engano, um colaborador da **Oi, Turma!**.

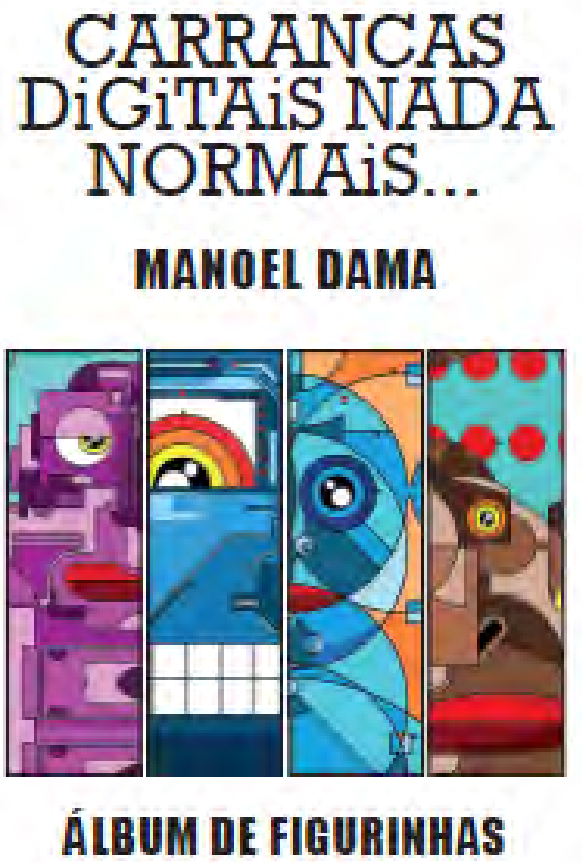
Tenho notícia de apenas mais um trabalho de Pedro Antonio, o número único da revista **Fuzarka**, de 1979, toda produzida por ele, com personagens como O Pinto, Ovito, Orvilhe e Zonzão.

QI 193 (mai/jun/2025)

PSIU 18!

PSIU chega ao seu número 18, com 70 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Henrique Magalhães**, **Luiz Iório**, **Humberto**, **Quino**, **Edgard Guimarães**, **Antonio Éder**, e resgate de trabalhos de **Joselito** e **J. Carlos**.



CARRANCAS

No número 192 do **QI**, o leitor foi presenteado com um álbum de figurinhas produzido por Manoel Dama, mais as 4 primeiras figurinhas. No número anterior, recebeu mais 4 figurinhas.

Neste número o leitor está recebendo o terceiro pacote de figurinhas contendo as de número 3, 12, 16 e 19.

As 8 restantes, para completar o álbum, serão entregues nos próximos 2 números do **QI**.

A versão digital desse álbum só estará disponível, com as figurinhas coloridas "coladas", junto com o **QI** 196, quando o álbum impresso será completado.

QI 194 (jul/ago/2025)

PITAQUINHOS

A propósito do encarte feito por Fábio Sales sobre Asterix e Obelix, que acompanha este **QI**, resgatei este engano de Ionaldo Cavalcanti em seu livro **O Mundo dos Quadrinhos**. No verbete „Arys Buck", ele acerta que esta série foi, se não a primeira, uma das primeiras experiências de Uderzo nos quadrinhos, em 1947 (ou talvez ainda 1946). Mas se engana ao identificar o Arys Buck com o baixinho da imagem. O protagonista da série é o bonitão segurando a mocinha, e era um príncipe medieval. O baixinho deve ter sido algum coadjuvante de alguma história, e acho que na época não havia mais gauleses muito menos César, já era a França em formação. Mas é quase certo que o Asterix de 12, 13 anos depois deve a este baixinho.

ARYS BUCK
A primeira experiência de Albert Uderzo nos quadrinhos, se deu em 1947, com este pequeno e valente gaulês que dava muito trabalho a César. Este personagem já deixava entrever o que seria **Asterix** doze anos depois. Editado pela Cpo. Ok.

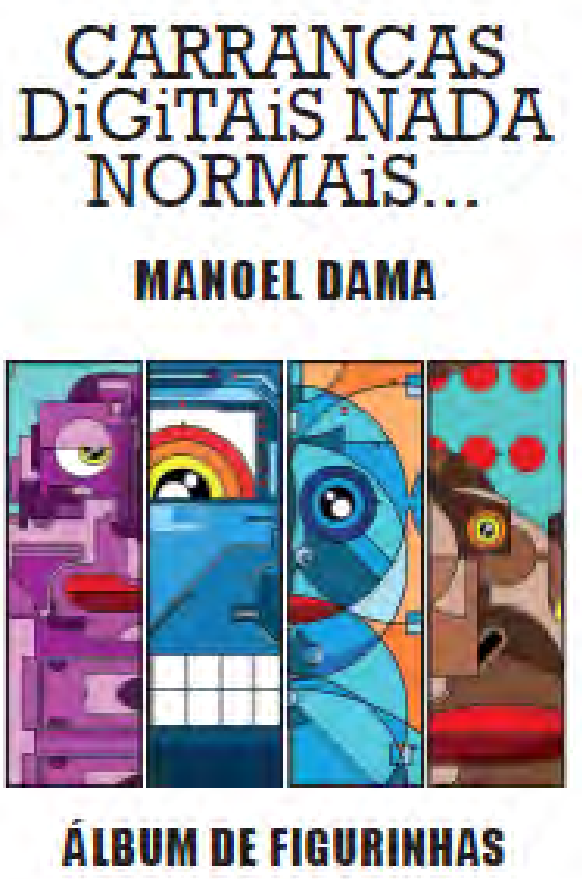
Rod Tigre menciona na seção „Fórum" que está à venda, em um site de leilão, originais de Renato Silva. Diz o anúncio que são 150 pranchas da série „Histórias que Ficaram na História", que ele fez para o jornal **Diário de Notícias**, no início da década de 1950 com legendas de Sérgio Macedo. Pela foto, vê-se que são as tiras originais feitas na vertical, com 5 desenhos cada, ainda sem as legendas, no tamanho 17x60cm, como diz o texto. No jornal eram publicadas assim, na vertical, com a inclusão das legendas, e no alto um cabeçalho com o título da série e do episódio. Estas HQs depois foram publicadas em 13 fascículos, pela editora Conquista, com o nome **Seleções de Histórias do Brasil e do Mundo**. Cada fascículo tinha as 4 capas e um miolo de 32 páginas com 16 HQs. Na página da frente a HQ com os cinco quadros dispostos em 2 tiras horizontais, com o acréscimo de um primeiro quadro com o título do episódio desenhado. No verso de cada HQ, um texto desenvolvendo o assunto do episódio. Os 13 fascículos totalizaram 416 páginas (excetuando as capas), numeradas em sequência, com 208 HQs. Não constitui a série completa, pois deu para ver que há alguns episódios publicados no **Diário de Notícias** que não estão nos fascículos. A Biblioteca Nacional tem um bom número de exemplares do jornal (não sei se todos) no período em que saiu a série. Pensei em baixar as páginas e colecionar as tiras, mas o site é meio lento, meio travado, e olhar cada página do jornal para ver e baixar cada tira seria meio trabalhoso. Além do mais, a qualidade de impressão do jornal não era muito boa. O anúncio da venda dos originais inclui, não sei o porquê, uma foto de recortes da série no jornal. Não sei se estão incluídos nos 150 originais. São 20 mil mas caem para 18 no Pix. Fora o carreto.

Alex Sampaio mencionou a edição censurada de **Eureka** nº 1 em sua matéria neste **QI**. Complemento a informação relatando uma conversa que tive com Moacy Cirne em um Congresso de Comunicações. Cirne me disse que, quando o primeiro número saiu na banca, no Rio de Janeiro, ele imediatamente comprou um exemplar, entusiasmado pelo tipo e conteúdo da revista. Poucos dias depois viu que não havia mais exemplares nas bancas. Pensou que a revista tivesse feito sucesso e esgotado. Depois ficou sabendo que tinha sido recolhida. Assim, ele tinha em casa um exemplar da edição original, com a HQ sobre Nixon. Infelizmente, na hora não me ocorreu pedir a ele uma cópia xerográfica dessa página. Depois, tentei achar quem tivesse essa página. Imaginei até que, se a revista fosse vendida em Portugal, talvez tivesse sido enviada para lá antes de ser recolhida. Tentei obter essa informação com alguns colecionadores portugueses, mas não obtive nenhuma resposta.

PSIU 19!

PSIU chega ao seu número 19, com 68 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Luiz Iório**, **Henrique Magalhães**, **Edgard Guimarães**, **Marcatti**, e resgate de trabalhos de **Joselito** e **J. Carlos**.



CARRANCAS

No número 192 do **QI**, o leitor foi presenteado com um álbum de figurinhas produzido por Manoel Dama, mais as 4 primeiras figurinhas. Nos 2 números anteriores, recebeu mais 8 figurinhas.

Neste número o leitor está recebendo o quarto pacote de figurinhas contendo as de número 5, 9, 13 e 18.

As 4 restantes, para completar o álbum, serão entregues no próximo número do **QI**.

A versão digital desse álbum só estará disponível, com as figurinhas coloridas "coladas", junto com o **QI** 196, quando o álbum impresso será completado.

QI 195 (set/out/2025)

ÁLBUM MARIA

Como pôde ser visto no encarte „Papos Tais“ do número anterior do **QI**, Henrique Magalhães preparou um álbum de figurinhas com sua personagem Maria para presentear os leitores. Trata-se de um álbum de quadrinhos com páginas de Maria, onde um quadrinho de cada página é uma figurinha colorida para ser colada.

O álbum está sendo presenteado com este número do **QI**, junto com as 5 primeiras figurinhas. As 5 figurinhas restantes, para completar o álbum, serão presenteadas com o próximo **QI**. A versão digital do álbum, com as figurinhas coloridas “coladas” também estará disponível com o próximo **QI**.

Este álbum faz parte das comemorações dos 50 anos de criação de Maria, que já teve vários outros eventos comemorativos, incluindo a publicação de álbuns no Brasil e em Portugal. Parabéns, Maria e Henrique.

MARIA MAGAZINE

Henrique Magalhães edita a revista **Maria Magazine** desde junho de 2000. É a versão mais atual de uma revista com sua personagem Maria, que debutou no jornal da Paraíba **A União** em 15 de agosto de 1975, e logo ganhou uma revista independente feita pelo próprio Henrique, lançada em maio de 1978, atingindo o nº 10 em julho de 1982. A personagem apareceu em outras publicações de Henrique e em 1984 ganhou seu primeiro álbum, **Maria – A Maior das Subversões**. Outros álbuns independentes foram publicados: **Olhai os Lírios do Campo**, em 1998; **Maria Espirituosa... Há 30 Anos**, em 2005; **Maria Quarentona, Mas com Tudo em Cima**, em 2015; **A Vida em Turbilhão**, em 2020; **Vida Ordinária**, em 2021; **Queerlombola**, em 2023. Além disso, saíram 4 álbuns pela editora portuguesa Polvo.

A revista **Maria Magazine** passou a ter versão digital com pequena tiragem impressa. Agora o nº 18 está saindo também como encarte digital do **QI**.

QI 195 (set/out/2025)

VEM AÍ!

Quando o Mário Latino publicava o jornal **GrapHiQ**, uma coletânea de tiras variadas de variados autores, pensei em participar criando uma nova tira. No fim, não deu certo a participação, mas a tira foi criada. Com o nome „cotidiano alterado", comecei a produzir as tiras e a publicá-las em encartes no próprio **QI**. A cada número saíam duas folhas impressas em papel colorset de maior gramatura, com uma tira na frente e um texto no verso, falando sobre outras séries em que os „cotidianos" também eram „alterados". Foram feitas 20 folhas com 20 tiras e foi oferecido um envelope para o leitor do **QI** as acondicionar. Esse álbum está disponível no sítio **Marca de Fantasia**.

A tira continuou a ser produzida, justamente para publicação na página de abertura da **Marca de Fantasia**. Foi até a tira 41.

Agora, resolvi compilar todas as tiras numa nova edição completa. Como o miolo tem que ser múltiplo de 4, resolvi fazer mais 3 tiras que estavam só esboçadas e assim fechar a série.

Tão logo a edição esteja pronta, será colocada à disposição como edição digital na página EGO/QI da **Marca de Fantasia**.

AÇÃO A LA CARTE

Recebi de Rod Tigre duas entrevistas com Sérgio Oliveira Júnior, editor de fanzines desde 1993 e de quem divulguei suas edições no **QI** até cerca de 2004. Perdi o contato com Sérgio, mas ele continuou bastante ativo, tanto publicando na internet como produzindo dezenas de edições. O material enviado por Rod foi destinado a fazer mais uma edição do encarte „Liga dos Quadrinhistas Independentes", que já teve dois números, dedicados a William Cabral e Darlei Nunez. Este encarte dedicado a Sérgio está quase pronto de deverá ser enviado junto com o próximo **QI**.

Em 2022, Sérgio lançou o número 6 de **Ação a la Carte Especial**, com a aventura „No Caminho das Folhas", estrelada pelos super-heróis Sensor e Evellon (do grupo Mega Clã, criação de Sérgio) e Feedback e Overgirl (do grupo Overdrive, criação de Walter Jr.). A trama tem participação do editor Edgard Guimarães. Sérgio fez essa homenagem a mim e ao **QI**, criando uma história sobre a luta dos autores independentes para criar e publicar seus trabalhos, e como o **QI** participa dessa luta através da divulgação de suas produções.

Valeu a lembrança e homenagem, Sérgio.

QI 195 (set/out/2025)

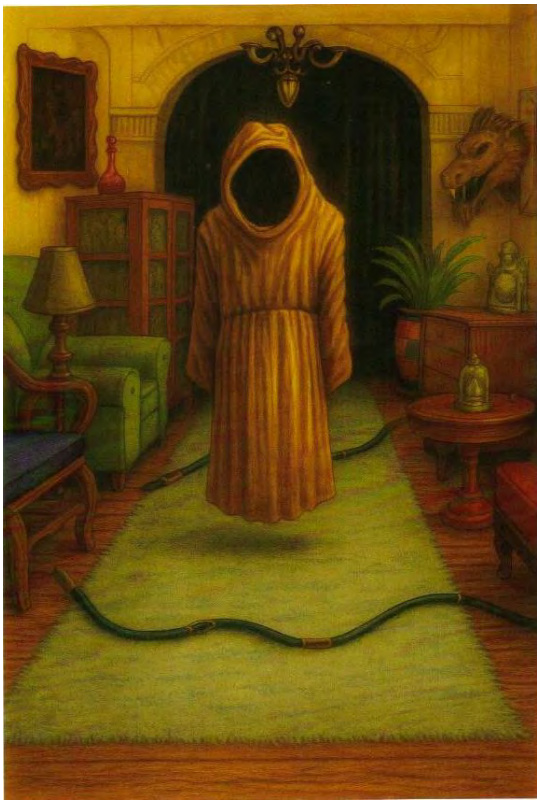
CAPA DO QI 195

A capa deste **QI** tem uma montagem. Veja nas fotos como fica a montagem e logo abaixo o novo quadro que se forma.

QI 195 (set/out/2025)

ÁLBUM 50

Angelo Júnior acaba de publicar seu 50º livro pelo Clube de Autores, a maioria de quadrinhos, cartuns e ilustrações. Nesta nova edição, intitulada **Coletânea Inteligência Artificial**, Angelo selecionou 28 ilustrações suas, coloridas, com a temática ficção científica e fantasia e produziu, com o auxílio de Otávio Florentino, imagens correspondentes utilizando Inteligência Artificial. Para a comparação, Angelo acrescentou na edição as ilustrações originais reduzidas.



HOMENAGEM A CORTO MALTESE

O leitor que recebeu este **QI** e já folheou os encartes, já viu que um deles, feito por Fábio Sales, é dedicado a Corto Maltese, a criação mais conhecida de Hugo Pratt.

Toda a pesquisa e redação foi feita por Fábio, mas aqui e ali acabei dando alguns palpites.

Ao procurar informação sobre a publicação de Corto Maltese em Portugal, deparei com uma HQ em homenagem a Corto, feita por Vittorio Giardino, e publicada na revista **Selecções BD**. Fazer homenagem é sempre uma tarefa ingrata, raramente sai alguma coisa de qualidade, que faça jus ao homenageado.

Mas esta HQ, de apenas uma página, chamada justamente „Homenagem a Corto Maltese", é uma exceção. Memorável em vários sentidos. Estou publicando este trabalho a seguir.

A primeira qualidade da HQ é ter colocado a hipótese do herói Corto Maltese sendo fuzilado durante a Guerra Civil Espanhola, em 1937. Uma passagem forte para quem é fã do personagem. Em seguida, enquanto o leitor ainda está se recuperando do baque, o diálogo entre as duas mulheres, e a argumentação de que, naquele ano, o jovem fuzilado não poderia ser Corto Maltese. Vem o alívio ao fã.

E a história acaba deixando em suspenso, como deveria ser, o destino de Corto Maltese.

Mas há mais níveis de entendimento nesta história. Ao enviar esta HQ ao Fábio, ele lembrou que numa história de outra série de Pratt, „Os Escorpiões do Deserto", aparece um personagem que havia participado da série „Corto Maltese" na aventura „As Etiópicas" e faz menção ao Corto. Cush, seu nome, diz que ficou sabendo que Corto havia desaparecido durante a Guerra Civil Espanhola. Ou seja, a história de Giardino está fincada numa sugestão de Pratt sobre seu principal herói. Pretenderia ele algum dia fazer uma história dando fim a trajetória de Corto Maltese? Uma história de Corto ambientada na Segunda Guerra Mundial o traria como um cinquentão. Um personagem como Corto deveria envelhecer ou deveria desaparecer antes?

Na HQ de Giardino, ainda há uma curiosidade. Uma das mulheres é referida como „Niña". Pode ser apenas um modo de chamar uma moça em espanhol. Mas é também o nome da mãe de Corto Maltese, „Niña de Gibraltar". Numa primeira leitura, a história é realista e argumenta que o fuzilado não é Corto pois não poderia ser um jovem em 1937. E certamente sua mãe também não seria uma jovem. Mas há uma outra leitura, fantasiosa, como eram as histórias de Corto Maltese. Como personagem de ficção, ele (e sua mãe) não envelheceriam e, portanto, teve ali mesmo seu fim, testemunhado por sua própria mãe.

QI 196 (nov/dez/2025)

Homenagem a CORTO/PRATT

Uma bela página de Giardino, em que se questiona a morte de Corto Maltese durante a Guerra Civil de Espanha. © Vittorio Giardino

CARTAS AO COSMOS

Cosme Custódio – 24 de julho de 2025.

O excêntrico bilionário americano Bryan Johnson está em busca da imortalidade, tentando reverter a sua idade biológica. Ele gasta cerca de US$ 2 milhões por ano, ingere dezenas de suplementos diariamente, faz exercícios de alta intensidade, ressonâncias magnéticas mensais, recebe sangue do filho jovem, dorme cedo e sempre sozinho – já não fornica mais, penso eu –, não bebe, não come gorduras, carne ou doces. Isto é, muito sacrifício para pouco ou nenhum gozo. Pô, o cara não sabe o que é leitão à pururuca nem tutu de feijão! Uai!

O cheio da grana deve se ocupar com projetos bizarros como colonizar Marte, ver a Terra do espaço ou ir ao fundo mais profundo do mar com um submarino que pode implodir e dar-lhe uma sepultura de água salgada. Aqui peço licença, em particular, para que o indigitado seja convidado a ir aprender Quadrinhos em Brazópolis e, generalizando, tomar umas e outras no mercado municipal de Belo Horizonte, com queijos em abundância, quibebe e angu. Nó!

Um outro, Dmitry Itskov, busca a imortalidade cibernética. Ele pretende criar um avatar e transportar todo o conteúdo do seu cérebro para um corpo artificial. E quem garante por tal conteúdo? E se cheirar mal? Existe até um movimento, que se autodeclara filosófico, chamado de transumanismo, que prega, em última análise, a busca da imortalidade por meio da fusão entre o homem e a tecnologia. Já pensou o convite aceito e os caras aí, investindo na vida física das carrancas nada normais? Ou vindo aqui, comer um acarajé apimentado, tomar um caldo de lambreta, fazer a cabeça num terreiro de candomblé?

É compreensível o desejo de não morrer. Até eu, nessa minha vidinha simplesinha, sem nunca ter usado, para nada, a soma dos quadrados dos catetos, prefiro viver. Morrer é um absurdo que contraria a suposta perfeição da natureza, pois é inconcebível que após preparar o homem durante anos, após fazê-lo acumular incessante informação e experiência, a natureza, por falta do que fazer, destrua de repente esse manancial de conhecimento e adaptalidade. Não porque a vida seja essa maravilha toda, mas a alternativa não me entusiasma. Nem tampouco vou construir bunkers no deserto à espera do apocalipse. Evidentemente que tudo não passa de conjectura. Quem sou eu para sonhar com a imortalidade? Até porque, qual é a graça de ser imortal, com tanta moderação? Convém ser moderado em tudo, sabemos, mas até na moderação, diz a sabedoria.

Segue o baile!

Edgard Guimarães – 18 de agosto de 2025.

O termo „imortalidade“ muitas vezes é usado de maneira equivocada. Seria o antônimo de „mortalidade“? Mas a mortalidade não contempla somente a morte por causas naturais, pelo envelhecimento do corpo físico. Este caso específico de imortalidade é que as pessoas desejam, almejam e, pelo visto, gastam dinheiro a rodo tentando obter. Porque a outra, a imortalidade de não morrer nunca, essa não é possível. Essa pressupõe a indestrutibilidade do corpo físico, a resistência a toda agressão, ao fogo, à falta de ar, à inanição, ou seja, ser o Superman.

Na mitologia criada por Neil Gaiman, em „Sandman“, existem cerca de 500 „imortais“ no mundo. São pessoas que estão aí há centenas de anos, algumas há milênios, e cujos corpos não degeneram, não envelhecem. Num capítulo da série, que pude rever recentemente no seriado da Netflix, um desses „imortais“ passa debaixo de uma construção e as vigas despencam em cima dele. E morre. A Morte personificada está a sua espera. Ele se consola dizendo que até que se saiu bem, viveu alguns milênios. Outro dos „imortais“, o Hob, tem vivido centenas de anos porque o Sonho fez uma aposta com a Morte de que um ser humano não conseguiria suportar uma vida longa e em algum momento desejaria a morte. Quando Hob se encontra com a Morte no funeral de Sonho, ela lhe pergunta se ele já está pronto para deixar de viver. E ele, apesar de todas as desgraças por que passou na longa vida, principalmente por sempre perder as pessoas amadas, declinou da oferta.

Lembro de uma HQ que saiu em **Histórias de Assombração** nº 4 (Ebal/nov/dez/1977), em que um sujeito consegue a verdadeira „imortalidade“, ou seja, seu espírito não consegue abandonar o corpo. Mau negócio.

Mas algo que não se atenta é que a vida é „imortal“. Pelo menos a vida unicelular. As bactérias não envelhecem. Estão aí se dividindo indefinidamente há mais de 3 bilhões de anos. É pouco? A vida pluricelular é que desenvolveu esse „mecanismo“ de limitar a duração da célula, envelhecer e morrer. E dispor suas moléculas para uso de outros seres. Tudo culpa da reciclagem.

PSIU 20!

PSIU chega ao seu número 20, com 74 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Henrique Magalhães**, **Luiz Iório**, **Edgard Guimarães** e resgate de trabalhos de **Joselito** e **J. Carlos**.

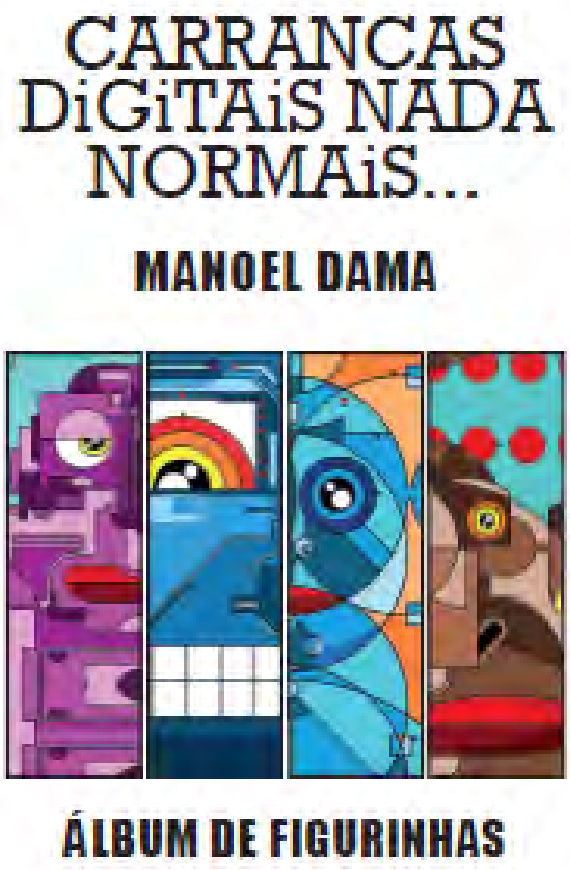
QI 196 (nov/dez/2025)

CARRANCAS

No número 192 do **QI**, o leitor foi presenteado com um álbum de figurinhas produzido por Manoel Dama, mais as 4 primeiras figurinhas. Nos 3 números anteriores, recebeu mais 12 figurinhas.

Neste número o leitor está recebendo o quinto e último pacote de figurinhas contendo as de número 2, 7, 14 e 20.

Com isso, o álbum fisico está completado. A versão digital está disponível com este **QI**, com as figurinhas coloridas já "coladas"



ÁLBUM MARIA

Como pôde ser visto no encarte „Papos Tais" do nº 194 do **QI**, Henrique Magalhães preparou um álbum de figurinhas com sua personagem Maria para presentear os leitores. Trata-se de um álbum de quadrinhos com páginas de Maria, onde um quadrinho de cada página é uma figurinha colorida para ser colada.

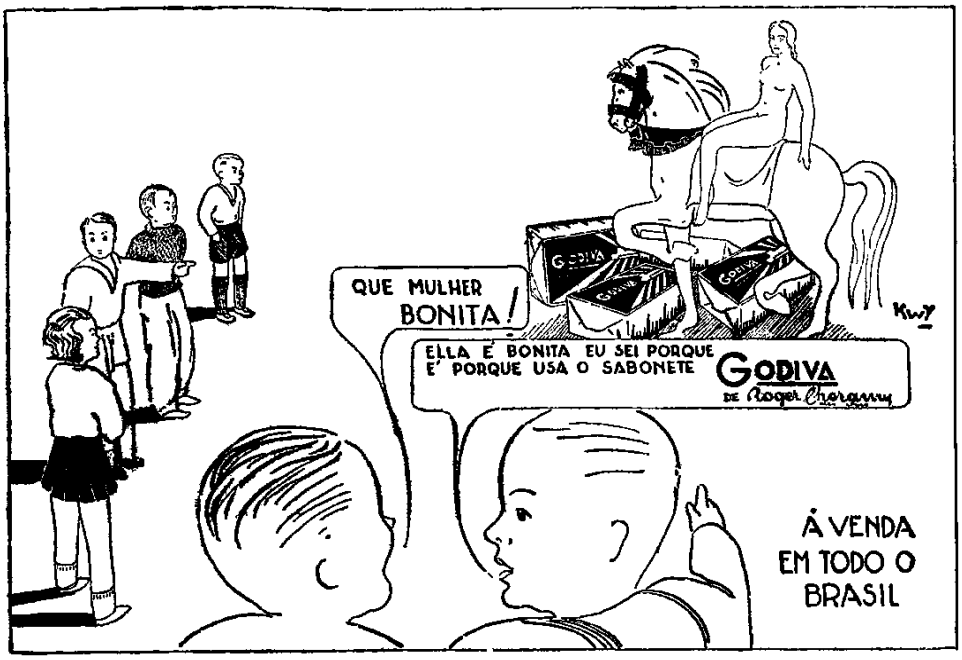
O álbum foi entregue com o número anterior do **QI**, junto com as 5 primeiras figurinhas. As 5 figurinhas restantes, para completar o álbum, estão sendo presenteados com este **QI**. A versão digital do álbum, com as figurinhas coloridas já "coladas", também está disponível com este **QI**.

Este álbum faz parte das comemorações dos 50 anos de criação de Maria, que já teve vários outros eventos comemorativos, incluindo a publicação de álbuns no Brasil e em Portugal. Parabéns, Maria e Henrique.

QI 196 (nov/dez/2025)

GODIVA

Anúncio do sabonete Godiva publicado em **O Tico-Tico** nº 1501, de 11 de julho de 1934. O nome do produto faz referência à Lady Godiva, que foi obrigada a passear nua a cavalo em sua cidade e todos os cidadãos, em respeito a ela, se trancaram em suas casas. A curiosidade aqui é a imagem de uma mulher nua em uma revista para crianças.



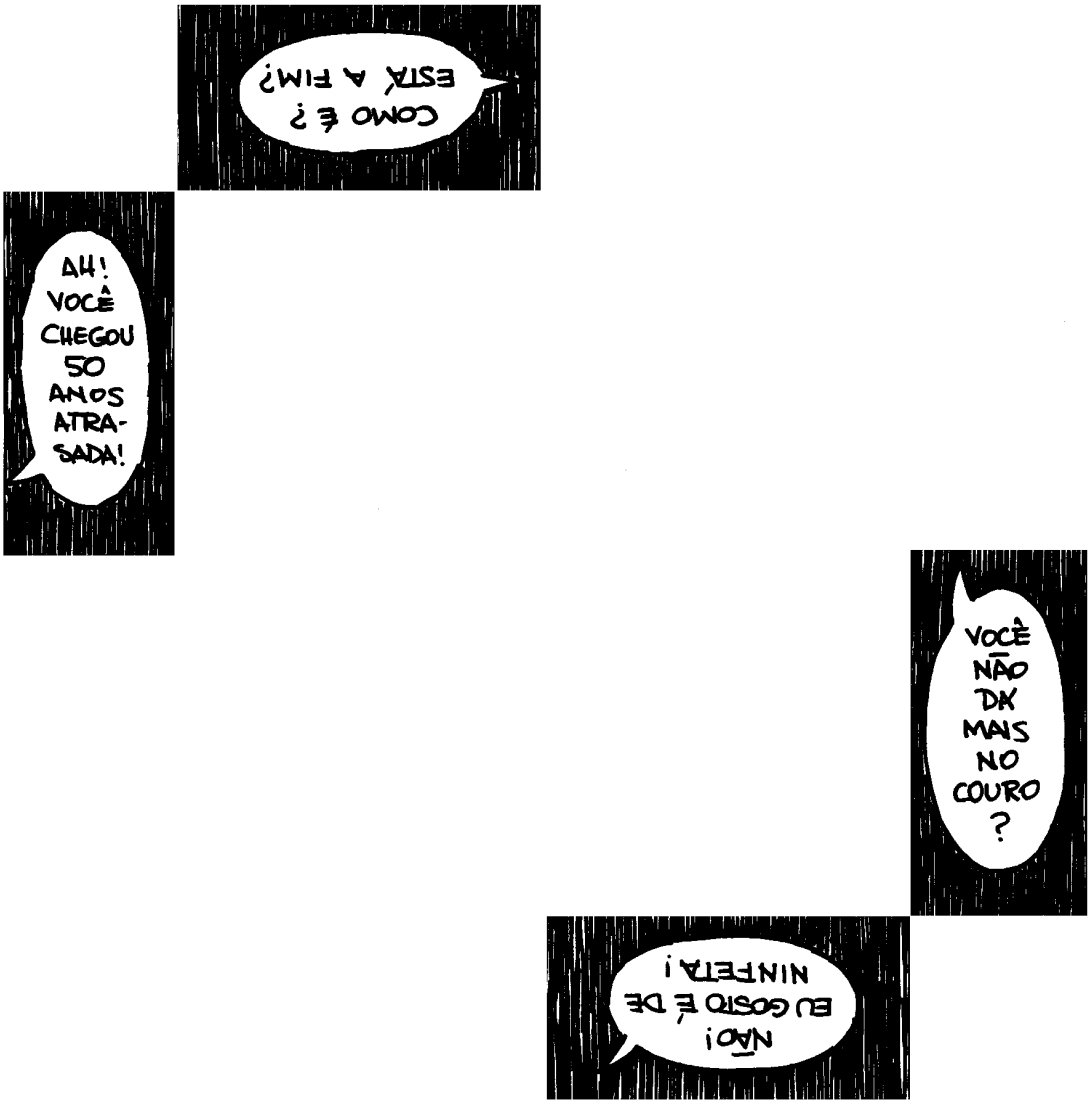
SAIBA MENOS

Ao procurar informações, a propósito do encarte de Fábio Sales sobre Corto Maltese, na revista **Saiba Mais com a Turma da Mônica** nº 8, com o tema „Saiba Mais sobre História em Quadrinhos“, acabei me deparando com duas “gralhas” (ou “graúnas”, não sei). Isso porque dei uma lida por cima, e achei melhor não ler por baixo (com profundidade). A imagem à esquerda, quando fala dos autores brasileiros de terror, é creditada a Eugênio Colonnese. Não é a toa que o Cranicola se assustou. Confundir o traço de Colonnese não é para qualquer um. Alguém sabe quem é o verdadeiro autor do desenho? Na imagem à direita, a caricatura está boa, mas o nome do criador do Fantasma sofreu interferência de algum Espírito (de porco). Pelo menos não colocaram Stan Lee.

QI 196 (nov/dez/2025)

CAPA DO QI 196

Este **QI** tem uma montagem colada na capa. As abas, quando viradas uma a uma seguindo a ordem numérica, mostram os diálogos dos personagens, como mostrado nas fotos. Logo abaixo a ilustração do verso da montagem, mostrando os diálogos.



QI 196 (nov/dez/2025)

PSIU 21!

PSIU chega ao seu número 21, com 68 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Luiz Iório, Henrique Magalhães**, **Edgard Guimarães** e resgate de trabalhos de **Joselito**, **J. Carlos** e **Alfredo Storni**.

QI 197 (jan/mar/2026)

ÁLBUM DE FIGURINHAS CORTO MALTESE

Fábio Sales

Em uma ação conjunta entre a Panini Itália e a Cong, foi anunciado para o próximo mês de novembro um álbum de figurinhas de Corto Maltese, com o título **Corto Maltese, Diario de Viaggio**.

Serão 64 páginas e um total de 276 figurinhas, entre as quais 3 tipos diferentes: 72 com molduras, 36 com efeito envelhecido e 24 aveludadas. Além dessas, outras figurinhas irão compor uma HQ de 8 páginas baseada na história „Corte Sconta Detta Arcana“ (no Brasil, „Corto Maltese na Sibéria“) no formato de adesivos.

O álbum trará um panorama da trajetória de Corto, os lugares em que esteve, personagens, fatos e outras curiosidades. Além disso, nos envelopes estarão também cards colecionáveis, um total de 50, que poderão ser guardados separadamente ou em um bolso no próprio álbum. São todos pintados em aquarela com os mais diversos temas, entre cenários e personagens.

Edgard Guimarães

Como mencionei na resposta ao Fábio na seção „Fórum“, a revista espanhola **Corto Maltes**, publicada na década de 1980, trouxe um álbum de figurinhas. A revista era bem sortida. A revista propriamente dita trazia uma aventura completa de algum personagem de Hugo Pratt. Nos números que tenho, vieram aventuras de „Os Escorpiões do Deserto“, „Cato Zulu“, „La Macumba del Gringo“ e „O Homem do Caribe“. No nº 1 da revista veio o álbum de figurinhas e um fascículo com uma primeira parte da aventura „Tango“ de Corto Maltese. A partir do nº 2, novo fascículo de „Tango“ e uma nova série de fascículos chamada „Memória“, com informações sobre Corto Maltese. Os fascículos receberiam posteriormente capas para encaderná-los. Mostro aqui a capa do álbum de figurinhas e uma das páginas em que tenho várias figurinhas.

PITAQUINHO

Valdir Ramos enviou o recorte abaixo. Vou aproveitar para fazer algumas considerações.

Os personagens Dupont e Dupond, criações de Hergé, na série Tintin, muito frequentemente são tratados como "os irmãos Dupondt". Sempre desconfiei desse tratamento. Os nomes, ou melhor, sobrenomes, embora semelhantes, são distintos. Ou seja, não possuem qualquer parentesco. A semelhança física, com exceção de uma curvinha no bigode de um deles, é uma piada sutil. No meu entender, Hergé quis dizer que os policiais belgas são todos iguais, na aparência e na obtusidade. Hergé chegou a declarar algo semelhante, mas preferiu não citar a polícia explicitamente, atribuiu a obtusidade aos pequenos burgueses. Antes de escrever este pequeno texto, pesquisei para ver se havia algo na internet sobre esse parentesco dos Dupondt. Havia, e muito. Impressionante como tem gente à toa no mundo.

PSIU 22!

PSIU chega ao seu número 22, com 74 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Rod Tigre**, **Lincoln Nery**, **César Barbosa**, **Henrique Magalhães**, **Luiz Iório**, **Edgard Guimarães** e resgate de trabalhos de **Joselito**, **J. Carlos**, **Sérgio Macedo** e **Renato Silva**.

QI 198 (abr/jun/2026)

ECO LÓGICO

Finalmente ganhei coragem para fazer a edição digital de **Eco Lógico**, álbum de quadrinhos que lancei em 1991.

A edição era composta de 50 pranchas de cartolina no tamanho 46,5x33cm, 49 delas compostas de HQs de uma página, com impressão somente na frente, com o tema "Ecologia", todas as páginas acondicionadas num envelope feito de papel cartão.

A demora foi pela dificuldade de escanear as páginas neste tamanho (maior do que o duplo ofício 2). Tive que escanear em duas, três ou quatro partes, dependendo da HQ, e depois montar a história numa página só.

Optei por fazer a edição em PDF em tamanho A4, para facilitar uma possível impressão a partir do arquivo digital.

A capa em formato envelope da edição impressa foi simplificada para duas páginas de capa no início e duas no final.

Cada prancha na edição impressa tinha impressão somente na frente com o verso em branco. Na edição digital, achei desnecessário deixar uma página em branco após cada HQ.

Embora na edição impressa, todas as HQs estivessem no formato horizontal (foi um requisito na proposta da edição), por algum motivo fiz a página inicial com os nomes dos colaboradores e a capa em formato vertical. Para essa edição digital, resolvi uniformizar deixando tudo horizontal.

Na edição impressa, era uma ideia inicial imprimir as HQs em papel 180g/m^2 de cor verde clara, mas na época isso não foi viável. Agora na edição digital, pensei em colocar fundo verde claro nas HQs. Cheguei a fazer isso, mas o resultado teve vários inconvenientes. Então deixei as páginas com fundo branco, como na edição impressa.

O projeto da edição começou em 1989 e terminou em 1991. Foram mais de dois anos fazendo a impressão, na base de duas ou três páginas por mês. As 49 HQs foram produzidas por 58 colaboradores. Foram eles:

Adilson Oliveira, **Adriano Vicente**, **Alexandre Albuquerque**, **Alexandre de Freitas**, **Alvimar Pires dos Anjos**, **Anderson Jean Gomes**, **André Gomes**, **André Trivial**, **Antonio Carlos Fernandes**, **Antonio Fernando de Andrade**, **Antonio Luiz Cedraz**, **Arnaldo Luiz**, **Betto Ribeiro**, **Douglas Campêlo**, **Edgard Guimarães**, **Edson Pereira Sebastião**, **Elan Cordeiro**, **Élbio Porcellis**, **Elcimar Pereira**, **Fabio Mór**, **Felix Reiners**, **Flávio Calazans**, **Francisco Feitosa**, **Genildo Scott**, **Henrique Magalhães**, **Henry Jaepelt**, **Iramir Araujo**, **Joacy Jamys**, **João Marcelo Tognon**, **Jobson Lopes**, **José Mariano**, **José Valcir**, **Juvêncio Veloso**, **Laudo Ferreira Júnior**, **Leônidas Grego**, **Luigi Rocco Recine**, **Luiz Eduardo Lopes de Castro**, **Manoel Dama**, **Márcio Coelho**, **Marco Marins**, **Marcos Garcia**, **Marcos Lópes**, **Milson Marins**, **Oscar Kern**, **Osvaldo Chiquesi**, **Paulo Carvalho**, **Paulo Priess**, **Pedro Zimmermann**, **Romana Lúcia Flora**, **Ronaldo Rodrigues**, **Rosevaldo Alves**, **Tête Portela**, **Umberto Losso**, **Vicente Sardinha**, **Wallace Vianna**, **Walmir Sabino**, **William Roger**, **Williandi de Albuquerque**.

Junto com a edição impressa, acompanhou um caderno de 28 páginas no formato meio ofício 2 com textos de apresentação, expediente e, principalmente, com biografias reduzidas dos colaboradores, junto com retrato de cada um. Este caderno também está presente em forma digital junto com o álbum **Eco Lógico**.

DESENHOS POSTAIS

Desenhistas de quadrinhos sempre têm (ou tinham) a mania de fazer algum desenho rápido nas cartas que escrevem (ou escreviam). Achei os desenhos abaixo em cartas que recebi no ano de 2000. Foram feitos por Daniel Alves, Hugo Leta, Reginaldo e Edivaldo Pessoa.

DESENHO ANIMADO DOS POBRES

Neste número estou apresentando, apenas para os leitores da edição digital, mais um "desenho animado". Este é o mais simples possível, composto de apenas 2 imagens (estão no final da edição digital). Em números anteriores já presenteei os leitores com algumas "animações", como um episódio de Monkinha, o Colin-Onça, o origami do sapo e a gênese do Lampadinha. A fórmula é simples. Pegue uma sequência de imagens que, mostradas rapidamente em sequência, dê alguma ilusão de movimento e faça um arquivo DOC com elas, uma imagem em cada página. Depois gere o arquivo PDF e o "desenho animado" está pronto. Para assistir, basta abrir o arquivo PDF, colocar no modo "página inteira" e manter pressionada a tecla "Page Down". Para voltar, "Page Up". Esta "animação" reduzida ao mínimo já foi bastante comum como brincadeira infantil. Foi criada lá no século XIX e ainda hoje aparece como atividade para crianças em muitos sites. Basta pegar duas imagens com alguma relação e colá-las uma no verso da outra, com um barbante ou um palito de churrasco colado no meio. Girando o barbante ou o palito, as duas imagens se alternam rapidamente, dando uma ilusão de movimento. Curiosamente, a grande maioria dos exemplos mostrados na internet não é de "animação", ou seja, uma imagem sequência da outra, mas sim de "superposição", as duas imagens compõem uma imagem completa. Os exemplos mais mostrados são „pássaro e gaiola", „peixe e aquário" ou – preparem o estômago – „duas metades de um coraçãozinho".

Essa técnica, com o nome difícil de "taumatrópio", é a forma mais simples de Cinema. Não um precursor ou um ancestral, mas Cinema de fato, pois tem a essência da arte, a ilusão de movimento a partir de imagens estáticas.

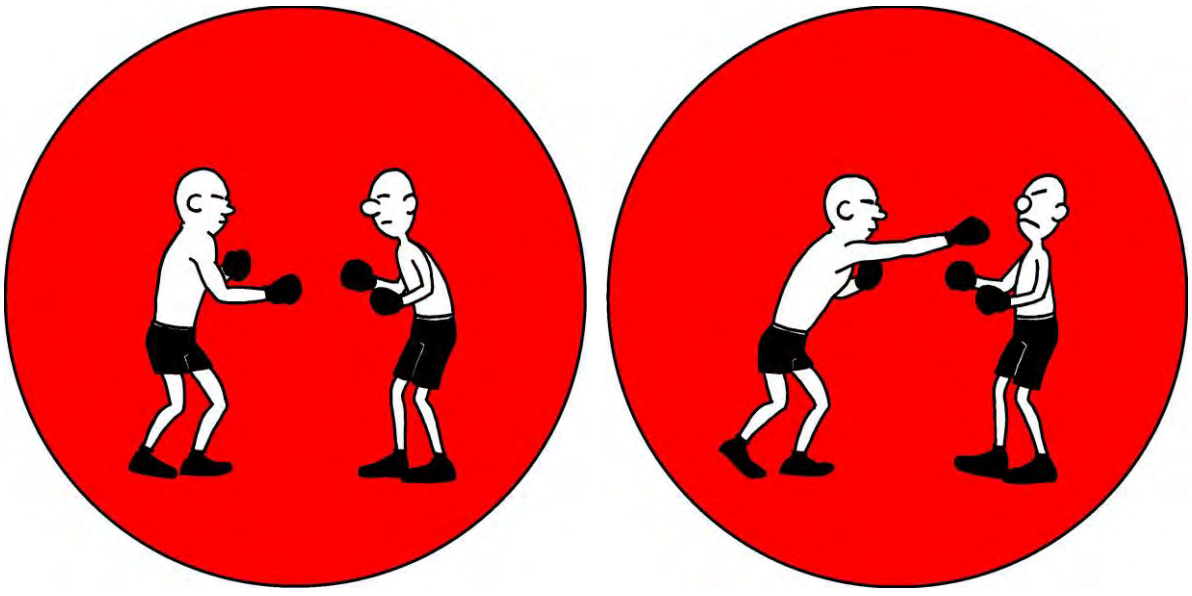
Nesta página e na seguinte mostro dois conjuntos de duas imagens que formam uma sequência e uma superposição. Se recortadas e coladas uma de costas para a outra, com um barbante ou palito no meio, tem aí um taumatrópio. Cabe observar que o taumatrópio é mais adequado mesmo para imagens em superposição do que em sequência. Mas no **QI** digital funcionam bem.

Voltando ao "desenho animado" em PDF, recentemente descobri um inconveniente que pode selar o seu futuro (supondo que houvesse um). Ao fazer os primeiros desenhos em meu computador velho e assisti-los em uma versão antiga do Acrobat, resultaram como o esperado. A "ilusão do movimento" não é perfeita, pois não foram usados 24 quadros para cada segundo, como era no cinema analógico. Os desenhos animados feitos pelos estúdios profissionais raramente usavam 24 desenhos para cada segundo. O recurso para baratear era fazer 12 desenhos e filmar 2 vezes cada um. Por isso, o "movimento" dos desenhos animados não é tão bom quanto o dos filmes. Além, é claro, da capacidade do animador de conseguir um movimento natural desenhando cada quadro separadamente.

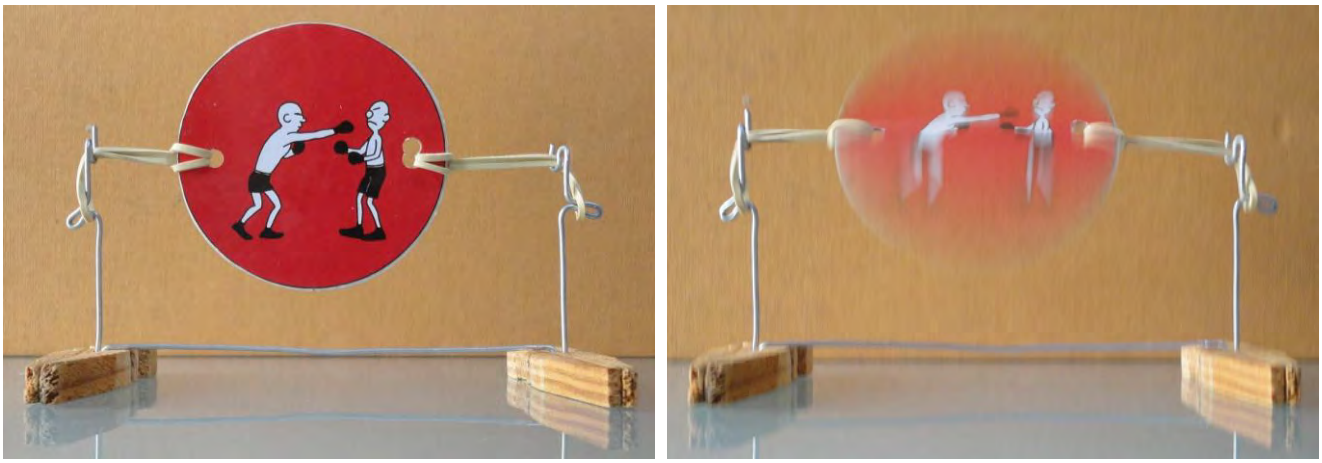
Lá em 1937, quando Disney fez **Branca de Neve**, para as cenas em que a princesa aparecia, foi filmada primeiro uma cena com atores e depois os personagens foram desenhados por cima dos fotogramas. Daí a movimentação "natural" dessas cenas.

Mas, como dizia, os desenhos que fiz deram o resultado esperado, os quadros passam rapidamente, o suficiente para dar uma boa ilusão de movimento. Mas recentemente, fui assistir a um dos meus desenhos num computador novo, numa versão recente do Acrobat. Ora, a versão mais recente do Acrobat não faz a mudança de uma página para outra de maneira suave, mas sim "piscando" entre uma página e outra. Ou seja, matando a "animação". Então, é com pesar que digo aos leitores, que os "desenhos animados dos pobres" só podem ser apreciados pelos pobres que ainda têm versões antigas do Acrobat. Tenho certeza de que as versões recentes do programa têm uma infinidade de recursos a mais do que as antigas, minha dúvida é quantas têm alguma utilidade.

Ainda sobre o taumatrópio. Lembro na minha infância de meu pai ter comprado um chaveiro que era um taumatrópio. Era uma "moeda" de metal presa num suporte de modo que pudesse girar. Numa nas faces havia apenas linhas horizontais e na outra, somente linhas verticais. Quando se fazia girar a "moeda", as duas imagens se sobrepunham formando palavras. Como o giro era muito rápido, o efeito de superposição era bom.



Tentei fazer um suporte para os dois taumatrópios mostrados nessa página e na anterior. E fotografá-los em ação. No entanto, a máquina fotográfica não tem persistência na retina (malditas máquinas) e o resultado não ficou bom.



Observação: No **QI**, as ilustraçõea acima foram colocadas de modo que na versão digital em PDF se pudesse obter o efeito de animação mencionado no texto, indo e voltando rapidamente as duas páginas em que se encontravam.

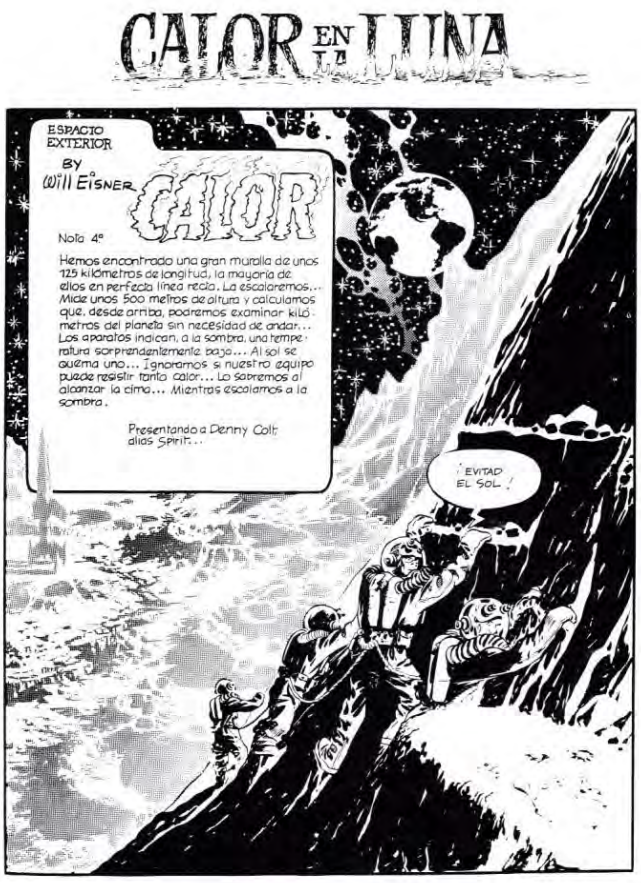
IRMÃZINHA

Confesso que eu não sabia essa de “irmãzinha”.

QI 198 (abr/jun/2026)

SPIRIT NA LUA

No „Fórum“, em comentário a carta de Wilson Souza, mencionei uma edição feita no Brasil por Cláudio Rubin, reproduzindo histórias de Spirit, em sua fase final, retiradas de algum álbum espanhol. Imagino que a capa também tenha sido feita pela editora do álbum espanhol. Acontece que a capa tem uma falha que eu não percebi de momento. Imagino que o editor original também não, ou a teria substituído. A imagem da capa foi feita com base na primeira página da 4ª história da série, uma imagem muito bonita mostrando vários personagens escalando um rochedo lunar. Acontece que essa página tinha uma grande caixa de legenda ocupando uma boa parte da ilustração. Isso certamente não ficaria bem numa capa. Então a editora resolveu fazer uma montagem preenchendo esse local com outra imagem. O que não seria difícil pois a parte oculta pela caixa de legenda era principalmente do espaço sideral, mostrando ao fundo o planeta Terra. E achou a imagem necessária para preencher no 1º quadro da página 4 da 5ª história da série. Também uma imagem bonita, mas que mostra... a Lua!



QI 198 (abr/jun/2026)

PSIU 23!

PSIU chega ao seu número 23, com 76 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Henrique Magalhães**, **Mário Labate Santiago**, **Luiz Iório**, **Edgard Guimarães**, **Nazzareno** e resgate de trabalhos de **Joselito** e **J. Carlos**.

QI 199 (jul/set/2026)

PITAQUINHO

A revista **O Tico-Tico**, entre o nº 1521, de 28 de novembro de 1934, e o nº 1522, de 5 de dezembro de 1934, publicou uma Edição Extraordinária, sem número, com data de dezembro de 1934. Essa edição, com 48 páginas, mais do que as tradicionais 32, foi dedicada a Walt Disney. Trouxe, além de reportagens, fotos, ilustrações, aventuras de Mickey tiradas das tiras de jornais.

Imagino que essa edição tenha vendido bem, mas talvez os editores tenham imaginado que venderia bem mais e tenham feito uma tiragem maior. O fato é que durante mais de ano, até pelo menos metade de 1936, essa edição ainda tinha um pequeno anúncio publicado em todos os números de **O Tico-Tico**.

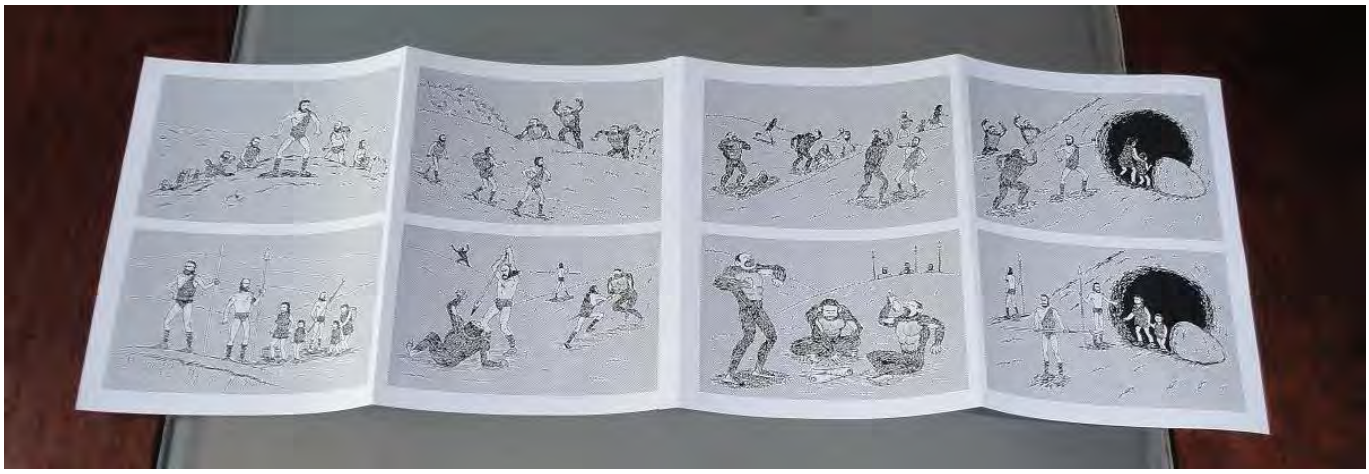
Mas o ponto que quero salientar aqui é outro. Veja abaixo (à esquerda) o anúncio e a imagem escolhida para ilustrá-lo. Afinal, quem é esse personagem? Já aviso que não é o Lobo Mau pelado.

Antes do pequeno anúncio, durante vários números de **O Tico-Tico**, durante o ano de 1935, saiu um anúncio maior da Edição Extraordinária, mostrado acima à direita. Além das mãos com 4 dedos (fora o polegar), em vez dos tradicionais três dedos dos personagens caricaturais, esse Mickey tem a orelha peluda. De onde a redação de **O Tico-Tico** tirou isso? Além disso, está com a língua de fora. Será que alguma vez o Mickey apareceu em seus quadrinhos mostrando a língua? E ainda. A mão direita está com o polegar encostando no nariz. Será que o desenhista se descuidou ao fazer o aceno, aproximando muito a mão ou o Mickey está mesmo fazendo "pitu-piru" para os leitores?

Coincidentemente, após ter escrito este „Pitaquinho", recebi o texto de Alex Sampaio sobre essa Edição Extraordinária de **O Tico-Tico** dedicada ao Mickey e ao Disney. Conjecturando sobre a origem do material jornalístico publicado na edição (textos, fotos, ilustrações), meu palpite é de que foi retirado da revista **Mickey Mouse Magazine**, que teve uma primeira série de 9 números entre janeiro e setembro de 1933 e uma segunda série de 24 números entre novembro de 1933 e setembro de 1940, como escrevi no encarte „Caricaturas no Mundo Disney" que saiu com o **QI** 196. Essa revista não era de quadrinhos e sim de material promocional dos produtos da Disney. Infelizmente não consegui achar o conteúdo dessa revista em nenhum lugar, para confirmar se foi a fonte dessa e de outras matérias que saíram em **O Tico-Tico**. O site I.N.D.U.C.K.S. tem a revista e até menciona algum dos conteúdos, mas sem mostrar as páginas por inteiro.

SOBRECAPA DO QI 199

Este número do **QI**, em sua versão impressa, traz uma sobrecapa. Esta sobrecapa é formada de duas folhas no tamanho ofício 2 coladas, com 3 dobras e grampeadas sobre a capa do **QI**. Trata-se de uma HQ com 16 quadros cujo sentido de leitura terá que ser descoberto pelo leitor, procurando coerência narrativa entre as imagens. Na versão digital, a sobrecapa vem como arquivo separado. Tentei fazer a sobrecapa da versão digital no mesmo formato da versão impressa, mas o Word não aceita documento com largura maior do que 55cm. E a sobrecapa aberta tem 64cm. Então tive que colocar a versão digital com as imagens na forma de 4 páginas em formato ofício 2 horizontal. Isso atrapalha o leitor em sua tentativa de achar a sequência correta de leitura. Para quem quiser ler a HQ e tiver paciência, mostro fotos da sobrecapa, como vem no **QI** e a folha dupla destacada, frente e verso.



QI 199 (jul/set/2026)

NOVA FASE DO QI

Como já vem sendo aventado, o **QI** encerra (mais) uma fase neste número. Ao longo desses 200 números, várias vezes foi necessário fazer alterações na forma de fazer o **QI**, seja no conteúdo, na tiragem, no tipo de impressão, no preço, na forma de envio. O que não havia mudado, até agora, é que a edição sempre foi pensada como um fanzine impresso. A certa altura, o **QI** passou a ter sua versão digital disponível para leitura ou download no sítio Marca de Fantasia, graças à boa vontade de Henrique Magalhães. E com o tempo, não só todos os números do **QI**, como todos os encartes, e depois todas minhas edições anteriores ao **QI** ficaram disponíveis no sítio. E também com o tempo passei a fazer edições somente digitais, como várias edições especiais e a retomada da revista **PSIU**, que eu havia encerrado em 1990. As edições escolhidas para serem somente digitais foram as de grande número de páginas, formato maior e com grande parte do conteúdo formado de imagens coloridas. Assim, diante da impossibilidade de fazer essas edições impressas, optei por fazê-las somente digital. As vantagens são, obviamente, o baixíssimo custo de produção e o nenhum custo de envio. A desvantagem primeira é que só pode ser acessada através de um computador. Também fica mais distante, de modo geral, o contato entre o leitor e o editor. Sem contar, é claro, que a edição impressa tem seu atrativo como objeto físico, palpável, real.

A despeito das vantagens e desvantagens de uma edição digital, o fato é que, com o nº 200 do **QI**, estou deixando de fazer o serviço de impressão e envio do fanzine. Embora os custos de impressão e postagem não sejam desprezíveis, não é esse o motivo principal do fim do **QI** como fanzine impresso por mim. O principal motivo é o aborrecimento que o correio tem causado com os atrasos, desvios e aumentos abusivos da correspondência. Neste momento em que escrevo, já houve novo reajuste de preço. Os abusos não são de hoje. Já disse inúmeras vezes, os preços dos correios foram os que, de longe, tiveram os maiores aumentos desde o Plano Real, em 1994. E a empresa ainda tem o desplante de dizer que seus atuais problemas financeiros se devem à defasagem dos preços. Embora o correio sozinho já seja capaz de desestimular qualquer pessoa de usar seus serviços, há outras fontes de aborrecimento para o editor independente. Os equipamentos eletrônicos (computadores, impressoras, scanners) estão ficando cada vez menos amigáveis. O scanner velho que eu tinha não tem passado bem, então tenho que usar um mais novo que comprei já há alguns anos. Só que não produz imagens fieis, há várias opções de escaneamento, nenhuma resulta nas cores iguais ao original, coisa que o scanner velho fazia com o pé(?) nas costas(?). Embora minha impressora laser ainda funcione muito bem (toc! toc!), num acesso de previdência, comprei uma nova. Não consegui instalar. Chamei o técnico. Fez uma gambiarra e a impressora conseguiu imprimir. Com a imagem toda manchada. Pus a culpa na gambiarra e no computador e seu Windows que talvez estivesse desatualizado. Comprei um computador novo. Não consegui instalar a impressora. Acabou a novela.

Assim, considero que o ciclo de produção do **QI** impresso e enviado por mim se encerrou. A partir do nº 201 (ou melhor, o nº 1 depois do 200), farei o **QI** somente digital. Continuarei colocando o arquivo PDF para leitura e download no sítio Marca de Fantasia, com a concordância de Henrique Magalhães. Mas também acho viável enviar o arquivo PDF por email para o leitor interessado. Então, desde já, peço ao leitor do **QI** que me avise caso queira receber o arquivo PDF por email. De qualquer forma, sempre avisarei aos leitores quando tiver uma nova edição no sítio.

Uma versão impressa do **QI** não está totalmente descartada, apenas não farei mais, eu mesmo, a impressão. Mas a edição impressa poderá ser adquirida diretamente na loja Kalimazine, onde a deixarei disponível. A encomenda, o pagamento e o envio serão por conta do Vagner Neubert, proprietário da loja Kalimazine. Sempre que sair novo número do **QI** digital, também estará disponível para impressão na loja. Uma vantagem é que a edição poderá ser impressa em preto e branco ou colorida, cada uma com seu preço.

Haverá alguma mudança na forma do **QI**, mas não no conteúdo. A principal mudança é que será no formato A5 e não mais no formato meio ofício 2. Mantive esse formato meio ofício 2 até o nº 200 para não quebrar o padrão, mas este tamanho de papel é cada vez mais difícil de achar (e mais caro). A versão impressa ficará um pouco menor que o A5 devido ao refilo, resultando em 140x200mm. Outra mudança é que usarei um tamanho de letra maior (10 ou 12) para facilitar a leitura. Em muitas partes do **QI** eu usava tamanho menor (7) para diminuir o número de páginas e consequentemente o custo. Numa edição digital, não tem sentido economizar número de páginas.

Como disse, não haverá mudança no conteúdo. Continuarei publicando toda colaboração que eu receber. Espero que os atuais colaboradores continuem prestigiando o **QI** nessa nova fase.

Uma questão ainda a comentar. E os encartes impressos, continuarão? Minha ideia é continuar fazendo encartes com todo material que eu receber, mas ao invés de fazer cada encarte separado, juntá-los numa edição só, chamada **Encartes do QI**, também com a opção de versão impressa pela loja Kalimazine.

Há uma desvantagem clara da edição digital em relação à impressa feita por mim. Não poderei fazer mais as montagens e colagens que fiz várias vezes nas capas do **QI**. Mas quem sabe acho modos de inventar coisas na edição digital. Uma delas, até já inventei, aquele negócio de fazer "animações" em PDF.

Não sei dizer se essas mudanças serão bem recebidas. Não sei se os leitores acostumados a receber a edição impressa pelo correio terão interesse em ler o **QI** no computador. No entanto, é o que posso fazer no momento. Se não houver interesse de um número suficiente de leitores, paciência. De qualquer forma, foram, até aqui, 200 números em 34 anos.

O tempo dirá. Ou „alea jacta est", se preferir.

QI 200 (out/dez/2026)

PSIU 24!

PSIU chega ao seu número 24, com 72 páginas. Continua a proposta de publicar trabalhos novos dos autores em atividade e resgatar trabalhos mais antigos, tanto de autores independentes como profissionais, já publicados ou inéditos, incluindo quadrinhos clássicos. Disponível no sítio Marca de Fantasia, na página EGO/QI, seção „Livros, Álbuns e Revistas".

Participam da edição: **Luiz Iório**, **Henrique Magalhães**, **Mário Labate Santiago**, **Edgard Guimarães**, **Law Tissot** e resgate de trabalhos de **Joselito** e **J. Carlos**.

RUBENS LUCCHETTI & NICO ROSSO

Em 1994 lancei o livro **Rubens Lucchetti & Nico Rosso**, dedicado ao trabalho conjunto desses dois autores. Todo o material para o livro foi fornecido por Lucchetti. Além de muito texto, reportagens, depoimentos, entrevistas, o livro trouxe todas as HQs da dupla feitas para editora Edrel.

O livro teve 312 páginas no formato 216x279mm, impressão em xerografia. Os 10 primeiros leitores receberam o livro com capa dura e sobrecapa em veludo. Os demais receberam somente o miolo, para cada um providenciar a encadernação. Isso para baratear o custo da edição. Também no intuito de baratear, o livro foi vendido em fascículos de 24 páginas (13 no total).

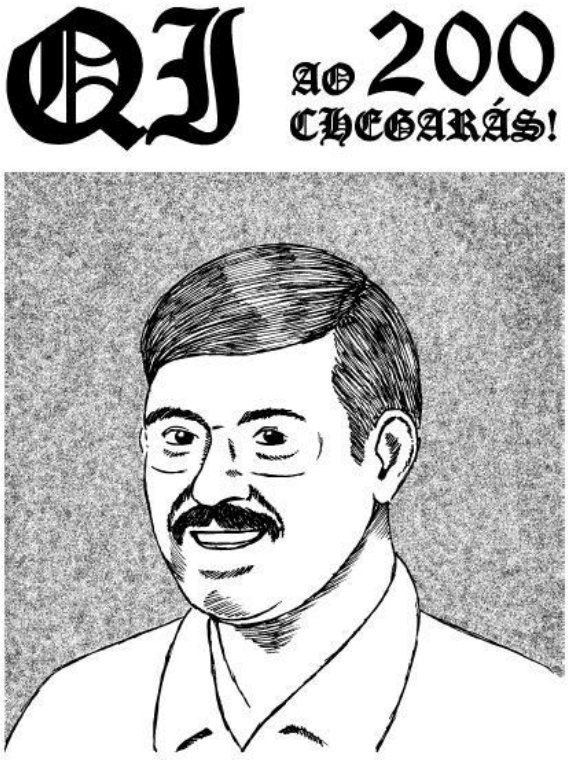
De todas as edições que produzi desde 1982, só estava faltando essa edição **Lucchetti & Rosso** para colocar na forma de edição digital. O volume do livro, o trabalho para digitalizar e a necessidade de retocar as páginas, além de meu desânimo diante dessa tarefa, foram os responsáveis por essa lacuna. Agora, para facilitar o serviço, decidi publicar o livro em fascículos, como lá em 1994. Assim, o leitor interessado pode já apreciar o trabalho, de forma homeopática, em vez de esperar até todo o livro ser digitalizado.

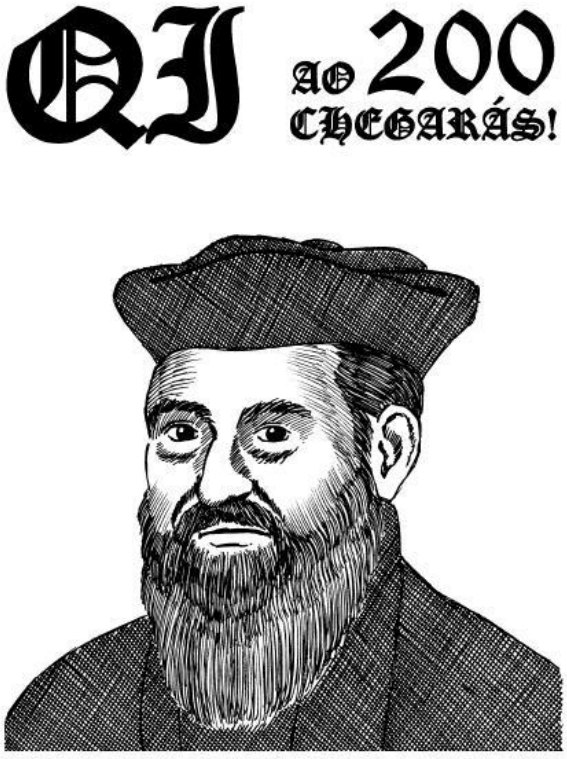
Espero conseguir aprontar um fascículo a cada dois meses para distribuir junto com o **QI**.

QI 200 (out/dez/2026)

SOBRECAPA DO QI 200

A edição impressa do **QI** trouxe uma sobrecapa em papel vegetal que, tanto na capa quanta na tira da sobrecapa, soprepõe imagens dando novos sentidos à ilustração. Abaixo, as imagens da capa e contracapa e da sobrecapa.





TEXTOS PUBLICADOS NO QI

Reunião de “todos” os textos de minha autoria publicados no **QI** do número zero ao duzentos. Este “todos” está entre aspas pois foram excluídos dessa edição vários textos que já receberam compilação em outros volumes, como as colunas „Memória dos Fanzines Brasileiros‟ e „Heróis Brasileiros‟. Ou a série „Entendendo a Linguagem das HQs‟. E, claro, os encartes escritos por mim. E também as edições digitais mais extensas como as dos Brindes da Ebal, escritas com Carlos Gonçalves, ou a dos Cartões Postais.

Também não coloquei neste volume as entrevistas que dei a vários estudantes para seus Trabalhos de Conclusão de Curso, que publiquei no **QI**. E de fora ficaram os vários comentários ou respostas às cartas publicadas no „Fórum‟, muitas delas com muitos dados sobre quadrinhos e afins.

Enfim, um “todos” que deixa a desejar, e ainda assim um volume de mais de quinhentas páginas.

EDGARD GUIMARÃES

EGO

QI 200 (out/dez/2026)

TEXTOS
PUBLICADOS NO
QI